

SAGA
JOGOS VORAZES

COLEÇÃO COM QUATRO LIVROS

SUZANNE COLLINS

Rocco
DIGITAL

SAGA JOGOS VORAZES

ISBN: 978-65-5595-236-0

Contém os títulos:

Jogos vorazes | 978-85-8122-030-7
Em chamas | 978-85-8122-031-4
A esperança | 978-85-8122-032-1
A cantiga dos pássaros e das serpentes | 978-65-5667-001-0

SUMÁRIO

Jogos Vorazes

Em chamas

A esperança

A cantiga dos pássaros e das serpentes

Índice

JOGOS VORAZES



SUZANNE COLLINS

Rocco DIGITAL

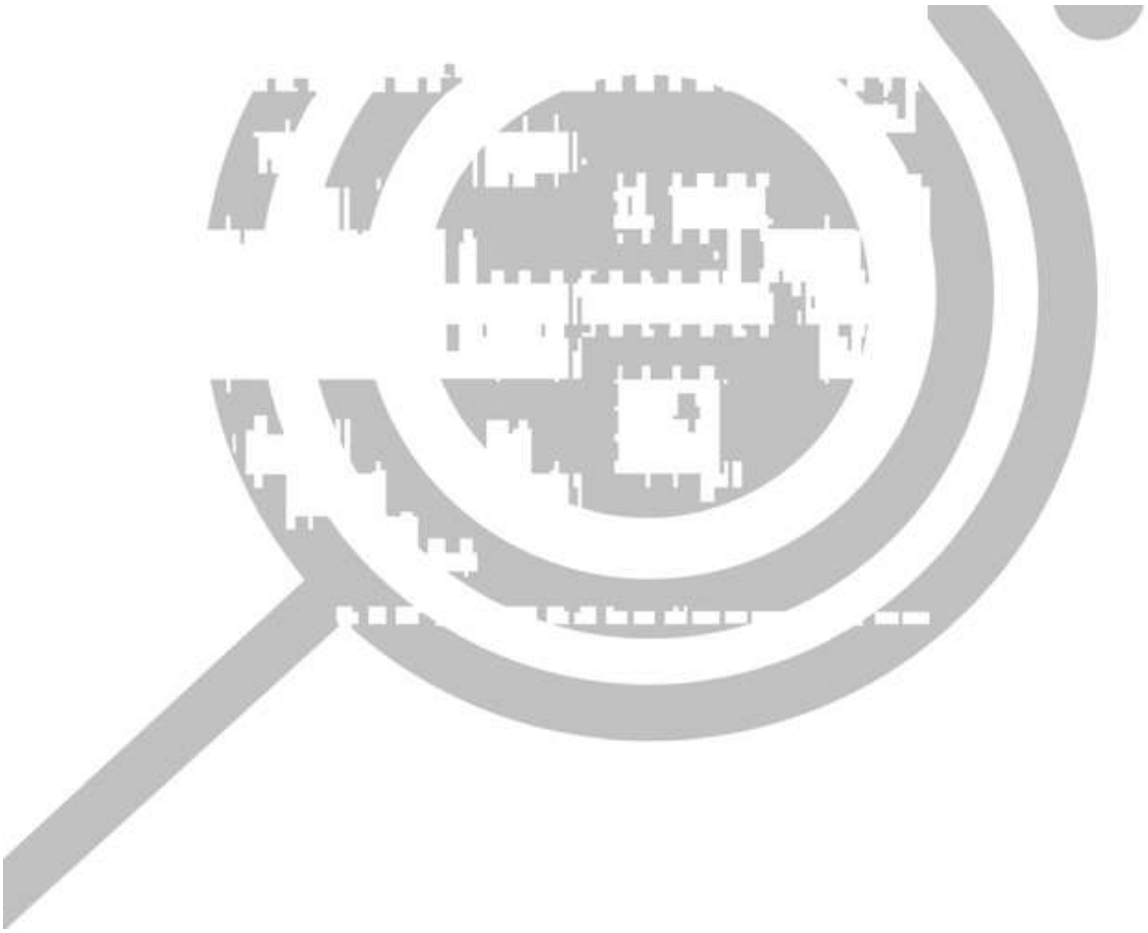


SUZANNE COLLINS

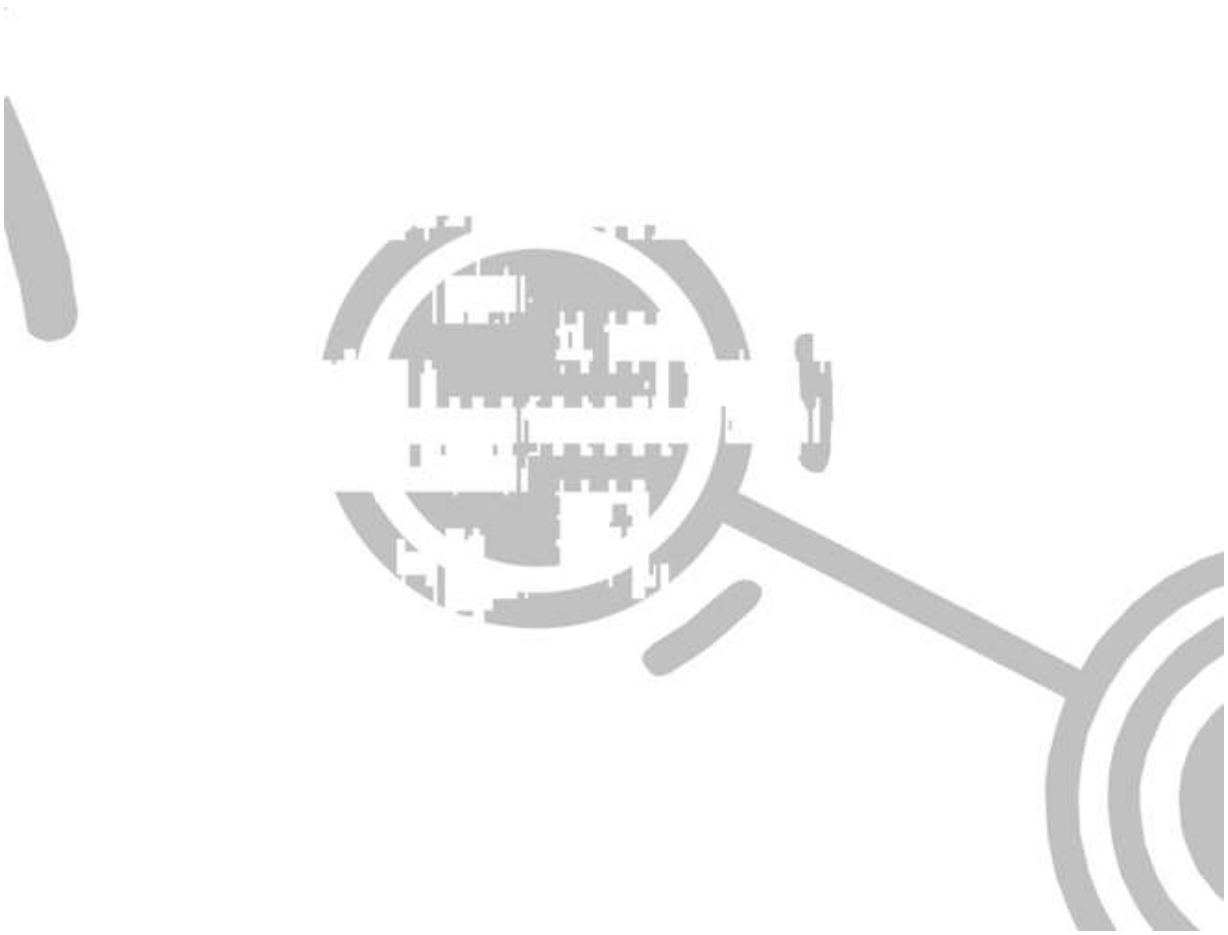
JOGOS VORAZES

Tradução
Alexandre D'Elia

Rocco DIGITAL



Para James Proimos



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE I

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9

PARTE II

Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18

PARTE III

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Créditos

A Autora

Índice



PARTE I

"OS TRIBUTOS"



Quando acordo, o outro lado da cama está frio. Meus dedos se esticam à procura do calor de Prim, mas só encontram a cobertura áspera do colchão. Ela deve ter tido pesadelos e pulou para a cama de nossa mãe. É claro que foi isso. Hoje é o dia da colheita.

Eu me apoio sobre o cotovelo. Há luz suficiente no quarto para que eu possa enxergá-las. Minha irmãzinha, Prim, encolhida junto ao corpo de minha mãe, a bochecha de uma colada contra a da outra. Dormindo, minha mãe parece mais jovem, ainda um pouco acabada, mas não inteiramente arrasada. O rosto de Prim é tão fresco quanto uma gota de chuva, tão adorável quanto a flor que lhe deu o nome. Minha mãe também já foi muito bonita. Pelo menos é o que se diz.

Sentado aos pés de Prim, vigiando-a, está o gato mais feio do mundo. Nariz esmagado, metade de uma orelha arrancada, olhos da cor de abóbora podre. Prim o chama de Buttercup, insistindo que a coloração amarelada de seu pelo combina com a da flor de mesmo nome. Ele me odeia. Ou pelo menos desconfia de mim. Apesar de já ter se passado muito tempo, acho que ele ainda se lembra de como tentei afogá-lo num balde quando Prim o trouxe para casa. Gatinho raquítico, com a barriga inchada por causa dos vermes e cheio de pulgas. A última coisa de que eu precisava era outra boca para alimentar. Mas Prim implorou tanto – até chorou – que fui obrigada a deixá-lo ficar. No fim, deu tudo certo. Minha mãe o livrou dos vermes, e ele se provou um excelente caçador de ratos. De vez em quando pega até alguma ratazana. Às vezes,

quando acabo de limpar uma caça, dou as entranhas a Buttercup. Ele parou de fazer sons agressivos para mim.

Entranhas. Menos agressividade. Isso é o mais próximo de amor que atingiremos.

Jogo as pernas para fora da cama e deslizo-as para dentro de minhas botas de caça. Couro maleável que se amoldou aos meus pés. Visto as calças, uma camisa, enfio minhas longas tranças pretas em um quepe e pego minha mochila de provisões. Sobre a mesa, debaixo de uma tigela de madeira para protegê-lo de ratos e gatos famintos, está um perfeito queijo de cabra enrolado em folhas de manjericão. O presente de Prim para mim no dia da colheita. Coloco cuidadosamente o queijo em meu bolso e saio.

A parte em que vivemos no Distrito 12, apelidada de Costura, nesta hora do dia está normalmente apinhada de mineiros se dirigindo ao turno matinal. Homens e mulheres com os ombros caídos e as juntas inchadas, muitos dos quais há tempo desistiram de limpar a fuligem negra de suas unhas quebradas e de apagar as linhas escuras em seus rostos abatidos. Hoje, porém, as ruas cinzentas de carvão estão vazias. As persianas das casas baixas e escurecidas estão fechadas. A colheita só começa às duas. O melhor a fazer é dormir mais um pouco. Se você conseguir.

Nossa casa fica quase no limite da Costura. Eu só preciso passar por alguns portões para alcançar o descampado miserável chamado Campina. Separando a Campina da floresta, na verdade, circundando todo o Distrito 12, encontra-se uma cerca alta de arame farpado. Teoricamente, ela deveria estar eletrificada vinte e quatro horas por dia para afugentar os predadores que vivem na floresta – bandos de cães selvagens, pumas solitários, ursos – que costumavam ameaçar nossas ruas. Mas, como na melhor das hipóteses só conseguimos duas ou três horas de eletricidade durante a noite, normalmente é seguro tocar a cerca. Mesmo assim, sempre espero um pouco para ouvir o zunido que indica que ela está ativa. Neste momento, está tão silenciosa quanto uma pedra. Escondida em um aglomerado de arbustos, encolho a barriga e deslizo por baixo de uma abertura de meio metro que está lá há anos. Existem vários outros pontos frágeis na cerca, mas esse aqui fica tão perto de casa que quase sempre entro na floresta por ele.

Assim que chego às árvores, retiro um arco e uma aljava com flechas de um tronco oco. Eletrificada ou não, a cerca tem tido sucesso em manter animais carnívoros afastados do Distrito 12. Eles correm livremente na floresta, onde, dentre as preocupações, há ainda coisas como cobras venenosas, animais raivosos e nenhuma trilha por onde se orientar. Mas também tem comida se você souber como achar. Meu pai sabia, e me ensinou algumas coisas antes de explodir em pedacinhos numa mina de carvão. Não sobrou nada do corpo para ser enterrado. Eu tinha onze anos. Cinco anos depois, ainda acordo gritando para ele correr.

Mesmo sendo proibido entrar na floresta, com a caça ilegal resultando em penas das mais severas, mais pessoas correriam o risco se possuíssem armas. A maioria, porém, não tem a ousadia suficiente para se aventurar portando apenas uma faca. Meu arco é uma raridade, produzido por meu pai junto com alguns outros que guardo bem escondidos na floresta, cuidadosamente cobertos com uma capa à prova d'água. Meu pai poderia ter ganhado um bom dinheiro vendendo-os, mas, se os funcionários descobrissem, ele teria sido executado em praça pública por incitar uma rebelião. A maioria dos Pacificadores faz vista grossa para os poucos de nós que caçam porque eles são tão ávidos por carne fresca quanto qualquer outra pessoa. Na realidade, eles estão entre nossos melhores clientes. Mas a mera ideia de que alguém pudesse estar enchendo a Costura de armas jamais teria sido permitida.

No outono, umas poucas almas corajosas penetram na floresta para colher maçãs. Mas sempre numa posição visível da Campina. Sempre perto o suficiente pra correr de volta para a segurança do Distrito 12 se algum problema surgir. "Distrito 12, onde você pode morrer de fome em segurança", murmuro. Então, olho de relance por cima de meu ombro. Mesmo aqui, no meio do nada, você fica preocupado de alguém estar te ouvindo.

Quando eu era mais nova, assustava minha mãe pra valer com as coisas que eu soltava sobre o Distrito 12, sobre as pessoas que governam nosso país, Panem, da longínqua cidade chamada Capital. Com o tempo entendi que isso apenas traria mais problemas. Então, aprendi a controlar a língua e a mascarar minhas feições de modo que ninguém pudesse jamais ler meus pensamentos. Aprendi a fazer meu trabalho calada na escola. Somente falar o mínimo

necessário, e de maneira educada, no espaço público. Discutir apenas compra e venda no Prego, o mercado clandestino onde ganho grande parte do meu dinheiro. Mesmo em casa, lugar que me incomoda, evito abordar assuntos problemáticos, como a colheita, ou a escassez de comida, ou os Jogos Vorazes. Prim poderia começar a repetir minhas palavras e então o que seria de nós?

Na floresta, está me esperando a única pessoa com quem posso ser eu mesma. Gale. Já dá para sentir os músculos de meu rosto relaxando, meus passos se acelerando enquanto escalo o morro até nosso local, uma saliência de rocha que dá vista para um vale. A visão dele esperando lá em cima me faz abrir um sorriso. Gale diz que eu nunca sorrio, exceto na floresta.

– Oi, Catnip – cumprimenta Gale. Meu verdadeiro nome é Katniss, mas eu sussurrava bem baixinho quando contei o nome a ele pela primeira vez. Então ele pensou que eu tivesse dito Catnip, uma flor selvagem muito apreciada pelos gatos. Aí, uma vez, quando um lince louco começou a me perseguir, o nome passou a ser meu apelido oficial. Eu acabei tendo que matar o lince porque ele afugentava minha caça, o que quase lamentei pois ele não era má companhia. Mas consegui um preço bastante bom por sua pele. – Olha só o que abati.

Gale está segurando um pedaço de pão com uma flecha espetada. Eu rio. É um pão realmente assado, diferente daqueles pãezinhos amassados que a gente faz com a ração de grãos. Eu o pego, retiro a flecha e posiciono o nariz em frente ao furo, inalando a fragrância que faz minha boca se encher de saliva. Um pão tão bom assim é para ocasiões especiais.

– Humm, ainda está quentinho – comento. Ele deve ter passado na padaria bem cedinho para comprá-lo. – Quanto custou?

– Um esquilo apenas. Acho que o velho estava sentimental hoje de manhã – responde ele. – Até me desejou boa sorte.

– Bem, todos nos sentimos mais próximos uns dos outros hoje, não é? Prim deixou um queijo para nós. – Eu o retiro da mochila.

O semblante dele se ilumina com o presente.

– Obrigado, Prim. Vamos ter um verdadeiro banquete. – De repente, ele passa a falar com o sotaque da Capital enquanto imita com mímicas Effie Trinket, a mulher patologicamente otimista que aparece uma vez por ano para ler os nomes na colheita. – Quase esqueci! Feliz Jogos Vorazes! – Ele arranca

algumas amoras. – E que a sorte... – Ele joga uma amora na minha direção. Pego-a com a boca e rompo com os dentes a casca delicada. A acidez suave explode em minha língua. – ... esteja *sempre* a seu favor! – Termino com a mesma vivacidade. Nós temos de fazer piada com isso porque a alternativa é ficar totalmente aterrorizados. Além disso, o sotaque da Capital é tão afetado que faz com que quase tudo dito nele soe engraçado.

Observo Gale pegar sua faca e fatiar o pão. Ele podia ser meu irmão. Cabelos lisos e pretos, pele morena, ambos temos até os mesmos olhos cinzentos. Mas não somos parentes, pelo menos próximos. A maioria das famílias que trabalham nas minas se parecem umas com as outras.

É por isso que minha mãe e Prim, com seus cabelos louros e olhos azuis, sempre parecem deslocadas. Elas estão. Os parentes de minha mãe faziam parte da pequena classe de mercadores que abastecia os funcionários, os Pacificadores e ocasionais clientes da Costura. Eles tinham uma loja de botica na parte mais simpática do Distrito 12. Como quase ninguém tem condições de pagar um médico, os boticários são nossos curandeiros. Meu pai conheceu minha mãe porque, às vezes, coletava ervas medicinais em suas caçadas e as vendia para sua loja para que fossem posteriormente transformadas em remédios. Ela deve ter realmente se apaixonado por ele, já que abandonou sua casa para morar na Costura. Tento me lembrar disso quando tudo o que consigo enxergar é a mulher que fica lá sentada, muda e inalcançável, enquanto suas filhas viram pele e osso. Tento perdoá-la por causa de meu pai. Mas, honestamente, não sou do tipo que perdoa.

Gale espalha as fatias de pão com o macio queijo de cabra, cuidadosamente colocando uma folha de manjericão em cada uma enquanto colho amoras. Nós nos recostamos em um canto das rochas. Desse local, somos invisíveis, mas temos uma vista bem nítida do vale, que está apinhado de vida devido ao verão. Vegetais a serem colhidos, raízes a serem desenterradas, peixes iridescentes à luz do sol. O dia está glorioso, com um céu azul e uma suave brisa. A comida está maravilhosa, com o queijo de cabra derretendo sobre o pão quente e as amoras se desfazendo em nossas bocas. Tudo seria perfeito se hoje fosse realmente um feriado, se esse dia de folga significasse poder vagar pelas montanhas com Gale em busca de caça para a ceia. Em vez disso, nós

teremos de estar em pé na praça às duas da tarde esperando os nomes serem anunciados.

– A gente conseguiria, sabe – diz Gale, calmamente.

– O quê? – pergunto.

– Sair do Distrito. Fugir daqui. Viver na floresta. Você e eu, a gente daria um jeito – completa.

Não sei como responder. A ideia é absurda demais.

– Se a gente não tivesse tantas crianças – acrescenta ele rapidamente.

Elas não são nossas crianças, é claro. Mas bem que poderiam ser. Gale, com dois irmãozinhos e uma irmã. Eu, com Prim. E daria para colocar no pacote nossas mães também, porque como elas viveriam sem a gente? Quem alimentaria aquelas bocas que estão sempre pedindo mais? Mesmo com nós dois caçando diariamente, há noites em que a caça tem de ser trocada por banha de porco ou cadarços ou lã, noites em que dormimos com nossos estômagos vazios.

– Eu nunca vou querer ter filhos – comento.

– Talvez eu quisesse, se não morasse aqui.

– Mas você mora – digo, irritada.

– Esquece isso – retruca ele.

A conversa parece completamente fora de foco. Ir embora? Como eu poderia abandonar Prim, que é a única pessoa no mundo que tenho certeza de amar? E Gale é dedicado à família dele. Nós não podemos ir embora, então pra que perder tempo conversando sobre isso? E mesmo que a gente fosse embora... de onde surgiu essa história de ter filhos? Nunca houve nada romântico entre Gale e eu. Quando nos conhecemos, eu era uma magricela de doze anos, e embora fosse apenas dois anos mais velho do que eu, ele já parecia um homem. Demorou um bom tempo antes que pudéssemos sequer nos considerar amigos, antes que parássemos de tentar levar a melhor um sobre o outro em nossas barganhas e começássemos a colaborar.

Além disso, caso deseje ter filhos, Gale não terá nenhuma dificuldade em encontrar uma esposa. Ele é bonito, é suficientemente forte para trabalhar nas minas e ainda por cima caça. A forma como as garotas sussurram a seu respeito quando Gale chega na escola já indica que elas estão interessadas nele. Eu fico

com ciúme, mas não pelo motivo que você está imaginando. Bons parceiros de caça são difíceis de encontrar.

– O que você quer fazer? – pergunto. Nós podemos caçar, pescar ou colher.

– Vamos pescar no lago. Nós podemos deixar as varas e fazer uma coleta na floresta. Pegar alguma coisa legal pra hoje à noite – diz ele.

Hoje à noite. Depois da colheita, todos devem celebrar. E muitas pessoas o fazem, por alívio porque suas crianças foram poupadas por mais um ano. Mas pelo menos duas famílias deixarão suas persianas cerradas, trancarão suas portas e tentarão descobrir como sobreviverão às dolorosas semanas seguintes.

Nós nos viramos bem. Os predadores nos ignoram nos dias em que presas mais fáceis e mais apetitosas aparecem em abundância. Ao fim da manhã nós já temos doze peixes, uma sacola de verduras e, melhor de tudo, uma cesta de morangos. Eu encontrei o canteiro alguns anos atrás, mas foi Gale quem teve a ideia de gradear o local para manter os animais afastados.

No caminho de volta para casa, nós damos um pulo no Prego, que funciona em um armazém abandonado que no passado guardava o carvão. Quando eles encontraram um sistema mais eficiente para transportar o carvão diretamente das minas para os trens, o Prego foi aos poucos ocupando o espaço. A maioria dos negócios não está funcionando a essa hora em dia de colheita, mas o mercado clandestino ainda está razoavelmente agitado. Nós trocamos com facilidade seis peixes por pães de qualidade e outros dois por sal. Greasy Sae, a velha ossuda que vende sopa quente de uma chaleira grande, pega metade das verduras de nossas mãos em troca de alguns pedaços de parafina. Podemos fazer negócios até melhores com outras pessoas, mas nos esforçamos para manter um bom relacionamento com Greasy Sae. Ela é a única pessoa que conhecemos que com certeza aceita comprar cães selvagens. Nós não os caçamos de propósito, mas se você é atacado e acaba tendo que abater um ou outro cão, sabe como é, carne é carne.

– Quando está misturado na sopa eu chamo de bife e pronto – diz Greasy Sae, com uma piscadela. Ninguém na Costura torceria o nariz para um bom pernil de cão selvagem, mas os Pacificadores que frequentam o Prego podem se dar ao luxo de escolhas mais sofisticadas.

Quando terminamos nosso comércio no mercado, vamos para a porta dos fundos da casa do prefeito vender metade dos morangos, já que sabemos que ele nutre um gosto particular por eles e pode pagar o preço. Madge abre a porta. Ela está no mesmo ano que eu na escola. Como é a filha do prefeito, seria de se esperar que fosse esnobe, mas ela é legal. Só que prefere ficar na dela. Como eu. Como nenhuma de nós possui um grupo de amigos, acabamos ficando bastante juntas na escola na hora do almoço, durante as assembleias e nas atividades esportivas. Raramente conversamos, o que é bem conveniente para ambas.

Hoje ela trocou o uniforme pardo da escola por um caríssimo vestido branco, e seus cabelos louros estão presos com uma fita rosa. Roupas da colheita.

– Bonito vestido – elogia Gale.

Madge lança um olhar para ele, tentando ver se o elogio é sincero ou se ele está apenas sendo irônico. O vestido é bonito sim, mas ela jamais o usaria em circunstâncias normais. Ela junta os lábios e sorri.

– Bem, se eu acabar indo parar na Capital, melhor estar bonitinha, não é?

Agora é a vez de Gale ficar confuso. Será que ela está falando sério? Ou será que está tirando uma com a cara dele? Aposto na segunda opção.

– Você não vai para a Capital – diz Gale friamente. Seus olhos aterrissam em um pequeno broche arredondado que enfeita o vestido dela. Ouro de verdade. Magnificamente trabalhado. Poderia garantir o pão de uma família por meses e meses. – Quantas inscrições você tem? Cinco? Com doze anos eu já tinha seis inscrições.

– Isso não é culpa dela – interrompo.

– Não, não é culpa de ninguém. As regras são assim e pronto – continua ele.

O rosto de Madge fica sério. Ela coloca o dinheiro dos morangos em minha mão.

– Boa sorte, Katniss.

– Pra você também – retribuo, e a porta se fecha.

Caminhamos na direção da Costura em silêncio. Não gosto do fato de Gale ter implicado com Madge, mas ele tem razão, é claro. O sistema da colheita é

injusto, com os pobres ficando com a pior parte. Você se torna elegível para a colheita no dia em que completa doze anos. Nesse ano, seu nome é inscrito uma vez. Aos treze, duas vezes. E assim por diante até você atingir a idade de dezoito anos, o último ano elegível, quando seu nome aparece sete vezes no sorteio. É assim que acontece para todos os cidadãos nos doze distritos em todo o país de Panem.

Mas aí vem a jogada. Digamos que você seja pobre e esteja passando fome como nós estávamos. Você pode optar por adicionar seu nome mais vezes em troca de tésseras. Cada téssera vale um escasso suprimento anual de grãos e óleo por pessoa. Você também pode fazer isso para cada membro de sua família. Assim, aos doze anos de idade, meu nome foi inscrito quatro vezes no sorteio. Uma vez porque era obrigatório e outras três vezes por causa das tésseras que garantiram grãos e óleo para mim, para Prim e para minha mãe. Na verdade, precisei fazer isso a cada ano. E as inscrições são cumulativas. Então agora, com dezesseis anos, meu nome aparecerá vinte vezes na colheita. Gale, que tem dezoito e tem ajudado ou alimentado sozinho uma família de cinco pessoas por sete anos, aparecerá quarenta e duas vezes no sorteio.

Dá para entender por que alguém como Madge, que jamais necessitou de tésseras, pode irritá-lo. A chance de ela ser sorteada é muito pequena comparada a nós que moramos na Costura. Não é impossível, mas é pequena. E muito embora as regras tenham sido estabelecidas pela Capital, não pelos distritos e, certamente, não pela família de Madge, é difícil não ficar ressentido com as pessoas que não precisam ir atrás de tésseras.

Gale sabe que a raiva que ele sente por Madge é mal direcionada. Outras vezes, no meio da floresta, eu o ouvi discursando sobre como as tésseras não passam de mais um instrumento para aumentar a miséria em nosso distrito. Uma maneira de plantar ódio entre os trabalhadores esfomeados da Costura e aqueles que podem normalmente contar com uma ceia, e assim garantir que jamais confiaremos uns nos outros. “É vantajoso para a Capital nos deixar divididos”, talvez ele dissesse se não houvesse mais ouvidos além dos meus. Se hoje não fosse dia de colheita. Se uma garota com um broche dourado e nenhuma téssera não tivesse feito o que tenho certeza que ela imaginava ser um comentário absolutamente inofensivo.

À medida que caminhamos, olho de relance para o rosto de Gale, ainda fervendo por baixo do semblante pétreo. A fúria dele me parece sem sentido, embora eu jamais diga algo parecido. Não é que eu não concorde com ele. Concordo. Mas o que nos ajuda ficar vociferando contra a Capital no meio da floresta? Não muda coisa alguma. Não torna as coisas mais justas. Não enche nossos estômagos. Na verdade, acaba até assustando os animais que estamos caçando. Mas deixo ele berrar. Melhor ele berrar lá na floresta do que no distrito.

Gale e eu dividimos nossos despojos: dois peixes, alguns pães de boa qualidade, verduras, uma porção de morangos, sal, parafina e um pouco de dinheiro para cada um.

– A gente se encontra na praça.

– Vê se veste alguma roupa bonita – diz ele, sem alterar a voz.

Em casa, minha mãe e minha irmã estão prontas para sair. Minha mãe está usando um lindo vestido da época do boticário. Prim veste as roupas que usei pela primeira vez em um dia de colheita: uma saia e uma blusa de babados. Estão um pouco grandes nela, mas minha mãe ajustou com alfinetes. Mesmo assim, ela está com dificuldades em manter a blusa presa nas costas.

Uma banheira de água quente me espera. Eu esfrego a sujeira e o suor, e até lavo o cabelo. Para minha surpresa, minha mãe separou para mim um de seus belos vestidos. De um azul bem suave e com sapatos combinando.

– Tem certeza? – pergunto. Estou tentando superar a vontade que sempre tenho de rejeitar as ofertas dela. Houve uma época em que eu estava tão zangada que não permitia que ela fizesse nada por mim. E isso aqui é algo muito especial. Suas roupas do passado são muito preciosas para ela.

– É claro. Vamos ajeitar esses cabelos também – completa ela. Eu a deixo enxugá-los e fazer uma trança em minha cabeça. Mal consigo me reconhecer ao olhar para o espelho quebrado encostado na parede.

– Você está linda – diz Prim, com a voz abafada.

– E completamente diferente de mim mesma – concluo. Eu a abraço, porque sei que essas próximas horas serão terríveis para ela. A primeira colheita de sua vida. Ela está com o máximo de segurança que se pode imaginar, já que seu nome está sendo inscrito no sorteio pela primeira vez. Eu não permitiria

que ela pegasse nenhuma téssera. Mas ela está preocupada comigo. Com a possibilidade do impensável acontecer.

Eu protejo Prim de todas as formas que posso, mas não tenho poderes contra a colheita. A angústia que sempre sinto quando ela está com algum desconforto enche meu peito e ameaça transparecer em meu rosto. Reparo que a blusa dela escapou novamente da saia na altura das costas e me forço a manter a calma.

– Olha o rabinho pra fora, patinho – digo, colocando a blusa de volta no lugar.

Prim dá uma risadinha e faz:

– Quaque!

– Quaque pra você também – sorrio levemente. O tipo de coisa que somente Prim consegue arrancar de mim. – Vamos comer – convido, e dou um beijinho rápido na testa dela.

O peixe e as verduras já estão cozinhando, mas serão para a ceia. Nós decidimos guardar os morangos e o pão assado para a refeição noturna, para fazer uma coisa especial, digamos assim. Então, tomamos leite da cabra de Prim, Lady, e comemos o pão rústico feito com o grão adquirido com téssera, embora ninguém esteja exatamente com apetite.

À uma da tarde partimos para a praça. A presença é obrigatória, a menos que você esteja à beira da morte. À noite, os funcionários aparecerão para verificar se esse é mesmo o caso. E, se não for, você será preso.

Na realidade, é muito ruim que a colheita seja na praça – um dos poucos locais no Distrito 12 que se pode chamar de agradável. A praça é cercada de lojas e, nos dias de feira, principalmente se o tempo estiver bom, dá uma sensação de feriado. Mas hoje, apesar dos vistosos cartazes pendurados nos prédios, o que se tem é uma atmosfera de terror. As equipes de filmagem, empoleiradas como gaviões em cima dos telhados, apenas pioram a sensação.

As pessoas formam a fila para a inscrição em silêncio. A colheita também é uma boa oportunidade para a Capital manter a população sob vigilância. Os jovens entre doze e dezoito anos são arrebanhados em áreas separadas por cordas e assinaladas com as respectivas idades, os mais velhos na frente e os jovens, como Prim, na parte de trás. Os familiares se alinham em torno do

perímetro, segurando com firmeza as mãos uns dos outros. Mas há outros também que não possuem ninguém querido correndo risco, ou que não se importam mais, mas se metem no meio da multidão para fazer apostas sobre os dois jovens cujos nomes serão lançados. Especulações são feitas sobre suas idades, se são da Costura ou mercadores, se ficarão desesperados e começarão a chorar. A maioria se recusa a lidar com esses exploradores, mas com cuidado, muito cuidado. Essas mesmas pessoas normalmente são informantes, e quem é que nunca burlou a lei? Eu poderia ser fuzilada diariamente por caçar, mas o apetite daqueles que estão no poder me protege. Nem todo mundo pode se dar a esse luxo.

De qualquer modo, Gale e eu concordamos que, entre morrer de fome ou com um tiro na cabeça, a bala é bem mais rápida.

O espaço fica mais apertado, mais claustrofóbico, à medida que as pessoas vão chegando. A praça é bem grande, mas não o suficiente para acomodar as oito mil pessoas do Distrito 12. Os que chegam mais tarde são dirigidos às ruas adjacentes, onde poderão assistir ao evento nos telões, já que tudo é transmitido ao vivo para todo o país.

Eu me encontro de pé junto a um aglomerado de jovens de dezesseis anos da Costura. Nós todos trocamos acenos breves e depois direcionamos nossa atenção para o palco temporário que foi montado diante do Edifício da Justiça. Podemos ver três cadeiras, um pódio e duas grandes bolas de vidro, uma para os garotos e uma para as garotas. Eu observo as tirinhas de papel na bola das garotas. Vinte delas estão com o nome Katniss Everdeen escrito com uma caligrafia cuidadosa.

Duas das três cadeiras são ocupadas pelo pai de Madge, o prefeito Undersee, homem alto e calvo, e por Effie Trinket, a representante do Distrito 12, recém-chegada da Capital e com seus assustadores dentes brancos, cabelos cor-de-rosa e um vestido verde primaveril . Eles murmuram um para o outro e em seguida olham com preocupação para a cadeira vazia.

Assim que o relógio da cidade dá as badaladas indicando que são duas da tarde, o prefeito sobe ao pódio e começa a leitura. É a mesma coisa todos os anos. Ele conta a história de Panem, o país que se ergueu das cinzas de um lugar que no passado foi chamado de América do Norte. Ele lista os desastres,

as secas, as tempestades, os incêndios, a elevação no nível dos mares que engoliu uma grande quantidade de terra, a guerra brutal pelo pouco que havia restado. O resultado foi Panem, uma resplandecente Capital de treze distritos unidos que trouxe paz e prosperidade a seus cidadãos. Então, vieram os Dias Escuros, o levante dos distritos contra a Capital. Doze foram derrotados, o décimo terceiro foi obliterado. O Tratado da Traição nos deu novas leis para garantir a paz e, como uma lembrança anual de que os Dias Escuros jamais deveriam se repetir, também nos deu os Jogos Vorazes.

As regras dos Jogos Vorazes são simples. Como punição pelo levante, cada um dos doze distritos deve fornecer uma garota e um garoto – chamados tributos – para participarem. Os vinte e quatro tributos serão aprisionados em uma vasta arena a céu aberto que pode conter qualquer coisa: de um deserto em chamas a um descampado congelado. Por várias semanas os competidores deverão lutar até a morte. O último tributo em pé será o vencedor.

Levar as crianças de nossos distritos, forçá-las a matarem umas as outras enquanto todos nós assistimos pela televisão. Essa é a maneira encontrada pela Capital de nos lembrar de como estamos totalmente subjugados a ela. De como teríamos pouquíssimas chances de sobrevivência caso organizássemos uma nova rebelião. Pouco importam as palavras que eles utilizam. A mensagem é bem clara: "Vejam como levamos suas crianças e as sacrificamos, e não há nada que vocês possam fazer a respeito. Se erguerem um dedo, nós destruiremos todos vocês da mesma maneira que destruímos o Distrito 13."

Para fazer com que a coisa seja humilhante, além de torturante, a Capital nos obriga a tratar os Jogos Vorazes como uma festividade, um evento esportivo que coloca todos os distritos como inimigos uns dos outros. O último tributo vivo recebe uma vida tranquila ao voltar para casa, e seu distrito recebe uma enxurrada de prêmios, principalmente comida. Durante o ano seguinte, a Capital fornecerá ao distrito vencedor cotas extras de grãos e óleo, e até mesmo guloseimas como açúcar, enquanto o resto de nós luta contra a fome.

– É não só um tempo de arrependimento como também um tempo de agradecimento – entoa o prefeito.

Então, ele lê a lista de vencedores do passado provenientes do Distrito 12. Em setenta e quatro anos nós tivemos exatamente dois. Apenas um continua vivo. Haymitch Abernathy, um homem pançudo de meia-idade, que nesse exato momento aparece berrando alguma coisa ininteligível, sobe ao palco cambaleando e desaba sobre a terceira cadeira. Está bêbado. Muito bêbado. A multidão responde com aplausos educados, mas ele está confuso e tenta dar um abraço efusivo em Effie Trinket, que mal consegue se desviar.

O prefeito parece aflito. Como tudo isso está sendo transmitido, nesse instante o Distrito 12 é o grande motivo de chacota de toda Panem, e ele sabe bem disso. Rapidamente, tenta voltar o foco para a colheita anunciando Effie Trinket.

Cintilante e borbulhante como sempre, Effie Trinket encaminha-se para o palco e lança sua marca registrada:

– Feliz Jogos Vorazes! E que a sorte esteja *sempre* a seu favor! – Seus cabelos cor-de-rosa devem ser uma peruca porque os cachos mudaram levemente de posição depois do encontro com Haymitch. Ela segue falando um pouco sobre a honra que é estar ali, embora todos saibam que está ansiosa para ser levada logo a outro distrito, um melhor, onde haja vencedores apropriados e não bêbados que a importunam na frente de toda a nação.

Em meio à multidão, identifico Gale olhando para mim com um leve sorriso. A colheita desse ano está até um pouco divertida. Mas, de repente, lembro de Gale e das quarenta e duas tirinhas de papel com o nome dele naquela bola e de como a sorte não está exatamente a favor dele. Não se comparada a de muitos outros garotos. E talvez ele esteja pensando a mesma coisa em relação a mim porque seu rosto fica sombrio e ele olha para o outro lado.

– Mas ainda há milhares de papeizinhos – sussurro, desejando que ele pudesse me ouvir.

Está na hora do sorteio. Effie Trinket, como faz todos os anos, diz:

– Primeiro as damas! – E cruza o palco até a bola com os nomes das garotas. Ela se aproxima, enfia a mão bem fundo no recipiente e retira uma tirinha de papel. A multidão suspira coletivamente e depois o silêncio é tão grande que é

possível ouvir até um alfinete caindo no chão. Estou me sentindo nauseada e desejando desesperadamente que não seja eu, que não seja eu, que não seja eu.

Effie Trinket cruza novamente o palco, alisa o papelzinho e lê o nome com uma voz alta e clara. E não sou eu.

É Primrose Everdeen.



Uma vez, quando eu estava de tocaia em uma árvore, imóvel, esperando a caça aparecer, adormeci e caí de costas no chão de uma altura de três metros. Foi como se o impacto tivesse expulsado cada centímetro cúbico de ar de meus pulmões. E fiquei lá deitada, lutando para respirar, para me mover, enfim, para fazer qualquer coisa.

É assim que me sinto agora, tentando lembrar como se respira, incapaz de falar, totalmente atordoada, enquanto o nome parece quicar no interior de meu crânio. Alguém está segurando meu braço, um garoto da Costura, talvez eu tenha começado a cair e ele me pegou.

Deve ter havido algum engano. Isso não pode estar acontecendo. Prim era uma tirinha de papel entre milhares! Suas chances de ser escolhida eram tão remotas que nem me dei o trabalho de me preocupar. Eu não tinha feito tudo? Não tinha pegado as tésseras e me recusado a deixar que ela fizesse o mesmo? Uma tirinha de papel. Uma tirinha de papel entre milhares. A probabilidade era completamente favorável a ela. Mas não adiantou nada.

Em algum lugar distante, consigo ouvir a multidão murmurando com tristeza, como sempre acontece quando alguém de doze anos é escolhido, porque ninguém acha isso justo. E então eu a vejo, o rosto pálido, os punhos cerrados ao lado do corpo, caminhando com passos curtos e duros em direção ao palco. Ela passa por mim e vejo que a parte de trás da blusa escapou novamente da saia. É esse detalhe, a blusa para fora da saia formando um rabo de pato, que me traz de volta à realidade.

– Prim! – O grito estrangulado sai de minha boca e meus músculos começam novamente a se mexer. – Prim! – Eu não preciso abrir caminho em meio à multidão. Os outros garotos dão passagem imediatamente, permitindo que eu chegue rapidamente ao palco. Eu a alcanço quando ela está a ponto de pisar no primeiro degrau. Empurro-a para trás de mim com meu braço.

– Eu me ofereço! – digo, arquejando. – Eu me ofereço como tributo!

Há um certo burburinho no palco. O Distrito 12 não tem um voluntário há décadas, e o protocolo já está enferrujado. A regra diz que, uma vez que o nome de um tributo foi retirado da bola, outro garoto elegível, se foi lido um nome de um garoto, ou outra garota, se foi lido o nome de uma garota, pode se apresentar para tomar o lugar dele ou dela. Em alguns distritos em que vencer a colheita é uma grande honra, as pessoas ficam empolgadas para arriscar suas vidas, o que torna o voluntariado algo bem complicado. Mas no Distrito 12, onde a palavra *tributo* é quase sinônimo de *cadáver*, voluntários estão mais do que extintos.

– Magnífico! – diz Effie Trinket. – Mas acredito que haja um probleminha quando algum voluntário se apresenta depois do nome do vencedor da colheita ter sido anunciado. Se isso acontece... bem... nós... – interrompe-se, um pouco atrapalhada.

– Qual é o problema? – indaga o prefeito. Ele está olhando para mim com pesar estampado no rosto. Ele não me conhece de fato, mas alguma coisa em seu jeito indica que ele me reconhece. Eu sou a garota que leva os morangos. A garota de quem sua filha deve ter falado em alguma ocasião. A garota que cinco anos atrás estava encolhida com sua mãe e com sua irmã quando ele a premiou com uma medalha de honra ao mérito. Uma medalha pelo pai dela, que evaporara nas minas. Será que ele está se lembrando disso? – Qual é o problema? – repete ele, com aspereza. – Deixem que ela se aproxime.

Prim está gritando histericamente atrás de mim. Ela enroscou os bracinhos magricelas em meu corpo como se fosse uma camisa de força.

– Não, Katniss! Não! Você não pode ir!

– Prim, me solta – devolvo, com dureza, porque isso tudo está me deixando descontrolada e não quero chorar. Quando eles reprisarem o programa hoje à

noite, todo mundo vai reparar em minhas lágrimas e eu serei identificada como um alvo fácil. Uma fraca. Não vou dar essa satisfação a ninguém. – Solta!

Posso sentir alguém puxando-a de minhas costas. Eu me viro e vejo que Gale ergueu Prim do chão e ela está se debatendo nos braços dele.

– Sobe logo, Catnip – diz, com uma voz que ele está lutando para manter estável. Em seguida, carrega Prim até minha mãe. Eu me recomponho e subo os degraus.

– Bravo! – grita Effie Trinket. – Esse é o espírito dos Jogos! – Ela finalmente está satisfeita por estar em um distrito em que há ação. – Qual é o seu nome?

Eu engulo em seco e respondo:

– Katniss Everdeen.

– Aposto que você é irmã dela. Não quer que ela roube toda a glória, não é? Vamos lá, todos juntos! Uma salva de palmas para nosso mais novo tributo! – gorjeia Effie Trinket.

Para eterno crédito da população do Distrito 12, nem uma só pessoa bate palmas. Nem mesmo as que estavam segurando os papeizinhos de aposta, as que normalmente não ligam para mais nada. Possivelmente porque me conhecem do Prego, ou conheceram meu pai, ou conhecem Prim, cujo encanto não escapa a ninguém. Então, em vez de agradecer ao aplauso, eu fico parada enquanto eles participam da forma mais ousada de protesto que conseguem. O silêncio. O que quer dizer que nós não concordamos. Nós não perdoamos. Tudo isso é errado.

Então, algo inesperado acontece. Pelo menos eu não esperava, porque não imagino o Distrito 12 como um lugar que se importa comigo. Mas algo mudou quando subi os degraus e tomei o lugar de Prim. Agora parece que me tornei uma pessoa preciosa. A princípio, um, depois outro, depois quase todos na multidão tocam os três dedos médios de suas mãos esquerdas em seus lábios e os mantêm lá em minha homenagem. É um gesto antigo de nosso distrito, e raramente utilizado. Eventualmente visto em enterros. Significa agradecimento, admiração, adeus a alguém que você ama.

Agora estou mesmo a ponto de chorar, mas, por sorte, Haymitch escolhe esse momento para atravessar o palco cambaleando para me cumprimentar.

– Olha só pra ela. Olha só pra essa aqui! – berra ele, jogando um dos braços sobre meus ombros. Ele é surpreendentemente forte para alguém em tal estado. – Eu gosto dela! – O hálito dele fede a bebida, e faz muito tempo que não toma banho. – Muita... – Ele não consegue achar a palavra adequada. – Garra! – diz, triunfante. – Mais do que vocês! – Ele me solta e se dirige à frente do palco. – Mais do que vocês! – grita ele, apontando diretamente para uma câmera.

Ele está se dirigindo ao público ou está mesmo bêbado a ponto de provocar a Capital? Jamais saberei, porque quando abre a boca para continuar, Haymitch desaba do palco e cai inconsciente.

Ele é nojento, mas fico agradecida. Com todas as câmeras apontadas para ele, tenho tempo suficiente para deixar escapar o som que estava engasgado em minha garganta e me recompor. Coloco as mãos atrás do corpo e olho para o horizonte. Vejo as colinas que escalei hoje de manhã com Gale. Por um instante, anseio por alguma coisa... a ideia de sairmos do distrito... de vivermos na floresta... Mas sei que estava certa em relação a não fugir. Porque quem mais se ofereceria para tomar o lugar de Prim?

Haymitch é levado embora em uma maca, e Effie Trinket tenta fazer com que a festa prossiga.

– Que dia fantástico! – gorjeia ela, tentando ajeitar a peruca, que tombou acentuadamente para a direita. – Mas muitas coisas interessantes ainda vão acontecer! É chegada a hora de escolhermos nosso tributo masculino! – Claramente tentando controlar seu cabelo, ela coloca uma das mãos na cabeça enquanto cruza o palco em direção à bola que contém os nomes dos garotos e pega a primeira tirinha de papel que encontra. Volta apressada para o pódio e nem tenho tempo de desejar boa sorte a Gale quando ela lê o nome.

– Peeta Mellark.

Peeta Mellark!

Ah não, penso. *Ele não*. Porque reconheço esse nome, embora eu jamais tenha falado diretamente com o seu dono. Peeta Mellark.

Não, a sorte não está a meu favor hoje.

Eu o observo caminhar até o palco. Estatura mediana, atarracado, cabelos louros que caem em ondas sobre a testa. O choque do momento está registrado

em seu rosto, dá pra ver o quanto está lutando para se manter calmo, mas seus olhos azuis demonstram o medo que já testemunhei tantas vezes nas presas que caço. Ainda assim, ele sobe com firmeza os degraus em direção ao palco e toma seu lugar.

Effie Trinket pergunta se há algum voluntário, mas ninguém se apresenta. Ele tem dois irmãos mais velhos, eu sei, eu os vi na padaria, mas um deles talvez seja velho demais para ser voluntário e o outro não quer. Procedimento padrão. A devoção familiar, para a maioria das pessoas, termina quando começa o dia da colheita. O que fiz foi a coisa mais radical do mundo.

O prefeito começa a ler o longo e chato Tratado da Traição, como faz todos os anos nesse ponto da cerimônia – é obrigatório –, mas eu não estou ouvindo nada.

Por que ele? Eu me pergunto. Então, tento me convencer de que isso não tem importância. Peeta Mellark e eu não somos amigos. Nem mesmo vizinhos. Nós não conversamos. Nossa única interação real aconteceu anos atrás. Provavelmente ele já até esqueceu. Mas eu não, e jamais esquecerei...

Foi durante a pior época da minha vida. Meu pai havia morrido no acidente da mina três meses antes, no janeiro mais congelante que qualquer um podia lembrar. O entorpecimento da perda havia passado, e a dor me atingia repentinamente, fazendo meu corpo se contorcer, se sacudir de soluços. *Onde você está?* Eu gritava na minha cabeça. *Pra onde você foi?* É claro que jamais recebi uma resposta.

O distrito tinha nos dado uma pequena quantia de dinheiro como compensação pela morte dele, o suficiente para cobrir um mês de luto, e depois disso minha mãe deveria arranjar um emprego. Mas ela não arranjou. Ela não fazia nada além de ficar sentada em uma cadeira o tempo todo ou, mais frequentemente, debaixo dos cobertores na cama com os olhos fixos em algum ponto distante. De vez em quando, ela se agitava e se levantava, como se movida por algum motivo urgente, mas, em seguida, voltava à imobilidade de sempre. Nem os mais fervorosos pedidos de Prim pareciam comovê-la.

Eu ficava aterrorizada. Hoje em dia, acredito que minha mãe tinha ficado enclausurada em alguma dimensão sombria de tristeza. Mas, ao mesmo tempo, tudo o que eu sabia naquele momento era que eu havia perdido não somente o

pai, mas também a mãe. Com onze anos, e Prim com apenas sete, assumi a chefia da família. Não havia escolha. Eu comprava nossa comida no mercado e cozinhava da melhor forma possível, e tentava fazer com que eu e Prim tivéssemos uma apresentação ao menos razoável. Porque o distrito teria nos levado para longe de minha mãe e nos colocado no lar da comunidade se fosse tornado público que ela não tinha mais condições de cuidar de nós. Cresci vendo esses garotos na escola. A tristeza, as marcas das mãos raivosas em seus rostos, a desesperança que fazia com que eles andassem de cabeça baixa. Eu nunca poderia deixar que isso acontecesse com Prim. A doce e pequenina Prim, que chorava quando eu chorava, antes mesmo de saber o motivo, que penteava e trançava o cabelo de minha mãe antes de irmos à escola, que limpava todas as noites o espelho que meu pai usava para se barbear porque ele odiava a camada de fuligem que se juntava em todas as coisas na Costura. O lar da comunidade a esmagaria como um insetinho. Então, mantive nossas dificuldades em segredo.

Mas o dinheiro acabou e nós começamos lentamente a morrer de fome. Não há outra maneira de dizer isso. Eu não parava de repetir a mim mesma que se conseguisse aguentar até maio, até o dia oito de maio, eu chegaria aos doze anos e poderia me candidatar às tésseras e pegar a preciosa porção de grão e óleo para nos alimentar. Só que ainda faltavam várias semanas. Já podíamos muito bem estar todas mortas antes disso.

Morrer de fome não é um destino incomum no Distrito 12. Quem nunca viu as vítimas? Pessoas mais velhas que não podem trabalhar. Crianças de alguma família com muitos para alimentar. Pessoas feridas nas minas. Vagueando pelas ruas. Então, um dia desses você vê um deles sentado, imóvel, encostado em algum muro ou deitado na Campina. Você ouve os lamentos de alguma casa e os Pacificadores são chamados para retirar o corpo. A fome nunca é a causa oficial da morte. É sempre a gripe, o abandono ou a pneumonia. Mas isso não engana ninguém.

Na tarde em que me encontrei com Peeta Mellark, a chuva estava caindo em incessantes jatos gelados. Eu tinha ido à cidade para tentar trocar algumas roupas velhas de bebê pertencentes a Prim no mercado público, mas não apareceu nenhum comprador. Embora já tivesse estado no Prego em diversas

ocasiões com meu pai, eu estava muito assustada para me aventurar naquele lugar bruto e perigoso sozinha. A chuva tinha encharcado a jaqueta de caçada de meu pai, deixando-me com frio até os ossos. Por três dias nós não havíamos consumido nada além de água fervida com algumas folhas de menta, já bem passadas, que eu tinha encontrado atrás do armário da cozinha. Quando o mercado fechou, eu já estava tremendo tanto que deixei cair a trouxa com a roupa de bebê em uma poça de lama. Não peguei de volta por medo de cair e não ter forças para levantar. Além disso, ninguém ia querer mesmo aquelas roupas.

Eu não podia ir para casa porque lá estavam minha mãe com seus olhos mortos e minha irmãzinha com suas bochechas descarnadas e os lábios rachados. Eu não podia entrar naquela casa, que era aquecida com os galhos úmidos queimados que eu havia escavado na borda da floresta depois que o carvão acabara, com as mãos vazias de qualquer esperança.

Quando dei por mim, estava caminhando aos trancos e barrancos ao longo de um beco enlameado atrás das lojas que servem aos moradores mais ricos da cidade. Os mercadores moram em cima de suas lojas, então, para falar a verdade, eu estava nos quintais deles. Lembro-me mais ou menos de alguns canteiros ainda não preparados para a primavera, uma cabra ou duas no cercado, um cachorro ensopado preso a um poste, todo encolhido e indefeso frente ao lamaçal.

Todas as formas de roubo são proibidas no Distrito 12. Puníveis com morte. Mas passou pela minha cabeça que talvez houvesse alguma coisa nas latas de lixo, o que me parecia razoavelmente justo. Talvez um osso na casa do açougueiro ou vegetais apodrecidos na casa do quitandeiro, algo que nenhuma outra família além da minha estaria desesperada para comer. Infelizmente, as latas de lixo já haviam sido esvaziadas.

Quando passei pela casa do padeiro, o cheiro de pão fresquinho foi tão arrebatador que fiquei tonta. Os fornos ficavam nos fundos, e um brilho dourado escapava pela porta aberta da cozinha. Fiquei lá parada, hipnotizada pelo calor e pelo aroma delicioso até a chuva interferir, passando seus dedos gelados pelas minhas costas e me forçando a voltar para a vida real. Levantei a tampa da lixeira do padeiro e a encontrei brutalmente vazia.

De repente, alguém berrou na minha direção e vi a mulher do padeiro mandando eu sair dali, e perguntando se eu queria que ela chamasse os Pacificadores, e dizendo que não aguentava mais esses moleques da Costura remexendo sua lata de lixo. As palavras eram feias e eu não tinha nenhuma defesa. Enquanto recolocava cuidadosamente a tampa da lixeira no lugar e me afastava, reparei a presença dele, um garoto louro espiando por detrás da mãe. Eu o vira na escola. Ele estava no mesmo ano que eu, mas eu não sabia o nome dele. Ele andava com os garotos da cidade, portanto era impossível eu saber. A mãe voltou para a padaria, resmungando, mas o menino deve ter ficado me observando enquanto eu contornava o cercado onde estavam os porcos e me encostava em uma velha macieira. A percepção de que eu não havia conseguido nada que pudesse levar para casa finalmente se instalou em mim. Meus joelhos fraquejaram e escorreguei até as raízes da árvore. Era demais para mim. Eu estava doente, fraca e muito, muito cansada mesmo. *Que chamem os Pacificadores e nos levem para o lar da comunidade,* pensei. *Melhor ainda, deixem-me morrer aqui mesmo na chuva.*

Ouvi um barulho de metal na padaria e a mulher gritando novamente e, em seguida, o som de uma pancada, e vagamente imaginei o que estaria acontecendo. Pés chapinharam sobre a lama na minha direção e pensei: *É ela. Ela está vindo me expulsar daqui com um cabo de vassoura.* Mas não era ela. Era o garoto. Em seus braços ele segurava dois grandes pães que devem ter caído no fogo, pois estavam bem chamuscados.

A mãe estava berrando.

– Dê para os porcos, criatura idiota! Por que não? Nenhuma pessoa decente poderia querer um pão queimado!

Ele começou a arrancar pedaços das partes mais chamuscadas e lançou para os animais. A campainha da padaria soou e a mãe foi correndo atender algum cliente.

O garoto em momento algum olhou na minha direção, mas eu o observava o tempo todo. Por causa do pão, por causa do vergão avermelhado que eu via em seu rosto. Com que tipo de objeto ela batera nele? Meus pais nunca bateram na gente. Eu não conseguia nem imaginar algo assim. O garoto deu uma olhada na padaria, como se estivesse se certificando de que a área estava

limpa e então, com a atenção de volta aos porcos, jogou um pão na minha direção. Logo em seguida veio o segundo, e ele chapinhou de volta à padaria, fechando com firmeza a porta atrás de si.

Mirei os pães sem conseguir acreditar em meus olhos. Eles estavam bons, perfeitos, na verdade, exceto algumas poucas partes queimadas. Será que o garoto quis que eu ficasse com eles? Acho que sim, porque caíram pertinho de mim. Antes que alguém pudesse testemunhar o que havia acontecido, enfiei os pães embaixo da roupa, apertei a jaqueta contra o corpo e fui embora apressada. O calor dos pães queimava minha pele, mas eu os apertava mais ainda contra o corpo, grudando-me à vida.

Ao chegar em casa, já tinham esfriado um pouco, mas o miolo ainda estava quentinho. Quando os joguei sobre a mesa, as mãos de Prim logo se aproximaram para arrancar um pedacinho, mas eu disse a ela que se sentasse, forcei minha mãe a se juntar a nós à mesa e servi chá. Raspei a parte chamuscada e fatiei o pão. Nós comemos um pão inteiro, fatia por fatia. Era um pão de qualidade, bem vigoroso e recheado de passas e nozes.

Coloquei minhas roupas para secar perto do fogo, fui para a cama e mergulhei num intenso sono sem sonhos. Somente na manhã seguinte me ocorreu a ideia de que o garoto pudesse ter queimado o pão de propósito. Talvez ele tivesse jogado os pães nas chamas, mesmo sabendo que seria punido, e depois os tivesse dado a mim. Mas não levei em consideração essa ideia. Deve ter sido um acidente. Por que ele teria feito isso? Ele nem me conhecia. No entanto, o simples fato de ter jogado os pães para mim foi uma enorme gentileza que certamente resultaria em uma surra se ele fosse descoberto. Eu não conseguia encontrar uma explicação para o gesto dele.

Nós comemos fatias de pão no café da manhã e seguimos para a escola. Era como se a primavera tivesse começado na noite anterior. Uma atmosfera deliciosa. Nuvens fofinhas. Lá, cruzei com o garoto no corredor, seu rosto parecia inchado e seu olho, roxo. Ele estava com os amigos e não deu nenhuma mostra de me conhecer. Mas, à tarde, quando busquei Prim e tomávamos nosso caminho de volta para casa, eu o peguei olhando para mim do outro lado do pátio. Nossos olhos se encontraram por um segundo apenas e então ele virou a cabeça para o outro lado. Desviei o olhar, constrangida, e foi então que

eu vi. O primeiro dente-de-leão do ano. Um sino soou em minha cabeça. Pensei em todas as horas passadas na floresta com meu pai e descobri como sobreviveríamos daquele momento em diante.

Até hoje não consigo deixar de fazer a ligação entre esse garoto, Peeta, o pão que me deu a esperança e o dente-de-leão que me fez lembrar que eu não estava condenada. E mais de uma vez flagrei seus olhos sobre mim no corredor da escola, por mais breves que fossem esses olhares. Sinto uma espécie de dívida para com ele. E detesto dívidas. Quem sabe se eu não tivesse agradecido a ele em alguma ocasião eu não estaria sentindo o conflito que me consome agora. Essa possibilidade passou algumas vezes pela minha cabeça, mas a oportunidade nunca se fez presente. Agora, isso jamais acontecerá. Porque seremos jogados em uma arena para lutar até a morte. Que chance eu teria de demonstrar gratidão em um lugar como esse? No mínimo seria desonesto, já que meu propósito lá vai ser cortar a garganta dele.

O prefeito termina a terrível leitura do Tratado da Traição e faz um gesto para que Peeta e eu apertemos as mãos. As mãos dele são tão sólidas e quentes quanto aqueles pães. Peeta olha bem em meus olhos e aperta minha mão com o que parece ser uma confiança absoluta. Talvez seja apenas um espasmo nervoso.

Nós nos viramos para encarar a multidão quando começa a tocar o hino de Panem.

Bem, penso, *seremos vinte e quatro por lá. Há muita probabilidade de outra pessoa matá-lo antes de mim.*

Mas é claro que, ultimamente, as probabilidades não andam muito confiáveis.



Assim que o hino acaba, somos colocados em custódia. Não estou dizendo que somos algemados ou qualquer coisa assim, mas um grupo de Pacificadores nos conduz pela entrada principal do Edifício da Justiça. Talvez alguns tributos tenham tentado escapar no passado. No entanto, nunca vi algo do gênero acontecer.

Lá dentro, sou conduzida a uma sala onde sou deixada sozinha. É o local mais rico em que estive em toda a minha vida, com carpetes grossos, um sofá de veludo e poltronas. Conheço veludo porque minha mãe tem um vestido cujo colarinho é feito desse material. Quando me sento no sofá, não consigo parar de passar os dedos sobre o tecido. Isso ajuda a me acalmar enquanto tento me preparar para a hora seguinte. O curto período que é permitido aos tributos despedirem-se das pessoas que amam. Não posso me dar ao luxo de ficar chateada, de sair dessa sala com os olhos inchados e o nariz vermelho. Chorar não é opção. Haverá mais câmeras de televisão na estação de trem.

Minha irmã e minha mãe chegam primeiro. Vou ao encontro de Prim e ela pula em meu colo, seus braços em volta de meu pescoço e a cabeça em meu ombro. Minha mãe se senta ao meu lado e nos abraça. Por alguns minutos, não falamos nada. Então, começo a dizer a elas todas as coisas de que deverão se lembrar de fazer agora que não estarei lá para fazer por elas.

Prim não deve pegar nenhuma téssera. Elas podem sobreviver, se forem cuidadosas, da venda do leite e do queijo da cabra de Prim, e do pequeno boticário que minha mãe agora administra para as pessoas na Costura. Gale vai pegar as ervas que ela não conseguir cultivar, mas ela deve ser bastante

cuidadosa na descrição das plantas porque ele não é tão familiarizado com elas quanto eu. Ele também levará caça às duas, e provavelmente não pedirá nada em troca por isso, mas deveriam retribuir de alguma maneira, com leite ou remédios, quem sabe.

Não perco tempo sugerindo a Prim que aprenda a caçar. Já tentei ensinar a ela algumas vezes, e foi desastroso. A floresta a aterrorizava, e sempre que eu atirava em alguma coisa ela começava a chorar e a falar que a gente talvez conseguisse curar o ferimento do bicho se fôssemos correndo para casa. Mas ela cuida muito bem da cabra, e concentro-me nisso.

Quando termino com as instruções sobre combustível, trocas de produtos e sobre a importância de frequentar a escola, eu me viro para minha mãe e aperto seu braço com força.

– Escuta. Está me ouvindo? – Ela faz que sim com a cabeça, assustada com a veemência do gesto. Ela deve estar imaginando o que está por vir. – Você não pode se ausentar novamente.

Os olhos de minha mãe se fixam no chão.

– Eu sei. Não vou fazer isso. Não pude evitar o que...

– Bem, você vai ter de evitar dessa vez. Você não vai poder ir embora e abandonar Prim. Eu não estarei mais aqui pra manter vocês duas vivas. Não importa o que aconteça. Não importa ao que você assista na televisão. Você tem de me prometer que vai lutar! – Minha voz se transformou em um grito no qual estão contidos toda a raiva, todo o medo que senti no momento em que ela nos abandonou.

Ela puxa o braço, agora ela mesma demonstrando raiva.

– Eu estava doente. Podia ter me tratado se naquela época eu tivesse os remédios que tenho hoje.

Essa parte da doença talvez seja verdade. Depois desse período, eu a vi curando pessoas que sofriam da mesma tristeza paralisante. Talvez seja mesmo uma doença, mas é uma doença que não podemos nos dar o luxo de ter.

– Então toma esses remédios e cuida dela!

– Eu vou ficar legal, Katniss – diz Prim, acariciando meu rosto. – Mas você também precisa tomar cuidado. Você é tão rápida e corajosa. Vai que você vence.

Não tenho como vencer. Prim deve saber disso bem no fundo do coração. A competição supera minhas habilidades. Garotos de distritos mais ricos, onde a vitória é uma honra descomunal, que treinaram a vida inteira para esse momento. Garotos que são duas ou três vezes maiores do que eu. Garotas que sabem mais de vinte maneiras de te matar com uma faca. Ah, mas também vai ter gente como eu. Gente que vai ser logo eliminada do jogo antes que a verdadeira diversão comece.

– Vai que – repito, porque será difícil convencer minha mãe a seguir em frente se eu mesma já estou sem esperanças. Além disso, não é da minha natureza cair sem lutar, mesmo quando as coisas parecem insuperáveis. – Aí nós ficaríamos tão ricas quanto Haymitch.

– Não me importo se vamos ficar ricas. Tudo o que quero é que você volte pra casa. Você vai tentar, não vai? Tentar mesmo, mesmo, mesmo? – pergunta Prim.

– Mesmo, mesmo, mesmo. Eu juro que vou tentar – confirmo. E sei que terei que tentar. Por causa de Prim.

Então, o Pacificador está na porta, assinalando que nosso tempo acabou, e nós três nos abraçamos com tanta força que chega a doer.

– Eu amo vocês. Eu amo vocês duas. – É tudo que digo. Elas dizem a mesma coisa, e então o Pacificador manda elas saírem e a porta se fecha. Enterro minha cabeça em um dos travesseiros de veludo, como se isso pudesse bloquear tudo o que havia se passado.

Alguém entra na sala, e quando levanto os olhos, fico surpresa de ver que é o padeiro, o pai de Peeta Mellark. Não posso acreditar que ele tenha vindo me visitar. Afinal, logo, logo estarei empenhada em matar seu filho. Mas nós dois nos conhecemos um pouco, e ele conhece Prim ainda mais. Quando ela vende seus queijos de cabra no Prego, separa duas unidades para ele e ele dá a ela uma quantidade bem generosa de pão em troca. Nós sempre esperamos a bruxa da mulher dele se afastar para fazer negócio porque ele é bem mais simpático. Tenho certeza de que ele jamais bateria em seu filho da maneira que ela fez na ocasião do pão queimado. Mas por que será que veio me ver?

O padeiro se senta desajeitadamente na beirada de uma das cadeiras elegantes. Ele é um homem grande, de ombros largos e com cicatrizes de

queimaduras devido a todos os anos em que trabalhou nos fornos. Ele deve ter acabado de se despedir do filho.

Ele puxa um pacote de papel branco do bolso da jaqueta e me entrega. Eu o abro e encontro biscoitos. Isso é um luxo que nós jamais podemos desfrutar.

– Obrigada – digo. O padeiro já não é de falar muito em circunstâncias agradáveis. Hoje, ele simplesmente não tem palavras. – Comi um pouco do seu pão hoje de manhã. Meu amigo Gale te deu um esquilo em troca. – Ele balança a cabeça em concordância, como se estivesse se lembrando do esquilo. – Não foi sua melhor troca. – Ele dá de ombros, como se isso não tivesse a menor importância.

Então, não consigo pensar em mais nada e nós ficamos sentados em silêncio até que um Pacificador o convoca a se retirar. Ele se levanta e tosse para limpar a garganta.

– Vou ficar de olho na menininha. Pra ter certeza de que ela está comendo direitinho.

Sinto um pouco de alívio em meu peito com as palavras dele. As pessoas se relacionam comigo, mas elas têm afeição mesmo é por Prim. Talvez haja afeição suficiente para mantê-la viva.

Minha visita seguinte também é inesperada. Madge caminha diretamente na minha direção. Ela não está chorosa ou evasiva. Ao contrário, sinto uma urgência em seu tom de voz que me surpreende.

– Eles permitem que você use na arena alguma coisa de seu distrito. Uma lembrança de sua casa. Você poderia usar isso? – Ela está segurando o broche de ouro circular que estava em seu vestido horas atrás. Eu não tinha prestado muita atenção nele antes, mas agora estou vendo que é um pequeno pássaro voando.

– Seu broche? – pergunto. Usar um símbolo de meu distrito é a última coisa que passaria pela minha cabeça em um momento como esse.

– Aqui está. Vou colocá-lo em seu vestido, certo? – Madge não espera a resposta, apenas se inclina e prende o pássaro em meu vestido. – Katniss, você me promete que vai usá-lo na arena? – pergunta ela. – Promete?

– Prometo – respondo. Biscoitos. Um broche. Estou ganhando todos os tipos de presente hoje. Madge me dá mais outro. Um beijo no rosto. Depois

ela vai embora e fico pensando que talvez Madge realmente tivesse sido minha amiga esse tempo todo.

Por fim, Gale está aqui. Talvez não haja nada romântico entre nós, mas, quando abre os braços, não hesito nem um pouco em abraçá-lo. Seu corpo me é bem familiar, a maneira como ele se move, o cheiro de fumaça de madeira. Até mesmo as batidas de seu coração eu consigo reconhecer devido aos momentos em que somos obrigados a ficar no mais absoluto silêncio durante as caçadas. Mas essa é a primeira vez que realmente o sinto, esguio e musculoso, junto ao meu corpo.

– Ouça – diz ele. – Arrumar uma faca deve ser bem fácil, mas você precisa arranjar um arco. Essa é sua melhor opção.

– Nem sempre eles disponibilizam arcos – digo, pensando no ano em que os tributos só tinham disponíveis clavas com pregos nas pontas para golpear uns aos outros até a morte.

– Então, faça um você mesma – insiste Gale. – Até um arco não muito bom é melhor do que arco nenhum.

Já havia tentado copiar os arcos de meu pai e os resultados foram desanimadores. A coisa não é assim tão simples. Até ele precisava jogar fora seu próprio trabalho às vezes.

– Nem sei se haverá árvores no local – retruco. Num outro ano eles jogaram todo mundo num descampado com nada além de pedras, areia e arbustos ásperos. Eu, particularmente, odiei aquele ano. Muitos competidores foram picados por cobras venenosas e enlouqueceram de sede.

– Quase sempre há árvores – diz Gale. – Desde aquele ano em que metade das pessoas morreram de frio. Não foi nem um pouco divertido.

É verdade. Nós passamos uma edição dos Jogos Vorazes assistindo aos competidores morrerem de frio à noite. Você mal conseguia enxergá-los porque eles ficavam todos encolhidos e não tinham lenha pra fogueira ou tochas ou nada desse tipo. Todas aquelas mortes tranquilas e sem luta foram consideradas muito pouco atraentes na Capital. Desde aquele ano, sempre tem madeira para fazer fogueiras.

– É, normalmente tem algumas – concordo.

– Katniss, a coisa não passa de uma caçada. Você é a melhor caçadora que conheço.

– Não é só uma caçada. Eles estão armados. Eles usam a cabeça.

– Assim como você. E você tem mais experiência. Experiência real. Você sabe como matar.

– Não pessoas.

– E que diferença pode ter? – indaga Gale, de modo sinistro.

A parte mais horrorosa é que se eu puder esquecer que se trata de pessoas, não vai fazer a menor diferença.

Os Pacificadores voltam cedo demais e Gale pede um pouco mais de tempo, mas eles o levam embora e começo a entrar em pânico.

– Não deixe que elas morram de fome! – grito, agarrando a mão dele.

– Não vou deixar! Você sabe que eu não vou deixar! Katniss, lembre que eu... – Eles nos separam e batem a porta, e jamais saberei do que ele queria que eu me lembrasse.

É uma caminhada curta do Edifício da Justiça até a estação de trem. Nunca estive em um carro. Raramente andei de carroça. Na Costura, nós só andamos a pé.

Eu estava certa em não chorar. A estação está infestada de repórteres com suas câmeras, que mais parecem insetos, apontadas diretamente para meu rosto. Mas tenho muita experiência em retirar os traços de emoção do rosto. E estou fazendo isso agora. Olho de relance para minha aparência numa tela de televisão que está transmitindo minha chegada ao vivo e me sinto gratificada por parecer quase entediada.

Peeta Mellark, por outro lado, esteve obviamente chorando e, o que é bastante interessante, parece não estar tentando esconder o fato. Imediatamente imagino se essa será a estratégia dele nos Jogos desse ano. Parecer fraco e assustado para dar a impressão aos outros tributos de que ele não está competindo com ninguém, e depois mostrar a que veio. Isso funcionou muito bem para uma garota do Distrito 7, Johanna Mason, alguns anos atrás. Ela parecia uma chorona tão covarde e boba que ninguém se importou com ela até que só restavam poucos competidores. Na verdade, ela matava sem remorso. Muito esperto o desempenho dela. Mas parece uma

estratégia estranha para Peeta Mellark, porque ele é filho de padeiro. Todos esses anos com comida farta e manejando bandejas de pão para cima e para baixo fizeram dele um garoto de ombros largos e bem forte. Será preciso muita choradeira para convencer todo mundo a não prestar atenção nele.

Nós temos de ficar de pé por alguns minutos na entrada do trem enquanto as câmeras devoram nossas imagens. Nosso embarque é permitido e as portas se fecham implacavelmente atrás de nós. O trem começa a se mover em questão de segundos.

A velocidade a princípio me tira o fôlego. É claro que jamais estive em um trem, pois viajar entre um distrito e outro é proibido, exceto para tarefas oficialmente sancionadas. Para nós, isso quase sempre significa transportar carvão. Mas esse não é um trem para o simples transporte de carvão. É um daqueles modelos de alta velocidade da Capital, que atingem quase quatrocentos quilômetros por hora. Nossa viagem até lá vai durar menos de um dia.

Na escola, aprendemos que a Capital foi construída em um local que antes era conhecido como Montanhas Rochosas. O Distrito 12 ficava na região conhecida como Montes Apalaches. Há centenas de anos já se retirava carvão daqui. E é por isso que nossos mineiros precisam escavar tão fundo.

De algum modo, quase tudo na escola acaba se relacionando com carvão. Além de leitura básica e matemática, grande parte de nosso ensino remete ao carvão – exceto a palestra semanal sobre a história de Panem. E não passa de conversa mole sobre o que devemos à Capital. Sei que deve haver muito mais coisas do que nos é ensinado. Deve haver algum relato real do que aconteceu durante a rebelião. Mas não passo muito tempo pensando nisso. Seja lá qual for a verdade, não vejo como ela me ajudará a colocar comida na mesa.

O trem dos tributos é mais chique até do que a sala do Edifício de Justiça. Cada um de nós recebe um aposento pessoal que contém um quarto, um vestíbulo e um banheiro privado com água corrente quente e fria. Nós não temos água quente em casa, a não ser que a gente ferva.

Há gavetas com as mais belas roupas, e Effie Trinket diz que posso fazer o que quiser, que tudo está à minha disposição. Só preciso estar pronta para a ceia daqui a uma hora. Removo o vestido azul de minha mãe e tomo uma

chuveirada quente. Nunca tomei banho de chuveiro antes. É como estar numa chuva de verão, só que quente. Visto uma camisa e uma calça verde-escuras.

No último instante, eu me lembro do broche dourado de Madge. Pela primeira vez, dou uma boa olhada nele. Parece até que alguém confeccionou um pequeno pássaro dourado e depois prendeu um anel em volta dele. O pássaro está preso ao anel somente pelas pontas das asas. De repente, eu o identifico: um tordo.

Esses pássaros são engraçados e a ideia funciona como um tapa na cara da Capital. Durante a rebelião, a Capital criou animais geneticamente modificados para serem usados como armas. O termo usual para eles era *bestantes*, que às vezes era substituído por *bestas*, simplesmente. Um deles era um pássaro especial, conhecido como gaio tagarela, que tinha a habilidade de memorizar e repetir conversas humanas em sua totalidade. Eram pássaros que retornavam ao lar, exclusivamente machos, e que eram lançados nas regiões em que se sabia que os inimigos da Capital estavam escondidos. Depois que os pássaros juntavam as palavras, eles voavam de volta aos centros para que o conteúdo fosse gravado. Demorou um tempo até que as pessoas se dessem conta do que estava acontecendo nos distritos, de como conversas particulares estavam sendo transmitidas. Aí, é claro, os rebeldes começaram a fornecer à Capital as mais diversas mentiras, e essa era a piada. Então, os centros foram fechados e os pássaros foram abandonados na natureza para morrer.

Só que eles não morreram. Ao contrário, os gaios tagarelas cruzaram com fêmeas de tordos, criando uma nova espécie que podia reproduzir não só os cantos dos pássaros como também as melodias humanas. Eles haviam perdido a habilidade de enunciar palavras, mas ainda conseguiam imitar os timbres vocais dos humanos, do trinado agudo de uma criança aos tons mais graves de um homem adulto. E podiam recriar canções. Não apenas algumas notas, mas canções inteiras com múltiplos versos, se você tivesse paciência para cantar para eles e se eles gostassem da sua voz.

Meu pai tinha um carinho especial pelos tordos. Quando íamos caçar, ele assobiava ou cantava canções complicadas para eles que, depois de uma pausa educada, sempre cantavam de volta. Nem todo mundo é tratado com a mesma consideração. Mas sempre que meu pai cantava, todos os pássaros na área

ficavam em silêncio e ouviam. A voz dele era tão bonita, alta e clara, e tão cheia de vida que fazia você sentir vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. Jamais consegui reproduzir aquele prodígio depois que ele se foi. Ainda assim, há algo de reconfortante em relação a esse pequeno pássaro. É como ter um pedacinho de meu pai comigo, me protegendo. Aperto o broche na camisa e, com o tecido verde-escuro como pano de fundo, sou quase capaz de imaginar o tordo voando pelas árvores.

Effie Trinket aparece para me levar à ceia. Eu a sigo ao longo de um corredor estreito até uma sala de jantar com refinadas paredes revestidas de madeira. Há uma mesa onde todos os pratos são altamente quebráveis. Peeta Mellark está sentado à nossa espera, a cadeira perto da dele está vazia.

– Onde está Haymitch? – pergunta Effie Trinket, reluzente.

– A última vez que o vi, ele estava indo tirar um cochilo – diz Peeta.

– Bem, o dia foi exaustivo – diz Effie Trinket. Acho que ela está aliviada pela ausência de Haymitch. Quem poderia culpá-la?

A ceia chega em diferentes estágios. Uma encorpada sopa de cenoura seguida de salada verde e depois costeleta de cordeiro e purê de batata, queijo e frutas. Para encerrar, bolo de chocolate. Ao longo da refeição, Effie Trinket não para de nos lembrar que devemos reservar espaço porque ainda vem mais. Mas já estou empanturrada porque nunca comi uma comida tão boa e em tanta quantidade, e porque provavelmente a melhor coisa que posso fazer até que comecem os Jogos é ganhar um pouco de peso.

– Pelo menos vocês dois têm bons modos – diz Effie Trinket assim que terminamos o prato principal. – O par do ano passado comeu tudo com as mãos, como uma dupla de selvagens. Perturbou completamente minha digestão.

O par do ano passado eram dois adolescentes da Costura que jamais, em nenhum dia de suas vidas, tiveram comida suficiente em suas mesas. E quando tiveram comida, a etiqueta certamente foi a última coisa em que pensaram. Peeta é filho de padeiro. Minha mãe ensinou a mim e a Prim como comer com educação, o que significa que consigo, sim, manusear um garfo e uma faca. Mas odeio tanto o comentário de Effie Trinket que decido comer o restante de

minha comida com os dedos. Depois limpo as mãos na toalha de mesa. Isso faz com que os lábios dela fiquem franzidos de irritação.

Agora que a refeição terminou, estou lutando para manter a comida no estômago. Vejo que Peeta também está com a aparência um pouco esverdeada. Nenhum dos dois está acostumado a banquetes desse tipo. Mas se posso aguentar a mistura de carne moída, entranhas de porco e cascas de árvores que Greasy Sae prepara – uma especialidade do inverno –, não há motivos para não suportar tudo isso aqui.

Vamos para outro compartimento assistir à reprise das colheitas em toda Panem. Eles tentam escaloná-las ao longo do dia de modo que todos possam assistir a tudo ao vivo, mas só os residentes da Capital conseguem fazer isso já que eles não são obrigados a participar das colheitas.

Uma após a outra, vemos as outras colheitas, os nomes sendo chamados, os voluntários se apresentando ou, o que é mais comum, não se apresentando. Nós examinamos o rosto dos garotos que competirão conosco. Alguns se destacam em minha mente. Um garoto monstruoso que se apresenta como voluntário do Distrito 2. Uma garota ruiva de cabelos lisos e cara de raposa do Distrito 5. Um garoto com um problema no pé do Distrito 10. E, o que mais me assustou, uma garota de doze anos do Distrito 11. Ela tem a pele e os olhos escuros, mas fora isso, é bem parecida com Prim no tamanho e no jeito. Quando ela sobe ao palco e perguntam se há algum voluntário, tudo o que se consegue ouvir é o vento soprando nos edifícios decrépitos em torno dela. Não há ninguém disposto a tomar seu lugar.

Por último, aparece o Distrito 12. Todos podem ver o desespero em minha voz quando empurro minha irmã para trás de mim, como se eu estivesse com medo de ninguém me escutar e Prim ser levada de qualquer jeito. Mas é claro que eles escutam. Vejo Gale puxando-a de mim e me vejo subindo ao palco. Os comentaristas não têm muita certeza do que dizer sobre a recusa da multidão em aplaudir. A saudação silenciosa. Um diz que o Distrito 12 sempre foi um pouco atrasado, mas os costumes locais são até que charmosos de vez em quando. Como se houvesse ensaiado, Haymitch desaba do palco, e eles resmungam de maneira cômica. O nome de Peeta é anunciado e ele toma seu

lugar lentamente. Nós apertamos as mãos. Eles cortam para o hino mais uma vez e o programa acaba.

Effie Trinket está desconcertada com o estado de sua peruca no evento.

– Seu mentor tem muito o que aprender sobre apresentações e sobre como se portar diante das câmeras de televisão.

Peeta solta um riso inesperado.

– Ele estava bêbado – comenta. – Todo ano ele está bêbado.

– Todo dia – acrescento. Não posso evitar um sorriso sarcástico. Effie Trinket faz parecer que Haymitch tem um comportamento rude que poderia ser corrigido com algumas dicas da parte dela.

– Pois é – sibila Effie Trinket. – É estranho que vocês dois achem isso engraçado. Sabem que o mentor de vocês é seu salva-vidas nesses Jogos. A pessoa que vai aconselhar vocês, elencar os patrocinadores e comandar o envio de quaisquer dádivas. Haymitch pode muito bem ser a diferença entre a vida e a morte de vocês dois!

Só então Haymitch entra cambaleando no compartimento.

– Perdi a ceia? – pergunta ele, com uma voz arrastada. Então vomita sobre o caro carpete e cai por cima da sujeira.

– Podem rir! – diz Effie Trinket. Ela contorna a poça de vômito com seus sapatos de salto alto e sai do recinto.



Por alguns instantes, Peeta e eu observamos o nosso mentor enquanto ele tenta se afastar do repugnante material pegajoso que tinha saído de seu estômago. O fedor de vômito e de bebida barata quase faz com que eu vomite meu jantar. Trocamos olhares. Obviamente Haymitch não é lá essas coisas, mas Effie Trinket tem razão a respeito de um ponto. Uma vez que estejamos dentro daquela arena, ele será nossa única referência. Seguindo uma espécie de acordo mudo, Peeta e eu pegamos os braços de Haymitch e o ajudamos a se erguer.

– Eu tropecei? – Haymitch pergunta. – Cheiro ruim. – Ele esfrega a mão no nariz, sujando todo o rosto.

– Vamos levá-lo para seu quarto – diz Peeta. – Precisamos limpá-lo um pouco.

Nós meio conduzimos, meio carregamos Haymitch de volta a seu compartimento. Como não podemos exatamente colocá-lo sobre a colcha bordada, nós o içamos até a banheira e abrimos o chuveiro em cima dele. Ele quase não nota.

– Está bom assim – diz Peeta. – Eu assumo de agora em diante.

Mal posso evitar uma sensação de gratidão, já que a última coisa que desejo fazer é remover a roupa de Haymitch, retirar o vômito dos pelos de seu peito e levá-lo para a cama. Possivelmente, Peeta está tentando causar uma boa impressão nele para ser seu favorito quando os Jogos começarem. Mas a julgar pelo estado em que se encontra, Haymitch não se lembrará de nada disso amanhã.

– Tudo bem – digo. – Posso mandar alguém da Capital vir te ajudar. – Há muitos deles no trem. Cozinhando para nós, nos vigiando. O trabalho deles é cuidar da gente.

– Não. Eu não quero eles aqui – diz Peeta.

Balanço a cabeça em concordância e vou para minha sala. Entendo o que Peeta está sentindo. Eu também não consigo suportar a visão do pessoal da Capital. Mas obrigá-los a cuidar de Haymitch poderia funcionar como uma boa vingança. O que me faz imaginar o motivo pelo qual ele insiste em tomar conta de Haymitch. Então, subitamente, me ocorre o seguinte pensamento: *É porque ele está sendo gentil. Da mesma forma que foi gentil em me dar aqueles pães.*

A ideia me deixa um pouco paralisada. Um Peeta Mellark gentil é muito mais perigoso para mim do que o contrário. Pessoas gentis conseguem se instalar dentro de mim e criar raízes. E não posso permitir que Peeta faça isso. Não posso deixar que ele chegue lá. Então, decido que, de agora em diante, terei o mínimo de contato possível com o filho do padeiro.

Quando volto ao meu compartimento, o trem está parando numa plataforma para abastecer. Rapidamente, abro a janela, jogo fora os biscoitos que o pai de Peeta me deu e a fecho de volta com força. Chega. Chega desses dois.

Infelizmente, o pacote de biscoito atinge o chão e se abre sobre um arbusto de dentes-de-leão. Só consigo ver a imagem por um instante porque o trem volta a andar. Mas foi o suficiente. O suficiente para me fazer lembrar do dente-de-leão no pátio da escola anos atrás...

Eu havia acabado de desviar o olhar do rosto cheio de hematomas de Peeta quando vi o dente-de-leão e tive a certeza de que a esperança não havia se perdido completamente. Eu o colhi cuidadosamente e corri para casa. Peguei um balde e a mão de Prim e me dirigi à Campina. E, é verdade, ela estava toda coberta de ervas douradas. Depois de colhê-las, nos acotovelamos ao longo da cerca por mais de um quilômetro até enchermos o balde com folhas, caules e flores de dentes-de-leão. Naquela noite, nós nos empanturramos com salada de dente-de-leão e com o que restara do pão.

– E agora? – perguntou Prim. – Que outra comida podemos encontrar?

– Todo tipo de coisa – prometi a ela. – Só preciso me lembrar do quê.

Minha mãe tinha um livro que trouxera do boticário. As páginas eram de pergaminho bem antigo e cobertas de desenhos de plantas feitos a nanquim. Uma caligrafia caprichada indicava os nomes delas, o local em que poderíamos colhê-las, onde elas floresciam e suas utilidades medicinais. Mas meu pai acrescentou outros itens ao livro. Plantas comestíveis, não curativas. Dentes-de-leão, erva-dos-cancros, cebolas selvagens, pinheiros. Prim e eu passamos o resto da noite debruçadas sobre aquelas páginas.

No dia seguinte, não tínhamos aula. Zanzei um pouco pela Campina, e por fim arrumei coragem para passar por baixo da cerca. Era a primeira vez que eu ia lá sozinha, sem as armas de meu pai pra me proteger. Mas recuperei o pequeno arco e as flechas que ele fizera para mim e que estavam guardados no oco da árvore. Provavelmente não adentrei mais do que vinte quilômetros na floresta aquele dia. Na maioria das vezes, fiquei empoleirada nos galhos de um velho carvalho esperando que alguma caça aparecesse. Depois de várias horas, tive a sorte de matar um coelho. Eu já havia atirado em alguns coelhos antes, com a orientação de meu pai. Mas aquele eu matara sozinha.

Não comíamos carne havia meses. A visão do coelho pareceu animar minha mãe. Ela deixou a apatia de lado, tirou a pele do animal e preparou um cozido com a carne e alguns vegetais que Prim havia colhido. Em seguida, ela teve uma reação meio confusa e voltou para a cama, mas quando a comida ficou pronta, nós a convencemos a comer um pouco.

A floresta se tornou nossa salvadora, e a cada dia eu me aventurava mais em seus domínios. A princípio, a coisa caminhava lentamente, mas eu estava determinada a alimentar minha família. Roubava ovos dos ninhos, pegava peixes com rede, às vezes conseguia atirar em um esquilo ou coelho para fazer um cozido, e colhia as diversas plantas que cresciam embaixo de meus pés. Plantas são ardilosas. Muitas delas são comestíveis, mas basta pôr a boca na planta errada e você está morto. Eu comparava várias vezes as plantas que colhia aos desenhos de meu pai. Eu mantinha nossa família viva.

Qualquer sinal de perigo, um uivo distante, um galho inexplicavelmente se partindo, e eu voava imediatamente de volta para a cerca. Então, comecei a me arriscar, subindo nas árvores para fugir dos cães selvagens que rapidamente

ficavam entediados e iam embora. Ursos e pumas viviam mais no interior da floresta, talvez por não gostarem do fedor de fuligem de nosso distrito.

No dia 8 de maio, fui até o Edifício da Justiça, fiz a inscrição para as tésseras e levei para casa meu primeiro suprimento de grãos e óleo na carroça de brinquedo de Prim. No oitavo dia de cada mês eu tinha direito a repetir o mesmo processo. É evidente que eu não tinha condições de parar de caçar e de colher as plantas. Não tínhamos como sobreviver apenas com os grãos, e necessitávamos de outros itens, como sabão, leite e linha. O que conseguíamos passar sem comer eu vendia no Prego. Era assustador entrar naquele lugar sem meu pai ao meu lado, mas as pessoas sempre o respeitaram, portanto, fui aceita por todos. Afinal, caça era caça, independente de quem houvesse atirado. Eu também vendia na porta dos fundos dos clientes mais ricos da cidade, tentando lembrar o que meu pai havia me dito e também aprendendo outros truques depois. O açougueiro comprava meus coelhos, mas não os esquilos. O padeiro gostava de esquilos, mas só comprava algum se sua mulher não estivesse por perto. O chefe dos Pacificadores adorava peru selvagem. O prefeito tinha paixão por morangos.

No alto verão, eu estava me lavando em um laguinho quando reparei nas plantas ao meu redor. Altas e com folhas que mais pareciam pontas de flechas. Florações com três pétalas brancas. Eu me ajoelhei na água, meus dedos mergulhando bem fundo na lama macia, e arranquei um punhado de raízes. Pequenos tubérculos azulados que não tinham a melhor das aparências, mas que cozidos ou assados eram tão gostosos quanto qualquer batata. “Katniss”, eu disse em voz alta. Era a planta que havia inspirado meu nome. E ouvi a voz de meu pai fazendo uma piada: “Enquanto você conseguir se achar, nunca vai passar fome.” Passei horas remexendo o leito do laguinho com meus dedos e um pedaço de pau, arrancando as raízes que flutuavam até o topo. Naquela noite, pela primeira vez em meses, fizemos um banquete de peixe e raízes de katniss até que ficamos todos satisfeitos.

Lentamente, minha mãe foi voltando ao nosso convívio. Ela começou a limpar, a cozinhar e a guardar um pouco da comida que eu trazia para o inverno. As pessoas nos davam coisas em troca ou nos pagavam pelos remédios que ela fornecia. Em uma ocasião eu a ouvi cantando.

Prim ficou encantada por tê-la de volta, mas eu continuava prestando atenção, esperando que ela novamente nos abandonasse. Não confiava nela. E, em algum lugar sombrio dentro de mim, eu a odiava por sua fraqueza, por sua negligência, pelos meses que ela nos obrigara a suportar. Prim a perdoara, mas eu já dera um passo atrás em relação à minha mãe, erguera um muro para me proteger da necessidade que tinha dela, e tudo entre nós duas passou a ser diferente desde então.

E agora estou prestes a morrer sem que esse problema tenha sido resolvido. Pensei em como havia berrado com ela no Edifício da Justiça. Mas eu também havia dito a ela que a amava. Então, talvez tudo tenha se equilibrado de uma maneira ou de outra.

Por um instante, fico parada olhando através da janela do trem, desejando poder abri-la novamente, mas sem ter certeza do que poderia acontecer a uma velocidade dessas. Ao longe, vejo as luzes de outro distrito. O 7? O 10? Não sei. Penso nas pessoas em suas casas, se encaminhando para suas camas. Imagino minha casa, com suas persianas cerradas. O que estariam fazendo a uma hora dessas minha mãe e minha irmã? Será que conseguiram comer a ceia? O cozido de peixe e os morangos? Ou será que eles ficaram intocados em seus pratos? Será que assistiram à reprise dos eventos do dia na velha e acabada televisão que fica na mesa encostada na parede? Certamente mais lágrimas se seguiram. Será que minha mãe está conseguindo se controlar, será que está conseguindo se manter forte para Prim? Ou será que já começou a tirar o corpo fora, deixando o peso do mundo sobre os frágeis ombros de minha irmã?

Prim com certeza dormirá essa noite com minha mãe. A imagem do velho e desprezível Buttercup se postando na cama para tomar conta de Prim me conforta. Se ela chorar, ele encostará o focinho em seus braços e se enroscará ali até que ela se acalme e caia no sono. Estou muito contente por não tê-lo afogado.

Imaginar minha casa me faz sofrer de solidão. O dia de hoje foi interminável. Será que Gale e eu comemos mesmo aquelas amoras pela manhã? Parece que isso aconteceu há uma eternidade. Como se fosse um longo sonho que vai piorando até se transformar em um pesadelo. Talvez, se eu dormisse, quem sabe eu não acordasse no Distrito 12, que é o meu lugar.

Provavelmente as gavetas contêm uma boa quantidade de pijamas, mas apenas tiro a camisa e as calças e pulo na cama com a roupa de baixo. As cobertas são feitas de um tecido sedoso e macio. O colchão fofo e espesso garante um conforto imediato.

Se eu tiver de chorar, agora é o momento para isso. De manhã já terei sido capaz de enxugar os estragos causados pelas lágrimas em meu rosto. Mas não há nenhuma lágrima. Estou cansada ou entorpecida demais para chorar. A única coisa que sinto é um desejo de estar em qualquer outro lugar. Então, deixo o trem me embalar até o esquecimento.

Uma luz cinzenta está vazando pelas cortinas quando a batida me desperta. Ouço a voz de Effie Trinket me mandando levantar.

– Acorde, acorde, acorde! O dia vai ser muito, muito longo! – Tento imaginar, por um instante, como deve ser o interior da cabeça dessa mulher. Que pensamentos preenchem as horas em que está acordada? Que sonhos tem à noite? Não faço a menor ideia.

Coloco de volta o uniforme verde, já que não está exatamente sujo, apenas levemente amassado por ter passado a noite no chão. Meus dedos percorrem o pequeno pássaro dourado e penso na floresta, em meu pai. E em minha mãe e Prim acordando, sendo obrigadas a providenciar tudo. Dormi com as elaboradas tranças que minha mãe fez para mim para o dia da colheita, e o penteado não parece tão ruim, de modo que deixo assim mesmo. Pouco importa. Não deve faltar muito até chegarmos à Capital. E, de qualquer maneira, assim que alcançarmos a cidade, meu estilista vai ditar minha aparência para a cerimônia de abertura amanhã à noite. Eu só espero arranjar um que não pense que a nudez é a última palavra em moda.

Assim que entro no vagão-restaurante, Effie Trinket passa às pressas por mim com uma xícara de café puro. Sussurra baixinho algumas obscenidades. Haymitch, com o rosto inchado e vermelho devido aos excessos do dia anterior, está rindo à toa. Peeta segura um pãozinho e parece um pouco constrangido.

– Sente-se! Sente-se! – diz Haymitch, acenando para mim. No instante em que me sento, me servem um enorme prato de comida. Ovos, presunto e pilhas de batatas fritas. Uma terrina de frutas está sobre um leito de gelo para

manter a temperatura. A cesta de pãezinhos que é depositada à minha frente manteria minha família alimentada por uma semana. Vejo um elegante copo de suco de laranja. Pelo menos, parece ser suco de laranja. Só provei suco de laranja uma vez na vida, na festa de Ano-Novo, quando meu pai comprou um frasco especialmente para a ocasião. Uma xícara de café. Minha mãe adora café, item que quase nunca tínhamos condições de ter em casa, mas, para mim, o gosto é amargo e aguado. Percebo então uma xícara de uma robusta substância marrom que jamais vi na vida.

– Chamam isso de chocolate quente – diz Peeta. – É gostoso.

Eu dou um gole no líquido cremoso e quente, e um calafrio percorre todo o meu corpo. Apesar de o resto da refeição ser bastante convidativo, ignoro tudo até beber toda a xícara de chocolate. Então, ponho para dentro tudo o que consigo – o que é uma quantidade substancial –, tomando cuidado para não cometer nenhum excesso com tanta coisa boa. Uma vez minha mãe me disse que eu sempre comia como se estivesse vendo a comida pela última vez. E eu disse: "Só não é a última vez porque sempre trago comida pra casa." Isso fez com que ela calasse a boca.

Quando meu estômago começa a dar a sensação de que vai se abrir em dois, eu me recosto e presto atenção em meus companheiros de café da manhã. Peeta ainda está comendo, pegando pedacinhos de pão e mergulhando-os no chocolate quente. Haymitch não liga muito para seu prato, mas bebe com vontade um copo de suco de cor vermelha ao qual não para de adicionar o líquido transparente de uma garrafa. A julgar pelo aroma, deve ser algum tipo de bebida alcoólica. Não conheço Haymitch, mas já o vi muitas vezes no Prego jogando notas e mais notas de dinheiro sobre o balcão da mulher que vende bebida. Quando chegarmos à Capital seu comportamento já estará incoerente.

Percebo que odeio Haymitch. Não é surpresa que os tributos do Distrito 12 jamais tenham alguma chance. Não apenas por sermos mal-alimentados e nos faltar um treinamento adequado. Alguns de nossos tributos eram fortes o suficiente para ter uma sobrevida. Mas raramente conseguimos patrocinadores, e grande parte do motivo é ele. As pessoas ricas que apoiam os tributos – ou porque estão apostando neles ou porque simplesmente querem se gabar por

terem escolhido o vencedor – esperam lidar com uma pessoa com o perfil um pouco mais sofisticado do que o de Haymitch.

– Então você é o encarregado de nos dar conselhos – digo para ele.

– Aí vai um: mantenham-se vivos – diz Haymitch, e depois cai na gargalhada. Troco olhares com Peeta antes de me lembrar que prometi a mim mesma não manter mais nenhum contato com ele. Estou surpresa de ver a dureza em seus olhos. Ele geralmente parece tão suave.

– Isso é muito engraçado – diz Peeta. De repente ele dá um golpe no copo que está na mão de Haymitch. O vidro se espatifa no chão, fazendo com que o líquido vermelho-sangue escorra para os fundos do trem. – Mas não pra nós.

Haymitch reflete por alguns segundos e então dá um soco no queixo de Peeta, lançando-o para fora da cadeira. Quando ele se volta para pegar a bebida, cravo minha faca na mesa, entre a mão dele e a garrafa, por pouco não acertando seus dedos. Eu me preparo para me esquivar do golpe dele, mas nada acontece. Ao contrário, ele se recosta na cadeira e nos encara com olhos estreitos.

– O que é isso, afinal? – pergunta Haymitch. – Será que realmente peguei um par de lutadores esse ano?

Peeta se levanta e apanha um pouco de gelo embaixo da terrina. Ele faz menção de erguê-lo na direção da marca avermelhada em seu queixo.

– Não – diz Haymitch, interrompendo-o. – Deixa o hematoma aparecer. O público vai pensar que você saiu no tapa com algum outro tributo antes mesmo de entrar na arena.

– Isso é contra as regras – diz Peeta.

– Só se eles te pegarem. Esse hematoma vai indicar que você lutou e que não foi pego. Melhor ainda – diz Haymitch. Ele se volta para mim. – Você consegue acertar alguma coisa com essa faca além da mesa?

O arco e flecha é a minha arma. Mas também já passei um bom tempo arremessando facas. Às vezes, se firo algum animal com o arco, é melhor jogar uma faca também, antes de me aproximar. Percebo que se desejo chamar a atenção de Haymitch, essa é a oportunidade de causar uma boa impressão. Arranco a faca da mesa, agarro a lâmina e então arremesso-a na parede do outro lado do salão. Na verdade, só tinha esperança de que ela ficasse grudada

em algum lugar, mas ela se alojou na costura entre dois painéis, fazendo com que minha habilidade parecesse bem maior do que realmente é.

– Fiquem os dois em pé aqui – diz Haymitch, indicando com a cabeça o centro do salão. Nós obedecemos e ele nos rodeia, cutucando-nos como se fôssemos animais, verificando nossos músculos, examinando nossos rostos. – Bem, vocês não estão totalmente condenados. Parecem em forma. E, assim que os estilistas entrarem em ação, vocês vão ficar atraentes o bastante.

Nem eu nem Peeta questionamos a colocação. Os Jogos Vorazes não são um concurso de beleza, mas parece que os tributos mais atraentes sempre conseguem convocar mais patrocinadores.

– Tudo bem, vou fazer um trato com vocês. Vocês não interferem na minha bebida e fico sóbrio o suficiente para ajudá-los – propõe Haymitch. – Mas vocês vão ter de fazer exatamente o que eu disser.

Não é de fato um trato, mas ainda assim é um grande passo em relação a dez minutos atrás, quando não contávamos com nenhuma orientação.

– Certo – diz Peeta.

– Então nos ajude – concordo. – Quando a gente chegar na arena, qual a melhor estratégia na Cornucópia pra alguém que...

– Uma coisa de cada vez. Daqui a alguns minutos vamos chegar à estação. Vocês serão colocados nas mãos de seu estilista. Não vão gostar nem um pouco do que ele vai fazer com vocês. Mas, independentemente do que seja, não devem se opor – diz Haymitch.

– Mas... – começo.

– Sem "mas". Não se oponham – diz Haymitch. Ele pega a garrafa de bebida na mesa e sai do vagão-restaurante. Assim que a porta se fecha atrás dele, o vagão escurece. Ainda há algumas luzes no interior, mas, do lado de fora, a impressão que se tem é que anoiteceu novamente. Eu me dou conta de que devemos estar dentro de algum túnel que percorre as montanhas até a Capital. As montanhas formam uma barreira natural entre a Capital e os distritos ao leste. É quase impossível entrar pelo leste, exceto através de túneis. Essa vantagem geográfica foi um dos principais fatores que possibilitaram a derrota dos distritos frente à Capital na guerra, o que me levou a ser um

tributo hoje. Como os rebeldes tinham de escalar as montanhas, eles se tornavam alvos fáceis para a força aérea da Capital.

Peeta Mellark e eu ficamos em silêncio enquanto o trem passa a toda a velocidade. O túnel parece interminável, e, quando começo a imaginar as toneladas de rocha que me separam do céu, sinto um aperto no peito. Eu odeio ficar emparedada dessa maneira. Isso me faz lembrar das minas e de meu pai, preso naquela armadilha, incapaz de alcançar a luz do sol, enterrado para sempre na escuridão.

O trem finalmente começa a diminuir a velocidade, e, de repente, luzes brilhantes inundam o compartimento. Não conseguimos evitar. Peeta e eu corremos para a janela para ver o que só conhecíamos pela televisão. A Capital, a cidade que governa Panem. As câmeras não mentiram a respeito da sua grandiosidade. Se tanto, elas não chegaram a captar a magnificência dos edifícios esplendorosos num arco-íris de matizes que se projeta em direção ao céu, os carros cintilantes que passam pelas avenidas de calçadas largas, as pessoas vestidas de modo esquisito, com penteados bizarros e rostos pintados que nunca deixaram de fazer uma refeição. Todas as cores parecem artificiais, os rosas intensos demais, os verdes muito brilhantes, os amarelos dolorosos demais aos olhos, como as balas redondas e duras que nunca temos condições de comprar nas lojinhas de doce do Distrito 12.

As pessoas começam a apontar para nós com empolgação ao reconhecer o trem dos tributos chegando à cidade. Eu me afasto da janela, enjoada com aquela excitação, ciente de que eles mal podem esperar para assistir à nossa morte. Mas Peeta mantém sua posição. Na verdade, está até acenando e sorrindo para a multidão boquiaberta. Ele só para quando o trem chega à estação, tirando-nos de vista.

Ele me nota encarando-o e dá de ombros.

– Quem sabe? Um deles pode ser rico.

Eu o julguei erroneamente. Penso nas ações dele desde que a colheita começou. O amigável aperto de mão. O pai dele aparecendo com os biscoitos e prometendo alimentar Prim... Será que Peeta o convenceu a fazer isso? As lágrimas dele na estação. Ter se apresentado para lavar Haymitch, para depois desafiá-lo hoje de manhã quando, aparentemente, a abordagem do garoto

bonzinho havia fracassado. E agora o aceno na janela, já tentando ganhar a multidão.

As peças ainda estão se encaixando, mas sinto que ele tem um plano em gestação. Ele não aceitou morrer. Ele já está lutando com afinco para se manter vivo. O que também significa que o gentil Peeta Mellark, o garoto que me deu os pães, está lutando com afinco para me matar.



Rasg! Cerro os dentes quando Venia, uma mulher de cabelos azul-claros e tatuagens douradas acima das sobrancelhas, dá um puxão numa tira de tecido na minha perna e arranca o pelo que está embaixo.

– Desculpa! – diz ela, com seu sotaque ridículo da Capital. – É que você é cabeluda demais!

Por que essa gente fala com uma voz tão aguda? Por que suas bocas quase não se abrem quando eles falam? Por que o fim das frases sempre tem um tom acentuado, como se estivessem fazendo uma pergunta? Vogais esquisitas, palavras abreviadas, e a letra S sempre sibilando... Não é para menos que seja tão fácil zombar deles.

Venia me dirige um olhar supostamente simpático.

– Mas tenho boas notícias. Essa é a última parte. Pronta? – Eu aperto com força a borda da mesa sobre a qual estou sentada e faço que sim com a cabeça. O que resta de pelo em minha perna é exterminado com um doloroso puxão.

Estou no Centro de Transformação há mais de três horas e ainda não conheci meu estilista. Aparentemente, ele não tem nenhum interesse em me ver antes de Venia e os outros membros da minha equipe de preparação terem solucionado alguns problemas óbvios. O que inclui esfregar meu corpo com uma espuma densa que removeu não apenas a sujeira, mas pelo menos três camadas de pele, fazer minhas unhas adquirirem um formato uniforme e, principalmente, retirar todos os pelos de meu corpo. Minhas pernas, braços, torso, axilas e partes das sobrancelhas foram depiladas, me deixando com a aparência de um pássaro depenado e pronto para ser assado. Não gosto. Minha

pele ficou sensível e pinicando, e intensamente vulnerável. Mas mantive minha parte do trato com Haymitch, e nenhuma objeção me escapou pela boca.

– Você está indo muito bem – diz um cara chamado Flavius. Ele sacode os cachos alaranjados e passa um batom roxo nos lábios. – Se tem uma coisa que não suporto é gente que fica choramingando. Passa a cera nela toda!

Venia e Octavia, uma mulher roliça cujo corpo todo foi tingido de uma tonalidade esverdeada, me esfrega de alto a baixo com uma loção que no início pinica, mas logo alivia minha pele sensível. Depois, eles me puxam da mesa, removendo o roupão fininho que me permitiram usar vez ou outra. Fico lá em pé, completamente nua, com os três a minha volta empunhando pinças para remover os últimos resquícios de pelo de meu corpo. Eu sei que deveria estar constrangida, mas eles são tão inumanos quanto um trio de aves coloridas ciscando aos meus pés.

Os três recuam e admiram o trabalho.

– Excelente! Agora você está quase parecida com um ser humano! – diz Flavius, e todos riem.

Eu forço um sorriso para demonstrar o quanto estou grata.

– Obrigada – digo, suavemente. – Nós não temos muitos motivos para ter uma boa aparência no Distrito 12.

Isso os conquista inteiramente.

– Claro que não, coitadinha! – diz Octavia, batendo as mãos para mim em aflição.

– Mas não se preocupe – diz Venia. – Quando Cinna tiver terminado tudo, você vai ficar absolutamente deslumbrante!

– Nós prometemos! Sabe que, agora que a gente se livrou de todos esses pelos e de toda essa sujeira, você não está nem um pouco horrível? – diz Flavius, me incentivando. – Vamos chamar Cinna!

Eles saem correndo da sala. É difícil odiar minha equipe de preparação. Eles são uns completos idiotas. Porém, apesar de não saber explicar bem o motivo, sei que estão sendo sinceros em me ajudar.

Olho para as paredes frias e brancas e resisto ao impulso de colocar de volta o roupão. Esse Cinna, meu estilista, certamente vai me obrigar a ficar despida. Em vez disso, minhas mãos vão até meu penteado, a única área de meu corpo

que minha equipe de preparação foi orientada a não mexer. Meus dedos sentem os cachos sedosos que minha mãe penteou com tanto cuidado. Minha mãe. Deixei o vestido azul e os sapatos dela no chão do vagão de trem, sem jamais pensar na possibilidade de recuperá-los ou de me agarrar a alguma coisa dela, de casa. Agora estou arrependida.

A porta se abre e um homem jovem, que deve ser Cinna, entra na sala. Fico embasbacada pela aparência normal dele. A maioria dos estilistas que são entrevistados na televisão tem os cabelos tão tingidos, são tão artificiais e cirurgicamente alterados que ficam até grotescos. Mas o cabelo bem aparado de Cinna parece ter uma natural tonalidade castanha. Ele está usando uma camisa preta simples e calças. A única concessão à automodificação parece ser um delineador dourado metálico para os olhos, levemente aplicado, que ressalta pontinhos dourados em seus olhos verdes. E, apesar de não gostar nem um pouco da Capital e de suas modas hediondas, sou obrigada a aceitar que o visual é bem atraente.

– Oi, Katniss. Sou Cinna, seu estilista – cumprimenta ele, com uma voz calma, algo quase sempre raro em meio a toda a afetação da Capital.

– Oi – respondo, cautelosamente.

– Me dá só um minutinho, certo? – Ele contorna meu corpo nu, sem me tocar, mas medindo cada centímetro dele com os olhos. Resisto ao impulso de cruzar os braços sobre o peito. – Quem fez seu cabelo?

– Minha mãe.

– Está lindo. Clássico mesmo. E com um equilíbrio quase perfeito com seu perfil. Ela tem dedos muito bons – comenta ele.

Eu estava esperando uma pessoa afetada, uma pessoa mais velha tentando desesperadamente parecer jovem, que me visse como um pedaço de carne a ser preparada para uma refeição. Cinna não correspondeu a nenhuma dessas expectativas.

– Você é novo aqui, não é? Acho que nunca te vi antes – procuro saber. A maioria dos estilistas me é familiar, imutáveis em meio às levas anuais de tributos sempre diferenciados. Alguns eu conheço desde pequena.

– É verdade, esse é meu primeiro ano nos Jogos – diz Cinna.

– Quer dizer que deram a você o Distrito 12 – concluo. Recém-chegados geralmente acabam com a gente, o distrito menos desejável.

– Eu pedi pra trabalhar com o Distrito 12 – diz ele, sem maiores explicações. – Por que você não veste seu roupão pra gente bater um papo?

Pego o roupão e o sigo até uma sala de estar. Dois sofás vermelhos estão frente a frente com uma mesinha no centro. Três paredes estão vazias, a quarta é totalmente de vidro, proporcionando uma janela para a sala. Vejo pela luz que deve ser mais ou menos meio-dia, embora o céu tenha ficado encoberto. Cinna me convida a sentar em um dos sofás e se acomoda à minha frente. Ele aperta um botão ao lado da mesa. O topo se divide e surge uma outra mesinha com nosso almoço. Frango com pedaços cozidos de laranja em um molho cremoso sobre um leito de grãos perolados, ervilhas pequeninas e cebolas, rolinhos na forma de flor e, de sobremesa, um pudim cor de mel.

Tento imaginar como faria para servir uma refeição dessas em casa. Frango é caro demais, mas eu poderia substituir por peru selvagem. Teria que caçar um segundo peru para trocar pelas laranjas. O leite de cabra teria de substituir o creme. Podemos cultivar ervilhas no jardim. Eu teria de colher cebolas selvagens na floresta. Não identifico esse grão. Nossa ração de téssera depois de cozida fica com uma cara amarronzada muito pouco atraente. Esses rolinhos bonitinhos só seriam possíveis mediante outra troca com o padeiro, de repente por dois ou três esquilos. Quanto ao pudim, não consigo nem imaginar o que contém. Dias e dias de caça e colheita para prover essa única refeição, e mesmo assim não passaria de um pobre substituto da versão original da Capital.

Como deve ser, imagino, viver num mundo onde a comida surge com um apertar de botões? Como eu passaria as horas que agora dedico vasculhando a floresta em busca de sustento se a comida fosse assim tão fácil de se conseguir? O que eles fazem o dia inteiro, essa gente da Capital, além de decorar os próprios corpos e esperar cada novo suprimento de tributos que vão morrer para garantir a diversão deles?

Levanto a vista e vejo os olhos de Cinna fixos nos meus.

– Como devemos parecer desprezíveis para você – diz ele.

Será que ele viu isso em meus olhos ou leu meus pensamentos de algum modo? Mas ele está certo. Todas as pessoas aqui são absolutamente

desprezíveis.

– Pouco importa – completa Cinna. – Então, Katniss, a respeito de sua roupa para a cerimônia de abertura. Minha parceira, Portia, é a estilista de seu amigo Peeta. E nossa ideia atual é vesti-los de modo complementar – explica ele. – Como você sabe, é costume dos Jogos refletir o que mais identifica o distrito.

Para a cerimônia de abertura deve-se vestir algo que sugira a principal atividade de seu distrito. Distrito 11: agricultura. Distrito 4: pesca. Distrito 3: fábricas. Isso significa que, por sermos oriundos do Distrito 12, Peeta e eu estaremos usando algum tipo de composição que tenha a ver com minérios. Como os macacões largos dos mineiros não são exatamente adequados, nossos tributos normalmente acabam usando uniformes reveladores e chapéus com lanternas na cabeça. Teve um ano em que nossos tributos ficaram completamente nus e cobertos de pó preto para representar a fuligem do carvão. É sempre horroroso e não nos favorece em nada junto à multidão. Me preparo para o pior.

– Quer dizer que vou usar um uniforme de mineiro? – pergunto, na esperança de que o traje não seja indecente.

– Não exatamente. Veja bem, Portia e eu achamos os trajes dos mineiros muito ultrapassados. Ninguém vai lembrar de você usando algo assim. E nós dois entendemos que nossa tarefa é deixar os tributos do Distrito 12 inesquecíveis – começa Cinna.

Vou ter que ficar pelada com toda certeza, imagino.

– Então, em vez de focar na mineração propriamente dita, vamos focar no carvão – conclui ele.

Pelada e coberta de fuligem preta.

– E o que nós fazemos com o carvão? Nós queimamos. Katniss, você não tem medo de fogo, tem? – Ele percebe minha expressão e dá um risinho.

Algumas horas depois, estou vestida em algo que ou vai ser a mais sensacional ou a mais horrenda roupa da cerimônia de abertura. Estou usando uma peça única preta que me cobre do tornozelo ao pescoço. Botas de couro bem engraxadas com cadarços até os joelhos. Mas são a capa esvoaçante – com

matizes de laranja, amarelo e vermelho – e o chapéu que definem a roupa. Cinna planeja incendiá-los pouco antes de nossa carruagem entrar nas ruas.

– Não são chamas reais, é claro, é apenas um foguinho sintético que Portia e eu inventamos. Você vai estar perfeitamente segura – tranquiliza-me ele. Mas não estou convencida de que quando chegarmos ao centro da cidade não terei virado churrasquinho.

Meu rosto está relativamente livre de maquiagem. Tem só um pouquinho de realce aqui e acolá. Meus cabelos foram penteados e trançados em minhas costas, no meu estilo tradicional.

– Eu quero que o público a reconheça quando você estiver na arena – diz Cinna, sonhador. – Katniss, a garota em chamas.

Penso se a calma e o comportamento normal de Cinna não mascaram um homem completamente louco.

Apesar da revelação a respeito da personalidade de Peeta ocorrida na manhã de hoje, fico aliviada quando ele aparece vestido com uma roupa idêntica. Ele deve ter experiência com fogo, já que é filho de padeiro e tudo o mais. Sua estilista, Portia, e sua equipe o acompanham, e todos estão absolutamente atordoados de empolgação com a impressão que vamos causar. Exceto Cinna. Ele parece um pouco exausto ao receber os cumprimentos.

Fomos levados às pressas para o nível inferior do Centro de Transformação que, em essência, é um estábulo gigantesco. A cerimônia de abertura está para começar. Pares de tributos estão sendo colocados dentro de carruagens puxadas por grupos de quatro cavalos. Os nossos são pretos como carvões. Os animais são tão bem-treinados que não há nenhuma necessidade de alguém segurar suas rédeas. Cinna e Portia nos direcionam para a carruagem e colocam cuidadosamente nossos corpos em posição, ajeitando o drapejamento de nossas capas antes de se afastarem para discutir os últimos detalhes.

– O que você acha desse fogo? – sussurro para Peeta.

– Arranco sua capa se você arrancar a minha – sugere ele, com os dentes cerrados.

– Combinado – concordo. Talvez evitemos as piores queimaduras se conseguirmos arrancá-las o quanto antes. Mas a coisa não é tão fácil assim. Eles vão nos jogar na arena independente de nossas condições. – Eu sei que

prometemos a Haymitch que faríamos exatamente o que eles dissessem, mas acho que ele não chegou a considerar esse ângulo.

– Aliás, onde está Haymitch? Não é função dele nos proteger desse tipo de coisa? – questiona Peeta.

– Com todo aquele álcool dentro dele, não deve ser nem um pouco aconselhável que fique perto de fogo – respondo.

E, de repente, nós dois começamos a rir. Aposto que estamos tão nervosos com os Jogos e, o que é mais estressante ainda, tão paralisados com a possibilidade de virarmos tochas-humanas, que não estamos conseguindo agir de maneira sensata.

A música de abertura começa. É fácil ouvi-la, já que é tocada a todo o volume na Capital. Portas gigantescas se abrem, revelando ruas cheias de gente. A viagem dura mais ou menos vinte minutos e acaba no Círculo da Cidade, onde vão nos dar as boas-vindas, tocar o hino e nos acompanhar até o Centro de Treinamento, que será nossa casa/prisão até o começo dos Jogos.

Os tributos do Distrito 1 circulam em uma carruagem puxada por cavalos brancos como neve. Eles parecem tão belos, pintados com um spray prateado, vestidos em túnicas cintilantes repletas de joias. O Distrito 1 produz artigos de luxo para a Capital. Dá para ouvir os gritos da multidão. Eles são sempre os favoritos.

O Distrito 2 se posiciona para segui-los. Em questão de segundos, já estamos nos aproximando da porta e percebo que, entre o céu encoberto e a chegada da noite, a luz está ficando acinzentada. Os tributos do Distrito 11 estão passando quando Cinna aparece com uma tocha acesa.

– Aqui vamos nós – anuncia, e, antes que possamos reagir, ele acende nossas capas. Arquejo, esperando o calor, mas sinto apenas uma leve comichão. Cinna sobe ao nosso lado e acende nossos chapéus. Ele deixa escapar um suspiro de alívio. – Funciona. – Então, delicadamente, ele coloca a mão sob meu queixo. – Lembrem-se, cabeças erguidas. Sorrisos. Eles vão adorar vocês!

Cinna desce da carruagem e tem uma última ideia. Grita algo para nós, mas a música está mais alta que a voz dele. Grita novamente e faz um gesto.

– O que ele está dizendo? – pergunto a Peeta. Pela primeira vez, olho para ele e percebo que, em meio a todas aquelas chamas, ele está esplendoroso. E

devo estar também.

– Acho que ele disse para nós ficarmos de mãos dadas – responde Peeta. Ele segura minha mão direita com a sua esquerda e nós olhamos para Cinna em busca de confirmação. Ele assente e levanta o polegar, e isso é a última coisa que vejo antes de entrarmos na cidade.

O susto inicial da multidão com nossa chegada se transforma rapidamente em palavras de incentivo e gritos de "Distrito 12!". Todas as cabeças estão viradas em nossa direção, tirando o foco das três carruagens à nossa frente. A princípio, fico paralisada, então, vejo nossas imagens em uma grande tela de televisão e fico impressionada com como nosso visual está de tirar o fôlego. No entardecer cada vez mais acentuado, o fogo ilumina nossos rostos. Parece que estamos deixando um rastro de chamas atrás de nossas capas esvoaçantes. Cinna estava certo em relação à pouca maquiagem. Nós dois estamos mais atraentes, mas, ainda assim, totalmente reconhecíveis.

Lembrem-se, cabeças erguidas. Sorrisos. Eles vão adorar vocês! Eu ouço a voz de Cinna em minha cabeça. Levanto o queixo um pouco mais, apresento meu sorriso mais conquistador e aceno para a multidão com minha mão livre. Estou contente agora que tenho Peeta para me ajudar a ficar equilibrada. Ele está bem estável, sólido como uma rocha. À medida que vou ganhando confiança, mando até alguns beijos para o público. A população da Capital está ficando enlouquecida, lançando uma enxurrada de flores em nossa direção, gritando nossos nomes e sobrenomes, que tiveram o trabalho de procurar no programa.

A música alta, os incentivos, as demonstrações de admiração penetram meu sangue, e não consigo suprimir meu entusiasmo. Cinna me deu uma grande vantagem. Ninguém se esquecerá de mim. Não se esquecerão de meu visual, de meu nome. Katniss. A garota em chamas.

Pela primeira vez, sinto uma pontinha de esperança percorrendo meu corpo. Certamente, algum patrocinador estará disposto a me bancar! E com alguma ajuda extra, um pouco de comida, a arma correta, por que razão eu deveria excluir minhas possibilidades de vencer esses Jogos?

Alguém joga uma rosa vermelha para mim. Eu a pego, cheiro-a delicadamente e mando um beijo na direção da pessoa que a lançou. Uma

centena de mãos se aproxima para receber meu beijo, como se ele fosse uma coisa real e tangível.

– Katniss! Katniss! – Ouço meu nome sendo gritado de todos os lados. Todos querem meus beijos.

Somente quando entramos na cidade é que percebo que devo ter interrompido completamente a circulação sanguínea na mão de Peeta, de tanto apertá-la. Olho para nossos dedos unidos enquanto alivio a pressão, mas ele aperta novamente.

– Não, não me solte – pede ele. A luz do fogo faz seus olhos azuis tremeluzirem. – Por favor, posso cair desse troço a qualquer momento.

– Tudo bem. – E continuo apertando, mas não consigo evitar uma sensação estranha em relação à maneira com a qual Cinna nos uniu. Não é exatamente justo nos apresentar como uma equipe e depois nos aprisionar na arena para que um mate o outro.

As doze carruagens preenchem o anel do Círculo da Cidade. Nos edifícios que o circundam, todas as janelas estão lotadas com os mais prestigiosos cidadãos da Capital. Nossos cavalos puxam nossa carruagem até a mansão do presidente Snow, onde paramos.

O presidente, um homem pequeno e magro, com cabelos finos e brancos, dá as boas-vindas oficiais da varanda acima de nós. É tradicional as redes de televisão fazerem um corte para mostrar os rostos dos tributos durante o discurso. Mas vejo na tela que estamos recebendo muito mais do que nossa cota usual de exposição. À medida que anoitece, tirar os olhos de nossas chamas vai ficando mais difícil. Quando começa a tocar o hino nacional, eles se esforçam para fazer um corte rápido para os rostos de cada par de tributos, mas a câmera se mantém na carruagem do Distrito 12 enquanto ela desfila em torno do Círculo pela última vez e desaparece no Centro de Treinamento.

Mal as portas se fecham atrás de nós e já somos tomados pela equipe de preparação, cujas palavras de saudação mal conseguimos entender. Quando olho em volta, reparo que vários tributos estão nos olhando com cara feia, o que confirma o que eu havia suspeitado. Nós, literalmente, roubamos o brilho de todos os outros. Então, Cinna e Portia aparecem e nos ajudam a descer da

carruagem, removendo com cuidado nossas capas e chapéus flamejantes. Portia os apaga com uma espécie de spray.

Noto que ainda estou colada a Peeta e forço meus dedos enrijecidos a se abrirem. Ambos massageamos nossas mãos.

– Obrigado por continuar segurando minha mão. Estava ficando um pouco trêmulo lá em cima – diz Peeta.

– Não parecia – digo. – Tenho certeza de que ninguém notou.

– Tenho certeza de que ninguém notou nada além de você. Devia usar essas chamas com mais frequência – comenta ele. – Elas ficam bem em você. – Então ele lança um sorriso em minha direção que parece tão genuinamente doce, e com a quantidade exata de timidez, que um inesperado fervor toma conta de mim.

Um sinal de alerta apita em minha cabeça. *Não seja tão idiota. Peeta está bolando uma maneira de te matar,* lembro a mim mesma. *Está te seduzindo para te transformar em uma presa fácil. Quanto mais simpático aparenta ser, mais mortífero será.*

Mas, como duas pessoas podem jogar esse mesmo jogo, fico na ponta dos pés e beijo seu rosto. Bem no hematoma.



O Centro de Treinamento possui uma torre exclusivamente projetada para os tributos e suas equipes. Aqui será nossa casa até que os Jogos comecem de fato. Cada distrito possui um andar inteiro. Você simplesmente entra num elevador e aperta o número de seu distrito. Facílimo de lembrar.

Já andei duas vezes no elevador do Edifício de Justiça do Distrito 12. Uma vez para receber a medalha pela morte de meu pai, e a segunda vez – ontem mesmo – para me despedir de meus amigos e familiares. Mas o de lá é uma coisa escura e desconjuntada, que se move como um caramujo e tem cheiro de leite azedo. As paredes do elevador daqui são feitas de cristal, para que você possa ver as pessoas no térreo encolherem até ficarem do tamanho de formigas à medida que você dispara céu acima. É muito empolgante, e estou tentada a perguntar a Effie Trinket se não podemos andar novamente nele. Mas isso me parece um pouco infantil da minha parte.

Aparentemente, as tarefas de Effie Trinket não foram concluídas na estação. Ela e Haymitch ficarão nos supervisionando até o momento em que entrarmos na arena. De certa forma, isso é bom para nós, porque pelo menos podemos confiar que ela nos conduzirá aos locais na hora marcada, ao passo que Haymitch sumiu de vista desde nosso encontro no trem, quando concordou em nos ajudar. Provavelmente, desmaiou em algum lugar. Effie Trinket, por sua vez, parece estar nas alturas. Nós somos a primeira equipe sob sua tutela que fez um sucesso tão estrondoso na cerimônia de abertura. Está se sentindo lisonjeada não apenas com nossas roupas, mas também pela maneira com a qual nós nos portamos. E, como ela mesma diz, Effie conhece um bocado de

gente importante na Capital, e tem falado muito bem de nós, tentando arranjar patrocinadores para mim e para Peeta.

– Mas tenho sido bastante misteriosa – diz ela, seus olhos quase fechados. – Porque, é claro, Haymitch nem se preocupou em me dizer quais eram as estratégias de vocês. Mas trabalhei o melhor que pude com o que tinha à minha disposição: como Katniss sacrificou a si mesma pela irmã. Como vocês dois lutaram com sucesso para superar a barbárie do distrito em que vivem.

Barbárie? Isso chega a ser irônico vindo de uma mulher que está nos ajudando a nos preparar para uma chacina. E em que ela está baseando nosso sucesso? Em nossas maneiras à mesa?

– Todo mundo está cauteloso, naturalmente. Vocês vêm do distrito carvoeiro, afinal. Mas eu disse, e isso foi muito esperto da minha parte: "Bem, se vocês trabalharem o carvão com gosto, ele vai se transformar em pérolas!" – Effie Trinket nos observa com tanto brilho nos olhos que não temos escolha a não ser responder à sua esperteza com entusiasmo. Mesmo sabendo que ela está equivocada.

Carvão não se transforma em pérolas. Elas são encontradas em conchas. Possivelmente, quis dizer que o carvão se transforma em diamante, mas isso também não é verdade. Ouvi falar que existe um tipo de máquina no Distrito 1 que consegue transformar grafite em diamante. Mas não retiramos grafite no Distrito 12. Isso fazia parte das tarefas do Distrito 13 até ele ser destruído.

Imagino se as pessoas com as quais ela tem mantido contato durante o dia inteiro sabem disso, ou mesmo se se importam com o fato.

– Infelizmente, não posso chancelar as propostas de patrocínio de vocês. Só Haymitch pode fazer isso – diz Effie, com pesar. – Mas não se preocupem. Vou levá-lo até a mesa sob a mira de um revólver, se preciso for.

Embora deixe a desejar em vários departamentos, Effie Trinket possui uma determinação que sou obrigada a admirar.

Meus aposentos aqui são maiores do que toda a nossa casa, lá no distrito. São elegantes como o vagão do trem, mas também possuem tantas geringonças automáticas que tenho certeza de que nunca terei tempo para apertar todos os botões. Só o chuveiro possui um painel com mais de cem opções a escolher: regulagem da temperatura da água, pressão, sabonetes, xampus, essências

aromáticas, óleos e esponjas para massagem. Quando você sai do boxe e pisa sobre um capacho, aquecedores são acionados para secar seu corpo. Em vez de lutar com os nós em meu cabelo molhado, simplesmente coloco minha mão sobre uma caixa que envia uma corrente para meu couro cabeludo, desembaraçando, separando e secando meu cabelo quase instantaneamente. Ele fica flutuando sobre meus ombros como se fosse uma cortina acetinada.

Programo o closet para uma roupa que esteja a meu gosto. As janelas aproximam e afastam partes da cidade ao meu comando. Você só precisa sussurrar em um bocal algum prato de um menu colossal e ele aparece, fumegante, diante de você em menos de um minuto. Caminho pelo quarto comendo fígado de ganso com pão macio até ouvir uma batida na porta. Effie está chamando para o jantar.

Bom. Estou morrendo de fome.

Peeta, Cinna e Portia estão em uma varanda com vista para a Capital quando entramos na sala de jantar. Fico contente de ver os estilistas, principalmente depois de ouvir que Haymitch se juntará a nós. Uma refeição presidida apenas por Effie e Haymitch está fadada ao desastre. Além do mais, o jantar não diz respeito exatamente à comida, e sim ao planejamento de nossas estratégias, e Cinna e Portia já provaram o quanto são inestimáveis nesse quesito.

Um jovem calado, vestido com uma túnica branca, oferece taças de vinho a todos nós. Cogito recusar, mas nunca tomei vinho, exceto por uma mistura caseira que minha mãe usa para curar a tosse, então aceito porque imagino que jamais terei outra oportunidade de provar a bebida. Tomo um gole do líquido ácido e seco e secretamente imagino que o sabor poderia ser melhorado com algumas colheres de mel.

Haymitch dá as caras quando o jantar está sendo servido. Parece que também esteve com algum estilista porque está limpo e arrumado, e sóbrio como jamais o vi antes. Não recusa o vinho, mas, quando começa a tomar a sopa, percebo que é a primeira vez que o vejo comendo alguma coisa. Talvez ele realmente se controle o suficiente para nos ajudar.

Cinna e Portia parecem exercer uma influência civilizadora sobre Haymitch e Effie. Pelo menos estão se dirigindo um ao outro de maneira educada. E

ambos são só elogios para o ato de abertura produzido por nossos estilistas. Enquanto jogam conversa fora, eu me concentro na comida. Sopa de cogumelo, folhas verdes com tomates do tamanho de ervilhas, rosbife em fatias fininhas como papel, espaguete ao molho verde, queijo que derrete na boca acompanhado de uvas suculentas. Os garçons, todos jovens vestidos com túnicas brancas como aquela do rapaz que nos serviu vinho, se movem sem dizer uma palavra, mantendo os pratos e as taças sempre cheios.

Quando minha taça está quase pela metade, começo a me sentir zonza, então, mudo para água mineral. Não gosto da sensação e espero que passe logo. Como Haymitch pode aguentar ficar o tempo todo assim é um mistério para mim.

Tento focar na conversa – cujo tema passou a ser nossos trajes de entrevista –, quando uma garota coloca um bolo com uma apresentação deslumbrante sobre a mesa e o ilumina com destreza. A vela se acende e então as chamas ficam tremeluzindo um pouco ao redor da borda até que finalmente somem. Fico em dúvida por alguns instantes.

– O que a mantém acesa? É o álcool? – pergunto, olhando para a garota. – Essa é a última coisa que eu gost... Ah! Eu te conheço!

Não consigo saber de onde a conheço ou quando a conheci e nem lembrar seu nome. Mas tenho certeza de que a conheço. Os cabelos ruivos, as feições arrebatadoras, a pele branca e lisa como porcelana. Mas, no exato momento em que dirijo as palavras a ela, sinto minhas entranhas se contraindo de ansiedade e culpa, e apesar de não saber exatamente o quê, sei que há alguma lembrança desagradável associada a ela. A expressão de terror que está estampada em seu rosto apenas intensifica minha confusão e minha inquietude. A garota balança a cabeça, negando com veemência, e se afasta rapidamente.

Quando volto meu olhar para a mesa, os quatro adultos estão me observando como se fossem falcões.

– Não seja ridícula, Katniss. Como você poderia conhecer uma Avox? – dispara Effie. – Inimaginável.

– O que é uma Avox? – pergunto, de modo estúpido.

– Alguém que cometeu um crime. Eles cortaram a língua dela para ela não falar mais – explica Haymitch. – Provavelmente é alguma traidora. Pouco

provável que a conheça.

– E mesmo que conhecesse, você não pode se dirigir a eles, a menos que seja para dar alguma ordem – diz Effie. – É claro que você não a conhece de fato.

Mas eu a conheço sim. E agora que Haymitch mencionou a palavra *traidor,* me lembro de onde. Mas a desaprovação é tão grande que jamais poderia admitir a eles.

– Não, acho que não a conheço. Eu só... – gaguejo, e o vinho não ajuda em nada.

Peeta estala os dedos.

– Delly Cartwright. É ela. Também estava achando o rosto dela bem familiar. Aí notei que ela é a cara de Delly.

Delly Cartwright é uma garota loura, pálida e desajeitada que parece tanto com nossa garçonete quanto um besouro se parece com uma borboleta. Talvez ela seja também a pessoa mais simpática da face da Terra – ela sorri constantemente para todo mundo na escola, até para mim. Em momento algum vi essa garota ruiva sorrir. Mas acato a sugestão de Peeta com entusiasmo e gratidão.

– É claro! Era nela mesmo que eu estava pensando. Devem ser os cabelos.

– Alguma coisa nos olhos também me faz lembrar dela – continua Peeta.

O clima pesado à mesa fica mais brando.

– Ah, bom. Se é isso – diz Cinna. – E respondendo sua pergunta, o bolo contém uma bebida alcoólica, mas todo o álcool foi consumido no fogo. Mandei prepará-lo especialmente em homenagem à estreia ardente de vocês.

Nós comemos o bolo e mudamos para uma sala de estar para assistir à reprise da cerimônia de abertura que está sendo transmitida. Algumas outras duplas dão uma ótima impressão, mas nenhuma chega aos nossos pés. Até mesmo nossa própria equipe deixa escapar um "Ahh!" quando a televisão nos mostra saindo do Centro de Treinamento.

– De quem foi a ideia de vocês ficarem de mãos dadas? – pergunta Haymitch.

– De Cinna – responde Portia.

– O toque perfeito de rebeldia – diz Haymitch. – Muito bom.

Rebeldia? Preciso refletir sobre isso por um instante. Mas quando me lembro das outras duplas, com os tributos rigidamente separados, sem jamais se tocar e dando a impressão de que sequer foram apresentados, como se um companheiro não se desse conta da existência do outro, como se os Jogos já houvessem começado, consigo compreender a que Haymitch está se referindo. O fato de nós termos nos apresentado não como adversários, mas como amigos, nos distinguiu tanto quanto nosso traje flamejante.

– Amanhã de manhã acontece a primeira sessão de treinamento. Encontrem-me no café da manhã e direi a vocês exatamente como quero que atuem. – Haymitch se dirige a mim e a Peeta. – Agora vão dormir um pouco enquanto os adultos conversam.

Peeta e eu andamos lado a lado pelo corredor até nossos quartos. Quando chegamos à porta de meu quarto, ele encosta na moldura, não exatamente bloqueando minha entrada, mas insistindo para que eu prestasse atenção nele.

– Delly Cartwright. Imagina só encontrar uma sósia dela por aqui.

Está pedindo uma explicação, e estou tentada a lhe fornecer uma. Nós dois sabemos que ele me ajudou a escapar dessa. Então aqui estou eu novamente em débito com ele. Se contar a ele a verdade sobre a garota, talvez tudo se equilibre de alguma maneira. Que mal pode haver nisso? Mesmo que ele revelasse a história, não haveria mal algum. Foi só uma coisa que testemunhei. E ele mentiu tanto quanto eu com relação a Delly Cartwright.

Percebo que realmente desejo falar com alguém sobre a garota. Alguém que possa ser capaz de me ajudar a entender a história. Gale seria minha primeira escolha, mas é pouco provável que eu volte a vê-lo. Tento imaginar se contar a Peeta poderia lhe dar alguma possível vantagem sobre mim, mas não vejo como. Quem sabe compartilhar uma confissão vai, na verdade, fazer com que ele acredite que o vejo como um amigo.

Além disso, imaginar a garota com a língua mutilada me assusta. Ela me fez lembrar do motivo de eu estar nesse lugar. Não para vestir roupas moderninhas e comer guloseimas. Mas para sucumbir a uma morte sangrenta enquanto a multidão incentiva meu matador.

Contar ou não contar? Minha cabeça ainda está lenta devido ao vinho. Olho para o corredor vazio, como se a decisão estivesse ali.

Peeta repara em minha hesitação.

– Você já esteve no telhado? – pergunta ele, e balanço a cabeça negativamente. – Cinna me mostrou. Dá pra ver praticamente a cidade toda. Mas o vento está um pouco forte.

Traduzo a frase desta maneira em minha cabeça: "Ninguém vai nos ouvir conversando." Aqui existe essa sensação de que podemos estar sendo vigiados.

– Podemos ir lá em cima?

– Claro. Vamos lá – diz Peeta. Eu o sigo até uma escada que leva ao telhado. Há uma pequena sala em formato de domo com uma porta para o exterior. Assim que entramos e sentimos o vento frio da noite, fico perplexa com a vista. A Capital pisca como um vasto campo repleto de vaga-lumes. A eletricidade no Distrito 12 não é algo constante. Normalmente, contamos apenas com algumas horas diárias de iluminação. Frequentemente, as noites são passadas à luz de vela. A única ocasião em que podemos contar com eletricidade é durante as transmissões dos Jogos ou quando alguma mensagem importante do governo é veiculada, e todos são obrigados a assistir. Mas aqui não há racionamento de energia. Jamais haveria.

Peeta e eu caminhamos até um parapeito na borda do telhado. Olho bem para baixo, em direção à rua, que está cheia de gente. Dá para ouvir os carros, um grito ou outro e um estranho ruído metálico. No Distrito 12, a uma hora dessas, todos já estariam pensando em ir para a cama.

– Perguntei a Cinna por que eles nos deixam subir aqui. Será que não ficam preocupados com a possibilidade de algum tributo se jogar? – fala Peeta.

– O que ele disse? – quero saber.

– É impossível – responde Peeta. Ele ergue a mão no que parece ser um espaço vazio. Ouvimos um ruído agudo e ele baixa a mão. – Tem um tipo de campo de força que te lança de volta ao telhado.

– Sempre preocupados com nossa segurança – comento. Apesar de Cinna ter mostrado o telhado a Peeta, imagino se podemos mesmo estar aqui agora, tão tarde e a sós. Nunca vi tributos no telhado do Centro de Treinamento. Mas isso não significa que não estamos sendo filmados. – Você acha que alguém está nos observando?

– Talvez – admite ele. – Venha ver o jardim.

Do outro lado do domo, construíram um jardim com canteiros de flores e árvores. Dos galhos pendem centenas de sinos de vento que são os responsáveis pelo barulhinho metálico que eu tinha ouvido. Aqui no jardim, nessa noite ventosa, é fácil fazer com que a conversa de duas pessoas que não querem ser ouvidas passe despercebida. Peeta olha para mim na expectativa.

Finjo examinar uma floração.

– Estávamos caçando na floresta um dia. Escondidos, esperando alguma presa aparecer – sussurro eu.

– Você e seu pai? – sussurra de volta Peeta.

– Não, eu e meu amigo Gale. De repente, todos os pássaros pararam de cantar. Exceto um. Como se estivesse dando um alerta. Foi quando a vi. Tenho certeza de que era a mesma garota. Tinha um garoto com ela. Suas roupas estavam esfarrapadas. Eles tinham olheiras. Corriam como se a vida deles dependesse disso.

Por um instante fico em silêncio enquanto me lembro de como a imagem daquela dupla estranha, visivelmente não pertencente ao Distrito 12 e fugindo pela floresta, nos imobilizou. Mais tarde, imaginamos se não poderíamos tê-los ajudado a escapar. Talvez pudéssemos tê-los escondido, se tivéssemos agido com rapidez. Gale e eu fomos surpreendidos, fomos sim, mas somos ambos caçadores. Nós sabemos como os animais se comportam quando estão sendo caçados. Nós percebemos que a dupla estava em perigo assim que os vimos. Mas só observamos.

– O aerodeslizador apareceu do nada – continuo. – Quero dizer, uma hora o céu estava vazio, e na outra a coisa estava lá. Não fez nenhum som, mas eles viram. Uma rede desceu sobre a garota e a levou para cima com a rapidez de um elevador. Eles dispararam uma espécie de lança no garoto. Era atada a um cabo e eles o içaram da mesma maneira. Mas tenho certeza de que já estava morto. Ouvimos a garota gritar uma vez. O nome dele, eu acho. Então o aerodeslizador já não estava mais lá. Desapareceu no ar. E os pássaros começaram a cantar novamente, como se nada tivesse acontecido.

– Eles viram vocês? – pergunta Peeta.

– Não sei. Estávamos agachados atrás de algumas pedras – respondo. Porém, na verdade, sei. Houve um momento, depois do aviso do pássaro, e

antes do aerodeslizador, em que a garota nos viu. Ela fixou seus olhos nos meus e pediu ajuda. Mas nem eu nem Gale respondemos.

– Você está tremendo – observa Peeta.

O vento e a história arrancaram todo o calor de meu corpo. O grito da garota. Terá sido o último?

Peeta tira a jaqueta e a coloca por cima de meus ombros. Eu me preparo para recuar, mas acabo permitindo, tomando a decisão de aceitar naquele momento não só a jaqueta como também sua gentileza. Um amigo faria isso, não é mesmo?

– Eles eram daqui? – pergunta ele, e abotoa a jaqueta em meu pescoço.

Balanço a cabeça em concordância. Eles possuíam aquele visual da Capital. O garoto e a garota.

– Para onde você acha que estavam indo? – Ele quer saber mais.

– Isso eu não sei – respondo. O Distrito 12 é bem o fim da linha. Mais além, só existe vastidão selvagem. Isso se você não contar as ruínas do Distrito 13, que ainda estão ardendo devido às bombas tóxicas. Mostram isso de vez em quando na televisão, só para nos lembrar. – Também não sei por que teriam saído daqui. – Haymitch tinha chamado os Avoxes de traidores. Contra o quê? Só podia ser contra a Capital. Mas possuíam tudo aqui. Não havia motivo para se rebelarem.

– Eu sairia daqui – dispara Peeta. Em seguida, olha ao redor de modo tenso. A frase saiu alto o suficiente para ser ouvida. Ele ri. – Eu iria para casa agora se permitissem. Mas você tem que admitir que a comida é de primeira.

Ele despistou novamente. Se fosse só isso o que você ouvisse, não passaria de palavras de um tributo assustado, não de alguém contemplando a inquestionável benevolência da Capital.

– Está ficando frio. É melhor a gente ir embora – pondera ele. O interior do domo está quente e iluminado. Seu tom é despojado. – Seu amigo Gale. Foi ele que afastou sua irmã na colheita?

– Foi. Você conhece ele?

– Não. Ouço as garotas falarem muito sobre ele. Pensava que ele fosse um primo seu ou alguma coisa assim. Vocês são próximos – afirma ele.

– Não, não somos parentes.

Peeta balança a cabeça, enigmático.

– Ele foi se despedir de você?

– Foi – respondo, observando-o cuidadosamente. – Assim como o seu pai. Ele trouxe biscoitos pra mim.

Peeta ergue as sobrancelhas, como se isso fosse uma novidade para ele. Mas, depois de testemunhar o quanto mente bem, não dou muito crédito.

– É mesmo? Bem, ele gosta de você e da sua irmã. Acho que ele gostaria de ter tido uma filha em vez de uma casa cheia de garotos.

A possibilidade de eu ter virado assunto de conversa – em torno da mesa de jantar, nos fornos da padaria, ou apenas de passagem – na casa de Peeta me deixa sobressaltada. Devia ser nas ocasiões em que a mãe não estava presente.

– Ele conhecia sua mãe dos tempos de criança – diz Peeta.

Outra surpresa. Mas provavelmente verdadeira.

– Ah, sim. Ela cresceu na cidade – digo. Parece pouco educado dizer que ela jamais mencionou o padeiro, exceto para elogiar seu pão.

Estamos em frente à porta de meu quarto. Devolvo a jaqueta dele.

– Nos vemos amanhã de manhã, então.

– Certo – diz ele, e segue pelo corredor.

Quando abro a porta, a garota ruiva está retirando minha peça única e as botas de onde as deixei, no chão do banheiro. Quero pedir desculpas pela possibilidade de tê-la deixado em uma situação difícil, mas lembro que não devo falar com ela a não ser que seja para dar alguma ordem.

– Ah, desculpa – começo a dizer. – Eu deveria ter devolvido isso a Cinna. Sinto muito. Você pode levar pra mim?

Ela evita meus olhos, balança levemente a cabeça e se encaminha para a porta.

Eu havia planejado dizer a ela que sentia muito pelo jantar. Mas sei que minhas desculpas vão muito mais além; que estou envergonhada por não ter tentado ajudá-la na floresta; que deixei a Capital matar o garoto e mutilá-la sem erguer um dedo contra isso.

Como se eu estivesse assistindo aos Jogos.

Chuto os sapatos e pulo debaixo das cobertas com a roupa do corpo. O tremor não parou. Talvez a garota não tenha se lembrado de mim. Mas sei que

ela se lembrou. Você não esquece o rosto da pessoa que representou sua última esperança. Cubro a cabeça com as cobertas, como se para me proteger da garota ruiva que não pode mais falar. Mas consigo sentir os olhos dela me encarando, atravessando as paredes e as portas, e as roupas de cama.

Imagino se ela vai se divertir assistindo à minha morte.



Meu cochilo está recheado de sonhos perturbadores. O rosto da garota ruiva se mistura com imagens sangrentas de edições anteriores dos Jogos Vorazes, com minha mãe retraída e inalcançável, com Prim esquelética e aterrorizada. Acordo berrando para que meu pai corra porque a mina está explodindo em um milhão de pedacinhos mortíferos de luz.

A manhã desponta pela janela. A Capital está com um ar enevoado e fantasmagórico. Minha cabeça dói e devo ter mordido a parte interna de minha bochecha durante a noite. Passo a língua na carne áspera e sinto gosto de sangue.

Lentamente, arrasto-me da cama até o chuveiro. Aperto arbitrariamente alguns botões no painel de controle e acabo saltando no boxe enquanto jatos de água gelada e quente alternam seus ataques sobre meu corpo. Então, sou inundada de espuma com aroma de limão que sou obrigada a esfregar no corpo com uma pesada e áspera escova. Bom, pelo menos meu sangue está fluindo.

Depois de me secar e aplicar uma loção hidratante, encontro um traje que foi deixado para mim em frente ao closet. Calças pretas justas, uma túnica lilás de mangas compridas e sapatos de couro. Penteio os cabelos com uma única trança caindo pelas costas. Essa é a primeira vez em que estou parecendo comigo mesma desde a manhã da colheita. Nada de penteado ou roupas extravagantes, nada de capas. Somente eu. Como se estivesse indo para a floresta. Isso me acalma.

Haymitch não nos deu uma hora exata para o encontro do café da manhã e ninguém me contatou hoje de manhã, mas estou faminta, então me

encaminho para a sala de jantar na esperança de encontrar comida. Não fico decepcionada. Apesar da mesa vazia, um longo aparador que fica ao lado foi abastecido com pelo menos vinte tipos de iguarias. Um jovem, um Avox, está atento nas proximidades. Quando pergunto se posso me servir, ele assente. Encho um prato com ovos, salsichas, bolos cobertos com uma densa camada de geleia de laranja e fatias de melão. À medida que ponho tudo para dentro, observo o sol se erguendo sobre a Capital. Faço um segundo prato com grãos quentes envoltos no vapor de bife cozido. Por fim, encho um prato com pãezinhos e sento-me à mesa, cortando-os em pequenos pedaços e mergulhando-os no chocolate quente, da mesma maneira que Peeta havia feito no trem.

Minha mente vagueia até minha mãe e Prim. Elas já devem estar de pé. Minha mãe preparando o angu que elas comem de manhã. Prim tirando o leite da cabra antes de ir para a escola. Há apenas duas manhãs eu estava em casa. Seria isso mesmo? Sim, apenas duas manhãs. E agora, como a casa parece vazia, mesmo a distância. O que elas conversaram ontem à noite sobre minha estreia flamejante nos Jogos? Será que isso as deixou esperançosas ou simplesmente aumentou sua sensação de terror quando viram a realidade de vinte e quatro tributos enfileirados, cientes de que somente um poderá escapar com vida?

Haymitch e Peeta aparecem, me dão bom-dia e enchem seus pratos. Fico irritada ao ver que Peeta está vestindo exatamente o mesmo traje que eu. Preciso falar uma coisa com Cinna: essa ideia de nos transformar em gêmeos vai acabar explodindo em nossas cabeças assim que os Jogos começarem. Eles devem saber disso, com toda certeza. Então, lembro-me de Haymitch me aconselhando a fazer exatamente o que os estilistas me dissessem para fazer. Se fosse qualquer um, exceto Cinna, talvez ficasse tentada a ignorar o conselho. Porém, depois do triunfo da noite de ontem, não tenho muito espaço para criticar suas escolhas.

Estou nervosa em relação ao treinamento. Haverá três dias nos quais todos os tributos treinarão juntos. Na última tarde, nós teremos uma chance de nos apresentar sozinhos diante dos Idealizadores dos Jogos. A simples ideia de ficar cara a cara com os outros tributos já me deixa enjoada. Viro e reviro em minhas mãos o pãozinho que acabei de tirar da cesta, mas meu apetite sumiu.

Após terminar de comer várias porções de cozido, Haymitch empurra o prato com um suspiro. Pega um frasco no bolso, dá um longo gole e apoia os cotovelos sobre a mesa.

– Vamos começar a trabalhar. Treinamento. Primeira coisa, se vocês preferirem, posso treinar os dois separadamente. Decidam agora.

– Por que nos treinar separadamente? – pergunto.

– Digamos que você tenha uma habilidade secreta que não queira que o outro conheça – sugere Haymitch.

Troco olhares com Peeta.

– Não tenho nenhuma habilidade secreta – diz ele. – E já sei quais são as suas, certo? Quero dizer, já comi muitos dos seus esquilos.

Jamais imaginei Peeta comendo os esquilos que caço. De alguma maneira, sempre visualizei o padeiro dando meia-volta e consumindo os esquilos fritos sozinho. Não por ganância, mas porque as famílias da cidade normalmente comem as carnes caras vendidas nos açougues. Bife de boi, frango e cavalo.

– Você pode nos treinar juntos – digo a Haymitch. Peeta balança a cabeça, concordando.

– Tudo bem, então por que vocês não me dão alguma ideia do que são capazes de fazer?

– Não sou capaz de fazer nada – informa Peeta. – A não ser que fazer pães preste pra alguma coisa.

– Desculpe, mas acho que não muito. Katniss. Já sei que você tem habilidade com facas – diz Haymitch.

– Não muita. Mas sei caçar – completo. – Com arco e flecha.

– E você é boa nisso? – pergunta Haymitch.

Preciso pensar a respeito. Tenho colocado comida na mesa de casa há quatro anos, o que não é pouca coisa. Não sou tão boa quanto meu pai era, mas ele tinha muito mais experiência do que eu. Minha mira é melhor que a de Gale, mas tenho mais experiência do que ele. Ele é um gênio com armadilhas e arapucas.

– Dá pro gasto – respondo.

– Ela é excelente – diz Peeta. – Meu pai compra os esquilos dela. Ele sempre comenta sobre como as flechas nunca penetram o corpo. Ela atinge todos os

bichos nos olhos. É a mesma coisa com os coelhos que ela vende no açougue. Ela consegue abater até cervos.

Essa avaliação que Peeta faz das minhas habilidades me pega totalmente de surpresa. Primeiro por ele ter notado e segundo por estar me incentivando.

– O que você está fazendo? – pergunto a ele, desconfiada.

– O que você está fazendo? Se ele vai te ajudar, ele precisa saber do que você é capaz. Não se subestime – devolve Peeta.

Não sei por quê, mas isso tudo está me irritando um pouco.

– E você? Já te vi no mercado. Você consegue levantar sacos de farinha de quarenta e cinco quilos – rebato. – Diga isso a ele. Isso não é pouca coisa.

– Eu sei, e tenho certeza de que na arena vai ter um monte de sacos de farinha pra eu jogar nas pessoas. Isso não é a mesma coisa que usar uma arma. Você sabe que não – retruca.

– Ele é bom em luta livre – informo a Haymitch. – Ele ficou em segundo lugar no campeonato da escola ano passado. Só perdeu pro irmão.

– E pra que serve isso? Quantas vezes você viu alguém matar alguém lutando? – pergunta Peeta, chateado.

– Sempre tem algum combate corpo a corpo. Basta você aparecer com uma faca que já vai ter alguma chance. Se eu for pega assim estou morta! – Consigo ouvir minha própria voz se elevando com a raiva que estou sentindo.

– Mas isso não vai acontecer! Você vai estar empoleirada em alguma árvore comendo esquilo cru e acertando as pessoas com suas flechas. Você sabe o que minha mãe disse pra mim quando veio se despedir? Só pra me dar ânimo? Ela disse que podia ser que o Distrito 12 tivesse finalmente um vencedor dessa vez. Depois, percebi que não estava se referindo a mim, mas a você! – explode Peeta.

– Ah, ela estava se referindo a você mesmo. – Balanço a mão, desconsiderando a afirmação de Peeta.

– Minha mãe disse: "É uma sobrevivente, aquela lá." Ela disse *aquela* – repete Peeta.

Isso me faz dar um freio na discussão. Será que a mãe dele realmente disse isso a meu respeito? Será que me colocou acima do próprio filho? Vejo a dor nos olhos de Peeta e me dou conta de que ele não está mentindo.

De repente, transporto-me para os fundos da padaria e consigo sentir o frio da chuva escorrendo pelas minhas costas, o vazio em minha barriga. Sinto-me com onze anos de idade quando falo:

– Mas só porque alguém me ajudou.

Os olhos de Peeta oscilam na direção do pãozinho em minhas mãos, e me dou conta de que ele também se lembra daquele dia. Mas apenas dá de ombros.

– As pessoas vão te ajudar na arena. Eles vão se digladiar pra te patrocinar.

– Não mais do que a você – discordo.

Peeta dirige o olhar para Haymitch.

– Ela não faz ideia do efeito que causa. – Ele passa a unha na madeira da mesa, recusando-se a me encarar.

O que será que ele está querendo dizer, afinal? Como assim, as pessoas vão me ajudar? Quando estávamos morrendo de inanição ninguém me ajudou! Ninguém a não ser Peeta. Assim que comecei a ter mercadorias para trocar as coisas mudaram. Mas é porque sou implacável nas barganhas. Ou será que não? Será que passo a impressão de ser fraca e necessitada? Será que ele está sugerindo que sou privilegiada porque as pessoas sentem pena de mim? Tento imaginar se ele tem razão. Talvez alguns dos comerciantes fossem um pouco generosos em suas transações, mas sempre atribuí esse fato ao longo relacionamento que eles mantiveram com meu pai. Além disso, a caça que vendo é de primeira! Ninguém nunca sentiu pena de mim!

Observo intensamente o pãozinho, tendo a certeza de que ele quis me insultar.

Depois de mais ou menos um minuto nisso, Haymitch diz:

– Ok, então. Ok, ok, ok. Katniss, não há nenhuma garantia de que haverá arco e flecha na arena, mas durante sua sessão particular com os Idealizadores dos Jogos, mostre a eles o que você é capaz de fazer. Até lá, fique longe dos arcos. Você é boa em armadilhas?

– Sei montar algumas arapucas básicas – murmuro.

– Isso pode ser importante em termos de comida – diz Haymitch. – E Peeta, ela tem razão, nunca subestime a força de alguém na arena. Com muita frequência, a força física faz a vantagem pender para o lado de determinado

competidor. No Centro de Treinamento há halteres, mas não revele o quanto você consegue levantar na frente dos outros tributos. O plano é o mesmo para vocês dois. Vocês vão para o treinamento de grupo. Passem o tempo tentando aprender alguma coisa que desconhecem. Arremessar uma lança. Manusear uma clava. Aprender a dar um nó decente. Tudo menos mostrar no que vocês são bons. Até chegarem às sessões particulares. Estamos entendidos? – pergunta Haymitch.

Peeta e eu assentimos.

– Uma última coisa. Em público, quero vocês um do lado do outro o tempo todo – pede Haymitch. Nós começamos a discordar, mas Haymitch bate a mão com força sobre a mesa. – O tempo todo! Isso não está aberto à discussão! Vocês dois concordaram em fazer o que eu dissesse! Vocês vão ficar juntos, vão parecer amáveis um com o outro. Agora saiam. Effie esperará vocês no elevador às dez horas pra começar o treinamento.

Mordo o lábio e retorno ao meu quarto, fazendo tudo para que Peeta ouça a porta batendo com força. Sento-me na cama, odiando Haymitch, odiando Peeta, odiando a mim mesma por falar sobre aquele dia na chuva, muito tempo atrás.

Que piada! Peeta e eu andando por aí fingindo que somos amigos! Elogiando a força um do outro, insistindo para que o outro tenha crédito por suas respectivas habilidades. Porque, na verdade, em algum ponto, teremos que acabar com isso e aceitar que somos adversários. O que eu estava preparada para fazer agorinha mesmo, se não fosse pela estúpida instrução de Haymitch para que permanecêssemos juntos durante o treinamento. Mas acho que foi culpa minha. Por eu ter dito que não precisava nos treinar separadamente. Mas aquilo não significava que eu estivesse disposta a fazer tudo ao lado de Peeta que, por sua vez, tampouco demonstra vontade de ser meu parceiro.

Ouço a voz de Peeta em minha cabeça. *Ela não faz ideia do efeito que causa*. Obviamente, aquilo tinha a intenção de me humilhar. Certo? Mas uma pequenina parcela de mim imagina se não foi, na verdade, um elogio. Se ele não quis dizer que, de alguma maneira, eu era atraente. É esquisito o quanto ele reparou em mim. Tipo, o quanto ele prestou atenção às minhas caçadas. E,

aparentemente, também não fui assim tão desatenta com ele quanto imaginava. A farinha. A luta livre. Sempre mantive um olho no garoto do pão.

Quase dez horas. Escovo os dentes e penteio novamente o cabelo. A raiva bloqueou temporariamente meu nervosismo em relação ao encontro com os outros tributos, mas, agora, estou sentindo minha ansiedade surgindo novamente. Quando encontro Effie e Peeta no elevador, já estou roendo as unhas. Paro imediatamente.

As verdadeiras salas de treinamento ficam no subsolo de nosso edifício. Com esses elevadores, a viagem não dura mais do que um minuto. As portas se abrem para um enorme ginásio repleto de diversas armas e sequências de obstáculos. Embora ainda não sejam dez horas, somos os últimos a chegar. Os outros tributos estão reunidos em um círculo tenso. Cada um deles possui um quadrado de pano com o número de seu distrito preso às camisas. Enquanto alguém prende o número *12* em minhas costas, dou uma olhada geral. Eu e Peeta somos os únicos que estão vestidos da mesma maneira.

Assim que nos juntamos ao círculo, a treinadora principal, uma mulher alta e de porte atlético chamada Atala, dá um passo à frente e começa a explicar como será a rotina de treinamento. Os peritos de cada habilidade permanecerão em suas estações. Nós ficaremos livres para transitar de uma área para outra de acordo com a escolha que fizermos, seguindo as instruções de nosso mentor. Algumas estações ensinam técnicas de sobrevivência, outras técnicas de combate. Nós somos proibidos de nos engajar em qualquer exercício de combate com outro tributo. Há assistentes à disposição se quisermos praticar com algum parceiro.

Quando Atala começa a ler a lista das estações de habilidades, não consigo evitar algumas olhadelas nos outros tributos. É a primeira vez que estamos todos reunidos, no mesmo nível e com roupas comuns. Meu ânimo desaba. Quase todos os garotos, e pelo menos metade das garotas, são maiores do que eu, embora muitos deles nem tenham sido adequadamente alimentados. Dá para ver pelos ossos, pela pele e pelo olhar vazio de alguns. Posso ser menor por natureza, mas pelo menos a maneira criativa de sobreviver da minha família me garantiu uma vantagem nesse quesito. Mantenho uma postura firme e, apesar de magra, sou bem forte. A carne e os vegetais da floresta combinados aos

exercícios necessários para obtê-los me proporcionaram um corpo mais saudável do que a maioria dos que vejo ao meu redor agora.

As exceções são os garotos dos distritos mais ricos, os voluntários, aqueles que foram alimentados e treinados durante toda a vida para esse momento. Os tributos dos Distritos 1, 2 e 4 são tradicionalmente assim. É tecnicamente contra as regras treinar tributos antes que eles cheguem à Capital, mas todo ano isso acontece. No Distrito 12, nós os chamamos de Tributos Carreiristas ou, simplesmente, Carreiristas. E quase sempre o vencedor é um deles.

A leve vantagem que possuo ao chegar ao Centro de Treinamento – minha entrada flamejante na noite anterior – parece sumir na presença de meus competidores. Os outros tributos ficaram com ciúmes de nós, não porque fomos fantásticos, mas porque nossos estilistas foram. Agora vejo apenas desprezo nos olhares dos Tributos Carreiristas. Cada um deles deve ter entre vinte e quarenta quilos a mais do que eu. Exalam arrogância e brutalidade. Quando Atala nos libera, eles se encaminham diretamente para as armas com as aparências mais mortíferas do ginásio e as manuseiam com facilidade.

Estou pensando que tenho sorte de ser uma corredora veloz quando Peeta cutuca meu braço, me fazendo pular. Ele ainda está ao meu lado, de acordo com as instruções de Haymitch. Sua expressão é séria.

– Por onde você quer começar?

Olho para os Tributos Carreiristas, que estão se exibindo, claramente tentando intimidar a todos. Então, olho para os outros, os subalimentados, os incompetentes, recebendo com os corpos trêmulos as primeiras lições com uma faca ou com um machado.

– Que tal fazermos alguns nós? – sugiro.

– Ótima ideia – diz Peeta. Atravessamos o ginásio em direção à estação vazia, onde o treinador parece grato por receber alunos. É nítida a sensação de que a aula de como fazer nós não é uma das grandes atrações dos Jogos Vorazes. Quando percebe que tenho alguma noção de arapucas, o treinador nos mostra uma armadilha simples, porém excelente para deixar um competidor pendurado numa árvore por uma perna. Nós nos concentramos nessa habilidade específica por uma hora até os dois adquirirem pleno domínio. Então, passamos para camuflagem. Peeta parece genuinamente

adorar essa estação, esfregando na pele clara uma combinação de lama, argila e extratos de frutas silvestres, tecendo disfarces a partir de galhos de vinhas e folhas. O treinador que coordena a estação de camuflagem está bastante entusiasmado com o trabalho dele.

– Sou eu que faço os bolos – admite Peeta para mim.

– Bolos? – pergunto. Eu estava preocupada em observar o garoto do Distrito 2 arremessar uma lança no coração de um boneco a uma distância de catorze metros. – Que bolos?

– Em casa. Os com cobertura, para a padaria – responde ele.

Ele está falando dos bolos que ficam na vitrine. Bolos bem decorados, com flores e coisinhas bonitinhas pintadas no glacê. São bolos de aniversário e de Ano-Novo. Quando estávamos na praça, Prim sempre me arrastava para admirá-los, embora jamais pudéssemos imaginar que algum dia teríamos condições de adquirir algum deles. Mas há tão pouca beleza no Distrito 12 que dificilmente nego a ela esse prazer.

Olho mais criticamente para o desenho no braço de Peeta. Os padrões alternantes de luz e sombra sugerem a luz do sol penetrando nas árvores da floresta. Imagino como ele conhece esse efeito, pois duvido que já tenha ultrapassado a cerca alguma vez. Será que foi capaz de sacar apenas olhando para aquela velha e retorcida macieira que ele tem no quintal de casa? De alguma maneira, a coisa toda – a habilidade dele, os tais bolos inacessíveis, o elogio do perito em camuflagem – me irrita.

– É lindo. Se ao menos você conseguisse soterrar alguém em glacê – comento.

– Não seja tão superior. Não dá para saber o que vamos encontrar na arena. Vai que aparece um bolo gigantesco...? – começa Peeta.

– E se a gente fosse pra outra estação? – interrompo.

Então, os três dias seguintes transcorrem com Peeta e eu indo silenciosamente de estação em estação. Adquirimos realmente algumas habilidades valiosas: acender fogueiras, arremessar facas, fazer abrigos. Apesar da ordem de Haymitch para que parecêssemos medíocres, Peeta é excelente no combate corpo a corpo, e eu passo no teste das plantas comestíveis sem nem

piscar. Contudo, continuamos distantes do arco e flecha e do levantamento de peso, reservando-os para nossas sessões particulares.

Os Idealizadores dos Jogos apareceram cedo no primeiro dia. Vinte e tantos homens e mulheres vestidos com túnicas lilases. Eles se sentam nas arquibancadas elevadas que circundam o ginásio, às vezes andando para nos ver, tomando notas, outras vezes comendo no interminável banquete que foi instalado para eles, ignorando-nos. Mas parecem mesmo prestar atenção aos tributos do Distrito 12. Diversas vezes os observei e vi um deles com os olhos fixos sobre nós. Também fazem consultas aos treinadores durante nossas refeições. Encontramos todos reunidos quando voltamos ao treinamento.

Café da manhã e jantar são servidos em nosso andar, mas, na hora do almoço, os vinte e quatro tributos comem na sala de refeições que fica fora do ginásio. A comida é arrumada em carrinhos espalhados pela sala, e todos se servem. Os Tributos Carreiristas tendem a se reunir de modo desordeiro em torno da mesa, como se estivessem demonstrando superioridade, passando a mensagem de que não têm medo uns dos outros e que consideram o resto de nós pouco interessante. A maioria dos outros tributos se senta sozinha, como ovelhas desgarradas. Ninguém dirige uma palavra a nós. Peeta e eu comemos juntos e – como Haymitch não para de nos orientar – tentamos manter uma conversa animada durante as refeições.

Não é fácil encontrar um assunto. Falar de casa é doloroso. Falar do presente é insuportável. Um dia, Peeta esvazia nossa cesta de pão e aponta como eles foram cuidadosos em incluir pães típicos dos diversos distritos junto com os pães mais refinados da Capital. O de formato de peixe com uma tonalidade esverdeada e com algas do Distrito 4. O pãozinho meia-lua salpicado de sementes do Distrito 11.De alguma maneira, embora seja feito do mesmo material, ele parece muito mais apetitoso do que os biscoitos horrorosos que são o padrão lá em casa.

– E aí está – diz Peeta, jogando os pães de volta à cesta.

– Com certeza você conhece muita coisa – comento.

– Só sobre pães – diz ele. – Tudo bem, agora vamos rir para dar a impressão de que o que acabei de dizer era engraçado.

Nós dois damos uma risada, até certo ponto convincente, e ignoramos os olhares na sala.

– Certo, vou continuar sorrindo prazerosamente e você fala – sugere Peeta. A orientação de Haymitch para que demonstremos amizade está nos desgastando, porque desde que bati a porta na cara dele, a atmosfera entre nós tem estado um pouco fria. Mas temos ordens a seguir.

– Já te contei do dia em que fui perseguida por um urso? – pergunto.

– Não, mas parece fascinante – responde Peeta.

Eu tento animar minha cara enquanto relembro o evento, uma história verdadeira, em que disputei estupidamente uma colmeia com um urso preto. Peeta ri e faz perguntas como se fosse um ator. Ele é muito melhor nisso do que eu.

No segundo dia, enquanto estamos treinando arremesso de lança, ele sussurra para mim:

– Acho que tem alguém nos vigiando.

Arremesso a lança – atividade em que na realidade não sou ruim se não sou obrigada a acertar muito longe – e vejo a garotinha do Distrito 11 nos observando de uma certa distância. É a tal garota de doze anos, a que me lembrou Prim em estatura. De perto, parece ter dez anos. Ela tem olhos escuros e brilhantes e uma pele morena acetinada, e está se equilibrando sobre as pontas dos dedos do pé com os braços levemente estendidos para os lados, como se estivesse pronta para alçar voo ao menor barulho. É impossível não imaginar um pássaro.

Pego outra lança enquanto Peeta arremessa a sua.

– Acho que o nome dela é Rue – diz ele suavemente.

Mordo o lábio. Rue é uma pequena flor amarela que se encontra na Campina. Rue. Primrose. Nenhuma das duas atingiria trinta quilos em uma balança. Nem que estivessem encharcadas.

– O que podemos fazer a respeito? – pergunto a ele, com mais dureza do que pretendia.

– Nada – retruca ele. – É só pra manter a conversa.

Agora que sei que está lá, é difícil ignorar a criança. Ela desliza e se junta a nós em estações diferentes. Como eu, é esperta com plantas, escala com

elegância e possui uma boa mira. Sempre consegue acertar o alvo com uma atiradeira. Mas o que significa uma atiradeira contra um homem de noventa quilos portando uma espada?

De volta ao andar do Distrito 12, Haymitch e Effie nos enchem a paciência durante o café da manhã e o jantar, obrigando-nos a contar todos os detalhes do dia. O que fizemos, quem nos observou, como avaliamos os outros tributos. Cinna e Portia não estão por perto, de modo que não há ninguém que possa acrescentar um pouco de sanidade às refeições. Não que Haymitch e Effie estejam novamente discutindo. Ao contrário, parecem estar agindo em sintonia um com o outro, determinados a nos torturar até que estejamos em forma. Cheios de intermináveis orientações a respeito do que devemos ou não fazer nos treinamentos. Peeta tem mais paciência, mas fico de saco cheio e mal-humorada.

Quando finalmente escapamos para a cama na segunda noite, Peeta resmunga:

– Alguém bem que podia arrumar uma bebida pro Haymitch.

Faço um som que está entre um ronco e um riso. Então me controlo. Ficar tentando manter a aparência de amizade quando na verdade não somos amigos está confundindo a minha cabeça. Pelo menos, quando entrarmos na arena, saberei como será nossa relação.

– Não vamos fingir quando não há ninguém por perto, certo?

– Certo, Katniss – diz ele, com o ar cansado. Depois disso, passamos a conversar somente na presença de outras pessoas.

No terceiro dia de treinamento, começam a nos chamar na hora do almoço para nossas sessões particulares com os Idealizadores dos Jogos. Distrito após Distrito, primeiro o tributo masculino, depois o tributo feminino. Como de costume, o Distrito 12 está destinado a ser o último. Esperamos na sala de jantar, sem ter certeza sobre para onde iríamos. Ninguém volta depois que sai. À medida que a sala fica vazia, a pressão para parecer amigável se acentua. Quando chamam Rue, nós ficamos sozinhos. Ficamos sentados em silêncio até que convocam Peeta. Ele se levanta.

– Lembre-se do que Haymitch disse: não se esqueça de arremessar os pesos. – As palavras saem de minha boca sem permissão.

– Obrigado. Vou lembrar disso – diz ele. – Você... vê se acerta bem na mira.

Balanço a cabeça, concordando. Não sei nem por que eu disse alguma coisa. Embora prefira que Peeta vença, se for para eu perder, e não os outros. Melhor para nosso distrito, para minha mãe e para Prim.

Depois de mais ou menos quinze minutos, eles chamam meu nome. Aliso o cabelo, ajeito os ombros e caminho em direção ao ginásio. Imediatamente, percebo que estou encrencada. Os Idealizadores dos Jogos estão aqui faz muito tempo. Sentados assistindo a outras vinte e três apresentações. Tomaram muito vinho, todos eles. Querem mais do que qualquer outra coisa voltar para suas casas.

Não há nada que eu possa fazer a não ser prosseguir com o plano. Caminho até a estação de arco e flecha. Ah, as armas! Há dias estou ansiosa para botar as mãos nelas! Arcos feitos de madeira, de plástico, de metal e de materiais que nem conheço. Flechas com penas cortadas em linhas uniformes e perfeitas. Escolho um arco, testo a corda e ponho a aljava correspondente no ombro. Tem uma série de alvos a distância, mas é limitada demais. Alvos redondos tradicionais e silhuetas humanas. Caminho em direção ao centro do ginásio e escolho meu primeiro alvo. O boneco usado antes para o treinamento com faca. No momento exato em que puxo a flecha percebo que há algo errado. A corda é mais retesada do que a que eu costumava utilizar em casa. O arco é mais rígido. Acerto alguns centímetros longe do boneco e perco a pouca concentração que tinha. Por um instante, sinto-me humilhada. Então, volto ao alvo redondo. Atiro novamente e mais uma vez até dominar as novas armas.

De volta ao centro do ginásio, tomo minha posição inicial e espeto o boneco bem no coração. Depois, rasgo a corda que segura o saco de areia do treinamento de boxe e ele se abre ao cair no chão. Sem parar, posiciono-me de joelhos e mando uma flecha na direção de uma das lâmpadas que ficam penduradas no teto do ginásio. Uma chuva de fagulhas explode.

Minha pontaria está excelente. Eu me viro para os Idealizadores dos Jogos. Uns poucos estão indicando aprovação, mas a maioria está fixada no porco assado que acaba de chegar ao banquete deles.

De repente, fico furiosa pelo fato de que, mesmo com minha vida por um fio, eles não prestam a mínima atenção em mim. Por meu espetáculo estar

sendo deixado de lado por um porco morto. Meu coração bate forte. Sinto meu rosto queimando. Sem parar para pensar, puxo uma flecha da aljava e mando na direção da mesa dos Idealizadores dos Jogos. Ouço gritos de susto à medida que as pessoas tropeçam para longe da mesa. A flecha espeta a maçã na boca do porco e a prende à parede. Todos me encaram sem conseguir acreditar.

– Obrigada pela consideração. – Então, faço uma leve mesura e caminho diretamente para a saída sem ter sido dispensada.



Enquanto sigo em direção ao elevador, jogo o arco para um lado e a aljava para outro. Passo correndo pelos Avoxes boquiabertos que guardam os elevadores e soco o número doze. As portas deslizam e eu subo. Consigo chegar ao meu andar antes que as lágrimas comecem a escorrer por meu rosto. Ouço os outros me chamando na sala de estar, mas atravesso o corredor voando, entro às pressas no quarto e pulo na cama. Aí, sim, começo a soluçar.

Agora consegui! Agora arruinei tudo! Se é que eu tinha alguma chance ínfima, ela desapareceu por completo no instante em que lancei aquela flecha na direção dos Idealizadores dos Jogos. O que será que vão fazer comigo agora? Vão me prender? Vão me executar? Vão cortar minha língua e me transformar em uma Avox para servir aos futuros tributos de Panem? O que passou pela minha cabeça naquele momento? Atirei nos Idealizadores dos Jogos? É claro que não, atirei naquela maçã porque estava com muita raiva por estar sendo ignorada. Eu não estava tentando matar nenhum deles. Se estivesse, eles estariam mortos!

Ah, o que isso importa? Eu não venceria esses Jogos mesmo. Quem se importa com o que eles possam fazer comigo? O que realmente me assusta é o que poderiam fazer com minha mãe e com Prim. Como minha família poderia sofrer agora por causa da minha impulsividade. Será que vão tomar os poucos pertences delas, ou mandar minha mãe para a prisão e Prim para o lar comunitário? Ou será que vão matar as duas? Eles não as matariam. Será que matariam? Por que não? Por que se importariam com elas?

Eu devia ter ficado lá e pedido desculpas. Ou rido, como se tudo não tivesse passado de uma grande piada. Aí quem sabe eu teria conseguido algum perdão. Mas, em vez disso, dei o fora da maneira mais desrespeitosa possível.

Haymitch e Effie estão batendo na porta. Grito para irem embora, e, por fim, vão. Levo pelo menos uma hora para esgotar todas as minhas lágrimas. Em seguida, fico enroscada na cama, golpeando os lençóis de seda, observando o sol se pôr sobre a frívola e artificial Capital.

A princípio, espero guardas aparecerem para me levar. Mas, à medida que o tempo passa, isso parece menos provável. Eu me acalmo. Eles ainda precisam de um tributo do sexo feminino do Distrito 12, não precisam? Se os Idealizadores dos Jogos querem me punir, podem fazê-lo em público. Podem esperar até que eu entre na arena para em seguida atiçar animais selvagens atrás de mim. Pode apostar que se encarregarão de garantir que eu não tenha comigo um arco para me defender.

Antes disso, entretanto, vão me dar uma nota tão baixa que nenhum patrocinador em sã consciência vai querer me bancar. É isso o que vai acontecer hoje à noite. Como o treinamento não é aberto ao público, os Idealizadores dos Jogos anunciam um placar para cada jogador. Isso dá ao público um ponto de partida para as apostas que ocorrerão ao longo dos Jogos. O número, que vai de um a doze – um sendo irremediavelmente ruim e doze sendo inalcançavelmente alto –, significa o quanto um tributo é promissor. A marca não garante que determinado tributo vai vencer. É apenas uma indicação do potencial que o tributo demonstrou durante o treinamento. Com frequência, devido a algumas variáveis na realidade da arena, tributos com marcas bem altas perdem quase imediatamente. E, alguns anos atrás, o garoto que venceu os Jogos só recebeu uma nota três. Ainda assim, o placar pode ajudar ou prejudicar um determinado tributo em termos de patrocínio. Estava com a esperança de que minha habilidade com arco e flecha pudesse me angariar um seis ou um sete, mesmo eu não sendo particularmente forte. Agora, tenho certeza de que vou ter o placar mais baixo entre os vinte e quatro tributos. Se ninguém me patrocinar, minhas chances de permanecer viva decrescem a quase zero.

Quando Effie bate na porta para me chamar para o jantar, decido que talvez seja melhor eu ir. Os placares serão transmitidos hoje à noite. Não vou conseguir esconder para sempre o que aconteceu. Vou para o banheiro e lavo o rosto, mas minha cara ainda está vermelha e inchada.

Todos estão esperando à mesa, até Cinna e Portia. Queria que os estilistas não tivessem aparecido porque, por algum motivo, a possibilidade de decepcioná-los me desagrada. É como se eu estivesse jogando no lixo, sem nenhuma consideração, todo o bom trabalho que eles fizeram na cerimônia de abertura. Evito olhar para todos enquanto dou pequenas colheradas em minha sopa de peixe. O gosto salgado me faz lembrar de minhas lágrimas.

Os adultos começam um bate-papo sobre a previsão do tempo e permito que meus olhos se encontrem com os de Peeta. Ele ergue as sobrancelhas. Uma pergunta. *O que aconteceu?* Apenas balanço a cabeça levemente. Então, enquanto o prato principal está sendo servido, ouço Haymitch dizer:

– Certo, chega de papo-furado. Como é que vocês foram hoje?

Peeta se adianta.

– Não sei se adiantou alguma coisa. Quando me apresentei, já não tinha mais ninguém se importando em prestar atenção em mim. Eles estavam cantando alguma música de bar, eu acho. Então, fiquei arremessando uns objetos pesados até eles falarem para eu ir embora.

Isso faz com que me sinta um pouco melhor. Não que Peeta tenha atacado os Idealizadores dos Jogos, mas pelo menos ele também foi provocado.

– E você, queridinha? – pergunta Haymitch.

De alguma maneira, o fato de Haymitch me chamar de queridinha me deixa irritada o suficiente para me encorajar a emitir algumas palavras.

– Disparei uma flecha na direção dos Idealizadores dos Jogos.

Todos param de comer.

– Você fez o quê?

O horror embutido na voz de Effie confirma meus piores temores.

– Atirei uma flecha neles. Não exatamente neles. Na direção deles. Foi como Peeta disse, eu estava atirando e eles estavam me ignorando, aí eu... eu simplesmente perdi a cabeça e acertei uma flecha na maçã daquele porco idiota que estava na mesa deles! – explico, desafiadora.

– E o que eles disseram? – pergunta Cinna, com cautela.

– Nada. Não que eu tenha visto. Saí de lá em seguida – respondo.

– Sem ter sido dispensada? – arqueja Effie.

– Eu mesma me dispensei. – Lembro-me de como prometi a Prim que realmente tentaria vencer e sinto como se uma tonelada de carvão tivesse caído sobre minha cabeça.

– Bem, é isso aí – diz Haymitch. E em seguida passa manteiga num pedaço de pão.

– Você acha que eles vão me prender? – pergunto.

– Duvido. Seria um baita problema substituir você a essa altura – responde Haymitch.

– E minha família? Será que eles vão castigar minha mãe e minha irmã?

– Acho que não. Não faria muito sentido. Eles teriam de revelar tudo o que aconteceu no Centro de Treinamento para que houvesse algum efeito sobre a população que valesse a pena. As pessoas teriam de saber o que você fez. Mas elas não podem, já que é segredo, de modo que seria um esforço à toa. – diz Haymitch. – É mais provável que eles tornem sua vida um inferno na arena.

– Bem, eles já prometeram fazer isso com a gente de um jeito ou de outro – comenta Peeta.

– Com certeza – concorda Haymitch. E percebo que o impossível aconteceu. Eles realmente me reanimaram. Haymitch pega uma costeleta de porco com os dedos, o que faz Effie franzir as sobrancelhas, e a mergulha no vinho. Arranca um pedaço de carne e começa a rir. – Como é que eles ficaram?

Sinto meus lábios se repuxando em um sorriso.

– Chocados. Aterrorizados. Ah, ridículos, alguns deles. – Uma imagem surge em minha mente. – Um homem tropeçou e caiu sobre uma tigela de ponche.

Haymitch dá uma gargalhada e todos nós começamos a rir, exceto Effie, embora até ela esteja suprimindo um sorriso.

– Bem, eles mereceram. É o trabalho deles prestar atenção em vocês. E o fato de vocês terem vindo do Distrito 12 não é desculpa para eles ignorá-los. – Então os olhos de Effie ficam inquietos, como se ela tivesse dito alguma coisa

totalmente ultrajante. – Sinto muito, mas é o que penso – completa, sem se dirigir a alguém.

– Vou ter notas bem ruins – comento.

– Notas só importam se elas forem bem altas. Ninguém presta muita atenção nas ruins ou nas medianas. Para todos os efeitos, você poderia estar muito bem escondendo seus talentos para receber uma nota ruim de propósito. Tem gente que usa essa estratégia – diz Portia.

– Espero que as pessoas interpretem assim a nota quatro que eu provavelmente vou receber – diz Peeta. – Se tanto. Na verdade, será que existe alguma coisa menos interessante do que observar uma pessoa pegar uma bola pesada e arremessá-la alguns metros adiante? Uma delas quase caiu no meu pé.

Dou um risinho para ele e noto que estou faminta. Corto um pedaço de porco, molho no purê de batata e começo a comer. Está tudo bem. Minha família está salva. E se está salva, mal algum foi feito.

Depois do jantar, vamos para a sala de estar assistir aos placares anunciados na televisão. Primeiro eles mostram a foto de um tributo e em seguida começa a piscar a nota abaixo do rosto. Os Tributos Carreiristas, naturalmente, conseguem notas entre oito e dez. A maioria dos outros jogadores tem média cinco. Surpreendentemente, a pequena Rue consegue um sete. Não sei o que ela mostrou aos jurados, mas ela é tão pequenina que deve ter sido algo impressionante.

O Distrito 12 aparece por último, como de costume. Peeta consegue um oito, o que indica que pelo menos alguns Idealizadores dos Jogos estavam prestando atenção nele. Enterro as unhas nas palmas das minhas mãos quando meu rosto surge na televisão, à espera do pior. Então o número onze começa a piscar na tela.

Onze!

Effie Trinket dá um berro, e logo todos estão me dando tapinhas nas costas, e me saudando, e cumprimentando. Mas a coisa não parece real.

– Deve haver algum engano. Como... como isso foi acontecer? – pergunto a Haymitch.

– Acho que gostaram do seu temperamento – responde ele. – Eles organizam um show. Eles precisam de jogadores com sangue quente.

– Katniss, a garota em chamas – diz Cinna, e me dá um abraço. – Ah, espera só o seu vestido de entrevista.

– Mais chamas? – eu pergunto.

– Mais ou menos – diz ele, de modo malicioso.

Peeta e eu nos parabenizamos, mais uma situação estranha. Nós dois fomos bem, mas o que isso significa para o outro? Escapo rapidamente para meu quarto e me enfio debaixo das cobertas. O estresse do dia, particularmente o choro, me deixou esgotada. Caio no sono, por ora protegida, aliviada, e com o número onze ainda piscando em minha mente.

Quando acordo, permaneço deitada na cama por um tempo, observando o sol nascer em uma bela manhã. É domingo. Dia de descanso em casa. Imagino se Gale já está na floresta. Normalmente, dedicamos todo o domingo para fazer o estoque da semana. Acordamos cedo, caçamos e colhemos, e depois vendemos no Prego. Penso em Gale sem mim. Nós dois sabemos caçar sozinhos, mas somos melhores formando uma dupla. Principalmente se estivermos tentando caçar algum animal grande. Ter um parceiro ao lado sempre diminui o fardo, inclusive nas coisas mais simples. Pode até transformar a tarefa árdua de alimentar minha família em uma coisa agradável.

Eu lutava na floresta por conta própria havia mais de seis meses quando conheci Gale. Era um domingo de outubro, o ar estava frio e com um cheiro penetrante de coisas mortas. Eu havia passado a manhã competindo com os esquilos por nozes. À tarde, um pouco mais quente, fiquei colhendo katniss em fontes de água rasa. A única carne que tinha obtido havia sido um esquilo que praticamente passara por cima de meus pés em busca de bolotas, mas os animais ainda estariam disponíveis depois que a neve soterrasse minhas outras fontes de comida. Tendo percorrido muito mais do que o normal, eu estava correndo de volta para casa, carregando meus sacos de estopa, quando dei de cara com um coelho morto. Estava pendurado pelo pescoço em um arame fino acima de minha cabeça. Mais ou menos uns quinze metros adiante havia outro. Reconheci as arapucas porque meu pai costumava usá-las. Quando a presa é pega, ela fica pendurada no ar, fora do alcance de outros animais famintos. Eu tinha tentado armar arapucas durante todo o verão sem nenhum sucesso, então, não pude evitar soltar os sacos para examinar a que acabara de

encontrar. Meus dedos estavam percorrendo o arame acima de um dos coelhos quando ouvi uma voz:

– Isso é perigoso.

Dei um grande salto quando Gale surgiu de trás de uma árvore. Ele devia estar me observando o tempo todo. Tinha apenas catorze anos, mas já alcançava os 1,80m de altura e para mim já valia por um adulto. Eu o via nas proximidades da Costura e na escola. E também em outra ocasião. Tinha perdido o pai na mesma explosão que havia matado o meu. Em janeiro, eu estava por perto quando ele recebeu a medalha de honra ao mérito no Edifício da Justiça, mais um primogênito sem pai. Eu me lembro de seus dois irmãos menores grudados à mãe, uma mulher cuja barriga inchada anunciava que estava a poucos dias de dar à luz.

– Qual é o seu nome? – disse ele, aproximando-se e soltando o coelho da arapuca. Ele tinha mais três pendurados no cinto.

– Katniss – respondi, com uma voz quase inaudível.

– Bem, Catnip, roubo é punível com morte. Ou será que você nunca ouviu falar disso?

– Katniss – repeti, mais alto. – E eu não estava roubando nada. Só queria dar uma olhada na sua armadilha. As minhas nunca pegam nada.

Ele não ficou convencido e me olhou feio.

– Então onde é que você conseguiu esse esquilo?

– Com uma flecha.

Puxei o arco de meu ombro. Eu ainda estava usando a versão menor que meu pai havia feito para mim, mas praticava com um de tamanho normal sempre que podia. Tinha esperança de na primavera já estar caçando animais maiores.

Os olhos de Gale fixaram-se sobre o arco.

– Posso ver?

Estendi a arma para ele.

– Mas não se esqueça. Roubo é punível com morte.

Essa foi a primeira vez que o vi sorrindo. Fez com que ele deixasse de ser uma pessoa ameaçadora para se transformar em alguém que valia a pena conhecer. Mas passaram-se vários meses até que eu retribuísse aquele sorriso.

Nós conversamos a respeito de caça naquela ocasião. Contei que talvez eu conseguisse arranjar um arco para ele em troca de alguma coisa que não fosse comida. Eu queria conhecimento. Queria armar minhas próprias arapucas, que pudessem capturar uma fileira de coelhos rechonchudos em um único dia. Ele concordou e disse que pensaria em alguma coisa. À medida que as estações se sucediam, nós começamos, não sem alguma relutância, a compartilhar nosso conhecimento, nossas armas, nossos lugares secretos cheios de ameixas e perus selvagens. Ele me ensinou a confecionar armadilhas e a pescar. Mostrei a ele quais plantas eram comestíveis e, por fim, dei a ele um de nossos preciosos arcos. Então, um belo dia, sem que disséssemos uma palavra, nos transformamos em uma dupla. Passamos a dividir o trabalho e os despojos e a garantir que nossas famílias tivessem comida.

Gale me deu uma sensação de segurança que me faltava desde a morte de meu pai. Seu companheirismo substituiu as longas e solitárias horas na floresta. Eu me tornei uma caçadora muito mais habilidosa quando não precisei mais olhar para trás constantemente, quando passei a ter alguém me dando cobertura. Mas Gale passou a ser muito mais do que um parceiro de caçadas. Ele se tornou meu confidente, alguém com quem eu podia compartilhar pensamentos que jamais expressaria do lado de dentro da cerca. Em troca, ele me confiava os dele. Estar na floresta com Gale... às vezes me deixava realmente feliz.

Eu o chamo de amigo, mas no último ano a palavra passou a parecer casual demais para o que Gale representa para mim. Uma pontada de saudade golpeia o meu peito. Se ao menos ele estivesse ao meu lado agora! Mas, é claro, não desejo isso. Não o quero na arena, onde ele morreria em poucos dias. Eu só... eu só estou com muita saudade dele. E odeio ficar aqui tão sozinha. Será que ele sente saudades de mim? Deve sentir.

Penso no onze piscando embaixo do meu nome na noite passada. Sei exatamente o que ele diria para mim. “Bem, ainda podemos melhorar.” E então me daria um sorriso, que hoje eu retribuiria sem nenhuma hesitação.

Não consigo evitar comparar o que acontece entre mim e Gale ao que estou fingindo que acontece entre mim e Peeta. Como o fato de eu nunca questionar os motivos de Gale ao passo que não faço nada além de duvidar a respeito dos

de Peeta. Não é uma comparação justa, na verdade. Gale e eu nos juntamos por uma mútua necessidade de sobrevivência. Peeta e eu sabemos que a sobrevivência do outro significa nossa própria morte. Como desviar de um golpe desses?

Effie está batendo na porta, lembrando-me de que tenho outro "grande, grande, grande dia!" pela frente. Amanhã à noite acontecerão nossas entrevistas televisionadas. Aposto que toda a equipe vai estar com as mãos cheias nos preparando para a ocasião.

Eu me levanto e tomo uma chuveirada rápida, tendo um pouco mais de cuidado com os botões que aperto, e me dirijo à sala de jantar. Peeta, Effie e Haymitch estão amontoados em volta da mesa falando com vozes baixas. Isso parece esquisito, mas a fome vence a curiosidade e encho o prato antes de me juntar a eles.

O cozido hoje foi feito com macios pedaços de cordeiro e ameixas secas. Perfeito sobre o arroz selvagem. Eu já bati quase a metade do prato quando percebo que ninguém está falando nada. Dou um gole longo no suco de laranja e enxugo a boca.

– E aí, o que está acontecendo? Você vai nos treinar para a entrevista de hoje, não é?

– Exato – confirma Haymitch.

– Não precisa esperar eu terminar. Consigo ouvir e comer ao mesmo tempo.

– Bem, houve uma mudança de planos. A respeito de nossa estratégia atual – começa Haymitch.

– O que é? – pergunto. Não estou certa de qual é nossa estratégia atual. Tentar parecer medíocre na frente dos outros tributos é a única parte que me lembro dessa discussão.

Haymitch dá de ombros.

– Peeta pediu para ser treinado separadamente.



Traição. Essa é a primeira coisa que me vem à cabeça, o que é risível. Pois, para que houvesse traição, seria necessário que houvesse confiança antes. E confiança nunca fez parte do acordo. Somos tributos. Mas o garoto que se arriscou a apanhar da mãe para me dar pão, o que me equilibrou na carruagem, que corroborou minha história com a Avox ruiva, que insistiu para que Haymitch soubesse de minhas habilidades de caçadora... Havia por acaso alguma parte de mim que não pudesse confiar nele?

Por outro lado, estou aliviada por podermos parar com o fingimento de sermos amigos. Obviamente, seja lá qual for a tênue conexão que nós tenhamos tolamente formado, foi destruída. E já estava mais do que na hora. Os Jogos começam em dois dias, e confiança significará apenas fraqueza. Seja lá o que desencadeou a decisão de Peeta – e suspeito que tenha tido alguma coisa a ver com o fato de minha apresentação ter superado a dele no treinamento –, eu deveria estar inteiramente grata a isso. Talvez ele tenha finalmente percebido que quanto mais cedo aceitarmos abertamente que somos inimigos, melhor para os dois.

– Que bom – digo. – Então como será a rotina de treinamento agora?

– Vocês dois terão cada um quatro horas com Effie para a apresentação e quatro comigo para o conteúdo – diz Haymitch. – Você pode começar com Effie, Katniss.

Não consigo imaginar que coisas Effie terá de me ensinar num período de quatro horas, mas ela me põe para trabalhar até o último minuto. Vamos para meus aposentos e ela me manda botar um vestido de corpo inteiro e calçar

sapatos de salto alto, não os que vou usar para a entrevista real, e me instrui acerca de como caminhar. Os sapatos são a pior parte. Nunca usei salto alto e não consigo me acostumar com a sensação de ficar sambando sobre os calcanhares, porque, na prática, é o que acontece. Mas Effie anda com eles o tempo todo, e ponho na cabeça que, se ela consegue, então também posso conseguir. O vestido me cria outro problema. Ele fica embolado em volta de meus pés e então, é claro, tenho que suspendê-lo, e aí Effie se aproxima de mim como se fosse um gavião, batendo em minhas mãos e gritando: "Acima dos tornozelos não!" Quando finalmente domino meu caminhar, ainda falta a maneira de me sentar, a postura – aparentemente tenho tendência a deixar a cabeça pender para a frente –, o jeito de olhar, os gestos com as mãos e o sorriso. As lições sobre sorriso se resumem a sorrir mais. Effie me obriga a dizer uma centena de frases banais começando com um sorriso, enquanto estou sorrindo ou terminando com um sorriso. Na hora do almoço, os músculos de meu rosto sofrem de espasmos por excesso de uso.

– Bem, isso é o melhor que eu consigo fazer – diz Effie, com um suspiro. – Mas lembre-se, Katniss, você quer que o público simpatize com você.

– E você acha que eles não vão simpatizar?

– Não se você ficar olhando para eles com essa cara raivosa o tempo todo. Por que não guarda essa fúria para a arena? Em vez disso, imagine que você se encontra entre amigos – sugere Effie.

– Eles estão apostando quanto tempo consigo me manter viva! – explodo de raiva. – Eles não são meus amigos!

– Bem, tente fingir! – retruca Effie. Então, ela endireita a postura e dá um sorriso exultante. – Veja. Assim. Estou sorrindo para você, mesmo sabendo que você está me confrontando.

– É, parece mesmo convincente – devolvo. – Vou comer. – Dou um pontapé nos sapatos e saio correndo na direção da sala de jantar, levantando a saia até acima das coxas.

Peeta e Haymitch parecem estar de ótimo humor, então imagino que a sessão de conteúdo deva ser bem melhor do que a que tive pela manhã. Não poderia estar mais equivocada. Depois do almoço, Haymitch me leva para a

sala de estar, me conduz até o sofá e então simplesmente franze as sobrancelhas para mim durante um tempo.

– E aí? – pergunto finalmente.

– Estou tentando imaginar o que fazer com você – responde ele. – Como nós vamos apresentar você. Você vai ser charmosa? Distante? Firme? Até agora você tem brilhado como uma estrela. Você se apresentou para salvar sua irmã. Cinna fez com que você ficasse inesquecível. Você conseguiu a pontuação mais alta do treinamento. As pessoas estão intrigadas, mas ninguém sabe quem você é. A impressão que passar amanhã decidirá exatamente o que poderei conseguir para você em termos de patrocinadores.

Por ter assistido a vida inteira às entrevistas dos tributos, sei que há verdade no que ele está falando. Se você for interessante para a multidão, seja por seu bom humor ou sua brutalidade ou sua excentricidade, você sai em vantagem.

– Qual é a estratégia de Peeta? Ou será que não tenho permissão para fazer essa pergunta?

– Ser simpático. Ele possui um certo humor autodepreciativo que é bastante genuíno – responde Haymitch. – Ao passo que você, quando abre a boca, parece muito mais carrancuda e hostil.

– Não pareço não! – discordo.

– Ah, por favor. Não sei onde você foi arrumar aquela garota alegre e boazinha que passou na carruagem, mas não a vi nem antes nem depois da cerimônia de abertura – retruca Haymitch.

– E por acaso você me deu algum motivo para ser alegre? – disparo.

– Mas você não tem que me agradar. Não vou te patrocinar. Então vamos lá, finja que sou o público – incentiva Haymitch. – Entretenha-me.

– Certo! – rosno. Haymitch assume o papel do entrevistador e tento responder a suas perguntas com uma postura de vencedora. Mas não consigo. Estou com muita raiva de Haymitch pelo que disse e pelo fato de ainda ter de responder às perguntas. Só consigo pensar no quanto todo o sistema dos Jogos Vorazes é injusto. Por que sou obrigada a ficar saltitando de um lado para o outro como se fosse alguma cadela amestrada tentando agradar pessoas que odeio? À medida que a entrevista avança, minha fúria parece subir cada vez mais à superfície, até que estou literalmente cuspindo as respostas para ele.

– Tudo bem, já é o suficiente – encerra ele. – Nós temos de achar outro ângulo. Além de você ser hostil, não sei nada a seu respeito. Eu te fiz cinquenta perguntas e ainda não sei nada sobre sua vida, sobre sua família, sobre as coisas de que você gosta. Eles querem te conhecer, Katniss.

– Mas não quero que eles me conheçam! Já estão roubando o meu futuro! Não vou dar a eles as coisas que foram importantes para mim no passado!

– Então minta! Invente algo! – rebate Haymitch.

– Não sou boa em mentir.

– Bom, é melhor aprender rapidinho. Você tem tanto charme quanto uma lesma morta.

Ai. Isso doeu. Até Haymitch deve ter notado que foi duro demais porque a voz dele fica mais suave.

– Aqui vai uma ideia. Tente agir de modo humilde.

– Humilde – ecoo.

– Tente dar a impressão de que você mal consegue acreditar que uma garotinha do Distrito 12 chegou tão longe. Que toda a coisa foi muito mais do que você jamais poderia ter sonhado. Fale sobre as roupas de Cinna. Sobre como as pessoas estão sendo simpáticas. Sobre como a cidade é fantástica para você. Se você não for falar sobre si mesma, então pelo menos faça uma saudação ao público. Basta ficar repetindo esse tipo de coisa. Basta parecer deslumbrada.

As horas seguintes são agonizantes. De imediato, fica evidente que não consigo fingir estar deslumbrada. Nós tentamos fazer com que eu banque a garota de nariz empinado, mas simplesmente não tenho cacife para ser arrogante. Aparentemente, sou "vulnerável" demais para um comportamento feroz. Não sou sagaz. Ou engraçada. Ou sexy. Nem misteriosa.

Ao final da sessão, já não sou mais ninguém. Haymitch começou a beber enquanto eu estava incorporando a personalidade sagaz, e a voz dele adquiriu um tom desagradável.

– Eu desisto, queridinha. Basta responder às perguntas e tentar não deixar o público ver o quanto você sumariamente o despreza.

Naquela noite, janto em meu quarto. Peço uma ultrajante quantidade de guloseimas, como até enjoar e depois exorcizo minha raiva de Haymitch, dos

Jogos Vorazes e de cada ser vivo residente na Capital despedaçando os pratos nas paredes do quarto. Quando a garota ruiva aparece para fazer minha cama, os olhos dela ficam esbugalhados com a bagunça.

– Deixa tudo como está!

Eu a odeio também, com aqueles olhos de reprovação que estão me chamando de covarde, de monstro, de marionete da Capital, não só agora como também naquela época. Para ela, a justiça finalmente está acontecendo. Pelo menos minha morte vai ajudar a compensar a morte do garoto na floresta.

Mas em vez de sair correndo do quarto, a garota fecha a porta e vai até o banheiro. Ela retorna com um pano úmido, esfrega delicadamente meu rosto e então limpa o sangue de minhas mãos, feridas por um dos pratos quebrados. Por que ela está fazendo isso? Por que estou permitindo que faça isso?

– Eu deveria ter tentado te salvar – sussurro.

Ela balança a cabeça. Será que isso significa que nós estávamos agindo certo não fazendo nada? Significa que ela está me perdoando?

– Não, o que eu fiz foi errado.

Ela bate com os dedos nos lábios e depois aponta para o meu peito. Acho que ela quer dizer que eu também teria acabado como uma Avox. Provavelmente. Ou me transformado em uma Avox ou executada.

Passo as horas seguintes ajudando a garota ruiva na limpeza do quarto. Depois de retirar o lixo e de limpar o que restara de comida, ela arruma minha cama. Pulo para baixo das cobertas como se fosse uma garotinha de cinco anos de idade e deixo que me coloque para dormir. Em seguida, ela vai embora. Quero que fique até que eu caia no sono. E que ela esteja presente quando eu acordar. Quero a proteção dessa garota, mesmo sabendo que ela nunca contou com a minha.

De manhã, não é a garota, mas minha equipe de preparação que ocupa meus pensamentos. Minhas lições com Effie e Haymitch estão encerradas. O dia de hoje pertence a Cinna. Ele é minha última esperança. Talvez consiga fazer com que eu pareça maravilhosa, assim ninguém vai se importar com as coisas que saírem da minha boca.

A equipe trabalha em mim até o fim da tarde, transformando minha pele numa seda cintilante, desenhando figuras em meus braços, pintando chamas

em minhas vinte unhas aparadas com perfeição. Então, Venia começa a trabalhar em meu cabelo, tramando fios avermelhados que começam na minha orelha esquerda, envolvem minha cabeça e depois caem numa trança única sobre meu ombro direito. Apagam meu rosto com uma camada de maquiagem branca e redesenham minhas feições. Enormes olhos escuros, lábios grossos e vermelhos e cílios que lançam fagulhas de luz quando pisco. Finalmente, eles me cobrem toda com um pó que deixa o meu corpo com um brilho dourado.

Então, Cinna entra com o que presumo ser meu vestido, mas não consigo ver muito bem porque está coberto.

– Feche os olhos – ordena.

Sinto a textura sedosa quando eles deslizam a peça sobre meu corpo nu, e depois o peso. Deve ter uns vinte quilos. Aperto a mão de Octavia enquanto piso cegamente em meus sapatos, contente por descobrir que eles são pelo menos cinco centímetros mais baixos do que o par com o qual Effie me obrigou a treinar. Alguns ajustes são feitos e um pouco de inquietação paira no ar. Depois, o silêncio.

– Posso abrir os olhos? – pergunto.

– Pode – responde Cinna. – Abra.

A criatura que está em pé diante de mim no enorme espelho veio de outro planeta. De um planeta onde a pele cintila e os olhos faíscam e, aparentemente, onde fazem suas roupas a partir de joias. Porque meu vestido, ah, meu vestido é inteiramente coberto de preciosas gemas que refletem luminosidade: vermelho, amarelo e branco com um pouquinho de azul que acentua as pontas dos desenhos das chamas. O mínimo de movimento dá a impressão de que sou engolida por línguas de fogo.

Não estou bonita. Não estou bela. Estou tão radiante quanto o sol.

Por um instante, todos olhamos fixamente para mim.

– Ah, Cinna – finalmente sussurro. – Obrigada.

– Dá uma voltinha – pede ele. Estendo os braços e dou um giro. A equipe de preparação inteira solta um grito de admiração.

Cinna dispensa a equipe e me pede para andar um pouco com o vestido e os sapatos, que são infinitamente mais maleáveis que os de Effie. O vestido tem

um caimento tão perfeito que não preciso erguer a saia ao caminhar. Menos uma preocupação para mim.

– Então, está tudo pronto para a entrevista? – pergunta Cinna. Vejo pela sua expressão que ele andou conversando com Haymitch. Que está ciente do quão terrível eu sou.

– Estou me sentindo péssima. Haymitch me chamou de lesma morta. Por mais que eu tente, é impossível pra mim. Simplesmente não consigo ser uma dessas pessoas que ele quer que eu seja.

Cinna pensa um pouco a respeito disso.

– Por que você não age como se fosse você mesma?

– Eu mesma? Isso também não vai dar certo. Haymitch diz que sou carrancuda e hostil.

– Bem, você estava... lidando com Haymitch – Cinna dá um risinho. – Eu não acho que você seja assim. A equipe de preparação te adora. Você conquistou até os Idealizadores dos Jogos. E quanto aos cidadãos da Capital, bem, eles não param de falar de você. Ninguém consegue deixar de admirar seu espírito.

Meu espírito. Isso é uma novidade. Não sei exatamente o que significa, mas acho que quer dizer que sou uma lutadora. De uma maneira mais ou menos corajosa. Não sou sempre antipática. Tudo bem, não saio por aí amando todo mundo que encontro pelo caminho, e meus sorrisos não aparecem com facilidade. Mas me importo com as pessoas.

Cinna segura minhas mãos geladas com suas mãos quentes.

– Quando você estiver respondendo às perguntas, imagine estar se dirigindo a um velho amigo. Quem seria seu melhor amigo? – pergunta Cinna.

– Gale – respondo, instantaneamente. – Só que isso não faz sentido, Cinna. Jamais diria a Gale esse tipo de coisa a meu respeito. Ele já sabe.

– E quanto a mim? Será que você conseguiria pensar em mim como um amigo? – pergunta Cinna.

De todas as pessoas que conheci desde que saí de casa, Cinna é de longe a de que mais gosto. Gostei dele de cara e ele não me decepcionou até agora.

– Acho que sim, mas...

– Estarei sentado na plataforma principal junto com os outros estilistas. Você vai poder olhar diretamente para mim. Quando lhe fizerem uma pergunta, você me procura e responde da maneira mais honesta possível – orienta Cinna.

– Mesmo que a coisa em que eu estiver pensando seja horrível? – pergunto. – Porque, de repente, vai ser.

– Principalmente se a coisa em que você estiver pensando for horrível – afirma Cinna. – Você tenta?

Assinto com a cabeça. É um plano. Ou pelo menos é algo a tentar.

O tempo passa rápido e logo é hora de ir. As entrevistas ocorrem em um palco construído em frente ao Centro de Treinamento. Depois de sair do quarto, só terei alguns minutos antes de ficar frente a frente com a multidão, as câmeras, toda a Panem.

Quando Cinna gira a maçaneta, interrompo o movimento de sua mão.

– Cinna... – O medo da plateia tomou conta de mim.

– Lembre-se, eles já amam você – diz ele com delicadeza. – Seja você mesma.

Nós nos encontramos com o resto do pessoal do Distrito 12 no elevador. Portia e sua equipe trabalharam intensamente. Peeta está com um visual incrível, vestido com um terno preto com detalhes de chamas desenhados. Apesar de nossas roupas combinarem muito bem, é um alívio que não sejam as mesmas. Haymitch e Effie estão muito elegantes para a ocasião. Evito Haymitch, mas aceito os elogios de Effie. Ela pode ser cansativa e sem noção, mas não é destrutiva como Haymitch.

Quando a porta do elevador se abre, os outros tributos estão sendo enfileirados para subir ao palco. Todos os vinte e quatro nos sentamos em um grande arco durante toda a entrevista. Serei a última, ou penúltima, já que os tributos do sexo feminino precedem os do sexo masculino de cada distrito. Como eu gostaria de poder ser a primeira e tirar logo todo esse peso de cima de mim! Mas vou ter que escutar como todos os outros são sagazes, engraçados, humildes, firmes e encantadores antes de subir ao palco. E ainda por cima, a plateia vai começar a ficar entediada, assim como os Idealizadores dos Jogos

ficaram. E não posso simplesmente atirar uma flecha na multidão para despertar a atenção deles.

Pouco antes de desfilarmos até o palco, Haymitch chega por trás de mim e de Peeta e rosna:

– Lembrem-se, vocês ainda são um par feliz. Então, ajam dessa forma.

O quê? Pensei que tínhamos abandonado isso quando Peeta solicitou o treinamento separado. Mas acho que a questão era particular, e não pública. De qualquer maneira, não há muita possibilidade de interação agora, enquanto caminhamos em fila única para os assentos e nos acomodamos em nossos lugares.

O simples fato de pisar no palco já acelera minha respiração. Sinto minha pulsação ressonando em minhas têmporas. É um alívio chegar à cadeira porque, com meus calcanhares e minhas pernas trêmulas, sinto que vou tropeçar. Embora esteja anoitecendo, o Círculo da Cidade está mais iluminado do que um dia de verão. Uma unidade com assentos elevados foi colocada para acomodar os convidados ilustres, com os estilistas ocupando a primeira fileira. As câmeras vão focalizá-los quando a multidão estiver reagindo à criatividade deles. Uma grande varanda em um edifício à direita foi reservada para os Idealizadores dos Jogos. Equipes de televisão ocuparam a maior parte das outras varandas. Mas o Círculo da Cidade e as avenidas que desembocam nele estão completamente abarrotados de gente. Só há espaço para as pessoas ficarem de pé. Nas casas e nos espaços públicos por todo o país, os aparelhos de televisão estão ligados. Todos os cidadãos de Panem estão assistindo ao evento. Hoje não haverá blecaute em lugar nenhum.

Caesar Flickerman, o homem que apresenta as entrevistas há mais de quarenta anos, sobe ao palco. É um pouco assustador porque a aparência dele permaneceu, para todos os efeitos, a mesma durante todos esses anos. A mesma cara sob uma camada de maquiagem branca. O mesmo corte de cabelo que ele tinge com uma cor diferente a cada edição dos Jogos Vorazes. O mesmo traje cerimonial azul-marinho com milhares de pequenas lâmpadas que brilham como estrelas. Na Capital, as pessoas fazem cirurgias para parecerem mais jovens e magras. No Distrito 12, parecer velho significa mais uma conquista já que tantas pessoas morrem cedo. Você vê uma pessoa mais velha e deseja logo

parabenizá-la pela longevidade, sente vontade de perguntar a ela o segredo da sobrevivência. Uma pessoa rechonchuda é invejada porque não está ralando como a maioria de nós. Mas aqui a coisa é diferente. Rugas não são desejáveis. Uma barriga pronunciada não é sinal de sucesso.

Neste ano, o cabelo de Caesar está azulado, suas pálpebras e lábios com coloração combinando. Ele parece uma aberração, menos assustador do que no ano passado, no entanto, quando estava escarlate, dando a impressão de sangrar. Caesar conta algumas piadas para aquecer o público, mas logo dá início ao programa.

A garota do Distrito 1, com um visual sensual emoldurado por um vestido dourado transparente, pisa no centro do palco para ser entrevistada por Caesar. É fácil adivinhar que o mentor dela não teve nenhum trabalho em dar a ela um papel. Com aquele cabelo longo e louro, aqueles olhos da cor de esmeralda, o corpo alto e exuberante... ela é toda sexy.

Cada entrevista dura apenas três minutos. Então uma campainha soa e o próximo tributo aparece. É preciso dizer isso sobre Caesar: ele realmente faz o possível para que os tributos brilhem. Ele é amigável, tenta acalmar os mais nervosos, ri de piadas fracas e consegue transformar respostas ruins em memoráveis declarações pela maneira como reage.

Eu me sento como uma dama, da maneira que Effie me mostrou. Enquanto isso os distritos vão se seguindo: 2, 3, 4. Todos parecem estar tentando se ajustar a determinado papel. O garoto monstruoso do Distrito 2 é uma implacável máquina de matar. A garota com cara de raposa do Distrito 5 é astuta e evasiva. Avistei Cinna assim que chegou, mas nem a presença dele consegue me deixar relaxada. 8, 9, 10. O garoto deficiente do 10 é bastante quieto. As palmas de minhas mãos estão suando muito, mas o vestido cheio de joias não absorve o suor e elas deslizam se tento secá-las nele. 11.

Rue, que está trajando um vestido finíssimo arrematado com asas, parece esvoaçar até Caesar. Um silêncio paira na multidão diante da visão desse filete mágico em forma de tributo. Caesar é muito doce com ela, cumprimentando-a pela nota 7 que recebeu no treinamento, uma marca excelente para uma pessoa tão pequena. Quando pergunta qual será o ponto forte dela na arena, a garota não hesita em dizer:

– Sou muito difícil de pegar – responde ela, com uma voz trêmula. – E se eles conseguirem me pegar, não conseguirão me matar. Então, não fiquem achando que não tenho chance.

– Nem em um milhão de anos eu pensaria uma coisa dessa – diz Caesar, incentivando-a.

O garoto do Distrito 11, Thresh, tem a mesma pele escura de Rue, mas a semelhança para por aí. Ele é um dos gigantes, provavelmente 1,95m de altura e corpulento como um touro, mas notei que rejeitou os convites dos Tributos Carreiristas para que se juntasse a eles. Ao contrário, é solitário, não fala com ninguém, demonstra pouco interesse no treinamento. Mesmo assim conseguiu um 10, e não é muito difícil imaginar que ele tenha conseguido impressionar os Idealizadores dos Jogos. Ele ignora as tentativas de papo-furado de Caesar e responde com um sim ou com um não, ou simplesmente fica em silêncio.

Se ao menos eu tivesse o tamanho dele, poderia ignorar solenemente o fato de ser carrancuda e hostil e ainda me dar bem! Aposto que metade dos patrocinadores estão pelo menos considerando a possibilidade de bancá-lo. Se tivesse dinheiro, eu mesma apostaria nele.

E então chamam Katniss Everdeen e, como se fosse um sonho, descubro a mim mesma subindo ao palco central. Aperto a mão estendida de Caesar, e ele tem a fineza de não enxugar a dele imediatamente em seu terno.

– E então, Katniss, a Capital deve ser uma mudança e tanto em relação ao Distrito 12. O que mais te impressionou desde que chegou aqui? – pergunta Caesar.

O quê? O que foi que ele disse? É como se as palavras não fizessem sentido.

Minha boca ficou tão seca quanto serragem. Desesperada, encontro Cinna no meio da multidão e fixo os olhos nele. Imagino as palavras saindo da sua boca. "O que mais te impressionou desde que chegou aqui?" Vasculho minha mente em busca de alguma coisa que tenha me deixado feliz aqui. *Seja honesta*, penso comigo mesma. *Seja honesta.*

– O cozido de cordeiro – respondo.

Caesar ri, e vagamente percebo que uma parte do público se juntou a ele.

– O que vem com ameixas secas? – Caesar quer saber. Balanço a cabeça em concordância. – Ah, sou capaz de comer uma panela inteira daquilo. – Ele olha

de soslaio para o público, fazendo uma cara de horror, a mão sobre o estômago. – Não dá pra perceber, dá? – As pessoas dão gritos de incentivo e o aplaudem. É isso o que quis dizer sobre Caesar. Ele tenta ajudar.

– Agora, Katniss – começa ele, em tom confidencial –, quando você apareceu na cerimônia de abertura, meu coração quase parou. O que você achou daquela roupa?

Cinna ergue uma sobrancelha para mim. Seja honesta.

– Você quer dizer logo depois de eu superar o pavor de ser queimada viva?

Muitos risos. Inclusive da plateia.

– Exatamente. Comece por aí – diz Caesar.

Cinna, meu amigo, preciso contar a ele de qualquer maneira.

– Achei que Cinna foi brilhante e foi o traje mais maravilhoso que vi na minha vida, e não podia acreditar que era eu mesma que estava usando. Também não consigo acreditar que estou usando esse aqui. – Levanto um pouco a saia para mostrá-lo. – Olha só pra isso!

Enquanto o público suspira, vejo Cinna fazendo um diminuto movimento circular com o dedo. Mas sei o que ele está dizendo. *Dá uma voltinha.*

Giro uma vez e a reação é imediata.

– Ah, mais uma vez, por favor – diz Caesar, e, então, levanto os braços e dou um giro e depois outro, fazendo a saia voar e o vestido me engolir em chamas. O público não se contém de tanto entusiasmo. Quando paro, agarro o braço de Caesar.

– Não pare! – diz ele.

– Eu preciso! Estou ficando tonta! – Também estou rindo à toa, e acho que é a primeira vez na vida que isso acontece. Mas o nervosismo e os giros me desorientaram.

Caesar coloca um braço protetor sobre meu ombro.

– Não se preocupe, você está comigo. Não posso deixar você seguir os passos de seu mentor.

Todos vaiam quando as câmeras encontram Haymitch, que já está famoso por seu mergulho de cabeça no dia da colheita. Ele faz pouco caso da manifestação e aponta de volta para mim.

– Está tudo bem – diz Caesar, tranquilizando a plateia. – Ela está a salvo comigo. Então, e quanto à nota no treinamento? Onze. Você pode nos dar uma noção do que aconteceu lá?

Olho de relance para os Idealizadores dos Jogos na varanda e mordo o lábio.

– Hum... tudo o que sei é que foi a primeira vez que uma coisa como essa aconteceu.

As câmeras estão focadas nos Idealizadores dos Jogos, que estão rindo e balançando a cabeça em concordância.

– Você está acabando com a gente – diz Caesar, como se estivesse realmente sentindo alguma dor. – Detalhes! Detalhes!

Dirijo-me à varanda.

– Não tenho permissão para falar sobre isso, tenho?

O Idealizador que caiu sobre a tigela de ponche grita:

– Não tem, não!

– Obrigada – respondo. – Sinto muito. Minha boca é um túmulo.

– Vamos voltar então para o momento em que sua irmã foi chamada, durante a colheita – diz Caesar. Seu tom agora está mais calmo. – E você se apresentou. Pode nos contar algo a respeito dela?

Não. Não para nenhum de vocês, exceto Cinna, quem sabe. Acho que a tristeza que vejo no rosto dele não é só coisa da minha imaginação.

– O nome dela é Prim. Ela só tem doze anos. E eu a amo mais do que qualquer coisa no mundo.

Dava para ouvir um alfinete caindo no chão do Círculo da Cidade nesse instante.

– O que foi que ela disse a você depois da colheita? – pergunta Caesar.

Seja honesta. Seja honesta. Engulo em seco.

– Ela me pediu para lutar pra valer e tentar realmente vencer. – O público está paralisado, concentrado em cada palavra que digo.

– E o que foi que você disse a ela? – interroga Caesar, com delicadeza.

Em vez de calor, sinto uma rigidez gélida tomar conta de meu corpo. Meus músculos ficam tensos, como antes de uma caçada. Quando começo a falar, minha voz soa uma oitava mais baixa:

– Eu jurei que venceria.

– Aposto que você disse isso – fala Caesar, me abraçando. A campainha soa. – Sinto muito, nosso tempo acabou. Muita sorte pra você, Katniss Everdeen, tributo do Distrito 12.

Os aplausos continuam muito tempo depois de eu me sentar. Olho para Cinna para saber se fui bem. Ele levanta levemente o polegar para mim.

Ainda estou um pouco tonta durante a primeira parte da entrevista de Peeta. Mas ele tem o público nas mãos desde o início. Dá para ouvir os risos, os gritos. Ele desempenha bem o papel do filho do padeiro, comparando os tributos aos pães de seus respectivos distritos. Então, conta uma piada engraçada sobre os perigos dos chuveiros da Capital.

– Diga-me, ainda tenho cheiro de rosa? – pergunta ele a Caesar, e então há um corre-corre onde um começa a cheirar o outro que arrebata o público. Estou voltando a mim quando Caesar pergunta se ele não tem uma namorada.

Peeta hesita, e então balança a cabeça de modo pouco convincente.

– Um rapaz bonito como você deve ter alguma garota especial. Vamos lá, Peeta, qual é o nome dela?

Peeta suspira.

– Bem, há uma garota. Sou apaixonado por ela desde sempre. Mas tenho certeza de que ela não sabia que eu existia até a colheita.

Sons de solidariedade ecoam da multidão. Amores não correspondidos com os quais eles se identificam.

– Ela tem namorado?

– Não sei, mas muitos garotos gostam dela.

– Então, olha só o que você vai fazer. Você vence e volta pra casa. Ela não vai poder te recusar nessas circunstâncias, vai? – diz Caesar, incentivando-o.

– Não sei se vai dar certo. Vencer... não vai ajudar nesse caso.

– E por que não? – quer saber Caesar, perplexo.

Peeta enrubesce e gagueja.

– Porque... porque... porque ela veio pra cá comigo.





PARTE II

“OS JOGOS”



Por um momento, as câmeras focalizam o olhar abatido de Peeta enquanto suas palavras são absorvidas. Então, consigo ver meu rosto – a boca entreaberta numa mistura de surpresa e protesto – ampliado em todas as telas enquanto me dou conta do que está acontecendo. *Eu! Ele está falando de mim!* Pressiono os lábios e observo o chão, na esperança de esconder as emoções que começam a se agitar dentro de mim.

– Ah, isso sim é falta de sorte – diz Caesar, e há realmente uma pontinha de dor em sua voz. A multidão está murmurando em concordância, algumas pessoas já até soltaram exclamações angustiadas.

– Não é uma coisa legal – concorda Peeta.

– Bem, acho que todos aqui entendem sua situação. Seria difícil não se apaixonar por aquela jovem – diz Caesar. – Ela não sabia?

Peeta balança a cabeça.

– Não até agora.

Permito que meus olhos se fixem na tela de televisão por tempo suficiente para ver que o rubor em meu rosto é indisfarçável.

– Vocês não iam adorar se ela voltasse aqui e desse uma resposta? – pergunta Caesar ao público. A multidão berra em concordância. – Lamentamos muito, mas regras são regras, e Katniss Everdeen já esgotou seu tempo. Bem, toda a sorte pra você, Peeta Mellark, e acho que estou falando por toda Panem quando digo que nosso coração está com você.

O barulho da multidão é ensurdecedor. Peeta arrasou com todos nós definitivamente com sua declaração de amor a mim. Quando o público

finalmente se acalma, ele deixa escapar um soluçante "Obrigado" e volta para seu assento. Nós nos levantamos para o hino. Tenho de erguer minha cabeça por conta do respeito patriótico e não consigo deixar de reparar que todas as telas estão agora dominadas por uma imagem minha e de Peeta, separados por alguns metros que, na cabeça dos telespectadores, jamais poderão ser reduzidos. Que tragédia a nossa.

Mas sei que não é bem assim.

Depois do hino, os tributos voltam enfileirados para o saguão do Centro de Treinamento e entram nos elevadores. Faço questão de entrar num que não esteja com Peeta. A multidão obriga nosso séquito de estilistas, mentores e acompanhantes a andar devagar, de modo que só os tributos acabam entrando nos elevadores. Ninguém fala uma palavra. Meu elevador para para depositar quatro tributos antes que eu consiga ficar sozinha e então vejo que as portas se abrem no décimo segundo andar. Peeta mal saiu de seu elevador e bato a palma da mão com força em seu peito. Ele perde o equilíbrio e se choca com uma urna horrível cheia de flores falsas. A urna se parte em centenas de pedacinhos. Peeta cai sobre os cacos e imediatamente começa a sair sangue de suas mãos.

– Pra que isso? – pergunta ele, estupefato.

– Você não tinha o direito! Não tinha o direito de sair dizendo aquelas coisas sobre mim! – grito com ele.

Agora os elevadores se abrem e toda a equipe está lá, Effie, Haymitch, Cinna e Portia.

– O que está acontecendo? – pergunta Effie, um tom de histeria na voz. – Você caiu?

– Depois que ela me empurrou – diz Peeta, enquanto Effie e Cinna o ajudam a se levantar.

Haymitch se volta para mim.

– Empurrou ele?

– Isso foi ideia sua, não foi? Fazer com que eu parecesse uma idiota na frente do país inteiro!

– Foi ideia minha – diz Peeta, estremecendo ao retirar alguns cacos de suas mãos. – Haymitch só me ajudou.

– Sei, Haymitch é muito prestativo. Pra você!

– Você *é* uma idiota mesmo – diz Haymitch, enojado. – Você acha que ele feriu a sua imagem? Aquele garoto deu a você uma coisa que você jamais conseguiria por conta própria.

– Ele me fez parecer fraca!

– Ele fez você parecer desejável! E vamos encarar os fatos, qualquer ajuda nesse departamento é bem-vinda pra você. Até ele dizer que te queria, você era tão apaixonante quanto um monte de sujeira. Agora todos te querem. Vocês dois estão monopolizando todas as conversas. Os dois amantes desafortunados do Distrito 12! – diz Haymitch.

– Mas nós não somos amantes desafortunados! – retruco.

Haymitch segura meus ombros e me encosta contra a parede.

– Quem se importa? Isso aqui é um grande espetáculo. O que importa é como você é percebida. O máximo que eu poderia dizer sobre você depois de sua entrevista é que você era uma pessoa legal, embora isso já fosse um pequeno milagre por si só. Agora posso dizer que você destrói corações. Ah, como os garotos lá do seu distrito caem aos seus pés. Qual vocês acham que vai receber mais patrocinadores?

O cheiro de vinho no hálito dele me deixa enjoada. Retiro suas mãos de meus ombros e me afasto, tentando clarear a mente.

Cinna se aproxima e me abraça.

– Ele está certo, Katniss.

Não sei o que pensar.

– Alguém devia ter me dito, para que eu não ficasse com aquela cara de idiota.

– Não, sua reação foi perfeita. Se você soubesse, não teria parecido tão real – diz Portia.

– Ela só está preocupada com o namorado dela – diz Peeta, rispidamente, jogando longe um fragmento da urna cheio de sangue.

Minhas bochechas queimam novamente ao pensar em Gale.

– Eu não tenho namorado.

– Não importa – diz Peeta. – Mas aposto que ele é suficientemente esperto para identificar um blefe. Além do mais, *você* não disse que *me* amava. Então, qual é o problema?

Absorvo as palavras. Minha raiva está desaparecendo. Agora estou dividida entre achar que fui usada e achar que adquiri uma vantagem. Haymitch está certo. Sobrevivi à entrevista, mas o que fui de fato? Uma garota boba rodopiando num vestido cintilante. Rindo à toa. O único momento de alguma substância foi quando falei sobre Prim. Faça uma comparação com Thresh, com seu poder silencioso e mortífero, e me torno esquecível. Tola, cintilante e esquecível. Não, não totalmente esquecível. Tenho minha nota onze no treinamento.

Mas agora Peeta fez de mim um objeto de amor. Não apenas dele. De acordo com suas palavras, devo ter muitos admiradores. E se o público realmente pensa que nós estamos apaixonados... eu me lembro de como eles responderam com fervor à confissão dele. Amantes desafortunados. Haymitch está certo, as pessoas consomem esse tipo de coisa na Capital. Subitamente, fico preocupada de não ter reagido de maneira apropriada.

– Depois que ele disse que me amava vocês acharam que eu também pudesse estar apaixonada por ele? – pergunto.

– Eu achei – diz Portia. – Pela maneira como você evitou olhar para as câmeras, o rubor.

Os outros interrompem, concordando.

– Você está coberta de ouro, queridinha. Vai ter uma fila de patrocinadores dobrando a esquina pra te bancar – diz Haymitch.

Estou constrangida com a minha reação. Eu me forço a pedir desculpas a Peeta.

– Sinto muito pelo empurrão.

– Não tem importância – diz ele, dando de ombros –, embora seja tecnicamente ilegal.

– Suas mãos estão bem?

– Vão ficar – diz ele.

No silêncio que se segue, deliciosos aromas do nosso jantar penetram o ambiente.

– Vamos comer – convida Haymitch. Nós todos o seguimos até a mesa e nos sentamos em nossos lugares. Mas Peeta está sangrando bastante e Portia o leva até a enfermaria. Começamos a comer a sopa cremosa de pétalas de rosa

sem eles. Já finalizamos a refeição quando os dois retornam. As mãos de Peeta estão enroladas em bandagens. Não consigo evitar a sensação de culpa. Amanhã estaremos na arena. Ele me fez um favor e respondi com uma agressão. Será que minhas dívidas com ele jamais terminarão?

Depois do jantar, assistimos à reprise na sala de estar. Pareço frívola e superficial, girando e rodopiando em meu vestido, embora os outros me assegurem de que estou encantadora. Peeta está verdadeiramente charmoso e parece um campeão no papel do garoto apaixonado. E lá estou eu, ruborizada e confusa, tornada bela pelas mãos de Cinna, desejável pela confissão de Peeta, trágica pelas circunstâncias e, para todos os efeitos, inesquecível.

Quando o hino termina e a tela fica escura, o silêncio toma conta da sala. Amanhã, bem cedo, seremos despertados e preparados para a arena. Os Jogos verdadeiros só começam às dez horas porque muitos residentes da Capital acordam tarde. Mas Peeta e eu devemos começar cedo. Não há como dizer o quão longe viajaremos até a arena que foi preparada para os Jogos desse ano.

Sei que Haymitch e Effie não vão nos acompanhar. Assim que saírem daqui, irão para o quartel-general dos Jogos para organizar, assim espero, uma fila frenética de patrocinadores, e também montar uma estratégia sobre como e quando entregar nossas dádivas. Cinna e Portia viajarão conosco até o ponto de onde nós seremos transportados para a arena. Portanto, as últimas despedidas terão de ser feitas aqui.

Effie segura nossas mãos e, com lágrimas sinceras nos olhos, nos deseja boa sorte. Agradece por sermos os melhores tributos que ela jamais teve o privilégio de patrocinar. E, então, por ser Effie e porque aparentemente é obrigada por lei a dizer algo terrível, ela acrescenta:

– Eu não ficaria nem um pouco surpresa se fosse promovida a um distrito decente ano que vem!

Depois disso, ela nos beija no rosto e sai às pressas, afobada com a despedida emocional ou com a possível melhoria de sua sorte.

Haymitch cruza os braços e olha para nós dois.

– Algum último conselho? – pergunta Peeta.

– Quando o gongo soar, deem o fora. Nenhum dos dois está preparado para o banho de sangue na Cornucópia. Simplesmente sumam de lá, distanciem-se

o máximo que puderem um do outro e dos demais tributos, e achem uma fonte de água – diz ele. – Entenderam?

– E depois disso? – pergunto.

– Mantenham-se vivos – diz Haymitch. É o mesmo conselho que nos deu no trem, mas ele não está bêbado e rindo dessa vez. Apenas balançamos nossas cabeças, concordando. O que mais há para ser dito?

Vou para o meu quarto, enquanto Peeta continua lá para falar com Portia. Fico contente. Quaisquer que sejam as estranhas palavras de despedida que devemos trocar, podem muito bem esperar até amanhã. Minha cama está feita, mas não há nenhum sinal da Avox ruiva. Gostaria de saber o nome dela. Eu devia ter perguntado. Talvez ela pudesse escrever. Ou fazer uma mímica. Mas talvez isso apenas resultasse em castigo para ela.

Tomo um banho e removo a tinta dourada, a maquiagem e o cheiro de produtos de beleza do meu corpo. Tudo o que resta dos esforços da equipe de moda são as chamas nas unhas. Decido mantê-las como uma lembrança para o público de quem eu sou, Katniss, a garota em chamas. Talvez isso me dê algo a que me agarrar nos dias que vêm pela frente.

Visto um pijama grosso de flanela e pulo na cama. Levo mais ou menos cinco segundos para perceber que nunca vou conseguir dormir. E preciso desesperadamente dormir porque na arena cada momento que eu ceder à fadiga será um convite à morte.

Não é nada bom. Uma hora, duas, três horas se passam e minhas pálpebras se recusam a se fechar. Não consigo parar de imaginar em que tipo de terreno exatamente serei jogada. Deserto? Pântano? Uma terra desolada e gélida? Acima de tudo, espero que haja árvores, o que talvez me dê uma chance de me esconder, além de comida e abrigo. Frequentemente há árvores, porque paisagens áridas são chatas e os Jogos se decidem muito rapidamente sem elas. Mas como será o clima? Que armadilhas os Idealizadores dos Jogos esconderam para animar os momentos mais lentos? Isso sem contar os outros tributos...

Quanto mais ansiosa fico para dormir, mais o sono me evita. Por fim, minha inquietude é tão grande que nem consigo mais ficar deitada. Ando de um lado para o outro, o coração batendo a mil por hora, a respiração acelerada. Meu quarto parece uma cela de prisão. Se eu não puder respirar um pouco de

ar fresco vou começar a jogar tudo de novo nas paredes. Disparo pelo corredor até a porta no telhado. Ela não apenas está destrancada como também escancarada. Talvez alguém tenha esquecido de fechá-la, mas pouco importa. O campo de força que cerca o telhado impede qualquer forma desesperada de fuga. E não quero fugir, apenas encher os pulmões de ar. Quero ver o céu e a lua na última noite que disponho antes de começar a ser caçada.

O telhado não fica iluminado à noite, mas assim que meus pés descalços alcançam a superfície de telhas vejo a silhueta escura dele em contraste com as luzes que brilham eternamente na Capital. Há uma agitação nas ruas, música, cantorias e buzinas de carros, sons que eu jamais teria a oportunidade de ouvir através das espessas janelas de vidro de meu quarto. Eu poderia sair agora, sem que ele reparasse na minha presença. Ele não me ouviria em meio ao barulho. Mas o ar da noite está tão gostoso que não consigo suportar a ideia de voltar para aquela jaula abafada que chamam de quarto. E que diferença faz nos falarmos ou não?

Meus pés se movem silenciosamente por cima das telhas. Estou a apenas um metro dele.

– Você devia estar dormindo um pouco.

Peeta começa a dizer alguma coisa, mas não se vira. Posso vê-lo balançar levemente a cabeça.

– Não quis perder a festa. Afinal, é em nossa homenagem.

Eu me aproximo dele e me inclino sobre o parapeito. As ruas largas estão cheias de pessoas dançando. Aperto os olhos para distinguir melhor os detalhes das figuras pequeninas.

– Eles estão fantasiados?

– Quem poderia dizer? – responde Peeta. – Com essas roupas loucas que eles usam aqui! Também não conseguiu dormir?

– Não consegui desligar minha mente.

– Pensando na família?

– Não – admito, cheia de culpa. – Tudo o que consigo fazer é imaginar como vai ser amanhã. O que não faz sentido, é claro. – Com a luz que vem de baixo consigo ver o rosto dele, e a maneira esquisita com a qual segura as mãos enfaixadas. – Sinto muito mesmo pelas suas mãos.

– Não tem problema, Katniss. Nunca tive ilusão de disputar nada nesses Jogos mesmo.

– Você não deveria pensar dessa forma.

– Por que não? É verdade. O máximo que eu posso sonhar é em não sujar meu nome e... – Ele hesita.

– E o quê?

– Não sei bem como dizer isso. É que... quero morrer como eu mesmo. Isso faz algum sentido? – pergunta Peeta. Balanço a cabeça. Como ele poderia morrer a não ser como ele mesmo? – Não quero que eles mudem meu jeito de ser na arena. Não quero ser transformado em algum tipo de monstro que sei que não sou.

Mordo o lábio, sentindo-me inferior. Enquanto eu estava ruminando acerca da disponibilidade de árvores, Peeta estava lutando para saber como faria para manter a identidade. Seu eu puro.

– Você está querendo dizer que não vai matar ninguém?

– Não, quando surgir a oportunidade, tenho certeza de que vou matar como qualquer outro tributo. Não posso cair sem lutar. Só fico desejando que haja alguma maneira de... de mostrar à Capital que eles não mandam em mim. Que sou mais do que somente uma peça nos Jogos deles.

– Mas você não é. Nenhum de nós é. É assim que os Jogos funcionam.

– Tudo bem, mas, mesmo dentro dessa estrutura, ainda existo eu, ainda existe você. Dá pra entender?

– Um pouco. Só que... sem querer ofender, mas quem se importa com isso, Peeta?

– Eu me importo. O que quero dizer é o seguinte: com o que mais posso me importar nesse estágio? – pergunta, com raiva. Ele fixou os olhos azuis nos meus, exigindo uma resposta.

Dou um passo para trás.

– Você pode se importar com o que Haymitch disse. Sobre se manter vivo.

Peeta sorri para mim, triste e zombeteiro.

– Tudo bem. Valeu pela dica, queridinha.

É como se fosse um tapa na cara ele usar o termo condescendente de Haymitch.

– Olha aqui, se você quer passar as últimas horas da sua vida planejando uma morte nobre na arena, a escolha é sua. Eu quero passar as minhas no Distrito 12.

– Eu não ficaria surpreso se você conseguisse. Mande lembranças à minha mãe quando voltar, certo?

– Pode contar com isso – respondo. Então me viro e saio do telhado.

Passo o resto da noite adormecendo e acordando, imaginando as colocações curtas e grossas que farei a Peeta Mellark na manhã seguinte. Peeta Mellark. Veremos o quão moralmente superior ele vai ser quando estiver cara a cara com a morte. Ele provavelmente se tornará um daqueles tributos brutais, do tipo que tenta comer o coração de alguém que acabou de matar. Havia um garoto assim alguns anos atrás. Ele era do Distrito 6 e se chamava Titus. Ficou completamente selvagem, e os Idealizadores dos Jogos tinham de atordoá-lo com armas elétricas para recolher os corpos dos jogadores que ele havia matado, antes que pudesse comê-los. Não há regras na arena, mas canibalismo não cai bem junto ao público da Capital, de modo que a prática precisou ser barrada. Houve especulação de que a avalanche que por fim matou Titus teria sido especificamente arquitetada para garantir que o vencedor não fosse um lunático.

Não vejo Peeta de manhã. Cinna aparece antes do dia amanhecer, me entrega uma simples muda de roupas e me conduz até o telhado. Os últimos preparativos, incluindo a arrumação da minha roupa, serão feitos nas catacumbas que ficam abaixo da própria arena. Um aerodeslizador aparece do nada, assim como aquele da floresta no dia em que vi a garota Avox sendo capturada, e uma escada desliza para baixo. Coloco minhas mãos e pés nos degraus inferiores e instantaneamente parece que fui congelada. Algum tipo de corrente me mantém grudada à escada enquanto sou erguida em segurança para dentro do veículo.

Fico na expectativa de me soltar da escada, mas ainda estou grudada quando uma mulher com um casaco branco se aproxima carregando uma seringa.

– Isso aqui é seu rastreador, Katniss. Fique parada para que eu possa injetá-lo de forma eficiente – diz ela.

Parada? Sou uma estátua. Mas isso não me impede de sentir uma picada dolorosa quando a agulha insere o dispositivo metálico em meu antebraço. Agora os Idealizadores dos Jogos sempre poderão rastrear minha posição na arena. Eles não ficariam felizes em perder algum tributo, não é mesmo?

Assim que o rastreador está no lugar, a escada me libera. A mulher desaparece e Cinna é recolhido do telhado. Um garoto Avox surge e nos dirige a uma sala onde o café da manhã está sendo servido. Apesar da tensão no estômago, como o máximo que consigo, embora nenhum item da apetitosa refeição me impressione muito. Estou tão nervosa que comeria até carvão. A única coisa que me distrai é a vista da janela, enquanto voamos por cima da cidade em direção à natureza selvagem. Essa é a visão dos pássaros. Só que eles estão livres e seguros. Exatamente o oposto de mim.

A viagem dura mais ou menos meia hora. Então as janelas escurecem, indicando que estamos nos aproximando da arena. O aerodeslizador aterrissa e Cinna e eu voltamos para a escada, só que dessa vez ela nos conduz a um tubo subterrâneo que nos leva às catacumbas que ficam abaixo da arena. Seguimos instruções até meu destino, uma câmara onde serão feitos meus últimos preparativos. Na Capital, eles chamam o lugar de Sala de Lançamento. Nos distritos, se referem a ela como o Curral. O local onde os animais são mantidos antes de serem abatidos.

Tudo é novinho em folha, serei o primeiro tributo a usar essa Sala de Lançamento. As arenas são sítios históricos, preservados após os Jogos. Destinos populares para os visitantes da Capital em férias. Passar um mês, rever os Jogos, passear pelas catacumbas, visitar os locais onde as mortes ocorreram. Você pode até participar das remontagens.

Dizem que a comida é excelente.

Luto para manter o café da manhã no estômago enquanto tomo banho e escovo os dentes. Cinna faz meu cabelo com minha marca registrada: a trança única caindo sobre as costas. Então chegam as roupas, a mesma para todos os tributos. Cinna não escolheu meu traje – sequer sabe o que encontrará no pacote –, mas me ajuda a vestir a roupa de baixo, a calça parda de corte simples, a blusa verde, o cinto marrom robusto e a jaqueta preta com capuz que chega até minhas coxas.

– O material da jaqueta é projetado para reter o calor do corpo. Pode esperar noites frias – diz ele.

As botas, que visto sobre meias apertadas, são melhores do que eu poderia imaginar. Couro macio, não muito diferentes das que tenho em casa. Mas as daqui têm solas de borracha flexíveis e proteções laterais. Boas para correr.

Quando penso que a coisa acabou, Cinna puxa do bolso o broche dourado com o pássaro. Tinha me esquecido completamente dele.

– Onde você conseguiu isso? – pergunto.

– No traje verde que você usou no trem – diz ele. Agora me lembro do momento em que o tirei do vestido de minha mãe e o prendi à camisa. – É o símbolo do seu distrito, não é? – Eu assinto e ele o prende em minha camisa. – Por pouco ele não passa na vistoria. Algumas pessoas acharam que o broche poderia ser usado como arma, dando a você uma vantagem que seria injusta. Mas, por fim, eles deixaram passar – diz Cinna. – Mas eliminaram um anel daquela garota do Distrito 1. Quando eles giraram a pedra preciosa, um esporão apareceu. Venenoso. Ela jurou que não sabia que o anel se transformava dessa maneira e não havia como provar o contrário. Mas ela perdeu o símbolo. Pronto, você está toda equipada. Mexa-se um pouco para ter certeza de que está confortável.

Ando, corro em círculo, balanço os braços para cima e para baixo.

– Tudo ótimo. O tamanho está perfeito.

– Então não há mais nada a fazer a não ser esperar a convocação – diz Cinna. – A menos que você consiga comer um pouco mais. Consegue?

Recuso a comida, mas aceito um copo d'água, que bebo aos pouquinhos enquanto espero no sofá. Não quero roer as unhas ou morder os lábios, então acabo mastigando a parte interna da bochecha que ainda não sarou completamente das investidas de alguns dias atrás. Logo o sabor de sangue toma conta da minha boca.

O nervosismo se transforma em terror à medida que começo a pensar nas coisas que estão por vir. Posso estar morta, completamente morta, daqui a uma hora. Talvez em menos tempo. Meus dedos percorrem obsessivamente o pequeno calombo duro em meu antebraço, no local onde a mulher injetou o

dispositivo rastreador. Eu o pressiono, apesar da dor, eu o pressiono com tanta força que um pequeno hematoma começa a se formar.

– Você quer conversar, Katniss? – pergunta Cinna.

Balanço a cabeça em negativa, mas depois de um instante estendo a mão para ele. Cinna a envolve com suas duas mãos. E é assim que ficamos sentados, até que uma agradável voz feminina anuncia que está na hora de eu me preparar para o lançamento.

Ainda apertando uma das mãos de Cinna, caminho em direção ao círculo de metal.

– Lembre-se do que Haymitch disse. Corra e encontre água. O resto será consequência – diz ele. Balanço a cabeça em concordância. – E lembre-se disso: não posso apostar, mas se pudesse, minhas fichas iriam todas para você.

– Verdade? – sussurro.

– Verdade – diz Cinna. Ele se inclina e dá um beijo em minha testa. – Boa sorte, garota em chamas. – E então um cilindro de vidro começa a abaixar em torno de mim, interrompendo nosso aperto de mão, nos separando. Ele bate com os dedos na parte de baixo do próprio queixo. Cabeça erguida.

Ergo o queixo e fico o mais aprumada possível. O cilindro começa a subir. Por uns quinze segundos, fico em total escuridão. Em seguida, sinto o círculo de metal me empurrando para fora do cilindro, em direção ao ar livre. Por um instante, meus olhos ficam ofuscados pela intensa luz do sol e a única coisa que consigo sentir é um vento forte com o promissor aroma de pinheiro.

Então, ouço a voz do lendário locutor, Claudius Templesmith, retumbar ao meu redor:

– Senhoras e senhores, está aberta a septuagésima quarta edição dos Jogos Vorazes!



Sessenta segundos. Esse é o tempo que nos mandam permanecer em nossos círculos de metal até que o som de um gongo nos libere. Pise fora do círculo antes de o minuto se encerrar e minas terrestres levarão suas pernas pelos ares. Sessenta segundos para ingressar no ringue de tributos, todos equidistantes da Cornucópia, um chifre dourado gigante no formato de um cone com uma cauda curvada, cuja boca tem pelo menos seis metros de altura e está recheada das coisas que nos manterão vivos nessa arena. Comida, contêineres de água, armas, remédios, equipamentos, fósforos. Espalhados ao redor da Cornucópia encontram-se outros suprimentos, o valor dos quais decresce quanto mais distantes do chifre eles estão. Por exemplo, a apenas alguns passos de meus pés está um pedaço de plástico de um metro quadrado. Certamente ele poderia ser de algum uso num temporal. Mas, lá na boca, estou vendo uma mochila com uma barraca que me protegeria de quase qualquer tipo de intempérie – se eu tivesse coragem de chegar lá e lutar por ela com os outros vinte e três tributos, o que fui instruída a não fazer.

Estamos em um terreno aberto e plano. Uma planície de terra batida. Às costas dos tributos que estão na minha frente não consigo enxergar nada, indicando que ali deve haver um declive bem íngreme ou um penhasco. À minha direita fica um lago. À minha esquerda e atrás de mim, esparsos pinheiros. É para lá que Haymitch mandaria que eu fosse. Imediatamente.

Ouço suas instruções em minha cabeça: "*Simplesmente sumam de lá, distanciem-se o máximo que puderem um do outro e dos demais tributos e achem*

uma fonte de água."

Mas é tentador, muito tentador, quando vejo o butim que está lá esperando por mim. E sei que se não pegá-lo, outra pessoa o fará. Sei também que os Tributos Carreiristas que sobreviverem ao banho de sangue dividirão entre eles a maior parte do que restar daquilo. Alguma coisa me chama a atenção. Lá, sobre um monte de cobertores, está uma aljava prateada cheia de flechas e um arco, já preparado, somente esperando para ser usado. *É meu*, penso. *Aquilo foi feito para mim.*

Sou veloz. Consigo correr mais rápido do que todas as garotas da escola, embora algumas delas possam me vencer em corridas de longa distância. Mas essa distância de quarenta metros está perfeita para mim. Sei que consigo, que posso chegar lá antes de todos, mas a questão é o quão rapidamente posso fazê-lo. Quando eu tiver escalado as mochilas e agarrado as armas, outros já terão chegado ao chifre. Talvez eu consiga abater um ou outro, mas digamos que seja uma dúzia deles. Daquela distância, poderiam me derrubar com lanças e com porretes. Ou com os próprios punhos poderosos.

Mas ainda assim não serei o único alvo. Aposto que vários outros tributos deixariam passar uma garota menor – mesmo que ela tenha tirado nota onze no treinamento – para se concentrar em abater os adversários mais difíceis.

Haymitch nunca me viu correndo. Se tivesse visto, talvez ele me mandasse ir. Apanhar a arma. Já que essa é exatamente a arma que pode significar minha salvação. E só consigo ver um arco naquela pilha toda. Sei que o minuto já deve estar se esgotando e terei de decidir qual será minha estratégia. Então, posiciono meus pés para correr, não na direção da floresta próxima, mas na direção da pilha, na direção do arco. Subitamente, reparo a presença de Peeta, que está mais ou menos cinco tributos à minha direita, uma distância razoável. Mas, ainda assim, posso ver que está olhando para mim e imagino que talvez esteja balançando a cabeça. Mas o sol está em meus olhos, e, enquanto tento entender, o gongo soa.

E eu perdi! Perdi a chance! Pois esses poucos segundos extras que deixei passar por não estar pronta são suficientes para mudar minha cabeça a respeito de ir. Meus pés dançam por um momento, confusos sobre a direção que meu cérebro quer tomar, e então dou um salto à frente, pego a folha de plástico e

um pedaço de pão. O que apanho é tão pouco e estou com tanta raiva de Peeta por ter me distraído que dou uma corrida de vinte metros para coletar uma mochila alaranjada para guardar as coisas, porque não aguento ir embora dali praticamente de mãos vazias.

Um garoto, acho que do Distrito 9, alcança a mochila ao mesmo tempo que eu, e por um curto instante nós nos digladiamos pelo objeto até ele começar a tossir, respingando sangue em meu rosto. Dou um passo para trás, enojada pelo jato quente e pegajoso. Então, o garoto desliza para o chão. Só então vejo a faca em suas costas. Outros tributos já alcançaram a Cornucópia e estão se espalhando para atacar. Sim, a garota do Distrito 2, dez metros adiante, está correndo em minha direção, uma das mãos agarrando meia dúzia de facas. Eu a vi arremessando durante o treinamento. Ela nunca erra. E sou seu próximo alvo.

Todo o medo genérico que eu estava sentindo se condensa em um medo imediato dessa garota, essa predadora que pode me matar em questão de segundos. A adrenalina toma conta de mim, jogo a mochila por cima de um ombro e corro a toda a velocidade em direção à floresta. Posso ouvir a lâmina assoviando às minhas costas e, por puro reflexo, levanto a mochila para proteger minha cabeça. A lâmina se aloja na mochila. Agora, com as duas alças nos ombros, dirijo-me para as árvores. De alguma maneira, sei que a garota não vai me perseguir. Sei que ela vai voltar para a Cornucópia antes que todas as coisas boas tenham sumido. Um sorrisinho cruza meu rosto. *Obrigada pela faca*, penso.

No limite da floresta, viro-me por um instante para inspecionar o campo. Cerca de doze tributos estão no chifre, atacando uns aos outros com selvageria. Vários já estão mortos no chão. Aqueles que fugiram estão desaparecendo nas árvores ou no vazio à minha frente. Continuo correndo até as árvores me esconderem dos outros tributos e então diminuo a velocidade para um ritmo mais estável, que imagino poder manter por um bom tempo. Durante as horas que se seguem, alterno entre a corrida e caminhada, colocando o máximo de distância que posso entre mim e meus competidores. Perdi meu pão durante a luta com o garoto do Distrito 9, mas consegui enfiar meu plástico na manga, de modo que, enquanto caminho, dobro-o com cuidado e o coloco no bolso.

Também libero a faca – é um ótimo exemplar com uma lâmina longa e afiada, serrilhada perto do cabo, que será bem útil para serrar alguma coisa – e a deslizo para o cinto. Ainda não ouso parar para examinar o conteúdo da mochila. Continuo andando, parando apenas para verificar se há algum perseguidor por perto.

Posso caminhar durante um bom tempo. Sei disso devido aos dias que já passei na floresta. Mas vou precisar de água. Essa foi a segunda instrução de Haymitch, e como praticamente arruinei a primeira, mantenho um olhar aguçado atrás de algum sinal de água. Não tenho sorte.

A floresta começa a crescer, e os pinheiros estão misturados a uma variedade de árvores, algumas reconheço, outras são inteiramente estranhas a mim. Em determinado momento, ouço um ruído e puxo a faca, pensando que talvez tenha de me defender, mas só assustei um coelho. "Bom te ver", sussurro. Se tem um coelho aqui, pode haver centenas só esperando para cair em alguma arapuca.

Surge um declive. Não me deixa particularmente feliz. Vales me fazem sentir em uma armadilha. Quero estar no alto, como nas colinas em volta do Distrito 12, de onde eu possa ver meus inimigos se aproximando. Mas não tenho alternativa além de seguir em frente.

É engraçado, mas não estou me sentindo muito mal. Todos esses dias me empanturrando valeram a pena. Estou com força suficiente mesmo tendo dormido pouco na noite passada. Estar na floresta é revigorante. Me sinto contente pela solidão, mesmo sendo uma ilusão, porque provavelmente estou aparecendo na televisão agora mesmo. Não o tempo todo, mas de vez em quando. Há tantas mortes a mostrar no primeiro dia que um tributo andando na floresta não tem lá muito apelo. Mas eles vão me mostrar o suficiente para que as pessoas saibam que estou viva, inteira e em movimento. A abertura é um dos dias em que as apostas são mais acirradas, quando as primeiras vítimas aparecem. Mas isso não pode ser comparado ao que acontece quando o campo começa a encolher e só restam alguns competidores.

Está anoitecendo quando começo a escutar os canhões. Cada tiro representa um tributo morto. O combate deve ter finalmente cessado na Cornucópia. Eles nunca recolhem os corpos do banho de sangue até que os matadores tenham se

dispersado. No dia de abertura, eles nem dão tiros de canhão até que o combate inicial tenha terminado porque é muito difícil acompanhar todas as fatalidades. Eu me permito uma pausa, arquejando, enquanto conto os tiros. Um... dois... três... e assim por diante até atingir onze. Onze mortos no total. Treze permanecem na competição. Minhas unhas raspam o sangue seco que o garoto do Distrito 9 tossiu em meu rosto. Ele se foi, com certeza. Penso em Peeta. Será que ele sobreviveu ao dia? Vou ficar sabendo em poucas horas. Quando projetarem as imagens dos mortos no céu para os que sobraram de nós poderem ver.

Subitamente, sou acometida pela perspectiva de que Peeta já pode ter morrido, ter virado um cadáver, sido recolhido e estar sendo transportado de volta à Capital para ser limpo, vestido e enviado em um caixão simples de madeira para o Distrito 12. Não está mais aqui. Está voltando para casa. Tento muito me lembrar se o vi logo depois que a ação começou. Mas a última imagem que consigo vislumbrar em minha mente é Peeta balançando a cabeça quando o gongo começou a soar.

Talvez seja melhor mesmo que já tenha morrido. Ele não tinha confiança de que pudesse vencer. E não vou acabar tendo de realizar a desagradável tarefa de matá-lo. Talvez seja melhor que ele já tenha caído fora.

Desabo ao lado da mochila, exausta. De uma forma ou de outra preciso examiná-la antes que anoiteça. Preciso ver quais coisas tenho à minha disposição. Assim que começo a soltar as alças, percebo que o material é resistente, embora a cor seja uma tristeza. Esse laranja vai praticamente brilhar no escuro. Ponho na cabeça que a primeira coisa a fazer amanhã é camuflá-la.

Puxo a aba. O que mais quero nesse momento é água. A orientação que Haymitch forneceu para encontrar água de imediato não foi arbitrária. Eu não vou durar muito sem isso. Por alguns dias serei capaz de funcionar com os desagradáveis sintomas da desidratação, mas depois disso minha situação se deteriorará até eu ficar completamente inútil, e, no máximo em uma semana, estarei morta. Ponto. Espalho cuidadosamente as provisões. Um saco de dormir fino e preto que retém o calor do corpo. Um pacote de biscoitos. Um pacote de tirinhas de carne seca. Uma garrafa de iodo. Uma caixa de fósforos. Um

pequeno rolo de arame. Um par de óculos escuros. E uma garrafa de plástico de um litro com tampa para carregar água, mas absolutamente seca.

Nenhuma água. Por que não encheram logo a garrafa? Tomo consciência da secura em minha garganta e boca, as rachaduras em meus lábios. Estive em movimento o dia inteiro. Estava quente e suei bastante. Estou acostumada a fazer o mesmo na floresta perto de casa, mas sempre tem algum córrego, ou neve que posso derreter, que dá conta da situação.

Enquanto recoloco as coisas na mochila um pensamento horrível cruza a minha mente. O lago. Aquele que vi enquanto esperava o gongo soar. E se essa for a única fonte de água na arena? Assim eles nos obrigariam a lutar. O lago fica a um dia inteiro de viagem de onde estou agora, uma jornada muito mais difícil sem nada para beber. E mesmo que eu o alcançasse, com certeza ele estaria muito bem vigiado por algum Tributo Carreirista. Estou a ponto de entrar em pânico quando me lembro do coelho que assustei hoje cedo. Ele também precisa beber água. Só preciso descobrir onde.

O crepúsculo já se aproxima e vou ficando inquieta. As árvores são finas demais para garantir um esconderijo. A camada de agulhas de pinheiro que abafa meus passos também dificulta a procura por animais e preciso de seus rastros para encontrar água. E ainda por cima estou descendo cada vez mais na direção de um vale que parece interminável.

Também estou faminta, mas ainda não ouso atacar meu precioso estoque de biscoito e carne. Em vez disso, pego a faca e a uso em um pinheiro, arrancando as cascas externas e raspando uma boa quantidade das cascas internas, mais macias. Mastigo lentamente enquanto caminho. Após uma semana ingerindo a melhor comida do mundo, é um pouco difícil ser obrigada a engolir esse troço. Mas já comi muito pinheiro na minha vida. Vou me adaptar rápido.

É certo que terei que achar um local para acampar daqui a uma hora. As criaturas noturnas estão começando a aparecer. Posso ouvir de vez em quando um pio ou um uivo, o primeiro indício de que terei de competir com predadores naturais pelos coelhos. Quanto a mim mesma ser considerada uma fonte de alimento, ainda é cedo para dizer. Os mais diversos animais podem estar me espreitando nesse momento.

Mas, nesse exato instante, decido fazer de meus companheiros tributos uma prioridade. Tenho certeza de que muitos deles continuarão caçando noite adentro. Os que lutaram na Cornucópia terão comida, uma abundância de água do lago, lanternas e armas que estão doidos para começar a utilizar. Minha única esperança é ter viajado para bem longe e em tempo suficiente para estar fora do alcance deles.

Antes de me assentar, pego o arame e monto duas arapucas numa moita. Sei que é arriscado ficar montando armadilhas, mas a comida vai se esgotar rapidamente por aqui e não posso montar arapucas enquanto estiver me deslocando. Mesmo assim, caminho mais cinco minutos antes de acampar.

Escolho minha árvore com cuidado. Um salgueiro, não extraordinariamente alto, porém posicionado em meio a vários outros salgueiros, oferecendo um bom esconderijo em suas longas ramificações. Escalo a árvore, grudando-me aos galhos mais fortes que estão próximos do tronco, e encontro uma forquilha resistente o suficiente para fazer de cama. Leva algum tempo, mas arrumo o saco de dormir de uma maneira relativamente confortável. Coloco minha mochila aos pés do saco e em seguida deslizo para dentro. Como precaução, removo o cinto, faço com que se enrosque tanto em um galho quanto no saco de dormir e prendo-o novamente em minha cintura. Se eu rolar durante o sono não vou cair no chão. Sou suficientemente pequena para encaixar a extremidade de cima do saco em minha cabeça, mas também coloco o capuz. À medida que anoitece, o ar esfria rapidamente. Apesar do risco que assumi ao pegar a mochila, sei que tomei a decisão correta. Esse saco de dormir, irradiando e preservando o calor do meu corpo, será inestimável. Tenho certeza de que há outros tributos cuja preocupação principal nesse exato momento é arranjar um meio de se manter aquecido, ao passo que posso até me dar ao luxo de dormir algumas horas. Se ao menos eu não estivesse com tanta sede...

Já é noite quando ouço o hino que dá início à recapitulação dos mortos. Por entre os galhos, consigo ver a insígnia da Capital, que parece flutuar no céu. Na verdade estou vendo uma outra tela, uma enorme, que é transportada por um daqueles aerodeslizadores que somem de repente. O hino vai acabando e o céu escurece por um instante. Em casa, estaríamos assistindo à reportagem completa de todas as mortes, mas imagina-se que isso daria uma vantagem

injusta aos tributos que estão vivos. Por exemplo, se eu tivesse conseguido o arco e acertasse alguém, meu segredo seria revelado a todos. Mas aqui não: na arena, tudo o que vemos são as mesmas fotografias que eles mostraram quando transmitiram as notas de nosso treinamento. Fotos de rosto comuns. Mas agora, em vez de notas, eles colocam apenas os números dos distritos. Respiro bem fundo enquanto os rostos dos onze tributos mortos aparecem e faço a contagem com meus dedos.

A primeira a aparecer é a garota do Distrito 3. Isso significa que todos os Tributos Carreiristas do 1 e do 2 sobreviveram. Nenhuma surpresa nisso. Então, o garoto do 4 aparece. Esse eu não esperava, normalmente todos os Carreiristas sobrevivem ao primeiro dia. O garoto do Distrito 5... Pelo visto, a garota com cara de raposa conseguiu. Ambos os tributos do 6 e do 7. O garoto do 8. Os dois do 9. Sim, lá está o garoto que lutou comigo pela mochila. Conto os dedos, só falta um tributo morto. Será Peeta? Não, é a garota do Distrito 10. Fim. A insígnia da Capital retornou com uma fanfarra musical final. Então a escuridão e os sons da floresta retornam.

Estou aliviada por Peeta estar vivo. Penso mais uma vez que se eu for morta, a vitória dele beneficiará significativamente minha mãe e Prim. Isso é o que digo para mim mesma para explicar as emoções conflitantes que afloram quando penso em Peeta. A gratidão por ele ter me dado uma vantagem ao confessar seu amor por mim na entrevista. A raiva por seu ar de superioridade no telhado. O horror que me traz a possibilidade de termos de ficar frente a frente a qualquer momento nessa arena.

Onze mortos, mas nenhum do Distrito 12. Tento descobrir quem restou. Cinco Tributos Carreiristas. Cara de raposa. Thresh e Rue. Rue... quer dizer então que ela sobreviveu ao primeiro dia, afinal. Não consigo esconder minha felicidade. Com ela, somamos dez. Os outros três eu lembrarei amanhã. Agora que está escuro e estou bem cansada pela jornada e aninhada bem no alto dessa árvore, devo tentar descansar.

Não durmo de fato há dois dias, e também teve a longa viagem até a arena. Lentamente, permito que meus músculos relaxem; que meus olhos se fechem. A última coisa em que penso é que tenho sorte por não roncar...

Clique! O som de um galho se partindo me desperta. Por quanto tempo dormi? Quatro horas? Cinco? A ponta do meu nariz está gelada. *Clique! Clique!* O que está acontecendo? Isso não é o som de um galho sendo pisado, mas o estalo de algo se movendo em uma árvore. *Clique! Clique!* Calculo que o barulho venha de centenas de metros à minha direita. Lentamente, silenciosamente, viro-me naquela direção. Por alguns minutos, não há nada além do breu e algum arrastar de pé. Então vejo uma fagulha e uma pequena fogueira começa a ficar visível. Um par de mãos se aquece sobre as chamas, mas não consigo distinguir muito mais do que isso.

Preciso morder o lábio para não gritar todos os palavrões que conheço para o responsável pela fogueira. O que a pessoa está pensando? Uma fogueira acesa enquanto anoitecia é uma coisa. Os que lutaram na Cornucópia, com sua força superior e abundância de suprimentos, dificilmente estariam próximos o suficiente para avistar as chamas. Mas agora? Quando provavelmente estão vasculhando a floresta há horas em busca de vítimas? Seria melhor erguer logo uma bandeira e gritar: "Venham me pegar!"

E aqui estou eu, à distância de uma pedrada do maior idiota dos Jogos. Amarrada a uma árvore. Sem ousar fugir, pois minha localização acaba de ser revelada para todos os matadores interessados. Enfim, sei que aqui está frio e nem todo mundo possui um saco de dormir. Mas aí você cerra os dentes e aguenta até que amanheça!

Fico espumando de raiva no meu saco pelas horas seguintes, pensando que, se realmente conseguir sair daqui, não vou ter o menor problema em acabar com meu vizinho. Meu instinto me mandou fugir, não lutar. Mas, obviamente, essa pessoa é um risco. Gente estúpida é perigosa. E esse aqui, provavelmente, não tem arma nenhuma, enquanto eu possuo essa excelente faca.

O céu ainda está escuro, mas já posso sentir os primeiros sinais da manhã se aproximando. Estou começando a pensar que na verdade nós – estou me referindo a mim mesma e à pessoa cuja morte estou agora planejando – talvez nem tenhamos sido notados. Então o escuto. O som de vários pés em disparada. A pessoa que acendeu a fogueira deve ter cochilado. Alcançam ela antes que possa escapar. Agora sei que é uma garota. Pelas súplicas, pelos berros agonizantes que se seguem. Então, ouço uma gargalhada e congratulações de

várias vozes. Alguém dá um grito: “Doze abatidos e onze a caminho!”, que é recebido com aplausos e vivas.

Então estão lutando em bando. Não estou realmente surpresa. Alianças são frequentemente formadas nos primeiros estágios dos Jogos. Os mais fortes se juntam para caçar os fracos e, quando a tensão atinge proporções insuportáveis, começam a se voltar uns contra os outros. Não preciso me esforçar muito para saber quem fez essa aliança. Só podem ter sido os Tributos Carreiristas dos Distritos 1, 2 e 4. Dois garotos e três garotas. Os que almoçavam juntos.

Por um momento, eu os ouço verificando se a garota possuía suprimentos. Dá para ver pelos comentários que não encontraram nada de bom. Imagino se a vítima é Rue, mas rapidamente abandono o pensamento. Ela é inteligente demais para fazer uma fogueira dessa maneira.

– Melhor dar o fora, para que eles possam recolher o corpo antes que comece a apodrecer.

Estou quase certa de que esse é o brutamontes do Distrito 2. Há murmúrios de concordância e então, para meu horror, ouço o bando seguir em minha direção. Eles não sabem que estou aqui. Como poderiam? E estou bem escondida no meio das árvores. Pelo menos enquanto o sol não nasce. Quando isso acontecer meu saco de dormir preto vai deixar de ser uma camuflagem para se transformar em problema. Se eles continuarem andando, vão passar por mim e estarão distantes em questão de minutos.

Mas os Carreiristas param na clareira mais ou menos a dez metros da minha árvore. Eles têm lanternas, archotes. Consigo ver um braço aqui, uma bota acolá, por entre os galhos. Sou uma pedra, não ouso nem respirar. Será que me avistaram? Não, ainda não. Dá para saber pelas palavras deles que suas mentes estão em outro lugar.

– A gente já não devia ter ouvido um canhão?

– Eu diria que sim. Não tem por que eles não atirarem imediatamente.

– A menos que ela não esteja morta.

– Ela está morta. Eu mesmo acertei ela.

– Então cadê o canhão?

– Alguém devia voltar. Pra ter certeza de que o trabalho foi feito.

– É mesmo, ninguém aqui vai querer caçá-la de novo.

– Eu disse que ela está morta!

Uma discussão tem início e só acaba quando um tributo silencia os outros:

– Nós estamos perdendo tempo! Vou lá terminar o serviço e daí a gente segue caminho!

Quase caio da árvore. A voz pertence a Peeta.



Ainda bem que tomei a precaução de me prender ao cinto. Acabei rolando para o lado na forquilha e agora estou encarando o chão, segura pelo cinto, por uma das mãos e pelos meus pés esparramados dentro do saco de dormir, que está atado ao tronco. Deve ter havido algum barulho de folhas quando tombei para o lado, mas os Carreiristas estavam muito envolvidos em sua própria discussão para prestar atenção nisso.

– Vai lá então, Conquistador – diz o garoto do Distrito 2. – Veja você mesmo.

Só consigo vislumbrar Peeta – iluminado por um archote – voltando para onde estava a garota da fogueira. Seu rosto está inchado e cheio de hematomas. Há um curativo ensanguentado em um dos braços e, pelo som de seus passos, percebo que está mancando um pouco. Eu me lembro dele balançando a cabeça, me dizendo para não entrar na briga para pegar suprimentos. Mas na verdade ele próprio tinha planejado se lançar no olho do furacão. Exatamente o oposto do que Haymitch o orientara a fazer.

Tudo bem, vou dar uma aliviada. Ver todos aqueles suprimentos foi tentador. Mas isso aqui... isso aqui é bem diferente. Juntar-se ao bando de chacais dos Carreiristas para caçar o resto de nós... Ninguém do Distrito 12 jamais pensaria em fazer algo assim! Os tributos Carreiristas são perversos, arrogantes, mais bem-alimentados, mas apenas porque são os cachorrinhos de estimação da Capital. Universal e solidamente odiados por todos, exceto os residentes de seus próprios distritos. Posso imaginar as coisas que estão dizendo

sobre ele em nosso distrito nesse exato momento. E Peeta teve a cara de pau de falar comigo sobre "sujar o nome"?

Obviamente, o nobre garoto no telhado estava fazendo mais um de seus joguinhos comigo. Mas esse será o último. Vou vigiar ansiosamente os céus noturnos em busca de sinais de sua morte. Isso se eu mesma não o matar antes.

Os Carreiristas ficam em silêncio até terem certeza de que não podem mais ser ouvidos e então falam aos sussurros:

– Por que a gente não mata ele agora e acaba logo com isso?

– Vamos continuar com ele. Qual é o perigo? E ainda por cima, ele é bom com aquela faca.

É mesmo? Isso é novidade para mim. Quantas coisas interessantes estou aprendendo hoje sobre meu amigo Peeta.

– Além disso, ele representa nossa principal chance de encontrar a garota.

Levo um instante para perceber que a "garota" à qual eles estão se referindo sou eu.

– Por quê? Você acha que ela comprou aquela historinha romântica?

– Talvez sim. A coisa toda pareceu muito simplória pra mim. Sempre que penso nela rodopiando naquele vestido sinto vontade de vomitar.

– Gostaria de saber como foi que ela conseguiu aquela nota 11.

– Aposto que o Conquistador sabe.

O som de Peeta voltando os silencia.

– Ela estava morta? – pergunta o garoto do Distrito 2.

– Não. Mas agora está – diz Peeta. Só então ouvimos o tiro do canhão. – Vamos indo?

O bando de Carreiristas parte assim que surgem os primeiros raios da manhã e o canto dos pássaros preenche o ar. Permaneço em minha posição esquisita por mais algum tempo, os músculos tremendo, e então retorno ao meu galho. Preciso descer, seguir caminho, mas por um momento fico lá parada, digerindo o que acabei de ouvir. Não apenas Peeta está com os Carreiristas, como também os está auxiliando em minha caçada. A garota simplória que precisa ser levada a sério por causa de sua nota onze. A que sabe usar arco e flecha. E que Peeta conhece melhor do que ninguém.

Mas ele ainda não contou para eles. Será que está guardando essa informação porque sabe que isso é tudo o que o mantém vivo? Será que ele ainda está fingindo me amar para o público? O que estará acontecendo em sua cabeça?

De repente, os pássaros ficam em silêncio. Um deles emite um sinal agudo. Uma única nota. Como a que Gale e eu ouvimos quando a garota ruiva Avox foi capturada. Bem acima da fogueira moribunda, um aerodeslizador se materializa. Um conjunto de grandes dentes de metal é abaixado. Lentamente, delicadamente, a garota morta é erguida até o veículo. Então desaparece. Os pássaros voltam a cantar.

"Mexa-se", sussurro. Escorrego para fora de meu saco de dormir, enrolo-o e o coloco na mochila. Respiro fundo. Enquanto estive oculta pela escuridão, pelo saco de dormir e pelas folhas do salgueiro, deve ter sido difícil para as câmeras obterem uma boa tomada minha. Mas sei que devem estar me rastreando nesse exato instante. Assim que eu pisar no chão, com certeza elas me pegarão em close.

O público deve ter ficado enlouquecido, sabendo que eu estava nas árvores, que ouvi a conversa dos Carreiristas, que descobri que Peeta estava com eles. Até planejar exatamente como trabalhar tudo isso, é melhor eu me manter acima dos fatos. Sem me mostrar perplexa e, certamente, sem me mostrar confusa ou assustada.

Não, eu preciso estar sempre um passo à frente no jogo.

Então, quando deslizo pela folhagem em direção à luz da manhã, faço uma pequena pausa, dando tempo para que as câmeras me enquadrem. Em seguida, inclino levemente a cabeça para o lado e sorrio como quem conhece um segredo. Pronto! Vamos deixar eles descobrirem o que isso significa!

Estou a ponto de partir quando lembro das arapucas. Talvez seja imprudente verificá-las com os outros tributos tão próximos. Mas eu preciso. Muitos anos de caçadas, acho que esse é o motivo. E o atrativo da carne. Fui recompensada com um coelho. Em questão de segundos, limpo e eviscero o animal, deixando a cabeça, os pés, o rabo, a pele e os miúdos debaixo de uma pilha de folhas. Estou sonhando com uma fogueira – comer coelho cru pode transmitir tularemia, uma lição que aprendi da pior maneira –, quando penso

na garota que morreu. Corro de volta ao acampamento dela. Com toda certeza os carvões da fogueira ainda estão quentes. Corto o coelho, improviso um espeto com alguns gravetos e os coloco sobre os carvões.

Agora estou contente pela presença das câmeras. Quero que os patrocinadores vejam que sei caçar, que sou uma boa aposta porque não serei atraída a armadilhas tão facilmente quanto os outros que estão famintos. Enquanto o coelho está assando, trituro um pedaço de galho carbonizado e começo a camuflar minha mochila laranja. A raspa preta diminui um pouco a intensidade do laranja, mas acho que uma camada de lama ajudaria muito mais. É claro que, para haver lama, eu precisaria de água...

Pego meus equipamentos, agarro o espeto, chuto um pouco de terra sobre os carvões e parto na direção oposta à que foi tomada pelos Carreiristas. Como metade do coelho no caminho e envolvo o que resta em meu plástico para comer mais tarde. A carne interrompe os resmungos de meu estômago, mas faz pouco para saciar a minha sede. Água é minha prioridade máxima a partir de agora.

À medida que caminho, tenho certeza de que ainda estou sendo focalizada pelas câmeras da Capital, então tomo cuidado para esconder as emoções. Como Claudius Templesmith deve estar se divertindo com os comentaristas convidados, dissecando o comportamento de Peeta, minha reação. Como interpretar tudo isso? Será que Peeta revelou sua verdadeira índole? Como isso afeta as apostas? Perderemos patrocinadores? Será que temos *mesmo* patrocinadores? Sim, tenho certeza de que temos, ou pelo menos tínhamos.

Certamente Peeta desfigurou a dinâmica de nosso amor desafortunado. Ou será que não? Como ele não tem falado muito em mim, de repente ainda possamos explorar a coisa por mais algum tempo. Talvez as pessoas pensem que a coisa toda foi tramada por nós dois se eu começar a demonstrar que estou me divertindo com a situação.

O sol nasce no céu, e mesmo por entre a copa das árvores, parece brilhar intensamente. Passo um pouco da gordura do coelho nos lábios e tento não ficar ofegante, mas é inútil. Estamos apenas no primeiro dia e já estou desidratando com rapidez. Tento pensar em tudo que sei a respeito de como encontrar água. Ela desce pelas montanhas, então, na verdade, não é uma má

ideia continuar descendo esse vale. Se ao menos eu pudesse localizar o rastro de algum animal ou avistar alguma vegetação particularmente rica, talvez isso me ajudasse. Mas nada parece mudar. É sempre o mesmo declive gradual, os pássaros, as mesmas árvores.

À medida que o dia passa, sei que estou fadada a ter problemas. A pouca urina que consegui produzir está com a coloração escura, minha cabeça dói, e há um pedaço da minha língua com uma secura que não dimimui. O sol castiga meus olhos, de modo que pego os óculos escuros, mas, quando os coloco, alguma coisa engraçada acontece com a minha visão. Então, simplesmente jogo-os de volta na mochila.

Só consigo encontrar ajuda no fim da tarde. Avisto um aglomerado de arbustos de amoras e saio correndo para colher a fruta, para sugar o suco adocicado de sua polpa. Mas assim que encosto um punhado em meus lábios, olho fixamente para ele. O que eu imaginava que fosse uma amora possui um formato levemente diferente, e quando abro uma delas o interior é da cor de sangue. Não reconheço essas amoras – pode ser que sejam comestíveis –, mas para mim isso deve ser algum truque maligno dos Idealizadores dos Jogos. Até a instrutora de plantas do Centro de Treinamento fez questão de nos alertar para que evitássemos frutinhas, a menos que tivéssemos cem por cento de certeza de que elas não eram venenosas. Coisa que eu já sabia, mas estou com tanta sede que preciso me lembrar do aviso dela para ter coragem de jogar as frutas fora.

A fadiga está começando a tomar conta de mim, mas não é o cansaço habitual que se segue a uma longa caminhada. Preciso parar e descansar com uma certa frequência, embora saiba que a única cura para meus sofrimentos resida em continuar a busca. Tento uma nova tática: escalar a árvore mais alta que conseguir em meu estado de fraqueza para procurar algum sinal de água. Mas em todas as direções, só há a mesma extensão implacável de floresta.

Determinada a continuar até o cair da noite, ando até começar a tropeçar nos próprios pés.

Exausta, subo em uma árvore e me prendo com o cinto. Não tenho apetite, mas sugo um osso de coelho só para dar alguma função à boca. Cai a noite, o

hino toca, e, no alto do céu, vejo a foto da garota que, aparentemente, era do Distrito 8. A que Peeta voltou para terminar de matar.

O medo que sinto do bando dos Carreiristas nem se compara à sede que queima a minha garganta. Além disso, eles estavam seguindo na direção oposta e, a essa altura, também já devem estar sendo obrigados a parar para descansar. Com a escassez de água, talvez eles tenham até retornado ao lago para se reabastecer.

Talvez esse seja o único destino para mim também.

A manhã traz aflição. Minha cabeça lateja no ritmo do coração. Os mais simples movimentos proporcionam golpes dolorosos em minhas juntas. Em vez de pular, caio da árvore. Levo vários minutos para juntar todo o equipamento. Algo dentro de mim me diz que estou cometendo um erro. Eu deveria estar agindo com mais cautela, me movimentando com mais urgência. Mas minha mente parece enevoada, e fazer um planejamento é muito difícil. Eu me recosto no tronco da árvore, um dedo escrupulosamente inspecionando a superfície ressecada de minha língua, enquanto avalio minhas opções. Como vou obter água?

Retornar ao lago. Nada bom. Jamais conseguiria.

Esperar que chova. Não há nenhuma nuvem no céu.

Continuar procurando. Sim, essa é minha única chance. Então, outra ideia me passa pela cabeça, e o acesso de raiva que se segue me traz de volta ao mundo real.

Haymitch! Ele poderia me enviar água! Apertar o botão e mandar de paraquedas para mim em questão de segundos. Sei que devo ter patrocinadores, pelo menos um ou dois, que poderiam me mandar um litro do líquido. Sim, custa caro, mas essa gente é cheia de dinheiro. E eles também vão estar apostando em mim. Talvez Haymitch não esteja se dando conta do quanto estou precisando.

Digo com a voz mais alta que consigo:

– Água.

Espero, toda esperançosa, um paraquedas descer do céu. Mas nada aparece.

Tem alguma coisa errada. Será que estou delirando a respeito de possuir algum patrocinador? Ou será que o comportamento de Peeta fez com que

todos pensassem duas vezes? Não, não acredito nisso. Tem alguém lá fora que deseja comprar água para mim, só que Haymitch está se recusando a deixar que isso se realize. Como meu mentor, ele é o responsável pelo controle do fluxo de dádivas provenientes dos patrocinadores. Sei que ele me odeia. Ele deixou isso bem claro. Mas claro o suficiente a ponto de me deixar morrer? De sede? Ele não pode fazer uma coisa dessas, pode? Se um mentor tratar mal seus tributos, ele será responsabilizado pelos telespectadores, pela população do Distrito 12. Nem mesmo Haymitch se arriscaria a isso, não é mesmo? Diga o que quiser sobre meus companheiros de comércio no Prego, mas duvido muito que eles o recebessem de braços abertos se ele me deixasse morrer dessa forma. E aí onde é que ele ia conseguir a bebida dele? E... e então? Será que ele está tentando me fazer sofrer porque o desafiei? Será que está direcionando todos os patrocinadores para Peeta? Será que está simplesmente bêbado demais para ao menos notar o que está acontecendo neste exato momento? Alguma coisa me diz que isso não é verdade, e também não acredito que ele esteja tentando me matar por pura negligência. Na verdade, ele tem tentado – com o seu jeito de ser desagradável – me preparar para tudo isso de modo bastante sincero. Então, o que será que está acontecendo?

Enterro o rosto em minhas mãos. Não há risco de lágrimas agora. Não conseguiria produzir alguma sequer para salvar minha vida. O que Haymitch está fazendo? Apesar da minha raiva, do meu ódio e da minha suspeita, uma voz fininha lá no fundo da minha cabeça sussurra uma resposta.

Talvez ele esteja te enviando uma mensagem, diz a voz. Uma mensagem. Dizendo o quê? Então, descubro. Só pode haver um motivo para Haymitch estar se recusando a me fornecer água. Porque ele sabe que estou prestes a achar o que estou procurando.

Cerro os dentes e me levanto. Minha mochila parece ter triplicado de peso. Encontro um galho quebrado que vai servir de bengala e me ponho a caminhar. O sol está forte, e queimando muito mais do que nos primeiros dois dias. Estou me sentindo como um velho pedaço de couro, seco e quebradiço devido ao calor. Cada passo é um esforço, mas me recuso a parar. Eu me recuso a me sentar. Se me sentar, há uma boa chance de não conseguir mais me levantar, de não conseguir mais me lembrar de qual é a minha tarefa.

Que presa fácil eu sou! Qualquer tributo, até mesmo a pequenina Rue, poderia me derrubar agora. Bastaria me empurrar e me matar com minha própria faca. Eu teria poucas forças para resistir. Mas se tem alguém no lado da floresta em que me encontro, está me ignorando. A verdade é que estou me sentindo a um milhão de quilômetros do ser vivo mais próximo.

Mas não sozinha. Não, certamente deve haver alguma câmera me rastreando agora. Lembro-me dos anos em que eu ficava assistindo aos tributos famintos, congelados, ensanguentados e desidratados até a morte. Só não estarei sendo transmitida se estiver acontecendo uma luta realmente boa em algum lugar.

Meus pensamentos se voltam para Prim. Provavelmente, ela não estará me assistindo ao vivo, mas eles mostrarão os últimos acontecimentos na escola durante o almoço. Por causa dela, tento parecer o menos desesperada possível.

Porém, à tarde, já estou certa de que o fim está próximo. Minhas pernas estão trêmulas e meu coração está acelerado demais. Não paro de esquecer o que estou fazendo. Tropecei repetidamente e consegui me levantar, mas, quando o bastão escorrega, finalmente caio no chão e ali fico. Mantenho os olhos fechados.

Interpretei Haymitch errado. Ele não tem nenhuma intenção de me ajudar.

Está tudo bem, penso. *Não está tão ruim aqui.* O ar está menos quente, o que significa que a noite está se aproximando. Há um aroma levemente doce que me faz lembrar lírios. Meus dedos penetram o chão macio, deslizando com facilidade pela superfície. *Esse é um bom lugar para morrer*.

As pontas de meus dedos fazem pequenos desenhos espiralados na terra fresca e escorregadia. *Eu adoro lama,* eu penso. Quantas vezes já não cacei animais com a ajuda desse tipo de superfície macia e agradável? Boa para picadas de abelha também. Lama. Lama. Lama! Meus olhos se arregalam e enterro os dedos na terra. É lama! Meu nariz se empina no ar. E essas flores aqui são lírios d'água!

Agora começo a rastejar na lama, me arrastando na direção do cheiro. Cinco metros de onde caí, rastejo por um aglomerado de plantas até uma fonte. Flutuando na superfície, amarelos e em plena florescência, estão meus belos lírios.

Faço um imenso esforço para não mergulhar meu rosto na água e engolir o quanto posso. Mas ainda me resta um pouco de sensatez para me controlar. Com as mãos trêmulas, pego o frasco e encho de água. Acrescento o número certo de gotas de iodo – de acordo com minha lembrança – para purificá-la. A meia hora de espera é pura agonia, mas consigo. Ou pelo menos acho que é meia hora, mas certamente é o máximo que posso aguentar.

Lentamente, com calma agora, digo a mim mesma. Tomo um gole e me obrigo a esperar. Então tomo outro. Durante as duas horas seguintes, bebo a garrafa inteira. Depois mais outra. Preparo uma outra antes de me retirar para uma árvore onde continuo bebericando, comendo coelho e até mesmo me deliciando com meus preciosos biscoitos. Quando o hino começa a tocar, já estou me sentindo extraordinariamente bem. Não há rostos esta noite, nenhum tributo morreu hoje. Amanhã vou ficar aqui, descansando, camuflando minha mochila com lama, pescando alguns daqueles peixinhos que vi na fonte, colhendo as raízes dos lírios para fazer uma boa refeição. Entro no saco de dormir e fico agarrada à minha garrafa d'água como se fosse minha vida. O que, na verdade, é.

Algumas horas mais tarde, um barulho de pessoas correndo interrompe meu cochilo. Olho ao redor, embasbacada. Ainda não amanheceu, mas meus olhos doloridos conseguem enxergar.

Seria difícil não perceber a parede de fogo vindo na minha direção.



Meu primeiro impulso é saltar da árvore, mas estou presa pelo cinto. Não sei como, mas meus dedos conseguem soltar a fivela e caio no chão, ainda dentro do saco de dormir. Não há tempo para empacotar nada. Felizmente, minha mochila e a garrafa d'água já estão no saco. Empurro o cinto, coloco a mochila no ombro e fujo.

O mundo se transformou em chamas e fumaça. Galhos queimados se soltam das árvores e caem perto de mim em torrentes de fagulhas. A única coisa que posso fazer é seguir os outros, os coelhos e os cervos, e ainda consigo avistar uma matilha de cães selvagens atravessando a floresta. Confio em seu senso de direção porque seus instintos são mais aguçados do que os meus. Mas eles são tão mais rápidos – disparando pela vegetação rasteira cheios de desenvoltura ao passo que minhas botas tropeçam em raízes e galhos caídos – que não há nenhuma possibilidade de acompanhá-los.

O calor está horrível, mas pior do que isso é a fumaça, que ameaça me sufocar a qualquer momento. Puxo a parte de cima da minha camisa – grata por encontrá-la encharcada de suor, garantindo uma proteção a mais – e cubro o nariz. E corro – engasgada, meu saco de dormir balançando em minhas costas, meu rosto cortado pelos galhos que se materializam na névoa cinzenta sem nenhum aviso – porque sei que devo correr.

O que está acontecendo não é resultado da fogueira de algum tributo que escapou de controle, não é um acidente. As chamas que me perseguem possuem uma altura descomunal, uma uniformidade que as caracteriza como algo produzido por seres humanos, por máquinas, por Idealizadores dos Jogos.

Estava tudo calmo demais hoje. Nenhuma morte, talvez nenhuma luta. O público na Capital vai ficar entediado, afirmando que a edição deste ano dos Jogos está uma chatice. Essa é a única coisa que os Jogos não podem ser.

Não é difícil seguir o raciocínio dos Idealizadores. Há o bando de Carreiristas e o resto de nós, provavelmente espalhados por todos os cantos da arena. Esse incêndio tem a intenção de nos tirar do esconderijo, de nos reunir. Talvez não seja o dispositivo mais original que eu já tenha visto, mas é muito, muito eficiente.

Salto sobre um pedaço de madeira em chamas, mas o movimento não é perfeito. A parte traseira da minha jaqueta se incendeia e tenho de parar para rasgá-la e apagar o fogo. Mas não ouso abandoná-la. Mesmo calcinada como está, corro o risco de enfiá-la no saco de dormir, na esperança de que a ausência de oxigênio acabe com o fogo que não consegui extinguir. Tudo o que possuo está nas minhas costas, e é muito pouca coisa para garantir a sobrevivência de alguém.

Em questão de minutos, minha garganta e meu nariz estão queimando. A tosse vem logo em seguida e meus pulmões começam a me dar a sensação de que estão sendo cozidos. O desconforto se transforma em angústia até que cada inalação de ar gera uma dor excruciante em meu peito. Consigo me abrigar embaixo de um afloramento de pedra no exato momento em que o vômito sobe, e lá se vai minha humilde ceia e toda a água que estava em meu estômago. De quatro, vomito até que não haja mais nada para sair.

Sei que tenho de continuar andando, mas agora estou trêmula e tonta, arquejando em busca de ar. Permito que o equivalente a uma colherada de água umidifique um pouco minha boca e depois cuspo. Em seguida, tomo alguns goles da garrafa. *Você tem um minuto,* penso. *Um minuto para descansar.* Uso o tempo para reordenar meus suprimentos, dobrar o saco de dormir e enfiar tudo de maneira bagunçada dentro da mochila. Meu minuto acabou. Sei que está na hora de ir embora, mas a fumaça enevoou meus pensamentos. Os animais de patas ágeis que funcionavam como bússola para mim me deixaram para trás. Sei que jamais pisei nessa parte da floresta. Não havia nenhuma pedra do tamanho dessa que está me abrigando em minhas viagens anteriores. Para onde os Idealizadores dos Jogos estão me levando? De volta ao lago? Para um

território totalmente novo cheio de novos perigos? Tinha acabado de encontrar algumas poucas horas de paz naquela fonte quando esse ataque começou. Será que haveria alguma maneira de eu viajar paralela ao fogo e assim voltar para onde estava? Para aquela fonte de água? A parede de fogo deve ter um fim. O fogo não vai queimar eternamente. Não porque os Idealizadores dos Jogos não teriam como manter a combustão, mas porque, como eu disse antes, isso poderia incitar acusações de tédio por parte do público. Se eu conseguisse voltar para trás da parede de fogo, poderia evitar o encontro com os Carreiristas. Eu tinha acabado de tomar a decisão de tentar contornar o fogo – embora isso requeresse me afastar quilômetros do inferno e depois uma rota de volta cheia de zigue-zagues – quando a primeira bola de fogo explode na pedra a mais ou menos meio metro da minha cabeça. Escapo às pressas da saliência, fortificada pelo medo renovado.

O jogo deu uma virada. A única finalidade do incêndio foi nos obrigar a nos mexer. Agora o público vai poder se divertir de verdade. Quando ouço de novo o ruído, fico grudada ao chão, sem perder tempo em olhar. A bola de fogo atinge a árvore à minha esquerda, envolvendo-a em chamas. Permanecer imóvel significa morrer. Ainda nem estou totalmente de pé quando a terceira bola de fogo atinge o chão onde eu estava deitada, criando um pilar de chamas atrás de mim. Enquanto tento freneticamente desviar dos ataques o tempo perde o significado. Não consigo ver de onde as bolas são lançadas, mas elas não vêm de um aerodeslizador. Os ângulos não são compatíveis. Provavelmente, todo esse segmento da floresta foi armado com disparadores de precisão escondidos nas árvores ou nas rochas. Em algum lugar, em alguma sala fria e imaculada, um Idealizador está sentado em frente a um painel de controle, os dedos no gatilho que poderia acabar com a minha vida em um segundo. Tudo o que ele precisa é acertar o alvo.

Seja lá qual tenha sido o plano vago que eu havia traçado para retornar à minha fonte, é apagado de minha mente enquanto corro em zigue-zague, e mergulho, e pulo para evitar as bolas de fogo. Cada uma tem o tamanho de uma maçã, mas alcança um poder tremendo no instante do contato. Todos os meus sentidos estão canalizados para a necessidade de sobreviver. Não há

tempo para julgar se o movimento é correto. Quando ouço o ruído, ou entro em ação ou morro.

Mas alguma coisa está me mantendo em movimento. Toda uma vida assistindo aos Jogos Vorazes me permite saber que determinadas áreas da arena são aparelhadas para certos tipos de ataques. E que se eu conseguir simplesmente me afastar dessa área, talvez possa sair do alcance dos disparadores. Também arrisco cair diretamente em um fosso cheio de víboras, mas não tenho como me preocupar com isso agora.

O tempo que passo lutando para me desviar das bolas de fogo eu não saberia dizer, mas os ataques finalmente começam a diminuir. O que é bom, porque acabo vomitando novamente. Dessa vez é uma substância ácida que escalda minha garganta e chega até o nariz. Sou forçada a parar enquanto meu corpo entra em convulsão, tentando desesperadamente se livrar das toxinas que aspirei durante o ataque. Espero o ruído da próxima bola, o sinal da próxima explosão. Não acontece nada. A força que fiz para vomitar me deixou com lágrimas nos olhos. Minhas roupas estão encharcadas de suor. De algum modo, em meio à fumaça e ao vômito, sinto cheiro de cabelo chamuscado. Minha mão mexe em minha trança e descobre que uma bola de fogo queimou pelo menos quinze centímetros dela. Fios de cabelo enegrecido pelo fogo se quebram em meus dedos. Olho para eles, fascinada pela transformação, quando o ruído reaparece.

Meus músculos reagem, só que não de maneira suficientemente rápida dessa vez. A bola de fogo se espatifa no chão ao meu lado, mas não antes de atingir minha panturrilha esquerda. A visão de minha perna queimando me faz perder o controle. Eu me contorço e me arrasto desnorteada para trás, berrando, tentando me salvar do horror. Quando, por fim, recupero um pouco o bom senso, rolo a perna de um lado para o outro no chão, o que apaga a pior parte. Mas aí, sem pensar, rasgo o tecido restante com minhas próprias mãos.

Eu me sento no chão, a alguns metros de distância do local onde a bola de fogo explodiu. Minha panturrilha esbraveja de dor, minhas mãos estão cobertas de vergões avermelhados. Estou trêmula demais para me mover. Se os Idealizadores dos Jogos quiserem acabar comigo, a hora é essa.

Ouço a voz de Cinna, portando tecidos suntuosos e joias resplandecentes. "Katniss, a garota em chamas." Que boas risadas os Idealizadores dos Jogos devem estar dando com tudo isso. Talvez os belos trajes de Cinna tenham sido os responsáveis por essa tortura em particular. Sei que ele não poderia ter previsto que o resultado seria tão doloroso porque, na verdade, acredito que ele goste de mim. Mas, no fim da contas, talvez aparecer completamente nua naquela carruagem tivesse sido mais seguro.

O ataque finalmente acabou. Os Idealizadores dos Jogos não querem me ver morta. Pelo menos, ainda não. Todos sabem que eles podem nos destruir segundos após o gongo soar. O verdadeiro esporte dos Jogos Vorazes é assistir aos tributos matando uns aos outros. Vez por outra, matam algum tributo só para lembrar os competidores de que eles têm esse poder. Porém, quase sempre, eles nos manipulam para que nos enfrentemos cara a cara. O que significa que, se não estou mais sendo alvejada, deve haver algum outro tributo nas proximidades.

Eu me arrastaria até alguma árvore e me esconderia agora mesmo se pudesse, mas a fumaça ainda está espessa o suficiente para me matar. Obrigo-me a ficar de pé e a começar a mancar para longe da parede de chamas que ilumina o céu. Ela não parece mais estar me perseguindo, exceto pelas malcheirosas nuvens negras.

Uma outra luz, a do dia, começa a emergir suavemente. Fios de fumaça escurecem os raios de sol. Minha visibilidade é precária. Consigo ver, talvez, no máximo quinze metros em cada direção. Um tributo poderia estar facilmente oculto aqui, sem que eu o percebesse. Deveria pegar minha faca como precaução, mas não confio em minha habilidade para segurá-la por muito tempo. A dor em minhas mãos nem se compara à que sinto na panturrilha. Eu odeio queimaduras, sempre as odiei, até mesmo uma sem muita importância, como ao puxar uma bandeja de pão do forno. É o pior tipo de dor, na minha opinião, mas nunca experimentei algo parecido.

Estou tão exausta que nem noto que estou imersa na fonte até o tornozelo. A água, que vem borbulhando de uma rachadura em algumas rochas, é deliciosamente fria. Mergulho minhas mãos e sinto um alívio imediato. Não é isso que a minha mãe sempre diz? O primeiro tratamento para queimadura

não é água fria? Ela não leva embora o calor? Mas ela se refere a queimaduras menores. Provavelmente, recomendaria isso para minhas mãos. Mas e quanto à panturrilha? Embora não tenha tido coragem de examiná-la, estou apostando que é um ferimento com características completamente diferentes.

Deito de bruços na borda da piscina natural por um tempo, mexendo as mãos na água, examinando as pequenas chamas pintadas em minhas unhas, que estão começando a descascar. Bom. Meu contato com fogo já foi suficiente para uma vida inteira.

Limpo o sangue e as cinzas do rosto. Tento lembrar tudo o que sei a respeito de queimaduras. São ferimentos comuns na Costura, onde cozinhamos e aquecemos nossas casas com carvão. Também há os acidentes nas minas... Uma vez uma família trouxe um jovem inconsciente lá para casa, implorando para que minha mãe o ajudasse. O médico do Distrito que é responsável pelo tratamento dos mineiros já o havia desenganado. Tinha avisado à família que seria melhor se morresse em casa. Mas eles não aceitavam isso. Ele ficou deitado em nossa mesa da cozinha, insensível a tudo que o cercava. Dei uma olhadinha no ferimento em sua coxa – escancarado, a carne calcinada, visivelmente queimada até o osso – antes de sair de casa correndo. Fui para a floresta e cacei o dia inteiro, assombrada pelo aspecto aterrorizante daquela perna, lembranças da morte de meu pai. O mais engraçado é que Prim, que tem medo até da própria sombra, ficou lá e ajudou. Minha mãe diz que o dom da cura nasce com a pessoa, não se adquire. Elas fizeram o melhor que puderam, mas o homem morreu, exatamente como o médico havia dito.

Minha perna precisa de atenção, mas ainda não consigo olhar para ela. E se a queimadura for tão feia quanto a do homem e o osso estiver visível? Então me lembro de minha mãe dizendo que se uma queimadura é grave, a vítima pode nem sentir dor porque os nervos foram destruídos. Incentivada por essa lembrança, sento-me e aproximo a perna.

Quase desmaio diante da visão de minha panturrilha. A carne está de um vermelho inflamado e coberta de bolhas. Eu me forço a respirar lenta e profundamente, com a certeza quase absoluta de que as câmeras estão centradas em meu rosto. Não posso demonstrar fraqueza com esse ferimento. Principalmente se preciso de ajuda. Pena não traz ajuda alguma. Já admiração

diante de sua recusa em se entregar pode trazer. Corto o que resta da calça até o joelho e examino o machucado mais detidamente. A área queimada é mais ou menos do tamanho da minha mão. Nenhuma parte da pele está preta. Acho que não está tão ruim a ponto de não poder molhar. Cautelosamente, estico minha perna em direção à piscina, colocando o salto da bota em cima de uma rocha para que o couro não fique muito encharcado, e suspiro, porque o alívio é imediato. Sei que existem ervas – se eu pudesse encontrá-las – que acelerariam o processo de cura, mas elas não me vêm à mente. Água e tempo provavelmente serão os únicos meios com os quais poderei contar.

Será que eu deveria voltar a andar? A fumaça se dissipa aos poucos, mas ainda está pesada demais para ser saudável. Se continuar me distanciando do fogo, não estarei caminhando diretamente para as armas dos Carreiristas? Além disso, sempre que tiro a perna da água, a dor retorna tão intensamente que tenho de afundá-la novamente. Minhas mãos exigem menos cuidados. Elas conseguem aguentar pequenos intervalos fora da água. Então, lentamente coloco meu equipamento de volta no lugar. Primeiro encho a garrafa com a água da fonte, purifico-a, e, após esperar o tempo necessário, começo a hidratar novamente o corpo. Depois de um tempo, obrigo-me a mastigar um biscoito, o que ajuda a tranquilizar meu estômago. Enrolo meu saco de dormir. Exceto por algumas marcas pretas, ele está relativamente sem danos. Minha jaqueta é outra história. Fedida e queimada, e com uma boa parte das costas arruinada. Corto a área destruída e fico com uma roupa que vai até as costelas. Mas o capuz está intacto e é bem melhor do que nada.

Apesar da dor, a letargia começa a aparecer. Minha vontade é de subir em uma árvore para tentar descansar, só que isso me tornaria um alvo muito fácil. Além disso, abandonar minha fonte parece impossível. Arrumo com cuidado os suprimentos, e coloco até a mochila nos ombros, mas não consigo me obrigar a partir. Avisto algumas plantas aquáticas com raízes comestíveis e preparo uma pequena refeição com meu último pedaço de coelho. Bebo um pouco da água. Observo o sol arquear-se lentamente no céu. Que lugar seria mais seguro do que aqui, afinal? Eu me recosto na mochila, dominada pela letargia. *Se os Carreiristas me quiserem, que eles me encontrem, então,* penso antes de entrar em estado de completo estupor. *Que eles me encontrem.*

E é exatamente o que eles fazem. Por sorte, estou pronta para partir, porque quando ouço os passos, disponho de menos de um minuto para fugir. Está anoitecendo. Assim que desperto, já me levanto e começo a correr, chafurdando na fonte, voando na direção da vegetação rasteira. Minha perna me torna mais lenta, mas também sinto que meus perseguidores não são mais tão velozes quanto eram antes do incêndio. Ouço tosses, as vozes roucas chamando uns aos outros.

Mas, ainda assim, estão se aproximando, como uma matilha de cães selvagens. Então, faço o que sempre fiz em tais circunstâncias. Escolho uma árvore bem alta e começo a escalá-la. Se correr é doloroso, escalar é agonizante porque requer não apenas esforço físico como também um contato direto de minhas mãos com a casca da árvore. Mas sou rápida, e quando eles alcançam a base da minha árvore, já estou seis metros acima. Por um momento, paramos e nos avaliamos mutuamente. Espero que eles não consigam ouvir as batidas de meu coração.

Poderia ser agora, penso. Que chance tenho contra eles? Todos os seis estão lá, os cinco Carreiristas e Peeta, e meu único consolo é que parecem bem arrasados também. Mas ainda assim, vejo as armas. Vejo seus rostos, com os dentes à mostra e rosnando para mim, uma vítima certa acima de suas cabeças. Parece uma situação bastante desesperadora. Então uma outra coisa me passa pela cabeça. São maiores e mais fortes do que eu, sem dúvidas, mas também são mais pesados. Há um motivo para ser eu e não Gale quem se aventura para colher as frutas mais altas ou para roubar os ovos dos ninhos mais remotos. Devo pesar de vinte a vinte e cinco quilos a menos do que o menor Carreirista.

Agora sorrio.

– E aí, como é que vocês estão? – digo a eles, cheia de entusiasmo.

Isso os pega de surpresa, mas sei que o público vai adorar.

– Estamos bem – diz o garoto do Distrito 2. – E você?

– Está um pouco quente pro meu gosto. – Quase consigo ouvir as gargalhadas na Capital. – O ar é bem melhor aqui em cima. Por que vocês não sobem?

– Acho que eu vou – diz o mesmo garoto.

– Aqui, Cato, pega isso – diz a garota do Distrito 1, e dá para ele um arco de prata e uma aljava cheia de flechas. Meu arco! Minhas flechas! A simples visão da arma me deixa com tanta raiva que tenho vontade de gritar comigo e com aquele traidor do Peeta por ter me distraído na hora em que eu ia pegá-los. Tento estabelecer contato visual, mas ele parece estar intencionalmente evitando meu olhar enquanto limpa a faca com a ponta da camisa.

– Não – diz Cato, empurrando o arco para o lado. – Me saio melhor com a minha espada. – Consigo ver a arma. Uma lâmina curta e pesada em seu cinto.

Dou tempo para que Cato suba na árvore e continuo minha escalada. Gale sempre diz que o faço lembrar de um esquilo pela maneira com a qual eu me equilibro até mesmo nos galhos mais leves. Parte do motivo é meu peso, mas a experiência também conta. Você tem de saber onde colocar os pés e as mãos. Estou nove metros mais acima quando escuto um barulho e vejo Cato cair com galho e tudo. Ele atinge o chão com toda a força e torço para que tenha quebrado o pescoço, mas ele se levanta, praguejando como um demônio.

A garota com as flechas, ouço alguém chamando-a de Glimmer – argh, os nomes que as pessoas do Distrito 1 dão a seus filhos são tão ridículos –, escala a árvore até que os galhos começam a quebrar embaixo de seus pés e então ela tem o bom senso de parar. Agora estou a uma altura de mais ou me-nos vinte e cinco metros. Ela tenta me dar uma flechada, mas fica logo evidente sua absoluta incompetência com o arco. Uma das flechas, entretanto, fica alojada na árvore perto de mim e consigo pegá-la. Sacudo-a no ar, tentando dar a impressão de que só apanhei a flecha para implicar com a garota, quando na verdade minha intenção é usá-la assim que tiver uma oportunidade. Poderia matar todos eles se aquelas flechas prateadas estivessem em minhas mãos.

Os Carreiristas se reagrupam no chão e consigo ouvi-los resmungando entre si de maneira conspiratória, furiosos por eu tê-los feito de bobos. Mas o crepúsculo chega e a janela que eles tinham para me atacar está se fechando. Finalmente, ouço Peeta dizer duramente:

– Ah, deixa ela ficar lá em cima mesmo. De lá ela não vai poder sair. A gente cuida dela amanhã de manhã.

Bem, ele tem razão com relação a uma coisa. Não vou poder sair daqui. Todo o alívio proporcionado pela água da fonte acabou, e só me resta ficar aqui

sentindo as minhas queimaduras em toda a sua intensidade. Desço até uma forquilha e tento improvisar uma cama bem tosca. Visto a jaqueta. Deito em meu saco de dormir. Prendo-me com o cinto e tento evitar gemer. O calor do saco é demais para minha perna. Corto um talho do tecido e deixo a panturrilha pendurada. Jogo um pouco de água na ferida e nas mãos.

Toda a minha bravura se foi. Estou fraca por causa da dor e da fome, mas não consigo comer. Mesmo que consiga sobreviver a essa noite, o que me acontecerá de manhã? Observo a folhagem tentando me obrigar a descansar, mas as queimaduras me proíbem. Os pássaros estão se preparando para a noite, cantando para seus filhotes. As criaturas noturnas emergem. Uma coruja pia. O leve odor de um gambá atravessa a fumaça. Os olhos de algum animal me espiam de uma árvore próxima – talvez uma doninha –, refletindo a luz dos archotes dos Carreiristas. De repente, eu me apoio sobre um dos cotovelos. Esses olhos não são de doninha, conheço muito bem o olhar vidrado desse tipo de animal. Na verdade, esses olhos não são de animal nenhum. Com os últimos raios de luz, eu a identifico, observando-me silenciosamente por entre os galhos.

Rue.

Há quanto tempo será que ela está aqui? Provavelmente desde o início. Imóvel e indistinguível enquanto toda a ação se desenrolava abaixo dela. Talvez tenha subido na árvore pouco tempo antes de mim, ao ouvir que o bando estava tão próximo.

Durante um tempo, ficamos nos encarando. Então, sem mexer uma folha sequer, sua pequena mão desliza no ar e aponta para alguma coisa acima de minha cabeça.



Meus olhos seguem a linha de seu dedo até a folhagem acima de minha cabeça. A princípio, não faço a menor ideia do que ela está apontando, mas então, uns quatro metros acima, consigo distinguir uma forma vaga na penumbra. Mas a forma... do quê? De algum tipo de animal? Parece do tamanho de um guaxinim, mas está pendurado em um galho, levemente inclinado. Mas tem outra coisa. Entre os sons familiares da floresta à noite, meus ouvidos registram um zumbido baixo. Agora já sei do que se trata. É um ninho de vespas.

O medo toma conta de mim, mas tenho o bom senso de me manter imóvel. Afinal, não sei que tipo de vespa mora aqui. Poderia ser a do tipo comum deixa-a-gente-em-paz-que-a-gente-deixa-você-em-paz. Mas esses são os Jogos Vorazes e coisas comuns não são a norma. É muito mais provável que elas sejam da Capital, teleguiadas. A exemplo dos gaios tagarelas, essas vespas assassinas foram geradas em um laboratório e dispostas estrategicamente, como minas terrestres, nos distritos durante a guerra. Maiores do que as vespas comuns, elas possuem um corpo sólido e dourado bem característico, e uma ferroada que deixa um calombo do tamanho de uma ameixa. A maioria das pessoas não tolera mais do que algumas ferroadas. Algumas morrem imediatamente. Se você sobreviver, as alucinações proporcionadas pelo veneno vão levá-lo à loucura. E tem mais uma coisa, essas vespas vão caçar qualquer pessoa que perturbe seu ninho ou que tente matá-las. Por isso são chamadas teleguiadas.

Depois da guerra, a Capital destruiu todos os ninhos que cercavam a cidade, mas aqueles perto dos distritos foram deixados intactos. Mais uma lembrança de nossa fraqueza, suponho. Exatamente como os Jogos Vorazes. Mais um motivo para não pular a cerca do Distrito 12. Quando Gale e eu damos de cara com um ninho de teleguiadas, imediatamente seguimos para a direção oposta.

Então é isso que está pendurado acima de mim? Olho para Rue em busca de ajuda, mas ela está grudada em sua árvore.

Pelas circunstâncias em que me encontro, acho que não importa que tipo de ninho de vespa é esse. Estou ferida e presa em uma armadilha. A escuridão me concedeu uma breve trégua, mas, quando o sol nascer, os Carreiristas já terão formulado algum plano para me matar. Depois do modo como os ridicularizei, tenho certeza de que farão questão disso. Aquele ninho talvez seja a última opção que me resta. Se eu puder jogá-lo sobre eles, talvez consiga escapar daqui. Mas arriscarei minha vida no processo.

É claro que jamais serei capaz de me aproximar o suficiente do ninho a ponto de poder cortá-lo. Terei de serrar o galho do tronco e mandar o troço todo para o chão. A parte serrilhada de minha faca deve ser capaz disso. Mas será que minhas mãos conseguirão? E se os Carreiristas descobrirem o que estou fazendo e desmontarem o acampamento? Isso poria todo o plano a perder.

Chego à conclusão de que a melhor chance que terei para serrar sem chamar atenção é durante o hino. Que pode começar a tocar a qualquer momento. Eu me arrasto para fora do saco, certificando-me de que a faca está presa no cinto, e começo a subir a árvore. Isso em si já é perigoso, pois os galhos estão ficando cada vez mais finos, mas sou perseverante. Quando atinjo o galho que suporta o ninho, o zumbido torna-se mais característico. Ainda está estranhamente fraco, se é que elas são mesmo teleguiadas. *É a fumaça,* penso. *Elas ficaram sedadas pela fumaça*. Essa foi a única saída que os rebeldes encontraram para combater as vespas.

A insígnia da Capital brilha acima de mim e o hino explode no ar. *É agora ou nunca*, e começo a serrar. Bolhas estouram em minha mão direita à medida que arrasto a faca para a frente e para trás de modo desajeitado. Assim que

consigo fazer um sulco, o trabalho passa a requerer menos esforço, mas é mais do que consigo suportar. Cerro os dentes e continuo o movimento, olhando ocasionalmente para o céu para ver que não houve nenhuma morte hoje. Tudo bem. O público vai ficar saciado me vendo ferida e encurralada na árvore pelo bando lá embaixo. Mas o hino está acabando, e só serrei um pouco mais do que a metade do galho quando a música se encerra, o céu fica escuro e sou forçada a parar.

E agora? Poderia terminar o trabalho pelo tato, mas talvez esse não seja o plano mais esperto. Se as vespas estiverem grogues demais; se o ninho ficar preso em algum galho na descida; se eu tentar escapar, tudo isso poderia ser uma mortífera perda de tempo. Melhor opção, penso, é ficar aqui escondida até amanhecer e então jogar o ninho na cabeça de meus inimigos.

Sob a luz tênue dos archotes dos Carreiristas, volto à minha forquilha e tenho a maior surpresa da minha vida. Em cima de meu saco de dormir encontra-se um pequeno recipiente de plástico preso a um paraquedas prateado. Minha primeira dádiva de um patrocinador! Haymitch deve ter mandado o objeto durante a execução do hino. O recipiente se encaixa facilmente na palma da minha mão. O que será? Certamente não é comida. Desenrosco a tampa e sei pelo cheiro que é um remédio. Cuidadosamente, examino a superfície do unguento. O latejar na ponta de meu dedo desaparece.

– Ah, Haymitch – sussurro. – Obrigada. – Ele não me abandonou. Não me deixou inteiramente indefesa. O custo desse remédio deve ser astronômico. Provavelmente não apenas um, mas vários patrocinadores devem ter contribuído para comprar esse pequeno frasco. Para mim, ele não tem preço.

Enfio dois dedos no frasco e delicadamente espalho o bálsamo sobre a panturrilha. O efeito é quase mágico, apagando a dor ao contato, deixando uma agradável sensação refrescante. Isso não é uma das misturas herbóreas que minha mãe prepara a partir da moagem de plantas da floresta, é um remédio de alta tecnologia desenvolvido nos laboratórios da Capital. Quando termino o tratamento na panturrilha, esfrego uma fina camada em minhas mãos. Após envolver o recipiente no paraquedas, aninho-o cuidadosamente na mochila. Agora que a dor abrandou, tudo o que consigo é me ajeitar novamente no saco de dormir antes de mergulhar no sono.

Um pássaro empoleirado a alguns centímetros de mim me alerta para a chegada de um novo dia. Na luz acinzentada da manhã, examino minhas mãos. O remédio fez com que as partes mais feias e avermelhadas do ferimento adquirissem uma tonalidade rosada de pele de bebê. Minha perna ainda está inflamada, mas a queimadura era bem mais profunda. Eu aplico outra camada de remédio e com toda a calma empacoto meu equipamento. O que quer que venha a acontecer, terei que me mover, e com rapidez. Também me obrigo a comer um biscoito e uma tirinha de carne-seca, e a beber alguns goles de água. Quase nada ficou em meu estômago ontem, e já estou começando a sentir os efeitos da fome.

Abaixo de mim, vejo Peeta e o bando dos Carreiristas adormecidos no chão. Pela sua posição, encostada no tronco da árvore, diria que Glimmer deveria estar montando guarda, mas a fadiga a venceu.

Meus olhos fazem um esforço para tentar penetrar na árvore ao lado, mas não consigo distinguir Rue. Como ela me alertou acerca do ninho de vespas, é mais do que justo que eu a alerte. Além disso, se acontecer de eu morrer hoje, gostaria que Rue fosse a vencedora. Mesmo significando um pouco menos de comida extra para minha família, a ideia de Peeta sendo coroado vencedor é insuportável para mim.

Pronuncio o nome de Rue com um sussurro e os olhos aparecem de imediato, abertos e alertas. Ela aponta novamente para o ninho. Estendo a faca e faço um movimento de quem está serrando. Ela balança a cabeça em concordância e desaparece. Ouço um farfalhar de folhas numa árvore próxima. Em seguida, o mesmo som aparece, só que dessa vez um pouco mais distante. Reparo que ela está saltando de árvore em árvore. Faço um esforço tremendo para não cair na gargalhada. Terá sido isso o que ela mostrou aos Idealizadores dos Jogos? Imagino-a voando sobre o equipamento do Centro de Treinamento sem jamais tocar o chão. Ela deveria ter recebido pelo menos um dez.

Faixas rosadas de luz estão surgindo a leste. Não posso esperar mais. Em comparação com a agonia da escalada de ontem à noite, isso aqui é uma brincadeira de criança. No galho de árvore que sustenta o ninho, posiciono a faca no sulco e estou a ponto de começar a cortar a madeira quando vejo algo se movendo. Lá no ninho. O brilho dourado de uma teleguiada

preguiçosamente percorrendo a superfície fina e cinzenta. Sem dúvida está agindo de maneira um pouco contida, mas a vespa está se movendo e isso significa que as outras também sairão a qualquer momento. Suor começa a brotar nas palmas das minhas mãos, umedecendo o unguento, e faço o possível para secá-las na camisa. Se não conseguir cortar esse galho em questão de segundos, corro o risco de ser atacada por todo o enxame.

Agora não dá mais para voltar atrás. Respiro fundo, seguro o cabo da faca e prossigo na tarefa com determinação. *Para a frente, para trás, para a frente, para trás!* As teleguiadas começam a zumbir e ouço-as saindo do ninho. *Para a frente, para trás!* Uma dor aguda atinge meu joelho, e sei que uma delas me encontrou e as outras logo chegarão. *Para a frente, para trás.* E assim que a faca termina o serviço empurro a extremidade do galho para o mais distante que posso de mim. Ele vai caindo e arrebentando os galhos mais baixos, fica enganchado temporariamente em alguns, mas logo se contorce e desaba no chão com um barulho forte. O vespeiro se abre todo como se fosse um ovo, e um furioso enxame de teleguiadas começa a voar.

Sinto uma segunda ferroada na bochecha, uma terceira no pescoço, e o veneno me deixa zonza quase imediatamente. Grudo à árvore com um braço enquanto arranco os ferrões farpados de minha carne. Por sorte, apenas essas três teleguiadas haviam se dado conta da minha presença antes de o ninho cair. O restante dos insetos escolheu seus alvos no chão.

É um caos. Os Carreiristas acordaram com um ataque maciço de teleguiadas. Peeta e alguns outros têm o bom senso de deixar tudo para trás e sair em disparada. Ouço gritos de: "Para o lago! Para o lago!" e sei que eles têm a esperança de se livrar das vespas ao entrar na água. O lago deve estar perto se eles imaginam que podem fugir dos insetos furiosos. Glimmer e uma outra garota, a do Distrito 4, não têm a mesma sorte. Elas recebem múltiplas ferroadas antes mesmo de saírem de meu campo de visão. Glimmer parece ter ficado completamente louca, gritando e tentando espantar as vespas com o arco, o que é inútil. Ela pede ajuda aos outros, mas ninguém a socorre, é claro. A garota do Distrito 4 sai de vista cambaleando, mas aposto que jamais alcançará o lago. Observo Glimmer cair, se contorcer histericamente no chão por alguns minutos e depois ficar imóvel.

O ninho agora parece uma concha vazia. As vespas desapareceram na perseguição aos outros. Não acho que retornarão, mas não quero arriscar. Desço da árvore e atinjo o chão já correndo na direção oposta. O veneno dos ferrões me deixa zonza, mas encontro o caminho de volta à minha pequena fonte e afundo quase inteiramente na água, como precaução caso alguma vespa ainda esteja me perseguindo. Depois de mais ou menos cinco minutos, arrasto-me até as rochas. As pessoas não exageraram nem um pouco os efeitos dos ferrões das teleguiadas. Para falar a verdade, a ferroada em meu joelho é mais do tamanho de uma laranja do que de uma ameixa. Um líquido verde e malcheiroso sai do local de onde retirei os ferrões.

O inchaço. A dor. O líquido verde. Observar Glimmer se contorcer no chão até morrer. São muitas coisas para administrar em minha cabeça antes mesmo de o sol nascer no horizonte. Não quero imaginar como deve estar a aparência de Glimmer a uma hora dessas. O corpo desfigurado. Os dedos inchados segurando obstinadamente o arco...

O arco! Em algum canto de minha mente embaralhada um pensamento se conecta ao outro e levanto-me, tateando em meio às árvores até Glimmer. O arco. As flechas. Preciso pegá-los. Ainda não ouvi os tiros de canhão, o que quer dizer que talvez Glimmer esteja em algum tipo de coma, seu coração ainda deve estar lutando contra o veneno das vespas. Mas assim que parar e o canhão sinalizar sua morte, um aerodeslizador vai aparecer para recolher seu corpo e levar o único arco e aljava de flechas que vi nos Jogos até agora. E me recuso a deixar que escapem de meus dedos novamente!

Alcanço Glimmer no exato instante em que o canhão dá o tiro. As teleguiadas desapareceram. A garota, tão extraordinariamente bela em seu vestido dourado na noite das entrevistas, está irreconhecível. Suas feições foram erradicadas, seus membros estão três vezes maiores do que o tamanho normal. Os calombos dos ferrões começaram a explodir, expelindo o líquido verde pútrido para todos os lados. Tenho de quebrar com uma pedra vários dos que antes foram seus dedos para soltar o arco. A aljava com as flechas está grudada embaixo do seu corpo. Tento rolá-la puxando um dos braços, mas a carne se desintegra em minhas mãos e caio no chão.

Isso é mesmo real? Ou será que as alucinações começaram? Aperto os olhos com força e tento respirar, dando ordens a meu próprio corpo para que não adoeça. O café da manhã precisa ficar no estômago. Talvez demore dias até eu conseguir caçar novamente. Um segundo canhão atira e estou adivinhando que a garota do Distrito 4 acaba de morrer. Ouço os pássaros ficarem em silêncio e então um deles dá o sinal, o que significa que um aerodeslizador está para aparecer. Confusa, imagino que seja para Glimmer, embora isso não faça muito sentido porque ainda estou na cena, ainda estou lutando pelas flechas. Caio de joelhos e as árvores ao meu redor começam a girar. No meio do céu avisto o aerodeslizador. Salto sobre o corpo de Glimmer, como se estivesse tentando protegê-lo, mas então vejo a garota do Distrito 4 sendo içada e sumindo no ar.

– Faça logo isso! – ordeno a mim mesma. Cerrando os dentes, enterro as mãos embaixo do corpo de Glimmer, seguro o que parece ser a região das costelas e coloco-a de bruços. Minha respiração está bastante acelerada agora, não tenho como evitar. A coisa toda é tão digna dos meus piores pesadelos que acabo perdendo a noção do que é e do que não é real. Puxo com força a aljava com as flechas, mas está presa em alguma coisa, nos ombros talvez. Até que, finalmente, consigo soltar o objeto. Mal acabara de envolver a aljava com os braços quando escuto os passos, vários passos, sobre a vegetação rasteira, e percebo que os Carreiristas voltaram. Eles voltaram para me matar, para pegar suas armas ou para fazer ambas as coisas.

Mas não há mais tempo para correr. Puxo uma flecha viscosa da aljava e tento posicioná-la na corda do arco, mas em vez de uma corda eu estou enxergando três e o fedor das ferroadas é tão repulsivo que não consigo, não consigo. Simplesmente não consigo.

Estou desamparada quando o primeiro caçador surge em meio às árvores, com a lança erguida, preparada. O choque estampado no rosto de Peeta não faz nenhum sentido para mim. Espero o golpe. Ao contrário, ele abaixa o braço.

– O que você ainda está fazendo aqui? – pergunta, sibilando. Olho para ele sem conseguir compreender coisa alguma enquanto uma trilha de água escorre sobre uma ferroada de vespa embaixo de sua orelha. Todo o seu corpo começa a brilhar, como se estivesse coberto de orvalho. – Você está louca? – Ele agora está me cutucando com a ponta da lança. – Levante-se! Levante-se! – Eu me

levanto, mas ele ainda está me empurrando. O quê? O que está acontecendo? Ele me empurra com força para longe dele. – Corra! – grita ele. – Corra!

Atrás dele, Cato avança em meio à vegetação. Ele também está todo molhado e com uma ferroada bem feia embaixo de um dos olhos. Vislumbro o brilho do sol refletido em sua espada e faço o que Peeta diz. Seguro o arco e a aljava com firmeza, esbarro em árvores que surgem do nada, tropeço e caio enquanto tento manter o equilíbrio. Passo novamente pela minha fonte e chego numa floresta que não me é familiar. O mundo começa a adquirir uma curvatura alarmante. Uma borboleta infla até atingir o tamanho de uma casa e em seguida se espatifa em um milhão de estrelas. Árvores se transformam em sangue e espirram sobre minhas botas. Formigas começam a rastejar de dentro das bolhas em minhas mãos e não consigo sacudir o braço para me livrar delas. Os insetos estão escalando meus braços, meu pescoço. Alguém está berrando, um berro longo e agudo que nunca para. Tenho uma vaga ideia de que talvez seja eu. Tropeço e caio num pequeno poço ladeado por pequeninas bolhas amarelas que produzem um zumbido igual ao do ninho das teleguiadas. Encaixo os joelhos no queixo e fico esperando a morte.

Doente e desorientada, sou capaz de formar um único pensamento: *Peeta Mellark acabou de salvar minha vida.*

Então, as formigas rumam em direção aos meus olhos e eu desmaio.



Entro em um pesadelo do qual acordo repetidamente apenas para achar um terror ainda maior esperando por mim. Todas as coisas que mais abomino, todas as coisas que mais abomino que aconteçam com os outros se manifestam em detalhes tão vívidos que só posso acreditar que são mesmo reais. A cada vez que acordo, penso: *Finalmente acabou,* mas não. É apenas o começo de um novo capítulo de tortura. De quantas maneiras diferentes assisto à morte de Prim; revivo os últimos momentos de meu pai; sinto meu próprio corpo sendo dilacerado? Essa é a natureza do veneno das teleguiadas, cuidadosamente criado para atingir os locais onde o medo se aloja em seu cérebro.

Quando finalmente me recupero, fico deitada imóvel, esperando a sequência seguinte de carnificina visual. Por fim, aceito que o veneno deve ter enfim saído de meu organismo, deixando meu corpo arrasado e enfraquecido. Ainda estou deitada de lado, incapaz de sair da posição fetal. Ergo uma das mãos até os olhos para encontrá-las saudáveis, intocadas pelas formigas, que jamais existiram. O simples esticar de um braço requer um enorme esforço. São tantas partes do meu corpo doendo que parece nem valer a pena fazer um inventário de todas elas. Lenta, muito lentamente, consigo me sentar. Estou em um buraco raso, não com as bolhas alaranjadas que zunem da minha alucinação, mas com folhas mortas. Minha roupa está encharcada, mas não sei se a causa é a água da fonte, orvalho, chuva ou simplesmente suor. Por um longo tempo, tudo o que consigo fazer é tomar pequenos goles da minha garrafa e observar um besouro passear num arbusto de madressilvas.

Por quanto tempo será que estive fora de mim? Era de manhã quando perdi a razão. Agora é de tarde. Mas minhas juntas emperradas sugerem que mais de um dia se passou, possivelmente dois. Se isso for mesmo verdade, não terei como saber quais tributos sobreviveram ao ataque daquelas teleguiadas. Sei que nem Glimmer nem a garota do Distrito 4 conseguiram escapar. Mas havia o garoto do Distrito 1, os dois tributos do Distrito 2 e Peeta. Será que eles morreram em decorrência das ferroadas? Com toda certeza, se sobreviveram, seus últimos dias devem ter sido tão horríveis quanto os meus. E quanto a Rue? Ela é tão pequena que não seria necessário muito veneno para matá-la. Mas... as teleguiadas teriam de pegá-la, e ela estava com uma boa margem de vantagem.

Um sabor ruim, de coisa podre, impregna minha boca, e a água não surte muito efeito sobre ele. Arrasto-me até o arbusto de madressilvas e arranco uma flor. Puxo delicadamente o estame pelo botão e coloco a gota de néctar na boca. A doçura se espalha até a garganta, acalentando minhas veias com lembranças de verão, da floresta perto de casa e da presença de Gale ao meu lado. Por algum motivo, nossa discussão naquela última manhã retorna à minha mente.

– A gente conseguiria, sabe.

– O quê?

– Sair do distrito, fugir daqui. Viver na floresta. Você e eu, a gente daria um jeito.

E, de repente, não estou mais pensando em Gale, mas em Peeta e... Peeta! *Ele salvou minha vida!* Porque, quando nos encontramos, eu já não tinha nenhuma condição de distinguir entre o real e as alucinações provocadas pelo veneno que as teleguiadas haviam injetado em mim. Mas se ele me salvou mesmo, e meus instintos me dizem que sim, qual foi o motivo? Será que ele está simplesmente desempenhando o papel do Conquistador que iniciou na entrevista? Ou será que estava realmente tentando me proteger? E se estava, o que fazia na companhia daqueles Carreiristas, para começo de conversa? Nada disso faz sentido.

Por um instante, imagino o que Gale achou do incidente, mas logo tiro a coisa toda da minha cabeça porque, por algum motivo, Gale e Peeta não

coexistem muito bem em meus pensamentos.

Então, concentro-me na única coisa realmente boa que aconteceu comigo desde que aterrissei na arena. Arranjei um arco e algumas flechas! Doze flechas ao todo, se contarmos com aquela que retirei na árvore. Elas não estão com nenhum traço do muco esverdeado e tóxico que saía do corpo de Glimmer – o que me leva a crer que talvez a coisa não tenha sido inteiramente real –, mas estão com uma razoável quantidade de sangue seco. Posso limpá-las mais tarde, mas perco alguns minutos acertando algumas em uma árvore próxima. Elas se parecem mais com as armas que vi no Centro de Treinamento do que com as que tenho em casa, mas e daí? Posso trabalhar com elas assim mesmo.

As armas mudam completamente minha perspectiva dos Jogos. Sei que tenho oponentes duros de encarar. Mas deixei de ser apenas mais uma presa que corre e se esconde ou toma decisões desesperadas. Se Cato surgisse agora mesmo da floresta, eu não fugiria. Atiraria. Descubro que, na verdade, estou antecipando o momento com prazer.

Primeiro, no entanto, tenho de recuperar um pouco as minhas forças. Estou bastante desidratada outra vez e meu suprimento de água está perigosamente limitado. O pneuzinho que obtive ao me empanturrar durante o tempo de preparação na Capital agora já era, assim como os quilos extras. Os ossos da cintura e da costela estão mais proeminentes do que consigo me lembrar desde aqueles meses horríveis que se seguiram à morte de meu pai. E não vamos nos esquecer dos ferimentos com os quais tenho de lidar: queimaduras, cortes e hematomas causados pelos choques com as árvores, e três ferroadas de teleguiadas que estão mais doloridas e inchadas do que nunca. Cuido das queimaduras com o unguento e tento passar um pouco do creme também nas ferroadas, mas o remédio não tem nenhum efeito sobre elas. Minha mãe conhecia um tratamento para essas ferroadas, algum tipo de folha que conseguia retirar o veneno, mas raramente surgia alguma oportunidade para usá-lo, portanto nem me lembro do nome, quanto mais da aparência do remédio.

Primeiro água, penso. *Agora você pode caçar ao longo do caminho.* É fácil ver a direção de onde vim pelo rastro de destruição que meu corpo enlouquecido

deixou na folhagem. Então, ando na direção oposta, na esperança de que meus inimigos ainda estejam presos no mundo surreal do veneno das teleguiadas.

Não consigo me mover com muita rapidez, minhas juntas rejeitam qualquer movimento abrupto. Mas estabeleço a marcha lenta de caçador que utilizo quando estou no rastro de algum animal. Depois de alguns minutos, avisto um coelho e mato minha primeira vítima com meu arco. Não é o meu tradicional tiro certeiro entre os olhos, mas dá certo assim mesmo. Depois de mais ou menos uma hora, encontro um riacho, raso porém largo, e mais do que suficiente para minhas necessidades. O sol está quente e implacável, então, enquanto espero a água ser purificada, fico só com a roupa de baixo e me jogo na corrente tranquila. Estou imunda da cabeça aos pés. Tento molhar o corpo todo, mas acabo somente deitada na água por alguns minutos, deixando-a lavar a fuligem, o sangue e os resíduos de pele que começaram a descascar na altura das queimaduras. Depois de lavar as roupas e pendurá-las em alguns arbustos para secar, sento-me à margem do rio para tomar um pouco de sol, desembaraçando o cabelo com os dedos. Meu apetite retorna e como um biscoito e uma tirinha de carne-seca. Com um punhado de musgo, limpo o sangue das minhas armas prateadas.

Refrescada, trato mais uma vez das queimaduras, prendo de volta o cabelo e visto as roupas úmidas, ciente de que o sol vai secá-las em pouco tempo. Seguir o riacho contra a corrente parece ser o plano mais inteligente. Agora estou subindo um aclive, o que prefiro, com uma fonte de água fresca não apenas para mim mesma como também para possíveis animais que venha a caçar. Acerto facilmente uma estranha ave que deve ser algum tipo de peru selvagem. De qualquer maneira, o bicho me parece bastante comestível. No fim da tarde, decido fazer uma pequena fogueira para cozinhar a comida, apostando que a penumbra ajudará a esconder a fumaça e sabendo que posso apagar o fogo ao anoitecer. Limpo a caça, tomando um cuidado extra com a ave, mas não há nada alarmante a seu respeito. Depois de tirar as penas, seu tamanho não é maior do que o de uma galinha, mas é gorda e firme. Acabo de colocar o primeiro pedaço em cima do carvão quando ouço um galho se partindo.

Com um movimento, volto-me para a direção do som, levando o arco para o ombro. Não há ninguém lá. Pelo menos ninguém que eu consiga enxergar.

Então, avisto a ponta de uma bota de criança saindo de trás de um tronco de árvore. Meus ombros relaxam e sorrio. Ela se move pela floresta como se fosse uma sombra, temos que admitir. De que outra forma teria me seguido até aqui? As palavras escapam de minha boca antes que eu possa pará-las:

– Você sabe que não são só eles que têm o direito de fazer alianças, não sabe?

Por um momento, nenhuma resposta. Então, um dos olhos de Rue aparece ao lado do tronco.

– Você me quer como aliada?

– Por que não? Você me salvou com aquelas teleguiadas. Você é suficientemente esperta pra ainda estar viva. E de qualquer modo, parece que não tenho mesmo como me livrar de você. – Ela pisca para mim, tentando decidir. – Você está com fome? – Posso vê-la engolir em seco, o olho tremeluzindo na direção da carne. – Vem cá, matei dois animais hoje.

Rue pisa na clareira de modo hesitante.

– Posso curar suas ferroadas.

– Pode? Como?

Ela enfia a mão na mochila que carrega e puxa um punhado de folhas. Estou quase certa de que são as mesmas que minha mãe usa.

– Onde você encontrou?

– Por aí. Sempre andamos com elas quando saímos para trabalhar nos pomares. Deixaram vários desses vespeiros lá. E também há muitos aqui.

– Ah, é verdade. Você é do Distrito 11. Agricultura. Pomares, hein? Deve ser por isso que você consegue voar pelas árvores como se tivesse asas. – Rue sorri. Toquei em uns dos poucos temas em relação aos quais ela admite ter orgulho. – Bem, vem cá, então. Vem me curar.

Jogo-me ao lado do fogo e arregaço a calça para revelar a ferroada no joelho. Para minha surpresa, Rue coloca um punhado de folhas na boca e começa a mastigá-las. Minha mãe utilizaria outros métodos, mas aqui não dispomos de tantas opções assim. Depois de mais ou menos um minuto, Rue pressiona um maço verde e pegajoso de folhas mastigadas e cheias de cuspe sobre meu joelho.

– Ahhh...

O som sai da minha boca antes que consiga evitar. É como se as folhas estivessem realmente sugando a dor diretamente da ferroada.

Rue dá uma risada.

– Foi sorte você ter tido o bom senso de puxar os ferrões. Do contrário, você estaria bem pior.

– Agora no pescoço! No pescoço! – Estou quase implorando.

Rue enfia mais um punhado de folhas na boca, e começo logo a rir porque o alívio é delicioso demais. Noto uma longa queimadura no antebraço de Rue.

– Tenho uma coisa pra isso.

Ponho de lado as armas e aplico o remédio para queimadura em seu braço.

– Você tem bons patrocinadores – diz ela, desejosa.

– Você já conseguiu alguma coisa? – pergunto. Ela balança a cabeça. – Mas vai. Observe. Quanto mais próximas ficamos do fim, mais as pessoas vão se dando conta de como somos inteligentes. – Viro a carne.

– Você não estava brincando quando disse que me queria como aliada? – pergunta ela.

– Não, estava falando sério – respondo. Quase consigo enxergar Haymitch girando os olhos com frustração ao saber que estou trabalhando em conjunto com uma garotinha frágil. Mas eu a quero. Porque é uma sobrevivente, e confio nela. E por que não admitir? Ela me lembra Prim.

– Tudo bem – diz ela, e estende a mão. Trocamos um aperto de mãos. – É um trato.

É claro que esse tipo de trato só pode ser temporário, mas nenhuma das duas toca no assunto.

Rue contribui para a refeição com um grande punhado de tubérculos. Grelhados, têm o sabor doce e intenso de pastinaca. Ela também reconhece a ave, algum tipo de animal selvagem que chamam de ganso silvestre em seu distrito. Diz que às vezes acontece de um bando deles invadir o pomar, o que garante um almoço decente naquele dia. Por um tempo, toda a conversa é interrompida enquanto forramos nossos estômagos. A carne do ganso silvestre é deliciosa, tão gordurosa que até pinga da boca quando mordemos algum pedaço.

– Ah – suspira Rue. – É a primeira vez que tenho uma coxa inteira só pra mim.

Aposto que sim. Aposto que carne raramente cruza seu caminho.

– Pega a outra – indico.

– Posso mesmo?

– Pode pegar o quanto você quiser. Agora que tenho um arco posso caçar outros. E ainda tenho arapucas. Posso te mostrar como armar. – Rue ainda olha para a coxa da ave sem muita convicção. – Pode pegar! – insisto, colocando o pedaço de carne na mão dela. – Só vai durar alguns dias de qualquer modo, e a gente ainda tem o resto da ave e o coelho. – Assim que põe a mão na carne, o apetite a vence e ela enfia tudo na boca.

– Imaginava que no Distrito 11 vocês tivessem mais fartura de comida do que nós. Afinal, vocês cultivam a comida.

Os olhos de Rue ficam arregalados.

– Ah, não, não temos permissão para comer o que cultivamos.

– Vocês são mandados pra prisão, alguma coisa assim?

– A pessoa é chicoteada na frente de todo mundo. O prefeito é bem rígido quanto a isso.

Diria, pela sua expressão, que esse tipo de ocorrência não é tão incomum assim. Alguém ser chicoteado em público é uma coisa rara no Distrito 12, embora ocorra ocasionalmente. Tecnicamente, Gale e eu poderíamos ser chicoteados diariamente por caçar ilegalmente na floresta – bem, tecnicamente, poderíamos receber penas bem piores –, só que todos os funcionários compram nossa carne. Além disso, nosso prefeito, o pai de Madge, não parece gostar muito desse tipo de evento. Talvez o fato de sermos o distrito menos prestigioso, mais pobre e mais ridicularizado do país tenha lá suas vantagens. Tais como sermos solenemente ignorados pela Capital contanto que nossa cota de carvão seja produzida regularmente.

– Você tem todo o carvão que deseja? – pergunta Rue.

– Não. Só o que a gente compra e o que vem grudado em nossas botas.

– Eles nos dão um pouco mais de comida no período da safra, para as pessoas durarem mais.

– Você não tem de frequentar a escola?

– Não no período da safra. Todos trabalham nessa época do ano.

É interessante ouvir como é sua vida. Temos tão poucas chances de nos comunicarmos com pessoas de outros distritos. Na verdade, imagino se os Idealizadores dos Jogos estão censurando nossa conversa porque, mesmo que a informação pareça inofensiva, não querem que as pessoas de distritos diferentes saibam das vidas umas das outras.

Seguindo a sugestão de Rue, expomos toda a nossa comida para fazer o planejamento dos dias que se seguirão. Ela já viu a maior parte de meus suprimentos, mas acrescento os últimos biscoitos e as tirinhas de carne-seca à pilha. Ela colheu uma boa variedade de raízes, nozes, verduras e até algumas amoras.

Giro nos dedos uma amora que não me é familiar.

– Tem certeza de que isso é seguro?

– Ah, sim, comemos isso lá em casa. Tenho comido essas amoras há dias – diz ela, enfiando um punhado na boca. Mordo uma delas com uma boa dose de hesitação, e o sabor é tão bom quanto as que comemos em casa. Ter Rue como aliada foi a melhor decisão que tomei. Dividimos nossos suprimentos de comida de modo que, caso nos separemos, ambas estaremos seguras por alguns dias. Fora a comida, Rue possui um pequeno odre de água, um estilingue feito por ela mesma e um par de meias sobressalentes. Também tem um pedaço de pedra bem afiado que usa como uma faca. – Sei que não é muita coisa – diz ela, aparentemente constrangida –, mas eu precisava sair rápido da Cornucópia.

– Você fez o certo – afirmo. Quando espalho meu equipamento, ela arqueja um pouco ao ver os óculos de sol.

– Como foi que você conseguiu isso?

– Na mochila. Até agora não serviram pra nada. Eles não bloqueiam o sol e pioram a visão – informo, dando de ombros.

– Não são para o sol, são para o escuro – exclama Rue. – Às vezes, quando a gente é obrigada a trabalhar durante a noite, eles entregam alguns pares desses óculos aos que estão mais alto nas árvores. Onde as lanternas não atingem. Uma vez, um garoto chamado Martin tentou ficar com o par. Escondeu nas calças. Mataram-no ali mesmo.

– Mataram um garoto por roubar um troço desses?

– Mataram, e todos sabiam que ele não era nem um pouco perigoso. Martin era meio ruim da cabeça. Enfim, ainda agia como se tivesse três anos de idade. Só queria ficar com os óculos pra brincar – responde Rue.

Ouvir isso me faz ter a sensação de que o Distrito 12 é uma espécie de refúgio seguro. É claro que as pessoas caem mortas de fome o tempo todo, mas não consigo imaginar os Pacificadores assassinando um garoto com deficiência mental. Há uma garotinha, uma das netas de Greasy Sae, que perambula pelo Prego. Ela não regula muito bem, mas é tratada como se fosse um bichinho de estimação. As pessoas jogam coisas para ela.

– Então pra que serve esse negócio? – pergunto a Rue, pegando os óculos.

– Eles permitem que você enxergue na escuridão total – explica Rue. – Experimente os óculos à noite, depois do pôr do sol.

Dou alguns fósforos a Rue e ela me entrega uma boa quantidade de folhas, caso as minhas ferroadas inflamem novamente. Apagamos a fogueira e seguimos rio acima até o entardecer.

– Onde você dorme? – pergunto a ela. – Nas árvores? – Ela balança a cabeça em concordância. – Só com a jaqueta?

Rue me mostra o par de meias sobressalentes.

– Uso isso aqui nas mãos.

Penso em como as noites têm sido frias.

– Você pode dividir comigo o saco de dormir, se quiser. Tem espaço suficiente pra nós duas. – Seu rosto se ilumina. Diria que isso é muito mais do que ela jamais ousaria esperar.

Pegamos uma forquilha bem no alto de uma árvore e nos assentamos para a noite no exato instante em que o hino começa a tocar. Nenhuma morte hoje.

– Rue, só acordei hoje. Quantas noites perdi? – O hino deve bloquear nossas palavras, mas mesmo assim sussurro. Tomo até a precaução de cobrir a boca com a mão. Não quero que o público saiba o que estou planejando contar a ela a respeito de Peeta. Seguindo meu exemplo, ela faz o mesmo.

– Duas – diz ela. – As garotas dos Distritos 1 e 4 estão mortas. Restam dez tributos, incluindo a gente.

– Alguma coisa estranha aconteceu. Pelo menos é o que acho. Talvez tenha sido o veneno das teleguiadas me fazendo imaginar coisas – começo a dizer. – Você conhece Peeta, o garoto de meu distrito? Acho que ele salvou minha vida. Mas estava com os Carreiristas.

– Ele não está mais com eles – diz ela. – Espionei o acampamento deles perto do lago. Voltaram antes de apagar o fogo por conta das ferroadas. Mas ele não está lá. Talvez tenha salvado você, sim. E depois precisou fugir às pressas.

Não retruco. Se de fato Peeta me salvou, estou novamente em dívida com ele. E isso não pode ser retribuído.

– Se ele me salvou mesmo, provavelmente a coisa toda foi parte do papel que está representando. Você sabe, aquela história de fazer com que as pessoas pensem que está apaixonado por mim.

– Ah! – diz Rue, pensativa. – Pra mim ele não estava representando.

– Claro que está. Bolou isso tudo com nosso mentor. – O hino acaba e o céu escurece. – Vamos experimentar esses óculos. – Puxo os óculos e os coloco no rosto. Rue não estava brincando. Consigo enxergar tudo, das folhas nas árvores ao gambá zanzando pelos arbustos a uns quinze metros de distância. Poderia matá-lo daqui se estivesse disposta a isso. Poderia matar qualquer pessoa.

– Imagino quem mais possui um par desses óculos – divago.

– Os Carreiristas possuem dois pares. Mas tiveram que largar tudo no chão perto do lago – informa Rue. – E são fortes demais.

– Nós também somos fortes. Só que de maneira diferente.

– Você é forte. Você sabe atirar – diz ela. – E eu? O que sei fazer?

– Você sabe como arranjar alimento. Será que eles sabem?

– Não precisam. Eles têm todos aqueles suprimentos – retruca Rue.

– Digamos que não tivessem. Digamos que os suprimentos acabassem. Quanto tempo eles durariam? Enfim, isso aqui são os Jogos Vorazes, certo?

– Mas, Katniss, eles não estão com fome.

– Não, não estão. Esse é o problema – concordo. E pela primeira vez, tenho um plano. Um plano que não é motivado pela necessidade de fuga ou de evasão. Um plano de ataque. – Acho que teremos que dar um jeito nisso, Rue.



Rue decidiu confiar inteiramente em mim. Sei disso porque assim que o hino para de tocar ela se enrosca em mim e cai no sono. Também não tenho motivos para desconfiar dela, portanto não tomo nenhuma precaução particular. Se quisesse me ver morta, ela só precisaria ter sumido daquela árvore sem me apontar o ninho das teleguiadas. Mas o que está alfinetando minha mente é bastante óbvio: nós duas não podemos vencer esses Jogos. Mas como a probabilidade de nenhuma de nós sobreviver são ainda maiores, consigo ignorar o pensamento.

Além do mais, estou concentrada em minha última ideia a respeito dos Carreiristas e de seus suprimentos. De algum modo, Rue e eu devemos achar uma forma de destruir sua comida. Tenho certeza absoluta de que teriam muita dificuldade se precisassem arrumar o próprio alimento. Tradicionalmente, a estratégia dos tributos Carreiristas é tomar posse de toda a comida logo no início e trabalhar a partir daí. Os anos em que não fizeram essa proteção muito bem – num ano um bando de répteis hediondos destruiu toda a comida, em outro uma enchente produzida por um Idealizador dos Jogos inundou tudo – foram normalmente os anos em que os tributos de outros distritos venceram. O fato de os Carreiristas terem sido mais bem alimentados enquanto cresciam, na verdade, é uma desvantagem, porque eles não sabem o que é estar faminto. Não da forma como eu e Rue sabemos.

Mas estou exausta demais para começar qualquer plano detalhado agora. Meus ferimentos ainda em tratamento, minha mente ainda um pouco enevoada devido ao veneno, o calor de Rue ao meu lado e sua cabeça aninhada

em meu ombro deram-me uma sensação de segurança. Percebo pela primeira vez como tenho estado solitária na arena. O quão confortável pode ser a presença de outro ser humano. Cedo ao entorpecimento, resolvendo que amanhã viraremos o jogo. Amanhã os Carreiristas é que vão precisar tomar cuidado.

O estrondo do canhão me acorda com um susto. O céu está com faixas de luz, os pássaros já estão tagarelando. Rue se equilibra em um galho na minha frente, suas mãos segurando alguma coisa. Esperamos ouvir outros tiros: não há, porém, mais nenhum.

– Quem você acha que morreu? – Não consigo evitar imaginar que tenha sido Peeta.

– Não sei. Pode ter sido qualquer um dos outros – diz Rue. – Acho que saberemos à noite.

– Quem é que restou mesmo? – pergunto.

– O garoto do Distrito 1. Os dois tributos do 2. O garoto do 3. Thresh e eu. E você e Peeta – conta Rue. – Oito no total. Espera aí, tem também o garoto do 10, o que tem a perna ruim. Com ele são nove.

Tem mais alguém, mas nenhuma das duas consegue lembrar quem é.

– Imagino como esse último tenha morrido – comenta Rue.

– Não dá pra saber. Mas é bom pra nós duas. Uma morte deverá segurar o público um pouco. Talvez tenhamos tempo pra fazer alguma coisa antes que os Idealizadores decidam que os Jogos estão parados demais. O que é isso na sua mão?

– O café da manhã – responde Rue. Ela estende os braços e revela dois ovos grandes.

– Que espécie de ovo é essa?

– Não tenho certeza. Tem uma região pantanosa naquela direção. Deve ser de algum tipo de pássaro aquático – sugere ela.

Seria bom cozinhá-los, mas nenhuma das duas quer correr o risco de acender uma fogueira. Minha hipótese é que o tributo morto hoje foi vítima dos Carreiristas, o que significa que eles estão suficientemente recuperados para voltar à disputa. Cada uma de nós suga o interior de um ovo, come uma pata de coelho e algumas amoras. É um bom desjejum em qualquer circunstância.

– Está pronta pra fazer aquilo? – pergunto, puxando a mochila.

– Fazer o quê? – devolve Rue, mas pela forma como se anima, dá para ver que estaria disposta a fazer qualquer coisa que eu propusesse.

– Hoje a gente vai pegar a comida dos Carreiristas – afirmo.

– É sério? Como? – Dá para ver o brilho de entusiasmo nos seus olhos. Nesse ponto ela é exatamente o oposto de Prim, para quem as aventuras são uma tortura.

– Não faço a menor ideia. Vamos, a gente bola um plano enquanto caça.

Mas não obtemos muita caça porque estou ocupada arrancando de Rue cada pedacinho de informação que posso sobre o acampamento-base dos Carreiristas. Ela só os espiou muito brevemente, mas observou bastante. Montaram o acampamento ao lado do lago. Seus suprimentos estão localizados a uns trinta metros de distância. Durante o dia, têm deixado um outro tributo, o garoto do Distrito 3, vigiando os mantimentos.

– O garoto do Distrito 3? – pergunto. – Ele está trabalhando com eles?

– Está. Fica no acampamento o tempo todo. Também foi ferroado, quando estavam fugindo das teleguiadas em direção ao lago – informa Rue. – Acho que concordaram em deixá-lo vivo se atuasse como vigia. Mas não é muito grande.

– Que armas tem?

– Não vi muitas. Uma lança. Talvez consiga lutar contra alguns de nós usando essa lança, mas Thresh o mataria com facilidade – diz Rue.

– E a comida fica ao ar livre? – pergunto. Ela balança a cabeça em concordância. – Tem alguma coisa nesse esquema todo que não está muito certa.

– Eu sei. Mas não saberia dizer exatamente o quê – comenta Rue. – Katniss, mesmo que você conseguisse chegar à comida, como se livraria dela?

– Queimando. Atiraria tudo no lago. Jogaria combustível em cima, sei lá. – Cutuco Rue na barriga, da mesma forma que faria com Prim, se ela estivesse aqui. – Comeria tudo! – Ela dá uma gargalhada. – Não se preocupe, vou pensar em alguma coisa. Destruir é muito mais fácil do que construir.

Durante um tempo, desenterramos raízes, colhemos amoras e verduras, montamos uma estratégia aos sussurros. E passo a conhecer Rue, a filha mais velha de seis irmãos, protetora feroz de todos eles, que dá suas porções de

comida aos mais novos, que vasculha as campinas num distrito em que os Pacificadores são bem menos condescendentes do que no nosso. Rue, que ao ser perguntada sobre a coisa que mais ama no mundo, responde:

– Música.

– Música? – questiono. Em nosso mundo, colocaria a música em algum lugar entre fitas de cabelo e arco-íris em termos de utilidade. Pelo menos o arco-íris fornece uma dica sobre o clima. – Você tem muito tempo pra isso?

– Nós cantamos em casa. E também no trabalho. É por isso que adoro seu broche – diz ela, apontando para o tordo que mais uma vez eu havia esquecido.

– Existem tordos no seu distrito?

– Existem. Tenho alguns que são meus amigos especiais. Cantamos juntos por horas e horas. Levam mensagens pra mim.

– Como assim?

– Normalmente estou bem no alto de alguma árvore, então sou a primeira a ver a bandeira que sinaliza o fim da jornada. Há uma cançãozinha especial que canto – conta Rue. Ela abre a boca e canta uma pequena melodia de quatro notas com uma voz doce e límpida. – E os tordos espalham a informação por todo o pomar. É assim que todo mundo fica sabendo que já pode ir pra casa – continua ela. – Mas às vezes podem ser perigosos, se você se aproximar demais de seus ninhos. Mas não dá pra culpá-los por isso.

Solto o broche e entrego a ela.

– Aqui está. É seu. Tem mais significado pra você do que pra mim.

– Ah, não! – diz Rue, fechando meus dedos no broche. – Gosto de ver você usando ele. Foi por isso que decidi que podia confiar em você. Além do mais, tenho isso aqui. – Ela puxa um colar feito com o mesmo tipo de material que a sua camisa. Nele está pendurada uma estrela de madeira toscamente talhada. Ou talvez seja uma flor. – É um talismã de boa sorte.

– Bem, até agora deu certo – comento, prendendo de volta o tordo na camisa. – Talvez seja melhor mesmo você continuar com esse aí.

Na hora do almoço, já estamos com o plano delineado. Ao fim da tarde, estamos preparadas para colocá-lo em ação. Ajudo Rue a coletar e a dispor a madeira para as duas primeiras fogueiras; a terceira ela terá tempo de fazer sozinha. Decidimos nos encontrar mais tarde no local onde comemos nossa

primeira refeição juntas. O riacho deve me ajudar a chegar lá. Antes de sair, certifico-me de que Rue está com uma boa provisão de alimento e fósforos. Até insisto para que ela pegue meu saco de dormir, caso nosso encontro não seja possível até o cair da noite.

– E você não vai ficar com frio? – pergunta ela.

– Não se eu pegar outro saco no lago. Afinal, roubar não é ilegal aqui – respondo, sorrindo levemente.

Na última hora, Rue decide me ensinar o canto de alerta do tordo, o que ela usa para indicar que a jornada de trabalho acabou.

– Talvez não funcione. Mas se você ouvir os tordos cantando, você vai saber que estou bem, só não estarei em condições de responder de imediato.

– Há muitos tordos aqui?

– Você não viu? Há ninhos deles por todos os lados – diz ela. Tenho que admitir que não reparei.

– Tudo bem, então. Se tudo correr de acordo com o plano, a gente se encontra pro jantar.

Inesperadamente, Rue abre os braços para mim. Minha hesitação dura apenas um segundo antes de corresponder ao abraço caloroso.

– Tome cuidado – aconselha.

– Você também – retribuo. Viro-me e volto para o riacho, um pouco preocupada: com a possibilidade de Rue ser morta, com a possibilidade de Rue não ser morta e nós duas sermos deixadas por último, com o fato de deixar Prim abandonada. Não, Prim tem minha mãe e Gale, e um padeiro que prometeu que ela não passará fome. Rue só tem a mim.

Assim que alcanço o riacho, só preciso segui-lo até o local onde o localizei pela primeira vez, depois do ataque das teleguiadas. Mas tenho que ser cuidadosa ao me mover pela água porque me dou conta de que meus pensamentos estão ocupados com questões não respondidas, a maioria a respeito de Peeta. O tiro de canhão de hoje de manhã significou a morte dele? Pelas mãos de algum Carreirista? E será que isso foi uma vingança por ele ter me deixado escapar? Luto mais uma vez para me lembrar daquele momento em que eu estava sobre o corpo de Glimmer e ele apareceu de repente por entre

as árvores. Mas o simples fato de que ele estava brilhando já me deixa com dúvidas sobre a veracidade do que vi.

Ontem eu devia estar me movendo muito lentamente porque em poucas horas alcanço o córrego raso onde tomei banho. Paro para me abastecer de água e adiciono uma camada de lama à minha mochila. Parece que ela cisma em voltar à cor alaranjada, não importa quantas vezes eu a cubra.

Minha proximidade do acampamento dos Carreiristas aguça meus sentidos e, quanto mais chego perto deles, mais cautelosa fico, parando frequentemente para escutar sons estranhos e deixando uma flecha posicionada na corda do arco. Não vejo nenhum outro tributo, mas noto algumas das coisas que Rue mencionou. Faixas de terra com amoras suculentas. Um arbusto com as folhas que curaram minhas ferroadas. Aglomerados de ninhos de teleguiadas nas vizinhanças da árvore em que eu estava trepada. E aqui e ali, um lampejo das asas pretas e brancas de um tordo nos galhos acima de minha cabeça.

Quando alcanço a árvore com o ninho abandonado no chão, paro por um instante para reunir coragem. Rue me deu instruções específicas sobre como chegar ao melhor ponto de espionagem perto do lago da posição em que me encontro. *Lembre-se*, digo para mim mesma, *agora você é a caçadora, não eles.* Aperto o arco com firmeza e prossigo. Chego ao pequeno bosque ao qual Rue se referiu e mais uma vez sou obrigada a admitir a sagacidade da garota. Ele fica bem no limite da floresta, mas a folhagem é tão densa e baixa que consigo facilmente observar o acampamento dos Carreiristas sem ser avistada. Entre nós fica a extensão de terra onde os Jogos tiveram início.

Há quatro tributos. O garoto do Distrito 1, Cato e a garota do Distrito 2. E um garoto magricela e pálido que deve ser o do Distrito 3. Quase não reparei em sua presença durante todo o tempo que permanecemos na Capital. Não me lembro de quase nada dele. Não me lembro da roupa, não me lembro da nota que tirou no treinamento, não me lembro da entrevista. Mesmo agora, ali, mexendo em uma espécie de caixa de plástico, é facilmente ignorável na presença de seus companheiros bem maiores e dominantes. Mas ele deve ter algum valor, ou não teriam se importado em deixá-lo vivo. Ainda assim, vê-lo só aumenta minha inquietação a respeito do motivo de os Carreiristas o terem

escalado para montar guarda; do motivo pelo qual permitiram que permanecesse vivo.

Todos os quatro tributos parecem ainda estar se recuperando do ataque das teleguiadas. Mesmo a essa distância, consigo ver os imensos calombos inchados em seus corpos. Não devem ter tido o bom senso de remover os ferrões ou, se tiveram, não sabiam nada a respeito das folhas curativas. Aparentemente, sejam lá quais forem os remédios que encontraram na Cornucópia, não surtiram efeito algum.

A Cornucópia está em sua posição original, mas foi totalmente dilapidada. A maioria dos suprimentos, dispostos em engradados, em sacos de estopa e lixeiras de plástico, está organizadamente empilhada numa pirâmide que está, ao que parece, a uma distância questionável do acampamento. Outros estão espalhados em volta do perímetro da pirâmide, quase imitando a disposição dos suprimentos em volta da Cornucópia no início dos Jogos. Há ainda uma cobertura de redes que parece inútil para tudo, a não ser para espantar os pássaros, protegendo a pirâmide.

Todo o esquema é completamente intrigante. A distância, a rede e a presença do garoto do Distrito 3. De uma coisa tenho certeza: destruir esses suprimentos não vai ser tão simples quanto parece. Algum outro fator está em jogo aqui, e é melhor eu ficar bem atenta até descobrir qual é. Minha hipótese é que a pirâmide está, de alguma maneira, recheada de armadilhas. Penso em fossos ocultos, redes que caem em cima de você, num fio que, quando partido, lança um dardo venenoso na direção de seu coração. Na verdade, as possibilidades são intermináveis.

Enquanto estou considerando minhas opções, escuto Cato dar um grito. Está apontando para a floresta, bem além de mim, e sem me virar, sei que Rue deve ter acendido a primeira fogueira. Garantimos que não faltasse madeira para fazer uma fogueira que fosse bastante chamativa. Os Carreiristas começam a se armar de imediato.

Uma discussão tem início. Os tons das vozes são altos o suficiente para que eu entenda que diz respeito ao garoto do Distrito 3. Se ele deve acompanhá-los ou se deve permanecer no acampamento.

– Ele vem com a gente. Nós precisamos dele na floresta e, de qualquer maneira, o trabalho dele aqui já acabou. Ninguém pode tocar nesses suprimentos – diz Cato.

– E quanto ao Conquistador? – pergunta o garoto do Distrito 1.

– Vou dizer mais uma vez. Esquece ele. Sei onde enfiei a faca nele. É um milagre ainda estar vivo depois de perder tanto sangue. Na pior das hipóteses, não tem condições de nos perseguir – diz Cato.

Então, Peeta está lá na floresta, e com um ferimento horrível. Mas ainda não sei o que o motivou a trair os Carreiristas.

– Vamos embora – chama Cato. Ele coloca uma lança na mão do garoto do Distrito 3, e eles correm na direção do fogo. A última coisa que ouço quando estão entrando na floresta é Cato dizendo:

– Quando nós a encontrarmos, vou matá-la do meu jeito e ninguém vai se meter.

Alguma coisa me diz que ele não está falando de Rue. Ela não jogou um ninho de teleguiadas nele.

Fico alerta por mais ou menos meia hora, pensando no que fazer com os suprimentos. A única vantagem que tenho com o arco e flecha é a distância. Poderia, com muita facilidade, lançar uma flecha em chamas no interior da pirâmide – sou boa o suficiente com o arco para fazer com que a flecha passe pelas pequenas aberturas na rede –, mas não há garantia de que o fogo se espalhará. É muito mais provável que a flecha queime, e depois o quê? Eu não teria conseguido nada e teria, isso sim, revelado muitas informações sobre mim para eles: que eu estava aqui, que tenho uma parceira, que sei usar o arco com precisão.

Não há alternativa. Vou ter mesmo que me aproximar e ver se não consigo descobrir o que exatamente protege os suprimentos. Na realidade, estou a ponto de sair do esconderijo quando um movimento me chama a atenção. Várias centenas de metros à minha direita, vejo alguém emergindo da floresta. Por um segundo, imagino que seja Rue, mas aí reconheço a Cara de Raposa – ela era o tributo de quem não conseguíamos nos lembrar hoje de manhã – se esgueirando na direção da clareira. Quando se convence de que está segura, corre para a pirâmide com passos curtos e rápidos. Pouco antes de alcançar o

círculo de suprimentos que haviam sido empilhados em torno da pirâmide, ela para, examina o chão e cuidadosamente coloca os pés em um determinado ponto. Então, começa a se aproximar da pirâmide com saltos curtos e estranhos, às vezes aterrissando em um único pé, oscilando levemente, às vezes arriscando alguns passos. Em um ponto, ela se projeta no ar por sobre um pequeno barril e aterrissa na ponta dos pés. Mas ultrapassou um pouco o limite, e o impulso a levou para a frente. Ouço seu grito agudo quando suas mãos atingem o chão, mas nada acontece. De imediato, ela se levanta e continua até alcançar a pilha de suprimentos.

Quer dizer então que estava certa a respeito da armadilha, mas sem dúvida é bem mais complexa do que eu imaginava. Também estava certa em relação à garota. Foi muita astúcia de sua parte ter descoberto essa trilha que dá acesso à comida e ter sido capaz de segui-la com tanta engenhosidade. Ela enche sua mochila, escolhendo alguns itens de uma variedade de contêineres: biscoitos de um engradado, um punhado de maçãs de um saco de estopa que está suspenso por uma corda ao lado de uma lata de lixo. Mas somente um punhado de cada coisa, não o suficiente para que se dê pela falta da comida. Não o suficiente para causar suspeita. E então volta a fazer aqueles movimentos esquisitos para sair do círculo e sumir novamente no interior da floresta, sã e salva.

Percebo que estou com os dentes cerrados de pura frustração. Cara de Raposa confirmou o que eu já havia adivinhado. Mas que tipo de armadilha montaram que requer tanta destreza? Será que possui tantos pontos de disparo? Por que ela deu aquele grito quando suas mãos tocaram o chão? Dá para imaginar que... e lentamente a coisa toda começa a se formar na minha cabeça... dá para imaginar que o próprio chão estava prestes a explodir.

– Está minado – sussurro. Isso explica tudo. A despreocupação dos Carreiristas em deixar os suprimentos. A reação de Cara de Raposa, o envolvimento do garoto do Distrito 3, onde se localizam as fábricas, onde produzem televisores e automóveis e explosivos. Mas onde ele as conseguiu? Nos suprimentos? Esse não é o tipo de arma que os Idealizadores dos Jogos normalmente disponibilizam, tendo em vista que gostam de ver os tributos sangrando no corpo a corpo. Saio dos arbustos e vou até um dos círculos de metal que trouxeram os tributos para a arena. A terra em volta dele foi escavada

e depois recolocada. As minas terrestres foram desabilitadas depois dos sessenta segundos que nós ficamos nos círculos, mas o garoto do Distrito 3 deve ter conseguido reativá-las. Nunca vi ninguém fazer uma coisa dessas em nenhuma edição dos Jogos. Aposto que foi um choque até mesmo para os Idealizadores.

Bem, palmas para o garoto do Distrito 3 por armar uma para cima deles, mas o que faço agora? Obviamente, não posso sair andando na direção daquela bagunça sem explodir pelos ares. Quanto a lançar uma flecha em chamas, a ideia agora é mais risível do que nunca. As minas são ativadas por pressão. Mas também não precisa ser muita. Uma vez, uma garota deixou cair seu símbolo – uma pequena bola de madeira – enquanto estava no círculo de metal, e foi preciso, literalmente, raspar do chão todos os pedacinhos dela.

Meu braço está em boas condições, talvez eu consiga arremessar algumas pedras no local e ativar o quê? Uma mina, quem sabe? Isso poderia acarretar uma reação em cadeia. Será mesmo? Será que o garoto do Distrito 3 dispôs as minas de tal forma que uma única delas não interferiria nas outras, e dessa forma elas protegeriam os suprimentos ao garantir a morte do invasor? Mesmo que só conseguisse explodir uma única mina, eu atrairia os Carreiristas de volta com certeza. E, de qualquer maneira, o que estou pensando? Há aquela rede, visivelmente colocada para impedir tais ataques. Além disso, o que realmente teria de fazer seria arremessar umas trinta pedras no local de uma vez só, acarretando uma gigantesca reação em cadeia e pondo abaixo tudo aquilo.

Olho de relance para a floresta. A fumaça da segunda fogueira de Rue está subindo em direção ao céu. A uma hora dessas os Carreiristas provavelmente já terão começado a suspeitar de alguma espécie de truque. O tempo está se esgotando.

Há uma solução para isso, sei que há. Se ao menos eu pudesse me concentrar o suficiente... Miro a pirâmide, as latas de lixo, os engradados, pesados demais para serem derrubados com uma flechada. Talvez algum deles contenha óleo para cozinhar, e a ideia da flecha em chamas está começando a se tornar viável novamente quando recordo que poderia acabar perdendo todas as minhas doze flechas e não conseguir atingir nenhuma lixeira, já que estaria apenas supondo tudo isso. Estou seriamente pensando em tentar reproduzir os passos de Cara de Raposa até a pirâmide, na esperança de encontrar novos

meios de destruição quando meus olhos brilham na direção do saco de estopa cheio de maçãs. Poderia cortar a corda em uma única tentativa. Por acaso não fiz a mesma coisa no Centro de Treinamento? É um saco grande, mas talvez ele só sirva para uma explosão. Se ao menos pudesse fazer com que as maçãs saíssem sozinhas...

Sei o que fazer. Preparo-me e disponibilizo três flechas para realizar a tarefa. Posiciono meus pés com cuidado e me isolo do resto do mundo enquanto preparo uma mira meticulosa. A primeira flecha acerta o lado do saco perto do topo, deixando um corte na estopa. A segunda o amplia para o tamanho de um buraco. Consigo ver a primeira maçã escapando quando mando a terceira flecha, pegando a aba rasgada da estopa e arrancando-a do saco.

Por um momento, tudo parece congelado no tempo. Então, as maçãs começam a se derramar pelo chão e sou jogada bruscamente para trás.



O impacto com a terra dura me deixa sem ar. Minha mochila pouco faz para aliviar o golpe. Por sorte, minha aljava ficou presa no cotovelo, poupando não só sua integridade como também meu ombro, e meu arco está firmemente seguro em minha mão. O solo ainda treme devido às explosões. Não consigo escutar o barulho. Não consigo escutar nada no momento. Mas as maçãs devem ter ativado uma quantidade suficiente de minas, fazendo com que os estilhaços, por sua vez, ativassem outras. Consigo proteger o rosto com os braços enquanto pedaços de várias coisas, algumas das quais em chamas, chovem sobre mim. Uma fumaça ácida cobre o ar, o que não é o remédio ideal para alguém que está tentando recuperar a capacidade de respirar.

Depois de mais ou menos um minuto, o chão para de vibrar. Rolo para o lado e me permito um momento de satisfação diante da visão dos destroços fumegantes que há pouco tempo tinham a aparência de uma pirâmide. Os Carreiristas dificilmente conseguirão salvar qualquer coisa do local.

É melhor sair logo daqui. Eles virão diretamente para cá. Mas assim que me levanto, noto que escapar talvez não seja uma tarefa tão simples. Estou tonta. Não aquele tipo de tonteira leve, mas o tipo que faz com que as árvores pareçam estar rodopiando à sua volta e a terra se movendo em ondas embaixo de seus pés. Dou alguns passos e acabo caindo. Paro alguns minutos para esperar a sensação passar, mas ela não passa.

Começo a entrar em pânico. Não posso ficar aqui. Fugir é essencial. Mas não consigo nem andar nem escutar nada. Coloco uma das mãos no ouvido esquerdo, o que estava virado na direção da explosão, e, quando olho, ela está

cheia de sangue. Será que a explosão me deixou surda? A ideia me assusta. Confio tanto em meus ouvidos quanto em meus olhos nas caçadas. Às vezes, sou obrigada a confiar até mais nos ouvidos. Mas não posso permitir que meu medo apareça. Não há qualquer sombra de dúvida de que eu esteja agora ao vivo em todas as telas de televisão de Panem.

Sem rastros de sangue, digo para mim mesma, e cubro a cabeça com o capuz, amarrando a corda embaixo do queixo com dedos pouco dispostos a cooperar. Isso deve ajudar a secar o sangue. Não consigo andar, mas será que consigo rastejar? Faço um movimento para a frente, hesitante. Sim, se for bem lentamente, consigo rastejar, sim. As árvores daqui não oferecem muitas possibilidades de esconderijo. Minha única esperança é chegar ao bosque de Rue e me esconder na vegetação. Não posso ser pega aqui, jogada no chão, a céu aberto. Certamente teria de encarar não simplesmente a morte, mas uma morte lenta e dolorosa nas mãos de Cato. A imagem de Prim sendo obrigada a assistir a tudo isso faz com que eu avance infatigavelmente, centímetro a centímetro, na direção do esconderijo.

Uma outra explosão me faz grudar o rosto no chão. Uma mina desgarrada, ativada por algum engradado em queda. Acontece outras duas vezes. O som me faz lembrar dos últimos grãos de milho que explodem quando eu e Prim fazemos pipoca na lareira de casa.

Dizer que consigo escapar no último segundo não é um exagero. Mal acabei de me arrastar, literalmente, até o emaranhado de arbustos na base das árvores quando avisto Cato, correndo em disparada, e logo seguido de seus companheiros. Sua raiva é tão extrema que poderia até ser cômica – quer dizer então que as pessoas realmente arrancam os cabelos e dão socos no chão –, se eu não soubesse que ela é endereçada a mim, ao que fiz com ele. Acrescente isso à minha proximidade, minha impossibilidade de correr ou de me defender e, na verdade, a coisa toda me deixa aterrorizada. Estou contente de meu esconderijo tornar impossível para as câmeras conseguirem dar um close em mim, porque estou roendo as unhas como se não houvesse amanhã. Arrancando os últimos resquícios de esmalte, tentando evitar que meus dentes batam uns contra os outros.

O garoto do Distrito 3 joga pedras nas ruínas e deve ter declarado que todas as minas foram ativadas, porque os Carreiristas se aproximam dos destroços.

Cato encerrou a primeira fase de seu ataque e agora transfere a raiva para os restos fumegantes, chutando vários contêineres. Os outros tributos estão remexendo a bagunça em busca de algo que possa ser salvo, mas não há nada. O garoto do Distrito 3 executou muito bem seu trabalho. Essa ideia também deve estar ocorrendo a Cato, porque ele se volta para o garoto e parece estar gritando com ele. O garoto do Distrito 3 só tem tempo de se virar e correr antes de Cato pegá-lo por trás com um mata-leão. Consigo ver os músculos se retesando nos braços de Cato quando ele torce a cabeça do garoto para o lado com força e precisão.

Rápida assim. A morte do garoto do Distrito 3.

Os outros dois Carreiristas parecem tentar acalmar Cato. Dá para ver que ele quer voltar para a floresta, mas eles não param de apontar para o céu, o que me deixa confusa. Aí me dou conta: *É claro. Eles pensam que quem quer que tenha desencadeado a explosão está morto.* Eles não sabem nada sobre as flechas e as maçãs. Eles reconhecem que a armadilha foi a culpada pela destruição, mas acham que o tributo que explodiu os suprimentos morreu no ato. Se houve um tiro de canhão, ele pode muito bem ter passado despercebido nas explosões subsequentes. Os restos esmigalhados do ladrão teriam sido removidos pelo aerodeslizador. Eles se retiram para a extremidade lateral do lago para permitir que os Idealizadores removam o corpo do garoto do Distrito 3. E esperam.

Suponho que haja um tiro de canhão. Um aerodeslizador aparece e leva o corpo do garoto morto. O sol se põe no horizonte. A noite cai. No céu, vejo a insígnia e sei que o hino deve ter começado. Um instante de escuridão. Eles mostram o garoto do Distrito 3. Eles mostram o garoto do Distrito 10, que deve ter morrido hoje de manhã. Então, a insígnia reaparece. Quer dizer que agora eles sabem. A pessoa que detonou a bomba sobreviveu. À luz da insígnia, consigo ver Cato e a garota do Distrito 2 colocarem seus óculos de visão noturna. O garoto do Distrito 1 acende um galho e usa como tocha, iluminando a sombria determinação em seus rostos. Os Carreiristas retornam à floresta para caçar.

A tonteira melhorou e, apesar de meu ouvido esquerdo ainda estar ensurdecido, consigo ouvir um zumbido no direito, o que parece ser um bom sinal. Porém, sair do meu esconderijo está fora de questão. Aqui, no local do crime, estou mais segura do que em qualquer outro lugar. Provavelmente estão pensando que a pessoa que detonou a bomba está com duas ou três horas de vantagem sobre eles. Mesmo assim, demora muito antes que eu me arrisque a me mexer.

A primeira coisa que faço é colocar meus óculos, o que me relaxa um pouco, pois agora tenho pelo menos um dos meus sentidos funcionando. Bebo um pouco de água e lavo o sangue do ouvido. Temendo que o cheiro de carne atraia predadores indesejáveis – sangue fresco já é suficientemente ruim –, faço uma boa refeição com verduras, raízes e amoras que eu e Rue colhemos hoje.

Onde está minha pequena aliada? Será que conseguiu chegar ao local de encontro? Será que está preocupada comigo? Pelo menos o céu mostrou que ambas estamos vivas.

Conto com os dedos os tributos sobreviventes. O garoto do Distrito 1, os dois do 2, Cara de Raposa, os dois do 11 e do 12. Apenas oito de nós. As apostas devem estar fervendo na Capital. Devem estar fazendo reportagens especiais sobre cada um de nós. Provavelmente entrevistando nossos amigos e familiares. Faz um bom tempo desde a última vez que algum tributo do Distrito 12 conseguiu ficar entre os oito primeiros. E agora estamos os dois. Embora, se levarmos em conta as palavras de Cato, Peeta esteja nas últimas. Não que Cato represente a palavra final sobre o que quer que seja. Não foi ele próprio que acabou de perder todo o estoque de suprimentos?

Que a septuagésima quarta edição dos Jogos Vorazes comece, Cato, penso. *Que ela comece pra valer.*

Uma brisa fria sopra agora. Procuro meu saco de dormir antes de me lembrar que o emprestei a Rue. Era para eu ter pegado algum outro, mas, com as minas e tudo o mais, acabei esquecendo. Começo a tremer. Tendo em vista que ficar empoleirada a noite toda em uma árvore não é muito sensato, cavo um buraco embaixo dos arbustos e me cubro com folhas e agulhas de pinheiro. Ainda estou com frio. Coloco minha folha de plástico sobre a parte superior do corpo e posiciono a mochila no sentido oposto ao do vento. Fica um pouco

melhor assim. Começo a me solidarizar com a garota do Distrito 8 que acendeu a fogueira na primeira noite. Mas agora sou eu que preciso cerrar os dentes e aguentar firme até o amanhecer. Mais folhas, mais agulhas de pinheiro. Puxo os braços para dentro da jaqueta e encaixo os joelhos no peito. Não sei como, mas acabo adormecendo.

Quando abro os olhos, o mundo parece levemente fraturado, e levo um minuto para perceber que o sol já deve estar bem alto e os óculos estão fragmentando minha visão. Enquanto me sento e os removo, escuto um riso em algum lugar perto do lago e fico paralisada. O riso é distorcido, mas o fato de ter ao menos registrado sua presença significa que estou recuperando minha audição. Sim, meu ouvido direito está escutando novamente, embora ainda esteja zumbindo. Quanto ao meu ouvido esquerdo, bem, pelo menos o sangramento parou.

Espio por entre os arbustos, com medo de os Carreiristas terem retornado, me obrigando a permanecer aqui por tempo indefinido. Não, é Cara de Raposa quem está em pé sobre os destroços da pirâmide e rindo. É mais esperta do que os Carreiristas. Na verdade, está encontrando alguns itens úteis em meio às cinzas. Um pote de metal. Uma lâmina de faca. Estou perplexa com seu bom humor até perceber que, após a eliminação das provisões dos Carreiristas, talvez ela efetivamente tenha alguma chance. Assim como o resto de nós. Passa pela minha cabeça a ideia de revelar minha presença e alistá-la como uma segunda aliada contra o bando. Mas descarto a hipótese. Tem alguma coisa nesse riso ardiloso que me faz ter certeza de que fazer amizade com Cara de Raposa terminaria por me arranjar uma facada nas costas. Com isso em mente, talvez agora seja uma excelente oportunidade para acabar com ela. Mas ela ouviu alguma coisa. Não foi nenhum barulho do meu lado porque a cabeça dela virou para outra direção, para a direção do despenhadeiro, e ela corre para a floresta. Eu espero. Ninguém. Coisa alguma aparece. Mas ainda assim, se Cara de Raposa imaginou que fosse perigoso, talvez seja o momento de eu sair daqui também. E além do mais, estou ansiosa para contar a Rue a respeito da pirâmide.

Como não faço a menor ideia de onde estão os Carreiristas, voltar pelo riacho parece uma possibilidade tão boa quanto qualquer outra. Corro, o arco

preparado em uma das mãos, um pedaço de ganso silvestre frio na outra, porque agora estou morrendo de fome, e não é fome de folhas e amoras, mas de gordura e proteína da carne. A viagem até o riacho ocorre sem incidentes. Uma vez lá, reabasteço-me e me lavo, tomando um cuidado especial com meu ouvido machucado. Então, caminho colina acima usando o riacho como guia. Em determinado ponto, encontro pegadas de botas na lama ao longo da margem. Os Carreiristas estiveram aqui, mas não por muito tempo. As pegadas são profundas porque foram feitas em lama macia, mas agora estão quase secas devido ao sol. Não tenho sido suficientemente cuidadosa em relação ao meu próprio rastro, contando com passos leves e com as agulhas dos pinheiros para ocultar minhas pegadas. Agora retiro as botas e as meias e ando descalça no leito do riacho.

A água fria exerce um efeito revigorante em meu corpo, em meu humor. Pego dois peixes no riacho com muita facilidade e como um deles cru, mesmo tendo acabado de comer o ganso silvestre. Guardo o segundo para Rue.

Aos poucos, sutilmente, o zumbindo em meu ouvido direito vai ficando mais fraco até que para de vez. Mexo periodicamente no ouvido, tentando retirar seja lá o que possa o estar impossibilitando de coletar sons. Se há alguma melhoria, não a detecto. Não consigo me ajustar à surdez. Fico com uma sensação de desequilíbrio e fragilidade do lado esquerdo. É como se fosse uma cegueira. Minha cabeça não para de se virar para o lado problemático enquanto meu ouvido direito tenta compensar o paredão vazio onde até ontem mesmo havia um fluxo constante de informação. Quanto mais o tempo passa, menos esperança tenho de que o ferimento possa ser curado.

Quando alcanço o local de nosso primeiro encontro, tenho a nítida sensação de que ninguém passou por aqui. Não há nenhum sinal de Rue, nem no chão, nem nas árvores. O que é estranho. Ela já deveria ter voltado, já que é meio-dia. Sem dúvida, passou a noite em cima de uma árvore em algum lugar por aí. O que mais ela poderia fazer sem luz e com os Carreiristas com seus óculos de visão noturna marchando pela floresta? E a terceira fogueira que deveria ter acendido – embora eu tenha esquecido de verificá-la ontem à noite – seria a mais distante de todas de nosso local. Provavelmente, estava apenas sendo cautelosa em relação à sua volta. Gostaria que se apressasse porque eu

não quero ficar parada aqui por muito tempo. Quero passar a tarde viajando para um local mais alto, e caçar alguma coisa no caminho. Mas não há nada que eu realmente possa fazer além de esperar.

Removo com água o sangue da minha jaqueta e do cabelo e limpo minha lista cada vez maior de ferimentos. As queimaduras estão bem melhores, mas ponho um pouco de remédio assim mesmo. Minha principal preocupação agora é evitar alguma infecção. Faço um esforço e como o segundo peixe. Ele não ia durar muito nesse calor, mas não devo ter muita dificuldade para pegar mais alguns para Rue. Se ao menos ela aparecesse.

Sentindo-me bastante vulnerável no chão devido à minha audição desigual, resolvo escalar uma árvore e esperar. Se os Carreiristas aparecerem, aqui vai ser um excelente local para alvejá-los. O sol se move lentamente. Faço coisas para passar o tempo. Mastigo folhas e as aplico sobre as ferroadas, que estão menos inchadas mas ainda doloridas. Penteio os cabelos úmidos com os dedos e faço uma trança. Amarro o cadarço das botas. Verifico o arco e as nove flechas restantes. Testo repetidamente meu ouvido esquerdo esfregando uma folha perto dele, em busca de sinais de vida, mas sem resultado algum.

Apesar do ganso silvestre e do peixe, meu estômago está roncando, e sei que terei o que chamamos no Distrito 12 de um dia vazio. É o tipo de dia em que não importa o quanto você coloque de comida no estômago, nunca será suficiente. Não ter nada para fazer além de ficar sentada em uma árvore só piora a sensação, então, decido ceder. Afinal, perdi muito peso na arena. Sinto necessidade de algumas calorias extras. E dispor do arco e de algumas flechas me deixa mais confiante a respeito de minhas perspectivas futuras.

Lentamente, descasco e como um punhado de nozes. Meu último biscoito. O pescoço do ganso silvestre. Essa parte é boa porque demora a ficar limpa. Finalmente, uma asa de ganso e a ave vira história. Mas é um dia vazio, e, mesmo com tudo isso, começo a sonhar com comida. Especificamente, com os pratos indulgentes servidos na Capital. A galinha com molho cremoso de laranja. Os bolos e os pudins. Pão com manteiga. Macarrão ao molho verde. O cozido de cordeiro com ameixas secas. Sugo algumas folhas de menta e digo a mim mesma que é hora de parar com isso. Menta é bom porque sempre

bebemos chá de menta após a ceia, então ela acaba enganando meu estômago, fazendo-o crer que a refeição está encerrada. Ou algo assim.

Balançando na árvore ao calor do sol, a boca cheia de menta, meu arco à mão... esse é o momento mais relaxante que tive desde que entrei na arena. Se ao menos Rue aparecesse, poderíamos dar o fora daqui. À medida que as sombras crescem, cresce também minha inquietação. Ao fim da tarde, já estou decidida a sair em sua busca. Posso pelo menos passar no local onde ela acendeu a terceira fogueira e ver se há alguma pista de seu paradeiro.

Antes de ir, espalho algumas folhas de menta em volta de nossa antiga fogueira. Como nós duas colhemos as folhas a uma boa distância daqui, Rue vai entender que estive aqui, ao passo que, para os Carreiristas, elas não terão nenhum significado.

Em menos de uma hora, estou no local onde combinamos de acender a terceira fogueira, e sei que alguma coisa está errada. A madeira foi cuidadosamente arrumada, habilidosamente intercalada com lenha, mas não foi acesa em momento algum. Rue preparou a fogueira, mas nunca retornou ao local. Ela encontrou problemas em algum momento entre a segunda coluna de fumaça que espionei antes de explodir os suprimentos e esse ponto aqui.

Tenho de me lembrar que ela ainda está viva. Ou será que não? Será que o tiro de canhão anunciando sua morte foi dado de manhã cedinho, quando até meu ouvido bom estava em péssimas condições para ouvi-lo? Será que ela vai aparecer no céu hoje à noite? Não, recuso-me a acreditar nisso. Centenas de outras explicações seriam cabíveis. Ela poderia ter se perdido. Corrido na direção de um bando de predadores ou de algum outro tributo, como Thresh, e ter sido obrigada a se esconder. Seja lá o que aconteceu, tenho quase certeza de que ela está presa em algum lugar, algum lugar entre a segunda fogueira e essa fogueira não acesa aqui aos meus pés. Alguma coisa a está mantendo em cima de uma árvore.

Acho que vou descobrir o que é.

É um alívio fazer algo depois de ficar a tarde toda sentada. Esgueiro-me silenciosamente por entre as sombras, permitindo que elas me ocultem. Mas nada parece suspeito. Não há sinal de nenhum tipo de luta. Nenhuma folha arrebentada no chão. Depois de parar por um instante, ouço alguma coisa.

Preciso inclinar a cabeça para ter certeza, mas ouço novamente. A canção de quatro notas de Rue saindo da boca de um tordo. A que indica que ela está bem.

Sorrio e me movo na direção do pássaro. Um outro, apenas um pouco distante daqui, reproduz as notas. Rue cantou para eles, e não faz muito tempo. Porque senão estariam cantando outra canção. Meus olhos se dirigem para as árvores, em busca de algum sinal dela. Tento cantar de volta, na esperança de que ela compreenda que é seguro se juntar a mim. Um tordo repete a melodia para mim. E então ouço o grito.

Um grito de criança, o grito de uma garota jovem. Não há mais ninguém na arena capaz de reproduzir esse som a não ser Rue. E agora estou correndo, ciente de que isso pode ser uma armadilha, ciente de que os três Carreiristas podem estar prontos para me atacar, mas não consigo evitar. Ouço mais um grito agudo, dessa vez é meu nome.

– Katniss! Katniss!

– Rue! – grito de volta, para que ela saiba que estou próxima. Para que *eles* saibam que estou próxima. Torcendo para que a voz da garota que os atacou com as teleguiadas e que tirou um onze que eles até agora não conseguem explicar seja o suficiente para desviar sua atenção de Rue. – Rue! Estou chegando!

Assim que entro na clareira, ela está no chão, desesperadamente emaranhada em uma rede. Ela só tem tempo de colocar a mão para fora da malha e dizer meu nome antes de a lança perfurar seu corpo.



O garoto do Distrito 1 morre antes mesmo de conseguir puxar a lança. Minha flecha o atinge bem no meio do pescoço. Ele cai de joelhos e reduz o pouco que lhe resta de vida ao arrancar a flecha, terminando por afogar-se em seu próprio sangue. Já estou preparando mais um disparo, mudando a mira de um lado para outro, enquanto grito para Rue:

– Tem mais algum? Tem mais algum?

Ela precisa dizer não várias vezes até eu conseguir ouvi-la.

Rue rolou para o lado, seu corpo está curvado em volta da lança. Jogo o garoto para longe dela e puxo a faca, soltando-a da rede. Uma olhada rápida no ferimento e sei que está bem além de minha capacidade de cura. Além da capacidade de qualquer pessoa, provavelmente. A ponta da lança está enterrada em seu estômago. Rastejo até ela, observando a arma enfiada sem saber o que fazer. Não há nenhum sentido em dizer palavras reconfortantes; em dizer que ela vai ficar boa. Ela não é nenhuma imbecil. Rue estende a mão e a agarro como se fosse uma corda salva-vidas. Como se fosse eu que estivesse morrendo e não ela.

– Você explodiu a comida?

– Até o último grão.

– Você precisa vencer.

– Eu vou. Agora vou vencer por nós duas – prometo a ela. Ouço um canhão e levanto os olhos. Deve ser para o garoto do Distrito 1.

– Não vá. – Rue aperta minha mão com mais força.

– É claro que não. Vou ficar bem aqui. – Aproximo-me dela, puxando sua cabeça para meu colo. Delicadamente, jogo seus cabelos escuros e espessos para trás da orelha.

– Cante – diz ela, mas quase não consigo ouvir a palavra.

Cantar? Cantar o quê? Sei algumas canções. Acredite ou não, tempos atrás também havia música na minha casa. Música que ajudei a fazer. Meu pai possuía uma voz extraordinária que eu amava, mas desde que ele morreu não tenho mais cantado muito. Exceto quando Prim está muito doente. Aí, canto para ela as mesmas canções de que ela gostava quando criança.

Cantar. Minha garganta está apertada por causa das lágrimas, rouca devido à fumaça e ao cansaço. Mas como esse é o último pedido de Prim, quer dizer de Rue, tenho pelo menos de fazer uma tentativa. A canção que me vem à mente é uma cantiga bem simples com a qual ninamos bebês agitados e esfomeados. É muito antiga, acho. Foi feita há muito tempo em nossas colinas. O que minha professora de música chamava de ar da montanha. Mas a letra é fácil e tranquilizadora, prometendo que o amanhã será bem mais esperançoso do que este horroroso momento que chamamos de hoje.

Tusso um pouco, engulo em seco e começo:

Bem no fundo da campina, embaixo do salgueiro
Um leito de grama, um macio e verde travesseiro
Deite a cabeça e feche esses olhos cansados
E quando se abrirem, o sol já estará alto nos prados.
Aqui é seguro, aqui é um abrigo
Aqui as margaridas te protegem de todo perigo
Aqui seus sonhos são doces e amanhã eles serão lei
Aqui é o local onde sempre te amarei.

Os olhos de Rue se fecharam. Seu peito se move, mas apenas levemente. Engasgo com as lágrimas e elas deslizam por minhas bochechas. Mas tenho que terminar a canção para ela.

Bem no fundo das campinas, bem distante

Num maço de folhas, brilha o luar aconchegante
Esqueça suas tristezas e aquele problema estafante
Porque quando amanhecer de novo ele não será mais tão pujante.

Aqui é seguro, aqui é um abrigo
Aqui as margaridas te protegem de todo perigo

As últimas estrofes são quase inaudíveis.

Aqui seus sonhos são doces e amanhã serão lei
Aqui é o local onde sempre te amarei.

Tudo está tranquilo e quieto. Então, de maneira quase fantasmagórica, o tordo reproduz minha canção.

Por um instante, permaneço lá sentada, observando minhas lágrimas se derramarem no seu rosto. O canhão de Rue soa. Inclino-me para a frente e pressiono meus lábios na sua têmpora. Lentamente, como se não quisesse acordá-la, coloco sua cabeça no chão e solto sua mão.

Eles vão querer que eu dê o fora agora. Para que possam recolher os corpos. E não há nenhum motivo para ficar aqui. Rolo o garoto do Distrito 1 até que fique de bruços e pego sua mochila. Coleto a flecha que acabou com sua vida. Corto também a mochila de Rue de suas costas, ciente de que ela gostaria que eu ficasse com ela. Mas deixo a lança em seu estômago. Armas fincadas em corpos são transportadas para o aerodeslizador. Não tenho nenhuma utilidade para uma lança, então, quanto mais cedo for embora da arena, melhor para mim.

Não consigo parar de olhar para Rue, que me parece menor do que nunca. Um filhote de animal enroscado em um ninho. Não consigo me convencer a deixá-la assim. Fora de perigo, mas parecendo totalmente indefesa. Odiar o garoto do Distrito 1, que também parece muito vulnerável agora que está morto, soa inadequado. É a Capital que odeio. Por fazer isso com todos nós.

A voz de Gale está em minha cabeça. Seus discursos contra a Capital não são mais despropositados; não merecem mais ser ignorados. A morte de Rue

me forçou a confrontar minha própria raiva contra a crueldade, a injustiça que infligem sobre nós. Mas aqui, de modo até mais forte do que em casa, sinto minha impotência. Não há como se vingar da Capital. Ou será que há?

Então, lembro-me das palavras de Peeta no telhado: *"Só fico desejando que haja alguma maneira de... de mostrar à Capital que eles não mandam em mim. Que sou mais do que somente uma peça nos Jogos deles."* E, pela primeira vez, compreendo o que ele estava querendo dizer.

Quero fazer alguma coisa, aqui mesmo, nesse exato momento, para envergonhá-los, para responsabilizá-los, para mostrar à Capital que o que quer que façam ou nos forcem a fazer aqui, haverá sempre uma parte de cada tributo que não está sob suas ordens. Que Rue era mais do que uma peça no seu Jogo. E eu também.

Dentro da floresta há um amontoado de flores silvestres. Talvez não passem de algum tipo de erva, mas estão florescendo em belos tons de violeta, amarelo e branco. Junto um punhado delas e volto para o lado de Rue. Lentamente, um caule atrás do outro, decoro seu corpo com as flores. Cubro o ferimento horroroso. Faço uma grinalda em seu rosto. Tranço seus cabelos com cores vivas.

Terão de mostrar isso. Ou, mesmo que escolham virar as câmeras para algum outro ponto agora, eles terão de trazê-las de volta quando os corpos forem recolhidos e todos então a verão e saberão que fiz isso. Afasto-me e olho Rue uma última vez. Ela poderia muito bem estar apenas adormecida nessa campina, afinal de contas.

– Tchau, Rue – sussurro. E pressiono três dedos de minha mão esquerda em meus lábios e os ergo na sua direção. Então, vou embora sem olhar para trás.

Os pássaros ficam em silêncio. Em algum lugar, um tordo dá o aviso que precede o aerodeslizador. Não sei como ele sabe. Deve ouvir coisas que os humanos não ouvem. Faço uma pausa, meus olhos focados no que está à frente, não no que está atrás de mim. Não demora muito e a cantoria geral dos pássaros recomeça. Então sei que ela se foi.

Outro tordo, um jovem, a julgar pela aparência, aterrissa em um galho diante de mim e extravasa a melodia de Rue. Minha canção, o aerodeslizador,

era tudo muito pouco familiar para que esse novato aprendesse, mas ele dominou com maestria as notas de Rue. As que indicam que ela está a salvo.

– Sã e salva – digo enquanto passo por baixo do galho do pássaro. – Nós não precisamos mais nos preocupar com ela. – Sã e salva.

Não faço a menor ideia de para onde devo ir. A tênue sensação de lar que desfrutei àquela noite com Rue desapareceu. Meus pés vagam para uma direção e depois para outra até o cair da noite. Não estou com medo, não estou nem mesmo vigilante, o que me torna uma presa fácil. Exceto pelo fato de que mataria qualquer pessoa que encontrasse pelo caminho. Sem emoção alguma e sem o menor tremor nas mãos. O ódio que sinto pela Capital não diminuiu nem um pouco o ódio que sinto por meus concorrentes. Principalmente pelos Carreiristas. Eles, pelo menos, podem ser obrigados a pagar pela morte de Rue.

Mas ninguém se materializa à minha frente. Não restam muitos de nós e a arena é bem grande. Logo, logo eles vão colocar para funcionar algum outro dispositivo que nos obrigue a nos reunir. Mas hoje já houve sangue o suficiente. Talvez até consigamos dormir um pouco.

Estou a ponto de jogar minhas mochilas numa árvore para montar um acampamento quando um paraquedas prateado flutua e aterrissa na minha frente. Uma dádiva de um patrocinador. Mas por que agora? Tenho estado bem abastecida com relação a suprimentos. Talvez Haymitch tenha notado meu desespero e esteja tentando me entusiasmar um pouco. Ou será que é alguma coisa para ajudar meu ouvido?

Abro o paraquedas e encontro um pequeno pedaço de pão. Não é aquele pão branco de primeira da Capital. É feito de grãos de ração escurecidos e tem a forma de meia-lua. Salpicado de sementes. Rememoro a lição de Peeta no Centro de Treinamento a respeito dos pães dos vários distritos. Esse pão veio do Distrito 11. Ergo cautelosamente o pedaço ainda quente. O que isso não deve ter custado às pessoas do Distrito 11, que nem conseguem se alimentar direito... Quantas pessoas não devem ter ficado sem nada só para arranjar um trocado para produzir esse pãozinho? Foi mandado para Rue, certamente. Mas, em vez de recolherem a dádiva assim que ela morreu, autorizaram Haymitch a dá-lo para mim. Como agradecimento? Ou porque, como eu, eles não gostam

de deixar de quitar as dívidas? Seja lá qual for o motivo, isso é algo inédito. Uma dádiva de um distrito ser entregue a um tributo de outro distrito.

Ergo meu rosto e percebo os últimos raios de luz do dia.

– Meus agradecimentos ao povo do Distrito 11 – digo. Quero que eles saibam que sei de onde vem a dádiva. Que todo o valor daquela dádiva foi reconhecido.

Escalo perigosamente uma árvore bem alta, não em busca de segurança, mas para me afastar o máximo que posso do dia de hoje. Meu saco de dormir está muito bem acondicionado na mochila de Rue. Amanhã, vou fazer um inventário de suprimentos. Amanhã, vou traçar um novo plano. Mas, agora de noite, tudo o que consigo fazer é me amarrar ao tronco e dar algumas mordidas no pão. É gostoso. Tem sabor de casa.

Logo a insígnia aparece no céu e escuto o hino em meu ouvido direito. Vejo o garoto do Distrito 1. E Rue. Isso é tudo por hoje. *Restam seis de nós*. *Apenas seis.* Ainda agarrada ao pão, caio imediatamente no sono.

Às vezes, quando as coisas estão particularmente ruins, meu cérebro me proporciona um sonho feliz. Uma visita à floresta com meu pai. Uma hora tomando sol e comendo bolo com Prim. Hoje, ele me envia Rue, ainda emoldurada pelas flores, empoleirada no topo de um oceano de árvores tentando me ensinar a falar com os tordos. Não vejo nenhum sinal de seus ferimentos, nenhum sangue, apenas uma garota vivaz e risonha. Ela canta canções que jamais ouvi com uma voz límpida e melodiosa. Uma atrás da outra. A noite toda. Há um intervalo sonolento em que ouço as últimas estrofes de sua música, embora ela esteja perdida nas folhas. Quando desperto de vez, fico momentaneamente reconfortada. Tento segurar a sensação de paz contida no sonho, mas ela se esvai com rapidez, deixando-me mais triste e solitária do que nunca.

Sinto um peso tomar conta de todo meu corpo, como se chumbo líquido estivesse sendo bombeado em minhas veias. Perdi a vontade de realizar as mais simples tarefas, de fazer qualquer coisa a não ser ficar aqui deitada, observando a copa da árvore sem piscar. Por várias horas, permaneço imóvel. Como de costume, é a imagem do rosto ansioso de Prim me assistindo na televisão que me tira da letargia.

Dou a mim mesma uma série de comandos simples, tais como "agora você tem que se sentar, Katniss", "agora você tem que beber água, Katniss".

Reajo às ordens com movimentos lentos e robotizados.

"Agora você tem que fazer um inventário de suprimentos, Katniss."

A mochila de Rue contém meu saco de dormir, seu odre de água quase vazio, um punhado de nozes e raízes, uma porção de coelho, suas meias sobressalentes e sua atiradeira. O garoto do Distrito 1 possui diversas facas, duas pontas de lança soltas, uma lanterna, uma pequena bolsa de couro, um kit de primeiros socorros, uma garrafa de água cheia e um pacote de frutas secas. Um pacote de frutas secas! Entre todas as coisas que ele poderia ter escolhido! Para mim, isso é um sinal de extrema arrogância. Afinal, por que se importar em carregar comida se você dispõe de um suprimento de tal magnitude quando chega ao acampamento? Se você consegue retornar para casa antes de sentir fome após matar rapidamente seus inimigos? Só posso esperar que os outros Carreiristas tenham tido a mesma falta de cuidado no que diz respeito à comida e agora estejam sem nada.

Por falar nisso, meu próprio estoque de comida está começando a rarear. Termino de comer o pãozinho do Distrito 11 e o que sobrou do coelho. Como a comida some num piscar de olhos! Tudo o que me resta são as raízes e as nozes de Rue, as frutas secas do garoto e uma tirinha de bife. *Agora você precisa caçar, Katniss*, digo a mim mesma.

Reúno obedientemente os suprimentos que quero e os acomodo na mochila. Depois de descer da árvore, escondo as facas e as pontas de lança do garoto em uma pilha de pedras, de modo que ninguém mais possa usá-las. Perdi meu rumo com toda a perambulação de ontem à noite, mas tento seguir a direção geral do riacho. Sei que estou no caminho certo quando avisto a terceira fogueira de Rue, a que não foi acesa. Pouco tempo depois, descubro um bando de gansos silvestres empoleirados numa árvore e flecho três antes que sequer percebam o que os atingiu. Retorno à fogueira e a acendo, sem me importar com o excesso de fumaça. *Onde está você, Cato?*, pergunto-me enquanto grelho as aves e as raízes de Rue. *Estou esperando bem aqui.*

Quem sabe onde os Carreiristas se encontram agora? Ou longe demais para me alcançar ou com certeza demais de que isso aqui é uma armadilha ou... será

possível? Com medo demais de mim? Eles sabem que estou armada com arco e flecha, é claro. Cato viu quando peguei a arma do corpo de Glimmer. Mas será que já somaram dois mais dois? Será que descobriram que explodi os suprimentos e matei seu amiguinho Carreirista? Possivelmente, devem estar achando que foi Thresh quem fez tudo isso. Não seria bem mais provável que ele, e não eu, estivesse disposto a vingar a morte de Rue, já que ambos pertenciam ao mesmo distrito? Não que ele tenha demonstrado algum interesse nela.

E quanto a Cara de Raposa? Será que ela ficou por perto para me ver explodindo os suprimentos? Não. Quando a peguei rindo em meio às cinzas na manhã seguinte, a impressão que tive é que alguém havia lhe proporcionado uma linda surpresa.

Duvido que eles estejam pensando que foi Peeta que acendeu a fogueira de aviso. Cato tem certeza absoluta de que ele está morto. Flagro-me desejando poder contar a Peeta a respeito das flores que coloquei em Rue. Desejando poder contar que agora consigo compreender o que ele estava tentando dizer no telhado. Talvez, caso ele vença os Jogos, Peeta me veja na noite do vitorioso, quando repetem os momentos mais importantes na tela que fica no palco em que fizemos as entrevistas. O vencedor se senta em um local de honra sobre a plataforma, cercado por sua equipe de apoio.

Mas eu disse a Rue que estaria lá. Por nós duas. E, de algum modo, isso parece ainda mais importante do que a promessa que fiz a Prim.

Agora realmente acho que tenho uma chance. De vencer. Não é somente o fato de possuir um arco ou de ter sido capaz de iludir os Carreiristas algumas vezes, embora essas coisas ajudem. Algo aconteceu quando segurei a mão de Rue e fiquei assistindo à vida se esvair do seu corpo. Agora estou determinada a vingá-la, a tornar sua falta inesquecível. E só vou conseguir isso vencendo e, por conseguinte, também me tornando inesquecível.

Faço questão de me demorar para cozinhar as aves na esperança de que alguém apareça para ser executado, mas ninguém dá as caras. Talvez os outros tributos estejam por aí, alucinados em um combate feroz. O que seria bom. Desde o banho de sangue, tenho aparecido nas telas muito mais vezes do que gostaria.

Depois de um tempo, guardo minha comida e volto ao riacho para beber um pouco de água e encher a garrafa. Mas o peso da manhã toma conta de meu corpo novamente e, embora ainda esteja cedo, escalo uma árvore e me preparo para o repouso da noite. Meu cérebro começa a repetir os eventos de ontem. Continuo vendo Rue vitimada pela lança, minha flecha penetrando o pescoço do garoto. Nem sei por que eu deveria me preocupar com aquele garoto.

Aí então me dou conta... Ele foi minha primeira vítima.

Junto com outras estatísticas que eles divulgam para ajudar as pessoas em suas apostas, cada tributo possui uma lista de vítimas. Acho que, tecnicamente, seria creditada em meu favor a morte de Glimmer e também a da garota do Distrito 4, por eu ter jogado aquele ninho sobre elas. Mas o garoto do Distrito 1 foi a primeira pessoa que eu sabia que morreria por causa de minhas ações. Inúmeros animais perderam suas vidas em minhas mãos, mas somente um ser humano. Escuto Gale dizendo: "*E que diferença pode ter?*"

Incrivelmente similar na execução. Um arco retesado, uma flecha atirada. Totalmente diferente nos desdobramentos. Matei um garoto cujo nome nem mesmo sei. Em algum lugar, sua família está chorando por ele. Seus amigos clamam por meu sangue. Talvez tivesse uma namorada que realmente acreditava que ele voltaria...

Mas então penso no corpo sem vida de Rue e sou capaz de banir o garoto de minha mente. Pelo menos por enquanto.

Foi um dia sem muitos acontecimentos importantes, de acordo com o céu. Nenhuma morte. Imagino quanto tempo ainda temos até que a próxima catástrofe nos reúna mais uma vez. Se for hoje à noite, quero dormir um pouco antes. Cubro meu ouvido bom para bloquear o som do hino. Então, escuto os trompetes e me sento, prevendo problemas.

Na maior parte das vezes, a única comunicação que os tributos recebem do mundo exterior é a contagem das mortes à noite. Mas, ocasionalmente, há trompetes seguidos de algum anúncio. Normalmente, é a chamada para algum ágape. Quando a comida está escassa, os Idealizadores dos Jogos convidam os jogadores para uma refeição em algum local de conhecimento de todos, como a Cornucópia, por exemplo, para induzir à reunião e ao combate. Às vezes, há

um banquete, às vezes, não há nada além de um pãozinho mofado pelo qual os tributos devem competir. Eu não iria pela comida, mas essa poderia ser uma boa oportunidade para acabar com alguns competidores.

A voz de Claudius Templesmith ribomba acima de mim, congratulando os seis de nós que ainda restam. Mas ele não está nos convidando para um ágape. Está dizendo alguma coisa bem confusa. Houve uma mudança na regra dos Jogos. Uma mudança na regra! Isso em si já é de enlouquecer, já que não temos exatamente regras a seguir, exceto não pise fora do círculo por sessenta segundos e a regra implícita de não comermos uns aos outros. Sob a nova regra, dois tributos de mesmo distrito serão declarados vencedores se forem os últimos dois a permanecer vivos. Claudius faz uma pausa, como se soubesse que não estamos entendendo muito bem, e repete a mudança.

A novidade é absorvida. Dois tributos podem vencer esse ano. Se forem do mesmo distrito. Ambos podem viver. Nós dois podemos viver.

Antes de conseguir me conter, pronuncio o nome de Peeta.



PARTE III

"O VITORIOSO"



Tapo a boca com as mãos, mas o som já escapou. O céu fica preto e escuto um coro de sapos começando a cantar. *Que idiotice! Que ideia mais idiota!* Espero, paralisada, a floresta adquirir vida com a presença de agressores. Então, lembro-me de que quase ninguém sobrou.

Peeta, que está ferido, agora é meu aliado. Quaisquer dúvidas que eu tenha tido em relação a ele estão dissipadas porque, se um de nós tirar a vida do outro agora, seremos considerados párias quando retornarmos ao Distrito 12. Na realidade, sei que, se estivesse assistindo, eu odiaria qualquer tributo que não se aliasse imediatamente a seu companheiro de distrito. Além disso, faz todo o sentido do mundo um proteger o outro. E, no meu caso – na condição de parte integrante dos amantes desafortunados do Distrito 12 –, é um requisito absoluto se desejo mais alguma ajuda de patrocinadores solidários.

Os amantes desafortunados... Peeta deve ter desempenhado esse papel o tempo todo. Por que outro motivo os Idealizadores dos Jogos teriam feito essa mudança sem precedentes nas regras? Para dois tributos terem o direito de sentir o gostinho da vitória, nosso "romance" deve estar tendo uma repercussão tão grande junto ao público que condená-lo colocaria em xeque o sucesso dos Jogos. Não graças a mim. O máximo que fiz foi não matar Peeta. Mas o que quer que ele tenha feito na arena, deve ter convencido o público de que o fez para me manter viva. Balançar a cabeça em negativa para me impedir de correr para a Cornucópia. Lutar com Cato para me deixar escapar. Até a aliança com os Carreiristas deve ter sido uma estratégia para me proteger. Peeta, ao que parece, nunca representou uma ameaça para mim.

A ideia me faz sorrir. Solto as mãos e levanto o rosto na direção do luar, de modo a garantir que as câmeras tenham uma excelente tomada.

Então, dos que sobraram, quem devo temer? Cara de Raposa? O garoto do seu distrito está morto. Está agindo sozinha, à noite. E sua estratégia tem sido se esquivar, não atacar. Acho que, mesmo que ouvisse minha voz, ela não faria nada. Simplesmente esperaria alguém me matar.

Em seguida, temos Thresh. Tudo bem, ele é uma ameaça especial. Mas não o vi, nem uma única vez, desde que os Jogos começaram. Lembro-me de como Cara de Raposa se sobressaltou quando ouviu um barulho nas proximidades do local da explosão. Mas ela não se virou para a floresta, e sim para o que está além dela. Virou-se na direção daquela área da arena que despenca até um local desconhecido. Tenho quase certeza de que a pessoa de quem ela fugiu era Thresh e que aquele é seu domínio. Ele nunca teria me ouvido de lá e, mesmo que tivesse, estou numa posição alta demais para alguém de seu tamanho alcançar.

Então, restam Cato e a garota do Distrito 2, que certamente devem estar celebrando a nova regra a uma hora dessas. Entre os que restaram, são os únicos que se beneficiam da mudança além de Peeta e eu. Será que devo fugir deles agora, sabendo que me ouviram chamar Peeta? *Não. Deixe que eles venham.* Deixe que venham com seus óculos de visão noturna e seus corpos pesados que nenhum galho suporta. Diretamente para o alcance de minhas flechas. Mas sei que não virão. Se não vieram até mim de dia, não vão arriscar entrar à noite no que poderia ser mais uma armadilha. Quando vierem, será nas suas condições, não porque permiti que descobrissem meu paradeiro.

Fique preparada e durma um pouco, Katniss, instruo a mim mesma, embora meu desejo fosse começar a procurar Peeta agora mesmo. *Amanhã você o achará.*

Consigo dormir, mas de manhã estou supercautelosa, imaginando que, apesar de os Carreiristas estarem hesitantes em me atacar na árvore, são totalmente capazes de preparar uma emboscada para mim. Tomo todas as precauções possíveis para me preparar para o dia – ingerir um farto café da manhã, verificar a mochila, deixar as armas a postos – antes de descer. No chão, porém, tudo parece tranquilo e sem perturbações.

Hoje, terei de ser escrupulosamente cuidadosa. Os Carreiristas saberão que estarei tentando localizar Peeta. Eles podem muito bem querer esperar até que eu o encontre para só então agir. Se ele estiver tão ferido quanto Cato supõe, serei obrigada a defender a nós dois sem qualquer assistência. Mas se ele está tão incapacitado assim, como conseguiu permanecer vivo? E como raios vou ser capaz de encontrá-lo?

Tento pensar em qualquer coisa que Peeta tenha dito que possa me dar alguma indicação de onde está escondido, mas nada me ocorre. Então, retorno mentalmente ao último momento em que o vi brilhando na luz do sol, gritando para que eu corresse. Em seguida, Cato apareceu de espada em punho. E depois que saí de lá, ele feriu Peeta. Mas como Peeta escapou? Talvez tenha reagido melhor ao veneno das teleguiadas do que Cato. Talvez essa tenha sido a variável que lhe permitiu escapar. Mas ele também foi ferroado. Então, até onde poderia ter ido, apunhalado e tomado pelo veneno? E como tem conseguido permanecer vivo desde então? Se o ferimento e os ferrões não o mataram, certamente a sede já teria acabado com ele depois de todos esses dias.

E assim descubro a primeira pista do seu paradeiro. Ele não poderia ter sobrevivido sem água. Sei disso por causa dos meus primeiros dias aqui. Ele deve estar escondido em algum lugar próximo a uma fonte. Tem o lago, mas acho essa opção bastante improvável já que é muito próxima do acampamento dos Carreiristas. Há algumas piscinas naturais. Mas a pessoa seria um alvo muito fácil deitado em uma delas. E o riacho. O que começa no acampamento que Rue e eu fizemos, passa perto do lago e desemboca em algum lugar além. Se ele se manteve próximo ao riacho, teve a possibilidade de mudar sua localização sem precisar se afastar da água. Ele pode ter caminhado na água sem deixar rastros. Pode até ter conseguido pescar um ou outro peixe.

Bem, de qualquer maneira, já é um começo.

Para confundir a cabeça de meus inimigos, acendo uma fogueira com muita madeira e folhas. Mesmo que imaginem que se trata de um truque, espero que acreditem que estou acampada em algum lugar próximo a ela. Quando, na verdade, estarei no encalço de Peeta.

O sol derrete a névoa matinal quase instantaneamente, e posso garantir que o dia vai ser mais quente do que o habitual. A água está fria e agradável nos

meus pés descalços à medida que desço o riacho. Fico tentada a gritar o nome de Peeta enquanto ando, mas decido não fazer isso. Terei de encontrá-lo com meus olhos e com o ouvido bom, ou então ele terá de me encontrar. Mas ele vai saber que o estou procurando, certo? Ele não terá um conceito tão ruim de mim a ponto de imaginar que eu ignoraria a nova regra e permaneceria fazendo tudo sozinha, não é? Ele é muito imprevisível, o que talvez seja interessante em outras circunstâncias, mas no momento proporciona apenas um obstáculo a mais.

Não demora muito até eu alcançar o local onde me desviei para chegar ao acampamento dos Carreiristas. Nenhum sinal de Peeta, mas isso não me surpreende. Subi e desci esse córrego três vezes desde o incidente com as teleguiadas. Se ele estivesse nas proximidades, certamente eu já teria suspeitado antes. O riacho começa a fazer uma curva para a esquerda em direção a uma parte da floresta que é nova para mim. Margens enlameadas cobertas de um emaranhado de plantas aquáticas levam a rochas imensas que só aumentam até eu começar a me sentir numa espécie de armadilha. Não seria uma coisa das mais simples escapar desse riacho agora. Lutar com Cato ou com Thresh enquanto escalo esse terreno rochoso. Na verdade, acabei de decidir que estou em uma pista totalmente equivocada, que um garoto ferido seria incapaz de navegar nessa fonte de água, quando vejo o rastro de sangue descendo a curva de um penedo. Está seco faz muito tempo, mas as linhas manchadas correndo de um lado a outro sugerem que alguém – que talvez não estivesse em total domínio de suas faculdades mentais – tentou apagá-las.

Abraçando as rochas, movo-me lentamente na direção do sangue, em busca dele. Encontro mais algumas manchas de sangue, uma com alguns fios de tecido grudado, mas nenhum sinal de vida. Não me contenho e chamo o nome dele com a voz abafada:

– Peeta! Peeta!

Então um tordo aterrissa em uma árvore desgastada e começa a imitar minha voz, o que me faz parar. Desisto e desço de volta ao riacho. *Ele deve ter seguido caminho. Deve ter descido o riacho ainda mais.*

Meu pé mal mergulha através da superfície da água quando escuto uma voz:

– Você está aqui pra acabar comigo, queridinha?

Dou meia-volta. Veio da esquerda, o que significa que não ouvi muito bem. E a voz era áspera e fraca. Mas ainda assim, deve ser de Peeta. Que outra pessoa nessa arena me chamaria de queridinha? Meus olhos examinam a margem do riacho, mas não vejo nada. Apenas lama, as plantas, a base das rochas.

– Peeta? – sussurro. – Onde você está? – Nenhuma resposta. Será que imaginei tudo? Não, tenho certeza que a voz era real e bem próxima também. – Peeta? – Movo-me ao longo da margem.

– Por favor, não pise em mim.

Salto para trás. Sua voz veio de debaixo dos meus pés. Mas ainda não consigo enxergar nada. Então seus olhos se abrem, inequivocamente azuis em meio à lama marrom e às folhas verdes. Arquejo e sou recompensada com alguns dentes brancos quando ele ri.

É a melhor camuflagem que já vi. Esqueça aquela história de ficar arremessando pesos. Peeta devia ter ido à sua entrevista particular com os Idealizadores dos Jogos e pintado a si mesmo como uma árvore. Ou como um penedo. Ou como uma margem de rio enlameada e cheia de ervas.

– Feche novamente os olhos – ordeno. Ele obedece, e sua boca também desaparece completamente. Grande parte do que imagino ser seu corpo está na verdade embaixo de uma camada de lama e plantas. Seu rosto e braços estão tão magnificamente disfarçados que até parecem invisíveis. Ajoelho-me ao seu lado.

– Imagino que todas aquelas horas decorando bolos tenham valido a pena – digo.

Peeta sorri.

– É isso aí. Glacê. A última defesa dos moribundos.

– Você não vai morrer – rebato com firmeza.

– Quem diz? – A voz dele está áspera demais.

– Eu digo. Nós agora estamos na mesma equipe, você sabe disso.

Os olhos dele se abrem.

– Foi o que ouvi. Legal de sua parte achar o que restou de mim.

Pego minha garrafa de água e ofereço-a a ele.

– Cato te esfaqueou?

– Perna esquerda. No alto – responde Peeta.

– Vamos lá pro riacho pra você se lavar. Assim vou poder ver que tipo de ferimento você tem.

– Abaixa aqui um minutinho – pede ele. – Preciso te dizer uma coisa. – Inclino-me e ponho o ouvido bom na altura da sua boca, que faz cócegas quando ele sussurra: – Lembre-se: nós somos loucamente apaixonados um pelo outro, então não há problema algum em você me beijar sempre que tiver vontade.

Afasto bruscamente a cabeça, mas acabo rindo.

– Obrigada, não vou me esquecer disso. – Pelo menos, ele ainda é capaz de fazer piada. Mas quando começo a ajudá-lo a ir em direção ao riacho, toda a frivolidade desaparece. São só cinquenta centímetros, será assim tão difícil? Muito difícil, quando percebo que ele não é capaz de se mover nem um centímetro sequer por conta própria. Está tão fraco que o melhor que consegue fazer é não resistir. Tento arrastá-lo, mas apesar de saber que ele está fazendo o máximo possível para ficar em silêncio, gritos agudos de dor escapam de sua boca. A lama e as plantas parecem tê-lo aprisionado e, finalmente, tenho de dar um puxão gigantesco para livrá-lo delas. Ele ainda está deitado cinquenta centímetros distante da água, com os dentes cerrados, lágrimas produzindo trilhas ao longo de seu rosto enlameado.

– Escuta, Peeta, vou rolar você até o riacho. É bem raso aqui, certo?

– Excelente.

Rastejo para o seu lado. Independentemente do que aconteça, digo a mim mesma, não pare até que ele esteja na água.

– No três, hein? Um, dois, três!

Só consigo rolá-lo uma vez antes de parar por causa dos horríveis sons que está emitindo. Agora ele está na borda do riacho. Talvez seja melhor assim.

– Tudo bem, mudança de planos. Não vou colocar você todo na água – digo a ele. Até porque, se colocá-lo, quem garante que serei capaz de retirá-lo depois?

– Não vai mais me rolar? – pergunta ele.

– Acabou. Vamos fazer uma limpeza em você. Fica de olho na floresta pra mim, certo? – peço. É difícil saber por onde começar. Ele está tão cheio de lama e de folhas que nem consigo ver suas roupas. Se é que ele está usando

alguma roupa. O pensamento me faz hesitar um pouco, mas prossigo com a tarefa. Corpos nus não chamam tanto a atenção na arena, não é mesmo?

Tenho duas garrafas de água e o odre de Rue. Encosto as duas garrafas nas rochas do riacho, de modo que estarão sempre cheias, enquanto jogo o conteúdo do odre sobre o corpo de Peeta. Leva um tempo, mas, por fim, consigo retirar lama o suficiente para achar suas roupas. Delicadamente, abro sua jaqueta, desabotoo a camisa e a retiro. Sua camiseta está tão emplastrada nos ferimentos que tenho de cortá-la com a faca e molhá-la novamente para que ela se solte de seu corpo. Ele tem uma queimadura bem feia no peito e quatro ferroadas de teleguiadas, contando a que está abaixo da orelha. Mas estou me sentindo um pouco melhor. Este nível de ferimento consigo curar. Decido cuidar da parte superior de seu corpo – para aliviar um pouco da dor – antes de encarar quaisquer que tenham sido os estragos feitos por Cato em sua perna.

Tendo em vista que não faz qualquer sentido tratar dos ferimentos de Peeta com ele deitado no que se transformou em um bolo de lama, dou um jeito de escorá-lo num penedo. Ele fica lá sentado, sem reclamar, enquanto retiro todos os resquícios de sujeira de seu cabelo e de sua pele. Seu corpo parece muito pálido à luz do sol e ele não está mais com aquela aparência forte e atarracada. Tenho de cavar os ferrões de dentro dos calombos deixados pelas teleguiadas, o que o faz estremecer. Contudo, assim que aplico as folhas, ele suspira de alívio. Enquanto seca ao sol, lavo a camisa e a jaqueta imundas e as estendo sobre o penedo. Depois aplico o creme para queimaduras em seu peito. Só então percebo como a pele está ficando quente. A camada de lama e as garrafas de água disfarçaram o fato de que ele está ardendo em febre. Meto a mão no kit de primeiros socorros que peguei do garoto do Distrito 1 e acho uns comprimidos que fazem baixar a temperatura. Minha mãe, na verdade, até compra uns desses quando os seus remédios caseiros falham.

– Engole isso – indico a ele, e ele toma o remédio obedientemente. – Você deve estar faminto.

– Pra falar a verdade, não estou não. É engraçado. Faz vários dias que não sinto fome – diz Peeta. E, de fato, quando lhe ofereço um pouco de ganso

silvestre, ele torce o nariz e vira a cara. É nesse momento que percebo o quanto está doente.

– Peeta, nós precisamos botar algum alimento na sua barriga – insisto.

– Eu vou vomitar tudo – responde ele. O máximo que consigo fazer é convencê-lo a comer alguns pedaços de maçã seca. – Obrigado. Estou bem melhor, é sério. Posso dormir agora, Katniss?

– Logo, logo – prometo. – Primeiro preciso dar uma olhada em sua perna. – Tentando ser o mais delicada possível, removo suas botas, suas meias e então, muito lentamente, vou tirando sua calça. Consigo ver o rasgão que a espada de Cato produziu no tecido, na altura da coxa, mas isso de maneira alguma me prepara para o que se encontra embaixo. O talho profundo e inflamado que exsuda sangue e pus. O inchaço da perna. E, o pior de tudo, o cheiro de decomposição.

Quero sair correndo. Desaparecer na floresta como fiz no dia em que levaram aquele homem queimado lá para casa. Sair para caçar enquanto minha mãe e Prim cuidavam do que eu não tinha nem a habilidade nem a coragem para enfrentar. Mas não há ninguém aqui além de mim. Tento reproduzir a postura calma que minha mãe assume quando tem de lidar com casos particularmente difíceis.

– Bem feio, hein? – comenta Peeta. Ele está me observando com atenção.

– Mais ou menos – digo, e dou de ombros para dar a impressão de que a coisa não é tão grave. – Você tinha de ver algumas pessoas que são trazidas das minas pra minha mãe cuidar. – Contenho-me para não revelar que normalmente dou o fora de casa sempre que ela está tratando de algo mais grave do que um resfriado. Imagine só, não gosto nem de ficar perto de pessoas tossindo. – A primeira coisa a fazer é limpar bem o ferimento.

Não tirei a roupa de baixo de Peeta porque ela não está em mau estado e não quero puxá-la por cima da coxa inchada e... tudo bem, talvez imaginá-lo despido me deixe desconfortável. Esse é outro detalhe em relação à minha mãe e Prim. A nudez não tem nenhum efeito sobre elas, não as deixa nem um pouco constrangidas. Ironicamente, a essa altura dos Jogos, minha irmã mais nova seria de muito mais utilidade para Peeta do que estou sendo. Enfio meu quadrado de plástico embaixo dele para que eu possa lavar o resto de seu corpo.

Quanto mais água jogo sobre ele, pior fica a aparência do ferimento. O resto da parte inferior de seu corpo está em bom estado, apenas um ferrão e algumas pequenas queimaduras que trato com rapidez. Mas o talho na perna... o que raios posso fazer com aquilo?

– Por que a gente não deixa ele tomando um pouco de ar e depois... – Baixo o tom de voz.

– E depois você conserta tudo? – continua Peeta. Ele parece estar quase sentindo pena de mim, como se soubesse o quanto estou perdida.

– É isso aí. Enquanto isso, você come isso aqui.

Coloco algumas peras secas em sua mão e volto para o riacho para lavar o que resta da sua roupa. Quando elas estão estendidas secando, examino o conteúdo do kit de primeiros socorros. É coisa bem básica. Curativos, comprimidos para febre, remédios para o estômago. Nada do calibre que necessito para tratar de Peeta.

– *Vamos ter que experimentar um pouco* – admito. Sei que as folhas usadas no tratamento das ferroadas drenam a infecção, então começo por aí. Pressiono um punhado de folhas mastigadas no ferimento, e não demora para uma boa quantidade de pus começar a escorrer pela perna. Digo a mim mesma que isto é um bom sinal e mordo com força o interior da bochecha porque meu café da manhã está ameaçando voltar por onde entrou.

– Katniss? – chama Peeta. Encontro seus olhos, ciente de que meu rosto deve estar com uma tonalidade esverdeada. Ele pronuncia as palavras sem emitir som. – Que tal aquele beijo?

Tenho um acesso de riso porque a coisa toda é tão repulsiva que mal consigo aguentar.

– Algum problema? – pergunta ele, um pouco ingênuo demais.

– Eu... eu não sou boa nisso. Não sou minha mãe. Não faço a menor ideia do que estou fazendo e odeio pus – digo. – Argh! – Permito-me exclamar, soltando um grunhido enquanto retiro a primeira leva de folhas e aplico a segunda. – Arghhhhh!

– Como é que você caça? – pergunta ele.

– Pode acreditar. Matar é bem mais fácil do que fazer isso. Apesar de que, pra todos os efeitos, é bem possível que eu esteja te matando também.

– Você pode se apressar um pouco?

– Não. Cala a boca e come essas peras.

Após três aplicações e o que deve ser um balde de pus, o ferimento parece realmente melhor. Agora que o inchaço reduziu, consigo ver o quanto foi profundo o corte da espada de Cato. Até o osso.

– E agora, dra. Everdeen?

– Talvez eu coloque um pouco do unguento para queimaduras nele. Acho que deve ajudar na infecção, sei lá. Devo fazer um curativo, de repente? – sugiro. E assim faço, e a coisa toda parece bem mais apresentável coberta de algodão. Embora, em contraste com o curativo esterilizado, a bainha do short pareça imunda e repleta de bactérias contagiosas. Pego a mochila de Rue. – Aqui, cubra-se com isso que vou lavar seu short.

– Ah, não me importo de você me ver nu – comenta Peeta.

– Você é exatamente como o resto da minha família... Eu me importo, certo? – Viro as costas e olho para o riacho, até que o short é jogado na água. Ele deve estar se sentindo um pouquinho melhor se está conseguindo arremessar as coisas assim.

– Pra uma pessoa tão letal, até que você é bem enjoadinha – diz Peeta enquanto esfrego o short na rocha. – Gostaria de ter deixado você dar banho em Haymitch, afinal de contas.

Enrugo o nariz com a lembrança.

– O que ele te mandou até agora?

– Nada – informa Peeta. Então há uma pausa até ele se dar conta. – Por quê? Você recebeu alguma coisa?

– Remédio pra queimadura – respondo, quase acanhada. – Ah, e um pouco de pão.

– Sempre soube que você era a favorita dele.

– Dá um tempo, ele não suporta ficar na mesma sala que eu.

– Porque vocês dois são muito parecidos – sussurra Peeta. Mas eu ignoro o comentário porque este não é realmente o momento para eu ficar insultando Haymitch, que é a primeira coisa que me vem à cabeça.

Deixo Peeta cochilar enquanto suas roupas secam, mas ao cair da tarde, não ouso mais esperar. Delicadamente, sacudo seu ombro.

– Peeta, precisamos ir embora agora.

– Ir embora? – Ele parece confuso. – Pra onde?

– Pra longe daqui. Descer o riacho, talvez. Algum lugar em que a gente possa se esconder até que você se fortaleça. – Ajudo-o a se vestir, deixando-o descalço para que possamos caminhar na água, e o coloco de pé. Seu rosto fica pálido assim que ele joga o peso sobre a perna. – Vamos lá, você consegue.

Mas ele não consegue. Pelo menos, não por muito tempo. Andamos mais ou menos cinquenta metros rio abaixo com ele apoiado em meu ombro, e já dá para ver que vai desmaiar. Eu o sento na margem, com a cabeça acomodada entre os próprios joelhos, e dou tapinhas em suas costas enquanto avalio a área. É claro que eu adoraria transportá-lo para uma árvore, mas isso não vai acontecer. Mas poderia ser pior. Algumas rochas formam pequenas estruturas parecidas com cavernas. Avisto uma delas mais ou menos vinte metros acima do riacho. Quando Peeta consegue se levantar, eu meio o guio, meio o carrego até a caverna. Para ser honesta, gostaria de encontrar um local melhor, mas esse aqui vai ter que servir porque meu aliado está ferido. Branco como uma folha de papel, arquejando e – apesar da temperatura estar apenas fresca – tremendo.

Cubro o chão da caverna com uma camada de agulhas de pinheiro, desenrolo meu saco de dormir e o encaixo dentro. Consigo fazê-lo ingerir alguns comprimidos e um pouco de água quando não está atento, mas ele se recusa a comer até mesmo a fruta. Então, simplesmente fica lá deitado, seus olhos fixos em meu rosto enquanto construo um tipo de persiana com galhos de vinha para esconder a entrada da caverna. O resultado é insatisfatório. Talvez um animal deixasse passar, mas uma pessoa veria num piscar de olhos que aquilo havia sido produzido por um ser humano. Destruo tudo, frustrada.

– Katniss – chama ele. Vou até Peeta e tiro o cabelo de seus olhos. – Obrigado por me encontrar.

– Você teria me encontrado se pudesse – digo. Sua testa está ficando mais quente. Como se o remédio não estivesse fazendo nenhum efeito. De repente, sem explicação, a perspectiva da morte iminente de Peeta me aterroriza.

– Teria, sim. Olha, se eu não voltar... – começa ele.

– Não fale assim. Não drenei todo aquele pus à toa.

– Eu sei. Mas caso eu não... – Ele tenta continuar.

– Não, Peeta. Nem quero discutir essa hipótese – interrompo-o, colocando meus dedos em seus lábios para tranquilizá-lo.

– Mas eu... – insiste ele.

Impulsivamente, inclino-me em sua direção e o beijo, cortando suas palavras. Já estava mais do que na hora, de todo modo, pois ele tem razão: supostamente, somos loucamente apaixonados um pelo outro. É a primeira vez que beijo um garoto, o que em si já deveria causar um impacto, acho eu, mas tudo o que consigo registrar é como seus lábios estão anormalmente quentes devido à febre. Afasto-me e puxo o saco de dormir para cobri-lo.

– Você não vai morrer. Eu proíbo. Certo?

– Certo – sussurra ele.

Saio da caverna para respirar um pouco do ar frio da noite no exato instante em que um paraquedas flutua no céu. Meus dedos desatam rapidamente o nó, na esperança de encontrar algum remédio para tratar a perna de Peeta. Em vez disso, encontro um pote de caldo quente.

Haymitch não podia estar me enviando uma mensagem mais clara. Um beijo equivale a um pote de caldo. Quase consigo escutá-lo rosnando: "Para todos os efeitos, vocês se amam, queridinha. O garoto está morrendo. Vê se adianta meu lado!"

E ele está certo. Se eu quero manter Peeta vivo, tenho de despertar mais simpatia no público. Amantes desafortunados desesperados por voltar para casa. Dois corações batendo como um só. Romance.

Como nunca me apaixonei, a coisa vai ser um pouco complicada. Penso em meus pais. Em como meu pai jamais deixou de levar presentes da floresta para minha mãe. Em como o rosto de minha mãe se iluminava ao ouvir o som de suas botas no batente da porta. Em como ela quase parou de viver quando ele morreu.

– Peeta! – chamo-o, tentando o tom especial que minha mãe costumava usar somente com meu pai. Ele cochilou novamente, mas beijo-o para acordá-lo, o que parece sobressaltá-lo. Então, ele sorri como se estivesse feliz com a perspectiva de ficar ali deitado olhando para mim eternamente. Ele é excelente nesse negócio de atuação.

Mostro o pote.

– Peeta, olha só o que Haymitch mandou pra você.



Levo uma hora para persuadir Peeta a tomar o caldo. Imploro, ameaço e, claro, beijo, mas finalmente, gole após gole, ele esvazia o pote. Então, deixo que ele caia no sono e vou cuidar de minhas próprias necessidades, colocando para dentro uma ceia de ganso silvestre e raízes enquanto assisto à recontagem diária no céu. Nenhuma nova vítima. Ainda assim, Peeta e eu proporcionamos ao público um dia razoavelmente interessante. Se tivermos sorte, os Idealizadores dos Jogos vão nos permitir uma noite tranquila.

De maneira automática, observo nosso entorno, atrás de uma boa árvore para me aninhar antes de perceber que isso acabou. Pelo menos por enquanto. Não posso deixar Peeta desprotegido no chão. Deixei intocado o local de seu último esconderijo na margem do riacho – como é que eu poderia escondê-lo? – e nós estamos no máximo a cinquenta metros rio abaixo. Coloco os óculos, deixo minhas armas preparadas e me posiciono para montar guarda.

A temperatura cai rapidamente e logo estou congelando até os ossos. Por fim, cedo e deslizo para dentro do saco de dormir e me junto a Peeta. Está bem quentinho e me enrosco gratificada até perceber que está muito mais do que quente. Está fervendo, porque o saco está refletindo a febre dele. Verifico a testa de Peeta e noto que está ressecada e pegando fogo. Não sei o que fazer. Deixá-lo no saco e esperar que o calor excessivo acabe com a febre? Levá-lo para fora e esperar que o ar frio da noite o refresque? Acabo simplesmente umedecendo uma bandagem e colocando-a sobre sua testa. Acho pouco, mas estou com medo de fazer alguma coisa drástica demais.

Passo a noite meio sentada, meio deitada, próxima a Peeta, refazendo o curativo e tentando não pensar no fato de que, ao me associar a ele, acabei me tornando muito mais vulnerável do que quando estava sozinha. Amarrada ao chão, montando guarda, com uma pessoa bastante doente para tomar conta. Mas eu sabia que ele estava ferido. E, ainda assim, fui atrás dele. Vou ser obrigada a acreditar que, qualquer que tenha sido o instinto que me levou a encontrá-lo, foi bem-intencionado.

Quando o céu adquire uma tonalidade rosada, reparo na camada de suor sobre a boca de Peeta e descubro que a febre passou. Ele não voltou ao normal, mas a temperatura baixou alguns graus. Na noite passada, quando eu estava colhendo vinhas, dei de cara com um arbusto cheio das amoras de Rue. Agora, colho um punhado da fruta e amasso tudo no pote do caldo com água gelada.

Quando chego à caverna, Peeta está fazendo um enorme esforço para se levantar.

– Acordei e você tinha saído – diz ele. – Fiquei preocupado com você.

Tenho que rir ao ajudá-lo a se deitar novamente.

– Você ficou preocupado comigo? Por acaso já viu o seu estado?

– Imaginei que talvez Cato e Clove pudessem ter te achado. Eles gostam de caçar à noite – diz ele, ainda sério.

– Clove? Quem é essa aí?

– A garota do Distrito 2. Ela ainda está viva, certo?

– Certo. Só restam eles e nós e mais Thresh e Cara de Raposa. Esse é o apelido que dei pra garota do 5. Como você está se sentindo?

– Melhor do que ontem. Isso aqui é um grande avanço em relação à lama – diz ele. – Roupa limpa, remédios, saco de dormir... e você.

Ah, tudo bem, a historinha romântica. Eu me aproximo para tocar seu rosto e ele pega minha mão e a pressiona contra os lábios. Lembro-me de meu pai fazendo exatamente a mesma coisa com a minha mãe e imagino onde Peeta aprendeu o gesto. Certamente não foi com o pai e nem com aquela bruxa da sua mãe.

– Não vai mais ganhar beijo até comer – informo.

Ajudo-o a se escorar na parede da caverna e ele engole obedientemente as colheradas da papa de amoras que lhe dou. Mas recusa novamente o ganso

silvestre.

– Você não dormiu – comenta Peeta.

– Estou bem – minto. A verdade é que estou exausta.

– Durma um pouco agora. Eu monto guarda. Acordo você se alguma coisa acontecer – oferece ele. Hesito. – Katniss, você não vai poder ficar acordada pra sempre.

Ele tem razão nesse ponto. Em algum momento, terei que dormir. E, provavelmente, será melhor fazê-lo agora que ele parece estar relativamente alerta e nós dispomos da luz do dia como nossa aliada.

– Tudo bem. Mas só por algumas horas. Depois, você me acorda.

Está quente demais para dormir no saco agora. Estiro-o sobre o piso da caverna e me deito, uma das mãos de prontidão no arco, caso seja necessário utilizá-lo às pressas. Peeta está sentado ao meu lado, encostado na parede, sua perna ferida esticada à minha frente, seus olhos fixos no mundo exterior.

– Vai dormir – diz ele, suavemente. Sua mão afasta carinhosamente alguns fios de cabelo rebeldes de minha testa. Ao contrário dos beijos encenados e das carícias que vinham se desenrolando até agora, esse gesto parece natural e reconfortante. Não quero que pare, e ele não para. Ainda está acariciando meus cabelos quando caio no sono.

Demais. Durmo demais. Assim que abro os olhos, percebo que já estamos no meio da tarde. Peeta continua ao meu lado, sua posição imutável. Eu me sento, sentindo-me um pouco na defensiva, mas muito mais descansada do que estive em vários dias.

– Peeta, você devia ter me acordado antes.

– Pra quê? Não tem nada acontecendo aqui. Além do mais, gosto de te ver dormir. Você perde a cara braba. Melhora muito sua aparência.

Isso, é claro, evoca uma "cara braba" que o faz rir. Então, percebo o quanto seus lábios estão secos. Sinto sua temperatura. Está quente como um forno. Ele afirma que tem bebido água, mas os contêineres ainda me parecem cheios. Dou a ele mais alguns comprimidos e fico na sua frente enquanto bebe água, primeiro um galão e depois outro. Então trato os ferimentos menores, as queimaduras, as ferroadas, que estão obviamente melhorando. Tomo coragem e desenrolo o curativo da perna.

Meu coração dá um salto. Está pior, muito pior. Não há mais pus, mas o inchaço aumentou e a pele brilhante está inflamada. Em seguida, vejo as listras vermelhas que sobem pela perna. Septicemia. Se não for tratada, vai matá-lo com certeza. Minhas folhas mastigadas e o unguento não fecharão essa ferida. Vamos precisar de antibióticos fortes vindos da Capital. Não consigo imaginar o custo de remédios tão potentes. Se Haymitch juntasse todas as doações de todos os patrocinadores, será que ainda assim conseguiria? Duvido muito. O preço das dádivas sobe à medida que os Jogos avançam. O que compra uma refeição completa no primeiro dia compra um biscoito no décimo segundo. E o tipo de medicamento de que Peeta necessita deve ser uma dádiva difícil de se conseguir desde o início.

– Bem, inchou um pouco, mas não tem mais pus – observo, com a voz instável.

– Sei o que é septicemia, Katniss – diz Peeta. – Mesmo minha mãe não sendo curandeira.

– Basta que você chegue ao final, Peeta. Na Capital eles terão como curar isso depois de vencermos.

– Sim, esse me parece um bom plano. – Sinto que ele diz isso mais por minha causa.

– Você precisa comer. Precisa se manter forte. Vou fazer uma sopa pra você.

– Não acenda uma fogueira. Não vale a pena.

– Vamos ver.

Quando levo o pote até o riacho, fico impressionada com o quanto ele está brutalmente quente. Juro que os Idealizadores dos Jogos estão aumentando progressivamente a temperatura durante o dia e baixando durante a noite. Mas o calor das pedras do riacho cozidas pelo sol me dá uma ideia. Talvez não seja preciso acender uma fogueira.

Posiciono-me sobre uma grande rocha achatada a meio caminho entre o riacho e a caverna. Depois de purificar metade de um pote de água, coloco-o ao sol e acrescento várias pedras quentes, do tamanho de ovos. Sou a primeira a admitir que não sou uma cozinheira exemplar, mas já que o preparo de uma sopa envolve basicamente jogar tudo dentro de um pote e ficar esperando, o resultado é um de meus melhores pratos. Pico pedaços de ganso silvestre até

virarem praticamente uma papa e misturo com algumas das raízes de Rue. Por sorte, tudo já tinha sido grelhado, de modo que só falta aquecer. A água já está morna, aquecida pelo sol e pelas pedras. Coloco a carne e as raízes dentro do pote, substituo as pedras e vou atrás de alguma verdura para acentuar um pouco o sabor. Em pouco tempo, descubro um tufo de cebolinhas na base de algumas rochas. Perfeito. Corto-as em pedaços bem fininhos e as adiciono ao pote. Troco novamente as pedras, tampo o pote e deixo tudo cozinhando.

Vi poucos sinais de caça nas redondezas, mas não me sinto confortável deixando Peeta sozinho enquanto caço, então armo meia dúzia de arapucas e fico na esperança de ter alguma sorte. Imagino como estarão os outros tributos; como eles estarão se virando agora que sua principal fonte de alimento foi pelos ares. Pelo menos três deles, Cato, Clove e Cara de Raposa, tinham isso como garantia. Thresh, por sua vez, provavelmente não. Tenho a sensação de que ele deve compartilhar um pouco dos conhecimentos de Rue a respeito de como obter provisões da terra. Será que estão lutando uns contra os outros? Atrás de nós? Talvez um deles tenha nos localizado e esteja apenas esperando o momento certo para atacar. A ideia me faz retornar à caverna.

Peeta está esticado em cima do saco de dormir na sombra das rochas. Embora se alegre um pouco quando apareço, seu sofrimento é mais do que visível. Coloco panos frios em sua cabeça, mas esquentam assim que tocam sua pele.

– Você quer alguma coisa? – pergunto.

– Não – responde ele. – Obrigado. Espera aí, quero sim. Conta uma história.

– Uma história? Sobre o quê? – Não sou muito de contar histórias. É como cantar. Mas, de vez em quando, Prim consegue me convencer a contar uma ou outra.

– Alguma coisa alegre. Conta pra mim qual foi o dia mais feliz da sua vida – sugere Peeta.

Algo entre um suspiro e um resmungo de exasperação me escapa da boca. Uma história alegre? Isso vai requerer muito mais esforço do que a sopa. Vasculho minha mente em busca de lembranças agradáveis. A maioria delas

tem a ver comigo e com Gale caçando e, de alguma maneira, não acho que isso cairia bem com Peeta ou mesmo com o público. Sobra Prim.

– Já te contei como consegui a cabra de Prim? – pergunto. Peeta sacode a cabeça e olha para mim na expectativa. Então, começo. Mas com cuidado. Porque minhas palavras estão sendo transmitidas para toda Panem. E, embora baste somar dois mais dois para as pessoas perceberem que caço ilegalmente, não quero causar transtornos a Gale ou a Greasy Sae ou ao açougueiro ou mesmo aos Pacificadores em meu distrito, que são meus clientes, anunciando publicamente que eles também estão infringindo a lei.

Aqui está a verdadeira história de como consegui o dinheiro para comprar Lady, a cabra de Prim. Era uma noite de sexta-feira, o dia anterior ao décimo aniversário de Prim, no fim de maio. Assim que a aula terminou, Gale e eu fomos correndo para a floresta porque eu queria vender muito para poder comprar um presente para Prim. Talvez algum tecido para um vestido novo ou uma escova de cabelos. Nossas arapucas haviam funcionado muito bem e a floresta estava repleta de verduras, mas nada de diferente do que normalmente conseguíamos em nossas empreitadas das sextas-feiras. Estava decepcionada em nosso caminho de volta, mesmo com Gale dizendo que com certeza nos sairíamos melhor no dia seguinte. Descansávamos um pouco perto do riacho quando o vimos. Um jovem cervo, provavelmente um filhote, pelo seu tamanho. Seus chifres estavam apenas surgindo, ainda pequenos e aveludados. Disposto a correr, mas curioso com nossa presença. Total falta de familiaridade com seres humanos. Belo.

Menos belo, talvez, no instante em que duas flechas o acertaram, uma no pescoço, a outra no peito. Gale e eu atiramos ao mesmo tempo. O cervo tentou correr, mas tropeçou, e a faca de Gale cortou-lhe a garganta antes que ele pudesse saber o que havia acontecido. Momentaneamente, senti uma angústia por matar algo tão jovem e inocente. Então, senti meu estômago roncar ao imaginar toda aquela carne jovem e inocente.

Um cervo! Gale e eu só tínhamos matado, até então, três da espécie ao todo. O primeiro, uma corça que havia ferido a perna de alguma maneira, quase não contava. Mas sabíamos, a partir daquela experiência, que não devíamos carregar a carcaça para o Prego. O bicho causara um caos tremendo, com as

pessoas fazendo lances por determinadas partes e até mesmo tentando arrancar alguns pedaços elas mesmas. Greasy Sae interveio e nos mandou para o açougue junto com nosso cervo, mas não antes de o animal ser seriamente danificado, com pedaços de carne arrancados e o couro cheio de furos. Embora todos tenham pagado um preço justo, o valor final da caça ficou muito aquém do esperado.

Dessa vez, esperamos até o anoitecer e deslizamos através de um buraco na cerca próximo ao açougue. Apesar de sermos caçadores conhecidos de todos, não teria sido bom carregar um cervo de setenta quilos pelas ruas do Distrito 12 à luz do dia, como se estivéssemos esfregando o bicho na cara dos Pacificadores.

A açougueira, uma mulher baixinha e atarracada chamada Rooba, veio até a porta dos fundos. Ninguém regateia com Rooba. Ela dá um preço e você aceita ou não, mas o preço é sempre justo. Nós aceitamos sua oferta e ela incluiu no valor alguns bifes do animal que nós poderíamos pegar depois. Mesmo com o dinheiro dividido por nós dois, nem Gale nem eu jamais havíamos tido tanto de uma vez em nossa vida. Decidimos manter segredo e fazer uma surpresa para nossas famílias com a carne e o dinheiro no fim do dia seguinte.

Foi assim que consegui de fato o dinheiro para a cabra, mas conto a Peeta que vendi um antigo medalhão de prata de minha mãe. Isso não vai atrapalhar a vida de ninguém. Então, prossigo com a história a partir do fim da tarde do dia do aniversário de Prim.

Gale e eu fomos ao mercado na praça para que eu comprasse alguns materiais para a confecção do vestido. Enquanto eu estava passando o dedo sobre um pedaço de tecido azul de algodão, alguma coisa me chamou atenção. Há um velho que possui um pequeno rebanho de cabras do outro lado da Costura. Não sei seu nome verdadeiro, todo mundo só se refere a ele como o Homem das Cabras. Suas juntas são inchadas e deformadas, e ele tem uma tosse seca que prova que passou vários anos nas minas. Mas tem sorte. De alguma maneira, conseguiu juntar dinheiro suficiente para comprar cabras e agora tem o que fazer na velhice, além de morrer de fome lentamente. Ele é imundo e impaciente, mas as cabras são limpas e seu leite é bem nutritivo, se você tiver como pagar por ele.

Uma das cabras, branca com manchas pretas, estava deitada em cima de uma carroça. Era fácil ver o motivo. Alguma coisa, provavelmente um cão, havia machucado o seu ombro esquerdo e um processo infeccioso havia se instalado. Estava tão ruim que o Homem das Cabras precisava erguê-la para ordenhá-la. Mas ocorreu-me que talvez eu conhecesse alguém capaz de curar a ferida.

– Gale – sussurrei. – Quero dar aquela cabra a Prim.

Possuir uma cabra pode mudar sua vida no Distrito 12. Esses animais podem comer quase qualquer coisa, a Campina é um lugar perfeito para se alimentarem e eles conseguem produzir quase quatro litros de leite por dia. Para beber, para se fazer queijo, para ser vendido. Não é contra a lei.

– Ela está bem machucada – observou Gale. – É melhor a gente olhar de perto.

Nós nos aproximamos e compramos um copo de leite para tomarmos juntos. Então, ficamos perto da cabra, como se estivéssemos apenas curiosos.

– Deixa ela em paz – advertiu o homem.

– Só estamos olhando – respondeu Gale.

– Então olha rápido. Ela está indo pro açougue. Quase ninguém compra o leite dela e ainda por cima só pagam metade do preço – informou o homem.

– Quanto a açougueira está dando por ela? – perguntei.

O homem deu de ombros.

– Fica por aí que você vai ver. – Virei-me e vi Rooba atravessando a praça e vindo em nossa direção. – Sorte sua você ter aparecido – disse o Homem das Cabras assim que ela chegou. – A garota está de olho na sua cabra.

– Não se ela já estiver prometida – respondi, descuidadamente.

Rooba me olhou de cima a baixo e então franziu o cenho na direção da cabra.

– Não vejo como. Olha só aquele ombro. Aposto que metade da carcaça deve estar podre demais. Não deve dar nem pra fazer salsicha.

– O quê? – surpreendeu-se o Homem das Cabras. – Mas a gente tinha um trato.

– A gente tinha um trato com relação a um animal com algumas marcas de dentes. Não isso aqui. Vende o bicho pra garota se ela for idiota o suficiente pra

pagar por ele – disse Rooba. Quando ela se pôs a caminho, pude vê-la piscando para mim. Levamos meia hora para chegar a um acordo sobre o preço. Uma multidão considerável já havia se juntado para dar opinião. Seria um negócio excelente se a cabra vivesse. Eu teria sido roubada se ela morresse. As pessoas tomaram partido na discussão, mas acabei levando a cabra.

Gale ofereceu-se para carregá-la. Acho que ele queria ver a cara de Prim tanto quanto eu. Num impulso, acabei comprando uma fitinha cor-de-rosa e a amarrei em torno do pescoço do bicho. Em seguida, corremos de volta para minha casa.

Você tinha que ver a reação de Prim quando aparecemos com a cabra. Lembre-se de que essa é a garota que chorou para salvar Buttercup, aquele gato horroroso. Ela ficou tão entusiasmada que começou a chorar e rir ao mesmo tempo. Minha mãe não se alegrou tanto ao ver o machucado, mas a dupla logo começou a trabalhar nele, picando ervas e persuadindo o animal a ingerir tudo.

– Elas parecem você – comenta Peeta. Eu quase havia me esquecido de sua presença.

– Ah não, Peeta. Elas fazem mágica. Aquela coisinha não morreria nem que tentasse. – Então, mordo a língua, percebendo o que aquelas palavras poderiam significar para Peeta, que está morrendo nas minhas mãos incompetentes.

– Não se preocupe. Não estou tentando – brinca ele. – Termina logo essa história.

– Bem, é isso. Só lembro que naquela noite Prim insistiu para dormir com Lady sobre um cobertor próximo à lareira. E pouco antes das duas adormecerem, a cabra lambeu seu rosto, como se estivesse lhe dando um beijo de boa-noite ou alguma coisa assim – conto. – A cabra já estava apaixonada por ela.

– Ela ainda estava usando a fitinha cor-de-rosa? – pergunta ele.

– Acho que sim. Por quê?

– Estou apenas tentando visualizar a cena – responde, pensativo. – Dá pra ver porque esse dia te deixou tão feliz.

– Bem, eu sabia que aquela cabra seria uma pequena mina de ouro.

– Sim, é claro que eu estava me referindo a isso e não à duradoura alegria que você proporcionou à irmã que você ama tanto, a ponto de substituí-la na

colheita – diz Peeta, secamente.

– A cabra se *pagou*. Muitas e muitas vezes o valor que dei por ela – retruco, num tom de superioridade.

– Bem, ela não ousaria fazer qualquer outra coisa depois de você ter salvado a vida dela – devolve Peeta. – E isso vale para mim também.

– Jura? Quanto foi que você me custou mesmo? – pergunto.

– Uma boa quantidade de problemas. Não se preocupe. Você vai receber tudo de volta.

– Você não está dizendo coisa com coisa. – Coloco a mão na sua testa. A febre não para de subir. – Mas está menos quente.

O som de trompetes me sobressalta. Levanto-me e vou até a boca da caverna num segundo, disposta a não perder uma sílaba sequer. É meu novo melhor amigo, Claudius Templesmith e, como eu já esperava, está nos convidando para um ágape. Bem, nós não estamos tão famintos assim e, na verdade, estou dispensando sua oferta com indiferença quando ele diz:

– Esperem um pouco. Alguns de vocês já devem estar declinando de meu convite. Mas esse não será um ágape qualquer. Cada um de vocês precisa desesperadamente de alguma coisa.

De fato, preciso desesperadamente de alguma coisa. De alguma coisa que possa curar a perna de Peeta.

– Cada um de vocês encontrará essa alguma coisa na Cornucópia, ao amanhecer, dentro de uma mochila marcada com o número de seu distrito. Pensem bem antes de se recusarem a comparecer. Para alguns de vocês, essa será a última chance – conclui Claudius.

Não há mais nada, apenas suas palavras suspensas no ar. Dou um pulo quando Peeta agarra meu ombro por trás.

– Não – diz ele. – Você não vai arriscar sua vida por mim.

– Quem disse que arriscaria?

– Quer dizer então que você não vai?

– É claro que não. Vê se me dá um pouco de crédito. Você acha que vou sair correndo pra encarar um vale-tudo com Cato, Clove e Thresh? Não seja idiota – respondo, ajudando-o a voltar para a cama. – Vou deixar que eles se

engalfinhem e depois vamos ver quem aparece no céu à noite. A partir daí, traçamos um plano.

– Você mente tão mal, Katniss. Não sei como você sobreviveu tanto tempo. – Ele comenta e depois começa a me imitar: – *Eu sabia que aquela cabra seria uma pequena mina de ouro. Mas está menos quente. É claro que não vou.* – Ele balança a cabeça. – Nunca blefe num jogo de cartas. Você vai perder tudo.

Uma sensação de raiva faz meu rosto queimar.

– Tudo bem, eu vou, e você não vai me impedir!

– Posso te seguir. Pelo menos parte do caminho. Pode ser que eu não chegue na Cornucópia, mas se eu berrar o seu nome, aposto que alguém vai poder me encontrar. E aí vou morrer com certeza.

– Você não consegue andar cem metros com essa perna.

– Então, eu me arrasto – diz Peeta. – Se você for, eu vou.

Ele é suficientemente teimoso e, quem sabe, suficientemente forte para fazê-lo. Para vir uivando atrás de mim na floresta. Mesmo que um tributo não o encontre, pode ser que alguma outra coisa o faça. Ele não pode se defender. Provavelmente, eu teria de prendê-lo na caverna simplesmente para conseguir sair sozinha. E quem sabe o que o esforço não faria a ele?

– O que devo fazer então? Ficar aqui sentada assistindo à sua morte? – Ele deve saber que essa não é uma opção. Que o público me odiaria por isso. E, francamente, eu mesma me odiaria também se nem ao menos tentasse.

– Não vou morrer. Prometo. Se você prometer não ir – diz ele.

Estamos numa espécie de impasse. Sei que não tenho condições de convencê-lo, de modo que nem tento. Finjo, relutantemente, prosseguir com seu jogo.

– Então você vai ter de fazer o que eu disser. Beber a água, me acordar na hora certa e comer toda a sopa por pior que seja o gosto dela! – rebato.

– Aceito. Ela está pronta?

– Espera aqui. – O tempo esfriou, apesar de o sol ainda estar alto. Os Idealizadores dos Jogos devem mesmo estar bagunçando a temperatura. Imagino que a coisa de que outra pessoa necessita desesperadamente é um bom cobertor. A sopa ainda está boa e quente no pote de ferro. E o sabor não é tão ruim assim.

Peeta come sem reclamar, até raspa o pote para demonstrar entusiasmo. Ele começa a divagar sobre como está deliciosa, o que parece estimulante se você desconhece o que a febre faz com as pessoas. Ele está parecendo o Haymitch pouco antes de o álcool afogá-lo na incoerência. Dou a ele mais uma dose do remédio para febre antes que perca completamente as estribeiras.

Enquanto desço ao riacho para me lavar, só consigo pensar que ele vai morrer se eu não for ao ágape. Vou conseguir mantê-lo por um ou dois dias, mas depois a infecção atingirá o coração ou o cérebro ou o pulmão e ele estará morto. E estarei aqui o tempo todo. Novamente. À espera dos outros.

Estou tão imersa em pensamentos que quase não percebo o paraquedas flutuando bem ao meu lado. Então, corro atrás dele, arrancando-o da água, rasgando o tecido prateado para retirar o frasco. Haymitch conseguiu! Ele arranjou o remédio – não sei como, persuadiu algum bando de tolos românticos a vender suas joias, talvez – e vou poder salvar Peeta! Mas é um frasco pequeno demais. O conteúdo deve ser bem forte para curar alguém tão doente quanto Peeta. Uma pontinha de preocupação percorre meu corpo. Desatarraxo o frasco e aspiro profundamente. Meu ânimo despenca diante do aroma doce e enjoativo. Só para me certificar, coloco uma gota na ponta da língua. Não há dúvida, é xarope do sono. É um remédio comum no Distrito 12. Barato, para um medicamento, mas causa muita dependência. Quase todo mundo já tomou uma dose em algum momento da vida. Temos um pouco em casa. Minha mãe o administra a pacientes histéricos que necessitam de pontos em algum ferimento grave e precisam ser tranquilizadas, ou simplesmente o utiliza para ajudar pessoas com dor a dormir bem. Basta uma pequena quantidade. Um frasco desse tamanho poderia tirar Peeta do ar por um dia inteiro, mas para que isso serviria? Estou com tanta raiva que estou a ponto de jogar a última dádiva de Haymitch no riacho quando uma ideia me ocorre. Um dia inteiro? Isso é mais do que preciso.

Misturo um punhado de amoras, de modo que o sabor não fique tão acentuado a ponto de ser reconhecido, e adiciono algumas folhas de menta para equilibrar. Então, volto para a caverna.

– Trouxe um presentinho pra você. Acabei de achar mais um pé de amoras descendo o riacho.

Peeta abre a boca para a primeira mordida sem hesitar. Engole e em seguida franze levemente a sobrancelha.

– Como são doces!

– São sim. São amoras de olmeiro. Minha mãe faz uma geleia maravilhosa com elas. Você nunca experimentou? – pergunto, enfiando mais uma colherada na sua boca.

– Não – diz ele, um pouco perplexo. – Mas o sabor é bem familiar. Amoras de olmeiro?

– Ah, não dá pra encontrar no mercado com muita facilidade, elas só crescem na natureza – explico. Outra colherada. Basta mais uma.

– O sabor é doce como xarope – diz ele, tomando a última colherada. – Xarope. – Seus olhos ficam arregalados quando ele percebe a verdade. Empurro a mão com força em sua boca e em seu nariz, forçando-o a engolir em vez de cuspir a papa. Ele tenta vomitar, mas é tarde demais, já está perdendo os sentidos. Enquanto ele apaga, vejo em seus olhos que o que acabei de fazer é imperdoável.

Fico sentada sobre os calcanhares, olhando para ele com uma mistura de tristeza e satisfação. Um rastro de amora escorre de seu queixo e eu o limpo.

– Quem é que não sabe mentir, Peeta? – pergunto, embora saiba que ele não pode me ouvir.

Não tem problema. Panem inteira pode.



Nas horas que restam antes do anoitecer, reúno algumas pedras e faço o melhor possível para camuflar a abertura da caverna. É um processo lento e árduo, mas, depois de muito suor e de mudar várias coisas de um lado para o outro, sinto-me plenamente satisfeita com meu trabalho. A caverna agora parece fazer parte de uma pilha de rochas bem maior, como tantas outras nos arredores. Ainda consigo rastejar até Peeta por meio de uma pequena abertura que, no entanto, é impossível de ser detectada do exterior. Isso é bom, porque vou precisar compartilhar aquele saco de dormir novamente hoje à noite. E, se eu não conseguir retornar do ágape, Peeta estará escondido, porém não inteiramente aprisionado. Embora duvide que ele possa aguentar muito mais tempo sem medicamentos. Se eu morrer no ágape, será pouquíssimo provável que o Distrito 12 tenha um vencedor.

Faço uma refeição com um peixe pequeno e ossudo que habita o riacho por aqui, encho todos os contêineres de água e os purifico. Em seguida limpo as armas. Restam-me nove flechas ao todo. Pondero a possibilidade de deixar a faca com Peeta para que ele tenha alguma proteção enquanto estou fora, mas a verdade é que a ideia não faz muito sentido. Ele estava certo quando afirmou que a camuflagem era sua última defesa. Talvez eu ainda tenha algum uso para a faca. Quem sabe o que encontrarei pela frente?

Aqui vão algumas coisas de que tenho certeza. Sei que pelo menos Cato, Clove e Thresh estarão por perto quando o ágape começar. Não estou certa quanto a Cara de Raposa, já que um confronto direto não é seu estilo, ou mesmo sua característica mais forte. Ela é até menor do que eu e está

desarmada, a menos que tenha conseguido alguma arma recentemente. Provavelmente estará em algum local nas proximidades, espreitando para saber o que poderá surrupiar. Mas os outros três... Estarei com as mãos cheias. Minha habilidade para matar a distância é meu principal trunfo, mas sei que terei que me meter no meio da confusão para pegar aquela mochila, a que está com o número *12*, segundo as palavras de Claudius Templesmith.

Observo o céu, na esperança de que mais um oponente tenha caído, mas ninguém aparece. Amanhã com certeza surgirão rostos no céu. Os ágapes sempre resultam em mortes.

Rastejo para o interior da caverna, pego os óculos e me enrosco ao lado de Peeta. Por sorte pude dormir aquelas várias horas hoje. Preciso ficar acordada. Não acho que alguém possa realmente atacar nossa caverna à noite, mas não posso arriscar perder a hora.

Está tão frio, tão brutalmente frio esta noite. Parece até que os Idealizadores dos Jogos enviaram uma infusão de ar gelado para a arena, o que eles podem muito bem ter feito. Fico deitada perto de Peeta no saco de dormir, tentando absorver o máximo que posso de seu calor febril. É estranho estar tão fisicamente próxima de alguém tão distante. Se Peeta estivesse na Capital, ou no Distrito 12, ou mesmo na Lua nesse exato momento, não estaria mais inalcançável do que aqui. Nunca me senti tão solitária desde que os Jogos começaram.

Simplesmente aceite que a noite será ruim, digo a mim mesma. Tento evitar, mas não consigo deixar de pensar em minha mãe e em Prim. Fico imaginando se elas conseguirão pregar os olhos essa noite. Nessa fase adiantada dos Jogos, com um evento importante como o ágape, provavelmente as aulas estarão suspensas. Minha família pode assistir naquela velha televisão cheia de estática lá de casa ou se juntar à multidão na praça para assistir nos telões com imagens em alta resolução. Em casa, terão privacidade, mas na praça terão apoio. As pessoas darão palavras de incentivo, serão gentis. Oferecerão até um pouco de comida, se puderem. Imagino se o padeiro as procurou – principalmente agora que Peeta e eu formamos uma equipe – e cumpriu a promessa de manter a barriga de minha irmã cheia.

Os ânimos devem estar exaltados no Distrito 12. É muito raro termos alguém por quem torcer nesse ponto dos Jogos. Certamente as pessoas estão entusiasmadas comigo e com Peeta, especialmente agora que estamos juntos. Se eu fechar os olhos, consigo imaginá-los gritando para as telas de televisão, incentivando-nos. Vejo seus rostos – Greasy Sae e Madge, e até mesmo os Pacificadores que compram minha carne – torcendo por nós.

E Gale. Eu o conheço. Ele não vai estar gritando e torcendo. Mas estará assistindo a cada lance, cada virada, cada guinada da competição, e desejando que eu volte para casa. Imagino se está esperando que Peeta também consiga voltar. Gale não é meu namorado, mas será que seria se eu lhe abrisse essa porta? Ele repetia aquela conversa sobre nós dois fugirmos juntos. Será que aquilo era apenas um cálculo prático de nossas chances de sobrevivência longe do distrito? Ou seria algo mais?

Imagino o que ele achou de todos aqueles beijos.

Através de uma rachadura na rocha, observo a lua cruzar o céu. Quando faltam o que julgo serem três horas para o amanhecer, dou início aos últimos preparativos. Tenho o cuidado de deixar Peeta com água e o kit médico bem ao lado. Nada mais será de muito uso se eu não voltar, e mesmo esses itens só prolongariam sua vida por um período muito curto. Após alguma ponderação, tiro sua jaqueta e a visto sobre a minha. Ele não tem necessidade disso. Não agora que está no saco de dormir e com febre e, durante o dia, se eu não estiver aqui para removê-la, ele ficará cozinhando dentro dela. Minhas mãos já estão rígidas devido ao frio, então pego o par de meias sobressalentes de Rue, faço furos para os dedos e os polegares, e as calço. Ajuda um pouco. Encho a pequena mochila com um pouco de comida, uma garrafa de água e curativos, prendo a faca no cinto, pego o arco e as flechas. Estou a ponto de sair quando me lembro da importância de manter a rotina dos amantes desafortunados, e me inclino sobre Peeta para lhe dar um longo e duradouro beijo. Imagino os suspiros lacrimosos emanando da Capital e finjo enxugar também minhas próprias lágrimas. Então, esgueiro-me pela fresta das rochas e saio.

Minha respiração produz pequenas nuvens brancas ao atingir o ar. Está tão frio quanto uma noite de novembro no meu distrito. Uma noite em que adentro a floresta, lanterna na mão, para me juntar a Gale em algum local

previamente combinado onde ficamos sentados colados um no outro, bebericando chá de ervas em frascos de metal, enrolados em colchas, esperando que algum animal passe por nós à medida que a manhã avança sobre a madrugada. *Ah, Gale. Se ao menos eu tivesse seu apoio agora...*

Movo-me o mais rápido que posso. Os óculos são realmente fantásticos, mas ainda sinto muito a falta de meu ouvido esquerdo. Não sei exatamente o que aconteceu, acho que a explosão causou algum dano profundo e irreparável. Pouco importa. Se eu voltar para casa, vou estar tão podre de rica que serei capaz de pagar alguém para ouvir as coisas para mim.

A floresta sempre tem uma aparência diferente à noite. Mesmo com os óculos, as coisas surgem com um ângulo pouco familiar. Como se as árvores, as flores e as pedras que encontramos durante o dia tivessem ido para a cama e enviado versões levemente mais sinistras delas próprias para ficar em seus lugares. Não tento ser esperta experimentando outro caminho. Subo de volta o riacho e sigo a mesma trilha que leva ao esconderijo de Rue perto do lago. Ao longo do caminho, não vejo nenhum sinal de outro tributo, nenhuma lufada de respiração, nenhum balançar de galhos. Ou sou a primeira a chegar ou os outros se posicionaram ontem à noite. Faz mais de uma hora que estou aqui, talvez duas, quando me insinuo em meio à vegetação rasteira e fico esperando o sangue começar a jorrar.

Mastigo algumas folhas de menta, meu estômago não suporta muito mais do que isso. Ainda bem que estou com a jaqueta de Peeta além da minha. Se não estivesse, seria forçada a ficar me movimentando para me manter aquecida. O céu adquire uma névoa cinza matinal e ainda não há sinal de nenhum outro tributo. Mas, na verdade, isso não é nenhuma surpresa. Todos são competidores que se distinguiram ou pela força, ou pela letalidade, ou pela sagacidade. Será que eles acham – imagino eu – que estou acompanhada de Peeta? Duvido que Cara de Raposa e Thresh saibam que ele está ferido. Tanto melhor que pensem que ele está me dando cobertura quando eu for atrás da mochila.

Mas onde ela está? A arena já está suficientemente iluminada para que eu possa retirar os óculos. Ouço os pássaros da manhã cantando. Já não está na hora? Por um segundo, entro em pânico por achar que estou no local errado.

Mas não, tenho certeza de me lembrar que Claudius Templesmith se referiu especificamente à Cornucópia. E aí está ela. E aqui estou eu. Então cadê o ágape?

No instante em que o primeiro raio de sol reluz na Cornucópia dourada, ocorre um distúrbio na planície. O chão na frente da boca do chifre se divide em dois e uma mesa redonda revestida com um tecido branco como a neve surge na arena. Sobre a mesa encontram-se quatro mochilas, duas grandes e pretas com os números *2* e *11*, uma verde de tamanho médio com o número *5* e uma pequena de cor laranja – eu poderia carregá-la até enrolada no pulso – que deve estar marcada com o número *12*.

Mal a mesa é fixada no lugar, uma figura sai de dentro da Cornucópia, agarra a mochila verde e escapa a toda a velocidade. Cara de Raposa! Só mesmo ela para delinear um plano tão astuto e arriscado! Enquanto o resto de nós ainda está parado ao redor da planície, avaliando a situação, ela já tomou posse de sua mochila. Ainda nos deixou numa armadilha, porque ninguém está disposto a caçá-la, não enquanto suas próprias mochilas estão precariamente dispostas sobre a mesa. Cara de Raposa deve ter deixado as outras mochilas intactas propositalmente, ciente de que, se roubasse alguma que não contivesse seu número, seria impiedosamente perseguida. Essa deveria ter sido minha estratégia! Quando consigo superar as emoções de surpresa, admiração, raiva, inveja e frustração, aquela cabeleira ruiva já está desaparecendo nas árvores e completamente fora de alcance. Hmm. Estou sempre apavorada com os outros, mas talvez Cara de Raposa seja minha verdadeira oponente aqui.

Ela também me fez perder tempo, porque agora já está claro que devo ser a próxima a chegar na mesa. Qualquer um que chegue antes de mim vai pegar minha mochila com facilidade e sair correndo. Sem hesitação, disparo na direção da mesa. Consigo sentir a chegada do perigo antes de vê-lo. Por sorte, a primeira faca passa zunindo à minha direita, de modo que posso ouvi-la e consigo desviá-la com o arco. Viro-me, repuxando a corda do arco e solto uma flecha na direção do coração de Clove. Ela se vira no momento exato para evitar um ferimento fatal, mas a ponta perfura seu braço esquerdo. Infelizmente, ela é destra, mas o golpe foi suficiente para que perca um pouco de tempo, sendo obrigada a remover a flecha do braço e avaliar a gravidade da

lesão. Continuo em movimento, posicionando automaticamente a próxima flecha, como somente uma pessoa que caça há anos consegue fazer.

Estou na mesa agora, meus dedos agarrando a diminuta mochila laranja. Minha mão desliza por entre as correias e prendo-a ao braço, é realmente pequena demais para ser encaixada em qualquer outra parte de minha anatomia, e viro alvo novamente quando uma segunda faca me acerta a testa. Ela me atinge logo acima da sobrancelha, abrindo um talho que faz o sangue jorrar e escorrer por meu rosto, impedindo-me de enxergar, enchendo minha boca com o gosto forte e metálico de meu próprio sangue. Cambaleio de volta, mas ainda consigo mandar uma flecha na direção geral de minha agressora. No instante em que a flecha parte, sei que não acertará o alvo. E então Clove se choca contra mim, me jogando de costas no chão, prendendo meus ombros com os joelhos.

É o fim, penso, e espero que seja rápido por causa de Prim. Mas Clove deseja saborear o momento. Até sente que tem tempo. Sem dúvida, Cato está em algum lugar por perto, dando-lhe cobertura, esperando Thresh e possivelmente Peeta.

– Onde está seu namorado, Distrito 12? Ainda está vivo? – pergunta ela.

Bem, enquanto estivermos conversando permanecerei viva.

– Ele está por aí. Caçando Cato – rosno na sua direção. Então, grito a plenos pulmões: – Peeta!

Clove pressiona o punho em minha traqueia de modo bem eficiente, cortando minha voz. Mas ela move a cabeça de um lado para outro e sei que, pelo menos por um momento, está considerando a possibilidade de eu estar dizendo a verdade. Como nenhum Peeta aparece para me salvar, ela se volta para mim.

– Mentirosa – acusa ela, dando um risinho. – Ele está quase morto. Cato sabe muito bem onde enfiou a espada. Provavelmente, você amarrou ele em alguma árvore enquanto tenta manter o coração dele batendo. O que tem nessa linda bolsinha? Remédio pro Conquistador? Que pena que ele nunca vai pôr as mãos nele.

Clove abre sua jaqueta. Contém uma impressionante coleção de facas. Cuidadosamente, ela seleciona um exemplar de aparência quase requintada,

com uma lâmina curva de aspecto cruel.

– Prometi a Cato que, se ele deixasse você por minha conta, eu daria um show inesquecível ao público.

Estou agora lutando para desequilibrá-la, mas não adianta nada. Ela é pesada demais e está me apertando com muita força.

– Esquece isso, Distrito 12. Nós vamos te matar. Da mesma forma que fizemos com aquela sua aliadazinha ridícula... como era mesmo o nome dela? A que pulava de galho em galho nas árvores. Rue? Bem, primeiro Rue, depois você, e então eu acho que a gente vai simplesmente deixar a natureza cuidar do Conquistador. O que você acha disso? Agora, por onde começar?

Com a manga da jaqueta, ela seca o sangue de meu ferimento de modo desleixado. Por um instante, examina meu rosto, virando-o para um lado e depois para outro, como se fosse um bloco de madeira e estivesse decidindo exatamente que formas entalharia. Tento morder sua mão, mas ela agarra meu cabelo e me força a voltar para o chão.

– Eu acho... – ela está quase ronronando. – Acho que começaremos pela boca. – Cerro os dentes à medida que ela traça o contorno de meus lábios com a ponta da lâmina só para me provocar.

Não vou fechar os olhos. O comentário sobre Rue me encheu de fúria, fúria suficiente para que eu morra com alguma dignidade. Como meu último ato de provocação, vou encará-la enquanto puder, o que, tudo indica, não será por um período muito longo, mas vou encará-la. Não vou chorar, vou morrer do meu jeito, invicta.

– Pois é, eu acho que você não vai ter mais muito o que fazer com essa boca. Quer mandar um último beijo pro Conquistador? – pergunta ela. Produzo uma quantidade suficiente de sangue e saliva e cuspo na sua cara. Ela fica vermelha de raiva. – Tudo bem, então. Vamos começar.

Preparo-me para a agonia que certamente sofrerei. Mas assim que sinto a ponta da faca começando a cortar minha boca, uma força descomunal arranca Clove de cima de mim e, então, ela começa a berrar. A princípio, fico embasbacada, totalmente incapaz de processar o que acabou de acontecer. Será que Peeta conseguiu de alguma forma aparecer para me salvar? Será que os

Idealizadores dos Jogos mandaram algum animal selvagem para incrementar a diversão? Será que um aerodeslizador inexplicavelmente a jogou para longe?

Mas quando me sustento sobre meus braços dormentes, vejo que não é nenhuma das opções acima. Clove está pendurada no ar, aprisionada nos braços de Thresh. Arquejo, vendo-o assim, assomando sobre mim, segurando Clove como se ela fosse uma boneca de pano. Lembrava que ele era grande, mas agora parece ainda mais gigantesco, mais poderoso do que consigo recordar. No mínimo, dá a impressão de ter ganhado peso na arena. Ele gira o corpo de Clove e a arremessa em direção ao chão.

Quando ele grita, me sobressalto, já que é a primeira vez que o ouço pronunciar algo além de um sussurro:

– O que você fez com aquela garotinha? Você a matou?

Clove está recuando, arrastando-se como um inseto em frenesi, chocada demais até para chamar por Cato.

– Não! Não! Não fui eu!

– Você falou o nome dela. Eu ouvi. Você a matou? – Um outro pensamento produz uma nova onda de fúria em suas feições. – Você a cortou como ia cortar essa outra garota aqui?

– Não! Não! Eu... – Clove vê a pedra na mão de Thresh, mais ou menos do tamanho de um pão de forma, e perde o controle. – Cato! – berra ela. – Cato!

– Clove! – Ouço a resposta de Cato, mas ele está longe demais, presumo, para lhe dar algum auxílio. O que ele estava fazendo? Tentando pegar Cara de Raposa ou Peeta? Ou será que ele estava esperando por Thresh e simplesmente errou sua localização?

Thresh bate a pedra com força na têmpora de Clove. Não sangra, mas vejo a reentrância na cabeça e sei que ela já era. Mas ainda há algum sinal de vida nela, dá para ver pelo movimento do peito, pelo gemido baixo que escapa dos seus lábios.

Quando Thresh gira o corpo em minha direção, a pedra erguida, sei que não é uma boa ideia tentar correr. E meu arco está vazio, já que eu havia utilizado a última flecha pronta em Clove. Estou encurralada no brilho de seus estranhos olhos cor de âmbar.

– O que ela quis dizer quando falou que Rue era sua aliada?

– Eu... eu... Nós fizemos uma parceria. Explodimos os suprimentos. Tentei salvá-la, juro que tentei. Mas o garoto chegou antes de mim. Do Distrito 1 – respondo. Talvez se ele souber que ajudei Rue, não escolherá alguma maneira lenta e sádica de acabar comigo.

– E você o matou? – pergunta ele.

– Matei. Matei ele, sim. E enterrei ela em flores. E cantei pra ela dormir.

Lágrimas brotam de meus olhos. A tensão e a luta abandonam meu corpo quando a lembrança se instala. E fico dominada por Rue, e pela dor em minha cabeça, e pelo medo de Thresh, e pelos gemidos da garota moribunda alguns metros distante.

– Pra dormir? – diz Thresh, mal-humorado.

– Quando ela estava morrendo. Cantei até que ela morresse. – Seu distrito... eles me enviaram pão. – Estendo a mão, mas não para a flecha que sei que jamais vou alcançar. Para esfregar o nariz. – Seja rápido, Thresh. Certo?

Emoções conflitantes estão estampadas no rosto de Thresh. Ele abaixa a pedra e aponta para mim, de modo quase acusatório.

– Vou deixar você escapar, mas só dessa vez. Pela garotinha. Agora eu e você estamos quites. Não te devo mais nada. Tá me entendendo?

Balanço a cabeça porque entendo, sim. Entendo a dívida. Entendo o ódio que ele sente por isso. Entendo que se Thresh vencer, ele terá de voltar e encarar um distrito que já infringiu todas as regras para me agradecer, e ele também está infringindo as regras para me agradecer. E entendo que, por enquanto, Thresh não vai esmagar meu crânio.

– Clove! – A voz de Cato está bem mais próxima agora. Dá para sentir pela dor que emana que ele está vendo a garota no chão.

– Melhor correr agora, Garota em Chamas – diz Thresh.

Não preciso ouvir duas vezes. Dou um salto e meus pés se enterram na terra dura à medida que corro para longe de Thresh e de Clove, e do som da voz de Cato. Somente quando alcanço a floresta, viro-me por um instante. Thresh e as duas mochilas grandes estão desaparecendo no limite da planície e seguindo na direção da área onde nunca estive. Cato se ajoelha ao lado de Clove, lança na mão, implorando para que ela fique com ele. Em questão de segundos, vai se dar conta de que sua súplica é inútil, ela não pode ser salva. Me choco contra as

árvores enquanto corro, retirando sem cessar o sangue que cai nos meus olhos, fugindo como a criatura selvagem e ferida que sou. Depois de alguns minutos, escuto o canhão e sei que Clove morreu; que Cato virá atrás de algum de nós. Ou de Thresh ou de mim. Estou aterrorizada, enfraquecida por causa do ferimento na cabeça, trêmula. Coloco uma flecha no arco, mas Cato pode arremessar aquela lança quase tão longe quanto eu posso atirar a flecha.

Apenas um pensamento me acalma. Thresh está com a mochila de Cato, que contém as coisas de que ele precisa desesperadamente. Se eu tivesse de apostar, diria que Cato foi atrás de Thresh, não de mim. Mas, mesmo assim, não diminuo a velocidade quando chego à água. Mergulho imediatamente, com botas e tudo, e chapinho na corrente. Retiro as meias de Rue que estava usando como luvas e as pressiono na testa, tentando estancar o fluxo de sangue, mas elas ficam encharcadas em minutos.

Consigo, de alguma maneira, chegar à caverna. Espremo o corpo e passo pelas pedras. Na luz parca, puxo do braço a pequena mochila laranja, abro-a e jogo o conteúdo no chão. Uma caixa fina contendo uma agulha hipodérmica. Sem hesitar, enfio a agulha no braço de Peeta e pressiono lentamente até o fim.

Minhas mãos vão até minha cabeça e depois caem em meu colo, pegajosas de sangue.

A última coisa de que me lembro é uma mariposa verde e prata extraordinariamente bela aterrissando na curva de meu pulso.



O som da chuva batendo no telhado de nossa casa me conduz delicadamente de volta à consciência. Contudo, luto para voltar a dormir, enrolada em um aconchegante casulo de cobertores, a salvo no lar. Estou vagamente ciente das dores em minha cabeça. Devo estar gripada, e é por isso que me é permitido permanecer na cama, mesmo sabendo que já dormi demais. A mão de minha mãe acaricia meu rosto e não a empurro para longe como faria se estivesse acordada, sem querer que ela saiba o quanto anseio por esse toque delicado; o quanto sinto sua falta, embora ainda não confie nela. Então, ouço uma voz, a voz errada, não a voz de minha mãe, e fico com medo.

– Katniss – diz a voz. – Katniss, consegue me ouvir?

Meus olhos se abrem e a sensação de segurança desaparece. Não estou em casa, não estou com minha mãe. Estou em uma caverna mal-iluminada e fria, meus pés estão congelados apesar da coberta, o ar está contaminado com o inconfundível cheiro de sangue. O rosto abatido e pálido de um garoto surge em meu campo de visão, e após um susto inicial, me tranquilizo.

– Peeta.

– Oi – responde. – Bom poder ver seus olhos novamente.

– Quanto tempo fiquei apagada?

– Não tenho certeza. Acordei ontem à noite e você estava deitada ao meu lado em uma poça de sangue assustadora. Acho que o sangramento finalmente parou, mas eu não me mexeria se fosse você.

Levo a mão cautelosamente até a cabeça e vejo que ela está enfaixada. Esse gesto simples me deixa tonta e fraca. Peeta encosta uma garrafa em meus lábios

e bebo com vontade.

– Você está melhor – observo.

– Muito melhor. Seja lá o que você injetou em meu braço teve um efeito mágico. Hoje de manhã, quase todo o inchaço na perna já tinha acabado.

Ele não parece estar zangado por ter sido ludibriado, por ter sido drogado por mim e por eu ter corrido até o ágape. Talvez eu esteja simplesmente arrasada demais e serei obrigada a ouvir tudo depois, quando estiver mais revigorada. Mas, por enquanto, ele é só gentileza.

– Você comeu? – pergunto.

– Desculpe, mas botei pra dentro três pedaços daquele ganso silvestre antes de me dar conta de que eles deveriam durar mais tempo. Não se preocupe, voltei pra minha dieta rígida.

– Não, você fez bem. Você precisa comer. Logo, logo vou caçar.

– Não tão logo, certo? Deixa eu cuidar de você um pouco.

Nada indica que eu tenha muita escolha. Peeta me alimenta com pedaços de ganso e passas e me obriga a tomar muita água. Ele massageia meus pés até esquentá-los e os enrola em sua jaqueta antes de fechar novamente o saco de dormir abaixo de meu queixo.

– Suas botas e meias ainda estão úmidas e o tempo não está ajudando muito – informa ele.

Ouço um trovão e vejo um raio eletrizar o céu através de uma abertura nas pedras. Chuva goteja por diversos buracos no teto, mas Peeta construiu uma espécie de dossel sobre minha cabeça e a parte superior do corpo, encaixando o quadrado de plástico nas pedras acima de mim.

– Fico imaginando qual seria o motivo dessa tempestade. Quem é o alvo dela, afinal? – quer saber Peeta.

– Cato e Thresh – respondo, sem pensar. – Cara de Raposa deve estar em sua toca em algum lugar, e Clove... ela me cortou e depois... – Baixo o tom da voz.

– Sei que Clove está morta. Vi no céu ontem à noite – diz ele. – Você a matou?

– Não. Thresh quebrou a cabeça dela com uma pedra.

– Sorte ele também não ter pegado você.

A lembrança do ágape retorna com força total e fico enjoada.

– Ele me pegou, mas me deixou escapar. – Então, é claro que tenho de contar a ele. Coisas que mantive em segredo porque ele estava doente demais para perguntar e eu não estava preparada para reviver. Como a explosão, e meu ouvido, e Rue morrendo, e o garoto do Distrito 1, e o pão. Tudo isso conduz ao que aconteceu com Thresh e a maneira com a qual ele pagou aquela espécie de dívida.

– Ele te deixou escapar porque não estava disposto a dever nada a você? – pergunta Peeta, descrente.

– Isso. Não espero que você entenda. Você sempre teve tudo de que precisava. Mas se morasse na Costura, eu não teria de explicar nada.

– E nem tente. Obviamente sou muito burro pra entender isso.

– É como o negócio do pão. Tenho a impressão de nunca conseguir quitar essa dívida com você.

– Pão? O quê? Da época que a gente era criança? Acho que a gente pode esquecer aquilo. Quer dizer, você me trouxe de volta dos mortos.

– Mas você não me conhecia. A gente nunca tinha nem mesmo conversado. Além disso, a primeira dádiva é sempre a mais difícil de retribuir. Eu nem estaria aqui se você não tivesse me ajudado naquela ocasião. Aliás, por que fez aquilo?

– Por quê? Você sabe por quê – diz Peeta. Sacudo levemente a cabeça, apesar da dor. – Bem que Haymitch disse que eu ia precisar de muito tempo pra te convencer.

– Haymitch? O que ele tem a ver com isso?

– Nada. Cato e Thresh, hein? Aposto que deve ser demais esperar que os dois acabem um com o outro simultaneamente, né?

Mas a ideia só me inquieta.

– Acho que a gente ia gostar de Thresh. Acho que ele seria nosso amigo no Distrito 12 – digo.

– Então vamos torcer para que Cato acabe com ele, assim a gente fica dispensado disso – diz Peeta, impiedosamente.

Não quero de maneira alguma que Cato mate Thresh. Não quero que mais ninguém morra. Mas isso não é o tipo de coisa que os vitoriosos podem sair

por aí dizendo na arena. Apesar de meus esforços, sinto lágrimas começando a encharcar meus olhos.

Peeta olha para mim preocupado.

– O que foi? A dor está forte demais?

Dou outra resposta a ele, não só porque é igualmente verdadeira mas porque também pode ser encarada como um breve instante de fraqueza e não como uma desistência definitiva.

– Quero ir pra casa, Peeta – digo melancolicamente, como uma criancinha.

– Você vai. Eu prometo – diz ele, e se inclina para me dar um beijo.

– Quero ir pra casa agora.

– Vou te dizer uma coisa. Você volta a dormir e sonha com sua casa. Não vai demorar para você poder voltar pra lá de verdade. Certo?

– Certo – sussurro. – Pode me acordar se quiser que eu monte guarda.

– Estou bem e descansado, graças a você e a Haymitch. Além do mais, quem sabe o quanto isso aqui vai durar?

A que ele está se referindo? À tempestade? À breve pausa que ela nos proporciona? Aos próprios Idealizadores dos Jogos? Não sei, mas estou triste e cansada demais para perguntar.

Já é noite quando Peeta me acorda novamente. A chuva se transformou em um temporal, lançando torrentes de água em nosso teto, no local onde antes caíam apenas pingos. Peeta colocou o pote de caldo debaixo do pior buraco e reposicionou o plástico para desviar de mim a maior parte da água. Estou me sentindo um pouco melhor, capaz de me sentar sem ficar tonta demais, e absolutamente faminta. Assim como Peeta. Logo fica claro que estava esperando que eu acordasse para comer, e está ansioso para começar.

Não restou muita coisa. Dois pedaços de ganso silvestre, uma pequena mistura de raízes e um punhado de frutas secas.

– Será que a gente devia racionar a comida? – pergunta Peeta.

– Não, vamos acabar com ela e pronto. O ganso está ficando passado, de qualquer modo, e a última coisa que a gente precisa é ficar doente por causa de comida estragada – respondo, dividindo a comida em duas pilhas iguais. Nós tentamos comer lentamente, mas estamos ambos tão famintos que terminamos tudo em alguns minutos. Meu estômago não fica nada satisfeito.

– Amanhã é dia de caçada.

– Não vou poder ajudar muito nisso – diz Peeta. – Jamais cacei na minha vida.

– Eu mato e você cozinha. E você também pode colher vegetais.

– Gostaria de encontrar por aí algumas plantas que dão pão – diz Peeta.

– O pão que eles me mandaram do Distrito 11 ainda estava morno – suspiro. – Aqui, mastiga isso aqui. – Dou a ele algumas folhas de menta e coloco algumas na minha boca.

É difícil até assistir à projeção no céu, mas há nitidez suficiente para ver que não aconteceu mais nenhuma morte hoje. Então, Cato e Thresh ainda não se enfrentaram.

– Pra onde foi Thresh? Afinal, o que existe na extremidade do círculo? – pergunto a Peeta.

– Um campo. Até onde dá pra enxergar, o local é coberto por um matagal que vai até a altura dos meus ombros. Não sei não, mas de repente uma parte dele é de cultivo de grãos. Há partes de cores diferentes. Mas não tem nenhuma trilha até lá – diz Peeta.

– Aposto que há muitos grãos, sim. Também aposto que Thresh sabe quais são. Você esteve lá?

– Não. Ninguém ficou interessado em seguir Thresh até aquele matagal. O lugar é meio sinistro. Sempre que olho pra esse campo só consigo pensar no que está escondido nele. Cobras, animais raivosos e areia movediça. Deve ter todo tipo de coisa por lá.

Não falo, mas as palavras de Peeta me fazem lembrar dos avisos que nos dão a respeito de não ultrapassar a cerca no Distrito 12. Não consigo evitar, por um instante, compará-lo a Gale, que veria nesse campo uma fonte potencial de comida além de uma ameaça. Thresh certamente enxergou isso. Não é que Peeta seja frouxo, e com certeza já provou que não é nenhum covarde. Mas há certas coisas que você acaba não questionando muito, imagino, se sua casa está sempre com um cheirinho de pão fresco. Gale, por sua vez, questiona tudo. O que Peeta pensaria de nossos bate-papos irreverentes, que ocorrem quando infringimos diariamente a lei? Será que ele ficaria chocado com as coisas que falamos a respeito de Panem? Com os discursos de Gale contra a Capital?

– De repente há plantas que dão pão naquele campo. Quem sabe não é essa a razão de Thresh parecer estar mais bem-alimentado agora do que no início dos Jogos.

– Ou isso ou ele possui patrocinadores bem generosos – sugere Peeta. – Imagino o que a gente teria de fazer pra conseguir que Haymitch mandasse um pouco de pão pra nós.

Ergo as sobrancelhas antes de me lembrar que ele desconhece a mensagem que Haymitch nos enviou algumas noites atrás. Um beijo equivale a um pote de caldo. Mas isso também não é o tipo de coisa que posso falar assim, sem mais nem menos. Reproduzir meus pensamentos em voz alta revelaria ao público que o romance foi fabricado para angariar simpatias, o que resultaria no fim da comida. De alguma maneira realista, tenho que fazer com que as coisas voltem aos eixos. Algo simples, para começar. Aproximo-me e pego sua mão.

– Bem, provavelmente ele gastou muitos recursos me ajudando a te nocautear – digo, maliciosamente.

– Sei... Por falar nisso – começa Peeta, prendendo os dedos nos meus –, vê se não tenta repetir esse tipo de coisa.

– Ou o quê?

– Ou... ou... – Ele não consegue encontrar nada interessante para dizer. – Me dá um minuto.

– Qual é o problema? – pergunto, dando um risinho.

– O problema é que nós dois ainda estamos vivos. O que apenas reforça a ideia na sua cabeça de que você tomou a decisão correta – responde ele.

– Eu tomei a decisão correta, sim.

– Não! Não mesmo, Katniss! – O aperto em meus dedos ficou mais forte, machucando minha mão, e há uma raiva real na sua voz. – Não morra por minha causa. Você não estará me fazendo nenhum favor, certo?

Estou atônita pela intensidade das palavras, mas reconheço uma excelente oportunidade para arranjar comida, o que me leva a improvisar.

– Talvez eu tenha feito isso por mim mesma, Peeta. Já parou pra pensar nessa possibilidade? Talvez você não seja o único que... que se preocupa com... como seria se...

Balbucio. Não sou tão desenvolta com as palavras quanto Peeta. E enquanto eu estava falando, a perspectiva de perdê-lo de fato atingiu-me novamente e me dei conta do quanto desejo que ele fique vivo. E não tem nada a ver com os patrocinadores. E não tem nada a ver com o que vai acontecer quando chegarmos em casa. E não é pelo simples fato de que eu não quero ficar sozinha. É por ele. Não quero perder o garoto com o pão.

– Se o quê, Katniss? – pergunta ele, suavemente.

Gostaria de poder fechar as persianas para impedir que esse momento fosse alvo dos olhares enxeridos de Panem. Mesmo que isso signifique perder comida. Seja lá o que for que estou sentindo, só diz respeito a mim e a mais ninguém.

– Esse é exatamente o tipo de assunto do qual eu deveria manter distância, como Haymitch frisou diversas vezes – comento, evasivamente, embora Haymitch jamais tenha mencionado qualquer coisa dessa natureza. Na verdade, ele deve estar me amaldiçoando nesse exato momento por deixar a peteca cair durante um momento tão emocionalmente intenso. Mas Peeta entende a situação, de uma forma ou de outra.

– Então eu mesmo vou ter de preencher as lacunas – diz ele, e se aproxima de mim.

Esse é o primeiro beijo do qual estamos ambos plenamente cientes. Nenhum dos dois está tomado por alguma doença ou dor ou simplesmente inconsciente. Nossos lábios não estão nem quentes de febre nem gelados de frio. Esse é o primeiro beijo que eu realmente sinto chacoalhar meu peito. Gostoso e estranho. Esse é o primeiro beijo que me faz querer mais.

Mas não recebo outro. Bem, até recebo um segundo beijo, mas somente um beijinho rápido na ponta do nariz porque Peeta distraiu-se.

– Acho que sua ferida voltou a sangrar. Deita aqui, já está mesmo na hora de dormir.

Minhas meias estão secas o suficiente para serem usadas. Convenço Peeta a recolocar sua jaqueta. O frio úmido faz meus ossos doerem, o que significa que ele também deve estar congelando. Insisto também para ser a primeira a montar guarda, embora nenhum de nós imagine a possibilidade de alguém aparecer com esse tempo. Mas ele não aceita, a menos que eu também entre no

saco de dormir, e estou tremendo tanto que não faz sentido discordar. Num contraste gritante com duas noites atrás, quando eu tinha a sensação de que Peeta estava a milhões de quilômetros de distância, nossa proximidade agora é arrebatadora. Enquanto nos acomodamos, ele puxa minha cabeça para perto, de maneira a usar seu braço como travesseiro. O outro se mantém sobre mim, de modo protetor, até mesmo quando vai dormir. Ninguém me abraça assim há muito tempo. Desde que meu pai morreu e parei de confiar em minha mãe, nenhum outro par de braços fez com que eu me sentisse tão segura.

Com a ajuda dos óculos, fico observando as gotas da chuva pingando no chão da caverna. Ritmadas e calmantes. Diversas vezes caio no sono, mas logo em seguida acordo num estalo, culpada e zangada comigo mesma. Depois de três ou quatro horas, não consigo evitar, sou obrigada a despertar Peeta porque não consigo mais manter os olhos abertos. Ele não parece se importar.

– Amanhã, quando estiver seco, vou achar um lugar bem no alto de uma árvore pra gente poder dormir em paz – prometo, ao cair no sono.

Mas o amanhã não melhora com relação ao clima. O dilúvio continua, dando a impressão de que os Idealizadores dos Jogos estão com a intenção de submergir todos por aqui. O trovão é tão potente que parece sacudir o chão. Peeta está pensando na possibilidade de seguir caminho de qualquer maneira para conseguir comida, mas digo a ele que com essa tempestade a ideia não faz sentido. Não vai conseguir enxergar três palmos à frente e vai acabar encharcado até a alma. Ele sabe que estou certa, mas o ronco em nossos estômagos está começando a ficar doloroso.

O dia se arrasta até virar noite e o tempo não dá trégua. Haymitch é nossa única esperança, mas nada é enviado, ou por falta de dinheiro – tudo deve custar uma fortuna exorbitante – ou porque ele está insatisfeito com nosso desempenho. A segunda opção é a mais provável. Eu seria a primeira a admitir que não estamos particularmente atraentes hoje. Esfomeados, enfraquecidos devido aos ferimentos, tentando não reabrir as feridas. Estamos enroscados um no outro e enrolados no saco de dormir, sim, estamos, mas principalmente para nos mantermos aquecidos. A coisa mais excitante que fazemos é tirar uma soneca.

Não tenho muita certeza sobre como agitar esse romance. O beijo de ontem à noite foi legal, mas preparar um outro vai exigir muito planejamento. Há algumas garotas na Costura, algumas comerciantes, que navegam nessas águas com muita desenvoltura. Mas nunca tive muito tempo ou jeito para esse tipo de coisa. De qualquer modo, está mais do que claro que um simples beijo já não é mais suficiente, porque, se fosse, teríamos recebido comida ontem à noite. Meus instintos me dizem que Haymitch não está apenas atrás de afeição física, ele quer algo mais pessoal. O tipo de coisa que ele tentou me convencer a falar sobre mim mesma enquanto praticávamos para a entrevista. Sou péssima nisso, mas Peeta não. Talvez a melhor opção seja fazer com que ele fale.

– Peeta – chamo, levemente. – Você disse na entrevista que sempre foi apaixonado por mim. Quando foi que esse "sempre" começou?

– Ah, vamos ver. Acho que no primeiro dia de aula. Nós tínhamos cinco anos. Você estava usando um vestido vermelho e seus cabelos... estavam presos com duas tranças em vez de uma. Meu pai apontou pra você quando a gente estava esperando pra entrar na fila.

– Seu pai? Por quê?

– Ele disse: "Está vendo aquela garotinha ali? Eu queria me casar com a mãe dela, mas ela preferiu um trabalhador das minas."

– O quê? Você está inventando tudo isso!

– Não! É verdade! E eu disse: "Um trabalhador das minas? Por que ela preferiu um trabalhador das minas se podia ter você?" E ele disse: "Porque quando ele canta... até os pássaros param pra ouvir."

– Isso é verdade. Eles param mesmo. Digo, eles paravam. – Estou perplexa e surpreendentemente comovida, pensando no padeiro contando isso a Peeta. Acaba de me ocorrer que minha própria relutância em cantar, meu próprio desdém pela música, talvez não seja realmente o fato de eu achar que isso é uma perda de tempo. Talvez seja porque me faça lembrar demais de meu pai.

– Então, naquele dia, na aula de música, a professora perguntou quem conhecia a canção do vale. Sua mão logo se ergueu. Ela colocou você em um banquinho e mandou você cantar pra gente. E juro, todos os pássaros do lado de fora ficaram em silêncio.

– Ah, dá um tempo. – Rio.

– Não, aconteceu mesmo. E assim que você terminou a canção, percebi, exatamente como tinha acontecido com sua mãe quando ouvia seu pai, que eu estava apaixonado por você. Então, pelos onze anos seguintes, tentei preparar os nervos pra falar com você.

– Sem sucesso – acrescento.

– Sem sucesso. Aí, num certo sentido, meu nome ter sido escolhido na colheita acabou sendo um verdadeiro golpe de sorte.

Por um momento, estou sentindo uma felicidade quase tola, e então sou tomada pela confusão. Porque nós deveríamos estar inventando essa coisa toda, representando nosso amor, e não nos amando de fato. Mas a história de Peeta possui um quê de verdade. Aquela parte sobre meu pai e os pássaros. E cantei mesmo no primeiro dia de aula, embora não me lembre mais da canção. E aquele vestido vermelho... existia mesmo, um vestidinho de segunda mão que depois foi de Prim e que virou trapo após a morte de meu pai.

Isso explicaria uma outra coisa também. Por que Peeta levou tamanha surra para me dar o pão naquele dia horroroso. Então, se todos esses detalhes são verdadeiros... será que tudo isso é verdade?

– Você possui uma... memória notável – comento, hesitante.

– Eu me lembro de tudo a seu respeito – diz Peeta, colocando um fio de cabelo solto para trás de minha orelha. – É que você nunca prestou atenção.

– Agora estou prestando.

– Bem, aqui eu não tenho tantos competidores – diz ele.

Quero mudar de assunto, fechar novamente as persianas, mas sei que não posso. É como se eu pudesse ouvir Haymitch sussurrando em meu ouvido: "Fale! Fale!"

Engulo em seco e deixo as palavras saírem de minha boca:

– Você não tem competidores em lugar nenhum.

E dessa vez sou eu quem se aproxima.

Nossos lábios estão quase se tocando quando a explosão do lado de fora me faz dar um pulo. O arco já está na minha mão, a flecha preparada para voar, mas não há mais nenhum outro som. Peeta espia por entre as pedras e em seguida emite um grito de entusiasmo. Antes que eu possa impedir, ele já está na chuva me entregando alguma coisa. Um paraquedas prateado atado a uma

cesta. Abro-a imediatamente com um rasgão e encontro um verdadeiro banquete dentro: pãezinhos frescos, queijo de cabra, maçãs e, o melhor de tudo, uma terrina com aquele incrível cozido de cordeiro com arroz selvagem. O mesmo prato que eu havia dito a Caesar Flickerman ser a coisa mais impressionante que a Capital tinha a oferecer.

Peeta se contorce todo para entrar na caverna, seu rosto iluminado como o sol.

– Imagino que Haymitch tenha finalmente ficado cansado de nos ver passar fome.

– Imagino que sim – respondo.

Mas, na minha cabeça, posso ouvir as palavras presunçosas e levemente exasperadas de Haymitch: "Sim, é *isso* o que eu estou procurando, queridinha."



Todas as células de meu corpo desejam que eu enfie a cara no cozido e me empanturre até dizer chega. Mas a voz de Peeta me faz parar:

– É melhor a gente comer devagar esse cozido. Lembra a primeira noite no trem? A comida pesada me deixou enjoado, e eu nem estava com tanta fome assim.

– Você tem razão. E eu bem que podia engolir isso aqui tudo! – comento, lamentando a situação. Mas não faço isso. Somos bastante sensatos. Cada um come um pãozinho, metade de uma maçã e uma porção do tamanho de um ovo de cozido e arroz. Obrigo-me a comer o cozido em pequenas colheradas – eles mandaram até pratos e talheres de prata –, saboreando cada mordida. Quando terminamos, olho para o prato ainda com fome. – Quero mais.

– Eu também. É o seguinte, a gente espera uma hora, se a comida assentar no estômago, aí a gente come mais um pouco – sugere Peeta.

– Combinado. Vai ser uma hora bem demorada.

– Talvez não tão demorada. O que era mesmo que você estava dizendo antes de a comida chegar? Alguma coisa a meu respeito... nenhum competidor... a melhor coisa que aconteceu com você na sua vida...

– Não me lembro dessa última parte – retruco, na esperança de que a iluminação esteja bem fraca aqui dentro para que as câmeras não consigam mostrar meu rosto vermelho.

– Ah, certo. Isso era o que *eu* estava pensando. Chega pra lá, estou congelando.

Deixo um espaço para ele no saco de dormir. Nós nos encostamos contra a parede da caverna, minha cabeça sobre o seu ombro, ele abraçado a mim. Posso sentir Haymitch me cutucando para prosseguir com a encenação.

– Nós tínhamos cinco anos e desde então você nunca reparou nas outras garotas? – pergunto.

– Não. Eu reparava em todas as garotas, mas nenhuma delas me deixou uma impressão tão duradoura quanto você.

– Imagino que esse negócio de você gostar de uma garota da Costura não empolgou muito seus pais.

– Nem um pouco. Mas isso não me importa. De qualquer modo, se a gente conseguir voltar, você não vai mais ser uma garota da Costura, você vai ser uma garota da Aldeia dos Vitoriosos.

É isso aí. Se nós vencermos, cada um de nós vai ganhar uma casa na parte da cidade reservada aos vitoriosos dos Jogos Vorazes. Muito tempo atrás, por ocasião do início dos Jogos, a Capital construiu uma dúzia de belas casas em cada distrito. É claro que no nosso apenas uma está ocupada. A maioria das outras jamais foi utilizada.

Um pensamento perturbador me ocorre.

– Mas então, nosso único vizinho vai ser Haymitch!

– Ah, isso vai ser legal – diz Peeta, abraçando-me com mais intensidade. – Você, Haymitch e eu. Bem aconchegante. Piqueniques, aniversários, longas noites de inverno ao redor da lareira, rememorando antigas histórias dos Jogos Vorazes.

– Eu já disse, ele me odeia! – argumento, mas não consigo evitar dar uma risada ao imaginar Haymitch se tornando meu novo amigo.

– Só às vezes. Quando ele está sóbrio, nunca fala qualquer coisa negativa sobre você.

– Ele nunca está sóbrio! – protesto.

– É verdade. Em quem estou pensando, afinal? Ah, já sei. Cinna. É Cinna que gosta de você. Principalmente porque você não tentou correr quando ele tocou fogo em você. Por outro lado, Haymitch... bem, se eu fosse você, eu evitaria Haymitch completamente. Ele te odeia.

– Pensei que você tinha dito que eu era a favorita dele.

– Ele me odeia mais ainda. Acho que, no geral, gente não é o negócio dele.

Sei que o público vai gostar de nós estarmos tirando sarro de Haymitch. Ele está na ativa há tanto tempo, é praticamente um velho amigo de alguns. E depois que ele desabou do palco, todos o conhecem. A uma hora dessas, já devem tê-lo arrastado para fora da sala de controle para dar entrevistas sobre nós. Não dá para adivinhar que tipo de mentiras inventou. Ele está um pouco em desvantagem porque a maioria dos mentores possui um parceiro, um outro vitorioso para auxiliá-los, ao passo que Haymitch precisa estar pronto para entrar em ação a qualquer momento. Mais ou menos como eu, quando estou sozinha na arena. Imagino como ele está segurando as pontas com a bebedeira, o excesso de atenção e o estresse de tentar nos manter vivos.

É engraçado. Haymitch e eu não nos damos muito bem cara a cara, mas talvez Peeta esteja certo quando diz que somos parecidos, porque ele parece ser capaz de se comunicar comigo, se levarmos em conta seu *timing* perfeito no envio das dádivas. Por exemplo, como eu soube que estava perto de uma fonte de água pelo fato de ele não ter me enviado nada, como soube que o xarope do sono não era apenas para aliviar a dor de Peeta, e como sei agora que tenho que interpretar o papel de garota apaixonada. Ele não fez tanto esforço assim para se conectar com Peeta. Talvez ele pense que uma tigela de caldo seria apenas uma tigela de caldo para Peeta, ao passo que eu saberia ver o que está por trás dela.

Um pensamento me ocorre, e fico impressionada pela pergunta ter demorado tanto a aflorar. Talvez seja porque só recentemente eu tenha começado a ver Haymitch com algum grau de curiosidade.

– Como você acha que ele conseguiu?

– Quem? Conseguiu o quê? – pergunta Peeta.

– Haymitch. Como você acha que ele venceu os Jogos?

Peeta reflete durante um bom tempo antes de responder. Haymitch é bem corpulento, mas não é nenhuma maravilha física como Cato ou Thresh. Não é particularmente bonito. Não da maneira que faz com que os patrocinadores despejem dádivas sobre você. E é tão intratável que é difícil imaginar alguém se aliando a ele. Só há uma maneira de Haymitch ter vencido, e Peeta deixa

escapar a resposta no exato momento em que eu mesma estou chegando à conclusão.

– Ele foi mais esperto do que os outros.

Balanço a cabeça em concordância e abandono a conversa. Mas, secretamente, estou imaginando se Haymitch ficou sóbrio por tempo suficiente para ajudar Peeta e a mim porque pensou que nós dois talvez tivéssemos a sagacidade necessária para sobreviver. Talvez ele não tenha sido um beberrão a vida inteira. Talvez, no início, tenha tentado ajudar os tributos. Mas, então, a coisa ficou insuportável. Deve ser um horror ser mentor de dois jovens e depois assistir à morte deles pela televisão. Ano após ano após ano. Percebo que, se conseguir escapar daqui, esse se tornará meu emprego. Orientar a garota do Distrito 12. A ideia é tão repulsiva que a arranco de minha cabeça.

Quase meia hora se passou quando decido que preciso comer novamente. Peeta também está muito faminto para se opor. Enquanto como mais duas pequenas porções de cozido de cordeiro e arroz, ouvimos o início do hino. Peeta encosta os olhos na abertura entre as pedras para observar o céu.

– Não deve haver nada para se ver hoje – comento, muito mais interessada no cozido do que no céu. – Não aconteceu nada, senão a gente teria escutado o canhão.

– Katniss – murmura Peeta.

– O quê? Quer dividir outro pãozinho?

– Katniss – repete ele, mas meu desejo é ignorá-lo.

– Vou dividir. Mas vou guardar o queijo pra amanhã. – Peeta está olhando para mim. – Que é?

– Thresh morreu.

– Não pode ser.

– O tiro do canhão deve ter sido durante a tempestade e a gente nem se deu conta.

– Tem certeza? Afinal, está chovendo à beça hoje. Não sei como você consegue enxergar alguma coisa. – Eu o empurro para o lado e espremo os olhos na direção do céu escuro e chuvoso. Por mais ou menos dez segundos, vislumbro a imagem distorcida de Thresh e então ele desaparece. Num piscar de olhos.

Meu corpo desaba contra as pedras e esqueço por um momento a tarefa que estava realizando. Thresh morto. Eu deveria estar feliz, certo? Menos um tributo a encarar. E poderoso, ainda por cima. Mas não estou feliz. Só consigo pensar em Thresh me deixando escapar, me deixando correr por causa de Rue, que morreu com aquela lança no estômago...

– Você está bem? – pergunta Peeta.

Dou de ombros evasivamente e coloco as mãos nos cotovelos, aproximando-os do corpo. Tenho de ocultar a dor verdadeira porque quem é que vai apostar em um tributo que não para de choramingar por causa das mortes de seus oponentes? Rue era diferente, éramos aliadas. Ela era jovem demais. Mas ninguém vai entender a tristeza que sinto pelo assassinato de Thresh. A palavra me deixa em estado de alerta em um segundo. Assassinato! Ainda bem que não falei em voz alta. Isso não me daria muitos pontos na arena. Faço outro comentário:

– É só que... se a gente não vencesse... eu queria que Thresh vencesse. Porque ele me deixou viver. E por causa de Rue.

– Certo, eu sei. Mas isso significa que a gente está um passo mais próximo de voltar pro Distrito 12. – Ele aproxima um prato de comida de minhas mãos. – Come. Ainda está quente.

Dou uma colherada no ensopado para mostrar que não estou ligando tanto assim, mas a comida parece ter virado borracha em minha boca e preciso me esforçar bastante para engolir.

– Também significa que Cato voltará a nos caçar.

– E ele está novamente com suprimentos – diz Peeta.

– Ele está ferido, aposto.

– Por que você está dizendo isso?

– Porque Thresh jamais cairia sem luta. Ele é muito forte. Enfim, era forte. E eles estavam no território dele.

– Bom. Quanto mais ferido Cato estiver, melhor. Imagino como Cara de Raposa está se virando.

– Ah, ela está bem – comento, irritada. Ainda estou com raiva por ela ter pensado em se esconder na Cornucópia e eu não. – Provavelmente vai ser mais fácil pegar Cato do que ela.

– Talvez um pegue o outro e a gente vá pra casa. Mas é melhor sermos mais cuidadosos com a vigilância. Eu cochilei algumas vezes.

– Eu também. Mas não essa noite.

Terminamos a refeição em silêncio e então Peeta se oferece para montar guarda em primeiro lugar. Entoco-me no saco de dormir ao lado dele e cubro o rosto com o capuz para escondê-lo das câmeras. Só preciso de alguns instantes de privacidade para poder deixar minhas emoções aflorarem em meu rosto sem serem vistas. Debaixo do capuz, despeço-me silenciosamente de Thresh e o agradeço por me deixar viver. Prometo me lembrar sempre dele e, se puder, fazer alguma coisa para ajudar sua família e a de Rue, se sair vencedora. Então, mergulho no sono, confortada pela barriga cheia e pelo calor estável de Peeta ao meu lado.

Quando ele me acorda mais tarde, a primeira coisa que registro é o cheiro de queijo de cabra. Ele está segurando metade de um pãozinho com o material branco e cremoso e com fatias finas de maçã por cima.

– Não fique chateada. Eu precisava comer de novo. Aqui está sua metade.

– Ah, como é bom – comento, mordendo imediatamente um pedaço enorme. O queijo forte e gorduroso tem o sabor igual ao que Prim faz, a maçã está doce e crocante. – Hummm.

– Nós fazemos uma torta de queijo de cabra e maçã na padaria.

– Aposto que é bem cara.

– Cara demais pra minha família comer. A menos que fique muito rançosa. É claro que praticamente tudo o que a gente come é rançoso. – E Peeta enrola-se no saco de dormir. Em menos de um minuto está roncando.

Hmm... Sempre imaginei que os comerciantes tivessem uma vida mansa. E é verdade, Peeta sempre teve comida suficiente. Mas deve ser meio deprimente passar a vida comendo pão velho, aqueles pães secos e duros que ninguém mais quis. Lá em casa, como eu trago comida diariamente, a maior parte dela é tão fresca que você precisa ficar atenta para ela não sair correndo.

Em algum momento do meu turno de guarda a chuva para, não de maneira gradual, mas de uma vez só. O temporal acaba, e há somente gotas residuais nos galhos e a correnteza do riacho que transbordou. Uma lua cheia e bela surge no céu, e, mesmo sem os óculos, consigo enxergar o exterior. Não

consigo decidir se a lua é real ou meramente uma projeção dos Idealizadores dos Jogos. Sei que ela estava cheia pouco antes de eu sair de casa. Gale e eu a observamos surgir quando estávamos caçando a altas horas da noite.

Quanto tempo já passei aqui? Imagino que tenha passado mais ou menos duas semanas na arena, e houve aquela semana de preparação na Capital. Talvez a lua tenha completado seu ciclo. Por algum motivo, desejo muito que essa seja a minha lua, a mesma que vejo da floresta que cerca o Distrito 12. Isso me daria algo a que me agarrar no mundo surreal da arena, onde a autenticidade de tudo deve ser colocada em xeque.

Restam quatro de nós.

Pela primeira vez, permito-me verdadeiramente pensar na possibilidade de que talvez eu consiga mesmo voltar para casa. E atingir a fama. E riqueza. E conseguir minha casa própria na Aldeia dos Vitoriosos. Minha mãe e Prim morariam lá comigo. Não teríamos medo da fome. Seria um novo tipo de liberdade. Mas... e aí? Como seria minha vida diária? A maior parte dela é dedicada à busca de comida. Se tirarem isso de mim, nem tenho mais certeza de quem sou, de qual é a minha identidade. A ideia me assusta um pouco. Penso em Haymitch, com todo o dinheiro que tem. Em que sua vida se transformou? Ele vive sozinho, sem esposa ou filhos, e bêbado a maior parte do tempo. Não quero acabar desse jeito.

– Mas você não vai estar sozinha – sussurro para mim mesma. Tenho minha mãe e Prim. Bem, por enquanto. Depois... não quero pensar sobre depois, quando Prim tiver crescido, quando minha mãe tiver morrido. Sei que nunca vou me casar, nunca vou correr o risco de colocar uma criança nesse mundo. Porque se tem uma coisa que ser vitoriosa não garante é a segurança de seus filhos. Os nomes dos meus filhos apareceriam nas bolas da colheita como quaisquer outros. E juro que nunca vou deixar isso acontecer.

O sol se ergue por fim, sua luz deslizando sobre as rachaduras e iluminando o rosto de Peeta. Em quem ele vai se transformar se voltarmos para casa? Esse garoto desconcertante, de boa índole, que consegue bolar mentiras tão convincentes que toda a Panem acredita que ele esteja perdidamente apaixonado por mim. E vou ter de admitir, há momentos em que até eu acredito. O que acontecerá com ele? *Pelo menos, nós seremos amigos*. Nada vai

mudar o fato de que salvamos a vida um do outro aqui. E, além disso, ele nunca vai deixar de ser o garoto com o pão. *Bons amigos.* Mas nada além disso... e eu sinto os olhos cinzentos de Gale, lá do Distrito 12, me observando enquanto observo Peeta.

O desconforto me obriga a me mover. Aproximo-me e sacudo o ombro de Peeta. Seus olhos se abrem sonolentos, e, quando se fixam em mim, ele me puxa e me dá um longo beijo.

– Estamos perdendo tempo de caçada – digo, quando finalmente consigo me afastar.

– Eu não chamaria isso de perda de tempo – diz ele espreguiçando-se longamente enquanto se senta. – Quer dizer então que a gente caça de estômago vazio pra ter uma vantagem?

– Não, não. A gente enche a barriga pra ficar mais poderoso.

– Pode contar comigo – diz Peeta. Mas dá para ver que ele fica surpreso quando divido o resto do cozido e do arroz e entrego a ele um prato bem-servido. – Tudo isso?

– A gente recupera hoje – respondo e ambos mergulhamos em nossos respectivos pratos. Mesmo frio, é uma das melhores coisas que já provei na minha vida. Deixo o garfo de lado e raspo os últimos resquícios de molho com o dedo. – Já estou até vendo Effie Trinket estremecendo com meus modos.

– Ei, Effie! Olha só pra isso! – chama Peeta. Ele joga o garfo por cima do ombro e literalmente lambe o prato, produzindo ruídos de extrema satisfação. Depois, manda um beijo para ela e diz: – Estamos com saudade de você, Effie!

Cubro sua boca com minha mão, mas estou rindo.

– Para com isso! Cato pode estar aqui fora!

Ele retira minha mão e diz:

– E eu com isso? Agora tenho você pra me proteger. – Ele me puxa para perto dele.

– Dá um tempo – peço, exasperada, tentando me livrar da sua pegada, mas não antes de receber outro beijo.

Parados do lado de fora da caverna e já preparados para partir, voltamos a ficar sérios. É como se nos últimos dias, protegidos pelas pedras, pela chuva e até pelo fato de a atenção de Cato estar voltada para Thresh, nós tivéssemos

tido uma trégua, uma espécie de feriado. Agora, embora o dia esteja ensolarado e quente, nós dois temos a sensação de estar de volta aos Jogos. Entrego minha faca a Peeta, já que todas as armas que ele possuía se perderam, e ele a prende no cinto. Minhas últimas sete flechas – das doze, sacrifiquei três na explosão e duas no ágape – chacoalham soltas na aljava. Não posso me dar ao luxo de perder mais nenhuma.

– Ele já deve estar na nossa cola a uma hora dessas – diz Peeta. – Cato não é do tipo que espera sua presa aparecer.

– Se ele estiver ferido... – começo.

– Isso não vai fazer diferença – interrompe Peeta. – Se puder se mover, ele virá.

Com toda aquela chuva, o riacho transbordou pelos dois lados da margem. Paramos para encher as garrafas de água. Verifico as arapucas que montei dias atrás e vejo que estão vazias. Não é nenhuma surpresa, considerando o clima dos últimos dias. Além do mais, não avistei muitos animais ou sinais de algum nessa área.

– Se a gente quer comida, é melhor voltar pro meu antigo local de caçada – sugiro.

– Você manda. Basta me dizer o que você quer que eu faça – diz Peeta.

– Fica de olho – digo. – E é melhor caminhar sobre as pedras o máximo possível, não faz sentido a gente deixar rastros pra ele seguir. E ouça por nós dois. – Está mais do que claro, a essa altura, que a explosão destruiu definitivamente a audição do meu ouvido esquerdo.

Eu caminharia na água para evitar qualquer tipo de pegada, mas não tenho certeza se a perna de Peeta aguenta a correnteza. Embora os medicamentos tenham erradicado a infecção, ele ainda está bem fraco. Minha testa dói no local que a faca rasgou, mas, depois de três dias, o sangramento parou. Estou com um curativo em volta da cabeça, caso o esforço físico abra a ferida novamente.

Enquanto subimos o riacho, passamos pelo local onde encontrei Peeta camuflado na lama. Uma boa notícia: depois do temporal e do transbordamento do riacho, todos os sinais de seu esconderijo foram apagados.

Isso significa que, se preciso for, podemos voltar para a caverna. Do contrário, eu não arriscaria fazer isso com Cato em nosso encalço.

Os penedos se transformam em rochas que, por fim, transformam-se em cascalhos, e então, para meu alívio, estamos de volta às agulhas de pinheiro e à delicada inclinação do piso da floresta. Pela primeira vez, percebo que temos um problema: andar pelo terreno pedregoso com uma perna machucada. Bem, não há como não fazer algum ruído – é natural – mas, mesmo caminhando sobre o macio leito de agulhas de pinheiro, Peeta faz barulho. E quando digo barulho é barulho mesmo, como se ele estivesse fazendo questão de bater o pé com toda a força ou algo assim. Viro-me e olho para ele.

– O que é? – ele pergunta.

– Você precisa fazer menos barulho ao andar – respondo. – Não estou nem me referindo a Cato, mas você deve estar espantando todos os coelhos num raio de dez quilômetros.

– É mesmo? Desculpa, eu não sabia.

Então, recomeçamos e ele está um pouquinho melhor, mas mesmo com um único ouvido funcionando, ele me sobressalta.

– Você consegue tirar essas botas? – sugiro.

– Aqui? – pergunta ele, sem conseguir acreditar, como se eu tivesse pedido que caminhasse descalço sobre brasa ou algo parecido. Tenho de me lembrar que ele ainda não está familiarizado com a floresta, que é o local assustador e proibido localizado além das cercas do Distrito 12. Penso em Gale, com sua pisada de veludo. É arrepiante como ele produz tão pouco som, mesmo caminhando sobre uma camada de folhas no outono, quando é um desafio fazer qualquer movimento sem espantar a caça. Tenho certeza de que ele está gargalhando em casa.

– Isso – respondo, impaciente. – Também vou tirar as minhas. Assim os dois fazem menos barulho. – Como se eu estivesse fazendo algum barulho. Então, nós dois removemos nossas botas e meias e, apesar de alguma melhora, eu poderia jurar que ele está se esforçando para quebrar todos os galhos que vê pelo caminho.

Não preciso nem dizer que, embora sejam necessárias várias horas para alcançar o antigo acampamento que compartilhei com Rue, ainda não atirei

em nada. Se o riacho se aquietasse, os peixes poderiam ser uma opção, mas a correnteza ainda está forte demais. Quando paramos para descansar e beber água, tento encontrar uma solução. O ideal seria deixar Peeta colhendo algumas raízes fáceis de localizar enquanto eu caçasse, mas aí ele teria de ficar com uma única faca para se defender das lanças e da força superior de Cato. Então, o que eu realmente gostaria de fazer é tentar escondê-lo em algum lugar seguro, sair para caçar e depois voltar para buscá-lo. Mas tenho a sensação de que seu ego não aceitará essa sugestão.

– Katniss – chama ele. – Precisamos nos separar. Sei que estou espantando os animais.

– Só porque sua perna está machucada – digo, com generosidade, porque na verdade é visível que isso é apenas uma pequena parte do problema.

– Eu sei. Então, por que você não vai? Mostra pra mim algumas plantas que eu possa colher e assim nós dois seremos úteis.

– Não se Cato aparecer e te matar. – Tento dizer isso de modo simpático, mas, mesmo assim, ainda parece que estou pensando que ele é um fracote.

Surpreendentemente, ele apenas ri.

– Olha aqui, consigo encarar Cato. Já lutei com ele antes, não lutei?

Certo, e o resultado foi fantástico. Você acabou quase morto naquela lama. É isso o que quero dizer, mas não consigo. Afinal, ele realmente salvou minha vida ao enfrentar Cato. Tento uma outra tática.

– E se você subisse em uma árvore e ficasse de vigia enquanto eu caço? – sugiro, tentando fazer com que a coisa soe como um trabalho bem importante.

– E se você me mostrasse o que é comestível por aqui e fosse atrás de alguma carne pra gente comer? – pergunta ele, imitando meu tom de voz. – Só não vai muito longe porque se precisar de ajuda vai ser difícil.

Suspiro e lhe mostro algumas raízes que ele pode arrancar. Nós precisamos de comida, isso é inquestionável. Uma maçã, dois pãezinhos e um pedacinho de queijo do tamanho de uma ameixa não sustentam ninguém por muito tempo. Não vou me distanciar tanto e espero que Cato esteja bem longe.

Ensino-lhe um assobio de pássaro – não uma melodia como a de Rue, mas um assobio simples de duas notas – que podemos usar para comunicar um ao

outro que estamos bem. Felizmente, ele é bom nisso. Vou embora, deixando-o com a mochila.

Sinto-me como se tivesse onze anos novamente, acorrentada não à segurança da cerca, mas a Peeta, permitindo a mim mesma percorrer no máximo vinte, quem sabe trinta metros de área de caça. Contudo, distante dele, a floresta está viva e repleta de sons de animais. Estimulada por seus assobios periódicos, eu me permito aventurar-me um pouco mais além e logo tenho dois coelhos e um esquilo gordo como recompensa. Decido que já é o bastante. Posso armar as arapucas e quem sabe pescar algum peixe. Com as raízes de Peeta, teremos comida suficiente por enquanto.

Enquanto percorro a curta distância de volta, noto que nós não trocamos sinais há algum tempo. Quando meu assobio não recebe resposta, corro. Quase imediatamente, encontro a mochila e uma pilha bem-arrumada de raízes em seu interior. O pedaço de plástico foi estendido no chão onde o sol atinge a camada solitária de amoras que o cobre. Mas onde está ele?

– Peeta! – grito, em pânico. – Peeta! – Volto-me na direção de um farfalhar de arbustos e quase acerto uma flecha nele. Felizmente, puxo meu arco no último segundo e ela se finca num carvalho à sua esquerda. Ele dá um salto para trás, soltando um punhado de amoras na relva.

Meu medo se transforma em raiva.

– O que você está fazendo? Você deveria estar aqui e não correndo na floresta!

– Achei algumas amoras perto do riacho – diz ele, visivelmente confuso com meu ataque de fúria.

– Eu assobiei. Por que você não assobiou de volta? – retruco.

– Não ouvi. A água é barulhenta demais, acho – responde ele. Peeta se aproxima e coloca as mãos em meus ombros. Só então percebo que estou tremendo.

– Pensei que Cato tivesse te matado! – Estou quase gritando.

– Não, eu estou bem. – Ele me abraça, mas eu não retribuo. – Katniss?

Empurro-o para longe, tentando organizar meus sentimentos.

– Se duas pessoas combinam de fazer um sinal elas precisam ficar ao alcance uma da outra. Porque, se uma delas não responder, os dois vão ficar

encrencados, certo?

– Certo!

– Certo. Porque foi isso o que aconteceu com Rue e acabei sendo obrigada a assistir à morte dela! – Dou as costas a ele, vou até a mochila e abro uma nova garrafa de água, embora ainda reste um pouco na minha. Mas ainda não estou pronta para perdoá-lo. Noto a comida. Os pãezinhos e as maçãs estão intactos, mas alguém com toda certeza pegou um dos pedaços de queijo. – E você, ainda por cima, comeu sem mim! – Para falar a verdade, não dou a mínima, só quero mais um motivo para ficar com raiva.

– O quê? Não comi, não – diz Peeta.

– Ah, então as maçãs devem ter comido o queijo, quem sabe.

– Eu não sei o que comeu esse queijo – diz Peeta, lenta e educadamente, como se estivesse tentando não perder a calma –, mas não fui eu. Eu estava no riacho colhendo amoras. Quer um pouco?

Até que eu queria, para ser sincera, mas ainda não estou pronta para deixar a discussão de lado. Caminho até elas e dou uma olhada. Nunca vi esse tipo antes. Não, vi sim. Mas não na arena. Essas não são as amoras de Rue, embora sejam semelhantes. E tampouco parecem ser qualquer uma que eu tenha estudado durante o treinamento. Abaixo-me e pego algumas, rolando-as entre os dedos.

A voz de meu pai ecoa em minha mente: *"Essas não, Katniss. Essas nunca. São amoras-cadeado. Você morre antes que elas cheguem ao seu estômago."*

Nesse exato instante, ouvimos um tiro de canhão. Giro o corpo, na expectativa de ver Peeta caído no chão, mas ele apenas ergue as sobrancelhas. O aerodeslizador aparece a uns cem metros de distância. O que resta do corpo descarnado de Cara de Raposa é erguido no ar. Posso ver os lampejos de seu cabelo ruivo à luz do sol.

Eu devia ter percebido assim que notei o sumiço do queijo...

Peeta está me segurando pelo braço, puxando-me na direção da árvore.

– Suba. Ele vai estar aqui a qualquer momento. A gente vai ter mais chance se lutar do alto.

Interrompo-o, subitamente calma.

– Não, Peeta, foi você quem matou ela, não Cato.

– O quê? Não me encontro com ela desde o primeiro dia. Como é que eu poderia ter matado essa garota?

Como resposta, estendo as amoras.



Levo um tempo explicando a situação a Peeta. Como Cara de Raposa roubou a comida da pilha de suprimentos antes de eu explodi-la; como ela tentou pegar o suficiente para se manter viva, mas não o bastante a ponto de alguém dar falta; como ela não teria motivos para questionar se as amoras eram venenosas ou não se nós mesmos estávamos nos preparando para comê-las.

– Imagino como ela nos encontrou – diz Peeta. – Acho que foi culpa minha, se fiz mesmo todo esse barulho que você disse.

Estávamos sendo tão discretos quanto uma manada de bois, mas tento ser gentil.

– E ela é muito esperta, Peeta. Bem, era esperta. Até você se provar mais raposino do que ela.

– Mas não foi de propósito. Não me soa muito justo. Enfim. Nós dois estaríamos mortos também se ela não tivesse comido as amoras primeiro. – Ele verifica com os próprios olhos. – Não, é claro que a gente não comeria isso aqui. Você reconheceu, não foi?

Balanço a cabeça em concordância.

– A gente chama de amoras-cadeado.

– Até o nome parece mortífero – diz ele. – Desculpa, Katniss. Realmente imaginei que elas eram do mesmo tipo que aquelas que você tinha colhido.

– Não precisa pedir desculpas. Significa apenas que estamos mais próximos de casa, certo?

– Vou me livrar das que restaram – diz Peeta. Ele recolhe o plástico azul, com cuidado para prender as amoras do lado de dentro, e faz menção de jogá-

las na floresta.

– Espera aí! – grito. Encontro a bolsa de couro que pertenceu ao garoto do Distrito 1 e encho-a com um punhado de amoras que estavam no plástico. – Se elas enganaram Cara de Raposa, quem sabe não enganam Cato também. Se ele está nos perseguindo ou coisa parecida, a gente pode fingir que deixou essa bolsa cair sem querer e se ele comer as frutas...

– Aí, olá Distrito 12! – diz Peeta.

– É isso aí – respondo, prendendo a bolsinha no cinto.

– Ele deve saber onde a gente está agora. Se ele estava em algum lugar por perto e viu aquele aerodeslizador, já sabe que a gente matou a Cara de Raposa e está em nosso encalço.

Peeta está certo. Essa pode ser a oportunidade que Cato esperava. Mas, mesmo que corrêssemos agora, há a carne para cozinhar e nossa fogueira seria mais um sinal de nosso paradeiro.

– Vamos fazer uma fogueira. Agora mesmo. – E começo a juntar alguns gravetos.

– Já está pronta para encarar ele?

– Estou pronta pra comer. Melhor cozinhar nossa comida enquanto temos chance. Se ele sabe que a gente está aqui, ele sabe e pronto. Mas ele também sabe que somos dois e provavelmente imagina que a gente estava caçando Cara de Raposa. Isso significa que você já está recuperado. E a fogueira significa que a gente não está escondido, mas que estamos, isso sim, convidando ele a vir aqui. Você apareceria?

– Acho que não – responde ele.

Peeta é um ás com fogo, obtendo uma chama a partir de madeira úmida. Em questão de segundos, coloco os coelhos e o esquilo para grelhar, e as raízes, envoltas em folhas, ponho para cozinhar nos carvões. Nós nos revezamos para colher verduras e para manter uma vigilância cuidadosa em busca de Cato, mas, como eu havia previsto, ele não dá as caras. Quando a comida está pronta, empacoto quase tudo, deixando duas pernas de coelho para comermos enquanto caminhamos.

Quero um local mais alto na floresta; escalar uma boa árvore e montar um acampamento para a noite, mas Peeta discorda.

– Eu não consigo subir tão bem quanto você, Katniss, principalmente com minha perna nesse estado, e não acho que conseguiria dormir quinze metros acima do chão.

– Não é seguro ficar aqui embaixo a céu aberto, Peeta.

– Não dá pra gente voltar pra caverna? Tem água por perto e lá é fácil de defender.

Suspiro. Várias horas mais caminhando – ou será que eu deveria dizer nos arrastando – na floresta para alcançar uma área que teremos de abandonar na manhã seguinte para caçar. Mas Peeta não está pedindo muito. Seguiu minhas instruções o dia todo e tenho certeza de que se as coisas fossem ao contrário, ele não me obrigaria a passar a noite em cima de uma árvore. Acaba de me ocorrer que não tenho sido muito gentil com Peeta hoje. Reclamando do barulho que estava fazendo, gritando com ele por ter desaparecido. O romance teatral que havíamos sustentado na caverna desapareceu quando saímos de lá e encaramos o sol quente e a espreita ameaçadora de Cato. Haymitch já deve ter desistido de mim. E quanto ao público...

Aproximo-me e lhe dou um beijo.

– Com certeza. Vamos voltar pra caverna.

Ele parece satisfeito e aliviado.

– Bem, até que foi fácil.

Retiro a flecha do carvalho, com cuidado para não estragar a ponta. Essas flechas agora significam comida, segurança e nossas próprias vidas.

Jogamos mais um monte de madeira na fogueira. Ela deve produzir fumaça por mais algumas horas, embora eu duvide que Cato conclua alguma coisa a partir disso. Quando alcançamos o riacho, vejo que a água baixou consideravelmente e voltou ao fluxo normal, de modo que sugiro que o caminho de volta seja feito nele. Peeta simpatiza com a proposta e, já que ele faz bem menos barulho na água do que em terra, a ideia é duplamente boa. Contudo, é uma longa caminhada de volta à caverna, mesmo sendo uma descida, mesmo com o coelho nos dando energia extra. Estamos ambos exaustos por causa de nossa marcha de hoje e ainda muito subalimentados. Mantenho o arco a postos, não só para Cato, como também para algum peixe

que eventualmente apareça, mas o riacho parece estranhamente vazio de seres vivos.

Quando alcançamos o destino, nossos pés já estão se arrastando e o sol já está baixo no horizonte. Enchemos nossas garrafas de água e escalamos o pequeno aclive até nossa toca. Não é nada de mais, mas aqui na natureza selvagem, é o mais próximo que podemos chamar de casa. Também é mais quente do que uma árvore, porque está protegida do vento do oeste que começou a soprar com firmeza. Começo a preparar um bom jantar, mas, antes que fique pronto, Peeta já está cochilando. Após dias de inatividade, a caçada está cobrando seu preço. Digo-lhe que entre no saco de dormir e separo o resto de sua comida para quando ele acordar. Ele adormece imediatamente. Puxo o saco de dormir até seu queixo e beijo-lhe a testa, não pelo público, mas por mim. Porque estou muito grata por ele ainda estar aqui, e não morto no riacho, como eu havia imaginado. Estou muito contente por não ser obrigada a encarar Cato sozinha.

O brutal e sanguinário Cato, que consegue quebrar um pescoço com um girar de braços, que teve poder para superar Thresh, que não vai com a minha cara desde o início. Provavelmente, ele nutre um ódio especial por mim desde que fiz mais pontos do que ele no treinamento. Um garoto como Peeta simplesmente daria de ombros para uma coisa como essa. Mas tenho a sensação de que isso fez com que Cato se distraísse. O que não é tão difícil assim. Relembro a ridícula reação que teve ao ver os suprimentos pelos ares. Os outros ficaram irritados, é claro, mas ele ficou completamente fora de si. Chego até a pensar que Cato talvez não bata muito bem da cabeça.

O céu se ilumina com a insígnia, observo Cara de Raposa brilhando e, em seguida, sumindo definitivamente do mundo. Ele não disse, mas não acho que Peeta tenha se sentido muito bem por matá-la, apesar da importância do ato. Não posso fingir que vou sentir sua falta, mas sou obrigada a admitir uma certa admiração por ela. Meu palpite é que, se nos tivessem obrigado a fazer algum tipo de teste de inteligência, ela teria tirado a nota mais alta dentre todos os tributos. Se estivéssemos, de fato, montando uma armadilha, aposto que ela teria percebido e evitado as amoras. Foi a própria ignorância de Peeta que a

derrubou. Passei tanto tempo me obrigando a não subestimar meus oponentes que acabei esquecendo que é igualmente perigoso superestimá-los.

Isso me traz de volta a Cato. Mas, se por um lado eu imaginava que conhecia Cara de Raposa, que sabia quem era e como agia, por outro ele é uma substância um pouco mais escorregadia. Poderoso, bem treinado, mas será que é astuto? Não sei. Não da maneira que ela era. E com uma imensa defasagem no que diz respeito ao autocontrole que Cara de Raposa demonstrava. Acredito que Cato poderia perder facilmente sua capacidade de julgamento em meio a um acesso de raiva. Não que me sinta superior nesse quesito. Lembro-me do momento em que lancei a flecha na direção da maçã na boca do porco quando estava enfurecida. Talvez eu entenda Cato melhor do que eu imagine.

Apesar da fadiga em meu corpo, minha mente está alerta, de modo que deixo Peeta dormir bem mais do que o combinado. Na verdade, um dia levemente cinzento já surgiu quando sacudo seu ombro. Ele olha, quase assustado.

– Dormi a noite toda. Isso não é justo, Katniss, você deveria ter me acordado.

Dou uma espreguiçada e me enfio no saco.

– Vou dormir agora. Pode me acordar se alguma coisa interessante acontecer.

Aparentemente, nada acontece, porque, quando abro meus olhos, o sol brilhante e quente da tarde penetra as frestas da caverna.

– Algum sinal de nosso amigo? – pergunto.

Peeta balança a cabeça.

– Não, a discrição dele chega a ser perturbadora.

– Quanto tempo você acha que a gente vai ter até que os Idealizadores dos Jogos nos reúnam? – pergunto.

– Bem, Cara de Raposa morreu há quase um dia, então, já houve tempo suficiente para o público fazer suas apostas e ficar entediado. Imagino que a coisa aconteça a qualquer momento.

– É mesmo, e estou com a sensação de que hoje é o dia – comento. Sento-me e olho para a paisagem tranquila. – Imagino como eles farão isso.

Peeta permanece em silêncio. Na verdade, não há nenhuma resposta razoável.

– Bem, até que isso aconteça, não faz sentido desperdiçar um dia de caçada – digo. – Mas talvez seja uma boa ideia a gente comer o máximo que conseguir caso haja algum problema.

Peeta empacota nosso equipamento enquanto preparo uma farta refeição. O que restou dos coelhos, raízes, verduras, os pãezinhos com os últimos pedaços de queijo. As únicas coisas que deixo de reserva são o esquilo e a maçã.

Quando terminamos, tudo o que sobra é uma pilha de ossos de coelho. Minhas mãos estão gordurosas, o que só aumenta minha sensação de imundície. É verdade que não tomamos banho diariamente na Costura, mas nos mantemos mais limpos do que tenho estado ultimamente. Exceto por meus pés, que caminharam no riacho, estou toda coberta por uma camada de sujeira.

Sair da caverna dá uma sensação de conclusão. Algo me diz que não haverá outra noite na arena. De uma forma ou de outra, morta ou viva, estou com a sensação de que escaparei hoje. Dou um tapinha de despedida nas pedras e rumamos em direção ao riacho para nos lavar. Sinto minha pele ansiar pela água fria. Vou lavar os cabelos e prendê-los úmidos mesmo. Estou imaginando se seria possível lavarmos rapidamente nossas roupas quando alcançamos o riacho. Ou o que costumava ser o riacho. Agora só existe um leito seco como osso. Baixo as mãos para senti-lo.

– Nem mesmo uma ligeira umidade. Eles devem ter drenado tudo enquanto a gente estava dormindo – comento. Um temor da língua rachada, do corpo dolorido e da mente confusa proporcionados por minha desidratação anterior invade minha consciência. Nossas garrafas e odres estão razoavelmente cheios, mas, com duas pessoas bebendo e esse sol de rachar, não vai demorar muito até o suprimento se esgotar.

– O lago – lembra Peeta. – É pra lá que eles querem que a gente vá.

– Talvez as fontes ainda estejam com alguma água – imagino, cheia de esperança.

– Podemos verificar. – Mas ele só está sendo condescendente comigo. Também estou sendo condescendente comigo mesma porque sei o que vou

achar quando retornarmos à fonte onde afundei minha perna queimada. Um buraco poeirento que mais parece uma boca arreganhada. Mas seguimos até lá assim mesmo, só para confirmar o que já sabemos.

– Você tem razão. Eles estão levando a gente pro lago – admito. Onde não há proteção. Onde eles terão a garantia de um combate sangrento até a morte com nada que possa atrapalhar sua visão. – Você quer ir direto ou esperar até que a água acabe?

– Vamos agora, enquanto temos comida e estamos descansados. Vamos acabar logo com isso.

Balanço a cabeça em concordância. É engraçado. Estou quase me sentindo como se fosse novamente o início dos Jogos. Como se eu estivesse na mesma posição. Vinte e um tributos estão mortos, mas ainda tenho que matar Cato. E, vamos ser sinceros, não era ele a pessoa que eu tinha de matar desde sempre? Agora parece que os outros tributos eram apenas obstáculos de menor importância, distrações que nos mantinham afastados da verdadeira batalha dos Jogos. Cato e eu.

Mas não, há também o garoto que está esperando aqui do meu lado. Sinto seus braços me envolvendo.

– Dois contra um. Vai ser moleza – diz ele.

– Nossa próxima refeição vai ser na Capital – respondo.

– Pode apostar que sim.

Ficamos lá durante um tempo, abraçados, com a sensação de que não há nada no mundo além de nós, da luz do sol e do farfalhar das folhas aos nossos pés. Então, sem dizer uma palavra, nós nos separamos e seguimos na direção do lago.

Não me importa agora que os passos de Peeta espantem os bichos, que façam com que os pássaros voem. Temos que lutar com Cato e eu preferia fazer isso aqui. Mas duvido que tenha essa chance. Se os Idealizadores dos Jogos nos querem a céu aberto, então, a céu aberto nós estaremos.

Paramos para descansar por alguns minutos embaixo da árvore onde os Carreiristas me emboscaram. O invólucro do ninho das teleguiadas, completamente destruído pela chuva pesada e ressecado pelo sol causticante, confirma a localização. Toco-o com a ponta da bota e ele se dissolve em poeira,

que é rapidamente levada pelo vento. Não consigo evitar uma olhada na árvore onde Rue estava secretamente empoleirada, esperando para salvar minha vida. Teleguiadas. O corpo deformado de Glimmer. As alucinações aterrorizantes...

– Vamos sair daqui – digo, querendo escapar da escuridão que cerca o local. Peeta não discorda.

Devido ao fato de termos começado o dia com um certo atraso, alcançamos a planície já ao anoitecer. Não há nenhum sinal de Cato. Nenhum sinal de nada, exceto a Cornucópia dourada brilhando em meio aos oblíquos raios de sol. Só para ficarmos alertas caso Cato tente dar uma de Cara de Raposa, circundamos a Cornucópia para nos certificar de que está vazia. Então, obedientemente, como se estivéssemos seguindo instruções, vamos até o lago e enchemos nossos contêineres de água.

O sol poente me faz franzir as sobrancelhas.

– Não é uma boa pra nós lutarmos com ele na escuridão. Só temos um par de óculos.

Peeta despeja cuidadosamente algumas gotas de iodo na água.

– Vai ver é exatamente isso o que ele está esperando. O que você pretende fazer? Voltar pra caverna?

– Ou isso ou achar uma árvore. Mas vamos dar a ele mais meia hora. Depois disso a gente procura abrigo.

Nós nos sentamos às margens do lago, inteiramente visíveis. Agora não há mais sentido em nos escondermos. Vejo os tordos, esvoaçando nas árvores da extremidade da planície, rebatendo suas canções uns para os outros como se fossem alegres bolinhas coloridas. Então cantaralo a melodia de quatro notas de Rue. Posso senti-los parando, curiosos com o som da minha voz, ouvidos atentos à espera de mais. Repito as notas em meio ao silêncio. Primeiro um tordo reproduz a canção, depois outro. Em seguida o mundo todo parece adquirir vida com o som.

– Exatamente como seu pai – comenta Peeta.

Meus dedos encontram o broche em minha camisa.

– Essa é a canção de Rue. Acho que eles se lembram.

A música infla e reconheço sua genialidade. À medida que as notas se sobrepõem, elas saúdam umas às outras, formando uma harmonia bela,

celestial. Então era esse som que, graças a Rue, sinalizava aos trabalhadores do Distrito 11 o momento de voltar para suas casas. Imagino se alguém a substituiu nessa tarefa, agora que está morta.

Durante um tempo, apenas fecho os olhos e escuto, encantada pela beleza da canção. Então, alguma coisa começa a perturbar a música. Sons cortados abruptamente em frases distorcidas e imperfeitas. Notas dissonantes intercaladas na melodia. As vozes dos tordos se elevam num grito agudo de alerta.

Ficamos imediatamente de pé, Peeta segurando a faca, eu preparada para atirar. Então, Cato sai da floresta aos trancos e barrancos e avança rapidamente em nossa direção. Não está segurando nenhuma lança. Na verdade, suas mãos estão vazias e no entanto ele corre diretamente para nós. Minha primeira flecha atinge seu peito e, inexplicavelmente, cai no chão.

– Ele está usando alguma espécie de armadura! – grita Peeta.

Em cima da hora, porque Cato já está bem ao nosso lado. Preparo-me para o confronto, mas ele dispara entre nós sem fazer esforço algum para diminuir a velocidade. Dá para ver pelo ritmo da respiração, pelo suor que escorre de seu rosto arroxeado, que ele está correndo em alta velocidade há muito tempo. Não para nos caçar, mas fugindo de alguma coisa. Mas do quê?

Meus olhos rastreiam a floresta em tempo hábil para avistar a primeira criatura saltar em direção à planície. No instante em que me viro, vejo mais meia dúzia delas se juntando à primeira. Então, já estou tropeçando e correndo cegamente atrás de Cato sem pensar em mais nada além de salvar minha própria pele.



Bestantes. Não há dúvidas. Nunca vi essas bestas, mas não são animais naturais. Parecem lobos imensos, mas que espécie de lobo aterrissa e depois se equilibra com tanta facilidade sobre suas patas traseiras? Que espécie de lobo faz sinal com a pata dianteira para que o resto do bando avance, como se tivesse um punho? Essas coisas consigo perceber a distância. De perto, tenho certeza de que características mais ameaçadoras dessas criaturas serão reveladas.

Cato disparou em linha reta até a Cornucópia, e o sigo sem pestanejar. Se ele acha que lá é o local mais seguro, quem sou eu para discutir? Além do mais, mesmo que eu conseguisse chegar às árvores, seria impossível para Peeta superá-los em velocidade devido à sua perna. Peeta! Minhas mãos acabam de aterrissar na pontuda cauda metálica da Cornucópia quando me lembro que faço parte de uma equipe. Ele está mais ou menos quinze metros atrás de mim, mancando o mais rápido que pode, mas os bestantes estão se aproximando. Dou uma flechada no bando e um deles cai, mas há muitos para assumir o posto.

Peeta está acenando para que eu suba na Cornucópia.

– Vai, Katniss! Vai!

Ele tem razão. Não tenho como proteger nenhum dos dois aqui no chão. Começo a subir, escalando a Cornucópia com as mãos e os pés. A superfície de ouro puro foi desenhada para parecer o chifre serpenteado que nós enchemos durante a colheita das safras, de modo que há pequenas arestas e sulcos que permitem uma pegada decente. Mas após um dia sob o sol da arena, o metal está quente o suficiente para encher minhas mãos de bolhas.

Cato está deitado de lado no topo do chifre, seis metros acima do chão, arquejando para retomar o fôlego enquanto vomita na borda. Agora é minha chance de acabar com ele. Paro no meio do caminho e coloco outra flecha no arco, mas, assim que estou pronta para atirar, escuto Peeta gritar. Giro o corpo e vejo que ele acabou de alcançar a ponta da Cornucópia e os bestantes estão em seus calcanhares.

– Sobe! – berro. Peeta começa a subir, dificultado não só pela perna ferida como também pela faca que está segurando. Acerto a flecha no pescoço do primeiro bestante que coloca as patas no metal. Ao morrer, a criatura reage com violência, acertando inadvertidamente alguns de seus companheiros. É então que consigo dar uma boa olhada em suas garras. Dez centímetros de comprimento e visivelmente afiadas como lâminas.

Peeta alcança meus pés, agarro seu braço e o puxo para cima. Então lembro de Cato esperando no topo e giro o corpo, mas ele está recurvado e com cãibras, aparentemente mais preocupado com os bestantes do que conosco. Ele deixa escapar algumas palavras que não consigo entender. O som áspero e rouco que emana das criaturas não ajuda em nada.

– O quê? – grito para ele.

– Ele disse: "Elas conseguem escalar?" – responde Peeta, fazendo com que meus olhos voltem a se concentrar na base do chifre.

As bestas estão começando a se reunir. À medida que se juntam, erguem-se sobre as patas traseiras com facilidade, o que dá a elas uma aparência assombrosamente humana. Todas possuem uma pelagem espessa, algumas com pelos retos e lisos, outras com pelos ondulados, e as cores variam entre o preto retinto e o que só posso descrever como louro. Há uma outra coisa a respeito delas, uma coisa que faz os cabelos em minha nuca se eriçarem, mas eu ainda não sei dizer o que é.

As criaturas colocam os focinhos no chifre, farejando e saboreando o metal, arranhando a superfície e então emitindo sons agudos umas às outras. Deve ser assim que elas se comunicam, porque o bando se afasta como se estivesse dando passagem a alguém. Então, uma delas, uma besta de tamanho razoável, com um pelo sedoso louro e ondulado, dá um impulso e sobe no chifre. Suas pernas traseiras devem ser incrivelmente poderosas porque aterrissam poucos

passos abaixo de nós, seus lábios rosados franzidos num rosnado. Por um instante, ela fica lá parada, e, neste momento, percebo o que mais me havia desconcertado em relação às bestas. Os olhos verdes que brilham para mim não são os de um cão ou lobo, ou qualquer outro animal canino que eu já tenha visto. Eles são inegavelmente humanos. Estou quase registrando a revelação quando reparo na coleira com o número 1 adornado com joias, e todo o horror me atinge como um raio. O cabelo louro, os olhos verdes, o número... é Glimmer.

Um grito me escapa da boca e estou tendo dificuldades para manter o arco no lugar. Eu estava esperando o momento de atirar, ciente de que meu suprimento de flechas está acabando. Esperando para ver se as criaturas podem, efetivamente, subir. Mas agora, mesmo com a besta tendo começado a deslizar para o lado – incapaz de achar algum apoio no metal – e mesmo eu podendo escutar o lento arranhar das garras produzindo um ruído como o de unhas num quadro-negro, acerto a garganta do bicho. Seu corpo se contorce e cai no chão fazendo um estrondo.

– Katniss? – Sinto Peeta apertando meu braço.

– É ela!

– Quem? – pergunta Peeta.

Minha cabeça vai de um lado a outro à medida que examino o bando, captando os diversos tamanhos e cores. A criatura pequena com a pelagem vermelha e olhos cor de âmbar... Cara de Raposa! E lá, o cabelo grisalho e os olhos castanhos do garoto do Distrito 9 que morreu enquanto lutávamos pela mochila! E o que é pior, a menor besta de todas, com uma pelagem escura e brilhante, imensos olhos castanhos e uma coleira onde está escrito *11* em palha trançada. Dentes cerrados destilando ódio. Rue...

– O que foi, Katniss? – pergunta Peeta, sacudindo meu ombro.

– São eles. São todos eles. Os outros. Rue e Cara de Raposa e... todos os outros tributos – digo, quase engasgando.

Ouço Peeta arquejar ao reconhecê-los.

– O que será que fizeram com eles? Você não está achando que... você acha que esses poderiam ser os olhos reais deles?

Os olhos são a menor das minhas preocupações. E o cérebro? Será que os bestantes receberam alguma lembrança dos tributos reais? Será que foram programados para odiar especificamente nossos rostos porque sobrevivemos e eles foram assassinados de maneira tão cruel? E os que matamos de fato... será que acreditam que estão vingando suas próprias mortes?

Antes que eu possa responder, as criaturas dão início a um novo ataque ao chifre. Elas se dividiram em dois grupos nas laterais do chifre e estão usando seus poderosos quadris para se lançar em nossa direção. Uma bocarra se fecha a poucos centímetros de minha mão e então ouço Peeta dando um grito. Sinto o puxão em seu corpo, todo seu peso somado ao do bestante me jogando para o lado. Se não fosse o aperto em meu braço, ele teria caído. Mas, da maneira que está, preciso usar toda a minha força para nos manter sobre a curva traseira do chifre. E mais tributos estão chegando.

– Mata ele, Peeta! Mata ele! – grito, e, embora mal consiga ver o que está acontecendo, sei que ele deve ter apunhalado a coisa, porque o puxão diminui de intensidade. Agora consigo içá-lo de volta ao chifre, onde nos arrastamos na direção do topo onde o menor dos problemas nos espera.

Cato ainda não consegue ficar de pé, mas sua respiração está voltando ao normal e sei que logo, logo ele estará suficientemente recuperado para nos atacar, para nos arremessar em direção a nossas mortes. Empunho o arco, mas a flecha acaba atingindo um bestante que só pode ser Thresh. Quem mais poderia dar um salto alto assim? Sinto um alívio momentâneo porque finalmente conseguimos subir além do alcance das criaturas e estou me virando para encarar Cato quando Peeta é arrancado do meu lado. Estou certa de que o bando o pegou até seu sangue espirrar em meu rosto.

Cato está em pé na minha frente, quase na extremidade do chifre, segurando Peeta em uma espécie de mata-leão, impedindo-o de respirar. Peeta está golpeando o braço de Cato, mas sem muita força, como se estivesse confuso em relação ao que seria mais importante: respirar ou tentar deter o fluxo de sangue que jorra da fenda que um bestante deixou em sua panturrilha.

Miro uma das minhas duas últimas flechas na cabeça de Cato, ciente de que ela não fará nenhum efeito em seu tronco ou membros que, agora posso ver, estão revestidos com uma malha vermelha e justa no corpo. Alguma armadura

de alta qualidade proveniente da Capital. Seria isso o que estava na mochila que ele achou no ágape? Uma armadura para se defender de minhas flechas? Bem, eles se esqueceram de enviar uma proteção para o rosto.

Cato apenas ri.

– Atire em mim e ele cai comigo.

Ele tem razão. Se eu atirar e ele cair onde estão as bestas, Peeta certamente morrerá com ele. Chegamos a um impasse. Não posso atirar em Cato sem matar Peeta também. Ele não pode matar Peeta sem garantir uma flecha em seu cérebro. Ficamos como estátuas, os dois procurando uma saída.

Meus músculos estão tão retesados que parece até que vão se distender a qualquer instante. Meus dentes chegam a ranger. Os bestantes ficam em silêncio e a única coisa que consigo escutar é o sangue latejando em meu ouvido bom.

Os lábios de Peeta estão ficando azulados. Se eu não fizer alguma coisa rapidamente, ele vai morrer asfixiado e então o terei perdido, e Cato provavelmente utilizará seu corpo como uma arma contra mim. Na verdade, tenho certeza de que esse é o plano de Cato porque, apesar de ter parado de rir, seus lábios estão emoldurando um sorriso triunfal.

Como um último esforço, Peeta ergue os dedos – respingando sangue da perna – na direção do braço de Cato. Em vez de tentar escapar lutando, seu dedo indicador muda de direção e traça deliberadamente um X nas costas da mão de seu agressor. Cato percebe o que isso significa exatamente um segundo depois de mim. Dá para ver pela maneira pela qual o sorriso desaparece de seu rosto. Um segundo é tarde demais porque, a essa altura, minha flecha já está penetrando sua mão. Ele dá um grito e, num reflexo, libera Peeta, que investe contra ele. Durante um momento de puro horror, acho que ambos estão caindo. Dou um mergulho para a frente e agarro Peeta enquanto Cato perde o equilíbrio sobre o chifre escorregadio devido ao excesso de sangue, e desaba.

Escutamos quando ele atinge o chão, o ar deixando seu corpo com o impacto, e, então, as bestas o atacam. Peeta e eu amparamos um ao outro, esperando pelo canhão, esperando o fim da competição, esperando nossa libertação. Mas isso não acontece. Não ainda. Porque esse é o clímax dos Jogos Vorazes, e o público espera um show.

Não assisto, mas consigo ouvir os rosnados, os grunhidos, os uivos de dor não só do ser humano como também das feras à medida que Cato enfrenta o bando de bestantes. Não consigo entender como ele ainda está vivo até me lembrar da armadura que o protege do tornozelo até o pescoço, e percebo como essa noite ainda pode ser longa. Cato também deve ter uma faca ou espada ou algo do tipo, algo que ele guardava escondido nas roupas, porque, vez por outra, podemos ouvir um grito de morte de uma besta ou o som de metal batendo em metal à medida que a lâmina colide com o chifre dourado. O combate prossegue pela lateral da Cornucópia, e sei que Cato deve estar tentando a única manobra que poderia salvar sua vida: contornar de volta a ponta do chifre e se juntar novamente a nós. Mas, ao fim, apesar de suas notáveis força e habilidade, ele simplesmente é superado pelos bestantes.

Não sei quanto tempo demorou, talvez uma hora ou mais, até Cato tombar e nós ouvirmos as bestas o arrastando de volta à Cornucópia. *Agora elas acabarão com ele*. Mas ainda não ouvimos nenhum canhão.

A noite cai e o hino toca e não há nenhuma foto de Cato no céu, apenas uns fracos gemidos vindo do metal abaixo de nós. O ar gelado soprando na planície me faz lembrar que os Jogos ainda não terminaram e que talvez continuem assim por algum tempo. Não há nenhuma garantia de vitória.

Volto minha atenção para Peeta e descubro que sua perna está sangrando mais do que nunca. Todos os nossos suprimentos, nossas mochilas, permanecem perto do lago onde nós os deixamos quando fugimos dos bestantes. Não tenho nenhum curativo, nada que possa estancar o fluxo de sangue de sua panturrilha. Embora esteja tremendo nesse vento cortante, arranco minha jaqueta, removo a camisa e volto a colocar a jaqueta o mais rápido que posso. O breve período que fico exposta ao frio faz com que meus dentes comecem a bater descontroladamente.

O rosto de Peeta está cinza à luz pálida do luar. Faço com que ele se deite e, em seguida, examino o ferimento. Sangue quente e escorregadio escorre pelos meus dedos. Um simples curativo não será suficiente. Já vi minha mãe fazendo torniquetes inúmeras vezes e tento reproduzir a ação. Rasgo uma das mangas de minha camisa, enrolo-a duas vezes em volta de sua perna logo abaixo do joelho e faço um nó frouxo. Não tenho nenhum pedaço de madeira aqui,

então, pego a última flecha que me resta e a insiro no nó, apertando o torniquete até onde a coragem me permite. É um processo arriscado – Peeta pode acabar perdendo a perna –, mas em comparação com perder a vida que alternativa me resta? Cubro o ferimento com o que sobrou de minha camisa e me deito ao seu lado.

– Não durma – digo a ele. Não tenho certeza se esse é um procedimento médico, mas estou aterrorizada com a possibilidade de ele não acordar mais, caso caia no sono.

– Você está com frio? – pergunta Peeta. Ele abre a jaqueta e eu colo meu corpo ao dele enquanto ele a fecha sobre mim. É um pouco mais confortável compartilhar o calor de nosso corpo dentro das duas camadas de jaqueta, mas a noite está só começando. A temperatura continuará a cair. Posso sentir até a Cornucópia, que era tão quente quando a escalei, lentamente se transformando em gelo.

– Cato ainda pode vencer esse negócio – sussurro para Peeta.

– Não acredite nisso – diz ele, puxando meu capuz, mas ele está tremendo mais do que eu.

As horas seguintes são as piores de toda a minha vida, o que, se você parar para pensar, não é pouca coisa. O frio em si já seria tortura suficiente, mas o verdadeiro pesadelo é ouvir Cato gemendo, implorando e finalmente choramingando à medida que as bestas acabam aos poucos com ele. Não demora muito para que eu pare de me importar com quem ele é ou o que ele fez, tudo o que quero é que o sofrimento termine.

– Por que não matam logo ele e pronto? – pergunto a Peeta.

– Você sabe por quê – diz ele, e me puxa para mais perto dele.

E sei mesmo. Nenhum telespectador conseguiria tirar os olhos do programa agora. Sob o ponto de vista dos Idealizadores dos Jogos, essa é a palavra final em entretenimento.

A coisa segue e segue e segue até que, por fim, consome a minha mente por inteiro, bloqueando lembranças e esperanças em relação ao amanhã, apagando tudo que não seja o presente. E começo a acreditar que jamais mudará. Jamais haverá coisa alguma a não ser o frio e o medo, e os sons agonizantes do garoto morrendo no chifre.

Peeta começa a cochilar e, sempre que isso acontece, flagro a mim mesma berrando seu nome cada vez com mais intensidade porque se ele morrer em meus braços agora, sei que ficarei completamente louca. Ele está lutando contra isso, provavelmente mais por minha causa do que por ele mesmo, e é difícil porque a inconsciência seria uma maneira de escapar. Mas a adrenalina que tomou conta de meu corpo jamais permitiria que eu o seguisse, de modo que não posso deixar que ele se vá. Simplesmente não posso.

A única indicação da passagem do tempo reside nos céus, a sutil mudança da lua. Então, Peeta começa a apontá-la para mim, insistindo para que eu identifique seu progresso e, às vezes, por apenas alguns segundos, sinto uma pontinha de esperança até que a agonia da noite novamente toma conta do meu ser.

Por fim, escuto-o sussurrar que o sol está nascendo. Abro meus olhos e percebo as estrelas desaparecendo na pálida luz da madrugada. Também consigo ver como o rosto de Peeta ficou descorado. Como lhe resta pouco tempo. E sei que tenho de levá-lo de volta à Capital.

Mas, ainda assim, não ouvimos nenhum canhão. Pressiono meu ouvido bom no chifre e só consigo distinguir a voz de Cato.

– Acho que ele está mais próximo agora. Katniss, você consegue atirar nele? – pergunta Peeta.

Se ele estiver perto da boca, talvez eu possa acertá-lo. Seria um ato de misericórdia nas atuais circunstâncias.

– Minha última flecha está em seu torniquete – respondo.

– Pode usar – diz Peeta, abrindo a jaqueta e me soltando.

Então, libero a flecha, amarrando novamente o torniquete com o máximo de força que meus dedos congelados conseguem reunir. Esfrego minhas mãos, tentando regularizar a circulação. Quando rastejo até a boca do chifre e me penduro sobre a borda, sinto as mãos de Peeta me agarrando para me sustentar.

Levo alguns instantes para achar Cato na luminosidade tênue, em meio à carnificina. Então, o pedaço de carne viva que era meu inimigo produz um som, e identifico o local onde se encontra sua boca. E eu acho que a frase que ele está tentando pronunciar é *por favor*.

Um sentimento de pena, não de vingança, lança minha flecha na direção de sua cabeça. Peeta me puxa de volta, arco na mão, aljava vazia.

– Acertou nele? – sussurra.

O canhão dá um tiro em resposta.

– Então nós vencemos, Katniss – diz ele, sem entusiasmo.

– Saudações a nós dois – consigo deixar escapar. Mas não há qualquer júbilo em minha voz.

Um buraco se abre na planície e, como se seguissem instruções, as bestas restantes se jogam dentro dele, desaparecendo à medida que a terra se fecha sobre elas.

Esperamos para ver o aerodeslizador levar os restos mortais de Cato; para ouvir os trompetes da vitória que deveriam se seguir a ele. Mas nada acontece.

– Ei! – grito para o ar. – O que está acontecendo? – A única resposta é o burburinho dos pássaros despertando.

– Pode ser o corpo. Talvez a gente tenha que se afastar dele – diz Peeta.

Tento me lembrar. É preciso se afastar do tributo morto após o último combate? Meu cérebro está confuso demais para ter certeza, mas que outro motivo poderia existir para o atraso?

– Tudo bem. Você acha que consegue chegar ao lago? – pergunto.

– Acho melhor tentar – responde Peeta. Descemos até a ponta do chifre e caímos no chão. Se meus próprios membros estão assim tão rígidos, como Peeta consegue se mover? Sou a primeira a me levantar, balançando e mexendo os braços e pernas até achar que estou pronta para ajudá-lo. De alguma maneira, conseguimos voltar ao lago. Encho as mãos com água gelada, que ofereço a Peeta. Depois, levo um pouco dela aos meus lábios.

Um tordo dá um assobio longo e lágrimas de alívio inundam meus olhos quando o aerodeslizador aparece e leva o corpo de Cato. Agora eles virão nos buscar. Agora poderemos ir para casa.

Mas, novamente, nada acontece.

– O que eles estão esperando? – pergunta Peeta, com a voz fraca. Entre a perda do torniquete e o esforço que empreendeu para chegar no lago, seu ferimento reabriu.

– Não sei – respondo. Seja lá qual for o motivo para a demora, não consigo vê-lo perder mais sangue. Levanto-me para tentar encontrar um galho, mas quase imediatamente dou de cara com a flecha rechaçada pela armadura de Cato. Vai funcionar tão bem quanto a outra. Assim que me abaixo para pegá-la, a voz de Claudius Templesmith retumba na arena:

– Saudações aos últimos competidores da septuagésima quarta edição dos Jogos Vorazes. A revisão anterior foi revogada. Um exame mais minucioso do livro de regras revelou que apenas um vencedor pode ser permitido – diz ele. – Que a sorte esteja sempre a seu favor.

Há um pequeno ruído de estática e, então, nada mais acontece. Olho para Peeta em total descrença à medida que absorvo a verdade. Eles jamais tiveram a intenção de permitir que nós dois vivêssemos. Tudo isso foi articulado pelos Idealizadores dos Jogos para garantir a mais dramática disputa final da história. E eu, como uma idiota, acreditei.

– Se você pensar bem, não é assim tão surpreendente – diz Peeta, suavemente. Observo-o se levantar em meio às dores. Então ele começa a andar em minha direção, como se estivesse em câmera lenta, sua mão puxando a faca do cinto...

Antes mesmo de me dar conta de minha ação, meu arco já está preparado com a flecha apontada diretamente para o seu coração. Peeta ergue as sobrancelhas e vejo que a faca já saiu de sua mão e está viajando em direção ao fundo do lago. Baixo o arco e dou um passo para trás, meu rosto queimando pelo único motivo possível: vergonha.

– Não – diz ele. – Vai em frente. – Peeta manca em minha direção e coloca novamente a arma em minhas mãos.

– Não posso. Não vou fazer isso.

– Vamos lá. Antes que eles enviem aqueles bestantes de volta ou algo parecido. Não quero morrer como Cato.

– Então você atira em mim – retruco, furiosamente, jogando o arco para ele. – Você atira em mim e volta pra casa e vive com essa realidade! – E enquanto digo isso, sei que morrer aqui e agora seria a opção mais fácil.

– Você sabe que não posso – diz Peeta, descartando a arma. – Tudo bem, vou primeiro de qualquer modo. – Ele se inclina e rasga o curativo da perna,

eliminando a última barreira entre o sangue e a terra.

– Não, você não pode se matar. – Estou de joelhos, recolocando desesperadamente o curativo na ferida.

– Katniss. É isso o que eu quero.

– Você não vai me deixar aqui sozinha. – Porque se ele morrer, nunca mais vou poder voltar para casa. Não para valer. Vou passar o resto da vida nessa arena tentando traçar uma alternativa.

– Escuta – diz ele, puxando-me de volta. – Nós dois sabemos que eles precisam de um vitorioso. Só pode ser um de nós. Por favor, vença. Por mim. – E ele prossegue dizendo o quanto me ama, como sua vida seria sem mim etc. Mas parei de ouvir porque suas palavras anteriores estão presas em minha cabeça, sacudindo-a desesperadamente.

Nós dois sabemos que eles precisam de um vitorioso.

Sim, eles precisam de um vitorioso. Sem um vitorioso, a coisa toda explodiria nas mãos dos Idealizadores dos Jogos. Eles teriam fracassado diante da Capital. Talvez fossem até executados, lenta e dolorosamente, com as câmeras transmitindo para todas as telas de televisão do país.

Se Peeta e eu morrêssemos, ou se eles imaginassem que nós tivéssemos...

Meus dedos remexem a bolsinha em meu cinto, liberando-a. Peeta a vê e sua mão agarra meu pulso.

– Não, não vou deixar você fazer isso.

– Confie em mim – sussurro. Ele fixa seus olhos nos meus por um bom tempo e então me solta. Desamarro a parte de cima da bolsinha e coloco algumas amoras na palma de sua mão. Depois, coloco um pouco na minha. – Contamos até três?

Peeta se inclina e me beija uma vez, delicadamente.

– Até três – diz ele.

Nós ficamos parados, nossas costas pressionadas uma contra a outra, nossas mãos vazias presas num aperto firme.

– Mostra bem as amoras. Quero que todo mundo veja – diz ele.

Estendo meus dedos e as amoras escuras brilham ao sol. Aperto uma última vez a mão de Peeta como um sinal, como um adeus, e nós começamos a contar.

– Um. – Talvez esteja errada. – Dois. – Talvez eles não liguem se nós dois morrermos. – Três! – Tarde demais para mudar de ideia. Ergo minha mão até a boca, dando uma última olhada para o mundo. As amoras estão quase dentro de minha boca quando os trompetes começam a soar.

A voz frenética de Claudius Templesmith berra por cima deles:

– Parem! Parem! Senhoras e senhores, tenho o prazer de anunciar os vitoriosos da septuagésima quarta edição dos Jogos Vorazes, Katniss Everdeen e Peeta Mellark! Eu apresento... os tributos do Distrito 12!



Cuspo as amoras, esfregando a língua com a ponta da camisa para ter certeza de que nenhum resquício da fruta permanece em meu corpo. Peeta me puxa para o lago onde nós dois lavamos nossas bocas e em seguida caímos nos braços um do outro.

– Você não engoliu nada? – pergunto.

Ele balança a cabeça.

– E você?

– Imagino que já estaria morta a uma hora dessas se tivesse – digo. Posso ver seus lábios se movendo em resposta, mas não consigo ouvi-lo devido ao barulho da multidão na Capital, que estão transmitindo ao vivo pelos alto-falantes.

O aerodeslizador se materializa acima de nossas cabeças e duas escadas são jogadas, só que não solto Peeta de maneira nenhuma. Mantenho um braço em volta dele enquanto o ajudo a subir, e cada um de nós coloca um pé no primeiro degrau da escada. A corrente elétrica nos paralisa no local e, dessa vez, fico contente por isso pois não tenho lá muita certeza se Peeta consegue realmente se sustentar a viagem toda. Quando olho para baixo, vejo que, apesar de nossos músculos estarem imóveis, nada está impedindo o sangue de escorrer pela perna de Peeta. E, de fato, assim que a porta se fecha atrás de nós e a corrente para, ele desaba inconsciente no chão.

Meus dedos ainda estão agarrando a parte de trás da jaqueta com tanta força que, no momento em que ele é levado, ela se rasga, deixando-me com uma ponta de tecido preto na mão. Médicos em roupas brancas esterilizadas, com

máscaras e luvas, já prontos para a cirurgia, entram em ação. Peeta está tão pálido e imóvel sobre a mesa prateada, com tantos tubos e fios saindo por todos os lados que, por um momento, me esqueço de que estamos fora dos Jogos e vejo os médicos simplesmente como mais uma ameaça, mais um bando de bestantes com o intuito de matá-lo. Aterrorizada, corro até ele, mas sou agarrada e conduzida a outra sala, e uma porta de vidro nos separa. Bato no vidro, gritando a plenos pulmões. Todos me ignoram, exceto um assessor da Capital, que surge atrás de mim e me oferece algo para beber.

Desabo no chão, meu rosto grudado à porta, mirando o copo de cristal em minha mão sem conseguir compreender nada. Gelado, cheio de suco de laranja, um canudo branco com umas ondulações. Como o objeto parece estranho em minhas mãos imundas e ensanguentadas, com minhas unhas sujas de terra e as várias cicatrizes. O aroma me faz salivar, mas eu coloco o copo cuidadosamente no chão, sem conseguir confiar em nada tão limpo e bonitinho.

Através do vidro, vejo os médicos trabalhando incessantemente em Peeta, suas testas enrugadas de concentração. Vejo o fluxo de líquidos bombeado nos tubos, observo um paredão de números e luzes que não significam coisa alguma para mim. Não tenho certeza, mas tenho a impressão de que o coração dele para duas vezes.

É como estar novamente em casa, naquelas ocasiões em que uma pessoa irremediavelmente destroçada por alguma explosão nas minas, ou alguma mulher em seu terceiro dia de trabalho de parto, ou uma criança esfomeada lutando contra a pneumonia são recebidas por minha mãe e Prim com essas mesmas rugas de preocupação nos rostos. É a hora de correr para a floresta, para me esconder nas árvores até que o paciente há muito já tenha partido, e em outra parte da Costura os martelos já estejam preparando o caixão. Mas estou presa aqui não só pelas paredes do aerodeslizador como pela mesma força que segura aqueles que amam aos que estão para morrer. Quantas vezes não os vi, ao redor da mesa de nossa cozinha, e ficava imaginando: *Por que não vão embora? Por que ficam para ver?*

E agora sei a resposta. É porque não há alternativa.

Tomo um susto quando pego alguém olhando diretamente para mim a alguns centímetros de distância e então me dou conta de que é meu próprio rosto refletido no vidro. Olhos selvagens, bochechas descarnadas, meus cabelos um emaranhado só. Virulenta. Feroz. Furiosa. Não é à toa que todos estão mantendo uma distância segura de mim.

Percebo em seguida que nós aterrissamos de volta sobre o telhado do Centro de Treinamento e eles estão levando Peeta, mas me deixando atrás da porta. Começo a me jogar contra o vidro, berrando, e acho que acabei de vislumbrar uma cabeleira cor-de-rosa – deve ser Effie, tem de ser Effie vindo em meu socorro – quando a agulha me perfura pelas costas.

Quando acordo, a princípio fico com medo de me mexer. Todo o teto brilha com uma luz amarela suave, permitindo-me ver que me encontro em uma sala onde só existe minha cama. Nenhuma porta, nenhuma janela está visível. O ar cheira a algo forte e antisséptico. Do meu braço direito partem vários tubos atados à parede atrás de mim. Estou nua, mas a roupa de cama é suave contra minha pele. Tento em vão erguer minha mão esquerda acima da coberta. Não só a mão foi limpa como também as unhas estão perfeitamente cortadas e as cicatrizes das queimaduras parecem menos proeminentes. Toco minha bochecha, meus lábios, o relevo da cicatriz acima de minha sobrancelha, e estou começando a percorrer os dedos pelos cabelos sedosos quando fico paralisada. Apreensivamente, balanço os cabelos acima de meu ouvido esquerdo. Não, não foi uma ilusão. Estou ouvindo novamente.

Tento me sentar, mas uma espécie de tala restritiva em volta da minha cintura me impede de erguer-me mais do que alguns centímetros. O confinamento físico me faz entrar em pânico e estou tentando me erguer e arrastar os quadris para fora da tala, quando uma parte da parede se abre e a garota ruiva Avox entra no recinto carregando uma bandeja. Acalmo-me ao vê-la e paro de tentar escapar. Quero lhe fazer um milhão de perguntas, mas tenho medo de que uma demonstração de familiaridade possa causar a ela algum problema. Obviamente, estou sendo monitorada de perto. Ela coloca a bandeja em cima de minhas coxas e aperta algum botão que me coloca na posição sentada. Enquanto ela ajusta meus travesseiros, arrisco uma pergunta.

Pronuncio em voz alta, com tanta clareza quanto permite minha voz rouca, de modo que não soe furtivo:

– Peeta sobreviveu?

Ela faz que sim com a cabeça e, enquanto desliza a colher para minha mão, sinto uma pressão amiga.

Imagino que ela não tenha desejado minha morte, afinal. E Peeta sobreviveu. É claro que sobreviveu. Com todo aquele equipamento caro que eles possuem aqui... Mas, ainda assim, eu tinha minhas dúvidas até agora.

Quando a Avox sai, a porta se fecha atrás dela sem fazer nenhum ruído e me volto vorazmente para a bandeja. Uma tigela com um caldo claro, uma pequena porção de molho de maçã e um copo de água. *Isso é tudo?,* penso, mal-humorada. Meu jantar de retorno não deveria ser um pouco mais espetacular? Mas descubro que é uma dificuldade terminar a escassa refeição que está diante de mim. Meu estômago parece haver encolhido até ficar do tamanho de uma castanha, e preciso imaginar quanto tempo estive inconsciente porque na última manhã que passei na arena não tive nenhuma dificuldade para ingerir uma quantidade bem razoável de comida no café da manhã. Normalmente, há um intervalo de alguns dias entre o fim da competição e a apresentação do vitorioso, para que ele possa deixar para trás seu eu maltratado, ferido e faminto. Em algum lugar, Cinna e Portia devem estar criando nossos modelitos para as aparições públicas. Haymitch e Effie estarão preparando o banquete para nossos patrocinadores, revisando as perguntas para nossas entrevistas finais. Lá em casa, o Distrito 12 estará provavelmente um caos, com todos tentando organizar as comemorações de retorno ao lar para mim e para Peeta, já que a última vez que isso aconteceu foi há quase trinta anos.

Casa! Prim e minha mãe! Gale! Até a imagem do gato velho e horroroso de Prim me faz sorrir. Logo estarei em casa!

Quero sair dessa cama. Ver Peeta e Cinna, descobrir mais a respeito do que está acontecendo. E por que eu não deveria sair daqui? Estou me sentindo bem. Mas, assim que começo a tentar escapar da tala, sinto um líquido frio entrando em minha veia por um dos tubos e perco a consciência quase imediatamente.

Isso acontece de modo intermitente por uma quantidade de tempo indeterminada. Acordo, como e, mesmo resistindo ao impulso de tentar escapar da cama, sou nocauteada novamente. Pareço estar imersa em um estranho e contínuo crepúsculo. Apenas algumas coisas são registradas por minha mente. A garota ruiva Avox não voltou desde que me trouxe a comida, minhas cicatrizes estão desaparecendo e... será que estou imaginando coisas ou estou mesmo ouvindo um homem berrando? Não no sotaque da Capital, mas nas cadências mais rudes de meu distrito. E não consigo evitar uma sensação vaga e reconfortante pelo fato de que alguém está cuidando de mim.

Então, finalmente, chega a hora em que acordo e não há mais nada plugado em meu braço direito. A restrição em volta de minha cintura foi removida e estou livre para me mover. Começo a me sentar, mas sou tomada de surpresa pela visão de minhas mãos. A perfeição da pele, macia e brilhante. Não apenas as cicatrizes da arena, mas também todas aquelas acumuladas ao longo de tantos anos caçando, desapareceram sem deixar vestígios. Minha testa está sedosa, e quando tento encontrar a queimadura em minha panturrilha, não há mais nada.

Deslizo minhas pernas para fora da cama, ansiosa para saber como vão sustentar meu peso e as encontro fortes e firmes. Aos pés da cama me deparo com um traje que me deixa perplexa. É o uniforme que todos os tributos usam na arena. Encaro-o como se o objeto possuísse dentes até me lembrar que, é claro, isso é o que vestirei para saudar minha equipe.

Visto-me em menos de um minuto e estou irrequieta na frente da parede, onde sei que há uma porta mesmo que não consiga enxergá-la, quando, subitamente, ela se abre. Piso num corredor amplo e deserto que parece não possuir mais nenhuma porta. Mas deve possuir. E atrás de uma delas deve estar Peeta. Agora que estou consciente e podendo me mover, estou cada vez mais ansiosa em relação a ele. Peeta deve estar vivo, como a Avox me garantiu. Mas preciso vê-lo com meus próprios olhos.

– Peeta! – grito, já que não há mais ninguém a quem perguntar. Escuto meu nome em resposta, mas não é a voz dele. É uma voz que primeiro provoca irritação e depois impaciência. Effie.

Eu me viro e vejo todos esperando em uma grande câmara ao fim do corredor – Effie, Haymitch e Cinna. Meus pés partem sem hesitação. Talvez um vitorioso devesse demonstrar mais comedimento, mais superioridade, principalmente quando sabe que aparecerá na televisão, mas não dou a mínima. Corro até eles e surpreendo até a mim mesma ao me lançar nos braços de Haymitch em primeiro lugar. Quando ele sussurra em meu ouvido "Bom trabalho, queridinha", seu tom não soa sarcástico. Effie está com os olhos cheios d'água e não para de acariciar meus cabelos e de falar como contou para todo mundo que nós éramos verdadeiras pérolas. Cinna apenas me abraça com força e não diz nada. Então, noto que Portia está ausente e tenho um mau pressentimento.

– Onde está Portia? Ela está com Peeta? Ele está bem, não está? Digo, ele está vivo, não está? – deixo escapar.

– Ele está ótimo. Só que eles querem que vocês se reencontrem ao vivo na cerimônia – diz Haymitch.

– Ah, é isso? – O momento de horror em que novamente imaginei que Peeta houvesse morrido se esvai. – Imagino que eu mesma gostaria de ver tudo isso.

– Vá com Cinna. Ele precisa te aprontar – diz Haymitch.

É um alívio ficar a sós com Cinna, sentir seu braço protetor em volta de meus ombros enquanto me leva para longe das câmeras por algumas passagens até um elevador que nos conduz ao saguão do Centro de Treinamento. Então, o hospital fica bem no subterrâneo, mais abaixo até do que o ginásio onde os tributos aprenderam a amarrar nós e a arremessar lanças. As janelas do saguão estão escuras, e um punhado de guardas está a postos. Ninguém mais está lá para nos ver entrar no elevador dos tributos. Nossos passos ecoam no vazio. E enquanto subimos até o décimo segundo andar, os rostos de todos os tributos que jamais voltarão surgem em minha mente e sinto meu peito se contraindo.

Quando a porta do elevador se abre, Venia, Flavius e Octavia me abraçam, falando com tanta rapidez e com tanto arrebatamento que mal consigo entender as palavras. Mas o sentimento é claro. Eles estão verdadeiramente emocionados por me ver e estou feliz por vê-los também, embora não da

mesma maneira que estava ao ver Cinna. Esse encontro parece mais com rever um trio de animais de estimação ao fim de uma jornada particularmente árdua.

Eles me empurram para dentro da sala de jantar e sou agraciada com uma refeição de verdade – rosbife, ervilhas e pãezinhos macios –, embora minhas porções ainda estejam estritamente controladas. Porque, quando peço para repetir, não sou atendida.

– Não, não e não. Eles não querem que toda essa comida acabe sendo vomitada em pleno palco – diz Octavia, mas, sem que ninguém veja, ela me passa um pãozinho extra por baixo da mesa para que eu saiba que ela está do meu lado.

Voltamos para meu quarto e Cinna desaparece por um tempo enquanto a equipe de preparação me apronta.

– Ah, eles fizeram um polimento realmente fantástico em seu corpo – diz Flavius, com inveja. – Não ficou nenhuma falha na sua pele.

Mas, quando olho para meu corpo nu no espelho, tudo o que consigo ver é como estou magra. Enfim, tenho certeza de que estava bem pior quando voltei da arena, mas posso contar minhas costelas com facilidade.

Eles cuidam dos controles do chuveiro para mim e começam a trabalhar em meus cabelos, unhas e maquiagem depois que saio do banho. Eles são tão tagarelas que quase não preciso responder, o que é bom, já que não estou muito disposta a conversar. É engraçado, porque, apesar de eles estarem tagarelando sobre os Jogos, só falam sobre onde estavam ou o que estavam fazendo ou o que sentiram quando determinado evento ocorreu. "Eu ainda estava na cama!" "Eu tinha acabado de tingir as sobrancelhas!" "Eu juro que quase desmaiei!" Tudo se refere a eles, não aos jovens que estavam morrendo na arena.

Não nos comportamos assim a respeito dos Jogos no Distrito 12. Nós cerramos os dentes e assistimos porque somos obrigados, e então tentamos voltar ao trabalho o mais rápido possível quando a transmissão acaba. Para não odiar a equipe de preparação, simplesmente me desligo de quase tudo o que eles estão dizendo.

Cinna volta com o que parece ser um despretensioso vestido amarelo nos braços.

– Você desistiu de toda aquela história de "garota em chamas"? – pergunto.

– Se é o que você diz – responde ele, e desliza o vestido por cima de minha cabeça. Imediatamente, noto o revestimento sobre meus seios, adicionando curvas que a fome roubou de meu corpo. Minhas mãos vão até o peito e franzo as sobrancelhas.

– Eu sei – diz Cinna, antes que eu possa reclamar. – Mas os Idealizadores dos Jogos queriam te alterar cirurgicamente. Haymitch brigou feio com eles para impedir isso. Esse foi o acordo. – Ele me interrompe antes que eu possa olhar meu reflexo. – Espera aí, não se esqueça dos sapatos. – Venia me ajuda a calçar um par de sandálias de couro baixas e me viro para o espelho.

Ainda sou a "garota em chamas". O tecido diáfano brilha suavemente. Até o mais leve movimento no ar faz meu corpo ondular. Em comparação, o traje da carruagem parece vulgar e o vestido da entrevista parece artificial demais. Nesta roupa, dou a impressão ilusória de estar vestindo uma vela acesa.

– O que você acha? – pergunta Cinna.

– Acho que esse é o melhor de todos – respondo. Quando consigo desviar meus olhos do tecido bruxuleante, estou mais ou menos num estado de choque. Meus cabelos estão soltos, mantidos presos por uma simples fitinha. A maquiagem suaviza e preenche os ângulos duros de meu rosto. Um esmalte claro cobre minhas unhas. O vestido sem mangas está justo nas costelas, não na cintura, eliminando quase que por completo toda a ajuda que o revestimento pudesse porventura dar à minha aparência. A bainha está bem na altura dos joelhos. Sem salto alto, dá para ver minha estatura real. Em poucas palavras, estou parecendo uma garota. Uma garota jovem. Catorze anos no máximo. Inocente. Inofensiva. Sim, é chocante Cinna ter bolado esse vestido se considerarmos que eu acabei de vencer os Jogos.

Esse é um visual bem calculado. Nenhuma das produções de Cinna é arbitrária. Mordo meu lábio tentando destrinchar sua motivação.

– Achei que seria um visual um pouco mais... sofisticado.

– Imaginei que Peeta fosse gostar mais desse aí – responde ele, com cuidado.

Peeta? Não, isso não tem nada a ver com Peeta. Tem a ver com a Capital e com os Idealizadores dos Jogos. E com o público. Embora eu ainda não entenda o propósito de Cinna, o vestido é uma lembrança de que os Jogos

ainda não estão totalmente encerrados. E, por trás de sua resposta inocente, percebo um alerta. De algo que ele não pode mencionar nem na frente de sua própria equipe.

Entramos no elevador e fomos até o nível em que realizamos nosso treinamento. É de praxe que o vitorioso e sua equipe de apoio surjam da parte de baixo do palco. Primeiro a equipe de preparação, seguida do acompanhante, do estilista, do mentor e, finalmente, do vitorioso. Só que nesse ano, com dois vitoriosos que compartilham um acompanhante e um mentor, a coisa toda teve de ser repensada. Estou em uma área pouco iluminada abaixo do palco. Uma placa de metal novinha em folha foi instalada para me transportar até lá em cima. Ainda é possível ver pequenas pilhas de serragem e sentir o cheiro de tinta fresca. Cinna e a equipe de preparação se despem para vestir seus próprios trajes e tomar suas posições, deixando-me sozinha. Na penumbra, vejo uma parede improvisada a mais ou menos dez metros de distância e imagino que Peeta esteja atrás dela.

O ribombar da multidão é ensurdecedor, de modo que não reparo na presença de Haymitch até ele tocar meu ombro. Dou um salto, surpresa, uma parte de mim ainda incapaz de deixar para trás a violência da arena, pelo visto.

– Calma, sou eu. Deixa eu dar uma olhada em você – diz Haymitch. Estendo meus braços e dou uma voltinha. – Dá pro gasto.

Não é exatamente um elogio.

– Mas? – pergunto.

Os olhos de Haymitch percorrem o espaço úmido e desconfortável em que estou, e ele parece tomar uma decisão.

– Mas nada. Que tal um abraço pra dar sorte?

Tudo bem, esse é um pedido um tanto esquisito da parte de Haymitch, mas, afinal, somos vitoriosos. Talvez um abraço para dar sorte caia bem. Só que, quando eu coloco meus braços em volta de seu pescoço, fico presa em seu abraço. Ele começa a falar, muito rapidamente, muito baixo em meu ouvido, meus cabelos escondendo seus lábios:

– Escuta. Vocês estão encrencados. Estão falando por aí que a Capital está furiosa com vocês por terem armado pra cima deles na arena. A única coisa que

eles não conseguem suportar é ser motivo de riso, e eles são a piada de Panem no momento.

Sinto o pavor tomando conta de mim, mas rio como se Haymitch estivesse dizendo algo totalmente agradável porque não há nada cobrindo minha boca.

– E daí?

– A única chance de vocês escaparem dessa é provar que vocês estavam tão loucamente apaixonados um pelo outro que não podem ser responsabilizados por suas ações – diz Haymitch, puxando-me de volta e ajustando a fitinha em meu cabelo. – Sacou, queridinha? – Ele poderia estar falando sobre qualquer outra coisa agora.

– Saquei – respondo. – Você contou isso pra Peeta?

– Não preciso – diz Haymitch. – Não para Peeta.

– E você acha que para mim precisa? – pergunto, aproveitando a oportunidade para endireitar uma chamativa gravata-borboleta vermelha que Cinna deve ter empurrado para cima dele.

– Desde quando o que eu acho tem alguma importância? – responde Haymitch. – Melhor a gente ir logo pros nossos lugares. – Ele me conduz ao círculo de metal. – Essa é a sua noite, queridinha. Aproveite. – Ele beija a minha testa e desaparece na penumbra.

Puxo a saia, desejando que fosse mais longa, para que cobrisse os meus joelhos trêmulos. Então, percebo que não há sentido nisso. Todo o meu corpo está tremendo como vara verde. Com sorte, vão pensar que isso se deve ao entusiasmo. Afinal, é minha noite.

O cheiro úmido e rançoso do espaço abaixo do palco ameaça me sufocar. Um suor pegajoso surge em minha pele e não consigo me livrar da sensação de que os estrados acima de minha cabeça estão a ponto de cair e me enterrar viva embaixo dos destroços. Assim que saí da arena, assim que os trompetes soaram, deveria estar a salvo. Daquele momento em diante. Pelo resto da vida. Mas se o que Haymitch disse é verdade, e ele não tem nenhum motivo para mentir, jamais estive em um local tão perigoso em toda a minha vida.

É muito pior do que ser caçada na arena. Lá, o máximo que poderia acontecer era eu morrer. Fim de papo. Mas aqui, Prim e minha mãe, Gale, o povo do Distrito 12, todas as pessoas de quem gosto podem ser punidas se eu

não conseguir representar o papel da garota-louca-de-amor que Haymitch sugeriu.

Mas ainda tenho uma chance. Engraçado, na arena, quando coloquei aquelas amoras na boca, só estava pensando em enganar os Idealizadores dos Jogos, não estava pensando em como minhas ações iriam refletir na Capital. Mas os Jogos Vorazes são sua arma e ninguém pode se sentir capaz de derrotá-los. Então, agora a Capital agirá como se eles tivessem estado no controle o tempo todo. Como se tivessem orquestrado todo o evento, até o duplo suicídio. Mas isso só funcionará se eu desempenhar meu papel junto com eles.

E Peeta... Peeta também vai sofrer as consequências se tudo isso der errado. Mas o que foi mesmo que Haymitch disse quando perguntei se ele havia contado a situação a Peeta? Que ele deveria fingir estar desesperadamente apaixonado?

Não preciso. Não para Peeta.

Porque ele já sacou a situação e está pensando novamente à frente de mim nos Jogos e bem ciente dos perigos em que estamos envolvidos? Ou... porque já está desesperadamente apaixonado por mim? Não sei. Nem mesmo comecei a analisar meus sentimentos a respeito de Peeta. É complicado demais diferenciar o que fiz como parte dos Jogos em oposição ao que fiz por pura raiva da Capital. Ou por causa da maneira como isso seria visto no Distrito 12. Ou simplesmente porque era a única coisa decente a ser feita. Ou o que fiz porque gostava dele.

Essas são questões para desenredar quando chegar em casa, na paz da floresta, quando ninguém estiver assistindo. Não aqui, com todos esses olhos sobre mim. Mas não terei esse luxo por não sei quanto tempo. E nesse exato momento, a parte mais perigosa dos Jogos Vorazes está para começar.



O hino retumba em meus ouvidos, e ouço Caesar Flickerman saudando o público. Será que ele sabe o quanto é crucial escolher as palavras certas de agora em diante? Deve saber. Ele vai querer nos ajudar. A multidão irrompe em aplausos quando a equipe de preparação é apresentada. Imagino Flavius, Venia e Octavia gingando em direção ao palco e fazendo as mais ridículas mesuras. Aposto que eles não fazem a menor ideia do perigo. Então, Effie é apresentada. Quanto tempo ela não esperou por esse momento. Espero que seja capaz de aproveitar bastante porque, por mais que Effie seja mal orientada, ela possui um instinto bem certeiro para certas coisas e deve, pelo menos, estar suspeitando de que estamos em apuros. Portia e Cinna recebem imensas demonstrações de entusiasmo, é claro. Eles foram brilhantes, fizeram uma estreia esplendorosa. Agora compreendo o vestido que Cinna escolheu para eu usar essa noite. Vou precisar parecer mais ingênua e inocente do que nunca. A aparição de Haymitch proporciona uma rodada de aplausos efusivos que dura pelo menos cinco minutos. Bem, ele conseguiu um feito inédito. Manteve não só um, mas dois tributos vivos. E se ele não tivesse me alertado em tempo hábil? Será que eu agiria de maneira diferente? Será que eu ostentaria o episódio das amoras e o esfregaria na cara da Capital? Não, acho que não. Mas eu poderia facilmente me portar de modo muito menos convincente do que preciso agora. Neste exato momento. Porque estou começando a sentir a placa de metal me erguendo até o palco.

Luzes ofuscantes. O bramido ensurdecedor sacode o metal sob meus pés. Então, vejo Peeta a apenas alguns metros de distância. Ele parece tão limpo,

saudável e belo, que mal o reconheço. Mas seu sorriso é o mesmo, seja na lama, seja na Capital e, quando o vejo, dou três passos e me lanço em seus braços. Ele cambaleia para trás, quase perdendo o equilíbrio, e é então que percebo que o equipamento de metal fininho em sua mão é uma espécie de bengala. Ele endireita a postura e nós grudamos um no outro enquanto o público entra em estado de ebulição. Ele me beija e o tempo todo estou pensando: *Você sabe? Você sabe o quanto corremos perigo?* Depois de mais ou menos dez minutos disso, Caesar Flickerman dá um tapinha em seu ombro para que o show possa prosseguir, e Peeta simplesmente o empurra para o lado sem nem mesmo olhar para ele. O público enlouquece. Ciente ou não da história, Peeta está, como de hábito, desempenhando seu papel com muito talento.

Por fim, Haymitch nos interrompe e nos dá um empurrãozinho bem-intencionado na direção da cadeira do vitorioso. Normalmente, é uma única e bela cadeira de onde o tributo vencedor assiste a um filme com os melhores momentos dos Jogos, mas como há dois vencedores, os Idealizadores dos Jogos providenciaram um elegante sofá de veludo vermelho. Tão pequeno que minha mãe o chamaria de namoradeira, eu acho. Sento-me tão perto de Peeta que praticamente estou no seu colo, mas uma olhadinha na direção de Haymitch me diz que isso não é suficiente. Chutando as sandálias, encolho as pernas sobre o assento e encosto a cabeça no ombro de Peeta. Seu braço me envolve automaticamente e tenho a sensação de estar de volta à caverna, enroscada nele, tentando me manter aquecida. Sua camisa é feita do mesmo material amarelo que meu vestido, mas Portia o colocou em calças compridas pretas. Em vez de sandálias, está usando um par de robustas botas pretas que ele mantém solidamente plantadas no chão do palco. Gostaria que Cinna tivesse me dado um traje similar, sinto-me muito vulnerável nesse vestido fino. Mas imagino que essa era exatamente a proposta.

Caesar Flickerman faz mais algumas piadas e então chega a hora do show. Vai durar exatamente três horas e todas as pessoas de Panem devem assistir. À medida que as luzes começam a diminuir de intensidade e a insígnia aparece na tela, percebo que estou despreparada para tudo isso. Não quero assistir à morte dos meus vinte e dois colegas tributos. Vi mortes suficientes ao vivo. Meu coração começa a bater com força e sinto um impulso muito forte para sair

correndo. Como os outros vitoriosos encaram isso sozinhos? Durante os melhores momentos, eles mostram de tempos em tempos a reação do vencedor num quadradinho no canto da tela. Recordo-me de anos anteriores... alguns são triunfantes, socando o ar, batendo no peito. A maioria parece simplesmente atônita. Tudo o que sei é que a única coisa que está me mantendo nessa namoradeira é Peeta – seu braço em meu ombro, sua outra mão segura pelas minhas duas. É claro que os vitoriosos anteriores não tinham em seu encalço a Capital em busca de uma maneira de destruí-los.

Condensar várias semanas em três horas é um feito impressionante, principalmente se considerarmos a quantidade de câmeras que estavam sendo usadas de uma vez. Quem quer que seja o responsável pela edição dos melhores momentos tem de escolher que tipo de história deseja privilegiar. Esse ano, pela primeira vez, eles estão contando uma história de amor. Sei que Peeta e eu vencemos, mas uma quantidade desproporcional de tempo foi gasta conosco, desde o início. Mas estou contente, porque isso acaba apoiando toda aquela coisa dos loucamente apaixonados que é a minha defesa por haver desafiado a Capital, e ainda por cima significa que nós não teremos muito tempo para sentir remorso pelas mortes.

A primeira meia hora focaliza os eventos que antecederam a entrada na arena, a colheita, a viagem de carruagem pela Capital, nossas notas no treinamento e nossas entrevistas. Há uma espécie de trilha sonora enaltecedora amparando as imagens que as torna duplamente horríveis porque, é claro, quase todos que aparecem na tela já estão mortos.

Assim que chegamos à arena, há uma cobertura detalhada do banho de sangue e então os diretores basicamente alternam entre tomadas dos tributos morrendo e tomadas de nós dois. A maioria de Peeta, na verdade; é inegável que ele carregou nos ombros o negócio do romance. Agora vejo o que o público viu, como ele enganou os Carreiristas a meu respeito, permaneceu acordado a noite inteira embaixo da árvore das teleguiadas, lutou com Cato para que eu escapasse e, mesmo enquanto estava deitado na lama, sussurrou meu nome durante o sono. Comparada a ele, eu pareço uma desalmada – desviando-me de bolas de fogo, deixando cair ninhos de vespas e explodindo suprimentos – até começar a rastrear Rue. Eles mostram sua morte

integralmente: ela sendo perfurada pela lança, minha fracassada tentativa de resgate, minha flecha atravessando a garganta do garoto do Distrito 1, os últimos suspiros de Rue em meus braços. E a canção. Apareço cantando todas as notas da canção. Algo dentro de mim se fecha e fico insensível a tudo. É como assistir a pessoas totalmente estranhas em outra edição dos Jogos Vorazes. Mas reparo que eles omitem a parte em que a cubro de flores.

Certo. Porque até isso tem cheiro de rebelião.

As coisas melhoram para mim no momento em que eles anunciam que dois tributos do mesmo distrito podem ficar vivos e grito o nome de Peeta, e depois tapo a boca com a mão. Se pareci indiferente a ele antes, compenso agora, encontrando-o, cuidando para que ele volte a ter saúde, indo ao ágape em busca de medicamentos e sendo bastante generosa com meus beijos. Objetivamente, consigo ver que as bestas e a morte de Cato são tão hediondas agora quanto antes, mas, ainda assim, é como se tudo isso estivesse acontecendo com pessoas que nunca vi na vida.

Então, chega o episódio das amoras. Posso ouvir o público pedindo silêncio, disposto a não perder nada. Uma onda de gratidão aos diretores do filme toma conta de mim quando vejo que eles terminam não com o anúncio de nossa vitória, mas comigo dando socos na porta de vidro do aerodeslizador, berrando por Peeta enquanto eles tentam ressuscitá-lo.

Se tomarmos como base os critérios que garantirão minha sobrevivência a partir de agora, esse é o meu melhor momento em toda a noite.

O hino está sendo tocado novamente e nós nos levantamos quando o presidente Snow em pessoa sobe ao palco seguido de uma garotinha carregando uma almofada onde se vê uma coroa. Só há uma coroa, entretanto, e dá para ouvir a perplexidade da multidão – qual das cabeças receberá a coroa? – até que o presidente Snow torce o objeto, separando-o em duas metades. Ele coloca a primeira metade na testa de Peeta com um sorriso. Ele ainda está sorrindo quando coloca a segunda metade em minha cabeça, mas seus olhos, apenas alguns centímetros distantes dos meus, estão tão implacáveis quanto os de uma serpente.

É aí que percebo que, muito embora nós dois tivéssemos a intenção de comer as amoras, sou eu a culpada por ter tido a ideia. Eu sou a instigadora.

Sou eu quem merece a punição.

Muitas reverências e saudações entusiasmadas se seguem. Meu braço parece prestes a cair de tanto acenar para a multidão quando Caesar Flickerman finalmente dá o boa-noite ao público, lembrando a todos que sintonizem amanhã para acompanhar as últimas entrevistas. Como se houvesse alternativa.

Peeta e eu somos conduzidos até a mansão do presidente para o Banquete da Vitória, onde temos muito pouco tempo para comer, já que funcionários da Capital e patrocinadores particularmente generosos acotovelam-se no caminho tentando tirar fotos conosco. Rostos e mais rostos resplandecentes despontam de todos os lados, cada vez mais embriagados à medida que a noite avança. Ocasionalmente, vislumbro Haymitch, o que é reconfortante, ou o presidente Snow, o que é aterrorizante, mas continuo rindo e agradecendo as pessoas e sorrindo para as fotos. A única coisa que nunca faço é soltar a mão de Peeta.

O sol está começando a surgir no horizonte quando nos dispersamos de volta ao décimo segundo andar do Centro de Treinamento. Imagino que agora vou poder finalmente conversar a sós com Peeta, mas Haymitch o manda ir com Portia arrumar alguma coisa apropriada para a entrevista e me acompanha pessoalmente até meus aposentos.

– Por que não posso falar com ele? – pergunto.

– Vai ter tempo de sobra pra falar com ele quando a gente chegar em casa – diz Haymitch. – Vai dormir, você vai estar no ar às duas.

Apesar da interferência apressada de Haymitch, estou determinada a ver Peeta privadamente. Depois de virar e revirar na cama por algumas horas, vou até o corredor. Meu primeiro pensamento é verificar o telhado, mas está vazio. Mesmo as ruas da cidade bem abaixo estão desertas após a celebração da noite de ontem. Volto para a cama por um tempo e então decido ir diretamente ao quarto dele, mas, quando tento girar a maçaneta, descubro que a porta do meu quarto foi trancada pelo lado de fora. Suspeito de Haymitch, a princípio, mas sinto um temor muito mais insidioso de que a Capital possa estar nos monitorando e nos confinando. Estou impossibilitada de escapar desde que os Jogos Vorazes começaram, mas isso aqui é diferente, muito mais pessoal. Isso aqui me dá a sensação de que fui aprisionada por um crime e que estou aguardando a sentença. Volto rapidamente para a cama e finjo dormir até que

Effie Trinket aparece para me alertar para o começo de mais um "grande, grande, grande dia!".

Tenho mais ou menos cinco minutos para comer uma tigela de grãos refogados antes da chegada da equipe de preparação. Tudo o que preciso dizer é: "A multidão adorou vocês!" e, a partir daí, é desnecessário falar pelas próximas horas. Quando Cinna aparece, ele dispensa todo mundo e me dá um vestido branco bem extravagante e sapatos cor-de-rosa. Em seguida, ajusta pessoalmente minha maquiagem até parecer que estou irradiando um brilho suave e rosado. Ficamos conversando, mas estou com medo de perguntar a ele alguma coisa realmente importante porque, depois do incidente da porta, não posso me livrar da sensação de estar sendo constantemente observada.

A entrevista acontece na sala de estar ao fim do corredor. Um espaço foi reservado e a namoradeira está agora em outra posição e cercada de vasos com flores vermelhas e rosadas. Só há um punhado de câmeras para registrar o evento. Pelo menos não há plateia.

Caesar Flickerman me dá um abraço afetuoso quando adentro o local.

– Congratulações, Katniss. Como está?

– Bem. Nervosa com a entrevista – respondo.

– Não fique. Será uma experiência agradabilíssima – diz ele, dando um tapinha encorajador em minha bochecha.

– Não sou muito boa em falar sobre mim mesma.

– Você não cometerá nenhum deslize.

E penso: *Ah, Caesar, se ao menos isso fosse verdade. A verdade é que o presidente Snow deve estar preparando alguma espécie de "acidente" para mim enquanto estivermos conversando.*

Então, Peeta aparece, muito bonito em vermelho e branco, puxando-me para o lado.

– Quase não consigo te ver. Haymitch parece empenhado em manter a gente afastado.

Haymitch, na verdade, está empenhado em nos manter vivos, mas há ouvidos demais nos escutando, de modo que digo apenas:

– É mesmo, ele tem estado muito responsável ultimamente.

– Bem, só falta essa entrevista e voltamos pra casa. Aí ele não vai mais poder ficar vigiando a gente o tempo todo.

Sinto uma espécie de arrepio percorrer meu corpo e não disponho de tempo para a analisar o motivo, porque eles já estão à nossa espera. Nós nos sentamos na namoradeira com uma certa formalidade, mas Caesar diz:

– Ah, vamos lá, pode se enroscar nele se quiser. Fica muito bonitinho. – Então, ponho os pés no sofá e Peeta me puxa para perto dele.

Alguém faz a contagem regressiva e logo estamos sendo transmitidos ao vivo para todo o país. Caesar Flickerman é maravilhoso, implica, faz piada, se engasga quando a ocasião é propícia. Ele e Peeta já possuem a cumplicidade que estabeleceram naquela noite da primeira entrevista, aquele estado de espírito alegre, então eu apenas sorrio bastante e tento falar o mínimo possível. Quero dizer, tenho de falar um pouco, mas, sempre que posso, redireciono a conversa para Peeta.

Mas chega um momento em que Caesar começa a colocar questões que demandam respostas completas.

– Bem, Peeta, sabemos, pelos dias que passamos naquela caverna, que foi amor à primeira vista da sua parte desde quando, os cinco anos de idade? – pergunta Caesar.

– Desde o momento em que pus os olhos nela pela primeira vez – diz Peeta.

– Mas, Katniss, que coisa, hein? Imagino que a parte mais excitante para o público tenha sido assistir a você cedendo aos encantos dele. Quando você se deu conta de que estava apaixonada por ele? – pergunta Caesar.

– Hum, essa é difícil... – Dou um risinho leve e olho para minhas mãos. Socorro.

– Bem, eu sei quando essa história me tocou. Na noite em que você gritou o nome dele daquela árvore – diz Caesar.

Obrigada, Caesar!, penso comigo mesma, e desenvolvo a ideia.

– Foi mesmo, acho que foi lá. É o seguinte, até aquele momento, simplesmente tentava não pensar quais poderiam ser meus sentimentos, falando com toda a honestidade, porque a situação era muito confusa e imaginar que eu realmente sentia alguma coisa por ele só pioraria tudo. Mas aí, naquela árvore, tudo mudou.

– Por que você acha que isso aconteceu? – pergunta Caesar.

– Talvez... porque pela primeira vez... haveria uma chance de eu ficar perto dele.

Atrás do câmera, vejo Haymitch dando uma espécie de suspiro de alívio e sei que respondi a coisa certa. Caesar pega um lenço e precisa de um tempo porque está emocionado demais. Sinto Peeta pressionando a testa na minha têmpora e em seguida perguntando:

– Então, agora que estou perto de você, o que é que você vai fazer comigo?

Volto-me para ele e digo:

– Vou te colocar em algum lugar onde você não possa se machucar.

E, quando ele me beija, as pessoas na sala suspiram de verdade.

Para Caesar, esse é o momento natural para engatar a conversa a respeito de todas as formas de ferimentos de que fomos vítimas na arena: queimaduras, ferroadas e perfurações das mais diversas. Mas só esqueço que estou na frente das câmeras quando o assunto passa a ser os bestantes. E quando Caesar pergunta a Peeta como sua "nova perna" está funcionando.

– Nova perna? – E não consigo evitar levantar a barra da calça de Peeta. – Ah, não – sussurro, tocando o equipamento de metal e plástico que substituiu a carne.

– Ninguém contou pra você? – pergunta Caesar, delicadamente. Balanço a cabeça.

– Eu não tive oportunidade – diz Peeta, dando ligeiramente de ombros.

– É minha culpa. Porque usei aquele torniquete.

– Sim, é culpa sua eu estar vivo – diz Peeta.

– Ele tem razão – diz Caesar. – Ele certamente teria sangrado até morrer se não fosse por isso.

Imagino que seja verdade, mas não consigo deixar de me sentir chateada com relação a isso, a ponto de sentir vontade de chorar, mas aí me lembro que todo o país está me assistindo, então, simplesmente enterro meu rosto na camisa de Peeta. Eles levam alguns minutos para me convencer a tirar o rosto da camisa porque lá é bem mais confortável, ninguém pode me ver. E quando reapareço, Caesar para um pouco de me fazer perguntas para que eu tenha

tempo de me recuperar. Na realidade, ele me deixa em paz até o episódio das amoras.

– Katniss, sei que você acabou de ter um choque, mas sou obrigado a perguntar. No momento em que você pegou aquelas amoras, o que se passava em sua cabeça?

Faço uma longa pausa antes de responder, tentando organizar meus pensamentos. Esse é o momento crucial, que decidirá se desafiei mesmo a Capital ou se fiquei tão louca com a perspectiva de perder Peeta que não posso ser responsabilizada por minhas ações. O incidente parece clamar por um grande e dramático discurso, mas tudo o que sai da minha boca é uma frase quase inaudível:

– Não sei, eu simplesmente... não consegui suportar a ideia de... viver sem ele.

– Peeta? Alguma coisa a acrescentar? – pergunta Caesar.

– Não, acho que isso serve para nós dois.

Caesar faz um sinal e a entrevista se encerra. Todos estão rindo e chorando e se abraçando, mas ainda não tenho certeza até alcançar Haymitch.

– Foi bom? – sussurro.

– Perfeito – responde ele.

Volto ao quarto para pegar algumas coisas e descubro que não há nada a ser pego a não ser o broche com o tordo que Madge me deu. Alguém o devolveu em meu quarto depois dos Jogos. Eles nos conduzem pelas ruas em um carro de janelas escuras, e o trem está esperando por nós. Quase não temos tempo de nos despedir de Cinna e Portia, mas vamos nos encontrar de novo daqui a alguns meses, quando faremos a turnê pelos distritos para participarmos de várias cerimônias de comemoração pela vitória. É a maneira de a Capital lembrar às pessoas que os Jogos Vorazes nunca se encerram de fato. Nós receberemos várias medalhas inúteis e todos terão de fingir que nos amam.

O trem começa a se mover e nós mergulhamos na noite até ultrapassarmos o túnel, quando consigo respirar livremente pela primeira vez desde a colheita. Effie está nos acompanhando, assim como Haymitch, é claro. Nós comemos um jantar farto e nos sentamos em silêncio em frente à televisão para assistir à reprise da entrevista. Com a Capital a cada segundo mais distante de nós,

começo a pensar em minha casa. Em Prim e em minha mãe. Em Gale. Peço licença para trocar o vestido por uma calça e uma camisa simples. À medida que retiro lenta e cuidadosamente minha maquiagem do rosto e prendo os cabelos, começo a me transformar novamente em mim mesma. Katniss Everdeen. Uma garota que mora na Costura. Caça na floresta. Negocia no Prego. Encaro o espelho enquanto tento lembrar quem sou e quem não sou. Quando reencontro os outros, a pressão do braço de Peeta em meus ombros já parece estranha.

Quando o trem faz uma breve parada para reabastecer, nos é permitido sair para tomar um pouco de ar fresco. Não há mais nenhuma necessidade de sermos vigiados. Peeta e eu caminhamos ao longo do trilho, de mãos dadas, e não consigo achar nada para dizer, agora que estamos sozinhos. Ele para para colher um maço de flores silvestres para mim. Quando ele me entrega, faço um grande esforço para parecer satisfeita. Porque ele não tem como saber que as flores rosa e brancas são a cobertura das cebolas selvagens e só me fazem lembrar das horas que passei colhendo-as na companhia de Gale.

Gale. A perspectiva de encontrar Gale em questão de horas faz meu estômago revirar. Mas por quê? Não consigo enquadrar bem a coisa em minha mente. Só sei que é como se estivesse mentindo para alguém que confia em mim. Ou mais precisamente, para duas pessoas. Estive me esquivando disso até agora por causa dos Jogos. Mas lá em casa não haverá Jogos Vorazes atrás dos quais poderei me esconder.

– Algum problema? – pergunta Peeta.

– Nada – respondo. Nós continuamos a caminhada até o fim do trem, até onde tenho quase certeza de que não há nenhuma câmera escondida nos arbustos rasteiros que margeiam o trilho. Ainda assim, nenhuma palavra escapa de minha boca.

Haymitch me assusta ao colocar a mão em minhas costas. Mesmo agora, no meio do nada, ele mantém o tom de voz baixo:

– Excelente trabalho, vocês dois. Basta manter o ritmo no distrito até que as câmeras desapareçam. A gente vai ficar bem.

Observo-o retornar ao trem, evitando os olhos de Peeta.

– O que ele quis dizer? – pergunta Peeta.

– É a Capital. Eles não gostaram da nossa armação com as amoras – solto.

– O quê? Do que você está falando?

– A coisa pareceu rebelde demais. Aí Haymitch tem me orientado nos últimos dias para eu não piorar tudo.

– Orientado você? Mas não a mim – diz ele.

– Ele sabia que você era suficientemente esperto para sacar sozinho.

– Eu não sabia que havia alguma coisa para sacar – diz Peeta. – Então, o que você está dizendo é que, nesses últimos dias e também eu acho que... lá na arena... aquilo tudo não passou de uma estratégia que vocês dois bolaram?

– Não, eu nem conseguia conversar com ele na arena, lembra? – quase gaguejo.

– Mas você sabia o que ele queria que você fizesse, não sabia? – diz Peeta. Mordo o lábio. – Katniss? – Ele solta a minha mão e eu dou um passo à frente, como se estivesse tentando me equilibrar. – Tudo o que você fez... foi em função dos Jogos.

– Nem tudo – retruco, segurando minhas flores com força.

– Então quanto daquilo foi real? Não, não. Esquece. Aposto que a verdadeira questão é o que vai sobrar quando a gente chegar em casa.

– Não sei. Quanto mais a gente se aproxima do Distrito 12, mais confusa eu fico. – Ele espera mais alguma explicação, mas nada acontece.

– Bem, me avisa quando você tiver alguma resposta – diz ele, e a dor em sua voz é perceptível.

Sei que meus ouvidos estão curados porque, mesmo com o barulho do motor, consigo escutar todos os passos que ele dá de volta ao trem. No momento em que subo a bordo, Peeta já está em seu quarto para passar a noite. Também não o vejo na manhã seguinte. Na realidade, ele só reaparece quando estamos entrando no Distrito 12. Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça, o rosto inexpressivo.

Quero dizer a ele que sua atitude não é justa. Que nós éramos estranhos. Que fiz o que era preciso para permanecer viva, para que nós dois permanecêssemos vivos na arena. Que não tenho como explicar como são as coisas com Gale porque eu mesma ainda não entendi. Que não é uma boa ideia me amar porque nunca vou me casar mesmo e ele ia acabar me odiando

mais cedo ou mais tarde. Que não importa se tenho algum sentimento por ele, porque jamais serei capaz de proporcionar o tipo de amor que se transforma em uma família, em filhos. E como ele será capaz? Como ele será capaz depois de tudo o que passamos naquela arena?

Também quero dizer a ele o quanto já estou sentindo a sua falta. Mas isso não seria justo de minha parte.

Então apenas ficamos parados em silêncio, observando nossa pequena e encardida estação crescer à nossa volta. Pela janela, vejo que a plataforma está repleta de câmeras. Todos devem estar assistindo ansiosamente à nossa volta para casa.

Com o canto do olho, vejo Peeta estender a mão. Olho para ele, incerta.

– Uma última vez? Para o público? – diz ele. Sua voz não está zangada. Está fria, o que é pior. O garoto do pão já está me escapando.

Pego a sua mão, segurando com firmeza, preparando-me para as câmeras e abominando o momento em que finalmente terei que soltá-la.

FIM DO LIVRO UM



Título original
THE HUNGER GAMES

Copyright © 2008 *by* Suzanne Collins

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
LUCIANA FIGUEIREDO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
BRUNO LORENZATTO

Edição digital: outubro, 2020.
Primeira edição digital: março, 2012

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C674j
Collins, Suzanne
Jogos vorazes [recurso eletrônico] / Suzanne Collins; tradução Alexandre D'Elia. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital (Jogos vorazes)

Tradução de: Hunger games
ISBN 978-85-8122-030-7 (recurso eletrônico)

1. Sobreviventes - Literatura infantojuvenil. 2. Programas de televisão - Literatura infantojuvenil. 3. Relações humanas - Literatura infantojuvenil. 4. Ficção científica americana. 5. Ficção infantojuvenil americana. 6. Livros eletrônicos. I. D'Elia, Alexandre. II. Título. III. Série

12-0508

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

SUZANNE COLLINS é autora da série bestseller do *The New York Times* Jogos Vorazes. Os três volumes da história de Katniss Everdeen alcançaram o topo das listas de bestsellers em todo o mundo, foram traduzidos para mais de vinte idiomas, publicados em mais de quarenta países e adaptados para o cinema com a atriz indicada ao Oscar Jennifer Lawrence no papel principal. Suzanne Collins começou a carreira escrevendo programas infantis para o canal Nickelodeon. Ela nasceu nos Estados Unidos e vive com a família em Connecticut.

Visite o site da autora:
www.suzannecollinsbooks.com

EM CHAMAS



SUZANNE COLLINS

Rocco
DIGITAL

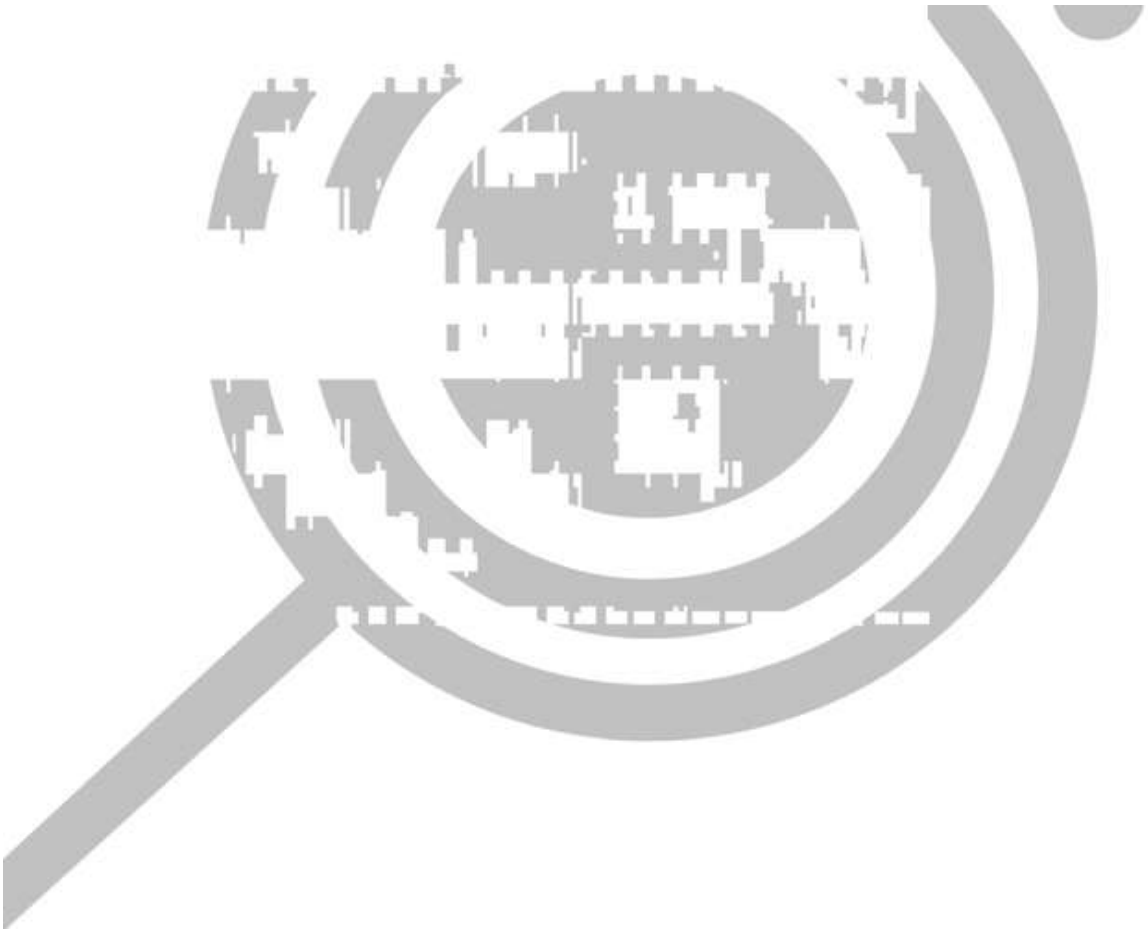


SUZANNE COLLINS

EM CHAMAS

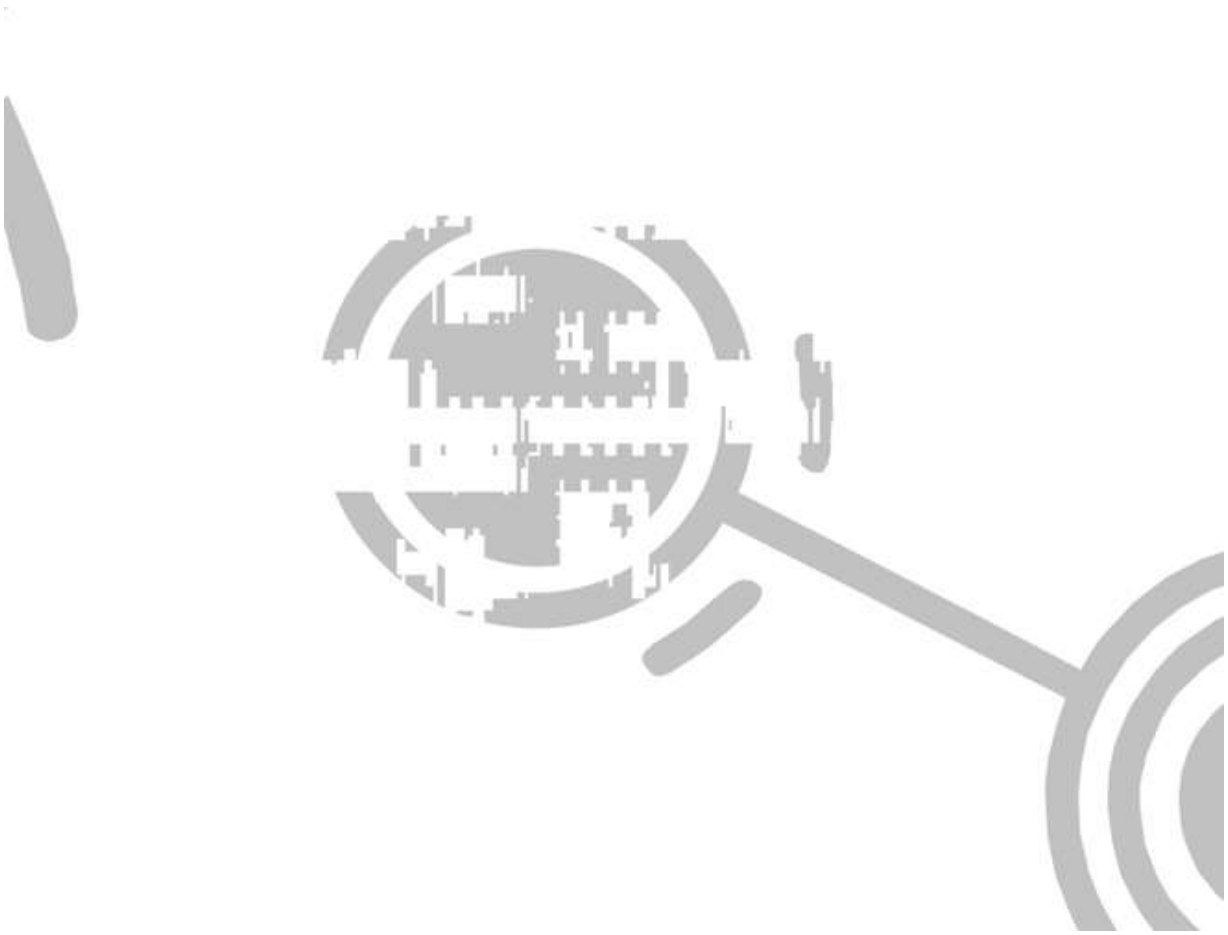
Tradução
Alexandre D'Elia

Rocco DIGITAL



Para meus pais,
Jane e Michael Collins,

e meus sogros,
Dixie e Charles Pryor



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE I

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9

PARTE II

Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18

PARTE III

Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Creditos

A Autora

Índice





PARTE I

“A FAGULHA”



Aperto o cantil em minhas mãos com firmeza, muito embora o calor do chá já tenha se dissipado há muito no ar gelado. Meus músculos estão rígidos devido ao frio. Se uma matilha de cães selvagens aparecer nesse instante, as chances de escalar uma árvore antes de eles atacarem são francamente desfavoráveis. Eu devia me levantar, dar uma circulada, e tentar diminuir a rigidez de meus membros. Mas em vez disso, mantenho-me sentada, imóvel como a rocha que está embaixo de mim, enquanto o amanhecer começa a iluminar a floresta. Não tenho como lutar contra o sol. Posso apenas observar impotentemente como ele me carrega em direção a um dia que tenho abominado há meses.

Por volta do meio-dia eles estarão na minha nova casa na Aldeia dos Vitoriosos. Os repórteres, as equipes com as câmeras, até mesmo Effie Trinket, minha antiga acompanhante, terão se dirigido ao Distrito 12, vindos da Capital. Imagino se Effie ainda estará usando aquela ridícula peruca cor-de-rosa, ou se estará com alguma outra cor artificial especialmente para a Turnê da Vitória. Haverá outras pessoas esperando também. Uma equipe encarregada de cuidar de todas as minhas necessidades na longa viagem de trem. Uma equipe de preparação encarregada de me embelezar para as aparições públicas. Cinna, meu estilista e amigo, que desenhou o esplêndido traje que fez com que a audiência reparasse em mim pela primeira vez nos Jogos Vorazes.

Se pudesse escolher, tentaria esquecer por completo os Jogos Vorazes. Jamais falaria neles. Fingiria que não eram nada além de um sonho ruim. Mas a Turnê da Vitória torna isso impossível. Estrategicamente situada quase que entre um

Jogo e outro, ela é uma maneira de manter o horror vivo e presente. Não apenas nós, residentes dos distritos, somos forçados a nos lembrar do punho de ferro da Capital a cada ano, como também somos forçados a comemorá-la. E esse ano eu terei que viajar de distrito em distrito para aparecer diante das multidões entusiasmadas, que secretamente me odeiam, para olhar bem nos rostos dos familiares cujos filhos eu matei...

O sol persiste em se levantar, de modo que eu me ponho de pé. Todas as minhas juntas reclamam e minha perna esquerda está dormente há tanto tempo que leva vários minutos de caminhada para que eu volte a senti-la. Estou na floresta há três horas, mas como não fiz nenhuma tentativa real de caçar, não tenho nada comigo. Isso não tem mais importância para a minha mãe ou para a minha irmãzinha, Prim. Elas podem comprar carne no açougue da cidade, embora nenhuma de nós prefira o sabor do que se encontra por lá ao da carne de caça recém-abatida. Mas o meu melhor amigo, Gale Hawthorne, e sua família estão contando com o suprimento de hoje e eu não posso deixá-los na mão. Começo a jornada de uma hora e meia que será necessária para cobrir a nossa linha de armadilhas. Na época em que estávamos na escola, tínhamos tempo nas tardes para verificar a linha e caçar e coletar e ainda voltar para a cidade a tempo de realizar a venda. Mas agora que Gale foi trabalhar nas minas de carvão – e não tenho nada para fazer o dia inteiro –, passei a desempenhar essa função.

A essa altura Gale já terá batido o cartão de ponto nas minas, entrado no elevador que revira o estômago em direção às profundezas da terra e começado a martelar o revestimento de carvão. Sei muito bem como é lá embaixo. Todos os anos a minha turma da escola faz um tour nas minas como parte do treinamento. Quando era pequena, a experiência era simplesmente desagradável. Os túneis claustrofóbicos, o ar viciado, a escuridão sufocante para todos os lados. Mas depois que o meu pai e vários outros mineiros foram mortos numa explosão, mal consigo me aproximar daquele elevador. O tour anual tornou-se uma enorme fonte de ansiedade para mim. Por duas vezes fiquei tão enjoada devido à expectativa do evento que minha mãe me deixou em casa porque imaginou que eu tivesse contraído uma gripe.

Penso em Gale, que só se sente realmente vivo na floresta, com ar fresco, luz do sol e a água límpida do rio. Não sei como ele aguenta. Bom... sei, sim. Ele aguenta porque essa é a única maneira de alimentar sua mãe, os dois irmãos e a irmã menor. E aqui estou eu com baldes e mais baldes de dinheiro, mais do que o suficiente para alimentar ambas as nossas famílias, e ele não aceita pegar uma única moeda sequer. É ainda mais duro para ele permitir que eu leve a carne, embora saiba que ele teria com toda certeza suprido a minha mãe e Prim caso eu tivesse morrido nos Jogos. Digo a ele que está me fazendo um favor, que enlouqueço se tiver de ficar sentada o dia inteiro sem fazer nada. Mesmo assim, nunca deixo a caça quando ele está em casa. O que é uma coisa fácil, já que ele trabalha doze horas por dia.

Agora eu só consigo ver Gale aos domingos, quando nos encontramos na floresta para caçar juntos. Ainda é o melhor dia da semana, mas não é mais como costumava ser, quando podíamos falar o que bem entendíamos um com o outro. Os Jogos estragaram até isso. Fico na esperança de que, à medida que o tempo passe, consigamos pouco a pouco readquirir a liberdade que existia entre nós, mas uma parte de mim sabe que isso é algo sem sentido. Não há como voltar atrás.

Tive sorte nas armadilhas – oito coelhos, dois esquilos e um castor que nadou em direção a uma arapuca de arame bolada pelo próprio Gale. Ele é um ás das armadilhas, amarrando-as em troncos curvados de modo que as presas fiquem fora do alcance dos predadores, equilibrando toras de madeira em delicados gatilhos formados por pequenos galhos, tecendo cestas para pegar peixes impossíveis de serem evitadas. À medida que avanço, montando as armadilhas novamente com todo o cuidado do mundo, sei que jamais serei capaz de rivalizar seu instinto para o equilíbrio, seu instinto para o momento em que a presa cruzará a trilha. É muito mais do que experiência. É um dom natural. Tal qual a maneira como acerto um animal, mesmo na mais completa escuridão, abatendo-o com uma única flecha.

Quando volto para a cerca que envolve o Distrito 12, o sol já está bem alto. Como sempre, paro para escutar por um instante, mas não há nenhum zumbido indicando uma corrente de eletricidade passando pela cerca. Quase nunca há, muito embora a barreira supostamente permaneça eletrificada vinte

e quatro horas por dia. Eu me espremo através da abertura embaixo do muro e chego na Campina, que fica a um arremesso de pedra de minha casa. Minha antiga casa. Nós ainda a mantemos já que, oficialmente, o local ainda é a residência designada para minha mãe e minha irmã. Se eu caísse morta agora mesmo, elas seriam obrigadas a voltar para lá. Mas hoje as duas estão confortavelmente instaladas na nova casa, na Aldeia dos Vitoriosos, e sou a única pessoa que utiliza o lugar minúsculo onde fui criada. Para mim, aquela é a minha verdadeira casa.

Vou para lá agora trocar de roupa. Trocar a velha jaqueta de couro de meu pai por um elegante casaco de lã que sempre parece apertado demais nos meus ombros. Substituir as minhas botas de caça gastas e macias por um par de caros sapatos feitos numa máquina, os quais minha mãe imagina que são mais apropriados para alguém com o meu status. Já guardei o meu arco e as minhas flechas num tronco oco da floresta. Embora o tempo esteja se esgotando, permito-me ficar sentada na cozinha alguns minutinhos. O local exala uma sensação de abandono, sem fogo algum na lareira, sem toalha em cima da mesa. Tenho saudades de minha antiga vida aqui. Nós mal conseguíamos nos manter vivas, mas sabia onde me encaixava, sabia qual era o meu lugar na trama inflexível de nossas vidas. Gostaria muito de poder voltar para cá porque, olhando o passado, ela parece tão segura em comparação à que vivo agora, sendo tão rica e tão famosa e tão odiada pelas autoridades na Capital.

Um gemido na porta dos fundos chama minha atenção. Abro a porta e encontro Buttercup, o gato velho e sujo de Prim. A nova casa desagrada a ele quase tanto quanto a mim, e ele sempre sai de lá quando minha irmã está na escola. Nós nunca fomos particularmente amigos, mas agora temos esse novo laço. Eu o deixo entrar, dou-lhe um naco de gordura de castor e até faço um carinho entre as suas orelhas.

– Você é horrível, sabia? – digo a ele. Buttercup encosta na minha mão em busca de mais carinho, mas nós temos que ir embora. – Vamos lá. – Eu o agarro com uma das mãos, pego o saco que contém a minha caça com a outra e carrego tudo para a rua. O gato se solta de mim e desaparece debaixo de um arbusto.

Os sapatos pinicam os meus tornozelos à medida que vou pisando a rua cinzenta de carvão. Atravessando becos e passando por quintais, chego à casa de Gale em questão de minutos. Sua mãe, Hazelle, debruçada na pia da cozinha, me vê pela janela. Ela seca as mãos no avental e desaparece para me receber na porta da casa.

Gosto de Hazelle. Eu a respeito. A explosão que matou meu pai também levou seu marido, deixando-a com três garotos e um bebê a caminho. Menos de uma semana depois de dar à luz, ela estava nas ruas em busca de trabalho. As minas não eram uma opção, sobretudo com um bebê para tomar conta, mas ela conseguiu arrumar roupa para lavar com alguns comerciantes da cidade. Aos catorze anos, Gale, o mais velho dos garotos, tornou-se o principal provedor da família. Ele já era candidato a tésseras, o que lhes dava o direito de receber um mísero suprimento de grãos e óleo em troca de Gale inscrever seu nome diversas vezes no sorteio anual dos tributos. E ainda por cima, naquela época ele já era um habilidoso montador de armadilhas. Mas isso não era o suficiente para manter uma família de cinco pessoas sem que Hazelle trabalhasse no tanque até que seus dedos ficassem em carne viva. No inverno, as mãos dela ficavam tão vermelhas e quebradiças que sangravam ao mais simples toque. E sangrariam até hoje se não fosse por um unguento preparado por minha mãe. Mas Hazelle e Gale estavam determinados a não permitir que as outras crianças, Rory, de doze anos, Vick, de onze, e Posy, o bebê de quatro anos, jamais se candidatassem a tésseras.

Hazelle sorri quando vê a caça. Ela pega o castor pelo rabo, sentindo seu peso.

– Isso aqui vai dar um belo de um cozido. – Ao contrário de Gale, ela não liga nem um pouco para o nosso acordo referente à caça.

– Boa pele também – respondo. É reconfortante estar aqui com Hazelle. Avaliando os méritos da caça como sempre fizemos. Ela serve uma caneca de chá de ervas em torno da qual envolvo os meus dedos gelados com muita gratidão. – Estava pensando em levar Rory pra dar um passeio comigo um dia desses, quando voltar da turnê. Depois da aula. Ensinar ele a atirar.

Hazelle balança a cabeça em concordância.

– Isso ia ser bom. Gale também quer fazer isso, mas ele só tem o domingo livre, e acho que gosta de reservar esses dias pra você.

Não consigo impedir o rubor que toma o meu rosto. É uma bobagem, claro. Quase ninguém me conhece melhor do que Hazelle. Ela sabe os laços que compartilho com Gale. Tenho certeza de que inúmeras pessoas imaginavam que um dia nos casaríamos, mesmo que tal coisa jamais tivesse passado pela minha cabeça. Mas isso foi antes dos Jogos. Antes de meu companheiro tributo, Peeta Mellark, anunciar que estava loucamente apaixonado por mim. Nosso romance tornou-se a estratégia central para nossa sobrevivência na arena. Só que para Peeta não foi apenas uma estratégia. Não tenho certeza do que foi para mim. Mas agora sei que o episódio foi tremendamente doloroso para Gale. Sinto um aperto no peito só de pensar em como Peeta e eu teremos de nos apresentar novamente como amantes durante a Turnê da Vitória.

Dou um gole no chá, embora a bebida esteja quente demais, e me afasto da mesa.

– É melhor eu ir andando. Preciso dar um trato no visual para me apresentar diante das câmeras.

Hazelle me abraça.

– Aproveite a comida.

– Com certeza – digo.

Minha próxima parada é o Prego, onde tradicionalmente comercializo minhas mercadorias. Anos atrás o local era um armazém que servia para estocar carvão, mas, quando entrou em desuso, virou ponto de encontro para todo tipo de transação comercial ilegal e, em seguida, transformou-se num mercado clandestino. Se o lugar atrai um determinado tipo de elemento criminoso, então é o meu local, imagino. Caçar na floresta que cerca o Distrito 12 viola pelo menos uma dezena de leis e a punição é a morte.

Embora jamais mencionem isso, devo muito às pessoas que frequentam o Prego. Gale me contou que Greasy Sae, a velha que serve sopa, começou a coletar donativos para patrocinar a mim e a Peeta durante os Jogos. Era para ser apenas uma coisa do Prego, mas muitas outras pessoas ficaram sabendo e resolveram contribuir. Não sei exatamente quanto foi arrecadado, só que o

preço de cada dádiva na arena era exorbitante. Mas até onde sei, para mim a iniciativa representou a diferença entre a vida e a morte.

Ainda acho estranho abrir a porta da frente segurando um saco vazio, nenhuma caça, nada para vender e, ao invés, sentir os bolsos cheios de moedas pesando em minha cintura. Tento ir ao máximo de barracas possível, dividindo minhas compras entre café, pães, ovos, seda e óleo. Depois lembro de acrescentar três garrafas de aguardente branca que compro de uma mulher de um braço só chamada Ripper, uma vítima de um acidente na mina que foi esperta o suficiente para achar uma maneira de continuar viva.

A aguardente não é para minha família. É para Haymitch, meu mentor e de Peeta nos Jogos. Ele passa a maior parte do tempo de cara amarrada, agressivo e bêbado. Mas Haymitch fez o trabalho dele – mais do que isso até – porque, pela primeira vez na história, foi permitido que dois tributos vencessem. Por isso, independentemente de quem seja Haymitch, devo muito a ele também. E a dívida é eterna. Vou levar a aguardente branca porque, há algumas semanas, o estoque dele acabou e não havia mais nenhuma garrafa à venda, o que o levou a ter uma crise de abstinência, tremendo e berrando para coisas assustadoras que somente ele conseguia enxergar. Ele deixou Prim morrendo de medo e, para ser franca, eu também não achei nem um pouco divertido vê-lo naquele estado. Desde então, tenho estocado o produto para a eventualidade de ele voltar a sumir das prateleiras.

Cray, nosso Chefe dos Pacificadores, franze a testa quando me vê com as garrafas. É um homem idoso com alguns fios de cabelo grisalhos penteados para os lados, sobre a cabeça brilhante e rosada.

– Esse troço é forte demais pra você, menina. – Ele deve saber. Fora Haymitch, nunca conheci uma pessoa que bebesse tanto quanto Cray.

– Ah, minha mãe usa isso aqui em alguns remédios – digo, indiferente.

– Bom, isso mata praticamente qualquer coisa – responde ele, e me dá uma moeda por uma garrafa.

Quando chego à barraca de Greasy Sae, dou um pulo, sento-me no balcão e peço um pouco de sopa, que parece uma mistura de abóbora com feijão. Um Pacificador chamado Darius chega e compra uma tigela enquanto tomo a sopa. De todos os membros da força policial, ele é um dos meus favoritos. Não fica

dando uma de fortão e tem sempre uma boa piada para contar. Provavelmente está na faixa dos vinte e poucos anos, mas não parece ser muito mais velho do que eu. Algo em seu sorriso, em seus cabelos ruivos desalinhados, lhe dá um aspecto de menino.

– Você não deveria estar no trem uma hora dessas? – pergunta ele.

– Eles vão me pegar ao meio-dia – respondo.

– Você não podia estar mais arrumadinha? – pergunta ele num sussurro. Não consigo deixar de sorrir para a implicância, apesar do humor em que me encontro. – Poderia colocar uma fitinha nos cabelos ou alguma coisa assim. – Ele dá uma sacudida na minha trança e afasto a mão dele.

– Não se preocupe. Quando eles tiverem terminado de me ajeitar, estarei irreconhecível – digo.

– Bom – diz ele. – Vamos mostrar um pouquinho de orgulho pelo nosso distrito, só pra variar, hein, senhorita Everdeen? – Ele balança a cabeça para Greasy Sae como quem finge estar indignado e vai se juntar aos amigos.

– Quero essa tigela de volta – grita Greasy Sae na sua direção, mas, como está rindo, seu tom não parece lá dos mais sérios. – Gale vai se despedir de você? – pergunta-me ela.

– Não, ele não estava na lista – digo. – Mas estive com ele no domingo.

– Imaginei que estivesse na lista, já que é seu primo e coisa e tal – diz ela, com ironia.

É mais uma parte da mentira que a Capital produziu. Quando Peeta e eu ficamos entre os oito finalistas nos Jogos Vorazes, eles enviaram repórteres ao distrito para traçar um perfil de nós dois. Quando perguntaram sobre meus amigos, todos se dirigiram a Gale. Mas não era possível que eu tivesse Gale como melhor amigo com toda aquela história romântica entre Peeta e eu rolando na arena. Gale era bonito demais, másculo demais, e não estava nem um pouco disposto a sorrir e a dar uma de simpático para as câmeras. Entretanto, somos bem parecidos fisicamente. Ambos temos aquele visual típico da Costura. Cabelos lisos e escuros, pele morena, olhos cinzentos. Aí, algum gênio resolveu fazer dele meu primo. Não tinha noção de nada disso até o momento em que voltei para casa. Quando desci do trem e pisei na plataforma, minha mãe disse: “Seus primos estão loucos para vê-la!” Em

seguida, virei-me e vi Gale e Hazelle e todas as crianças esperando por mim, então a única coisa que pude fazer foi continuar com a farsa.

Greasy Sae sabe que não somos parentes, mas mesmo algumas pessoas que nos conhecem há anos parecem ter esquecido disso.

– Não aguento mais esperar! Quero que tudo isso acabe logo – sussurro.

– Eu sei – diz Greasy Sae. – Mas a tempestade só passa depois que você a atravessa. É melhor não se atrasar.

Uma neve branda começa a cair enquanto me dirijo à Aldeia dos Vitoriosos. Fica a mais ou menos um quilômetro de caminhada da praça no centro da cidade, mas o local parece um mundo completamente diferente. É uma comunidade separada construída ao redor de um lindo campo verde repleto de plantas e flores. São doze casas, cada qual suficientemente grande para acomodar em seu interior dez casas iguais àquela em que fui criada. Nove estão vazias, como sempre estiveram. As três que estão em uso pertencem a Haymitch, Peeta e eu.

As casas habitadas pela minha família e pela de Peeta possuem um aconchegante brilho de vida. Janelas iluminadas, fumaças de chaminés, vários feixes de milho coloridos pendurados nas portas da frente como decoração para o Festival da Colheita que se aproxima. Entretanto, a casa de Haymitch, apesar do cuidado do caseiro, exala um ar de abandono e descaso. Paro na frente da casa dele, preparando-me para entrar, ciente de que será uma experiência desagradável, e em seguida entro.

Torço o nariz por puro nojo. Haymitch se recusa a deixar que alguém entre para fazer uma limpeza e o que ele faz para resolver o problema sozinho não adianta de nada. Ao longo dos anos, os odores de bebida e vômito, repolho cozido e carne queimada, roupa suja e dejetos de ratos têm se misturado a um fedor que enche meus olhos de lágrimas. Vou abrindo caminho em meio a uma verdadeira lixeira de embalagens usadas, vidro quebrado e ossos para chegar ao lugar onde sei que vou encontrar Haymitch. Ele está sentado à mesa da cozinha, braços esparramados na madeira, o rosto em cima de uma poça de álcool, roncando em alto e bom som.

Cutuco o ombro dele.

– Levanta! – grito bem alto, porque sei que não existe um jeito sutil de acordá-lo. Seu ronco para por um momento, como se ele estivesse avaliando a situação, e em seguida recomeça. Eu o empurro com força. – Acorda, Haymitch. Hoje é o nosso dia! – Abro a janela, respirando bem fundo o ar puro que vem de fora. Meus pés remexem o lixo no chão, desenterro uma cafeteira de cobre e a encho na pia. O fogão ainda não se apagou completamente e consigo acender uma chama a partir de alguns carvões. Despejo um pouco de pó de café na xícara, o suficiente para garantir uma mistura boa e forte, e coloco a cafeteira no fogo.

Haymitch continua completamente apagado. Como nada mais funcionou, encho uma bacia com água gelada, derramo em cima da cabeça dele e saio da frente correndo. Um som gutural e animalesco deixa sua garganta. Ele dá um salto, chutando a cadeira para trás, segurando uma faca. Esqueço que ele sempre dorme agarrado a uma faca. Devia ter arrancado o objeto de sua mão, mas minha cabeça já está cheia demais. Vociferando um monte de xingamentos, ele dá alguns golpes no ar antes de voltar a si. Enxuga o rosto na manga da camisa e volta-se para o parapeito da janela onde fico empoleirada para o caso de precisar sair rapidamente.

– O que você está fazendo? – ele explode.

– Você pediu pra te acordar uma hora antes das câmeras chegarem – respondo.

– O quê?

– A ideia foi sua – insisto.

Ele parece estar se lembrando.

– Por que estou todo molhado?

– Não consegui acordá-lo de outro jeito – digo. – Escute, se você queria ser tratado como um bebê era melhor ter pedido a Peeta.

– Pedido o quê? – Só de ouvir o som da voz dele meu estômago já se contorce em meio a uma coleção de emoções desagradáveis como culpa, tristeza e medo. E saudade. Eu poderia muito bem admitir que tem um pouco disso também. Só que a competição é muito grande para que ela tenha alguma chance de vencer.

Observo Peeta atravessar a cozinha em direção à mesa, a luz do sol que entra pela janela refletindo o brilho da neve em seus cabelos louros. Ele parece forte e saudável, muito diferente do garoto doente e faminto que conheci na arena, e mal se percebe que está mancando. Ele coloca um pão recém-saído do forno em cima da mesa e estende a mão para Haymitch.

– Pedi pra vocês me acordarem, não para me causarem uma pneumonia – diz Haymitch, soltando a faca. Ele tira a camisa imunda, exibindo uma camiseta igualmente suja, e se esfrega de alto a baixo com a parte seca.

Peeta sorri e molha a faca de Haymitch na aguardente branca da garrafa que está no chão. Ele enxuga a lâmina na manga da camisa até deixá-la bem limpa e corta uma fatia de pão. Peeta sempre nos fornece pão fresquinho. Eu caço. Ele faz pão. Haymitch bebe. Temos nossas próprias maneiras de nos manter ocupados, de manter as recordações de nossa experiência como competidores nos Jogos Vorazes devidamente controladas. Só depois de dar a Haymitch a ponta do pão é que Peeta olha para mim pela primeira vez.

– Quer um pedaço?

– Não, comi no Prego – digo. – Mas muito obrigada assim mesmo. – Minha voz não parece pertencer a mim, está formal demais. Exatamente como tem sido todas as vezes em que falo com Peeta desde que as câmeras terminaram de filmar o nosso feliz retorno a nossos lares e vidas reais.

– Você é quem sabe – diz ele friamente.

Haymitch joga a camisa em algum ponto da bagunça.

– Brrr. Vocês dois precisam fazer um bom aquecimento antes do show.

Ele tem razão, é claro. A audiência estará à espera do par de pombinhos que venceu os Jogos Vorazes. Não de duas pessoas que mal conseguem se olhar nos olhos. Mas a única coisa que digo é:

– Vá tomar um banho, Haymitch. – Em seguida, giro o corpo na janela, pulo e ando em direção à minha casa pela relva verde.

A neve ficou mais densa, e deixo um rastro de pegadas atrás de mim. Na porta, paro para sacudir os sapatos úmidos antes de entrar. Minha mãe tem trabalhado noite e dia para deixar tudo perfeito para as câmeras, de modo que não tem nenhum cabimento sujar de neve o chão que ela deixou brilhando.

Mal pisei dentro de casa e ela já está lá segurando o meu braço como se quisesse me impedir de entrar.

– Pode deixar, estou tirando-os aqui – digo, deixando os sapatos no capacho.

Minha mãe dá um sorriso esquisito, como de alívio, e retira do meu ombro o saco com a caça.

– É só neve. A caminhada foi boa?

– Caminhada? – Ela sabe muito bem que passei quase a noite toda na floresta. Então, vejo o homem em pé atrás dela na porta da cozinha. Só de olhar para seu terno bem-cortado e para suas feições cirurgicamente perfeitas, sei que ele é da Capital. Há algo errado. – Caminhada nada, foi mais uma patinação. Está superescorregadio lá fora.

– Tem alguém aqui te esperando – diz minha mãe. Seu rosto está pálido demais e consigo perceber a ansiedade que ela está tentando esconder.

– Pensei que só chegariam ao meio-dia – digo, fingindo não reparar o estado dela. – Cinna chegou mais cedo para ajudar a me preparar?

– Não, Katniss, é o... – começa minha mãe.

– Por aqui, por favor, senhorita Everdeen – diz o homem. Ele faz um gesto para que eu me dirija ao corredor. É estranho ser conduzida dentro de sua própria casa, mas sei muito bem que é melhor não fazer nenhum comentário a respeito.

Enquanto sigo, sorrio por cima do ombro para minha mãe, a fim de garantir a ela que não há nada de errado.

– Provavelmente mais instruções para a turnê. – Eles têm me enviado todo tipo de material sobre o itinerário e sobre os protocolos a serem observados em cada distrito. Mas, à medida que vou andando em direção à porta do escritório, uma porta que nunca vi fechada até aquele momento, minha mente começa a disparar torpedos de alerta para todos os lados. Quem está aqui? O que será que eles querem? Por que a minha mãe está tão pálida?

– Entre – diz o homem da Capital que me conduziu pelo corredor.

Giro a maçaneta de metal polido e entro. Meu nariz registra aromas conflitantes de rosas e sangue. Um homem pequeno e de cabelos brancos que me parece vagamente familiar está lendo um livro. Ele ergue um dedo como

que para dizer: “Só um instante.” Em seguida se vira, e meu coração quase para de bater.

Estou olhando bem nos olhos de serpente do presidente Snow.



Na minha cabeça, o presidente Snow deveria ser visto em pilares de mármore adornados com bandeiras gigantescas. É perturbador vê-lo cercado de objetos comuns em minha sala. É como tirar a tampa de uma panela e encontrar uma víbora com os dentes arreganhados em vez do cozido.

O que poderia estar fazendo aqui? Minha mente volta rapidamente aos dias de abertura de outras turnês da vitória. Lembro-me de ter visto os tributos vitoriosos com seus mentores e estilistas. Até alguns oficiais do alto escalão do governo apareciam vez por outra. Mas nunca havia visto o presidente Snow. Ele participa das celebrações na Capital. Ponto.

Para ter feito todo esse percurso desde a sua cidade só pode significar uma única coisa. Estou em sérios apuros. E se for esse o caso, minha família também está. Um calafrio percorre meu corpo quando penso em minha mãe e minha irmã perto desse homem que me despreza. E sempre me desprezará. Porque passei a perna em seus sádicos Jogos Vorazes, obriguei a Capital a fazer papel de boba e consequentemente minei seu controle.

Tudo o que estava tentando fazer era manter Peeta e eu vivos. Qualquer ato de rebelião que possa ter existido foi puramente casual. Mas quando a Capital decreta que apenas um tributo pode ficar vivo e você tem a audácia de desafiá-la, imagino que isso por si só já seja uma rebelião. Minha única defesa era fingir que estava sendo levada à loucura pela minha paixão por Peeta. Então nós dois tivemos permissão para continuar vivos. Para ser coroados como vitoriosos. Para poder voltar para casa, comemorar, dar adeus às câmeras e ser deixados finalmente em paz. Até agora.

Talvez seja a novidade da casa, ou o choque de vê-lo, ou a compreensão mútua de que ele poderia mandar me matar em um segundo que faz com que me sinta uma intrusa. Como se aquela fosse a casa dele e eu fosse a penetra. Então, não lhe dou as boas-vindas nem lhe ofereço uma cadeira. Não digo nada. Na realidade, trato-o como se fosse uma verdadeira cobra, do tipo mais venenoso. Fico imóvel, olhos grudados nele, avaliando as minhas possibilidades de fuga.

– Acho que podemos tornar toda essa situação muito mais simples se concordarmos que um não deve mentir para o outro – diz ele. – O que você acha?

Achei que minha língua tivesse ficado congelada e que falar seria algo impossível, então surpreendo-me respondendo com uma voz firme:

– Sim, isso nos poupará tempo.

O presidente Snow sorri e reparo em seus lábios pela primeira vez. Estou esperando lábios de serpente, o que significa nenhum lábio. Mas os dele são grossos, a pele bastante esticada. Sou obrigada a imaginar se a sua boca foi modificada para fazer com que ele ficasse mais atraente. Se for o caso, foi uma perda de tempo e de dinheiro porque ele não é nem um pouco atraente.

– Meus conselheiros estavam preocupados com a possibilidade de você ser uma pessoa difícil, mas você não está planejando ser uma pessoa difícil, está? – pergunta ele.

– Não – respondo.

– Foi o que falei para eles. Eu disse que uma garota que passou por tantos infortúnios para se manter viva não vai estar interessada em jogar tudo isso fora de mão beijada. Sem falar na família que ela precisa proteger. Sua mãe, sua irmã e todos aqueles... primos. – Pelo jeito como demorou para falar a palavra "primos", posso dizer de antemão que ele sabe que Gale e eu não compartilhamos nenhuma parte de nossa árvore genealógica.

Bom, todas as cartas estão sobre a mesa agora. Talvez seja melhor assim. Eu não me dou muito bem com ameaças ambíguas. Prefiro saber logo como está o placar.

– Vamos sentar. – O presidente Snow senta-se à grande escrivaninha de madeira polida onde Prim faz seus deveres de casa, e minha mãe, seus

orçamentos. A exemplo de nossa casa, esse é um local onde ele não tem nenhum direito (apesar de ter, no fundo, no fundo, todos os direitos) de ocupar. Sento-me em frente à escrivaninha em uma das cadeiras entalhadas de encosto reto. Ela é feita para uma pessoa mais alta do que eu, de modo que somente as pontas dos meus pés tocam o chão.

– Estou com um problema, senhorita Everdeen – diz o presidente Snow. – Um problema que começou no momento em que você pegou aquelas amoras envenenadas na arena.

Esse foi o momento em que imaginei que, se os Idealizadores dos Jogos tivessem de escolher entre assistir a Peeta e eu cometermos suicídio – o que teria significado a falta de um vencedor – e permitir que nós dois permanecêssemos vivos, eles ficariam com a segunda opção.

– Se o Chefe dos Idealizadores dos Jogos, Seneca Crane, tivesse alguma coisa naquela cabeça, ele teria transformado você em pó ali mesmo. Mas ele teve um desafortunado ataque de sentimentalismo. Então você está bem aqui. Pode imaginar onde ele está? – pergunta o presidente Snow.

Assinto porque, pela maneira como ele fala, está mais do que claro que Seneca Crane foi executado. O cheiro de rosas e de sangue ficou ainda mais forte agora que apenas uma escrivaninha nos separa. Tem uma rosa na lapela do presidente Snow, o que pelo menos sugere uma fonte para o perfume de flor, mas ela deve ser geneticamente aprimorada, porque nenhuma rosa verdadeira exala um aroma como aquele. Quanto ao sangue... eu não sei.

– Depois disso, não havia mais nada a fazer além de deixar que vocês dois prosseguissem com sua pequena encenação. E você foi muito boa nisso também, como aquele jeitinho de estudante loucamente apaixonada. As pessoas na Capital ficaram bastante convencidas. Infelizmente, nem todo mundo foi enganado por seu ato dramático – diz ele.

Meu rosto deve estar registrando pelo menos uma pontinha de espanto por ele tocar nesse assunto.

– Isso, é claro, você não sabe. Você não tem acesso a informações sobre o clima nos distritos. Em vários deles, todavia, as pessoas viram o seu pequeno truque com as amoras como um ato de desafio, não como um ato de amor. E se uma garota do Distrito 12, logo esse!, pode desafiar a Capital e escapar

incólume, o que os impedirá de fazer o mesmo? – diz ele. – O que impediria, digamos, um levante?

Demora um pouco para a última frase ser registrada pela minha mente. Então todo o peso dela me atinge em cheio.

– Ocorreram levantes? – pergunto, não só tremendo de medo, mas também um pouco exultante diante da possibilidade.

– Ainda não. Mas ocorrerão se o curso dos acontecimentos não mudar. E é sabido que levantes levam a revoluções. – O presidente Snow esfrega um ponto em cima da sobrancelha esquerda, o exato ponto onde eu mesma tenho as minhas dores de cabeça. – Você faz alguma ideia do que isso significaria? De quantas pessoas morreriam? Das condições que os sobreviventes teriam de enfrentar? Independentemente dos problemas que alguém possa ter com a Capital, acredite quando digo que se ela lançar suas garras sobre os distritos, mesmo que por um curto período de tempo, todo o sistema desmoronará.

Fico chocada com a franqueza e mesmo com a sinceridade do discurso. Como se a sua principal preocupação fosse o bem-estar dos cidadãos de Panem, quando na verdade nada poderia ser mais distante da verdade do que isso. Não sei como ouso dizer as palavras seguintes, mas digo:

– Ele deve ser muito frágil mesmo, se um punhado de amoras pode derrubá-lo.

Há uma longa pausa enquanto ele me examina. Então diz apenas:

– É frágil, sim, mas não da maneira que você imagina.

Alguém bate na porta e em seguida o homem da Capital estica a cabeça.

– A mãe dela quer saber se o senhor quer chá.

– Eu gostaria. Gostaria muito de tomar um chá – diz o presidente. A porta se abre ainda mais e lá está minha mãe em pé segurando uma bandeja com um serviço de chá de porcelana que ela trouxe para a Costura quando se casou. – Pode colocar aqui, por favor. – Ele põe o livro que estava lendo no canto da escrivaninha e dá uma batidinha no centro.

Minha mãe coloca a bandeja na escrivaninha. Ela contém um bule de chá e xícaras de porcelana, leite e açúcar, e um pratinho com biscoitos lindamente decorados com suaves flores coloridas. A decoração só pode ser obra de Peeta.

– Que visão mais convidativa. Sabe, é engraçado o quanto as pessoas frequentemente se esquecem que os presidentes também precisam comer – diz o presidente Snow, com todo o seu charme. De qualquer modo o gesto parece acalmar um pouco a minha mãe.

– Há algo mais específico que o senhor deseje? Posso preparar alguma coisa mais substanciosa se o senhor estiver com fome – oferece ela.

– Não, melhor do que isso impossível. Muito obrigado – diz ele, dispensando-a. Minha mãe curva a cabeça, olha para mim de relance e vai embora. O presidente Snow serve o chá para nós dois e coloca leite e açúcar em sua xícara. Em seguida, passa um bom tempo mexendo. Sinto que ele já disse tudo o que tinha a dizer e está esperando a minha resposta.

– Eu não tive intenção de começar nenhum levante – digo.

– Acredito em você. Pouco importa. Seu estilista acabou sendo profético na escolha de seu traje. Katniss Everdeen, a garota em chamas, você acendeu uma fagulha que, se não for contida, pode crescer e se transformar num inferno que destruirá Panem – diz ele.

– Por que o senhor simplesmente não me mata agora? – solto a pergunta.

– Publicamente? Isso apenas acrescentaria combustível às chamas.

– Providencie um acidente, então – sugiro.

– Quem acreditaria nisso? – pergunta ele. – Você não acreditaria, se estivesse assistindo.

– Então o senhor poderia simplesmente dizer o que deseja que eu faça. É só dizer que eu faço.

– Se ao menos a coisa fosse assim tão simples. – Ele pega um dos biscoitos floridos e o examina. – Magnífico. Foi a sua mãe que fez?

– Peeta. – E, pela primeira vez, descubro que não sou capaz de encará-lo. Vou pegar o chá, mas o coloco de volta quando ouço o ruído da xícara roçando no pires. Para disfarçar, pego rapidamente um biscoito.

– Peeta. Como está o amor da sua vida?

– Bem – digo.

– Em que momento ele se deu conta do grau exato de sua indiferença? – pergunta o presidente Snow, mergulhando o biscoito no chá.

– Eu não sou indiferente.

– Mas talvez não tão encantada com o jovem quanto fez o país acreditar.

– Quem diz que eu não sou?

– Eu digo. E não estaria aqui se fosse a única pessoa que tivesse dúvidas a esse respeito. Como anda o primo bonitão?

– Eu não sei... eu não... – Meu nojo em relação a essa conversa, a discutir com o presidente Snow meus sentimentos por duas das pessoas que mais estimo, faz com que as minhas palavras saiam engasgadas.

– Fale, senhorita Everdeen. Posso matá-lo facilmente se não chegarmos a uma resolução satisfatória – diz o presidente. – Você não está fazendo nenhum favor a ele desaparecendo na floresta em sua companhia todos os domingos.

Se ele sabe disso, o que mais sabe? E como sabe disso? Muitas pessoas podem dizer a ele que Gale e eu passamos nossos domingos caçando. Por acaso, não aparecemos no fim de cada um desses dias abarrotados de caça? E não fazemos isso há anos? A verdadeira questão é o que ele acha que acontece na floresta além do Distrito 12. Certamente não temos sido rastreados lá. Ou temos? Será que fomos seguidos? Isso parece impossível. Pelo menos de ser feito por uma pessoa. Câmeras? Até agora isso não havia passado pela minha cabeça. A floresta sempre foi nosso local mais seguro, nosso local além do alcance da Capital, onde somos livres para dizer o que sentimos, para ser o que realmente somos. Pelo menos antes dos Jogos. Se temos sido observados desde então, o que eles viram? Duas pessoas caçando, dizendo coisas traiçoeiras contra a Capital, sim, não resta dúvida. Mas não duas pessoas que se amam, o que parece ser a conclusão do presidente Snow. Estamos livres dessa acusação. A menos que... a menos que...

Aconteceu uma única vez. Foi rápido e inesperado, mas aconteceu de fato.

Depois que Peeta e eu voltamos dos Jogos, passaram-se várias semanas até que eu ficasse a sós com Gale. No início, eram as celebrações obrigatórias. Um banquete para os vitoriosos para o qual somente as pessoas dos mais altos escalões eram convidadas. Um feriado para todo o distrito com comida de graça e animadores trazidos da Capital. O Dia da Parcela, o primeiro de doze, em que pacotes de comida foram entregues a todas as pessoas do distrito. Essa foi minha celebração favorita. Ver todas aquelas crianças famintas da Costura correndo de um lado para o outro brandindo latas de creme de maçã, carne

enlatada e até balas. Em casa, pesados demais para serem carregados, seriam encontrados sacos de grãos, latas de óleo. Saber que uma vez por mês por um ano inteiro todos eles receberiam uma nova parcela. Essa foi uma das únicas vezes em que realmente me senti bem por ter vencido os Jogos.

Então, entre cerimônias e eventos e repórteres documentando todos os meus passos enquanto me apresentava em público e agradecia e beijava Peeta para os espectadores, eu não tinha nenhuma privacidade. Depois de algumas semanas, as coisas finalmente se acalmaram. As equipes de filmagem e os repórteres foram embora. Peeta e eu assumimos a fria relação que vínhamos tendo desde então. Minha família se estabeleceu em nossa casa na Aldeia dos Vitoriosos. A vida cotidiana do Distrito 12 – trabalhadores nas minas, crianças na escola – voltou a sua rotina e a seu ritmo normais. Esperei até me certificar de que a barra estivesse realmente limpa e então, num domingo, sem dizer nada a ninguém, levantei-me horas antes do nascer do sol e me encaminhei para a floresta.

A temperatura ainda estava elevada o suficiente para que não precisasse de casaco. Levei um saco cheio de comidas especiais: galinha fria, queijo, pães assados e laranjas. Na minha antiga casa, vesti minhas botas de caçada. Como de costume, a cerca não estava eletrificada e foi simples deslizar para a floresta e pegar meu arco e as minhas flechas. Fui para o nosso local, meu e de Gale, onde tomamos café da manhã juntos na manhã da colheita que me mandou para os Jogos.

Esperei por pelo menos duas horas. Tinha começado a pensar que ele havia desistido de mim nas semanas que haviam passado. Ou que ele não gostava mais de mim. Ou até me odiava. E a ideia de perdê-lo para sempre, meu melhor amigo, a única pessoa a quem confiei meus segredos, era tão dolorosa que eu mal conseguia suportar. Não depois de tudo o mais que havia acontecido. Sentia as lágrimas escorrendo em meus olhos e a garganta começando a se fechar como sempre ocorre quando fico chateada.

Então, ergui o olhar e lá estava ele, a três metros de distância, apenas me observando. Sem pensar, dei um salto e o abracei com força, deixando escapar um estranho som que misturava riso, engasgo e choro. Ele me abraçava com tanta força que eu nem conseguia ver o seu rosto, e demorou um bom tempo

até que me soltasse, mas, então, ele já não tinha muita escolha porque eu estava tendo uma crise de soluços tão inacreditável que precisava urgentemente beber alguma coisa.

Naquele dia, fizemos o que sempre fazíamos. Tomamos nosso café da manhã. Caçamos, pescamos e colhemos. Conversamos sobre as pessoas na cidade. Mas não sobre nós, sua nova vida nas minas, o período que passei na arena. Sobre outras coisas apenas. Quando estávamos no buraco do muro que fica próximo ao Prego, acho que eu realmente já estava acreditando que as coisas poderiam voltar a ser como sempre foram. Que poderíamos ser como sempre fomos. Entreguei toda a caça para Gale vender, já que tínhamos comida de sobra agora. Disse para ele que não iria ao Prego dessa vez, mesmo estando com muita vontade de aparecer por lá, porque minha mãe e minha irmã não sabiam nem mesmo que eu tinha saído para caçar, e ficariam imaginando onde eu poderia estar. Então, de repente, enquanto eu sugeria assumir as armadilhas que precisavam de um cuidado diário, ele segurou o meu rosto e me beijou.

Eu estava completamente despreparada. Alguém poderia pensar que depois de todas aquelas horas que passei com Gale – observando-o falar e rir e se preocupar –, eu saberia tudo o que deveria saber sobre os lábios dele. Mas não imaginava que eles seriam tão cálidos em contato com os meus. Ou que aquelas mãos, que podiam montar as mais intricadas armadilhas, pudessem me prender com a mesma facilidade. Acho que alguma espécie de ruído escapou do fundo da minha garganta, e lembrei vagamente dos meus dedos, bem fechados e pousados em seu tórax. Então ele me soltou e disse:

– Eu precisava fazer isso. Pelo menos uma vez. – E foi embora.

Apesar de o sol estar se pondo e de minha família estar possivelmente preocupada, sentei-me ao lado de uma árvore próxima ao muro. Tentei decifrar o que estava sentindo em relação ao beijo, se tinha gostado dele ou se tinha me deixado indignada, mas só me lembrava de fato da pressão dos lábios de Gale e do aroma das laranjas, que ainda estava perceptível em sua pele. Não tinha sentido comparar aquele beijo com os muitos que eu trocara com Peeta. Ainda não estava claro para mim se algum deles havia realmente contado. Por fim, fui para casa.

Naquela semana, cuidei das armadilhas e deixei a carne com Hazelle. Mas só vi Gale no domingo seguinte. Tinha um discurso na ponta da língua sobre como não queria um namorado e nunca tinha planejado me casar etc. e tal, mas acabei não usando. Gale se comportou como se o beijo jamais houvesse acontecido. Talvez ele estivesse esperando que eu dissesse alguma coisa. Ou que eu retribuísse o beijo. Em vez disso, a exemplo dele, simplesmente fingi que aquilo jamais aconteceu. Mas havia acontecido. Gale havia despedaçado alguma espécie de barreira invisível entre nós dois com aquele beijo, bem como qualquer esperança que eu pudesse ter tido de reatar nosso antigo e descomplicado relacionamento. Seja lá o que eu estivesse fingindo, jamais poderia voltar a olhar para aqueles lábios da maneira como sempre olhei.

Tudo isso passa como um raio na minha cabeça enquanto os olhos do presidente Snow fixam-se em mim logo depois de sua ameaça de matar Gale. Como fui estúpida em pensar que a Capital simplesmente me ignoraria assim que voltasse para casa! Talvez eu não soubesse nada sobre os potenciais levantes. Mas sabia que eles estavam zangados comigo. Em vez de agir com a extrema cautela que a situação exigia, o que foi que eu fiz? Do ponto de vista do presidente, ignorei Peeta e ostentei minha preferência pela companhia de Gale diante de todo o distrito. E, ao fazer isso, deixei bem claro que estava, na realidade, fazendo pouco da Capital. E agora, por causa da minha falta de cuidado, Gale, nossas famílias e Peeta também estão em perigo.

– Por favor, não faça nenhum mal a Gale – sussurro. – Ele é só um amigo. Ele é meu amigo há anos. Nossa relação não passa disso. Além do mais, agora todo mundo pensa que nós somos primos.

– Só estou interessado em como isso afeta a sua dinâmica com Peeta e, portanto, como isso afeta o clima nos distritos – diz o presidente.

– Vai ser a mesma coisa na turnê. Estarei apaixonada por ele como estava antes.

– Como você está agora – corrige o presidente Snow.

– Como estou agora.

– Só que o seu desempenho terá de ser bem melhor para que os levantes possam ser evitados – diz ele. – Essa turnê será a nossa única chance de controlarmos a situação.

– Eu sei. Vou me empenhar. Vou convencer todo mundo nos distritos de que não estava desafiando a Capital, de que estava loucamente apaixonada.

O presidente Snow se levanta e limpa os lábios grossos com um guardanapo.

– Mire mais alto caso você esteja falhando.

– Como assim? Como é que eu posso mirar mais alto? – pergunto.

– Convença a mim. – Ele joga o guardanapo e pega o livro. Não estou olhando para ele quando se dirige à porta, então estremeço quando sussurra em meu ouvido: – A propósito, estou sabendo do beijo. – Em seguida, a porta se fecha atrás dele.



O cheiro de sangue... estava no hálito dele.

O que ele faz?, imagino. Será que ele o bebe? Eu o imagino tomando em uma xícara de chá. Mergulhando um biscoito em sangue e puxando-o embebido em vermelho.

Do lado de fora, um carro surge, suave e quieto como o ronronar de um gato, e depois some ao longe. O veículo desaparece da mesma forma que apareceu, sem ninguém notar.

Tenho a impressão de que a sala está girando em círculos lentos e assimétricos, e acho que vou desmaiar. Curvo-me para a frente e agarro a escrivaninha com uma das mãos. A outra ainda está segurando o lindo biscoito de Peeta. Acho que havia um lírio-tigrino nele, mas agora tudo se reduz a farelos na minha mão. Eu nem sabia que estava esmagando o biscoito, mas imagino que tenha sido obrigada a me agarrar em alguma coisa enquanto o mundo dava voltas ao meu redor.

Uma visita do presidente Snow. Distritos à beira de levantes. Uma ameaça de morte direta a Gale, com outras a caminho. Todos que eu amo condenados. E quem sabe quem mais vai pagar pelas minhas ações? A menos que eu coloque a situação sob controle nessa turnê. Tranquilize o descontentamento e apazigue a mente do presidente Snow. Mas como? Provando ao país que amo Peeta Mellark, sem deixar a menor sombra de dúvida.

Não posso fazer isso, penso. *Não sou tão boa assim*. Peeta é a pessoa boa, aquele que todos gostam. Ele consegue fazer as pessoas acreditarem em

qualquer coisa. Eu sou a que cala a boca e fica sentada deixando-o falar o máximo possível. Mas não é Peeta quem precisa provar sua devoção. Sou eu.

Escuto os passos leves e rápidos de minha mãe no corredor. *Ela não pode saber*, penso. *Sobre nada disso*. Coloco as mãos em cima da bandeja e rapidamente limpo o farelo do biscoito que ficou nos dedos. Dou um gole no chá com as mãos trêmulas.

– Está tudo bem, Katniss? – pergunta ela.

– Tudo bem. A gente nunca vê isso na televisão, mas o presidente sempre visita os vitoriosos antes da turnê para desejar boa sorte a eles – digo com entusiasmo.

O rosto de minha mãe fica inundado de alívio.

– Ah, pensei que fosse algum problema.

– Não, nada disso – digo. – O problema vai começar quando minha equipe de preparação descobrir que negligenciei o retoque das sobrancelhas. – Minha mãe ri, e penso em como passou a ser impossível deixar de cuidar da família depois que assumi essa função com a idade de onze anos. E em como sempre terei que proteger a minha mãe.

– Posso começar a preparar o seu banho? – pergunta ela.

– Ótima ideia – digo, e posso perceber como ela fica satisfeita com minha resposta.

Desde que voltei para casa, tenho tentado com afinco melhorar o relacionamento com minha mãe. Pedir que ela faça coisas para mim em vez de dispensar qualquer oferta de ajuda, como fiz durante anos por pura raiva. Deixar que cuide de todo o dinheiro que recebo. Retribuir os abraços dela em vez de simplesmente tolerá-los. O período que passei na arena fez com que me desse conta do quanto precisava parar de puni-la por algo que ela não tinha como evitar. Especificamente, a devastadora depressão na qual ela caiu depois da morte de meu pai. Porque, às vezes, acontecem coisas com as pessoas com as quais elas não estão preparadas para lidar.

Como é o meu caso, por exemplo. Neste exato momento.

Além do mais, ela fez uma coisa maravilhosa quando voltei para o distrito. Depois que nossas famílias e amigos cumprimentaram a mim e a Peeta na estação de trem, foram permitidas algumas perguntas dos repórteres. Alguém

perguntou a minha mãe o que pensava de meu novo namorado e ela respondeu que, apesar de Peeta ser o modelo perfeito do que um jovem deveria ser, eu não estava suficientemente madura para ter nenhum namorado. Ela afirmou isso olhando fixamente para Peeta. Houve muito riso e comentários do tipo: "Tem alguém aí em perigo" da parte da imprensa, e Peeta soltou a minha mão e se afastou um pouco de mim. Isso não durou muito tempo – havia muita pressão para que nosso comportamento fosse o oposto –, mas nos deu uma desculpa para sermos um pouco mais reservados do que havíamos sido na Capital. E talvez essa tenha sido a razão por eu ter sido vista tão poucas vezes na companhia de Peeta depois que as câmeras foram embora.

Subo a escada em direção ao banheiro, onde uma banheira fumegante me espera. Minha mãe colocou um saquinho de flores secas que perfuma o ar. Nenhuma das duas está acostumada ao luxo de girar uma torneira e ter uma quantidade ilimitada de água quente ao nosso dispor. Nós tínhamos apenas água fria em nossa casa na Costura, e um banho significava ter de esquentar no fogo o que sobrava de água. Tiro a roupa e mergulho na água sedosa – minha mãe providenciou também uma espécie de óleo – e tento entender o que está acontecendo.

A primeira questão é a quem contar, se é que devo contar a alguém. Não para minha mãe e nem para Prim, obviamente; elas ficariam desesperadas de preocupação. Não para Gale. Mesmo que eu conseguisse falar com ele. O que ele faria com a informação, de qualquer maneira? Se ele estivesse sozinho, talvez tentasse persuadi-lo a fugir. Certamente teria condições de sobreviver na floresta. Mas ele não está sozinho e jamais abandonaria a família. Ou a mim. Quando chegar em casa, terei de explicar a ele por que os nossos domingos passarão a ser uma coisa do passado, mas não consigo pensar nisso agora. Só consigo pensar em meu próximo passo. Além do mais, Gale já está tão irritado e frustrado com a Capital que às vezes penso que ele vai fazer seu próprio levante. A última coisa que ele precisa é de um incentivo. Não, não posso contar para nenhuma das pessoas que deixarei aqui no Distrito 12.

Ainda existem três pessoas em quem talvez possa confiar, a começar por Cinna, meu estilista. Mas meu palpite é de que talvez Cinna já esteja correndo risco, e não quero aumentar ainda mais os seus problemas ligando-o a mim.

Então sobra Peeta, que vai ser meu parceiro nessa enganação, mas como começar essa conversa? *E aí, Peeta, lembra quando eu disse que estava meio que fingindo estar apaixonada por você? Bom, preciso realmente que você esqueça isso por enquanto e se comporte como se estivesse duplamente apaixonado por mim ou então o presidente Snow pode acabar matando Gale*. Não posso fazer uma coisa dessas. Além do mais, Peeta vai ter um bom desempenho sabendo ou não o que está em jogo. Com isso sobra apenas Haymitch. O bêbado, mal-humorado e hostil Haymitch, em quem acabei de despejar uma bacia de água gelada. Como meu mentor nos Jogos, sua tarefa era me manter viva. Só espero que ele ainda esteja apto para a função.

Mergulho a cabeça na água, bloqueando todos os sons ao meu redor. Gostaria muito que a banheira ficasse bem grande para que eu pudesse sair nadando como costumava fazer nos domingos de verão quando ia à floresta com meu pai. Aqueles dias significavam um prazer especial. Nós saíamos de manhã bem cedinho e penetrávamos na floresta mais do que o habitual para chegar a um pequeno lago que ele havia encontrado enquanto caçava. Nem lembro de ter aprendido a nadar, já que ele me ensinou quando eu era bem pequena. Só lembro de mergulhar, de dar saltos mortais e de ficar nadando de um lado para o outro. O leito lamacento do lago embaixo dos meus pés. O cheiro das flores e das plantas. Boiar, como estou fazendo agora, mirando o céu azul enquanto o barulho da floresta era abafado pela água. Ele ensacava os patos que faziam seus ninhos na margem, caçava ovos na grama e nós dois cavávamos bem fundo à procura de raízes de katniss, a planta em homenagem à qual recebi o meu nome. De noite, quando chegávamos em casa, minha mãe fingia não me reconhecer porque eu estava limpa demais. Então ela preparava um jantar fantástico com pato grelhado e tubérculos de katniss assados com molho.

Nunca levei Gale ao lago. Poderia ter levado. Demora muito para se chegar lá, mas os patos são tão fáceis de capturar que dá para compensar o tempo que se perde de caçada. Mas é um local que eu nunca quis realmente compartilhar com ninguém, um local que pertencia apenas a meu pai e a mim. Desde o fim dos Jogos, quando passei a ter poucas coisas com as quais me ocupar, estive lá algumas vezes. Nadar continua sendo uma coisa prazerosa, mas na maioria das

vezes a visita me deixava deprimida. Ao longo dos últimos cinco anos, o lago permaneceu inacreditavelmente intocado, ao passo que eu estou quase irreconhecível.

Mesmo debaixo d'água, consigo ouvir os sons agitados. Buzinas de carros, gritos de saudação, portas batendo. Isso só pode significar que a minha equipe de preparação chegou. Só tenho tempo para me enxugar e entrar num robe antes que a equipe invada o banheiro. A noção de privacidade não existe. Em relação a meu corpo, nós não temos segredos, essas três pessoas e eu.

– Katniss, suas sobrancelhas! – Venia dá um grito, e mesmo com a nuvem escura de preocupação pairando sobre mim, sou obrigada a conter o riso. Seus cabelos azulados foram estilizados de modo a ficarem pontudos em toda a cabeça, e as tatuagens douradas que antes se concentravam acima de suas sobrancelhas agora também contornam os olhos, contribuindo para a expressão de choque que produzi nela.

Octavia aparece e dá um tapinha tranquilizador nas costas de Venia, seu corpo cheio de curvas parecendo ainda mais roliço do que de costume ao lado do corpo angular e magro de Venia.

– Calma, calma. Você pode ajeitar isso em dois segundos. Mas o que é que eu vou fazer com essas unhas? – Ela agarra a minha mão e a coloca bem aberta entre suas mãos cor de ervilha. Não, a pele dela não está exatamente da cor de ervilha. O verdinho é mais suave. A mudança de tom é, sem sombra de dúvida, uma tentativa de acompanhar as volúveis tendências de moda da Capital. – Com toda a sinceridade, Katniss, você podia ter deixado alguma coisa onde eu pudesse fazer o meu trabalho! – choraminga ela.

É verdade. Roí as unhas até a raiz nos últimos meses. Pensei na possibilidade de me livrar do vício, mas não consegui encontrar um bom motivo para isso.

– Desculpa – murmuro baixinho. De fato, não tenho passado muito tempo me preocupando em saber como isso pode afetar a minha equipe de preparação.

Flavius levanta alguns fios dos meus cabelos molhados. Sacode a cabeça como quem está desaprovando o que vê, o que faz com que seus cachinhos alaranjados balancem para todos os lados.

– Alguém tocou nisso aqui desde a última vez em que você esteve com a gente? – pergunta ele seriamente. – Você lembra que a gente pediu especificamente para você não mexer nos cabelos?

– Lembro! – respondo, grata por poder mostrar que não havia me esquecido totalmente deles. – Quer dizer, não, ninguém os cortou, não. Lembro disso. – Não, eu não me lembrava. É como se o assunto jamais houvesse sido mencionado. Desde que voltei para casa, tudo o que tenho feito é mantê-los na minha tradicional trança que cai pelas costas.

Isso parece acalmá-los um pouco, e todos eles me beijam, me colocam numa cadeira e, como de costume, começam a falar sem parar e sem se preocupar em notar se estou escutando ou não. Enquanto Venia reinventa as minhas sobrancelhas e Octavia me aplica unhas falsas e Flavius faz uma massagem com creme em meus cabelos, ouço tudo sobre a Capital. Que sucesso foram os Jogos, como as coisas têm sido chatas desde então, como todos estão esperando ansiosamente a próxima visita minha e de Peeta ao término da Turnê da Vitória. Depois disso, não vai demorar muito até que a Capital comece a se preparar para o Massacre Quaternário.

– Não é emocionante?

– Você não está se achando a pessoa mais sortuda do mundo?

– No seu primeiro ano como vitoriosa já vai ser a mentora num Massacre Quaternário!

As palavras deles se atropelam em um borrão de empolgação.

– Ah, sim – digo com neutralidade. É o melhor que consigo fazer. Num ano normal, ser mentor dos tributos é um verdadeiro pesadelo. Não posso mais passar pela escola sem imaginar que crianças terei de treinar. Mas, para piorar ainda mais as coisas, este ano se realiza a septuagésima quinta edição dos Jogos Vorazes, e isso significa que também é o ano do Massacre Quaternário. Ele ocorre a cada vinte e cinco anos, marcando o aniversário da derrota dos distritos com comemorações de alto nível e, para garantir uma diversão extra, algumas mudanças terríveis para os tributos. É claro que essa é a primeira vez que testemunho um desses eventos. Mas, na escola, lembro de ouvir que no segundo Massacre Quaternário a Capital exigiu que fossem levados para a arenas o dobro do número de tributos. Os professores não entraram em muitos

detalhes, o que é surpreendente, porque esse foi o ano em que o Distrito 12 recebeu sua coroa com o representante Haymitch Abernathy.

– É melhor que Haymitch esteja se preparando para receber muita atenção! – grita Octavia.

Haymitch jamais conversou comigo sobre sua experiência pessoal na arena. Eu jamais perguntaria. E se alguma vez vi os Jogos dele reprisados na televisão, devia ser muito nova para me lembrar. Mas a Capital não vai permitir que ele se esqueça desse ano. De certa forma, é uma boa coisa Peeta e eu estarmos disponíveis como mentores durante o Massacre, porque não restam dúvidas de que Haymitch estará arrasado.

Depois de exaurirem o tópico do Massacre Quaternário, minha equipe de preparação desanda a falar sobre vários outros assuntos referentes a suas vidas inconcebivelmente fúteis. Quem disse o que sobre alguém de quem nunca ouvi falar, e que tipo de sapatos eles acabaram de comprar, e uma longa história de Octavia sobre o tremendo erro que foi mandar todo mundo usar penas na festa de aniversário dela.

Logo as minhas sobrancelhas começam a pinicar, meu cabelo fica sedoso e macio, e minhas unhas estão prontas para serem pintadas. Aparentemente, eles receberam instruções para preparar apenas as minhas mãos e o meu rosto, provavelmente porque tudo o mais ficará coberto por conta do clima frio. Flavius quer muito usar em mim o batom púrpura que é sua marca registrada pessoal, mas se contenta em usar o rosa assim que eles começam a pintar o meu rosto e as minhas unhas. Consigo ver pelas cores que Cinna escolheu que estamos fazendo uma produção estilo garotinha, não uma coisa mais sexy. Bom. Nunca vou convencer ninguém de coisa alguma se tentar bancar a provocante. Haymitch deixou isso muito claro quando me treinava para a entrevista que antecede os Jogos.

Minha mãe entra, um pouco tímida, e diz que Cinna pediu para ela mostrar à equipe de preparação como havia feito o meu penteado no dia da colheita. Eles ficam entusiasmados e então observam, absolutamente atentos, ela destrinchar o processo do elaborado penteado da trança. No espelho, vejo suas caras sérias seguindo todos os passos, a ansiedade de todos quando chega a vez de eles tentarem realizar o passo. Na realidade, os três são tão prontamente

respeitosos e simpáticos com minha mãe que me sinto mal pelo ar de superioridade que às vezes tenho com eles. Quem sabe quem seria eu ou sobre o que falaria se tivesse sido criada na Capital? Talvez também acabasse me lamentando por algo como trajes de pena na minha festa de aniversário.

Quando meus cabelos ficam prontos, encontro Cinna na sala do andar de baixo, e só de olhar para ele sinto uma esperança renovada. Sua aparência é a de sempre, roupas simples, cabelos castanhos cortados bem curtos e apenas um leve toque de delineador dourado nos olhos. Nós nos abraçamos, e sinto uma enorme vontade de cuspir todo o episódio com o presidente Snow. Mas não, decidi contar primeiro para Haymitch. Ele vai saber melhor quais são as pessoas que podem aguentar esse rojão. Mas é tão fácil conversar com Cinna. Ultimamente, nós temos conversado muito pelo telefone que veio instalado na casa. É meio que uma piada, porque mais ninguém que a gente conhece usa um. Tem o Peeta, mas obviamente não ligo para ele. Haymitch arrebentou o dele na parede anos atrás. Minha amiga Madge, a filha do prefeito, tem um telefone em sua casa, mas se nós queremos conversar, fazemos pessoalmente. No início, o aparelho quase nunca era usado. Aí Cinna começou a me ligar para aprimorar o meu talento.

Todos os vitoriosos devem possuir um. Seu talento é a atividade que você assume, já que não precisa trabalhar nem na escola, nem na atividade industrial de seu distrito. Pode ser qualquer coisa, na verdade, qualquer coisa a respeito da qual eles possam fazer entrevistas com você. Peeta, para todos os efeitos, possui um talento, que é a pintura. Ele tem decorado bolos há anos na padaria de sua família. Mas agora que é rico, pode se dar o luxo de manchar telas de verdade com sua tinta. Não possuo nenhum talento, a menos que você leve em consideração a caça ilegal, e eles não levam. Ou, quem sabe, cantar, coisa que eu não faria para a Capital nem em um milhão de anos. Minha mãe tentou fazer com que eu me interessasse por uma variedade de alternativas cabíveis de uma lista que Effie Trinket enviara a ela. Culinária, arranjos florais, tocar flauta. Nenhuma delas deu certo, embora Prim tivesse queda pelas três. Finalmente, Cinna entrou em cena e se ofereceu para me ajudar a desenvolver a paixão que eu tinha por design de roupas, o que requeria de fato certa habilidade, já que era algo completamente inédito. Mas só concordei porque isso significava

poder estar em contato com Cinna, e porque ele prometeu que faria todo o trabalho.

Agora ele está arrumando várias coisas na minha sala: roupas, tecidos e cadernos com desenhos feitos por ele. Pego um dos cadernos e examino um vestido supostamente criado por mim.

– Quer saber, acho até que eu prometo – digo.

– Vista-se, coisinha sem talento – diz ele, jogando vários itens de roupa na minha direção.

Posso não ter nenhum interesse por design de roupas, mas amo as produções que Cinna faz para mim. Como estas. Calças com um caimento perfeito feitas de um material grosso e macio. Uma camisa branca confortável. Um suéter tecido com fios de lã macios verdes, azuis e cinzentos. Botas de couro com cadarço que não pinicam os meus dedos.

– Eu mesma criei o meu traje? – pergunto.

– Não, você espera um dia criar seus trajes e ser como eu, seu herói da moda – diz Cinna. Ele me entrega uma pequena pilha de cartões.

– Você vai ler isso aqui para as câmeras enquanto estiverem filmando as roupas. Tente parecer interessada.

Só então Effie Trinket chega com uma peruca cor de abóbora para lembrar a todos:

– Estamos seguindo o cronograma a contento! – Ela me beija nos dois lados do rosto enquanto acena para a equipe de filmagem, e então me pede para ficar em posição. Effie é a única razão pela qual chegamos pontualmente a qualquer compromisso na Capital, portanto tento seguir suas orientações. Começo a zanzar de um lado para o outro como se fosse uma marionete, segurando roupas e dizendo coisas sem sentido como: "Isso não é o máximo?" A equipe de som grava a leitura que faço dos cartões com uma voz entusiasmada, para inseri-la mais tarde na edição final. Em seguida, sou tirada da sala para que possam filmar em paz as criações feitas por mim/por Cinna.

Prim chegou cedo da escola para o evento. Agora ela está na cozinha sendo entrevistada por outra equipe. Está linda num vestidinho azul-celeste que ressalta seus olhos, seus cabelos louros presos com uma fitinha na mesma cor.

Ela está um pouco curvada para a frente nas botas branquíssimas, como se estivesse a ponto de alçar voo.

Bum! É como se alguém tivesse me dado um soco de verdade no peito. Ninguém fez isso, é claro, mas a dor é tão real que dou um passo para trás. Aperto os olhos e não enxergo Prim – enxergo Rue, a garota de doze anos do Distrito 11 que foi minha aliada na arena. Ela voava como um pássaro, de árvore em árvore, agarrando-se nos galhos mais finos. Rue, que não consegui salvar. Que deixei morrer. Eu a visualizo deitada no chão com a lança ainda cravada no estômago...

Quem mais vou deixar de salvar da vingança da Capital? Quem mais vai ser morto se eu não fizer o que o presidente Snow deseja?

Percebo que Cinna está tentando me vestir com um casaco, então levanto os braços. Sinto o contato com a pele, dentro e fora, encaixando-se contra o meu corpo. Não é de nenhum animal que eu tenha visto antes.

– Arminho – diz ele enquanto toco a manga branca. Luvas de couro. Um cachecol vermelho-vivo. Alguma coisa peluda cobre minhas orelhas. – Você está trazendo os protetores de orelha de volta à moda.

Odeio protetores de orelha, penso. Eles dificultam a audição e, desde que fiquei quase surda de um ouvido devido a uma explosão na arena, gosto menos ainda deles. Depois que venci, a Capital tratou o meu ouvido, mas ainda continuo testando minha capacidade de audição.

Minha mãe chega correndo com alguma coisa na mão.

– Para dar sorte – diz.

É o broche que Madge me presenteou antes de eu ir para os Jogos. Um tordo voando num círculo de ouro. Tentei dá-lo para Rue, mas ela nunca aceitou. Rue dizia que o broche era o motivo pelo qual ela tinha decidido confiar em mim. Cinna o prende no nó do cachecol.

Effie Trinket está por perto, batendo palmas.

– Atenção, pessoal! Vamos fazer nossa primeira tomada externa, onde os vitoriosos cumprimentam uns aos outros no começo de sua maravilhosa viagem. Muito bem, Katniss, dê um sorrisão, você está superentusiasmada, certo? – E não exagero quando digo que ela me empurra porta afora.

Por um instante, não consigo enxergar direito por causa da neve, que agora está caindo intensamente. Então, consigo distinguir Peeta saindo pela porta de sua casa. Na minha cabeça, escuto a ordem do presidente Snow: "*Convença* a mim." E sei que é exatamente isso o que tenho de fazer.

Meu rosto se abre num imenso sorriso quando caminho na direção de Peeta. Então, como se não conseguisse suportar mais um segundo sequer longe dele, começo a correr. Ele me pega e gira o meu corpo no ar e então escorrega – ele ainda não está totalmente acostumado com sua perna artificial – e nós dois caímos na neve, eu por cima dele, e é lá que nos beijamos pela primeira vez em meses. É um beijo cheio de pelo, flocos de neve e batom, mas por baixo de todas essas coisas, sinto a firmeza que Peeta sempre proporciona a tudo. E sei que não estou só. Por mais que o tenha magoado, ele não vai me expor na frente das câmeras. Não vai me condenar com um beijo chocho. Ele ainda está cuidando de mim. Exatamente como fazia na arena. De alguma maneira, esse pensamento me dá vontade de chorar. Em vez disso, eu o ajudo a se levantar, encaixo o meu braço no dele e saímos os dois a caminhar alegremente.

O resto do dia é um borrão na memória: chegar na estação, se despedir de todo mundo, o trem partindo, a velha equipe – Peeta e eu; Effie e Haymitch; Cinna e Portia, a estilista de Peeta – desfrutando de um jantar indescritivelmente delicioso que não consigo me lembrar como era. E então estou vestindo um pijama e um robe muito largo, sentada em meu elegantíssimo compartimento, esperando os outros dormirem. Sei que Haymitch vai ficar acordado por horas e horas. Ele não gosta de dormir quando está escuro.

Quando o trem parece estar quieto, calço a pantufa e vou até o compartimento dele. Preciso bater diversas vezes até ele atender, resmungando, como se tivesse certeza que eu estava trazendo más notícias.

– O que você quer? – diz ele, quase me derrubando com o hálito carregado de vinho.

– Preciso falar com você – sussurro.

– Agora? – diz. E balanço a cabeça em concordância. – É melhor que seja algo bom. – Ele espera, mas tenho certeza de que qualquer palavra proferida por nós em algum trem da Capital está sendo registrada. – E aí?

O trem começa a frear. Por um segundo acho que é o presidente Snow me observando e que, não aprovando o fato de eu estar confiando a informação a Haymitch, tinha decidido me matar agora mesmo. Mas estamos apenas parando para abastecer.

– O trem está abafado demais – digo.

É uma frase totalmente inofensiva, mas vejo os olhos de Haymitch se estreitarem assim que entende a situação.

– Sei do que você precisa. – Ele passa bruscamente por mim e desce o corredor às pressas em direção a uma porta. Quando a abre, depois de um certo esforço, uma rajada de neve nos atinge. Ele salta para o chão.

Um atendente da Capital vem correndo ajudar, mas Haymitch o dispensa educadamente enquanto continua cambaleando na neve.

– Só quero um pouco de ar fresco. É só um minutinho.

– Desculpe. Ele está bêbado – digo. – Vou buscá-lo. – Salto e sigo desajeitadamente atrás dele ao longo da trilha, ensopando minha pantufa de neve, enquanto ele me conduz além do último vagão para não sermos ouvidos. Em seguida, ele se volta para mim.

– O que é?

Conto tudo a ele. Sobre a visita do presidente Snow, sobre Gale, sobre como nós todos vamos morrer caso eu fracasse.

Seu rosto fica sóbrio, adquire um aspecto mais maduro à luz vermelha dos faróis traseiros.

– Então você não pode fracassar.

– Se você pudesse me ajudar a transformar essa viagem num sucesso... – começo.

– Não, Katniss, não é só a viagem – diz ele.

– Como assim? – digo.

– Mesmo que essa viagem seja um sucesso, eles vão voltar daqui a alguns meses para nos levar pros Jogos. Você e Peeta serão mentores agora, todos os anos daqui para a frente. E a cada ano eles vão relembrar o romance e transmitir os detalhes de sua vida privada, e você jamais, em hipótese alguma, será capaz de fazer qualquer outra coisa além de viver feliz para sempre com aquele garoto.

Todo o impacto do que ele está dizendo me atinge em cheio. Jamais terei uma vida com Gale, mesmo que eu queira. Jamais terei permissão para viver sozinha. Terei de estar eternamente apaixonada por Peeta. A Capital exigirá isso. Como ainda tenho dezesseis anos, ainda poderei ficar com minha mãe e com Prim por algum tempo. Mas depois... Mas depois...

– Você compreende o que eu estou dizendo? – ele insiste.

Balanço a cabeça afirmativamente. Ele quer dizer que só há um futuro possível, se eu quiser manter aqueles que amo vivos e permanecer viva. Terei de me casar com Peeta.



Voltamos ao trem em silêncio, com os mesmos passos cambaleantes da ida. No corredor em frente à porta do meu compartimento, Haymitch dá um tapinha no meu ombro e diz:

– Existem opções piores do que se casar com Peeta, sabe. – Então entra em seu compartimento, levando consigo o hálito forte de vinho.

Na minha cabine, retiro a pantufa encharcada, o robe molhado e o pijama. Há outros itens iguais nas gavetas, mas eu apenas rastejo para debaixo das cobertas em cima da cama com a roupa de baixo mesmo. Fixo o olhar na escuridão, pensando em minha conversa com Haymitch. Tudo que ele disse sobre as expectativas da Capital, meu futuro com Peeta e até mesmo seu último comentário, era verdade. É claro que minhas opções podiam ser bem piores do que me casar com Peeta. Mas essa não é exatamente a questão, é? Uma das poucas liberdades que temos no Distrito 12 é o direito de nos casar com quem queremos ou simplesmente não casar e pronto. E agora até isso me foi tirado. Imagino se o presidente Snow ainda vai exigir que a gente tenha filhos. Se a gente tiver, eles terão de enfrentar a colheita ano após ano. E não seria qualquer coisa ver o filho não de um, mas de dois vitoriosos escolhido para a arena. Filhos de vitoriosos já estiveram antes no ringue. Isso sempre proporciona muita excitação e gera muita conversa sobre o azar que acompanha essa determinada família. Mas acontece com muita frequência para ser apenas uma questão de sorte ou azar. Gale está convencido de que a Capital faz isso de propósito, manipula o resultado para acrescentar uma carga extra de

dramaticidade. Tendo em vista todos os problemas que causei, provavelmente garanti que qualquer filho meu estará presente nos Jogos.

Penso em Haymitch solteiro, sem família, tapando o mundo com a bebida. Ele poderia ter escolhido qualquer mulher do distrito. Mas escolheu a solidão. Solidão, não – isso soa tranquilo demais. A coisa é mais um confinamento solitário. Será que foi porque, tendo estado na arena, ele sabia que era melhor não arriscar? Senti o sabor dessa alternativa quando eles cantaram o nome de Prim no dia da colheita e a observei caminhar em direção ao palco e à morte certa. Mas na condição de sua irmã, eu podia tomar o seu lugar, opção proibida para minha mãe.

Minha mente procura freneticamente uma saída. Não posso deixar o presidente Snow me condenar a isso. Mesmo que signifique tirar a minha própria vida. Mas antes disso, tentaria fugir. O que eles fariam se eu simplesmente fugisse? Desaparecesse na floresta e jamais voltasse? Será que eu conseguiria ao menos levar comigo todas as pessoas que amo, começar uma nova vida bem no meio da natureza selvagem? Altamente improvável, porém não impossível.

Balanço a cabeça para me livrar dessa ideia. Não é o momento de ficar fazendo planos mirabolantes de fuga. Preciso focar na Turnê da Vitória. O destino de muitas pessoas depende de eu dar um bom show.

A manhã nasce antes de o sono chegar, e Effie já está batendo na porta. Pego a primeira roupa que encontro em cima da mesinha de cabeceira e me arrasto para o vagão-restaurante. Não vejo que diferença faz acordar, já que essa é uma viagem de um dia inteiro, mas acabo descobrindo que a maquiagem de ontem foi apenas para me levar para a estação. Hoje, vou receber a atenção da minha equipe de preparação.

– Por quê? Está frio demais pra que alguma coisa apareça – resmungo.

– Não no Distrito 11 – diz Effie.

Distrito 11. Nossa primeira parada. Eu preferia começar em qualquer outro distrito, já que era aqui que Rue morava. Mas não é assim que a Turnê da Vitória funciona. Normalmente ela começa no 12 e então passa pelos distritos em ordem decrescente até chegar ao 1, e em seguida vai para a Capital. O distrito do vitorioso é pulado e deixado por último. Como o 12 realiza a

comemoração menos fabulosa de todas – normalmente apenas um jantar para os tributos e um desfile da vitória na praça, onde parece que ninguém se diverte –, provavelmente é melhor nos tirar do caminho o quanto antes. Este ano, pela primeira vez desde que Haymitch venceu, a última parada da turnê será no 12, e a Capital vai bancar as festividades.

Tento desfrutar a comida, como Hazelle disse. O pessoal da cozinha claramente deseja me agradar. Eles prepararam meu prato favorito, cozido de cordeiro com ameixas secas, entre outras guloseimas. Suco de laranja e uma caneca com chocolate fumegante está à minha espera em meu lugar à mesa. Então eu como muito, a refeição é impecável, mas não posso dizer que esteja aproveitando. Também me preocupo com o fato de que ninguém, com exceção de mim mesma e Effie, apareceu para comer.

– Onde estão os outros? – pergunto.

– Ah, quem sabe por onde anda Haymitch? – diz Effie. Eu não estava de fato esperando Haymitch, porque ele provavelmente está indo para a cama agora. – Cinna ficou trabalhando até tarde organizando o seu vagão de enfeites. Ele deve ter mais de cem trajes pra você. Suas roupas de noite são belíssimas. E o pessoal da equipe de Peeta provavelmente ainda está dormindo.

– Ele não precisa de preparação? – pergunto.

– Não do jeito que você precisa – responde Effie.

O que isso significa? Significa que tenho de passar a manhã tendo os pelos do meu corpo arrancados enquanto Peeta dorme. Não tinha pensado muito nisso, mas na arena pelo menos alguns dos garotos ainda tinham pelos no corpo ao passo que nenhuma garota tinha. Consigo me lembrar dos de Peeta agora, enquanto eu o banhava no riacho. Muito louro à luz do sol, assim que a lama e o sangue saíram com a água. Apenas seu rosto permanecia completamente liso. Nenhum dos garotos tinha barba, e muitos já tinham idade para tal. Imagino o que fizeram com eles.

Se eu me sinto arrasada, minha equipe de preparação parece em piores condições, tomando café atrás de café e pílulas coloridas. Até onde sei, eles nunca se levantam antes do meio-dia, a menos que haja alguma espécie de emergência nacional, como os pelos das minhas pernas. Fiquei muito feliz quando eles voltaram a crescer. Como se isso fosse um sinal de que as coisas

talvez estivessem voltando ao normal. Passo os dedos ao longo da penugem macia e encaracolada em minhas pernas e me entrego à equipe de preparação. Nenhum deles está falante como de costume, de modo que consigo ouvir cada fio sendo arrancado do folículo. Tenho de me enfiar numa banheira cheia de uma solução espessa e de cheiro desagradável, enquanto o meu rosto e os meus cabelos são empapados de creme. Dois outros banhos se seguem, com misturas menos agressivas. Sou esfregada, depilada, massageada e umedecida até o meu corpo ficar em carne viva.

Flavius levanta o queixo e suspira:

– É uma pena o Cinna ter dito para não fazer nenhuma alteração em você.

– Pois é, a gente podia fazer uma coisa bem especial em você – diz Octavia.

– Quando ela estiver mais velha – diz Venia de uma maneira quase agourenta. – Aí ele vai ser obrigado a deixar a gente fazer.

Fazer o quê? Encher os meus lábios como fizeram com o presidente Snow? Tatuar os meus seios? Tingir minha pele de magenta e implantar gemas sob a superfície? Esculpir padrões decorativos no meu rosto? Dotar-me de garras curvadas? Ou de bigodes iguais aos de um gato? Vi todas essas coisas e muito mais nas pessoas que vivem na Capital. Será que elas realmente não fazem a menor ideia de como a sua aparência fica monstruosa para as outras pessoas?

A ideia de ficar entregue aos caprichos estilísticos da minha equipe de preparação só faz aumentar ainda mais as misérias que competem pela minha atenção – meu corpo vítima de abuso, minha falta de sono, meu casamento obrigatório e o terror de ser incapaz de satisfazer as demandas do presidente Snow. Quando me apresento para o almoço, onde Effie, Cinna, Portia, Haymitch e Peeta já começaram a comer sem mim, já estou me sentindo pesada demais para conversar. Eles estão animadíssimos, falando sobre a comida e sobre como costumam dormir bem em trens. Todos estão bastante entusiasmados com a turnê. Bom, todos exceto Haymitch. Ele está curtindo uma ressaca e mordendo um *muffin*. Eu também não estou exatamente com fome, talvez porque tenha me empanturrado demais de coisas deliciosas no café da manhã ou porque esteja triste demais. Fico remexendo uma tigela de caldo, comendo apenas uma colher ou duas. Não consigo nem olhar para a

cara de Peeta – o marido que me foi designado –, embora saiba que nada disso é culpa dele.

As pessoas reparam, tentam me colocar no meio da conversa, mas eu simplesmente as ignoro. Em determinado momento, o trem para. A pessoa que está nos servindo relata que a parada não é apenas para abastecer – alguma parte do trem apresentou defeito e precisa ser substituída. Será necessária pelo menos uma hora para o conserto. A informação deixa Effie agitada. Ela pega o cronograma e começa a tentar entender como o atraso vai atrapalhar todos os eventos até o fim de nossas vidas. Finalmente, não consigo ouvir mais uma palavra sequer do que ela está falando.

– Ninguém se importa, Effie – rebato. Todos à mesa me encaram surpresos, inclusive Haymitch, que seria de se imaginar que ficaria do meu lado nesse assunto, já que Effie o enlouquece. Coloco-me imediatamente na defensiva. – Bom, ninguém se importa mesmo! – digo, levantando e saindo do vagão-restaurante.

O trem subitamente parece sufocante e fico completamente enjoada. Encontro a saída, abro a porta com força – desencadeando uma espécie de alarme, que ignoro – e salto para fora na esperança de aterrissar na neve. Mas o contato do ar na minha pele é quente e agradável. As árvores ainda estão com folhas verdes. Quantos quilômetros em direção ao sul percorremos em um dia? Caminho ao longo de uma trilha, estreitando os olhos para o brilho intenso da luz do sol, já lamentando as palavras ditas a Effie. Ela não é a culpada pelo meu sofrimento. Deveria voltar e pedir desculpas a ela. Minha explosão foi o cúmulo da falta de educação, e boa educação é algo tremendamente importante para ela. Mas meus pés continuam ao longo da trilha, ultrapassam o trem, deixam-no para trás. Uma hora de atraso. Posso andar pelo menos durante vinte minutos em qualquer direção e retornar com tempo suficiente. Em vez disso, após uns duzentos metros, desabo no chão e fico lá sentada olhando ao longe. Se tivesse um arco e flecha comigo, será que continuaria andando?

Depois de um tempo, ouço passos atrás de mim. Deve ser Haymitch, vindo para me chamar a atenção. Sei que mereço, mas mesmo assim não estou disposta a ouvir a reprimenda.

– Eu não estou com saco para ouvir lição de moral – vou logo avisando, olhando para o gramado aos meus pés.

– Vou tentar ser rápido. – Peeta se senta ao meu lado.

– Pensei que fosse o Haymitch – digo.

– Não, ele ainda está concentrado naquele *muffin*. – Observo Peeta posicionar sua perna artificial. – O dia está difícil, hein?

– Não é nada – digo.

Ele respira fundo.

– Escuta aqui, Katniss, faz tempo que estou a fim de conversar com você sobre a maneira como me comportei no trem. Estou me referindo àquele último trem. O que trouxe a gente de volta. Eu sabia que você tinha alguma coisa com Gale. Eu tinha ciúmes dele antes mesmo de conhecer você oficialmente. E não era justo prender você ao que quer que tenha havido nos Jogos. Peço desculpas.

O pedido de desculpas dele me pega de surpresa. É verdade que Peeta se afastou de mim depois que confessei que o meu amor por ele durante os Jogos era apenas uma encenação. Mas não cobro isso dele. Na arena, desempenhei o papel romântico em todos os sentidos. Havia momentos em que eu francamente não sabia o que sentia por ele. E, na verdade, ainda não sei.

– Eu também peço desculpas – digo. Não tenho certeza do motivo exatamente. Talvez porque haja uma possibilidade efetiva de estar a ponto de destruí-lo.

– Você não tem por que pedir desculpas. Você estava apenas nos mantendo vivos. Mas não quero que a gente continue assim, ignorando um ao outro na vida real e caindo na neve todas as vezes que tem uma câmera por perto. Aí pensei que se parasse de agir como se estivesse tão, enfim, magoado, a gente podia tentar ser amigos – diz ele.

Todos os meus amigos provavelmente acabarão mortos, mas recusar o pedido de Peeta não iria mantê-lo seguro.

– Tudo bem – digo. A oferta dele faz com que eu me sinta melhor. Menos enganadora, de uma forma ou de outra. Seria legal se ele tivesse me dito isso há mais tempo, antes que eu soubesse que o presidente Snow tinha outros planos

e que ser apenas amigos não era mais opção para nenhum dos dois. Mas, de um jeito ou de outro, estou contente de estarmos conversando novamente.

– E aí, qual é o problema? – pergunta ele.

Eu não posso contar para ele. Agarro um punhado de grama.

– Vamos começar com uma coisa mais básica. Não é estranho eu saber que você arriscaria a sua vida para salvar a minha... e ao mesmo tempo não saber qual é a sua cor favorita? – diz ele.

Um sorriso se forma em meus lábios.

– Verde. E a sua?

– Laranja.

– Laranja? Como os cabelos de Effie? – digo.

– Um pouco menos intenso – diz ele. – É mais tipo... o pôr do sol.

O pôr do sol. Consigo vê-lo imediatamente, a borda do sol se pondo, o céu estriado com suaves sombras alaranjadas. Lindo. Lembro-me do biscoito de lírio-tigrino e, agora que Peeta está novamente falando comigo, lembrar do biscoito é tudo o que consigo fazer para não contar a história toda do presidente Snow. Mas sei que Haymitch não iria gostar que eu fizesse isso. É melhor continuar falando besteiras.

– Sabia que todo mundo fala maravilhas das suas pinturas? Eu acho muito chato não ter visto nenhuma delas – digo.

– Bom, tenho um vagão inteiro cheio delas. – Ele se levanta e me oferece a mão. – Vamos lá.

É bom sentir os dedos dele novamente entrelaçados nos meus, não para um show, mas em função de uma amizade real. Caminhamos de volta ao trem de mãos dadas. Na porta, eu me lembro:

– Antes de mais nada preciso pedir desculpas a Effie.

– Não tenha medo de exagerar nessa parte – Peeta me diz.

Então, quando volto para o vagão-restaurante, onde os outros ainda estão almoçando, faço um pedido de desculpas a Effie que me parece efusivo, mas que na opinião dela provavelmente consegue apenas compensar a minha falta de etiqueta. Sendo justa, Effie aceita as desculpas graciosamente. Ela diz que está claro que estou sob muita pressão. E seus comentários acerca da

necessidade de *alguém* cumprir o cronograma duram apenas uns cinco minutos. Escapei dessa com facilidade, para ser sincera.

Quando Effie termina, Peeta me conduz através de alguns vagões para que eu veja suas pinturas. Não sei o que esperava. Versões maiores dos biscoitos de flor, quem sabe. Mas o que encontro é algo totalmente diferente. Peeta pintou os Jogos.

Algumas cenas são impossíveis de serem compreendidas de imediato, se a pessoa que está vendo não esteve ela própria na arena. Água pingando pelas rachaduras em nossa caverna. O leito seco da fonte. Um par de mãos, as dele, cavando em busca de raízes. Outras, qualquer pessoa reconheceria. O chifre dourado chamado Cornucópia. Clove arrumando as facas em sua jaqueta. Um dos bestantes, inquestionavelmente o louro de olhos verdes que só podia ser Glimmer, rosnando enquanto avançava sobre nós. E eu. Estou por toda parte. No alto de uma árvore. Batendo uma camisa contra as pedras no riacho. Deitada inconsciente numa piscina de sangue. E uma que não consigo situar – talvez essa tenha sido a minha aparência quando a febre dele estava alta –, emergindo de uma névoa cinza que combina perfeitamente com os meus olhos.

– O que você acha? – pergunta ele.

– Odeio tudo isso – digo. Quase consigo sentir o cheiro de sangue, a sujeira, a respiração artificial do bestante. – A única coisa que faço atualmente é tentar esquecer a arena e aí você traz tudo aquilo de volta. Como é que você se lembra de todos esses detalhes?

– Eu vejo essas cenas todas as noites.

Sei o que ele quer dizer. Pesadelos – que antes dos Jogos não me eram estranhos – agora me assolam assim que adormeço. Mas aquele mais antigo, o de meu pai indo pelos ares nas minas por causa de uma explosão, atualmente é raro. Em vez dele, tenho revivido versões do que aconteceu na arena. Minha tentativa infrutífera de salvar Rue. Peeta sangrando até a morte. O corpo inchado de Glimmer desintegrando-se em minhas mãos. O fim horrendo de Cato nas garras dos bestantes. Esses sãos os meus visitantes mais frequentes.

– Eu também. Isso ajuda alguma coisa? Pintar essas cenas todas?

– Não sei. Acho que estou com um pouco menos de medo de dormir à noite, ou pelo menos é isso que digo para mim mesmo – responde ele. – Mas eles não foram embora.

– De repente eles nunca vão mesmo. Os de Haymitch não foram. – Haymitch não diz isso, mas tenho certeza de que é por isso que ele não gosta de dormir no escuro.

– Não. Mas pra mim é melhor acordar com uma pintura do que com uma faca na mão – diz ele. – Quer dizer então que você realmente odiou os quadros?

– Odiei. Mas eles são extraordinários. São mesmo – respondo. E realmente são. Mas não quero mais olhar para eles. – Quer ver o meu talento? Cinna fez um grande trabalho.

Peeta ri.

– Mais tarde. – O trem avança, e consigo ver a terra se movendo pela janela. – Vamos lá, estamos quase chegando no Distrito 11. Vamos dar uma olhada.

Andamos até o último vagão do trem. Há cadeiras e sofás para nos sentarmos, mas o que é maravilhoso é que as janelas traseiras sobem até o teto, de modo que você tem a nítida sensação de que está a céu aberto, no ar fresco, e você consegue ver uma boa parte da paisagem. Imensos campos abertos com manadas de vacas leiteiras pastando. Tão diferente de nosso lar cheio de árvores. A velocidade diminui ligeiramente e acho que talvez estejamos nos aproximando de mais uma parada, quando uma cerca se ergue diante de nós. Com pelo menos dez metros de altura e dotada de sinistros rolos de arame farpado no topo, ela faz a nossa cerca do Distrito 12 parecer coisa de criança. Meus olhos inspecionam rapidamente a base, que contém enormes placas de metal alinhadas. Há poucas chances de se cavar um buraco, poucas chances de uma escapada para caçar. Então vejo as torres de vigilância, situadas com a mesma distância umas das outras, recheadas de guardas armados, tão deslocadas em meio às flores silvestres em torno delas.

– Aquilo ali é uma coisa bem diferente – diz Peeta.

Rue me deu a impressão de que as regras no Distrito 11 eram impostas de uma maneira mais dura. Mas nunca imaginei nada parecido com isso.

Agora começam a aparecer os campos cultiváveis, que se estendem até onde a vista alcança. Homens, mulheres e crianças usando chapéus de palha para se proteger do sol erguem seus troncos, viram-se em nossa direção, perdem um momento esticando as costas enquanto observam a passagem de nosso trem. Consigo ver pomares ao longe, e imagino se esse é o local onde Rue trabalhava, colhendo as frutas dos galhos mais finos no topo das árvores. Pequenas comunidades de casebres – em comparação com as da Costura, elas poderiam ser consideradas de alta categoria – surgem aqui e ali, mas estão completamente vazias. Todas as mãos devem ser necessárias na colheita.

Os campos são intermináveis. Não consigo acreditar no tamanho do Distrito 11.

– Quantas pessoas você acha que vivem aqui? – pergunta Peeta. Balanço a cabeça em negativa. Na escola se referem a ele como um distrito grande, e é só. Nenhum número real a respeito da população. Mas essas crianças que nós vemos na câmera, esperando a colheita a cada ano, só podem ser uma pequena amostra dos que realmente habitam o distrito. O que eles fazem? Convocações preliminares? Pegam os vencedores antes do tempo e garantem a presença deles na multidão? Como exatamente Rue acabou naquele palco com nada além do vento se oferecendo para lhe substituir?

Começo a me cansar da vastidão, da interminável vastidão desse lugar. Quando Effie vem nos dizer que está na hora de nos vestirmos, não me oponho. Vou para o meu compartimento e deixo a equipe de preparação fazer o meu cabelo e a maquiagem. Cinna entra com um vestido laranja bonitinho, adornado com folhas de outono. Imagino o quanto Peeta vai gostar da cor.

Effie me coloca junto a Peeta e recapitula a programação do dia uma última vez. Em alguns distritos, os vitoriosos percorrem a cidade enquanto os residentes dão os vivas. Mas no 11 – talvez porque não haja exatamente uma cidade para começo de conversa, tudo sendo tão espalhado, ou talvez porque eles não queiram desperdiçar tantas pessoas enquanto a colheita está em curso – a aparição em público limita-se à praça. A cerimônia acontece em frente ao Edifício da Justiça, uma enorme estrutura de mármore. No passado, deve ter sido uma construção bonita, mas o tempo já cobrou seu preço. Mesmo na televisão, é possível ver as trepadeiras tomando conta da fachada prestes a

desmoronar e o telhado quase despencando. A praça em si está rodeada de lojas em péssimo estado de conservação, a maioria abandonada. Onde quer que morem os bem de vida no Distrito 11, certamente não é aqui.

Nossa apresentação pública será inteiramente ao ar livre, no que Effie se refere como a varanda, o espaço coberto de telhas entre as portas da frente e a escada, protegido do sol por um telhado amparado por colunas. Peeta e eu seremos apresentados, o prefeito do Distrito 11 lerá um discurso em nossa homenagem, e nós responderemos com um muito obrigado escrito à mão fornecido pela Capital. Se um vitorioso tinha algum aliado especial entre os tributos mortos, é considerado de bom-tom acrescentar alguns comentários pessoais. Eu deveria dizer alguma coisa a respeito de Rue, e também de Thresh, na realidade, mas todas as vezes que tentei escrever sobre eles em casa, acabei com um papel em branco me encarando de volta. É difícil para mim falar sobre eles sem me emocionar. Felizmente, Peeta preparou uma coisinha e, com algumas leves alterações, o texto pode servir para nós dois. Ao fim da cerimônia, receberemos uma espécie de placa, e então poderemos nos retirar para o Edifício da Justiça, onde um jantar especial será servido.

Quando o trem começa a parar na estação do Distrito 11, Cinna faz os últimos retoques no meu traje, mudando a faixa de cabelo cor de laranja por uma em tom dourado metálico e prendendo em meu vestido o broche com o tordo que eu usava na arena. Não há nenhum comitê de boas-vindas na plataforma, apenas um esquadrão de oito Pacificadores que nos dirigem ao interior de um caminhão blindado. Effie torce o nariz assim que a porta se fecha atrás de nós.

– Dá até pra achar que somos todos criminosos – diz ela.

Todos não, Effie. Só eu, penso.

O caminhão nos deixa nos fundos do Edifício da Justiça. Somos levados para dentro apressadamente. Sinto o cheiro de uma excelente refeição sendo preparada, mas ele não bloqueia os odores de mofo e podridão. Não nos oferecem tempo algum para darmos uma olhada ao redor. Quando nos dirigimos rapidamente para a entrada da frente, ouço o hino começando a tocar na praça. Alguém prende um microfone em mim. Peeta pega minha mão

esquerda. O prefeito está nos apresentando no exato instante em que as maciças portas se abrem com um gemido.

– Olha o sorriso! – diz Effie, e nos dá uma cutucada. Nossos pés começam a se mover para a frente.

É isso. É aqui que tenho de convencer a todos de como estou apaixonada por Peeta, penso. A cerimônia solene está muito bem-mapeada, de modo que não tenho muita certeza de como fazer isso. Não é um momento propício para um beijo, mas talvez eu consiga arranjar um jeito.

Aplausos calorosos se seguem, mas nada parecido com as reações que recebemos na Capital, os vivas e gritos entusiasmados e assovios. Atravessamos a varanda protegida do sol até o fim do telhado e logo estamos em pé no topo de uma grande escadaria de mármore sob um sol fortíssimo. À medida que meus olhos vão se ajustando, vejo que os prédios na praça possuem vários cartazes pendurados que ajudam a cobrir o estado de abandono em que eles se encontram. O local está cheio de gente mas, novamente, isso significa apenas uma fração do número de pessoas que ali residem.

Como de costume, uma plataforma especial foi construída na base do palco para as famílias dos tributos mortos. Do lado de Thresh há apenas uma mulher idosa com as costas curvadas e uma garota alta e musculosa que imagino ser a irmã dele. Do lado de Rue... não estou preparada para a família de Rue. Seus pais, cujos rostos ainda demonstram os sinais da tristeza recente. Seus cinco irmãos menores que se parecem tanto com ela. Os portes leves, os luminosos olhos castanhos. Eles formam um aglomerado de pequenos pássaros escuros.

O aplauso cessa e o prefeito faz o discurso em nossa homenagem. Duas menininhas aparecem com enormes buquês de flores. Peeta faz a sua parte da resposta manuscrita e, então, eu surpreendo meus próprios lábios concluindo o texto. Felizmente, minha mãe e Prim ensaiaram bastante comigo para que eu pudesse fazer a leitura de cor.

Peeta escreveu seus comentários em um cartão, mas ele não o pega. Ao contrário, fala com seu estilo simples e vitorioso sobre Thresh e Rue chegando entre os oito finalistas, sobre como ambos me mantiveram viva – portanto, mantendo-o vivo – e sobre como isso é uma dívida que nós jamais poderemos ressarcir. E então ele hesita antes de acrescentar algo que não estava escrito no

cartão. Talvez, porque ele pensasse que Effie pudesse obrigá-lo a retirar caso soubesse.

– Isso não tem como substituir as perdas de vocês, mas, como símbolo de nosso agradecimento, gostaríamos que as famílias dos tributos do Distrito 11 recebessem um mês de nossos ganhos a cada ano enquanto estivermos vivos.

A multidão só consegue reagir com arquejos e murmúrios. Não há nenhum precedente para o que Peeta fez. Nem sei se isso é legal. Provavelmente nem ele sabe, portanto ele resolveu não perguntar, para o caso de não ser. Quanto às famílias, elas simplesmente olham fixamente para nós em estado de choque. As vidas delas foram mudadas para sempre quando Thresh e Rue faleceram, mas esse presente efetivará uma nova mudança. Um mês de ganho de um tributo vitorioso pode facilmente sustentar uma família por um ano. Enquanto estivermos vivos, eles não passarão fome.

Olho para Peeta, que me oferece um sorriso triste. Ouço a voz de Haymitch. – *Existem opções piores do que se casar com Peeta*. – Naquele momento, é impossível imaginar como eu poderia arranjar alguém melhor do que ele. O momento... é perfeito. Então, quando me levanto na ponta dos pés para beijá-lo, o gesto não parece nem um pouco forçado.

O prefeito dá um passo à frente e presenteia a ambos com uma placa que é tão grande que preciso baixar o meu buquê para segurá-la. A cerimônia está para terminar quando reparo em uma das irmãs de Rue olhando para mim. Ela deve ter mais ou menos nove anos e é quase uma cópia exata de Rue, até no jeito de ficar de pé com os braços ligeiramente estendidos. Apesar das boas notícias a respeito dos ganhos, ela não está feliz. Na realidade, está parecendo recriminar alguma coisa. Será porque eu não salvei Rue?

Não. É porque ainda não agradeci a ela, penso.

Uma onda de vergonha percorre todo o meu corpo. A menina está certa. Como é que posso ficar ali parada, passiva e muda, deixando todas as palavras ao encargo de Peeta? Se tivesse vencido, Rue jamais teria deixado a minha morte passar em branco. Lembro de como cuidei, na arena, para que ela ficasse coberta de flores, para garantir que a perda dela não passasse despercebida. Mas aquele gesto não vai significar coisa alguma se eu não o sustentar agora.

– Esperem! – Dou um passo à frente desajeitadamente, pressionando a placa contra meu peito. O tempo que me foi designado para falar chegou e passou, mas preciso falar algo. Minhas dívidas são grandes. E mesmo que eu tivesse prometido todos os meus ganhos para as famílias, isso não seria uma desculpa para o meu silêncio hoje. – Esperem, por favor.

Eu não sei como começar, mas assim que começo, as palavras jorram da minha boca como se estivessem sendo formadas no fundo da minha mente há bastante tempo:

– Desejo transmitir meus agradecimentos aos tributos do Distrito 11. – Olho para a dupla de mulheres do lado de Thresh. – Só falei com Thresh uma única vez. Tempo suficiente para que ele poupasse a minha vida. Não o conhecia, mas sempre o respeitei. Pelo poder que ele tinha. Por sua recusa em disputar os Jogos em quaisquer termos que não fossem os dele. Os Carreiristas queriam se associar a ele desde o início, mas ele jamais aceitou a parceria. Eu o respeitava por isso.

Pela primeira vez, a senhora corcunda – será a avó de Thresh? – levanta a cabeça e um rastro de sorriso surge em seus lábios.

A multidão ficou em silêncio, em um silêncio tão grande que imagino como é que eles vão lidar com isso. Devem estar todos prendendo a respiração.

Volto-me para a família de Rue.

– Mas tenho a sensação de ter conhecido Rue, e ela vai estar sempre comigo. Todas as coisas bonitas fazem com que eu me lembre dela. Eu a vejo nas flores amarelas que crescem na Campina perto de minha casa. Eu a vejo nos tordos que cantam nas árvores. Mas, acima de tudo, eu a vejo em minha irmã, Prim. – Minha voz falha, mas estou quase terminando. – Obrigada por suas crianças. – Levanto o queixo para me dirigir à multidão. – E obrigada a todos vocês pelo pão.

Fico lá parada, sentindo-me arrasada e minúscula, com milhares de olhos fixos sobre mim. Há uma longa pausa. Então, de algum lugar na multidão, alguém assobia a melodia de quatro notas dos tordos que Rue cantava. A que sinalizava o fim do dia de trabalho nos pomares. A que significava segurança na arena. No fim da melodia, encontro a pessoa que está assobiando, um homem

idoso desgastado pelo tempo vestindo uma camisa vermelha desbotada e macacão. Seus olhos encontram os meus.

O que acontece em seguida não é um acidente. É muito bem-executado para ser algo espontâneo, porque acontece em total sincronia. Todas as pessoas na multidão pressionam os três dedos médios de suas mãos esquerdas contra os lábios e os estendem na minha direção. É o nosso sinal no Distrito 12, o último adeus que dei a Rue na arena.

Se eu não tivesse falado com o presidente Snow, esse gesto talvez me levasse às lágrimas. Mas com suas recentes ordens para acalmar os distritos ainda frescas em meus ouvidos, a manifestação me enche de pavor. O que ele vai pensar dessa saudação pública à garota que desafiou a Capital?

O impacto do que acabei de fazer me atinge em cheio. Não foi intencional – quis apenas expressar os meus agradecimentos –, mas acabei provocando uma coisa perigosa. Um ato de discordância das pessoas do Distrito 11. É exatamente esse tipo de coisa que eu deveria estar desencorajando!

Tento pensar em algo a dizer que pudesse diminuir o impacto do que acabou de acontecer, que pudesse negar a manifestação, mas ouço uma leve estática indicando que o meu microfone foi cortado e que o prefeito reassumiu o controle da cerimônia. Peeta e eu agradecemos uma última rodada de aplausos. Ele me conduz de volta à porta, sem saber que alguma coisa deu errado.

Tenho uma sensação engraçada e preciso parar por um momento. Pedacinhos de luz do sol dançam diante de meus olhos.

– Você está se sentindo bem? – pergunta Peeta.

– Só um pouco tonta. O sol está forte demais – digo. Vejo o buquê na mão dele. – Esqueci minhas flores – murmuro.

– Eu pego – diz ele.

– Pode deixar.

Estaríamos seguros no interior do Edifício de Justiça nesse momento se eu não tivesse parado, se não tivesse esquecido as flores. Em vez disso, da zona profundamente sombreada da varanda, nós vemos a coisa toda acontecer.

Um par de Pacificadores arrastando o homem idoso que assobiara em direção ao topo da escada. Forçando-o a se ajoelhar diante da multidão. E

colocando uma bala em sua cabeça.



O homem acaba de desabar no chão quando uma parede de uniformes brancos de Pacificadores bloqueia a nossa visão. Vários soldados estão com armas automáticas em punho nos empurrando de volta à porta.

– Estamos indo! – diz Peeta, empurrando o Pacificador que está me pressionando. – Nós já entendemos, beleza? Vamos lá, Katniss. – Ele me abraça e me guia de volta ao Edifício de Justiça. Os Pacificadores seguem um ou dois passos atrás de nós. Assim que chegamos ao interior do prédio, as portas são fechadas e ouvimos as botas dos Pacificadores se dirigindo de volta à multidão.

Haymitch, Effie, Portia e Cinna esperam embaixo da tela cheia de estática que está montada na parede, seus rostos tensos devido à ansiedade.

– O que aconteceu? – Effie se apressa a perguntar. – A imagem saiu do ar logo depois do lindo discurso de Katniss, e então Haymitch disse que teve a impressão de ter ouvido um tiro, e eu disse que isso era ridículo, mas quem sabe? Tem lunático por tudo quanto é canto!

– Não aconteceu nada, Effie. Foi o motor de um caminhão velho que explodiu – diz Peeta, tranquilo.

Mais dois tiros. A porta não abafa muito bem o som. Quem foi agora? A avó de Thresh? Uma das irmãs de Rue?

– Vocês dois. Venham comigo – diz Haymitch. Peeta e eu o seguimos, deixando os outros para trás. Os Pacificadores que estão estacionados ao redor do Edifício da Justiça dão pouca importância aos nossos movimentos agora que estamos em segurança no interior do prédio. Subimos uma magnífica escadaria de mármore em curva. No topo, há um longo corredor com um carpete puído.

Portas duplas estão abertas, nos dando as boas-vindas ao interior da primeira sala que encontramos. O teto deve ficar a uns seis metros de altura. Desenhos de frutas e flores estão esculpidos no friso, e crianças pequenas e gorduchas com asas olham para nós de cada ângulo da sala. Vasos de flores exalam um aroma doce que me dá coceira nos olhos. Nossos trajes de gala estão pendurados na parede. Essa sala foi preparada para nosso uso, mas o tempo que ficamos aqui mal é suficiente para deixarmos nossos presentes. Então Haymitch arranca os microfones de nossos peitos, enfia-os debaixo da almofada de um sofá e acena para nós.

Até onde sei, Haymitch só esteve ali uma única vez, quando participou de sua própria Turnê da Vitória décadas atrás. Mas ele deve ter uma memória fantástica ou instintos confiáveis, porque nos conduz através de um emaranhado de escadarias tortuosas e corredores cada vez mais estreitos. Às vezes, ele para e força alguma porta. Pelo chiado de protesto das dobradiças dá para dizer que faz um bom tempo que ela não é aberta. Por fim, subimos uma escada que dá num alçapão. Quando Haymitch empurra a porta para o lado, entramos no domo do Edifício da Justiça. É um lugar imenso, cheio de móveis quebrados, pilhas de livros, escadas de biblioteca e armas enferrujadas. A poeira não é retirada há anos. A luz luta para penetrar no ambiente através de quatro janelas quadradas encardidas em cada lado do domo. Haymitch dá um chute no alçapão e se vira para nós.

– O que aconteceu? – pergunta ele.

Peeta relata tudo o que ocorreu na praça. O assobio, a saudação, nossa hesitação na varanda, o assassinato do velho.

– Haymitch, o que está acontecendo?

– Vai ser melhor você mesma falar – diz Haymitch para mim.

Eu discordo. Acho que vai ser cem vezes pior se eu mesma falar. Mas conto tudo a Peeta com o máximo de calma que consigo reunir. Sobre o presidente Snow, a inquietação nos distritos. Não omito nem mesmo o beijo de Gale. Exponho os detalhes de como todos estamos em perigo, de como o país inteiro está em perigo por causa do meu truque com as amoras.

– Era para eu consertar as coisas nessa turnê. Fazer todo mundo acreditar que agi por amor. Acalmar os ânimos. Mas, obviamente, tudo o que fiz hoje foi

deixar três pessoas mortas, e agora todo mundo na praça vai ser punido. – Sinto-me tão mal que sou obrigada a sentar no sofá, apesar das molas e do estofo expostos.

– Aí eu também acabei piorando as coisas. Dando o dinheiro – diz Peeta. De repente ele dá um soco num abajur precariamente colocado em cima de um engradado e o objeto voa pela sala despedaçando-se no chão. – Isso precisa acabar. Agora. Esse... esse... joguinho de vocês dois ficarem contando segredos um para o outro e escondendo de mim como se eu fosse uma pessoa inconsequente, ou idiota ou fraca demais pra lidar com eles.

– Não é bem assim, Peeta... – começo.

– É exatamente assim! – ele berra. – Também tenho várias pessoas de quem gosto, Katniss! Família e amigos no Distrito 12 que vão morrer exatamente como as de que você gosta se a gente não resolver isso aqui. Quer dizer então que, depois de tudo o que a gente passou na arena, não tenho nem o direito de ouvir a verdade de você?

– Você é sempre tão confiável e uma pessoa tão boa, Peeta – diz Haymitch –, e ainda por cima tão inteligente ao se colocar diante das câmeras que nem passou pela minha cabeça perturbar essa harmonia.

– Bom, você me superestimou. Porque eu realmente fiz uma besteira imensa hoje. O que você acha que vai acontecer com os membros das famílias de Rue e Thresh? Você acha que vão receber a parte que merecem de nossos ganhos? Você acha que dei a eles um futuro brilhante? Porque acho que eles vão ter sorte se sobreviverem a esse dia! – Peeta joga mais uma coisa pelos ares, uma estátua dessa vez. Eu nunca o vi se comportar dessa maneira.

– Ele tem razão, Haymitch – digo. – Nós erramos em não contar tudo pra ele. Mesmo lá na Capital.

– Mesmo na arena, vocês dois tinham uma espécie de sistema montado, não tinham? – pergunta Peeta. A voz dele está mais calma agora. – Uma coisa da qual eu não fazia parte.

– Não. Não oficialmente. Eu só conseguia saber o que Haymitch queria que eu fizesse a partir das coisas que ele enviava, ou não enviava – digo.

– Bom, eu nunca tive essa oportunidade. Porque ele nunca me enviou nada até você aparecer – diz Peeta.

Eu não tinha pensado muito sobre isso. Qual deve ter sido a perspectiva de Peeta quando apareci na arena com um remédio para queimaduras e pão ao passo que ele, que estava à beira da morte, não tinha recebido nada. Era como se Haymitch estivesse me mantendo viva e deixando ele morrer.

– Veja bem, garoto... – começa Haymitch.

– Não precisa se preocupar, Haymitch. Sei que você precisava escolher um de nós. E eu também queria que ela tivesse sido a escolhida. Mas isto aqui é diferente. Há pessoas mortas lá fora. E mais pessoas vão morrer a menos que a gente trabalhe muito bem. Todos sabemos que sou melhor do que Katniss na frente das câmeras. Ninguém precisa me dizer o que tenho que falar. Mas preciso saber no que estou me metendo – diz Peeta.

– De agora em diante, você será informado de tudo – promete Haymitch.

– Acho bom – diz Peeta. Ele nem se dá o trabalho de olhar para mim antes de sair.

A poeira que levantou fica pairando no ar à procura de novos lugares onde pousar. Meus cabelos, meus olhos, meu broche de ouro brilhante.

– Você me escolheu, Haymitch? – pergunto.

– Escolhi, sim – diz ele.

– Por quê? Você gosta mais dele.

– É verdade. Mas lembre-se, até eles mudarem as regras, a minha única esperança era tirar um de vocês de lá com vida – responde ele. – Pensei que, já que ele estava tão decidido a te proteger, bom, cá entre nós três, talvez nós conseguíssemos trazer você para casa.

– Ah. – É tudo o que consigo dizer.

– Você vai ver as escolhas que terá de fazer. Se a gente sobreviver a isso – diz Haymitch –, você vai aprender.

Bom, uma coisa eu aprendi hoje. Esse lugar não é uma versão maior do Distrito 12. Nossa cerca não é vigiada e quase nunca está eletrificada. Nossos Pacificadores não são bem-vindos, mas também não são tão brutais. Nossas dificuldades cotidianas evocam mais fadiga do que fúria. Aqui no 11, eles sofrem muito mais agudamente e sentem um desespero muito maior. O presidente Snow está certo. Uma fagulha poderia ser suficiente para inflamá-los.

As coisas estão acontecendo com muita rapidez para que eu consiga processar tudo. O aviso, os tiros, o reconhecimento de que posso ter iniciado alguma coisa que terá grandes consequências. Tudo isso é improvável demais. E uma coisa seria eu ter planejado criar uma agitação tão grande, mas dadas as circunstâncias... como foi que consegui causar tanto problema?

– Vamos. A gente precisa participar do jantar – diz Haymitch.

Fico debaixo do chuveiro o tempo que me é permitido e em seguida saio para ser arrumada. A equipe de preparação parece indiferente aos eventos do dia. Estão todos excitadíssimos com o jantar. Nos distritos, eles são suficientemente importantes para participar, ao passo que na Capital quase nunca recebem convites para as festas mais prestigiosas. Enquanto tentam adivinhar quais pratos serão servidos, não paro de ver o tiro estourando os miolos do idoso. Nem presto atenção ao que estão fazendo comigo até quase o momento de sair, quando finalmente me olho no espelho. Um vestido rosa-chá sem alça roça os meus sapatos. Meus cabelos estão presos atrás da cabeça e caem pelas costas numa chuva de anéis.

Cinna aparece atrás de mim e coloca um resplandecente xale prateado em meus ombros. Ele me olha no espelho.

– Gosta?

– É lindo. Como sempre – digo.

– Vamos ver como é que ele fica com um sorriso – diz ele delicadamente. É a senha para me alertar que em um minuto as câmeras estarão de volta. Dou um jeito de erguer os cantos dos lábios. – Lá vamos nós.

Quando nos reunimos para descer para o jantar, dá para ver que Effie está irritada. Certamente, Haymitch não contou para ela o que aconteceu na praça. Não ficaria surpresa se Cinna e Portia soubessem, mas ao que parece existe um acordo tácito para que Effie fique fora do circuito das más notícias. Mas não demora muito até que o problema apareça.

Effie recapitula o cronograma da noite e em seguida o joga para o lado.

– E então, graças a Deus, vamos entrar naquele trem e dar o fora daqui – diz ela.

– Algo errado, Effie? – pergunta Cinna.

– Não gosto do jeito como a gente tem sido tratado. Jogados dentro de caminhões sem poder pisar na plataforma. E depois, mais ou menos uma hora atrás, decidi dar uma olhada em volta do Edifício da Justiça. Vocês sabem que sou meio especialista em arquitetura.

– Ah, sim, ouvi falar – diz Portia, antes que a pausa ficasse longa demais.

– Então, estava apenas dando uma olhadinha ao redor porque as ruínas dos distritos vão dar o que falar esse ano, quando dois Pacificadores apareceram e me mandaram voltar aos meus aposentos. Um deles inclusive encostou a arma em mim! – diz Effie.

Não consigo parar de pensar que isso foi o resultado direto de Haymitch, Peeta e eu termos desaparecido no início do dia. É reconfortante, na verdade, pensar que Haymitch talvez tenha agido de modo correto. Que ninguém estaria monitorando o domo empoeirado onde nós conversamos. Embora eu aposte que agora estejam.

Effie parece tão perturbada que eu a abraço espontaneamente.

– Que coisa horrível, Effie. De repente seria melhor a gente nem ir a esse jantar. Pelo menos até eles pedirem desculpas. – Sei que ela jamais concordaria com isso, mas seu estado de espírito melhora consideravelmente diante da sugestão, diante do reconhecimento de sua reclamação.

– Não, eu consigo. É parte do meu trabalho lidar com os altos e baixos. E a gente não pode deixar vocês dois perderem o jantar – diz ela. – Mas obrigada pela sugestão, Katniss.

Effie nos coloca em formação para a entrada. Primeiro as equipes de preparação, depois ela, os estilistas, Haymitch. Peeta e eu, é claro, vamos por último.

Em algum lugar mais abaixo, músicos começam a tocar. Quando a primeira onda de nossa pequena procissão começa a descer os degraus, Peeta e eu ficamos de mãos dadas.

– Haymitch diz que errei em brigar com você. Você estava apenas agindo de acordo com as suas instruções – comenta Peeta. – E eu estaria mentindo se dissesse que nunca omiti coisas de você no passado.

Lembro do choque ao ouvir Peeta confessando seu amor por mim na frente de Panem inteira. Haymitch sabia disso e não tinha me dito nada.

– Acho que eu mesma também quebrei algumas coisas depois daquela entrevista.

– Só uma urna – diz ele.

– E as suas mãos. Mas esse tipo de atitude não faz mais sentido, faz? Mentirmos um pro outro?

– Nenhum sentido – diz Peeta. Esperamos no topo da escada, permitindo que Haymitch se coloque a quinze passos de distância, de acordo com a orientação de Effie. – Foi só uma vez mesmo que você beijou Gale?

Fico tão atônita que respondo:

– Foi. – Com tudo o que aconteceu hoje, será que essa pergunta realmente o estava atormentando tanto?

– Quinze passos. Vamos nessa – diz ele.

Uma luz nos atinge, e exibo o mais esplêndido sorriso que alguém pode imaginar.

Descemos os degraus e somos tragados pelo que se torna uma indistinta coleção de jantares, cerimônias e viagens de trem. Todo dia é a mesma coisa. Acordar. Se vestir. Andar em meio a multidões entusiasmadas. Ouvir um discurso em nossa homenagem. Fazer um discurso de agradecimento em retribuição, mas apenas o que a Capital nos forneceu, jamais acrescentar quaisquer adendos pessoais a partir de agora. Às vezes uma breve turnê: uma olhadinha no mar em um distrito, florestas altíssimas em outro, fábricas feiosas, campos de trigo, refinarias fedorentas. Vestir os trajes de gala. Participar de jantares. Trem.

Durante as cerimônias, somos solenes e respeitosos, mas sempre grudados um no outro, pelas mãos, pelos braços. Nos jantares, ficamos à beira do delírio em nosso amor recíproco. Nós nos beijamos, dançamos, somos pegos tentando dar uma escapadinha para ficarmos a sós. No trem, ficamos silenciosamente tristes enquanto tentamos avaliar o efeito que estaríamos provocando.

Mesmo sem nossos discursos pessoais para desencadear discordâncias – não é preciso dizer que os que fizemos no Distrito 11 foram editados antes de o evento ser transmitido – dá para sentir algo no ar, uma panela no fogo prestes a transbordar. Não em todos os lugares. Algumas multidões lembram gado a caminho do matadouro, impressão que eu sei que o Distrito 12 normalmente

projeta nas cerimônias dos vitoriosos. Mas em outros – particularmente no 8, no 4 e no 3 – existe uma genuína felicidade estampada nos rostos das pessoas assim que nos veem e, por trás dessa felicidade, fúria. Quando eles cantam o meu nome, é mais um grito de vingança do que um viva. Quando os Pacificadores aparecem para silenciar uma multidão indisciplinada, ela intensifica a postura em vez de recuar. E sei que não há nada que eu jamais possa fazer para mudar isso. Nenhuma demonstração de amor, embora crível, mudaria essa maré. Se o fato de eu ter estendido aquelas amoras foi um ato de insanidade temporária, então essas pessoas também vão abraçar a insanidade.

Cinna afrouxa minha roupa na cintura. A equipe de preparação ameniza as olheiras. Effie começa a me dar pílulas para dormir, mas elas não funcionam. Não tão bem. Adormeço apenas para ser despertada por pesadelos que aumentam em quantidade e intensidade. Peeta, que passa grande parte da noite vagando pelo trem, ouve os meus gritos enquanto luto para escapar da névoa proporcionada pelas drogas que apenas prolongam os horríveis sonhos. Ele consegue me acordar e me acalmar. Em seguida, deita na minha cama e me abraça até que eu adormeça novamente. Depois disso, recuso as pílulas. Mas todas as noites deixo que ele deite na minha cama. Administramos a escuridão da mesma maneira que fazíamos na arena, abraçados um ao outro, vigiando os perigos que podem surgir a qualquer momento. Nada mais acontece, mas nosso arranjo rapidamente se torna objeto de fofocas no trem.

Quando Effie menciona o assunto comigo, penso, *Ótimo. De repente a história vai chegar no presidente Snow*. Digo a ela que faremos um esforço para sermos mais discretos, mas não fazemos nada disso.

As aparições consecutivas no 2 e no 1 são especialmente horripilantes. Cato e Clove, os tributos do Distrito 2, poderiam ter voltado para casa se Peeta e eu não tivéssemos. Eu matei pessoalmente o garoto e a garota, Glimmer, do Distrito 1. Enquanto tento evitar olhar para a família do garoto, descubro que seu nome era Marvel. Como é possível que eu não soubesse? Tenho a impressão de que antes dos Jogos eu não tinha prestado atenção, e depois não queria saber.

Quando chegamos à Capital, já estamos desesperados. Fazemos aparições intermináveis para multidões embevecidas. Não há nenhum perigo de um

levante aqui entre os privilegiados, entre aqueles cujos nomes jamais são colocados nas bolas da colheita, cujos filhos jamais morrem pelos crimes supostamente cometidos gerações atrás. Não precisamos convencer ninguém na Capital de nosso amor, apenas nos ater ao tênue fio de esperança de que ainda conseguiremos alcançar algumas daquelas pessoas que fracassamos em convencer nos distritos. O que quer que façamos, parece muito pouco, e já um tanto quanto tardio.

De volta a nossos antigos aposentos no Centro de Treinamento, sou eu quem sugere o pedido de casamento em público. Peeta concorda, mas em seguida desaparece em seu quarto por um bom tempo. Haymitch me diz para deixá-lo em paz.

– Pensei que ele quisesse – digo.

– Não dessa maneira – diz Haymitch. – Ele queria que a coisa fosse pra valer.

Volto para o meu quarto e me deito debaixo das cobertas, tentando não pensar em Gale e sem conseguir pensar em mais nada.

Naquela noite, no palco diante do Centro de Treinamento, somos submetidos a uma série de perguntas. Caesar Flickerman, em seu cintilante terno azul, seus cabelos, pálpebras e lábios ainda tingidos de pó de arroz azul, conduz impecavelmente a entrevista. Quando pergunta sobre o nosso futuro, Peeta se ajoelha, extravasa seu coração e implora para que eu me case com ele. Eu, é claro, aceito. Caesar mal consegue se conter, a audiência da Capital fica histérica, e tomadas das multidões em toda Panem mostram um país embriagado de felicidade.

O presidente Snow em pessoa faz uma visita surpresa para nos congratular. Ele bate na mão de Peeta e lhe dá um tapinha de aprovação no ombro. Ele me abraça, envolvendo-me com seu cheiro de sangue e rosas, e planta um beijo suave em meu rosto. Quando se afasta, seus dedos enterrados em meus braços, seu rosto sorrindo para o meu, ouso erguer as sobrancelhas. Elas perguntam o que a minha boca não pode perguntar. *Eu consegui? Foi suficiente? Entregar tudo a você, manter o jogo rolando, prometer me casar com Peeta. Isso foi suficiente?*

Como resposta, ele faz uma negativa com a cabeça de maneira quase imperceptível.



Naquele movimento ligeiro, vejo o fim da esperança e o começo da destruição de tudo que me é mais caro no mundo. Não consigo adivinhar qual será a forma de punição, a que distância será jogada a rede, mas quando tudo estiver terminado, é muito provável que nada mais reste. Então é fácil imaginar que num momento como esse eu seria tomada por completo desespero. Isto é o mais estranho: o que sinto é alívio. Sinto que posso desistir do jogo. Que a pergunta sobre se consigo ter sucesso nesse empreendimento foi respondida, mesmo que essa resposta tenha sido um sonoro não. Que, se tempos desesperadores clamam por medidas desesperadas, então estou livre para agir tão desesperadamente quanto desejar.

Só que não aqui, não ainda. É essencial voltar para o Distrito 12, porque a parte principal de qualquer plano incluirá minha mãe e minha irmã, Gale e sua família. E Peeta, se eu conseguir que ele nos acompanhe. Acrescento Haymitch à lista. Essas são as pessoas que devo levar comigo quando fugir para os confins da natureza. Como vou convencê-los, para onde ir no meio do inverno, o que será preciso para que escapemos de ser capturados são perguntas sem respostas. Mas pelo menos agora sei o que devo fazer.

Então em vez de ficar me contorcendo no chão chorando, estico o corpo com uma confiança que não tinha há muitas semanas. Meu sorriso, apesar de até certo ponto insano, não é forçado. E assim, eu mais do que depressa o reaproveito para o meu visual de menininha-quase-catatônica-de-tanta-felicidade quando o presidente Snow silencia a audiência e diz:

– O que você acha de realizarmos o casamento deles bem aqui na Capital?

Caesar Flickerman pergunta se o presidente tem uma data em vista.

– Ah, antes de marcarmos uma data, é melhor acertarmos com a mãe de Katniss – diz o presidente. O público dá uma sonora gargalhada e o presidente me abraça. – Se todo o país se concentrar nisso, talvez vocês consigam se casar antes dos trinta.

– Provavelmente o senhor terá de formular uma nova lei – digo, soltando uma risadinha.

– Se for necessário, assim será – diz o presidente com um bom humor conspiratório.

Ah, como nós dois nos divertimos.

A festa, realizada na sala de banquetes da mansão do presidente Snow, é incrível. O teto com pé-direito de doze metros de altura foi transformado num céu noturno, e as estrelas estão dispostas exatamente como estão no meu distrito. Tenho a impressão de que elas também são assim quando vistas da Capital, mas quem saberia dizer? Aqui tem sempre luz demais para que as estrelas possam ser enxergadas. Mais ou menos no meio do caminho entre o chão e o teto, músicos flutuam no que parecem nuvens brancas e fofas, mas não consigo ver o que as mantém no ar. Mesas tradicionais de jantar foram substituídas por inúmeros sofás e cadeiras estofados, alguns dos quais cercando as lareiras, outros ao lado de aromáticos jardins floridos ou fontes cheias de peixes exóticos, de modo que as pessoas possam comer e beber, e fazer o que quer que desejem no mais completo conforto. Há uma grande área ladrilhada no centro da sala que funciona como pista de dança, como palco para apresentações performáticas de artistas que entram e saem e como um outro local para se misturar com os convidados extravagantemente vestidos.

Mas a verdadeira estrela do evento é a comida. Mesas decoradas com as mais finas iguarias estão alinhadas nas paredes. Tudo o que se pode imaginar, e coisas com que ninguém jamais sonharia, estão à disposição dos convidados. Bois, porcos e cabritos inteiros girando nas grelhas. Imensos pratos de aves recheadas com frutas aromatizadas e nozes. Criaturas dos oceanos salpicadas de molho ou implorando para serem mergulhadas em misturas apimentadas. Incontáveis queijos, pães, legumes, doces, cachoeiras de vinho e rios de destilados que brilham nas chamas.

Meu apetite voltou junto com meu desejo de retaliação. Após semanas me sentindo preocupada demais para comer, estou faminta.

– Quero provar tudo nesta sala – digo a Peeta.

Percebo que ele está tentando ler minha expressão, tentando entender a minha transformação. Como ele não sabe que o presidente Snow acha que eu fracassei, ele só pode imaginar que acredito que tivemos sucesso. Que talvez eu até sinta uma felicidade genuína com nosso noivado. Seus olhos refletem sua perplexidade, mas apenas brevemente, porque estamos sendo filmados.

– Então é melhor você se apressar – diz ele.

– Tudo bem, só uma provinha de cada prato – digo. Minha promessa é quase que imediatamente quebrada diante da primeira mesa, que contém mais ou menos uns vinte tipos de sopa, quando encontro um caldo cremoso de abóbora salpicado de nozes moídas e pequenas sementes pretas. – Eu poderia comer isto aqui a noite inteira! – exclamo. Mas não como. Fraquejo novamente diante de um caldo verde que só consigo descrever como algo tão saboroso quanto a primavera, e mais uma vez experimento uma sopa rosada fumegante acompanhada de framboesas.

Rostos aparecem, apresentações são feitas, fotos são tiradas, beijos são dados e recebidos nas mais diversas faces. Aparentemente, meu broche com o tordo lançou uma nova moda que virou a sensação da temporada, porque diversas pessoas aparecem para me mostrar seus acessórios. Meu pássaro foi copiado em fivelas de cintos, bordado em lapelas de seda, até mesmo tatuado em lugares íntimos. Todos querem usar o símbolo da vencedora. Só consigo imaginar o quanto isso não deve estar levando o presidente Snow à loucura. Mas o que ele pode fazer? Os Jogos foram um tremendo sucesso aqui, onde as amoras não passaram de um símbolo de uma garota desesperada tentando salvar seu namorado.

Peeta e eu não fazemos nenhum esforço para achar companhia, mas somos constantemente assediados. Somos o que ninguém deseja perder nessa festa. Eu me comporto como quem está deliciada, mas meu interesse por essas pessoas que vivem na Capital é zero. Elas servem apenas para me distrair da comida.

Todas as mesas apresentam novas tentações, e mesmo seguindo o meu restrito regime de provar apenas um pouquinho de cada prato, começo a me

empanturrar rapidamente. Pego uma pequena ave assada, dou uma mordida e minha língua é inundada por molho de laranja. Delicioso. Mas convenço Peeta a comer o resto porque quero continuar experimentando tudo, e a ideia de desperdiçar comida, como vejo tantas pessoas fazendo de modo tão leviano, é abominável para mim. Depois de mais ou menos dez mesas, estou completamente cheia, e nós só experimentamos um pequeno número dos pratos disponíveis.

Só então a minha equipe de preparação se junta a nós. Eles beiram a incoerência, navegando entre o álcool que consumiram e o êxtase que estão sentindo por participarem de um evento desta magnitude.

– Por que vocês não estão comendo? – pergunta Octavia.

– Eu comi, mas não consigo colocar mais nada na boca – digo. Todos eles riem como se isso fosse a coisa mais boba que já ouviram em toda a vida.

– Isso não é problema para ninguém! – diz Flavius. Eles nos levam até uma mesa que contém pequenas taças de vinho cheias de um líquido transparente. – Beba isto!

Peeta pega uma taça, dá um gole, e eles ficam nervosos.

– Aqui não! – berra Octavia.

– Você precisa fazer isso lá dentro – diz Venia, apontando para as portas que vão dar no toalete. – Senão você vai sujar o chão todo!

Peeta olha para a taça novamente e raciocina.

– Vocês estão querendo dizer que isso aqui vai me dar vontade de vomitar?

Minha equipe de preparação ri histericamente.

– É claro, pra você poder continuar comendo – diz Octavia. – Eu já estive lá duas vezes. Todo mundo faz isso, senão como é que você vai conseguir se divertir num banquete como esse?

Fico muda, olhando as tacinhas elegantes e tudo o que elas representam. Peeta coloca a dele na mesa com tamanha precisão que alguém poderia até pensar que o objeto estava prestes a explodir.

– Vamos dançar, Katniss.

Música ecoa das nuvens à medida que ele me afasta da equipe, da mesa, e me leva para a pista. Conhecemos apenas alguns passos de dança em nosso distrito, a partir de músicas tocadas por violinos e flautas e que requerem uma

boa dose de espaço. Mas Effie nos mostrou alguns temas bem populares na Capital. A música é lenta e divagante, de modo que Peeta me puxa de encontro a seus braços e nos movemos num círculo praticamente sem dar nenhum passo. Daria para dançar essa música em cima de um prato de torta. Ficamos em silêncio por um tempo. Então, Peeta fala com uma voz tensa:

– A gente tenta aceitar as coisas como são, imaginando que pode lidar com isso, imaginando que, de repente, eles não são tão maus assim, e aí... – Ele se interrompe.

A única coisa em que consigo pensar é nos corpos flácidos das crianças em nossa mesa de cozinha, enquanto minha mãe receita o que os pais não têm condições de dar a elas. Mais comida. Agora que somos ricos, ela oferece um pouco para que levem para casa. Mas antigamente, com muita frequência, não havia nada a ser dado e a criança não tinha como ser salva. E aqui na Capital eles vomitam pelo prazer de encher seus estômagos ininterruptamente. Não por causa de alguma enfermidade do corpo ou da mente, nem por causa de alguma comida estragada. É o que todo mundo faz numa festa. É o que é esperado. Faz parte da diversão.

Um dia, quando dei uma passada na casa de Hazelle para deixar um pouco de caça, Vick estava doente com uma tosse forte. Como faz parte da família de Gale, o menino deve comer melhor do que noventa por cento do restante do Distrito 12. Mas ainda assim ele passou mais ou menos quinze minutos falando sobre como eles tinham aberto uma lata de melaço de milho do Dia da Parcela e cada um tinha colocado uma colher no pão e que talvez comessem ainda mais no fim da semana. E de como Hazelle tinha dito que ele podia colocar um pouquinho numa xícara de chá para melhorar sua tosse, mas ele não achava isso certo a menos que os outros também pudessem fazer a mesma coisa. Se a coisa é assim na casa de Gale, como deverá ser nas outras casas?

– Peeta, eles trazem a gente para cá para lutar até a morte para se divertirem – digo. – Na boa, isso aqui não é nada em comparação com a arena.

– Eu sei, sei disso. É que às vezes não aguento mais. Tem horas que... eu nem sei o que fazer. – Ele faz uma pausa e em seguida sussurra: – Talvez a gente esteja errado, Katniss.

– Em relação a quê?

– Em relação a tentar aquietar as coisas nos distritos – diz ele.

Minha cabeça se move rapidamente de um lado para o outro, mas não parece que alguém tenha ouvido alguma coisa. A equipe de filmagem está distraída numa mesa de mariscos, e os casais dançando ao redor de nós ou estão bêbados demais ou entretidos demais uns com os outros para notar alguma coisa.

– Desculpa – diz Peeta. Ele deveria se desculpar mesmo. Isso não é lugar para ficar dando voz a tais pensamentos.

– Em casa conversamos sobre isso – digo.

Só então Portia aparece com um homem grande que me parece vagamente familiar. Ela o apresenta como Plutarch Heavensbee, o novo Chefe dos Idealizadores dos Jogos. Plutarch pergunta a Peeta se tem permissão para dançar comigo. Peeta está novamente com o rosto que usa diante das câmeras e me passa de bom grado, alertando o homem para que não fique muito grudado em mim.

Não quero dançar com Plutarch Heavensbee. E não quero sentir as mãos dele, uma pousada sobre a minha, a outra na minha cintura. Não estou acostumada a ser tocada, exceto por Peeta ou por meus familiares, e coloco Idealizadores dos Jogos abaixo de vermes na escala de criaturas que eu quero que tenham contato com a minha pele. Mas ele parece sentir isso e me mantém quase à distância de seus braços estendidos enquanto movimentamos nossos corpos na pista.

Ficamos de papo sobre a festa, sobre o entretenimento, sobre a comida, e então ele faz uma piada sobre estar evitando beber ponche desde os treinamentos. Não entendo a piada, e só então percebo que ele é o homem que caiu para trás em cima da tigela de ponche quando atirei uma flecha nos Idealizadores dos Jogos durante a sessão de treinamento. Bom, não foi bem assim. Meu alvo era a maçã que estava na boca de um porco assado. Mas fiz todo mundo se sobressaltar.

– Ah, foi você que... – Rio, me lembrando dele se encharcando de ponche ao cair.

– Foi, sim. E você vai ficar satisfeita em saber que eu nunca me recuperei daquilo – diz Plutarch.

Quero observar que, da mesma maneira, vinte e dois tributos mortos jamais se recuperarão dos Jogos que ele ajudou a criar. Mas digo apenas:

– Bom. Quer dizer então que você é o Chefe dos Idealizadores dos Jogos esse ano? Isso deve ser uma grande honra.

– Cá entre nós, não havia muitas pessoas interessadas no emprego – diz ele. – Há muita responsabilidade em relação a como serão os Jogos.

Pode crer, o último cara na função está morto, penso. Ele deve saber a respeito de Seneca Crane, mas não parece minimamente preocupado.

– Você já está planejando os Jogos do Massacre Quaternário? – pergunto.

– Ah, sim. Bom, eles estão sendo preparados há anos, é claro. Arenas não são construídas num dia. Mas o, digamos, sabor dos Jogos está sendo determinado agora. Acredite ou não, tenho uma reunião da área de estratégia marcada para hoje à noite.

Plutarch dá um passo para trás e puxa do bolso do colete um relógio de ouro preso a uma corrente. Ele abre a tampa com o dedo, verifica a hora e franze a testa.

– Preciso ir andando. – Ele vira o relógio para que eu possa ver o visor. – Começa à meia-noite.

– Parece tarde para... – digo, mas então algo me distrai. Plutarch passa o polegar sobre o visor de cristal do relógio e, por um instante, uma imagem surge, brilhando como se estivesse iluminada por uma vela. Mais um tordo. Exatamente como o broche em meu vestido. Só que esse desaparece. Ele fecha o relógio.

– Muito bonito – digo.

– Ah, é muito mais do que bonito. É singular – diz ele. – Se alguém perguntar por mim, diga que fui para casa dormir. As reuniões devem ser mantidas em segredo. Mas pensei que seria seguro contar pra você.

– Com certeza. Seu segredo está seguro comigo – digo.

Enquanto apertamos nossas mãos, ele se curva ligeiramente, um gesto comum aqui na Capital.

– Bom, Katniss, vejo você nos Jogos, quando o verão chegar. Muitas felicidades em seu noivado, e boa sorte com sua mãe.

– Vou precisar mesmo – digo.

Plutarch desaparece e vago em meio à multidão, procurando por Peeta, enquanto estranhos me parabenizam, pela minha vitória nos Jogos, pela minha escolha de batom. Eu respondo, mas estou na verdade pensando em Plutarch exibindo seu bonito e exclusivo relógio para mim. Havia alguma coisa estranha nele. Quase clandestina. Mas o quê? Talvez ele pense que mais alguém vai roubar sua ideia de colocar no visor do relógio um tordo que fica invisível. Sim, provavelmente ele pagou uma fortuna por isso e agora não tem como mostrar o relógio para ninguém porque tem medo de que alguém possa fazer uma imitação barata do objeto. Só na Capital mesmo...

Encontro Peeta admirando uma mesa de bolos decorados com o máximo de esmero. Padeiros vieram da cozinha especialmente para conversar com ele sobre decoração de bolos, e dá para vê-los tropeçando uns nos outros para responder às perguntas que ele faz. Acatando um pedido de Peeta, eles reúnem uma amostra de pequenos bolos para ele levar para o Distrito 12, onde poderá examinar o trabalho dos padeiros da Capital com tranquilidade.

– Effie disse que a gente precisa estar no trem a uma da manhã. Eu me pergunto que horas devem ser agora – diz ele, olhando ao redor.

– Quase meia-noite – respondo. Arranco uma flor de chocolate de um bolo e dou uma mordidinha, ultrapassando totalmente qualquer preocupação com as boas maneiras.

– Hora de agradecer e dizer adeus! – gorjeia Effie, agarrando o meu cotovelo. Esse é um desses momentos em que eu simplesmente amo a pontualidade compulsiva dela. Buscamos Cinna e Portia, e Effie nos acompanha pela sala para que possamos nos despedir de pessoas importantes. Em seguida, nos conduz até a porta.

– A gente não devia agradecer ao presidente Snow? – pergunta Peeta. – Afinal estamos na casa dele.

– Ah, ele não é muito de festa, não. Ocupado demais – diz Effie. – Já cuidei para que os bilhetes e presentes necessários sejam enviados a ele amanhã. Olha só quem chegou! – Effie faz um leve aceno a dois atendentes da Capital que estão carregando um embriagado Haymitch.

Percorremos as ruas da Capital num carro com janelas escuras. Atrás de nós, um outro carro leva as equipes de preparação. A quantidade de pessoas

comemorando nas ruas é tão grande que torna o tráfego lento. Mas Effie é meticulosa como uma cientista, de modo que exatamente a uma da manhã estamos de volta ao trem que logo em seguida parte da estação.

Haymitch é depositado em seu compartimento. Cinna pede chá e nos sentamos ao redor da mesa, enquanto Effie recita seu cronograma e nos lembra que ainda estamos em turnê.

– Temos que pensar no Festival da Colheita no Distrito 12. Então, sugiro que a gente tome esse chá e siga diretamente para cama. – Ninguém discute.

Quando abro os olhos, estamos no início da tarde. Minha cabeça está apoiada no braço de Peeta. Não me lembro de ele ter vindo na noite passada. Eu me viro, com cuidado para não perturbá-lo, mas ele já está acordado.

– Nenhum pesadelo – diz ele.

– O quê?

– Você não teve nenhum pesadelo na noite passada – diz ele.

Ele tem razão. Pela primeira vez em séculos dormi a noite inteira sem distúrbios.

– Mas tive um sonho – digo, relembrando. – Estava seguindo um tordo na floresta. Por um bom tempo. Era Rue, na verdade. Enfim, quando o tordo cantava, ele tinha a voz dela.

– Para onde ela te levou? – pergunta Peeta, tirando algumas mechas de cabelo da minha testa.

– Não sei. A gente nunca chegou – digo. – Mas estava me sentindo feliz.

– Bom, você dormia como quem está feliz.

– Peeta, como é que pode eu nunca saber quando você está tendo um pesadelo?

– Não sei. Acho que não grito e nem esperneio, ou qualquer coisa assim. Fico paradinho, paralisado de terror, e só – diz ele.

– Você devia me acordar – digo, pensando em como interrompo o sono dele duas ou três vezes numa noite ruim. Em quanto tempo é necessário para me acalmar.

– Não precisa. Meus pesadelos normalmente têm a ver com perder você – diz ele. – Eu fico legal logo que percebo que você está aqui.

Argh. Peeta faz comentários como esse de uma maneira tão indiferente que tenho a nítida sensação de estar levando um soco no estômago. Ele está apenas respondendo honestamente à minha pergunta. Ele não está me pressionando para responder da mesma maneira, para fazer alguma declaração de amor. Mas ainda assim sinto-me péssima, como se eu estivesse usando-o de um jeito terrível. Estou? Não sei. Só sei que, pela primeira vez, tenho a sensação de estar agindo de modo imoral ao permitir que ele fique aqui na minha cama. O que é irônico, já que agora estamos oficialmente noivos.

– Vai ser pior quando a gente estiver em casa e eu estiver dormindo sozinho novamente – diz ele.

É isso aí, estamos quase chegando em casa.

A agenda para o Distrito 12 inclui um jantar na casa do prefeito Undersee, hoje à noite, e um desfile dos vitoriosos na praça durante o Festival da Colheita, amanhã. Nós sempre celebramos o Festival da Colheita no último dia da Turnê da Vitória, mas normalmente isso significa uma refeição em casa ou com amigos, se você tiver como arcar com os custos. Este ano será um evento público e, como a Capital vai bancar, todas as pessoas do distrito inteiro ficarão com as barrigas cheias.

Grande parte de nossa preparação ocorrerá na casa do prefeito, já que nós voltamos a nos cobrir de peles para as aparições ao ar livre. Ficamos pouquíssimo tempo na estação de trem, o suficiente para dar sorrisos e acenar enquanto entramos em nosso carro. E só conseguimos ver nossos familiares muito mais tarde, na hora do jantar.

Estou contente pelo fato de o evento ocorrer na casa do prefeito em vez de no Edifício da Justiça, onde está o monumento à memória de meu pai, onde eles me levaram depois da colheita para aquela horrível despedida. O Edifício da Justiça está muito cheio de tristeza.

Mas gosto da casa do prefeito Undersee, principalmente agora que sua filha, Madge, e eu somos amigas. Nós sempre fomos, de uma certa forma. A amizade tornou-se oficial quando ela foi se despedir de mim antes de minha partida para os Jogos. Quando ela me deu aquele broche com o tordo para que eu tivesse sorte. Depois que voltei para casa, começamos a passar um bom tempo juntas. Acontece que Madge também tem muitas horas vagas para preencher.

Era um pouco esquisito de início porque não sabíamos o que fazer. Ouço outras garotas de nossa idade conversando sobre garotos, ou sobre outras garotas, ou sobre roupas. Madge e eu não somos fofoqueiras e roupas me matam de tédio. Mas depois de alguns começos incertos, percebi que ela estava louca para visitar a floresta, de modo que a levei até lá algumas vezes e mostrei a ela como se usa o arco e flecha. Ela está tentando me ensinar a tocar piano, mas o que mais gosto é de ouvi-la tocar. Às vezes almoçamos na casa uma da outra. Madge gosta mais da minha. Seus pais parecem ser legais, mas eu acho que ela não os vê com frequência. O pai dela precisa administrar o Distrito 12 e a mãe tem dores de cabeça fortíssimas que a obrigam a ficar na cama por dias e dias.

– De repente seria uma boa você levá-la até a Capital – eu disse durante uma das vezes em que isso aconteceu. Não estávamos tocando piano naquele dia porque mesmo dois andares abaixo o som piorava ainda mais as dores da mãe dela. – Aposto que lá eles conseguem curá-la.

– Acho que sim. Mas ninguém vai para Capital, a não ser a convite – disse Madge, entristecida. Até os privilégios dos prefeitos são limitados.

Quando chegamos à casa do prefeito, tenho tempo apenas de dar um rápido abraço em Madge antes que Effie comece a me empurrar em direção ao terceiro andar onde vou me aprontar. Depois que estou preparada e trajada com um longo vestido prateado, ainda tenho uma hora livre antes do jantar, de modo que dou uma escapadinha para me encontrar com ela.

O quarto de Madge fica no segundo andar com vários outros aposentos de hóspedes e o escritório de seu pai. Estico a cabeça no escritório para dar um alô para o prefeito, mas o local está vazio. A televisão está ligada, e paro para assistir a algumas tomadas minhas e de Peeta na festa da Capital, ontem à noite. Dançando, comendo, beijando. Isso deve estar passando em todas as casas de Panem nesse exato momento. A audiência não deve mais aguentar olhar para a cara dos amantes desafortunados do Distrito 12. Sei que eu mesma não aguento mais.

Estou saindo da sala quando um bipe chama a minha atenção. Viro-me e vejo a tela da televisão ficar preta. Em seguida as palavras "ÚLTIMAS NOTÍCIAS DO DISTRITO 8" começam a piscar. Instintivamente, compreendo que isso não

é para mim, mas alguma coisa destinada somente aos olhos do prefeito. Tenho que ir embora. E rápido. Em vez disso, me flagro aproximando-me ainda mais do aparelho de TV.

Uma apresentadora que nunca vi antes aparece. Uma mulher de cabelos grisalhos e com uma voz rouca que exprime autoridade. Ela avisa que as condições estão piorando e que um alerta Nível 3 foi acionado. Forças adicionais estão sendo enviadas para o Distrito 8, e toda a produção têxtil está suspensa.

Eles cortam a imagem da mulher e mostram agora a praça principal no Distrito 8. Eu a reconheço porque estive lá na semana passada. Ainda há cartazes com o meu rosto balançando ao vento em cima dos telhados. Abaixo, há uma cena de tumulto. A praça está tomada de pessoas aos berros, seus rostos escondidos por pedaços de pano e máscaras improvisadas, atirando tijolos. Prédios estão em chamas. Pacificadores atiram na multidão, matando quem estiver na frente.

Nunca vi nada parecido em toda a minha vida, mas só posso estar testemunhando uma única coisa. Isso é o que o presidente Snow chama de levante.



Uma bolsa de couro cheia de comida e um cantil com chá quente. Um par de luvas revestidas de pele que Cinna deixou para trás. Três galhos arrancados das árvores nuas estão na neve, apontando na direção que eu seguirei. Isso é o que deixo para Gale em nosso local de encontro habitual no primeiro domingo depois do Festival da Colheita.

Prossegui em meio à floresta fria e enevoada, abrindo uma trilha que não será familiar a Gale, mas que é simples para meus pés acharem. Ela me leva ao lago. Não tenho mais confiança de que nosso local de encontro regular continue oferecendo privacidade, e vou precisar disso e muito mais para ser capaz de abrir meu coração para Gale hoje. Mas será que ele ao menos virá? Se não vier, não terei outra escolha a não ser me arriscar a ir até a casa dele na calada da noite. Há coisas que ele precisa saber... coisas que eu preciso que ele me ajude a entender...

Assim que as implicações do que eu estava vendo na televisão do prefeito Undersee me atingiram em cheio, corri para a porta e me dirigi ao corredor. E foi na hora certa, porque o prefeito subiu a escada segundos depois. Eu acenei para ele.

– Atrás de Madge? – disse ele, num tom de voz amigável.

– Estou, sim. Quero mostrar meu vestido para ela – respondi.

– Bom, você sabe onde encontrá-la. – Nesse exato momento, foi possível ouvir um outro ruído de bipe vindo do escritório. O rosto dele ficou sério. – Com licença. – O prefeito entrou em seu escritório e fechou bem a porta.

Esperei no corredor até conseguir me recompor do choque. Lembrei a mim mesma que devia agir com naturalidade. Então encontrei Madge no quarto dela, sentada em frente à cômoda, penteando seus cabelos louros e ondulados diante do espelho. Estava usando o mesmo bonito vestido branco que vestira no dia da colheita. Ela viu meu reflexo atrás de si e sorriu.

– Olha só. Parece até que você acabou de chegar das ruas da Capital.

Eu me aproximei. Meus dedos tocaram o tordo.

– E agora até o meu broche é uma sensação. Os tordos são uma febre na Capital, graças a você. Tem certeza de que não o quer de volta?

– Deixa de besteira, isso foi um presente – disse Madge. Ela prendeu os cabelos com uma festiva fita dourada.

– Afinal, onde foi que você o conseguiu?

– Era da minha tia – disse ela. – Mas acho que está na família há muito tempo.

– É uma coisa engraçada, essa escolha de um tordo – comento. – Sabe, por causa de tudo o que aconteceu na rebelião. Aquela história dos gaios tagarelas se voltando contra a Capital e coisa e tal.

Os gaios tagarelas eram bestantes, pássaros do sexo masculino geneticamente aprimorados, criados como armas pela Capital para espionar os rebeldes nos distritos. Eles conseguiam lembrar e repetir longas passagens de conversas humanas. Por isso eram enviados para áreas de rebelião, com o intuito de capturar nossas palavras e retransmiti-las para a Capital. Os rebeldes entenderam a artimanha e fizeram com que eles se voltassem contra a Capital enviando-os de volta para casa cheios de mentiras. Quando isso foi descoberto, os gaios tagarelas foram abandonados. Entraram em extinção poucos anos depois, mas não antes de se acasalarem com fêmeas de tordos, criando uma espécie completamente nova.

– Mas os tordos nunca foram armas – disse Madge. – Eles só cantam, certo?

– Acho que sim. – Mas não é verdade. O nosso tordo não é apenas um pássaro que canta. Ele é a criatura que a Capital jamais imaginou que pudesse existir. Nunca passou pela cabeça deles que seus gaios tagarelas altamente controlados pudessem ter seus cérebros adaptados à natureza, que pudessem

transmitir seu código genético, que pudessem adquirir uma nova forma. Eles não conseguiram prever a vontade que os pássaros tinham de permanecer vivos.

Agora, enquanto caminho pela neve, vejo os tordos saltando de galho em galho, absorvendo as melodias dos outros pássaros, replicando-as e em seguida transformando-as em algo totalmente novo. Como sempre, eles me fazem lembrar de Rue. Penso no sonho que tive ontem à noite no trem, no qual era um tordo e a seguia. Gostaria muito de poder ter dormido um pouco mais e descoberto para onde ela estava tentando me levar.

É uma longa caminhada até o lago, com certeza. Se decidir realmente me seguir, Gale ficará exausto por causa desse excessivo uso de uma energia que poderia ser mais bem-utilizada numa caçada. Ele estava conspicuamente ausente do jantar na casa do prefeito, muito embora o resto de sua família tivesse comparecido. Hazelle disse que ele estava em casa, doente, o que obviamente era uma mentira. Tampouco consegui encontrá-lo no Festival da Colheita. Vick me disse que ele estava caçando. Isso provavelmente era verdade.

Depois de algumas horas, chego a uma casa velha perto da margem do lago. Talvez a palavra "casa" seja um pouquinho exagerada. O local possui apenas um único cômodo com mais ou menos quatro metros quadrados. Meu pai achava que muito tempo atrás havia muitos prédios – ainda dá pra ver algumas das fundações – e pessoas iam até lá para pescar no lago. Essa casa sobreviveu às outras porque é feita de concreto. Piso, telhado, teto. Apenas uma das quatro janelas de vidro continua lá, entortada e amarelada pelo tempo. Não há água encanada nem eletricidade, mas a lareira ainda funciona, e no canto tem uma pilha de lenha que meu pai e eu juntamos anos atrás. Faço uma fogueira pequena, esperando que a névoa obscureça qualquer indício de fumaça. Enquanto o fogo vai aumentando, tiro a neve que se acumulou debaixo das janelas vazias, usando uma vassourinha feita com um galho que meu pai fez para mim quando eu tinha uns oito anos de idade e brincava de casinha lá. Então, sento-me em um pequeno espaço de concreto perto da lareira, me aquecendo ao fogo e esperando por Gale.

Surpreendentemente, não demora muito até ele aparecer. Um arco preso no ombro e, pendurado no cinto, um peru selvagem que ele deve ter abatido ao

longo do caminho. Gale fica parado na entrada, como se estivesse ponderando se entra ou não. Ele está segurando a bolsa de couro com comida, intocada, o cantil, as luvas de Cinna. Presentes que ele se recusa a aceitar porque está com raiva de mim. Eu sei exatamente como ele se sente. Por acaso eu não fiz a mesma coisa com a minha mãe?

Olho bem em seus olhos. Sua personalidade não lhe permite mascarar o quanto ficou magoado, o quão traído se sente pelo meu noivado com Peeta. Essa vai ser a minha última chance, esse encontro de hoje, de não perder Gale para sempre. Eu poderia levar horas tentando explicar, e mesmo assim ele talvez me recusasse. Em vez disso, vou direto ao cerne de minha defesa.

– O presidente Snow em pessoa ameaçou mandar matar você – digo.

Gale ergue ligeiramente as sobrancelhas, mas não há uma real demonstração de medo ou mesmo de espanto.

– Mais alguém?

– Bom, na verdade ele não me deu nenhuma lista. Mas dá para adivinhar muito bem que as nossas famílias estão nela – digo.

É o suficiente para que ele se aproxime do fogo. Ele se agacha diante da lareira e se aquece.

– A menos que a gente faça o quê?

– A menos que nada, por enquanto – digo. Obviamente, isso requer muito mais explicação, mas eu não tenho ideia de por onde começar, portanto fico lá sentada olhando de maneira sinistra para o fogo.

Depois de mais ou menos um minuto assim, Gale quebra o silêncio:

– Bom, obrigado pelo aviso.

Volto-me para ele, pronta para rebater, mas percebo o brilho de humor em seus olhos. Eu me odeio por sorrir. Esse não é um momento engraçado, mas acho que é peso demais para ser jogado em cima de alguém. Nós todos seremos obliterados independentemente de qualquer coisa.

– Quer saber, eu tenho um plano.

– Ah, maneiro. Aposto que é a coisa mais fantástica do mundo – diz ele. E joga as luvas no meu colo. – Toma aí. Eu não quero as luvas velhas do seu noivo.

– Ele não é meu noivo. Isso é parte da nossa encenação, só isso. E essas luvas não são dele. São de Cinna.

– Então me devolve – diz ele. Gale recoloca as luvas, flexiona os dedos e balança a cabeça como quem aprova. – Pelo menos, vou morrer com conforto.

– Muito otimista da sua parte. É claro que você não sabe o que aconteceu – digo.

– Vamos ouvir, então.

Decido começar com a noite em que Peeta e eu fomos coroados vitoriosos nos Jogos Vorazes, e Haymitch me alertou a respeito da fúria da Capital. Conto para ele sobre a inquietude que me perseguiu até mesmo depois de eu voltar para casa. A visita do presidente Snow, os assassinatos no Distrito 11, a tensão nas multidões, o esforço de última hora representado pelo noivado, a indicação do presidente de que isso não foi o suficiente, minha certeza de que terei de pagar pelo que tem ocorrido.

Gale não me interrompe em momento algum. Enquanto falo, ele enfia as luvas no bolso e se ocupa em transformar a comida na bolsa de couro em uma refeição para nós dois. Torrando pães e queijo, cortando maçãs, colocando castanhas para assar no fogo. Observo as mãos dele, seus dedos belos e capazes. Cheios de cicatrizes, como os meus estavam antes que a Capital apagasse todas as marcas da minha pele, mas fortes e habilidosos. Mãos que possuem o poder de cavar nas minas, mas também a precisão para montar uma armadilha delicada. Mãos nas quais confio.

Faço uma pausa para tomar um pouco de chá do cantil antes de contar para ele a respeito de meu retorno ao lar.

– Bom, você fez mesmo uma bagunça danada – diz.

– Ainda nem terminei.

– Já ouvi o suficiente por hoje. Vamos pular logo para esse seu plano – diz.

Respiro fundo.

– A gente foge.

– O quê? – pergunta ele. Isso o pegou realmente de surpresa.

– Vamos para floresta e sumimos de vista – digo. É impossível interpretar o rosto dele. Será que vai rir de mim, desprezar a ideia como se fosse apenas uma tolice? Eu me levanto, agitada, preparando-me para uma discussão. – Você

mesmo disse que a gente podia fazer isso! Naquela manhã da colheita. Você disse...

Ele dá um passo à frente e sinto-me sendo erguida do chão. A sala começa a girar, e sou obrigada a prender os braços em torno do pescoço de Gale para me firmar. Ele está rindo, feliz.

– Ei! – protesto, mas também estou rindo.

Gale me coloca no chão, mas não me solta.

– Tudo bem, vamos fugir – diz ele.

– Jura? Você não acha que fiquei maluca? Você vai comigo? – Um pouco do peso esmagador começa a se transferir para os ombros de Gale.

– Acho que você ficou maluca sim, e mesmo assim eu vou com você. – Ele está falando sério. Não apenas falando sério, como também aprovando a ideia. – A gente consegue. Sei que a gente consegue. Vamos sair daqui e nunca mais voltar!

– Tem certeza? – digo. – Porque vai ser difícil, com as crianças e coisa e tal. Eu não vou entrar seis quilômetros na floresta para depois você ficar...

– Eu tenho certeza. Tenho cem por cento de certeza absoluta. – Ele abaixa a cabeça, de modo que sua testa encoste na minha, e me puxa para perto dele. Sua pele, todo o seu corpo, irradia calor por estar tão próximo ao fogo, e fecho os meus olhos, absorvendo o seu calor. Respiro o odor do couro umedecido pela neve, de fumaça e de maçãs, o cheiro de todos aqueles dias de inverno que compartilhamos antes dos Jogos. Não tento me mover. E por que deveria, afinal de contas? Sua voz se transforma num sussurro: – Eu te amo.

E é por isso que eu devia ter me mexido.

Eu nunca vejo essas coisas chegando. Elas acontecem rápido demais. Num segundo você está propondo um plano de fuga e no outro... você é obrigada a lidar com uma coisa como essa. Dou o que deve ser a pior resposta possível:

– Eu sei.

Soa péssimo. É como se estivesse supondo que ele não conseguiria deixar de me amar, mas ao mesmo tempo eu não sentisse nada por ele. Gale começa a se afastar.

– Eu sei! E você... você sabe o que representa para mim. – Não é suficiente. Ele se solta de mim. – Gale, eu não consigo pensar em mais ninguém desse

jeito, agora. A única coisa em que consigo pensar, todo dia, todo santo dia da minha vida desde que Prim foi escolhida na colheita, é em como estou assustada. E parece que não tem muito espaço pra mais nada. Se a gente pudesse ir pra algum lugar seguro, de repente, eu poderia agir de modo diferente. Sei lá.

Consigo vê-lo engolindo a decepção.

– Então, vamos nessa, vamos descobrir. – Ele se vira para o fogo, onde as castanhas estão começando a queimar. Ele as revira na lareira. – Vamos precisar convencer a minha mãe.

Acho que ele vai de qualquer jeito. Mas a felicidade voou para longe, deixando um rastro de tensão bastante familiar em seu lugar.

– E a minha também. Vou ter que fazê-la enxergar a luz da razão. Levá-la para uma longa caminhada. Vou ter que fazê-la ver que a gente não tem como sobreviver de outro jeito.

– Ela vai entender. Assisti a muita coisa dos Jogos com ela e com a Prim. Ela não vai dizer não para você – diz Gale.

– Assim espero. – A temperatura na casa parece ter caído vinte graus em questão de segundos. – Haymitch vai ser o verdadeiro desafio.

– Haymitch? – Gale abandona as castanhas. – Você não vai falar para ele vir com a gente, vai?

– Eu preciso, Gale. Não posso deixá-lo, e nem Peeta porque eles... – A carranca que ele faz corta meu raciocínio. – O que é?

– Desculpa. Não tinha percebido que o nosso grupo era tão grande – rebate ele.

– Ele seria torturado até a morte para revelar o meu paradeiro.

– E a família de Peeta? Eles jamais virão com a gente. Na realidade, eles provavelmente dedurariam a gente em dois minutos. E acho que ele é esperto o suficiente pra sacar isso. E se ele decidir ficar aqui?

Tento parecer indiferente, mas a minha voz sai engasgada:

– Então ele fica.

– Você o deixaria para trás? – pergunta Gale.

– Para salvar Prim e minha mãe, eu deixaria, sim – respondo. – Quer dizer, não! Vou dar um jeito de ele ir com a gente.

– E eu, você me deixaria para trás? – A expressão de Gale está dura como uma pedra agora. – Se, por exemplo, eu não conseguisse convencer a minha mãe a arrastar três crianças pro meio do mato no inverno.

– Hazelle não vai se recusar. Ela vai enxergar a razão – digo.

– E se ela não enxergar, Katniss? E aí?

– Nesse caso você vai ser obrigado a levá-la à força, Gale. Você acha que estou inventando tudo isso? – A minha voz também está se elevando por causa da raiva.

– Não. Eu não sei. De repente o presidente está apenas te manipulando. Afinal, ele está produzindo o seu casamento. Você viu como a multidão na Capital reagiu. Eu não acho que ele possa se dar ao luxo de te matar. Ou de matar Peeta. Como é que ele vai sair dessa? – diz Gale.

– Bom, com um levante no Distrito 8, duvido que ele esteja gastando muito tempo escolhendo o meu bolo de casamento! – grito.

Assim que as palavras saem de minha boca, sinto vontade de recolhê-las. O efeito que elas causam em Gale é imediato – o rubor em suas bochechas, o brilho em seus olhos acinzentados.

– Tem um levante no 8? – diz ele numa voz abafada.

Tento voltar atrás. Reduzir a tensão dele, assim como tentei reduzir a tensão nos distritos.

– Não sei bem se é um levante. Está rolando uma certa inquietação. Pessoas nas ruas... – digo.

Gale agarra o meu ombro.

– O que foi que você viu?

– Pessoalmente, nada! Eu só ouvi algumas coisas. – Como de costume, meu esforço é insuficiente e vem tarde demais. Eu desisto e conto para ele. – Vi uma coisa na televisão do prefeito. Uma coisa que não era para eu ter visto. Tinha uma multidão, e focos de incêndio, e os Pacificadores estavam atirando nas pessoas, mas todo mundo estava reagindo... – Mordi o lábio e lutei para continuar descrevendo a cena. Em vez disso, digo em voz alta as palavras que têm me comido por dentro. – E a culpa é minha, Gale. Por causa do que eu fiz na arena. Se eu tivesse simplesmente me matado com aquelas amoras, nada

disso teria acontecido. Peeta poderia ter voltado para casa e todas as outras pessoas também estariam seguras.

– Seguras para fazer o quê? – diz ele, num tom de voz mais sereno. – Morrer de fome? Trabalhar como escravas? Mandar os filhos para colheita? Você não fez mal às pessoas, você deu uma oportunidade a elas. Elas só precisam ser corajosas o suficiente para agarrar essa oportunidade. Já se fala sobre isso nas minas. As pessoas que querem lutar. Você não vê? Está acontecendo! Está finalmente acontecendo! Se está ocorrendo mesmo um levante no Distrito 8, por que não aqui? Por que não em todos os distritos? Essa pode ser a coisa, a coisa que a gente tem...

– Pare com isso. Você não sabe do que está falando. Os Pacificadores, fora do 12, eles não são como Darius, ou como o Cray! As vidas das pessoas que vivem nos distritos significam menos do que nada para eles!

– É por isso que a gente tem que entrar para a luta! – responde ele, duramente.

– Não! A gente precisa sair daqui antes que eles matem a gente e um monte de outras pessoas também! – Estou berrando novamente, mas não consigo entender por que ele está fazendo isso. Por que ele não vê o que é tão absolutamente inegável?

Gale me empurra rispidamente para o lado.

– Então vai embora você. Eu não saio daqui nem em um milhão de anos.

– Você estava super a fim de ir agora há pouco. Não vejo como um levante no Distrito 8 pode contribuir com alguma coisa além de tornar ainda mais importante a nossa fuga. Você está doido em relação a... – Não, não posso jogar Peeta na cara dele. – E a sua família?

– E as outras famílias, Katniss? As que não têm como fugir? Você não entende? A coisa não tem mais a ver apenas com a gente se salvar. Principalmente se a rebelião já começou! – Gale balança a cabeça, sem esconder o desgosto que está sentindo por mim. – Você podia fazer tantas outras coisas. – Ele joga as luvas de Cinna em meus pés. – Eu mudei de ideia. Não quero nada feito na Capital. – E vai embora.

Olho para as luvas. Nada feito na Capital? Será que isso foi dirigido a mim? Será que ele pensa que eu agora não passo de um produto da Capital e que,

portanto, sou algo intocável? A injustiça da ideia me enche de raiva. Mas a raiva está misturada ao medo em relação a que tipo de coisa louca ele pode vir a fazer em seguida.

Afundo perto do fogo, desesperada por conforto, para poder pensar em qual será meu próximo passo. Fico mais calma pensando que rebeliões não acontecem de um dia para o outro. Gale só vai poder falar com os mineiros amanhã. Então, se eu conseguir alcançar Hazelle antes, talvez ela o coloque nos eixos. Mas não posso ir agora. Se ele estiver lá, não vai me deixar entrar. Quem sabe hoje à noite, depois que todas as outras pessoas tiverem ido dormir... Hazelle normalmente trabalha até tarde lavando roupa. Então eu podia dar um pulo lá, dar uma batidinha na janela e contar a situação para que ela pudesse impedir que Gale fizesse alguma coisa estúpida.

Minha conversa com o presidente Snow no escritório me volta à mente.

– Meus conselheiros estavam preocupados com a possibilidade de você ser uma pessoa difícil, mas você não está planejando ser uma pessoa difícil, está?

– Não.

– Foi o que falei para eles. Eu disse que uma garota que passou por tantos infortúnios para se manter viva não vai estar interessada em jogar tudo isso fora de mão beijada.

Penso em todas as dificuldades que Hazelle teve para manter aquela família viva. Certamente ela ficará do meu lado nessa questão. Ou será que não?

Já deve ser quase meio-dia agora, e os dias estão curtos demais. Não faz nenhum sentido ficar na floresta depois de escurecer, se não houver necessidade. Apago o que restou de minha pequena fogueira, limpo os restos de comida e prendo as luvas de Cinna ao cinto. Acho que vou ficar com elas por um tempo. Caso Gale mude de ideia. Penso na expressão que ele tinha no rosto quando as jogou no chão. Na repugnância que parecia sentir por elas, por mim...

Caminho em meio à floresta e alcanço minha antiga casa enquanto o dia ainda está claro. Minha conversa com Gale foi obviamente um revés, mas ainda estou determinada a prosseguir com o plano de fugir do Distrito 12. Tomo a decisão de encontrar Peeta em seguida. De uma maneira estranha, tendo em vista que ele também viu um pouco do que vi na turnê, pode ser que ele seja

persuadido mais facilmente do que Gale. Dou de cara com ele no instante em que está saindo da Aldeia dos Vitoriosos.

– Estava caçando? – pergunta ele. Dá para ver que não considera isso uma boa ideia.

– Não estava, não. Você está indo para a cidade? – pergunto.

– Estou. Vou jantar com minha família – diz ele.

– Bom, pelo menos posso caminhar com você. – A estrada da Aldeia dos Vitoriosos para a praça é pouco utilizada. É um lugar suficientemente seguro para se conversar. Mas parece que não estou conseguindo fazer com que as palavras saiam da minha boca. Fazer a proposta a Gale foi desastroso demais. Mordo meus lábios rachados. A praça fica mais próxima a cada passo que dou. Posso demorar um bom tempo para ter uma outra oportunidade. Respiro fundo e deixo as palavras saírem:

– Peeta, se eu te pedisse para fugir do distrito comigo, você concordaria?

Peeta pega o meu braço, fazendo-me parar. Ele não precisa verificar o meu rosto para ver que estou falando sério.

– Depende do motivo do pedido.

– Eu não consegui convencer o presidente Snow. Tem um levante ocorrendo no Distrito 8. A gente precisa se mandar daqui – digo.

– Quando você diz "a gente" você está se referindo a nós dois apenas? Não. Quem mais iria com a gente? – pergunta ele.

– Minha família. A sua, se eles quiserem ir. Haymitch, talvez – digo.

– E Gale?

– Não sei. Pode ser que ele tenha outros planos.

Peeta balança a cabeça e me dá um sorriso pesaroso.

– Aposto que ele tem. Com certeza, Katniss, eu vou.

Sinto uma pontinha de esperança.

– Vai?

– Claro. Mas acho que você não vai de jeito nenhum – diz.

Eu me solto de seu braço.

– Então você não me conhece. Pode ficar pronto. A gente sai a qualquer momento. – Começo a andar e ele segue um ou dois passos atrás de mim.

– Katniss – diz Peeta. Não diminuo o ritmo. Se ele acha a ideia ruim, nem quero saber, porque é a única que tenho. – Katniss, para um instante. – Chuto um bolo de neve suja para fora da trilha e deixo que ele me alcance. O pó do carvão faz com que tudo fique com uma aparência particularmente horrível. – Eu vou mesmo, se você quiser que eu vá. Só acho que é melhor a gente discutir isso com Haymitch. A gente precisa ter certeza de que não vai piorar ainda mais as coisas pra todo mundo. – Ele levanta a cabeça. – O que é?

Eu levanto o queixo. Estava tão absorvida com as minhas próprias preocupações que nem notei o estranho ruído vindo da praça. Um assobio, o som de um impacto, a multidão inteira prendendo a respiração.

– Vamos – diz Peeta, seu rosto subitamente tenso. Eu não sei por quê. Não consigo distinguir o som, nem mesmo adivinhar a situação. Mas significa alguma coisa ruim para ele.

Quando alcançamos a praça, fica claro que algo está acontecendo, mas a multidão está densa demais para que eu consiga enxergar. Peeta sobe num engradado encostado no muro da doceria e me oferece a mão enquanto vasculha a praça. Estou quase lá quando ele subitamente me impede de continuar.

– Desce. Sai daqui! – Ele está sussurrando, mas sua voz soa ríspida e insistente.

– O que é? – tento forçar o caminho de volta ao topo do engradado.

– Vai pra casa, Katniss! Eu chego lá em um minuto, juro! – diz ele.

Seja lá o que for, é algo terrível. Solto a mão dele e começo a abrir caminho em meio à multidão. As pessoas me veem, reconhecem o meu rosto e em seguida exibem um olhar de pânico. Mãos me empurram para trás. Vozes sibilam.

– Sai daqui, garota.

– Só vai piorar as coisas.

– O que você quer fazer? Você quer que ele morra?

Mas a essa altura o meu coração está batendo com tanta rapidez que mal consigo ouvi-los. Sei apenas que o que quer que esteja ocorrendo no meio da praça tem a ver comigo. Quando finalmente alcanço um espaço vazio,

descubro que estou certa. E que Peeta estava certo. E que aquelas vozes também estavam certas.

Os pulsos de Gale foram amarrados a um poste de madeira. O peru selvagem que ele caçou mais cedo está pendurado acima dele, o prego enfiado no pescoço. Sua jaqueta foi jogada no chão, a camisa está rasgada. Ele está tombado de joelhos e inconsciente, sustentado apenas pelas cordas em seus pulsos. O que antes eram suas costas é agora um pedaço de carne viva e ensanguentada.

Em pé atrás dele está um homem que nunca vi na vida, mas cujo uniforme eu reconheço. É o designado para ser o Chefe dos Pacificadores de nosso distrito. Mas esse não é o velho Cray. Esse é um homem alto e musculoso com vincos salientes nas calças.

Demoro a entender toda a cena, até que eu vejo o braço dele levantando um chicote.



– Não! – grito, avançando. É tarde demais para impedir que o braço desça, e instintivamente sei que não terei forças para bloqueá-lo. Em vez disso, jogo-me diretamente entre o chicote e Gale. Abro os braços para proteger o máximo possível seu corpo estraçalhado, de modo que fico completamente exposta. Levo todo o impacto do golpe no lado esquerdo de meu rosto.

A dor é excruciante e instantânea. Pontinhos distorcidos de luz cruzam a minha visão e caio de joelhos. Uma das mãos cobre o rosto enquanto a outra me impede de tombar no chão. Já consigo sentir a chibata se erguendo novamente, o inchaço fechando meu olho. As pedras embaixo de mim estão molhadas com o sangue de Gale, o ar impregnado do forte aroma.

– Para! Você vai matar ele! – berro.

Vislumbro o rosto de meu agressor. Duro, com linhas profundas, uma boca cruel. Cabelos grisalhos raspados quase até a raiz, olhos tão pretos que parecem apenas pupilas, um nariz longo e reto avermelhado devido ao ar frio. O poderoso braço se ergue novamente, seus olhos fixos em mim. Minha mão voa em direção ao meu ombro, faminta por uma flecha, mas, é claro, minhas armas estão guardadas na floresta. Cerro os dentes prevendo o golpe seguinte.

– Espere! – late uma voz. Haymitch aparece, tropeçando em um Pacificador caído no chão. É Darius. Um enorme calombo púrpura está visível em meio aos cabelos ruivos de sua testa. Parece inconsciente, mas ainda respirando. O que aconteceu? Será que ele tentou ajudar Gale antes de mim?

Haymitch o ignora e me coloca de pé rispidamente.

– Ah, excelente. – Sua mão segura o meu queixo e o ergue. – Ela tem uma sessão de fotos na semana que vem para escolher o vestido de casamento. O que é que eu vou falar pro estilista dela?

Identifico uma pontinha de reconhecimento nos olhos do homem com o chicote. Coberta de roupas de inverno, meu rosto sem maquiagem, minha trança enfiada cuidadosamente no casaco, não seria fácil me reconhecer como a vitoriosa dos últimos Jogos Vorazes. Principalmente com metade do rosto inchado. Mas Haymitch aparece na televisão há anos, e seria muito difícil alguém se esquecer dele.

O homem pousa o chicote nos quadris.

– Ela interrompeu o castigo de um criminoso confesso.

Tudo no homem, sua voz autoritária, seu sotaque esquisito, alerta para uma ameaça desconhecida e perigosa. De onde ele vem? Do distrito 11? Do 3? Da própria Capital?

– Não estou nem aí se ela explodiu a droga do Edifício da Justiça! Olha só pro rosto dela! Você acha que o rosto dela vai estar em condições de ser filmado daqui a uma semana? – rosna Haymitch.

A voz do homem ainda está fria, mas consigo detectar um leve indício de dúvida:

– Isso não é problema meu.

– Ah, não? Bom, então vai começar a ser, meu amigo. A primeira coisa que vou fazer quando chegar em casa é telefonar para a Capital – diz Haymitch. – Vou descobrir quem foi que autorizou você a estragar o rostinho bonito da minha vitoriosa!

– Ele estava caçando ilegalmente. O que ela tem com isso, afinal de contas? – diz o homem.

– Ele é primo dela. – Peeta agora está segurando o meu outro braço, mas dessa vez delicadamente. – E ela é minha noiva. Então, se você quer bater nele, vai ter que passar por cima de nós dois.

De repente nós somos isso mesmo. As únicas três pessoas no distrito que poderiam fazer uma encenação como essa. Embora certamente seja uma coisa temporária. Haverá repercussões, não resta dúvida. Mas por enquanto, a única coisa que me importa é manter Gale vivo. O novo Chefe dos Pacificadores olha

de relance para seu esquadrão de apoio. Aliviada, vejo que são todos rostos familiares, velhos amigos do Prego. Só de olhar para a expressão em seus rostos é possível dizer que eles não estão gostando do show.

Um deles, uma mulher chamada Purnia, que come regularmente na barraquinha de Greasy Sae, dá um passo à frente, o olhar severo.

– Acredito que, por ele ser um réu primário, o número necessário de chicotadas já foi dispensado, senhor. A menos que a sua sentença seja a morte, o que teríamos que executar com um pelotão de fuzilamento.

– Esse é o protocolo padrão aqui? – pergunta o Chefe dos Pacificadores.

– Sim, senhor – diz Purnia, e várias outras pessoas balançam a cabeça em concordância. Tenho certeza de que nenhuma delas na verdade sabe ao certo, tendo em vista que no Prego o protocolo padrão para alguém que aparece com um peru selvagem é todo mundo soltar fogos.

– Muito bem. Então tira o seu primo daqui, garota. E se ele recobrar os sentidos, lembre a ele que, da próxima vez em que caçar ilegalmente nas terras da Capital, vou reunir pessoalmente o pelotão de fuzilamento. – O Chefe dos Pacificadores enxuga a mão nas tiras do chicote, espirrando sangue em nós. Em seguida, ele o enrola e vai embora.

A maioria dos outros Pacificadores entra numa formação estranha atrás dele. Um pequeno grupo fica no local e segura o corpo de Darius pelas pernas e pelos braços. Olho para Purnia e pronuncio a palavra "obrigada" antes que ela se vá. Ela não responde, mas tenho certeza de que compreendeu.

– Gale. – Eu me viro, minhas mãos remexendo os nós que prendem seus pulsos. Alguém entrega uma faca e Peeta corta as cordas. Gale desaba no chão.

– Melhor levá-lo para sua mãe – diz Haymitch.

Não há maca, mas a senhora idosa da barraquinha de roupas nos vende a tábua que serve de balcão.

– Peço apenas para você não falar onde conseguiu isso – diz ela, empacotando rapidamente o restante de suas mercadorias. A maior parte da praça ficou vazia, o medo vencendo a compaixão. Mas depois do que acabou de acontecer, não posso culpar ninguém.

Quando deitamos Gale de bruços na tábua, já são poucas as pessoas que restam para carregá-lo. Haymitch, Peeta e alguns mineiros que trabalham na

mesma equipe de Gale o erguem.

Leevy, uma menina que mora na Costura, a poucas casas da minha, segura o meu braço. Minha mãe salvou a vida de seu irmãozinho no ano passado, quando ele pegou sarampo.

– Precisa de ajuda para voltar para casa? – pergunta Leevy. Seus olhos cinzentos estão amedrontados, porém determinados.

– Não, mas você pode ir até a casa da Hazelle e pedir para ela se encontrar com a gente? – pergunto.

– Claro – diz Leevy, girando sobre os calcanhares.

– Leevy! – digo. – Não a deixe trazer as crianças.

– Pode deixar. Vou ficar com elas.

– Obrigada. – Pego a jaqueta de Gale e corro atrás dos outros.

– Coloca um pouco de neve em cima disso – ordena Haymitch por cima do ombro. Apanho um punhado de neve e aperto no rosto para anestesiar um pouco a dor. Meu olho esquerdo está lacrimejando intensamente agora e, na parca luminosidade, tudo que consigo fazer é seguir as botas à minha frente.

Enquanto caminhamos, ouço Bristel e Thom, os colegas de trabalho de Gale, juntando os pedaços da história. Gale deve ter ido para a casa de Cray, como já fez centenas de vezes, sabendo que Cray sempre paga bem por um peru selvagem. Mas o que ele encontrou foi o novo Chefe dos Pacificadores, um homem que eles ouviram alguém chamando de Romulus Thread. Ninguém sabe o que aconteceu com Cray. Ele estava comprando aguardente branca no Prego hoje de manhã, aparentemente ainda comandando o distrito, mas agora ninguém sabe onde ele se meteu. Thread prendeu Gale imediatamente e, é claro, como ele estava lá segurando um peru selvagem, não havia muito o que Gale pudesse dizer para se defender. Rumores acerca de seu infortúnio se espalharam com rapidez. Ele foi levado para a praça, forçado a confessar sua culpa e sentenciado ao chicoteamento imediatamente. Quando eu apareci, ele já havia levado pelo menos quarenta chicotadas. Ele desmaiou por volta da trigésima.

– Foi sorte ele estar apenas com um peru – diz Bristel. – Se ele estivesse carregando a quantidade de caça que costumava trazer, a coisa teria sido bem pior.

– Ele contou para o Thread que tinha achado o peru perdido na Costura. Disse que o bicho atravessou a cerca e ele foi lá e deu um golpe de porrete na cabeça dele. É crime da mesma maneira. Mas se eles tivessem descoberto que ele tinha estado na floresta usando armas, com certeza o teriam matado na hora – diz Thom.

– E o Darius? – pergunta Peeta.

– Depois de mais ou menos umas vinte chicotadas, ele apareceu e disse que já era suficiente. Só que ele não fez a coisa de um jeito inteligente e oficial, como a Purnia. Ele agarrou o braço de Thread e o cara bateu com o cabo do chicote na cabeça dele. Acho que não dá pra ele ter muita esperança – diz Bristel.

– Acho que não dá para nenhum de nós ter muita esperança – diz Haymitch.

A neve volta a cair, grossa e úmida, tornando a visibilidade ainda mais difícil. Vou cambaleando até a minha casa atrás dos outros, usando meus ouvidos muito mais do que os olhos para me guiar. Uma luz dourada colore a neve assim que a porta se abre. Minha mãe, que, sem dúvida alguma, estava esperando por mim após um longo dia de ausência sem explicação, analisa a cena.

– O novo Chefe – diz Haymitch, e ela balança a cabeça ligeiramente para ele, como se nenhuma outra explicação fosse necessária.

Encho-me de admiração, como aliás sempre acontece, ao vê-la transformar-se de uma mulher que me chama para matar uma aranha em uma mulher totalmente imune ao medo. Quando uma pessoa doente ou quase morrendo é levada para ela... essa é a única hora em que penso que minha mãe sabe quem ela é. Em questão de segundos a comprida mesa da cozinha foi esvaziada, um tecido branco esterilizado foi colocado em cima dela e Gale para lá foi içado. Minha mãe pega um pouco de água de uma chaleira enquanto ordena que Prim traga uma série de coisas do armário de remédios. Ervas secas, soluções e frascos. Observo as mãos dela, os dedos longos e finos triturando um pouco disso, adicionando um pouco daquilo e colocando tudo dentro da bacia. Mergulhando um tecido no líquido quente enquanto dá instruções para que Prim prepare uma segunda infusão.

Minha mãe olha de relance na minha direção.

– Ele fez um corte no seu olho?

– Não, só ficou inchado – digo.

– Coloca mais um pouco de neve em cima – instrui ela. Mas está mais do que evidente que eu não sou a prioridade.

– Vai dar para salvá-lo? – pergunto à minha mãe. Ela não diz nada enquanto rasga o tecido e o segura no ar para que esfrie um pouco.

– Não se preocupe – diz Haymitch. – Antes de Cray, as chicotadas eram bem frequentes. A gente sempre trazia as vítimas para cá.

Não consigo me lembrar de uma época anterior a Cray, uma época em que havia um Chefe dos Pacificadores que costumava chicotear com assiduidade. Mas minha mãe devia ter mais ou menos a mesma idade que tenho hoje e ainda trabalhava na farmácia com seus pais. Naquela época, ela já devia ter mãos capazes de curar.

Cada vez com mais delicadeza, ela começa a limpar a carne mutilada das costas de Gale. Sinto um enjoo no estômago, infrutífero, o resto da neve pingando da minha luva e formando uma poça no chão. Peeta me coloca numa cadeira e aperta um pano com neve fresca no meu rosto.

Haymitch fala para Bristel e Thom irem para casa, e eu o vejo colocando algumas moedas nas mãos deles.

– Não sei o que vai acontecer com a turma de vocês – diz Haymitch. Eles balançam a cabeça e aceitam o dinheiro.

Hazelle chega, sem fôlego e atarantada, neve recém-caída nos cabelos. Sem dizer uma palavra, ela se senta num banquinho perto da mesa, pega a mão de Gale e a encosta em seus lábios. Minha mãe não dá atenção nem mesmo a ela. Ela adentrou aquela zona especial que inclui apenas ela mesma e o paciente, e ocasionalmente Prim. O resto pode muito bem esperar.

Mesmo sob os cuidados de suas mãos experientes, demora muito tempo para limpar os ferimentos, verificar que partes de pele dilaceradas podem ser salvas, aplicar um unguento e um curativo leve. À medida que o sangue começa a ser removido, consigo ver onde cada golpe da chibata aterrissou e sinto o açoite ressoando no único corte que tenho no rosto. Multiplico a minha própria dor uma, duas, quarenta vezes e só posso torcer para que Gale

permaneça inconsciente. É claro que isso é pedir muito. Assim que os últimos curativos são colocados, um gemido escapa de seus lábios. Hazelle acaricia seus cabelos e sussurra alguma coisa enquanto minha mãe e Prim vasculham seu parco estoque de analgésicos em busca do tipo normalmente acessível apenas a médicos. Eles são difíceis de ser encontrados, caros e sempre bastante procurados. Minha mãe precisa guardar os mais fortes para as piores dores, mas qual é a pior dor? Para mim, é sempre a dor atual. Se eu estivesse no comando, esses analgésicos acabariam em um dia, porque tenho pouquíssima capacidade de observar pessoas sofrendo. Minha mãe tenta guardá-los para aqueles que estão realmente à beira da morte, para que se afastem do mundo em paz.

Como Gale está voltando a si, elas decidem dar a ele uma mistura de ervas que pode ser ingerida oralmente.

– Isso não vai ser suficiente – digo. Elas me encaram. – Isso não vai ser suficiente. Eu sei a dor que ele está sentindo. Isso não alivia nem uma dor de cabeça mais forte.

– Vamos combinar as ervas com um xarope sonífero, Katniss, e ele vai aguentar. As ervas são mais para a inflamação... – começa a dizer minha mãe, com toda a calma do mundo.

– Dá logo esse remédio para ele! – berro com ela. – Dá logo! Afinal de contas, quem são vocês para ficarem decidindo quanta dor ele é capaz de suportar?

Gale começa a se agitar ao ouvir a minha voz, na tentativa de entrar em contato comigo. O movimento faz com que saia sangue de seu curativo e um som agonizante escapa de sua boca.

– Tirem-na daqui – diz minha mãe. Haymitch e Peeta literalmente me carregam do recinto enquanto eu grito as maiores obscenidades para ela. Eles me contêm na cama de um dos quartos vagos até eu parar de lutar.

Enquanto estou lá deitada, soluçando, lágrimas tentando irromper de meu olho inchado, ouço Peeta sussurrar para Haymitch algo sobre o presidente Snow, algo sobre o levante no Distrito 8.

– Ela quer que a gente fuja daqui – diz ele, mas se Haymitch tem uma opinião sobre isso, ele não a extravasa.

Depois de um tempo, minha mãe aparece e cuida de meu rosto. Em seguida, segura a minha mão, acariciando o meu braço, enquanto Haymitch a informa acerca do ocorrido com Gale.

– Quer dizer então que começou tudo de novo? – diz ela. – Como antes?

– Ao que parece – responde ele. – Quem imaginaria que iríamos lamentar a saída do velho Cray?

Cray seria detestado de qualquer maneira por causa do uniforme que vestia, mas era o hábito que ele tinha de atrair mulheres jovens esfomeadas para sua cama em troca de dinheiro que o tornava um objeto de ódio no distrito. Nos tempos realmente ruins, as mais famintas se reuniam na frente de sua porta à noite em busca de uma chance de ganhar algumas moedas para alimentar suas famílias, vendendo seus próprios corpos. Se eu tivesse idade suficiente na época que meu pai morreu, haveria uma grande chance de estar entre elas. Em vez disso, aprendi a caçar.

Não sei exatamente o que a minha mãe quer dizer com tudo começando de novo, mas estou zangada demais e sentindo muitas dores para perguntar. Mas a ideia de que tempos piores estão voltando está registrada em minha cabeça, porque quando a campainha toca, eu salto imediatamente da cama. Quem poderia ser a essa hora da noite? Só pode haver uma resposta. Pacificadores.

– Eles não podem pegar Gale – digo.

– Talvez estejam atrás de você – me lembra Haymitch.

– Ou de você – digo.

– Aqui não é a minha casa – observa Haymitch. – Mas vou abrir a porta.

– Não, eu vou – diz minha mãe, com tranquilidade.

Entretanto, todos nós acabamos indo, seguindo-a pelo corredor até a insistente campainha. Quando ela abre a porta, não vemos nenhum esquadrão de Pacificadores, mas uma figura solitária com neve dos pés à cabeça. Madge. Ela me estende uma caixinha de cartolina molhada.

– Use isso aqui no seu amigo – diz ela. Tiro a tampa da caixa, revelando meia dúzia de ampolas com um líquido transparente. – Isso é da minha mãe. Ela disse que eu podia pegar. Use isso, por favor. – Ela corre de volta para a tempestade antes que possamos impedi-la.

– Que garota maluca – murmura Haymitch enquanto seguimos minha mãe até a cozinha.

O que quer que minha mãe tivesse dado a Gale, eu estava certa: não foi suficiente. Seus dentes estão cerrados e sua pele brilha de suor. Minha mãe enche uma seringa com o líquido transparente de uma das ampolas e aplica em seu braço. Quase que imediatamente, o rosto dele começa a relaxar.

– Que troço é esse? – pergunta Peeta.

– Vem da Capital. É chamado morfináceo – responde minha mãe.

– Eu nem sabia que Madge conhecia Gale – diz Peeta.

– A gente vendia framboesas para ela – digo, quase com raiva. Mas afinal de contas estou com raiva do quê? Certamente não do fato de ela ter trazido o remédio.

– Ela deve gostar muito dessas frutas – diz Haymitch.

É isso o que me deixa irritada. É a conclusão de que existe alguma coisa entre Gale e Madge. E eu não gosto disso.

– Ela é minha amiga. – É tudo o que digo.

Agora que Gale ficou totalmente inconsciente devido ao analgésico, todos parecem estar mais tranquilos. Prim nos convence a comer um pouco de cozido e pão. Um quarto é oferecido a Hazelle, mas ela precisa voltar para casa por causa das crianças. Haymitch e Peeta estão dispostos a ficar, mas minha mãe também os despacha para casa. Ela sabe que não faz sentido tentar a mesma coisa comigo e me deixa cuidar de Gale enquanto ela e Prim descansam.

Sozinha na cozinha com Gale, eu me sento no banquinho de Hazelle e seguro a mão dele. Depois de um tempo, meus dedos acham seu rosto. Toco partes dele que jamais tive motivos para tocar antes. Suas densas e escuras sobrancelhas, a curva da bochecha, a linha do nariz, a nuca. Percorro o desenho dos pelos em seu queixo e finalmente sigo em direção a seus lábios. Suaves e grossos, ligeiramente rachados. Sua respiração aquece a minha pele enregelada.

Será que todo mundo parece mais jovem quando está dormindo? Porque nesse exato momento ele poderia muito bem ser o garoto com quem eu dei de cara na floresta anos atrás, o que me acusou de roubar suas armadilhas. Que dupla nós éramos – órfãos de pai, assustados, mas também intensamente

comprometidos em manter nossas famílias vivas. Desesperados, ainda que não mais sozinhos depois daquele dia, porque havíamos encontrado um ao outro. Penso em uma centena de momentos vividos na floresta, preguiçosas tardes de pescaria, o dia em que eu o ensinei a nadar, a vez em que torci o joelho e ele me levou para casa no colo. Um sempre contando com o outro, tomando conta do outro, forçando o outro a ser corajoso.

Pela primeira vez, inverto nossas posições em minha cabeça. Em minha mente, observo Gale se oferecendo para salvar Rory na colheita, ele sendo arrancado de minha vida, tornando-se o amante de alguma garota estranha para permanecer vivo, e, então, voltando para casa com ela. Morando perto dela. Prometendo se casar com ela.

O ódio que eu sinto por ele, pela garota-fantasma, por tudo, é tão real e imediato que chega a me sufocar. Gale é meu. Eu sou dele. Qualquer outra coisa é impensável. Por que terá sido necessário que sua vida ficasse a um centímetro de se extinguir sob aquele chicote para que eu pudesse enxergar isso?

Porque sou egoísta. Sou covarde. Sou o tipo de garota que, mesmo podendo ser claramente útil para alguma coisa, fugiria para continuar viva e deixaria para trás para sofrer e morrer aqueles que não têm como segui-la. Essa é a garota com quem Gale se encontrou hoje na floresta.

Não é surpresa nenhuma eu ter vencido os Jogos. Nenhuma pessoa decente jamais consegue essa proeza.

Você salvou Peeta, penso, sem muita convicção.

Mas agora questiono inclusive isso. Eu sabia muito bem que minha vida no Distrito 12 se tornaria impossível se eu deixasse aquele garoto morrer.

Pouso a cabeça na beirada da mesa, tomada de desprezo por mim mesma. Desejando ter morrido na arena. Desejando que Seneca Crane tivesse me despedaçado da maneira que o presidente Snow disse que ele devia ter feito quando estendi aquelas amoras.

As amoras. Percebo que a resposta para quem eu sou reside naquele punhado de frutas venenosas. Se as estendi para salvar Peeta porque sabia que seria rejeitada se voltasse para casa sem ele, então, sou uma pessoa desprezível. Se as estendi porque o amava, ainda assim, sou autocentrada, embora

perdoável. Mas se eu as estendi para desafiar a Capital, sou alguém de valor. O problema é que não sei exatamente o que estava se passando dentro de mim naquele momento.

Será possível que as pessoas nos distritos estejam com a razão? Que aquilo tenha sido um ato de rebelião, mesmo que feito de modo inconsciente? Porque no fundo, no fundo, devo saber que manter a mim mesma, ou à minha família, ou aos meus amigos vivos fugindo não é o suficiente. Mesmo que eu conseguisse. Isso não consertaria nada. Isso não impediria as pessoas de se ferirem da mesma maneira que Gale hoje.

A vida no Distrito 12 não é de fato tão diferente da vida na arena. Em determinado ponto, você precisa parar de correr, se virar e encarar quem quer que queira ver você morta. A coisa mais difícil é encontrar a coragem para fazer isso. Bom, não é difícil para Gale. Ele é um rebelde nato. Eu sou a que faz planos de fuga.

– Desculpa – sussurro. Curvo-me e o beijo.

Seus cílios se mexem e ele olha para mim em meio a uma névoa de opiáceos.

– E aí, Catnip.

– E aí, Gale.

– Pensei que a uma hora dessas você já estaria longe – diz ele.

Minhas escolhas são simples. Posso morrer como uma presa na floresta ou posso morrer aqui ao lado de Gale.

– Eu não vou para lugar nenhum. Vou ficar bem aqui e arrumar todo tipo de encrenca que for possível.

– Eu também – diz Gale. Ele só consegue dar um sorriso antes que as drogas o levem novamente para o estado de inconsciência.



Alguém dá uma sacudida em meu ombro e eu me sento. Caí no sono com o rosto em cima da mesa. O pano branco deixou marcas na minha bochecha sã. A outra, a que levou a chicotada de Thread, lateja dolorosamente. Gale está apagado, mas seus dedos estão entrelaçados nos meus. Sinto cheiro de pão recém-saído do forno e viro o meu pescoço rígido para dar de cara com Peeta, olhando para mim com uma expressão muito triste. Tenho a sensação de que ele estava nos observando há algum tempo.

– Vai para a cama, Katniss. Eu cuido dele agora – diz.

– Peeta. Sobre o que eu disse ontem, sobre fugir... – começo.

– Eu sei – diz ele. – Você não precisa explicar nada.

Vejo os pães na bancada na luz pálida e enevoada da manhã. As sombras azuladas abaixo dos olhos dele. Fico me perguntando se ele dormiu mesmo. Se dormiu, não foi por muito tempo. Penso em como ele concordou em ir comigo ontem, em como ficou ao meu lado para proteger Gale, na disposição que demonstrou para me acompanhar em tudo e em como eu faço tão pouco em retribuição. Não importa o que eu faça, sempre magoo alguém.

– Peeta...

– Vai dormir, certo?

Subo a escada, rastejo para debaixo das cobertas e imediatamente caio no sono. Em determinado momento, Clove, a garota do Distrito 2, entra em meus sonhos. Ela vai em meu encalço, me prende no chão e puxa uma faca para cortar o meu rosto, abrindo um talho bem grande. Em seguida Clove começa a se transformar, seu rosto se alonga virando uma espécie de focinho,

pelos escuros brotam de sua pele, suas unhas crescem e se transmutam em longas garras, mas os olhos permanecem imutáveis. Ela se torna a forma bestante de si mesma, o ser com aspecto de lobo criado pela Capital que nos aterrorizou na última noite em que estivemos na arena. Jogando a cabeça para trás, ela emite um uivo arrepiante que é detectado por outros bestantes nas proximidades. Clove começa a limpar o sangue que flui do meu ferimento, cada lambida proporcionando uma nova onda de dor em meu rosto. Dou um grito estrangulado e acordo sobressaltada, suando e tremendo. Cubro com a mão a bochecha machucada e lembro a mim mesma que não foi Clove, mas sim Thread quem me fez esse ferimento. Gostaria que Peeta estivesse aqui para me abraçar, até lembrar que não devo mais desejar esse tipo de coisa. Escolhi Gale e a rebelião. Um futuro com Peeta é ideia da Capital, não minha.

O inchaço ao redor do meu olho diminuiu e consigo abri-lo um pouco. Puxo as cortinas e vejo que a nevasca piorou e se transformou numa tempestade de neve em grande escala. Não há nada além da intensa brancura e do vento uivante, cujo som é extraordinariamente parecido com o dos bestantes.

Dou boas-vindas à tempestade, com seus ventos ferozes e a neve que cai sem perdão. Isso pode ser suficiente para afastar os verdadeiros lobos, também conhecidos como Pacificadores, da minha casa. Alguns dias para pensar. Para elaborar um plano. Com Gale, Peeta e Haymitch à mão. Essa tempestade é uma bênção.

Entretanto, antes de descer para encarar essa nova vida, levo algum tempo tentando compreender o que isso vai significar. Menos de um dia atrás, estava preparada para fugir da cidade com meus entes queridos no meio do inverno, com a possibilidade bastante real de sermos perseguidos pela Capital. Um empreendimento precário na melhor das hipóteses. Mas agora estou me comprometendo a algo ainda mais arriscado. Combater a Capital é garantia, em todos os sentidos, de uma retaliação rápida da parte deles. Devo aceitar que a qualquer momento poderei ser presa. Haverá uma batida na porta, como a de ontem à noite, e um grupo de Pacificadores aparecendo para me levar. Talvez haja tortura. Mutilações. Uma bala na minha cabeça em plena praça, se tiver sorte o suficiente para ter um fim tão rápido. A Capital possui uma criatividade

quase infinita em matéria de arranjar meios de matar pessoas. Imagino essas coisas e fico aterrorizada, mas vamos encarar os fatos: eles já estavam me cercando, de uma forma ou de outra. Fui um tributo nos Jogos. Fui ameaçada pelo presidente. Levei uma chicotada na cara. Eu já sou um alvo.

Agora vem a parte mais difícil. Preciso aceitar que a minha família e meus amigos talvez venham a compartilhar a minha sina. Prim. Basta pensar em Prim e toda a minha determinação se desintegra. É meu dever protegê-la. Puxo o cobertor e cubro a cabeça. Minha respiração está tão acelerada que gasto todo o oxigênio e começo a ficar sufocada. Não posso permitir que a Capital faça algum mal a Prim.

E então eu me dou conta. Eles já fizeram isso. Mataram nosso pai naquelas minas abomináveis. Ficaram sentados de braços cruzados enquanto ela quase morria de fome. Eles a escolheram para ser um tributo e depois a fizeram assistir à sua irmã lutar até a morte nos Jogos. Ela sofreu muito mais do que eu sofri quando tinha doze anos de idade. E até mesmo isso não passa de uma pálida comparação com a vida de Rue.

Jogo o cobertor para o lado e sugo o ar frio que atravessa a janela.

Prim... Rue... por acaso não são elas o principal motivo de eu tentar lutar? Porque o que foi feito com elas é algo tão errado, tão além de qualquer justificativa, tão malévolo que não me dá nenhuma outra escolha? Porque ninguém tem o direito de tratá-las como elas foram tratadas?

Sim. Isso é o que deve ser lembrado quando o medo ameaça me engolir. O que estou a ponto de fazer, independentemente do que nós todos sejamos forçados a suportar, é em função delas. É tarde demais para ajudar Rue, mas talvez não seja tarde demais para aquelas cinco carinhas que olharam para mim na praça do Distrito 11. Talvez não seja tarde demais para Rory e Vick e Posy. Talvez não seja tarde demais para Prim.

Gale tem razão. Se as pessoas tiverem coragem, isso pode ser uma oportunidade. Ele também tem razão quando diz que, já que fui eu quem começou tudo isso, eu ainda poderia ser muito útil. Embora não faça a menor ideia de como. Mas decidir não fugir é um primeiro passo crucial.

Tomo uma chuveirada, e nessa manhã o meu cérebro não está fazendo o inventário dos suprimentos para serem levados para os confins da natureza,

mas sim tentando entender como as pessoas organizaram aquele levante no Distrito 8. Tantas pessoas, tão claramente desafiando a Capital. Será que foi pelo menos planejado, ou será que foi alguma coisa que simplesmente irrompeu após tantos anos de ódio e ressentimento? Como poderíamos fazer algo similar aqui? Será que as pessoas do Distrito 12 participariam ou será que se trancariam em suas casas? Ontem a praça ficou vazia muito rapidamente depois do castigo de Gale. Mas será que não foi porque todos nos sentimos impotentes demais e não temos a menor ideia do que fazer? Precisamos que alguém nos guie e assegure de que podemos obter sucesso. Acho que não sou essa pessoa. Posso ter sido a catalisadora da rebelião, mas um líder deve ser alguém com convicção, e eu mal consigo convencer a mim mesma. Alguém com uma coragem inquebrantável, e eu ainda estou trabalhando com afinco para encontrar a minha própria. Alguém com palavras claras e persuasivas, e estou frequentemente com a língua presa.

Palavras. Penso em palavras e penso em Peeta. Como as pessoas acolhem tudo o que ele diz. Ele poderia colocar multidões em ação, aposto, se assim quisesse. Ele encontraria sem dificuldade as palavras que deveria dizer. Mas tenho certeza de que essa ideia jamais passou pela sua cabeça.

Desço e encontro minha mãe e Prim cuidando de um Gale prostrado. O efeito do remédio deve estar passando, pela cara que ele está fazendo. Eu me preparo para mais uma briga, mas tento manter a voz calma:

– Não tem como você dar mais uma dose para ele?

– Vou dar, se for necessário. Achamos melhor tentar a cobertura de neve primeiro – diz minha mãe. Ela retirou os curativos. Dá para ver nitidamente o calor que irradia das costas dele. Ela coloca um pano limpo em cima da carne torturada e faz um gesto com a cabeça para Prim.

Prim surge, mexendo o que parece ser uma grande tigela cheia de neve. Mas está com uma cor levemente esverdeada e tem um aroma agradável. Cobertura de neve. Ela começa a aplicar cuidadosamente o material no pano. Quase consigo ouvir o chiado da pele martirizada de Gale recebendo a mistura. Os olhos dele se abrem levemente, perplexos, e então ele deixa escapar um som de alívio.

– É muita sorte nossa estar nevando – diz minha mãe.

Imagino como deve ser se recuperar de chicotadas durante o verão, com o calor sufocante e a água morna saindo da torneira.

– O que você fazia nos meses mais quentes? – pergunto.

Uma ruga aparece entre as sobrancelhas de minha mãe quando ela responde:

– Tentava afastar as moscas.

Meu estômago fica embrulhado diante da resposta. Ela enche um lenço com a mistura de neve e eu o encosto em meu rosto. A dor vai embora instantaneamente. É o frio da neve, sim, mas qualquer que seja a mistura de ervas que minha mãe adicionou também ajuda a anestesiar.

– Ah, que maravilha isso aqui. Por que você não colocou essa mistura nele ontem à noite?

– Eu precisava ajeitar o ferimento antes – diz ela.

Não sei o que isso significa exatamente, mas, contanto que funcione, quem sou eu para questioná-la? Ela sabe o que está fazendo, minha mãe. Sinto uma pontinha de remorso em relação a ontem à noite, às coisas horríveis que eu berrei para ela enquanto Peeta e Haymitch me arrastavam da cozinha.

– Desculpe. Desculpe por ter gritado com você ontem.

– Já ouvi coisas piores – diz ela. – Você viu como as pessoas agem quando alguém que elas amam está sofrendo.

Alguém que elas amam. As palavras deixam a minha língua dormente como se estivesse cheia de cobertura de neve. É claro que eu amo Gale. Mas a que tipo de amor ela está se referindo? O que estou querendo dizer quando digo que amo Gale? Não sei. Eu realmente o beijei ontem à noite, num momento em que não respondia por minhas ações. Mas tenho certeza de que ele não se lembra disso. Lembra? Espero que não. Se lembrar, tudo vai ficar mais complicado e eu não posso ficar pensando em beijos quando tenho uma rebelião para incitar. Balanço ligeiramente a cabeça para me livrar do pensamento.

– Onde está Peeta? – pergunto.

– Foi para casa assim que ouvimos você se mexendo na cama. Ele não queria sair daqui sozinho durante a nevasca – diz minha mãe.

– Ele chegou bem? – pergunto. Numa nevasca você pode ficar perdido e ficar vagando a esmo.

– Por que você não liga para ele para se certificar? – ela pergunta.

Vou para o escritório, uma sala que tenho evitado bastante desde o meu encontro com o presidente Snow, e disco o número de Peeta. Depois de chamar algumas vezes, ele atende.

– Oi. Eu só queria ter certeza de que você tinha chegado bem.

– Katniss, eu moro a três casas de você – diz ele.

– Eu sei, mas com esse tempo, sei lá.

– Bom, estou bem, sim. Obrigado pela preocupação. – Há uma longa pausa. – Como está o Gale?

– Tudo bem com ele. Minha mãe e Prim estão aplicando cobertura de neve nele agora.

– E o seu rosto?

– Eu também coloquei um pouquinho da mistura. Você viu Haymitch hoje?

– Dei uma olhada nele. Bêbado até a raiz dos cabelos. Mas acendi a lareira dele e deixei alguns pães.

– Eu queria conversar com... com vocês dois. – Não ouso acrescentar mais nada pelo telefone, que certamente deve estar grampeado.

– Provavelmente você vai ter que esperar até que o tempo melhore – diz ele. – Nada vai acontecer antes disso, de qualquer maneira.

– Nada mesmo – concordo.

A tempestade de neve leva dois dias para ir embora, deixando um saldo de montes de neve mais altos do que a minha cabeça. Mais um dia até que a trilha que vai da Aldeia dos Vitoriosos à praça seja desobstruída. Durante esse tempo, ajudo a cuidar de Gale, aplico cobertura de neve em meu rosto, tento lembrar tudo que posso a respeito do levante no Distrito 8, caso nos seja de alguma utilidade. O inchaço em meu rosto diminui ainda mais, deixando-me uma ferida que coça bastante e um olho bem roxo. Mas ainda assim, na primeira oportunidade que tenho, telefono para Peeta para ver se ele quer dar um pulo na cidade comigo.

Nós acordamos Haymitch e o arrastamos conosco. Ele reclama, mas não tanto quanto de costume. Todos nós sabemos que precisamos discutir o que aconteceu e não pode ser em um lugar tão perigoso quanto nossas casas na Aldeia dos Vitoriosos. Na realidade, esperamos que a aldeia fique bem para trás antes de abrirmos a boca. Eu passo o tempo estudando os paredões de quatro metros formados pela neve que se juntou de cada lado da estreita trilha que acabou de ser desobstruída, imaginando se eles não vão desabar em cima de nós.

Finalmente, Haymitch quebra o silêncio.

– Quer dizer então que estamos todos nos dirigindo para o grande desconhecido, não é? – pergunta ele, olhando para mim.

– Não – digo. – Não mais.

– Você analisou as fraquezas desse plano, não analisou queridinha? – pergunta ele. – Alguma ideia nova?

– Quero começar um levante.

Haymitch apenas ri. Não se trata nem de um riso maldoso, o que é mais perturbador ainda. É a prova de que ele não consegue nem mesmo me levar a sério.

– Bom, eu quero beber alguma coisa. Mas depois me conta como você se saiu nessa, combinado? – diz ele.

– Então qual é o seu plano? – rebato, com raiva.

– O meu plano é garantir que tudo saia perfeito para o seu casamento – diz Haymitch. – Liguei para remarcar a sessão de fotos sem dar muitos detalhes.

– Você nem tem telefone.

– Effie mandou consertar. Sabia que ela me perguntou se eu gostaria de levar você até o altar? Disse para ela que quanto mais cedo melhor.

– Haymitch. – Consigo ouvir o tom de súplica surgindo em minha voz.

– Katniss. – Ele me imita. – Não vai funcionar.

Calamos a boca quando uma equipe de homens com pás passa por nós, seguindo em direção à Aldeia dos Vitoriosos. Talvez eles possam dar um jeito naqueles paredões de neve de quatro metros de altura. E quando eles saem de vista, a praça já está bem próxima. Nós entramos nela e tudo para simultaneamente.

Nada vai acontecer durante a nevasca. Essa era a conclusão a que Peeta e eu havíamos chegado. Mas nós não podíamos estar mais equivocados. A praça foi transformada. Um cartaz enorme com a insígnia de Panem está pendurado no telhado do Edifício da Justiça. Pacificadores vestindo uniformes imaculadamente brancos marcham sobre os paralelepípedos limpos há pouco tempo. Ao longo dos telhados dos prédios, mais soldados ocupam nichos portando metralhadoras. O mais inquietante é uma fileira de novas construções – um pelourinho oficial, diversas cercas de estacas e um cadafalso – montados no centro da praça.

– Thread trabalha rápido – diz Haymitch.

Algumas ruas depois da praça, vejo uma chama subindo ao céu. Nenhum de nós tem nada a dizer a respeito. Só pode ser o Prego virando fumaça. Penso em Greasy Sae, Ripper, em todos os meus amigos que retiram seus sustentos de lá.

– Haymitch, você não acha que ainda havia alguém no... – Eu não consigo terminar a frase.

– Que nada, eles são espertos. Você também seria, se tivesse passado mais tempo por aqui – diz ele. – Bom, é melhor eu ver qual o estoque de álcool etílico disponível na farmácia.

Ele atravessa pesadamente a praça e eu olho para Peeta.

– Para que ele quer isso? – Então eu percebo a resposta. – A gente não pode deixar ele beber isso. Ele vai se matar, ou no mínimo ficar cego. Tenho um pouco de aguardente branca em casa.

– Eu também. De repente isso o segura um pouco até a Ripper achar uma maneira de retomar seu negócio – diz Peeta. – Preciso verificar como está a minha família.

– Preciso ver Hazelle. – Agora estou preocupada. Achava que ela estaria lá em casa assim que a neve fosse retirada. Mas ainda não há qualquer sinal dela.

– Eu também vou. Vou dar uma passadinha lá na padaria quando estiver voltando para casa – diz ele.

– Obrigada. – De repente, me sinto bastante assustada pelo que talvez encontre pela frente.

As ruas estão quase desertas, o que não seria tão incomum nesse momento do dia se as pessoas estivessem nas minas e as crianças na escola. Mas não estão. Vejo rostos nos observando das portas, através das persianas.

Um levante, penso. *Que idiota eu sou*. Existe uma imperfeição inerente no plano que tanto Gale quanto eu fomos cegos demais para enxergar. Um levante requer infringir a lei, desbancar a autoridade. Nós fizemos isso durante todo o tempo em que estivemos vivos, ou pelo menos nossas famílias fizeram. Caça ilegal, comércio no mercado clandestino, fazer pouco da Capital na floresta. Mas para a maior parte das pessoas no Distrito 12, uma ida ao Prego para comprar alguma coisa seria arriscada demais. E eu na expectativa de que eles se reunissem na praça com tijolos e tochas? A mera visão de mim e de Peeta já é suficiente para que as pessoas afastem seus filhos das janelas e fechem a cortina.

Encontramos Hazelle em sua casa, cuidando de uma Posy bem doente. Reconheço as marcas do sarampo.

– Não tinha como deixá-la aqui sozinha – diz ela. – Sabia que Gale estaria sendo cuidado pelas melhores mãos do mundo.

– É claro – digo. – Ele está bem melhor. Minha mãe acha que ele vai voltar para as minas daqui a algumas semanas.

– De qualquer maneira, pode ser que elas ainda não estejam abertas daqui a duas semanas – diz Hazelle. – O boato que está circulando é que vão ficar fechadas por tempo indeterminado. – Ela olha com inquietude para o tanque vazio.

– Você também está parada?

– Não oficialmente – diz Hazelle. – Mas agora está todo mundo com medo de me mandar trabalho.

– De repente é a neve – arrisca Peeta.

– Não, Rory deu uma volta rápida pelas ruas hoje de manhã. Ao que tudo indica, não tem nenhuma roupa para lavar – diz ela.

Rory abraça Hazelle.

– A gente vai ficar bem.

Tiro um pouco de dinheiro do bolso e coloco em cima da mesa.

– Minha mãe vai mandar alguma coisa para Posy.

Quando estamos do lado de fora, me viro para Peeta.

– Volta você. Eu quero dar uma passada no Prego.

– Eu vou junto – diz ele.

– Não. Já arrumei encrenca demais para você.

– Então evitar um passeio pelo Prego... vai resolver tudo pra mim? – Ele sorri e pega a minha mão. Juntos, nós percorremos as ruas da Costura até chegarmos ao edifício em chamas. Eles não se importaram nem mesmo em deixar alguns Pacificadores no local. Sabem que ninguém tentaria salvá-lo.

O calor das chamas derrete a neve que está em volta e uma água preta escorre na direção dos meus pés.

– É toda aquela poeira do carvão, dos tempos passados – afirmo. Estava em todos os cantos e em todos os orifícios. Até nos rodapés. É incrível o local não ter desabado antes. – Eu quero achar Greasy Sae.

– Hoje não, Katniss. Acho que a gente não vai ajudar ninguém fazendo visitas numa situação como essa.

Retornamos à praça. Compro alguns bolos na padaria do pai de Peeta enquanto eles jogam conversa fora, falando do tempo. Ninguém menciona os horrendos instrumentos de tortura que estão a poucos metros da porta. A última coisa que noto ao sairmos da praça é que eu não reconheço nem um rosto sequer entre os Pacificadores.

À medida que os dias vão passando, as coisas vão ficando de mal a pior. As minas permanecem fechadas há duas semanas e a essa altura metade do Distrito 12 já está passando fome. O número de crianças candidatando-se a tésseras aumenta vertiginosamente, mas elas quase sempre não recebem nenhuma porção de grãos. A escassez de comida começa, e mesmo aqueles com dinheiro voltam das lojas de mãos vazias. Quando as minas são reabertas, os salários são reduzidos, as horas de trabalho estendidas e os mineiros enviados para trabalhar em locais flagrantemente perigosos. A comida prometida, e ansiosamente esperada, para o Dia da Parcela chega estragada e emporcalhada por roedores. As instalações na praça ficam bastante movimentadas, pessoas são arrastadas para o local e punidas por delitos há tanto tempo ignorados que havíamos esquecido que eram ilegais.

Gale vai para casa sem que mencionemos uma única vez a palavra rebelião. Mas não consigo parar de pensar que tudo que ele testemunhar nas ruas apenas

fortalecerá sua decisão de se revoltar. As condições duras nas minas, os corpos torturados na praça, a fome nos rostos de seus familiares. Rory candidatou-se a tésseras, uma coisa sobre a qual Gale nem consegue falar, mas isso ainda não é o suficiente devido à pequena disponibilidade e aos preços cada vez mais altos dos alimentos.

A única notícia boa é que consegui convencer Haymitch a contratar Hazelle para trabalhar como sua empregada, o que resulta em algum dinheiro extra para ela e uma fantástica elevação na qualidade de vida dele. É estranho entrar na casa de Haymitch e encontrá-la limpa e agradável, e com comida no fogão. Ele mal repara porque está lutando uma batalha inteiramente diferente. Peeta e eu tentamos racionar a quantidade de bebida de que dispúnhamos, mas o estoque está quase no fim, e a última vez em que vi Ripper, ela estava presa no tronco.

Sinto-me como uma pária ao caminhar pelas ruas. Todos me evitam em público agora. Mas em casa não me falta companhia. Um constante suprimento de doentes e feridos é depositado em nossa cozinha diante de minha mãe, que há muito parou de cobrar por seus serviços. Mas seu estoque de remédios está se esgotando tão rapidamente que logo, logo só lhe restará a neve para tratar seus pacientes.

A floresta, é claro, está proibida. Absolutamente proibida. Impensável. Nem mesmo Gale desafia a lei agora. Mas numa manhã, eu resolvo desafiá-la. E não é a casa cheia de doentes e moribundos, as costas ensanguentadas, as crianças com as caras chupadas, as botas que marcham nas ruas ou a miséria onipresente que me levam a passar por baixo da cerca. É a chegada numa noite de um caixote cheio de vestidos de casamento com um bilhete de Effie, dizendo que o presidente Snow aprovou pessoalmente esses modelos.

O casamento. Será que ele está realmente planejando levar a ideia adiante? O que, em seu cérebro distorcido, isso vai alcançar? Será para o benefício daqueles que residem na Capital? Um casamento foi prometido, um casamento será realizado. E em seguida? Ele vai nos matar? Como uma lição para os distritos? Não sei. Não consigo ver nenhum sentido nisso. Eu me viro e me remexo na cama até não aguentar mais. Tenho que sair daqui. Pelo menos por algumas horas.

Minhas mãos cavam o meu closet até encontrarem o traje de material isolante que Cinna fez para meus momentos de lazer durante a Turnê da Vitória. Botas à prova d'água, um casaco de inverno que me cobre dos pés à cabeça, luvas térmicas. Adoro o meu velho equipamento de caçada, mas a caminhada que estou planejando fazer hoje é mais apropriada para esse tipo de roupa high-tech. Desço a escada na pontinha dos pés, encho minha bolsa de comida e saio de casa às escondidas. Esgueirando-me por ruelas e becos, chego ao ponto mais vulnerável da cerca, mais próximo a Rooba, o açougueiro. Como muitos trabalhadores cruzam esse caminho para chegar às minas, a neve está toda marcada de pegadas. As minhas não serão notadas. Com todo o seu aparato de segurança, Thread prestou pouca atenção à cerca, quem sabe imaginando que a temperatura inclemente e os animais selvagens fossem suficientes para manter todos devidamente seguros em suas casas. Mesmo assim, no instante em que me coloco embaixo da grade, cubro minhas pegadas até que as árvores as escondam para mim.

O dia está nascendo quando retiro meu arco e minhas flechas e começo uma marcha forçada pela floresta coberta de neve. Estou decidida, por algum motivo, a chegar no lago. Talvez para me despedir do local, de meu pai e dos tempos felizes que passamos ali, porque sei que provavelmente jamais voltarei a colocar os pés lá. Talvez só então eu seja capaz de respirar bem fundo novamente. Uma parte de mim não está realmente se importando com a possibilidade de ser capturada, contanto que eu veja o local mais uma vez.

O percurso leva duas vezes o tempo habitual. As roupas de Cinna retêm muito bem o calor de meu corpo, e chego encharcada de suor sob o casaco de inverno, enquanto meu rosto está dormente por causa do frio. O brilho intenso do sol de inverno refletido na neve fez brincadeiras com a minha visão, e estou tão exausta e envolvida em meus próprios devaneios desesperados que não noto os sinais. Uma tênue fumaça da chaminé, as marcas de pegadas recentes, o cheiro de agulhas de pinheiro queimadas. Estou literalmente a alguns metros da porta da casa de cimento quando paro bruscamente. E não é por causa da fumaça ou das pegadas ou do cheiro. É por causa do inconfundível clique de uma arma atrás de mim.

Segunda natureza. Instinto. Eu me viro pegando a flecha, embora já saiba que a sorte não está a meu favor. Vejo o uniforme branco de um Pacificador, o queixo pontudo, a íris levemente castanha onde a minha flecha encontrará seu alvo. Mas a arma é jogada no chão e a mulher desarmada estende algo para mim em sua mão enluvada.

– Pare! – grita ela.

Hesito, incapaz de processar essa mudança de rumo. Talvez eles tenham ordens para me levar com vida para que possam me torturar até que eu incrimine todas as pessoas com quem convivi até hoje. *É isso aí, boa sorte então*, penso. Meus dedos estão totalmente decididos a lançar a flecha quando vejo o objeto na luva. É um pequeno círculo branco achatado que parece um pãozinho. Na verdade, é mais parecido com um biscoito. Cinza e úmido nas bordas. Mas uma imagem está claramente estampada no centro dele.

O meu tordo.





PARTE II

“O MASSACRE”



Isso não faz sentido. Um pão estilizado com o meu pássaro. Ao contrário das sofisticadas representações que vi na Capital, essa aqui definitivamente não expressa a moda.

– O que é isso? O que significa? – pergunto rispidamente, ainda preparada para matar.

– Significa que estamos do seu lado – diz uma voz trêmula atrás de mim.

Eu não a vi quando me aproximei. Ela devia estar na casa. Não tiro os olhos de meu alvo atual. Provavelmente a recém-chegada está armada, mas estou apostando que ela não vai arriscar me deixar ouvir o clique que significa a minha morte iminente, sabendo que eu mataria sua companheira instantaneamente.

– Vá para algum lugar onde eu possa vê-la – ordeno.

– Ela não pode... – começa a mulher com o biscoito.

– Vá! – grito. Ouço um passo e um som de algo sendo arrastado. Ouço o esforço que o movimento requer. Uma outra mulher, ou talvez eu devesse dizer que é apenas uma menina, já que parece ter a minha idade, surge mancando. Está vestida com um uniforme de Pacificador que não lhe cai bem e um manto de pele branco feito para uma pessoa muito maior do que ela. Ela não está com nenhuma arma visível. Suas mãos estão ocupadas em equilibrar-se numa muleta tosca feita de um galho quebrado. A ponta de sua bota direita não consegue tirar a neve do caminho, por isso o som de algo sendo arrastado.

Examino o rosto da menina, que está corado de frio. Seus dentes são tortos e há uma marquinha vermelha de nascença sobre um de seus olhos cor de

chocolate. Ela não é uma Pacificadora. Tampouco uma cidadã da Capital.

– Quem é você? – pergunto, com cautela, porém menos beligerante.

– Meu nome é Twill – diz a mulher. Ela é mais velha. Talvez uns trinta e cinco anos. – E essa é a Bonnie. Nós fugimos do Distrito 8.

Distrito 8! Então elas devem estar sabendo do levante!

– Onde vocês conseguiram os uniformes?

– Roubei da fábrica – diz Bonnie. – A gente os produz lá. Só que eu pensei que esse aqui seria para... para uma outra pessoa. Por isso o tamanho errado.

– A arma pertence a um Pacificador morto – diz Twill, seguindo meus olhos.

– O biscoito na sua mão. Com o pássaro. Do que se trata? – pergunto.

– Você não sabe, Katniss? – Bonnie parece estar genuinamente surpresa.

Elas me reconhecem. É claro que elas me reconhecem. Meu rosto está descoberto e estou aqui parada nos arredores do Distrito 12, apontando uma flecha para elas. Quem mais eu poderia ser?

– Sei que ele combina com o broche que eu usei na arena.

– Ela não sabe – diz Bonnie suavemente. – Talvez ela não tenha conhecimento de nada disso.

Subitamente sinto a necessidade de estar por dentro das coisas.

– Sei que vocês fizeram um levante no 8.

– Fizemos, e é por isso que fomos obrigadas a sair de lá – diz Twill.

– Bom, agora vocês estão livres. O que pretendem fazer em seguida? – pergunto.

– Estamos indo para o Distrito 13 – responde Twill.

– Distrito 13? – digo. – Não existe nenhum 13. Ele foi tirado do mapa.

– Setenta e cinco anos atrás – diz Twill.

Bonnie se mexe apoiada na muleta e faz uma careta.

– O que houve com a sua perna?

– Torci o tornozelo. Minhas botas são grandes demais – diz Bonnie.

Mordo o lábio. Meu instinto me diz que elas estão falando a verdade. E por trás dessa verdade encontra-se uma grande quantidade de informação que eu gostaria muito de obter. Dou um passo à frente e pego a arma de Twill antes de baixar o arco. Então eu hesito um momento, lembrando de outro dia nessa

mesma floresta, quando Gale e eu assistimos a um aerodeslizador surgir do nada e capturar dois fugitivos da Capital. O garoto recebeu um golpe de lança e morreu na hora. A garota ruiva – descobri mais tarde quando estive na Capital – foi mutilada e transformada numa serva muda, tornando-se uma Avox.

– Alguém está perseguindo vocês?

– Achamos que não. Achamos que eles imaginam que nós duas morremos numa explosão na fábrica – diz Twill. – E só não morremos por muito pouco.

– Tudo bem, vamos entrar – digo, indicando com a cabeça a casa de cimento. Eu as sigo, levando a arma comigo.

Bonnie vai direto para a lareira e se cobre com a capa de um Pacificador deixada diante do fogo. Ela estica as mãos na frente da tênue chama que queima em uma das pontas de um pedaço de madeira chamuscado. Sua pele é tão pálida que parece transparente, e consigo ver o fogo brilhar no corpo dela. Twill tenta arrumar a capa, que devia pertencer a ela própria, ao redor da trêmula garota.

Uma lata foi cortada pela metade, a borda perigosamente exposta. Foi posicionada sobre as cinzas, cheia de agulhas de pinheiro imersas em água fumegante.

– Está fazendo chá? – pergunto.

– Na verdade, a gente não tem muita certeza. Lembro de ter visto alguém fazendo isso com agulhas de pinheiro nos Jogos Vorazes alguns anos atrás. Pelo menos até onde sei, eram agulhas de pinheiro – diz Twill, franzindo o cenho.

Lembro do Distrito 8, um horroroso espaço urbano fedendo a resíduos industriais, pessoas residindo em apartamentos caindo aos pedaços. Quase nenhuma planta à vista. Nenhuma oportunidade, nenhuma mesmo, de alguém entender como funciona a natureza. É um milagre essas duas terem conseguido chegar vivas até aqui.

– Estão sem comida? – pergunto.

Bonnie balança a cabeça em concordância.

– Pegamos o que pudemos, mas quase não havia alimento disponível. E já faz um bom tempo que a coisa está assim. – O tremor na voz dela derrete as

minhas últimas defesas. Ela não passa de uma garota ferida e malnutrida fugindo da Capital.

– Bom, então hoje vocês estão com sorte – digo, despejando o conteúdo da minha bolsa no chão. As pessoas estão morrendo de fome em todo o distrito e ainda assim nós temos muito mais do que o suficiente. Então faço algumas distribuições por conta própria. Tenho as minhas prioridades: a família de Gale, Greasy Sae, alguns dos demais comerciantes do Prego que perderam seus negócios. Minha mãe tem outras pessoas para ajudar, na maior parte pacientes. Na manhã de hoje, propositalmente, coloquei comida em excesso na bolsa que uso nas caçadas, sabendo que minha mãe veria a despensa vazia e imaginaria que eu estaria fazendo a minha peregrinação usual aos famintos. Na verdade, estava ganhando tempo para ir para o lago sem que ela ficasse preocupada. Tinha a intenção de entregar a comida hoje à noite, quando voltasse, mas agora vejo que isso não vai acontecer.

Da bolsa, puxo dois pãezinhos frescos com uma camada de queijo derretido em cima. Sempre temos um estoque desses pães lá em casa depois que Peeta descobriu que eles eram os meus favoritos. Jogo um para Twill, mas ela não consegue pegar, e coloco o outro no colo de Bonnie, já que sua coordenação olho-mão parece um pouco questionável no momento, e eu não quero que ele acabe no fogo.

– Ah – diz Bonnie. – Tudo isso é para mim?

Algo dentro de mim se contorce assim que me lembro de outra voz. Rue. Na arena. Quando dei para ela a coxa do ganso silvestre. *Ah, é a primeira vez que tenho uma coxa inteira só pra mim*. A descrença dos cronicamente famintos.

– É isso aí, pode comer – digo. Bonnie segura o pãozinho como se não conseguisse acreditar que fosse real e, então, enterra os dentes nele uma, duas, várias vezes, incapaz de se conter. – É melhor você mastigar um pouco. – Ela balança a cabeça, concordando, tentando diminuir o ritmo, mas sei o quanto é difícil quando o seu estômago está tão vazio. – Acho que o seu chá está pronto. – Tiro a lata das cinzas. Twill pega duas xícaras em sua mochila e ponho o chá no chão para esfriar um pouco. As duas se aconchegam uma na outra, comendo, soprando o chá e dando pequenos goles na bebida escaldante

enquanto preparo o fogo. Espero até elas começarem a chupar a gordura dos dedos para perguntar: – E aí, qual é a história de vocês?

E elas me contam.

Desde os Jogos Vorazes vem crescendo o descontentamento no Distrito 8. Ele sempre esteve lá, é claro, em alguma medida. Mas a diferença agora é que conversar já não é suficiente, e a ideia de agir passou de desejo à realidade. As fábricas têxteis que serviam Panem sempre tiveram máquinas barulhentas, e o som também permitia que as ideias circulassem livremente, as bocas próximas aos ouvidos, palavras que não eram notadas, que não eram controladas. Twill dava aulas na escola, Bonnie era uma de suas alunas, e quando o último sinal tocava, ambas trabalhavam durante quatro horas na fábrica especializada em uniformes de Pacificadores. Bonnie, que trabalhava no friorento posto de inspeção, levou meses para conseguir dois uniformes, uma bota aqui, uma calça ali. Elas destinavam-se a Twill e a seu marido porque ficou acertado que, uma vez que o levante começasse, seria crucial espalhar a notícia para além do Distrito 8 para que a rebelião fosse bem-sucedida.

O dia em que eu e Peeta fomos até lá fazer nossa aparição por ocasião da Turnê da Vitória foi, na realidade, uma espécie de ensaio. As pessoas na multidão se posicionaram de acordo com suas equipes, perto dos prédios que seriam seus alvos quando a rebelião irrompesse. Esse era o plano: tomar os centros de poder na cidade, como o Edifício da Justiça, o quartel-general dos Pacificadores e o Centro de Comunicações, localizado na praça. E outros locais ainda: a linha férrea, o armazém de grãos, a estação de luz e o arsenal.

A noite do meu noivado, a noite em que Peeta caiu de joelhos e proclamou seu amor eterno por mim na frente das câmeras na Capital, foi a noite em que começou o levante. Era o disfarce ideal. Nossa entrevista da Turnê da Vitória com Caesar Flickerman era um programa a que todos assistiriam obrigatoriamente. Ele deu às pessoas do Distrito 8 um motivo para sair às ruas à noite, reunindo-se ou na praça ou em diversos centros comunitários ao redor da cidade para acompanhar pelos telões. Normalmente, tal atividade teria sido bastante suspeita. Ao contrário, todos encontravam-se em seus devidos lugares na hora marcada, oito da noite, quando as máscaras foram postas e o inferno se instaurou.

Pegos de surpresa e sobrepujados por uma impressionante quantidade de pessoas, os Pacificadores foram inicialmente dominados pelas massas. O Centro de Comunicações, o armazém e a estação de luz foram tomados. À medida que os Pacificadores iam caindo, armas eram apropriadas pelos rebeldes. Havia uma esperança de que isso não tivesse sido um ato de insanidade, que, de uma certa forma, se eles pudessem espalhar a notícia para outros distritos, uma real deposição do governo na Capital talvez fosse possível.

E aí, aconteceu. Pacificadores começaram a chegar aos milhares. Aerodeslizadores bombardearam as casamatas dos rebeldes, que viraram cinzas. No caos total que se seguiu, o máximo que as pessoas conseguiam fazer era chegar em casa com vida. A cidade foi dominada em menos de quarenta e oito horas. Então, por uma semana, as pessoas foram proibidas de deixar suas casas. Nada de comida, nada de carvão, todos impedidos de sair às ruas. A única vez que a televisão mostrou alguma coisa além de estática foi quando os suspeitos de terem sido os instigadores foram enforcados na praça. Então, uma noite, quando todo o distrito estava quase morrendo de fome, veio a ordem para que tudo voltasse à normalidade.

Para Twill e Bonnie, isso significou voltar para a escola. Uma rua interditada por causa das bombas fez com que elas se atrasassem para o turno de trabalho na fábrica, de modo que elas ainda estavam a cerca de cem metros de distância quando o local foi pelos ares, matando todos que estavam em seu interior – incluindo o marido de Twill e toda a família de Bonnie.

– Alguém deve ter contado para o pessoal da Capital que a ideia do levante tinha começado lá – diz Twill, com a voz baixa.

As duas correram de volta para a casa de Twill, onde ainda se encontravam os uniformes dos Pacificadores. Juntaram o máximo de provisões que conseguiram, roubando livremente de vizinhos que agora tinham certeza estarem mortos, e seguiram para a estação ferroviária. Num armazém próximo aos trilhos, elas vestiram os uniformes dos Pacificadores e, disfarçadas, conseguiram entrar num vagão cheio de tecido que partia para o Distrito 6. Elas saíram do trem numa parada para reabastecimento no meio do caminho e seguiram viagem a pé. Ocultas pela floresta, mas usando os trilhos como guia,

elas alcançaram os arredores do Distrito 12 dois dias atrás, onde foram forçadas a parar quando Bonnie torceu o tornozelo.

– Compreendo por que vocês estão fugindo, mas o que esperam encontrar no Distrito 13? – pergunto.

Bonnie e Twill trocam olhares nervosos.

– A gente não tem muita certeza – diz Twill.

– Lá só tem destroços – digo. – Todo mundo já viu os filmes sobre o local.

– Mas é justamente isso. Eles têm usado o mesmo filme desde que eu me conheço por gente – diz Twill.

– É mesmo? – Tento lembrar, tento reunir em minha mente as imagens do 13 que vi na televisão.

– Você sabe como eles sempre mostram o Edifício da Justiça? – continua Twill. Balanço a cabeça em assentimento. Já vi a tomada milhares de vezes. – Se você prestar bem atenção, você vai ver. No alto da tela, bem no canto direito.

– Vou ver o quê? – pergunto.

Twill estende novamente o biscoito com o pássaro.

– Um tordo. Só dá pra ver ele voando por alguns segundos. O mesmo tordo todas as vezes.

– No nosso distrito, o pessoal acha que eles ficam repassando o mesmo filme antigo o tempo todo porque a Capital não pode mostrar o que realmente está acontecendo lá agora – diz Bonnie.

Murmuro como quem não está acreditando.

– Vocês estão indo pro Distrito 13 com base nisso? A tomada de um pássaro? Vocês acham que vão encontrar uma nova cidade com pessoas passeando pelas ruas? E a Capital achando isso tudo muito natural?

– Não – diz Twill seriamente. – A gente acha que as pessoas foram morar no subterrâneo quando tudo na superfície foi destruído. A gente acha que eles conseguiram sobreviver. E a gente também acha que a Capital os deixa em paz porque, antes dos Dias Escuros, a principal atividade industrial do Distrito 13 era energia nuclear.

– Eles trabalhavam em minas de grafite – digo. Mas, hesito, porque essa é a informação que me foi dada pela Capital.

– Eles tinham algumas minas pequenas, é verdade. Mas não o suficiente para justificar uma população daquele tamanho. Isso, imagino, é a única coisa que a gente sabe com certeza – diz Twill.

Meu coração está acelerado. E se elas estiverem certas? Será que isso poderia ser verdade? Será que poderia haver um outro lugar para fugirmos além da natureza selvagem? Algum lugar seguro? Se existe uma comunidade no Distrito 13, não seria melhor ir para lá, onde talvez eu seja capaz de fazer a diferença, em vez de ficar aqui esperando a minha morte? Mas também tem o seguinte... se há pessoas no Distrito 13, com armas poderosas...

– Por que elas não ajudaram a gente? – digo, irritada. – Se isso é verdade, por que elas deixam a gente vivendo dessa maneira? Com todos morrendo de fome e com as matanças nos Jogos? – E, de repente, começo a odiar essa imaginária cidade subterrânea do Distrito 13 e todos que estão vivendo lá e assistindo à nossa morte. Eles não são melhores do que a Capital.

– A gente não sabe – sussurra Bonnie. – Nesse exato momento, a gente está apenas se agarrando à esperança de que eles existem mesmo.

Isso faz com que eu readquira a consciência. Essa história não passa de delírio. O Distrito 13 não existe porque a Capital jamais permitiria que existisse. Elas provavelmente estão equivocadas em relação ao filme. Tordos são tão raros quanto rochas. E tão resistentes quanto. Se eles conseguiram sobreviver ao bombardeio inicial do 13, provavelmente estão vivendo agora em condições melhores do que nunca.

Bonnie não tem casa. Sua família está morta. Voltar para o Distrito 8 ou se mudar para algum outro distrito seria impossível. É claro que a ideia de um Distrito 13 independente e próspero a comove. Eu não tenho coragem de dizer que o que ela está perseguindo é um sonho tão imaterial quanto névoa. Talvez ela e Twill possam tentar viver de alguma maneira na floresta. Duvido muito, mas elas estão num estado tão lastimável que eu me sinto na obrigação de procurar ajudá-las.

Primeiro, dou a elas toda a comida que está na minha bolsa, grãos e feijão seco na maior parte, mas há o suficiente para sustentá-las por enquanto, se forem cuidadosas. Então levo Twill para a floresta e tento explicar a ela os rudimentos da caça. Ela tem uma arma que, caso seja necessário, pode

converter energia solar em mortíferos raios de energia que podem durar indefinidamente. Quando ela consegue matar o primeiro esquilo, o coitado do bichinho parece mais um pedaço de carne queimada, porque foi atingido diretamente no corpo. Mas mostro a ela como tirar a pele e limpar a carne. Com alguma prática, ela vai dominar o procedimento. Corto uma nova muleta para Bonnie. De volta à casa, dou para a garota uma camada extra de meias e a mando enfiá-las nas botas para caminhar durante o dia, e depois usá-las nos pés à noite. Por fim, eu as ensino a acender adequadamente um fogo.

Elas imploram por detalhes acerca da situação no Distrito 12 e conto como é a vida sob o jugo de Thread. Percebo que elas consideram isso uma informação importante para levar até aqueles que governam o Distrito 13 e finjo que concordo com elas, para não destruir suas esperanças. Mas, quando a luminosidade do sol sinaliza o fim da tarde, não tenho mais tempo para entretê-las.

– Preciso ir agora – digo.

Elas são só agradecimentos e me abraçam efusivamente.

Lágrimas escapam dos olhos de Bonnie.

– Não consigo acreditar que a gente conheceu você de verdade. Praticamente só se fala de você desde que...

– Eu sei. Eu sei. Desde que eu peguei aquelas amoras – digo, fatigada.

Quase não sinto a caminhada de volta para casa, mesmo com a neve começando a cair. Minha mente está girando com as novas informações acerca do levante no Distrito 8 e a improvável, embora tentadora, possibilidade de existência do Distrito 13.

As palavras de Bonnie e Twill confirmaram uma coisa: o presidente Snow tem me feito de boba. Nem todos os beijos e carinhos do mundo poderiam ter impedido a agitação que estava se instaurando no Distrito 8. Sim, eu ter estendido as amoras foi a fagulha, mas não tinha como controlar o fogo. Ele devia saber disso o tempo todo. Então por que me fazer aquela visita, por que me mandar persuadir a multidão de meu amor por Peeta? Isso era obviamente um estratagema para me distrair e impedir que eu fizesse algo mais para inflamar os distritos. E, é claro, para entreter as pessoas na Capital. Tenho a impressão de que o casamento é apenas uma extensão necessária disso.

Estou me aproximando da cerca quando um tordo surge num galho e cantarola para mim. Diante dessa visão, percebo que não obtive em momento algum uma explicação completa sobre o pássaro no biscoito e sobre o que ele significa.

"*Significa que estamos do seu lado*", foi o que Bonnie disse. Eu tenho pessoas do meu lado? Qual lado? Por acaso, sou inadvertidamente o rosto da rebelião pela qual todos anseiam? Será que o tordo em meu broche se transformou num símbolo da resistência? Se é esse o caso, o meu lado não está indo muito bem. Basta olhar para o que aconteceu no 8 para perceber isso.

Guardo as armas no tronco oco próximo a minha antiga casa na Costura e vou em direção à cerca. Estou de joelhos, me preparando para entrar na Campina, mas ainda estou tão preocupada com os eventos do dia que é necessário o pio de uma coruja para me trazer de volta ao mundo.

Na penumbra, a grade parece tão inofensiva quanto de costume. Mas o que me faz afastar a mão é o som, como um zumbido de uma árvore cheia de ninhos de teleguiadas, indicando que a cerca está ligada e em altíssima tensão.



Meus pés recuam automaticamente e me camuflo entre as árvores. Cubro a boca com a luva para dispersar o branco da minha respiração no ar gelado. Adrenalina percorre o meu corpo, apagando todas as preocupações do dia, enquanto me concentro na ameaça imediata que se encontra diante de mim. O que está acontecendo? Será que Thread acionou a eletricidade da cerca como uma precaução extra de segurança? Ou será que ele de algum modo sabe que hoje eu escapei? Será que ele está determinado a me manter do lado de fora do Distrito 12 até que possa me prender? Até que possa me arrastar para a praça para ser presa no tronco ou para ser chicoteada ou enforcada?

Acalme-se, ordeno a mim mesma. Não que essa seja a primeira vez que eu tenha ficado presa do lado de fora do distrito por causa de uma cerca eletrificada. Isso já aconteceu algumas vezes ao longo dos anos, mas Gale estava sempre comigo. Nós dois simplesmente procurávamos uma árvore confortável para esperar até que a energia fosse desativada, o que sempre ocorria, mais cedo ou mais tarde. Quando eu demorava a chegar, Prim tinha o hábito de ir até a Campina para verificar se a cerca estava eletrificada ou não, só para poupar minha mãe de preocupações.

Mas hoje minha família jamais imaginaria que eu estivesse na floresta. Inclusive tomei algumas providências para que isso não passasse pela cabeça delas. Então, se eu não aparecer, elas certamente ficarão preocupadas. E tem uma parte de mim que também está preocupada, porque não tenho certeza de que isso é apenas uma coincidência: o fato de a energia ser ativada exatamente no mesmo dia que eu volto à floresta. Pensava que ninguém tinha visto eu me

esgueirar por baixo da cerca, mas quem sabe? As paredes têm olhos. Alguém relatou ter visto Gale me beijando nesse mesmo ponto. Mesmo assim, isso foi à luz do dia e antes de eu passar a ser mais cuidadosa com o meu comportamento. Será que poderia haver por aqui câmeras de segurança? Havia pensado nisso antes. Será que essa foi a maneira pela qual o presidente Snow ficou sabendo do beijo? Estava escuro quando eu me esgueirei pela cerca e o meu rosto estava envolto por um cachecol. Mas a lista de suspeitos de invadir a floresta provavelmente é pequena demais.

Meus olhos espiam através das árvores, para além da cerca, na Campina. Tudo o que vejo é a neve iluminada aqui e ali pela luz das janelas na borda da Costura. Nenhum Pacificador à vista, nenhum sinal de que eu esteja sendo perseguida. Quer Thread saiba ou não que saí do distrito hoje, entendo que o curso da minha ação deve ser o mesmo: atravessar novamente a cerca sem ser vista e fingir que nunca saí.

Qualquer contato com a grade ou com os fios de arame farpado que guarnecem o topo significaria uma eletrocução instantânea. Acho que não consigo passar por baixo da cerca sem me arriscar a ser detectada, e, de qualquer maneira, o chão está duro e gelado. Isso me deixa com uma única escolha. De uma forma ou de outra, terei que atravessá-la por cima.

Começo a andar rente às árvores em busca de uma com um galho alto e comprido o suficiente para servir ao meu plano. Depois de andar quase dois quilômetros, dou de cara com um antigo bordo que talvez sirva. Mas o tronco é largo demais e muito cheio de neve para que eu possa subir, e não tem nenhum galho baixo. Subo em uma árvore próxima e salto desajeitadamente para o bordo, quase escorregando no galho pegajoso. Mas consigo me equilibrar e lentamente sigo em direção à ponta de um galho que se debruça sobre o arame farpado.

Quando olho para baixo, lembro por que Gale e eu sempre esperamos na floresta em vez de tentar saltar sobre a cerca. Ficar a uma altura suficiente para evitar o risco de ser frito significa ficar a mais ou menos seis metros do chão. Imagino que o meu galho deva estar a uns sete. É um pulo perigoso, mesmo para alguém que tem anos de experiência em árvores. Mas que outra escolha eu tenho? Podia procurar um outro galho, mas agora já está quase escuro. A neve

que não para de cair vai obscurecer qualquer luar. Aqui, pelo menos, consigo ver que tem um montinho de neve que vai acolchoar minha aterrissagem. Mesmo que pudesse achar uma outra árvore, o que é duvidoso, quem pode saber no que eu estaria pulando? Prendo a minha bolsa vazia no pescoço e lentamente vou baixando o corpo até ficar pendurada apenas pelas mãos. Por um instante, reúno a coragem necessária. Em seguida solto os dedos.

Sinto que estou caindo, e então atinjo o chão com um solavanco que me sobe à coluna. Um segundo depois, minhas costas atingem em cheio o chão. Eu me deito na neve, tentando avaliar os estragos. Sem me levantar, já posso dizer, pela dor no calcanhar esquerdo e no cóccix, que me machuquei. A única dúvida é sobre a gravidade das lesões. Estou esperando hematomas, mas, quando me esforço para me levantar, desconfio que também quebrei alguma coisa. Mas consigo andar, então começo a me movimentar, tentando esconder da melhor forma possível que estou mancando.

Minha mãe e Prim não podem saber que estive na floresta. Preciso arrumar alguma espécie de álibi, por mais forçado que seja. Algumas das lojas na praça ainda estão abertas, de modo que eu entro em uma e compro panos brancos para fazer curativo. Nosso estoque em casa está quase acabando, de qualquer modo. Em outra, compro um saco de balas para Prim. Enfio uma das balas na boca, sentindo a menta derreter na minha língua, e percebo que é a primeira coisa que como desde que o dia começou. Tinha a intenção de fazer uma refeição no lago, mas assim que vi o estado de Twill e Bonnie, me pareceu errado não dar tudo o que possuía para elas.

Quando chego em casa, meu calcanhar esquerdo já não suporta peso algum. Decido dizer para minha mãe que estava tentando consertar um vazamento no telhado da nossa antiga casa e escorreguei. Quanto à comida perdida, eu não vou me deter muito em explicar para quem ela foi entregue. Arrasto-me porta adentro, pronta para desabar na frente do fogo. Mas em vez disso, tomo mais um susto.

Dois Pacificadores, um homem e uma mulher, estão de pé na entrada de nossa cozinha. A mulher permanece impassível, mas eu vislumbro uma pontinha de surpresa no rosto do homem. Ninguém me esperava. Eles sabem

que eu estava na floresta e que a uma hora dessas deveria estar presa na armadilha.

– Oi – digo, com uma voz neutra.

Minha mãe aparece atrás de mim, mas se mantém a distância.

– Aí está ela, bem na hora do jantar – diz ela, com um tom até certo ponto esfuziante demais. Estou bastante atrasada para o jantar.

Penso em tirar as botas, como faria normalmente, mas duvido muito que consiga tirá-las sem revelar os meus machucados. Em vez disso, tiro apenas o meu manto molhado e sacudo a neve dos cabelos.

– Posso ajudar em alguma coisa? – pergunto aos Pacificadores.

– Thread, o Chefe dos Pacificadores, nos mandou trazer uma mensagem para você – diz a mulher.

– Eles estão esperando você há horas – acrescenta minha mãe.

Eles esperavam que eu não aparecesse. Para confirmar que eu tinha sido eletrocutada na cerca ou ficado presa na floresta, de modo que eles pudessem levar os meus familiares para serem interrogados.

– Deve ser uma mensagem importante – digo.

– Nós poderíamos saber onde você esteve, senhorita Everdeen? – pergunta a mulher.

– É mais fácil perguntar onde eu *não estive* – digo, com um som exasperado. Entro na cozinha, forçando-me a usar o pé normalmente, embora cada passo proporcione uma dor excruciante. Caminho entre os Pacificadores e chego inteira à mesa. Jogo a minha bolsa e me viro para Prim, que está absolutamente imóvel ao lado da lareira. Haymitch e Peeta também estão lá, sentados em duas cadeiras de balanço idênticas, disputando uma partida de xadrez. Eles estavam lá por acaso ou tinham sido "convidados" pelos Pacificadores? De um jeito ou de outro, fico contente em vê-los.

– E aí, onde é que você esteve afinal? – diz Haymitch com uma voz entediada.

– Bom, eu não fui conversar com o Homem dos Bodes a respeito de cruzar a cabra de Prim porque alguém me forneceu informações completamente imprecisas sobre o local onde ele mora – digo a Prim enfaticamente.

– De jeito nenhum – diz Prim. – Eu disse o endereço direitinho.

– Você disse que ele morava ao lado da entrada oeste da mina.

– A entrada leste – corrige Prim.

– Você falou oeste com todas as letras porque depois eu disse "Perto da pilha de escória?", e aí você disse "Isso".

– A pilha de escória, perto da entrada *leste* – diz Prim, pacientemente.

– Não. Quando é que você disse isso?

– Ontem à noite – se intromete Haymitch.

– Com certeza ela falou leste – acrescentou Peeta. Ele olha para Haymitch e os dois riem. Faço uma cara feia para Peeta e ele tenta parecer contrito. – Desculpa, mas é o que eu sempre digo. Você não escuta quando as pessoas falam com você.

– Aposto que hoje as pessoas disseram que ele não morava lá e você continuou sem escutar ninguém – diz Haymitch.

– Cala a boca, Haymitch – digo, indicando claramente que ele está certo.

Haymitch e Peeta dão uma gargalhada e Prim se permite um sorriso.

– Beleza. Uma outra pessoa então pode cuidar de embuchar aquela cabra idiota – digo, o que só faz eles rirem ainda mais. E penso: *É por isso que eles chegaram tão longe, Haymitch e Peeta. Nada tira a calma deles*.

Olho para os Pacificadores. O homem está sorrindo, mas a mulher não parece convencida.

– O que há dentro da bolsa? – pergunta ela de modo incisivo.

Eu sei que ela espera encontrar caça e plantas silvestres. Algo que claramente me condenaria. Despejo o conteúdo em cima da mesa.

– Pode olhar.

– Ah, que bom – diz minha mãe, examinando o pano. – Nós estamos quase sem curativo.

Peeta vai até a mesa e abre o saco de balas.

– Eba, bala de menta – diz ele, enfiando uma na boca.

– Elas são minhas. – Tento pegar a bolsa. Ele a arremessa para Haymitch, que coloca um punhado de balas na boca antes de passar a bolsa para uma Prim que está morrendo de rir. – Nenhum de vocês merece essas balas!

– Por quê? Porque a gente estava com a razão? – Peeta me abraça. Emito um leve gemido de dor quando o meu cóccix reclama. Tento transformá-lo num

som de indignação, mas dá para ver em seus olhos que ele sabe que estou ferida. – Tudo bem, Prim falou oeste. Eu ouvi oeste em alto e bom som. E todos nós somos uns idiotas. Que tal?

– Melhor assim – digo, e aceito o beijo dele. Então, olho para os Pacificadores como se estivesse subitamente me lembrando que eles estavam lá. – Vocês têm uma mensagem pra mim?

– De Thread, Chefe dos Pacificadores – diz a mulher. – Ele queria que você soubesse que a cerca em torno do Distrito 12 agora terá eletricidade vinte e quatro horas por dia.

– Não foi sempre assim? – pergunto, talvez de um modo exageradamente inocente.

– Ele pensou que talvez você pudesse se interessar em passar essa informação ao seu primo – diz a mulher.

– Obrigada. Vou dizer a ele. Tenho certeza de que todos nós vamos dormir bem mais tranquilos agora que a segurança resolveu esse lapso. – Estou indo longe demais, eu sei, mas o comentário me dá uma sensação de satisfação.

O queixo da mulher fica tenso. Nada está saindo como o planejado, mas ela não tem mais o que falar. Ela me cumprimenta com um leve movimento de cabeça e sai, o homem atrás dela. Quando minha mãe tranca a porta depois deles saírem, eu desabo na mesa.

– O que houve? – diz Peeta, me segurando com firmeza.

– Ah, dei uma pancada no pé esquerdo. No calcanhar. E o meu cóccix também não teve muita sorte hoje. – Ele me ajuda a chegar em uma das cadeiras de balanço e me sento na almofada.

Minha mãe tira as minhas botas.

– O que aconteceu?

– Eu escorreguei e caí – digo. Quatro pares de olhos me encaram em total descrença. – Na neve. – Mas todos nós sabemos que a casa deve estar grampeada e que não é seguro falar abertamente. Não aqui, não agora.

Depois de tirar a meia, os dedos de minha mãe tocam os ossos de meu calcanhar esquerdo e eu estremeço.

– Pode ser que esteja quebrado. – Ela verifica o outro pé. – Este aqui parece bom. – Ela avalia que meu cóccix está bastante contundido.

Prim foi encarregada de pegar meu pijama e meu robe. Depois que troco de roupa, minha mãe faz um bolinho de neve para o meu calcanhar e o coloca em cima de uma almofada. Como três tigelas de cozido e metade de um pão enquanto os outros jantam à mesa. Olho para o fogo, pensando em Bonnie e Twill, esperando que a neve intensa tenha apagado minhas pegadas.

Prim se aproxima e se senta no chão perto de mim, encostando a cabeça no meu joelho. Chupamos balas de menta enquanto penteio seus macios cabelos louros para trás das orelhas.

– Como foi na escola? – pergunto.

– Tudo bem. A gente aprendeu um monte de coisa sobre derivados de carvão. – Ficamos olhando o fogo por um tempo. – Você vai experimentar os seus vestidos de casamento?

– Hoje não. Talvez amanhã.

– Espera até eu chegar, hein? – pede ela.

– Com certeza. – *Se eles não me prenderem antes*.

Minha mãe me dá uma xícara de chá de camomila com uma dose de xarope sonífero, e as minhas pálpebras começam a ficar pesadas imediatamente. Ela enrola o meu pé machucado, e Peeta se oferece para me levar para a cama. Faço uma tentativa de me apoiar em seu ombro, mas estou tão sonolenta que ele me pega no colo e me leva para o quarto no segundo andar. Peeta me coloca na cama e me dá boa-noite, mas pego sua mão e não o deixo sair. Um efeito colateral do xarope sonífero é deixar as pessoas menos inibidas, como a aguardente branca, e sei que preciso controlar a língua. Mas não quero que ele vá embora. Na realidade, quero que ele se deite na cama comigo, que esteja ao meu lado quando os pesadelos chegarem. Por algum motivo que eu não tenho exatamente como precisar, sei que não tenho permissão para fazer esse pedido.

– Fica mais um pouco. Fica até eu dormir – digo.

Peeta se senta ao meu lado na cama, aquecendo a minha mão nas suas.

– Eu quase pensei que você tivesse mudado de ideia hoje. Quando se atrasou para o jantar.

Estou zonza, mas consigo adivinhar o que ele está querendo dizer. Com a cerca eletrificada e eu demorando a aparecer e os Pacificadores esperando, ele pensou que eu tivesse fugido, talvez com Gale.

– Não, eu já falei. – Levanto sua mão e encosto o rosto nela, absorvendo o leve aroma de canela e aneto dos pães que ele deve ter assado hoje. Quero contar para ele sobre Twill e Bonnie, e sobre o levante e a fantasia a respeito do Distrito 13, mas não é seguro e sinto que estou caindo no sono, de modo que só consigo pronunciar mais uma frase: – Fica comigo.

À medida que as espirais do xarope sonífero vão me levando para longe, eu o ouço sussurrar uma palavra, mas não consigo distinguir qual foi.

Minha mãe me deixa dormir até o meio-dia, e então me acorda para examinar o calcanhar. Ela me obriga a ficar uma semana de cama e não me oponho porque me sinto péssima. Não apenas o meu calcanhar e o cóccix. Todo o meu corpo dói de exaustão. Então deixo que minha mãe trate de mim e me dê o café da manhã na cama, e me envolva com outra coberta. Fico lá deitada, olhando o céu de inverno através da janela, imaginando como tudo isso vai acabar. Penso muito em Bonnie e Twill, e na pilha de vestidos de casamento que estão me esperando lá embaixo, e se Thread vai descobrir como eu voltei e virá me prender. É engraçado, porque ele poderia simplesmente me prender de qualquer maneira com base em crimes do passado, mas talvez ele precise de algum motivo realmente irrefutável para fazê-lo, já que agora sou uma vitoriosa. E imagino se o presidente Snow está em contato com Thread. Acho improvável que ele alguma vez tenha ouvido falar do velho Cray, mas agora que sou um problema nacional tão grande, será que ele está meticulosamente orientando Thread? Ou será que o Chefe dos Pacificadores está agindo por conta própria? De qualquer maneira, tenho certeza de que ambos concordam em me manter presa aqui dentro do distrito com aquela cerca. Mesmo que eu pudesse vislumbrar alguma forma de escapar – talvez levar uma corda até o galho daquele bordo e escalá-lo –, não teria como fugir com minha família e meus amigos agora. De qualquer modo, disse para Gale que ficaria e lutaria.

Durante alguns dias, dou um salto todas as vezes que ouço uma batida na porta. Todavia, nenhum Pacificador aparece para me prender, de modo que, em determinado momento, começo finalmente a relaxar. Minha certeza fica ainda mais forte quando Peeta me conta casualmente que a energia está desligada em algumas partes da cerca porque uma equipe de trabalhadores está

fixando a base da grade no chão. Thread deve acreditar que, de alguma maneira, eu passei por baixo, mesmo com aquela mortífera corrente elétrica ao longo dela. Pacificadores ocupados com alguma coisa que não seja maltratar as pessoas é uma quebra da rotina do distrito.

Peeta vem me visitar todos os dias para me trazer pães de queijo e começa a me ajudar a trabalhar no livro da família. É uma coisa antiga, feita de pergaminho e couro. Algum herborista do lado da família de minha mãe começou a escrevê-lo séculos atrás. O livro é composto de páginas e mais páginas de desenhos a nanquim de plantas com descrições de seus usos medicinais. Meu pai acrescentou uma seção sobre plantas comestíveis que foi o manual que me ajudou a nos manter vivas depois de sua morte. Há um bom tempo desejo registrar meus próprios conhecimentos nele. Coisas que aprendi por experiência própria ou com Gale, e também as informações que obtive quando estava treinando para os Jogos. Só não fiz isso porque não tenho talento artístico e é absolutamente crucial que os desenhos sejam feitos nos mínimos detalhes. É aí que entra Peeta. Algumas das plantas ele já conhece, de outras nós possuímos amostras secas, e outras eu preciso descrever. Ele faz os esboços num caderno até eu ficar satisfeita com o resultado. Em seguida, deixo-o desenhar as plantas no livro. Depois disso, escrevo cuidadosamente tudo o que sei sobre o espécime.

É um trabalho silencioso e interessante que ajuda a desviar minha mente dos problemas. Gosto de observar suas mãos enquanto ele trabalha, fazendo uma página em branco florescer a partir do nanquim, adicionando toques de cor a nosso livro anteriormente preto e amarelado. Seu rosto adquire uma expressão especial quando ele se concentra. Seu semblante normalmente tranquilo é substituído por algo mais intenso e retraído que sugere a existência de todo um mundo trancado dentro dele. Eu havia observado essas características antes: na arena, ou quando ele se dirigia às multidões, ou naquela vez em que ele afastou de mim as armas dos Pacificadores no Distrito 11. Não sei muito bem o que apreender disso. Também fico um pouco fixada em seus cílios, que normalmente não são muito visíveis por serem louros demais. Mas de perto, à luz que entra pela fresta da janela, eles possuem uma

coloração levemente dourada e são tão longos que não sei como não ficam emaranhados uns nos outros quando ele pisca.

Uma tarde, Peeta parou de desenhar uma floração e levantou os olhos tão subitamente que fiquei sobressaltada, como se tivesse sido pega espionando-o, o que talvez eu estivesse mesmo fazendo, de um jeito meio estranho. Mas ele disse apenas:

– Acho que essa é a primeira vez que a gente faz uma coisa normal juntos, sabia?

– É mesmo – concordo. Todo o nosso relacionamento foi maculado pelos Jogos. Normalidade jamais fez parte disso. – É legal mudar um pouco.

Todas as tardes, ele me leva para baixo a fim de que eu possa respirar outros ares, e deixo todo mundo nervoso ligando a televisão. Normalmente, apenas assistimos à TV quando é obrigatório, porque a mistura de propaganda oficial e exibições do poder da Capital – incluindo clipes dos setenta e cinco anos dos Jogos Vorazes – é absolutamente insuportável. Mas, agora, estou atrás de uma coisa especial. O tordo sobre o qual Bonnie e Twill estão baseando todas as suas esperanças. Sei que isso provavelmente não passa de uma tolice, mas, se for mesmo, preciso deixar logo essa possibilidade de lado. E apagar para sempre da minha cabeça a ideia de um Distrito 13 próspero.

A primeira imagem que observo está em uma reportagem falando sobre os Dias Escuros. Vejo os destroços fumegantes do Edifício da Justiça no Distrito 13 e consigo apenas um vislumbre em preto e branco da lateral inferior da asa de um tordo voando no canto direito da tela. Na verdade, isso não prova coisa alguma. Não passa de uma tomada antiga que cai bem com uma história antiga.

Entretanto, vários dias depois, uma outra coisa me chama a atenção. O locutor principal está lendo um texto sobre a escassez de grafite que afetava a manufatura de artigos no Distrito 3. Eles cortam para o que supostamente é uma tomada ao vivo de uma repórter encapsulada em um traje antirradiação de pé em frente às ruínas do Edifício da Justiça no Distrito 13. Através de sua máscara, ela relata que, infelizmente, um estudo acabou de determinar que as minas do Distrito 13 ainda contêm resíduos tóxicos demais para que seja possível uma aproximação. Fim da história. Mas, pouco antes de eles cortarem

e entrarem novamente com o locutor principal, vejo o inconfundível lampejo da asa do mesmo tordo.

A repórter foi simplesmente incorporada ao filme antigo. Ela não está em hipótese alguma no Distrito 13. O que nos leva a perguntar: *O que há lá?*



Ficar quieta na cama torna-se mais difícil depois disso. Quero fazer alguma coisa, descobrir mais a respeito do Distrito 13 ou ajudar a destruir o regime da Capital. Em vez disso, fico sentada me empanturrando de pão de queijo e observando Peeta desenhar. Haymitch aparece vez ou outra para me trazer notícias da cidade, que são sempre ruins. Mais pessoas sendo punidas ou morrendo de fome.

O inverno já está no fim quando o meu pé é considerado curado. Minha mãe prescreve exercícios e me deixa andar um pouco por conta própria. Numa noite, vou dormir determinada a ir até a cidade no dia seguinte, mas acordo e encontro Venia, Octavia e Flavius dando risinhos para mim.

– Surpresa! – berram eles. – Chegamos cedo!

Depois que levei aquela chicotada na cara, Haymitch conseguiu adiar a visita deles por vários meses para que eu pudesse ficar curada. Só os esperava para dali a três semanas. Mas tento me comportar como se estivesse sentindo o maior prazer do mundo pelo fato de que a minha sessão de fotos para o casamento finalmente iria se realizar. Minha mãe pendurou todos os vestidos, o que significa que eles estão prontinhos mas, honestamente, não cheguei a experimentar um único sequer.

Depois do tradicional melodrama sobre como a minha beleza está deteriorada, eles vão direto ao trabalho. A maior preocupação é o meu rosto, embora imagine que minha mãe tenha feito um belo trabalho nele. Sobrou apenas uma tênue faixa rosada na minha bochecha. A chicotada não é de conhecimento público, portanto, digo para eles que escorreguei na neve e me

cortei. Então, me dou conta de que essa é a mesma desculpa que encontro para ter machucado o pé, o que vai fazer com que tenha muitos problemas para andar de salto alto. Mas Flavius, Octavia e Venia não tendem a ser desconfiados, então, estou segura nesse quesito.

Como só preciso aparecer sem pelos visíveis por algumas horas e não por várias semanas, sou raspada em vez de depilada. Ainda sou obrigada a submergir numa banheira com alguma espécie de substância, mas até que não é ruim, e, antes que possa perceber, nós já estamos na parte dos meus cabelos e da maquiagem. A equipe, como de costume, está cheia de novidades, e normalmente me esforço ao máximo para ignorar. Mas então Octavia faz um comentário que me chama a atenção. É uma observação prosaica, na realidade, sobre como ela não conseguia comprar camarão para uma festa, mas me deixa curiosa.

– Por que você não conseguiu comprar camarão? Está fora da estação? – pergunto.

– Ah, Katniss, a gente não consegue nenhum fruto do mar há semanas! – diz Octavia. – É porque o clima anda muito ruim no Distrito 4.

Minha mente começa a chacoalhar. Frutos do mar em falta. Há semanas. Do Distrito 4. O tumulto nas ruas praticamente escancarado durante a Turnê da Vitória. E, de repente, tenho certeza absoluta de que o Distrito 4 se revoltou.

Começo a questioná-los casualmente sobre que outras dificuldades esse inverno tem lhes proporcionado. Eles não estão acostumados com a escassez, então, qualquer perturbação, por menor que seja, ocasiona um impacto em suas vidas. Quando estou pronta para ser vestida, as reclamações acerca das dificuldades de adquirir os mais diversos produtos – de caranguejo e chips musicais a fitas para os cabelos – já tenho uma noção de quais distritos podem estar efetivamente se rebelando. Frutos do mar do Distrito 4. Equipamentos eletrônicos do Distrito 3. E, é claro, tecidos do Distrito 8. Só de pensar numa rebelião em tantas frentes estremeço de medo e empolgação.

Quero perguntar muitas outras coisas, mas Cinna aparece para me dar um abraço e ver como está a maquiagem. Sua atenção recai diretamente na cicatriz em minha bochecha. Algo me diz que ele não acredita na história do

escorregão no gelo, mas não me faz nenhuma pergunta a respeito. Simplesmente ajusta o pó de arroz em meu rosto e o pouco que restava da chicotada desaparece.

Lá embaixo, a sala está livre de móveis e iluminada para a sessão de fotos. Effie está num momento de grande prazer dando ordens para todo mundo, mantendo todos no rígido cronograma. Isso provavelmente é uma coisa boa porque há cinco vestidos e cada um deles requer seu próprio chapéu, penteado, maquiagem, cenário e iluminação, seus próprios sapatos, suas próprias joias. Lacinhos bege, rosas e cachinhos. Seda marfim, tatuagens douradas e plantas. Um feixe de diamantes e um véu de joias e luar. Seda branca bem pesada e mangas que caem de meus pulsos em direção ao chão, e pérolas. Assim que uma foto é aprovada, vamos diretamente preparar a seguinte. Sinto-me como uma massa de pão, sendo socada e remodelada inúmeras vezes. Minha mãe consegue me dar alguma coisa para comer e tomo alguns goles de chá enquanto eles trabalham em mim, mas quando a sessão se encerra, já estou faminta e exausta. Tenho a esperança de passar algum tempo com Cinna agora, mas Effie arranca todo mundo da sala e sou obrigada a me contentar com a promessa de um telefonema.

A noite cai e o meu pé dói por conta de tantos sapatos malucos, de modo que abandono quaisquer pensamentos de ir até a cidade. Em vez disso, subo e retiro as camadas de maquiagem e condicionadores e tinturas, então desço para deixar o cabelo secar perto da lareira. Prim, que chegou da escola a tempo de ver os dois últimos vestidos, fala sem parar sobre eles com minha mãe. As duas parecem extremamente felizes com a sessão de fotos. Quando caio na cama, percebo que é porque elas imaginam que isso significa que estou segura. Que a Capital fez vista grossa para minha interferência nas chicotadas já que, de qualquer maneira, ninguém vai ter tanto trabalho e tantas despesas com alguém que eles planejam matar. Certo.

Em meu pesadelo, estou usando o vestido de noiva de seda, mas ele está rasgado e cheio de lama. As mangas compridas são constantemente assoladas por espinhos e galhos enquanto corro pela floresta. O bando de tributos bestantes se aproxima cada vez mais até que me alcança com seu hálito quente e suas garras pingando sangue. Berro até acordar.

Está muito perto de amanhecer para que me preocupe em tentar voltar a dormir. Além do mais, hoje realmente preciso sair de casa e conversar com alguém. Gale estará indisponível nas minas. Mas preciso de Haymitch ou Peeta ou de qualquer outra pessoa com quem possa compartilhar o fardo de tudo o que aconteceu comigo desde que estive no lago. Foras da lei fugitivos, cercas eletrificadas, um Distrito 13 independente, escassez de produtos na Capital. Tudo.

Tomo o café da manhã com minha mãe e Prim, e saio atrás de um confidente. O ar está quente com a sensação de esperança trazida pela primavera. A primavera seria um bom momento para um levante, acho. Todos se sentem menos vulneráveis assim que termina o inverno. Peeta não está em casa. Acho que ele já foi para a cidade. Mas fico surpresa em ver Haymitch perambulando pela cozinha tão cedo. Entro em sua casa sem bater. Ouço Hazelle no andar de cima, varrendo o chão da casa agora impecável. Haymitch não está totalmente bêbado, mas tampouco parece muito firme. Acho que os boatos sobre Ripper ter voltado aos negócios devem ser verdadeiros. Estou pensando que talvez fosse melhor deixá-lo dormir quando ele sugere uma caminhada até a cidade.

Haymitch e eu agora podemos conversar numa espécie de método abreviado. Em poucos minutos, eu o coloco a par das novidades e ele também me conta sobre os boatos de levantes no Distrito 7 e no 11. Se meus cálculos estiverem corretos, isso significaria que quase metade dos distritos, pelo menos, tentou se rebelar.

– Você ainda acha que não vai funcionar aqui? – pergunto.

– Ainda não. Aqueles outros distritos são bem maiores. Mesmo que metade do povo se acovarde em suas casas, os rebeldes ainda assim têm uma grande chance. Aqui no 12, tem que ser todo mundo ou nada.

Eu não tinha pensado nisso. Em como nos falta uma quantidade suficiente de pessoas para garantir a força da ação.

– Mas quem sabe em algum momento? – insisto.

– Quem sabe. Mas somos poucos, somos fracos e não produzimos armas nucleares – diz Haymitch, com um toque de sarcasmo. Ele não se entusiasmou muito com a minha história do Distrito 13.

– O que você acha que eles vão fazer, Haymitch? Com os distritos que estão se rebelando?

– Bom, você ouviu o que eles fizeram no 8. Você viu o que eles fizeram aqui, e aquilo foi sem provocação – diz Haymitch. – Se as coisas realmente saírem de controle, acho que não vão se importar nem um pouco em aniquilar mais um distrito, da mesma forma que fizeram com o 13. Fazer do distrito um exemplo, entendeu?

– Quer dizer, então, que você acha que o 13 foi realmente destruído? No fim das contas, Bonnie e Twill estavam certas em relação ao filme do tordo – digo.

– Tudo bem, mas o que isso prova? Nada, na verdade. Existem diversos motivos que poderiam explicar o fato de terem utilizado um filme antigo. Talvez o visual seja mais impactante. E é bem mais fácil, não é? Basta apertar alguns botões na sala de edição em vez de pegar um avião até o local para fazer um outro filme, você não acha? – diz ele. – Essa ideia que o 13, de alguma maneira, teria ressurgido das cinzas e que a Capital estaria ignorando tudo isso me soa como o tipo de boato que as pessoas desesperadas adoram abraçar.

– Eu sei. Eu só estava na esperança.

– Exatamente. Porque você está desesperada – diz Haymitch.

Não discuto porque é óbvio que ele tem razão.

Prim volta da escola transbordando de entusiasmo. Os professores anunciaram que hoje à noite haveria uma programação obrigatória.

– Acho que vai ser a sua sessão de fotos!

– Não pode ser, Prim. As fotos foram feitas ontem – digo a ela.

– Bom, alguém ouviu isso.

Torço para que ela esteja errada. Não tive tempo de preparar Gale para nada disso. Desde que ele foi chicoteado, só o vejo quando ele vai lá em casa para minha mãe verificar como andam os ferimentos. Ele é frequentemente escalado para trabalhar sete dias por semana nas minas. Nos poucos minutos de privacidade que tivemos, quando o acompanhava até a cidade, percebi que os indícios de um levante no 12 foram sufocados pelas medidas ferrenhas impostas por Thread. Ele sabe que não vou fugir. Mas também deve saber que se nós não nos revoltarmos no 12, estou destinada a me tornar a esposa de

Peeta. Quando ele me vir usando aqueles esplêndidos vestidos de noiva na tela de sua televisão... o que passará pela sua cabeça?

Quando nos reunimos diante da televisão às sete e meia, descubro que Prim estava certa. É isso, lá está Caesar Flickerman falando diante de uma plateia de pé em frente ao Centro de Treinamento, dirigindo-se a uma multidão receptiva, com informações acerca de minhas núpcias. Ele apresenta Cinna, que tornou-se uma estrela da noite para o dia com os trajes que criou para mim nos Jogos e, após um minuto de um bate-papo bem-humorado, somos levados a nos voltar para a tela gigantesca.

Agora vejo como eles conseguiram me fotografar ontem e apresentar o programa especial na noite de hoje. Inicialmente, Cinna elaborou duas dúzias de vestidos de noiva. Desde então, ele vem fazendo uma seleção mais aprimorada das amostras, criando os vestidos e escolhendo os acessórios. Aparentemente, na Capital, ocorreram oportunidades para se votar nos vestidos favoritos em cada estágio do processo. Tudo isso culmina com tomadas minhas usando os últimos seis vestidos, que, é claro, foram inseridos no programa sem maiores dificuldades. Cada tomada é recebida por uma avassaladora reação da plateia. Pessoas gritando e dando vivas a seus modelos favoritos, vaiando aqueles que não gostam. Após votar, e provavelmente apostar no vencedor, as pessoas estão muito interessadas em meu vestido de noiva. É bizarro assistir a tudo isso sabendo que não tive o trabalho de experimentar um único vestido sequer antes da chegada das câmeras. Caesar anuncia que as partes interessadas devem dar seus votos definitivos até o meio-dia do dia seguinte.

– Vamos fazer Katniss Everdeen vestir-se com estilo em sua cerimônia de casamento! – grita ele para a multidão. Estou a ponto de desligar a televisão, mas, então, Caesar começa a dizer que nós devemos ficar sintonizados para o próximo grande evento da noite. – É isso aí, esse ano será o aniversário de setenta e cinco anos dos Jogos Vorazes, e isso significa que é o ano de nosso terceiro Massacre Quaternário!

– O que eles vão fazer? – pergunta Prim. – Ainda faltam vários meses.

Nos voltamos para nossa mãe, cuja expressão está solene e distante, como se estivesse se lembrando de alguma coisa.

– Deve ser a leitura do cartão.

O hino é tocado e minha garganta fica apertada de nojo quando o presidente Snow sobe ao palco. Ele é seguido por um jovem vestido com um terno branco, segurando uma caixa de madeira comum. O hino acaba e o presidente Snow começa a falar, para lembrar a todos dos Dias Escuros, dos quais nasceram os Jogos Vorazes. Quando as leis relacionadas aos Jogos foram elaboradas, elas ditaram que a cada vinte e cinco anos o aniversário seria marcado por um Massacre Quaternário. Elas convocariam uma versão glorificada dos Jogos com o intuito de refrescar a memória daqueles que foram mortos pela rebelião dos distritos.

Essas palavras não poderiam ser mais diretas, já que desconfio que diversos distritos estejam se rebelando nesse exato momento.

O presidente Snow continua nos contando o que aconteceu nas últimas edições do Massacre Quaternário.

– No aniversário de vinte e cinco anos, para que os rebeldes se lembrassem de que seus filhos estavam morrendo por seus pais terem escolhido iniciar a violência, cada distrito fez uma votação para escolher os tributos que os representariam.

Imagino como eles devem ter se sentido. Selecionando as crianças que deveriam partir. Acho que é pior ser entregue por seu próprio vizinho do que ter seu nome tirado em uma bola.

– No aniversário de cinquenta anos – continua o presidente –, para que ninguém se esquecesse de que dois rebeldes haviam morrido para cada cidadão da Capital, cada distrito teve de enviar duas vezes o número de tributos.

Imagino ter de encarar um campo com quarenta e sete em vez de vinte e três. Chances piores, menos esperança e, no final, mais crianças mortas. Esse foi o ano em que Haymitch venceu...

– Eu tinha uma amiga que foi nesse ano – diz minha mãe, com tranquilidade. – Maysilee Donner. Seus pais eram donos da doceria. Depois eles me deram o passarinho dela. Um canário que cantava.

Prim e eu trocamos um olhar. É a primeira vez que ouvimos falar de Maysilee Donner. Talvez porque minha mãe soubesse que ficaríamos interessadas em saber como ela havia morrido.

– E agora nós temos a honra de realizar o terceiro Massacre Quaternário – diz o presidente. O garotinho de branco dá alguns passos à frente, estendendo a caixa enquanto a abre. Vemos as fileiras muito bem-arrumadas de envelopes amarelados. Quem quer que tenha pensado o sistema do Massacre Quaternário tinha em vista séculos de Jogos Vorazes. O presidente retira um envelope visivelmente marcado com o número 75. Ele passa um dedo embaixo da aba e puxa um pedacinho de papel quadrado. Sem hesitar, ele lê: – No aniversário de setenta e cinco anos, para que os rebeldes não se esqueçam de que até mesmo o mais forte dentre eles não pode superar o poder da Capital, o tributo masculino e o tributo feminino serão coletados a partir do rol de vitoriosos vivos.

Minha mãe dá um gritinho fraco e Prim enterra o rosto nas mãos, mas eu me sinto como as pessoas que estou vendo na multidão pelo aparelho de TV. Ligeiramente perplexa. O que isso significa? O rol de vitoriosos vivos?

Então entendo o que isso significa. Pelo menos, para mim. O Distrito 12 tem apenas três vitoriosos vivos para serem escolhidos. Dois do sexo masculino. Uma do sexo feminino...

Vou voltar para a arena.



Meu corpo reage antes da mente e saio correndo porta afora pelo gramado da Aldeia dos Vitoriosos em direção à escuridão. A umidade do piso encharcado deixa as minhas meias molhadas e fico ciente do vento frio pinicando minha pele, mas não paro. Ir para onde? Para onde? Para a floresta, é claro. Já me encontro na cerca quando o zumbido me faz lembrar de como estou presa numa armadilha. Recuo, arquejando, giro nos calcanhares e volto a correr.

A próxima coisa que sei é que estou de joelhos e com as mãos no chão, no porão de uma das casas vazias na Aldeia dos Vitoriosos. Tênues veios de luar surgem através das janelas acima de minha cabeça. Estou molhada, com frio e sem fôlego, mas minha tentativa de fuga não fez nada para subjugar a histeria que está crescendo dentro de mim. Ela vai me nocautear, a menos que seja expelida. Enrolo a frente de minha camisa, enfio-a na boca e começo a gritar. O quanto isso dura eu não sei. Mas, quando paro, minha voz quase não existe mais.

Eu me encolho toda e observo os pedaços de luar no piso de cimento. De volta à arena. De volta ao local dos pesadelos. É para lá que vou. Tenho de admitir que não previ esse desfecho. Vi uma infinidade de outras coisas. Eu me vi sendo humilhada em público, torturada e executada. Fugindo para a vastidão selvagem, perseguida por Pacificadores e aerodeslizadores. Casando com Peeta e tendo nossos filhos obrigados a entrar na arena. Mas jamais passou pela minha cabeça que eu mesma teria de voltar a disputar os Jogos Vorazes.

Por quê? Porque isso não tem precedentes. Os vitoriosos são dispensados das colheitas para sempre. Esse é o acordo se você vence. Até agora.

Encontro uma espécie de lençol, do tipo que os pintores usam quando estão trabalhando. Cubro-me com ele como se fosse um cobertor. Ao longe, alguém está me chamando. Mas, no momento, dou-me o direito de não pensar nem nas pessoas que mais amo. Penso apenas em mim. E no que me espera.

O lençol é duro, mas me mantém aquecida. Meus músculos relaxam, meus batimentos cardíacos diminuem seu ritmo. Vejo a caixa de madeira nas mãos do garotinho. O presidente Snow pegando o envelope amarelado. Será possível que aquilo seja mesmo o Massacre Quaternário elaborado setenta e cinco anos atrás? Parece improvável. É uma resposta perfeita demais para os problemas que a Capital está enfrentando hoje. Livrar-se de mim e subjugar os distritos. Tudo muito bem-arrumado num pequeno e único pacote.

Ouço a voz do presidente Snow em minha cabeça: *"No aniversário de setenta e cinco anos, para que os rebeldes não se esqueçam de que até mesmo o mais forte dentre eles não pode superar o poder da Capital, o tributo masculino e o tributo feminino serão coletados a partir do rol de vitoriosos vivos."*

Sim, os vitoriosos são os nossos mais fortes. São os que sobreviveram à arena e escaparam da pobreza cruel que estrangula o resto de nós. Eles, ou será que deveria dizer nós, somos a própria esperança encarnada onde não há nenhuma esperança. E agora vinte e três de nós serão mortos para mostrar como até mesmo a esperança era uma ilusão.

Estou contente por só ter vencido no ano passado. Do contrário, teria conhecido todos os outros vitoriosos, não somente porque os vejo na televisão, mas também porque são convidados em todos os Jogos. Mesmo que não estejam trabalhando como mentores, como Haymitch sempre precisa fazer, a maioria volta à Capital a cada ano para o evento. Acho que muitos deles são amigos. Ao passo que no meu caso, o único amigo com o qual terei de me preocupar em matar será Peeta ou Haymitch. *Peeta ou Haymitch!*

Sento-me com o corpo reto, arrancando o lençol. O que foi que acabou de me passar pela cabeça? Não existe nenhuma situação onde eu me imagine efetivamente matando Peeta ou Haymitch. Mas um deles estará na arena comigo, e isso é um fato. Eles podem até ter decidido entre eles quem será.

Quem quer que seja escolhido primeiro, o outro terá a opção de se apresentar como voluntário para tomar seu lugar. Já sei o que vai acontecer. Peeta pedirá que Haymitch o deixe ir para a arena comigo independentemente de qualquer coisa. Por minha causa. Para me proteger.

Ando pelo porão, atrás de uma saída. Como foi que entrei aqui? Vou tateando pela escada até a cozinha e vejo que a janela de vidro na porta foi despedaçada. Deve ter sido por isso que a minha mão parece estar sangrando. Corro de volta para o ar da noite e vou diretamente para a casa de Haymitch. Ele está sentado sozinho à mesa da cozinha, uma garrafa de aguardente branca pela metade em uma das mãos, sua faca na outra. Bêbado como um gambá.

– Ah, aí está ela. Totalmente acabada. Finalmente fez a conta, queridinha? Descobriu que não vai lá para dentro sozinha? E agora você veio aqui para me pedir... o quê? – diz ele.

Não respondo. A janela está escancarada e o vento sopra como se estivéssemos ao ar livre.

– Tenho que admitir que foi mais fácil dizer sim para o garoto. Ele estava aqui antes mesmo de eu arrancar o selo da garrafa. Implorando por mais uma oportunidade de entrar nos Jogos. Mas o que você pode dizer? – Ele faz uma imitação da minha voz: – "Toma o lugar dele, Haymitch, porque, se der na mesma, prefiro o Peeta vivo a você."

Mordo o lábio porque assim que ele diz isso, temo que seja exatamente o que quero. Que Peeta viva, mesmo que isso signifique que Haymitch seja obrigado a morrer. Não, eu não penso assim. Ele é um horror, é claro, mas Haymitch agora faz parte da minha família. *O que eu vim fazer aqui, afinal?*, penso. *O que eu poderia querer aqui?*

– Vim beber alguma coisa com você – digo.

Haymitch dá uma gargalhada e bate a garrafa na mesa bem na minha frente. Passo a manga da camisa no gargalo e dou uns goles antes de engasgar. Levo alguns minutos para me recompor e, mesmo assim, meus olhos e meu nariz ainda estão escorrendo. Mas dentro de mim, a bebida parece fogo e eu gosto da sensação.

– De repente, seria melhor você se voluntariar mesmo – digo sem rodeios, enquanto puxo uma cadeira. – De qualquer modo, você odeia a vida.

– É bem verdade – diz Haymitch. – E como na última vez eu tentei manter *você* viva... parece que dessa vez vou me sentir na obrigação de salvar o garoto.

– Esse é um outro ponto importante – digo, esfregando o nariz e virando mais uma vez a garrafa.

– O argumento de Peeta é que já que escolhi você, agora tenho uma dívida com ele. Qualquer coisa que ele queira. E o que ele quer é a chance de entrar de novo para proteger você.

Eu sabia. Seguindo essa linha, Peeta não é tão imprevisível. Enquanto eu estava zanzando pelo piso daquele porão, pensando somente em mim mesma, ele estava aqui, pensando somente em mim. Vergonha não é uma palavra forte o suficiente para descrever o que estou sentindo agora.

– Você podia viver cem vidas e ainda assim não merecer aquele cara, sabia? – diz Haymitch.

– Eu sei, eu sei – digo bruscamente. – Sem dúvida nenhuma, ele é o que tem o caráter mais elevado entre nós três. E aí, o que é que você vai fazer?

– Não sei – suspira Haymitch. – Talvez voltar para lá com você, se eu puder. Se o meu nome for pego na colheita, não vai mudar nada. Ele vai se apresentar como voluntário para tomar o meu lugar.

Ficamos em silêncio por alguns instantes.

– Seria ruim para você na arena, hein? Conhecendo todos os outros e coisa e tal – comento.

– Ah, acho que dá para apostar que vai ser insuportável para mim onde quer que eu esteja. – Ele faz um movimento com a cabeça indicando a garrafa. – Pode me devolver agora?

– Não – digo, abraçando-a. Haymitch pega outra garrafa embaixo da mesa e gira a tampa. Mas percebo que não estou aqui apenas para tomar um drinque. Há mais alguma coisa que quero pedir a Haymitch. – Tudo bem, já saquei o que eu vou pedir – digo. – Se for Peeta e eu nos Jogos, dessa vez a gente vai tentar manter *ele* vivo.

Alguma coisa brilha nos olhos cansados de Haymitch. Dor.

– Como você mesmo disse, a coisa vai ser ruim independentemente do que façamos. E seja lá o que Peeta quiser, é a vez dele de ser salvo. Nós dois devemos isso a ele. – Minha voz adquire um tom de súplica. – Além do mais, a

Capital me odeia tanto que para eles é melhor que eu esteja morta. Talvez assim ele tenha uma chance. Por favor, Haymitch. Diz que você vai me ajudar.

Ele faz uma carranca para a garrafa, sopesando as minhas palavras, e por fim diz:

– Tudo bem.

– Obrigada – digo. Eu deveria me encontrar com Peeta agora, mas não quero. Minha cabeça está girando por causa da bebida, e estou tão acabada que não dá nem para garantir que coisas ele poderia me obrigar a aceitar. Não, agora preciso ir para casa encarar a minha mãe e Prim.

Enquanto cambaleio em direção à minha casa, a porta da frente se abre e Gale me pega nos braços.

– Eu estava errado. A gente deveria ter ido embora daqui quando você disse – sussurra ele.

– Não. – Estou com dificuldades para me concentrar, e a bebida vaza da minha garrafa e escorre pela jaqueta de Gale, mas ele parece não se importar.

– Ainda dá tempo.

Por cima do seu ombro, vejo minha mãe e Prim agarradas uma à outra na entrada. Nós fugimos. Elas morrem. E agora tenho Peeta para proteger. Fim da discussão.

– Não dá, não.

Meus joelhos cedem e ele me pega no colo. Quando o álcool domina minha mente, ouço o vidro se despedaçar no chão. Isso parece apropriado, já que obviamente não consigo segurar mais nada na vida com firmeza.

Quando acordo, quase não consigo chegar à privada antes da aguardente branca voltar a dar sinal. O líquido queima saindo tanto quanto queimava entrando, e o gosto agora é duas vezes pior. Estou tremendo e suando quando termino de vomitar, mas pelo menos grande parte do material saiu do meu organismo. Porém, o suficiente alcançou a minha corrente sanguínea, o que provoca um latejar em minha cabeça, deixa a boca ressecada e faz o estômago fervilhar.

Abro o chuveiro e fico debaixo da ducha morna por um minuto até perceber que ainda estou com a roupa de baixo. Minha mãe deve ter apenas tirado as minhas roupas imundas e me enfiado na cama. Jogo a calcinha e o

sutiã molhados na pia e ponho xampu na cabeça. Minhas mãos ardem, e só então reparo os pontos, pequenos e equidistantes na palma de uma das mãos e na lateral da outra. Vagamente, lembro-me de ter quebrado o vidro da janela na noite passada. Eu me esfrego dos pés à cabeça, parando apenas para vomitar mais uma vez debaixo do chuveiro. É principalmente bile, e desce pelo ralo junto com as bolhas cheirosas do sabonete.

Finalmente limpa, pego o robe e me dirijo à cama, ignorando os cabelos pingando. Entro debaixo das cobertas, certa de que essa é a sensação que se tem quando se é envenenada. Os passos na escada renovam o pânico da noite passada. Não estou preparada para ver minha mãe e Prim. Preciso me controlar para ficar calma e demonstrar segurança, como fiz quando nos despedimos no dia da última colheita. Preciso ser forte. Luto para manter o corpo ereto, tiro os cabelos molhados de minhas têmporas latejantes e me preparo para esse encontro. Elas aparecem na entrada, trazendo chá e torradas, seus rostos cheios de preocupação. Abro a boca, planejando começar com algum tipo de piada, e acabo tendo uma crise de choro.

Até parece que eu conseguiria ser forte.

Minha mãe se senta ao meu lado e Prim escorrega para se deitar perto de mim, e ambas me abraçam, emitindo sons tranquilizadores até meu pranto praticamente cessar. Em seguida, Prim pega uma toalha e seca os meus cabelos, desfazendo os nós enquanto minha mãe me convence a comer uma torrada e a tomar um pouco de chá. Elas me vestem com um pijama confortável e colocam mais cobertores em cima de mim, e novamente caio no sono.

Dá para dizer, pela luz, que estamos no fim da tarde quando desperto novamente. Tem um copo de água na minha mesinha de cabeceira e bebo-a de uma vez. Meu estômago e minha cabeça ainda estão pesados, mas bem melhores do que estavam antes. Eu me levanto, me visto e faço uma trança nos cabelos. Antes de descer, paro no primeiro degrau da escada, sentindo-me ligeiramente constrangida em relação à maneira como lidei com a notícia do Massacre Quaternário. Minha fuga errática, minha bebedeira com Haymitch, o ataque de choro. Dadas as circunstâncias, imagino que mereça um dia de indulgência. Mas estou contente por não encontrar nenhuma câmera aqui.

Embaixo, minha mãe e Prim me abraçam novamente, mas não estão exageradamente emotivas. Sei que estão se contendo para tornar as coisas mais fáceis para mim. Olhando para o rosto de Prim, é difícil imaginar que ela seja a mesma menininha frágil que deixei em casa no dia da colheita nove meses atrás. A combinação dessa provação e tudo o que se seguiu – a crueldade no distrito, o desfile dos doentes e feridos que ela frequentemente trata sozinha, agora que as mãos de minha mãe estão ocupadas demais –, essas coisas fizeram com que ela ficasse anos mais velha. Ela também cresceu bastante; temos praticamente a mesma altura agora, mas não é isso que a faz parecer tão mais velha.

Minha mãe serve uma caneca de caldo para mim, e peço uma segunda caneca para levar para Haymitch. Em seguida atravesso o gramado até a casa dele. Ele está apenas acordando e aceita a caneca sem fazer nenhum comentário. Ficamos lá sentados, quase em paz, bebericando nosso caldo e observando o sol se pôr através da janela da sala. Escuto alguém caminhando no andar de cima e imagino que seja Hazelle, mas alguns minutos depois Peeta desce e joga uma caixa de papelão cheia de garrafas vazias de bebida em cima da mesa, com um ar de quem está terminando uma tarefa.

– Pronto, acabou – diz ele.

Haymitch parece precisar usar toda a sua energia para meramente fixar os olhos sobre as garrafas, de modo que quem fala sou eu:

– Acabou o quê?

– Joguei toda a bebida no ralo – diz Peeta.

Isso parece tirar Haymitch de seu estupor, e ele remexe a caixa em total descrença.

– Você fez o quê?

– Despejei tudo no ralo – diz Peeta.

– Ele vai comprar mais – digo.

– Não, não vai – diz Peeta. – Eu fui atrás da Ripper hoje de manhã e falei que se a visse vendendo alguma coisa para qualquer um de vocês dois eu a deduraria na hora. Eu também paguei a ela, para garantir, mas acho que ela não está nem um pouco a fim de voltar para as mãos dos Pacificadores.

Haymitch dá um golpe com a faca, mas Peeta desvia com tanta facilidade que chega a ser patético. Sinto a raiva tomando conta de mim.

– Desde quando é da sua conta o que ele faz ou deixa de fazer?

– É totalmente da minha conta. Apesar das brigas, dois de nós estarão na arena novamente tendo o outro como mentor. Não podemos nos dar o luxo de ter algum bêbado na equipe. Principalmente você, Katniss – diz Peeta, olhando para mim.

– O quê? – rebato completamente indignada. Teria sido mais convincente se a minha ressaca já tivesse passado. – Ontem foi a única vez na vida que fiquei bêbada.

– É isso aí, e dá só uma olhada no seu estado – diz Peeta.

Não sei o que esperava do meu primeiro encontro com Peeta depois do anúncio. Alguns abraços e beijos. Um pouco de conforto, quem sabe. Não isso. Viro-me para Haymitch.

– Não se preocupa, não. Vou conseguir mais bebida para você.

– Então, vou dedurar vocês dois. Vou deixar os dois ficarem sóbrios no tronco – diz Peeta.

– Qual é o motivo de tudo isso? – pergunta Haymitch.

– O motivo é que dois de nós vão voltar da Capital. Um mentor e um vitorioso – diz Peeta. – Effie está me enviando gravações de todos os vitoriosos ainda vivos. Vamos assistir aos Jogos deles e aprender tudo que pudermos sobre como eles lutam. Vamos ganhar peso e ficar fortes. Vamos começar a nos comportar como Carreiristas. E um de nós vai sair vitorioso novamente, gostem vocês ou não! – Ele sai da sala, batendo com força a porta da frente.

Haymitch e eu estremecemos com o barulho.

– Não gosto de pessoas que se acham melhores do que as outras – digo.

– E o que há para se gostar? – diz Haymitch, começando a chupar as sobras das garrafas vazias.

– Você e eu. Somos nós que ele planeja que voltemos para casa.

– Bom, nesse caso, quem está sendo bobo é ele – diz Haymitch.

Mas depois de alguns dias concordamos em nos comportar como Carreiristas, porque essa também é a melhor maneira de deixar Peeta preparado. Todas as noites, assistimos a antigas reprises dos Jogos que os

vitoriosos ainda vivos venceram. Percebo que jamais nos encontramos com nenhum deles na Turnê da Vitória, o que, olhando em retrospecto, parece estranho. Quando levanto a questão, Haymitch diz que a última coisa que o presidente Snow poderia querer era mostrar Peeta e eu – principalmente eu – criando laços de amizade com outros vitoriosos em distritos potencialmente rebeldes. Vitoriosos possuem um status especial e, se parecesse que eles estavam apoiando o meu desafio à Capital, isso poderia ser algo politicamente perigoso. Calculando as idades, percebo que alguns de nossos oponentes podem ser idosos, o que é ao mesmo tempo triste e reconfortante. Peeta faz montes de anotações, Haymitch disponibiliza informações sobre as personalidades dos vitoriosos e, lentamente, começamos a ficar a par de nossa competição.

Todas as manhãs, fazemos exercícios para fortalecer nossos corpos. Corremos, e levantamos peso, e alongamos nossos músculos. Todas as tardes, trabalhamos habilidades de combate, arremesso de facas, luta corpo a corpo; eu, inclusive, os ensino a subir em árvores. Oficialmente, os tributos não deveriam treinar, mas ninguém tenta nos impedir. Até mesmo nos anos regulares, os tributos dos Distritos 1, 2 e 4 se mostram aptos a manusear lanças e espadas. Isso aqui não é nada comparado ao que eles fazem.

Depois de todos os anos de maus-tratos, o corpo de Haymitch resiste a se aprimorar. Ele ainda é notavelmente forte, mas uma corridinha já o deixa sem fôlego. E qualquer pessoa imaginaria que um cara que dorme toda noite segurando uma faca pudesse ser efetivamente capaz de acertar a parede de uma casa com uma, mas suas mãos tremem tanto que são necessárias semanas para que ele consiga ao menos isso.

Peeta e eu, entretanto, estamos excepcionais sob o novo regime. Pelo menos, tenho algo a fazer. Pelo menos, todos nós temos algo a fazer além de aceitar a derrota. Minha mãe prepara uma dieta especial para ganharmos peso. Prim trata de nossos músculos doloridos. Madge nos traz escondido os jornais de seu pai, vindos da Capital. Predições a respeito de quem será o vitorioso dos vitoriosos nos colocam entre os favoritos. Até mesmo Gale se junta ao grupo aos domingos: embora não goste nem um pouco de Peeta ou de Haymitch, ensina-nos tudo o que sabe sobre armadilhas. É esquisito para mim participar

de conversas com Peeta e Gale, mas parece que eles colocaram de lado quaisquer diferenças que porventura tivessem a meu respeito.

Uma noite, enquanto caminho para a cidade na companhia de Gale, ele admite:

– Seria melhor se ele fosse uma pessoa fácil de odiar.

– Nem precisa dizer isso logo pra mim – digo. – Se eu pudesse tê-lo odiado na arena, não estaríamos todos metidos nessa encrenca agora. Ele estaria morto e eu seria uma vitoriosa única e feliz da vida.

– E onde *nós* estaríamos, Katniss? – pergunta Gale.

Faço uma pausa, sem saber o que dizer. Onde eu estaria com meu falso primo que não seria meu primo se não fosse por Peeta? Será que ele ainda assim teria me beijado? E será que eu teria retribuído o beijo se tivesse tido liberdade para fazê-lo? Será que eu teria me aberto para ele, acalmada pela certeza do dinheiro e da comida farta? E a ilusão da segurança de ser uma vitoriosa poderia ter proporcionado circunstâncias diferentes? Mas ainda assim a colheita não deixaria de assomar sobre nós, sobre nossos filhos. Independentemente do que eu quisesse...

– Caçando. Como todos os domingos – respondo. Sei que ele não estava esperando uma resposta literal, mas isso é o máximo que posso dar com honestidade. Gale sabe que eu o escolhi em detrimento de Peeta quando não fugi. Para mim, não há sentido em falar sobre coisas que talvez pudessem ter sido diferentes. Mesmo que tivesse matado Peeta na arena, ainda assim não estaria disposta a me casar com ninguém. Só aceitei o noivado para salvar as vidas das pessoas, e o tiro saiu completamente pela culatra.

De um jeito ou de outro, temo que qualquer espécie de cena emocional com Gale possa induzi-lo a fazer alguma coisa drástica. Como iniciar aquele levante nas minas. E como diz Haymitch, o Distrito 12 não está preparado para isso. Aliás, eles estão menos preparados do que antes do anúncio do Massacre Quaternário, porque na manhã seguinte mais cem Pacificadores chegaram de trem.

Como não estou planejando reavivar tudo isso mais uma vez, quanto mais cedo Gale me deixar partir, melhor. Planejo, isto sim, dizer uma ou outra coisa a ele depois da colheita, quando tivermos a permissão para uma hora de

despedidas. Contar para Gale o quanto ele tem sido essencial para mim durante todos esses anos. O quanto a minha vida tem sido melhor por conviver com ele. Por amá-lo, mesmo que seja apenas na maneira limitada que me é permitida.

Mas nunca tenho a chance.

O dia da colheita é quente e abafado. A população do Distrito 12 espera na praça, suando e em silêncio, sob a mira de metralhadoras. Estou sozinha numa pequena área cercada, com Peeta e Haymitch numa cerca similar, à minha direita. A colheita leva apenas um minuto. Effie, resplandecente numa peruca de ouro metálico, não está com sua verve habitual. Ela precisa remexer durante um bom tempo a bola com os nomes das garotas para poder agarrar o único pedaço de papel que todo mundo sabe que contém o meu nome. Em seguida ela pega o nome de Haymitch. Ele quase não tem tempo para me lançar um olhar triste antes de Peeta se apresentar como voluntário para substituí-lo.

Somos imediatamente levados para o interior do Edifício da Justiça para nos encontrarmos com Thread, o Chefe dos Pacificadores, que está nos esperando.

– Novo procedimento – diz ele com um sorriso. Somos levados a sair pela porta dos fundos, colocados num carro e conduzidos para a estação ferroviária. Não há câmeras na plataforma, nenhuma multidão para nos saudar no caminho. Haymitch e Effie aparecem, escoltados por guardas. Pacificadores nos apressam para o interior do trem e batem a porta. As rodas começam a girar.

E fico olhando pela janela, observando o Distrito 12 desaparecer, com todas as minhas despedidas ainda presas nos lábios.



Permaneço na janela até bem depois de a floresta engolir o último resquício da minha casa. Dessa vez, não tenho a mais remota esperança de voltar. Antes dos meus primeiros Jogos, prometi a Prim que faria tudo que pudesse para vencer, e agora jurei a mim mesma que farei tudo o que puder para manter Peeta vivo. Jamais farei essa viagem de volta.

Eu tinha, na verdade, decidido quais seriam as últimas palavras que diria aos entes queridos. Qual seria a melhor maneira de fechar as portas e deixá-los para trás, tristes porém seguros. E agora a Capital também me roubou isso.

– A gente escreve cartas, Katniss – diz Peeta, às minhas costas. – Vai ser melhor assim, de qualquer maneira. Dar um pedaço de nós que eles vão poder guardar. Haymitch pode entregar para a gente se... elas precisarem ser entregues.

Balanço a cabeça em concordância e vou direto para o meu compartimento. Sento-me na cama, ciente de que jamais escreverei as tais cartas. Elas vão ser como o discurso que tentei escrever em honra a Rue e Thresh no Distrito 11. As coisas pareciam claras em minha cabeça, e mesmo quando eu estava falando diante da multidão, mas as palavras nunca saíram direito da caneta. Além do mais, era para elas serem acompanhadas de abraços e beijos e uma carícia nos cabelos de Prim, um carinho no rosto de Gale, um aperto na mão de Madge. E essas coisas não podem ser entregues com uma caixa de madeira contendo o meu corpo frio e rígido.

Magoada demais até para chorar, tudo o que eu quero é me enroscar na cama e dormir até chegarmos à Capital amanhã de manhã. Mas tenho uma

missão. Não, é mais do que uma missão. É o meu último desejo. *Manter Peeta vivo*. E, por mais improvável que esse objetivo possa parecer diante da raiva da Capital, é importante que eu esteja na minha melhor forma. Isso não vai acontecer se eu ficar chorando por todas as pessoas amadas que deixei para trás. *Deixe-as*, digo a mim mesma. *Dê um tchau e esqueça-as*. Esforço-me ao máximo, pensando nelas uma a uma, soltando-as da gaiola protetora que se encontra dentro de mim, como se elas fossem pássaros, e depois trancando a porta para que não possam retornar.

Quando Effie bate à porta para me chamar para o jantar, já estou completamente esvaziada. Mas a leveza não é totalmente desagradável.

A refeição é contida. Tão contida, na verdade, que há longos períodos de silêncio, aliviados apenas pela retirada de pratos e a apresentação de outros. Uma sopa fria de creme de vegetais. Bolos de peixe com massa cremosa e molho de limão-doce. Pequenas aves recheadas com molho de laranja, acompanhadas de arroz selvagem e agrião. Torta de chocolate com morango.

Peeta e Effie fazem tentativas ocasionais de iniciar alguma conversa que rapidamente desaparece no ar.

– Adoro o seu novo penteado, Effie – diz Peeta.

– Obrigada. Eu o fiz especialmente para combinar com o broche de Katniss. Estava pensando que, de repente, a gente poderia conseguir uma fita de ouro para você usar no tornozelo e talvez uma pulseira de ouro para Haymitch ou algo assim que nos dê a cara de uma equipe – diz Effie.

Evidentemente, Effie não sabe que o meu broche com o tordo é agora um símbolo usado pelos rebeldes. Pelo menos no Distrito 8. Na Capital, o tordo ainda é uma lembrança divertida de uma edição particularmente excitante dos Jogos Vorazes. O que mais poderia ser? Rebeldes de verdade não colocam um símbolo secreto em algo tão durável quanto uma joia. Colocam num pãozinho que pode ser comido em um segundo se necessário for.

– Acho que isso é uma grande ideia – diz Peeta. – Que tal, Haymitch?

– Sei lá, tanto faz – diz Haymitch. Ele não está bebendo, mas dá para perceber que gostaria muito de estar. Effie mandou que recolhessem sua própria taça de vinho quando viu o esforço que ele estava fazendo para se manter sóbrio, mas o estado de Haymitch é francamente deplorável. Se ele

fosse o tributo, não estaria devendo nada a Peeta e poderia ficar bêbado o quanto quisesse. Agora, ele vai precisar de toda a sua energia para manter Peeta vivo numa arena repleta de antigos amigos, e provavelmente fracassará.

– De repente, a gente podia conseguir uma peruca para você também – digo, numa tentativa de tornar o clima um pouco mais ameno. Ele apenas olha para mim como quem diz me deixa em paz, e todos nós comemos nossa torta de chocolate em silêncio.

– Não seria melhor a gente assistir à reprise das colheitas? – diz Effie, passando um guardanapo de linho branco nos cantos da boca.

Peeta vai pegar seu caderno de anotações sobre os vitoriosos que ainda permanecem vivos, e nos reunimos no compartimento com a televisão para ver com quem competiremos na arena. Estamos todos a postos quando o hino começa a ser tocado e a reprise anual das cerimônias de colheita nos doze distritos tem início.

Na história dos Jogos, houve setenta e cinco vitoriosos. Cinquenta e nove dos quais ainda estão vivos. Reconheço muitos dos rostos por tê-los visto em ação como tributos ou como mentores nos Jogos anteriores, ou por tê-los visto nas reprises a que temos assistido recentemente. Alguns estão tão velhos ou arrasados por doenças, drogas ou bebida que tenho dificuldade para me lembrar deles. Como se poderia esperar, os grupos de tributos Carreiristas dos Distritos 1, 2 e 4 são os maiores. Mas todos os distritos conseguiram enviar pelo menos um vitorioso do sexo masculino e outro do sexo feminino.

As colheitas passam rapidamente. Peeta, estudioso, coloca estrelas ao lado dos nomes dos tributos escolhidos em seu caderno. Haymitch observa, seu rosto desprovido de qualquer emoção enquanto amigos seus sobem ao palco. Effie sussurra comentários nervosos tais como: "Oh, Cecelia não" ou "Bom, Chaff nunca conseguiu ficar mesmo longe de uma luta", e suspira com frequência.

Quanto a mim, tento fazer algum registro mental dos outros tributos, mas, como no ano passado, apenas alguns ficam realmente na minha cabeça. Tem a dupla de irmã e irmão do Distrito 1, dotados de uma beleza clássica e que foram vitoriosos em anos consecutivos quando eu era pequena. Brutus, um voluntário do Distrito 2, que deve ter pelo menos quarenta anos e

aparentemente mal pode esperar para voltar à arena. Finnick, o bonitão de cabelo cor de bronze do Distrito 4 que foi coroado dez anos atrás com catorze anos de idade. Uma jovem histérica com cabelos castanhos esvoaçantes também foi chamada do 4, mas rapidamente substituída por uma voluntária, uma mulher de oitenta anos que precisa de uma bengala para andar até o palco. Então aparece Johanna Mason, a única vitoriosa ainda viva do sexo feminino do Distrito 7, que venceu alguns anos atrás fingindo ser fraca. A mulher do 8 que Effie chama de Cecelia parece estar na casa dos trinta e precisa se soltar dos três filhos, que tentam pular em seu colo. Chaff, um homem do 11 que sei que é um dos amigos particulares de Haymitch, também foi chamado.

Eu sou chamada. Em seguida, Haymitch. E Peeta se apresenta como voluntário. Uma das anunciantes, na verdade, fica com lágrimas nos olhos porque parece que não teremos chance alguma – nós, os amantes desafortunados do Distrito 12. Então ela se apruma para dizer que aposta que "esses serão os melhores Jogos de todos os tempos!".

Haymitch sai do compartimento sem dizer uma palavra, e Effie, depois de fazer alguns comentários sobre um ou outro tributo, nos deseja boa-noite. Fico lá sentada observando Peeta arrancar as páginas dos vitoriosos que não foram selecionados.

– Por que você não vai dormir um pouco? – diz ele.

Porque eu não sei como lidar com os pesadelos. Não sem você, penso. Eles com certeza serão horrorosos nessa noite. Mas dificilmente terei coragem para pedir a Peeta que durma comigo. Nós mal nos tocamos desde a noite em que Gale foi chicoteado.

– O que você vai fazer? – pergunto.

– Só vou dar uma revisada nas anotações. Tentar entender com clareza o que a gente vai enfrentar. Mas converso sobre isso com você de manhã. Vai dormir, Katniss.

Então, vou para a cama e, como o previsto, algumas horas depois acordo com um pesadelo no qual aquela mulher idosa do Distrito 4 se transforma em um rato enorme e morde a minha cara. Sei que estava berrando, mas ninguém aparece. Peeta não aparece, nem mesmo um dos atendentes da Capital. Visto

um robe para tentar acalmar o arrepio que toma conta do meu corpo. Permanecer no meu compartimento é impossível, de modo que decido encontrar alguém que possa me preparar um chá ou um chocolate quente ou qualquer coisa assim. Talvez Haymitch ainda esteja acordado. Ele certamente ainda não foi dormir.

Peço a um atendente um leite morno, a coisa mais tranquilizadora que me ocorre agora. Ouço vozes vindo da sala de televisão, entro e vejo Peeta. Ao lado dele no sofá está a caixa que Effie enviou com as gravações das antigas edições dos Jogos Vorazes. Reconheço o episódio no qual Brutus tornou-se vitorioso.

Peeta se levanta e tira a fita quando me vê.

– Não conseguiu dormir?

– Não por muito tempo – digo. Fecho o robe com mais firmeza quando me lembro da mulher idosa se transformando no rato.

– Quer falar sobre isso? – pergunta Peeta. Às vezes ajuda, mas apenas balanço a cabeça em negativa, sentindo-me fraca por saber que pessoas que ainda nem comecei a combater já estão me assustando.

Quando Peeta estende os braços, vou diretamente para ele. É a primeira vez desde que anunciaram o Massacre Quaternário que ele me oferece algum tipo de afeto. Ele tem sido mais um treinador bastante exigente, sempre cobrando, sempre insistindo para eu e Haymitch corrermos mais rápido, comermos mais, conhecermos nossos inimigos melhor. Amante? Pode esquecer. Ele abandonou qualquer pretensão de sequer ser meu amigo. Abraço-o com força antes que ele me mande fazer algumas flexões de braço ou coisa parecida. Ao contrário, ele me abraça mais ainda e enterra o rosto em meus cabelos. Calor irradia do ponto onde seus lábios tocam o meu pescoço, lentamente espalhando-se pelo resto do meu corpo. A sensação é tão boa, tão extraordinariamente boa, que sei que não serei eu a primeira a deixá-la escapar.

E por que eu deveria fazer isso? Eu disse adeus a Gale. Jamais o verei novamente, isso é certo. Nada que eu faça agora poderá magoá-lo. Ele não verá isso ou, se acabar vendo, pensará que estou atuando para as câmeras. Isso, pelo menos, remove um peso em cima dos meus ombros.

A chegada do atendente da Capital com o leite morno é o que nos separa. Ele coloca a bandeja com o bule de cerâmica fumegante e duas canecas em

cima da mesa.

– Trouxe uma outra caneca – diz o rapaz.

– Obrigada.

– E acrescentei um pouquinho de mel no leite. Para ficar mais doce. E um leve toque de canela. – O rapaz olha para nós como se quisesse dizer mais alguma coisa, e então balança ligeiramente a cabeça e sai do compartimento.

– Qual é a dele? – pergunto.

– Acho que ele se sente mal por nossa causa – diz Peeta.

– Certo. – Sirvo o leite.

– Estou falando sério. Eu não acredito que todas as pessoas na Capital vão ficar felizes vendo a gente voltar para a arena – diz Peeta. – Ou os outros vitoriosos. Eles criam laços com seus campeões.

– O que eu acho é que eles vão esquecer tudo isso assim que o sangue começar a espirrar – digo, sem me conter. Honestamente, se tem uma coisa com a qual não estou minimamente preocupada é em imaginar como o Massacre Quaternário vai afetar o humor da Capital. – Então você está assistindo a todas as fitas novamente?

– Na verdade, não. Só estou meio que dando uma olhada para ver as diferentes técnicas de combate das pessoas.

– Quem é o próximo?

– Você escolhe – diz Peeta, estendendo a caixa.

As fitas estão marcadas com os anos dos Jogos e o nome do vitorioso. Remexo o conteúdo e, de repente, encontro uma a que nós não assistimos. A edição dos Jogos é a de número cinquenta. Isso coincide com o segundo Massacre Quaternário. E o nome do vitorioso é Haymitch Abernathy.

– A gente nunca assistiu a esse aqui – digo.

Peeta balança a cabeça.

– Não. Eu sabia que Haymitch não queria que a gente visse. Da mesma maneira que a gente não queria rever nossos próprios Jogos. E como nós todos fazemos parte da mesma equipe, não achei que valesse tanto a pena.

– A pessoa que venceu a edição vinte e cinco está aqui?

– Acho que não. Quem quer que tenha sido já deve estar morto agora, e Effie só me mandou vitoriosos que a gente talvez tivesse de enfrentar. – Peeta

balança a fita de Haymitch no ar. – Por quê? Você acha que a gente devia assistir?

– É o único Massacre que temos para ver. Talvez a gente conseguisse pescar alguma coisa interessante sobre como eles funcionam – digo. Mas sinto-me estranha. Parece uma tremenda invasão à privacidade de Haymitch. Não sei por que deveria ser, já que a coisa toda foi de caráter público. Mas é. Tenho que admitir que também estou extremamente curiosa. – A gente não precisa contar para Haymitch.

– Tudo bem – concorda Peeta. Ele coloca a fita e me enrosco perto dele no sofá com a caneca de leite, que está realmente delicioso com o mel e a canela, e me entretenho com a quinquagésima edição dos Jogos Vorazes. Depois do hino, mostram o presidente Snow pegando o envelope do segundo Massacre Quaternário. Ele parece mais jovem, porém igualmente repulsivo. Ele lê o quadradinho de papel com a mesma voz onerosa que usou conosco, informando a Panem que em honra do Massacre Quaternário, haverá duas vezes o número de tributos. Os editores cortam para a colheita, onde anunciam nome após nome após nome.

Quando chegamos ao Distrito 12, já estou completamente chocada pela impressionante quantidade de crianças indo para a morte certa. Há uma mulher, que não é Effie, chamando os nomes no 12, mas ela ainda começa com "Primeiro as damas!". Ela chama o nome de uma garota que mora na Costura, dá para ver pela aparência dela, e então ouço o nome "Maysilee Donner".

– Ah! – digo. – Ela era amiga da minha mãe. – A câmera a encontra na multidão, grudada a duas outras garotas. Todas louras. Todas filhas de mercadores, com toda certeza.

– Acho que a sua mãe a está abraçando – diz Peeta, em voz baixa. E ele está certo. Enquanto Maysilee Donner corajosamente desgruda-se e se encaminha para o palco, vislumbro minha mãe com a minha idade. E ninguém exagerou sua beleza. Segurando sua mão e chorando está uma outra garota que se parece muito com Maysilee. Mas também se parece muito com uma outra pessoa que eu conheço.

– Madge – digo.

– Aquela é a mãe dela. Ela e Maysilee eram gêmeas ou qualquer coisa assim. Meu pai uma vez mencionou isso.

Penso na mãe de Madge. A mulher do prefeito Undersee. Que passa a metade da vida na cama, imobilizada com dores terríveis, distante do mundo. Penso em como nunca percebi que ela e minha mãe compartilhavam essa ligação. Em Madge aparecendo naquela tempestade de neve para trazer analgésicos para Gale. Em meu broche com o tordo e em como ele significa uma coisa completamente diferente agora que sei que sua antiga dona era a tia de Madge, Maysilee Donner, um tributo que foi assassinado na arena.

O nome de Haymitch é chamado por último. É mais chocante vê-lo do que ver minha mãe. Jovem. Forte. Difícil de admitir, mas até que ele era bonito. Seus cabelos escuros e ondulados, aqueles olhos cinzentos e brilhantes típicos da Costura, já naquela época perigosos.

– Ah, Peeta, você não acha que foi ele que matou Maysilee, acha? – explodo. Não sei por quê, mas não consigo suportar essa ideia.

– Com quarenta e oito jogadores? Eu diria que as chances são poucas.

A carruagem parte – nela, os garotos do Distrito 12 vão vestidos em horríveis trajes de mineiros – e as entrevistas surgem na tela. Há um tempinho para focalizar todos eles. Mas como Haymitch vai ser o vitorioso, conseguimos ver uma entrevista completa dele com Caesar Flickerman, cuja aparência é exatamente a mesma de sempre em seu terno de gala azul brilhante. Apenas seus cabelos, pálpebras e lábios na cor verde-escura estão diferentes.

– E então, Haymitch, o que você acha dos Jogos terem cem por cento a mais de competidores do que o usual? – pergunta Caesar.

Haymitch dá de ombros.

– Eu não vejo muita diferença nisso. Eles vão continuar sendo cem por cento tão estúpidos quanto sempre foram, de modo que imagino que as minhas chances serão mais ou menos as mesmas.

A audiência cai na gargalhada e Haymitch retribui com um meio-sorriso. Cortante. Arrogante. Indiferente.

– Ele não precisava ir tão longe assim, precisava? – pergunto.

Agora estamos na manhã em que os Jogos começam. Nós assistimos do ponto de vista de um dos tributos que está ascendendo através do tubo da Sala

de Lançamento em direção à arena. Não consigo evitar um leve arquejo. A descrença está refletida nos rostos dos jogadores. Até as sobrancelhas de Haymitch se erguem de prazer, embora se juntem quase que imediatamente para formar uma carranca.

É o local mais impressionante que se pode imaginar. A Cornucópia dourada está fincada no meio de uma campina verde com lindas flores espalhadas aqui e ali. O céu está azul e com algumas nuvenzinhas brancas. Vistosos pássaros voam acima. Pela forma como os tributos estão cheirando o ar, o aroma deve ser fantástico. Uma tomada aérea mostra que a campina se estende por quilômetros. Bem ao longe, em uma direção, parece haver uma floresta, na outra, uma montanha coberta de neve.

A beleza desorienta muitos dos jogadores, pois, quando soa o gongo, a maioria parece estar tentando acordar de um sonho. Não Haymitch, entretanto. Ele está na Cornucópia, armado até os dentes e com uma mochila cheia de suprimentos escolhidos a dedo. Ele se encaminha para a floresta enquanto a maioria dos outros ainda está saindo de seus discos.

Dezoito tributos são mortos no banho de sangue do primeiro dia. Outros começam a morrer depois e fica claro que quase tudo naquele lugar bonitinho – as apetitosas frutas pendendo dos galhos, a água nas correntes cristalinas, até mesmo o aroma das flores quando inaladas diretamente – é mortalmente venenoso. Apenas a água da chuva e a comida na Cornucópia são seguras para o consumo. Há também um grupo grande de dez tributos Carreiristas vasculhando a área da montanha atrás de vítimas.

Haymitch tem seus próprios problemas na floresta, onde os fofos esquilos dourados são, na verdade, carnívoros e atacam em bandos, e as picadas das borboletas proporcionam agonia, se não morte. Mas ele persiste em seu avanço, sempre mantendo a distante montanha atrás de si.

Maysilee Donner também se demonstra bastante capaz, para uma garota que sai da Cornucópia apenas com uma pequena mochila. Dentro, ela encontra uma tigela, um pouco de carne desidratada e uma zarabatana com duas dúzias de dardos. Fazendo uso dos venenos prontamente disponíveis, ela logo transforma a zarabatana em uma arma mortífera, mergulhando os dardos em substâncias letais e direcionando-os para os corpos dos oponentes.

No decorrer de quatro dias, a pitoresca montanha torna-se um vulcão em erupção que varre mais uma dúzia de jogadores, incluindo cinco do bando de Carreiristas. Com a montanha cuspindo fogo líquido e a campina não oferecendo nenhuma possibilidade de esconderijo, os treze tributos restantes – Haymitch e Maysilee entre eles – não têm outra escolha a não ser confinar-se na floresta.

Haymitch parece inclinado a continuar na mesma direção, distante da agora vulcânica montanha, mas um emaranhado de cercas vivas densamente entrelaçadas o obriga a dar a volta e retornar para o centro da floresta, onde encontra três dos Carreiristas e saca sua faca. Eles podem ser bem maiores e mais fortes, mas Haymitch possui uma velocidade invejável e já matou dois quando o terceiro o desarma. Esse Carreirista está a ponto de cortar seu pescoço quando um dardo o derruba.

Maysilee Donner sai da floresta.

– Nós viveríamos mais se cooperássemos um com o outro.

– Acho que você acabou de provar essa tese – diz Haymitch, esfregando o pescoço. – Aliados? – Maysilee balança a cabeça em concordância. E lá estão eles, instantaneamente ligados por um desses pactos que qualquer pessoa seria pressionada a romper se quisesse voltar com vida para seu distrito.

Exatamente como Peeta e eu, eles têm mais chances juntos. Conseguem descansar mais, bolar um sistema para assegurar mais água da chuva, lutar como uma equipe e dividir a comida das mochilas dos tributos mortos. Mas Haymitch ainda está determinado a seguir caminho.

– Por quê? – continua perguntando Maysilee, e ele a ignora até que ela se recusa a dar mais um passo sequer sem uma resposta.

– Porque esse lugar precisa acabar em algum ponto, certo? – diz Haymitch. – A arena não pode ser interminável.

– O que você espera encontrar? – pergunta Maysilee.

– Eu não sei. Mas, de repente, tem alguma coisa que a gente possa usar.

Quando finalmente conseguem ultrapassar aquela cerca impossível usando um lança-chamas encontrado na mochila de um dos Carreiristas mortos, eles se encontram em terra firme e plana que vai dar num penhasco. Bem abaixo, é possível avistar pedras pontudas.

– Isso é tudo, Haymitch. Vamos voltar – diz Maysilee.

– Não, vou ficar aqui.

– Tudo bem. Só restam cinco de nós. Acho que vou me despedir de você agora. Não quero que sobremos só nós dois.

– Tudo bem – concorda ele. E é isso. Ele não lhe estende a mão e nem mesmo olha para ela. Maysilee vai embora.

Haymitch caminha ao longo da borda do penhasco como se estivesse tentando descobrir alguma coisa. Seu pé desloca uma pedrinha que cai no abismo, aparentemente para sempre. Mas um minuto mais tarde, enquanto ele está sentado para descansar, a pedrinha volta voando para o lado dele. Haymitch olha a pedra, confuso, e então seu rosto adquire uma estranha intensidade. Ele joga uma pedra do tamanho de seu punho no penhasco e espera. Quando ela voa de volta para sua mão, ele começa a rir.

Nesse instante ouvimos Maysilee começando a gritar. A aliança está desfeita, ela a rompeu, de modo que ninguém poderia culpá-lo por ignorá-la. Mas Haymitch corre atrás dela, assim mesmo. Ele chega a tempo apenas de assistir ao último membro de um bando de pássaros cor-de-rosa, dotados de bicos longos e finos, despedaçar seu pescoço. Ele segura a mão de Maysilee enquanto ela morre, e só consigo pensar em Rue e em como eu também cheguei atrasada para salvá-la.

Mais tarde naquele dia, mais um tributo é morto em combate e um terceiro é comido por um bando daqueles esquilos fofos, deixando Haymitch e uma garota do Distrito 1 disputando a coroa. Ela é maior do que ele e tão veloz quanto, e quando a luta inevitável ocorre, a coisa é sangrenta e horrenda, e ambos recebem o que poderiam muito bem ser considerados ferimentos mortais, quando Haymitch é finalmente desarmado. Ele cambaleia em meio às lindas árvores da floresta, pressionando seus ferimentos enquanto ela se arrasta atrás dele, carregando um machado que deveria ser o responsável pelo golpe mortal. Haymitch corre para seu penhasco e acaba de alcançar a borda quando ela arremessa o machado. Ele desaba no chão e o objeto voa em direção ao abismo. Agora também sem arma, a garota fica parada tentando estancar o sangramento do espaço oco onde antes se encontrava um de seus olhos. Ela está pensando que talvez consiga superar Haymitch, que está começando a ter

convulsões no chão. Mas o que ela não sabe é que o machado vai retornar. E depois de voar por cima da saliência, a arma se crava em sua cabeça. Ouve-se o tiro do canhão, seu corpo é removido e os trompetes soam, anunciando a vitória de Haymitch.

Peeta para a fita e ficamos lá sentados em silêncio por um tempo.

Finalmente Peeta diz:

– Aquele campo de força na base do penhasco era como o da cobertura do Centro de Treinamento. O que traria a gente de volta se a gente tentasse se jogar para cometer suicídio. Haymitch descobriu um jeito de transformá-lo em uma arma.

– Não apenas contra os outros tributos, mas também contra a Capital – digo. – É óbvio que eles não esperavam que isso acontecesse. Isso não era para fazer parte da arena. Nunca foi ideia deles alguém usar isso como arma. Haymitch ter descoberto a coisa deixou todo mundo na Capital com cara de otário. Aposto que eles tiveram um trabalhão tentando amenizar essa história. Aposto que é por isso que não me lembro de ter visto esse programa na televisão. É quase tão ruim quanto a gente com as amoras!

Não consigo deixar de rir, rir mesmo, pela primeira vez em meses. Peeta só balança a cabeça como se eu tivesse ficado louca – e talvez eu tenha ficado, um pouco.

– Quase, mas não tanto – diz Haymitch atrás de nós. Giro o corpo, temendo que ele esteja com raiva por termos assistido à fita, mas ele só dá um risinho debochado e toma um gole de uma garrafa de vinho. Sobriedade, até parece. Imagino que deveria estar irritada por ele estar bebendo novamente, mas estou ocupada com uma outra sensação.

Passei todas essas semanas conhecendo os meus competidores, sem nem mesmo pensar em quem eram meus parceiros de equipe. Agora uma nova espécie de confiança está se iluminando dentro de mim, porque acho que finalmente sei quem é Haymitch. E estou começando a saber quem sou. E, certamente, duas pessoas que causaram tantos problemas à Capital vão conseguir pensar em uma maneira de fazer com que Peeta volte com vida para casa.



Tendo passado inúmeras vezes pela preparação com Flavius, Venia e Octavia, tenho em mente que o processo deveria ser apenas uma velha rotina para a sobrevivência. Mas não previ a provação emocional que está à minha espera. Durante a preparação, cada um deles cai no choro pelo menos duas vezes, e Octavia fica choramingando baixinho durante toda a manhã. Acontece que eles realmente se apegaram a mim, e a ideia do meu retorno à arena os devastou. Combine isso com o fato de que, ao me perder, eles perderão os bilhetes de entrada para todos os grandes eventos sociais, especialmente o meu casamento, e a coisa toda torna-se insuportável. A ideia de ser forte para qualquer outra pessoa jamais passou por suas cabeças, então encontro-me na posição de ser obrigada a consolá-los. Como sou eu a pessoa a caminho do matadouro, a coisa é um tanto quanto irritante.

Entretanto, é interessante quando penso no que Peeta disse sobre o atendente no trem demonstrar infelicidade em relação aos vitoriosos terem de lutar novamente. Sobre as pessoas na Capital não estarem gostando disso. Ainda acho que tudo isso vai ser esquecido assim que soar o gongo, mas até que é surpreendente saber que as pessoas na Capital sentem algo por nós. Elas certamente não se importam nem um pouco em assistir a crianças sendo assassinadas ano após ano. Mas talvez conheçam bem demais os vitoriosos, principalmente aqueles que são celebridades há anos, para se esquecerem que são seres humanos. Seria, talvez, como assistir a seus próprios amigos morrerem. Que é como os Jogos são para nós que residimos nos distritos.

Quando Cinna aparece, já estou irritadiça e exausta por ter de consolar a equipe de preparação, principalmente porque as constantes lágrimas me fazem lembrar das que estão sem dúvida sendo derramadas em casa. Em pé em meu robe fino, com minha pele pinicando e o coração a mil, sei que não consigo suportar mais nenhum olhar de lamentação. Então, assim que ele entra, eu solto:

– Juro que se você chorar, eu te mato aqui e agora.

Cinna apenas sorri.

– Você teve uma manhã encharcada?

– Dava até para me torcer – respondo.

Cinna me abraça e me conduz ao local onde vamos almoçar.

– Não se preocupe. Eu sempre canalizo minhas emoções para o trabalho. Assim não causo mal nenhum a ninguém além de mim mesmo.

– Não aguento passar por tudo isso de novo.

– Eu sei. Vou falar com eles.

O almoço faz com que eu me sinta um pouco melhor. Faisão com uma seleção de gelatinas multicoloridas, versões em miniatura de legumes verdadeiros nadando na manteiga, e purê de batatas com salsa. De sobremesa, mergulhamos pedaços de fruta num pote com chocolate derretido, e Cinna precisa pedir mais um pote porque eu começo a comer o chocolate com uma colher.

– E então, o que é que vamos usar na cerimônia de abertura? – finalmente pergunto, enquanto raspo o segundo pote. – Lanternas de cabeça ou fogo? – Sei que o passeio de carruagem vai requerer que Peeta e eu estejamos vestidos com algo relacionado a carvão.

– Alguma coisa nessa linha – diz ele.

Quando chega a hora de vestir o traje para a cerimônia de abertura, minha equipe de preparação aparece, mas Cinna os dispensa dizendo que eles haviam feito um trabalho tão espetacular durante a manhã que não restava mais nada a ser feito. Eles saem para se recuperar, deixando-me, graças a Deus, nas mãos de Cinna. Ele primeiro faz o meu cabelo no estilo trançado que a minha mãe lhe havia apresentado e em seguida passa para a maquiagem. No ano passado, ele usou pouco para que a audiência pudesse me reconhecer quando pousasse na

arena. Mas agora o meu rosto está quase obscurecido pelos contornos dramáticos e pelas sombras escuras. Sobrancelhas bem arqueadas, ossos das faces proeminentes, olhos em chamas, lábios lilases. O traje parece enganadoramente simples a princípio, apenas um macacão preto e justo que me cobre do pescoço para baixo. Ele coloca uma coroa pela metade como a que eu recebi quando fui celebrada como vitoriosa, mas ela é feita de um material pesado e preto, não de ouro. Então, ajusta a luz no recinto para imitar o crepúsculo e aperta um botão dentro do tecido na altura do meu pulso. Olho para baixo, fascinada, enquanto o meu conjunto lentamente ganha vida, primeiro com uma suave luz dourada, mas gradualmente se transformando no laranja avermelhado do carvão no fogo. Parece que estou coberta de brasas brilhantes – não, que *sou* uma brasa brilhante saída diretamente de nossa lareira. As cores sobem e descem, transmutam-se e misturam-se, exatamente como o carvão.

– Como você fez isso? – pergunto, maravilhada.

– Portia e eu passamos várias horas observando fogueiras – diz Cinna. – Agora olha só pra você.

Ele gira o meu corpo na direção do espelho para que eu possa absorver todo o efeito. Não estou vendo uma garota, nem mesmo uma mulher, mas algum ser de outro mundo que poderia muito bem ter saído do vulcão que destruiu tantas vidas no Massacre de Haymitch. A coroa preta, que agora parece vermelha como ferro em brasa, lança estranhas sombras em meu rosto dramaticamente maquiado. Katniss, a garota em chamas, deixou para trás suas chamas bruxuleantes, os mantos cheios de joias e as suaves túnicas à luz de velas. Ela agora está tão mortífera quanto o próprio fogo.

– Eu acho que... era exatamente disso que eu precisava para enfrentar os outros – digo.

– Sim, acho que seus dias de batom cor-de-rosa e fitinhas ficaram para trás – diz Cinna. Ele toca novamente o botão em meu pulso, apagando a luz. – Não vamos acabar com a bateria do seu traje. Dessa vez, quando você estiver na carruagem, nada de acenos, nada de sorrisos. Eu só quero que você olhe direto para frente, como se a audiência não merecesse receber o seu olhar.

– Finalmente, uma coisa que vou fazer muito bem.

Cinna tem mais algumas coisas para cuidar, de modo que decido descer para o térreo do Centro de Regeneração, que abriga o imenso local de reunião dos tributos e suas carruagens antes da cerimônia de abertura. Estou na esperança de encontrar Peeta e Haymitch, mas eles ainda não chegaram. Ao contrário do ano anterior, em que todos os tributos se mantiveram praticamente colados a suas carruagens, a cena agora é bem social. Os vitoriosos, não só os tributos desse ano como também seus mentores, estão em meio a pequenos grupos, conversando. É claro que todos se conhecem e eu não conheço ninguém, e não sou de fato o tipo de pessoa que sai por aí se apresentando. Portanto, simplesmente acaricio o pescoço de um dos meus cavalos e tento não ser notada.

Não funciona.

O ruído de alguém mastigando alguma coisa atinge os meus ouvidos antes mesmo que eu o perceba ao meu lado, e, quando viro a cabeça, os famosos olhos verdes da cor do mar de Finnick Odair estão a centímetros dos meus. Ele coloca um torrão de açúcar na boca e se apoia em meu cavalo.

– Oi, Katniss – diz ele, como se nos conhecêssemos há anos, quando, na verdade, mal fomos apresentados um ao outro.

– Oi, Finnick – digo com o mesmo jeito casual, embora esteja me sentindo desconfortável com sua proximidade, principalmente pelo fato de ele estar com tantas partes do corpo expostas.

– Quer um torrão de açúcar? – diz ele, oferecendo a mão, que está cheia. – É para os cavalos, na realidade, mas quem se importa? Eles podem comer açúcar anos e anos ao passo que eu e você... bom, se a gente encontra alguma coisa doce pela frente é melhor agarrar com rapidez.

Finnick Odair é meio que uma lenda viva em Panem. Como venceu a sexagésima quinta edição dos Jogos Vorazes quando tinha apenas catorze anos, ele é até hoje um dos mais jovens vitoriosos. Sendo habitante do Distrito 4, ele era um Carreirista, de modo que as chances que tinha de vencer já eram em si bem altas, mas o que nenhum treinador podia se gabar de ter dado a ele era sua extraordinária beleza. Alto, atlético, pele dourada, cabelos cor de bronze e aqueles olhos incríveis. Enquanto outros tributos naquele ano se digladiavam para conseguir um punhado de grãos ou alguns fósforos como dádiva, a

Finnick jamais faltou nada, nem comida, nem remédios, nem armas. Seus competidores levaram mais ou menos uma semana para perceber que ele deveria ser o alvo prioritário, mas então já era tarde demais. Ele já era um bom lutador com as lanças e facas que tinha descoberto na Cornucópia. Quando recebeu um paraquedas prateado contendo um tridente – que talvez seja a dádiva mais cara que já vi ser dada na arena –, tudo acabou. O ramo de atividades do Distrito 4 é a pesca. Ele viveu em barcos toda a vida. O tridente era uma extensão natural e mortífera de seu braço. Ele teceu uma rede a partir de uma espécie de trepadeira que encontrou, usou-a para prender seus oponentes para que pudesse espetá-los com o tridente, e em questão de dias a coroa era dele.

Os cidadãos da Capital babam por ele desde então.

Por causa de sua juventude, não puderam de fato tocar nele pelos dois primeiros anos. Mas, desde que completou dezesseis, passa o seu tempo nos Jogos sendo perseguido por pessoas desesperadamente apaixonadas. Ninguém retém seus favores por muito tempo. Em sua visita anual, é comum que se envolva com quatro ou cinco pessoas. Velhas ou novas, lindas ou comuns, ricas ou muito ricas, ele as acompanha e recebe seus presentes extravagantes, mas nunca fica, e uma vez que parte, nunca volta.

Não posso negar que Finnick é uma das pessoas mais impressionantes e sensuais do planeta. Mas posso honestamente dizer que nunca me senti atraída por ele. Talvez ele seja bonitinho demais, ou talvez seja fácil demais de se conseguir, ou talvez seja fácil demais de se perder.

– Não, obrigada – digo, referindo-me ao açúcar. – Mas eu adoraria pegar emprestada a sua roupa qualquer dia desses.

Ele está usando uma rede dourada com um nó estrategicamente disposto em sua virilha, o que faz com que, tecnicamente, não esteja nu, mas próximo demais disso. Tenho certeza de que o estilista dele pensa que quanto mais de Finnick estiver exposto para a audiência, melhor.

– Você está absolutamente aterrorizante nessa produção. O que foi que aconteceu com aqueles vestidos de menininha? – Ele umedece lentamente os lábios com a língua. Provavelmente isso leva a maioria das pessoas à loucura.

Mas, por algum motivo, a única coisa que me vem à cabeça é o velho Cray salivando por alguma pobre jovem morta de fome.

– Eles ficaram pequenos em mim – digo.

Finnick pega o colarinho do meu traje e passa os dedos em cima.

– É uma coisa horrível essa história do Massacre. Você podia ter se dado muito bem na Capital. Joias, dinheiro, qualquer coisa que quisesse.

– Não gosto de joias, e tenho mais dinheiro do que preciso. Você gasta o seu em quê, Finnick? – digo.

– Ah, eu não lido com uma coisa trivial como dinheiro há anos.

– Então, como é que elas pagam pelo prazer da sua companhia?

– Com segredos – diz ele suavemente. Ele inclina a cabeça de modo que seus lábios ficam quase em contato com os meus. – E você, garota em chamas? Tem algum segredo que valha o meu tempo?

Por algum motivo estúpido, enrubesço, mas luto para permanecer firme.

– Não, sou um livro aberto – sussurro de volta. – Todo mundo parece saber meus segredos antes de eu mesma saber deles.

Ele sorri.

– Infelizmente, acho que isso é verdade. – Seus olhos brilham levemente. – Peeta está vindo aí. É uma pena você ter sido obrigada a cancelar seu casamento. Sei como isso deve estar sendo terrível para você. – Ele joga mais um torrão de açúcar na boca e vai embora gingando.

Peeta está ao meu lado, vestido com um traje idêntico ao meu.

– O que Finnick Odair queria? – pergunta.

Eu me viro, ponho os lábios próximos aos de Peeta e deixo cair as pálpebras imitando Finnick.

– Ele me ofereceu um torrão de açúcar e quis saber todos os meus segredos – digo, com a voz mais sedutora que consigo.

Peeta ri.

– Argh. Não brinca.

– É sério – digo. – Conto mais quando a minha pele parar de pinicar.

– Você acha que a gente teria terminado assim se apenas um de nós tivesse sobrevivido? – pergunta ele, olhando para os outros tributos ao redor. – Será que a gente seria apenas mais uma atração do show de horrores?

– Com certeza. Principalmente você.

– Ah, é? E por que principalmente eu? – diz ele, com um sorriso.

– Porque você tem um fraco por coisas bonitas e eu não – digo com um ar de superioridade. – Eles seduziriam você com os encantos da Capital e você ficaria completamente perdido.

– Se sentir atraído por beleza não é a mesma coisa que ser fraco – observa Peeta. – Exceto, talvez, no que diz respeito a você. – A música está começando e eu vejo as portas largas se abrindo para a primeira carruagem, ouço o rugir da multidão. – Vamos? – Ele estende a mão para me ajudar a entrar na carruagem.

Eu subo e o puxo em seguida.

– Fique parado – digo, e endireito a coroa dele. – Você viu o seu terno ligado? Vamos ficar fabulosos mais uma vez.

– Sem dúvida. Mas Portia falou que a gente precisa ficar com um ar de superioridade. Não podemos acenar e coisa e tal – diz ele. – Onde eles estão, afinal de contas?

– Eu não sei. – Examino a procissão de carruagens. – Talvez seja melhor a gente seguir em frente e ligar essas roupas. – Fazemos isso e, assim que começamos a brilhar, vejo várias pessoas apontando para nós e comentando umas com as outras, e sei que, mais uma vez, seremos os principais destaques da cerimônia de abertura. Estamos quase na porta. Estico a cabeça e olho ao redor, mas nem Portia nem Cinna, que ficaram conosco até o último segundo no ano passado, estão visíveis em lugar nenhum. – A gente tem de ficar de mãos dadas esse ano? – pergunto.

– Eu imagino que eles tenham deixado para gente decidir – diz Peeta.

Olho para aqueles olhos azuis que nenhuma quantidade excessiva de maquiagem consegue deixar verdadeiramente mortíferos e me lembro como, não mais do que um ano atrás, estava preparada para matá-lo. Convencida de que ele estava tentando me matar. Agora tudo se inverteu. Estou determinada a mantê-lo vivo, ciente de que o preço será a minha própria vida, mas a parte de mim que não é tão corajosa quanto eu gostaria que fosse está contente por ser Peeta, e não Haymitch, quem está ao meu lado. Nossas mãos acham umas às outras sem maiores discussões. É claro que vamos entrar nisso como um único ser.

A voz da multidão se transforma num grito universal enquanto nos movemos em direção à tênue luz noturna, mas nenhum dos dois reage. Simplesmente fixo os olhos num ponto distante e finjo que não existe nenhuma audiência, nenhuma histeria. Não consigo evitar uma olhadinha em nós dois nas imensas telas ao longo do caminho, e não estamos apenas bonitos, estamos sombrios e poderosos. Não, mais do que isso. Nós, amantes desafortunados do Distrito 12, que sofremos tanto e desfrutamos tão pouco as recompensas de nossa vitória, não estamos procurando os favores dos fãs, não estamos agraciando-os com nossos sorrisos, ou recebendo seus beijos. Nós não oferecemos perdão.

E eu adoro isso. Poder finalmente ser eu mesma.

Ao contornarmos o Círculo da Cidade, vejo que alguns outros estilistas tentaram roubar a ideia que Cinna e Portia tiveram de iluminar seus tributos. Os trajes dotados de luz elétrica do Distrito 3, onde eles produzem artigos eletrônicos, pelo menos fazem sentido. Mas o que estão fazendo aqueles pastores do Distrito 10, que estão vestidos de vacas, com cintos flamejantes? Cozinhando a si mesmos? Patético.

Peeta e eu, por outro lado, estamos tão fascinantes com nossos trajes de carvão com formas mutantes, que a maioria dos outros tributos está olhando fixamente para nós. Nossa aparência é particularmente atraente para o par do Distrito 6, que todos sabem serem viciados em morfináceos. Ambos esqueléticos, com a pele caída e amarelada. Eles não conseguem desviar os olhos imensos, nem mesmo quando o presidente Snow começa a falar de seu balcão, dando-nos as boas-vindas ao Massacre. O hino é executado e, enquanto damos nossa última volta ao redor do círculo... espera um pouquinho. Estou enganada, ou estou mesmo vendo o presidente com os olhos fixos em mim?

Peeta e eu esperamos até que as portas do Centro de Treinamento tenham sido fechadas atrás de nós para relaxarmos. Cinna e Portia estão lá, satisfeitos com nossas performances, e Haymitch também fez uma aparição esse ano, só que não está na nossa carruagem, mas com os tributos do Distrito 11. Eu o vejo balançando a cabeça em nossa direção e, então, eles o seguem e nos saúdam.

Conheço Chaff de vista porque fiquei anos assistindo-o compartilhar garrafas de bebida com Haymitch na televisão. Ele tem a pele escura, mais ou menos 1,80m de altura e um de seus braços termina num cotoco, porque ele perdeu a mão nos Jogos que venceu, trinta anos atrás. Tenho certeza de que ofereceram a ele algum tipo de substituto artificial, como fizeram com Peeta quando tiveram de amputar sua perna, mas imagino que ele não aceitou.

A mulher, Seeder, tem quase a aparência de alguém da Costura, com sua pele morena e cabelos lisos com alguns fios grisalhos. Apenas seus olhos castanhos a identificam como proveniente de outro distrito. Ela deve ter por volta de sessenta anos, mas ainda parece forte, e não há nenhum sinal de que tenha ficado dependente de bebida ou morfináceos, ou qualquer outro tipo de substância química como forma de escape ao longo dos anos. Antes de qualquer um de nós dizer uma palavra, ela me abraça. Sei, de alguma maneira, que o motivo deve ser Rue e Thresh. Antes de pensar, sussurro:

– E as famílias?

– Estão todos vivos – diz ela suavemente antes de me soltar.

Chaff me abraça com seu braço bom e estala um beijão na minha boca. Recuo, sobressaltada, enquanto ele e Haymitch caem na gargalhada.

Esse é praticamente todo o tempo de que dispomos antes que os atendentes da Capital comecem a nos dirigir com firmeza para os elevadores. Tenho a nítida sensação de que eles não estão se sentindo confortáveis com o clima de camaradagem reinante entre os vitoriosos, que parecem não estar dando a mínima. Enquanto caminho em direção ao elevador, minha mão ainda grudada à de Peeta, alguém surge ao meu lado. A garota retira um adereço de cabeça com galhos e folhas e o joga atrás de si sem se preocupar em olhar onde a coisa está caindo.

Johanna Mason. Do Distrito 7. Madeira e papel, portanto, uma árvore. Ela venceu retratando a si mesma de modo bastante convincente como uma pessoa fraca e desamparada para que pudesse assim ser ignorada. Então demonstrou uma perversa habilidade para cometer assassinatos. Ela sacode os cabelos pontudos e revira os grandes olhos castanhos.

– Não é um horror esse traje que fizeram para mim? A minha estilista é a maior idiota da Capital. Nossos tributos são árvores há quarenta anos por culpa

dela. Gostaria muito de ter tido o Cinna. Você está fantástica.

Papo de garota. O tipo de coisa em que sempre fui muito ruim. Opiniões sobre roupas, cabelo, maquiagem. Então eu minto:

– Pode crer, ele está me ajudando a desenhar a minha própria linha de roupas. Você devia ver o que ele consegue fazer com veludo. – Veludo. O único tecido que consegui encontrar na minha mente naquele instante.

– Eu vi. Na sua turnê. Aquele sem alça que você usou no Distrito 2? O azul com os diamantes? Tão lindo que senti vontade de entrar na tela e arrancar de você – diz Johanna.

Aposto que sentiu mesmo, penso. *Levando também alguns centímetros da minha carne*.

Enquanto esperamos os elevadores, Johanna se livra do restante de seu traje de árvore, deixando-o cair no chão, e depois o chuta para longe, revoltada. Com exceção da pantufa verde-floresta, ela não tem mais um fio de tecido sequer sobre o corpo.

– Assim é melhor.

Acabamos entrando no mesmo elevador que ela, e Johanna passa a viagem inteira, até o sétimo andar, de papo com Peeta sobre suas pinturas enquanto a luz do traje ainda brilhante dele se reflete nos seios nus dela. Quando ela sai, o ignoro, mas sei que ele está dando uma risadinha. Solto bruscamente a mão dele assim que as portas se fecham atrás de Chaff e Seeder, deixando-nos sozinhos, e ele tem um ataque de riso.

– O que é? – pergunto com raiva quando chegamos em nosso andar.

– É você, Katniss. Não entende?

– Eu o quê? – pergunto.

– O motivo de todo mundo estar agindo desse jeito. Finnick com seus torrões de açúcar e Chaff te beijando, e toda aquela coisa com a Johanna tirando a roupa. – Ele tenta assumir um tom um pouco mais sério, mas sem sucesso. – Eles estão de brincadeira com você porque você é tão... enfim, você sabe.

– Não, eu não sei. – E eu realmente não faço a menor ideia do que ele está falando.

– É como daquela vez que você cismava em não olhar pra mim pelado na arena, mesmo eu estando praticamente morto. Você é tão... pura – diz ele finalmente.

– Não sou, não! – rebato. – Desde o ano passado eu praticamente arranco a sua roupa sempre que tem alguma câmera por perto!

– Tudo bem, mas... o que eu quero dizer é que, para a Capital, você é pura – diz ele, tentando visivelmente reduzir a minha irritação. – Para mim, você é perfeita. Eles só estão implicando com você.

– Não, eles estão rindo de mim, e você também está!

– Não. – Peeta balança a cabeça, mas ainda está lutando contra um sorriso. Estou reavaliando seriamente a questão sobre quem deveria mesmo sair com vida desses Jogos quando o outro elevador se abre.

Haymitch e Effie juntam-se a nós, aparentemente satisfeitos com alguma coisa. Então, o rosto de Haymitch adquire uma feição dura.

O que foi que fiz agora?, quase digo, mas vejo que ele está olhando fixamente para a entrada da sala de jantar atrás de mim.

Effie pisca na mesma direção e então diz, esfuziante:

– Parece que esse ano a equipe de vocês veio em pares.

Viro-me e encontro a Avox ruiva que me serviu ano passado até o começo dos Jogos. Penso em como é legal ter uma amiga aqui. Reparo que o jovem ao lado dela, outro Avox, também é ruivo. Deve ser isso o que Effie quis dizer com "equipe em pares".

Então um calafrio percorre o meu corpo. Porque o conheço também. Não da Capital, mas de anos e anos de papo-furado no Prego, contando piadas com tigelas da sopa de Greasy Sae entre nós, e daquele último dia observando-o inconsciente na praça enquanto Gale sangrava até a morte.

Nosso novo Avox é Darius.



Haymitch agarra o meu punho como se estivesse prevendo o meu próximo movimento, mas fico tão muda quanto Darius, depois de ter sido torturado pela Capital. Haymitch uma vez me disse que eles faziam alguma coisa com as línguas dos Avox para que eles jamais voltassem a falar. Na minha cabeça ouço a voz de Darius, brincalhona e vivaz, soando em meio ao Prego para implicar comigo. Não como os meus colegas vitoriosos estão gozando com a minha cara, mas de uma maneira que indicava que nós gostávamos genuinamente um do outro. Se Gale pudesse vê-lo agora...

Sei que qualquer movimento na direção de Darius, qualquer gesto de reconhecimento, resultaria apenas em punição para ele. Então simplesmente olhamos um nos olhos do outro. Darius, agora um escravo mudo; eu, agora a caminho da morte. O que diríamos um para o outro, de qualquer modo? Que um está desolado com o destino do outro? Que um está sofrendo pela dor do outro? Que estamos felizes por ter tido a chance de nos conhecermos?

Não, Darius não deveria estar feliz por ter me conhecido. Se eu estivesse lá para deter Thread, ele não teria se apresentado para salvar Gale. Não teria virado um Avox. E, mais especificamente, não seria agora o meu Avox, porque o presidente Snow obviamente o colocou aqui por minha causa.

Solto-me do aperto de Haymitch e me encaminho para meu antigo quarto, trancando a porta atrás de mim. Sento na cama, cotovelos nos joelhos, testa nas mãos, e observo meu traje brilhante na escuridão, imaginando estar em minha antiga casa no Distrito 12, aninhada ao lado do fogo. A luz desaparece lentamente à medida que a energia acaba.

Quando Effie por fim bate na porta para me convocar para o jantar, eu me levanto e tiro o traje, dobro-o cuidadosamente e o coloco em cima da mesa com a minha coroa. No banheiro, lavo as listras escuras da maquiagem que ficaram em meu rosto. Visto uma camisa simples e calças compridas, e desço o corredor em direção à sala de jantar.

Não presto atenção a muita coisa no jantar, exceto no fato de que Darius e a Avox ruiva são nossos serviçais. Effie, Haymitch, Cinna, Portia e Peeta estão todos lá, falando sobre a cerimônia de abertura, suponho. Mas o único momento em que realmente me sinto presente é quando deixo cair no chão de propósito um prato com ervilhas e, antes que qualquer pessoa possa me ajudar, me agacho para limpar tudo. Darius está bem ao meu lado quando entrego o prato, e nós dois ficamos juntos por alguns segundos, fora da vista de todos, enquanto recolhemos as ervilhas. Por um instante, apenas nossas mãos se encontram. Consigo sentir sua pele áspera sob o molho amanteigado do prato. No aperto desesperado de nossos dedos estão todas as palavras que jamais seremos capazes de pronunciar um para o outro. Então, Effie cacareja atrás de mim:

– Isso não é coisa para você fazer, Katniss! – E ele solta a minha mão.

Quando nós vamos assistir à reprise da cerimônia de abertura, encaixo-me entre Cinna e Haymitch no sofá porque não quero ficar perto de Peeta. Essa coisa horrível com Darius pertence a mim e a Gale, e talvez até a Haymitch, mas não a Peeta. Talvez ele conhecesse Darius de vista, mas Peeta não frequentava o Prego como o resto de nós. Além do mais, ainda estou com raiva por ele ter rido de mim com os outros vitoriosos, e a última coisa que quero é a solidariedade e o consolo dele. Não mudei de ideia em relação a salvá-lo na arena, mas não devo nada a ele além disso.

Enquanto assisto à procissão em direção ao Círculo da Cidade, penso em como já é suficientemente desagradável nos obrigarem a usar esses trajes e a desfilar pelas ruas em carruagens nos anos regulares. Pôr crianças em trajes como esse já é uma bobagem, mas vitoriosos envelhecidos é de dar pena. Alguns dos que permanecem jovens, como Johanna e Finnick, ou cujos corpos não estão em péssimas condições, como Seeder e Brutus, ainda conseguem manter um pouco de dignidade. Mas a maioria, que está entregue ao álcool,

aos morfináceos ou à doença, parece grotesca em seus trajes, retratando vacas, árvores e pães. No ano passado ficamos de papo sobre cada competidor, mas hoje à noite surge apenas um ou outro comentário. Não é surpresa nenhuma a multidão ficar enlouquecida quando eu e Peeta aparecemos, com a aparência tão jovem, forte e bela, em nossos trajes resplandecentes. A própria imagem do que os tributos deveriam ser.

Assim que a apresentação acaba, levanto e agradeço a Cinna e Portia pelo fantástico trabalho que fizeram e vou para a cama. Effie nos lembra que devemos nos encontrar cedo no café da manhã, para que possamos montar nossa estratégia de treinamento, mas até a voz dela parece vazia. Pobre Effie. Ela finalmente teve um ano decente nos Jogos com Peeta e comigo, e agora tudo se transformou numa tremenda bagunça, à qual nem mesmo ela consegue dar um tom positivo. Nos termos da Capital, imagino que isso represente uma verdadeira tragédia.

Logo depois de ir para a cama, ouço uma leve batida na porta, mas a ignoro. Não quero Peeta esta noite. Principalmente com Darius por perto. Para mim, a presença dele aqui é quase tão desagradável quanto seria a de Gale. Gale. Como serei capaz de tirá-lo da cabeça com Darius rondando os corredores?

Línguas aparecem intensamente em meus pesadelos. Primeiro eu assisto, paralisada e indefesa, a mãos enluvadas executarem a sangrenta dissecação na boca de Darius. Então, estou numa festa onde todos usam máscaras e alguém com uma língua molhada para fora, que suponho ser Finnick, me persegue, mas quando ele me agarra e tira a máscara, é o presidente Snow, e de seus lábios grossos escorre uma saliva sangrenta. Finalmente estou de volta à arena, minha própria língua seca como uma lixa, enquanto tento alcançar uma fonte de água que se afasta sempre que estou a ponto de tocá-la.

Quando acordo, vou cambaleando em direção ao banheiro e bebo água da torneira até não aguentar mais. Tiro as roupas encharcadas de suor e volto para a cama, nua, e consigo, de uma forma ou de outra, voltar a dormir.

Na manhã seguinte, demoro o máximo que posso a descer para o café da manhã porque realmente não quero discutir nossa estratégia de treinamento. O que há para se discutir? Cada vitorioso já sabe o que todos os outros podem fazer. Ou pelo menos do que eram capazes no passado, de qualquer modo.

Então Peeta e eu continuaremos a agir como se estivéssemos apaixonados e é isso aí. De um jeito ou de outro, simplesmente não estou a fim de conversar sobre isso, principalmente com Darius, mudo, em pé ali por perto. Tomo uma longa chuveirada, visto lentamente o traje que Cinna deixou para o treinamento e peço, através de um microfone, para trazerem comida em meu quarto. Em um minuto, salsichas, ovos, batatas, pão, suco e chocolate quente aparecem na minha frente. Como um pouco, tentando arrastar ao máximo os minutos até as dez da manhã, quando seremos obrigados a descer para o Centro de Treinamento. Lá pelas nove e meia, Haymitch já está batendo em minha porta, obviamente de saco cheio comigo e me mandando descer para a sala de jantar AGORA! Ainda assim, escovo os dentes antes de sair do quarto, matando mais cinco minutos.

A sala de jantar está vazia, com exceção de Peeta e Haymitch, cujo rosto está vermelho devido à bebida e à raiva. No pulso, ele usa uma pulseira de ouro maciço com um desenho de chamas – deve ser a concessão feita ao plano de Effie de fazer com que nós todos usássemos um símbolo em comum –, que ele gira contrariado. É uma pulseira bem bonita, na realidade, mas o movimento faz ela parecer uma coisa restritiva, uma algema, muito mais do que uma joia.

– Você está atrasada – rosna.

– Desculpe, dormi demais depois que os pesadelos com línguas mutiladas me deixaram acordada quase a noite inteira. – Tenho a intenção de parecer hostil, mas minha voz engasga no fim da sentença.

Haymitch me olha com cara feia e em seguida suaviza.

– Tudo bem, pouco importa. Hoje, no treinamento, vocês têm duas tarefas. Primeira, continuar apaixonados um pelo outro.

– Obviamente – digo.

– E segunda, fazer algumas amizades.

– Não. Não confio em nenhum deles, não suporto a maioria deles e prefiro operar apenas com nós dois mesmo.

– Isso foi o que eu disse antes, mas... – começa Peeta.

– Mas isso não vai ser suficiente – insiste Haymitch. – Dessa vez vocês vão precisar de mais aliados.

– Por quê? – pergunto.

– Porque vocês estão com uma desvantagem específica. Os outros competidores se conhecem há anos. Então quem vocês acham que eles vão escolher como os primeiros alvos?

– Nós. E nada que a gente faça vai conseguir destruir nenhuma amizade antiga – digo. – Então por que se importar com isso?

– Porque vocês podem lutar. Vocês são populares com a multidão. Isso ainda pode fazer de vocês aliados desejáveis. Mas só se permitirem que os outros saibam que vocês estão dispostos a se aliar a eles – diz Haymitch.

– Você está querendo dizer que quer ver a gente no bando de Carreiristas este ano? – pergunto, incapaz de esconder meu desagrado. Tradicionalmente, os tributos dos Distritos 1, 2 e 4 se juntam, possivelmente selecionando também alguns outros combatentes excepcionais, e caçam os competidores mais fracos.

– Essa tem sido a nossa estratégia, certo? Treinar como Carreiristas – rebate Haymitch. – E quem faz parte ou não do bando de Carreiristas geralmente é escolhido antes de os Jogos começarem. Peeta quase não conseguiu entrar no bando no ano passado.

Penso no ódio que senti quando descobri que Peeta estava com os Carreiristas durante os últimos Jogos.

– Quer dizer, então, que é para a gente tentar se juntar a Finnick e Brutus, é isso o que você está dizendo?

– Não necessariamente. Todo mundo aqui é vitorioso. Façam o seu próprio bando, se preferirem. Escolham quem vocês quiserem. Eu sugeriria Chaff e Seeder. Embora Finnick não deva ser ignorado – diz Haymitch. – Tentem se aliar com alguém que possa ser de alguma utilidade para vocês. Lembrem-se, vocês não estão mais num ringue cheio de crianças tremendo de medo. Todos eles são assassinos altamente experientes, independentemente da forma física na qual pareçam se encontrar.

Talvez ele esteja certo. Só tem um problema: em quem poderíamos confiar? Seeder, quem sabe. Mas será que quero mesmo fazer um pacto com ela, tendo que possivelmente matá-la mais tarde? Não. Mesmo assim, fiz um pacto com Rue sob as mesmas circunstâncias. Digo a Haymitch que vou tentar, mesmo imaginando que me sentirei muito mal com tudo isso.

Effie aparece cedo demais para nos levar porque no ano passado, apesar de termos chegado na hora, fomos os últimos dois tributos a aparecer. Mas Haymitch diz que não quer que ela nos leve para o ginásio. Nenhum dos outros vitoriosos vai aparecer com a babá, e como somos os mais jovens, é ainda mais importante que pareçamos autoconfiantes. Então ela tem que se contentar em nos levar até o elevador, mexendo em nossos cabelos e apertando o botão para nós.

É uma viagem tão curta que realmente não há tempo nenhum para conversar, mas quando Peeta pega a minha mão, não a recuso. Posso tê-lo ignorado na noite anterior em caráter privado, mas no treinamento temos de nos comportar como uma equipe inseparável.

Effie não precisava ter se preocupado com a possibilidade de sermos os últimos a chegar. Apenas Brutus e a mulher do Distrito 2, Enobaria, estão presentes. Enobaria parece ter uns trinta anos e tudo o que lembro dela é que, lutando corpo a corpo, ela matou um tributo rasgando seu pescoço com os dentes. Ela ficou tão famosa por esse ato que, depois de se tornar vitoriosa, teve os dentes cosmeticamente modificados, para que ficassem afiados como presas e fossem banhados em ouro. Enobaria possui inúmeros admiradores na Capital.

Às dez horas, apenas metade dos tributos está no local. Atala, a mulher que administra o treinamento, começa seu discurso bem na hora, sem se perturbar com a pequena audiência. Talvez ela já esperasse por isso. Estou meio que aliviada, porque isso significa que há uma dúzia de pessoas pelas quais não sou obrigada a fingir amizade. Atala percorre a lista de estações, que incluem não só combate, como também habilidades de sobrevivência, e nos libera para treinar.

Digo a Peeta que acho melhor nos dividirmos, cobrindo assim mais territórios. Quando ele se dirige para o arremesso de lanças na companhia de Brutus e Chaff, me encaminho para a estação de elaboração de nós. Quase ninguém se dá o trabalho de visitá-la. Gosto do treinador e ele se lembra de mim com carinho, talvez porque tenhamos passado um bom tempo juntos no ano passado. Ele fica contente quando mostro que ainda sei montar a armadilha que deixa um inimigo pendurado por uma perna em uma árvore. Com certeza ele observou minhas armadilhas na arena ano passado e agora me

vê como uma aluna avançada, de modo que peço que ele recapitule todos os tipos de nó que podem vir a ser úteis e uns poucos que provavelmente jamais utilizarei. Ficaria contente de passar a manhã sozinha com ele, mas depois de mais ou menos uma hora e meia, alguém me abraça por trás, seus dedos facilmente terminando o complicado nó que eu estava suando para terminar. É claro que é Finnick, que parece ter passado toda a infância brandindo tridentes e manipulando cordas para produzir lindos nós para redes, imagino. Observo-o por um minuto enquanto pega uma corda comprida, faz um nó, e em seguida finge que está se enforcando por pura diversão.

Desvio o olhar e me dirijo para uma outra estação desocupada onde os tributos podem aprender a fazer fogueiras. Já faço excelentes fogueiras, mas ainda sou bem dependente de fósforos para acendê-las. Então o treinador me faz trabalhar com uma pedrinha, aço e um pedaço de tecido chamuscado. A coisa é muito mais difícil do que parece e, mesmo trabalhando com o máximo de dedicação, levo mais ou menos uma hora para acender o fogo. Levanto os olhos com um sorriso triunfante apenas para descobrir que tenho companhia.

Os dois tributos do Distrito 3 estão ao meu lado, lutando para iniciar um fogo decente com fósforos. Penso em ir embora, mas quero muito praticar com a pedrinha novamente e, como tenho mesmo que reportar a Haymitch que tentei fazer amigos, esses dois bem que poderiam ser uma escolha suportável. Ambos são pequenos de estatura, com a pele acinzentada e os cabelos pretos. A mulher, Wiress, tem provavelmente a idade de minha mãe e fala com uma voz tranquila e inteligente. Mas reparo instantaneamente que ela tem o hábito de deixar as palavras no ar no meio das frases, como se se esquecesse que há outra pessoa conversando com ela. Beetee, o homem, é mais velho e até certo ponto inquieto. Ele usa óculos, mas passa muito tempo olhando por baixo das lentes. São um pouco estranhos, mas tenho certeza absoluta de que nenhum dos dois vai tentar me deixar desconfortável tirando a própria roupa. E eles são do Distrito 3. Talvez possam até confirmar minhas suspeitas de que há um levante ocorrendo por lá.

Dou uma olhada geral no Centro de Treinamento. Peeta está numa área destinada a arremesso de facas. Os viciados em morfináceos do Distrito 6 estão numa estação de camuflagem, pintando os rostos uns dos outros com vívidas

pinceladas em cor-de-rosa. O tributo do sexo masculino do Distrito 5 está vomitando vinho em cima do piso da luta de espadas. Finnick e a mulher idosa de seu distrito estão na estação de arco e flecha. Johanna Mason está novamente nua e passando óleo na pele para uma lição de luta livre. Decido permanecer onde estou.

Wiress e Beetee são uma boa companhia. Parecem suficientemente amigáveis, mas não metem o nariz onde não devem. Conversamos sobre nossos talentos; eles me contam que ambos inventam coisas, o que faz com que o meu suposto interesse por moda pareça pouco convincente. Wiress pega uma espécie de dispositivo para costura no qual vem trabalhando.

– Isso aqui sente a densidade do tecido e aplica a força necessária – diz ela, e então fica absorvida com um pouco de palha seca antes de continuar o discurso.

– A força do fio – Beetee termina de explicar. – Automaticamente. Ele elimina o erro humano. – Em seguida, ele fala sobre seu recente sucesso criando um chip de música pequeno o suficiente para ser escondido num grão de purpurina, mas que pode abrigar horas e horas de música. Lembro de Octavia falando sobre isso durante a sessão de fotos para o casamento, e vejo nisso uma possível chance de fazer uma alusão ao levante.

– Ah, sim. Todo mundo na minha equipe de preparação estava preocupado alguns meses atrás, acredito, porque não conseguiam comprar um desses – digo, casualmente. – Acho que vários pedidos do Distrito 3 tiveram problemas de atraso na entrega.

Beetee me examina por baixo dos óculos.

– Eu sei. Você ouviu falar de problemas similares na produção de carvão esse ano? – pergunta ele.

– Não. Bom, a gente perdeu algumas semanas quando eles substituíram o Chefe dos Pacificadores e sua equipe, mas nada muito relevante – digo. – Para a produção, quero dizer. Duas semanas sentados em casa sem fazer nada significam duas semanas de fome para a maioria dos trabalhadores e suas famílias.

Acho que eles compreendem o que estou tentando dizer. Que nós não tivemos nenhum levante.

– Ah, que pena – diz Wiress, com uma voz ligeiramente desapontada. – Achei o seu distrito muito... – Ela se perde um pouco, distraída por alguma outra coisa em sua cabeça.

– Interessante – completa Beetee. – Nós dois achamos.

Tenho uma sensação ruim, sabendo que o distrito deles deve ter sofrido muito mais do que o nosso. Sinto que tenho de defender o meu povo.

– Bom, a população não é tão grande no 12. É claro que ninguém diria isso hoje em dia pela quantidade de Pacificadores que andam por lá. Mas acho que temos lá o nosso interesse.

Quando mudamos para a estação de abrigo, Wiress para e olha para as arquibancadas onde os Idealizadores dos Jogos estão zanzando de um lado para o outro, comendo e bebendo, às vezes notando a nossa presença.

– Olha – diz ela, balançando ligeiramente a cabeça na direção deles. Levanto os olhos e vejo Plutarch Heavensbee em seu magnífico manto púrpura com o colarinho revestido com pele e que o designa como Chefe dos Idealizadores dos Jogos. Ele está comendo uma perna de peru.

Não sei por que isso merece algum comentário, mas digo:

– É isso aí, ele foi promovido a Chefe dos Idealizadores dos Jogos esse ano.

– Não, não. Lá no canto da mesa. Dá para ver... – diz Wiress.

Beetee aperta os olhos sob os óculos.

– Acabei de distinguir.

Olho naquela direção, perplexa. E, então, vejo. Um pedacinho de espaço com mais ou menos quinze centímetros quadrados no canto da mesa parece estar quase vibrando. É como se o ar estivesse se mexendo em diminutas ondas visíveis, distorcendo as bordas rígidas da madeira e uma taça de vinho que alguém deixou por lá.

– Um campo de força. Eles colocaram um campo de força entre os Idealizadores dos Jogos e nós. Fico imaginando o motivo – diz Beetee.

– Provavelmente eu – confesso. – No ano passado, dei uma flechada neles durante minha sessão de treinamento particular. – Beetee e Wiress olham para mim com curiosidade. – Eu fui provocada. Quer dizer então que todos os campos de força possuem um ponto como aquele ali?

– Uma brecha – diz Wiress, vagamente.

– Na armadura, diria eu – completa Beetee. – O ideal seria que fosse invisível, não acha?

Quero perguntar mais coisas a eles, mas o almoço é anunciado. Olho para Peeta, mas ele está com um grupo de mais ou menos dez vitoriosos, então decido comer com o pessoal do Distrito 3 mesmo. Talvez consiga convencer Seeder a se juntar a nós.

Quando nos dirigimos ao refeitório, vejo que alguns membros do grupo de Peeta têm outras ideias. Eles estão arrastando todas as mesas menores para formar uma mesa grande de modo que somos todos obrigados a comer juntos. Agora não sei o que fazer. Mesmo na escola, costumava evitar uma mesa cheia de gente. Para ser franca, provavelmente teria me sentado sempre sozinha se Madge não tivesse adquirido o costume de se juntar a mim. Acho que teria comido com Gale, só que, como temos uma diferença de dois anos, nosso almoço nunca era servido na mesma hora.

Pego uma bandeja e começo a percorrer os carrinhos de comida que estão dispostos na sala. Peeta me alcança no cozido.

– Como andam as coisas?

– Tudo bem. Tudo ótimo. Gosto dos vitoriosos do Distrito 3 – digo. – Wiress e Beetee.

– É mesmo? Todo mundo os acha uma piada.

– Por que será que isso não me surpreende? – Penso em Peeta, sempre cercado por uma multidão de amigos na escola. Na verdade, é impressionante que ele alguma vez tenha reparado em mim, exceto, talvez, para pensar que eu era esquisita.

– Johanna colocou os apelidos de Pancada e Faísca neles – diz ele. – Acho que ela é Pancada e ele é Faísca.

– Então sou uma idiota por pensar que talvez eles pudessem ser de alguma utilidade? Por causa de uma coisa que Johanna Mason disse enquanto passava óleo nos peitos para lutar – rebato.

– Na realidade, acho que o apelido existe há anos. Não estava querendo ofender ninguém. Só estou compartilhando informações.

– Bom, Wiress e Beetee são inteligentes. Eles inventam coisas. Só de olhar eles conseguiram perceber que um campo de força tinha sido colocado entre

nós e os Idealizadores dos Jogos. E se a gente precisa de aliados, quero que sejam eles. – Jogo a colher de volta na panela do cozido, espirrando molho em nós dois.

– Por que você está tão irritada? – pergunta Peeta, limpando o molho da camisa. – É porque fiquei implicando com você no elevador? Desculpe. Pensei que fosse achar engraçado.

– Esquece isso – digo balançando a cabeça. – São muitas coisas.

– Darius.

– Darius. Os Jogos. Haymitch obrigando a gente a se enturmar com os outros – digo.

– Pode ser apenas eu e você, sabia?

– Eu sei. Mas de repente Haymitch tem razão. Não fala para ele que eu disse isso, mas normalmente ele tem razão. No que diz respeito aos Jogos.

– Bom, você pode ter a palavra final sobre nossos aliados. Mas, nesse exato momento, estou inclinado a pegar Chaff e Seeder – diz Peeta.

– Para mim Seeder está beleza, mas não Chaff. – Pelo menos ainda não.

– Vem comer comigo. Prometo que não vou deixar que ele te beije de novo – diz Peeta.

Chaff não parece tão chato no almoço. Ele está sóbrio e, apesar de falar alto demais e contar piadas grosseiras em excesso, a maioria é sobre ele mesmo. Consigo ver porque ele se encaixaria tão bem com Haymitch, cujos pensamentos são sempre tão soturnos. Mas ainda não tenho certeza se estou preparada para participar da mesma equipe que ele.

Esforço-me ao máximo para ser mais sociável, não apenas com Chaff, mas também com o grupo em geral. Depois do almoço, participo da estação dos insetos comestíveis com os tributos do Distrito 8 – Cecelia, que deixou três filhos em casa, e Woof, um cara realmente velho que é difícil de escutar e que não parece ter a menor ideia do que está acontecendo, já que passa o tempo todo tentando enfiar besouros venenosos na boca. Gostaria muito de poder mencionar que conheci Twill e Bonnie na floresta, mas não consigo encontrar uma abertura para isso. Cashmere e Gloss, a dupla de irmãos do Distrito 1, me convidam a me juntar a eles e passamos um tempo fazendo redes de dormir. Eles são educados, porém reservados, e eu passo o tempo todo pensando em

como matei os dois tributos do distrito deles, Glimmer e Marvel, ano passado, e que eles provavelmente os conheciam e talvez tenham até sido seus mentores. Tanto a minha rede, quanto a tentativa de me conectar com eles são medíocres, na melhor das hipóteses. Junto-me a Enobaria no treinamento de espada e trocamos algumas palavras, mas é visível que nenhuma das duas partes está interessada em montar uma equipe. Finnick aparece novamente quando estou pegando dicas de pescaria, mas praticamente apenas para me apresentar a Mags, a senhora idosa que também é do Distrito 4. Entre seu sotaque característico e seu modo de falar confuso – ela possivelmente teve um derrame –, não consigo distinguir mais do que uma palavra a cada quatro pronunciadas por ela. Mas juro que ela consegue fazer um anzol decente a partir de qualquer coisa – um espinho, um ossinho da sorte, um brinco. Depois de um tempo, deixo de me concentrar no treinador e apenas tento copiar o que quer que Mags esteja fazendo. Quando faço um gancho bastante razoável a partir de um prego torto e o prendo com alguns fios de meu cabelo, ela me olha com um sorriso desdentado e faz um comentário ininteligível que imagino ser um elogio. Subitamente, lembro de como ela se apresentou como voluntária para substituir uma mulher jovem e histérica de seu distrito. Não pode ter sido porque ela imaginava ter alguma chance de vencer. Ela fez aquilo para salvar a garota, exatamente como eu me apresentei no ano passado para salvar Prim. E decido que a quero em minha equipe.

Ótimo. Agora preciso voltar e contar a Haymitch que quero uma mulher de oitenta anos além de Pancada e Faísca como aliados. Ele vai adorar.

Então desisto de tentar fazer amizades e vou direto para o treinamento de arco e flecha em busca de alguma sanidade. É uma maravilha estar lá, experimentar todos aqueles arcos e flechas diferentes. O treinador, Tax, vendo que os alvos parados não ofereciam desafio para mim, começa a lançar ao ar uns ridículos pássaros falsos para que eu os atinja. Inicialmente parece uma coisa imbecil, mas depois até que fica divertido. Muito mais parecido com caçar uma criatura que está se movendo. Como estou acertando tudo, ele começa a aumentar o número de pássaros que joga para o ar. Esqueço o resto do ginásio, os vitoriosos, toda a minha tristeza e me perco nas flechadas. Quando consigo abater cinco pássaros em uma rodada, percebo que está tudo

tão quieto que dá até para ouvir cada um deles caindo no chão. Viro-me e vejo que a maioria dos vitoriosos parou para assistir à minha performance. Os rostos deles exprimem tudo, de inveja a ódio e admiração.

Depois do treinamento, Peeta e eu nos juntamos e ficamos esperando que Haymitch e Effie apareçam para o jantar. Quando somos chamados para a refeição, Haymitch parte logo para cima de mim.

– Quer dizer então que metade dos vitoriosos instruiu seus mentores a solicitar você como aliada? Sei que isso não pode ser em virtude da sua personalidade solar.

– Eles a viram atirar com o arco e flecha – diz Peeta, com um sorriso. – Para falar a verdade, foi a primeira vez que eu a vi atirando com o arco pra valer também. Eu mesmo estou quase fazendo uma solicitação formal.

– Você é tão boa assim? – pergunta Haymitch. – Tão boa que até Brutus quer você?

Dou de ombros.

– Mas eu não quero Brutus. Quero Mags e o Distrito 3.

– É claro que quer. – Haymitch suspira e pede uma garrafa de vinho. – Vou dizer para todo mundo que você ainda está se decidindo.

Depois da minha exibição com o arco e flecha, ainda sou vítima de algumas implicâncias, mas não tenho mais a sensação de que estão gozando com a minha cara. Na verdade, a sensação que tenho é de ter sido, de alguma maneira, iniciada no círculo dos vitoriosos. Durante os dois dias seguintes, passo um tempo com quase todo mundo que estará na arena. Inclusive os morfináceos que, com a ajuda de Peeta, me pintam com um campo de flores amarelas como pano de fundo. Até com Finnick, que me dá uma hora de aula de tridente em troca de uma hora de instruções de arco e flecha. E quanto mais conheço essas pessoas, pior. Porque, no geral, não as odeio. E de algumas até gosto. E várias delas estão tão arrasadas que meu instinto natural seria protegê-las. Mas todas elas devem morrer para que eu consiga manter Peeta vivo.

O último dia de treinamento se encerra com nossas sessões particulares. Cada um de nós fica quinze minutos diante dos Idealizadores dos Jogos, com o intuito de maravilhá-los com nossas habilidades, mas não sei o que teríamos de mostrar a eles. Há muita brincadeira sobre isso na hora do almoço. O que

teríamos de fazer? Cantar, dançar, tirar a roupa, contar piadas? Mags, que agora consigo entender um pouco melhor, decide que vai tirar uma soneca e pronto. Não sei o que vou fazer. Dar algumas flechadas, quem sabe. Haymitch disse para surpreendê-los, se pudesse, mas não me ocorre nenhuma ideia.

Na condição de representante feminina do 12, sou escalada para ser a última. A sala de jantar vai ficando cada vez mais quieta à medida que os tributos começam a sair para realizar suas apresentações. É mais fácil manter o jeito irreverente e invencível que adotamos quando estamos num grupo maior. À medida que as pessoas vão desaparecendo porta afora, tudo em que consigo pensar é que todos ali possuem no máximo mais alguns dias de vida.

Peeta e eu ficamos finalmente sozinhos. Ele segura a minha mão por cima da mesa.

– Já decidiu o que vai fazer para entreter os Idealizadores dos Jogos?

Balanço a cabeça em negativa.

– Esse ano não vai dar mesmo para usá-los como alvo, com aquele campo de força e coisa e tal. De repente vou fazer alguns anzóis. E você?

– Não faço a menor ideia. Sempre fico pensando em fazer um pão ou qualquer coisa assim – diz ele.

– Faz mais algumas camuflagens – sugiro.

– Se os morfináceos tiverem deixado alguma coisa para mim – diz ele, debochado. – Os caras ficaram grudados nessa estação desde que o treinamento começou.

Permanecemos sentados em silêncio durante um tempo e, então, liberto o fardo que está preso não só na minha mente como também na dele.

– Como é que a gente vai matar esse pessoal, Peeta?

– Não sei. – Ele curva a testa em direção às nossas mãos entrelaçadas.

– Não os quero como aliados. Por que será que o Haymitch quis que a gente os conhecesse melhor? – pergunto. – Vai ser bem mais difícil do que da primeira vez. Com exceção de Rue, talvez. Mas imagino que nunca conseguiria matá-la mesmo. Ela era parecida demais com Prim.

Peeta levanta os olhos para mim, a testa vincada em pensamento.

– A morte dela foi a pior de todas, não foi?

– Nenhuma delas foi bonita – digo, pensando no fim que tiveram Glimmer e Cato.

Peeta é chamado, e fico sozinha esperando. Quinze minutos se passam. Em seguida meia hora. Quase quarenta minutos depois, sou chamada.

Quando entro, sinto o cheiro forte de detergente e reparo que uma das esteiras foi arrastada para o centro da sala. O clima é bem diferente do ano passado, quando os Idealizadores dos Jogos estavam meio bêbados e beliscando distraidamente os petiscos do banquete à disposição deles. Eles sussurram entre eles, aparentemente chateados. O que será que Peeta fez? Será que foi algo que os deixou irritados?

Sinto uma pontinha de preocupação. Isso não é nada bom. Não quero que Peeta seja escolhido como alvo da raiva dos Idealizadores dos Jogos. Esta é uma das minhas funções: afastar Peeta dos problemas. Mas como foi que ele os deixou irritados? Porque eu adoraria fazer exatamente isso e muito mais. Destruir a arrogância daqueles que usam seus cérebros para encontrar maneiras divertidas de nos matar. Fazer com que eles percebam que, apesar de sermos vulneráveis às crueldades da Capital, eles também são.

Vocês fazem ideia do quanto eu os odeio?, penso. *Vocês, que deram seus talentos para os Jogos, vocês fazem ideia?*

Tento olhar para Plutarch Heavensbee, mas parece que ele está me ignorando deliberadamente, como fez durante todo o período de treinamento. Lembro de como ele me procurou para dançar, de como estava satisfeito em me mostrar o tordo em seu relógio. Seu jeito amigável não tem lugar aqui. E como poderia ter, já que sou um mero tributo e ele é o Chefe dos Idealizadores dos Jogos? Tão poderoso, tão distante, tão seguro...

De repente, sei exatamente o que vou fazer. Algo que vai sobrepujar qualquer coisa que Peeta tenha feito. Dirijo-me à estação de elaboração de nós e pego uma corda comprida. Começo a manipulá-la, mas é difícil porque nunca fiz realmente esses nós sem ajuda de ninguém. Eu só observei os dedos habilidosos de Finnick, e eles se moviam com muita rapidez. Depois de mais ou menos dez minutos, estou com um nó bastante respeitável. Arrasto um dos bonecos-alvo para o meio da sala e, usando algumas barras de ferro, penduro-o pelo pescoço. Amarrar suas mãos atrás das costas seria perfeito, mas acho que

eu perderia tempo demais. Corro para a estação de camuflagem, onde alguns dos outros tributos, sem dúvida nenhuma os morfináceos, fizeram uma bagunça colossal. Mas acho uma garrafinha de suco de amoras cor de sangue cheia até a metade que vai me servir muito bem. O tecido cor de carne do boneco funciona como uma ótima tela absorvente. Usando os dedos, escrevo cuidadosamente duas palavras com o suco vermelho no corpo do boneco, escondendo-as de todos. Em seguida, me afasto rapidamente para observar a reação nos rostos dos Idealizadores dos Jogos assim que eles começam a ler o nome que está escrito no corpo do boneco.

SENECA CRANE.



O efeito nos Idealizadores dos Jogos é imediato e satisfatório. Vários deixam escapar uns gritinhos. Outros soltam as taças de vinho, que se despedaçam musicalmente no chão. Dois parecem estar considerando seriamente a possibilidade de desmaiar. O choque é unânime.

Agora, tenho a atenção de Plutarch Heavensbee. Ele olha fixamente para mim enquanto o suco do pêssego esmagado por sua mão escorre pelos dedos. Por fim, ele limpa a garganta e diz:

– Pode ir agora, senhorita Everdeen.

Curvo a cabeça respeitosamente e me viro para sair, mas no último instante não consigo resistir e acabo jogando a garrafinha de suco atrás de mim. Ouço o conteúdo da embalagem espirrando no boneco-alvo, enquanto mais algumas taças de vinho se quebram. Quando o elevador se fecha na minha frente, vejo que ninguém se mexeu.

Aquilo os surpreendeu, penso. Foi uma ação imprudente e perigosa, e sem dúvida nenhuma, pagarei dez vezes por ela. Mas, por enquanto, sinto algo similar a euforia e me permito saborear a sensação.

Quero encontrar Haymitch imediatamente e lhe contar sobre a sessão, mas não há ninguém por perto. Imagino que estejam se preparando para o jantar e decido tomar um banho, já que minhas mãos estão impregnadas de suco. Debaixo do chuveiro, começo a ponderar acerca da sensatez de meu último truque. A questão que agora deveria ser o meu guia é: "Isso vai ajudar a manter Peeta vivo?" Indiretamente, aquilo provavelmente não vai ajudar. O que acontece no treinamento é altamente secreto, portanto, não faz sentido tomar

alguma medida contra mim, já que ninguém vai saber qual foi a minha transgressão. Na realidade, no ano passado, fui recompensada pela minha petulância. Mas esse aqui foi um tipo diferente de crime. Se os Idealizadores dos Jogos ficarem zangados comigo e decidirem me punir na arena, Peeta também poderia sofrer as represálias por tabela. Talvez eu tenha sido impulsiva demais. Mesmo assim... não posso dizer que esteja arrependida.

Quando estamos todos reunidos para o jantar, noto que as mãos de Peeta estão ligeiramente manchadas com uma variedade de cores, apesar de seus cabelos ainda estarem molhados do banho. Ele deve ter feito alguma coisa relacionada a camuflagem, afinal de contas. Assim que a sopa é servida, Haymitch vai direto ao ponto que está na cabeça de todos.

– E então, como é que foi a sessão particular de vocês?

Troco olhares com Peeta. De alguma maneira, não estou tão ansiosa para descrever o que eu fiz. Na calma da sala de jantar, parece algo muito radical.

– Você primeiro – digo a ele. – Deve ter sido uma coisa bem especial mesmo. Precisei esperar quarenta minutos para entrar.

Peeta parece estar acometido pela mesma relutância que estou experimentando.

– Bom, eu... eu fiz uma camuflagem, como você sugeriu, Katniss. – Ele hesita. – Não exatamente uma camuflagem. Enfim, usei tintura.

– Para fazer o quê? – pergunta Portia.

Penso em como os Idealizadores dos Jogos estavam agitados quando entrei no ginásio para a minha sessão. O cheiro de detergente. A esteira disposta naquele ponto no centro do ginásio. Será que isso foi feito para esconder alguma coisa que eles não foram capazes de limpar?

– Você pintou alguma coisa, não foi? Um quadro.

– Você viu? – pergunta Peeta.

– Não. Eles fizeram questão de esconder tudo.

– Bom, isso deve ser um procedimento padrão. Eles não podem deixar um tributo saber o que o outro fez – diz Effie, sem demonstrar preocupação. – O que você pintou, Peeta? – Ela parece um pouco triste. – Foi um retrato de Katniss?

– Por que ele pintaria um retrato meu, Effie? – pergunto, um pouco incomodada.

– Para mostrar que ele vai fazer tudo que puder para defender você. Pelo menos, isso é o que todo mundo na Capital está esperando. Ele não se apresentou como voluntário para ir com você? – diz Effie, como se isso fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Na verdade, fiz um retrato de Rue – diz Peeta. – Da aparência dela depois que Katniss cobriu seu corpo com flores.

Faz-se uma longa pausa na mesa enquanto todos absorvem a notícia.

– E o que exatamente você estava tentando conseguir com isso? – pergunta Haymitch com um tom de voz moderado.

– Não tenho certeza. Só queria fazer com que eles se sentissem responsáveis, pelo menos por um instante – diz Peeta –, por terem matado aquela garotinha.

– Mas isso é uma coisa horrível. – Effie parece estar a ponto de chorar. – Esse tipo de pensamento, Peeta... isso é proibido. Absolutamente proibido. Você só vai trazer mais problemas para você e para Katniss.

– Tenho que concordar com Effie nesse ponto – diz Haymitch. Portia e Cinna permanecem em silêncio, mas seus rostos estão muito sérios. É claro que eles têm razão. Mas mesmo estando preocupada, acho fantástico o que ele fez.

– Imagino que esse seja um momento ruim para dizer que enforquei um boneco-alvo com o nome Seneca Crane pintado nele – digo. Minhas palavras têm o efeito desejado. Depois de um instante de descrença, todo o clima de desaprovação reinante na sala me atinge como uma tonelada de tijolos.

– Você... enforcou... Seneca Crane? – diz Cinna.

– Enforquei sim. Estava exibindo minhas novas habilidades com nós e a cabeça dele foi parar, nem sei bem como, no meio do nó.

– Oh, Katniss – diz Effie com a voz abafada. – Como é que você sabia disso, para começo de conversa?

– Isso é segredo? O presidente Snow não deu a entender que era. Na verdade, ele parecia bem ansioso para que eu soubesse – digo. Effie sai da mesa com o guardanapo cobrindo o rosto. – Agora consegui perturbar Effie. Devia ter mentido e dito que tinha dado umas flechadas.

– Imagina se a gente tivesse planejado tudo isso – diz Peeta, dando um sorrisinho discreto na minha direção.

– E não planejaram? – pergunta Portia. Seus dedos fecham suas pálpebras com firmeza, como se estivesse querendo se livrar de uma luz muito intensa.

– Não – digo, olhando para Peeta com um novo tipo de apreensão. – Nenhum dos dois tinha a menor ideia do que o outro ia fazer.

– E... Haymitch? – diz Peeta. – Decidimos que não queremos nenhum outro aliado na arena.

– Que bom. Assim não vou me responsabilizar por terem matado algum amigo meu com toda essa estupidez de vocês – diz Haymitch.

– Era exatamente o que a gente estava pensando – digo a ele.

Terminamos a refeição em silêncio, mas quando nos levantamos para ir até a sala de estar, Cinna me dá um abraço apertado e diz:

– Vamos lá ver como é que foram essas notas do treinamento.

Ficamos reunidos ao redor da televisão e uma Effie de olhos vermelhos se junta a nós. Os rostos dos tributos aparecem, distrito por distrito, e suas notas piscam sob suas fotos. De um a doze. Previsivelmente, as notas mais altas vão para Cashmere, Gloss, Brutus, Enobaria e Finnick. De baixas a médias para os outros.

– Alguma vez já deram zero para alguém? – pergunto.

– Não, mas há uma primeira vez para tudo – responde Cinna.

E acontece que ele está certo. Porque quando Peeta e eu tiramos ambos doze, nós entramos para a história dos Jogos Vorazes. Mas ninguém está com muito humor para comemorações.

– Por que eles fizeram isso? – pergunto.

– Para que os outros não tenham nenhuma escolha a não ser colocar vocês como alvos preferenciais – diz Haymitch friamente. – Vão dormir. Não suporto mais olhar para cara de vocês.

Peeta me leva até meu quarto em silêncio, mas antes que possa me dar boa-noite eu o abraço e apoio a cabeça em seu peito. Suas mãos deslizam pelas minhas costas e seu rosto encosta em meus cabelos.

– Desculpe se piorei tudo – digo.

– Você não piorou mais do que eu. Mas venha cá, por que você fez isso afinal?

– Não sei. Para mostrar que sou mais do que uma simples peça dos Jogos deles, talvez?

Ele ri um pouco, sem dúvida lembrando a noite antes dos Jogos do ano passado. Estávamos no terraço, nenhum dos dois conseguia dormir. Peeta dissera algo parecido com isso na ocasião, mas eu não entendi o que ele queria dizer. Agora eu entendo.

– Eu também – diz ele. – E não estou dizendo que não vou tentar. Levar você de volta para casa, quero dizer. Mas para ser totalmente honesto em relação a isso...

– Se você quer mesmo ser totalmente honesto em relação a isso, então, você não acha que o presidente Snow, provavelmente, deu ordens diretas para eles não deixarem a gente sair com vida daquela arena?

– Isso passou pela minha cabeça – diz Peeta.

Passou pela minha também. Repetidamente. Mas, apesar de saber que jamais sairei com vida daquela arena, ainda estou me fiando à esperança de que Peeta sairá. Afinal, não foi ele quem estendeu aquelas amoras. Fui eu. Ninguém jamais duvidou que a desobediência de Peeta era motivada pelo amor. Então talvez o presidente Snow prefira mantê-lo vivo, arrasado e magoado, como um alerta em carne e osso para os outros.

– Mas mesmo que isso aconteça, todo mundo vai saber que caímos lutando, certo? – pergunta Peeta.

– Todo mundo – respondo. E pela primeira vez me distancio da tragédia pessoal que tem me consumido desde o anúncio do Massacre. Lembro do velho que eles mataram no Distrito 11, de Bonnie e Twill, e dos boatos dos levantes. Sim, todos nos distritos vão me assistir para ver como vou lidar com essa sentença de morte, esse ato final do domínio do presidente Snow. Eles vão procurar algum sinal de que suas batalhas não foram em vão. Se eu conseguir deixar claro que ainda estou desafiando a Capital até o fim, a Capital terá me matado... mas não ao meu espírito. Existe por acaso melhor maneira de dar esperança aos rebeldes?

A beleza dessa ideia é que a minha decisão de manter Peeta vivo às custas de minha própria vida é em si um ato de desobediência. Uma recusa em disputar os Jogos Vorazes de acordo com as regras da Capital. Minha agenda pessoal se alinha com minha agenda pública. E se eu realmente puder salvar Peeta... em termos de uma revolução, isso seria o ideal. Porque terei mais valor morta. Eles podem me transformar em alguma espécie de mártir para a causa e colocar o meu retrato em cartazes, e isso vai servir mais para conquistar seguidores do que qualquer coisa que eu pudesse fazer se estivesse viva. Mas Peeta teria mais valor vivo, o que é algo trágico, porque ele será capaz de transformar sua dor em palavras que, por sua vez, transformarão o povo.

Peeta ficaria louco se soubesse que eu estava pensando esse tipo de coisa, de modo que digo apenas:

– Então o que a gente devia fazer nos nossos últimos dias?

– Só quero passar todos os minutos possíveis do resto da minha vida com você – responde Peeta.

– Vem cá, então – digo, puxando-o para o meu quarto.

Parece um grande luxo dormir novamente com Peeta. Não havia percebido até agora o quanto estava sedenta de contato humano. Da sensação de tê-lo ao meu lado no escuro. Gostaria muito de não ter desperdiçado as últimas noites evitando-o. Mergulho no sono, envolvida em seu calor, e quando abro novamente os olhos, a luz do sol está entrando pelas janelas.

– Sem pesadelos – diz ele.

– Sem pesadelos – confirmo. – E você?

– Nada. Já tinha esquecido de como era uma verdadeira noite de sono.

Ficamos deitados por um tempo, sem nenhuma pressa para começar o dia. Amanhã à noite será a entrevista na televisão, então hoje Effie e Haymitch vão passar o dia nos orientando. *Mais salto alto e comentários sarcásticos*, penso. Mas então a Avox ruiva entra com um bilhete de Effie dizendo que, devido à nossa recente turnê, tanto ela quanto Haymitch concordaram que sabemos nos comportar em público adequadamente. As sessões de treinamento foram canceladas.

– É mesmo? – diz Peeta, pegando o bilhete na minha mão e examinando-o. – Você sabe o que isso significa? Teremos o dia inteiro para nós dois.

– Mas é muito ruim a gente não poder ir a lugar algum – digo, em tom de lamentação.

– Quem disse que não?

O terraço. Pedimos um monte de comida, pegamos alguns cobertores e vamos direto para o terraço fazer um piquenique. Um piquenique de um dia inteiro no jardim repleto de sininhos de vento. Nós comemos. Ficamos deitados ao sol. Arranco algumas trepadeiras e uso o meu recém-adquirido conhecimento para dar nós e tecer redes. Peeta me desenha. Inventamos um jogo com o campo de força que cerca o terraço – um de nós joga uma maçã em cima do outro e a outra pessoa tem que pegá-la.

Ninguém nos perturba. No fim da tarde, deito-me com a cabeça no colo de Peeta e faço uma coroa de flores enquanto ele mexe nos meus cabelos, afirmando que está treinando fazer nós. Depois de um tempo, suas mãos ficam paradas.

– O que é?

– Gostaria muito de poder congelar esse momento, bem aqui, nesse instante, e viver assim para sempre – diz ele.

Normalmente essa espécie de comentário, o tipo que indica seu eterno amor por mim, faz com que eu me sinta mal e culpada. Mas estou me sentindo tão aconchegada e relaxada, e além de qualquer preocupação com um futuro que jamais terei, que simplesmente deixo as palavras escaparem dos meus lábios:

– Tudo bem.

Posso ouvir o sorriso na voz dele.

– Então você permite?

– Permito.

Os dedos dele voltam para os meus cabelos e adormeço, mas ele me desperta para que eu veja o pôr do sol. É uma espetacular tonalidade alaranjada por trás dos arranha-céus da Capital.

– Imaginei que você não fosse querer perder isso.

– Obrigada – digo. Porque consigo contar nos dedos o número de vezes em que vi o sol se pondo e não quero perder mais nenhum.

Não nos juntamos aos outros para o jantar e ninguém nos convoca.

– Estou contente. Cansei de deixar todo mundo triste ao meu redor – diz Peeta. – Todo mundo chorando. Ou Haymitch... – Ele não precisa continuar.

Ficamos no terraço até a hora de dormir e então voltamos em silêncio para o meu quarto sem encontrar ninguém.

Na manhã seguinte, somos despertados pela equipe de preparação. A visão de Peeta e eu dormindo juntos é demais para Octavia, porque ela irrompe em lágrimas imediatamente.

– Você lembra o que o Cinna disse para a gente – diz Venia rigidamente. Octavia balança a cabeça em concordância e continua soluçando.

Peeta precisa voltar para seu quarto para a preparação, e sou deixada sozinha com Venia e Flavius. O costumeiro blá-blá-blá foi suspenso. Na realidade, há pouquíssima conversa além de pedidos para eu levantar o queixo ou o ocasional comentário sobre técnicas de maquiagem. Quase na hora do almoço, sinto alguma coisa pingando em meu ombro e me viro para encontrar Flavius, que está cortando os meus cabelos com lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto. Venia o encara com seriedade, então ele coloca delicadamente a tesoura em cima da mesa e sai.

Então resta somente Venia, cuja pele é tão pálida que suas tatuagens parecem estar saltando para fora dela. Quase rígida de determinação, ela faz meu cabelo, unhas e maquiagem; os dedos voando velozmente para compensar a ausência dos outros membros da equipe. O tempo todo, ela evita o meu olhar. Só quando Cinna aparece para aprovar o meu visual e dispensá-la é que ela pega as minhas mãos, olha-me bem nos olhos e diz:

– Nós todos gostaríamos que você soubesse o... privilégio que tem sido para nós cuidar para que você fique cada vez mais linda. – Em seguida, sai às pressas da sala.

Minha equipe de preparação. Meus tolos, superficiais e afetuosos bichinhos de estimação, com suas obsessões por penas e festas, quase despedaçam o meu coração com sua despedida. Está mais do que claro pelas últimas palavras de Venia que todos nós sabemos que não voltarei. *Será que o mundo todo sabe disso?*, imagino. Olho para Cinna. Ele sabe, com certeza. Mas, como prometeu, não há perigo de escorrerem lágrimas de seus olhos.

– E então, o que vou vestir hoje à noite? – pergunto, examinando a bolsa que guarda o meu vestido.

– O presidente Snow escolheu ele mesmo o vestido – diz Cinna. Ele puxa o zíper da bolsa, exibindo um dos vestidos de noiva que usei na sessão de fotos. Seda branca e pesada com um decote baixo, e a cintura justa e mangas que caem dos punhos em direção ao chão. E pérolas. Pérolas por toda parte. Costuradas no vestido e em cordões em meu pescoço e formando a coroa para o véu. – Embora eles tenham anunciado o Massacre Quaternário na noite da sessão de fotos, as pessoas ainda assim votaram em seus vestidos favoritos, e este aqui foi o vencedor. O presidente disse que é para você usá-lo hoje à noite. Nossas objeções foram ignoradas.

Passo os dedos num pedacinho de seda, tentando entender os motivos do presidente Snow. Acho que como eu era a grande agressora, minha dor, minha perda e minha humilhação deveriam ser bem destacadas. Esse vestido, ele pensa, vai deixar isso claro. Transformar meu véu de noiva em uma mortalha é algo tão bárbaro que o golpe me atinge em cheio, me deixando com uma desagradável dor interior.

– Bom, seria uma pena desperdiçar um vestido tão bonito. – É tudo o que digo.

Cinna me ajuda a colocar o vestido com cuidado. Assim que ele se ajusta em meus ombros, me encolho com o fardo.

– Ele sempre foi assim tão pesado? – pergunto. Lembro de vários vestidos serem densos, mas esse aqui parece pesar uma tonelada.

– Tive que fazer algumas ligeiras alterações por causa da iluminação – diz Cinna. Balanço a cabeça, mas não consigo ver o que uma coisa tem a ver com a outra. Ele calça os meus sapatos, coloca as joias e o véu. Retoca a maquiagem. Faz com que eu ande.

– Você está estonteante – diz ele. – Agora, Katniss, como esse corpete é bem justo, não quero que você levante os braços acima da cabeça. Bom, pelo menos até o rodopio.

– Vou rodopiar novamente? – pergunto, pensando em meu vestido do ano passado.

– Tenho certeza de que Caesar vai pedir para você dar um giro. E se ele não pedir, você mesma sugere. Só que não de imediato. Guarde a coisa para o final triunfal – instrui-me Cinna.

– Você me faz um sinal para que eu saiba quando – digo.

– Tudo bem. Algum plano para a entrevista? Sei que Haymitch deixou vocês dois por conta própria.

– Não, este ano vou improvisar. O mais engraçado é que não estou nem um pouco nervosa. – E não estou mesmo. Por mais que o presidente Snow me odeie, a audiência da Capital é minha.

Encontramos com Effie, Haymitch, Portia e Peeta no elevador. Peeta está usando um elegante fraque e luvas brancas. O tipo de coisa que os noivos costumam usar quando se casam aqui na Capital.

No meu distrito, tudo é bem mais simples. Uma mulher normalmente aluga um vestido branco que foi usado centenas de vezes. O homem usa alguma coisa limpa que não seja roupa de trabalhar nas minas. Eles preenchem alguns formulários no Edifício da Justiça e recebem uma casa. Família e amigos se reúnem para uma refeição ou um pedaço de bolo, se puderem bancar. Mesmo que não possam, sempre tem uma canção tradicional que cantamos quando o novo casal cruza a soleira da casa. E temos nossa pequena cerimônia particular, onde eles acendem sua primeira fogueira, torram alguns pães e os compartilham. Talvez seja uma coisa antiquada, mas ninguém se sente realmente casado no Distrito 12 até que o pão seja torrado.

Os outros tributos já se reuniram fora do palco e estão conversando baixinho, mas quando Peeta e eu chegamos, todos ficam em silêncio. Percebo que estão olhando torto para meu vestido de noiva. Será que estão com inveja de sua beleza? Do poder que ele talvez tenha de manipular a multidão?

Finalmente Finnick diz:

– Não consigo acreditar que Cinna tenha mandado você vestir essa coisa.

– Ele não tinha outra escolha. Foi uma ordem do presidente Snow – digo, até certo ponto na defensiva. Não vou permitir que ninguém critique Cinna.

Cashmere joga seus abundantes cabelos louros para trás e dispara:

– Bom, você está ridícula. – Ela agarra a mão de seu irmão e o coloca no lugar para liderar nossa procissão em direção ao palco. Os outros tributos

começam a se alinhar também. Estou confusa porque, apesar de estarem todos com raiva, alguns deles estão nos dando tapinhas de solidariedade nos ombros, e Johanna Mason, inclusive, para e endireita o meu colar de pérolas.

– Faz ele pagar por isso, certo? – diz ela.

Concordo balançando a cabeça, mas não sei o que ela está querendo dizer. Não até todos estarmos sentados no palco e depois de Caesar Flickerman, cabelos e rosto tingidos de lavanda esse ano, ter feito seu discurso de abertura e os tributos começado suas entrevistas. Essa é a primeira vez que percebo a profundidade da traição sentida entre os vitoriosos e a raiva que a acompanha. Mas eles são muito espertos, fantasticamente espertos em relação a como devem jogar esse jogo, porque tudo se reflete no governo e no presidente Snow em particular. Não todos. Há também os participantes voluntariosos, como Brutus e Enobaria, que só estão aqui para mais uma edição dos Jogos, e aqueles perplexos demais ou drogados demais ou perdidos demais para se juntar aos outros no ataque. Mas há vitoriosos suficientes com a inteligência e a coragem para sair lutando.

Cashmere dá o pontapé inicial com um discurso sobre como ela simplesmente não consegue parar de chorar quando pensa em como as pessoas na Capital devem estar sofrendo porque nos perderão. Gloss recorda a gentileza que o povo daqui demonstrou a ele e sua irmã. Beetee questiona a legalidade do Massacre em seu modo nervoso e ansioso, perguntando-se se o evento foi examinado escrupulosamente por especialistas contemporâneos. Finnick recita um poema que escreveu para seu único amor verdadeiro na Capital, e mais ou menos uma centena de pessoas parecem a ponto de desmaiar porque têm certeza de que ele está se referindo a elas. Quando Johanna Mason se levanta, já começa perguntando se alguma coisa não pode ser feita em relação a essa situação. Certamente os criadores do Massacre Quaternário jamais previram tamanha paixão se formando entre os vitoriosos e o povo da Capital. Ninguém poderia ser cruel a ponto de cortar laços tão profundos. Seeder rumina em voz baixa a respeito de como, no Distrito 11, todos imaginam que o presidente Snow seja todo-poderoso. Então, se é mesmo todo-poderoso, por que ele não muda o Massacre? E Chaff, que vem logo depois dela, insiste que o presidente

poderia mudar o Massacre se assim quisesse, mas que Snow provavelmente não percebe a importância que isso teria para muita gente.

Quando sou apresentada, a audiência já está arrasada. As pessoas choram, se jogam no chão e até mesmo clamam por mudanças. A visão que eles têm de mim naquele vestido de casamento branco de seda praticamente causa um tumulto. Não há mais eu, não há mais amantes desafortunados vivendo felizes para sempre, não há mais casamento. Posso até ver o profissionalismo de Caesar exibindo algumas falhas enquanto ele tenta acalmar todos para que eu possa falar, mas meus três minutos estão se esgotando rapidamente.

Finalmente ocorre uma calmaria e ele começa:

– Então, Katniss, obviamente essa é uma noite muito emotiva para todos. Você gostaria de falar alguma coisa?

Minha voz treme enquanto falo:

– Só que sinto muitíssimo por vocês não poderem comparecer ao meu casamento... mas estou contente por vocês pelo menos poderem me ver no meu vestido. Ele não é a coisa mais... a coisa mais linda do mundo? – Não preciso olhar para Cinna para localizar o sinal. Sei que esse é o momento certo. Começo a rodopiar lentamente, levantando as mangas do pesado vestido acima da cabeça.

Quando ouço os gritos da multidão, acho que é porque devo estar maravilhosa. Então reparo que uma coisa está se erguendo ao meu redor. Fumaça. De fogo. Não daquele material luminoso que usei no ano passado na carruagem, mas uma coisa muito mais real que devora o meu vestido. Começo a entrar em pânico quando a fumaça fica mais densa. Pedaços queimados de seda preta voam pelo ar, e pérolas caem no palco. De alguma maneira, estou com medo de parar porque o meu corpo não parece estar queimando e sei que Cinna deve estar por trás do que quer que esteja acontecendo. Então, continuo girando e girando. Por uma fração de segundo, arquejo, completamente engolfada por estranhas chamas. Então, de imediato, o fogo desaparece. Começo a parar lentamente, imaginando se estou nua e por que Cinna resolveu queimar o meu vestido de noiva.

Mas não estou nua. Estou num vestido com o exato desenho de meu vestido de casamento, só que da cor de carvão e feito de pequenas penas.

Surpresa, levanto minhas longas e fluidas mangas no ar, e é aí que vejo a mim mesma na tela da televisão. Vestida toda de preto, exceto pelos pedacinhos brancos em minhas mangas. Ou será que deveria dizer asas?

Porque Cinna me transformou num tordo.



Ainda estou um pouco fumegante, portanto, é com uma mão hesitante que Caesar se aproxima para tocar o aparato em minha cabeça. A parte branca desapareceu com o fogo, deixando um véu liso e preto ajustado ao decote do vestido na parte de trás.

– Penas – diz Caesar. – Você está igual a um pássaro.

– Um tordo, eu acho – digo, batendo levemente as asas. – É o pássaro no broche que uso como símbolo.

Uma sombra de reconhecimento pisca no rosto de Caesar, e posso dizer que ele sabe que o tordo não é apenas um símbolo. Que ele passou a significar tantas coisas mais. Que o que será visto como uma troca de roupa vistosa na Capital repercutirá de uma maneira totalmente diferente nos distritos. Mas ele tenta lidar da melhor forma possível com a situação.

– Bom, vamos tirar o chapéu para o seu estilista. Acho que ninguém discordará de que isso é a coisa mais espetacular que jamais foi vista em uma entrevista. Cinna, você merece os nossos aplausos! – Caesar faz um gesto para que Cinna se levante. Ele o faz e se curva ligeiramente para a audiência. Subitamente sinto um medo enorme por ele. O que ele foi fazer? Algo terrivelmente perigoso. Um ato de rebelião em si. E ele o fez por mim. Eu me lembro de suas palavras...

"Não se preocupe. Eu sempre canalizo as minhas emoções para o trabalho. Assim, não causo mal nenhum a ninguém além de mim mesmo."

... e temo que ele tenha causado mal a si mesmo de um modo irreversível. O impacto de minha transformação flamejante não passará despercebida ao presidente Snow.

A audiência, que até então estivera num silêncio proporcionado pela mais pura perplexidade, irrompe num aplauso selvagem. Mal consigo ouvir o sinal que indica que meus três minutos estão encerrados. Caesar me agradece e retorno ao meu assento, meu vestido agora mais leve do que o ar.

Quando passo por Peeta, que está se encaminhando para sua entrevista, seus olhos não se encontram com os meus. Sento-me cuidadosamente, mas fora as fumacinhas aqui e ali, parece que, no geral, nada de grave aconteceu comigo, de modo que volto minha atenção para ele.

Caesar e Peeta são bastante entrosados desde a primeira vez que apareceram juntos no ano passado. O diálogo fácil entre os dois, com perguntas e respostas rápidas pautadas pelo bom humor e a habilidade de transitar para momentos de cortar o coração, como aquele em que Peeta confessou estar apaixonado por mim, tornaram os dois um enorme sucesso de audiência. Eles abrem a entrevista sem nenhum esforço com algumas piadas a respeito de incêndios, e penas, e frangos cozidos em excesso. Mas qualquer pessoa consegue ver que Peeta está preocupado, de modo que Caesar conduz a conversa para o assunto que está nas mentes de todos.

– E então, Peeta, como foi que você se sentiu quando, depois de tudo que passou, você descobriu que haveria o Massacre? – pergunta Caesar.

– Fiquei chocado. Enfim, num momento estou vendo Katniss linda naqueles vestidos de noiva e no outro... – Peeta hesita.

– Você se deu conta de que jamais haveria um casamento? – pergunta Caesar delicadamente.

Peeta faz uma longa pausa, como se estivesse decidindo alguma coisa. Ele olha para a audiência fascinada, em seguida para o chão e então finalmente para Caesar.

– Caesar, você acha que todos esses nossos amigos aqui conseguem guardar um segredo?

Um riso desconfortável emana da audiência. O que será que ele está querendo dizer com isso? Guardar um segredo de quem? O nosso mundo

inteiro está assistindo.

– Tenho certeza absoluta disso – diz Caesar.

– Nós já estamos casados – diz Peeta, tranquilamente. A multidão reage com um pasmo generalizado, e sou obrigada a enterrar o rosto nas dobras de minha saia para que ninguém veja o meu pânico. Onde será que ele pretende chegar com isso, afinal de contas?

– Mas... como isso é possível? – pergunta Caesar.

– Ah, não foi um casamento oficial. Nós não fomos até o Edifício da Justiça ou qualquer coisa assim. Mas temos o nosso ritual de casamento no Distrito 12. Não sei como funciona nos outros distritos. Mas lá nós fazemos assim – diz Peeta, e descreve brevemente a história dos pães torrados.

– Os familiares de vocês estavam lá? – pergunta Caesar.

– Não, não contamos para ninguém. Nem para Haymitch. E a mãe de Katniss jamais teria aprovado uma coisa como essa. Mas veja bem, sabíamos que se nos casássemos na Capital, o ritual dos pães torrados não aconteceria. E nenhum dos dois queria, na verdade, esperar mais. Aí, num belo dia, resolvemos fazer a coisa – diz Peeta. – E, na nossa visão, estamos mais casados do que se tivéssemos assinado qualquer papel ou participado de qualquer festa de arromba.

– Quer dizer então que isso se deu antes do anúncio do Massacre? – diz Caesar.

– Claro que foi antes. Tenho certeza de que nunca faríamos isso depois de saber – diz Peeta, começando a parecer chateado. – Mas quem poderia adivinhar que uma coisa como essa iria ocorrer? Ninguém. Nós passamos pelos Jogos, nós fomos os vitoriosos, todo mundo parecia tão entusiasmado por nos ver juntos e aí, do nada... enfim, como é que poderíamos prever que uma coisa assim aconteceria?

– Vocês não poderiam, Peeta. – Caesar o abraça. – Como você mesmo disse, ninguém poderia. Mas tenho que confessar que estou contente por vocês dois terem tido pelo menos alguns meses de felicidade juntos.

Aplausos frenéticos. Como se tivesse sido encorajada, paro de observar as minhas penas e permito que a audiência veja o meu trágico sorriso de

agradecimento. O resíduo de fumaça das penas deixou meus olhos lacrimejantes, o que acrescenta um toque perfeito à encenação.

– Eu não estou contente – diz Peeta. – Gostaria que pudéssemos ter esperado até que a coisa toda fosse feita de maneira oficial.

Isso deixa até Caesar surpreso.

– Certamente, um curto tempo é melhor do que tempo nenhum, você não acha?

– Talvez eu pudesse pensar assim também, Caesar – diz Peeta, amargurado –, não fosse pelo bebê.

Pronto. Ele fez novamente. Soltou uma bomba que aniquila os esforços de qualquer tributo que veio antes de mim. Bom, talvez não. Talvez esse ano ele tenha apenas acendido o fusível da bomba que os próprios vitoriosos estavam construindo. Na esperança de que alguém fosse capaz de detoná-la. Talvez pensando que ela estivesse no meu vestido de noiva. Desconhecendo o quanto confio nos talentos de Cinna, ao passo que Peeta não precisa de nada além de sua sagacidade.

Assim que explode, a bomba lança para todos os lados acusações de injustiça, barbarismo e crueldade. Até mesmo os mais ferrenhos adoradores da Capital, os mais sedentos pelos Jogos Vorazes, as pessoas que mais aprovam o banho de sangue não têm como ignorar, pelo menos por um instante, o quanto a coisa toda é hedionda.

Estou grávida.

A audiência não consegue absorver a notícia de imediato. Ela precisa atingir a todos, ser deglutida e confirmada por outras vozes antes que a multidão comece a soar como uma manada de animais feridos, gemendo, berrando, gritando por socorro. E eu? Sei que meu rosto está sendo projetado num close extremo em todas as telas, mas não faço o menor esforço para escondê-lo. Porque, por um momento, inclusive, estou ponderando acerca do que Peeta acabou de dizer. Isso não é por acaso a coisa que eu mais abominava em relação ao casamento, em relação ao futuro? A perda de meus filhos para os Jogos? E agora isso poderia ser verdade, não poderia? Se eu não tivesse passado a minha vida construindo camadas e mais camadas de defesa até me encolher toda diante de uma mera sugestão de um casamento ou de uma família.

Caesar não consegue mais controlar a multidão, nem mesmo quando o sinal toca. Peeta balança a cabeça para se despedir e volta para seu assento sem falar mais nada. Posso ver os lábios de Caesar se mexendo, mas o lugar está um caos total e não consigo escutar uma palavra sequer. Só a explosão do hino, num volume tão alto que eu o sinto vibrando em meus ossos, nos deixa saber em que parte estamos no programa. Automaticamente me levanto e, ao fazê-lo, sinto a aproximação de Peeta. Lágrimas escorrem por seu rosto enquanto seguro sua mão. O quanto essas lágrimas podem ser reais? Será que isso é um reconhecimento de que ele foi acometido pelos mesmos temores que eu? Os mesmos que todos os vitoriosos têm? Que cada pai e mãe em todos os distritos de Panem?

Volto os olhos para a multidão, mas os rostos da mãe e do pai de Rue dançam na frente de meus olhos. A dor deles. A perda deles. Volto-me espontaneamente para Chaff e ofereço-lhe minha mão. Sinto meus dedos envolvendo o cotoco que agora completa seu braço e o seguro com firmeza.

E então acontece. Ao longo de toda a fileira, os vitoriosos começam a se dar as mãos. Alguns de imediato, como os morfináceos, ou Wiress e Beetee. Outros ainda sem muita certeza, porém capturados pelas demandas daqueles que estão ao lado, como Brutus e Enobaria. Quando as últimas notas do hino são ouvidas, todos nós, os vinte e quatro tributos, estamos em pé formando uma linha contínua no que deve ser a primeira demonstração pública de unidade entre os distritos desde os Dias Escuros. É visível quando os Idealizadores percebem a importância do momento, pois as telas começam a ser desligadas. Mas já é tarde demais. Em meio à confusão, eles não nos cortaram a tempo. Todo mundo viu.

Agora há um tumulto no palco à medida que as luzes começam a se apagar e somos obrigados a voltar para o Centro de Treinamento aos tropeções. Eu me soltei de Chaff, mas Peeta me guia até o elevador. Finnick e Johanna tentam se juntar a nós, mas um Pacificador aflito os bloqueia e subimos sozinhos.

No momento em que saímos do elevador, Peeta agarra os meus ombros e diz:

– A gente não tem muito tempo. Quero que você me diga agora se preciso pedir desculpas por alguma coisa.

– Não precisa. – Foi um grande salto que ele deu sem o meu consentimento, mas estou muito feliz por não ter sabido de nada de antemão, por não ter tido tempo de criticar a iniciativa dele, por não ter permitido que qualquer culpa em relação a Gale desviasse a minha atenção do que eu realmente sinto pelo que Peeta fez. E eu me sinto forte.

Bem distante daqui existe um lugar chamado Distrito 12, onde minha mãe, minha irmã e meus amigos terão de lidar com as consequências dessa noite. A poucos minutos de viagem em um aerodeslizador, encontra-se uma arena onde, amanhã, Peeta e eu, e os outros tributos, enfrentaremos nossa própria punição. Mas mesmo que todos nós tenhamos um fim terrível, alguma coisa aconteceu naquele palco na noite de hoje que não poderá mais ser desfeita. Nós, vitoriosos, encenamos nosso próprio levante e, talvez, apenas talvez, a Capital não seja capaz de contê-lo.

Esperamos os outros voltarem, mas quando os elevadores se abrem, apenas Haymitch aparece.

– Está uma loucura lá. Todo mundo foi mandado para casa e eles cancelaram a reprise das entrevistas na televisão.

Peeta e eu saímos correndo em direção à janela e tentamos entender a agitação nas ruas.

– O que estão dizendo? – pergunta Peeta. – Eles estão pedindo que o presidente pare os Jogos?

– Acho que nem eles mesmos sabem o que pedir. A situação toda é inédita. Até a ideia de se opor à agenda política da Capital é uma fonte de confusão para as pessoas aqui – diz Haymitch. – Mas não há chance de o presidente Snow cancelar os Jogos. Vocês sabem disso, não sabem?

Eu sei. É claro que ele jamais poderia recuar agora. A única opção que lhe resta é reagir, e reagir com dureza.

– Os outros foram para casa? – pergunto.

– Mandaram que fossem. Mas vão precisar de muita sorte para atravessar aquela multidão – diz Haymitch.

– Então a gente nunca mais vai ver a Effie – diz Peeta. Nós não a vimos na manhã em que os Jogos começaram no ano passado. – Transmita a ela, por favor, os nossos agradecimentos.

– Mais do que isso. Faz uma coisa bem especial. Afinal de contas, é a Effie – digo. – Diz para ela o quanto estamos agradecidos e como ela foi a melhor acompanhante do mundo, e diz para ela também... diz para ela que nós a adoramos.

Por um tempo, ficamos apenas lá parados em silêncio, atrasando o inevitável. Então Haymitch diz:

– Acho que esse é o momento em que também me despeço de vocês.

– Algum último conselho? – pergunta Peeta.

– Mantenham-se vivos – diz Haymitch, de modo taciturno. Agora isso soa quase como uma piada antiga para nós. Ele nos abraça rapidamente e sou capaz de dizer que isso é o máximo que ele consegue suportar. – Vão dormir. Vocês precisam descansar.

Sei que deveria dizer um monte de coisas a Haymitch, mas não consigo pensar em nada que ele já não saiba, na verdade, e minha garganta está tão apertada que duvido muito que algo pudesse sair da minha boca de qualquer maneira. Então, mais uma vez, deixo Peeta falar por nós dois.

– Se cuida, Haymitch – diz ele.

Nós nos dirigimos ao quarto, mas, na porta, a voz de Haymitch nos faz parar.

– Katniss, quando você estiver na arena... – começa ele, e em seguida para. Sua expressão está tão dura que sinto que já o estou decepcionando.

– O quê? – pergunto, na defensiva.

– Basta se lembrar de quem é o inimigo – diz Haymitch. – Isso é tudo. Agora vai. Saiam daqui.

Descemos o corredor. Peeta quer passar no seu quarto para tomar um banho e retirar a maquiagem, e se encontrar comigo depois, mas não o deixo fazer isso. Tenho certeza de que, assim que a porta se fechar entre nós ela vai ser trancada e terei de passar a noite sem ele. Além do mais, tenho chuveiro no quarto. Eu me recuso a soltar a mão dele.

Nós dormimos? Não sei. Passamos a noite abraçados numa espécie de limbo entre sonhos e vigílias. Sem conversar. Ambos com medo de perturbar um ao outro, na esperança de sermos capazes de guardar alguns minutos preciosos de descanso que possam ser usados em alguma outra oportunidade.

Cinna e Portia chegam com a manhã, e sei que Peeta terá que ir embora. Os tributos entram na arena sozinhos. Ele me dá um beijinho discreto.

– A gente se vê – diz ele.

– A gente se vê.

Cinna, que me ajudará a vestir o traje para os Jogos, me acompanha ao terraço. Estou a ponto de pisar nos degraus da escada do aerodeslizador quando me lembro:

– Não me despedi de Portia.

– Eu falo com ela – diz Cinna.

A corrente elétrica me deixa paralisada na escada até que o médico injeta o rastreador no meu antebraço esquerdo. Agora eles sempre serão capazes de me localizar na arena. O aerodeslizador decola, e olho pela janela até baixarem as persianas. Cinna continua insistindo para que eu coma algo e, diante das minhas negativas, insiste para que eu beba alguma coisa. Consigo bebericar um pouco de água pensando nos dias de desidratação que quase me mataram no ano passado. Pensando em como vou precisar ter forças para manter Peeta vivo.

Quando alcançamos a Sala de Lançamento na arena, tomo um banho. Cinna trança os meus cabelos nas costas e me ajuda a vestir o traje por cima de uma roupa de baixo bem simples. Este ano, o traje dos tributos é um macacão azul justinho no corpo, feito de um material diáfano, com um zíper na frente. Um cinto de dez centímetros de largura revestido de plástico púrpura brilhante. Um par de sapatos de nylon com solas de borracha.

– O que você acha? – pergunto, estendendo o tecido para Cinna examinar.

Ele franze a testa enquanto esfrega o material fino entre os dedos.

– Não sei. Isso aqui não vai garantir muita proteção contra o frio ou a água.

– E contra o sol? – pergunto, imaginando um sol implacável em um deserto estéril.

– Possivelmente. Se recebeu algum tipo de tratamento – diz ele. – Ah, já ia esquecendo. – Ele tira do bolso o meu broche com o tordo e o prende no macacão.

– Meu vestido estava fantástico ontem à noite. – Fantástico e imprudente. Mas Cinna já deve estar sabendo.

– Imaginei que talvez você gostasse – diz ele com um sorriso contido.

Nós nos sentamos, exatamente como fizemos no ano passado, de mãos dadas até que a voz diz que devo me preparar para o lançamento. Ele me acompanha até o disco de metal e fecha o zíper do meu macacão até o pescoço.

– Lembre-se, garota em chamas – diz ele –, ainda estou apostando em você. – Ele me beija na testa e dá um passo para trás quando o cilindro de vidro desliza para baixo ao meu redor.

– Obrigada – digo, embora ele provavelmente não possa me ouvir. Levanto o queixo, mantendo a cabeça bem no alto, da maneira como ele sempre diz para eu fazer, e espero o disco subir. Mas ele não sobe. E continua sem subir.

Olho para Cinna, erguendo as sobrancelhas em busca de alguma explicação. Ele apenas balança ligeiramente a cabeça, tão perplexo quanto eu. Por que será que estão demorando tanto?

De repente, a porta atrás dele se abre com um estrondo e três Pacificadores entram no recinto. Dois deles prendem os braços de Cinna em suas costas e o algemam enquanto o terceiro o atinge na têmpora com tanta força que ele cai de joelhos no chão. Mas eles continuam batendo nele com luvas revestidas de metal, abrindo feridas em seu rosto e corpo. Estou quase arrebentando a cabeça de tanto berrar, dando socos no vidro rígido, tentando me aproximar dele. Os Pacificadores me ignoram completamente enquanto arrastam o corpo inerte de Cinna para fora do recinto. Tudo o que resta são manchas de sangue no chão.

Enojada e aterrorizada, sinto o disco começar a se erguer. Ainda estou encostada no vidro quando a brisa atinge meus cabelos e me forço a ficar na posição ereta. Bem na hora, porque o vidro está recuando e estou em pé na arena. Alguma coisa parece estar errada com a minha visão. O solo está brilhante demais e continua ondulando. Estreito os olhos em direção aos meus pés e vejo que meu disco de metal está cercado por ondas azuis que deslizam por cima de minhas botas. Lentamente, levanto os olhos e consigo distinguir a água se espalhando por todas as direções.

Só consigo formar um único pensamento claro.

Este não é um lugar para uma garota em chamas.



PARTE III

"O INIMIGO"



– Senhoras e senhores, está aberta a septuagésima quinta edição dos Jogos Vorazes! – A voz de Claudius Templesmith, o locutor oficial dos Jogos Vorazes, martela meus ouvidos. Tenho menos de um minuto para me situar. Então, o gongo vai soar e os tributos ficarão livres para sair de seus discos de metal. Mas sair e ir para onde?

Não consigo ordenar os pensamentos. A imagem de Cinna, agredido e ensanguentado, me consome. Onde estará ele agora? O que estarão fazendo com ele? Torturando-o? Matando-o? Transformando-o em um Avox? Obviamente, o ataque a ele foi orquestrado para me desorientar, assim como a presença de Darius em meus aposentos. E eles tiveram sucesso. Tudo o que quero fazer é desabar em meu disco de metal. Mas não posso fazer isso depois do que acabei de testemunhar. Tenho que ser forte. Devo isso a Cinna, que arriscou tudo ao sabotar o presidente Snow, transformando a seda de meu vestido de noiva em plumagem de tordo. E devo aos rebeldes que, encorajados pelo exemplo de Cinna, talvez estejam lutando nesse exato momento para derrubar a Capital. Minha recusa em disputar os Jogos nos termos da Capital será o meu último ato de rebelião. Então, cerro os dentes e me convenço de que devo participar da disputa.

Onde você está? Ainda não consigo entender onde me encontro. *Onde você está?*, exijo de mim mesma uma resposta e lentamente o mundo começa a entrar em foco. Água azul. Céu róseo. Sol quente batendo de modo inclemente. Tudo bem, logo vejo a Cornucópia, o brilhante chifre metálico de

ouro a mais ou menos quarenta metros de onde estou. A princípio, ela parece estar em cima de uma ilha circular. Mas, após um exame mais escrupuloso, vejo as finas faixas de terra partindo do círculo como os raios de uma roda. Acho que são dez ou doze, e parecem equidistantes uma da outra. Entre os raios, apenas água. Água e um par de tributos.

Então é isso. Há doze raios, cada qual com dois tributos equilibrados em discos de metal entre eles. O outro tributo na minha fatia aquosa é o velho Woof do Distrito 8. A distância que me separa dele à minha direita é a mesma que me separa da faixa de terra à minha esquerda. Além da água, para onde quer que se olhe, há uma praia estreita e depois uma densa área verde. Vasculho o círculo de tributos atrás de Peeta, mas ele deve estar fora de meu campo de visão atrás da Cornucópia.

Pego um punhado de água e cheiro. Em seguida, encosto a ponta de meu dedo molhado na língua. Como suspeitava, a água é salgada. Exatamente como as ondas que Peeta e eu encontramos em nossa breve turnê na praia do Distrito 4. Mas pelo menos parece limpa.

Não há barcos nem cordas, nem mesmo algum pedaço de madeira à deriva em que se agarrar. Não, há apenas uma maneira de se alcançar a Cornucópia. Quando o gongo soa, nem hesito antes de mergulhar à minha esquerda. É uma distância maior do que a que estou acostumada, e cortar as ondas requer um pouco mais de habilidade do que nadar em meu tranquilo lago em casa, mas meu corpo parece estranhamente leve, e avanço na água sem muito esforço. Talvez seja o sal. Saio da água, pingando, subo na faixa de terra e corro pela areia em direção à Cornucópia. Não vejo mais ninguém convergindo para o meu lado, embora o chifre dourado esteja bloqueando uma boa parcela da minha visão. Mas não permito que a lembrança dos adversários diminua meu ritmo. Agora estou pensando como uma Carreirista, e a primeira coisa que quero é pôr as mãos em alguma arma.

Ano passado, os suprimentos foram bem espalhados ao redor da Cornucópia, sendo que os itens mais valiosos ficavam próximos ao chifre. Mas esse ano os objetos parecem estar empilhados na boca, que fica a sete metros do chão. Meus olhos instantaneamente percebem um arco dourado à distância de meu braço e o agarro.

Tem alguém atrás de mim. Não sei bem, mas acho que fui alertada por um suave movimento na areia ou talvez apenas por uma mudança nas correntes de ar. Puxo uma flecha da aljava que ainda está engatada na pilha e preparo o arco enquanto me viro.

Finnick, lindo e com o corpo brilhando, está a alguns metros de distância com um tridente em posição de ataque. Uma rede está pendendo de sua outra mão. Ele está sorrindo um pouco, mas os músculos na parte superior de seu corpo estão enrijecidos e preparados para o ataque.

– Você também sabe nadar – diz ele. – Onde foi que aprendeu isso no Distrito 12?

– A gente tem uma banheira bem grande lá em casa – respondo.

– Deve ter mesmo. Gostou da arena?

– Não particularmente. Mas você tem cara de quem curtiu. Eles devem ter construído isso aqui especialmente para você – digo, com uma pontinha de amargura. De qualquer modo é o que parece, com tanta água. Aposto que apenas alguns vitoriosos sabem nadar. E não havia nenhuma piscina no Centro de Treinamento, nenhuma chance de aprender. Ou você chegava aqui sabendo nadar ou seria obrigado a aprender numa velocidade assustadora. Até a participação no banho de sangue inicial depende da capacidade de ultrapassar vinte metros de água. Isso dá ao Distrito 4 uma enorme vantagem.

Por um momento, ficamos petrificados, avaliando um ao outro, nossas armas, nossas habilidades. Então Finnick de repente dá um sorrisinho e diz:

– Que sorte sermos aliados, não é mesmo?

Prevendo uma armadilha, estou a ponto de lançar uma flecha, na esperança de que ela atinja o coração dele antes que o tridente me empale, quando ele mexe a mão e algo em seu pulso reflete a luz do sol. Uma pulseira de ouro maciço com adornos em forma de chamas. A mesma que lembro de ter visto no pulso de Haymitch na manhã em que comecei o treinamento. Rapidamente, me passa pela cabeça que Finnick pode ter roubado o objeto para me enganar, mas algo me diz que esse não é o caso. Haymitch deu a pulseira a ele. Como um sinal para mim. Uma ordem, na realidade. Para que eu confie em Finnick.

Ouço outros passos se aproximando. Preciso decidir de imediato.

– Tudo bem! – digo com raiva, porque, embora Haymitch seja meu mentor e esteja tentando me manter viva, isso me deixa irritada. Por que ele não me disse antes que tinha feito esse acordo? Provavelmente porque Peeta e eu havíamos dito que não queríamos aliados. Agora Haymitch escolheu um por conta própria.

– Abaixe-se! – ordena Finnick com uma voz tão poderosa, tão diferente de seu costumeiro ronronar sedutor, que obedeço na hora. Seu tridente sai voando por cima da minha cabeça e ouve-se um nauseante som de impacto quando a arma atinge seu alvo. O homem do Distrito 5, o bêbado que vomitou durante a luta de espada, cai de joelhos no chão enquanto Finnick retira o tridente de seu peito.

– Nunca confie em ninguém do 1 ou do 2 – diz Finnick.

Não há tempo para questionar a afirmação. Libero a aljava de flechas.

– Cada um pega um lado? – digo. Ele balança a cabeça em concordância e disparo em volta da pilha. A mais ou menos quatro raios de distância, Enobaria e Gloss estão alcançando a terra. Ou eles são nadadores lentos ou pensaram que talvez a água pudesse conter outros perigos, o que poderia muito bem ser verdade. Às vezes não é bom imaginar muitos cenários possíveis. Mas agora que estão na areia, eles vão chegar aqui em questão de segundos.

– Alguma coisa útil? – ouço Finnick gritar.

Rapidamente vasculho a pilha ao meu lado e encontro maçãs, arcos, flechas, tridentes, facas, lanças, machados, objetos metálicos que nem sei dizer o nome... e nada mais.

– Armas! – grito de volta. – Só armas!

– A mesma coisa aqui – confirma ele. – Pegue o que quiser e vamos embora!

Atiro uma flecha em Enobaria, que se aproximou perigosamente, mas ela estava esperando o tiro e mergulha de volta na água antes de ser atingida pelo projétil. Gloss não é tão rápido, e eu meto uma flecha em sua panturrilha enquanto ele mergulha nas ondas. Ponho a tiracolo um arco sobressalente e uma segunda aljava de flechas, prendo duas facas compridas e um furador no cinto, e me encontro com Finnick em frente à pilha.

– Faça alguma coisa em relação àquilo, certo? – diz ele. Vejo Brutus correndo em nossa direção. Seu cinto está desatado e esticado entre suas mãos

como uma espécie de escudo. Atiro nele e ele consegue bloquear a flecha com o cinto antes que ela possa dilacerar seu fígado. Do local onde ela atingiu o cinto espirra um líquido de cor purpúrea, cobrindo seu rosto. Enquanto engato outra flecha, Brutus cai no chão, rola os poucos metros que faltam até a água e submerge. Ouve-se um clangor de metal atrás de mim.

– Vamos dar o fora daqui – digo a Finnick.

Essa última altercação deu a Enobaria e a Gloss tempo para alcançar a Cornucópia. Brutus está numa área de alcance de tiro e, com certeza, Cashmere também deve estar em algum lugar nas proximidades. Esses quatro Carreiristas clássicos, sem dúvida nenhuma, possuem uma aliança previamente determinada. Se a minha única preocupação fosse minha própria segurança, talvez eu pudesse estar disposta a enfrentá-los com Finnick ao meu lado. Mas é em Peeta que estou pensando. Eu o avisto agora, ainda preso em seu disco de metal. Vou embora e Finnick me segue sem questionar, como se soubesse que esse seria o meu próximo passo. Quando estou tão perto quanto possível, começo a retirar as facas de meu cinto, preparando-me para nadar até ele e arranjar uma maneira de resgatá-lo.

Finnick toca o meu ombro.

– Eu o pego.

Uma sensação de desconfiança toma conta de mim. Será que tudo isso não passaria de um estratagema? De Finnick, para ganhar a minha confiança, então nadar e afogar Peeta?

– Eu consigo – insisto.

Mas Finnick já largou todas as suas armas.

– É melhor não se exceder nos exercícios na condição em que você se encontra – diz ele, e se abaixa para acariciar o meu abdome.

Ah, certo. Era para eu estar grávida, penso. Enquanto estou tentando pensar no que isso significa e em como eu deveria reagir – quem sabe vomitar ou algo assim –, Finnick se posiciona na margem da água.

– Me dê cobertura – diz ele. E desaparece com um mergulho perfeito.

Levanto o arco para manter afastados quaisquer agressores na Cornucópia, mas ninguém parece interessado em nos perseguir. Como era previsível, Gloss, Cashmere, Enobaria e Brutus se juntaram, o bando já formado e recolhendo as

armas. Um rápido exame do resto da arena mostra que a maioria dos tributos ainda está presa em seus discos. Espere aí, não! Tem alguém em pé no raio à minha esquerda, o que está em posição oposta a Peeta. É Mags. Mas ela nem se encaminha para a Cornucópia nem tenta fugir. Ao contrário, se joga na água e começa a nadar na minha direção, sua cabeça grisalha acima das ondas. Bom, ela é velha, mas imagino que, depois de oitenta anos vivendo no Distrito 4, ela consiga não se afogar.

Finnick alcançou Peeta e agora o está rebocando, um braço atravessado no peito dele enquanto o outro se encarrega de levá-los adiante na água num ritmo tranquilo. Peeta deixa-se guiar sem nenhuma resistência. Não sei o que Finnick disse ou fez que o convenceu a confiar sua vida a ele – mostrou-lhe a pulseira, quem sabe. Ou então o fato de ele ter me visto talvez tenha sido suficiente. Quando eles alcançam a areia, eu ajudo a içar Peeta até a terra firme.

– Oi de novo – diz ele, e me dá um beijo. – Temos aliados.

– Temos, sim. Exatamente como Haymitch queria – respondo.

– Diga-me, a gente fez acordo com mais alguém?

– Só com Mags, eu acho. Eu indico com a cabeça a mulher idosa vindo teimosamente em nossa direção.

– Bom, não posso deixar Mags para trás – diz Finnick. – Ela é uma das poucas pessoas que realmente gostam de mim.

– Não tenho nenhum problema com a Mags – digo. – Principalmente agora que estou vendo a arena. Os anzóis dela são provavelmente a nossa única chance de conseguir comida.

– Katniss a queria desde o primeiro dia – diz Peeta.

– Katniss possui uma notável capacidade para fazer bons julgamentos – diz Finnick. Ele vai até a água e, com uma das mãos, resgata Mags como se ela não pesasse mais do que um filhote de cachorro. Ela faz alguma observação que inclui a palavra "boia", e então dá um tapinha no cinto.

– Olha, ela tem razão. Alguém descobriu. – Finnick aponta para Beetee. Ele está se debatendo nas ondas, mas consegue manter a cabeça acima da superfície.

– O quê? – digo.

– Os cintos. Eles são dispositivos que flutuam – diz Finnick. – Você precisa dar um impulso para frente, mas eles não vão deixar você se afogar.

Quase peço a Finnick para esperar, para pegar Beetee e Wiress e levá-los conosco, mas Beetee está a três raios de distância e nem consigo ver onde está Wiress. Até onde sei, Finnick os mataria com a mesma rapidez que matou o tributo do Distrito 5, de modo que, em vez disso, sugiro que sigamos em frente. Dou um arco para Peeta, uma aljava de flechas e uma faca, deixando o resto comigo. Mas Mags cutuca o meu braço e reclama até eu dar o furador para ela. Satisfeita, ela encaixa o cabo entre as gengivas e estende os braços para Finnick. Ele joga a rede por cima do ombro, coloca Mags em cima dela, agarra seu tridente com a mão livre e saímos correndo da Cornucópia.

Uma floresta com árvores altas surge onde termina a areia. Não, não exatamente uma floresta. Pelo menos, não o tipo de floresta que conheço. *Selva*. A palavra estrangeira, quase obsoleta, me vem à mente. Alguma coisa que eu ouvi de alguma outra edição dos Jogos Vorazes ou que aprendi com meu pai. A maioria das árvores é desconhecida para mim, com troncos lisos e poucos galhos. A terra é muito preta e esponjosa, obscurecida por emaranhados de trepadeiras com florações coloridas. Apesar do sol forte e brilhante, o ar é morno e pesado de tanta umidade, e tenho a sensação de que jamais me sentirei realmente seca aqui. O fino tecido azul de meu macacão faz com que a água do mar evapore facilmente, mas ele já começou a grudar no corpo em função do suor.

Peeta vai na frente, cortando a densa vegetação com sua faca longa. Deixo Finnick em segundo lugar porque, embora ele seja bem mais poderoso, suas mãos estão ocupadas com Mags. Além disso, apesar de ele ser um ás com o tridente, essa é uma arma menos adequada à selva do que as minhas flechas. Não demora muito até que, com a íngreme inclinação e o calor, todos comecem a ficar sem fôlego. Entretanto, Peeta e eu treinamos intensamente, e Finnick é um espécime cuja capacidade física é tão impressionante que até mesmo com Mags nos ombros nós conseguimos subir rapidamente por mais ou menos um quilômetro até ele solicitar uma parada para descansar. E acho que foi muito mais por causa de Mags do que por ele próprio.

A folhagem nos tira a vista da roda, de modo que escalo uma árvore com galhos emborrachados para ter uma visão melhor. Então, me dou conta de que preferia não ter visto.

Ao redor da Cornucópia, o solo parece estar sangrando e a água ganhou estrias purpúreas. Corpos estão jogados no chão e flutuando no mar, mas a essa distância, com todos vestidos exatamente da mesma maneira, não consigo dizer quem está vivo e quem está morto. Tudo o que eu posso dizer é que algumas das diminutas figuras azuladas ainda estão lutando. Bom, o que eu imaginava que ia acontecer? Que a cadeia de tributos de mãos dadas na noite de ontem resultaria em alguma espécie de trégua universal na arena? Não, jamais acreditei em tal coisa. Mas acho que tive a esperança de que as pessoas demonstrariam um pouco de... de quê? Comedimento? Relutância, pelo menos. Antes de saltar diretamente para o modo massacre. *E vocês todos se conheciam*, penso. *Vocês se comportavam como se fossem amigos*.

Tenho somente um amigo verdadeiro aqui. E ele não é do Distrito 4.

Deixo a brisa leve e úmida refrescar as minhas bochechas enquanto decido. Apesar da pulseira, eu deveria simplesmente acabar com essa história e dar uma flechada em Finnick. Não há, de fato, nenhum futuro nessa aliança. E ele é perigoso demais para ser deixado à solta. Essa confiança hesitante que temos agora parece ser a minha única chance de matá-lo. Poderia facilmente acertá-lo nas costas enquanto conversamos. É algo deplorável, é claro, mas por acaso seria mais deplorável se eu esperasse? Se eu o conhecesse melhor? Se eu passasse a dever ainda mais a ele? Não, a hora é essa. Dou uma última olhada nas figuras que estão se digladiando no solo sangrento, para fortalecer a minha resolução, e então desço da árvore.

Mas quando aterrisso descubro que Finnick acompanhou meus pensamentos. Como se ele soubesse o que acabei de ver e como isso teria me afetado. Ele está com um dos tridentes erguido numa posição casualmente defensiva.

– O que está acontecendo lá embaixo, Katniss? Estão todos de mãos dadas? Fizeram votos de não violência? Jogaram as armas no mar em desafio à Capital? – pergunta Finnick.

– Não – digo.

– Não – repete Finnick. – Porque seja lá o que tenha acontecido no passado, agora é mais do que o passado. E ninguém nessa arena foi vitorioso por acaso. – Ele olha para Peeta por um instante. – Talvez com exceção de Peeta.

Então, Finnick sabe o que Haymitch e eu sabemos. A respeito de Peeta. A respeito de ele ser muito mais bondoso do que qualquer um de nós. Finnick tirou a vida daquele tributo do 5 sem piscar um olho. E quanto tempo eu levei para me tornar mortífera? Atirei para matar quando mirei Enobaria, Gloss e Brutus. Peeta teria pelo menos tentado fazer alguma negociação antes. Teria tentado descobrir se alguma aliança mais ampla seria possível. As pessoas nesta arena não foram coroadas por conta da compaixão.

Olho fixamente para ele, avaliando sua velocidade contra a minha. O tempo que será necessário para que uma flecha atravesse seu cérebro contra o tempo que o tridente dele levará para atingir o meu corpo. Dá para ver que ele está esperando que eu faça o primeiro movimento. Calculando se deveria primeiro me bloquear ou ir diretamente para o ataque. Dá para sentir que ambos acabamos de encontrar uma solução para o impasse quando Peeta se coloca deliberadamente entre nós.

– Quantos estão mortos mesmo? – pergunta ele.

Sai daí, seu idiota, penso. Mas ele permanece firmemente plantado entre nós dois.

– É difícil dizer – respondo. – Pelo menos seis, eu acho. E eles ainda estão lutando.

– Vamos seguir em frente. A gente precisa achar água – diz ele.

Até agora não apareceu nenhum sinal de córrego ou fonte de água, e água salgada não pode ser consumida. Mais uma vez, penso nos últimos Jogos, quando quase morri desidratada.

– É melhor a gente achar isso logo – diz Finnick. – A gente precisa estar escondido quando os outros vierem nos caçar à noite.

A gente. Nós. Caçar. Tudo bem, de repente matar Finnick se revelasse uma atitude um pouco prematura. Ele tem sido prestativo até agora. Ele possui efetivamente o selo de aprovação de Haymitch. E quem sabe o que a noite pode nos trazer? Se o que está ruim piorar ainda mais, sempre vou poder matá-

lo enquanto ele estiver dormindo. Portanto, resolvo deixar o momento passar. E Finnick procede da mesma maneira.

A ausência de água intensifica a minha sede. Fico atenta enquanto continuamos nossa jornada morro acima, mas sem nenhuma sorte. Depois de mais ou menos um quilômetro, vejo o fim da linha de árvores e presumo que estamos alcançando o cume da montanha.

– De repente teremos mais sorte do outro lado. Talvez a gente ache uma fonte ou algo assim.

Mas não há outro lado. Sei disso antes de qualquer outra pessoa, embora esteja na posição mais distante do topo. Meus olhos captam um pequeno quadrado engraçado cheio de ondulações pendurado no ar como se fosse uma placa de vidro retorcido. A princípio, penso que se trata do reflexo brilhante do sol no chão. Mas o objeto está fixo no espaço, não muda de posição à medida que me movo. E só então eu faço a ligação entre o quadrado, Wiress e Beetee no Centro de Treinamento, e percebo o que se encontra diante de nós. Meu grito de alerta está apenas se formando em meus lábios quando a faca de Peeta corta o ar para retalhar algumas trepadeiras.

Ouve-se um zunido agudo. Por um instante, as árvores somem de vista e eu vejo um espaço aberto por sobre uma curta faixa de terra deserta. Então Peeta é lançado para trás, rechaçado pelo campo de força, fazendo com que Finnick e Mags caiam no chão.

Corro para o local onde ele está deitado, imóvel numa rede de trepadeiras.

– Peeta?

Há um leve odor de cabelo queimado. Chamo novamente, sacudindo-o ligeiramente, mas ele não reage. Meus dedos tocam seus lábios, onde não há respiração, muito embora momentos atrás ele estivesse ofegante. Grudo o ouvido em seu peito, no ponto onde sempre descanso a cabeça, onde sei que ouvirei a batida forte e constante de seu coração.

Ao contrário, só há silêncio.



– Peeta! – grito. Eu o sacudo com mais força, chego até a bater na cara dele, mas é inútil. Seu coração parou. Estou batendo no vazio. – Peeta!

Finnick encosta Mags numa árvore e me empurra para o lado.

– Deixe-me tentar. – Seus dedos tocam pontos do pescoço de Peeta, percorrem os ossos em suas costelas e coluna. Em seguida, ele fecha as narinas de Peeta.

– Não! – berro, jogando-me em cima de Finnick, pois certamente a intenção dele é se certificar de que Peeta esteja morto, afastar qualquer esperança de que ele recobre a vida. A mão de Finnick se ergue e me bate com tanta força no peito que me choco contra o tronco da árvore mais próxima. Fico tonta por um instante, pela dor e por tentar readquirir o fôlego enquanto vejo Finnick tapar novamente o nariz de Peeta. De onde me encontro, puxo uma flecha, posiciono-a no arco e estou a ponto de lançá-la quando sou detida pela visão de Finnick beijando Peeta. E a coisa é tão bizarra, mesmo para alguém como Finnick, que me contenho. Não, ele não está beijando Peeta. Ele manteve o nariz de Peeta fechado mas a boca bem aberta, e está soprando ar em seus pulmões. Posso ver, posso realmente ver o peito de Peeta subindo e descendo. Então Finnick puxa o zíper da parte de cima do macacão de Peeta e começa a pressionar com as mãos o ponto sobre seu coração. Agora que me recuperei do choque, compreendo o que ele está tentando fazer.

É raríssimo, mas já vi minha mãe tentar algo similar. De uma forma ou de outra, se o seu coração para de bater no Distrito 12, é muito pouco provável que a sua família consiga levar você até minha mãe em tempo hábil. Portanto,

os pacientes mais comuns dela são vítimas de queimaduras, ferimentos ou enfermidades. Ou de inanição, evidentemente.

Mas o mundo de Finnick é diferente. Seja lá o que ele esteja fazendo, não é a primeira vez. Dá para ver um ritmo e um método em sua ação. Quando me dou conta, já estou abaixando o arco e inclinando-me na direção dos dois para torcer para que haja algum indício de sucesso. Minutos agonizantes se arrastam à medida que minhas esperanças diminuem. No momento em que estou admitindo que já é tarde demais, que Peeta está morto, perdido, para sempre inatingível, ele tosse um pouco e Finnick finalmente se senta no chão.

Deixo as minhas armas na terra enquanto me grudo a ele.

– Peeta? – digo suavemente. Afasto os fios louros e molhados de sua testa e percebo a pulsação retumbando em contato com os meus dedos, encostados em seu pescoço.

Os cílios se abrem e seus olhos encontram os meus.

– Cuidado – diz ele fracamente. – Tem um campo de força lá na frente.

Eu rio, mas há lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

– Deve ser bem mais forte do que aquele do terraço do Centro de Treinamento – diz ele. – Mas estou bem. Só um pouco abalado.

– Você estava morto! Seu coração parou! – disparo, antes de avaliar se isso era realmente uma boa ideia. Ponho a mão na boca porque estou começando a emitir aqueles horrorosos ruídos de quem está engasgado. O que ocorre sempre que estou soluçando.

– Bom, parece que agora está tudo bem – diz ele. – Está tudo bem, Katniss. – Balanço a cabeça em concordância, mas os sons que escapam de minha boca não param. – Katniss? – Agora Peeta está preocupado comigo, o que aumenta ainda mais a insanidade de tudo isso.

– Está tudo bem, são só os hormônios dela – diz Finnick. – Por causa do bebê. – Olho para ele, sentado em cima dos joelhos, mas ainda arquejando um pouco por conta da escalada, do calor e do esforço de trazer Peeta de volta da morte.

– Não. É que... – Eu me afasto, mas sou interrompida por uma rodada de soluços ainda mais histérica que parece apenas confirmar o que Finnick dissera a respeito do bebê. Ele olha para mim e eu o encaro com fúria em meio às

lágrimas. É uma idiotice, eu sei, o fato de os esforços dele me deixarem tão irritada. Tudo o que eu queria era manter Peeta vivo, e não fui capaz, mas Finnick sim, e eu devia estar apenas agradecida. E estou. Mas também me sinto furiosa porque isso significa que jamais deixarei de ter uma dívida com Finnick Odair. Jamais. Então como é que vou conseguir matá-lo enquanto dorme?

Espero ver uma expressão sarcástica e convencida em seu rosto, mas o olhar dele parece estranhamente enigmático. Finnick olha para mim e em seguida para Peeta, como se estivesse tentando entender alguma coisa, e então sacode ligeiramente a cabeça, livrando-se da ideia.

– Como é que você está? – pergunta ele a Peeta. – Acha que consegue seguir caminho?

– Não, ele precisa descansar – digo. Meu nariz está escorrendo loucamente e não disponho nem de um pedaço de pano rasgado para usar como lenço. Mags arranca um pouco de musgo de uma árvore e me dá. Estou tão péssima que nem questiono a iniciativa. Assoo o nariz fazendo barulho e enxugo as lágrimas de meu rosto. O musgo funciona bem. Absorvente e surpreendentemente suave.

Noto um brilho dourado no peito de Peeta. Eu me aproximo e retiro o disco que está pendurado numa corrente em volta de seu pescoço. Meu tordo foi gravado nele.

– Esse é o seu símbolo? – pergunto.

– É sim. Você se importa de eu usar o seu tordo? Queria que a gente combinasse – diz ele.

– É claro que não me importo. – Forço um sorriso. Peeta aparecendo na arena usando um tordo é não só uma bênção como também uma maldição. Por um lado, isso deveria servir como estímulo para os rebeldes no distrito. Por outro, é difícil imaginar que possa passar despercebido ao presidente Snow, o que torna a tarefa de manter Peeta vivo ainda mais difícil.

– Quer dizer então que você quer montar acampamento aqui? – pergunta Finnick.

– Não acho que isso seja uma opção – responde Peeta. – Ficar aqui. Sem água. Sem proteção. Estou me sentindo bem, juro. Se a gente pudesse ir um pouquinho mais devagar, acho que não haveria problema.

– Mais devagar é melhor do que parado. – Finnick ajuda Peeta a se levantar enquanto me recomponho. Desde que acordei hoje de manhã, assisti a Cinna ser brutalmente agredido, aterrissei em uma outra arena e vi Peeta morrer. No entanto, estou contente por Finnick continuar com o joguinho da gravidez comigo, porque, pelo ponto de vista de um patrocinador, não estou lidando tão bem assim com as coisas.

Verifico as minhas armas, que sei que estão em perfeitas condições, porque isso faz com que eu pareça mais no controle da situação.

– Vou na frente – anuncio.

Peeta começa a fazer uma objeção, mas Finnick o corta de imediato.

– Não, deixe-a ir. – Ele franze a testa para mim. – Você sabia que aquele campo de força estava lá, não sabia? Bem no último segundo você percebeu, não foi? Você começou a dar o alarme. – Eu balanço a cabeça em concordância. – Como é que você sabia?

Hesito. Revelar que sei o truque de Beetee e Wiress para identificar um campo de força poderia ser perigoso. Não sei se os Idealizadores dos Jogos repararam ou não o momento em que eles dois fizeram a observação durante o treinamento. De uma forma ou de outra, possuo uma informação valiosa. E se eles souberem que eu sei, talvez façam algo para alterar o campo de força para que eu fique impossibilitada de ver a aberração daqui para a frente. Então eu minto.

– Não sei. É como se eu tivesse ouvido algo. Escutem. – Todos nós ficamos imóveis. Há o som de insetos, pássaros, a brisa na folhagem.

– Não estou escutando nada – diz Peeta.

– Mas tem um som, sim – insisto. – É parecido com o som da cerca no Distrito 12 quando a eletricidade está acionada, só que bem menos intenso. – Todos escutam, agora com muita atenção. Eu também, embora não haja coisa alguma para se escutar. – Agora! – digo. – Vocês não conseguem ouvir? Vem do local à direita de onde Peeta recebeu o choque.

– Também não estou ouvindo nada – diz Finnick. – Mas se você está, por favor vá na frente.

Decido continuar com o jogo, por mais que ele não tenha nenhum valor.

– Que estranho – digo. Balanço a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse confusa. – Só consigo escutar pelo meu ouvido esquerdo.

– O que foi reconstruído pelos médicos? – pergunta Peeta.

– Isso – digo, e em seguida dou de ombros. – Talvez eles tenham feito um trabalho melhor do que haviam imaginado. Vocês sabem como são essas coisas, às vezes escuto sons engraçados nesse lado. Coisas que a gente normalmente não acha que fazem barulho. Tipo asas de inseto. Ou neve batendo no chão. – Perfeito. Agora toda a atenção vai se voltar para os cirurgiões que consertaram o meu ouvido surdo depois dos Jogos do ano passado, e eles vão ter de explicar por que eu escuto como um morcego.

– Você – diz Mags, cutucando-me para andar, e então sigo em frente. Como devemos nos mover lentamente, Mags prefere caminhar com a ajuda de um galho que Finnick rapidamente transformou em uma bengala para ela. Ele também faz um cajado para Peeta, o que é bom porque, apesar de seus protestos, acho que tudo o que Peeta realmente deseja é se deitar. Finnick se mantém atrás, de modo que pelo menos uma pessoa fica em alerta cuidando da retaguarda.

Caminho com o campo de força à minha esquerda porque esse é supostamente o lado do meu ouvido sobre-humano. Mas como tudo isso não passa de invenção, corto um cacho de nozes que estão penduradas como se fossem uvas numa árvore próxima e as jogo na frente à medida que vou andando. Essa também é uma boa ideia, já que estou com a sensação de estar com mais frequência perdendo do que avistando os pontos que indicam a presença do campo de força. Sempre que uma noz atinge o campo de força, sobe uma fumacinha antes de ela aterrissar no chão aos meus pés, preta e com a casca quebrada.

Depois de alguns minutos, ouço um barulho atrás de mim e me viro para ver Mags descascando uma das nozes e enfiando-a em sua boca já aberta.

– Mags! Cospe isso. Ela pode estar envenenada.

Ela resmunga qualquer coisa e me ignora, lambendo os beiços com visível prazer. Olho na direção de Finnick em busca de apoio, mas ele apenas ri.

– Acho que vamos descobrir – diz ele.

Sigo em frente, pensando em Finnick, que salvou a velha Mags, mas permite que ela coma nozes estranhas. Que recebeu o selo de aprovação de Haymitch. Que trouxe Peeta dos mortos. Por que ele não o deixou morrer e pronto? Ele não teria culpa nenhuma. Eu nunca imaginaria que ele fosse ter a capacidade de revivê-lo. Por que ele teria vontade de salvar Peeta? E por que ele estava tão determinado a se aliar a mim? Disposto a me matar também, se fosse o caso. Mas deixando a escolha de lutarmos ou não um contra o outro inteiramente para mim.

Continuo andando e jogando nozes, às vezes vislumbrando um pedacinho do campo de força, tentando enveredar pela esquerda para achar um ponto por onde possa passar, escapar da Cornucópia e encontrar água, se tiver sorte. Mas, depois de mais ou menos uma hora nesse ritmo, eu me dou conta de que só estamos perdendo tempo. Nós não estamos fazendo nenhum progresso seguindo pela esquerda. Na realidade, o campo de força parece estar nos conduzindo através de uma trilha curva. Paro e olho para Mags mancando atrás de mim e para o rosto suado de Peeta.

– Vamos dar uma parada – digo. – Preciso dar uma outra olhada de cima.

A árvore que escolho parece ser ainda mais alta do que as outras. Escalo os galhos retorcidos, mantendo-me o mais próxima possível do tronco. Não dá para dizer o quão facilmente esses galhos emborrachados podem ceder. Mesmo assim, subo a uma altura além do limite do bom senso porque há algo que preciso ver. Quando agarro um pedaço do tronco não muito mais largo do que um cepo, balançando o corpo para frente e para trás na brisa úmida para me manter equilibrada, minhas suspeitas se confirmam. Há uma razão para não podermos virar à esquerda, uma razão para jamais conseguirmos. Do precário ponto de observação em que me encontro, consigo ver o formato de toda a arena pela primeira vez. Um círculo perfeito. Com uma roda perfeita no meio. O céu acima da circunferência da selva está tingido com uma tonalidade rósea e uniforme. E acho que consigo distinguir um ou dois daqueles quadrados ondulados, brechas na armadura, como Wiress e Beetee os chamaram, porque eles revelam o que deveria estar oculto e são, portanto, um ponto frágil. Só para ter certeza absoluta, atiro uma flecha no espaço vazio acima das copas das

árvores. Há uma explosão de luz, um súbito vislumbre de céu azul real, então a flecha é jogada de volta à selva. Desço para dar aos outros a má notícia.

– O campo de força deixou a gente preso num círculo. Um domo, para falar a verdade. Não sei até que altura ele vai. Tem a Cornucópia, o mar e depois a selva cercando tudo. Muito certinho. Muito simétrico. E não muito grande – digo.

– Você viu água? – pergunta Finnick.

– Só a água salgada do local onde os Jogos começaram.

– Deve haver alguma outra fonte – diz Peeta, franzindo a testa. – Ou então estaremos todos mortos em questão de dias.

– Bom, a vegetação é densa. Pode ser que haja fontes ou córregos em algum lugar – digo, cheia de dúvidas. Sinto instintivamente que a Capital talvez esteja querendo que esses Jogos impopulares terminem o mais rápido possível. Talvez Plutarch Heavensbee já tenha recebido ordens para acabar conosco. – De qualquer modo, não faz sentido tentar descobrir o que existe do outro lado da montanha, porque a resposta é nada.

– Deve haver água potável entre o campo de força e a roda – insiste Peeta. Todos nós sabemos o que isso significa. Voltar. Voltar para os Carreiristas e para o banho de sangue. Com Mags mal conseguindo andar e Peeta fraco demais para lutar.

Decidimos descer a encosta algumas centenas de metros e continuar contornando o círculo. Para ver se há alguma água naquele nível. Permaneço na dianteira, ocasionalmente jogando uma noz à minha esquerda, mas agora estamos bem fora do alcance do campo de força. O sol bate inclemente sobre nossas cabeças, transformando o ar em vapor, pregando peças nos nossos olhos. Lá pelo meio da tarde, está claro que Peeta e Mags não têm como continuar.

Finnick escolhe um local mais ou menos dez metros abaixo do campo de força para montarmos acampamento, dizendo que poderemos usá-lo como uma arma contra nossos inimigos caso nos ataquem. Então ele e Mags puxam lâminas da grama que cresce em tufos que chegam a um metro e meio de altura e começam a tecê-las para fazer esteiras. Como Mags parece não ter tido nenhum efeito colateral por ingerir as nozes, Peeta colhe uma grande quantidade delas e as frita atirando-as contra o campo de força. Ele remove

metodicamente a casca e empilha o conteúdo comestível em cima de uma folha. Monto guarda, inquieta e calorenta, e com os nervos à flor da pele em virtude das emoções do dia.

Com sede. Estou com muita sede. Finalmente, não consigo mais suportar.

– Finnick, por que você não monta guarda enquanto vou atrás de água? – digo. Ninguém se entusiasma muito com a ideia de eu sair sozinha, mas a ameaça da desidratação paira sobre nós.

– Não se preocupe, não vou me distanciar muito – prometo a Peeta.

– Eu também vou – diz ele.

– Não, vou ver se consigo caçar alguma coisa. – Eu não acrescento "E você não pode vir comigo porque faz muito barulho", mas está implícito. Ele iria não só espantar as presas, como também me colocar em perigo com seus passos pesados. – Não demoro.

Movimento-me sorrateiramente em meio às árvores, feliz por ver que o solo é bem propício a um caminhar sem ruído. Sigo por uma diagonal, mas não encontro nada além de mais vegetação densa.

O som do canhão faz com que eu pare. O banho de sangue na Cornucópia deve ter acabado. O número de tributos mortos está agora disponível. Conto os tiros, cada qual representando um vitorioso morto. Oito. Não tanto quanto no ano passado. Mas parece mais, já que eu conheço a maioria dos nomes.

Subitamente fraca, encosto numa árvore para descansar, sentindo o calor drenar a umidade do meu corpo como uma esponja. Fica difícil engolir e a fadiga está tomando conta de mim. Passo a mão pela barriga, na esperança de que alguma mulher solidária se torne minha patrocinadora e Haymitch possa assim enviar um pouco de água. Sem sorte. Desabo no chão.

Em minha imobilidade, começo a notar os animais: estranhos pássaros com uma plumagem brilhante, lagartixas de árvore com línguas azuis e alguma coisa que parece um cruzamento de ratazana com gambá, grudada aos galhos próximos ao tronco. Atiro em um desses últimos – que cai da árvore – para olhar mais detidamente.

É uma criatura feia de doer, um grande roedor com uma pelagem cinza e cheia de pontinhos pretos, além de dois caninos cruéis projetando-se do lábio inferior. Enquanto tiro sua pele e suas entranhas, reparo em outra coisa. Seu

focinho está molhado. Como o de um animal que acabou de beber água de um riacho. Empolgada, começo pela árvore onde ele estava e sigo lentamente numa espiral. A fonte de água da criatura não pode estar muito distante.

Nada. Não encontro nada. Nem uma única gota d'água. Por fim, sabendo que Peeta ficaria preocupado, volto para o acampamento, ainda com mais calor e mais frustrada do que nunca.

Assim que chego, vejo que os outros fizeram uma transformação no local. Mags e Finnick criaram uma espécie de tenda a partir das esteiras feitas de grama, aberta de um lado, mas com três paredes, piso e telhado. Mags também fez diversas tigelas, que Peeta encheu de nozes torradas. Seus rostos se voltam para mim, esperançosos, mas balanço a cabeça.

– Não. Nada de água. Mas deve ter em algum lugar por lá. Ele sabia onde – digo, estendendo o roedor para que todos pudessem ver. – Ele tinha acabado de beber água quando foi flechado por mim, mas não consegui achar a fonte. Eu juro, percorri todo o terreno num raio de trinta metros.

– A gente pode comê-lo? – pergunta Peeta.

– Não tenho certeza. Mas a carne não parece muito diferente da carne de esquilo. Ele tem que ser cozido... – Hesito enquanto penso em tentar acender uma fogueira ali sem nenhum auxílio. Mesmo que conseguisse, tem a questão da fumaça. Estamos tão juntos nessa arena que não há chance de escondê-la.

Peeta tem uma outra ideia. Ele pega um pedaço da carne do roedor, espeta-a num galho pontudo e a deixa cair no campo de força. Há um crepitar rápido e o galho voa de volta. O pedaço de carne está preto do lado de fora, mas bem cozido do lado de dentro. Damos a ele uma salva de palmas, mas paramos rapidamente ao lembrar onde estávamos.

O sol branco se põe no céu róseo enquanto nos reunimos na tenda. Ainda estou cautelosa em relação às nozes, mas Finnick diz que Mags as reconheceu de outros Jogos. Não me preocupei em perder tempo na estação de plantas comestíveis no treinamento porque isso não me deu trabalho algum no ano passado. Estou arrependida. Pois certamente encontraria por lá algumas das plantas desconhecidas que agora me cercam. E assim poderia aprender mais sobre o local para onde estava sendo enviada. Mags parece bem, entretanto, e ela está comendo as nozes há horas. Então pego uma e dou uma breve

mordida. Tem um sabor suave e levemente adocicado que me lembra castanha. Acho que está tudo bem. O roedor tem um sabor forte de carne de caça, mas é surpreendentemente suculento. Para falar a verdade, não é uma refeição ruim para a nossa primeira noite na arena. Se ao menos tivéssemos alguma coisa líquida para ajudar a comida a descer.

Finnick faz várias perguntas sobre o roedor, que decidimos chamar de rato de árvore. Em que altura ele estava, quanto tempo eu o observei antes de atirar, e o que ele estava fazendo. Não me lembro de o bicho estar fazendo alguma coisa em especial. Farejando atrás de insetos ou algo assim.

Temo a chegada da noite. Pelo menos a grama bem-tecida oferece alguma proteção contra quaisquer intrusos que possam vir rastejando furtivamente pelo solo da selva com o passar do tempo. Mas, pouco antes de o sol deslizar abaixo do horizonte, uma pálida lua aparece no céu, tornando as coisas ao redor razoavelmente visíveis. Nossa conversa sofre uma interrupção porque sabemos o que virá. Ficamos enfileirados na entrada da tenda e Peeta segura a minha mão.

O céu fica bem claro quando a insígnia da Capital aparece como se estivesse flutuando em pleno espaço. Enquanto escuto os acordes do hino, penso: *Vai ser mais difícil para Finnick e Mags*. Mas acontece que para mim também é bastante difícil. Ver os rostos dos oito tributos mortos projetados no céu.

O homem do Distrito 5, o que Finnick matou com seu tridente, é o primeiro a aparecer. Isso significa que todos os tributos de 1 a 4 estão vivos – os quatro Carreiristas, Beetee e Wiress e, é claro, Mags e Finnick. O homem do Distrito 5 é seguido pelo morfináceo do 6, Cecelia e Woof do 8, os dois do 9, a mulher do 10 e Seeder, do 11. A insígnia da Capital retorna com uma última melodia e em seguida o céu fica escuro, com exceção da lua.

Ninguém fala. Não posso fingir que conhecia bem qualquer um deles. Mas estou pensando naquelas três crianças agarradas a Cecelia quando ela foi levada. A delicadeza de Seeder comigo em nossa reunião. Até mesmo a imagem do morfináceo de olhos vítreos pintando flores amarelas em meu rosto me dá uma dor no coração. Todos mortos. Todos já no passado.

Não sei quanto tempo teríamos ficado sentados aqui se não fosse pela chegada do paraquedas prateado que desce em meio à vegetação para aterrissar

diante de nós. Ninguém vai pegá-lo.

– De quem vocês acham que é? – finalmente digo.

– Não dá para dizer – diz Finnick. – Por que não deixamos que Peeta fique com ele, já que ele morreu hoje?

Peeta desata a corda e aplaina o círculo de seda. No paraquedas encontra-se um pequeno objeto de metal que não sei o que é.

– O que é isso? – pergunto. Ninguém sabe. Nós o passamos de mão em mão, cada um examinando o objeto. É um tubo oco de metal, ligeiramente afunilado em uma das extremidades. Na outra extremidade um pequeno bocal curva-se para baixo. É vagamente familiar. A parte de uma bicicleta que poderia ter se soltado, uma haste de cortina, na verdade poderia ser qualquer coisa.

Peeta sopra em uma das extremidades para ver se faz algum barulho. Não faz. Finnick enfia seu dedo mindinho, tentando ver se é alguma arma. Inútil.

– Você consegue pescar com isso, Mags? – pergunto. Mags, que consegue pescar com praticamente tudo, balança a cabeça em negativa e resmunga.

Pego o objeto e o deslizo para frente e para trás na palma da mão. Como somos aliados, Haymitch deve estar trabalhando com os mentores do Distrito 4. A escolha dessa dádiva tem a mão dele. Isso significa que é algo valioso. Pode inclusive salvar vidas. Relembro o ano passado, quando eu queria tanto água, mas ele não mandava porque sabia que eu poderia encontrar se tentasse. As dádivas de Haymitch, ou a falta delas, carregam consigo mensagens de peso. Quase consigo ouvir a voz dele me dando uma bronca: *Use o seu cérebro, se é que possui um. O que é isso?*

Enxugo o suor dos olhos e estendo a dádiva ao luar. Movo-a para um lado e para o outro, vendo-a a partir dos mais diferentes ângulos, cobrindo partes dela e então revelando-as. Tentando fazer com que ela divulgue seus propósitos para mim. Finalmente, frustrada, enfio uma das extremidades na terra.

– Desisto. De repente se a gente se juntar a Beetee e a Wiress eles vão descobrir do que se trata essa coisa.

Eu me estico, pressionando meu rosto quente na esteira de grama, olhando a coisa com irritação. Peeta aperta um ponto tenso entre os meus ombros e me permito um momento de relaxamento. Imagino por que esse lugar não

refrescou nem um pouco agora que o sol já foi embora. Imagino o que estará acontecendo no meu distrito.

Prim. Minha mãe. Gale. Madge. Penso neles me assistindo de suas casas. Pelo menos espero que estejam em casa. Que não tenham sido presos por Thread. Que não tenham sido castigados como Cinna está sendo. Como Darius está sendo. Castigados por minha causa. Todos eles.

Começo a sentir saudades deles, do meu distrito, da minha floresta. Uma floresta decente com árvores robustas, cheia de comida e de presas que não são bizarras. Córregos e riachos. Brisas refrescantes. Não, ventos frios para soprar para longe esse calor sufocante. Invoco um vento assim em minha mente, permitindo que ele congele minhas bochechas e deixe meus dedos dormentes e, de imediato, o pedaço de metal parcialmente enterrado na terra preta adquire um nome.

– Uma cavilha! – exclamo, sentando-me com um salto.

– O quê? – pergunta Finnick.

Arranco o objeto do solo e o limpo. Tampo com a mão a extremidade afunilada e olho para o bocal. Sim, já vi uma coisa dessas antes. Num dia frio e ventoso muito tempo atrás quando estava na floresta com meu pai. Inserida profundamente num buraco feito na lateral de um bordo. Uma trilha para a seiva fluir em direção ao nosso balde. Xarope de bordo podia deixar até o nosso pão duro saboroso. Depois que meu pai morreu, não sei o que aconteceu com as várias cavilhas que ele tinha. Provavelmente estão escondidas em algum lugar da floresta, onde jamais serão encontradas.

– Isso aqui é uma cavilha. Funciona como uma torneira. Você coloca numa árvore e a seiva sai por ela. – Olho para os sinuosos troncos verdes ao meu redor. – Bom, tem que ser o tipo certo de árvore.

– Seiva? – pergunta Finnick. Eles também não têm o tipo certo de árvore no litoral.

– Para fazer xarope – diz Peeta. – Mas deve haver algo mais dentro dessas árvores.

Ficamos imediatamente de pé. Nossa sede. A falta de fontes de água. Os dentes afiados e o focinho molhado do rato de árvore. Só pode haver uma coisa

que valha a pena dentro desses troncos. Finnick se prepara para martelar a cavilha na casca verde da maciça árvore com uma pedra, mas eu o detenho.

– Espera aí. Você pode estragar a coisa. Primeiro a gente precisa fazer um buraco – digo.

Não há nada que possamos usar para fazer um buraco, de modo que Mags oferece seu furador e Peeta o insere profundamente no tronco, enterrando a broca uns cinco centímetros na árvore. Ele e Finnick se revezam abrindo o buraco com o furador e as facas até que ele possa acomodar a cavilha. Eu a encaixo cuidadosamente e todos nós ficamos parados à espera. A princípio, nada acontece. Então uma gota d'água escorre pelo bocal e aterrissa na mão de Mags. Ela lambe a mão e a estica em busca de mais.

Girando e ajustando a cavilha conseguimos uma fina corrente de água. Revezamos nossas bocas debaixo da torneira, molhando nossas línguas ressecadas. Mags traz uma cesta, e a grama está tão bem-tecida que retém a água. Enchemos a cesta e a passamos de mão em mão, dando profundos goles e, mais tarde, luxuriosamente, espirramos o líquido em nossos rostos sujos. Como tudo aqui, a água é quente, mas esse não é o momento de ser exigente.

Sem a sede para nos distrair, nos damos conta do quanto estamos exaustos e fazemos preparativos para a noite. No ano passado, eu sempre tentava deixar meu equipamento pronto caso precisasse fazer uma fuga rápida no meio da noite. Esse ano, não há mochila para ser preparada. Somente as minhas armas que, de qualquer maneira, não vão ficar longe de mim. Então, penso na cavilha e a retiro do tronco. Arranco uma trepadeira bem dura das folhas da árvore, enfio-a no centro oco do objeto e amarro a cavilha em meu cinto.

Finnick se oferece para ser o primeiro a montar guarda e eu concordo, ciente de que terá de ser um de nós dois até que Peeta tenha descansado o suficiente. Deito-me no chão da tenda ao lado de Peeta e peço a Finnick para me acordar quando estiver cansado. Em vez disso, sou arrancada de meu sono horas mais tarde pelo que parece ser o badalar de um sino. *Blém! Blém!* Não é exatamente como os que tocam no Edifício da Justiça no Ano-Novo, mas é razoavelmente semelhante para que eu o identifique. Peeta e Mags não são acordados por ele, mas Finnick está com o mesmo semblante atento que eu. As badaladas param.

– Contei doze – diz ele.

Concordo, balançando a cabeça. Doze. O que isso significa? Uma badalada para cada distrito? Talvez. Mas por quê?

– Deve significar alguma coisa. Você faz alguma ideia do quê?

– Nenhuma – diz ele.

Esperamos novas instruções, quem sabe uma mensagem de Claudius Templesmith. Um convite para um banquete. A única coisa digna de nota aparece ao longe. Uma rajada de eletricidade extremamente brilhante atinge uma árvore imensa e em seguida uma tempestade de raios surge no céu. Imagino que seja indicação de chuva, de uma fonte de água para aqueles que não possuem mentores tão espertos quanto Haymitch.

– Vá dormir, Finnick. Já está mesmo na minha vez de ficar de vigia – digo.

Finnick hesita, mas ninguém pode ficar acordado para sempre. Ele se coloca na entrada da tenda, uma das mãos agarrada ao tridente, e aos poucos cai num sono irrequieto.

Sento-me com a flecha engatada no arco, observando a selva, que está fantasmagoricamente pálida e verde ao luar. Depois de mais ou menos uma hora, os raios param. Mas ouço a chuva chegando, batendo nas folhas a algumas centenas de metros além. Fico esperando que ela nos alcance, mas isso nunca acontece.

O som de um canhão me deixa sobressaltada, embora não chame muito a atenção de meus companheiros adormecidos. Não há sentido em acordá-los por isso. Um outro vitorioso morto. Nem me dou o direito de imaginar quem deve ser.

A chuva imprecisa para subitamente, como ocorreu com a tempestade na arena do ano passado.

Momentos depois de parar, vejo a névoa deslizando suavemente do ponto onde o temporal acabara de ocorrer. *Apenas uma reação. Chuva fresca sobre o solo quente*, penso. Ela continua a se aproximar num ritmo constante. Os pequenos anéis espiralados avançando e em seguida se recurvando como dedos, dando a impressão de que estão puxando tudo atrás deles. À medida que observo, sinto os pelos do meu pescoço se eriçando. Há algo errado com essa

névoa. A progressão da linha de frente é uniforme demais para ser natural. E se não for natural...

Um odor doce e enjoativo começa a invadir minhas narinas e vou até os outros, gritando para que acordem.

Nos poucos segundos necessários para despertá-los, começo a sentir as queimaduras.



Diminutas pontadas que ardem bastante. Onde quer que as gotículas de neblina toquem a minha pele.

– Corram! – grito para os outros. – Corram!

Finnick acorda instantaneamente, levantando-se para enfrentar um inimigo. Mas quando vê a parede de névoa, joga uma ainda adormecida Mags nas costas e sai correndo. Peeta fica de pé, mas não tão alerta. Agarro o braço dele e começo a arrastá-lo na direção da selva atrás de Finnick.

– O que é isso? O que é isso? – diz ele, atônito.

– Algum tipo de névoa. Gás venenoso. Corra, Peeta! – insisto. Dá para dizer que, por mais que ele tenha negado durante o dia, os efeitos colaterais de ter sido atingido pelo campo de força foram significativos. Ele está lento, muito mais lento do que o habitual. E o emaranhado de trepadeiras e vegetação rasteira, que me desequilibra ocasionalmente, faz com que ele tropece a cada passo.

Volto os olhos para a parede de névoa que se estende numa linha reta até onde consigo enxergar e em todas as direções. Um terrível impulso de fugir, de abandonar Peeta e me salvar, toma conta de mim. Seria tão simples apenas sair correndo, talvez até subir numa árvore que esteja acima da linha da névoa, que parece atingir uns doze metros. Lembro de como fiz exatamente isso quando os bestantes apareceram nos últimos Jogos. Saí em disparada e só pensei em Peeta depois de ter alcançado a Cornucópia. Mas desta vez eu aprisiono o meu terror, empurro-o para baixo e permaneço ao lado de Peeta. Desta vez, a minha sobrevivência não é a meta. A de Peeta, sim. Penso nos olhos grudados nas telas

de TV nos distritos, vendo se vou fugir, como deseja a Capital, ou se vou manter a minha posição.

Seguro com firmeza a mão dele e digo:

– Preste atenção nos meus passos. Tente pisar apenas onde eu piso. – Isso ajuda. Parece que estamos nos movendo com mais rapidez, mas nunca o suficiente para uma parada para descanso, e a neblina continua em nossos calcanhares. Gotículas soltam-se do paredão vaporoso. Elas queimam, mas não como fogo. É menos uma sensação de calor e mais uma sensação de dor intensa à medida que o produto químico encosta em nossa pele, gruda-se a ela e penetra através de suas camadas. Nossos macacões não ajudam em nada. Poderíamos muito bem estar vestindo lenços de papel.

Finnick, que inicialmente saíra correndo a toda velocidade, para quando percebe que estamos com problemas. Mas isso não é algo contra o qual nós possamos lutar. A única coisa que podemos fazer é escapar. Ele grita palavras de estímulo, tentando nos incentivar a correr, e o som de sua voz nos serve de guia.

A perna artificial de Peeta agarra em um nó de plantas rasteiras e ele tomba antes que eu consiga segurá-lo. Enquanto o ajudo a se levantar, me dou conta de algo ainda mais assustador do que as bolhas e mais debilitante do que as queimaduras. O lado esquerdo do rosto dele está caído, como se todos os músculos ali estivessem mortos. A pálpebra está caída, quase escondendo seu olho. Sua boca se contorce num ângulo estranho em direção ao chão.

– Peeta... – começo. E é então que sinto os espasmos percorrendo o meu braço.

Seja lá que espécie de produto químico esteja contido na névoa, causa mais danos do que queimaduras – ele atinge nossos nervos. Uma espécie totalmente nova de medo toma conta de mim e empurro Peeta para frente, o que só faz com que ele caia novamente. Quando consigo colocá-lo de pé, meus dois braços já estão formigando descontroladamente. A névoa se aproximou de nós, sua densidade a menos de um metro de distância. Há algo errado com as pernas de Peeta; ele está tentando andar, mas elas se movem de um jeito espasmódico, semelhante ao de uma marionete.

Sinto-o avançando e percebo que Finnick voltou para nos ajudar e está içando Peeta. Encaixo o meu ombro, que ainda parece estar sob meu controle, embaixo do braço de Peeta e me esforço ao máximo para acompanhar as passadas rápidas de Finnick. Estamos a mais ou menos dez metros de distância da névoa quando Finnick para.

– Não está funcionando. Vou ter de carregá-lo. Você consegue levar a Mags? – ele me pergunta.

– Consigo – digo, resoluta, embora meu coração esteja quase na boca. É verdade que Mags não pode pesar mais do que trinta quilos, mas eu também não sou grande. Mesmo assim, tenho certeza de que já carreguei pesos maiores. Se ao menos meus braços parassem de tremer tanto. Agacho e ela se posiciona em cima de meu ombro, da mesma maneira que faz com Finnick. Lentamente, estico as pernas e, com os joelhos firmes, consigo levá-la. Finnick agora está com Peeta enganchado em suas costas e seguimos em frente, Finnick na dianteira, eu seguindo a trilha que ele está abrindo em meio às trepadeiras.

A névoa vem vindo, silenciosa, constante e firme, exceto pelos anéis que mais parecem garras. Embora meu instinto seja correr diretamente para longe dela, percebo que Finnick está se movendo numa diagonal montanha abaixo. Ele está tentando manter distância do gás enquanto nos faz contornar em direção à água que cerca a Cornucópia. Sim, água, penso, à medida que as gotículas ácidas penetram mais profundamente em minha pele. Agora estou muito grata a mim mesma por não ter matado Finnick, porque, do contrário, como teria tirado Peeta de lá com vida? Muito grata por ter mais alguém do meu lado, mesmo que seja apenas temporariamente.

Quando caio, não é por culpa de Mags. Ela está fazendo tudo o que pode para ser uma passageira fácil, mas a questão é que o peso está excessivo para mim. Principalmente agora que minha perna direita parece estar ficando rígida. Nas duas primeiras vezes que caio no chão, consigo voltar a me levantar, mas na terceira não consigo convencer minha perna a cooperar. Enquanto luto para me erguer, ela cede, e Mags rola para o chão antes de mim. Oscilo para um lado e para o outro, tentando usar trepadeiras e troncos para me equilibrar.

Finnick está novamente ao meu lado com Peeta nas costas.

– Não dá – digo. – Você consegue levar os dois? Vá na frente, já os alcanço. – Uma proposta um tanto quanto duvidosa, mas pronuncio as palavras com o máximo de certeza que consigo reunir.

Posso ver os olhos verdes de Finnick ao luar. Posso vê-los muito bem. Como se fossem olhos de gato, com uma estranha qualidade reflexiva. Talvez porque estejam brilhando devido às lágrimas.

– Não – diz ele. – Não consigo carregar os dois. Meus braços não estão funcionando. – É verdade. Os braços dele estão tremendo descontroladamente ao lado de seu corpo. Suas mãos estão vazias. Dos três tridentes, resta apenas um, e está nas mãos de Peeta. – Sinto muito, Mags, não vai dar.

O que acontece em seguida é tão rápido e sem sentido que não consigo nem mesmo me mexer para impedir. Mags se levanta, beija os lábios de Finnick e então cambaleia diretamente para a névoa. Imediatamente, seu corpo é tomado por contorções selvagens e ela cai no chão numa dança horrível.

Quero gritar, mas minha garganta está em fogo. Dou um inútil passo na direção dela quando escuto o estouro do canhão, e sei que o coração dela parou, sei que ela está morta.

– Finnick? – chamo, com a voz rouca, mas ele já está de costas para a cena, já está se afastando novamente da névoa. Arrastando minha perna inútil atrás dele, sigo-o aos tropeções, sem a menor ideia de que outra coisa poderia fazer.

O tempo e o espaço perdem o sentido à medida que a névoa parece invadir o meu cérebro, confundindo meus pensamentos, tornando tudo irreal. Algum desejo animal de sobrevivência muito bem-entranhado faz com que eu continue andando tropegamente atrás de Finnick e Peeta, que continue a me mover, embora provavelmente já esteja morta. Partes de mim estão mortas, ou visivelmente morrendo. E Mags está morta. Isso é algo que sei, ou talvez apenas ache que sei, porque não faz o menor sentido.

O luar resplandecendo nos cabelos cor de bronze de Finnick, dores agudas me atormentando, uma perna dura como madeira. Sigo Finnick até ele desabar no chão, Peeta ainda em cima dele. A inércia me impulsiona contra minha vontade para a frente e simplesmente arremesso a mim mesma até tropeçar nos corpos prostrados dos dois, apenas mais uma para a pilha. *Vamos todos morrer assim, aqui e agora*, penso. Mas o pensamento é abstrato e bem menos

alarmante do que as atuais agonias de meu corpo. Ouço Finnick gemer e se arrastar com dificuldade para longe de nós. Agora consigo ver a parede de névoa, que adquiriu uma tonalidade pérola. Talvez sejam meus olhos pregando peças em mim, ou o luar, mas parece que a névoa está se transformando. Sim, ela está se tornando mais espessa, como se tivesse sido pressionada contra uma janela de vidro e estivesse sendo forçada a se condensar. Estreito os olhos ainda mais e percebo que os dedos não estão mais proeminentes na superfície da névoa. Na realidade, ela parou completamente de avançar. Tal como outros horrores que testemunhei nesta arena, esse atingiu o fim de seu território. Ou isso, ou os Idealizadores dos Jogos decidiram não nos matar ainda.

– Parou – tento dizer, mas a única coisa que me escapa da boca inchada é um horrível som rouco. – Parou – digo novamente, e dessa vez devo ter sido mais clara porque não só Peeta como também Finnick se voltam para a névoa. Ela começa a subir, como se estivesse sendo lentamente aspirada em direção ao céu. Observamos até ela ser totalmente sugada e não sobrar mais nenhum resquício.

Peeta se afasta de Finnick, que se deita de costas. Ficamos lá jogados no chão, arquejando, nos contorcendo, nossas mentes e corpos invadidos pelo veneno. Depois de alguns minutos, Peeta faz um gesto vago para o alto.

– Ma-acos. – Olho para cima e avisto um par do que imagino serem macacos. Nunca vi um macaco vivo; não há nada parecido com isso em nossa floresta. Mas devo ter visto alguma foto, ou visto algum em um dos Jogos, porque assim que vejo as criaturas, a mesma palavra me vem à mente. Acho que esses possuem pelo laranja, embora seja difícil precisar, e têm mais ou menos a metade do tamanho de um ser humano adulto. Imagino que os macacos sejam um bom sinal. Certamente eles não ficariam zanzando por aí se o ar estivesse envenenado. Por um tempo, ficamos em silêncio, observando uns aos outros, humanos e macacos. Então Peeta faz um esforço para se colocar de joelhos e rasteja encosta abaixo. Todos nós rastejamos, já que caminhar agora parece uma atividade tão fantástica quanto voar; rastejamos até as trepadeiras darem lugar a uma estreita faixa de areia formando uma praia onde a água morna que cerca a Cornucópia bate em nossos rostos. Afasto-me como se tivesse sido tocada por uma chama.

Esfregar sal na ferida. Pela primeira vez compreendo a expressão de verdade, porque o sal na água torna a dor em meus ferimentos tão insuportável que quase desmaio. Mas há uma outra sensação, de algo sendo drenado. Experimento, colocando cautelosamente apenas a minha mão na água. Torturante, sim, mas cada vez menos. E através da camada azul da água vejo uma substância leitosa sendo expelida dos ferimentos de minha pele. À medida que a brancura diminui, também a dor diminui. Tiro o cinto e o macacão, que não passa de um trapo cheio de furos. Meus sapatos e minha roupa de baixo estão inexplicavelmente intactos. Pouco a pouco, uma pequena parte de cada membro por vez, molho os ferimentos e removo o veneno. Peeta parece estar fazendo a mesma coisa. Mas Finnick se afastou da água ao primeiro contato e permanece deitado de bruços na areia, sem vontade ou sem capacidade de purgar suas próprias feridas.

Finalmente, após sobreviver ao pior, abrindo os olhos debaixo d'água, esfregando-a nas narinas e permitindo que lave o interior do nariz, e inclusive gargarejando repetidamente para limpar a garganta, estou suficientemente apta a ajudar Finnick. Alguma sensação voltou à minha perna, mas meus braços ainda estão acometidos por espasmos. Não consigo arrastar Finnick para a água, e possivelmente a dor o mataria, de qualquer modo. Então encho de água as minhas mãos trêmulas e despejo em cima dos punhos dele. Como ele não está submerso, o veneno sai de seus ferimentos da mesma maneira que entrou: em filetes de névoa que tomo grande cuidado para não tocar. Peeta está suficientemente recuperado para me ajudar. Ele corta o macacão de Finnick. Em algum lugar encontra duas conchas que funcionam muito melhor do que nossas mãos. Escolhemos molhar primeiro os braços de Finnick, já que estão em estado tão lastimável, e embora uma grande quantidade de substância branca saia deles, ele não nota. Finnick permanece deitado, olhos fechados, vez por outra deixando escapar um gemido.

Dou uma olhada ao redor com uma certeza cada vez maior do quanto a nossa posição aqui é perigosa. É noite, verdade, mas essa lua ilumina demais para garantir algum esconderijo. Temos sorte por ninguém haver nos atacado até agora. Podíamos vê-los vindo da Cornucópia, mas se todos os quatro Carreiristas atacassem, seríamos sobrepujados por eles. Se eles não nos

avistassem de início, os gemidos de Finnick entregariam nossa posição em pouco tempo.

– A gente precisa botá-lo mais em contato com a água – sussurro. Mas não podemos mergulhá-lo logo de cabeça, não enquanto ele estiver nessas condições. Peeta indica com a cabeça os pés de Finnick. Pego um e ele pega o outro, puxamos seu corpo num giro de cento e oitenta graus e começamos a arrastá-lo para a água salgada. Só alguns centímetros de cada vez. Seus tornozelos. Esperamos alguns minutos. Até o meio da panturrilha. Esperamos. Seus joelhos. Nuvenzinhas brancas rodopiam de seu corpo e ele dá um grunhido. Continuamos a desintoxicá-lo pouco a pouco. Descubro que quanto mais tempo fico sentada na água, melhor me sinto. Não apenas a minha pele, mas meu cérebro e meu controle muscular continuam melhorando. Vejo o rosto de Peeta começando a voltar ao normal, sua pálpebra se abrindo, a careta abandonando sua boca.

Finnick vai se reanimando aos poucos. Seus olhos se abrem, fixam-se em nós e demonstram que ele está ciente de estar sendo ajudado. Descanso a cabeça dele em meu colo e imergimos todo o seu corpo, do pescoço para baixo, por mais ou menos dez minutos. Peeta e eu trocamos um sorriso quando Finnick levanta os braços acima da água salgada.

– Só falta a sua cabeça, Finnick. Essa é a pior parte, mas depois você vai se sentir bem melhor se conseguir aguentar – diz Peeta. Nós o ajudamos a se sentar e oferecemos nossas mãos para ele apertar enquanto molha os olhos, o nariz e a boca. Sua garganta ainda está irritada demais para que ele possa falar.

– Vou tentar tirar água de uma árvore – digo. Meus dedos remexem o cinto e encontram a cavilha ainda pendurada pelas trepadeiras.

– Deixa primeiro eu fazer o buraco – diz Peeta. – Você fica com ele. Você é a que cura.

Isso é uma piada, penso. Mas não digo em voz alta, tendo em vista que Finnick já tem muito com que se preocupar. Ele foi o mais afetado pela névoa, embora eu não saiba ao certo o porquê. Talvez porque ele seja o maior ou talvez por ter feito mais esforço. E também, é claro, tem Mags. Ainda não entendo o que foi que aconteceu lá. Por que será que ele simplesmente a abandonou para carregar Peeta? Por que será que ela não apenas não

questionou a atitude, como inclusive correu diretamente para a morte sem um segundo sequer de hesitação? Será que foi porque ela era velha demais e seus dias estavam contados, de qualquer maneira? Será que eles achavam que Finnick tinha mais chances de vencer se tivesse Peeta e eu como aliados? O olhar devastado de Finnick me diz que agora não é o momento de perguntar.

Em vez disso, tento me recompor. Resgato meu broche com o tordo do macacão arruinado e prendo-o na alça da camiseta. O cinto de flutuação deve ser resistente a ácido, já que parece novinho em folha. Sei nadar, portanto o cinto de flutuação não é de fato necessário, mas Brutus bloqueou a minha flecha com ele, de modo que eu o recoloco pensando que talvez possa vir a me oferecer alguma proteção. Desfaço a trança de meus cabelos e os penteio com os dedos, perdendo vários fios, já que as gotículas de névoa fizeram um estrago e tanto. Em seguida, refaço a trança com o que restou.

Peeta encontrou uma boa árvore a mais ou menos dez metros de distância da estreita faixa de areia. Nós mal conseguimos vê-lo, mas o som de faca contra o tronco de madeira é evidente. Imagino o que terá acontecido com o furador. Ou Mags o deixou cair ou foi com ele em direção à névoa. De uma forma ou de outra, o objeto não existe mais.

Entrei um pouco mais no banco de areia, flutuando ora de costas, ora de bruços. Se a água salgada curou Peeta e eu, parece que ela está operando uma completa transformação em Finnick. Ele começa a se mexer lentamente, testando primeiro os membros, e gradativamente começa a nadar. Mas não da maneira como estou nadando, com braçadas ritmadas e constantes. É como assistir a algum estranho animal voltando à vida. Ele mergulha e volta à tona, espirrando água pela boca, rola seguidamente no que parece um bizarro movimento de chave de fenda que me deixa tonta só de olhar. E então, quando fica submerso por tanto tempo que tenho certeza de que se afogou, sua cabeça surge bem ao meu lado e me assusto.

– Não faz isso – digo.

– O quê? Voltar à tona ou submergir?

– As duas coisas. Nenhuma das duas. Pouco importa. Fique aí direitinho debaixo d'água e comporte-se. Ou então, se você está se sentindo assim tão bem, vamos lá ajudar o Peeta.

No breve instante necessário para atravessar a borda da selva percebo a mudança. Pode-se creditar isso aos anos que passei caçando, ou então talvez o meu ouvido reconstruído funcione um pouco melhor do que era de se esperar. O que importa é que estou sentindo a massa de corpos vivos suspensos acima de nós. Eles não precisam falar ou gritar. A mera respiração de tantos seres já é o suficiente.

Toco o braço de Finnick e ele segue o meu olhar em direção ao alto. Não sei como eles chegaram tão silenciosamente. Talvez não tenham chegado. Estávamos absortos demais cuidando de nossos corpos. Durante esse tempo, eles se reuniram. Não cinco ou dez, mas dezenas de macacos estão pendurados nos galhos das árvores da selva. O par que avistamos assim que nos livramos da névoa podia muito bem ser um comitê de boas-vindas. Este grupo aqui parece ameaçador.

Armo o meu arco com duas flechas e Finnick ajusta o tridente na mão.

– Peeta – digo com o máximo de calma possível. – Vou precisar que você me ajude com uma coisa aqui.

– Tudo bem, só um minutinho. Acho que acabei de conseguir – diz ele, ainda ocupado com a árvore. – Prontinho. Você pegou a cavilha?

– Peguei. Mas a gente achou uma coisa que é melhor você dar uma olhada – continuo, dosando a voz. – Só que você vai ter de se mover silenciosamente para não assustá-los. – Por algum motivo, não quero que ele note os macacos, ou mesmo olhe na direção deles. Há criaturas que interpretam uma mera troca de olhares como agressão.

Peeta se volta para nós, arfando devido ao trabalho na árvore. O tom da minha solicitação é tão esquisito que o alerta para alguma eventual irregularidade.

– Tudo bem – diz ele, casualmente. Ele começa a se mover em meio à selva e, embora eu saiba que está tentando ao máximo não fazer barulho, esse nunca foi o seu ponto forte, mesmo quando tinha duas pernas. Mas não tem problema, ele está se movendo, os macacos estão mantendo suas posições. Quando chega a apenas cinco metros da praia, Peeta percebe a presença deles. Ele olha para cima por um segundo apenas, mas é como se tivesse detonado

uma bomba. Os macacos explodem numa massa histérica de pelos laranja convergindo sobre ele.

Nunca vi um animal se mover com tanta rapidez. Eles deslizam pelas trepadeiras como se estivessem besuntadas. Dão saltos impossíveis entre uma árvore e outra. Dentes à mostra, pelos eriçados, garras proeminentes, afiadas como lâminas. Posso até não ter muita familiaridade com macacos, mas animais não se comportam assim no mundo natural.

– *Bestantes!* – grito assim que Finnick e eu nos jogamos na folhagem.

Sei que cada flechada precisa valer a pena. E vale. Na luminosidade fantasmagórica, vou derrubando um macaco atrás do outro, mirando olhos, corações e pescoços de modo que cada flecha signifique uma morte. Mas ainda assim, isso não seria suficiente sem que Finnick espetasse os animais como se fossem peixes, jogando-os para o lado e Peeta destroçando-os com sua faca. Sinto garras em minha perna, em minhas costas, antes que qualquer um deles tenha tempo de acertar o agressor. O ar fica pesado com as plantas pisoteadas, o odor de sangue e o fedor rançoso dos macacos. Peeta, Finnick e eu nos posicionamos em um triângulo separados por alguns metros e de costas uns para os outros. Meu coração acelera quando meus dedos pegam a última flecha. Então, lembro que Peeta também está com uma aljava. E não está atirando, está usando apenas a faca. Tiro a minha própria faca, mas os macacos são mais rápidos, conseguem se desviar para um lado e para o outro em tal velocidade que é praticamente impossível reagir.

– Peeta! – grito. – As suas flechas.

Peeta se vira para testemunhar o meu aperto e está pegando a aljava quando a coisa acontece. Um macaco salta de uma árvore para acertar o peito dele. Estou sem flecha, não tenho como atirar. Escuto o barulho do tridente de Finnick encontrando um outro alvo e sei que sua arma está ocupada. O braço de Peeta fica inoperante no momento em que tenta retirar a aljava com as flechas. Jogo a minha faca no bestante que se aproxima mas a criatura dá um salto mortal, desviando-se da lâmina e mantendo sua trajetória.

Sem arma, indefesa, faço a única coisa que me passa pela cabeça naquele instante. Correr até Peeta e derrubá-lo no chão para proteger o corpo dele com o meu, embora saiba que não conseguirei fazer isso a tempo.

Ela entretanto, consegue. Materializando-se, ao que parece, do nada. Num determinado momento em lugar nenhum, no outro, girando na frente de Peeta. Já ensanguentada, a boca aberta num grito agudo, as pupilas tão dilatadas que seus olhos mais parecem buracos negros.

A insana morfinácea do Distrito 6 abre seus braços esqueléticos como se fosse abraçar o macaco, e o bicho enterra os dentes em seu peito.



Peeta solta a aljava e enterra a faca nas costas do macaco, apunhalando-o seguidamente até a fera parar de mordê-la. Ele chuta o bestante para longe, preparando-se para mais um embate. Agora estou com as flechas dele, o arco preparado e Finnick atrás de mim respirando com força, mas não engajado ativamente na luta.

– Podem vir! Podem vir! – grita Peeta, arfando de tanta raiva. Mas alguma coisa aconteceu com os macacos. Eles estão se retirando, voltando para a árvore, desaparecendo na selva, como se alguma voz oculta os estivesse convocando. A voz de um Idealizador dos Jogos dizendo a eles que já é o suficiente.

– Pega ela – digo a Peeta. – Vamos dar cobertura.

Peeta ergue cuidadosamente a morfinácea e a carrega para a praia enquanto Finnick e eu mantemos nossas armas prontas. Mas, com exceção das carcaças laranja no chão, não há mais nenhum macaco por perto. Peeta deita a morfinácea na areia. Corto o material que cobre o peito dela, deixando à mostra os quatro ferimentos profundos. O sangue escorre lentamente, fazendo com que pareçam muito menos mortíferos do que são. O verdadeiro estrago é interno. Pela posição dos cortes, tenho certeza de que a fera rompeu algum órgão vital, um pulmão, quem sabe até o coração.

Ela fica deitada na areia, arquejando como um peixe fora d'água. Pele frouxa, doentiamente esverdeada, costelas tão proeminentes quanto as de uma criança morta por inanição. Certamente ela tinha condições financeiras para se alimentar adequadamente, mas viciou-se em morfináceos da mesma maneira

que Haymitch viciou-se em álcool, imagino. Tudo nela indica desperdício – seu corpo, sua vida, o olhar vago. Seguro uma de suas mãos trêmulas sem saber ao certo se elas se mexem devido ao veneno que afetou nosso sistema nervoso, ao choque do ataque ou à abstinência das drogas que a sustentavam. Não há nada que possamos fazer. Nada a não ser ficar ao seu lado enquanto ela morre.

– Vou vigiar as árvores – diz Finnick antes de se afastar. Eu também gostaria de me afastar, mas ela aperta a minha mão com tanta força que seria obrigada a usar de uma certa brutalidade para abrir seus dedos, e não tenho coragem para esse tipo de crueldade. Penso em Rue, em como talvez eu pudesse cantar uma música ou algo assim. Mas nem sei o nome da morfinácea, muito menos se ela gosta de música. Só sei que ela está morrendo.

Peeta se agacha do outro lado e acaricia seus cabelos. Quando ele começa a falar numa voz suave suas palavras me soam estranhas, mas não são para mim:

– Com as minhas tintas lá em casa eu consigo fazer qualquer cor imaginável. Rosa. Claro como a pele de um bebê. Ou forte como um ruibarbo. Verde como a grama da primavera. Azul brilhante como gelo na água.

A morfinácea olha fixamente para Peeta, atenta a suas palavras.

– Uma vez passei três dias misturando tintas até encontrar o tom certo para a luz do sol batendo numa pelagem branca. Na verdade, eu não parava de pensar que se tratava de amarelo, mas era muito mais do que isso. Camadas de todos os tipos de cor. Uma após a outra – diz Peeta.

A respiração da morfinácea está perdendo ritmo e se transformando em arquejos superficiais. Sua mão livre toca o sangue em seu peito, fazendo os pequenos movimentos giratórios com os quais ela tanto amava pintar.

– Ainda não sei como fazer um arco-íris. Eles aparecem muito subitamente e somem logo. Nunca tenho tempo suficiente para capturar as suas cores. Só um pouquinho de azul aqui um pouquinho de púrpura ali. E aí tudo desaparece novamente. De volta ao ar – diz Peeta.

A morfinácea parece hipnotizada pelas palavras de Peeta. Em transe. Ela levanta uma mão trêmula e pinta no rosto de Peeta o que penso ser talvez uma flor.

– Obrigado – sussurra ele. – É lindo.

Por um momento, o rosto da morfinácea se ilumina num sorriso e ela emite um som agudo. Então ela respira pela última vez e o canhão dispara. O aperto em minha mão se desfaz.

Peeta a leva para a água. Ele volta e se senta ao meu lado. A morfinácea flutua na direção da Cornucópia por um tempo e então um aerodeslizador aparece e uma garra com quatro dentes desce, a envolve e a carrega pela noite escura. Ela se vai.

Finnick se junta a nós, as mãos cheias de flechas ainda molhadas com sangue dos macacos. Ele as solta ao meu lado na areia.

– Pensei que talvez você pudesse querer isso aqui.

– Obrigada – digo. Entro na água e lavo os resquícios nojentos dos animais, não só das armas como também de meus ferimentos. Quando volto para a selva para pegar um pouco de musgo para secá-las, todos os corpos dos macacos já desapareceram.

– Para onde eles foram? – pergunto.

– A gente não sabe exatamente. As trepadeiras se mexeram e eles sumiram – diz Finnick.

Olhamos para a selva, entorpecidos e exaustos. Em meio ao silêncio, reparo que os pontos onde as gotículas de névoa tocaram em minha pele secaram. Eles pararam de doer e começaram a coçar. Intensamente. Tento pensar nisso como um bom sinal. Que estão sarando. Olho de relance para Peeta, para Finnick e vejo que ambos estão coçando seus rostos machucados. Sim, até mesmo a beleza de Finnick foi maculada pelo que aconteceu na noite de hoje.

– Não cocem – digo, louca para coçar também. Mas sei que esse é o conselho que minha mãe daria. – Vocês só vão causar uma infecção. Acham que é seguro fazer uma nova tentativa de conseguir água?

Voltamos à árvore que Peeta estava martelando. Finnick e eu ficamos com nossas armas a postos enquanto ele enfia a cavilha, mas nenhuma ameaça aparece. Peeta descobriu um bom veio, e a água começa a jorrar pela cavilha. Matamos nossa sede e deixamos a água cair sobre nossos corpos irritados pela coceira. Enchemos um punhado de conchas com água potável e voltamos para a praia.

Ainda é noite, embora a manhã já não esteja muito distante. A menos que os Idealizadores dos Jogos queiram que esteja.

– Por que vocês dois não descansam um pouco? – digo. – Eu vigio por um tempo.

– Não, Katniss, prefiro que eu mesmo faça isso – diz Finnick. Olho bem nos olhos dele, em seu rosto, e percebo que ele mal consegue conter as lágrimas. Mags. O mínimo que posso fazer é dar a privacidade necessária para que ele chore a ausência da amiga.

– Tudo bem, Finnick, obrigada – digo. Eu me deito na areia com Peeta, que adormece de imediato. Olho a noite, pensando na diferença que faz um dia. Como ontem de manhã Finnick estava na minha lista de morte e agora estou disposta a dormir tendo-o como meu guardião. Ele salvou Peeta e deixou Mags morrer não sei por quê. Só sei que jamais conseguirei pagar a dívida que tenho com ele. Tudo o que posso fazer no momento é dormir e deixar que ele sofra sua perda em paz. E é o que faço.

Estamos no meio da manhã quando abro os olhos novamente. Peeta ainda está ao meu lado. Acima de nós, uma esteira de grama suspensa sobre galhos protege nossos rostos do sol. Sento-me e vejo que as mãos de Finnick não ficaram paradas. Duas tigelas tecidas a partir de grama estão cheias de água fresca. Uma terceira contém diversos crustáceos.

Finnick está sentado na areia, abrindo-os com uma pedra.

– Eles são mais gostosos frescos – diz ele, arrancando um naco de carne de uma concha e enfiando-o na boca. Seus olhos ainda estão inchados, mas finjo não notar.

Meu estômago começa a se manifestar com o cheiro da comida e me aproximo para pegar um pouco. A visão das minhas unhas empapadas de sangue me detém. Fiquei coçando a pele até sair sangue, enquanto dormia.

– Sabe que se você ficar coçando pode dar uma infecção? – diz Finnick.

– Foi o que ouvi falar – respondo. Vou até a água salgada e lavo o sangue, tentando decidir o que eu odeio mais, a dor ou a coceira. De saco cheio, volto correndo para a praia, viro o rosto para cima e exclamo: – Ei, Haymitch, se você não estiver bêbado demais, uma coisinha qualquer para nossa pele até que não seria ruim.

A rapidez com a qual o paraquedas aparece acima de mim chega a ser até engraçada. Eu me aproximo e o tubo aterrissa bem em cima da minha mão aberta.

– Já era tempo – digo, mas não consigo manter a carranca. Haymitch. O que eu não daria para ter cinco minutos de conversa com ele.

Desabo na areia perto de Finnick e tiro a tampa do tubo. Lá dentro tem um unguento escuro e viscoso com um cheiro forte, uma combinação de alcatrão e agulhas de pinheiro. Torço o nariz, passo uma gota do medicamento na palma da mão e começo a massagear a perna. Um som de prazer escapa da minha boca à medida que a mistura acaba com a coceira. Ele também faz com que minha pele cheia de feridas adquira uma tenebrosa coloração esverdeada. Enquanto começo a passar o creme na outra perna, jogo o tubo para Finnick, que olha para mim cheio de desconfiança.

– É como se você estivesse entrando em decomposição – diz Finnick. Mas acho que a coceira fala mais alto, porque depois de um minuto Finnick também começa a tratar de sua pele. Ele estava certo, a combinação das feridas com o unguento é visualmente horrível. Não consigo deixar de me divertir com a inquietação dele.

– Pobre Finnick. Por acaso, essa é a primeira vez na vida que você não está com a aparência bonitinha? – digo.

– Deve ser. A sensação é completamente nova. Como foi que você conseguiu lidar com isso ao longo de todos esses anos? – pergunta ele.

– Simplesmente evitando espelhos. Com o tempo você acaba esquecendo.

Nós nos esfregamos de cima a baixo, às vezes até nos revezando em passar o unguento nas costas um do outro nas partes onde a camiseta não protege a pele.

– Vou acordar o Peeta – digo.

– Não, espere – diz Finnick. – Vamos fazer isso juntos. Vamos botar as nossas cabeças juntas na frente dele.

Bom, há tão poucas oportunidades para brincadeiras na minha vida que concordo. Nós nos posicionamos um de cada lado de Peeta, nos curvamos até que nossos rostos estejam a centímetros do nariz dele, e o sacudimos.

– Peeta. Peeta, acorda – digo numa voz suave e cantada.

As pálpebras dele se mexem e então ele dá um salto como se tivesse acabado de ser esfaqueado.

– Ah!

Finnick e eu caímos para trás na areia, rindo até não poder mais. Todas as vezes que tentamos parar, vemos a tentativa que Peeta faz para manter uma expressão desdenhosa e a vontade de rir reaparece. Quando conseguimos nos recompor, começo a pensar que talvez Finnick Odair seja uma pessoa legal, afinal de contas. Pelo menos não tão frívolo ou metido como havia imaginado. Nem um pouco desagradável, para ser sincera. E no momento exato em que estou tirando essa conclusão, um paraquedas aterrissa perto de nós com um pão recém-saído do forno. Lembrando como no ano passado as dádivas de Haymitch eram normalmente programadas para mandar uma mensagem, dou um recado a mim mesma. *Faça amizade com Finnick. Você vai conseguir comida*.

Finnick gira o pão em suas mãos, examinando a casca. Um pouco possessivo demais. Não há necessidade disso. Ele possui aquela tonalidade esverdeada das algas marinhas que os pães do Distrito 4 sempre possuem. Todos nós sabemos que o pão pertence a ele. Talvez ele tenha acabado de perceber o quanto é precioso, e que talvez jamais tenha outra oportunidade de ver um pão como aquele em sua vida. Talvez alguma lembrança de Mags esteja associada à casca. Mas ele só diz o seguinte:

– Isso aqui vai cair muito bem com os crustáceos.

Enquanto ajudo Peeta a cobrir a pele com o unguento, Finnick limpa habilidosamente a carne dos crustáceos. Nos reunimos e comemos a deliciosa carne com o pão salgado do Distrito 4.

Estamos parecendo monstros – o unguento faz com que algumas feridas descasquem –, mas fico contente pelo medicamento. Não apenas porque ele fornece alívio contra a coceira, mas também porque age como proteção contra o fortíssimo sol branco no céu cor-de-rosa. Pela posição, estimo que devam ser mais ou menos dez da manhã, que estamos na arena há mais ou menos um dia. Onze de nós estão mortos. Treze vivos. Em algum lugar da selva, dez estão escondidos. Três ou quatro deles são Carreiristas. Eu, para falar a verdade, não sinto muita vontade de tentar lembrar quem são os outros.

Para mim, a selva evoluiu rapidamente de um local de proteção para uma sinistra armadilha. Sei que em algum ponto seremos forçados a entrar novamente em seus domínios, ou para caçar ou para sermos caçados, mas no presente momento estou planejando ficar bem aqui em nossa pequena praia. E não ouço Peeta ou Finnick sugerindo que façamos o contrário. Por um tempo, a selva parece quase estática, zunindo, fervilhando, mas não exibindo seus perigos. Então, ao longe, ouve-se o grito. Na margem oposta à nossa, uma parte da selva começa a vibrar. Uma enorme onda surge bem no alto da montanha, acima das árvores, rugindo encosta abaixo. Ela atinge a água do mar com tamanha força que, embora estejamos bem distantes dela, a onda chega até nossos joelhos fazendo com que tudo ao nosso redor flutue na água. Nós três conseguimos recolher as coisas, sem deixar que nada seja levado pela onda, com exceção de nossos macacões saturados de produtos químicos, tão estragados que ninguém se importa de perdê-los.

Um canhão soa. Vemos o aerodeslizador aparecer sobre a área onde a onda começou e pegar um corpo do meio das árvores. *Doze*, penso.

O círculo de água lentamente se acalma, após absorver a gigantesca onda. Arrumamos novamente as nossas coisas na areia molhada e estamos a ponto de nos sentar quando eu os vejo. Três figuras, a mais ou menos dois raios de distância, adentrando a praia tropegamente.

– Olhem lá – digo baixinho, indicando com a cabeça a direção de onde vêm os recém-chegados. Peeta e Finnick seguem o meu olhar. Como se tivéssemos combinado antes, nós três nos escondemos nas sombras da selva.

O trio está em péssimo estado – dá para ver de imediato. Um está praticamente sendo arrastado por um segundo, e o terceiro vaga em círculos, como se estivesse fora de si. Estão com uma cor de tijolo bem intensa, como se houvessem sido mergulhados em tinta e depois deixados para secar.

– Quem são? – pergunta Peeta. – Ou o que são? Bestantes?

Pego uma flecha, preparando-me para o ataque. Mas a única coisa que acontece é que aquele que estava sendo arrastado desaba na praia. O que estava arrastando bate os pés, frustrado, e, num aparente ataque de fúria, se vira e dá um empurrão no que vagava.

O rosto de Finnick se ilumina.

– Johanna! – chama ele, e corre atrás dos seres avermelhados.

– Finnick! – ouço a voz de Johanna responder.

Troco olhares com Peeta.

– E agora? – pergunto.

– A gente não pode abandonar o Finnick – diz ele.

– Imagino que não. Vamos lá, então – digo, irritada, porque mesmo que tivesse elaborado uma lista de aliados, Johanna Mason definitivamente não figuraria nela. Seguimos pela praia até o local onde Finnick e Johanna acabaram de se encontrar. À medida que nos aproximamos, vejo quem são os companheiros dela e sou tomada pela confusão. É Beetee, de costas no chão, e Wiress, que se levanta e volta a vagar em círculos.

– Ela está com Wiress e Beetee.

– Pancada e Faísca? – diz Peeta, igualmente confuso. – Preciso descobrir como isso aconteceu.

Quando os alcançamos, Johanna está fazendo um gesto na direção da selva e falando apressadamente com Finnick:

– A gente pensou que se tratava de chuva, por causa do relâmpago, e estava todo mundo morrendo de sede. Mas quando ela começou a cair, a gente viu que na verdade era sangue. Sangue espesso e quente. Não dava para enxergar nada, não dava nem para abrir a boca sem correr o risco de acabar engolindo um pouco. A gente simplesmente veio cambaleando de um lado pro outro, tentando sair de lá. Foi quando Blight atingiu o campo de força.

– Sinto muito, Johanna – diz Finnick. Demoro um instante para me recordar de Blight. Acho que ele era o companheiro masculino de Johanna, os dois do Distrito 7, mas quase não me lembro de tê-lo visto. Por falar nisso, acho que ele nem apareceu para treinar.

– Tudo bem. Bom, ele não era grande coisa, mas era do meu distrito – diz ela. – E me deixou sozinha com esses dois. – Com o sapato ela cutuca Beetee, que está praticamente inconsciente. – Ele estava com uma faca nas costas na Cornucópia. E ela...

Olhamos na direção de Wiress, que gira sem parar, coberta de sangue seco, e murmura:

– Tique-taque, tique-taque.

– É isso aí, a gente sabe. Tique-taque. Pancada está em estado de choque.

Isso parece atrair Wiress para Johanna. Ela se volta na direção de Johanna, que a empurra duramente para a praia.

– Fique aí quietinha, certo?

– Deixe-a em paz – rebato.

Johanna estreita seus olhos castanhos para mim com ódio.

– Deixá-la em paz? – sibila. Ela avança um passo antes que eu possa reagir e me dá um tapa com tanta força que vejo estrelas. – Quem você pensa que os tirou daquela selva de sangue para você? Sua... – Finnick pega Johanna, que não para de se debater, coloca-a no ombro e a carrega até a água. Ele a molha repetidamente enquanto ela berra um monte de coisas realmente ofensivas para mim. Mas eu não reajo. Porque ela está com Finnick e porque ela disse que os tirou de lá para mim.

– Como assim? Ela os tirou de lá para mim? – pergunto a Peeta.

– Não sei. No começo, você queria ficar com eles – lembra ele.

– É verdade, eu quis. No começo. – Mas isso não responde nada. Olho para o corpo inerte de Beetee. – Mas eles não vão ficar muito tempo comigo se a gente não fizer alguma coisa.

Peeta carrega Beetee, eu pego Wiress pela mão e voltamos para nosso pequeno acampamento na praia. Sento Wiress no banco de areia para que ela se lave um pouco, mas ela apenas esfrega as mãos uma na outra e vez por outra murmura:

– Tique-taque.

Tiro o cinto de Beetee e encontro um pesado cilindro de metal preso ao lado por uma corda feita com trepadeiras. Não sei dizer do que se trata, mas se ele achava que valia a pena guardar, não sou eu quem vai jogar fora. Atiro o objeto na areia. As roupas de Beetee estão empapadas de sangue e coladas no corpo dele, de modo que Peeta o segura na água enquanto eu as tiro. Leva algum tempo para remover o macacão, e então descobrimos que a roupa de baixo dele também está encharcada de sangue. Não há alternativa a não ser despi-lo para que possamos limpá-lo, mas sou obrigada a dizer que isso não me impressiona mais. Esse ano a mesa de nossa cozinha tem estado cheia de homens nus. Você meio que se acostuma depois de um certo tempo.

Abrimos a esteira de Finnick e deitamos Beetee de bruços para podermos examinar suas costas. Tem um corte com mais ou menos doze centímetros de comprimento que vai do ombro às costelas. Felizmente, não é muito profundo. Mas além de ele ter perdido muito sangue – dá para ver pela palidez da pele –, os ferimentos continuam sangrando.

Sento nos calcanhares, tentando pensar. O que tenho para usar? Água do mar? Sinto-me como a minha mãe, tendo apenas a neve como recurso para qualquer tratamento. Olho na direção da selva. Aposto que existe uma farmácia completa ali. Se ao menos soubesse como usá-la. Mas essas não são as minhas plantas. Então, penso no musgo que Mags me deu para assoar o nariz.

– Já volto – digo a Peeta.

Felizmente, a coisa parece ser bastante comum na selva. Arranco um punhado das árvores próximas e volto para a praia. Faço um chumaço espesso com o musgo, coloco-o em cima do corte de Beetee e o prendo, atando trepadeiras ao redor do corpo dele. Despejamos um pouco d'água em cima dele, e em seguida o puxamos para a sombra no limite da selva.

– Acho que isso é o máximo que a gente pode fazer – digo.

– Está bom. Você é muito boa nesse negócio de curar – diz ele. – Está no seu sangue.

– Não – digo, sacudindo a cabeça. – Tenho o sangue do meu pai. – O tipo que acelera durante uma caçada, não durante uma epidemia. – Vou ver como está a Wiress.

Pego um punhado de musgo para utilizar como atadura e me junto a Wiress no banco de areia. Ela não resiste quando lhe tiro a roupa e esfrego sua pele para remover o sangue. Mas seus olhos estão dilatados de medo e, quando falo, ela não responde, exceto para dizer com uma urgência cada vez maior:

– Tique-taque.

Ela parece estar tentando me dizer alguma coisa, mas sem Beetee para explicar seus pensamentos, fico perdida.

– É isso aí. Tique-taque – digo. Isso parece acalmá-la um pouco. Lavo o macacão dela até que praticamente não haja mais nenhum traço de sangue e a ajudo a vesti-lo novamente. Ele não está estragado como os nossos. O cinto

dela está bom, de modo que também o recoloco. Em seguida lavo a roupa de baixo dela e de Beetee.

Quando estou enxaguando o macacão de Beetee, uma Johanna brilhando de tão limpa e um descascado Finnick já estão ao nosso lado. Durante um certo tempo, Johanna apenas bebe grandes goles de água e se empanturra de crustáceos enquanto tento convencer Wiress a engolir alguma coisa. Finnick conta sobre a névoa e os macacos com uma voz fria e quase clínica, evitando o detalhe mais importante da história.

Todos se oferecem para montar guarda enquanto os outros descansam, mas no fim Johanna e eu assumimos o posto. Eu porque estou realmente descansada, ela porque simplesmente se recusa a se deitar. Nós duas ficamos sentadas em silêncio na praia até os outros adormecerem.

Johanna olha de relance para Finnick, para se certificar de que está dormindo, e então se volta para mim e diz:

– Como foi que vocês perderam Mags?

– Na névoa. Finnick estava com Peeta. Eu fiquei carregando Mags durante um tempo. Depois não aguentei mais. Finnick disse que não conseguia carregar os dois. Ela deu um beijo nele e foi andando direto para a névoa venenosa.

– Você sabia que ela foi a mentora de Finnick? – diz Johanna, em tom acusatório.

– Não, não sabia.

– Ela era quase da família dele – fala ela alguns instantes depois, mas agora com menos veneno nas palavras.

Observamos a água bater nas roupas de baixo.

– E aí, o que é que você estava fazendo com Pancada e Faísca? – pergunto.

– Eu já falei. Peguei-os para você. Haymitch disse que pra gente ser aliada eu tinha que levá-los para você – responde Johanna. – Foi isso o que você disse para ele, não foi?

Não, penso. Mas balanço a cabeça em concordância.

– Obrigada. Eu agradeço.

– Espero que sim. – Ela me lança um olhar cheio de desprezo, como se eu fosse o maior dos empecilhos em sua vida. Imagino se isso não é exatamente

como ter uma irmã mais velha que realmente odeia você.

– Tique-taque – ouço atrás de mim. Viro-me e vejo que Wiress veio se arrastando até onde estamos. Seus olhos estão fixos na selva.

– Ah, meu Deus, não é que ela voltou? Tudo bem, vou dormir. Você e a Pancada podem montar guarda sozinhas – diz Johanna. Ela se afasta e se deita ao lado de Finnick.

– Tique-taque – sussurra Wiress. Coloco-a na minha frente e faço com que se deite, acariciando seu braço para tranquilizá-la. Ela aos poucos cai no sono, agitando-se incessantemente, ocasionalmente suspirando sua frase: – Tique-taque.

– Tique-taque – concordo suavemente. – Hora de dormir. Tique-taque. Durma.

O sol se ergue no céu até ficar exatamente em cima de nossas cabeças. *Deve ser meio-dia*, penso, distraída. Não que isso tenha alguma importância. Do outro lado da água, à direita, vejo o brilho intenso quando o raio atinge a árvore e a tempestade elétrica recomeça. Bem na mesma área em que ocorreu na noite de ontem. Alguém deve ter se movido em direção àquela região e desencadeado o ataque. Fico sentada por um tempo, observando os raios, mantendo Wiress calma, sossegada numa paz interior pelo bater das águas. Penso na noite anterior, em como o relâmpago começou logo depois que o sino soou. Doze badaladas.

– Tique-taque – diz Wiress, sua consciência voltando à superfície por um momento e logo depois de volta para as profundezas.

Doze badaladas ontem à noite. Como se fosse meia-noite. Em seguida o relâmpago. O sol acima de nós agora. Como se fosse meio-dia. E o raio.

Lentamente, levanto-me e dou uma olhada na arena. O raio ali. Na fatia seguinte da circunferência veio a chuva de sangue, onde Johanna, Wiress e Beetee foram pegos. Estávamos na terceira seção, bem ao lado daquela, quando a névoa apareceu. E, assim que ela foi sugada para longe, os macacos começaram a se reunir na quarta. Tique-taque. Minha cabeça gira para o outro lado. Algumas horas atrás, por volta das dez, aquela onda veio da segunda seção à esquerda de onde o relâmpago está agora surgindo. Meio-dia. Meia-noite. Meio-dia.

– Tique-taque – diz Wiress em seu sono. À medida que o raio cessa e a chuva de sangue começa bem à direita dele, suas palavras subitamente fazem sentido.

– Meu Deus – digo entre os dentes. – Tique-taque. – Meus olhos vasculham toda a extensão circular da arena e sei que ela está certa. – Tique-taque. Isto aqui é um relógio.



Um relógio. Quase consigo ver os ponteiros batendo no mostrador de doze seções da arena. Cada hora inaugura um novo horror, uma nova arma imaginada por um Idealizador dos Jogos, e encerra a anterior. Raios, chuva de sangue, névoa, macacos – essas foram as primeiras quatro horas no relógio. E às dez, a onda. Não sei o que acontece nas outras sete, mas sei que Wiress está certa.

No momento, a chuva de sangue está caindo e estamos na praia abaixo do segmento dos macacos, próximos demais da névoa para o meu gosto. Será que os vários ataques ocorrem apenas no limite da selva? Não necessariamente. Com a chuva não foi assim. Se aquela névoa vazar da selva, ou se os macacos voltarem...

– Acordem – ordeno, sacudindo Peeta, Finnick e Johanna. – Acordem, a gente precisar ir embora daqui. – Há tempo suficiente, entretanto, para explicar a teoria do relógio para eles. Para explicar o tique-taque de Wiress e como os movimentos dos ponteiros invisíveis desencadeiam uma força mortífera em cada seção.

Acho que convenci todos que estão conscientes, com exceção de Johanna, que tem uma propensão natural a se opor a qualquer coisa que sugiro. Mas até ela concorda que é melhor estar segura do que se arrepender depois.

Enquanto os outros recolhem os poucos itens que carregamos e vestem novamente o macacão em Beetee, eu acordo Wiress. Ela desperta em pânico:

– Tique-taque!

– É isso aí, tique-taque, a arena é um relógio. É um relógio, Wiress, você tem razão – digo. – Você tem razão.

Alívio se estampa no rosto dela – imagino que seja porque alguém finalmente compreendeu o que ela deve saber desde o primeiro badalar dos sinos.

– Meia-noite.

– Começa à meia-noite – confirmo.

Uma lembrança luta para aflorar em meu cérebro. Vejo um relógio. Um relógio de bolso, na palma da mão de Plutarch Heavensbee. *Começa à meia-noite*, disse Plutarch. E, então, meu tordo se iluminou brevemente e desapareceu. Olhando em retrospecto, é como se ele tivesse me dado uma pista a respeito da arena. Mas por que ele teria feito isso? Naquele momento, eu era um tributo desses Jogos tanto quanto ele. Talvez ele tenha pensado que a informação me ajudasse se eu me tornasse mentora. Ou talvez esse tivesse sido o plano desde sempre.

Wiress balança a cabeça indicando a chuva de sangue.

– Uma e meia – diz ela.

– Exatamente. Uma e meia. E às duas, uma terrível névoa venenosa vai começar ali – digo, apontando para a selva ao nosso lado. – Então vamos ter que seguir agora para um lugar seguro. – Ela sorri e se levanta, obedientemente. – Está com sede? – Estendo para ela a tigela de grama e ela bebe um quarto do conteúdo. Tendo superado a inabilidade para se comunicar, ela volta a funcionar normalmente.

Verifico as minhas armas. Amarro a cavilha e o tubo de medicamento no paraquedas e prendo tudo no meu cinto usando algumas trepadeiras.

Beetee ainda parece estar em outro planeta, mas quando Peeta tenta levantá-lo, ele se opõe.

Ele murmura alguma coisa.

– Ela está bem aqui – diz Peeta a ele. – Wiress está bem. Ela também vai com a gente.

Mas ainda assim, Beetee reluta.

– O fio – ele volta a murmurar.

– Ah, já sei o que quer – diz Johanna, impacientemente. Ela atravessa a praia e pega o cilindro que tiramos do cinto dele para dar banho. O objeto está revestido por uma camada de sangue coagulado. – Essa coisa não tem valor nenhum. É uma espécie de fio ou sei lá o quê. Foi assim que ele recebeu a facada. Correndo até o alto da Cornucópia para pegar esse negócio. Não sei que tipo de arma é isso. Imagino que dê para puxar uma parte e usar como um garrote ou alguma coisa assim. Mas, na boa, vocês conseguem imaginar Beetee ou Wiress estrangulando alguém até a morte?

– Ele venceu os Jogos com um fio desses. Montando aquela armadilha elétrica – diz Peeta. – É a melhor arma que ele poderia obter.

Há algo de estranho no fato de Johanna não ter percebido isso por conta própria. Alguma coisa que não soa verdadeira. Alguma coisa suspeita.

– Não achei que seria tão difícil você sacar isso – digo –, já que foi você mesma quem botou nele o apelido de Faísca.

Os olhos de Johanna estreitam-se perigosamente para mim.

– É isso aí, foi mancada minha, não foi? – diz. – Acho que devo ter me distraído demais, mantendo seus amiguinhos vivos. Enquanto você estava... fazendo o que mesmo? Matando Mags?

Meus dedos apertam o cabo da faca presa em meu cinto.

– Vai em frente. Experimenta. Não estou nem aí se você está prenha. Vou cortar o seu pescoço de um jeito ou de outro – diz Johanna.

Sei que não tenho como matá-la nesse momento. Mas é apenas uma questão de tempo, Johanna e eu. Até que uma acabe com a outra.

– De repente, é melhor todos olharmos bem onde estamos pisando – diz Finnick, lançando um olhar dardejante na minha direção. Ele pega o fio e o coloca no peito de Beetee. – Aí está o seu fio, Faísca. Preste bem atenção em onde você vai plugá-lo, certo?

Peeta carrega Beetee, agora tranquilizado.

– Para onde a gente vai?

– Gostaria de ir para a Cornucópia para observar. Só para ter certeza de que estamos certos em relação ao relógio – diz Finnick. O plano parece tão bom quanto qualquer outro. Além do mais, não me importaria de ter mais uma chance de botar as mãos nas armas. E agora somos seis. Mesmo sem considerar

Beetee e Wiress, contamos com quatro bons combatentes. É bem diferente da situação em que me encontrava à mesma altura no ano passado, quando era obrigada a fazer tudo por conta própria. Sim, é maravilhoso ter aliados, contanto que você consiga ignorar o pensamento de que terá de matá-los em algum momento.

Beetee e Wiress provavelmente encontrarão alguma maneira de morrer por conta própria. Se tivermos de fugir de alguma coisa, até onde eles conseguirão chegar? Johanna, francamente, eu mataria com facilidade se fosse para proteger Peeta. Ou talvez simplesmente para calar a boca dela. O que realmente preciso é que alguém acabe com Finnick por mim, já que receio não ter condições de fazer isso pessoalmente. Não depois de tudo o que ele fez por Peeta. Penso em dar um jeito de garantir que ele se encontre com os Carreiristas. É muita frieza da minha parte, eu sei. Mas quais são as minhas opções? Agora que sabemos a respeito do relógio, ele provavelmente não vai morrer na selva, de modo que alguém terá de matá-lo em combate.

Como esses são pensamentos odiosos, minha mente tenta freneticamente mudar de assunto. Mas a única coisa que me distrai de minha atual situação é fantasiar maneiras de matar o presidente Snow. Sonhos não muito adequados a uma adolescente de dezessete anos, imagino, mas bastante prazerosos.

Percorremos a faixa de areia mais próxima, nos aproximando com cuidado da Cornucópia, caso algum Carreirista esteja escondido lá. Duvido que haja algum, porque estamos na praia há horas e não há o menor sinal de vida no local. A área está abandonada, como esperávamos. Restam apenas o grande chifre dourado e a pilha de armas.

Quando Peeta deita Beetee no pedacinho de sombra proporcionado pela Cornucópia, ele chama Wiress. Ela se agacha ao lado dele e ele coloca o carretel nas mãos dela.

– Limpa isso aqui, por favor – ele pede.

Wiress balança a cabeça em concordância e dá uma corridinha até a margem da água, onde molha o carretel. Ela começa a cantar bem baixinho uma canção engraçada sobre um camundongo correndo para cima de um relógio. Deve ser para crianças, mas parece deixá-la feliz.

– Ah, não. Essa musiquinha de novo, não – diz Johanna, girando os olhos. – Ela cantou isso aí horas e horas antes de começar com o tique-taque.

De repente Wiress se levanta, endireita a postura e aponta para a selva.

– Duas – diz ela.

Sigo o dedo dela até o local onde a parede de névoa está começando a se projetar em direção à praia.

– É isso mesmo, olhem lá, Wiress tem razão. São duas horas e a névoa começou.

– Como um relógio de ponteiros – diz Peeta. – Você foi muito esperta sacando isso, Wiress.

Wiress sorri e volta a cantar, e a molhar o carretel.

– Ah, ela é mais do que esperta – diz Beetee. – Ela é intuitiva. – Nós todos nos viramos para olhar para Beetee, que parece estar voltando à vida. – Ela consegue sentir as coisas antes de qualquer outra pessoa. Como um canário em alguma mina de carvão no seu distrito.

– Como assim? – pergunta Finnick, olhando para mim.

– É um passarinho que nós levamos para as minas para nos avisar se o ar está ruim.

– E ele faz o quê? Morre? – pergunta Johanna.

– Primeiro, ele para de cantar. É aí que você tem que cair fora. Mas se o ar estiver ruim demais, ele morre, sim. E você também. – Não estou a fim de falar sobre passarinhos que morrem. Eles me trazem lembranças da morte de meu pai, da morte de Rue, da morte de Maysilee Donner e de minha mãe herdando o passarinho dela. Ah, que maravilha, e agora estou pensando em Gale bem nas profundezas daquela mina horrível com a ameaça do presidente Snow pairando sobre a sua cabeça. Como é fácil fazer parecer que ocorreu um acidente lá embaixo. Um canário silencioso, uma fagulha e nada mais.

Volto a pensar em matar o presidente.

Apesar de sua irritação com Wiress, Johanna está contente como eu jamais a vi nessa arena. Enquanto aumento meu estoque de flechas, ela cisca aqui e ali até encontrar um par de machados de aparência letal. Parece uma escolha esquisita até que a vejo arremessar um deles com tanta força que o objeto fica grudado na superfície dourada da Cornucópia. É claro. Johanna Mason.

Distrito 7. Lenhadores. Aposto que ela arremessa machados desde que engatinhava. É como Finnick e seu tridente. Ou Beetee e seu fio. Rue e seu conhecimento sobre plantas. Percebo que isso é mais uma desvantagem que os tributos do Distrito 12 vêm sendo obrigados a encarar ao longo de todos esses anos. Só entramos nas minas após completar dezoito anos. Parece que a maioria dos outros tributos aprende algo sobre as atividades de seus distritos bem cedo. Há coisas que se faz em uma mina que poderiam ser bastante úteis nos Jogos. Usar uma picareta. Lidar com explosivos. É uma vantagem que você acaba tendo. Como ocorreu com o fato de eu saber caçar. Mas nós aprendemos essas coisas tarde demais.

Enquanto remexíamos as armas, Peeta permanecia agachado no chão desenhando alguma coisa com a ponta de sua faca numa folha grande e lisa que ele tinha trazido da selva. Olho por cima do seu ombro e vejo que ele está criando um mapa da arena. No centro está a Cornucópia em seu círculo de areia com as doze faixas irradiando para o exterior. Parece uma torta cortada em doze fatias iguais. Há um outro círculo representando a linha da água e um ligeiramente maior indicando o limite da selva.

– Olha só como a Cornucópia está posicionada – diz ele para mim.

Examino a Cornucópia e vejo o que ele quer dizer.

– A cauda aponta para a hora doze – respondo.

– Certo, então isso aqui é o topo do nosso relógio – explica ele, e rapidamente rabisca os números de um a doze ao redor do mostrador do relógio. – De doze a um é a zona dos raios. – Ele escreve *raio* com uma letrinha miúda na fatia correspondente, e então vai no sentido horário acrescentando *sangue*, *névoa* e *macacos* nas seções seguintes.

– E de dez a onze é a onda – digo. Ele a adiciona. Finnick e Johanna juntam-se a nós nesse momento, carregando montes de tridentes, machados e facas.

– Vocês repararam alguma coisa diferente nas outras seções? – pergunto a Johanna e a Beetee, já que talvez eles possam ter visto algo que nós não vimos. Mas tudo o que eles viram foi sangue em abundância. – Acho que podia haver qualquer coisa por lá.

– Eu vou marcar os lugares onde a gente sabe que a arma dos Idealizadores dos Jogos nos segue pela selva, assim a gente vai poder ficar afastado deles – diz Peeta, desenhando linhas diagonais na névoa e praias com ondas. Em seguida, ele se senta. – Bom, de qualquer modo, é muito mais do que o que a gente sabia hoje de manhã.

Balançamos nossas cabeças em concordância, e é nesse instante que eu reparo. O silêncio. Nosso canário parou de cantar.

Não espero. Engato uma flecha no arco enquanto me viro e avisto Gloss com o corpo pingando, e Wiress deslizando em direção ao chão, o pescoço cortado num sorriso de um vermelho vívido. A ponta da minha flecha desaparece na têmpora direita dele e, no tempo que eu levo para colocar outra flecha no arco, Johanna enterrou a lâmina de um de seus machados no peito de Cashmere. Finnick rechaça uma lança que Brutus lança em Peeta e leva uma facada de Enobaria na coxa. Se não houvesse uma Cornucópia atrás da qual pudessem se agachar, eles estariam mortos, ambos os tributos do Distrito 2. Avanço em perseguição a eles. *Bum! Bum! Bum!* O canhão confirma que não há jeito de ajudar Wiress e nenhuma necessidade de concluir o serviço em Gloss ou em Cashmere. Meus aliados e eu estamos contornando o chifre, no encalço de Brutus e Enobaria, que correm a toda velocidade por uma faixa de areia em direção à selva.

Subitamente, o chão treme abaixo de meus pés e sou jogada para o lado na areia. O círculo de terra que sustenta a Cornucópia começa a girar com rapidez, com muita rapidez mesmo, e vejo a selva virando um borrão. Sinto a força centrífuga puxando-me para a água e enterro as mãos e os pés na areia, tentando negociar meu equilíbrio no solo instável. Entre a areia voando por todos os lados e a tonteira, sou obrigada a manter os olhos bem fechados. Não há literalmente nada que possa fazer a não ser me manter onde estou até que, sem qualquer desaceleração gradual, paramos bruscamente.

Tossindo e enjoada, vou aos poucos me recuperando até encontrar meus companheiros na mesma condição. Finnick, Johanna e Peeta se seguraram. Os três cadáveres foram lançados em direção à água salgada.

A coisa toda, desde o momento em que senti a falta da canção de Wiress até agora, não pode ter levado mais do que um ou dois minutos. Ficamos lá

sentados, arfando e tirando areia de nossas bocas.

– Onde está Faísca? – diz Johanna. Estamos de pé. Uma volta trôpega ao redor da Cornucópia confirma que ele não está mais aqui. Finnick o avista a mais ou menos vinte metros na água, o corpo quase afundando, e nada para içá-lo.

É então que me lembro do fio e de como o objeto era importante para ele. Olho freneticamente ao redor. Onde está? Onde está? E então eu o vejo, ainda grudado nas mãos de Wiress na água. Meu estômago se contrai só de pensar no que terei de fazer em seguida.

– Preciso de cobertura – digo para os outros.

Solto as armas e corro pela faixa de terra. Sem diminuir a velocidade, mergulho na água e vou em busca do corpo dela. Com o canto do olho, vejo o aerodeslizador aparecendo acima de nossas cabeças, a garra começando a descer para levá-la. Mas não paro. Continuo nadando com toda a força que consigo reunir e me choco contra o corpo. Subo à tona arfando, tentando evitar engolir a água cheia de sangue que se espalha do ferimento aberto em seu pescoço. Ela está flutuando de costas, sustentada por seu cinto e pela morte, mirando o sol inclemente. Preciso arrancar o fio dos seus dedos, porque ela o apertava com muita força ao morrer. Não há nada que possa fazer a não ser baixar suas pálpebras, sussurrar um adeus e nadar para longe. No momento em que volto para a areia e deixo a água com o carretel em mãos, seu corpo já não está mais lá. Mas ainda consigo sentir o gosto do seu sangue, misturado à água salgada.

Caminho de volta à Cornucópia. Finnick trouxe Beetee de volta com vida, ainda que um pouco encharcado e tossindo água. Ele teve o bom senso de manter os óculos no rosto, de modo que pelo menos está conseguindo enxergar. Coloco o carretel no colo dele. Chega a brilhar de tão limpo, nenhum sinal de sangue. Ele desenrola um pouco do fio e o passa nos dedos. Pela primeira vez eu vejo a coisa, e não é parecido com nenhum fio que tenha visto até hoje. Tem uma cor levemente dourada e é tão fino quanto um fio de cabelo. Imagino seu comprimento total. Deve haver quilômetros e quilômetros do material preenchendo aquele cilindro grande. Mas não pergunto, porque sei que ele está pensando em Wiress.

Olho para os rostos sérios dos outros. Agora tanto Finnick quanto Johanna e Beetee perderam os seus parceiros de distrito. Vou até Peeta e o abraço e, por um tempo, ficamos todos em silêncio.

– Vamos dar o fora desta ilha fedorenta – diz Johanna por fim. Agora só existe a questão de nossas armas, que mantivemos em grande quantidade. Felizmente as trepadeiras aqui são fortes, e a cavilha e o tubo com o medicamento enrolados no paraquedas ainda estão presos no meu cinto. Finnick tira a camiseta e a amarra em volta do ferimento que a faca de Enobaria fez em sua coxa; não é profundo. Beetee acha que agora consegue andar, se formos devagar, de modo que eu o ajudo a se levantar. Decidimos nos encaminhar para a praia na posição das doze horas. Isso deve nos fornecer horas de calma e nos manter limpos de quaisquer resíduos envenenados. E então Peeta, Johanna e Finnick dirigem-se cada um para uma direção diferente.

– Doze horas, certo? – diz Peeta. – A cauda da Cornucópia aponta para as doze horas.

– Isso foi antes de eles girarem a gente – diz Finnick. – Estava me orientando pelo sol.

– O sol só indica que você está em quatro horas, Finnick – respondo.

– Acho que Katniss está dizendo que saber a hora não significa que você saiba necessariamente onde a posição das quatro horas está localizada no relógio. Você talvez tenha uma ideia geral da direção. A menos que esteja imaginando que eles também possam ter mudado o anel externo da selva – diz Beetee.

Não, Katniss está dizendo algo muito mais básico do que isso. Beetee articulou uma teoria que vai muito além do comentário que fiz sobre o sol. Mas eu simplesmente balanço a cabeça como se estivesse esse tempo todo na mesma página que ele.

– Sim, então qualquer uma dessas trilhas poderia conduzir para doze horas – digo.

Contornamos a Cornucópia, vasculhando a selva. Ela possui uma inexplicável uniformidade. Lembro da árvore alta que levou o primeiro raio às doze horas, mas cada setor possui uma árvore similar àquela. Johanna acha que

devemos seguir as pegadas de Enobaria e Brutus, mas elas foram pelos ares ou apagadas pela água. Não há como dizer qual é a localização das coisas.

– Jamais deveria ter mencionado o relógio – digo com amargura. – Agora eles também tiraram da gente essa vantagem.

– Apenas temporariamente – diz Beetee. – Às dez vamos ver a onda novamente e estaremos de volta à trilha.

– Exato, eles não podem redesenhar a arena inteira – diz Peeta.

– Pouco importa – diz Johanna, impaciente. – Você tinha que contar para a gente ou então a gente nunca teria movido o nosso acampamento para começo de conversa, sua desmiolada. – Ironicamente, a resposta lógica porém ofensiva dela é a única que me reconforta. Sim, eu tinha que contar para que eles pudessem se mover. – Vamos embora, preciso de água. Alguém aqui tem uma boa intuição?

Escolhemos uma trilha ao acaso, sem fazer a menor ideia da hora para a qual estamos nos dirigindo. Quando alcançamos a selva, espiamos seu interior na tentativa de decifrar o que poderia haver lá dentro.

– Bom, deve estar na hora dos macacos. E não estou vendo nenhum por aqui – diz Peeta. – Vou tentar tirar água de alguma árvore.

– Não, é a minha vez – diz Finnick.

– Pelo menos posso dar cobertura – diz Peeta.

– Katniss pode fazer isso – diz Johanna. – Você precisa desenhar um novo mapa para nós. O outro foi levado pelas águas. – Ela arranca uma enorme folha de uma árvore e entrega a ele.

Por um instante, desconfio de que eles estejam tentando nos dividir para nos matar. Mas isso não faz sentido. Terei vantagem sobre Finnick se ele estiver cuidando da árvore e Peeta é bem maior do que Johanna. Então sigo Finnick por mais ou menos quinze metros no interior da selva até ele encontrar uma árvore boa e começar a golpeá-la para fazer um buraco com sua faca.

Enquanto estou lá parada, armas de prontidão, não consigo abandonar a sensação desconfortável de que algo está acontecendo e de que isso só pode ter relação com Peeta. Refaço nossos passos, começando do momento em que o gongo soou, atrás da origem do meu desconforto. Finnick retirando Peeta de seu disco metálico. Finnick ressuscitando Peeta depois que o campo de força

fez com que seu coração parasse. Mags correndo em direção à névoa para que Finnick pudesse carregar Peeta. A morfinácea se jogando na frente dele para bloquear o ataque do macaco. A luta com os Carreiristas foi rápida demais, mas não é que Finnick impediu que a lança de Brutus atingisse Peeta mesmo que isso tenha significado levar a facada de Enobaria na coxa? E inclusive agora, Johanna mandou-o desenhar o mapa numa folha em vez de deixá-lo se arriscar na selva...

Não há dúvidas em relação a isso. Por motivos que me são inteiramente insondáveis, alguns dos outros vitoriosos estão tentando mantê-lo vivo, mesmo que isso signifique sacrificar a si mesmos.

Fico embasbacada. Por um lado porque esse é o meu trabalho. Por outro, porque não faz sentido. Somente um de nós pode sair daqui com vida. Então por que será que eles escolheram proteger Peeta? O que Haymitch poderia ter dito a eles? O que será que deu em troca para fazer com que eles colocassem a vida de Peeta acima de suas próprias vidas?

Conheço meus próprios motivos para manter Peeta vivo. Ele é meu amigo, e essa é a minha maneira de desafiar a Capital, de subverter os terríveis Jogos que eles organizam. Mas se não tivesse laços verdadeiros com ele, o que poderia me convencer a salvá-lo, a escolhê-lo em detrimento de mim mesma? Certamente ele é corajoso, mas nós todos temos sido suficientemente corajosos para sobreviver aos Jogos. Há essa questão da bondade que é difícil ignorar, mas ainda assim... e quando penso no assunto, o que será que Peeta consegue fazer tão melhor do que o resto de nós? Ele consegue usar as palavras. Ele ofuscou todos os outros tributos em ambas as entrevistas. E talvez seja por causa dessa bondade subjacente que ele consiga colocar uma multidão – não, um país inteiro – a seu lado, proferindo uma simples frase.

Lembro de haver pensado que essa era a dádiva que o líder de nossa revolução deveria possuir. Será que Haymitch convenceu os outros disso? De que a lábia de Peeta teria muito mais poder contra a Capital do que qualquer força física que o resto de nós poderia sustentar? Não sei. Isso ainda parece um chute muito grande para alguns dos tributos. Afinal, é de Johanna Mason que estamos falando aqui. Mas que outra explicação poderia haver para o esforço em conjunto que eles realizaram no sentido de mantê-lo vivo?

– Katniss, está com aquela cavilha aí? – pergunta Finnick, trazendo-me de volta à realidade. Corto a trepadeira que amarra a cavilha em meu cinto e estendo o tubo de metal para ele.

É nesse momento que ouço o berro. Tão cheio de medo e dor que congela o meu sangue. E tão familiar. Deixo cair a cavilha, esqueço onde estou ou do que está na minha frente, só sei que tenho de alcançá-la, de protegê-la. Corro feito uma louca na direção da voz, sem a menor preocupação com o perigo, arrebentando trepadeiras e galhos, atropelando qualquer coisa que me impeça de alcançá-la.

De alcançar minha irmãzinha.



Onde ela está? O que eles estão fazendo com ela?

– Prim? – grito. – Prim! – Ouço apenas um outro grito agonizante como resposta. *Como ela veio parar aqui? Por que ela está fazendo parte dos Jogos?* – Prim!

Trepadeiras arranham meu rosto e meus braços, plantas rasteiras agarram meus pés. Mas estou me aproximando dela. Chegando perto. Cada vez mais perto. Suor escorre pelo meu rosto, fazendo os ferimentos do ácido que estão sarando arderem. Arquejo, tentando aspirar um pouco do ar quente e úmido que parece desprovido de oxigênio. Prim emite um som tão perdido e irremediável que nem consigo imaginar o que eles poderiam ter feito para motivá-lo.

– Prim! – Avanço de encontro à parede de plantas, adentro uma pequena clareira e o som se repete diretamente acima de mim. Acima de mim? Minha cabeça gira para trás. Será que eles estão com ela em cima das árvores? Procuro desesperadamente nos galhos, mas não vejo nada. – Prim? – digo, em tom de súplica. Eu a ouço, mas não consigo vê-la. O choro seguinte dela repercute, claro como um sino, e não há dúvida quanto à origem. Ele vem da boca de um pequeno pássaro de crista preta, empoleirado num galho a mais ou menos três metros acima da minha cabeça. E então eu entendo.

É um gaio tagarela.

Eu nunca vira um antes – pensava que eles já estivessem extintos – e, por um instante, enquanto encosto no tronco da árvore com a mão em cima da

pontada que sinto no lado do corpo, eu o examino. O bestante, o precursor, o pai. Produzo uma imagem mental de um tordo, misturo-a com o gaio tagarela e, é claro, consigo ver como eles se reproduziram para gerar o meu tordo. Não há nada no pássaro que indique que ele seja um bestante. Nada, exceto os sons horrivelmente semelhantes à voz de Prim que escapam de sua boca. Eu o silencio com uma flecha no pescoço. O pássaro cai no chão. Retiro a flecha e torço o pescoço do bicho só para garantir. Em seguida arremesso a coisinha desprezível na selva. Nem a fome mais intensa do mundo me convenceria a comer aquele troço.

Aquilo não foi real, digo a mim mesma. *Da mesma maneira que os lobos bestantes no ano passado não eram de fato os tributos mortos. Isso não passa de um truque sádico dos Idealizadores dos Jogos.*

Finnick chega correndo na clareira e me encontra limpando a flecha com um pouco de musgo.

– Katniss?

– Está tudo bem, está tudo bem – digo, embora não esteja me sentindo nem um pouco bem. – Pensei ter ouvido a minha irmã, mas... – O berro penetrante me interrompe bruscamente. Uma outra voz, não a de Prim, talvez a de uma mulher jovem. Não a reconheço. Mas o efeito em Finnick é instantâneo. A cor desaparece de seu rosto e eu percebo que suas pupilas estão se dilatando de medo. – Finnick, espera! – digo, me aproximando para convencê-lo, mas ele saiu em disparada. Saiu correndo atrás da vítima, da mesma maneira insana como eu saí correndo atrás de Prim. – Finnick! – grito, mas sei que ele não vai se virar e esperar que lhe dê uma explicação racional. Então tudo o que eu posso fazer é segui-lo.

Não preciso de esforço para rastreá-lo, muito embora ele esteja se movendo velozmente, já que as marcas que seus pés deixam no caminho são bem visíveis. Mas o pássaro está a pelo menos quatrocentos metros de distância, grande parte do percurso morro acima e, quando eu o alcanço, já estou sem fôlego. Ele está contornando uma árvore gigante. O tronco deve ter mais de um metro de diâmetro e os galhos só começam a surgir a partir dos cinco metros de altura. Os berros da mulher emanam de algum ponto na folhagem, mas o gaio tagarela permanece escondido. Finnick também grita sem parar:

– Annie! Annie!

Ele está em estado de pânico e completamente inabordável, de modo que faço o que faria de um jeito ou de outro. Escalo a árvore adjacente, localizo o gaio tagarela e o abato com uma flecha. O bicho cai de imediato e aterrissa bem aos pés de Finnick. Ele o pega, lentamente estabelecendo a conexão, mas quando desço para me juntar a ele, o estado em que se encontra é ainda mais desesperado do que antes.

– Está tudo bem, Finnick. É apenas um gaio tagarela. Eles estão pregando peças na gente – digo. – A coisa não é real. Não é a sua... Annie.

– Não, não é a Annie. Mas a voz era dela. Os gaios tagarelas imitam o que ouvem. Onde foi que eles pegaram esses berros, Katniss? – diz ele.

Sinto as minhas bochechas empalidecerem à medida que as palavras dele começam a fazer sentido em minha mente.

– Ah, não, Finnick, você não acha que eles...

– Acho, sim. É exatamente isso o que acho – diz ele.

Visualizo Prim numa sala branca, atada a uma mesa, enquanto figuras usando jalecos e máscaras extraem esses sons dela. Em algum lugar, eles a estão torturando, ou a torturaram, para conseguir esses sons. Meus joelhos ficam moles e desabo no chão. Finnick está tentando me dizer algo, mas não consigo ouvi-lo. O que finalmente consigo ouvir é um outro pássaro começando a cantar em algum ponto à minha esquerda. E dessa vez a voz é de Gale.

Finnick pega o meu braço antes que eu corra.

– Não. Não é ele. – Ele começa a me puxar morro abaixo, na direção da praia. – Vamos sair daqui agora! – Mas a voz de Gale é tão cheia de dor que não consigo deixar de lutar para alcançá-la. – Não é ele, Katniss! É um bestante! – Finnick grita para mim. – Vamos embora! – Ele me empurra, quase me arrasta, praticamente me carrega, até que eu consigo processar as suas palavras. Ele está certo, não passa de outro gaio tagarela. Não vou ajudar Gale abatendo o bicho. Mas isso não muda o fato de que a voz pertence a Gale e que, em algum lugar, em algum momento, alguém o forçou a emitir esses sons.

Paro, porém, de lutar com Finnick e, tal como na noite da névoa, fujo do que não consigo combater. Do que só pode me trazer danos. Só que dessa vez é o meu coração, e não o meu corpo, que está se desintegrando. Isso deve ser

uma outra arma do relógio. Quatro horas, eu acho. Quando os ponteiros batem quatro horas, os macacos vão para casa e os gaios tagarelas aparecem para brincar. Finnick está certo – sair daqui é a única coisa a fazer. Embora não haja nada que Haymitch porventura pudesse mandar num paraquedas para ajudar, ou a Finnick ou a mim, a nos recuperarmos das feridas que os pássaros infligiram.

Avisto Peeta e Johanna em pé ao lado das fileiras de árvores e sou tomada de um misto de alívio e raiva. Por que será que Peeta não foi me ajudar? Por que será que ninguém foi atrás de nós? Ele continua lá parado, as mãos erguidas com as palmas voltadas para nós, os lábios movendo-se, mas sem que as palavras nos alcancem. Por quê?

A parede é tão transparente que Finnick e eu nos chocamos contra ela e somos lançados para trás no solo da selva. Tive sorte. Meu ombro recebeu a pior parte do impacto ao passo que Finnick foi de cara e agora seu nariz está esguichando sangue. É por isso que Peeta e Johanna, e inclusive Beetee, que vejo sacudir tristemente a cabeça atrás deles, não vieram em nosso auxílio. Uma barreira invisível bloqueia a área à nossa frente. Não é um campo de força. Dá para tocar à vontade a superfície dura e lisa. Mas a faca de Peeta e o machado de Johanna não conseguem perfurá-la. Eu sei, sem precisar verificar mais do que alguns metros para um lado, que ela compreende toda a fatia das quatro horas. Que nós ficaremos presos como ratos nessa armadilha até que a hora passe.

Peeta pressiona a mão na superfície e coloco a minha na frente da dele, como se eu pudesse senti-lo através da parede. Vejo seus lábios se mexendo, mas não é possível ouvi-lo, não é possível ouvir nada do lado de fora da fatia. Tento entender o que ele está dizendo, mas não consigo me concentrar, de modo que apenas olho fixamente para ele, fazendo o que posso para manter minha sanidade.

Então os pássaros começam a chegar. Um atrás do outro. Empoleirando-se nos galhos circundantes. E um coro de horror cuidadosamente orquestrado começa a vazar de suas bocas. Finnick desiste de imediato, agachando-se no chão, apertando as mãos nos ouvidos como se estivesse tentando esmagar seu crânio. Tento lutar um pouco. Esvaziando a minha aljava de flechas nos

pássaros hediondos. Mas cada vez que um deles cai morto, um outro rapidamente toma o seu lugar. E finalmente desisto e me enrosco ao lado de Finnick, tentando bloquear os excruciantes sons de Prim, Gale, minha mãe, Madge, Rory, Vick, até Posy, a pequena e indefesa Posy...

Sei que tudo acabou quando sinto as mãos de Peeta em mim, sinto que estou sendo erguida do chão e retirada da selva. Mas meus olhos continuam cerrados, as mãos nos ouvidos, os músculos rígidos demais para relaxar. Peeta me segura no colo, falando palavras tranquilizadoras, embalando-me delicadamente. É necessário um longo tempo até que eu comece a relaxar o aperto férreo que impus a meu corpo. E quando o faço, o tremor começa.

– Está tudo bem, Katniss – sussurra ele.

– Você não ouviu as vozes – respondo.

– Eu ouvi Prim. Bem no início. Mas não era ela – diz ele. – Era um gaio tagarela.

– Era ela. Em algum lugar. O gaio tagarela apenas gravou a voz dela – digo.

– Não, isso é o que eles querem que a gente pense. Da mesma maneira que fiquei imaginando se os olhos de Glimmer estavam naquele bestante no ano passado. Mas os olhos não eram de Glimmer. E aquela não era a voz de Prim. Ou então, se era mesmo, eles pegaram de alguma entrevista ou qualquer coisa assim e distorceram o som. Fizeram com que dissesse as coisas que ela estava dizendo – diz ele.

– Não, eles a estavam torturando – respondo. – Ela provavelmente está morta.

– Katniss, Prim não está morta. Como é que poderiam ter matado Prim? Estamos quase entre os oito finalistas. E aí o que acontece depois? – diz Peeta.

– Mais sete de nós morrem – digo, sem nenhuma esperança.

– Não, nós voltamos para casa. O que acontece quando eles atingem os oito últimos tributos nos Jogos? – Ele levanta o meu queixo para que eu possa olhar para ele, forçando um contato visual. – O que acontece? Nos oito finalistas?

Sei que ele está tentando me ajudar, então me obrigo a pensar.

– Nos últimos oito? – repito. – Eles entrevistam nossas famílias e amigos em nossos distritos.

– Exatamente – diz Peeta. – Eles entrevistam nossos familiares e amigos. E como é que eles vão poder fazer isso se mataram todos eles?

– Não mataram? – pergunto, ainda na dúvida.

– Não. É assim que a gente sabe que a Prim está viva. Ela vai ser a primeira a ser entrevistada, não é? – pergunta ele.

Quero acreditar nele. Muito. Só que... aquelas vozes...

– Primeiro Prim. Depois a sua mãe. Seu primo Gale. Madge – continua ele. – Aquilo foi um truque, Katniss. Um truque horrível. Mas somos as únicas pessoas que podem sofrer com ele. Somos nós que estamos disputando os Jogos. Não eles.

– Você realmente acredita nisso?

– Acredito, sim – diz Peeta. Eu tremo, pensando em como Peeta consegue fazer qualquer pessoa acreditar em qualquer coisa. Olho na direção de Finnick em busca de confirmação e vejo que ele está com os olhos fixos em Peeta, nas palavras dele.

– Você acredita nisso, Finnick? – pergunto.

– Pode ser verdade. Sei lá – diz ele. – Beetee, você acha que poderiam ter feito isso? Poderiam ter pego a voz normal de alguém e fazê-la parecer...

– Ah, sim. Não é nem assim tão difícil, Finnick. Nossos filhos aprendem uma técnica similar na escola – diz Beetee.

– É claro que Peeta está certo. O país inteiro adora a irmãzinha de Katniss. Se eles tivessem realmente a matado, uma rebelião estaria ocorrendo nesse exato momento – diz Johanna, friamente. – E eles não têm nenhum interesse em que isso aconteça, têm? – Ela joga a cabeça para trás e grita: – O país inteiro se rebelando? Ninguém na Capital ia querer que uma coisa dessas acontecesse!

Fico boquiaberta de choque. Ninguém jamais fala esse tipo de coisa nos Jogos. Com toda a certeza eles fizeram um corte em Johanna, e estão neste momento tirando-a de cena na mesa de edição. Mas eu a ouvi, e nunca mais poderei pensar nela nos mesmos termos de antes. Ela jamais ganhará nenhum prêmio por sua delicadeza, mas certamente é uma mulher corajosa. Ou louca. Ela pega algumas conchas e se encaminha para a selva.

– Vou buscar água – diz ela.

Não posso deixar de segurar a mão dela quando ela passa por mim.

– Não vai lá, não. Os pássaros... – Lembro que os pássaros já não devem estar mais lá, mas ainda assim não gostaria que ninguém fosse para lá. Nem mesmo ela.

– Eles não podem me fazer nenhum mal. Não sou como vocês. Não há mais ninguém no mundo que eu ame – diz Johanna, e solta a mão com uma sacudida impaciente. Quando ela me traz de volta uma concha com água, eu a pego com um silencioso balançar de cabeça em agradecimento, ciente do quanto ela desprezaria a pena contida em minha voz.

Enquanto Johanna pega água e recolhe as minhas flechas, Beetee remexe o fio e Finnick vai até o mar. Eu também preciso me lavar, mas permaneço nos braços de Peeta, ainda abalada demais para me mover.

– Quem foi que eles usaram contra Finnick? – pergunta ele.

– Uma pessoa chamada Annie – digo.

– Deve ser Annie Cresta.

– Quem?

– Annie Cresta. Ela é a garota que Mags salvou ao se apresentar como voluntária. Ela venceu mais ou menos cinco anos atrás – diz Peeta.

Isso deve corresponder ao verão seguinte à morte de meu pai, quando eu estava começando a alimentar a minha família, quando eu me ocupava de corpo e alma a lutar contra a inanição.

– Não me lembro muito bem dos Jogos desse ano – digo. – Esse foi o ano do terremoto?

– Foi, sim. Annie foi a que enlouqueceu quando seu companheiro de distrito foi decapitado. Saiu correndo a esmo e se escondeu. Mas um terremoto destruiu uma barragem e grande parte da arena foi inundada. Ela venceu porque era a melhor nadadora – diz Peeta.

– Ela melhorou depois disso? – pergunto. – Enfim, o estado mental dela melhorou?

– Não sei. Não me lembro de ela ter participado novamente de alguma edição dos Jogos. Mas ela não parecia muito estável durante a colheita deste ano – diz Peeta.

Então ela é a pessoa que Finnick ama, penso. *Ninguém daquela fileira de amantes elegantes que ele tem na Capital, mas uma pobre coitada louca de seu distrito.*

Um canhão soa e nos reúne na praia. Um aerodeslizador aparece no que nós estimamos ser a zona de transição entre seis e sete horas. Observamos a garra mergulhar cinco vezes para retirar os pedaços de um corpo totalmente destroçado. É impossível saber de quem. Seja lá o que acontece às seis horas nesse relógio, prefiro nem saber.

Peeta desenha um novo mapa na folha, acrescentando um GT para os gaios tagarelas na seção de transição entre quatro e cinco horas, e escrevendo simplesmente "bestante" naquela em que vimos o tributo despedaçado. Agora temos uma boa ideia do que sete das doze horas proporcionarão. E se há algo de positivo no ataque dos gaios tagarelas, é que ele nos permitiu saber novamente onde estamos no mostrador do relógio.

Finnick tece mais uma cesta de água e uma rede para pescar. Dou uma nadada rápida e passo mais um pouco de unguento na pele. Em seguida, sento na margem da água para limpar o peixe que Finnick pescou e para assistir ao sol descer pela linha do horizonte. A lua brilhante já está no céu, preenchendo a arena com aquele estranho crepúsculo. Estamos a ponto de parar para o jantar de peixe cru quando o hino começa a tocar. E depois os rostos...

Cashmere. Gloss. Wiress. Mags. A mulher do Distrito 5. A morfinácea que deu a vida por Peeta. Blight. O homem do Distrito 10.

Oito mortos. Mais oito da primeira noite. Dois terços de nós riscados do mapa em um dia e meio. Isso deve ser alguma espécie de recorde.

– Eles estão realmente acabando com a gente – diz Johanna.

– Quem falta? Além de nós cinco e do Distrito 2? – pergunta Finnick.

– Chaff – diz Peeta, sem precisar pensar a respeito. Talvez Peeta estivesse de olho nele por causa de Haymitch.

Um paraquedas aterrissa com uma pilha de pãezinhos quadrados que cabem na boca.

– Isso aqui é do seu distrito, não é, Beetee? – pergunta Peeta.

– É, sim. Do Distrito 3 – diz ele. – São quantos?

Finnick conta os pãezinhos, girando cada um deles nas mãos antes de colocá-los em ordem. Não sei o que rola entre Finnick e pães em geral, mas parece que ele adora manuseá-los.

– Vinte e quatro – diz ele.

– Duas dúzias certinho, então – diz Beetee.

– Exatamente vinte e quatro – diz Finnick. – Como é que a gente vai fazer a divisão?

– Cada um come três, e quem quer que ainda esteja vivo no café da manhã pode ficar com o resto – diz Johanna. Não sei porque isso me faz rir um pouco. Acho que é porque é a mais pura verdade. Assim que começo a rir, Johanna olha para mim de um jeito quase aprovador. Não, aprovador não. Mas, quem sabe, satisfeito.

Esperamos a onda gigantesca inundar a seção entre dez e onze horas, esperamos a água baixar, e então vamos para a praia montar o acampamento. Teoricamente, deveríamos estar a salvo da selva pelas próximas doze horas. Há um coro desagradável de cliques, provavelmente produzido por algum tipo de inseto do mal, vindo da fatia das onze às doze horas. Mas seja lá o que está produzindo o som, permanece nos limites da selva e nos mantemos afastados dessa parte da praia, caso eles estejam apenas esperando pelo barulho descuidado de um passo para nos atacar com seu enxame.

Não sei como Johanna ainda está de pé. Ela só teve uma hora de sono desde que os Jogos começaram. Peeta e eu nos apresentamos como voluntários para o primeiro turno de vigilância porque estamos mais descansados e porque queremos ter um pouco de tempo a sós. Os outros saem imediatamente, embora o sono de Finnick seja inquieto. De vez em quando, ouço-o murmurar o nome de Annie.

Peeta e eu ficamos sentados na areia úmida, cada um olhando em uma direção, meu ombro e meu quadril direitos encostados nos dele. Vigio a água enquanto ele vigia a selva, o que é melhor para mim. Ainda estou assombrada pelas vozes dos gaios tagarelas, sons que os insetos não conseguem apagar, infelizmente. Depois de um tempo, descanso a cabeça no ombro dele. Sinto sua mão acariciar os meus cabelos.

– Katniss – diz ele, suavemente. – Não adianta nada fingir que a gente não sabe o que o outro está tentando fazer. – Não, acho que não adianta mesmo, mas também não é nem um pouco divertido conversar sobre isso. Bom, pelo menos para nós não é. Os telespectadores da Capital vão ficar colados em suas poltronas para não perderem uma maldita palavra sequer.

– Não sei que tipo de acordo você imagina que fez com Haymitch, mas você precisa saber que ele também me fez promessas. – É claro que também sei disso. Haymitch disse que eles poderiam me deixar viva para que Peeta não ficasse desconfiado. – Então acho que a gente pode imaginar que ele estava mentindo para um de nós.

Isso atrai a minha atenção. Um acordo duplo. Uma promessa dupla. E somente Haymitch sabe qual é real. Levanto a cabeça e encontro os olhos de Peeta.

– Por que você está dizendo isso agora?

– Porque não quero que você se esqueça de como as nossas circunstâncias são diferentes. Se você morrer, e eu continuar vivo, acaba a vida para mim no Distrito 12. Você é toda a minha vida – diz ele. – Eu nunca mais seria feliz. – Começo a me opor, mas ele coloca um dedo nos meus lábios. – Para você a coisa é diferente. Não estou dizendo que não seria difícil. Mas existem outras pessoas que fazem com que a sua vida valha a pena ser vivida.

Peeta tira do pescoço a correntinha com o disco de ouro. Ele a segura à luz do luar para que eu possa ver claramente o tordo. Em seguida, o polegar dele desliza por uma lingueta que eu não havia percebido antes e o disco se abre. Ele não é sólido, como tinha imaginado, mas sim um relicário em forma de medalhão. E dentro dele estão fotos. No lado direito, minha mãe e Prim, rindo. E no esquerdo, Gale, sorrindo de verdade.

Não há nada no mundo que pudesse me quebrar com mais rapidez nesse momento do que esses três rostos. Depois do que ouvi hoje de tarde... isso é a arma perfeita.

– Sua família precisa de você, Katniss – diz Peeta.

Minha família. Minha mãe. Minha irmã. E meu falso primo Gale. Mas o que Peeta está dizendo é claro. Que Gale faz realmente parte da minha família, ou fará algum dia, se eu continuar viva. Que me casarei com ele. Então Peeta

está me dando sua vida e Gale ao mesmo tempo. Para que eu saiba que jamais deveria ter dúvidas quanto a isso. Tudo. Isso é o que Peeta quer que eu leve dele.

Espero que ele mencione o bebê, que faça seu joguinho para as câmeras, mas ele não faz. E é assim que sei que nada disso faz parte dos Jogos. Que ele está me dizendo a verdade acerca de seus sentimentos.

– Ninguém precisa realmente de mim – diz, e não há nenhuma autocomiseração em sua voz. É verdade que a família de Peeta não precisa dele. Eles sentirão a sua morte, assim como um punhado de amigos. Mas continuarão com suas vidas. Até mesmo Haymitch, com a ajuda de uma grande quantidade de aguardente branca, seguirá em frente. Percebo que apenas uma pessoa ficará irreversivelmente devastada pela morte de Peeta. Eu.

– Eu preciso – digo. – Eu preciso de você. – Ele parece chateado. Respira fundo como se estivesse a ponto de iniciar uma longa discussão, e isso não é bom, não é nada bom, porque ele vai começar a falar sobre Prim, minha mãe e tudo o mais, e vou acabar ficando confusa. Então, antes que ele possa falar, paro os lábios dele com um beijo.

Estou sentindo novamente aquela coisa. Aquela coisa que só senti uma única vez antes. Ano passado na caverna, quando estava tentando fazer com que Haymitch nos enviasse comida. Beijei Peeta umas mil vezes durante aqueles Jogos e depois. Mas houve apenas um beijo que fez com que eu sentisse algo se agitando bem dentro de mim. Um único beijo que fez com que eu quisesse mais. Mas o ferimento na minha cabeça começou a sangrar e ele me convenceu a deitar.

Dessa vez, não há nada além de nós para nos interromper. E, depois de algumas tentativas, Peeta desiste de falar. A sensação dentro de mim fica mais quente e se espalha pelo meu peito, percorre todo o meu corpo, braços e pernas, e vai até as extremidades do meu ser. Em vez de me satisfazer, os beijos têm o efeito oposto. Fazem com que minha necessidade seja ainda maior. Pensava ser uma espécie de especialista em fome, mas essa fome aqui é de um tipo totalmente diverso.

É a primeira manifestação da tempestade – o raio atingindo a árvore à meia-noite – que nos traz de volta à realidade. Ela também desperta Finnick. Ele se

senta no chão com um grito agudo. Vejo os dedos dele escavando a areia enquanto se assegura de que quaisquer pesadelos que porventura ele tenha tido não eram reais.

– Não consigo mais dormir – diz ele. – Um de vocês devia descansar. – Só então ele parece notar nossas expressões, a maneira como estamos abraçados um ao outro. – Ou os dois. Posso vigiar sozinho.

Mas Peeta não permite.

– É perigoso demais – diz ele. – Eu não estou cansado. Você dorme, Katniss. – Não me oponho porque preciso realmente dormir se pretendo estar em boas condições físicas para mantê-lo vivo. Deixo-o me conduzir até o local onde estão os outros. Ele põe o medalhão em meu pescoço e então pousa a mão em cima do ponto onde nosso bebê estaria. – Você vai ser uma excelente mãe, sabia? – Então me beija uma última vez e volta para Finnick.

A referência que ele faz ao bebê sinaliza que nosso tempo de folga dos Jogos se encerrou. Que ele sabe que a audiência vai estar imaginando por que ele não usou o argumento mais persuasivo em seu arsenal. Que os patrocinadores devem ser manipulados.

Mas enquanto estico o corpo na areia começo a imaginar: será que haveria outros significados? Será que aquelas palavras poderiam funcionar como lembretes endereçados a mim, significando que eu ainda poderia algum dia ter filhos com Gale? Bom, se foi esse o caso, ele cometeu um erro. Porque, por um lado, isso jamais fez parte do meu plano. E por outro, se apenas um de nós pode efetivamente ter filhos, qualquer um pode ver que essa pessoa deveria ser Peeta.

Enquanto adormeço, tento imaginar aquele mundo, em algum lugar do futuro, sem Jogos, sem Capital. Um lugar como a campina na canção que cantei para Rue quando ela estava morrendo. Onde o filho de Peeta poderia crescer seguro.



Quando acordo, tenho uma breve, porém deliciosa, sensação de felicidade que está de uma forma ou de outra conectada com Peeta. Felicidade, é claro, é um completo absurdo a essa altura, já que, pelo andar da carruagem, estarei morta em um dia. E esse é o cenário mais otimista, se eu for capaz de eliminar o restante do grupo, incluindo a mim mesma, e fazer com que Peeta seja coroado como vencedor do Massacre Quaternário. Ainda assim, a sensação é tão inesperada e gostosa que me grudo a ela, ao menos por alguns momentos. Antes que a areia dura, o sol quente e a coceira na minha pele exijam um retorno à realidade.

Todos já estão de pé e observando a descida de um paraquedas na praia. Junto-me a eles para uma outra entrega de pão. É idêntica àquela que recebemos na noite anterior. Vinte e quatro pãezinhos do Distrito 3. Isso nos dá trinta e três ao todo. Cada um de nós pega cinco, deixando outro de reserva. Ninguém diz, mas oito será o valor exato da divisão depois da próxima morte. De alguma maneira, à luz do dia, fazer piada sobre quem vai estar ali para comer os pãezinhos perdeu toda a graça.

Quanto tempo ainda vai durar essa aliança? Acho que ninguém esperava que o número de tributos baixasse tão rapidamente. E se eu estiver errada a respeito dos outros estarem protegendo Peeta? E se tudo foi puramente acidental? E se não passou de uma estratégia a fim de ganhar a nossa confiança para que nos tornássemos vítimas fáceis? E se eu não estiver entendendo o que realmente está acontecendo? Espere aí, não há nenhum *se* em relação a isso. Eu

não entendo o que está acontecendo. E se não entendo, é hora de Peeta e eu darmos o fora daqui.

Sento-me ao lado de Peeta na areia para comer meus pãezinhos. Por algum motivo, é difícil olhar para ele. Talvez tenha sido por causa de todos aqueles beijos ontem à noite, embora nós dois nos beijarmos não seja mais nenhuma novidade. Talvez nem tenha representado nenhuma diferença para ele. Pode ser que seja por eu saber que nos resta tão pouco tempo. E por estarmos envolvidos em tantas propostas cruzadas no que concerne a quem deve sobreviver nesses Jogos.

Depois de comermos, pego a mão dele e o levo até a água.

– Vamos. Vou te ensinar a nadar.

Preciso levá-lo para longe dos outros, para um local onde possamos discutir a separação. A coisa vai ser espinhosa, porque assim que eles perceberem que estamos rompendo a aliança, nos tornaremos alvos instantâneos.

Se estivesse realmente ensinando-o a nadar, eu o mandaria tirar o cinto, já que o objeto o mantém à tona, mas o que isso importa agora? Então, apenas mostro a ele as braçadas básicas e o deixo praticar na água rasa. No início, reparo em Johanna nos vigiando, mas com o tempo ela perde o interesse e vai tirar um cochilo. Finnick está tecendo uma nova rede a partir de trepadeiras e Beetee brinca com o fio. Sei que o momento chegou.

Enquanto Peeta nada, descubro uma coisa. As feridas que restam em mim estão começando a descascar. Esfregando delicadamente um punhado de areia para cima e para baixo em meu braço, limpo o que sobrou dos ferimentos, revelando uma pele nova por baixo. Interrompo o treinamento de Peeta sob o pretexto de mostrar a ele como se livrar das feridas que coçam e, enquanto nós dois nos esfregamos, menciono a nossa fuga.

– Escuta, agora só restam oito. Acho que está na hora de a gente se mandar – digo baixinho, embora duvide que algum tributo possa me ouvir.

Peeta balança a cabeça em concordância, e vejo que ele está avaliando a minha proposta. Calculando se nossas chances serão grandes.

– Quer saber? – diz ele. – Vamos ficar por aqui até que Brutus e Enobaria estejam mortos. Acho que Beetee está tentando montar alguma armadilha para eles agora. Depois disso, prometo que a gente vai embora.

Eu não estou totalmente convencida. Mas se sairmos agora, teremos dois grupos de adversários em nosso encalço. Talvez três, porque quem é que pode saber o que se passa pela cabeça de Chaff? Além do mais, tem o relógio para enfrentarmos. E também temos que pensar em Beetee. Johanna só o trouxe por minha causa, e se sairmos, ela certamente o matará. Então eu lembro. Não posso proteger Beetee também. Só pode haver um único vitorioso e tem de ser Peeta. Preciso aceitar isso. Tenho que tomar decisões baseadas apenas na sobrevivência dele.

– Tudo bem – digo. – Vamos ficar até que os Carreiristas estejam mortos. Mas depois vamos embora. – Eu me viro e aceno para Finnick. – Ei, Finnick, venha cá! A gente descobriu como deixar você bonitinho de novo!

Nós três raspamos as feridas de nossos corpos, ajudando uns aos outros a tirá-las de nossas costas, e saímos com a mesma coloração rosada do céu. Aplicamos uma outra rodada de remédio porque a pele parece delicada demais para a luz do sol, mas a aparência não é nem um pouco ruim e vai ser uma boa camuflagem na selva.

Beetee nos chama, e parece que durante todas essas horas remexendo o fio, ele efetivamente bolou um plano.

– Acho que todos nós concordamos que nossa próxima tarefa é matar Brutus e Enobaria – diz ele, suavemente. – Duvido que nos ataquem novamente de maneira direta agora que estão em número menor. Poderíamos caçá-los, imagino, mas é um trabalho perigoso e exaustivo.

– Você acha que eles descobriram a coisa do relógio? – pergunto.

– Se não descobriram, vão descobrir logo, logo. Talvez não de maneira tão específica quanto nós. Mas eles devem estar sabendo que pelo menos algumas das zonas estão protegidas por campos de força e que o mecanismo segue um modelo circular. E também o fato de que o nosso último combate foi interrompido pela intervenção de um Idealizador dos Jogos não vai passar despercebido a eles. Sabemos que isso foi uma tentativa de nos desorientar, mas eles devem estar se perguntando por que isso foi feito, o que também pode fazer com que percebam que a arena é um relógio – diz Beetee. – Então acho que nossa melhor opção vai ser montar nossa própria armadilha.

– Espere aí que vou acordar a Johanna – diz Finnick. – Ela vai ficar uma fera se achar que perdeu alguma coisa assim tão importante.

– Ou não – murmuro, já que ela está sempre uma fera, mas não o impeço, porque eu mesma ficaria com raiva se fosse excluída de um plano a essa altura do campeonato.

Quando ela se junta a nós, Beetee pede que nos afastemos um pouquinho para que ele tenha espaço para trabalhar na areia. Rapidamente desenha um círculo e o divide em doze fatias. É a arena, não representada com os traços precisos de Peeta, mas com as linhas toscas de um homem cuja mente está ocupada por coisas bem mais complexas.

– Se vocês fossem Brutus e Enobaria, sabendo o que sabem agora sobre a selva, onde vocês se sentiriam mais seguros? – pergunta Beetee. Não há nenhum traço de superioridade ou condescendência em sua voz, e ainda assim não consigo deixar de pensar que ele me faz lembrar um professor tentando dar uma aula para algumas crianças. Talvez seja a diferença de idade, ou simplesmente o fato de Beetee ser provavelmente um milhão de vezes mais inteligente do que nós.

– Onde estamos agora. Na praia – diz Peeta. – É o local mais seguro.

– Então por que eles não estão na praia? – diz Beetee.

– Porque nós estamos aqui – responde Johanna, impaciente.

– Exato. Nós estamos aqui, nós tomamos posse da praia. Agora, para onde vocês iriam? – diz Beetee.

Penso na selva mortífera, na praia ocupada.

– Eu me esconderia no limite da selva. Assim poderia fugir se alguém me atacasse. E também poderia espionar a posição dos outros.

– E também para comer – diz Finnick. – A selva é cheia de criaturas e plantas estranhas. Mas, observando a gente, eu saberia que a comida do mar é segura.

Beetee sorri para nós como se as respostas que demos tivessem superado todas as suas expectativas.

– É isso, muito bom. Agora o que eu proponho é isso aqui: um ataque às doze horas. O que acontece exatamente ao meio-dia e à meia-noite?

– O raio atinge a árvore – digo.

– Sim. Então o que estou sugerindo é que, depois do raio do meio-dia, mas antes do raio da meia-noite, passemos o meu fio daquela árvore até a água salgada que é, evidentemente, altamente condutora de energia. Quando o raio surgir, a eletricidade vai viajar pelo fio em direção não só à água, mas também à praia circundante, que ainda vai estar molhada por causa da onda das dez horas. Qualquer um em contato com aquelas superfícies naquele momento específico será eletrocutado – diz Beetee.

Há uma longa pausa enquanto nós todos digerimos o plano de Beetee. Parece um pouco fantástico demais para mim, até mesmo impossível. Mas por quê? Já montei milhares de armadilhas. Por acaso, isso não é apenas uma armadilha de maiores proporções e dotada de componentes mais científicos? Será que funcionaria? Como é que podemos ao menos questioná-la, nós, tributos treinados para pescar, cortar lenha e retirar carvão? O que podemos saber sobre utilizar os recursos energéticos do céu?

Peeta questiona:

– Esse fio vai mesmo ser capaz de conduzir tanta energia assim, Beetee? Ele tem uma aparência tão frágil, parece que vai pegar fogo num instante.

– Ah, vai queimar sim. Mas só depois que a corrente tiver passado por ele. Ele vai funcionar mais ou menos como um fusível, na verdade. Só que a eletricidade vai viajar por ele – diz Beetee.

– Como é que você sabe? – pergunta Johanna, demonstrando claramente ainda não estar convencida.

– Sei porque fui eu que inventei isso – diz Beetee, como se estivesse ligeiramente surpreso. – Na verdade ele não é um fio comum. Assim como o raio não é um raio natural e nem a árvore é uma árvore verdadeira. Você conhece árvores melhor do que qualquer um de nós aqui, Johanna. Elas já estariam destruídas depois dos raios, não estariam?

– Estariam, sim – responde ela, de modo taciturno.

– Não se preocupem com o fio. Ele vai fazer exatamente o que estou falando – assegura-nos Beetee.

– E onde é que nós vamos estar quando isso acontecer? – pergunta Finnick.

– Na selva, a uma distância segura – responde Beetee.

– Então os Carreiristas também estarão seguros, a menos que estejam próximos da água – observo.

– Exato – diz Beetee.

– Mas toda a comida do mar ficará cozida – diz Peeta.

– Provavelmente muito mais do que cozida – rebate Beetee. – É bastante possível que eliminemos definitivamente a capacidade do mar de nos fornecer alimento. Mas vocês encontraram outros itens comestíveis na selva, não é, Katniss?

– Encontramos, sim. Nozes e ratos – digo. – E temos patrocinadores.

– Bom, nesse caso, acho que comida não será problema – diz Beetee. – Mas como somos aliados e o empreendimento necessitará de todos os nossos esforços, a decisão de tentar ou não isso cabe a vocês quatro.

Nós *somos* alunos mesmo. Completamente incapazes de contrapor a teoria dele com qualquer coisa que não sejam as preocupações mais elementares. A maioria das quais nem tem qualquer relação com o plano em si. Olho para os rostos desconcertados dos outros.

– Por que não? – digo. – Se isso falhar, nenhum mal foi feito. Se funcionar, há uma chance bem razoável de matar todos eles. E mesmo que não morram e a gente só consiga acabar com a comida do mar, Brutus e Enobaria também perdem uma fonte de alimento.

– Na minha opinião, a gente deve tentar – diz Peeta. – Katniss tem razão.

Finnick olha para Johanna e ergue as sobrancelhas. Ele não vai participar disso sem ela.

– Tudo bem – diz ela, por fim. – De qualquer maneira, é melhor do que ir atrás deles na selva. Duvido que eles entendam o nosso plano, já que nem a gente consegue entender a coisa muito bem.

Beetee quer inspecionar a árvore do raio antes de atar o fio. A se julgar pelo sol, são mais ou menos nove da manhã. De qualquer modo, temos de deixar a nossa praia logo, logo. Então desmontamos o acampamento, caminhamos até a praia que faz limite com a seção do raio e nos encaminhamos para a selva. Beetee ainda está fraco demais para subir a encosta por conta própria, de modo que Finnick e Peeta se revezam carregando-o. Deixo Johanna seguir à frente porque o caminho até a árvore é uma linha reta e imagino que seja quase

impossível a gente se perder. Além disso, posso causar muito mais estragos com uma aljava cheia de flechas do que ela com dois machados, de modo que sou a mais apta a cuidar da retaguarda.

O ar denso e abafado pesa sobre mim. O calor não deu nenhuma trégua desde o começo dos Jogos. Gostaria muito que Haymitch parasse de nos mandar aqueles pãezinhos do Distrito 3 e nos conseguisse um pouco mais daquelas coisas do Distrito 4, porque já suei litros nos últimos dois dias e, embora tenha comido peixe, estou ansiando por um pouco de sal no organismo. Um pedaço de gelo seria uma outra boa ideia. Ou água gelada. Estou grata pelo fluido das árvores, mas ele tem a mesma temperatura que a água salgada, e o ar, e os outros tributos, e eu. É como se todos não passássemos dos ingredientes de uma grande e quente panela de ensopado.

Quando estamos nos aproximando da árvore, Finnick sugere que eu assuma a dianteira.

– Katniss consegue ouvir o campo de força – explica ele para Beetee e Johanna.

– Ouvir o campo de força? – pergunta Beetee.

– Só por causa do ouvido reconstruído pela Capital – digo. Adivinha quem eu não estou enganando com essa história? Beetee. Porque certamente ele se lembra de ter me mostrado como avistar um campo de força, e talvez seja impossível alguém ouvir campos de força, de um modo ou de outro. Mas, seja lá por quais razões, ele não questiona a minha afirmação.

– Então, que Katniss vá na frente e não se fala mais nisso – diz ele, fazendo uma pausa para enxugar o vapor de seus óculos. – Não podemos brincar com campos de força.

A árvore do raio é inconfundível, sua imensa altura destacando-a das outras. Pego um punhado de nozes e faço todo mundo parar enquanto me movo lentamente encosta acima, jogando as nozes na minha frente. Mas vejo o campo de força quase que imediatamente, inclusive antes de ele ser atingido por uma das nozes, porque ele se encontra a apenas quinze metros de distância. Meus olhos, que estão varrendo a vegetação à frente, avistam o quadrado ondulado bem no alto e à minha direita. Jogo uma noz bem na minha frente e a escuto crepitar em confirmação.

– Fiquem embaixo da árvore do raio – digo aos outros.

Dividimos as tarefas. Finnick protege Beetee enquanto ele examina a árvore, Johanna a fura em busca de água, Peeta colhe nozes e eu caço nas redondezas. Os ratos de árvore parecem não ter nenhum medo de humanos, de modo que abato três deles com facilidade. O som da onda das dez horas me lembra que devo voltar; retorno aos outros e limpo a caça. Em seguida, desenho uma linha na terra a alguns centímetros do campo de força para funcionar como um lembrete de que devemos nos manter afastados, e Peeta e eu começamos a assar nozes e pedaços de carne de rato.

Beetee ainda está às voltas com a árvore, fazendo não sei o quê, medindo isso e aquilo. Em determinado momento, ele arranca uma casca do tronco da árvore, junta-se a nós e a joga contra o campo de força. Ela é repelida e aterrissa no chão, incandescente. Em poucos instantes a casca volta à sua cor original.

– Bom, isso explica muita coisa – diz Beetee. Olho para Peeta e sou obrigada a morder o lábio para não rir, já que isso não explica absolutamente nada a ninguém, exceto a Beetee.

Mais ou menos nessa hora, ouvimos cliques vindos do setor adjacente ao nosso. Isso significa que são onze horas. Faz muito mais barulho na selva do que fazia na praia na noite anterior. Ouvimos atentamente.

– Não é uma coisa mecânica – diz Beetee, decidido.

– Eu diria que são insetos – comento. – Talvez besouros.

– Alguma coisa com antenas – acrescenta Finnick.

O som fica mais intenso, como se alertado para a proximidade de carne fresca por nossas palavras abafadas. Seja lá o que estiver produzindo esses cliques, aposto que pode nos roer até os ossos em questão de segundos.

– De qualquer maneira, é melhor a gente sair daqui – diz Johanna. – Falta menos de uma hora para o raio aparecer.

Entretanto, não vamos tão longe assim. Seguimos para a árvore idêntica na seção da chuva de sangue. Fazemos uma espécie de piquenique, agachados no chão, comendo nossa carne de caça e nossas nozes, esperando o raio que logo se faz presente. Por solicitação de Beetee, subo na copa da árvore quando os cliques começam a desaparecer. Quando o raio estoura, seu brilho é ofuscante, mesmo a distância, mesmo com a forte luz do sol. Ele envolve completamente

a árvore distante, fazendo-a brilhar azulada e deixando o ar ao redor carregado de eletricidade. Desço e relato minhas descobertas a Beetee, que parece satisfeito, mesmo que minhas palavras não sejam lá muito científicas.

Fazemos uma rota circundante para voltar à praia das dez horas. A areia está macia e úmida, limpa pela onda recente. Beetee nos dá a tarde de folga enquanto trabalha em seu fio. Como o objeto é sua arma e nós precisamos nos submeter tão inteiramente aos conhecimentos dele, há uma sensação esquisita de estarmos saindo mais cedo da escola. De início, nos revezamos tirando cochilos no limite sombreado da selva, mas no final da tarde todos estão acordados e inquietos. Decidimos fazer uma espécie de banquete com os frutos do mar, já que talvez essa seja a nossa última chance de aproveitá-los. Sob a orientação de Finnick cravamos lanças em peixes e catamos crustáceos, até mergulhamos para pegar ostras. Gosto mais dessa última parte, não por ter um grande apetite por ostras. Só comi ostra uma vez na vida, na Capital, e não consegui me virar muito bem com aquelas coisas escorregadias. Mas é maravilhoso mergulhar e ficar embaixo d'água, é como estar num mundo totalmente diferente. A água é muito clara, e cardumes de peixes das matizes mais brilhantes e estranhas flores aquáticas decoram o leito arenoso.

Johanna monta guarda enquanto Finnick, Peeta e eu limpamos e preparamos os frutos do mar. Peeta acaba de abrir uma ostra quando eu o ouço dar uma gargalhada.

– Olha só isso aqui! – Ele está segurando uma pérola resplandecente, perfeita, mais ou menos do tamanho de uma ervilha. – Você sabia que se você pressionar bastante o carvão ele se transforma em pérolas? – diz ele seriamente para Finnick.

– Não, não se transforma – diz Finnick, dando a conversa por encerrada. Mas eu acabo rindo, lembrando que foi assim que uma inábil Effie Trinket nos apresentou ao povo da Capital ano passado, quando ainda ninguém nos conhecia. Como carvão pressionado por pesadas dificuldades, prestes a se transformar em pérolas. Beleza surgida da dor.

Peeta limpa a pérola na água e a estende para mim.

– Para você.

Seguro a pérola na palma da minha mão e examino sua superfície iridescente à luz do sol. Sim, vou ficar com ela. Pelas poucas horas que me restam de vida, vou mantê-la junto a mim. Este último presente de Peeta. O único que realmente posso aceitar. Talvez ela me dê força nos momentos finais.

– Obrigada – digo, fechando os dedos em torno dela. Olho friamente nos olhos azuis da pessoa que é agora o meu grande oponente, a pessoa que me manteria viva às custas de sua própria vida. E prometo a mim mesma que derrotarei o plano dessa pessoa.

Vejo o humor se dissipando de seus olhos, que agora fixam-se tanto nos meus que é como se pudessem ler os meus pensamentos.

– O medalhão não funcionou, não é mesmo? – diz Peeta, embora Finnick esteja bem ali. Embora todos possam ouvi-lo. – Katniss?

– Funcionou, sim.

– Mas não da maneira como eu queria que funcionasse – diz ele, evitando olhar para mim. Depois disso ele não olha para mais nada além das ostras.

Justamente quando estamos a ponto de começar a comer, um paraquedas aparece com dois suplementos para nossa refeição. Um potinho com molho vermelho picante e mais uma porção de pãezinhos do Distrito 3. Finnick, é claro, começa a contá-los imediatamente.

– Vinte e quatro novamente – diz ele.

Trinta e dois pãezinhos, nesse caso. Então cada um de nós pega cinco, deixando sete, que jamais poderão ser divididos igualmente. É pão para uma única pessoa.

A carne do peixe de água salgada, os crustáceos suculentos. Até mesmo as ostras parecem apetitosas, muito melhoradas pelo molho. Nós nos empanturramos até que ninguém consegue mais dar uma dentada, e ainda assim sobra bastante comida. Não vai demorar a estragar, porém, de modo que jogamos tudo de volta no mar para que os Carreiristas não se aproveitem dela quando sairmos. Ninguém se importa com as conchas. A onda deverá se encarregar de levá-las.

Não há nada a fazer a não ser esperar. Peeta e eu nos sentamos na beira da água, de mãos dadas, mudos. Ele fez seu discurso ontem à noite, mas não foi

capaz de me fazer mudar de ideia, e nada que eu diga poderá alterar a decisão dele. O tempo dos presentes persuasivos acabou.

Mas tenho a pérola, presa num paraquedas com a cavilha, e o remédio na minha cintura. Espero que ela consiga voltar para o Distrito 12.

Certamente minha mãe e Prim garantirão que ela retorne a Peeta antes de enterrarem o meu corpo.



O hino começa, mas não há rostos no céu na noite de hoje. O público vai ficar agitado, sedento por sangue. A armadilha de Beetee é tão promissora que os Idealizadores dos Jogos decidiram não empreender novos ataques. Talvez estejam simplesmente curiosos para ver se ela vai funcionar.

Quando Finnick e eu julgamos ser mais ou menos nove horas, saímos de nosso acampamento repleto de conchas, nos dirigimos para a praia das doze horas e rapidamente começamos a avançar encosta acima para a árvore do raio à luz do luar. Nossos estômagos cheios nos deixam mais desconfortáveis e sem fôlego do que estávamos durante a escalada matinal. Começo a lamentar aquelas últimas ostras.

Beetee pede para Finnick o auxiliar e o resto do grupo monta guarda. Antes mesmo de atar qualquer fio à árvore, Beetee desenrola metros e metros do material. Ele pede para Finnick amarrá-lo com firmeza ao redor de um galho quebrado e depositá-lo no chão. Em seguida os dois ficam em pé, cada um de um lado da árvore, passando o cilindro um para o outro enquanto enrolam o fio em volta do tronco. De início parece arbitrário, mas então vejo um padrão, como um intrincado labirinto, se revelando à luz do luar ao lado de Beetee. Imagino se faz alguma diferença a maneira de o fio ser colocado, ou se isso é feito apenas para aumentar a especulação da audiência. Aposto que a maioria das pessoas que estão assistindo entende tanto de eletricidade quanto eu.

O trabalho no tronco fica completo no exato instante em que ouvimos a onda bater. Nunca compreendi em que ponto das dez horas ela irrompe. Deve

haver algum tipo de preparação, depois a onda propriamente dita e em seguida as consequências da inundação. Mas o céu está me dizendo que são dez e meia.

É nesse momento que Beetee revela o resto do plano. Como nos movemos rapidamente através das árvores, ele quer que Johanna e eu levemos o fio pela selva, desenrolando-o à medida que seguimos. Devemos depositá-lo ao longo da praia das doze horas e jogar o cilindro de metal, com o que quer que tenha sobrado, bem no fundo do mar, e nos certificar de que ele afundou mesmo. Em seguida, devemos correr para a selva. Se formos agora, neste instante, poderemos fazer tudo com uma boa margem de segurança.

– Quero ir com elas para montar guarda – diz Peeta, imediatamente. Depois daquele momento com a pérola, sei que ele está menos disposto do que nunca a permitir que eu escape de seu controle.

– Você é lento demais. E além do mais, vou precisar de você nessa extremidade. Katniss vai montar guarda – diz Beetee. – Não há tempo para discutir isso. Sinto muito. Para as garotas escaparem de lá com vida, é preciso que elas partam agora mesmo. – Ele entrega o fio a Johanna.

Gosto do plano tanto quanto Peeta. Como é que vou conseguir protegê-lo a distância? Mas Beetee tem razão. Com aquela perna, Peeta é lento demais para descer a encosta a tempo. Johanna e eu somos mais rápidas e mais habituadas a pisar no tipo de solo da selva. Não consigo imaginar nenhuma alternativa. E se confio em alguém aqui além de Peeta, esse alguém é Beetee.

– Está tudo bem – digo a Peeta. – A gente solta o fio e volta direto pra cá.

– Mas não para a zona do raio – lembra Beetee. – Vocês precisam ir para a árvore no setor de transição entre duas horas e uma hora. Se vocês acharem que o tempo está se esgotando, sigam para a fatia seguinte. Mas nem pensem em voltar para a praia até que eu tenha condições de avaliar o estrago.

Coloco as mãos no rosto de Peeta.

– Não se preocupe. A gente se vê à meia-noite. – Dou um beijo nele e, antes que possa se opor ainda mais, solto-me e me viro para Johanna. – Está pronta?

– Fazer o quê, né? – diz Johanna, dando de ombros. Está claro que ela acha essa parceria tão desagradável quanto eu. Mas estamos todos presos na armadilha de Beetee. – Você monta guarda, eu desenrolo o fio. Depois podemos trocar.

Sem falar mais, descemos a encosta. Na realidade, há pouquíssimas discussões entre nós. Avançamos num ritmo bastante razoável, uma desenrolando o fio, a outra montando guarda. Mais ou menos na metade do percurso, ouvimos os cliques ficando mais intensos, indicando que passa das onze.

– É melhor a gente correr com isso – diz Johanna. – Quero estar bem longe da água quando o raio chegar. Vai que o Faísca fez algum cálculo errado.

– Me deixa com o fio um pouco – digo. É um trabalho mais pesado dispor o fio do que montar guarda, e o turno dela foi bem longo.

– Aqui – diz Johanna, passando o fio para mim.

Nossas mãos ainda estão no cilindro de metal quando ocorre uma ligeira vibração. Subitamente, o fino fio dourado cai em cima de nós, emaranhando-se em rolinhos ao redor de nossos punhos. Então a extremidade cortada desliza até nossos pés.

Levamos apenas um segundo para registrar a rápida mudança. Johanna e eu nos entreolhamos, mas nenhuma das duas tem algo a dizer. Alguém não muito acima de nós cortou o fio. E vai nos atacar a qualquer momento.

Minha mão se livra do fio e está tocando as penas de uma flecha quando o cilindro de metal se choca contra a lateral da minha cabeça. A próxima coisa que sei é que estou deitada de costas nas trepadeiras, uma terrível dor na têmpora esquerda. Há algo de errado com meus olhos. Minha visão está embaçada, sem foco, enquanto luto para fazer com que as duas luas flutuando no céu voltem a ser uma só. Está difícil respirar, e percebo que Johanna está sentada em meu peito, me prendendo pelos ombros com os joelhos.

Sinto uma pontada no antebraço esquerdo. Tento movê-lo, mas ainda estou muito incapacitada. Johanna enterra alguma coisa, acho que a ponta de sua faca, em mim, girando-a. Tenho a sensação excruciante de estar sendo cortada, e uma coisa quente e viscosa escorre pelo meu pulso, enchendo a minha mão. Ela baixa o meu braço com firmeza e cobre metade do meu rosto com sangue.

– Fique aí quietinha! – sibila. O peso dela abandona o meu corpo e me vejo sozinha.

Ficar quietinha?, penso. *O quê? O que está acontecendo?* Meus olhos se fecham, bloqueando o mundo inconsistente, enquanto tento dar algum

sentido a minha situação.

Só consigo pensar em Johanna empurrando Wiress para a praia. "*Fique aí quietinha, certo?*" Mas ela não atacou Wiress. Não dessa maneira. Mas, de qualquer forma, eu não sou Wiress. Eu não sou Pancada. "*Fique aí quietinha, certo?*" ecoa em meu cérebro.

Passos se aproximando. Dois pares. Pesados, sem a preocupação de esconder seu paradeiro.

A voz de Brutus:

– Ela está mortinha! Vamos embora, Enobaria! – Pés se movendo na noite.

Estou? Minha consciência vai e volta em busca de uma resposta. Estou mesmo mortinha? Não me sinto em posição de argumentar em contrário. Na realidade, pensar racionalmente já é uma luta em si. Disso eu sei muito bem. Johanna me atacou. Bateu com toda força aquele cilindro na minha cabeça. Cortou meu braço, provavelmente causando danos irreparáveis em veias e artérias, e em seguida Brutus e Enobaria apareceram antes que ela tivesse tempo para acabar comigo.

A aliança está rompida. Finnick e Johanna devem ter entrado num acordo a respeito de nós ontem à noite. Eu sabia que devíamos ter saído naquela manhã. Não sei qual é a posição de Beetee. Mas sou uma presa fácil, assim como Peeta.

Peeta! Meus olhos se arregalam de pânico. Peeta está esperando na árvore, sem desconfiar de nada e despreparado. Talvez Finnick já até o tenha matado a uma hora dessas.

– Não – sussurro.

Aquele fio foi cortado de uma distância curta pelos Carreiristas. Finnick, Beetee e Peeta – eles não têm como saber o que está acontecendo por aqui. Eles só podem estar imaginando o que aconteceu, por que o fio ficou frouxo ou voltou de repente para a árvore. Isso, em si, não pode ser um sinal para matar, pode? Certamente isso foi apenas Johanna decidindo que chegara a hora de romper conosco. De me matar. De fugir dos Carreiristas. Para em seguida levar Finnick para a luta o mais rápido possível.

Eu não sei. Eu não sei. Só sei que preciso voltar para onde está Peeta e mantê-lo vivo. Toda a minha força de vontade é necessária para que me sente, comece a me arrastar para o lado de uma árvore e depois me ponha de pé. É

sorte eu ter algo em que me segurar, porque a selva está balançando para a frente e para trás. De um momento para o outro, eu me curvo e vomito o banquete de frutos do mar até que não haja mais uma única ostra em meu organismo. Trêmula e ensopada de suor, avalio minhas condições físicas.

Quando levanto o braço machucado, sangue espirra em meu rosto e o mundo dá mais uma sacudida alarmante. Fecho bem os olhos e me grudo na árvore até que as coisas fiquem um pouco mais firmes. Então dou alguns passos cuidadosos em direção a uma árvore vizinha, arranco um pouco de musgo e, sem examinar mais detidamente o ferimento, faço uma atadura no braço. Melhor. Com certeza é melhor nem olhar. Em seguida permito que minha mão toque hesitantemente o ferimento em minha cabeça. Tem um galo enorme, mas não há muito sangue. Obviamente, devo estar com algumas contusões internas, mas não pareço em risco de sangrar até morrer. Pelo menos não pela cabeça.

Seco as mãos no musgo e seguro o arco com meu braço ferido e trêmulo. Preparo uma flecha na corda. E começo a subir a encosta.

Peeta. Meu desejo de morrer. Minha promessa. De mantê-lo vivo. Meu coração se enche um pouco de esperança quando me dou conta de que ele deve estar vivo porque não houve nenhum tiro de canhão. Talvez Johanna estivesse agindo sozinha, ciente de que Finnick ficaria do lado dela assim que ela explicasse suas intenções. Embora seja difícil adivinhar o que acontece entre aqueles dois, penso em como ele olhou para ela atrás de confirmação antes de concordar em ajudar na montagem da armadilha de Beetee. Existe uma aliança muito mais profunda baseada em anos de amizade e quem sabe no que mais. Portanto, se Johanna se voltou contra mim, não devo mais confiar em Finnick.

Chego a essa conclusão somente alguns segundos antes de ouvir alguém descendo às pressas a encosta e vindo na minha direção. Nem Peeta nem Beetee teriam condições de se mover nessa velocidade. Agacho-me atrás de uma cortina de trepadeiras, escondendo-me bem a tempo. Finnick passa voando por mim, sua pele acinzentada devido ao remédio, saltando pela vegetação rasteira como um cervo. Logo ele alcança o local onde fui atacada. Deve estar vendo o sangue.

– Johanna! Katniss! – grita ele. Fico parada até ele seguir na direção em que foram Johanna e os Carreiristas.

Movimento-me o mais rápido que posso sem gerar um turbilhão ao meu redor. Minha cabeça lateja com o ritmo acelerado do meu coração. Os insetos, possivelmente excitados pelo cheiro de sangue, aumentaram a intensidade dos cliques até que o barulho se transforma num rugido contínuo em meus ouvidos. Não, espera aí. Talvez meus ouvidos estejam na verdade sentindo o efeito da agressão que sofri. Só vou poder saber com certeza quando os insetos se calarem. Mas quando os insetos ficarem em silêncio o raio vai surgir. Preciso ir mais rápido. Preciso pegar Peeta.

O ribombar de um canhão faz com que eu pare de súbito. Alguém morreu. Sei que com todo mundo agora correndo para cima e para baixo, armado e assustado, qualquer um pode ter sido a vítima. Mas seja lá quem for, acho que essa morte vai desencadear uma espécie de salve-se quem puder essa noite. As pessoas vão matar antes e questionar os motivos depois. Forço minhas pernas a correrem.

Alguma coisa agarra meus pés e caio esparramada no chão. Sinto a coisa me envolvendo, prendendo meu corpo em fibras resistentes. Uma rede! Isso deve ser uma das redes extravagantes de Finnick, posicionada para me capturar, e ele deve estar nas proximidades, tridente na mão. Debato-me por alguns instantes, conseguindo apenas fazer com que a rede me prenda ainda mais, e então, à luz da lua, vislumbro um pouco de sua composição. Confusa, levanto o braço e vejo que ela está presa num emaranhado de fios dourados brilhantes. Isso aqui não é em hipótese alguma uma das redes de Finnick, mas sim o fio de Beetee. Cuidadosamente, me levanto e descubro que estou em cima de uma parte do material que ficou presa num tronco no caminho de volta à árvore do raio. Lentamente, começo a me soltar do fio, piso fora de seu alcance e continuo subindo a encosta.

Pelo lado bom, estou na trilha certa e não fico tão desorientada pela contusão na cabeça a ponto de perder meu senso de direção. Pelo lado ruim, o fio me fez lembrar da tempestade e do raio que estão a caminho. Ainda consigo ouvir os insetos, mas será que eles estão começando a se dispersar?

Mantenho os rolinhos de fio alguns metros à minha esquerda para funcionar de guia enquanto corro, mas tomo muito cuidado para não tocar neles. Se aqueles insetos estão sumindo e o primeiro raio estiver a ponto de surgir, então toda a energia contida nele vai passar por este fio e qualquer pessoa em contato com ele morrerá.

A árvore aparece à minha frente, seu tronco com ornamentos dourados. Diminuo a velocidade, tento me mover sem despertar atenção, mas o que tenho mesmo é sorte por conseguir me manter na posição ereta. Procuro algum sinal dos outros. Ninguém. Ninguém está lá.

– Peeta? – chamo suavemente. – Peeta?

Recebo um gemido suave como resposta e giro o corpo para encontrar uma figura deitada numa parte mais alta do chão.

– Beetee! – exclamo. Saio em disparada e me ajoelho ao seu lado. O gemido deve ter sido involuntário. Ele não está consciente, embora eu não veja nenhum ferimento, exceto um corte abaixo do cotovelo. Pego um punhado de musgo e envolvo desajeitadamente o local enquanto tento despertá-lo. – Beetee! Beetee! O que está acontecendo? Quem foi que deu essa facada em você? Beetee! – Eu o sacudo de um jeito que jamais se deve sacudir uma pessoa ferida, mas não sei mais o que fazer. Ele geme novamente e ergue ligeiramente a mão para impedir minha ação.

Nesse momento reparo que ele está segurando uma faca, uma faca que Peeta estava carregando antes, acho, e que está mais ou menos envolvida no fio. Perplexa, levanto-me e ergo o fio, confirmando que ele está atado à árvore. Levo um instante para me lembrar do segundo fio, mais curto, com o qual Beetee envolveu um galho e deixou no chão antes mesmo de começar seu trabalho na árvore. Pensava que ele tinha alguma significância elétrica, que tinha sido deixado de lado para ser usado mais tarde. Mas nunca foi o caso, porque provavelmente não possui mais de vinte e cinco metros.

Aperto os olhos com força na direção do alto da encosta e percebo que estamos a apenas alguns passos do campo de força. Lá está o quadrado revelador, bem no alto e à minha direita, exatamente como estava hoje de manhã. O que foi que Beetee fez? Será que ele tentou de fato enfiar a faca no campo de força da maneira como Peeta fez por acidente? E qual é o papel do

fio? Será que esse era o seu plano B? Se a eletrificação da água falhou, será que ele quis mandar a energia do raio para o campo de força? O que isso proporcionaria, de qualquer maneira? Nada? Algo fabuloso? Nos fritaria? O campo de força também deve ser, em sua maior parte, energia, penso. O do Centro de Treinamento era invisível. Esse aqui parece, de certa forma, espelhar a selva. Mas vi que ele fraquejou ao ser atingido pela faca de Peeta e pela minha flecha. O mundo real repousa bem atrás dele.

Meus ouvidos não estão vibrando. Foram os insetos, afinal de contas. Estou ciente disso agora porque eles estão se dispersando rapidamente e não ouço nada além dos sons da selva. Beetee está imprestável. Não consigo despertá-lo. Não consigo salvá-lo. Não sei o que ele estava tentando fazer com a faca e o fio, e ele é incapaz de explicar. A atadura de musgo em meu braço está encharcada, e ficar aqui enganando a mim mesma não vai adiantar nada. Minha cabeça está tão leve que sinto que vou perder os sentidos em questão de minutos. Preciso me afastar dessa árvore e...

– Katniss! – ouço a voz dele, embora esteja a uma longa distância. Mas o que ele está fazendo? Peeta já deve ter percebido que todos estão em nosso encalço a uma hora dessas. – Katniss!

Não posso protegê-lo. Não consigo me mover com rapidez e minhas habilidades com o arco e flecha estão, na melhor das hipóteses, questionáveis. Faço a única coisa que posso para afastar os agressores dele e atraí-los para mim.

– Peeta! – berro. – Peeta! Eu estou aqui! Peeta! – Sim, vou atraí-los, qualquer um que esteja na minha vizinhança, vou afastá-los de Peeta e atraí-los para mim e para a árvore do raio que logo, logo vai virar uma arma em si. – Estou aqui! Estou aqui! – Ele não vai conseguir. Não com aquela perna e de noite. Ele nunca vai chegar a tempo. – Peeta!

Está funcionando. Ouço-os se aproximando. Dois deles. Avançando em meio à selva. Meus joelhos começam a fraquejar e me abaixo perto de Beetee, depositando o peso do corpo em meus calcanhares. Meu arco e as flechas preparados. Se eu conseguir acabar com esses, será que Peeta sobreviverá aos outros?

Enobaria e Finnick alcançam a árvore do raio. Eles não conseguem me ver, sentada acima deles na encosta, minha pele camuflada com o unguento. Miro o pescoço de Enobaria. Com sorte, quando eu a matar, Finnick se agachará atrás da árvore para se proteger no exato momento em que o raio surgir. E vai ser a qualquer momento. Ouço apenas um leve clique de inseto aqui e ali. Posso matá-los agora. Posso matar ambos agora.

Um outro som de canhão.

– Katniss! – A voz de Peeta uiva para mim. Mas dessa vez não respondo. Beetee ainda está respirando debilmente ao meu lado. Ele e eu logo morreremos. Finnick e Enobaria morrerão. Peeta está vivo. Dois canhonaços são ouvidos. Brutus, Johanna, Chaff. Dois deles já estão mortos. Isso deixará Peeta com apenas um tributo para matar. E isso é o melhor que consigo fazer. Um inimigo.

Inimigo. Inimigo. A palavra está puxando uma lembrança recente. Puxando-a para o presente. O olhar de Haymitch. "*Katniss, quando você estiver na arena...*" O mau humor, a apreensão. "*O quê?*" Ouço minha própria voz ficar embargada enquanto reajo a alguma acusação que não foi feita. "*Basta se lembrar de quem é o inimigo*", disse Haymitch. "*Isso é tudo.*"

As últimas palavras de conselho de Haymitch para mim. Por que precisaria me lembrar? Eu sempre soube quem era o inimigo. Quem nos deixa morrer de fome, nos tortura e nos mata na arena. Quem logo vai matar todas as pessoas que amo.

Abaixo o arco à medida que começo a me dar conta do que ele quis dizer. Sim, sei quem é o inimigo. E não é Enobaria.

Finalmente, vejo claramente a faca de Beetee. Minhas mãos trêmulas deslizam o fio do cabo, o enrolam na flecha logo acima das penas e o prendem com um nó aprendido no treinamento.

Eu me levanto, virando-me para o campo de força, revelando-me inteiramente, mas sem me importar mais com isso. Só me importando com o local para onde devo dirigir a ponta da flecha, para onde Beetee teria jogado a faca se tivesse tido condições de escolher. Meu arco aponta para o quadrado ondulante, a falha, a... como foi que ele se referiu a isso naquele dia? A brecha

na armadura. Deixo a flecha voar, vejo-a atingir sua marca e desaparecer, puxando o fio de ouro.

Meus cabelos ficam arrepiados e o raio atinge a árvore.

Uma intensa luz branca percorre o fio e, apenas por um momento, o domo explode numa ofuscante luz azul. Sou jogada para trás e caio no chão, o corpo imprestável, paralisada, olhos arregalados à medida que pedacinhos de matéria chovem sobre mim. Não consigo alcançar Peeta. Não consigo nem alcançar minha pérola. Meus olhos se esforçam para capturar uma última imagem de beleza que eu possa levar comigo.

Pouco antes de as explosões começarem, acho uma estrela.



Tudo parece irromper de uma vez só. A terra explode numa chuva de sujeira e matéria vegetal. Árvores ficam em chamas. Até mesmo o céu se enche de uma luminosidade colorida e fulgurante. Não consigo imaginar por que o céu está sendo bombardeado até perceber que os Idealizadores dos Jogos estão soltando fogos de artifício lá em cima, enquanto a destruição real ocorre no solo. Caso não seja uma diversão suficiente assistir à obliteração da arena e dos tributos restantes. Ou talvez para iluminar nossos fins escabrosos.

Será que eles vão permitir que alguém sobreviva? Será que haverá um vitorioso da septuagésima quinta edição dos Jogos Vorazes? Talvez não. Afinal, o que é esse Massacre Quaternário senão... o que foi mesmo que o presidente Snow leu naquele cartão?

"... para que os rebeldes não se esqueçam de que até mesmo o mais forte dentre eles não pode superar o poder da Capital..."

Nem mesmo o mais forte dos fortes triunfará. Talvez eles jamais tenham tido a intenção de ter um vitorioso nestes Jogos. Ou talvez meu ato final de rebelião os tenha forçado a isso.

Sinto muito, Peeta, penso. *Sinto muito por não ter tido condições de te salvar*. Salvá-lo? É muito mais provável que tenha roubado a última chance que ele tinha de viver ao destruir aquele campo de força. Talvez, se todos tivéssemos jogado de acordo com as regras, eles tivessem permitido que ele continuasse vivo.

O aerodeslizador se materializa acima de mim sem aviso. Se houvesse silêncio, e um tordo pousasse perto de mim, eu teria ouvido a selva ficar quieta e então o chamado do pássaro que precede o surgimento da aeronave da Capital. Mas meus ouvidos jamais poderiam distinguir uma coisa tão delicada no meio desse bombardeio.

A garra desce da parte inferior até ficar diretamente sobre a minha cabeça. As garras de metal deslizam sob o meu corpo. Quero gritar, correr, revidar, mas estou paralisada, indefesa, incapaz de fazer qualquer coisa além de fervorosamente esperar que a morte me atinja antes que seja obrigada a dar de cara com as figuras sombrias que estão à minha espera lá em cima. Eles não pouparam a minha vida para me dar a coroa de vitoriosa, mas para fazer da minha morte uma cerimônia tão lenta e pública quanto possível.

Meus piores temores são confirmados assim que percebo que o rosto que me recebe no interior do aerodeslizador pertence a Plutarch Heavensbee, Chefe dos Idealizadores dos Jogos. Que bagunça eu fiz nestes lindos Jogos com o astuto tique-taque do relógio e o campo de vitoriosos. Ele sofrerá por seu fracasso, provavelmente perderá a vida, mas não antes de me ver punida. Sua mão vem na minha direção, acho que para me bater, mas ele faz algo pior. Com o polegar e o indicador, ele fecha as minhas pálpebras, sentenciando-me à vulnerabilidade da escuridão. Eles podem fazer qualquer coisa comigo agora, eu nem terei condições de ver o que vai acontecer.

Meu coração bate com tanta força que o sangue começa a sair por baixo da minha atadura de musgo encharcada. Meus pensamentos se tornam nebulosos. É possível que eu sangre até morrer antes que eles consigam me ressuscitar. Na minha mente, sussurro um muito obrigada a Johanna Mason pelo excelente ferimento que infligiu em mim enquanto perco os sentidos.

Quando volto a um estado de semiconsciência, sinto que estou deitada numa mesa coberta por um revestimento. Há uma sensação de tubos furando o meu braço esquerdo. Estão tentando me manter viva porque, se eu morrer tranquila e silenciosamente, será uma vitória pessoal. Ainda estou totalmente incapaz de me mover, de abrir as pálpebras, de levantar a cabeça. Mas meu braço direito voltou a ter condições de se mexer um pouco. Ele cai ao lado do meu corpo como uma nadadeira, não, como alguma coisa com menos vida,

como um porrete. Na verdade, não tenho nenhuma coordenação motora, nenhuma prova de que ainda tenho dedos. No entanto, consigo balançar meu braço até arrancar os tubos. Um bipe é acionado, mas não consigo permanecer acordada para descobrir quem ele está convocando.

Na próxima vez que volto à tona, minhas mãos estão amarradas à mesa, os tubos de volta ao meu braço. Entretanto, consigo abrir os olhos e erguer a cabeça ligeiramente. Estou numa sala grande com teto rebaixado e luz prateada. Há duas fileiras de camas, uma de frente para a outra. Posso ouvir a respiração do que suponho serem meus companheiros vitoriosos. Bem na minha frente, vejo Beetee com mais ou menos dez máquinas diferentes ligadas a ele por fios. *Deixem a gente morrer!*, berro em minha mente. Bato a cabeça com força na mesa e desmaio novamente.

Quando finalmente, verdadeiramente, acordo, as restrições já não estão mais lá. Levanto a mão e descubro que tenho dedos que se movem novamente ao meu comando. Sento-me e me seguro na mesa revestida até que a sala entre em foco. Meu braço esquerdo está com um curativo, mas os tubos estão soltos ao lado da cama.

Estou sozinha, com exceção de Beetee, que ainda está deitado na minha frente, sustentado por seu exército de máquinas. Onde estão os outros, então? Peeta, Finnick, Enobaria e... e... mais um, certo? Ou Johanna ou Chaff ou Brutus ainda estava vivo quando o bombardeio começou. Tenho certeza de que eles vão querer fazer de nós todos um exemplo. Mas para onde foram levados? Será que foram levados do hospital para a prisão?

– Peeta – sussurro. Quero tanto protegê-lo. Ainda estou decidida a isso. Como fracassei em mantê-lo seguro em vida, preciso encontrá-lo, matá-lo agora antes que a Capital escolha os meios agonizantes de sua morte. Deslizo as pernas para fora da mesa e dou uma olhada ao redor em busca de alguma arma. Há algumas seringas esterilizadas num saco plástico em cima de uma mesa, ao lado da cama de Beetee. Perfeito. Tudo o que preciso é de ar e uma mira perfeita em uma de suas veias.

Faço uma pausa por um momento e avalio a possibilidade de matar Beetee. Mas se eu fizer isso, os monitores vão começar a soar e eu serei pega antes de

chegar em Peeta. Faço uma promessa silenciosa de voltar e acabar com ele, se puder.

Estou nua, exceto por uma camisola, de modo que deslizo a seringa para baixo do curativo que cobre o ferimento em meu braço. Não há guardas na porta. Sem dúvida nenhuma, estou a quilômetros abaixo do Centro de Treinamento ou em alguma casamata da Capital, e a possibilidade de fuga é praticamente inexistente. Pouco importa. Não vou fugir, só vou terminar o meu serviço.

Percorro sorrateiramente um corredor estreito em direção a uma porta de metal que está ligeiramente aberta. Alguém está atrás dela. Tiro a seringa e a seguro com força. Espremendo o corpo contra a parede, escuto as vozes lá dentro:

– As comunicações foram cortadas no 7, 10 e 12. Mas o 11 agora está com o controle dos transportes, portanto há pelo menos uma esperança de que consigam tirar alguma comida de lá.

Plutarch Heavensbee. Eu acho. Embora tenha apenas falado com ele uma vez. Uma voz áspera faz uma pergunta.

– Não, sinto muito. Não há como levá-lo ao 4. Mas recebi ordens especiais para que ela seja retirada, se possível. É o máximo que posso fazer, Finnick.

Finnick. Minha cabeça luta para entender a conversa, para entender o fato de que ela está acontecendo entre Plutarch Heavensbee e Finnick. Será que ele está assim tão íntimo da Capital a ponto de ter tido seus crimes perdoados? Ou será que ele realmente não fazia a menor ideia das intenções de Beetee? Ele resmunga mais alguma coisa. Uma coisa com o peso do desespero.

– Não seja idiota. Essa é a pior coisa que você poderia fazer. Ela morreria com certeza. Enquanto *você* estiver vivo, eles *a* manterão viva como isca – diz Haymitch.

Haymitch! Dou um soco na porta e caio dentro da sala. Haymitch, Plutarch e um Finnick bastante ferido estão sentados ao redor de uma mesa onde se encontra uma refeição que ninguém come. A luz da manhã é filtrada pelas janelas curvas e, ao longe, vejo as copas das árvores que formam uma floresta. Nós estamos voando.

– Terminou de se machucar, queridinha? – diz Haymitch, a irritação visível em sua voz. Mas quando tombo para frente, ele se levanta e me segura pelo punho, equilibrando-me. Ele olha para a minha mão. – Quer dizer então que são você e uma seringa contra a Capital? Está vendo? É por isso que ninguém deixa você fazer os planos. – Olho fixamente para ele, sem entender o que está querendo dizer. – Solta isso. – Sinto a pressão aumentar no meu punho direito até que minha mão é forçada a se abrir e largo a seringa. Ele me senta em uma cadeira perto de Finnick.

Plutarch coloca uma tigela de caldo na minha frente. Um pãozinho. Desliza a colher para a minha mão.

– Coma – diz ele, com uma voz muito mais delicada do que a utilizada por Haymitch.

Haymitch senta-se bem na minha frente.

– Katniss, vou explicar o que aconteceu. Não quero que você faça nenhuma pergunta até eu terminar. Está entendendo?

Balanço a cabeça entorpecidamente.

Havia um plano para nos tirar da arena desde o momento em que o Massacre Quaternário foi anunciado. Os tributos vitoriosos do 3, 4, 6, 7, 8 e 11 tinham graus variáveis de conhecimento acerca disso. Plutarch Heavensbee é membro, há vários anos, de um grupo secreto que tem por meta destruir o regime da Capital. Ele garantiu que o fio estivesse entre as armas. Beetee estava encarregado de fazer um buraco no campo de força. O pão que recebemos na arena era um código para a hora do resgate. O distrito de onde provinha o pão indicava o dia. Três. O número de pãezinhos a hora. Vinte e quatro. O aerodeslizador pertence ao Distrito 13. Bonnie e Twill, as mulheres do Distrito 8 que conheci na floresta, tinham razão em relação a sua existência e a sua capacidade de defesa. Estamos atualmente em uma viagem cheia de voltas até o Distrito 13. Enquanto isso, a maioria dos distritos em Panem está vivenciando uma rebelião em escala total.

Haymitch faz uma pausa para ver se estou seguindo a narrativa. Ou talvez tenha terminado por ora.

É muita coisa para ser apreendida, esse plano muito bem-detalhado do qual eu era uma peça, assim como estava destinada a ser uma peça nos Jogos

Vorazes. Usada sem consentimento, sem conhecimento. Pelo menos nos Jogos Vorazes eu sabia que estava sendo um joguete.

Meus supostos amigos foram bem mais eficientes em esconder os fatos.

– Você não me contou. – Minha voz está tão áspera quanto a de Finnick.

– Nem você nem Peeta foram informados. Não podíamos correr esse risco – diz Plutarch. – Eu estava inclusive preocupado com a possibilidade de você mencionar a minha indiscrição com o relógio durante os Jogos. – Ele pega o relógio de bolso e passa o polegar em cima do cristal, acendendo o tordo. – Mas é claro que, no momento em que mostrei isso a você, estava apenas dando uma dica sobre a arena. Como mentora. Pensei que isso talvez funcionasse como um primeiro passo no sentido de ganhar a sua confiança. Nunca sonhei que você voltaria a ser tributo.

– Ainda não entendo por que Peeta e eu não fomos informados sobre o plano – digo.

– Porque assim que o campo de força explodisse, vocês seriam as primeiras pessoas que eles tentariam capturar, e quanto menos vocês soubessem, melhor – diz Haymitch.

– Os primeiros? Por quê? – digo, tentando seguir o raciocínio.

– Pela mesma razão que o resto de nós concordou em morrer para manter você viva – diz Finnick.

– Não, Johanna tentou me matar – digo.

– Johanna bateu em você para arrancar o rastreador do seu braço e fazer com que Brutus e Enobaria ficassem longe – diz Haymitch.

– O quê? – A minha cabeça está doendo tanto que quero que eles parem de falar em círculos. – Não sei o que vocês estão...

– Tínhamos que salvá-la porque você é o tordo, Katniss – diz Plutarch. – Enquanto você viver, a revolução vive.

O pássaro, o broche, a canção, as amoras, o relógio, o biscoito, o vestido em chamas. Eu sou o tordo. O que sobreviveu apesar dos planos da Capital. O símbolo da rebelião.

Foi o que suspeitei na floresta quando encontrei Bonnie e Twill fugindo. Embora nunca tivesse realmente entendido a magnitude disso tudo. Mas não era mesmo para eu entender. Penso em Haymitch debochando dos meus

planos de fugir do Distrito 12, de começar o meu levante pessoal, até mesmo da própria noção de que o Distrito 13 poderia existir. Subterfúgios e mentiras. E se ele conseguia fazer isso, por trás de sua máscara de bebedeira e sarcasmo, sobre o que mais ele mentiu? Mas já sei a resposta.

– Peeta – sussurro, meu coração acelerando.

– Os outros mantiveram Peeta vivo porque, se ele morresse, nós sabíamos que não haveria chance de manter você na aliança – diz Haymitch. – E não podíamos correr o risco de deixar você desprotegida. – As palavras dele são diretas, sua expressão imutável, mas ele não consegue esconder a palidez cinzenta que recobre seu rosto.

– Onde está Peeta? – sibilo para ele.

– Ele foi pego pela Capital junto com Johanna e Enobaria – diz Haymitch. E finalmente ele tem a decência de desviar o olhar.

Tecnicamente, estou desarmada. Mas ninguém deveria jamais subestimar os danos causados por unhas afiadas, principalmente se o alvo estiver despreparado. Avanço na mesa e ataco Haymitch com elas, arrancando sangue e ferindo um de seus olhos. E logo estamos ambos gritando coisas terríveis, muito terríveis um para o outro, e Finnick está tentando me arrastar de lá, e sei que Haymitch está se esforçando ao máximo para não me partir ao meio, mas eu sou o tordo. Eu sou o tordo e já é difícil o bastante me manter viva na atual situação.

Outras mãos ajudam Finnick e volto para a minha mesa, o corpo contido, meus punhos amarrados, de modo que bato com a cabeça seguidamente na mesa, mais enfurecida do que nunca. Uma agulha é espetada em meu braço, e minha cabeça dói tanto que paro de lutar, e simplesmente emito um horrível lamento semelhante ao de um animal moribundo até minha voz desaparecer.

A droga proporciona uma sedação, de modo que fico presa numa tristeza nebulosa e dolorosa pelo que parece uma eternidade. Eles recolocam os tubos e falam comigo com vozes tranquilas que jamais me alcançam. Só consigo pensar em Peeta, deitado numa cama similar em algum lugar, enquanto eles tentam, por meios brutais, fazer com que ele forneça informações que nem sonharia possuir.

– Katniss. Katniss, eu sinto muito. – A voz de Finnick vem da cama próxima à minha e desliza para a minha consciência. Talvez porque nós dois estejamos vivenciando o mesmo tipo de dor. – Eu queria voltar para resgatar Peeta e Johanna, mas não conseguia me mover.

Não respondo. As boas intenções de Finnick Odair significam menos do que nada para mim.

– A situação é melhor para ele do que para Johanna. Eles vão entender com muita rapidez que ele não sabe nada. E não vão matá-lo se acharem que podem usá-lo contra você – diz Finnick.

– Como uma isca? – digo olhando para o teto. – Da mesma maneira que vão usar Annie como isca, Finnick?

Ouço-o chorar, mas não dou a mínima. Provavelmente eles nem vão perder tempo interrogando-a, já que a consciência dela submergiu há tanto tempo. Submergiu profundamente na época em que disputou seus Jogos. Há uma boa chance de eu estar me encaminhando para o mesmo fim. Talvez já esteja ficando louca e ninguém tenha coragem para me dizer. Eu me sinto louca o bastante.

– Gostaria muito que ela estivesse morta – diz ele. – Eu gostaria muito que todos eles estivessem mortos, e nós também. Seria melhor.

Bom, não existe uma boa resposta para isso. Mal consigo me opor, já que eu mesma estava andando com uma seringa na mão para matar Peeta quando dei de cara com eles. Será que realmente quero que ele morra? O que eu quero... o que eu quero é tê-lo de volta. Mas jamais o terei de volta agora. Mesmo que as forças rebeldes pudessem de alguma maneira derrubar a Capital, com certeza o último ato do presidente Snow seria cortar o pescoço de Peeta. Não. Eu jamais o terei de volta. Nesse caso, é melhor que ele esteja morto.

Mas será que Peeta vai saber disso ou será que ele vai continuar lutando? Ele é muito forte, além de ser um excelente mentiroso. Será que ele acha que tem alguma chance de sobreviver? Será que ele ao menos se importa se tem ou não? De qualquer maneira, ele não estava fazendo planos nesse sentido. Já havia se despedido da vida. Talvez esteja até feliz, se sabe que fui resgatada. Talvez esteja sentindo que cumpriu sua missão de me manter viva.

Acho que o odeio ainda mais do que odeio Haymitch.

Eu desisto. Paro de falar, e de responder, recuso comida e água. Eles podem enfiar o que quer que desejem em meu braço, mas é necessário muito mais do que isso para manter uma pessoa viva, uma vez que ela perdeu a vontade de viver. Tenho inclusive uma noção engraçada de que, se eu morrer mesmo, quem sabe Peeta não tenha permissão para continuar vivo? Não como uma pessoa livre, mas como um Avox ou coisa que o valha, atendendo os futuros tributos do Distrito 12. Então, talvez ele consiga encontrar alguma maneira de fugir. Minha morte ainda poderia salvá-lo, na realidade.

Se não puder, pouco importa. É suficiente morrer só para perturbar as coisas. Só para castigar Haymitch que, de todas as pessoas nesse mundo podre, transformou Peeta e a mim em peças dos Jogos dele. Confiei nele. Coloquei o que tinha de mais precioso nas mãos dele. E ele me traiu.

"*Está vendo? É por isso que ninguém deixa você fazer os planos*", disse Haymitch.

É verdade. Ninguém em sã consciência me deixaria fazer algum plano. Porque, obviamente, não consigo distinguir um amigo de um inimigo.

Muitas pessoas vêm conversar comigo, mas faço com que as palavras delas soem como os cliques dos insetos na selva. Distantes e sem sentido. Perigosas, mas somente se abordadas. Sempre que as palavras começam a ficar compreensíveis, gemo até me darem mais analgésicos, e isso ajeita as coisas.

Até que, em determinado momento, abro os olhos e encontro alguém que não consigo impedir que me olhe. Alguém que não vai implorar, ou explicar, ou pensar que pode alterar meu desejo com solicitações humildes, porque ele é a única pessoa que sabe como eu funciono.

– Gale – sussurro.

– Oi, Catnip. – Ele se aproxima e afasta alguns fios de cabelo de meus olhos. Um lado do rosto dele foi queimado recentemente. Seu braço está numa tipoia, e vejo ataduras por baixo da camisa de mineiro que ele usa. O que aconteceu com ele? Como ele pode estar aqui? Alguma coisa muito ruim aconteceu em casa.

Não é exatamente uma questão de esquecer Peeta, mas sim de se lembrar dos outros. Basta um olhar para Gale e eles avançam em direção ao presente, exigindo serem reconhecidos.

– Prim? – arquejo.

– Ela está viva. Assim como a sua mãe. Tirei-as de lá a tempo.

– Elas não estão no Distrito 12?

– Depois dos Jogos, eles mandaram aviões. Jogaram bombas incendiárias. – Ele hesita. – Bom, você sabe o que aconteceu com o Prego.

Eu sei. Vi a coisa acontecendo. Aquele antigo armazém coberto de poeira de carvão. O distrito inteiro coberto de poeira preta. Uma nova espécie de horror começa a tomar forma dentro de mim, enquanto imagino as bombas incendiárias atingindo a Costura.

– Elas não estão no Distrito 12? – repito. Como se pronunciar as palavras pudesse de alguma forma evitar a verdade.

– Katniss – diz Gale suavemente.

Reconheço aquela voz. É a mesma que ele usa para abordar animais feridos antes de lhes dar o golpe fatal. Levanto a mão instintivamente para bloquear as palavras, mas ele a segura com firmeza.

– Não fala – sussurro.

Mas Gale não costuma esconder segredos de mim.

– Katniss, o Distrito 12 não existe mais.

FIM DO LIVRO DOIS



Título original
THE HUNGER GAMES
CATCHING FIRE

Copyright © 2009 *by* Suzanne Collins

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou
meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema
de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do
editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
LUCIANA FIGUEIREDO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
MARIA FERNANDA SLADE

Edição digital: setembro, 2020.
Primeira edição digital: março, 2012

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C674e
Collins, Suzanne
Em chamas [recurso eletrônico] / Suzanne Collins; tradução Alexandre D'Elia. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital (Jogos vorazes)

Tradução de: Catching fire
ISBN 978-85-8122-031-4 (recurso eletrônico)

1. Rebeliões - Literatura infantojuvenil. 2. Programas de televisão - Literatura infantojuvenil. 3. Relações humanas - Literatura infantojuvenil. 4. Ficção científica americana. 5. Ficção infantojuvenil americana. 6. Livros eletrônicos. I. D'Elia, Alexandre. II. Título. III. Série.

12-0509

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

SUZANNE COLLINS é autora da série bestseller do *The New York Times* Jogos Vorazes. Os três volumes da história de Katniss Everdeen alcançaram o topo das listas de bestsellers em todo o mundo, foram traduzidos para mais de vinte idiomas, publicados em mais de quarenta países e adaptados para o cinema com a atriz indicada ao Oscar Jennifer Lawrence no papel principal. Suzanne Collins começou a carreira escrevendo programas infantis para o canal Nickelodeon. Ela nasceu nos Estados Unidos e vive com a família em Connecticut.

Visite o site da autora:
www.suzannecollinsbooks.com

A ESPERANÇA



SUZANNE COLLINS

Rocco
DIGITAL

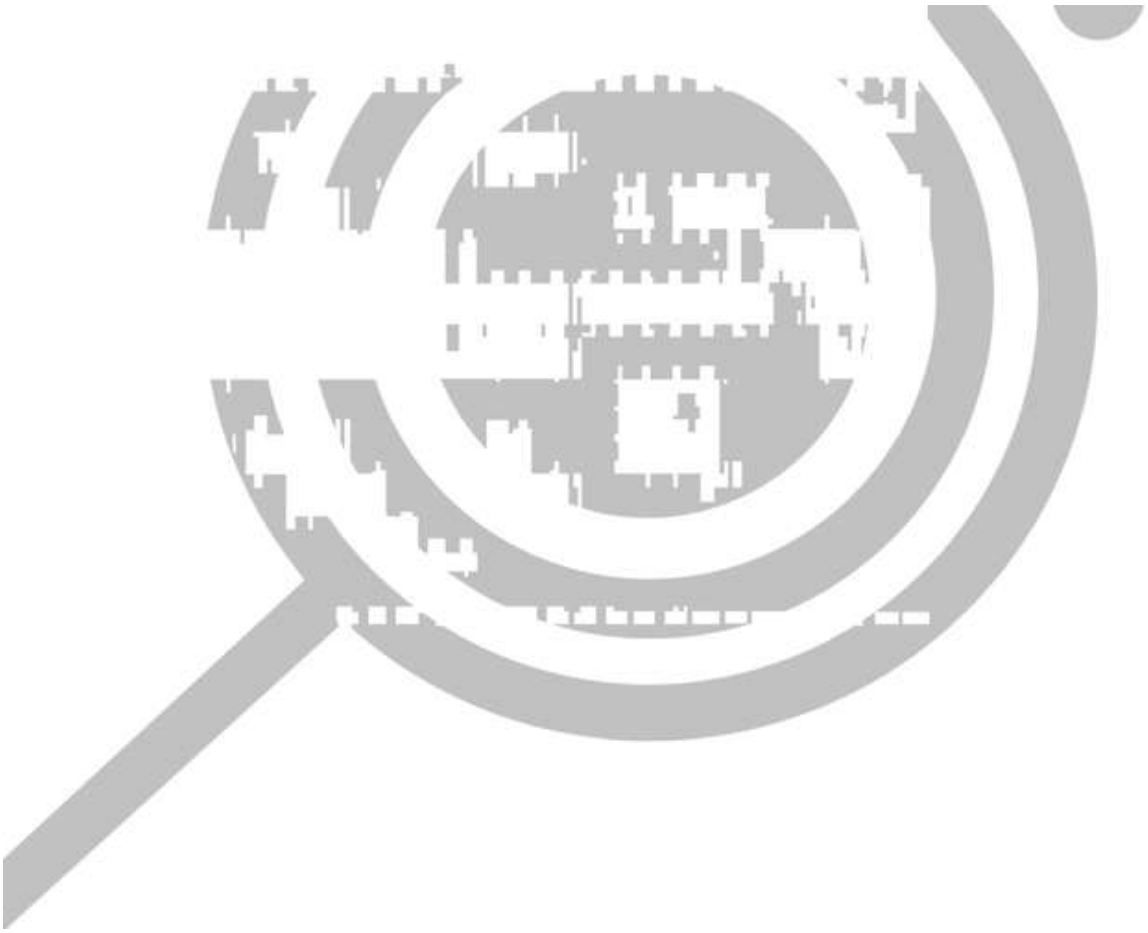


SUZANNE COLLINS

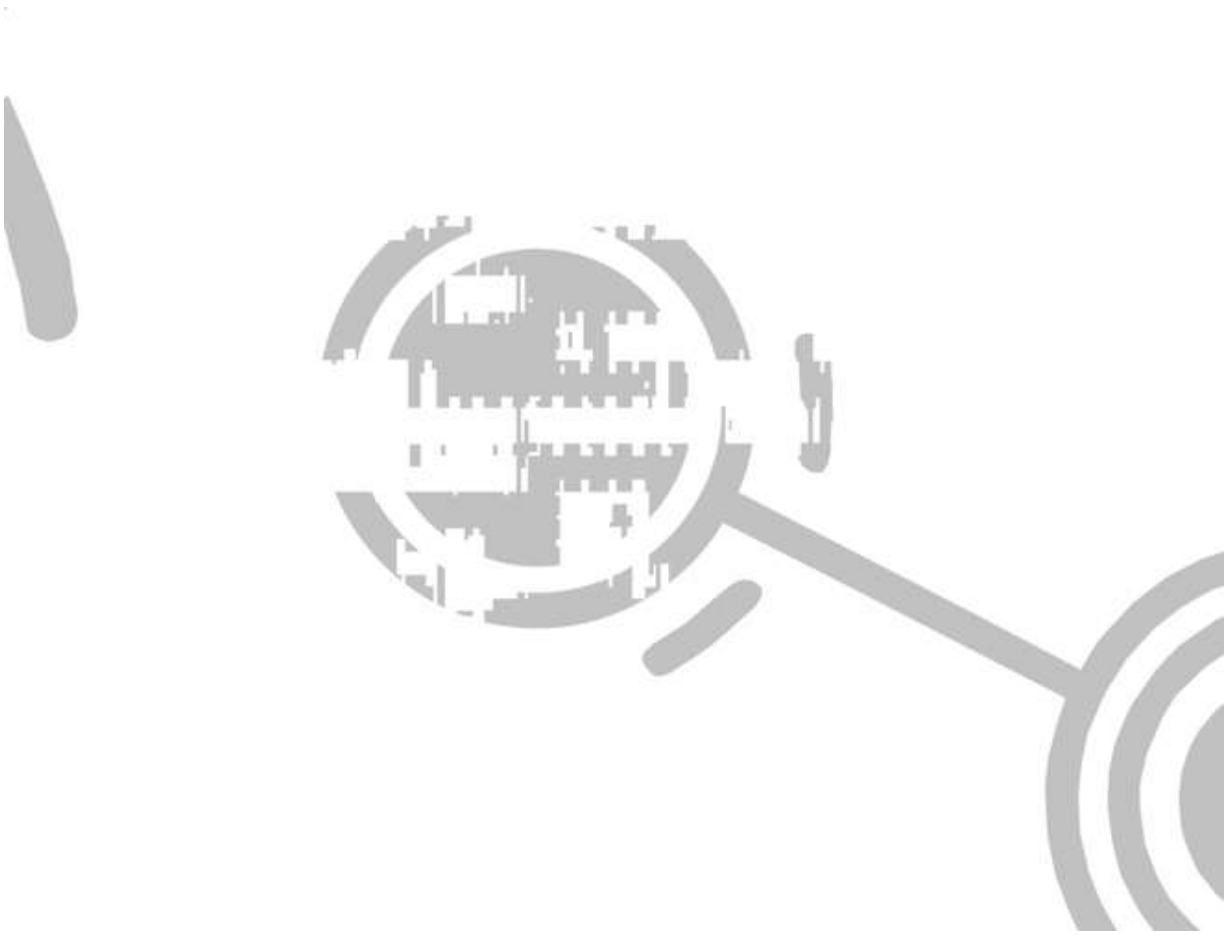
A ESPERANÇA

Tradução
Alexandre D'Elia

Rocco DIGITAL



Para Cap,
Charlie e Isabel



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE I

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9

PARTE II

Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18

PARTE III

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice



PARTE I

“AS CINZAS”



Olho para os meus sapatos, observando a fina camada de cinzas impregnar o couro gasto. Era aqui que ficava a cama que eu dividia com a minha irmã, Prim. Ali ficava a mesa da cozinha. Os tijolos da chaminé, que desabou numa pilha de entulho chamuscado pelo fogo, fornecem um ponto de referência para o resto da casa. Não fosse isso, como conseguiria me orientar nesse mar de cinzas?

Quase nada restou do Distrito 12. Um mês atrás, os bombardeios da Capital obliteraram as casas dos pobres mineiros na Costura, as lojas na cidade, até mesmo o Edifício da Justiça. A única área que escapou à incineração foi a Aldeia dos Vitoriosos. Não sei exatamente por quê. Talvez para que as pessoas obrigadas a vir da Capital em função de algum negócio tivessem um local agradável para ficar. Um ou outro repórter. Algum comitê avaliando a condição das minas de carvão. Um esquadrão de Pacificadores em busca de refugiados que tivessem voltado ao distrito.

Mas ninguém voltou, exceto eu. E apenas para uma breve visita. As autoridades no Distrito 13 foram contra o meu retorno. Elas entenderam que seria um empreitada onerosa e sem sentido, tendo em vista que pelo menos uma dúzia de aerodeslizadores invisíveis estão voando acima da minha cabeça para garantir minha proteção e que não existe nenhuma informação relevante que possa conseguir aqui. Entretanto, eu precisava ver o meu distrito. Precisava tanto que transformei o desejo em condição para cooperar com quaisquer dos planos deles.

Finalmente, Plutarch Heavensbee, o Chefe dos Idealizadores dos Jogos que havia organizado os rebeldes na Capital, levantou as mãos e disse:

– Deixe-a ir. Melhor perder um dia do que mais um mês. Talvez um giro rápido pelo 12 seja exatamente o que ela precisa para se convencer de que estamos do mesmo lado.

Do mesmo lado. Sinto uma pontada na têmpora esquerda e pressiono a mão no local. Exatamente onde Johanna Mason me atingiu com o carretel cilíndrico. As lembranças rodopiam na minha cabeça enquanto tento separar o que é verdade do que é falso. Que série de eventos me levou a ficar de pé sobre as ruínas da minha cidade? É difícil porque os efeitos da concussão que ela me proporcionou não diminuíram completamente e meus pensamentos ainda tendem a se misturar. Além disso, os remédios que eles usam para controlar minha dor e o meu estado de espírito às vezes me fazem ver coisas. Eu acho. Ainda não estou inteiramente convencida de que estava tendo uma alucinação na noite em que o chão do meu quarto de hospital se transformou num tapete de cobras se contorcendo.

Uso a técnica que um dos médicos me sugeriu. Começo com as coisas mais simples que sei que são verdadeiras e sigo em direção às mais complicadas. A lista começa a ficar enrolada na minha cabeça...

Meu nome é Katniss Everdeen. Tenho dezessete anos. O meu lar é o Distrito 12. Participei dos Jogos Vorazes. Escapei. A Capital me odeia. Peeta foi levado como prisioneiro. Imaginam que ele esteja morto. Há uma grande chance de ele estar morto. Provavelmente é melhor que esteja morto...

– Katniss. Você acha que é melhor eu descer? – A voz de Gale, meu melhor amigo, me alcança pelo capacete que os rebeldes insistiram que eu usasse. Ele está lá em cima no aerodeslizador, me vigiando cuidadosamente, pronto para descer se algo der errado. Percebo que estou agachada no chão agora, os cotovelos nas coxas, minha cabeça apertada entre as mãos. Devo estar parecendo alguém à beira de um colapso nervoso. Isso não vai dar certo. Não agora que eles finalmente estão começando a retirar minha medicação.

Estico o corpo e dispenso a oferta dele.

– Não, estou legal. – Para reforçar minhas palavras, começo a me afastar de minha antiga casa e tomo o caminho da cidade. Gale pediu para ser deixado no

12 comigo, mas não insistiu no assunto quando recusei sua companhia. Ele compreende o fato de eu não querer ninguém comigo hoje. Nem mesmo ele. Certos passos você tem que dar sozinho.

O verão está tremendamente quente, além de seco como um osso. Quase não houve chuva para dispersar as pilhas de cinzas deixadas pelo ataque. Elas mudam de posição aqui e ali, em reação aos meus passos. Não há nenhuma brisa para espalhá-las. Mantenho os olhos no local que lembro ser a estrada, porque assim que adentrei a Campina não fui cuidadosa e topei com uma pedra. Só que não era uma pedra – era o crânio de alguém. Ele rolou pelo chão e parou com a face voltada para cima e, por um longo tempo, não consegui parar de encarar aqueles dentes, imaginando de quem seriam, pensando em como os meus provavelmente teriam a mesma aparência sob circunstâncias similares.

Permaneço na estrada por puro hábito, mas é uma escolha ruim, porque ela está cheia do que sobrou daqueles que tentaram fugir. Alguns foram totalmente incinerados. Outros, porém, provavelmente assolados pela fumaça, escaparam do pior das chamas e agora encontravam-se nos mais desagradáveis estágios de decomposição, exalando mau cheiro, com a carne decomposta à espera de abutres e cobertos de moscas. *Eu matei você*, penso enquanto passo por uma pilha. *E você. E você.*

Porque eu fiz mesmo isso. Foi a minha flecha, apontada para a brecha do campo de força que cercava a arena, que proporcionou esses bombardeios como retaliação. Isso fez com que Panem inteira se transformasse num verdadeiro caos.

Na minha cabeça, ouço as palavras do presidente Snow, pronunciadas na manhã em que eu deveria começar a Turnê da Vitória. *"Katniss Everdeen, a garota em chamas, você acendeu uma fagulha que, se não for contida, pode crescer e se transformar num inferno que destruirá Panem."* Acontece que ele não estava exagerando ou simplesmente tentando me assustar. Talvez estivesse tentando genuinamente conseguir minha ajuda. Mas eu já havia colocado em funcionamento algo que não tinha como controlar.

Queimando. Ainda queimando, penso, entorpecida. As chamas nas minas de carvão soltam fumaça preta ao longe. Todavia, não sobrou ninguém para se

importar com isso. Mais de noventa por cento da população do distrito está morta. Os mais ou menos oitocentos que restaram estão refugiados no Distrito 13 – o que, até onde eu sei, é a mesma coisa que não ter mais casa para o resto da vida.

Sei que não devia pensar nisso; sei que deveria estar grata pela maneira como fomos recebidos. Doentes, feridos, esfomeados e de mãos vazias. Mesmo assim, não consigo tirar da cabeça o fato de que o Distrito 13 foi decisivo na destruição do 12. Isso não me absolve de culpa – há culpa suficiente para me manter ocupada. Mas, sem eles, eu não teria feito parte de um complô mais amplo para derrubar a Capital ou tido os recursos para fazê-lo.

Os cidadãos do Distrito 12 não contavam com um movimento de resistência organizado. Não tiveram voz ativa em nada disso. Seu azar foi me ter como um dos seus. Entretanto, alguns sobreviventes acham que é boa sorte finalmente se ver livre do Distrito 12. Ter escapado da interminável escassez de alimentos e da opressão, das perigosas minas, do chicote de nosso último Chefe dos Pacificadores, Romulus Thread. O simples fato de ter um novo lar é visto como uma maravilha já que, até pouco tempo atrás, nem imaginávamos que o Distrito 13 ainda existia.

O crédito pela fuga dos sobreviventes repousa diretamente nos ombros de Gale, embora ele relute em aceitar o fato. Assim que o Massacre Quaternário terminou – assim que fui retirada da arena –, a eletricidade no Distrito 12 foi cortada, as televisões foram apagadas e a Costura ficou num silêncio tão grande que as pessoas podiam ouvir os batimentos cardíacos umas das outras. Ninguém fez nada para protestar ou para comemorar o que havia acontecido na arena. No entanto, no decorrer de quinze minutos, o céu ficou recheado de aeronaves e bombas começaram a chover sobre a cabeça de todos.

Foi Gale quem pensou na Campina, um dos poucos locais que não eram repletos de velhas casas de madeira cobertas de poeira de carvão. Ele conduziu tantos quanto conseguiu naquela direção, incluindo minha mãe e Prim. Ele formou a equipe que pôs abaixo a cerca – uma mera barreira de correntes, com a eletricidade desligada – e acompanhou as pessoas até a floresta. Ele as levou para o único local que lhe ocorreu, o lago que meu pai me mostrara quando eu

era pequena. E foi de lá que eles observaram as chamas devastarem tudo o que conheciam no mundo.

Pela manhã, os bombardeiros já haviam ido embora há muito tempo, as chamas estavam se extinguindo, e os últimos grupos já haviam se reunido. Minha mãe e Prim haviam montado uma área médica para os feridos e estavam tentando tratá-los com o que quer que conseguissem obter na floresta. Gale tinha dois conjuntos de arco e flecha, uma faca de caça, uma rede de pesca e mais de oitocentas pessoas aterrorizadas para alimentar. Com a ajuda daqueles cujos corpos estavam aptos, eles conseguiram se virar por três dias. E foi então que o aerodeslizador inesperadamente chegou para evacuá-los para o Distrito 13, onde havia compartimentos brancos e limpos de sobra, prontos para serem habitados. Além de roupa em abundância e três refeições por dia. Os compartimentos tinham a desvantagem de serem no subterrâneo, as roupas eram idênticas e a comida era relativamente sem sabor, mas para os refugiados do 12, essas eram considerações de menor importância. Eles estavam a salvo. Eles estavam recebendo cuidados. Estavam vivos e foram ansiosamente bem recebidos.

Esse entusiasmo foi interpretado como gentileza. Mas um homem chamado Dalton, um refugiado do Distrito 10 que conseguira chegar ao 13 a pé alguns anos antes, vazou para mim o verdadeiro motivo.

– Eles precisam de você. De mim. Eles precisam de todos nós. Pouco tempo atrás ocorreu uma espécie de epidemia de varíola que matou um montão deles e deixou outros tantos inférteis. Uma nova leva de reprodutores. É assim que eles nos enxergam. – No 10, ele havia trabalhado em um dos ranchos de carne, mantendo a diversidade genética do gado com a implantação de embriões de vaca congelados muito tempo atrás. Ele provavelmente está certo em relação ao 13, porque não parece haver crianças suficientes por lá. Mas e daí? Nós não estamos sendo mantidos em currais, estamos sendo treinados para trabalhar, as crianças estão sendo educadas. Aqueles que têm mais de catorze anos obtiveram o direito de ingressar no exército e são chamados respeitosamente de "soldados". Cada refugiado teve direito automático a cidadania concedido pelas autoridades do 13.

Mesmo assim, eu os odeio. Mas, é claro, agora odeio quase todo mundo. Eu mesma mais do que qualquer outra pessoa.

A superfície abaixo de meus pés fica dura e, debaixo do carpete de cinzas, sinto as pedras do calçamento da praça. Ao redor do perímetro existe uma borda rasa de refugos onde ficavam as lojas. Uma pilha de dejetos escurecidos substituiu o Edifício da Justiça. Caminho até o local aproximado da padaria que a família de Peeta possuía. Não restou muita coisa além da protuberância derretida do forno. Os pais de Peeta, seus dois irmãos mais velhos... nenhum deles conseguiu chegar ao 13. Menos de uma dúzia de pessoas do Distrito 12 tidas como abastadas escapou do fogo. De um jeito ou de outro, Peeta não teria o que rever aqui. Exceto a mim...

Afasto-me da padaria e dou uma topada em alguma coisa, perco o equilíbrio e acabo sentada em cima de um pedaço de metal aquecido pelo sol. Fico imaginando o que teria sido aquilo, e então me lembro da recente renovação empreendida por Thread na praça. Troncos, pelourinhos e isso aqui, o que restou do patíbulo. Ruim. Isso é ruim. Isso traz de volta uma enxurrada de imagens que me atormentam, acordada ou durante o sono. Peeta sendo torturado – afogado, queimado, dilacerado, mutilado, espancado e recebendo choques elétricos – pela Capital, que tenta conseguir informações sobre a rebelião de que ele não dispõe. Fecho bem os olhos e tento alcançá-lo em meio às centenas e centenas de quilômetros para fazer com que meus pensamentos penetrem na mente dele, para informá-lo de que não está sozinho. Mas ele está. E não tenho como ajudá-lo.

Correr. Correr para longe da praça e em direção ao único local que o fogo não destruiu. Passo pelos destroços da casa do prefeito, onde a minha amiga Madge morava. Nenhuma notícia dela ou de sua família. Será que foram evacuados para a Capital por causa da posição do pai dela, ou será que foram deixados nas chamas? Cinzas erguem-se do chão ao meu redor, e ponho a bainha da minha saia na frente da boca. O que ameaça fazer com que eu vomite não é imaginar o que estou aspirando, mas quem.

A grama ficou esturricada e a neve cinzenta caiu aqui também, mas as doze casas de boa qualidade da Aldeia dos Vitoriosos estão intactas. Entro como um raio na casa em que morei no último ano, bato a porta com força e me encosto

nela. O lugar parece intocado. Limpo. Assustadoramente quieto. Por que será que voltei ao 12? Como essa visita pode me ajudar a responder à pergunta da qual não consigo escapar?

– O que é que vou fazer? – sussurro para as paredes. Porque realmente não sei.

As pessoas não param de falar ao meu redor. Falam, falam, falam. Plutarch Heavensbee. Sua assistente calculista, Fulvia Cardew. Um amontoado de líderes de distritos. Oficiais militares. Mas não Alma Coin, a presidenta do 13, que apenas observa. Ela deve ter uns cinquenta anos, seus cabelos grisalhos caem como um lençol por cima dos ombros. Sou um tanto quanto fascinada pelos cabelos dela. São tão uniformes, tão perfeitos, com um caimento tão preciso. Seus olhos são cinzentos, mas não como os olhos das pessoas da Costura. Eles são bem pálidos, como se quase toda a cor tivesse sido sugada deles. Da cor da neve caída no chão que você gostaria que derretesse.

O que eles querem é que eu assuma verdadeiramente o papel que designaram para mim. O símbolo da revolução. O Tordo. Não é suficiente o que fiz no passado, desafiando a Capital nos Jogos, fornecendo um ponto de reorganização. Devo agora tornar-me a líder real, o rosto, a voz, o corpo da revolução. A pessoa com quem os distritos – a maioria dos quais estão agora abertamente em guerra com a Capital – podem contar para incendiar a trilha em direção à vitória. Não vou precisar fazer isso sozinha. Eles têm toda uma equipe para me auxiliar, para me vestir, para escrever meus discursos, orquestrar minhas aparições – como se isso não soasse horrivelmente familiar – e tudo o que tenho que fazer é desempenhar o meu papel. Às vezes os ouço e às vezes apenas observo a linha perfeita do penteado de Coin e tento decidir se aquilo não é uma peruca. Por fim, saio da sala porque minha cabeça começa a doer ou porque está na hora de comer ou porque se eu não voltar para a superfície imediatamente, é bem provável que comece a berrar. Não me preocupo em dizer coisa alguma. Eu simplesmente me levanto e saio.

Ontem à tarde, quando a porta estava se fechando atrás de mim, ouvi Coin dizer:

– Eu disse para você que devíamos ter resgatado o garoto primeiro. – Ela se referia a Peeta. Estou totalmente de acordo. Ele teria sido um excelente porta-

voz.

E quem foi que eles fisgaram da arena em vez disso? Eu, que me recuso a cooperar. Beetee, um antigo inventor do 3, que raramente vejo porque foi levado para o setor de desenvolvimento de armas assim que conseguiu se sentar no leito hospitalar. Eles literalmente empurraram a cama dele até uma área supersecreta e agora ele só aparece de vez em quando para fazer as refeições. Ele é muito inteligente e está bastante disposto a ajudar, mas não é alguém capaz de inflamar os ânimos das multidões. Aí temos também Finnick Odair, o símbolo sexual do distrito de pesca, que manteve Peeta vivo na arena quando eu não tinha mais condições de cuidar disso. Eles também querem transformar Finnick num líder rebelde, mas primeiro terão de conseguir mantê-lo acordado por mais de cinco minutos. Mesmo quando está consciente, você precisa falar tudo três vezes com ele para que a coisa entre em seu cérebro. Os médicos dizem que isso é resultado do choque que ele recebeu na arena, mas sei que a situação é bem mais complicada. Sei que Finnick não consegue se concentrar em nada no 13 porque está tentando com muito afinco ver o que está acontecendo na Capital com Annie, a garota louca de seu distrito que é a única pessoa no mundo que ele ama.

Apesar das sérias reservas, fui obrigada a perdoar Finnick por seu papel na conspiração que me trouxe até aqui. Ele, pelo menos, faz alguma ideia do que estou passando. E é preciso muita energia para ficar com raiva de alguém que chora tanto.

Circulo pela casa com pés de caçadora, relutando em produzir alguma espécie de som. Pego algumas lembranças: uma foto de meus pais no dia do casamento, uma fitinha de cabelo azul para Prim, o livro da família sobre plantas medicinais e comestíveis. O livro cai aberto numa página com flores amarelas e o fecho rapidamente porque foi o pincel de Peeta que as pintou.

O que eu vou fazer?

Existe algum sentido em fazer o que quer que seja? Minha mãe, minha irmã e a família de Gale estão finalmente a salvo. Quanto ao restante do 12, as pessoas ou estão mortas, o que é irreversível, ou protegidas no 13. Sobram então os rebeldes nos distritos. É claro que odeio a Capital, mas não confio no fato de que, ao assumir o papel de Tordo, estarei beneficiando aqueles que

tentam derrubá-la. Como posso ajudar os distritos se sempre que decido fazer algo o resultado é sofrimento e vidas perdidas? O velho que recebeu um tiro no Distrito 11 por assobiar. O castigo imposto ao 12 depois que intervim nas chicotadas de Gale. Meu estilista, Cinna, sendo arrastado, ensanguentado e inconsciente, da Sala de Lançamentos, antes dos Jogos. As fontes de Plutarch acreditam que ele tenha sido morto durante o interrogatório. O brilhante, enigmático e adorável Cinna está morto por minha causa. Afasto de mim o pensamento porque é exageradamente doloroso remoê-lo sem perder inteiramente os frágeis sustentáculos que mantêm minha sanidade sob controle.

O que vou fazer?

Tornar-me o Tordo... Será possível que algo de bom que eu venha a realizar supere os estragos decorridos de minhas ações? Quem pode me dar uma resposta confiável? Certamente não aquele pessoal do 13. Juro que, agora que a minha família e a de Gale estão fora de perigo, eu podia muito bem fugir. Exceto por uma única questão ainda não resolvida. Peeta. Se pudesse me certificar de que ele está morto, poderia simplesmente desaparecer na floresta e jamais olhar para trás. Mas até ter essa certeza, estou presa aqui.

Giro o corpo ao som de um sibilo. Na porta da cozinha, as costas arqueadas, as orelhas achatadas, encontra-se o gato mais horroroso da face da terra.

– Buttercup – digo. Milhares de pessoas estão mortas, mas ele sobreviveu e até parece bem alimentado. Com o quê? Ele pode entrar e sair da casa através da janela que sempre deixamos aberta na despensa. Deve estar comendo ratos do campo. Eu me recuso a imaginar quaisquer alternativas.

Eu me agacho e lhe estendo a mão.

– Vem cá, garoto. – Pouco provável. Ele está com raiva por ter sido abandonado. Além do mais, não estou oferecendo comida, e minha habilidade para providenciar alguma coisa para ele comer sempre foi a qualidade que mais o fazia se aproximar de mim. Durante certo tempo, quando costumávamos nos encontrar na antiga casa porque os dois detestavam a nova, parecia que nossos laços estavam se estreitando um pouco. Com toda certeza essa fase acabou. Ele pisca aqueles desagradáveis olhos amarelos.

– Quer ver a Prim? – pergunto. O nome dela desperta sua atenção. Além de seu próprio nome, essa é a única palavra que significa algo para ele. Ele dá um miado enferrujado e se aproxima de mim. Eu o pego, afago seu pelo e então vou até o closet, apanho minha bolsa de caça e o enfio lá dentro sem a menor cerimônia. Não há outra maneira de levá-lo no aerodeslizador, e ele é a coisa mais importante do mundo para minha irmã. Sua cabra, Lady, um animal que realmente vale alguma coisa, infelizmente não deu as caras.

No meu capacete, ouço a voz de Gale me dizendo que devo voltar. Mas a bolsa de caça me lembrou de mais uma coisa que quero. Prendo a correia da bolsa nas costas e subo correndo a escada em direção ao meu quarto. Dentro do closet, está pendurada a jaqueta de caça de meu pai. Antes do Massacre Quaternário, eu a peguei na antiga casa e a trouxe para cá, imaginando que sua presença pudesse trazer algum conforto para minha mãe e minha irmã quando eu estivesse morta. Ainda bem que fiz isso porque, do contrário, a jaqueta teria virado cinzas.

O couro macio dá uma sensação tranquilizante e, por um momento, eu me acalmo com as lembranças das horas que passei agarrada a ela. Então, inexplicavelmente, as palmas das minhas mãos começam a suar. Uma estranha sensação me sobe pela nuca. Eu me viro rapidamente para encarar o quarto e o encontro vazio. Arrumado. Tudo em seu devido lugar. Não havia nenhum som que pudesse me assustar. O que foi, então?

Meu nariz coça. É o cheiro. Enjoativo e artificial. Uma pincelada de branco escapa de um vaso de flores secas em meu vestíbulo. Eu me aproximo dele com passos cautelosos. Lá, obscurecendo suas primas, encontra-se uma flor branca recém-colhida. Perfeita. Até o último espinho e pétala sedosa.

E sei imediatamente quem a enviou para mim.

O presidente Snow.

Quando começo a ficar engasgada devido ao fedor, me afasto e saio dali. Há quanto tempo ela está lá? Um dia? Uma hora? Os rebeldes fizeram uma varredura de segurança na Aldeia dos Vitoriosos antes de receber permissão para vir até aqui, atrás de explosivos, dispositivos de escuta, qualquer coisa fora do comum. Mas talvez a rosa não parecesse relevante para eles. Somente para mim.

No térreo, arranco a bolsa de caça da cadeira, sacudindo-a rente ao chão até me lembrar de que há algo dentro. No gramado, aceno freneticamente para o aerodeslizador enquanto Buttercup se debate. Dou uma cotovelada nele, que fica furioso. Um aerodeslizador aparece e uma escada é baixada. Piso nela e a energia me congela até eu ser erguida a bordo.

Gale me ajuda a sair da escada.

– Tudo bem?

– Ahã. – Enxugo o suor da testa com a manga da camisa.

Ele deixou uma rosa para mim! Eu quero gritar, mas esse com certeza não é o tipo de informação que posso compartilhar com alguém como Plutarch nas imediações. Em primeiro lugar, porque isso vai fazer com que eu pareça louca. Ou como se tivesse imaginado tudo, o que é bem possível, ou como se estivesse tendo uma reação exagerada, o que me obrigaria a retornar ao território dos sonhos induzido pelas drogas do qual estou tentando tanto escapar. Ninguém vai compreender totalmente – como aquilo não é apenas uma flor, nem mesmo apenas a flor do presidente Snow, mas uma promessa de vingança – porque ninguém mais estava sentado naquele escritório com ele quando me ameaçou antes da Turnê da Vitória.

Posicionada em meu vestíbulo, aquela rosa branca como a neve é uma mensagem pessoal para mim. Ela fala de um assunto não concluído. Ela sussurra: *Posso achá-la. Posso alcançá-la. Talvez a esteja vigiando agora.*



Será que alguma aeronave da Capital está vindo à toda para nos explodir em mil pedacinhos? Enquanto sobrevoamos o Distrito 12, observo ansiosamente a paisagem em busca de sinais de um possível ataque, mas não há nada nos perseguindo. Depois de vários minutos, quando escuto uma troca de palavras entre Plutarch e o piloto, confirmando que o espaço aéreo está liberado, começo a relaxar um pouco.

Gale balança a cabeça para os gemidos que escapam de minha bolsa de caça.

– Agora sei por que você precisava voltar.

– Se houvesse ao menos uma chance de recuperá-lo. – Jogo a bolsa no assento, onde a hedionda criatura solta um rosnado lento e gutural. – Ah, cala essa boca – digo para a bolsa enquanto desabo no assento acolchoado próximo à janela em frente a ela.

Gale senta do meu lado.

– Foi muito ruim lá embaixo?

– Pior impossível – respondo. Olho bem nos olhos dele e vejo meu próprio pesar refletido ali. Nossas mãos se encontram, apegando-se com rapidez a uma parte do 12 que Snow, de um modo ou de outro, não conseguiu destruir. Ficamos sentados em silêncio o resto da viagem até o 13, um percurso que não dura mais do que quarenta e cinco minutos. Uma mera semana de viagem a pé. Bonnie e Twill, as refugiadas do Distrito 8 que encontrei na floresta no inverno passado, não estavam tão distantes de seu destino, afinal de contas. Entretanto, ao que tudo indica, elas não conseguiram atingir seu objetivo.

Quando eu perguntei por elas no 13, ninguém parecia saber de quem eu estava falando. Imagino que tenham morrido na floresta.

Do céu, o 13 parece tão alegre quanto o 12. Os destroços não estão soltando fumaça, como a Capital mostra na TV, mas praticamente não há o menor sinal de vida na superfície. Nos setenta e cinco anos que se passaram desde os Dias Escuros – quando dizem que o 13 foi obliterado na guerra entre a Capital e os distritos –, quase todas as novas construções foram feitas abaixo da superfície. Já havia uma instalação substancial aqui, desenvolvida ao longo de séculos para servir ou como esconderijo clandestino para líderes do governo em tempos de guerra ou como último recurso para a humanidade se a vida acima da superfície se tornasse inviável. O mais importante para as pessoas do 13 era o fato de o distrito ser o centro do programa de desenvolvimento de armas nucleares da Capital. Durante os Dias Escuros, os rebeldes no 13 arrancaram o controle das forças do governo, apontaram seus mísseis nucleares para a Capital e em seguida propuseram um acordo: eles se fingiriam de mortos e em troca seriam deixados em paz. A Capital possuía outro arsenal nuclear a oeste, mas não conseguiria atacar o 13 sem que houvesse retaliação. O governo central foi obrigado a aceitar a proposta. A Capital demoliu os resquícios visíveis do distrito e cortou todos os acessos do exterior. Talvez os líderes da Capital tivessem pensado que, sem ajuda, o 13 morreria. Em determinados momentos, isso quase ocorreu, mas eles sempre conseguiam se manter devido a um rígido sistema de compartilhamento de recursos, uma extrema disciplina e uma constante vigilância contra qualquer possibilidade de ataque por parte da Capital.

Agora os cidadãos vivem quase que exclusivamente no subterrâneo. Você pode sair para fazer exercícios e tomar banho de sol, mas somente em momentos bem específicos de sua programação diária. Você não pode descumprir sua programação diária. Todas as manhãs, você é obrigado a enfiar seu braço direito num dispositivo na parede. Ele faz uma tatuagem na parte interna de seu antebraço onde está descrita a programação do seu dia numa desagradável tinta roxa. *7:00 – Café da manhã. 7:30 – Tarefas de Cozinha. 8:30 – Centro Educacional, Sala 17*. E assim por diante. A tinta não pode ser removida até as *22:00 – Banho*. É nesse momento que seja lá o que faz com

que a tinta seja resistente a água para de funcionar, e a programação inteira escorre pelo ralo. A luz que se apaga às 22:30 sinaliza que qualquer pessoa não designada para exercer alguma função no turno da noite deve estar na cama.

No início, quando estava doente demais no hospital, eu conseguia escapar da tatuagem. Mas assim que me mudei para o Compartimento 307 com minha mãe e irmã, fui obrigada a seguir o programa. Mas, exceto nos horários das refeições, eu simplesmente ignoro as palavras impressas em meu braço. Volto para nosso compartimento ou fico zanzando pelo 13 ou durmo um pouco em algum lugar escondido. Num duto de ar abandonado. Atrás das bombas de água na lavanderia. Existe um closet no Centro Educacional que é uma maravilha porque parece que ninguém jamais precisa de suprimentos escolares. Eles são tão frugais com as coisas aqui que o desperdício é praticamente uma atividade criminosa. Felizmente, as pessoas do 12 jamais viveram a cultura do desperdício. Mas uma vez eu vi Fulvia Cardew jogar fora uma folha de papel com apenas algumas palavras escritas, e, pela maneira como olharam para ela, seria de se pensar que ela havia matado alguém. Seu rosto ficou vermelho como um tomate, fazendo com que as rosas prateadas incrustadas em suas bochechas gorduchas se destacassem ainda mais. O próprio retrato do excesso. Um dos meus poucos prazeres no 13 é ficar observando o punhado de "rebeldes" mimados da Capital penando para se encaixar nesse rígido modelo social.

Não sei quanto tempo vou conseguir sustentar minha completa desconsideração pela pontual precisão aos compromissos solicitados por meus anfitriões. Atualmente, eles me deixam em paz porque sou classificada como mentalmente desorientada – é exatamente isso o que está escrito na minha pulseira médica de plástico –, e todo mundo precisa tolerar minhas andanças a esmo. Mas isso não pode durar para sempre. E tampouco a paciência deles com a questão do Tordo.

Da plataforma de pouso, Gale e eu descemos um lance de escadarias até o Compartimento 307. Podíamos pegar o elevador, só que ele me lembra demais do que me levava para a arena. Estou com muita dificuldade para me acostumar a passar tanto tempo no subterrâneo. Mas depois do encontro surreal com a rosa, pela primeira vez a descida faz com que eu me sinta segura.

Hesito em frente à porta com o número 307, antecipando as perguntas de meus familiares.

– O que falo para elas sobre o 12? – pergunto a Gale.

– Duvido que peçam detalhes. Elas viram tudo queimando. Elas vão estar preocupadas mesmo é em saber como você está lidando com isso. – Gale toca minha bochecha. – Assim como eu.

Pressiono o meu rosto contra a mão dele durante um momento.

– Eu vou sobreviver.

Então respiro fundo e abro a porta. Minha mãe e minha irmã estão em casa para *18:00 – Meditação*, meia hora de inatividade antes do jantar. Vejo a preocupação em seus rostos enquanto tentam avaliar o meu estado emocional. Antes que alguém possa perguntar o que quer que seja, esvazio a bolsa de caça e passamos para *18:00 – Adoração de Gato*. Prim se senta no chão chorando e embalando o horroroso Buttercup, que interrompe seu ronronar apenas para miar vez por outra na minha direção. Ele olha para mim de um jeito particularmente arrogante quando ela amarra a fitinha azul em seu pescoço.

Minha mãe abraça com força a foto de seu casamento e em seguida a coloca, junto com o livro de plantas, em cima de nosso armário fornecido pelo governo. Penduro a jaqueta de meu pai nas costas da cadeira. Por um momento, o lugar fica parecido com o nosso lar. Então acho que a viagem ao 12 não foi um completo desperdício.

Estamos nos encaminhando para a sala de jantar para *18:30 – Jantar* quando o comunipulso de Gale começa a soar. Parece um relógio grande, mas recebe mensagens impressas. Ter direito a um comunipulso é um privilégio especial reservado às pessoas que são importantes à causa, um status que Gale conseguiu ao resgatar os cidadãos do 12.

– Eles precisam de nós dois no Comando – diz ele.

Seguindo alguns passos atrás de Gale, tento me controlar antes de ser jogada no que certamente será mais uma incessante sessão Tordo. Paro um instante na entrada do Comando, a sala high-tech de reuniões do conselho de guerra equipada com paredes falantes computadorizadas, mapas eletrônicos que mostram os movimentos das tropas em vários distritos e uma gigantesca mesa triangular com painéis de controle que eu não tenho permissão para tocar.

Porém, ninguém repara em minha presença porque estão todos reunidos diante de uma tela de TV na extremidade da sala que transmite notícias da Capital vinte e quatro horas por dia. Estou pensando que talvez consiga dar uma escapadela quando Plutarch, cujo amplo corpo bloqueava a TV, me avista e acena com urgência para que me junte a eles. Avanço relutantemente, tentando imaginar como aquilo poderia ser de meu interesse. É sempre a mesma coisa. Filmes de guerra. Propaganda política. Reprises das bombas caindo no Distrito 12. Uma mensagem sinistra do presidente Snow. Portanto, agora é quase divertido ver Caesar Flickerman, o eterno apresentador dos Jogos Vorazes, com seu rosto pintado e seu terno cintilante, preparando-se para uma entrevista. Até a câmera se afastar e eu perceber que seu convidado é Peeta.

Um som escapa da minha boca. A mesma combinação de arquejo e gemido que acontece quando estamos submersos na água, tão sedentos por oxigênio que chega a doer. Empurro as pessoas para o lado até ficar bem em frente a ele, minha mão pousada na tela. Procuro em seus olhos algum sinal de dor, algum reflexo de agonia ou tortura. Não há nada. Peeta parece saudável e até mesmo robusto. Sua pele está brilhando, sem marcas de maus tratos, daquele jeito arrumação-de-corpo-inteiro. Ele está controlado, com o ar sério. Não consigo reconciliar essa imagem com o garoto ferido e ensanguentado que frequenta os meus sonhos.

Caesar acomoda-se de modo mais confortável em sua cadeira em frente a Peeta e olha para ele durante um longo tempo.

– E então... Peeta... bem-vindo.

Peeta sorri ligeiramente.

– Aposto que você pensou que tivesse feito a sua última entrevista comigo, Caesar.

– Confesso que foi exatamente o que pensei – diz Caesar. – Na noite anterior ao Massacre Quaternário... bem, quem poderia imaginar que nos encontraríamos novamente?

– Isso não fez parte do meu plano, com toda certeza – diz Peeta, franzindo a testa.

Caesar aproxima-se um pouco dele.

– Acho que ficou claro para todos nós qual era o seu plano. Sacrificar-se na arena de modo que Katniss Everdeen e o filho de vocês pudessem sobreviver.

– Foi isso. Claro e simples assim. – Os dedos de Peeta percorrem o desenho do estofamento no braço da cadeira. – Mas outras pessoas também tinham seus planos.

Sim, outras pessoas tinham seus planos, penso. Será que Peeta adivinhou, então, como os rebeldes nos usaram como joguetes? Como meu resgate foi arranjado desde o início? E finalmente, como nosso mentor, Haymitch Abernathy, nos traiu por uma causa pela qual ele fingia não ter nenhum interesse?

No silêncio que se segue, reparo as linhas que se formaram entre as sobrancelhas de Peeta. Ele adivinhou ou foi informado? Mas a Capital não o matou e nem mesmo o puniu. Até esse exato momento, isso excede as minhas mais loucas esperanças. Absorvo a inteireza dele, a saúde de seu corpo e de sua mente. A sensação me percorre como o morfináceo que me administraram no hospital, anestesiando a dor das últimas semanas.

– Por que você não nos conta como foi aquela última noite na arena? – sugere Caesar. – Ajude-nos a entender melhor algumas coisas.

Peeta balança a cabeça em concordância, mas leva um bom tempo para começar a falar:

– Aquela última noite... para falar sobre aquela última noite... bom, antes de tudo, você precisa imaginar como era estar na arena. Era como ser um inseto preso dentro de uma tigela cheia de vapor. E, para todos os lados, selva... verde e viva, e o tique-taque. Aquele relógio gigantesco batendo e sua vida se extinguindo a cada badalada. Cada hora prometendo algum novo horror. Você precisa imaginar que nos dois últimos dias, dezesseis pessoas morreram, algumas delas tentando fazer com que você continuasse vivo. No ritmo que as coisas estavam seguindo, os últimos oito estariam mortos pela manhã. Exceto um. O vitorioso. E o seu plano é que você não seja ele.

Meu corpo começa a suar conforme lembro. Minha mão desliza pela tela e paira ao meu lado, mole, inerte. Peeta não precisa de um pincel para pintar imagens dos Jogos. Ele também trabalha muito bem com as palavras.

– Uma vez na arena, o resto do mundo se torna distante – continua ele. – Todas as pessoas e coisas de que você gostava ou amava praticamente deixam de existir. O céu róseo e os monstros na selva e os tributos que querem seu sangue se tornam sua realidade última, a única que jamais importou em sua vida. Por pior que se sinta com relação a isso, você vai ter que matar, porque na arena só te dão direito a um único desejo. E custa muito caro.

– Custa sua vida – diz Caesar.

– Ah, não. Custa muito mais do que sua vida. Assassinar pessoas inocentes? – diz Peeta. – Custa tudo o que você é.

– Tudo o que você é – repete Caesar em voz baixa.

Um silêncio caiu sobre o recinto, e consigo senti-lo espalhando-se por toda Panem. Uma nação debruçando-se diante das telas da TV. Porque ninguém jamais falou antes como é de fato estar na arena.

Peeta prossegue:

– Então você se agarra a seu desejo. E naquela última noite, sim, meu desejo era salvar Katniss. Mas mesmo sem saber a respeito dos rebeldes, a sensação que eu tinha não era nada boa. Tudo estava complicado demais. Acabei me arrependendo de não ter fugido com ela antes, como ela própria havia sugerido. Mas naquele estágio não era mais possível voltar atrás.

– Você estava envolvido demais no plano de Beetee, de eletrificar o lago salgado – diz Caesar.

– Ocupado demais brincando de ser aliado dos outros. Eu nunca deveria ter deixado que eles nos separassem! – explode Peeta. – Foi aí que perdi Katniss.

– Quando vocês ficaram na árvore do raio e ela e Johanna Mason levaram o carretel com o fio até a água – esclarece Caesar.

– Eu não queria fazer isso! – Peeta fica vermelho de tanta agitação. – Mas não tinha como discutir com Beetee sem indicar que estávamos a ponto de romper a aliança. Quando aquele fio foi cortado, foi uma loucura. Só consigo lembrar de alguns detalhes aqui e ali. Eu tentando encontrá-la. Assistindo a Brutus matar Chaff. Eu mesmo matando Brutus. Sei que ela estava me chamando. Então o raio atingiu a árvore e o campo de força ao redor da arena... explodiu.

– Katniss o explodiu, Peeta – diz Caesar. – Você viu o filme.

– Ela não sabia o que estava fazendo. Nenhum de nós conseguia acompanhar o plano de Beetee. Você pode vê-la tentando entender o que tinha de fazer com aquele fio – rebate Peeta.

– Tudo bem. Só que parece suspeito – diz Caesar. – É como se ela sempre tivesse feito parte do plano dos rebeldes.

Peeta se põe de pé, curvando-se em direção ao rosto de Caesar, as mãos grudadas nos braços da cadeira de seu entrevistador.

– É mesmo? E também fazia parte do plano quase ser morta por Johanna? Ficar paralisada com aquele choque? Detonar a bomba? – Agora ele está berrando. – Ela não sabia, Caesar! Nenhum de nós sabia nada, exceto que estávamos tentando manter um ao outro vivos!

Caesar coloca a mão no peito de Peeta num gesto ao mesmo tempo conciliatório e de autoproteção.

– Tudo bem, Peeta, acredito em você.

– Tudo bem. – Peeta se afasta de Caesar, retirando as mãos da cadeira e passando-as pelos cabelos, massageando seus cachos louros cuidadosamente penteados. Ele desaba na cadeira, irritado.

Caesar espera um momento, estudando Peeta.

– E quanto ao seu mentor, Haymitch Abernathy?

O rosto de Peeta endurece.

– Não sei o que Haymitch sabia.

– Será possível que ele fizesse parte da conspiração? – pergunta Caesar.

– Ele nunca mencionou nada a respeito – diz Peeta.

Caesar pressiona:

– E o que diz o seu coração?

– Que não devia ter confiado nele – diz Peeta. – Isso é tudo.

Não vejo Haymitch desde que o ataquei no aerodeslizador, deixando longas marcas de unhas em seu rosto. Sei que tem sido ruim para ele aqui. O Distrito 13 proíbe qualquer produção ou consumo de bebidas alcoólicas, e mesmo o álcool hospitalar é guardado num armário com cadeado. Finalmente, Haymitch está sendo obrigado a permanecer sóbrio, sem nenhum estoque secreto ou misturas caseiras para aliviar sua transição. Eles o detiveram até não haver nele mais nenhum resquício de álcool, já que ele não foi considerado

apto para fazer aparições públicas. Deve ser uma experiência excruciante, mas perdi toda a simpatia que tinha por Haymitch quando percebi como ele havia nos enganado. Espero que ele esteja assistindo à transmissão da Capital agora, para poder ver que Peeta também o abandonou.

Caesar dá um tapinha no ombro de Peeta.

– Podemos parar agora, se você preferir.

– Tinha mais alguma coisa a ser discutida? – diz Peeta, secamente.

– Eu ia perguntar a sua opinião sobre a guerra, mas se você está tão chateado... – começa Caesar.

– Ah, não estou tão chateado a ponto de não dar essa resposta. – Peeta respira fundo e então olha diretamente para a câmera. – Quero que todos vejam isso, estando você na Capital ou com os rebeldes. Parem por um instante e pensem no que poderia significar essa guerra. Para os seres humanos. Nós quase nos extinguimos lutando uns contra os outros antes. Agora nosso número é ainda menor. Nossas condições mais precárias. É isso mesmo o que queremos fazer? Aniquilarmos uns aos outros definitivamente? Na esperança de que... o quê? Algumas espécies decentes herdem os destroços cheios de cinzas da Terra?

– Acho que eu não... não sei se estou entendendo muito bem... – diz Caesar.

– Nós não podemos ficar lutando uns contra os outros, Caesar – explica Peeta. – Não vão sobrar pessoas suficientes para seguir em frente. Se as pessoas não se livrarem de suas armas, e estou frisando: isso é para ontem, tudo vai acabar de um jeito ou de outro.

– Quer dizer então... que você está conclamando um cessar-fogo? – pergunta Caesar.

– Estou, sim. Estou conclamando um cessar-fogo – diz Peeta, com cansaço. – Agora, por que não pedimos aos guardas para me levarem de volta aos meus aposentos para que eu possa construir mais cem casas com cartas de baralho?

Caesar vira-se para a câmera.

– Tudo bem. Acho que podemos parar por aqui. Então voltemos para nossa programação normal.

Começa a tocar uma música e eles saem de cena. Então aparece uma mulher lendo uma lista de itens em falta na Capital: fruta fresca, baterias solares, sabonete. Eu a observo com uma atenção ímpar, porque sei que todos estarão esperando para ver qual será a minha reação diante da entrevista. Mas não há nenhuma possibilidade de processar tudo aquilo tão rapidamente – a alegria de ver Peeta vivo e saudável, sua defesa de minha inocência em colaborar com os rebeldes e sua inegável cumplicidade com a Capital agora que ele acabou de conclamar um cessar-fogo. Ah, ele fez a coisa soar como se estivesse condenando ambos os lados na guerra. Mas nessa altura, com apenas vitórias insignificantes para os rebeldes, um cessar-fogo só poderia resultar num retorno a nossa situação anterior. Ou pior.

Atrás de mim, ouço as acusações contra Peeta se formando. As palavras traidor, mentiroso e inimigo ecoam das paredes. Como não posso nem me juntar ao ultraje dos rebeldes e nem me opor a ele, decido que a melhor coisa a fazer é sair daqui. Assim que alcanço a porta, a voz de Coin ergue-se acima das dos outros:

– Você não foi dispensada, soldado Everdeen.

Um dos homens de Coin coloca a mão em meu braço. Não é realmente um gesto agressivo, mas, depois da arena, reajo defensivamente a qualquer toque não familiar. Eu me solto e disparo corredor afora. Atrás de mim, ouço um som de correria, mas não paro. Minha mente faz um rápido inventário de meus escassos esconderijos e acabo no closet de suprimentos, enroscada contra um engradado de giz.

– Você está vivo – sussurro, pressionando as palmas das mãos em minhas bochechas, sentindo um sorriso tão grande que deve parecer uma careta. Peeta está vivo. E é um traidor. Mas, no momento, eu não ligo. Não para o que ele diz, ou para quem ele diz, apenas para o fato de que ele ainda é capaz de falar.

Depois de algum tempo, a porta se abre e alguém entra. Gale desliza para o meu lado, sangue escorrendo por seu nariz.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Entrei na frente de Boggs – responde ele, dando de ombros. Uso a manga da camisa para limpar seu nariz. – Cuidado!

Tento ser mais delicada. Dou umas batidinhas em vez de esfregar.

– Qual deles é Boggs?

– Ah, você sabe. O braço direito de Coin. O que tentou impedir você de sair. – Ele afasta a minha mão. – Para! Você vai me fazer sangrar até morrer!

O gotejar de sangue transformou-se num fluxo contínuo. Desisto das tentativas de primeiros socorros.

– Você lutou com Boggs?

– Não, só fiquei no caminho quando ele tentou seguir você. O cotovelo dele atingiu o meu nariz – diz Gale.

– Provavelmente você vai ser punido.

– Já fui. – Ele estende o punho. Olho sem entender. – Coin tirou o meu comunipulso.

Mordo o lábio, tentando permanecer séria. Mas a coisa parece ridícula demais.

– Sinto muito, soldado Gale Hawthorne.

– Não precisa, soldado Katniss Everdeen. – Ele dá um risinho. – De qualquer maneira, eu me sentia um idiota andando para cima e para baixo com aquela coisa. – Nós dois começamos a rir. – Acho que fui rebaixado, isso sim.

Essa é uma das poucas coisas boas em relação ao Distrito 13. Ter Gale de volta. Com a pressão do casamento arranjado pela Capital entre Peeta e eu já encerrada, conseguimos reconquistar nossa antiga amizade. Ele não faz maiores avanços, como tentar me beijar ou conversar sobre amor. Ou porque estive doente demais, ou porque ele está disposto a me dar mais espaço, ou porque sabe que seria simplesmente muito cruel com Peeta nas mãos da Capital. Seja lá qual for o caso, eu tenho novamente alguém a quem contar meus segredos.

– Quem são essas pessoas? – pergunto.

– Eles são a gente. Se nós tivéssemos bombas nucleares em vez de montes de carvão – responde ele.

– Eu gosto de pensar que o 12 não teria abandonado o resto dos rebeldes na época dos Dias Escuros.

– Talvez a gente tivesse, sim. Se tivéssemos que escolher entre a rendição ou iniciar uma guerra nuclear – diz Gale. – De certa forma, é incrível eles terem ao menos sobrevivido.

Talvez seja porque eu ainda tenha as cinzas do meu próprio distrito em meus sapatos mas, pela primeira vez, dou ao povo do 13 algo que tenho me recusado a conceder a eles: crédito. Por terem permanecido vivos contra todas as expectativas. Os primeiros anos devem ter sido terríveis, amontoados nas câmaras abaixo da superfície depois de sua cidade ter sido bombardeada até virar poeira. População dizimada, nenhum possível aliado a quem recorrer em busca de ajuda. Ao longo dos últimos setenta e cinco anos, eles aprenderam a ser autossuficientes, transformaram seus cidadãos num exército e construíram uma nova sociedade sem ajuda de ninguém. Eles seriam ainda mais poderosos se aquela epidemia de varíola não tivesse achatado a taxa de natalidade do distrito e os tornado tão desesperados por um novo núcleo genético e novos reprodutores. Talvez sejam militaristas, excessivamente inflexíveis e pouco dados ao senso de humor. Mas eles estão aqui. E dispostos a derrubar a Capital.

– Mesmo assim, eles demoraram demais para aparecer – comento.

– A coisa não era simples. Eles tinham que construir uma base rebelde na Capital, arranjar algum tipo de espaço subterrâneo nos distritos – diz ele. – E aí eles precisavam de alguém para fazer toda essa coisa entrar nos eixos e funcionar. Eles precisavam de você.

– Eles precisavam de Peeta também, mas parece que se esqueceram disso – digo.

A expressão de Gale fica sombria.

– Talvez Peeta tenha feito um estrago danado hoje. A maioria dos rebeldes vai ignorar o que ele disse imediatamente, é claro. Mas há distritos onde a resistência está mais fraca. O cessar-fogo é obviamente uma ideia de Snow. Mas parece uma coisa bem razoável saindo da boca de Peeta.

Fico com medo da resposta que Gale dará, mas pergunto assim mesmo:

– Por que você acha que ele disse isso?

– Pode ser que tenha sido torturado. Ou persuadido. A minha aposta é que ele fez alguma espécie de acordo para proteger você. Ele lançaria a ideia do cessar-fogo se Snow deixasse ele apresentar você como uma garota grávida e confusa que não fazia a menor ideia do que estava acontecendo quando foi levada como prisioneira pelos rebeldes. Desse jeito, se os distritos perderem,

ainda assim existirá uma chance de você ser perdoada. Se você desempenhar o seu papel direito. – Eu ainda devo estar com a aparência perplexa porque Gale solta a frase seguinte muito lentamente: – Katniss... ele ainda está tentando manter você viva.

Me manter viva? Mas então eu compreendo. Os Jogos ainda estão em curso. Nós saímos da arena, mas como Peeta e eu não fomos mortos, seu último desejo de preservar a minha vida ainda está de pé. Sua ideia é fazer com que eu fique quieta, a salvo e aprisionada enquanto a guerra se desenrola. Então nenhuma das partes terá motivos reais para me matar. E Peeta? Se os rebeldes vencerem, será desastroso para ele. Se a Capital vencer, quem sabe? De repente, nós dois teremos permissão para permanecer vivos – se eu desempenhar o meu papel direito – para assistirmos ao prosseguimento dos Jogos...

Imagens passam como um raio na minha mente: a lança perfurando o corpo de Rue na arena, Gale pendendo inconsciente no pelourinho, a terra devastada repleta de cadáveres em que se transformou o meu distrito. E por quê? Por quê? À medida que meu sangue esquenta, começo a me lembrar de outras coisas. Meu primeiro vislumbre de um levante no Distrito 8. Os vitoriosos de mãos dadas na noite anterior ao Massacre Quaternário. E como não foi nenhum acidente eu ter acertado aquela flecha no campo de força da arena. Como eu queria que ela se alojasse bem no coração do meu inimigo.

Levanto-me às pressas, derrubando uma caixa de cem lápis e espalhando-os pelo chão.

– O que houve? – pergunta Gale.

– Não pode haver cessar-fogo. – Eu me abaixo para pegar os bastões de grafite acinzentados e recolocá-los na caixa. – A gente não pode voltar atrás.

– Eu sei. – Gale pega um punhado de lápis e dá uma pancadinha com eles no chão de modo a alinhá-los.

– Seja lá qual tenha sido o motivo para Peeta dizer o que disse, ele está errado. – As porcarias de lápis não entram na caixa e eu quebro vários deles por pura frustração.

– Eu sei. Me dá isso aí. Você está triturando tudo. – Ele puxa a caixa das minhas mãos e os recoloca com movimentos ágeis e concisos.

– Peeta não sabe o que eles fizeram com o 12. Se ele tivesse como ver o que foi destruído... – começo a dizer.

– Katniss, não estou discutindo com você. Se pudesse apertar um botão e matar cada alma viva que trabalha para a Capital, eu faria isso sem pensar duas vezes. – Ele desliza o último lápis para dentro da caixa e fecha a tampa. – A questão é: o que é que você vai fazer?

Acontece que sempre houve apenas uma resposta à pergunta que tem me consumido. Mas foi necessário o ardil de Peeta para que eu a reconhecesse.

O que eu vou fazer?

Respiro fundo. Meus braços se erguem ligeiramente – como se relembrando as asas em preto e branco que Cinna me deu –, e então os repouso novamente.

– Eu vou ser o Tordo.



Os olhos de Buttercup refletem a tênue luminosidade da luz de segurança em cima da porta, enquanto ele, encaixado confortavelmente no braço de Prim, está de volta à sua velha função: protegê-la à noite. Ela se aconchega contra minha mãe. Adormecidas, ambas têm a mesma aparência que tinham na manhã da colheita que me levou à minha primeira participação nos Jogos Vorazes. Tenho uma cama só para mim porque estou me recuperando e porque ninguém consegue dormir comigo de um jeito ou de outro, com tantos pesadelos que fazem com que eu me debata o tempo todo.

Depois de me mexer e de mudar de posição por horas, finalmente aceito que essa noite será de vigília. Sob os olhos atentos de Buttercup, ando nas pontinhas dos pés pelo piso frio de ladrilho até o vestíbulo.

A gaveta do meio contém minhas roupas enviadas pelo governo. Todo mundo usa as mesmas calças e camisas na cor cinza, a camisa enfiada na cintura. Debaixo das roupas, guardo os poucos itens que levava comigo quando fui tirada da arena. Meu broche com o tordo. O presente de Peeta, um medalhão dourado que abre e fecha com fotos de minha mãe, de Prim e de Gale dentro. Um paraquedas prateado que prende uma cavilha para tirar seiva de árvore e a pérola que Peeta me deu algumas horas antes de eu explodir o campo de força. O Distrito 13 confiscou meu tubo de unguento, para ser usado no hospital, e o meu arco, porque somente guardas têm permissão para portar armas. Ele foi guardado no depósito de armas, junto com as flechas.

Tateio em busca do paraquedas e deslizo os dedos no interior da gaveta até que eles tocam a pérola. Eu me recosto na cama com as pernas cruzadas e

começo a esfregar a superfície lisa e iridescente da pérola de um lado para o outro em meus lábios. Por alguma razão, o contato é tranquilizador. Um beijo frio de quem me deu o presente.

– Katniss? – sussurra Prim. Ela está acordada, olhando para mim em meio à escuridão. – Algum problema?

– Nada. Só tive um sonho ruim. Vai dormir. – É automático. Fazer um escudo para não deixar que as coisas ruins cheguem aos ouvidos de minha mãe e Prim.

Com cuidado para não despertar minha mãe, Prim sai da cama, pega Buttercup e senta-se ao meu lado. Ela toca a mão que estava segurando a pérola.

– Você está gelada. – Ela pega um cobertor extra ao pé da cama, coloca-o sobre nós três e me envolve não só em seu calor como também no calor do pelo de Buttercup. – Você pode me contar, sabe. Sou boa em guardar segredos. Até mesmo da mamãe.

Ela não existe mais. A menininha com as fraldas da camisa para fora como se fosse o rabo de um pato, a menina que precisava de ajuda para alcançar os pratos e que implorava para ver os bolos confeitados na vitrine da padaria. O tempo e a tragédia forçaram-na a crescer rapidamente – pelo menos é o que penso – e se transformar numa jovem que dá pontos em ferimentos e sabe que nossa mãe tem uma ótima audição.

– Amanhã de manhã vou concordar em ser o Tordo – digo a ela.

– Porque você quer ou porque você se sente forçada a fazer isso? – pergunta ela.

Eu rio um pouco.

– As duas coisas, acho. Não, eu quero, sim. Eu preciso, se isso ajudar os rebeldes a derrotar Snow. – Aperto a pérola com mais força na mão. – Só que... Peeta. Tenho medo de que a nossa vitória possa fazer com que os rebeldes o executem como traidor.

Prim pondera.

– Katniss, acho que você não está entendendo o quanto você é importante para a causa. Pessoas importantes normalmente têm o que desejam. Se você quiser manter Peeta a salvo dos rebeldes, você vai conseguir.

Acho que sou importante. Eles passaram por muitos apuros para me resgatar. Eles me levaram para o 12.

– Você quer dizer que... eu poderia exigir que dessem imunidade a Peeta? E eles teriam de concordar com isso?

– Acho que você poderia exigir praticamente qualquer coisa e eles teriam de concordar. – Prim franze a testa. – Só que... como ter certeza de que vão cumprir a promessa?

Eu me lembro de todas as mentiras que Haymitch contou para Peeta e para mim com o objetivo de nos convencer a fazer o que ele queria. O que poderia impedir os rebeldes de renegar o acordo? Uma promessa verbal feita a portas fechadas, até mesmo um documento escrito – tudo isso poderia evaporar facilmente depois da guerra. A existência e a validade deles poderia ser negada. Nenhuma testemunha no Comando teria algum valor. Na realidade, provavelmente seriam eles próprios os responsáveis por assinar o pedido de execução de Peeta. Vou precisar de uma rede bem mais ampla de testemunhas. Vou precisar de todos que conseguir obter.

– A coisa vai ter que ser pública – digo. Buttercup balança o rabo num gesto que interpreto como aquiescência. – Vou mandar Coin anunciar a minha decisão na frente de toda a população do 13.

Prim sorri.

– Ah, isso é uma boa. Não é nenhuma garantia, mas assim vai ser bem mais difícil para eles não cumprir a promessa.

Sinto o tipo de alívio que se segue a uma solução real.

– Eu devia acordar você com mais frequência, patinho.

– Eu adoraria – diz Prim. Ela me dá um beijo. – Tenta dormir agora, certo? – E é o que faço.

De manhã, vejo que *7:00 – Café da manhã* é diretamente seguido de *7:30 – Comando*, o que é bom, já que vai ser uma oportunidade para começar a mexer os pauzinhos. Na sala de refeições, coloco a programação diária, que inclui uma espécie de número de identificação, na frente de um sensor. Assim que deslizo a bandeja ao longo da prateleira de metal diante da comida, vejo que o café da manhã é a dieta confiável de sempre – uma tigela de cereais quente, uma xícara de leite e uma pequena porção de frutas ou legumes. Hoje, purê de nabo. Tudo

isso vem das fazendas subterrâneas do 13. Eu me sento à mesa designada para a família Everdeen e para a família Hawthorne e alguns outros refugiados e boto a comida para dentro com muita vontade de repetir. Mas não existe isso aqui. Nutrição para eles é quase uma ciência. Você sai com calorias suficientes para se manter até a próxima refeição, nem mais nem menos. O tamanho da porção é baseado em sua idade, altura, tipo físico, estado de saúde e quantidade de trabalho físico requerido para realizar sua programação diária. As pessoas do 12 já estão recebendo porções ligeiramente maiores do que os nativos do 13, num esforço para que o peso delas aumente. Imagino que soldados esqueléticos se cansem muito rapidamente. Mas está funcionando. Em apenas um mês, estamos começando a ficar com um aspecto mais saudável, especialmente as crianças.

Gale põe a bandeja ao meu lado e tento não ficar olhando para seu purê de nabo de maneira excessivamente patética, porque realmente quero comer mais, e ele é rápido demais para me passar sua comida. Embora volte a minha atenção para o guardanapo muito bem dobrado, uma colherada de nabo é depositada na minha tigela.

– Você precisa parar com isso – digo. Mas como já estou engolindo a papa, minhas palavras não soam muito convincentes. – Falo sério, de repente isso é até proibido ou sei lá o quê. – Eles têm regras bastante rígidas com relação à comida. Por exemplo, se você não termina de comer e resolve guardar para depois, não vai poder sair da sala de jantar com a comida. Aparentemente, nos primeiros dias, houve incidentes com pessoas tentando estocar comida. Para algumas pessoas como Gale e eu, que fomos encarregados do suprimento alimentar de nossas famílias por anos e anos, é difícil aceitar. Sabemos como é sentir fome, mas não como ouvir o que outros têm a nos dizer sobre o que devemos fazer com as provisões de que dispomos. Em alguns aspectos, o Distrito 13 é ainda mais controlador do que a Capital.

– O que eles podem fazer? Eles já tiraram o meu comunipulso – diz Gale.

Enquanto raspo a minha tigela, tenho uma inspiração.

– Ei, de repente essa podia ser uma das minhas condições para eu ser o Tordo.

– Eu poder dar mais nabo para você? – diz ele.

– Não, nós podermos caçar. – Isso atrai a atenção dele. – A gente teria que dar tudo para a cozinha. Mas, mesmo assim, a gente podia... – Eu não preciso terminar porque ele sabe. Íamos poder ficar na superfície. Na floresta. Nós íamos poder voltar a ser nós mesmos.

– Faz isso – diz Gale. – A hora é essa. Você podia pedir a Lua e eles arranjariam um jeito de consegui-la para você.

Ele não sabe que já estou pedindo a Lua ao exigir que eles poupem a vida de Peeta. Antes que eu possa decidir contar ou não para ele, uma campainha sinaliza o fim do horário de refeição. Só pensar em ter que encarar Coin sozinha já me deixa nervosa.

– Qual é a sua programação para hoje? – pergunto.

Gale olha para o braço.

– Aula de História Nuclear. Onde, pelo visto, sua ausência tem sido notada.

– Preciso aparecer no Comando. Vem comigo? – pergunto.

– Tudo bem. Mas pode ser que eles me expulsem depois do que ocorreu ontem. – Assim que nos livramos das bandejas, ele diz: – Quer saber, acho que você também devia colocar o Buttercup na sua lista de exigências. Acho que a ideia de bichinhos de estimação sem utilidade não é muito comum por aqui.

– Ah, eles vão arranjar uma função para ele. Vão tatuar as tarefas na pata dele todos os dias – digo. Mas tomo uma nota mental para incluí-lo por conta de Prim.

Quando chegamos ao Comando, Coin, Plutarch e todas as outras pessoas já estão reunidas. A visão de Gale faz sobrancelhas se erguerem, mas ninguém o expulsa. Minhas anotações mentais estão ficando confusas demais, de modo que peço de imediato um pedaço de papel e um lápis. Meu aparente interesse nos procedimentos – a primeira vez que isso acontece desde que cheguei aqui – os deixa surpresos. Diversos olhares são trocados. Provavelmente eles tinham preparado alguma espécie de discurso extraespecial para mim. Mas, em vez disso, Coin me entrega pessoalmente o material e todo mundo espera em silêncio enquanto me sento à mesa e começo a rabiscar a minha lista. *Buttercup. Caçadas. A imunidade de Peeta. Anunciada em público*.

É isso. Provavelmente essa é a minha única chance de barganhar. *Pense. O que mais você quer?* Eu o sinto, em pé ao meu lado. *Gale*, acrescento à lista.

Acho que não consigo fazer isto sem ele.

A dor de cabeça está vindo e meus pensamentos começam a ficar emaranhados. Fecho os olhos e começo a recitar silenciosamente:

Meu nome é Katniss Everdeen. Tenho dezessete anos. Meu lar é o Distrito 12. Eu participei dos Jogos Vorazes. Eu escapei. A Capital me odeia. Peeta foi levado prisioneiro. Ele está vivo. Ele é um traidor, mas está vivo. Eu preciso mantê-lo vivo...

A lista. Ainda parece pequena demais. Eu devia tentar pensar em algo maior, além de nossa situação atual, em que tenho uma importância crucial. No futuro, pode ser que eu não tenha mais nenhum valor. Será que não devia estar pedindo mais? Para a minha família? Para o restante do meu povo? Minha pele coça com as cinzas dos mortos. Sinto o impacto doentio do crânio contra o meu sapato. O cheiro de sangue e de rosas pinica o meu nariz.

O lápis se move ao longo da página por conta própria. Abro os meus olhos e vejo as letras trêmulas. *EU MATO SNOW*. Se ele for capturado, quero o privilégio.

Plutarch tosse discretamente.

– Já terminou? – Levanto os olhos e reparo no relógio. Estou sentada ali há vinte minutos. Finnick não é o único com problemas de atenção.

– Já – respondo. Minha voz soa áspera, de modo que eu limpo a garganta. – Já terminei, sim. Este aqui é o acordo. Vou ser o Tordo de vocês.

Dou a eles tempo para suspirar de alívio, congratularem-se entre si, dar tapinhas nas costas uns dos outros. Coin permanece tão impassiva como sempre, observando-me, nem um pouco impressionada.

– Mas tenho algumas condições. – Aliso a lista e começo: – Minha família fica com nosso gato. – A menor das minhas solicitações desencadeia uma discussão. Os rebeldes da Capital sequer veem isso como um problema (é claro que posso ficar com o meu bichinho de estimação), enquanto que aqueles do 13 revelam quais dificuldades extremas isso apresenta. Finalmente fica decidido que nos mudaremos para o nível superior, que possui o luxo de uma janela de vinte centímetros acima da superfície. Buttercup pode ir e vir para cuidar de suas necessidades. Ele deverá se alimentar por conta própria. Se perder o toque

de recolher, vai ficar do lado de fora. Se causar algum problema de segurança, vai ser executado imediatamente.

Parece razoável. Não muito diferente de como ele tem vivido desde que saímos do 12. Exceto pela execução. Caso ele fique magro demais, posso jogar algumas entranhas para ele, se a minha solicitação seguinte for acatada.

– Eu quero caçar. Com Gale. Na floresta – digo. Isso deixa todo mundo imóvel.

– Nós não vamos muito longe. Vamos usar os nossos arcos. Vocês vão poder ter mais carne para a cozinha – acrescenta Gale.

Eu me apresso antes que eles possam dizer não:

– É que eu não... eu não consigo respirar trancada aqui como uma... Eu ficaria saudável mais rápido se... se pudesse caçar.

Plutarch começa a explicar os inconvenientes – os perigos, a segurança extra, o risco de ferimentos –, mas Coin o corta:

– Não, deixe eles irem. Dê-lhes duas horas por dia, deduzidas do tempo de treinamento. Um raio de quinhentos metros. Com unidades de comunicação e tornozeleiras de rastreamento. Qual é o próximo pedido?

Faço uma varredura em minha lista.

– Gale, vou precisar que ele fique comigo para fazer isso.

– Fique com você como? Fora do alcance das câmeras? Ao seu lado o tempo todo? Você quer que ele seja apresentado como seu novo amante? – pergunta Coin.

Ela não disse isso com nenhuma malícia particular – muito pelo contrário, suas palavras são bastante diretas. Mas minha boca se escancara de choque.

– O quê?

– Acho que devemos dar prosseguimento ao romance em curso. Um afastamento rápido de Peeta poderia fazer com que a audiência perdesse a simpatia por ela – diz Plutarch. – Principalmente tendo em vista que pensam que ela está esperando um filho dele.

– Concordo. Então, diante das câmeras, Gale pode ser simplesmente retratado como um companheiro rebelde. Tudo bem assim? – diz Coin. Eu apenas olho para ela. Ela repete a si mesma impacientemente. – Para Gale. Isso é suficiente?

– Sempre vamos ter a possibilidade de dizer que ele é seu primo – lembra Fulvia.

– Nós não somos primos – Gale e eu falamos ao mesmo tempo.

– Certo, mas seria melhor continuarmos com essa ideia só pra manter as aparências diante das câmeras – diz Plutarch. – Longe das câmeras, ele é todo seu. Mais alguma coisa?

Fico nervosa pelo rumo que essa conversa está tomando. A insinuação de que eu poderia me livrar tão facilmente de Peeta, de eu estar apaixonada por Gale, de que a coisa toda não passou de uma encenação. Minhas bochechas começam a queimar. A mera noção de que estou dedicando qualquer pensamento a quem eu quero que seja apresentado como meu amante, dadas as nossas circunstâncias atuais, é humilhante. Deixo a minha raiva me impelir em direção à exigência mais grandiosa:

– Quando a guerra terminar, se vencermos, Peeta será perdoado.

Silêncio sepulcral. Sinto o corpo de Gale tenso. Imagino que deveria ter lhe contado antes, mas não tinha certeza de como ele reagiria. Não quando a coisa envolvia Peeta.

– Nenhuma forma de punição será infligida – continuo. Um novo pensamento me ocorre. – O mesmo serve para os outros tributos capturados, Johanna e Enobaria. – Francamente, não dou a mínima para Enobaria, aquela psicopata do Distrito 2. Na realidade nem gosto dela, mas me parece errado deixá-la fora disso.

– Não – diz Coin secamente.

– Veja bem – rebato –, eles não têm culpa por terem sido abandonados por vocês na arena. Quem pode saber o que a Capital está fazendo com eles?

– Eles serão julgados com outros criminosos de guerra e tratados da maneira como o tribunal achar adequado.

– Eles vão receber imunidade! – Percebo que estou levantando da cadeira, minha voz cheia e ressonante. – Você vai prometer isso pessoalmente na frente de toda a população do Distrito 13 e do que restou do 12. Logo. Hoje. E vai ser gravado para as futuras gerações. Você e seu governo vão garantir a segurança deles, ou então pode começar a procurar outro Tordo!

Minhas palavras pairam no ar por um longo momento.

– É ela mesmo! – Eu ouço Fulvia sibilar para Plutarch. – Bem ali. Com a roupa, um tiroteio como pano de fundo e um pouquinho de fumaça.

– Sim, é isso o que queremos – diz Plutarch, entre os dentes.

Tenho vontade de lançar um olhar de fúria para eles, mas sinto que seria um erro deixar de prestar atenção em Coin. Posso vê-la calculando o custo de meu ultimato, sopesando-o contra o meu possível valor.

– O que diz, presidenta? – pergunta Plutarch. – A senhora poderia emitir um perdão oficial, dadas as circunstâncias. O garoto... ele é inclusive menor de idade.

– Tudo bem – diz Coin finalmente. – Mas é melhor você desempenhar bem a sua função.

– Eu vou desempenhar depois que a senhora fizer o pronunciamento – digo.

– Convoque uma assembleia de segurança nacional durante a Meditação hoje – ordena ela. – Vou dar o pronunciamento nesse momento. Mais alguma coisa na sua lista, Katniss?

O papel está amassado em minha mão. Eu o desamasso na mesa e leio as letras tremidas.

– Só mais uma coisinha. Eu mato Snow.

Pela primeira vez, vejo um indício de sorriso nos lábios da presidenta.

– Quando o momento chegar, você será uma das convocadas.

Talvez ela esteja certa. Eu certamente não sou a única pessoa que deseja a morte de Snow. E não acho que ela seja do tipo que deixa o trabalho pela metade.

– Justo – digo.

Os olhos de Coin fixaram-se em seu braço, no relógio. Ela também tem uma programação a seguir.

– Então vou deixá-la em suas mãos, Plutarch. – Ela sai da sala, seguida por sua equipe, deixando apenas Plutarch, Fulvia, Gale e eu mesma.

– Excelente. Excelente. – Plutarch desaba em seu assento, os cotovelos em cima da mesa, esfregando os olhos. – Sabe do que eu sinto falta? Mais do que de qualquer coisa? Café. Pergunto para você, seria assim tão impensável ter

alguma coisa pra ajudar a gente a engolir aqueles nabos e aquela gororoba de cereais?

– A gente não pensou que as coisas aqui fossem assim tão rígidas – explica Fulvia enquanto massageia os ombros de Plutarch. – Não nos altos escalões.

– Ou pelo menos podia haver a opção de um esqueminha paralelo – diz Plutarch. – Enfim, até o 12 tinha um mercado clandestino, certo?

– É isso aí, o Prego – diz Gale. – É onde a gente fazia nossas vendas.

– Pois é, está vendo? E olha só como vocês dois são éticos! Virtualmente incorruptíveis. – Plutarch suspira. – Ah, bom, guerras não duram para sempre. Então, estou feliz por ter vocês na equipe. – Ele estende a mão para o lado, onde Fulvia já está colocando um caderno de desenho grande, de capa de couro. – No geral, você sabe o que estamos lhe pedindo, Katniss. Estou ciente de que você tem sentimentos contraditórios quanto a participar. Espero que isso aqui ajude.

Plutarch desliza o caderno de desenho na minha direção. Por um instante, olho para ele desconfiada. Então a curiosidade me vence. Abro a capa e encontro um desenho de mim, de queixo erguido e poderosa, num uniforme preto. Somente uma pessoa poderia ter desenhado o traje. À primeira vista, totalmente utilitário, mas examinando calmamente, uma obra de arte. A linha do capacete, a curva do peitoral, o ligeiro enchimento das mangas que permite que as dobras brancas sob os braços fiquem aparentes. Nas mãos dele, eu sou novamente um tordo.

– Cinna – sussurro.

– Exato. Ele me fez prometer que não lhe mostraria esse livro até que você decidisse por conta própria ser o Tordo. Pode acreditar, fiquei bastante tentado – diz Plutarch. – Vamos lá, folheie-o.

Viro as páginas lentamente, vendo cada detalhe do uniforme. As camadas da armadura cuidadosamente cortadas, as armas escondidas nas botas e no cinto, o reforço especial em cima do coração. Na última página, embaixo de um esboço de meu broche com o tordo, Cinna escreveu: *Ainda estou apostando em você.*

– Quando foi que ele... – Minha voz falha.

– Vamos ver. Bom, depois do anúncio do Massacre Quaternário. Algumas semanas antes dos Jogos talvez? Não são somente esboços. Nós temos seus uniformes. Ah, e Beetee deixou uma coisa realmente especial esperando por você lá no arsenal. Não vou estragar a surpresa dando dicas – diz Plutarch.

– Você vai ser a rebelde mais bem-vestida da história – diz Gale, com um sorriso. De repente, percebo que ele estava me escondendo isso. Como Cinna, ele sempre quis que eu tomasse essa decisão.

– Nosso plano é lançar um Assalto Televisivo – diz Plutarch. – Fazer uma série do que chamamos de pontoprop, a abreviação de "pontos de propaganda", com você e transmiti-los para toda a população de Panem.

– Como? A Capital tem o controle total das transmissões – diz Gale.

– Mas nós temos Beetee. Mais ou menos dez anos atrás, ele praticamente redesenhou a rede subterrânea que transmite toda a programação. Ele acha que existe uma chance razoável de conseguirmos. É claro que vamos precisar de algo para transmitir. Assim, Katniss, o estúdio precisa que você dê o ar da sua graça. – Plutarch vira-se para sua assistente. – Fulvia?

– Plutarch e eu temos conversado sobre como conseguir isso. Achamos que talvez seja melhor construir você, nossa líder rebelde, do exterior... para o *interior*. É o seguinte: vamos arranjar o visual de Tordo mais estonteante do mundo e depois trabalhar a sua personalidade até que você mereça vesti-lo! – diz ela, animadamente.

– Vocês já têm o uniforme dela – diz Gale.

– Verdade, mas ela está ferida e ensanguentada? Está brilhando com a chama da rebelião? O quanto podemos deixá-la com o corpo cinza de fuligem sem que isso choque as pessoas? De qualquer modo, ela precisa ser alguma coisa. Enfim, isso aqui – Fulvia se aproxima rapidamente de mim, enquadrando o meu rosto com as mãos – obviamente não vai servir. – Jogo a cabeça para trás por puro reflexo, mas ela já está ocupada juntando suas coisas. – Então, tendo isso em mente, nós temos mais uma surpresinha para você. Vem, vem.

Fulvia acena para nós, e Gale e eu a seguimos com Plutarch até o corredor.

– Tão bem-intencionados e ao mesmo tempo tão ofensivos – sussurra Gale em meu ouvido.

– Bem-vindo à Capital – retruco. Mas as palavras de Fulvia não fazem nenhum efeito em mim. Aperto bem o caderno de desenho nos braços e me concedo uma sensação de esperança. Isso deve ser a decisão correta. Se Cinna assim desejava.

Entramos num elevador, e Plutarch verifica suas anotações.

– Vamos ver. Compartimento Três-Nove-Zero-Oito. – Ele aperta um botão onde está marcado *39*, mas nada acontece.

– Você vai precisar usar a chave – diz Fulvia.

Plutarch puxa debaixo de sua camisa uma chave presa a um fino cadeado e a insere numa fechadura em que eu não havia reparado antes. As portas se fecham.

– Ah, pronto.

O elevador desce dez, vinte, mais de trinta níveis, mais abaixo do que eu jamais teria imaginado que o Distrito 13 iria. Ele se abre para um amplo corredor branco com portas vermelhas alinhadas que parecem até decorativas em comparação às cinzentas dos andares de cima. Cada uma tem um número muito nítido. *3901, 3902, 3903*...

Assim que saltamos do elevador, observo-o se fechar e uma grade deslizar sobre suas portas. Quando me viro, um guarda se materializou de uma das salas na extremidade do corredor. A passagem se fecha silenciosamente atrás dele enquanto ele marcha na nossa direção.

Plutarch vai ao seu encontro, erguendo a mão em saudação, e nós seguimos atrás dele. Algo parece estar muito errado aqui embaixo. É mais do que o elevador com segurança reforçada ou a claustrofobia de estar tão fundo no subterrâneo ou o cheiro cáustico de antisséptico. Uma olhada para o rosto de Gale e já posso adivinhar que ele está com a mesma impressão que eu.

– Bom dia, estamos procurando... – começa Plutarch.

– Os senhores estão no andar errado – diz o guarda abruptamente.

– É mesmo? – Plutarch olha de novo para suas anotações. – Eu tenho Três-Nove-Zero-Oito escrito bem aqui. Será que não dá para você dar uma ligada lá para cima e...

– Sinto muito, mas sou obrigado a pedir que se retirem imediatamente. Discrepâncias nas tarefas devem ser encaminhadas ao Escritório Central – diz o

guarda.

Está bem na nossa frente. Compartimento 3908. Apenas a alguns passos de distância. A porta – na verdade, todas as portas – parece incompleta. Sem maçanetas. Elas devem se abrir apenas com as dobradiças, como aquela por onde saiu o guarda.

– Onde fica isso mesmo? – pergunta Fulvia.

– A senhora vai achar o Escritório Central no Nível Sete – diz o guarda, estendendo os braços para nos conduzir até o elevador.

Do outro lado da porta do 3908 escapa um som. Apenas um leve ganido. Como algo que um cachorro acovardado pudesse fazer para não ser atacado, só que humano demais e bem familiar. Meus olhos encontram os de Gale por um momento, mas é um tempo suficientemente longo para duas pessoas que trabalham juntas como nós dois. Deixo o caderno de desenho de Cinna cair aos pés do guarda com um estrondo. Um segundo depois de ele se abaixar para pegá-lo, Gale também se abaixa, batendo intencionalmente a cabeça na dele.

– Ah, desculpa – diz com um sorriso leve, pegando os braços do guarda como se estivesse tentando se equilibrar e levando-o ligeiramente para longe de mim.

Essa é a minha chance. Passo como um raio ao redor do guarda distraído, abro a porta onde está escrito 3908 e os encontro. Seminus, cheios de hematomas e acorrentados à parede.

Os membros da minha equipe de preparação.



O fedor de corpos sujos, urina e infecção rompe a nuvem de antisséptico. As três figuras só são reconhecíveis por seus estilos peculiares e arrebatadores: as tatuagens faciais douradas de Venia. Os cachos cor de laranja em formato de saca-rolha de Flavius. A pele com uma tonalidade levemente esverdeada de Octavia, que agora parece flácida, como se o seu corpo fosse um balão desinflando lentamente.

Ao me verem, Flavius e Octavia se encolhem junto à parede de ladrilhos como se estivessem antecipando um ataque, embora eu nunca os tenha agredido. Pensamentos indelicados foram as piores ofensas que cometi, e essas jamais saíram da minha boca, então por que será que estão se encolhendo dessa maneira?

O guarda ordena que eu saia, mas pela movimentação que se segue sei que Gale conseguiu detê-lo de alguma forma. Em busca de respostas, vou até Venia, que sempre foi a mais forte. Eu me agacho e pego suas mãos gélidas, que se agarram às minhas como se fossem garras.

– O que aconteceu, Venia? – pergunto. – O que vocês estão fazendo aqui?

– Eles levaram a gente. Da Capital – diz ela, com a voz áspera.

Plutarch entra atrás de mim.

– O que está acontecendo aqui afinal de contas?

– Quem levou vocês? – eu a pressiono.

– Umas pessoas – diz ela vagamente. – Na noite em que você explodiu tudo.

– A gente imaginou que pudesse ser reconfortante você ter sua equipe regular – diz Plutarch atrás de mim. – Cinna solicitou isso.

– Cinna solicitou *isso*? – rosno para ele. Porque se existe algo que eu sei é que Cinna jamais teria aprovado o uso de violência contra essas três pessoas, que ele chefiava com gentileza e paciência. – Por que eles estão sendo tratados como criminosos?

– Honestamente, eu não sei. – Há algo na voz dele que me faz acreditar em suas palavras, e a palidez no rosto de Fulvia confirma a minha hipótese. Plutarch vira-se para o guarda, que acabou de surgir na porta com Gale logo atrás. – Fui informado de que eles estavam apenas confinados. Por que estão sendo castigados?

– Por roubarem comida. Nós tivemos de deter todos eles depois de uma altercação a respeito de alguns pães – diz o guarda.

As sobrancelhas de Venia juntam-se como se ela ainda estivesse tentando entender o sentido de tudo aquilo.

– Ninguém falava nada com a gente. A gente estava com muita fome. Ela só pegou uma fatia de pão.

Octavia começa a soluçar, abafando o som na túnica esfarrapada. Penso em como, da primeira vez que eu sobrevivi à arena, Octavia passou para mim um pãozinho por debaixo da mesa porque não conseguia suportar me ver com tanta fome. Rastejo em direção à sua forma trêmula.

– Octavia? – Eu a toco e ela estremece. – Octavia? Vai ficar tudo bem. Eu vou tirar vocês daqui, certo?

– Isto me parece uma punição extrema – diz Plutarch.

– Eles estão aqui porque pegaram uma fatia de pão? – diz Gale.

– Ocorreram infrações repetidas que levaram a isso. Eles foram alertados. Mesmo assim, pegaram mais pão. – O guarda faz uma pausa por um instante, como se estivesse confuso com nossa estupidez. – É proibido pegar pão.

Não consigo fazer com que Octavia descubra o rosto, mas ela o levanta ligeiramente. Os grilhões em seus pulsos movem-se alguns centímetros, revelando feridas em carne viva.

– Vou levar você para minha mãe. – Eu me dirijo ao guarda. – Solte-os.

O guarda balança a cabeça.

– Não está autorizado.

– Solte-os! Agora! – berro.

Isso quebra a compostura dele. Cidadãos medianos não se dirigem a ele dessa forma.

– Eu não tenho ordens de soltura. E você não possui autoridade para...

– Pode fazer isso com a minha autoridade – diz Plutarch. – Nós viemos pegar esses três mesmo. Eles são necessários para a Defesa Especial. Assumo total responsabilidade.

O guarda sai para fazer uma ligação. Ele volta com um molho de chaves. O pessoal da equipe foi forçado a ficar numa posição tão contraída, e por tanto tempo, que mesmo quando os grilhões são retirados, eles têm dificuldade para caminhar. Gale, Plutarch e eu precisamos ajudá-los. O pé de Flavius agarra numa grade de metal em cima de uma abertura circular no chão e o meu estômago se contrai quando penso nos motivos que levariam um recinto a necessitar de um ralo. As manchas de miséria humana que devem ter sido retiradas com uma mangueira desses ladrilhos...

No hospital, encontro minha mãe, a única pessoa em quem confio para cuidar deles. Ela leva um minuto para reconhecer os três, devido à condição em que se encontram, mas já tem um olhar de consternação estampado no rosto. E eu sei que não é por ter visto corpos violentados, porque isso era o material de trabalho diário dela no Distrito 12, mas pela percepção de que esse tipo de coisa ocorre também no 13.

Minha mãe foi recebida de braços abertos no hospital, mas ela é vista mais como uma enfermeira do que como uma médica, apesar de uma vida inteira dedicada à cura. Mesmo assim, ninguém interfere quando ela guia o trio até uma sala de exames para avaliar seus ferimentos. Eu me planto num banquinho no corredor do lado de fora da entrada do hospital, esperando ouvir seu diagnóstico. Ela será capaz de ler em seus corpos a dor infligida a eles.

Gale senta-se perto de mim e coloca o braço em meu ombro.

– Ela vai curá-los. – Balanço a cabeça em concordância, imaginando se ele está pensando no brutal flagelo ao qual ele próprio foi submetido no 12.

Plutarch e Fulvia sentam-se no banquinho em frente a nós, mas não fazem nenhum comentário sobre o estado dos membros da minha equipe de preparação. Se eles não tinham conhecimento dos maus tratos que eles vinham

sofrendo, então o que eles apreendem desse gesto da presidenta Coin? Decido ajudá-los.

– Acho que todos nós fomos colocados de sobreaviso – digo.

– O quê? Não. O que você quer dizer com isso? – pergunta Fulvia.

– Castigar a minha equipe de preparação é um alerta – falo para ela. – Não apenas a mim. Mas a vocês também. Sobre quem está realmente no controle e o que acontece se não for obedecido. Se vocês tinham alguma ilusão sobre ter poder, é melhor se desfazerem dela agora. Aparentemente, um pedigree da Capital não significa proteção aqui. De repente até piora a situação.

– Não há comparação entre Plutarch, que arquitetou a insurreição rebelde, e aqueles três maquiadores – diz Fulvia friamente.

Eu dou de ombros.

– Se você está dizendo, tudo bem. Mas o que aconteceria se vocês caíssem em desgraça com a Coin? A minha equipe de preparação foi sequestrada. Eles podem pelo menos ter esperanças de algum dia voltar para a Capital. Gale e eu podemos viver na floresta. Mas e vocês? Para onde vocês dois fugiriam?

– Talvez sejamos um pouco mais necessários ao esforço de guerra do que você estima – diz Plutarch, sem demonstrar preocupação.

– Claro que são. Os tributos também eram necessários para os Jogos. Até deixarem de ser – digo. – E aí nós passamos a ser bem dispensáveis, certo, Plutarch?

Isso põe um fim à conversa. Esperamos em silêncio até minha mãe vir nos encontrar.

– Eles vão ficar bem – relata ela. – Não há nenhum ferimento fatal.

– Bom. Esplêndido – diz Plutarch. – Quando vão poder voltar ao trabalho?

– Provavelmente amanhã – responde ela. – Vocês sabem que encontrarão alguma instabilidade emocional depois de tudo que passaram. Eles estavam particularmente despreparados para algo desse tipo, acostumados com a vida que levavam na Capital.

– E alguém aqui por acaso está? – diz Plutarch.

Ou porque a equipe de preparação está incapacitada ou porque estou muito nervosa, Plutarch me libera de tarefas referentes ao Tordo pelo restante do dia. Gale e eu nos encaminhamos para o almoço, onde nos servem cozido de feijão

e cebola, uma fatia grossa de pão e um copo d'água. Depois da história de Venia, o pão entala na minha garganta, de modo que eu deslizo o que sobrou para a bandeja de Gale. Nenhum dos dois fala muito durante o almoço, mas quando nossas tigelas ficam vazias, Gale arregaça a manga e revela sua programação.

– Eu tenho treinamento agora.

Arregaço a minha manga e estendo o braço ao lado do dele.

– Eu também. – Então me lembro que treinamento agora significa caçar.

Minha ansiedade para escapar para a floresta, mesmo que apenas por duas horas, se sobrepõe às minhas preocupações momentâneas. Uma imersão no verde e na luz do sol certamente me ajudará a organizar meus pensamentos. Assim que saímos dos corredores principais, Gale e eu corremos como crianças até o arsenal e, quando chegamos, já estou sem fôlego e tonta. Uma lembrança de que ainda não estou totalmente recuperada. Os guardas nos fornecem nossas velhas armas, assim como facas e um saco de aniagem para desempenhar a função de bolsa de caça. Eu tolero o rastreador grudado em meu tornozelo, tento parecer estar escutando quando eles explicam como usar o comunicador de mão. A única coisa que fica na minha cabeça é que a coisa possui um relógio, e que devemos voltar para o 13 na hora designada ou nossos privilégios de caça serão revogados. Essa é uma regra que eu acho que necessitará de um esforço especial da minha parte para ser cumprida.

Saímos e nos dirigimos à área de treinamento cercada que fica ao lado da floresta. Guardas abrem os portões bem azeitados sem fazer nenhum comentário. Nós teríamos muita dificuldade para passar por essa cerca por conta própria – nove metros de altura, eletricidade sempre acionada e rolos de ferro afiados como lâminas no topo. Nos movemos pela floresta até a cerca desaparecer de nossas vistas. Numa pequena clareira, paramos e jogamos as cabeças para trás para absorver a luz do sol. Estico os braços ao lado do corpo e começo a girar lentamente para não ficar tonta.

A seca que eu vi no 12 danificou as plantas aqui também, deixando algumas com folhas quebradiças, formando um carpete crocante sob meus pés. Tiramos nossos sapatos. De qualquer maneira, os meus não são confortáveis, já que, seguindo o espírito desperdício-zero-desejo-zero que vigora no 13, recebi um

par que ficou pequeno em outra pessoa. Aparentemente, um de nós pisa torto porque os sapatos estão com um formato bastante esquisito.

Caçamos, como nos velhos tempos. Em silêncio, sem precisar de palavras para nos comunicar, porque aqui na floresta nos movemos como duas partes de um mesmo ser. Antecipando os movimentos um do outro, dando cobertura um ao outro. Quanto tempo faz? Oito meses? Nove? Quanto tempo, desde que tivemos essa liberdade pela última vez? Não é exatamente a mesma coisa, devido a tudo o que aconteceu, aos rastreadores em nossos tornozelos e ao fato de que eu preciso descansar com frequência. Mas é o mais próximo da felicidade que imagino ser possível nas atuais circunstâncias.

Os animais aqui não são nem um pouco desconfiados. Aquele momento extra que levam identificando nosso odor estranho significa sua morte. Em uma hora e meia nós temos uma dúzia dos mais variados tipos – coelhos, esquilos e perus –, e decidimos parar para passar o tempo restante num laguinho que deve ser alimentado por uma fonte subterrânea, já que a água é fria e doce.

Quando Gale se oferece para limpar a caça, não me oponho. Enfio algumas folhas de menta na boca, fecho os olhos e me recosto numa pedra, absorvendo os sons, permitindo que o sol de rachar da tarde queime a minha pele, quase em paz até a voz de Gale me interromper:

– Katniss, por que você se importa tanto com a sua equipe de preparação?

Abro os olhos para ver se está brincando, mas ele mantém a testa franzida enquanto olha para o coelho que está esfolando.

– E por que eu não deveria me importar?

– Hum, vamos ver. Porque eles passaram o último ano deixando você bonitinha para a carnificina? – sugere ele.

– A coisa é mais complicada do que isso. Eu os conheço. Eles não são maldosos ou cruéis. Eles não são nem inteligentes. Fazer mal a eles é como fazer mal a uma criança. Eles não entendem... enfim, eles não sabem... – Minhas palavras ficam engasgadas.

– Eles não sabem o quê, Katniss? – diz ele. – Que os tributos, que são as verdadeiras crianças nessa história, não esse seu trio de aberrações, são forçados

a lutar até a morte? Que você estava indo para uma arena para servir de diversão para o povo? Isso por acaso era um grande segredo na Capital?

– Não. Mas eles não veem isso da maneira que a gente vê – digo. – Eles são criados com isso e...

– Você está mesmo defendendo esse pessoal? – Ele retira a pele do coelho com um movimento rápido.

Isso dói, porque na verdade eu estou, sim, e é ridículo. Luto para encontrar uma posição lógica.

– Eu acho que estou defendendo qualquer pessoa que seja tratada dessa forma por pegar uma fatia de pão. Talvez seja porque isso me lembra demais do que aconteceu com você por causa daquele peru!

No entanto, ele está certo. Parece estranho o meu nível de preocupação com a equipe de preparação. Eu deveria odiá-los e querer que fossem enforcados. Mas eles são tão ignorantes, e pertenciam a Cinna, e ele estava do meu lado, certo?

– Não estou procurando briga – diz Gale. – Mas não acho que Coin estava enviando uma mensagem grandiosa para você ao punir esses caras por terem desobedecido às regras daqui. Provavelmente ela imaginou que você veria isso como um favor. – Ele enfia o coelho no saco e se levanta. – É melhor a gente ir andando se quisermos chegar na hora.

Ignoro a mão que ele oferece e me levanto desequilibradamente.

– Beleza. – Nenhum dos dois fala nada no caminho de volta, mas assim que passamos pelo portão, penso em uma outra coisa. – Durante o Massacre Quaternário, Octavia e Flavius tiveram de parar de trabalhar porque não conseguiam parar de chorar por eu estar voltando para a arena. E Venia mal conseguiu se despedir de mim.

– Vou tentar me lembrar disso enquanto eles estiverem... refazendo você – diz Gale.

– Faça isso – respondo.

Entregamos a carne para Greasy Sae na cozinha. Ela até que gosta bastante do Distrito 13, embora ache que falta um pouco de imaginação aos cozinheiros. Mas uma mulher que foi capaz de tornar carne de cão selvagem

palatável e de fazer cozido de ruibarbo está fadada a se sentir de mãos atadas aqui.

Exausta devido à caçada e à falta de sono, volto ao meu compartimento e o encontro vazio. Só então me lembro de que nos mudamos por causa de Buttercup. Subo até o andar de cima e encontro o Compartimento E. É exatamente igual ao Compartimento 307, exceto pela janela – sessenta centímetros de largura por vinte de altura – centralizada no topo da parede externa. Há uma pesada placa de metal que se fecha sobre ela, mas nesse exato momento ela está aberta, e um certo gato não está à vista em lugar nenhum. Eu me estico na cama, e um feixe de luz vespertina brinca sobre meu rosto. Quando dou por mim, minha irmã está me acordando para *18:00 – Meditação*.

Prim me diz que eles estão anunciando a assembleia desde o almoço. A população inteira, exceto aqueles necessários para realizar trabalhos essenciais, são convocados a comparecer. Seguimos as orientações até o Coletivo, uma imensa sala que comporta facilmente as milhares de pessoas que vão aparecer. Dá para dizer que o local foi construído para uma reunião maior, e provavelmente recebeu uma antes da epidemia de varíola. Prim aponta silenciosamente os efeitos adversos disseminados por esse desastre – as cicatrizes de varíola nos corpos das pessoas, as crianças ligeiramente desfiguradas.

– Eles sofreram muito por aqui – diz ela.

Depois desta manhã, não estou com espírito para sentir pena do 13.

– Não mais do que a gente sofreu no 12 – digo. Vejo minha mãe conduzir um grupo de pacientes em cadeiras de rodas, ainda vestindo suas roupas de hospital. Finnick destaca-se entre eles, a aparência perplexa, porém deslumbrante. Nas mãos ele segura um pedaço de barbante, menos de trinta centímetros de comprimento, tão curto que nem ele conseguiria transformar numa forca utilizável. Seus dedos se movem com rapidez, automaticamente atando e desatando vários nós enquanto seu olhar se mantém ao longe. Provavelmente isso faz parte da terapia pela qual ele está passando. Dirijo-me até ele e digo:

– Oi, Finnick. – Parece que ele não percebe a minha presença, então eu o cutuco para conseguir sua atenção. – Finnick! Como é que você vai?

– Katniss – diz ele, apertando minha mão. Aliviado por ver um rosto familiar, imagino. – Por que estamos nos reunindo aqui?

– Eu falei para Coin que seria o Tordo dela. Mas fiz com que ela prometesse que daria imunidade aos outros tributos se os rebeldes vencerem – digo a ele. – Em público, para que possa haver muitas testemunhas.

– Ah, muito bom. Porque eu me preocupo com isso em relação a Annie. Fico com medo de ela dizer inadvertidamente alguma coisa que possa ser considerada traição – diz Finnick.

Annie. Essa não. Eu me esqueci completamente dela.

– Não se preocupe, já resolvi isso. – Aperto a mão de Finnick e me encaminho diretamente para o pódio na frente da sala. Coin, que está revisando o pronunciamento que fará, ergue as sobrancelhas para mim. – Preciso que você acrescente Annie Cresta à lista de imunidades – digo a ela.

A presidenta franze o cenho ligeiramente.

– Quem é essa?

– Ela é... – Quem mesmo? Nem sei como devo me referir a ela. – Ela é amiga de Finnick Odair. Do Distrito 4. Uma outra vitoriosa. Ela foi presa e levada para a Capital quando a arena explodiu.

– Ah, aquela garota louca. Isso não será realmente necessário – diz ela. – Nós não costumamos punir ninguém assim tão frágil.

Penso na cena que testemunhei hoje de manhã. Em Octavia acorrentada à parede. Em como Coin e eu devemos ter definições amplamente diferentes para fragilidade. Mas digo apenas:

– Não? Então não vai ser problema acrescentar a Annie.

– Tudo bem – diz a presidenta, escrevendo a lápis o nome de Annie. – Você quer ficar aqui em cima comigo na hora do pronunciamento? – Sacudo a cabeça em negativa. – Eu imaginei que não. É melhor correr e se perder no meio da multidão. Já vou começar. – Volto para onde está Finnick.

Palavras são outra coisa não desperdiçada no 13. Coin pede a atenção do público e diz a eles que eu aceitei ser o Tordo, contanto que os outros vitoriosos – Peeta, Johanna, Enobaria e Annie – recebam um perdão total por qualquer estrago que tenham causado à causa rebelde. Em meio ao ruído que escapa da multidão, ouço discordâncias. Suponho que ninguém tenha

duvidado de que eu quisesse ser o Tordo. Portanto, estabelecer um preço – um preço que poupa a vida de possíveis inimigos – os enfurece. Permaneço indiferente aos olhares hostis que encontro pelo caminho.

A presidenta permite alguns minutos de descanso, e então continua em seu estilo ríspido. Só que agora as palavras que saem de sua boca são novas para mim:

– Mas em retribuição a essa solicitação sem precedentes, a soldado Everdeen prometeu dedicação total à nossa causa. Subentende-se que qualquer desvio de sua missão, seja em motivação, seja em ação, será visto como rompimento de nosso acordo. A imunidade seria extinta e o destino dos quatro vitoriosos passaria a ser determinado pela lei que governa o Distrito 13. Assim como o destino dela própria. Muito obrigada.

Em outras palavras, se eu sair da linha, estamos todos mortos.



Mais uma força a ser enfrentada. Mais um jogador poderoso que decidiu me usar como peça em seus jogos, embora as coisas jamais pareçam seguir de acordo com o plano. Primeiro havia os Idealizadores dos Jogos, transformando-me em sua estrela e depois lutando para se recuperar daquele punhado de amoras venenosas. Depois o presidente Snow, tentando me usar para apagar o incêndio da rebelião, só para fazer com que qualquer movimento meu passasse a ser altamente inflamável. Em seguida, os rebeldes me sequestrando na garra de metal que me alçou da arena, designando-me para ser seu Tordo, e depois sendo obrigados a se recuperar do choque de que talvez eu não quisesse as asas. E agora Coin, com seu punhado de ogivas nucleares e seu distrito-máquina muito bem azeitado, descobrindo que é muito mais fácil capturar um Tordo do que domesticá-lo. Mas ela foi mais rápida em perceber que eu tinha planos próprios e que, portanto, não era totalmente confiável. Ela foi a primeira a me caracterizar publicamente como ameaça.

Passo os dedos na espessa camada de bolhas em minha banheira. A limpeza que fazem em mim é apenas um passo preliminar para determinar meu novo visual. Com meus cabelos deteriorados pelo ácido, a pele queimada de sol e as horríveis cicatrizes, a equipe de preparação tem que me deixar bonita e, *depois*, produzir falsas cicatrizes e queimaduras mais atraentes em mim.

– Refaçam-na em Base Zero de Beleza – ordena Fulvia de imediato hoje de manhã. – Vamos trabalhar a partir daí. – Base Zero de Beleza consiste no visual que uma pessoa teria se saísse da cama com a aparência perfeita, porém natural. Significa que as minhas unhas estão aparadas, mas não pintadas. Meus cabelos

macios e brilhantes, mas não estilizados. Minha pele lisa e limpa, mas sem maquiagem. Pelos do corpo depilados e hematomas apagados, mas sem nenhum aprimoramento visível. Tenho a impressão de que Cinna deu as mesmas instruções no meu primeiro dia como tributo na Capital. Só que aquilo foi diferente, já que eu era uma participante dos Jogos. Na condição de rebelde, imaginei que ficaria mais parecida comigo mesma. Mas, pelo que vejo, uma rebelde que aparece na TV tem os próprios parâmetros com os quais deve conviver.

Depois de tirar o creme do corpo, eu me viro e encontro Octavia à minha espera com uma toalha. Ela está muito diferente daquela mulher que conheci na Capital, despojada das roupas extravagantes, da maquiagem pesada, dos cabelos tingidos e das joias e badulaques com os quais adornava seus cabelos. Lembro de uma ocasião em que ela apareceu com tranças cor-de-rosa cintilantes, decoradas com luzinhas coloridas em formato de camundongo. Ela me disse que tinha vários camundongos de estimação em casa. Na época, a imagem me causou repulsa, já que consideramos camundongos uma praga, a não ser que estejam cozidos. Mas talvez Octavia gostasse deles por serem pequenos, macios e estridentes. Como ela. Enquanto ela me seca, tento me familiarizar com a Octavia versão Distrito 13. Seus cabelos verdadeiros têm na verdade uma coloração ruiva muito bonita. Seu rosto é comum, mas possui uma doçura inegável. Ela é mais jovem do que eu imaginava. Talvez na casa dos vinte e poucos anos. Despojada das unhas decorativas de dez centímetros, seus dedos parecem quase gorduchos, e não conseguem parar de tremer. Tenho vontade de falar para ela que está tudo bem, que eu garanto que Coin nunca mais vai machucá-la. Mas os hematomas multicoloridos florescendo em sua pele esverdeada só me fazem lembrar do quanto sou impotente.

Também Flavius parece empalidecido sem seu batom púrpura e suas roupas chamativas. Mas conseguiu deixar suas tranças cor de laranja em formato de saca-rolha mais ou menos como estavam antes. Venia é quem parece menos mudada. Seus cabelos azul-piscina estão baixos no lugar dos tufos de antes e dá para ver as raízes crescendo em tom grisalho. Entretanto, as tatuagens sempre foram sua característica mais marcante, e estão douradas e chocantes como sempre. Ela aparece e tira a toalha das mãos de Octavia.

– Katniss não vai machucar a gente – diz ela a Octavia em voz baixa, porém firme. – Katniss nem sabia que a gente estava aqui. As coisas vão melhorar agora. – Octavia acena ligeiramente com a cabeça, mas não ousa me olhar nos olhos.

Não é uma tarefa simples fazer com que eu volte a ter Base Zero de Beleza, mesmo com o elaborado arsenal de produtos, ferramentas e geringonças eletrônicas que Plutarch teve o cuidado de trazer da Capital. O pessoal da minha equipe vai muito bem, até tentar cuidar do ponto em meu braço de onde Johanna arrancou o rastreador. Ninguém da equipe médica estava preocupado com aparência quando costuraram o rasgão que encontraram pela frente. Agora tenho uma cicatriz inchada e protuberante que ocupa um espaço do tamanho de uma maçã. Normalmente, a manga da minha camisa a cobre mas, do jeito que o traje do Tordo de Cinna foi desenhado, as mangas param logo abaixo do cotovelo. A preocupação é tão grande que Fulvia e Plutarch são chamados para discutir a questão. Eu juro, a visão do ferimento desencadeia uma ânsia de vômito em Fulvia. Para alguém que trabalha com um Idealizador dos Jogos, ela é extremamente sensível. Mas imagino que esteja acostumada a ver coisas desagradáveis apenas nas telas de TV.

– Todo mundo sabe que eu tenho uma cicatriz aqui – digo, mal-humorada.

– Saber que ela existe é uma coisa. Vê-la é algo totalmente diferente – diz Fulvia. – É uma coisa verdadeiramente repulsiva. Plutarch e eu vamos pensar em uma solução durante o almoço.

– Vai ficar bom – diz Plutarch, balançando a mão como quem dá pouca importância ao fato. – De repente, a gente põe uma tira no braço ou qualquer coisa assim.

Irritada, eu me visto para me dirigir à sala de jantar. Minha equipe de preparação se amontoa num pequeno grupo ao lado da porta.

– Eles vão trazer comida para vocês aqui? – pergunto.

– Não – diz Venia. – A gente precisa ir para a sala de jantar.

Dou um suspiro profundo ao me imaginar entrando na sala de jantar com esses três atrás de mim. Mas as pessoas sempre me encaram, de um jeito ou de outro. Vai ser a mesma coisa de sempre.

– Vou mostrar para vocês onde fica – digo. – Vamos lá.

Os olhares velados e os murmúrios silenciosos que eu normalmente evoco não são nada comparados à reação proporcionada pela visão da minha bizarra equipe de preparação. As bocas abertas, os dedos apontados, as exclamações.

– Ignorem tudo e vamos em frente – digo à minha equipe. Olhos baixos, com movimentos mecânicos, eles me seguem na fila, aceitando tigelas de peixe acinzentado, cozido de quiabo e copos d'água.

Nos sentamos à mesa ao lado de um grupo da Costura. Eles demonstram um pouco mais de controle do que as pessoas do 13, embora a atitude possa ser principalmente em função do constrangimento. Leevy, que era minha vizinha no 12, dá um alô cauteloso aos membros da equipe, e a mãe de Gale, Hazelle, que deve saber a respeito da prisão deles, estende uma colher do cozido e diz:

– Não se preocupem. O gosto é melhor do que a aparência.

Mas é Posy, a irmã de cinco anos de idade de Gale, quem mais ajuda. Ela desliza no banquinho até Octavia e toca a pele dela com um dedinho hesitante.

– Você está verde. Você está doente?

– É a moda, Posy. É como usar batom – digo.

– É para deixar a gente mais bonita – sussurra Octavia, e consigo ver as lágrimas ameaçando desaguar por seus cílios.

Posy pondera a explicação e diz, resoluta:

– Acho que você fica bonita em qualquer cor.

O mais diminuto dos sorrisos se forma nos lábios de Octavia.

– Obrigada.

– Se você quiser realmente impressionar Posy, você vai ter de tingir a pele de rosa – diz Gale, jogando a bandeja ao meu lado. – É a sua cor favorita. – Posy dá uma risadinha e desliza de volta para perto da mãe. Gale faz um movimento com a cabeça indicando a tigela de Flavius. – Eu não deixaria isso aí ficar frio. Não melhora em nada a consistência.

Todos começam a comer. O gosto do cozido não é ruim, mas ele tem uma textura meio grudenta que é difícil de encarar. É como se você precisasse engolir cada pedaço três vezes para a coisa descer de fato.

Gale, que não é muito de falar durante as refeições, faz um esforço para manter a conversa fluindo, fazendo perguntas sobre maquiagem. Sei que é uma tentativa de aliviar o clima. Nós discutimos na noite anterior depois que ele

sugeriu que eu não deixara nenhuma escolha a Coin a não ser contrapor minha exigência de segurança para os vitoriosos com outra exigência dela própria.

– Katniss, ela está administrando esse distrito. Ela não pode acatar a sua exigência se der a entender que a presidenta está se curvando à sua vontade.

– Você está querendo dizer que ela não consegue suportar nenhuma dissensão, mesmo que seja justa? – eu contrapusera.

– O que eu estou querendo dizer é que você a deixou numa posição ruim. Ao fazê-la dar imunidade a Peeta e aos outros, quando nós nem sabemos que tipo de estrago eles podem causar – respondera Gale.

– Então, eu devia ter simplesmente seguido com o programa e deixado os outros tributos assumirem seus riscos? Não que isso importe, porque é exatamente o que nós todos estamos fazendo de um jeito ou de outro! – Foi nesse momento que bati a porta na cara dele. Eu não havia me sentado com ele no café da manhã, e quando Plutarch o enviou ao treinamento hoje de manhã, eu o deixei ir embora sem dizer uma única palavra. Sei que ele só falou aquilo por se preocupar comigo, mas eu realmente preciso que ele fique do meu lado, não do lado de Coin. Como é possível que ele não saiba disso?

Depois do almoço, Gale e eu estamos programados para descer até a Defesa Especial para nos encontrarmos com Beetee. No elevador, Gale finalmente diz:

– Você ainda está zangada.

– E você ainda não pediu desculpas – respondo.

– Eu ainda sustento o que disse antes. Você quer que eu minta?

– Não, quero que você repense e apareça com uma opinião correta – digo. Mas isso só o faz rir. Terei que deixar a coisa ficar por isso mesmo. Não há sentido em tentar ditar o que Gale deve pensar. O que, para ser honesta, é uma das razões de eu confiar nele.

A Defesa Especial está situada num nível quase tão baixo quanto os calabouços onde encontramos a equipe de preparação. É uma colmeia de salas cheias de computadores, laboratórios, equipamentos de pesquisa e medição.

Quando perguntamos por Beetee, somos conduzidos através de um labirinto até alcançarmos uma enorme divisória de vidro. Lá dentro, encontra-se a primeira coisa bonita que vi até hoje nas instalações do Distrito 13: a réplica de um gramado, cheio de árvores de verdade, plantas em floração e

beija-flores cheios de vida. Beetee está sentado imóvel numa cadeira de rodas no centro do gramado, observando um pássaro verde pairar em pleno ar enquanto absorve o néctar de uma grande floração laranja. Seus olhos acompanham o pássaro que voa para longe, e ele percebe a nossa presença. Ele acena amigavelmente para que nos juntemos a ele do lado de dentro.

O ar é fresco e respirável, não úmido e abafado como eu presumira. De todos os lados, ouvimos o barulhinho do bater de pequenas asas, que eu costumava confundir com o som de insetos em nossa floresta no 12. Sou obrigada a imaginar que espécie de acaso feliz permitiu que um lugar tão agradável pudesse ter sido construído aqui.

Beetee ainda exibe a palidez de alguém que está em plena convalescença, mas por atrás daqueles óculos mal ajustados, seus olhos estão cheios de entusiasmo.

– Eles não são magníficos? O 13 tem estudado a aerodinâmica deles nesse local há anos. Voos para a frente e para trás, e velocidades que chegam a atingir quase cem quilômetros por hora. Quem me dera poder fazer asas como essas para você, Katniss!

– Duvido muito que eu pudesse controlar asas desse tipo, Beetee – digo sorrindo.

– Um segundo aqui e no outro já estão longe. Você consegue abater um beija-flor com uma flecha? – pergunta ele.

– Nunca tentei. Não tem muita carne neles – respondo.

– Não. E você não é de caçar por esporte – diz ele. – Mas aposto que seria difícil acertar um bicho como esse.

– De repente daria para pegar algum com uma armadilha – diz Gale. Seu rosto assume aquela aparência distante que indica que ele está maquinando alguma coisa. – Pegue uma rede bem fininha. Cerque uma área e deixe uma abertura de alguns metros quadrados. Coloque dentro algumas flores com néctar como isca. Enquanto eles estão comendo, feche a abertura. Eles voariam para tentar fugir por causa do barulho, mas só encontrariam a extremidade da rede.

– Será que isso funcionaria? – pergunta Beetee.

– Não sei. É só uma ideia – diz Gale. – Eles poderiam muito bem ser mais espertos que a armadilha.

– Poderiam sim. Mas você está explorando o instinto natural que eles têm para fugir do perigo. Pensar como a sua presa... é dessa maneira que se acha as vulnerabilidades dela – diz Beetee.

Eu me lembro de uma coisa na qual não gosto de pensar. Nos preparativos para o Massacre, vi um vídeo em que Beetee, ainda garoto, conectava dois fios que eletrocutavam um grupo de meninos que estavam em seu encalço. Os corpos em convulsão, as expressões grotescas. Beetee, nos momentos que levaram à sua vitória naqueles Jogos Vorazes de tanto tempo atrás, observou outras pessoas morrerem. Não foi culpa sua. Somente legítima defesa. Nós todos estávamos agindo única e exclusivamente em legítima defesa...

De repente, desejo sair da sala de beija-flores antes que alguém comece a montar uma armadilha.

– Beetee, Plutarch disse que você tinha alguma coisa para mim.

– Certo. Tenho, sim. Seu novo arco. – Ele aperta um controle manual no braço da cadeira e gira para fora da sala. Enquanto o seguimos pelos corredores sinuosos da Defesa Especial, ele explica a cadeira. – Eu posso andar um pouquinho agora. Só que me canso facilmente. É mais fácil para mim circular por aí com este troço. Como está o Finnick?

– Ele... tem tido alguns problemas de concentração – respondo. Não quero falar que ele teve um colapso nervoso completo.

– Problemas de concentração, é? – Beetee sorri impiedosamente. – Se você soubesse pelo que Finnick tem passado nos últimos anos, você ia ver como é impressionante ele ainda estar conosco. Mas, por favor, diga para ele que eu ando trabalhando num novo tridente, certo? Algo para ele se distrair um pouco. – Distração parece ser a última coisa de que Finnick precisa, mas prometo dar o recado.

Quatro soldados guardam a entrada para o hall onde se vê escrito ARMAS ESPECIAIS. Verificar as programações impressas em nossos antebraços é apenas o primeiro passo. Também escaneiam nossas impressões digitais, nossas retinas e nossos DNAs, e temos de passar por detectores de metal especiais. Beetee precisa sair de sua cadeira de rodas no lado de fora, embora eles forneçam outra

para ele assim que passamos pela segurança. Acho a coisa toda bizarra porque não consigo imaginar que alguém criado no Distrito 13 possa ser uma ameaça contra a qual o governo deveria se proteger. Será que essas precauções foram instauradas por causa do recente influxo de imigrantes?

Na porta do arsenal, encontramos uma segunda rodada de verificação de identificação – como se o meu DNA pudesse ter mudado no tempo que levei para caminhar os vinte metros do corredor –, e finalmente recebemos permissão para entrar na coleção de armamentos. Tenho que admitir que o arsenal me deixa sem fôlego. Fileiras e fileiras de armas de fogo, lançadores, explosivos, veículos blindados.

– É claro que a Divisão Aérea ocupa outro espaço – diz Beetee.

– É claro – digo, como se isso fosse evidente. Não sei onde um simples arco poderia encontrar um lugarzinho em meio a tantos equipamentos high-tech, mas então damos de cara com uma parede repleta de arcos altamente letais. Eu já brinquei muito com as armas da Capital nos treinamentos, mas nenhuma delas era desenhada para combate militar. Concentro minha atenção num arco de aparência mortífera tão cheio de miras e apetrechos que tenho certeza de que não consigo nem erguê-lo, quanto mais usá-lo.

– Gale, talvez você queira experimentar algumas dessas coisinhas – diz Beetee.

– É sério? – pergunta Gale.

– Em algum momento, você vai receber uma arma de fogo, é evidente. Mas se você aparecer como parte da equipe de Katniss no plano, uma dessas aqui chamaria mais a atenção. Pensei que talvez você pudesse encontrar alguma que lhe servisse bem – diz Beetee.

– Com certeza. – As mãos de Gale se fecham em torno do mesmo arco para o qual eu estava olhando momentos atrás, e ele o prende no ombro. Aponta ao redor da sala, olhando pela mira.

– Isso não parece muito justo com o cervo – digo.

– Eu não ia usar isso aqui num cervo, ia? – responde ele.

– Volto já – diz Beetee. Ele aperta um código num painel e uma pequena passagem se abre. Eu observo até que ele desaparece por completo e a porta se fecha.

– Quer dizer então que seria mais fácil para você usar essa coisa em pessoas? – pergunto.

– Eu não disse isso. – Gale põe o arco de lado. – Mas se possuísse uma arma que pudesse ter impedido o que eu vi acontecer no 12... se possuísse uma arma que pudesse ter mantido você longe da arena... teria usado.

– Eu também – admito. Mas não sei o que dizer a ele sobre a sensação que se tem depois que você mata uma pessoa. Sobre como a pessoa morta jamais se afasta de você.

Beetee volta com um estojo retangular alto e preto posicionado de um jeito esquisito entre o descanso para os pés e seu ombro.

– Para você.

Coloco o estojo no chão e destravo as linguetas na lateral. A parte de cima se abre sem fazer barulho. No interior do estojo, sobre um leito de veludo marrom, encontra-se um estonteante arco preto.

– Ah – sussurro com admiração. Ergo-o cuidadosamente para admirar o belíssimo equilíbrio, o elegante desenho e a curvatura, que de certa forma sugere as asas de um pássaro abertas em pleno voo. Há algo mais. Tenho que mantê-lo bem imóvel para ter certeza de que não estou imaginando coisas. Não, o arco está vivo em minhas mãos. Eu o pressiono contra a face e sinto o ligeiro zumbido viajar através dos ossos do meu rosto. – O que ele está fazendo?

– Dizendo oi – explica Beetee com um sorrisinho. – Ele ouviu sua voz.

– Ele reconhece a minha voz? – pergunto.

– Apenas a sua – diz ele. – Veja bem, eles queriam que eu desenhasse um arco que fosse puramente aparência. Como parte de seu traje, entende? Mas eu ficava pensando: que desperdício. Enfim, e se você precisar dele em algum momento? Como algo mais do que apenas um acessório de moda? Aí deixei o lado de fora simples e o lado de dentro regido pela minha imaginação. Mas fica melhor se explicado na prática. Querem experimentar?

Nós dois queremos. Um alvo já foi preparado. As flechas que Beetee projetou não são menos notáveis do que o arco. Com o equipamento completo, consigo atirar com acuidade a uma distância de cem metros. A variedade de flechas – de lâmina afiada, incendiária, explosiva – transforma o

arco numa arma multiuso. Cada uma delas é identificável a partir de uma ponta com coloração característica. Tenho a opção de desabilitá-lo com o uso da voz a qualquer momento, mas não faço a menor ideia de por que eu deveria usar algo assim. Para desativar as propriedades especiais do arco preciso apenas dizer "boa noite" a ele. Então ele vai dormir até que o som da minha voz o acorde novamente.

Já estou de ótimo humor quando volto para a equipe de preparação, deixando Beetee e Gale para trás. Permaneço sentada pacientemente durante o restante do trabalho de maquiagem e visto o meu traje, que agora inclui um curativo ensanguentado por cima da cicatriz do braço para indicar que estive recentemente em combate. Venia afixa meu broche com o tordo em cima de meu coração. Pego meu arco e a aljava com as flechas normais feitas por Beetee, ciente de que eles jamais me deixariam andar por aí com as modificadas. Então vamos para o palco de som, onde tenho a sensação de ficar por várias horas enquanto eles ajustam os níveis de maquiagem, iluminação e fumaça. Por fim, os comandos via intercomunicador vindos das pessoas invisíveis nas misteriosas cabines envidraçadas tornam-se menos frequentes a cada minuto. Fulvia e Plutarch passam mais tempo me estudando e menos tempo me ajustando. Finalmente, silêncio no set. Por uns bons cinco minutos sou simplesmente avaliada de alto a baixo. Então Plutarch diz:

– Acho que serve.

Alguém me acena para que eu siga em direção a um monitor. Eles passam de novo os últimos minutos da fita e observo a mulher na tela. Seu corpo parece maior em estatura, mais imponente do que o meu. Seu rosto está manchado, porém sexy. Suas sobrancelhas pretas são desenhadas num ângulo desafiador. Fios de fumaça – sugerindo que ela acabou de ser apagada ou está a ponto de pegar fogo – erguem-se de suas roupas. Não sei quem é essa pessoa.

Finnick, que estava zanzando pelo set havia algumas horas, aparece atrás de mim e diz com um tiquinho de seu antigo humor:

– Ou eles vão querer te matar, ou te beijar, ou ser você.

Todos estão bastante animados, bastante satisfeitos com seus trabalhos. Está quase na hora da pausa para o jantar, mas eles insistem em continuar. Amanhã vamos nos concentrar em discursos e entrevistas, e terei que fingir que estou

nas batalhas dos rebeldes. Hoje eles só querem um slogan, só uma frase de efeito que possam transformar num curto pontoprop para ser mostrado a Coin.

– Povo de Panem, nós lutamos, nós ousamos, nós acabamos com nossa fome por justiça!

Isso é uma frase de efeito. Dá para dizer pela maneira como eles a apresentam que passaram meses, talvez anos, trabalhando nela e estão bem orgulhosos do feito. Entretanto, na minha opinião, ela parece uma frase longa demais. E rígida. Não consigo me imaginar falando-a na vida real – a menos que a estivesse ironizando com um sotaque da Capital. Como nas ocasiões em que Gale e eu costumávamos imitar Effie Trinket falando: "Que a sorte esteja *sempre* a seu favor!" Mas Fulvia está bem na minha cara, descrevendo uma batalha de que acabei de sair, e como meus companheiros estão todos mortos ao meu redor, e como, para reunir os que estão vivos, devo me virar para a câmera e gritar a frase!

Sou levada de volta ao meu lugar, e a máquina de fumaça começa a funcionar. Alguém pede silêncio, as câmeras começam a filmar, e escuto: "Ação!" Então seguro meu arco acima da cabeça e berro com todo o ódio que consigo reunir:

– Povo de Panem, nós lutamos, nós ousamos, nós acabamos com nossa fome por justiça!

Há um silêncio sepulcral no set. E perdura. E perdura.

Por fim, o intercomunicador chia e o riso azedo de Haymitch preenche o estúdio. Ele se contém apenas por tempo suficiente para dizer:

– E é assim, meus amigos, que morre uma revolução.



O choque de ouvir a voz de Haymitch ontem, de descobrir que ele estava não apenas atuante como também tinha novamente uma boa dose de controle sobre a minha vida, me deixou enfurecida. Saí na mesma hora do estúdio e ignorei todos os seus comentários hoje na cabine. Mesmo assim, percebi imediatamente que ele estava certo em relação ao meu desempenho.

Foi preciso a manhã inteira para que ele convencesse os outros de minhas limitações. De que não dou conta do recado. De que não posso ficar parada num estúdio de TV usando traje e maquiagem numa nuvem de fumaça falsa e insuflar os distritos à vitória. Na realidade, é incrível a quantidade de tempo que consegui sobreviver diante das câmeras. O crédito disso vai, evidentemente, para Peeta. Sozinha, não tenho como ser o Tordo.

Nós nos reunimos ao redor da enorme mesa no Comando. Coin e seu pessoal. Plutarch, Fulvia e a minha equipe de preparação. Um grupo do 12 que inclui Haymitch e Gale, mas também alguns outros cujas presenças eu não consigo explicar, tais como Leevy e Greasy Sae. No último minuto, Finnick entra empurrando a cadeira de rodas de Beetee, acompanhado de Dalton, o especialista em gado do 10. Tenho a impressão de que Coin reuniu essa estranha coleção de pessoas para testemunhar o meu fracasso.

Entretanto, é Haymitch quem dá as boas-vindas a todos e, por suas palavras, compreendo que eles vieram por conta de um convite pessoal dele. Esta é a primeira vez que nos reunimos numa sala desde que eu o agredi com as minhas unhas. Evito olhar diretamente para ele, mas vislumbro seu reflexo em um dos brilhantes consoles de controle ao longo da parede. Ele está com a

aparência ligeiramente amarelada e perdeu muito peso, o que o deixa com um aspecto encolhido. Por um segundo, tenho medo de que ele esteja morrendo. Preciso lembrar a mim mesma que não dou a mínima para isso.

A primeira coisa que Haymitch faz é mostrar o filme que acabamos de fazer. Ao que tudo indica, atingi novamente o fundo do poço sob a orientação de Plutarch e Fulvia. Não apenas a minha voz como também o meu corpo parece rígido e desconjuntado, como se eu fosse uma marionete manipulada por forças invisíveis.

– Tudo bem – diz Haymitch quando o filme acaba. – Alguém gostaria de discordar do fato de que esse negócio aqui não ajuda em nada a gente a ganhar a guerra? – Ninguém discorda. – Isso poupa tempo. Então vamos todos ficar em silêncio por um minuto. Quero que vocês todos pensem em um incidente em que Katniss Everdeen tenha genuinamente emocionado vocês. Não quando vocês estavam com inveja do penteado dela, ou quando o vestido dela pegou fogo ou quando ela deu uma flechada mais ou menos decente. Não quando Peeta estava fazendo vocês gostarem dela. Quero ouvir um momento em que *ela* fez com que vocês sentissem algo real.

O silêncio se estende e começo a pensar que não vai terminar nunca, quando Leevy resolve falar:

– Quando ela se apresentou como voluntária para tomar o lugar de Prim na colheita. Porque tenho certeza de que ela pensou que morreria.

– Bom. Excelente exemplo – diz Haymitch. Ele pega um marcador roxo e escreve num caderninho. – Apresentou-se como voluntária para tomar o lugar da irmã na colheita. – Haymitch olha ao redor da mesa. – Quem mais?

Fico surpresa com o fato de que a próxima pessoa a falar é Boggs, que considero um robô musculoso que faz tudo o que Coin manda.

– Quando ela cantou aquela canção. Enquanto a garotinha morria. – Em algum lugar da minha mente uma imagem aflora: Boggs com um menino em seu colo. Na sala de jantar, acho. Talvez não seja um robô, afinal de contas.

– Quem foi que não ficou com um nó na garganta diante daquilo, hein? – diz Haymitch, tomando nota.

– Chorei quando ela drogou Peeta para conseguir ir atrás de remédio para ele e quando ela se despediu dele com um beijo! – solta Octavia. Então ela

cobre a boca, como se tivesse certeza absoluta de que cometera um erro grave ao dizer aquilo.

Mas Haymitch apenas balança a cabeça em concordância.

– Ah, é isso aí. Drogou Peeta para salvar a vida dele. Muito bom.

Os momentos começam a aparecer com mais densidade e com mais velocidade, sem seguir uma ordem específica. Quando fiz de Rue uma aliada. Quando estendi a mão para Chaff na noite da entrevista. Quando tentei carregar Mags. E mais de uma vez, quando entreguei aquelas amoras que significavam coisas diferentes para pessoas diferentes. Amor por Peeta. Recusa em ceder com chances quase impossíveis de sucesso. Desafio à desumanidade da Capital.

Haymitch levanta o caderninho.

– Então, a questão é a seguinte, o que tudo isso aqui tem em comum?

– São atitudes de Katniss – diz Gale, baixinho. – Ninguém disse o que ela tinha que fazer ou dizer.

– Sem roteiro, com certeza! – diz Beetee. Ele se aproxima e dá um tapinha na minha mão. – Então, a melhor coisa a fazer é deixar você em paz, certo?

As pessoas riem. Até eu mesma rio um pouquinho.

– Bom, isso tudo é muito bonitinho, mas não ajuda muito – diz Fulvia, irritada. – Infelizmente, as oportunidades que ela tem para ser maravilhosa são bem limitadas aqui no 13. O que significa que, a menos que você esteja sugerindo que ela seja lançada no meio do combate...

– É *exatamente isso* que estou sugerindo – diz Haymitch. – Vamos colocá-la no campo de batalha e deixar as câmeras filmando tudo.

– Mas as pessoas acham que ela está grávida – aponta Gale.

– Vamos espalhar o boato de que ela perdeu o bebê durante o choque elétrico na arena – responde Plutarch. – É muito triste. Muito infeliz, mesmo.

A ideia de me mandar para o combate é controversa. Mas o que Haymitch diz faz sentido. Se desempenho bem o meu papel somente em circunstâncias da vida real, então é para elas que devo seguir.

– Sempre que a gente dá alguma orientação a ela, ou define linhas de atuação, o máximo que a gente pode esperar é o básico. A coisa tem que vir dela. É isso o que comove as pessoas.

– Mesmo que a gente seja cuidadoso, não vai dar para garantir a segurança dela – diz Boggs. – Ela vai ser alvo de tudo quanto é...

– Eu quero ir – me intrometo. – Aqui não ajudo em nada os rebeldes.

– E se você for morta? – pergunta Coin.

– É só filmar. Depois você vai poder usar o filme, de um jeito ou de outro – respondo.

– Ótimo – diz Coin. – Mas vamos dar um passo de cada vez. Ache uma situação menos perigosa, da qual você possa tirar mais espontaneidade. – Ela contorna o Comando, estudando os mapas iluminados dos distritos que mostram o posicionamento atual das tropas na guerra. – Levem-na para o 8 hoje à tarde. Houve um intenso bombardeio pela manhã, mas o ataque parece ter tomado seu próprio rumo. Eu a quero armada e com um esquadrão de guarda-costas. Equipe de câmeras no chão. Haymitch, você vai dar cobertura aérea e vai se manter em contato com ela. Vamos ver o que acontece lá. Alguém tem mais algum comentário a fazer?

– Lavem o rosto dela – diz Dalton. Todos se voltam para ele. – Ela ainda é uma menina e vocês a fazem ficar com uma cara de trinta e cinco anos. Não me parece correto. Parece ideia do pessoal da Capital.

Quando Coin dá a reunião por encerrada, Haymitch pergunta se pode conversar comigo a sós. Os outros saem, com exceção de Gale, que permanece incerto ao meu lado.

– Com o que você está preocupado? – pergunta Haymitch. – Sou eu quem precisa de guarda-costas.

– Está tudo bem – digo a Gale, e ele vai embora. Então ouve-se apenas o ruído dos aparelhos, o zumbido do sistema de ventilação.

Haymitch senta-se à minha frente.

– Teremos que trabalhar juntos novamente. Então vamos lá, fala logo.

Penso na conversa agressiva e cruel que tivemos no aerodeslizador. A amargura que se seguiu a ela. Mas tudo o que eu digo é:

– Não consigo acreditar que você não tenha resgatado Peeta.

– Eu sei – responde ele.

Há uma sensação de incompletude. E não por ele não haver se desculpado. Mas porque éramos uma equipe. Nós tínhamos um acordo de manter Peeta em

segurança. Um acordo embriagado e irrealista feito na calada da noite, mas mesmo assim, um acordo. E, no fundo do meu coração, sei que ambos fracassamos.

– Sua vez agora – digo.

– Não consigo acreditar que você o tenha deixado fora de seu alcance naquela noite – diz Haymitch.

Balanço a cabeça em concordância. É isso.

– Não paro de pensar nisso. O que eu poderia ter feito para que ele ficasse ao meu lado sem que a gente fosse obrigado a romper a aliança. Mas nada me ocorre.

– Você não tinha escolha. E mesmo que eu pudesse ter convencido Plutarch a ficar e a resgatar Peeta naquela noite, o aerodeslizador teria sido abatido. Nós mal conseguimos sair de lá naquelas condições. – Finalmente olho nos olhos de Haymitch. Olhos da Costura. Cinzentos e profundos, com olheiras escuras de noites sem dormir. – Ele ainda não está morto, Katniss.

– Nós ainda estamos no jogo – tento dizer com otimismo, mas minha voz fica embargada.

– Ainda estamos no jogo. E ainda sou seu mentor. – Haymitch aponta o marcador de texto para mim. – Quando você estiver no chão, lembre-se de que eu estou lá em cima. Terei a melhor visão, então faça o que eu disser para fazer.

– Vamos ver – respondo.

Volto para a Sala de Transformação e observo as camadas de maquiagem desaparecerem pelo ralo assim que começo a esfregar o rosto. A pessoa no espelho parece maltrapilha, com a pele manchada e os olhos cansados, mas se parece comigo. Arranco a braçadeira, deixando à mostra a horrorosa cicatriz do rastreador. Pronto. Isso também se parece comigo.

Como vou estar numa zona de combate, Beetee me ajuda com a armadura que Cinna projetou. Um capacete de metal trançado que se encaixa muito bem na minha cabeça. O material é flexível como tecido, e pode ser retirado como se fosse um capuz, caso eu não queira ficar com ele o tempo todo. Um colete para reforçar a proteção sobre meus órgãos vitais. Um dispositivo auricular ligado ao meu colarinho por um fio. Beetee prende a meu cinto uma máscara que não preciso usar a menos que ocorra um ataque com gás.

– Se você perceber alguém caindo por motivos inexplicáveis, coloque isso imediatamente – diz ele. Finalmente, ele prende uma aljava dividida em três cilindros de flechas em minhas costas. – Lembre-se: lado direito, fogo. Lado esquerdo, explosivos. Centro, flechas normais. Você provavelmente não vai precisar delas, mas é melhor prevenir do que remediar.

Boggs aparece para me escoltar até a Divisão Aérea. Assim que o elevador chega, Finnick surge num estado de agitação.

– Katniss, eles não querem me deixar ir! Eu falei para eles que estou bem, mas eles não me deixam nem entrar no aerodeslizador!

Examino Finnick – suas pernas nuas à mostra entre o pijama de hospital e os chinelos, os cabelos despenteados, o barbante com um nó frouxo enroscado em seus dedos, o olhar enlouquecido – e sei que qualquer súplica da minha parte será infrutífera. Nem mesmo eu acho uma boa ideia deixá-lo ir conosco. Então, dou um tapa na testa e digo:

– Ih, esqueci. É culpa da porcaria da concussão. Eu devia ter falado para você se apresentar ao Beetee no Arsenal Especial. Ele desenhou um novo tridente para você.

A palavra tridente parece fazer com que o antigo Finnick volte à superfície.

– É mesmo? E o que é que ele faz?

– Não sei. Mas se for alguma coisa parecida com o meu arco, você vai adorar – digo. – Mas você vai precisar praticar.

– Certo. É óbvio. Acho melhor eu dar uma passada lá embaixo.

– Finnick? – digo. – Que tal vestir uma calça?

Ele olha para as próprias pernas como se estivesse reparando pela primeira vez nas roupas que estava usando. Em seguida arranca o traje hospitalar e fica apenas de cueca.

– Por quê? Você acha que isso aqui... – Ele faz uma pose ridiculamente provocante. – Pode tirar a atenção dos outros?

Não consigo deixar de rir porque é engraçado, e é ainda mais engraçado porque deixa Boggs extremamente desconfortável, e fico feliz porque Finnick está realmente parecendo o cara que conheci no Massacre Quaternário.

– Sou apenas humana, Odair. – Eu entro antes que as portas do elevador se fechem. – Desculpe – digo para Boggs.

– Não precisa. Acho que você... lidou bem com isso – diz ele. – De qualquer maneira, é melhor do que eu ser obrigado a prendê-lo.

– É isso aí – respondo. Olho de esguelha para ele. Provavelmente está na faixa dos quarenta e poucos anos, tem cabelos grisalhos cortados bem rentes e olhos azuis. Postura incrível. Ele hoje falou duas vezes de um jeito que me faz pensar que ele prefere que sejamos amigos em vez de inimigos. Talvez eu devesse lhe dar uma chance. Mas ele parece entrosado demais com Coin...

Há uma série de cliques bem audíveis. O elevador para e em seguida começa a se mover lateralmente para a esquerda.

– Ele anda de lado? – pergunto.

– Anda, sim. Existe toda uma rede de trilhos de elevador nos subterrâneos do 13 – responde ele. – Essa aqui fica logo acima do aro de transporte que vai dar na quinta plataforma de decolagem. Vai levar a gente para o Hangar.

O Hangar. Os calabouços. Defesa Especial. Algum lugar onde a comida é produzida. A energia gerada. A água e o ar purificados.

– O 13 é ainda maior do que eu imaginava.

– Mas não dá para a gente receber muito crédito por tudo isso – diz Boggs. – Nós basicamente herdamos o local. Fazemos o possível para manter tudo funcionando.

Os cliques retornam. Voltamos a descer ligeiramente – apenas alguns níveis – e as portas se abrem no Hangar.

– Ah! – deixo escapar involuntariamente diante da visão da frota. Fileiras e fileiras de diferentes tipos de aerodeslizadores. – Vocês também herdaram isso aí?

– Alguns nós produzimos. Outros faziam parte da força aérea da Capital. Eles foram atualizados, é claro – diz Boggs.

Sinto novamente aquela pontinha de ódio do 13.

– Quer dizer então que vocês tinham tudo isso aí e deixaram o restante dos distritos sem defesa contra a Capital.

– Não é assim tão simples – rebate ele. – Nós só tivemos condições de lançar um contra-ataque recentemente. Mal conseguíamos nos manter vivos. Depois que derrotamos e executamos as pessoas da Capital, apenas um pequeno grupo entre nós sabia pilotar. Podíamos ter lançado mísseis nucleares

na Capital, é verdade. Mas sempre tem aquela questão maior: se nos engajássemos nesse tipo de guerra, será que sobraria alguma vida humana?

– Isso parece com o que Peeta disse. E vocês todos chamaram-no de traidor – eu me oponho.

– Porque ele conclamou um cessar-fogo – diz Boggs. – Você pode reparar que nenhum dos lados lançou um ataque nuclear. Estamos trabalhando à moda antiga. Por aqui, soldado Everdeen. – Ele indica um dos menores aerodeslizadores.

Subo a escada e o encontro lotado, com a equipe de TV e o equipamento. Todas as outras pessoas estão vestidas com macacões militares cinza escuros, inclusive Haymitch, embora ele pareça não estar gostando do colarinho apertado.

Fulvia Cardew chega esbaforida e demonstra frustração quando vê meu rosto limpo.

– Todo aquele trabalho jogado pelo ralo. Não estou colocando a culpa em você, Katniss. Só que são pouquíssimas as pessoas que já nascem com o rosto pronto para as câmeras. Como ele. – Ela agarra Gale, que está conversando com Plutarch, e o gira em nossa direção. – Ele não é lindo?

Gale realmente está fantástico nesse uniforme, eu acho. Mas a pergunta nos deixa constrangidos, devido a nossa história. Fico tentando pensar numa resposta sagaz quando Boggs diz bruscamente:

– Bom, não espere que a gente fique impressionado. Acabamos de ver Finnick Odair só de cueca. – Decido gostar de Boggs.

Há um alerta sobre a iminência da decolagem e aperto o meu cinto de segurança no assento ao lado de Gale, de frente para Haymitch e Plutarch. Pairamos por uma série de túneis que se abrem para uma plataforma. Alguma espécie de dispositivo que lembra um elevador levanta a aeronave lentamente através dos níveis. De imediato, estamos do lado de fora, cercados de árvores, e em seguida somos alçados da plataforma e ficamos envoltos em nuvens.

Agora que o tumulto de atividades que levaram à missão acabou, percebo que não faço a menor ideia do que vou encarar nessa viagem ao Distrito 8. Na realidade, sei muito pouco sobre a real situação da guerra. Ou sobre o que seria preciso para vencê-la. Ou sobre o que aconteceria se nós vencêssemos.

Plutarch tenta delinear tudo para mim de forma muito simples. Em primeiro lugar, todos os distritos estão neste exato momento em guerra com a Capital, exceto o 2, que sempre teve uma relação favorável com nossos inimigos, apesar de sua participação nos Jogos Vorazes. Eles conseguem mais comida e melhores condições de vida. Depois dos Dias Escuros e da suposta destruição do 13, o Distrito 2 tornou-se o novo centro de defesa da Capital, embora seja publicamente apresentado como o lar das pedreiras nacionais, da mesma maneira que o 13 era conhecido por suas minas de grafite. O Distrito 2 não apenas industrializa armas como também treina e até mesmo fornece Pacificadores.

– Você está querendo dizer... que alguns dos Pacificadores nasceram no 2? – pergunto. – Achava que todos eles viessem da Capital.

Plutarch balança a cabeça em concordância.

– Isso é o que querem que a gente pense. E alguns realmente vêm da Capital. Mas a população de lá jamais teria como sustentar um exército desse tamanho. E depois também tem o problema de recrutar cidadãos criados na Capital para levar uma vida de privações nos distritos. Um compromisso de vinte anos com os Pacificadores, nada de casamento, nada de filhos. Alguns entram nessa pela honra, outros veem como uma oportunidade para fugir das punições. Por exemplo, junte-se aos Pacificadores e suas dívidas são perdoadas. Muitas pessoas na Capital estão atoladas em dívidas, mas nem todas são aptas às tarefas militares. Então é no Distrito 2 que vamos buscar o contingente adicional de soldados. É uma maneira de as pessoas escaparem da pobreza e de uma vida nas pedreiras. Elas são criadas dentro de uma concepção guerreira. Você viu como as crianças de lá são ansiosas para se apresentar como tributos voluntários.

Cato e Clove. Brutus e Enobaria. Vi a ânsia deles e também a sede de sangue que demonstravam.

– Mas todos os outros distritos estão do nosso lado? – pergunto.

– Estão. Nossa meta é ir tomando os distritos um a um, deixando o Distrito 2 para o fim. Assim, cortamos a linha de fornecimento da Capital. Então, quando ela estiver enfraquecida, invadimos a própria Capital – diz Plutarch. –

Isso vai ser um tipo de desafio completamente diferente. Mas vamos superar esse obstáculo quando o momento chegar.

– Se vencermos, quem vai ficar no governo? – pergunta Gale.

– Todos – diz Plutarch. – Vamos formar uma república em que as pessoas de cada distrito e da Capital vão poder eleger seus próprios representantes para serem suas vozes num governo centralizado. Não olhem com essa desconfiança toda; isso já funcionou antes.

– Nos livros – murmura Haymitch.

– Nos livros de história – diz Plutarch. – E se nossos ancestrais conseguiam, então também vamos conseguir.

Francamente, nossos ancestrais não parecem merecer esse respaldo todo. Afinal, basta olhar para o estado em que nos deixaram, com as guerras e o planeta destroçado. Claramente não davam a mínima para o que aconteceria com as pessoas que viveriam depois deles. Mas essa ideia de república soa como um aprimoramento, tendo em vista o nosso governo atual.

– E se a gente perder? – pergunto.

– Se a gente perder? – Plutarch olha na direção das nuvens, e um sorriso irônico franze seus lábios. – Aí eu diria que a edição dos Jogos Vorazes do ano que vem vai ser absolutamente inesquecível. Isso me faz lembrar de uma coisa. – Ele pega um vidrinho no bolso, coloca na mão algumas pílulas roxas e as estende para nós. – A gente chamou isso aí de *pílula-cadeado* em sua homenagem, Katniss. Os rebeldes não podem se dar o luxo de ter nenhum de nós capturado no atual estágio. Mas prometo que não vai doer nada.

Pego a cápsula, sem saber ao certo onde colocá-la. Plutarch dá um tapinha num ponto em meu ombro, na frente da minha manga esquerda. Eu o examino e encontro um bolso diminuto que não só guarda como também esconde a pílula. Mesmo se minhas mãos estiverem amarradas, vou conseguir curvar a cabeça naquela direção e dar uma mordida para liberá-la.

Cinna, ao que parece, pensou em tudo.



O aerodeslizador faz uma descida rápida em espiral numa estrada ampla nos arredores do 8. Quase que imediatamente, as portas se abrem, a escada desce e somos cuspidos em direção ao asfalto. No instante em que a última pessoa desembarca, o equipamento se retrai. Então a aeronave alça voo e desaparece. Sou deixada com um corpo de guarda-costas formado por Gale, Boggs e dois outros soldados. A equipe de TV consiste em um par de cinegrafistas corpulentos da Capital com pesadas câmeras móveis que se encaixam em seus corpos como cascas de insetos, uma diretora chamada Cressida, cuja cabeça raspada é tatuada com a imagem de uma planta trepadeira, e Messalla, seu assistente, um jovem muito magro com vários conjuntos de brincos. Observando cuidadosamente, vejo que sua língua também foi furada e contém um pedaço de metal com uma bolinha de prata.

Boggs sai correndo na estrada em direção a uma fileira de armazéns assim que um segundo aerodeslizador aparece, já prestes a aterrissar. Este traz engradados com suprimentos medicinais e uma equipe de seis médicos – dá para dizer só de olhar para os característicos uniformes brancos. Seguimos Boggs por um beco entre dois armazéns cinzentos. Somente uma ou outra escada de acesso ao telhado interrompe as paredes de metal manchadas. Quando emergimos na rua, é como se tivéssemos entrado em outro mundo.

Os feridos em decorrência dos bombardeios desta manhã estão sendo trazidos. Em macas caseiras, em carrinhos de mão, em carroças, presos nos ombros de outras pessoas e amparados em braços firmes. Ensanguentados, desmembrados, inconscientes. Propelidos por pessoas desesperadas a um

armazém com uma letra H pintada de maneira desleixada acima da porta. É a cena da minha antiga cozinha, onde minha mãe tratava os moribundos, multiplicada por dez, por cinquenta, por cem. Eu esperava edifícios bombardeados e em vez disso me vejo confrontada por corpos humanos destroçados.

É aqui que estão planejando me filmar? Eu me viro para Boggs.

– Isso não vai funcionar – digo. – Não vou ficar legal aqui.

Ele deve estar vendo o pânico em meus olhos, porque para um instante e coloca as mãos em meus ombros.

– Vai ficar, sim. Deixe que eles a vejam e pronto. Isso vai fazer mais por eles do que qualquer médico do mundo poderia.

Uma mulher orientando os pacientes que chegam nos avista, olha meio de relance e depois vai embora. Seus olhos castanho-escuros estão inchados de fadiga e ela cheira a metal e suor. Um curativo na altura de sua garganta precisava ter sido trocado três dias atrás. A correia da arma automática presa em suas costas está enterrada em seu pescoço e ela muda o apoio do ombro para reposicioná-la. Com um movimento do polegar, ela manda os médicos entrarem no armazém. Eles obedecem sem questionamentos.

– Essa é a comandante Paylor, do 8 – diz Boggs. – Comandante, a soldado Katniss Everdeen.

Ela parece jovem para ser comandante. Trinta e poucos anos. Mas há um tom de autoridade em sua voz que faz com que você sinta que a designação não foi arbitrária. Ao lado dela, em meu traje novinho em folha, escovado e brilhante, me sinto como um pintinho recém-saído do ovo, não testado e apenas aprendendo a navegar pelo mundo.

– Eu sei quem ela é – diz Paylor. – Quer dizer então que você está viva. A gente não tinha muita certeza. – Estou enganada ou existe uma pontinha de acusação na voz dela?

– Nem eu ainda estou muito certa disso – respondo.

– Estava se recuperando – diz Boggs, dando um tapinha na cabeça. – Uma concussão séria. – Ele baixa a voz. – Aborto. Mas ela insistiu em vir para ver seus feridos.

– Bom, temos muitos por aqui – diz Paylor.

– Você acha que essa é uma boa ideia? – diz Gale, franzindo o cenho para o hospital. – Juntar os feridos dessa maneira?

Eu não acho. Qualquer tipo de doença contagiosa poderia se espalhar por este local como fogo na floresta.

– Acho que é um pouco melhor do que deixá-los morrer – diz Paylor.

– Não foi isso o que eu quis dizer – responde Gale.

– Bom, no momento essa é a minha outra opção. Mas se você aparecer com uma terceira e convencer Coin a bancar, sou toda ouvidos. – Paylor faz um gesto para que eu me dirija à porta. – Pode entrar, Tordo. E, por favor, traga seus amigos.

Olho de relance para o circo de horrores que é a minha equipe, preparo-me mentalmente e sigo-a em direção ao hospital. Uma espécie de cortina industrial pesada percorre o comprimento do edifício, formando um corredor razoavelmente grande. Cadáveres encontram-se enfileirados lado a lado, a cortina roçando suas cabeças, panos brancos escondendo seus rostos.

– Construímos um cemitério coletivo, alguns quarteirões a oeste daqui, mas ainda não posso ocupar o meu contingente de homens para levar esses corpos para lá – diz Paylor. Ela encontra uma fenda na cortina e a abre.

Meus dedos envolvem o pulso de Gale.

– Não saia do meu lado – digo, baixinho.

– Estou aqui – responde ele, no mesmo tom.

Passo pela cortina e os meus sentidos são tomados de assalto. Meu primeiro impulso é cobrir o nariz para não sentir o fedor de roupa de cama suja, de carne putrefata e vômito, tudo adensado pelo calor do armazém. Eles abriram clara-boias em zigue-zague no telhado de metal, mas qualquer ar que consegue entrar não tem condições de se impor sobre a névoa logo abaixo. Os tênues raios de luz fornecem a única iluminação disponível e, à medida que os meus olhos se ajustam, consigo distinguir fileiras e fileiras de feridos, em macas, em catres, no chão, porque são muitos disputando o espaço. O zumbido de moscas pretas, o gemido das pessoas agonizando e os soluços dos familiares que os acompanham combinam-se num coro angustiante.

Não temos hospitais de verdade nos distritos. Morremos em casa, o que, nesse momento, parece uma alternativa muito mais aprazível em relação ao que

se encontra diante de meus olhos. Então me lembro de que muitas dessas pessoas provavelmente perderam suas casas nos bombardeios.

Suor começa a escorrer pelas minhas costas, a preencher as palmas das minhas mãos. Respiro pela boca numa tentativa de diminuir o mau cheiro. Pontos pretos nadam em meu campo de visão, e penso que existe uma possibilidade muito grande de eu desmaiar. Mas então avisto Paylor, que está me observando muito atentamente, esperando para ver do que sou feita, e se algum deles estava com razão quando imaginaram que podiam contar comigo. Então me afasto de Gale e forço a mim mesma a penetrar ainda mais fundo no armazém, para passar pelo espaço estreito entre duas fileiras de camas.

– Katniss? – Uma voz grasna à minha esquerda, destacando-se em meio ao barulho geral. – Katniss? – A mão de alguém me alcança do meio da névoa. Eu a aperto em busca de apoio. Presa à mão encontra-se uma jovem com uma das pernas machucada. Sangue se espalha pelos curativos pesados, que estão repletos de moscas. O rosto reflete a dor que ela sente, mas também algo mais, algo que parece completamente incongruente em relação à situação pela qual ela passa. – É você mesma?

– Sou eu, sim – digo.

Júbilo. Essa é a expressão que vejo no rosto dela. Ao som da minha voz, ele se ilumina, o sofrimento se apaga momentaneamente.

– Você está viva! A gente não sabia. As pessoas diziam que você estava, mas a gente não sabia! – diz ela, animada.

– Eu fiquei muito mal mesmo. Mas melhorei – digo. – E é o que vai acontecer com você.

– Eu preciso contar para o meu irmão! – Ela luta para se sentar e chama alguém a algumas camas de distância. – Eddy! Eddy! Ela está aqui! Katniss Everdeen!

Um menino, provavelmente com uns doze anos de idade, volta-se para nós. Curativos tampam metade de seu rosto. A lateral da boca que consigo ver abre-se como se para proferir uma exclamação. Vou até ele, retiro os cachos castanhos molhados de suor de sua testa. Murmuro uma saudação. Ele não consegue falar, mas seu olho bom fixa-se em mim com muita intensidade, como se ele estivesse tentando memorizar cada detalhe de meu rosto.

Ouço o meu nome ecoar em meio ao ar quente, espalhando-se pelo hospital.

– Katniss! Katniss Everdeen! – Os sons de dor e pesar começam a diminuir, a ser substituídos por palavras de expectativa. De todos os lados, vozes clamam por mim. Começo a me mover, apertando as mãos que me são esticadas, tocando as partes sãs daqueles incapazes de mexer seus membros, dizendo "oi", "como você está", "que bom te conhecer". Nada muito importante, nenhuma palavra fantástica de inspiração. Mas pouco importa. Boggs tem razão. É o fato de eles me verem com vida, essa é a verdadeira inspiração.

Dedos famintos me devoram, querendo sentir minha carne. Quando um homem ferido agarra meu rosto com as duas mãos, transmito um agradecimento silencioso a Dalton por sugerir que eu retirasse a maquiagem. Como me sentiria ridícula, perversa, apresentando aquela máscara pintada da Capital a essas pessoas. O estrago, a fadiga, as imperfeições. É assim que eles me reconhecem, é por isso que pertenço a eles.

Apesar de sua controvertida entrevista com Caesar, muitos perguntam por Peeta, me asseguram que sabem que ele estava falando sob pressão. Dou o melhor de mim para parecer otimista em relação a nosso futuro, mas as pessoas ficam verdadeiramente devastadas quando descobrem que perdi o bebê. Eu quero consertar o erro e contar para uma mulher que não para de chorar que a história toda é uma farsa, uma parte do jogo. Mas apresentar Peeta como mentiroso não ajudaria a imagem dele. Ou a minha. Ou a causa.

Começo a entender muito bem o quanto as pessoas se engajaram para me proteger. O que significo para os rebeldes. Minha batalha em curso contra a Capital, que frequentemente parecia uma jornada solitária, não foi empreendida sozinha. Eu tinha milhares e milhares de pessoas dos distritos ao meu lado. Eu era o Tordo delas muito antes de aceitar o papel.

Uma nova sensação começa a germinar dentro de mim. Mas só consigo defini-la quando estou em pé em cima de uma mesa, acenando para me despedir de todas aquelas pessoas que cantavam meu nome com suas vozes roucas. Poder. Tenho uma espécie de poder que jamais soube que possuía. Snow soube disso assim que estendi aquelas amoras. Plutarch soube quando

me resgatou da arena. E Coin sabe agora. Sabe tanto que deve lembrar publicamente a seu povo que não sou eu quem está no comando.

Quando estamos lá fora novamente, encosto-me no armazém, tentando recuperar o fôlego, aceitando o cantil de água oferecido por Boggs.

– Você foi ótima – diz ele.

Bom, não desmaiei ou vomitei ou saí correndo gritando. O que fiz, fundamentalmente, foi surfar na onda de emoção que inundava o local.

– Gravamos umas cenas bem legais aqui – diz Cressida. Olho para os cinegrafistas-insetos, suor escorrendo por seus equipamentos. Messalla rabiscando anotações. Tinha até esquecido que estavam me filmando.

– Eu não fiz grande coisa, é sério – digo.

– Você precisa dar a si mesma um pouco de crédito pelo que fez no passado – responde Boggs.

O que foi que eu fiz no passado? Penso na trilha de destruição atrás de mim – meus joelhos enfraquecem e me sento.

– Nem tudo foi lá muito bom...

– Bem, você não é nem de longe uma pessoa perfeita. Mas na época que a gente vive, é o melhor que a gente tem – diz Boggs.

Gale se agacha ao meu lado, sacudindo a cabeça.

– Não consigo acreditar que você deixou todas aquelas pessoas te tocarem. Estava esperando você sair correndo pela porta a qualquer momento.

– Cala essa boca – digo, rindo.

– Sua mãe vai ficar muito orgulhosa quando assistir ao filme.

– Minha mãe não vai nem reparar em mim. Ela vai ficar horrorizada demais com as condições deste lugar. – Volto-me para Boggs e pergunto: – É assim em todos os distritos?

– É, sim. A maioria está sendo atacada. Estamos tentando levar ajuda sempre que possível, mas não é o suficiente. – Ele para por um minuto, distraído por algo em seu dispositivo auricular. Percebo que não ouvi a voz de Haymitch uma vez sequer, e mexo em meu próprio dispositivo, imaginando se não está quebrado. – Temos que ir para a pista de pouso. Imediatamente – diz Boggs, oferecendo uma das mãos para me levantar. – Temos um problema.

– Que tipo de problema? – pergunta Gale.

– Bombardeios a caminho – diz Boggs. Ele se posiciona atrás de mim e enfia o capacete de Cinna na minha cabeça. – Vamos embora!

Sem saber ao certo o que está acontecendo, começo a correr ao longo da parte frontal do armazém, seguindo na direção do beco que leva à pista de pouso. Mas não sinto nenhuma ameaça imediata. O céu está limpo, azul e sem nenhuma nuvem. A rua está deserta, exceto pelas pessoas carregando os feridos para o hospital. Não há inimigos, não há alarme. Então as sirenes começam a soar. Em questão de segundos, uma formação de aerodeslizadores da Capital em formato de V, voando baixo, surge acima de nossas cabeças e as bombas começam a cair. Eu sou atirada pelos ares, chocando-me contra a parede frontal do armazém. Sinto uma dor lancinante logo acima da parte de trás de meu joelho. Alguma coisa também atingiu minhas costas, mas não parece ter penetrado meu colete. Tento me levantar, mas Boggs me empurra de volta para o chão, protegendo meu corpo com o dele. O chão ondula embaixo de mim à medida que as bombas vão caindo uma após a outra e explodindo no terreno.

É uma sensação horripilante ficar presa contra a parede enquanto bombas caem do céu como chuva. Qual era mesmo aquela expressão que meu pai usava para caças fáceis? *É como atirar em peixes dentro de um barril*. Nós somos os peixes e a rua é o barril.

– Katniss! – Eu me assusto com a voz de Haymitch em meu ouvido.

– O quê? Sim, o quê? Estou aqui! – respondo.

– Ouça o que eu vou dizer. Nós não podemos aterrissar durante o bombardeio, mas é de suma importância que você não seja avistada.

– Então eles não sabem que estou aqui? – Eu imaginava, como de costume, que era a minha presença que causava o castigo.

– A Inteligência acha que não. Eles acham que o bombardeio já estava programado – diz Haymitch.

Agora a voz de Plutarch aparece, calma, porém vigorosa. A voz de um Chefe dos Idealizadores dos Jogos acostumado a dar as cartas sob pressão:

– A três armazéns do ponto onde vocês se encontram, tem um de cor azul-claro. Lá existe um bunker no canto extremo norte. Conseguem chegar lá?

– Vamos fazer o possível – diz Boggs. Plutarch deve estar nos ouvidos de todos, porque meus guarda-costas e minha equipe estão se levantando. Meu

olhar procura instintivamente Gale e vê que ele está de pé, aparentemente sem ferimentos.

– Vocês têm mais ou menos quarenta e cinco segundos até a próxima onda de bombas – diz Plutarch.

Dou um grito de dor quando apoio o peso do meu corpo na minha perna direita, mas sigo em frente. Não há tempo para examinar a contusão. De qualquer maneira, é melhor não olhar agora. Felizmente, estou usando sapatos projetados por Cinna. Eles se prendem com firmeza no asfalto quando piso e se livram dele com leveza quando ergo o pé. Eu ficaria na mão naquele par mal ajustado que me foi designado pelo 13. Boggs vai na frente, mas ninguém mais passa por mim. Ao contrário, seguem no meu ritmo, protegendo meus flancos, minhas costas. Me forço a correr à medida que os segundos se esvaem. Passamos pelo segundo armazém cinzento e corremos ao longo de um edifício marrom e sujo. No alto, vejo uma fachada num tom azul desbotado. O bunker. Nós acabamos de alcançar outro beco, precisamos apenas atravessá-lo para chegar à porta, quando a onda seguinte de bombas tem início. Mergulho instintivamente no beco e rolo na direção da parede azul. Desta vez é Gale quem se joga em cima de mim para proporcionar mais uma camada de proteção contra as bombas. O bombardeio parece durar mais desta vez, mas estamos mais distantes dele.

Eu me viro para o outro lado e olho fixamente para Gale. Por um instante, o mundo recua e existe apenas o rosto afogueado dele, sua pulsação visível em sua têmpora, seus lábios ligeiramente separados enquanto ele tenta tomar fôlego.

– Você está bem? – pergunta, suas palavras quase encobertas por uma explosão.

– Estou, sim. Acho que não me viram – respondo. – Afinal, não estão seguindo a gente.

– Não, o alvo deles é outro – diz Gale.

– Eu sei, mas é que não tem mais nada lá além do... – A percepção nos atinge ao mesmo tempo.

– O hospital. – Instantaneamente, Gale se levanta e começa a gritar para os outros. – Eles estão atacando o hospital!

– Não é problema de vocês – diz Plutarch com firmeza. – Entrem logo nesse bunker.

– Mas só tem gente ferida lá! – digo.

– Katniss. – Ouço o tom de alerta na voz de Haymitch e sei o que vem por aí. – Nem pense em... – Arranco o dispositivo auricular e deixo-o pendurado pelo fio. Livre dessa distração, ouço outro som. Tiros de metralhadora vindo do telhado do armazém marrom do outro lado do beco. Alguém está contra-atacando o fogo. Antes que alguém possa me impedir, disparo até uma escada de acesso e começo a escalá-la. Escalar. Uma das coisas que faço melhor.

– Não pare! – ouço Gale falar atrás de mim. Em seguida escuto o som de sua bota na cara de alguém. Se ela pertence a Boggs, Gale vai pagar por isso com juros mais tarde. Chego ao telhado e me arrasto até o revestimento de alcatrão. Paro por tempo suficiente para puxar Gale para cima e deixá-lo ao meu lado. Em seguida, nós dois partimos em direção à fileira de metralhadoras no lado do armazém voltado para a rua. Cada uma parece estar sendo operada por uns poucos rebeldes. Deslizamos até um agrupamento com um par de soldados e ficamos agachados atrás da barreira.

– Boggs sabe que vocês estão aqui em cima? – À minha esquerda, vejo Paylor atrás de uma das metralhadoras olhando para nós com uma expressão surpresa.

Tento ser evasiva, mas sem mentir descaradamente.

– Ele sabe onde nós estamos, sim.

Paylor ri.

– Aposto que sabe. Vocês foram treinados para este tipo de situação? – Ela dá um tapa em sua arma.

– Eu fui. No 13 – diz Gale. – Mas eu preferia usar minhas próprias armas.

– Sim, temos nossos arcos. – Ergo o meu e então percebo o quanto ele devia parecer um objeto decorativo. – Ele é mais mortífero do que parece.

– É bom que seja – diz Paylor. – Tudo bem. Esperamos pelo menos mais três ataques. Eles precisam soltar os escudos de visão antes de jogar as bombas. Essa é a nossa chance. Fiquem abaixados! – Me posiciono, apoiada em um joelho para atirar.

– Melhor começar com fogo – diz Gale.

Balanço a cabeça concordando e puxo uma flecha da aljava direita. Se errarmos nossos alvos, estas flechas vão aterrissar em algum lugar – provavelmente os armazéns do outro lado da rua. Um incêndio pode ser contido, mas o estrago que um explosivo é capaz de fazer pode ser irreparável.

Subitamente, eles aparecem no céu, dois quarteirões à frente, talvez uns cem metros acima de nós. Sete pequenos bombardeiros numa formação em V.

– Ganso! – berro para Gale. Ele vai saber exatamente o que isso significa. Durante a temporada das migrações, quando caçamos aves selvagens, desenvolvemos um sistema de divisão dos pássaros para que os dois não atirassem no mesmo alvo. Pego a parte mais extrema do V, Gale pega a mais próxima, e alternamos flechadas no pássaro da frente. Não há tempo para mais discussões. Estimo a velocidade de aproximação dos aerodeslizadores e lanço minha flecha. Pego a asa interna de um deles, fazendo com que arda em chamas. Gale erra a aeronave da ponta. Um incêndio aflora no telhado vazio de um armazém à nossa frente. Ele pragueja entre os dentes.

O aerodeslizador que atingi gira no ar e sai de formação, mas ainda assim solta suas bombas. Só que não desaparece. Tampouco isso acontece com um outro que imagino ter sido atingido pelas metralhadoras. O estrago deve impedir que o escudo de visão seja reativado.

– Bom tiro – diz Gale.

– Eu nem estava mirando aquele lá – murmuro. Havia me concentrado na aeronave na frente dele. – Eles são mais rápidos do que a gente imagina.

– Posições! – grita Paylor. A onda seguinte de aerodeslizadores já está surgindo.

– Fogo não é uma boa – diz Gale. Concordo, e nós dois engatilhamos flechas com explosivos nas pontas. De qualquer modo, aqueles armazéns do outro lado da rua parecem desertos.

Enquanto as aeronaves voam silenciosamente, tomo outra decisão.

– Vou me levantar! – grito para Gale, e me levanto. É a posição em que consigo os tiros mais precisos. Eu me adianto a Gale e acerto em cheio a aeronave da ponta, fazendo um buraco em sua barriga. Gale explode a cauda de uma outra, que entra em parafuso e se arrebenta no meio da rua, produzindo uma série de explosões à medida que seu carregamento detona.

Sem aviso, uma terceira formação em V aparece. Desta vez, Gale acerta em cheio a aeronave da ponta. Arranco a asa do segundo bombardeiro, fazendo com que ele gire em direção ao que está atrás. Juntos, eles colidem no telhado do armazém em frente ao hospital. Um quarto bombardeiro é abatido pelas metralhadoras.

– Tudo bem, é isso – diz Paylor.

Chamas e uma densa fumaça preta dos destroços obscurecem nossa visão.

– Eles atingiram o hospital?

– É bem provável – diz ela, duramente.

Enquanto corro na direção da escada na extremidade do armazém, a visão de Messalla e de um dos insetos emergindo de trás de um duto de ar me surpreende. Eu pensei que eles ainda estivessem agachados no beco.

– Estou começando a gostar desse pessoal – diz Gale.

Desço desajeitadamente a escada. Quando meus pés atingem o chão, encontro um guarda-costas, Cressida e o outro inseto esperando. Espero resistência, mas Cressida apenas acena para que eu vá na direção do hospital. Ela está berrando:

– Não estou nem aí, Plutarch! Preciso de mais cinco minutos e pronto! – Pouquíssimo disposta a questionar um passe livre, vou para a rua.

– Essa não – sussurro assim que avisto o hospital. O que antes era o hospital. Ando em meio aos feridos, passo pelos destroços queimados das aeronaves, os olhos fixos no desastre à minha frente. Pessoas gritando, correndo freneticamente de um lado para o outro, mas incapazes de ajudar. As bombas fizeram o telhado do hospital desabar e deixaram o edifício em chamas, prendendo os pacientes em seu interior. Um grupo de resgate se reuniu, tentando abrir uma trilha para o interior do edifício. Mas eu já sei o que eles vão encontrar. Se os destroços e as chamas não os atingiram, a fumaça o fez.

Gale está perto do meu ombro. O fato de que ele não está fazendo nada apenas confirma minhas suspeitas. Mineiros não abandonam um acidente até que não haja mais esperanças.

– Vamos embora, Katniss. Haymitch está dizendo que eles conseguem um aerodeslizador para a gente agora – diz ele. Mas, ao que parece, eu não consigo me mover.

– Por que eles fariam uma coisa dessas? Por que eles atacariam pessoas que já estavam morrendo? – pergunto a ele.

– Para assustar os outros. Para impedir que os feridos procurem ajuda – diz Gale. – Aquelas pessoas que você conheceu eram dispensáveis. Para Snow, quero dizer. Se a Capital vencer, o que vai fazer com um monte de escravos arrasados?

Lembro de todos aqueles anos na floresta, ouvindo Gale discursar contra a Capital. E eu, sem prestar muita atenção. Imaginando por que ele sequer se importava em dissecar as motivações dela. Me perguntando por que pensar como nossos inimigos teria qualquer utilidade. Com toda a certeza, teria utilidade hoje. Quando Gale questionou a existência do hospital, ele não estava pensando em doença, mas nisso. Porque ele nunca subestima a crueldade daqueles que enfrentamos.

Lentamente, dou as costas para o hospital e encontro Cressida, flanqueada pelos insetos, de pé alguns metros à minha frente. Seu jeito impassível. Frio até.

– Katniss – diz ela –, o presidente Snow acabou de ordenar a transmissão do bombardeio ao vivo. Depois ele fez uma aparição para dizer que essa era a maneira dele de enviar uma mensagem aos rebeldes. E você? Gostaria de dizer alguma coisa aos rebeldes?

– Gostaria, sim – sussurro. Noto a luz vermelha que pisca em uma das câmeras. Sei que estou sendo gravada. – Sim – digo com mais intensidade. Todos estão se afastando de mim, Gale, Cressida, os insetos... deixando o palco para mim. Mas permaneço concentrada na luz vermelha. – Quero dizer aos rebeldes que estou viva. Que estou bem aqui no Distrito 8, onde a Capital acabou de bombardear um hospital cheio de homens desarmados, mulheres e crianças. Não haverá sobreviventes. – O choque que eu estava sentindo dá lugar à fúria. – Quero dizer às pessoas que, se por um segundo passou pelas cabeças de vocês que a Capital vai nos tratar com justiça se houver um cessar-fogo, vocês estão se iludindo. Porque vocês sabem quem eles são e o que fazem. – Minhas mãos se movem automaticamente, como se para indicar a totalidade do horror ao meu redor. – *Isto aqui* é o que eles fazem! E temos que reagir!

Avanço em direção à câmera agora, guiada pela raiva.

– O presidente Snow diz que está nos enviando uma mensagem? Bom, tenho uma para ele. Você pode nos torturar e nos bombardear e queimar nossos distritos até que eles virem cinzas, mas está vendo isto aqui? – Uma das câmeras segue o local que eu aponto com a mão: as aeronaves queimando no telhado do armazém em frente a nós. A insígnia da Capital em uma das asas brilha visivelmente em meio às chamas. – Está pegando fogo! – Estou gritando agora, disposta a ter certeza de que ele não perderá nenhuma palavra. – Se nós queimarmos, você queimará conosco!

Minhas últimas palavras pairam no ar. Eu me sinto suspensa no tempo. Flutuando sobre uma nuvem de calor que é gerada não pelo que me cerca, mas por meu próprio ser.

– Corta! – A voz de Cressida me puxa de volta à realidade, me apaga. Ela balança a cabeça como quem dá um sinal de aprovação. – Fechamos assim.



Boggs aparece e aperta meu braço com força, mas não estou planejando fugir agora. Olho na direção do hospital – bem a tempo de ver o resto da estrutura ceder – e perco a vontade de lutar. Todas essas pessoas, as centenas de feridos, os parentes, os médicos do 13, não existem mais. Eu me viro para Boggs, vejo seu rosto inchado após o contato com a bota de Gale. Não sou nenhuma especialista, mas tenho quase certeza de que o nariz dele está quebrado. Entretanto, o tom de sua voz é mais resignado que raivoso.

– Vamos voltar para a pista de pouso. – Dou um passo à frente obedientemente e estremeço assim que fico ciente de minha dor atrás do joelho direito. A adrenalina que suplantou a sensação já passou, e outras partes de meu corpo se juntam ao coro de reclamações. Estou arrasada e ensanguentada, e parece que alguém está martelando minha têmpora esquerda do interior do meu crânio. Boggs examina rapidamente meu rosto, em seguida me pega no colo e sai correndo em direção à pista. Na metade do caminho, vomito em seu colete à prova de balas. É difícil afirmar com certeza porque ele está sem fôlego, mas tenho a impressão de que solta um suspiro.

Um pequeno aerodeslizador, diferente do que nos transportou até aqui, nos espera na pista. Assim que minha equipe está a bordo, decolamos. Nenhum assento confortável ou janelas desta vez. Parece que estamos em alguma espécie de aeronave de carga. Boggs faz atendimento de primeiros socorros nas pessoas para que elas aguentem até chegarmos ao 13. Quero tirar meu colete, já que também tem uma razoável quantidade de vômito nele, mas está frio demais para pensar nessa possibilidade. Eu me deito no chão com a cabeça no colo de

Gale. A última coisa que lembro é de Boggs estendendo alguns sacos de aniagem em cima de mim.

Quando acordo, estou aquecida e medicada em minha antiga cama de hospital. Minha mãe está lá, verificando meus sinais vitais.

– Como é que você está se sentindo?

– Abatida, mas bem – digo.

– Só ficamos sabendo que vocês iam quando já estavam lá – diz ela.

Sinto uma pontada de culpa. Quando sua família foi obrigada a enviar você aos Jogos Vorazes duas vezes, esse não é exatamente um detalhe que você deve negligenciar.

– Desculpa. Eles não estavam esperando um ataque. Era só para eu fazer uma visita aos pacientes – explico. – Da próxima vez, vou mandar esclarecerem tudo para você.

– Katniss, ninguém esclarece nada para mim – diz ela.

É verdade. Nem mesmo eu. Pelo menos desde que meu pai morreu. Por que fingir?

– Bom, vou mandar... informarem você, de um jeito ou de outro.

Na mesinha de cabeceira, encontra-se um pedaço de estilhaço que eles retiraram de minha perna. Os médicos estão mais preocupados com o estrago que meu cérebro pode ter sofrido por causa das explosões, já que minha concussão nem sequer sarou completamente. Mas não estou com visão dupla ou qualquer coisa assim, e consigo pensar com clareza suficiente. Dormi a tarde toda e a noite toda, e estou esfomeada. Meu café da manhã é decepcionantemente pequeno. Apenas alguns cubos de pão mergulhados em leite morno. Fui convocada para uma reunião de manhã cedo no Comando. Começo a me levantar e então me dou conta de que eles planejam rolar minha cama de hospital direto para lá. Quero caminhar, mas isso é vetado, de modo que negocio a utilização de uma cadeira de rodas. Estou me sentindo bem, na realidade. Exceto por minha cabeça, e minha perna, e os machucados doloridos e a náusea que me atinge minutos depois que eu como alguma coisa. Talvez a cadeira de rodas seja uma boa ideia.

Enquanto me empurram, começo a ficar inquieta em relação ao que terei de encarar. Gale e eu desobedecemos a ordens diretas ontem, e Boggs tem a

contusão para provar. Certamente haverá repercussões, mas será que a ponto de Coin anular nosso acordo para a imunidade dos vitoriosos? Será que tirei de Peeta qualquer proteção, por menor que fosse, que eu pudesse oferecer a ele?

Quando chego ao Comando, as únicas pessoas que estão lá são Cressida, Messalla e os insetos. Messalla está radiante e diz:

– Aí está a nossa pequena estrela! – E os outros estão sorrindo tão abertamente que não consigo evitar de retribuir o sorriso. Eles me impressionaram no 8, seguindo-me até o telhado durante o bombardeio, fazendo Plutarch recuar para poderem fazer as tomadas que queriam. Eles fazem mais do que apenas cumprir com seu trabalho, eles sentem prazer em fazê-lo. Como Cinna.

Tenho um estranho pensamento de que se estivéssemos na arena juntos, eu os pegaria como aliados. Cressida, Messalla e... e...

– Preciso parar de chamar vocês de "insetos" – exclamo, dirigindo-me aos cinegrafistas. Explico que não sabia seus nomes e que as suas roupas me sugeriam uma semelhança com criaturas cascudas. A comparação não parece irritá-los. Mesmo sem as cascas, um lembra muito o outro. Os mesmos cabelos cor de areia, barbas ruivas e olhos azuis. O que tem as unhas roídas se apresenta como Castor e o outro, que é seu irmão, como Pollux. Eu espero Pollux dizer um oi, mas ele apenas balança a cabeça. De início, penso que ele é tímido ou um homem de poucas palavras. Mas há algo nele que me deixa intrigada, a posição de seus lábios, o esforço extra que faz para engolir, e percebo antes mesmo de Castor me dizer. Pollux é um Avox. Cortaram a língua dele e nunca mais ele vai poder falar. E não preciso mais imaginar o que fez com que ele arriscasse tudo para ajudar a desbancar a Capital.

À medida que a sala vai enchendo, eu me preparo para uma recepção menos agradável. Mas as únicas pessoas que demonstram algum tipo de negatividade são Haymitch, que está sempre com esse tipo de expressão, e uma Fulvia Cardew de cara amarrada. Boggs está usando uma máscara de plástico cor de carne que vai do lábio superior à testa – eu estava certa em relação ao nariz quebrado – de modo que é difícil decifrar sua expressão. Coin e Gale estão no meio de uma conversa que parece amigável.

Quando Gale desliza para o assento ao lado da cadeira de rodas, eu pergunto:

– Fazendo novas amizades?

Os olhos dele dirigem-se para a presidenta e depois retornam para mim.

– Bom, um de nós tem que ser acessível. – Ele toca delicadamente a minha têmpora. – Como você está se sentindo?

Imagino se serviram no café da manhã cozido de alho e abóbora. Quanto mais pessoas se agregam, mais forte fica o cheiro. Meu estômago embrulha e as luzes parecem ter ficado subitamente mais brilhantes.

– Mais ou menos – respondo. – E você, como está?

– Estou bem. Tiraram alguns estilhaços de mim. Nada de mais – diz ele.

Coin dá início à reunião.

– Nosso Assalto Televisivo foi oficialmente lançado. Se algum de vocês perdeu ontem a transmissão das vinte horas de nosso primeiro pontoprop, ou as dezessete reapresentações que Beetee conseguiu levar ao ar desde então, vamos começar a transmiti-lo novamente. – Transmitir novamente? Então eles não apenas conseguiram tomadas utilizáveis como já montaram um pontoprop e o transmitiram repetidamente. As palmas de minhas mãos ficam úmidas diante da expectativa de me ver na TV. E se eu ainda estiver horrível? E se estiver rígida e inútil como no estúdio, e eles simplesmente desistiram de conseguir qualquer coisa melhor? Telas individuais surgem em cima da mesa, a iluminação fica um pouco mais fraca e um silêncio toma conta da sala.

A princípio, minha tela está preta. Então uma fagulha diminuta pisca no centro. Ela aumenta, se espalha, devorando silenciosamente a escuridão até que a tela inteira fica em chamas com um fogo tão real e intenso que imagino estar sentindo o calor emanando. A imagem de meu broche com o tordo emerge, cintilando em vermelho-ouro. A voz profunda e nítida que povoa meus sonhos começa a falar. Claudius Templesmith, o locutor oficial dos Jogos Vorazes, diz:

– Katniss Everdeen, a garota em chamas, agora queima.

Subitamente, lá estou eu, substituindo o tordo, em pé diante de chamas e fumaça verdadeiras do Distrito 8.

– *Quero dizer aos rebeldes que estou viva. Que estou bem aqui no Distrito 8, onde a Capital acabou de bombardear um hospital cheio de homens desarmados,*

mulheres e crianças. Não haverá sobreviventes. – Corte para o hospital desabando, o desespero dos que estão vendo a cena enquanto prossigo narrando: – *Quero dizer às pessoas que, se por um segundo passou pelas cabeças de vocês que a Capital vai nos tratar com justiça se houver um cessar-fogo, vocês estão se iludindo. Porque vocês sabem quem eles são e o que fazem*. – De volta a mim agora, minhas mãos se levantando para indicar o ultraje ao meu redor. – Isto aqui *é o que eles fazem! E temos que reagir!* – Agora vem uma montagem verdadeiramente fantástica da batalha. As primeiras bombas caindo, nós correndo, sendo jogados pelos ares, um close no meu ferimento, que parece bem feio e ensanguentado, escalando o telhado, mergulhando nos agrupamentos de metralhadoras e depois algumas tomadas impressionantes dos rebeldes, Gale, e principalmente eu, abatendo aquelas aeronaves no céu. Corte, e voltam a me mostrar na frente da câmera. – *O presidente Snow diz que está nos enviando uma mensagem? Bom, tenho uma para ele. Você pode nos torturar e nos bombardear e queimar nossos distritos até que eles virem cinzas, mas está vendo isto aqui?* – Estamos com a câmera, seguindo a trilha das aeronaves que queimam no telhado do armazém. Foco na insígnia da Capital numa asa, que se mistura com a imagem do meu rosto, gritando para o presidente: – *Está pegando fogo! Se nós queimarmos, você queimará conosco!* – Chamas tomam conta da tela novamente. Sobrepostas a elas em fortes letras pretas estão as palavras:

SE NÓS QUEIMARMOS,
VOCÊ QUEIMARÁ CONOSCO

As palavras pegam fogo e a tela inteira queima até ficar totalmente preta.

Há um momento de entusiasmo silencioso, então aplausos seguidos de pedidos para que o filme seja exibido novamente. Coin indulgentemente aperta a tecla e, desta vez, como sei o que vai acontecer, tento fingir que estou assistindo ao programa em minha TV, na minha casa na Costura. Um discurso contra a Capital. Jamais houve algo assim na TV. Pelo menos desde que eu nasci.

Quando a tela fica preta depois de queimar uma segunda vez, desejo saber mais:

– Isso passou em toda Panem? O pessoal da Capital viu isso?

– Na Capital, não – diz Plutarch. – Não conseguimos suplantar o sistema deles, embora Beetee esteja trabalhando nisso. Mas passou em todos os distritos. Passamos até no 2, o que pode ser ainda mais importante do que passar na Capital, a essa altura do campeonato.

– Claudius Templesmith está com a gente? – pergunto.

Isso faz com que Plutarch dê uma boa risada.

– Só a voz dele. Mas isso veio de graça. Nem precisamos fazer edição especial. Ele disse aquela mesma frase na primeira vez que você participou dos Jogos Vorazes. – Ele dá um tapa na mesa. – Que tal mais uma rodada de aplausos para Cressida, sua equipe fantástica e, é claro, para o nosso talento na frente das câmeras!

Eu também bato palmas, até perceber que sou eu o talento na frente das câmeras e que talvez seja um pouco estranho ficar batendo palmas para mim mesma, mas ninguém está prestando atenção. Ainda assim, não posso deixar de reparar na irritação estampada no rosto de Fulvia. Imagino como tudo isso deve estar sendo difícil para ela. Assistir à ideia de Haymitch obter sucesso sob a direção de Cressida quando a orientação do estúdio dela foi um desastre total.

Coin parece ter alcançado o fim de sua tolerância pela autocongratulação.

– Sim, muito merecido. O resultado superou todas as nossas expectativas. Mas sou obrigada a questionar a ampla margem de risco com a qual vocês estiveram dispostos a operar. Sei que o bombardeio não estava previsto. Entretanto, dadas as circunstâncias, acho que devemos discutir a decisão de enviar Katniss a uma situação de combate real.

A decisão? De me enviar para o combate? Então ela não sabe que eu desconsiderei flagrantemente as ordens que me foram dadas, arranquei meu dispositivo auricular e fugi de meus guarda-costas? O que mais esconderam dela?

– Foi uma situação difícil – diz Plutarch, franzindo a testa. – Mas o consenso geral foi que não conseguiríamos nada que merecesse ser usado se a

deixássemos trancada em algum bunker sempre que alguém desse um tiro.

– E você encarou isso sem problema? – pergunta a presidenta.

Gale precisa me dar um chute debaixo da mesa para que eu perceba que ela está falando comigo.

– Ah, sim! Sem problema. Eu me senti bem. Fazendo alguma coisa, só para variar.

– Bom, vamos ser um pouco mais criteriosos com o nível de exposição dela. Principalmente agora que a Capital sabe o que ela pode fazer – diz Coin. Um ruído de concordância perpassa toda a mesa.

Ninguém censura a mim ou Gale. Nem Plutarch, cuja autoridade escolhemos ignorar; nem Boggs, com seu nariz quebrado; nem os insetos, que levamos para o fogo cruzado; nem Haymitch, que... não, espera um pouco. Haymitch está sorrindo de forma mortífera para mim e dizendo com doçura:

– É isso aí, a gente não ia querer perder o nosso pequeno Tordo quando ele finalmente começou a cantar. – Guardo isso em minha mente para não acabar sozinha numa sala com ele, porque está mais do que visível que ele está tendo pensamentos vingativos em relação àquele ridículo dispositivo auricular.

– Então, o que mais vocês planejaram? – pergunta a presidenta.

Plutarch balança a cabeça para Cressida, que consulta uma prancheta.

– Temos umas tomadas maravilhosas de Katniss no hospital no 8. A gente deve fazer outro pontoprop usando essas imagens com o seguinte tema: "Porque vocês sabem quem eles são e o que fazem." Vamos nos concentrar em Katniss interagindo com os pacientes, especialmente as crianças, o bombardeio do hospital, e os destroços. Messalla está fazendo a edição de tudo isso. Também estamos pensando em fazer um especial do Tordo. Salientar alguns dos melhores momentos de Katniss entrecortados por cenas de levantes rebeldes e tomadas de guerra. Podemos chamar isso de "Em chamas". E aí a Fulvia apareceu com uma ideia realmente brilhante.

A expressão de quem chupou limão dá lugar ao sobressalto no rosto de Fulvia, mas ela se recupera.

– Bom, não sei o quanto isso é brilhante, mas estava pensando que podíamos fazer uma série de pontoprops chamada "Nós lembramos". Em cada um dos programas podíamos mostrar um dos tributos mortos. A pequena Rue

do 11 ou a velha Mags do 4. A ideia é pontuar cada distrito com um toque bem pessoal.

– Um tributo a seus tributos, seria mais ou menos isso – diz Plutarch.

– Isso é brilhante, de verdade, Fulvia – digo, com toda sinceridade. – É a maneira perfeita de lembrar às pessoas do motivo pelo qual a gente está lutando.

– Acho que podia dar certo – diz ela. – Pensei que a gente talvez pudesse usar Finnick para fazer a introdução e narrar os quadros. Se houver interesse neles.

– Francamente, acho que quanto mais pontoprops "Nós lembramos" a gente puder fazer melhor – diz Coin. – Vocês podem começar a produzir isso hoje mesmo?

– É claro – diz Fulvia, sua raiva obviamente arrefecida em função da reação positiva a sua ideia.

Cressida suavizou tudo no departamento de criação com o gesto. Elogiou Fulvia pelo que é, de fato, uma ideia realmente boa, e abriu caminho para continuar a própria representação do Tordo transmitida na TV. O interessante é que Plutarch parece não ter nenhuma necessidade de dividir o crédito com ela. Tudo o que ele quer é que o Assalto Televisivo funcione. Lembro que Plutarch é um Chefe dos Idealizadores dos Jogos, não um membro da equipe de produção. Não um pedaço nos Jogos. Portanto, seu valor não é definido por um único elemento, mas pelo sucesso global da produção. Se nós vencermos a guerra, aí sim Plutarch receberá seus aplausos. E ficará à espera de sua recompensa.

A presidenta manda todo mundo trabalhar, de modo que Gale me empurra de volta ao hospital. Rimos um pouco de como a verdade não veio à tona. Gale diz que ninguém quis demonstrar incompetência ao admitir que não tiveram como nos controlar. Eu sou mais gentil, dizendo que eles provavelmente não quiseram colocar em risco a chance de nos levar novamente para o exterior, agora que conseguiram tomadas tão boas. Provavelmente, ambas são verdade. Gale precisa se encontrar com Beetee no Arsenal Especial, então decido tirar um cochilo.

Parece que só fechei os olhos por uns poucos minutos, mas quando eu os abro, estremeço diante da visão de Haymitch sentado a alguns centímetros da minha cama. Esperando. Possivelmente há várias horas, se o relógio estiver certo. Penso em berrar para pedir a presença de uma testemunha, mas serei obrigada a encará-lo mais cedo ou mais tarde.

Haymitch curva-se para a frente e balança alguma coisa num arame branco bem fino na frente do meu nariz. É difícil focalizar o objeto, mas tenho certeza de que sei do que se trata. Ele solta a coisa no lençol.

– Isso aí é o seu dispositivo auricular. Vou dar a você apenas mais uma chance de usar isso. Se você retirar esse troço do ouvido mais uma vez, vou mandar encaixarem isto aqui em você. – Ele estende uma espécie de capacete de metal que instantaneamente chamo de grilhão de cabeça. – É uma unidade de áudio alternativa que fica presa ao redor do seu crânio e embaixo do seu queixo e só pode ser aberta com uma chave. E eu vou ficar com a única chave. Se, por alguma razão, você for suficientemente esperta para desligá-lo – Haymitch joga o grilhão de cabeça em cima da cama e pega um diminuto chip prateado –, vou autorizar que este transmissor aqui seja implantado cirurgicamente em seu ouvido para que eu possa falar com você vinte e quatro horas por dia.

Haymitch na minha cabeça o tempo todo. Aterrorizante.

– Vou ficar com o dispositivo auricular – murmuro.

– Perdão? – diz ele.

– Vou ficar com o dispositivo auricular! – digo, alto o suficiente para acordar metade do hospital.

– Tem certeza? Porque as três opções me deixam igualmente satisfeito.

– Tenho certeza, sim – respondo. Envergo o arame do dispositivo auricular no meu punho de modo protetor e arremesso o grilhão de cabeça de volta ao rosto dele com a mão livre, mas ele o pega com facilidade. Provavelmente estava esperando que o jogasse. – Mais alguma coisa?

Haymitch se levanta para ir embora.

– Enquanto estava esperando... comi o seu almoço.

Meus olhos absorvem a tigela de cozido vazia e a bandeja em cima da mesa.

– Vou te denunciar – resmungo para o travesseiro.

– Faça isso, queridinha. – Ele sai, seguro por saber que eu não sou do tipo que denuncia.

Quero voltar a dormir, mas estou inquieta. Imagens de ontem começam a invadir o presente. O bombardeio, as aeronaves se espatifando e explodindo, os rostos dos feridos que não existem mais. Imagino a morte vindo de todos os lados. O último momento antes de ver uma bomba atingir o chão, sentir a asa da minha aeronave explodindo e a estonteante queda em direção ao esquecimento, o telhado do armazém desabando em cima de mim enquanto estou presa em meu leito, indefesa. Coisas que vi, em pessoa ou em filme. Coisas que causei ao retesar meu arco. Coisas que jamais serei capaz de apagar da minha memória.

No jantar, Finnick traz sua bandeja até a minha cama para que possamos assistir juntos ao mais recente pontoprop na TV. Ele recebeu um quarto no meu antigo andar, mas tem tantas recaídas mentais que ainda vive basicamente no hospital. Os rebeldes colocam no ar o pontoprop "Porque vocês sabem quem eles são e o que fazem" que Messalla editou. A filmagem é entrecortada por clipes curtos de estúdio com Gale, Boggs e Cressida descrevendo o incidente. É duro assistir à minha recepção no hospital do 8 já que eu sei o que está para acontecer. Quando as bombas começam a chover no telhado, enterro a cabeça em meu travesseiro, e volto a levantar o rosto para um breve clipe onde apareço no fim, depois que todas as vítimas estão mortas.

Pelo menos Finnick não aplaude nem demonstra alegria quando tudo acaba. Ele simplesmente diz:

– As pessoas precisavam saber que aquilo estava acontecendo. E agora elas sabem.

– Vamos desligar isso, Finnick, antes que passem de novo – peço a ele. Mas quando a mão de Finnick começa a se mover na direção do controle remoto, eu grito: – Espera aí! – A Capital está apresentando um segmento especial e alguma coisa nele me parece familiar. Sim, é Caesar Flickerman. E posso adivinhar quem será o convidado dele.

A transformação física de Peeta me deixa chocada. O garoto saudável de olhos claros que vi alguns dias atrás perdeu pelo menos seis quilos e desenvolveu um tremor nervoso nas mãos. Ele continua parecendo arrumado.

Mas por baixo da maquiagem que não consegue cobrir o inchaço sob seus olhos, e das roupas de boa qualidade que não conseguem esconder a dor que está sentindo quando se mexe, encontra-se uma pessoa extremamente maltratada.

Minha mente gira incessantemente, tentando dar sentido ao que estou vendo. Eu o vi há pouco tempo! Quatro – não, cinco – acho que foi há cinco dias. Como ele decaiu tão rapidamente? O que podem ter feito com ele num espaço de tempo tão curto? Então eu percebo. Repasso em minha cabeça o máximo que consigo da entrevista com Caesar, em busca de alguma coisa que a situasse no tempo. Não há nada. Eles poderiam ter gravado aquela entrevista um ou dois dias depois de eu ter explodido a arena e então feito o que quer que tivessem pretendido fazer com ele desde então.

– Ah, Peeta... – sussurro.

Caesar e Peeta trocam algumas palavras vazias antes de Caesar perguntar a ele sobre os boatos de que eu estaria gravando pontoprops para os distritos.

– Eles a estão usando, é óbvio – diz Peeta. – Para estimular os rebeldes. Duvido que ela sequer saiba o que está acontecendo na guerra. O que está em jogo.

– Tem alguma coisa que você gostaria de dizer a ela? – pergunta Caesar.

– Tem, sim – diz Peeta. Ele olha diretamente para a câmera, bem nos meus olhos. – Não seja boba, Katniss. Pense por você mesma. Eles transformaram você numa arma que pode ser instrumento da destruição da humanidade. Se você possui alguma influência real, use-a para frear essa coisa. Use-a para parar a guerra antes que seja tarde demais. Pergunte a si mesma: você realmente confia nas pessoas com quem está trabalhando? Você realmente sabe o que está acontecendo? E se você não sabe... descubra.

Tela preta. Insígnia de Panem. Fim do programa.

Finnick aperta o botão de desligar no controle remoto. Em um minuto, as pessoas estarão aqui para fazer o controle de estragos quanto às condições de Peeta e às palavras que saíram de sua boca. Terei de repudiá-las. Mas a verdade é a seguinte: não confio nos rebeldes, nem em Plutarch, e nem em Coin. Não posso confiar que me dizem a verdade. Não serei capaz de esconder isso. Passos se aproximam.

Finnick aperta com força os meus braços.

– A gente não viu isso – diz ele.

– O quê? – pergunto.

– A gente não viu o Peeta. Só o pontoprop no 8. Depois a gente desligou o aparelho porque as imagens começaram a te chatear. Entendeu? – pergunta ele. Balanço a cabeça em concordância. – Termina seu jantar. – Eu me controlo o suficiente, de modo que no momento em que Plutarch e Fulvia entram, estou com a boca cheia de pão e repolho. Finnick está falando sobre como Gale ficou bem na TV. Parabenizamos a todos pelo pontoprop. Deixamos claro que foi tão poderoso que desligamos a TV logo em seguida. Eles parecem aliviados. Eles acreditam em nós.

Ninguém menciona Peeta.



Paro de tentar dormir depois que minhas primeiras tentativas são interrompidas por pesadelos indescritíveis. Depois disso, fico apenas deitada, sem me mexer, e finjo estar ressonando sempre que alguém aparece para ver como estou. De manhã, recebo alta do hospital e sou instruída a não cometer excessos. Cressida me pede para gravar algumas frases para um novo pontoprop do Tordo. No almoço, continuo esperando que as pessoas toquem no assunto da aparição de Peeta, mas ninguém o faz. Alguém deve ter visto o programa além de Finnick e eu.

Tenho treinamento, mas Gale está agendado para trabalhar com Beetee com armas ou qualquer coisa assim, de modo que recebo permissão para levar Finnick para a floresta. Vagamos pelo local durante um tempo e depois enfiamos nossos comunicadores debaixo de um arbusto. Quando estamos a uma distância segura, sentamos no chão e conversamos sobre o programa de Peeta.

– Não ouvi qualquer palavra sobre isso. Ninguém contou nada para você? – diz Finnick. Sacudo a cabeça em negativa. Ele faz uma pausa antes de perguntar: – Nem o Gale? – Estou presa a um fio de esperança de que Gale honestamente não saiba nada a respeito da mensagem de Peeta. Mas tenho uma sensação ruim de que ele sabe. – Talvez ele esteja tentando encontrar um momento para contar com privacidade.

– Talvez – digo.

Ficamos em silêncio por tanto tempo que um cervo surge, ao alcance da minha mira. Eu o abato com uma flecha. Finnick o arrasta para a cerca.

Para o jantar, temos picadinho de cervo cozido. Gale me leva de volta ao Compartimento E depois de comermos. Quando pergunto a ele como andam as coisas, novamente não há nenhuma menção a Peeta. Assim que minha mãe e minha irmã pegam no sono, apanho a pérola na gaveta e passo uma segunda noite de insônia agarrada a ela, rememorando as palavras de Peeta. *"Pergunte a si mesma, você realmente confia nas pessoas com quem está trabalhando? Você realmente sabe o que está acontecendo? E se você não sabe... descubra."* Descubra. O quê? Com quem? E como Peeta saberia qualquer coisa além do que a Capital lhe diz? Aquilo não passa de um pontoprop da Capital. Mais ruído. Mas se Plutarch acha que isso é apenas a reprodução do discurso da Capital, por que ele não comentou nada comigo sobre o programa? Por que ninguém contou nada para mim ou para Finnick?

Subjacente a esse debate encontra-se a verdadeira fonte de minha inquietação: Peeta. O que fizeram com ele? E o que estão fazendo com ele nesse exato momento? Com toda certeza, Snow não engoliu a história de que Peeta e eu não sabíamos nada acerca da rebelião. E suas suspeitas foram reforçadas, agora que surgi como o Tordo. Tudo o que Peeta pode fazer é tentar adivinhar quais são as táticas dos rebeldes ou então inventar alguma coisa para dizer a seus torturadores. Mentiras, uma vez descobertas, seriam severamente punidas. Como ele deve estar se sentindo abandonado por mim. Em sua primeira entrevista, ele tentou me proteger não só da Capital como também dos rebeldes, e não apenas eu fracassei em protegê-lo como também cuidei para que horrores ainda maiores o atingissem.

Assim que amanhece, enfio meu antebraço na parede e vejo com olhos grogues a programação do dia. Imediatamente depois do café da manhã, estou designada para a Produção. Na sala de jantar, enquanto tomo os cereais quentes com leite e beterraba amassada, avisto um comunipulso no braço de Gale.

– Quando foi que você recebeu isso de volta, soldado Hawthorne? – pergunto.

– Ontem. Eles acharam que, como eu ia a campo com você, isso aqui podia ser um sistema de comunicação seguro – diz Gale.

Ninguém jamais me ofereceu um comunipulso. Fico imaginando: caso eu pedisse um, será que receberia?

– Bom, acho que um de nós tem que ser acessível – digo, com um tom de irritação em minha voz.

– O que você está querendo dizer com isso? – diz ele.

– Nada. Só estou repetindo o que você disse – respondo. – Concordo totalmente com a ideia de que a pessoa acessível deva ser você. Só espero ainda ter acesso a você da mesma maneira.

Nossos olhares se cruzam, e me dou conta do quanto estou furiosa com Gale. Que não acredito nem por um segundo que ele não tenha visto o pontoprop de Peeta. Que me sinto completamente traída por ele não ter me contado nada sobre isso. Nos conhecemos bem demais para que ele não possa ler o meu estado de espírito e adivinhar o que o causou.

– Katniss... – começa ele. A admissão de culpa já presente em seu tom de voz.

Agarro minha bandeja, dirijo-me à área de depósito e jogo os pratos em cima da bancada. Quando chego ao corredor, ele já me alcançou.

– Por que você não disse alguma coisa? – pergunta Gale, pegando o meu braço.

– Por que *eu* não disse? – Puxo o meu braço para me soltar. – Por que você não disse, Gale? E, por falar nisso, eu disse sim, quando lhe perguntei ontem à noite como andavam as coisas!

– Desculpa, tá? Eu não sabia o que fazer. Queria contar para você, mas todo mundo estava com medo de você passar mal caso visse o pontoprop de Peeta – diz ele.

– Eles estavam certos. Eu passei mal, sim. Mas fiquei pior ao perceber que você mentiu para mim por causa de Coin. – Nesse momento, o comunipulso dele começa a soar. – Olha ela aí. É melhor ir correndo. Você tem várias coisas para contar a ela.

Por um momento, uma dor muito real aparece estampada no rosto de Gale. Em seguida, a raiva fria a substitui. Ele se vira e vai embora. Talvez eu tenha sido rancorosa demais, não tenha dado a ele tempo suficiente para se explicar. Talvez todos estejam apenas tentando me proteger ao mentirem para mim. Eu

não ligo. Não aguento mais as pessoas mentindo para mim pelo meu próprio bem. Porque, na realidade, elas fazem isso principalmente pelo bem delas próprias. Mintam para Katniss sobre a rebelião para que ela não faça nenhuma loucura. Enviem-na para a arena sem que ela saiba de nada para que possamos depois tirá-la de lá. Não conte para ela sobre o pontoprop de Peeta porque ela pode acabar ficando doente, e já está sendo suficientemente difícil extrair um bom desempenho dela nas atuais circunstâncias.

Estou realmente mal. Desiludida. E cansada demais para um dia de produção. Mas já estou na Maquiagem, então entro. Hoje, descubro, vamos retornar ao Distrito 12. Cressida quer fazer entrevistas sem roteiro com Gale e comigo, lançando luz sobre nossa cidade arrasada.

– Se vocês dois estiverem dispostos – diz Cressida, olhando bem para mim.

– Pode contar comigo – digo. Eu me levanto, calada e rígida, um manequim, enquanto minha equipe de preparação me veste, me penteia e aplica maquiagem no meu rosto. Não o suficiente para aparecer num programa, apenas o suficiente para tirar as marcas de olheira de meus olhos insones.

Boggs me escolta até o Hangar, mas nossa conversa não vai além do cumprimento preliminar. Sou grata por ter sido poupada de uma nova troca de palavras sobre minha desobediência no 8, principalmente agora que a máscara dele parece tão desconfortável.

No último instante, lembro de enviar uma mensagem a minha mãe, dizendo que estou saindo do 13, salientando que não será nada perigoso. Embarcamos num aerodeslizador para a curta viagem até o 12 e sou encaminhada a um assento na mesa onde Plutarch, Gale e Cressida estão debruçados sobre um mapa. Plutarch vibra de satisfação ao me mostrar os efeitos que sucederam a exibição dos primeiros pontoprops. Os rebeldes, que mal estavam conseguindo manter uma posição em diversos distritos, voltaram a lutar. Eles, inclusive, tomaram o 3 e o 11 – este último bastante crucial, já que é o principal fornecedor de bens alimentícios à Capital – e também fizeram incursões nas cercanias de vários outros distritos.

– Esperançoso. Realmente muito esperançoso – diz Plutarch. – Fulvia vai ter a primeira rodada dos quadros "Nós lembramos" pronta hoje à noite, de

maneira que vamos poder focar nos distritos individualmente com seus respectivos mortos. Finnick está absolutamente maravilhoso.

– É muito doloroso de assistir, para falar a verdade – diz Cressida. – Ele conhecia muitos deles pessoalmente.

– Isso é o que faz a coisa funcionar tão bem – diz Plutarch. – Direto do coração. Vocês todos estão maravilhosos. Coin não podia estar mais satisfeita.

Então Gale não contou nada para eles. Sobre eu fingir não ter visto Peeta e sobre minha raiva diante da maneira pela qual eles esconderam tudo de mim. Mas imagino agora que já seja tarde demais porque, ainda assim, não posso deixar o que ele fez passar. Não tem problema. Ele também não está falando comigo.

Somente quando aterrissamos na Campina percebo que Haymitch não está entre nós. Quando pergunto a Plutarch o motivo de sua ausência, ele simplesmente balança a cabeça e diz:

– Ele não conseguiu encarar.

– Haymitch? Não conseguir encarar alguma coisa? É muito mais provável que ele tenha tirado o dia de folga – digo.

– Acho que as palavras que ele utilizou de fato foram "eu não conseguiria encarar aquilo lá sem uma garrafa" – diz Plutarch.

Reviro os olhos, já há muito tempo desprovida de paciência com meu mentor, com sua fraqueza em relação à bebida e com o que ele consegue ou não confrontar. Mas, uns cinco minutos depois do meu retorno ao 12, descubro que eu mesma gostaria muito de ter trazido uma garrafa. Eu pensava que havia superado a destruição do 12 – ouvira falar, vira tudo na TV e vagara em meio às cinzas. Então por que tudo à minha volta causa uma pontada de dor? Será que da primeira vez eu estava desorientada demais para registrar totalmente a perda de meu mundo? Ou será o olhar de Gale ao absorver a destruição que faz com que a atrocidade adquira uma sensação de coisa nova?

Cressida dirige a equipe para começar na minha antiga casa. Pergunto a ela o que quer que eu faça.

– O que você estiver a fim de fazer – diz ela.

Em pé na minha cozinha, não estou a fim de fazer coisa alguma. Na realidade, me flagro olhando fixamente para o céu – o único teto que resta –

porque inúmeras lembranças estão me afogando. Depois de um tempo, Cressida diz:

– Está ótimo, Katniss. Vamos avançar.

Gale não se sente muito à vontade em seu antigo endereço. Cressida o filma em silêncio por alguns minutos, mas assim que ele puxa das cinzas o único resquício de sua vida anterior – um atiçador de metal retorcido – ela começa a lhe fazer perguntas sobre sua família, seu emprego, sua vida na Costura. Ela o faz retornar à noite do bombardeio e reencená-la, a começar por sua casa, seguindo pela Campina e através da floresta até o lago. Caminho lentamente atrás da equipe de filmagem e os guarda-costas, sentindo que a presença deles é uma violação de minha amada floresta. Esse é um lugar particular, um santuário, já corrompido pela maldade da Capital. Mesmo depois de deixarmos para trás os tocos chamuscados que estão perto da cerca, ainda tropeçamos sobre corpos em decomposição. Temos mesmo que gravar isso para que todos vejam?

Quando alcançamos o lago, Gale parece haver perdido a habilidade de falar. Todos estão pingando de suor – especialmente Castor e Pollux em suas cascas de inseto –, e Cressida propõe uma parada. Encho as mãos de água no lago, desejando poder mergulhar e nadar sozinha e nua sem ser observada. Vago pelo local durante um tempo. Quando volto à pequena casa de concreto ao lado do lago, paro na entrada e vejo Gale colocando o atiçador retorcido que ele salvara na parede ao lado da lareira. Por um momento, tenho a visão de um estranho, solitário, em algum ponto distante do futuro, vagando perdido na imensidão selvagem e dando de cara com esse pequeno refúgio, com a pilha de lenha, com a lareira e com o atiçador. Imaginando como tudo aquilo veio a acontecer. Gale se vira e encontra meus olhos, e sei que ele está pensando em nosso último encontro aqui. Quando discutimos a respeito dos prós e contras de fugir. Se tivéssemos fugido, será que o Distrito 12 ainda estaria de pé? Acho que sim. Mas a Capital ainda estaria controlando Panem da mesma forma.

Sanduíches de queijo são passados de mão em mão e comemos à sombra das árvores. Eu me sento intencionalmente na parte mais externa do grupo, perto de Pollux, para não precisar conversar. Na verdade, ninguém está falando muito. Na relativa tranquilidade, os pássaros retornam à floresta. Cutuco

Pollux com o cotovelo e aponto um pequeno pássaro preto com uma coroa. Ele salta para outro galho, abrindo momentaneamente as asas, exibindo as áreas brancas de sua plumagem. Pollux faz um gesto indicando meu broche e ergue as sobrancelhas de maneira questionadora. Balanço a cabeça, confirmando que é um tordo. Levanto um dedo para dizer "Espera, eu vou te mostrar", e assovio um chamado de pássaro. O tordo levanta a cabeça e retribui o assovio. Então, para minha surpresa, Pollux assovia ele próprio algumas notas. O pássaro responde imediatamente. O rosto de Pollux adquire uma expressão de puro deleite e ele começa uma série de intercâmbios melódicos com o tordo. Minha hipótese é que essa é a primeira conversa que ele tem depois de muitos anos. Música atrai tordos como flores atraem abelhas e, em pouco tempo, ele está com uma dúzia deles empoleirados em galhos acima de nossas cabeças. Ele dá um tapinha no meu braço e usa um graveto para escrever na terra: CANTA?

Normalmente, eu declinaria, mas é meio que impossível dizer não a Pollux, dadas as circunstâncias. Além do mais, o canto dos tordos soa diferente quando reagem a vozes em vez de assovios, e gostaria muito de ouvi-lo. Então, antes de sequer pensar no que estou fazendo, canto as quatro notas de Rue, as notas que ela usava para sinalizar o fim do dia de trabalho no 11. As notas que acabaram se tornando a trilha sonora de seu assassinato. Os pássaros não sabem disso. Eles pegam a frase simples e a sacodem para a frente e para trás entre eles em doce harmonia. Exatamente como fizeram nos Jogos Vorazes antes que os bestantes surgissem do meio das árvores, nos perseguissem até a Cornucópia e triturassem Cato lentamente até ele virar um pedaço de carne ensanguentada...

– Quer ouvi-los cantar uma canção de verdade? – pergunto, de repente. Qualquer coisa que interrompa aquelas lembranças. Estou de pé, movendo-me em direção às árvores, pousando a mão no tronco áspero de um bordo onde estão empoleirados os pássaros. Eu não canto "A árvore-forca" em voz alta há dez anos, porque ela é proibida, mas lembro cada palavra da letra. Começo suavemente, docemente, como fazia meu pai.

Você vem, você vem
Para a árvore
Onde eles enforcaram um homem que dizem matou três.

Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Os tordos começam a alterar suas canções assim que ficam cientes de minha nova oferta.

Você vem, você vem
Para a árvore
Onde o homem morto clamou para que seu amor fugisse.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Eu agora tenho a atenção dos pássaros. Com mais um verso, certamente eles terão captado a melodia, já que é bem simples e se repete quatro vezes com poucas variações.

Você vem, você vem
Para a árvore
Onde eu mandei você fugir para nós dois ficarmos livres.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Silêncio nas árvores. Apenas o farfalhar de folhas na brisa. Mais nenhum pássaro, tordo ou outro qualquer. Peeta está certo. Eles ficam em silêncio quando eu canto. Exatamente como faziam com meu pai.

Você vem, você vem
Para a árvore
Usar um colar de corda, e ficar ao meu lado

Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Os pássaros estão esperando que eu continue. Mas acabou. Esse foi o último verso. Na quietude, me lembro da cena. Estava em casa depois de um dia na floresta com meu pai. Sentada no chão com Prim, que ainda estava engatinhando, cantando "A árvore-forca". Fazendo colares a partir de pedacinhos de corda, como dizia a canção, sem saber o verdadeiro significado das palavras. Mas a canção tinha uma harmonia simples e fácil e, naquela época, eu conseguia memorizar quase qualquer coisa com música depois de ouvir uma ou duas vezes. Subitamente, minha mãe arrancou os colares de corda e começou a berrar com meu pai. Comecei a chorar porque minha mãe nunca gritava, e então Prim começou a choramingar e fugi de casa para me esconder. Como eu tinha um único esconderijo – na Campina embaixo de um arbusto de madressilva –, meu pai me encontrou imediatamente. Ele me acalmou e disse que estava tudo bem, mas que era melhor não cantarmos nunca mais aquela canção. Minha mãe só queria que eu a esquecesse. Então, é claro, cada palavra ficou imediata e irrevogavelmente marcada em meu cérebro.

Nós nunca mais a cantamos, meu pai e eu, e nem mesmo falamos nela. Depois que ele morreu, ela costumava voltar bastante à minha cabeça. Mais velha, comecei a entender a letra. No início, parece que um cara está tentando fazer com que sua namorada vá encontrá-lo secretamente à meia-noite. Mas é um local esquisito para um encontro romântico, uma árvore-forca, onde um homem foi enforcado, acusado de assassinato. A amante do assassino deve ter tido algo a ver com a morte, ou talvez eles fossem apenas puni-la de um jeito ou de outro, porque o cadáver dele clamava para que ela fugisse. Isso é estranhamente óbvio, a parte do cadáver falante, mas é apenas na terceira estrofe que "A árvore-forca" começa a ficar inquietante. Você percebe que a pessoa que está cantando a canção é o assassino morto. Ele ainda está na árvore-forca. E, embora ele tenha mandado sua amante fugir, continua perguntando se ela não vai se encontrar com ele. A frase "Onde eu mandei você fugir para nós dois ficarmos livres" é a mais problemática, porque a

princípio você pensa que ele está falando sobre quando a mandou fugir, presumivelmente para que ela ficasse em segurança. Mas então você imagina se ele não quis dar a entender que era para ela fugir para ele. Para a morte. No último verso, fica claro que é isso o que ele está esperando. Sua amante, com seu colar de corda, morta, pendurada ao seu lado na árvore.

Eu antes achava que o assassino era o tipo de cara mais nojento que pode existir no mundo. Agora, com duas passagens pelos Jogos Vorazes na bagagem, decido não julgá-lo sem saber mais detalhes. Talvez a amante dele já estivesse condenada à morte e o objetivo dele fosse facilitar as coisas. Fazer com que ela soubesse que ele a estava esperando. Ou talvez ele pensasse que o lugar onde a estava deixando fosse pior do que a morte. Por acaso, eu não quis matar Peeta com aquela seringa para salvá-lo da Capital? Será que essa era realmente a minha única opção? Provavelmente não, mas na ocasião, não consegui pensar em nenhuma outra.

Entretanto, imagino que minha mãe tenha pensado que a coisa toda era complicada demais para uma menina de sete anos de idade. Especialmente uma que fazia seus próprios colares de corda. Não que enforcamentos só acontecessem nas histórias. Inúmeras pessoas eram executadas dessa maneira no 12. Pode apostar que ela não queria que eu cantasse aquilo na minha aula de música. Provavelmente, ela tampouco iria gostar que eu fizesse isso aqui para o Pollux, mas pelo menos eu não estou – espera aí, não, eu estou enganada. Quando olho de esguelha vejo que Castor estivera me filmando esse tempo todo. E Pollux está com lágrimas escorrendo pelo rosto, porque sem dúvida nenhuma a minha canção alucinada fez com que ele se lembrasse de algum terrível incidente em sua vida. Ótimo. Suspiro e me recosto no tronco. É então que os tordos começam a cantar sua versão de "A árvore-forca". Nas suas bocas, é lindo demais. Consciente de que estou sendo filmada, eu permaneço imóvel até ouvir a voz de Cressida:

– Corta!

Plutarch vai até mim, rindo.

– Onde é que você arruma esse tipo de coisa? Ninguém acreditaria nisso se a gente tivesse inventado! – Ele me abraça e dá um beijo estalado no topo da minha cabeça. – Você é ouro em pó!

– Eu não estava fazendo isso para as câmeras – digo.

– Sorte a nossa elas estarem ligadas, então – diz ele. – Vamos lá, pessoal, vamos voltar para a cidade!

Enquanto caminhamos pela floresta, alcançamos uma pedra grande, e Gale e eu viramos nossas cabeças na mesma direção, como um par de cães sentindo um cheiro no vento. Cressida nota e pergunta o que há naquela direção. Admitimos, sem precisar olhar um para o outro, que aquele é o nosso velho ponto de encontro de caçadas. Ela quer ver, mesmo depois de eu ter dito que realmente não valeria muito a pena.

Não é nada além de um lugar onde eu era feliz, penso.

Nossa saliência na pedra com vista para o vale. Talvez um pouco menos verde que de costume, mas os arbustos de amoras estão repletos de frutas. Aqui tiveram início incontáveis dias de caçadas e montagens de armadilhas, de pescarias e coletas, de andanças em dupla pela floresta, liberando nossos pensamentos enquanto enchíamos nossas bolsas de caça. Esta era a passagem não apenas para nosso sustento como também para nossa sanidade. E nós éramos a chave um do outro.

Não há Distrito 12 de onde escapar agora, não há mais Pacificadores para enganar, nenhuma boca faminta para alimentar. A Capital acabou com tudo isso, e estou a ponto de perder Gale também. A cola da necessidade mútua que nos ligou tão firmemente durante todos esses anos está derretendo. Espaços escuros, não iluminados, aparecem entre nós. Como é possível que, hoje, diante do horrível desaparecimento do 12, estejamos com tanta raiva que nem conseguimos dirigir a palavra um ao outro?

Gale mentiu para mim. É fato. Isso foi inaceitável, mesmo que ele estivesse preocupado com o meu bem-estar. Mas seu pedido de desculpas pareceu sincero. E joguei isso na cara dele com um insulto para garantir que doesse. O que está acontecendo conosco? Por que agora estamos constantemente em conflito? Está tudo muito confuso, mas de certa forma sinto que se voltasse à raiz dos nossos problemas, minhas ações apareceriam no centro deles. Será que quero mesmo afastá-lo de mim?

Meus dedos envolvem uma amora e a arrancam do pé. Eu a enrolo delicadamente entre o polegar e o indicador. De repente, viro-me para ele e

arremesso a fruta na sua direção.

– E que a sorte... – digo. Eu a jogo bem alto para que ele tenha tempo suficiente para decidir se a joga para o lado ou se a aceita.

Os olhos de Gale se fixam em mim, não na amora, mas no último instante, ele abre a boca e a pega. Ele mastiga, engole e há uma longa pausa antes de ele dizer:

– ... esteja *sempre* a seu favor. – Mas ele realmente diz.

Cressida nos manda sentar na reentrância da rocha, onde é impossível não nos tocarmos, e nos incentiva a falar sobre caça. O que nos levava a entrar na floresta, como nos conhecemos, nossos momentos favoritos. O gelo entre nós derrete, começamos a rir um pouco enquanto relatamos infortúnios com abelhas, cães selvagens e gambás. Quando a conversa passa a ser sobre qual é a sensação de traduzir nossas habilidades com armas para o bombardeio do 8, paro de falar. Gale diz apenas:

– Antes tarde do que nunca.

Quando alcançamos a praça da cidade, a tarde já está se transformando em noite. Levo Cressida até os destroços da padaria e peço para ela filmar alguma coisa. A única emoção que consigo reunir é exaustão.

– Peeta, esta é a sua casa. Não há notícias de nenhum de seus familiares desde o bombardeio. O 12 não existe mais. E você clama por um cessar-fogo? – Olho para o vazio. – Não sobrou ninguém para ouvir você.

Quando estamos em pé diante do pedaço de metal que fora o patíbulo, Cressida pergunta se algum de nós dois alguma vez foi torturado. Como resposta, Gale tira a camisa e vira as costas para a câmera. Olho para as marcas das chicotadas, e novamente escuto o assovio do chicote, vejo seu corpo ensanguentado e inconsciente, pendurado pelos pulsos.

– Para mim já chega – anuncio. – Eu me encontro com vocês na Aldeia dos Vitoriosos. Preciso pegar uma coisa para... minha mãe.

Acho que cheguei aqui andando, mas quando dou por mim já estou sentada no chão na frente dos armários da cozinha de nossa casa na Aldeia dos Vitoriosos. Enfileiro meticulosamente os jarros de cerâmica e as garrafas de vidro dentro de uma caixa. Coloco curativos de algodão limpos entre eles para impedir que se quebrem. Embrulho diversos maços de flores secas.

Subitamente, lembro da rosa em meu vestíbulo. Era de verdade? Se era, será que ainda está lá em cima? Tenho de resistir à tentação de verificar. Se ela estiver lá, só vai me deixar assustada de novo. Eu me apresso com o pacote.

Quando os armários ficam vazios, levanto-me e descubro que Gale apareceu em minha cozinha. É perturbador esse jeito que ele tem de surgir sem fazer nenhum barulho. Ele está encostado na mesa, os dedos bem abertos em cima da madeira. Ponho a caixa entre nós dois.

– Lembra? – pergunta ele. – Foi aqui que você me beijou.

Então a pesada dose de morfináceo administrada após as chicotadas não foi suficiente para apagar aquilo da memória dele.

– Achei que você não se lembraria disso – digo.

– Eu precisaria estar morto para não lembrar. Talvez nem assim – diz ele. – Talvez eu seja aquele homem de "A árvore-forca". Ainda esperando por uma resposta. – Gale, que eu nunca vira chorar, está com lágrimas nos olhos. Para impedir que elas escorram, eu me aproximo e encosto a minha boca na dele. Estamos com gosto de calor, cinzas e miséria. Ele se afasta primeiro e dá um sorriso debochado. – Eu sabia que você ia me beijar.

– Como? – pergunto. Porque nem eu mesma sabia.

– Porque sinto dor – diz ele. – Essa é a única forma de ter a sua atenção. – Ele pega a caixa. – Não se preocupe, Katniss. Vai passar. – Ele sai antes que eu possa responder.

Estou fatigada demais para lidar com esse último ataque. Passo a curta viagem de volta ao 13 encolhida em meu assento, tentando ignorar Plutarch falando sem parar sobre um de seus assuntos favoritos – armas que a humanidade não tem mais à sua disposição. Aviões que voam bem alto, satélites militares, desintegradores celulares, mísseis teleguiados, armas biológicas com datas de validade. Abandonadas por causa da destruição da atmosfera ou por falta de recursos ou por escrúpulos morais. Dá para ouvir o lamento na voz de um Chefe dos Idealizadores dos Jogos que não consegue parar de sonhar com esses brinquedinhos, que é obrigado a se contentar com aerodeslizadores e mísseis terra a terra e antigas armas básicas.

Depois de tirar meu traje de Tordo, vou direto para a cama sem comer. Mesmo assim, Prim precisa me sacudir para me acordar de manhã. Após o café

da manhã, ignoro a minha programação e tiro um cochilo no closet de suprimentos. Quando acordo, rastejando do meio das caixas de giz e lápis, já é novamente hora do jantar. Tomo uma porção extra de sopa de ervilha e estou sendo encaminhada de volta ao Compartimento E quando Boggs me intercepta.

– Tem reunião no Comando. Desconsidere sua programação atual – diz ele.

– Certo – respondo.

– Você seguiu a programação hoje? – pergunta ele, exasperado.

– Quem saberia dizer? Eu sou mentalmente desorientada. – Levanto o punho para mostrar minha pulseira médica e percebo que ela não está mais lá. – Está vendo? Nem consigo lembrar que eles tiraram a minha pulseira. Por que eles me querem no Comando? Perdi alguma coisa?

– Acho que Cressida queria mostrar para você os pontoprops do 12. Mas imagino que você vai assistir quando eles forem ao ar – diz ele.

– É para isso que preciso de programação. Para quando os pontoprops forem ao ar – digo. Ele me lança um olhar, mas não faz mais nenhum comentário.

As pessoas lotaram o Comando, mas guardaram um lugar para mim entre Finnick e Plutarch. As telas já estão em cima da mesa, mostrando a programação regular da Capital.

– O que está acontecendo? A gente não vai assistir aos pontoprops do 12? – pergunto.

– Ah, não – fala Plutarch. – Digo, talvez. Não sei exatamente que tomadas Beetee planejou usar.

– Beetee acha que encontrou uma maneira de penetrar na programação que vai ao ar no país inteiro – diz Finnick. – Para que os nossos pontoprops também passem na Capital. Ele está trabalhando nisso agora na Defesa Especial. Tem programa ao vivo hoje à noite. Snow vai aparecer ou qualquer coisa assim. Acho que está começando.

A insígnia da Capital aparece, com o hino tocando ao fundo. Em seguida, estou olhando diretamente nos olhos de cobra do presidente Snow enquanto ele saúda a nação. Ele parece estar entrincheirado atrás do pódio, mas a rosa branca em sua lapela está totalmente visível. A câmera se afasta para incluir

Peeta ao lado, em frente a um mapa projetado de Panem. Ele está sentado numa cadeira elevada, os sapatos apoiados em um degrau de metal. O pé de sua perna de prótese está batendo num ritmo estranhamente irregular. Gotas de suor romperam a camada de maquiagem em seu lábio superior e em sua testa. Mas é seu olhar – raivoso ainda que desfocado – o que mais me assusta.

– Ele está pior – sussurro. Finnick agarra a minha mão para me dar apoio, e tento me controlar.

Peeta começa a falar num tom frustrado sobre a necessidade do cessar-fogo. Ele salienta o estrago feito a infraestruturas essenciais de vários distritos e, à medida que fala, partes do mapa vão se iluminando para mostrar as imagens da destruição. Uma represa arruinada no 7. Um trem descarrilado com uma faixa de dejetos tóxicos vazando dos vagões. Um celeiro desabando depois de um incêndio. Tudo isso ele atribui a ações rebeldes.

Bam! Sem aviso, estou subitamente na TV, em pé em cima dos destroços de uma padaria.

Plutarch se levanta com um pulo.

– Ele conseguiu! Beetee penetrou na transmissão!

A sala está reagindo de maneira alvoroçada quando Peeta retorna, distraído. Ele me viu no monitor. Ele tenta retomar seu discurso, passando a comentar o bombardeio de uma estação de tratamento de água, quando um clipe de Finnick falando sobre Rue o substitui na tela. E então a coisa toda se transforma numa batalha de transmissões, com os técnicos da Capital tentando barrar o ataque de Beetee. Mas eles não estão preparados, e Beetee, aparentemente prevendo que não teria como manter o controle, possui um arsenal de clipes de cinco a dez segundos com os quais consegue trabalhar. Assistimos à apresentação oficial se deteriorar enquanto recebe uma saraivada de pontoprops escolhidos a dedo.

Plutarch reage com espasmos de prazer e a grande maioria aplaude Beetee, mas Finnick permanece imóvel e calado ao meu lado. Olho para Haymitch do outro lado da sala e vejo meu próprio horror espelhado em seus olhos. O reconhecimento de que, a cada grito de entusiasmo, Peeta escapole cada vez mais de nossas mãos.

A insígnia da Capital está de volta, acompanhada de um áudio uniforme. Isso dura mais ou menos vinte segundos até Snow e Peeta reaparecerem. O set está um caos. Conseguimos ouvir conversações frenéticas da produção da Capital. Snow avança, dizendo que é muito óbvio que os rebeldes estão tentando agora tumultuar a disseminação de informações que eles consideram incriminatórias, mas tanto a verdade quanto a justiça prevalecerão. A transmissão inteira vai voltar ao ar quando a segurança estiver reinstalada. Ele pergunta a Peeta se, tendo em vista a demonstração dessa noite, ele pensa em se separar de Katniss Everdeen.

À menção de meu nome, o rosto de Peeta se contorce num esforço.

– Katniss... como você imagina que tudo isso vai acabar? O que restará? Ninguém está seguro. Nem na Capital e nem nos distritos. E você... no 13... – Ele respira fundo, como se estivesse lutando para conseguir oxigênio; seus olhos com uma aparência insana. – Estará morta de manhã!

Em *off*, Snow ordena:

– Interrompa a transmissão!

Beetee transforma tudo num caos ao mostrar em intervalos de três segundos um fotograma comigo em pé na frente do hospital. Mas entre as imagens, ficamos cientes da ação em tempo real que está se desenrolando no set. As tentativas de Peeta de continuar falando. A câmera arrancada de alguém e filmando o ladrilho branco do chão. O som de botas. O impacto do golpe que é inseparável do grito de dor emitido por Peeta.

E o sangue dele espalhando-se pelo ladrilho.



PARTE II

“O ASSALTO”



O grito começa a se formar nas minhas costas e percorre o meu corpo até entalar na minha garganta. Estou muda como uma Avox, engasgada em meu pesar. Mesmo que pudesse liberar os músculos do pescoço, deixar o som explodir no espaço, será que alguém notaria? A sala está uma balbúrdia. Perguntas e pedidos chegam de todos os lados enquanto tentam decifrar as palavras de Peeta. "E você... no 13... morta de manhã!" No entanto, ninguém está fazendo nenhuma pergunta sobre o mensageiro cujo sangue foi substituído pela estática.

Uma voz chama a atenção dos outros.

– Calem a boca! – Todos os pares de olhos fixam-se sobre Haymitch. – Isso não é nenhum grande mistério! O garoto está dizendo que estamos a ponto de ser atacados. Aqui. No 13.

– Como ele teria essa informação?

– Por que a gente acreditaria nele?

– Como você sabe?

Haymitch dá um rosnado de frustração.

– Estão batendo nele enquanto a gente está aqui conversando. Do que mais vocês precisam? Katniss, me ajuda aqui por favor!

Preciso sacudir a mim mesma para que as palavras saiam de minha boca.

– Haymitch tem razão. Não sei onde Peeta conseguiu a informação. Nem mesmo se ela é verdadeira. Mas ele acredita que sim. E eles estão... – Eu não consigo dizer em voz alta o que Snow está fazendo com ele.

– Vocês não o conhecem – diz Haymitch a Coin. – Nós, sim. Coloque seu pessoal de prontidão.

A presidenta não parece alarmada, apenas um tanto quanto perplexa com a guinada nos eventos. Ela pondera as palavras, batendo um dedo suavemente na borda do painel de controle à sua frente. Quando fala, se dirige a Haymitch com uma voz equilibrada:

– É claro, estamos preparados para tal cenário. Embora tenhamos décadas de apoio à suposição de que mais ataques diretos ao 13 seriam contraproducentes à causa da Capital. Mísseis nucleares liberariam radiação na atmosfera, com incalculáveis danos ao meio ambiente. Até mesmo um bombardeio rotineiro poderia estragar acentuadamente nossas instalações militares, as quais sei que eles têm esperança de reconquistar. E, é claro, esse tipo de atitude é um convite ao contra-ataque. É concebível que, devido à nossa aliança atual com os rebeldes, esses riscos possam ser vistos como aceitáveis.

– Você acha? – diz Haymitch, com certo exagero de sinceridade, mas as sutilezas da ironia frequentemente passam despercebidas no 13.

– Acho, sim. De qualquer modo, vamos ingressar na instrução de treinamento de Nível Cinco de segurança – diz Coin. – Vamos dar início ao confinamento. – Ela começa a digitar rapidamente no teclado, autorizando sua decisão. Assim que levanta a cabeça, começa.

Houve duas instruções de treinamento de níveis baixos desde que cheguei ao 13. Não me lembro muito bem da primeira. Eu estava na UTI, no hospital, e acho que os pacientes foram dispensados, já que a complicação de nos transferir em função de uma instrução de treinamento superava os benefícios. Lembro vagamente de uma voz mecânica instruindo as pessoas a se congregar em zonas amarelas. Durante a segunda, uma instrução de treinamento de Nível Dois dirigida a crises menores – tais como uma quarentena temporária enquanto cidadãos eram examinados para saber se estavam contaminados durante uma epidemia de gripe –, tínhamos que voltar para nossos alojamentos. Fiquei atrás de uma bomba hidráulica na lavanderia, ignorei os bipes incessantes do sistema de som e observei uma aranha construir sua teia. Nenhuma das duas experiências me preparou para as ensurdecedoras e

atordoantes sirenes que agora permeiam o 13. Não há como desconsiderar esse som, que parece produzido para lançar a população inteira num frenesi. Mas isso aqui é o 13 e esse tipo de coisa não acontece.

Finnick e eu deixamos o Comando guiados por Boggs. Passamos por um corredor até chegarmos a uma porta e depois a uma ampla escadaria. Uma massa humana está convergindo para formar um rio que flui apenas para baixo. Ninguém grita ou tenta empurrar os outros. Nem mesmo as crianças opõem resistência. Nós descemos, degrau após degrau, mudos, porque nenhuma palavra poderia ser ouvida em meio ao som da sirene. Procuro minha mãe e Prim, mas é impossível ver quem quer que seja além das pessoas que estão bem ao meu redor. Entretanto, as duas estão trabalhando no hospital hoje à noite, de modo que não há nenhuma chance de elas perderem a instrução de treinamento.

Meus ouvidos latejam e os olhos estão pesados. Estamos nas profundezas da terra, tão fundo quanto se estivéssemos em uma mina de carvão. A única vantagem é que quanto mais profundamente entramos, menos estridentes se tornam as sirenes. É como se a função delas fosse nos afastar fisicamente da superfície, o que acho que é exatamente o que acontece. Grupos de pessoas começam a se desgarrar para o interior de recintos cujas portas estão marcadas, e mesmo assim Boggs continua me levando para baixo, até que finalmente a escada acaba na extremidade de uma enorme caverna. Começo a caminhar diretamente para dentro dela e Boggs me impede, mostrando que devo colocar minha programação na frente de um scanner para que a minha entrada seja registrada. Sem sombra de dúvida, a informação vai para um computador em algum lugar para garantir que ninguém fique perdido.

Parece impossível determinar se esse lugar é natural ou feito pelo homem. Certas áreas das paredes são pedra, enquanto vigas de metal e concreto reforçam pesadamente outras. Há beliches bem entalhados nas paredes de pedra. Há uma cozinha, banheiros, uma estação de primeiros socorros. Este lugar foi projetado para uma permanência duradoura.

Letreiros brancos com letras e números aparecem em intervalos ao redor da caverna. Enquanto Boggs diz para mim e para Finnick que devemos nos dirigir

à área referente aos aposentos que nos foram designados – no meu caso E, de Compartimento E –, Plutarch aparece.

– Ah, encontrei vocês – diz ele. Os eventos recentes exerceram pouco efeito sobre o humor de Plutarch. Ele ainda possui aquela alegre cintilância no rosto, que sucedeu ao êxito de Beetee no Assalto Televisivo. Olhos na floresta, não nas árvores. Não na punição de Peeta ou no iminente bombardeio do 13. – Katniss, obviamente esse é um momento ruim para você, ainda por cima com o contratempo do Peeta, mas precisa ficar ciente de que os outros vão continuar de olho em você.

– O quê? – pergunto. Não consigo acreditar que ele realmente acabou de rebaixar as duríssimas circunstâncias em que se encontra Peeta a um reles contratempo.

– As outras pessoas no bunker vão seguir seu exemplo de como reagir a tudo isso. Se você estiver calma e corajosa, os outros também vão tentar ficar assim. Se você entrar em pânico, ele pode se espalhar como um incêndio – explica Plutarch. Eu apenas olho fixamente para ele. – Está pegando fogo, de um certo modo – continua ele, como se eu estivesse sendo lenta na compreensão.

– Que tal se eu simplesmente fingir que estou diante das câmeras, Plutarch?

– Isso! Perfeito. As pessoas ficam sempre bem mais corajosas com uma plateia – diz ele. – Olha só a coragem que Peeta acabou de demonstrar!

Tenho que me conter para não dar um tapa na cara dele.

– Preciso voltar para a Coin antes do confinamento. Continue trabalhando bem! – diz ele, e vai embora.

Atravesso o recinto até a grande letra E na parede. Nosso espaço consiste em um quadrado de quatro por quatro metros de chão de pedra delineado por linhas pintadas. Entalhados na parede encontram-se dois beliches – um de nós vai dormir no chão – e um espaço em forma de cubo ao nível do chão para estocagem. Um pedaço de papel branco, coberto com um plástico transparente, contém as palavras PROTOCOLO DO BUNKER. Olho fixamente para manchinhas pretas no lençol. Por um tempo, elas ficam obscurecidas pelos resíduos de sangue que não consigo apagar da minha visão. Lentamente, as palavras entram em foco. A primeira seção é denominada “Ao chegar”.

1. Certifique-se de que todos os membros de seu Compartimento estejam registrados.

Minha mãe e Prim ainda não chegaram, mas eu fui uma das primeiras pessoas a chegar no bunker. As duas provavelmente estão ajudando a realocar os pacientes do hospital.

2. Dirija-se à Estação de Suprimentos e garanta um pacote para cada membro de seu Compartimento. Prepare sua Área de Habitação. Devolva o(s) pacote(s).

Vasculho a caverna até localizar a Estação de Suprimentos, uma sala profunda que começa num balcão. Há pessoas atrás do balcão, mas já existe uma intensa movimentação no local. Vou até lá, entrego a carta de nosso compartimento e requisito três pacotes. Um homem verifica uma folha, puxa os pacotes especificados de uma estante e os coloca em cima do balcão. Depois de acomodar um deles nas costas e agarrar os outros dois com as mãos, eu me viro e encontro um grupo formando-se rapidamente atrás de mim.

– Com licença – digo enquanto carrego meus suprimentos em meio às outras pessoas. É uma questão de *timing*? Ou será que Plutarch está certo? Será que essas pessoas estão mesmo imitando meu comportamento?

De volta a nosso espaço, abro um dos pacotes e encontro um colchão fino, roupa de cama, dois conjuntos de roupas cinzentas, uma escova de dentes, uma escova de cabelo e uma lanterna. Ao examinar o conteúdo dos outros pacotes, descubro que a única diferença é que eles contêm trajes não só na cor cinza como também na cor branca. Os trajes brancos devem ser para minha mãe e para Prim, caso elas precisem realizar tarefas médicas. Depois de fazer as camas, guardar as roupas e devolver os pacotes, não tenho mais nada para fazer além de observar a última regra:

3. Espere novas instruções.

Sento de pernas cruzadas no chão e espero. Um fluxo constante de pessoas começa a encher o local, ocupando espaços, recolhendo suprimentos. Não demora muito e o lugar já está lotado. Imagino se minha mãe e Prim vão passar a noite onde os pacientes do hospital foram levados. Mas, não, acho que não. Elas estavam na lista. Já estou começando a ficar ansiosa quando minha mãe aparece. Olho atrás dela para um mar de estranhos.

– Onde está Prim? – pergunto.

– Ela não está aqui? – diz ela. – Era para ter vindo direto do hospital. Ela saiu dez minutos antes de mim. Onde ela está? Para onde pode ter ido?

Fecho os olhos com força por um instante, para rastreá-la como rastrearia uma presa em uma caçada. Vejo-a reagindo às sirenes, correndo para ajudar os pacientes, balançando a cabeça para os que gesticulam indicando que ela deve descer para o bunker, e então hesito com ela na escada. Em dúvida por um momento. Mas por quê?

Meus olhos se abrem de súbito.

– O gato! Ela foi atrás dele!

– Ah, não – diz minha mãe. Nós duas sabemos que estou certa. Começamos a empurrar a onda de pessoas que se aproxima, tentando sair do bunker. Lá em cima, consigo vê-los se preparando para fechar as grossas portas de metal. Girando lentamente cada lado das rodas de metal para dentro. De algum modo, sei que assim que estiverem lacradas, nada no mundo convencerá os soldados a abri-las. Talvez até seja algo fora da alçada deles. Empurro as pessoas para o lado indiscriminadamente enquanto grito para esperarem. O espaço entre as portas diminui para um metro, trinta centímetros; restam apenas alguns centímetros quando enfio a mão na abertura.

– Abre isso aí! Deixe-me sair! – grito.

Um sentimento de consternação está bem visível nos rostos dos soldados à medida que eles revertem as rodas um pouquinho. Não o suficiente para me deixar passar, mas o suficiente para evitar que meus dedos sejam esmagados. Aproveito a oportunidade para encaixar meu ombro na abertura.

– Prim! – berro para a escada. Minha mãe implora aos guardas enquanto tento me esgueirar pela abertura. – Prim!

Então eu ouço. O tênue som de passos na escada.

– Estamos chegando! – ouço minha irmã gritar.

– Segure a porta! – Esse era Gale.

– Eles estão chegando! – digo aos guardas, e eles abrem a porta uns trinta centímetros. Mas não ouso me mexer (com medo de que nos tranquem do lado de fora) até que Prim aparece, suas bochechas em fogo devido à corrida, carregando Buttercup. Eu a puxo para dentro e Gale a segue, torcendo para o lado um braço cheio de bagagem para entrar no bunker. As portas são fechadas com um clangor final.

– Onde é que você estava com a cabeça? – Sacudo Prim com raiva e em seguida a abraço, esmagando Buttercup entre nós duas.

A explicação de Prim já está em seus lábios.

– Não podia deixá-lo para trás, Katniss. Seria a segunda vez. Você devia tê-lo visto correndo de um lado para o outro e miando. Ele teria voltado para proteger a gente.

– Tudo bem, tudo bem. – Respiro fundo algumas vezes para me acalmar, dou um passo para trás e ergo Buttercup pelo cangote. – Eu devia tê-lo afogado quando tive a oportunidade. – As orelhas dele se abaixam e ele ergue uma pata. Eu silvo antes que ele tenha chance de fazê-lo, o que parece perturbá-lo um pouco, já que ele imagina que silvos sejam uma demonstração sonora de desprezo exclusiva dele. Em retaliação, ele solta um inofensivo miado de gatinho que faz com que minha irmã apareça imediatamente em sua defesa.

– Ah, Katniss, não implique com ele – diz ela, segurando-o novamente nos braços. – Ele já está irritado demais.

A suposição de que eu havia ferido os sentimentozinhos felinos daquele ser desagradável é simplesmente um convite a mais provocações. Mas Prim está genuinamente perturbada por causa dele. Então, em vez disso, visualizo o pelo de Buttercup sendo usado como forro para um par de luvas, uma imagem que me ajudou a lidar com ele ao longo dos anos.

– Tudo bem, desculpe. Estamos embaixo do E grande na parede. É melhor acomodá-lo logo antes que ele pire completamente. – Prim sai correndo, e dou de cara com Gale. Ele está segurando a caixa de suprimentos médicos de nossa cozinha no 12. Local de nossa última conversa, de nosso beijo, de nossa discussão e tudo o mais. Minha bolsa de caçada está pendurada no seu ombro.

– Se Peeta estiver mesmo certo, isso aqui não teria a menor chance – diz ele.

Peeta. Sangue como gotas de chuva na janela. Como lama úmida nas botas.

– Obrigada por... tudo. – Pego as nossas coisas. – O que você estava fazendo nos nossos quartos?

– Dando uma geral pela segunda vez – diz ele. – Estamos no quarenta e sete se precisarem de mim.

Praticamente todos se retiraram para seus espaços quando as portas se fecharam, de modo que consigo chegar em nosso novo lar com pelo menos quinhentas pessoas me observando. Tento parecer extracalma para compensar a minha frenética correria em meio à multidão. Como se isso enganasse alguém. Até parece que sirvo como exemplo para quem quer que seja. Ah, quem se importa? Todos pensam que sou maluca mesmo. Um homem, que acho que derrubei no chão, olha para mim e esfrega o cotovelo, ressentido. Eu quase silvo para ele também.

Prim instalou Buttercup no beliche inferior, enrolado num cobertor de modo que apenas o rosto dele fica visível. É assim que ele gosta de ficar quando há trovão, a única coisa que realmente o assusta. Minha mãe coloca sua caixa cuidadosamente no cubo. Eu me agacho, as costas apoiadas na parede, para verificar o que Gale conseguiu resgatar na minha bolsa de caçada. O livro das plantas, a jaqueta de caçada, a foto do casamento de meus pais e o conteúdo pessoal da minha gaveta. Meu broche de tordo agora vive no traje de Cinna, mas tem o medalhão dourado com fecho e o paraquedas prateado com a cavilha e a pérola de Peeta. Dou um nó para prender a pérola no canto do paraquedas e enfio tudo bem no fundo da bolsa, como se fosse a vida de Peeta e ninguém tivesse o direito de tirá-la enquanto ela estivesse sob a minha guarda.

O tênue som das sirenes interrompe bruscamente meus pensamentos. A voz de Coin surge no sistema de áudio do distrito, agradecendo a todos por uma evacuação exemplar dos níveis superiores. Ela salienta que isso não é uma instrução de treinamento, já que Peeta Mellark, o vitorioso do Distrito 12, possivelmente fez na TV uma referência a um ataque ao 13 hoje à noite.

É nesse momento que a primeira bomba cai. Há uma sensação inicial de impacto seguida por uma explosão que ressoa nas partes mais recônditas de

meu corpo, no revestimento de meus intestinos, no tutano de meus ossos, nas raízes de meus dentes. *Vamos todos morrer*, penso. Meus olhos se voltam para cima, na expectativa de ver rachaduras gigantescas percorrendo o teto, enormes pedaços de pedra chovendo sobre nós, mas o bunker em si sofre apenas um ligeiro tremor. As luzes se apagam e experimento a desorientação proporcionada pela escuridão total. Indiscerníveis sons humanos – gritos espontâneos, respirações entrecortadas, choros de bebês, um trechinho musical de uma gargalhada insana – dançam ao redor do ar carregado. Então, ouve-se o zumbido de um gerador, e um brilho tênue e oscilante substitui a poderosa iluminação que é a norma no 13. É parecido com o que tínhamos em nossas casas no 12, quando as velas e o fogo queimavam baixinho nas noites de inverno.

Me aproximo de Prim na penumbra, agarro sua perna e me puxo para perto dela. Sua voz permanece equilibrada ao falar ternamente com Buttercup:

– Está tudo bem, bebê, está tudo bem. Estamos seguros aqui embaixo.

Minha mãe nos abraça. Deixo-me sentir jovem por um momento e descansar a cabeça em seu ombro.

– Isto não é nem um pouco parecido com as bombas que caíram no 8 – digo.

– Provavelmente foi um míssil de bunker – diz Prim, mantendo a voz tranquilizadora por causa do gato. – Ficamos sabendo deles durante a orientação para os novos cidadãos. Eles são projetados para penetrar bem fundo no chão antes de explodir. Porque não há mais sentido em bombardear a superfície do 13.

– Nuclear? – pergunto, sentindo um calafrio percorrendo o meu corpo.

– Não necessariamente – diz Prim. – Alguns deles possuem somente uma grande quantidade de explosivos em seu interior. Mas... pode ser de um tipo ou de outro, acho.

O brilho tênue torna difícil ver as pesadas portas de metal no fim do bunker. Será que elas seriam de alguma proteção contra um ataque nuclear? E mesmo que fossem cem por cento eficientes em bloquear a radiação, o que é realmente improvável, será que seríamos algum dia capazes de sair deste lugar? A ideia de passar seja lá o que resta de minha vida neste cofre de pedra me

deixa horrorizada. Eu quero sair correndo como uma louca e exigir ser liberada para encarar o que quer que haja acima de mim. É inútil. Eles jamais me deixariam sair, e eu poderia dar início a uma correria capaz de fazer com que pessoas fossem pisoteadas.

– Estamos tão fundo no subterrâneo que tenho certeza de que estamos em segurança – diz minha mãe, sem muita firmeza. Será que ela está pensando em meu pai explodindo em mil pedacinhos nas minas? – Mas essa foi por pouco. Ainda bem que Peeta teve meios para nos alertar.

Meios. Um termo geral que de alguma forma inclui tudo o que era necessário para ele soar o alarme. O conhecimento, a oportunidade, a coragem. E mais uma coisa que não consigo definir. Peeta parecia estar empreendendo uma espécie de batalha em sua mente, lutando para que a mensagem saísse. Por quê? A facilidade com a qual ele manipula as palavras é seu grande talento. Será que a dificuldade que ele teve foi resultado de tortura? De algo mais? Loucura, talvez?

A voz de Coin, quem sabe um pouquinho mais soturna, preenche o bunker, o volume do som oscilando com as luzes:

– Aparentemente, a informação de Peeta Mellark era correta e temos agora uma grande dívida de gratidão com ele. Os sensores indicam que o primeiro míssil não foi nuclear, mas bastante poderoso. Esperamos outros. Durante o ataque, os cidadãos devem permanecer nas áreas que lhes foram designadas a menos que sejam notificados para agirem de outra maneira.

Um soldado diz à minha mãe que ela está sendo requisitada na estação de primeiros socorros. Ela reluta em nos deixar, mesmo sabendo que estará a não mais do que trinta metros de distância de nós.

– Ficaremos bem, pode deixar – digo a ela. – Você acha que alguma coisa pode passar por esse aí? – Aponto para Buttercup, que mia para mim de um modo tão pouco entusiasmado que todas somos obrigadas a rir um pouco. Até eu estou com pena dele. Depois que minha mãe sai, sugiro: – Por que você não sobe com ele, Prim?

– Sei que é besteira... mas tenho medo de que o beliche desabe em cima de nós dois durante o ataque – diz ela.

Se os beliches desabarem, o bunker inteiro terá cedido e enterrado todos nós, mas decido que esse tipo de lógica realmente não ajudará em nada. Ao contrário, tiro tudo do cubo de estocagem e faço uma cama para Buttercup dentro dele. Em seguida, coloco um colchão na frente dele para minha irmã e eu compartilharmos.

Em pequenos grupos, somos liberados para usar o banheiro e escovar os dentes, porém os banhos de chuveiro foram cancelados. Eu me enrosco com Prim no colchão, fazendo uma dupla camada de cobertores porque o clima na caverna é úmido e frio. Buttercup, mal-humorado mesmo com a constante atenção de Prim, aninha-se no cubo e exala hálito de gato na minha cara.

Apesar das condições desagradáveis, estou contente por ter tempo para ficar com minha irmã. Minha extrema preocupação desde que cheguei aqui – não, desde os primeiros Jogos, na realidade – impediu que eu desse a atenção necessária a ela. Não tenho cuidado dela da maneira que deveria, da maneira que eu costumava cuidar. Afinal de contas, foi Gale quem verificou nosso compartimento, não eu. Algo que preciso compensar de alguma maneira.

Percebo que jamais tive a preocupação de perguntar como ela está lidando com o choque de vir para cá.

– E aí, está gostando do 13, Prim? – pergunto.

– Nesse exato instante? – pergunta ela. Nós duas rimos. – Eu às vezes sinto muita falta de casa. Mas aí lembro que não sobrou nada para a gente sentir falta. Sinto-me mais segura aqui. A gente não precisa se preocupar com você aqui. Bom, pelo menos não da mesma maneira. – Ela faz uma pausa, e então um sorriso tímido atravessa os seus lábios. – Acho que vão me treinar para ser médica.

É a primeira vez que eu ouço isso.

– Bom, é claro que vão. Eles seriam muito burros se não fizessem isso.

– Eles me observam quando ajudo no hospital. Já estou fazendo os cursos de medicina. É só coisa de iniciante. Já aprendi muito disso em casa. Mesmo assim, ainda tenho muita coisa a aprender – diz ela.

– Isso é ótimo – respondo. Prim médica. Ela nem podia sonhar com algo assim no 12. Uma coisa pequena e silenciosa, como um fósforo sendo riscado,

ilumina a sombra dentro de mim. Esse é o tipo de futuro que uma rebelião poderia proporcionar.

– E você, Katniss? Como é que você está se virando? – A ponta do dedo dela realiza movimentos curtos e delicados entre os olhos de Buttercup. – E não vai me dizer que você está bem.

É verdade. Seja lá qual for o oposto de bem, é exatamente assim que estou me sentindo. Então vou em frente e conto para ela sobre Peeta, sua deterioração na TV, e como penso que eles devem estar acabando com a vida dele neste exato momento. Buttercup precisa se virar sozinho por um tempo, porque Prim agora volta sua atenção para mim. Puxando-me para mais perto, acariciando os meus cabelos com os dedos. Parei de falar porque realmente não há mais nada a ser dito e há uma espécie de dor pungente onde meu coração se encontra. Inclusive, é possível que eu esteja tendo um ataque cardíaco, mas não parece algo que valha a pena ser mencionado.

– Katniss, não acho que o presidente Snow vai matar Peeta – diz ela. É claro que ela diz isso; é o que ela imagina que vai me acalmar. Mas suas palavras seguintes vêm como uma surpresa. – Se ele fizer isso, ele não vai ter mais ninguém que você queira. Ele não vai mais ter nenhuma forma de ferir você.

De repente, lembro de uma outra garota, uma que havia visto todo o mal que a Capital tinha a oferecer. Johanna Mason, a tributo do Distrito 7, na última arena. Eu tentava impedir que ela entrasse na selva onde os gaios tagarelas estavam imitando as vozes de pessoas queridas sendo torturadas, mas ela foi logo me cortando, dizendo: *"Eles não podem me fazer nenhum mal. Não sou como vocês. Não há mais ninguém no mundo que eu ame."*

Então descubro que Prim tem razão, que Snow não pode se dar ao luxo de desperdiçar a vida de Peeta, principalmente agora que o Tordo está causando tanto tumulto. Ele já matou Cinna. Destruiu minha casa. Minha família, Gale e até mesmo Haymitch estão fora de seu alcance. Peeta é tudo o que lhe resta.

– Então, o que você acha que vão fazer com ele? – pergunto.

Prim parece ter mil anos de vida quando responde:

– O que for necessário para quebrar você.



O que vai me quebrar?

Essa é a questão que me consome ao longo dos três dias seguintes, enquanto esperamos para ser libertados de nossa prisão de segurança. O que vai me quebrar em um milhão de pedacinhos de modo que eu fique além de qualquer possibilidade de conserto, além de qualquer possibilidade de utilização? Não menciono isso a ninguém, mas a questão devora minhas horas de vigília e se enreda por meus pesadelos.

Quatro outros mísseis de bunker são lançados durante esse período, todos eles imensos, todos eles bastante destrutivos, mas não há urgência no ataque. As bombas são espalhadas ao longo das intermináveis horas, de modo que justamente quando você pensa que o bombardeio acabou, mais uma explosão lança ondas de choque em suas entranhas. O ataque parece mais ter o intuito de nos manter confinados que de dizimar completamente o 13. Aleijar o distrito, sim. Obrigar as pessoas a ter muito o que fazer para que o lugar volte a funcionar. Mas destruí-lo? Não. Coin estava certa nesse ponto. Você não destrói o que deseja adquirir no futuro. Imagino que o que eles realmente desejam, a curto prazo, seja interromper os Assaltos Televisivos e me manter afastada das TVs de Panem.

Quase não recebemos informação a respeito do que está acontecendo. Nossas telas nunca estão ligadas, e recebemos apenas breves atualizações em áudio de Coin sobre a natureza das bombas. Certamente, a guerra ainda está em curso, mas estamos totalmente no escuro em relação às condições gerais das batalhas.

No interior do bunker, cooperação é a ordem do dia. Aderimos a uma rígida programação de refeições e banhos, exercício e sono. Pequenos períodos de socialização são liberados para aliviar o tédio. Nosso espaço torna-se bastante popular porque não só crianças como também adultos têm uma fascinação por Buttercup. Ele adquiriu status de celebridade com seu jogo noturno de Gato Louco. Criei isso por acaso alguns anos atrás, durante um blecaute de inverno. Você simplesmente move a luz de uma lanterna no chão e Buttercup tenta pegá-la. Como sou mesquinha, me divirto com isso, pois a brincadeira o faz parecer idiota. Inexplicavelmente, todos aqui o acham inteligente e adorável. Ganho até um par de pilhas especiais – um enorme desperdício – para ser usado com esse propósito. Os cidadãos do 13 são verdadeiramente sedentos por diversão.

É na terceira noite, durante nosso joguinho, que respondo a pergunta que está me consumindo. O Gato Louco torna-se uma metáfora da minha situação. Eu sou Buttercup. Peeta, a coisa que quero tanto proteger, é a luz. No tempo durante o qual Buttercup sente que tem uma chance de pegar a luz elusiva com suas patas, ele fica com o pelo eriçado de tanta agressividade. (É assim que tenho estado desde que saí da arena, com Peeta vivo.) Quando as luzes se apagam totalmente, Buttercup fica temporariamente irritado e confuso, mas se recupera e começa a fazer outras coisas. (É isso que aconteceria se Peeta morresse.) Mas a única coisa que faz com que Buttercup perca inteiramente o controle é deixar a luz acesa, porém totalmente intocável, bem no alto da parede, fora inclusive do alcance de seus habilidosos saltos. Ele corre de um lado para o outro pela parede, choraminga e não consegue se conformar ou se distrair. Nada o acalma até que eu apague as luzes. (Isso é o que Snow está tentando fazer comigo agora, só que não sei qual é a forma do jogo dele.)

Talvez essa minha percepção seja tudo de que Snow necessita. Pensar que Peeta está em suas mãos e sendo torturado para revelar informações dos rebeldes é ruim. Mas pensar que ele está sendo torturado especificamente para me incapacitar é insuportável. E é sob o peso dessa revelação que começo a quebrar de verdade.

Depois do Gato Louco, somos dirigidos a nossas camas. A energia vai e vem; às vezes as luminárias ficam totalmente acesas, em outras, somos

obrigados a estreitar os olhos no breu. Na hora de dormir, eles colocam as luminárias em estado de quase escuridão e acionam as luzes de segurança em cada espaço. Prim, que decidiu que as paredes permanecerão firmes, está aconchegada em Buttercup no beliche inferior. Minha mãe está no superior. Eu me ofereço para pegar um beliche, mas elas insistem para que eu fique no colchão do chão, já que me debato demais quando estou dormindo.

Não estou me debatendo agora, já que meus músculos estão rígidos devido à tensão para me manter controlada. A dor em meu coração retorna, e imagino diminutas fissuras espalhando-se a partir dele pelo meu corpo. Por meu torso, braços e pernas, pelo meu rosto, marcando-o com as rachaduras. Uma boa sacudida de um míssil de bunker e eu poderia me despedaçar em incontáveis cacos afiados.

Quando a maioria inquieta e agitada adormece, me solto cuidadosamente do cobertor e ando na pontinha dos pés pela caverna até encontrar Finnick, sentindo, por algum motivo não especificado, que ele irá compreender. Ele está sentado sob a luz de segurança em seu espaço, fazendo um nó em seu barbante, nem mesmo fingindo descansar. Enquanto sussurro minha descoberta do plano de Snow para me quebrar, uma ideia me ocorre. Essa estratégia é notícia velha demais para Finnick. Foi isso que o quebrou.

– É isso que estão fazendo com você, usando a Annie, não é? – pergunto.

– Bom, eles não a prenderam porque pensavam que ela fosse uma rica fonte de informações sobre os rebeldes – diz Finnick. – Eles sabem que eu nunca teria corrido o risco de contar para ela qualquer coisa desse tipo. Para própria proteção dela.

– Ah, Finnick. Sinto muito.

– Não, eu é que sinto muito. Por não ter conseguido, de uma forma ou de outra, alertar você sobre isso – diz ele.

De repente, uma lembrança aflora. Estou amarrada a uma cama, louca de raiva e pesar depois do resgate. Finnick está tentando me consolar em relação a Peeta. *"Eles vão entender com muita rapidez que ele não sabe nada. E não vão matá-lo se acharem que podem usá-lo contra você."*

– Mas você me alertou, sim. No aerodeslizador. Só que quando você disse que eles usariam Peeta contra mim, pensei que quisesse dizer que a coisa

funcionaria como uma isca. Para me atrair de alguma maneira para dentro da Capital – digo.

– Eu não devia nem ter dito isso. Era tarde demais para ter alguma serventia para você. Assim como eu não te alertei antes do Massacre Quaternário, devia ter ficado calado sobre a maneira como Snow funciona. – Finnick dá um puxão na extremidade de seu barbante e um intricado nó transforma-se novamente numa linha reta. – É que eu não entendia tudo muito bem quando conheci você. Depois da primeira vez que você participou dos Jogos Vorazes, pensei que o romance fosse uma encenação que você tinha inventado. Todos esperávamos que você fosse continuar com essa estratégia. Mas foi só quando Peeta deu de cara com aquele campo de força e quase morreu que eu... – Finnick hesita.

Relembro a arena. Como solucei quando Finnick reviveu Peeta. O olhar de quem não estava entendendo nada no rosto de Finnick. O modo como ele perdoou meu comportamento, botando a culpa em minha suposta gravidez.

– Que você o quê?

– Que eu soube que tinha julgado você de maneira equivocada. Que você realmente o ama. Não estou dizendo que seja necessariamente de forma romântica. De repente nem você mesma sabe. Mas qualquer pessoa que preste atenção consegue ver o quanto você gosta dele – diz ele, com delicadeza.

Qualquer pessoa? Na visita de Snow antes da Turnê da Vitória, ele me desafiou a apagar quaisquer dúvidas de meu amor por Peeta. *"Convença a mim"*, disse Snow. Ao que parece, sob aquele céu quente e cor-de-rosa com a vida de Peeta no limbo, eu finalmente o convenci. E ao fazê-lo, dei a ele a arma de que precisava para me quebrar.

Finnick e eu ficamos sentados em silêncio por um longo tempo, observando os nós surgindo e desaparecendo, até eu finalmente conseguir perguntar:

– Como é que você suporta?

Finnick olha para mim com a descrença estampada no rosto.

– Eu não suporto, Katniss! Eu obviamente não suporto. Eu me arrasto dos pesadelos todas as manhãs e descubro que não há nenhum alívio em estar acordado. – Algo em minha expressão faz com que ele interrompa o discurso. – É melhor não ceder a isso. É dez vezes mais demorado se recuperar da crise do que entrar nela.

Bom, ele deve saber. Respiro fundo, forçando-me a manter intacta a minha integridade física e moral.

– Quanto mais você conseguir se distrair, melhor – diz ele. – A primeira coisa que a gente vai fazer amanhã é providenciar um barbante para você. Até lá, pode ficar com o meu.

Passo o resto da noite em meu colchão fazendo nós obsessivamente, erguendo-os para a inspeção de Buttercup. Se algum deles parece suspeito, ele o acerta em pleno ar e lhe dá algumas dentadas até se certificar de que está morto. De manhã, meus dedos estão doendo, mas continuo insistindo.

Com vinte e quatro horas de tranquilidade atrás de nós, Coin finalmente anuncia que podemos deixar o bunker. Nossos antigos aposentos foram destruídos pelos bombardeios. Todos devem seguir orientações precisas sobre como chegar a seus novos compartimentos. Limpamos nosso espaço de acordo com a orientação, e seguimos em fila obedientemente até a porta.

Antes que eu chegue na metade do caminho, Boggs aparece e me tira da fila. Ele faz um sinal para que Gale e Finnick se juntem a nós. Pessoas se afastam para nos deixar passar. Algumas inclusive sorriem para mim, já que a brincadeira do Gato Louco parece ter feito com que eu parecesse ainda mais adorável aos olhos delas. Passamos pela porta, subimos a escada, percorremos o corredor até um dos elevadores multidirecionais e finalmente chegamos à Defesa Especial. Nada ao longo de nosso percurso foi destruído, mas ainda estamos em um nível muito profundo.

Boggs nos guia até o interior de uma sala virtualmente idêntica ao Comando. Coin, Plutarch, Haymitch, Cressida e todos os outros ao redor da mesa parecem exaustos. Alguém finalmente mudou as regras em relação ao café – embora eu tenha certeza de que ele é visto apenas como um estimulante emergencial –, e Plutarch aperta sua xícara com ambas as mãos como se a qualquer momento ela pudesse lhe ser retirada.

Vão direto ao assunto:

– Precisamos de vocês quatro equipados e de volta à superfície – diz a presidenta. – Vocês têm duas horas para realizar tomadas que mostrem os estragos feitos pelos bombardeios, definir que as unidades militares do 13

continuam não apenas funcionais como também mantêm domínio da situação e, o mais importante, que o Tordo ainda está vivo. Alguma pergunta?

– Podemos tomar um café? – pergunta Finnick.

Xícaras fumegantes são entregues. Olho para o brilhante líquido preto sem demonstrar nenhum prazer, já que jamais fui muito fã da bebida, mas pensando que talvez ela possa me ajudar a me manter de pé. Finnick joga um pouco de creme na minha xícara e pega o açucareiro.

– Quer um torrão de açúcar? – pergunta ele com sua antiga voz sedutora. Foi assim que nos conhecemos, com Finnick me oferecendo açúcar. Cercados por cavalos e carruagens, vestidos e pintados para a multidão, antes de nos tornarmos aliados. Antes que eu pudesse fazer a menor ideia do que o motivava. A lembrança coloca um sorriso em meu rosto. – Aqui, o gosto fica bem melhor – diz ele com sua verdadeira voz, botando três cubos na minha xícara.

Assim que me viro para sair e vestir meu traje de Tordo, me dou conta de que Gale está observando a mim e a Finnick com um olhar de infelicidade. O que é agora? Será que ele pensa que existe alguma coisa acontecendo entre nós? Talvez ele tenha me visto indo para o espaço de Finnick ontem à noite. Devo ter passado pelo espaço dos Hawthorne para chegar lá. Acho que provavelmente ele não viu a coisa com bons olhos. Procurei a companhia de Finnick em vez da dele. Bom, que ótimo. Estou com assaduras de barbante em meus dedos, mal consigo manter os olhos abertos e uma equipe de cinegrafistas espera que eu faça alguma coisa brilhante. E Snow está com Peeta. Gale pode pensar o que bem entender.

Na minha nova Sala de Transformação, na Defesa Especial, minha equipe de preparação me enfia no traje de Tordo, penteia meus cabelos e aplica o mínimo de maquiagem antes mesmo de o café esfriar. Em dez minutos, o elenco e a equipe do próximo pontoprop estão percorrendo o circuito em direção ao exterior. Engulo o café enquanto seguimos viagem, descobrindo que o creme e o açúcar melhoram muito o sabor. Enquanto boto para dentro o que restou de líquido no fundo da xícara, sinto um ligeiro zumbido começando a correr por minhas veias.

Depois de subir uma última escada, Boggs atinge uma alavanca que abre um alçapão. Ar fresco sopra do exterior. Absorvo largas golfadas e pela primeira vez me permito sentir o quanto eu odiava o bunker. Emergimos na floresta, e minhas mãos passam pelas folhas sobre a minha cabeça. Algumas começaram recentemente a mudar de cor.

– Que dia é hoje? – pergunto a ninguém em particular. Boggs me diz que setembro começa na semana seguinte.

Setembro. Isso significa que Snow está com as garras em Peeta há cinco, quem sabe seis, semanas. Examino uma folha na palma da mão e vejo que estou tremendo. Não consigo fazer com que o meu corpo pare. Culpo o café e tento me concentrar para diminuir a intensidade da respiração, que está rápida demais para o meu ritmo.

Destroços começam a se revelar em grande quantidade no solo da floresta. Chegamos à primeira cratera, trinta metros de largura e não sei dizer quantos metros de profundidade. Muitos. Boggs diz que qualquer pessoa nos primeiros dez níveis provavelmente teria morrido. Contornamos o fosso e seguimos.

– Vocês conseguem reconstruir isso? – pergunta Gale.

– Vai demorar um bom tempo. Aquele lugar ali não tinha muita coisa. Alguns geradores e uma granja – diz Boggs. – A gente vai lacrar e pronto.

As árvores desaparecem à medida que entramos na área no interior da cerca. As bordas das crateras estão repletas de uma mistura de detritos novos e velhos. Antes do bombardeio, quase nada do atual 13 ficava acima da superfície. Algumas guaritas. A área de treinamento. Mais ou menos uns trinta centímetros do piso superior de nosso edifício – onde a janela de Buttercup se projetava – com vários metros de aço em cima. Nem mesmo isso foi construído para suportar mais do que um ataque superficial.

– Quanto tempo o aviso do garoto deu a vocês? – pergunta Haymitch.

– Mais ou menos dez minutos antes de nossos próprios sistemas detectarem os mísseis – diz Boggs.

– Mas ajudou, certo? – pergunto. Não vou conseguir suportar se ele disser não.

– Com toda a certeza – responde Boggs. – A evacuação dos civis foi completa. Segundos são de suma importância quando você está sendo atacado.

Dez minutos significaram vidas salvas.

Prim, penso. *E Gale*. Eles estavam no bunker apenas alguns minutos antes de o primeiro míssil nos atingir. Peeta pode muito bem tê-los salvo. Acrescente os nomes deles à lista de coisas que jamais deixarei de dever a ele.

Cressida tem a ideia de me filmar em frente às ruínas do antigo Edifício da Justiça, o que parece até uma piada, já que a Capital o tem utilizado como pano de fundo para transmissões de notícias falsas há anos, para mostrar que o distrito não existe mais. Agora, com o ataque recente, o Edifício de Justiça está a mais ou menos dez metros da borda de uma nova cratera.

Assim que nos aproximamos do que era antes a grandiosa entrada do prédio, Gale aponta algo e o grupo todo diminui o passo. De início, não sei qual é o problema, mas então vejo que o piso está carregado de rosas recém-colhidas, vermelhas e cor-de-rosa.

– Não toquem nelas! – berro. – Elas são para mim!

O enjoativo cheiro adocicado atinge o meu nariz, e meu coração começa a martelar no peito. Então eu não estava imaginando coisas. A rosa em meu vestíbulo. Diante de mim encontra-se a segunda encomenda de Snow. Lindas rosas vermelhas e cor-de-rosa com longos caules, as próprias flores que decoravam o set onde Peeta e eu demos nossa entrevista pós-vitória. Flores não para uma pessoa, mas para um casal de amantes.

Explico aos outros da melhor forma possível. Após uma inspeção, elas parecem flores inofensivas, talvez geneticamente aprimoradas. Duas dúzias de rosas. Ligeiramente murchas. Muito provavelmente jogadas após o último bombardeio. Uma equipe com roupas especiais as recolhe e as leva para longe. Entretanto, tenho certeza de que eles não encontrarão nada de extraordinário nelas. Snow sabe exatamente o que está fazendo comigo. É como ver Cinna sendo agredido brutalmente do meu tubo para transporte de tributos. Projetado para me deixar desequilibrada.

Como naquele momento, tento reunir minhas forças e reagir. Mas assim que Cressida posiciona Castor e Pollux, sinto minha ansiedade crescendo. Estou muito cansada, pilhada demais, e totalmente incapaz de manter a mente em qualquer coisa que não seja Peeta, depois que vi as rosas. O café foi um erro enorme. O que eu não precisava era de um estimulante. Meu corpo treme

visivelmente e tenho a sensação de que não consigo respirar. Depois de dias no bunker, preciso estreitar os olhos independentemente de para qual direção me vire, e as luzes doem. Mesmo na brisa fria, suor escorre pelo meu rosto.

– E aí, o que exatamente vocês precisam que eu faça mesmo? – pergunto.

– Só umas frases curtinhas que mostrem que você está viva e ainda lutando – diz Cressida.

– Tudo bem. – Eu me posiciono e então olho diretamente a luz vermelha. E ali fico. Olhando. E olhando. – Desculpe, não tenho nada a dizer.

Cressida vai até onde me encontro.

– Você está se sentindo bem? – Aceno que sim com a cabeça. Ela tira um pequeno pedaço de tecido do bolso e enxuga meu rosto. – Que tal a gente fazer o velho esquema pergunta e resposta?

– Beleza. Isso ajuda, acho. – Cruzo os braços para esconder o tremor. Olho de relance para Finnick, que levanta o polegar para mim. Mas ele próprio parece estar bem trêmulo.

Cressida está posicionada novamente.

– E então, Katniss. Você sobreviveu ao bombardeio que a Capital infligiu ao 13. Como ele pode ser comparado ao que você experimentou no 8?

– Dessa vez estávamos muito no subterrâneo, não havia um perigo real. O 13 está vivo e bem, assim como... – Minha voz fica embargada, com uma sonoridade seca e estridente.

– Tenta falar a frase de novo – diz Cressida. – O 13 está vivo e bem, assim como eu.

Respiro fundo, tentando forçar a entrada de ar em meu diafragma.

– O 13 está vivo, assim como... – Não, está errado.

Juro que ainda consigo sentir o cheiro daquelas rosas.

– Katniss, só essa frase e chega por hoje. Prometo – diz Cressida. – O 13 está vivo e bem, assim como eu.

Balanço os braços para me soltar um pouco. Coloco os punhos na cintura. Então os deixo cair. Minha boca está ficando com uma quantidade ridícula de saliva e sinto vômito no fundo da garganta. Engulo com força e abro a boca para fazer com que a droga da frase saia e eu possa ir me esconder na floresta e... é então que começo a chorar.

É impossível ser o Tordo. Impossível completar até mesmo essa única sentença. Porque agora sei que tudo que disser recairá diretamente sobre Peeta. Resultará em tortura para ele. Mas não na morte dele, não, nada tão misericordioso como isso. Snow garantirá que a vida dele seja muito pior do que a morte.

– Corta – ouço Cressida falar calmamente.

– Qual é o problema com ela? – diz Plutarch entre os dentes.

– Ela percebeu como Snow está usando Peeta – diz Finnick.

Há algo parecido com um suspiro coletivo de lamentação, emitido pelo semicírculo de pessoas espalhadas diante de mim. Porque agora estou ciente disso. Porque jamais haverá uma maneira de não voltar a estar ciente disso. Porque, além da desvantagem militar que a perda de um Tordo acarreta, estou quebrada.

Diversos pares de braços me abraçariam. Mas, no fim das contas, a única pessoa que realmente quero que me console é Haymitch, porque ele também ama Peeta. Eu me aproximo dele e pronuncio algo que soa como seu nome e lá está ele, me abraçando e me dando tapinhas nas costas.

– Está tudo bem. Vai ficar tudo bem, queridinha. – Ele me coloca sentada em cima de um pilar de mármore e continua me abraçando enquanto soluço.

– Eu não consigo mais fazer isso – digo.

– Eu sei – diz ele.

– Eu só consigo pensar no que... ele vai fazer com o Peeta... por eu ser o Tordo! – extravaso.

– Eu sei. – Haymitch me abraça com mais intensidade.

– Você viu? Você viu como ele agiu de modo estranho? O que eles estão... fazendo com ele? – Estou arfando em busca de ar entre um soluço e outro, mas consigo articular uma última frase. – Foi culpa minha! – E então começo a me expressar no limite da histeria, sinto uma agulha no meu braço e o mundo gira até sumir de vez.

Seja lá o que for que eles me injetaram, deve ter sido forte, porque só recobro os sentidos depois de um dia inteiro. Porém, meu sono não foi tranquilo. Tenho a sensação de estar emergindo de um mundo repleto de locais sombrios e assustadores por onde viajava sozinha. Haymitch está sentado na

cadeira ao lado da minha cama, a pele pálida, os olhos vermelhos. Eu me lembro de Peeta e começo a tremer novamente.

Haymitch se aproxima de mim e aperta meu ombro.

– Está tudo bem. Vamos tentar libertar o Peeta.

– O quê? – Isso não faz sentido.

– Plutarch está enviando uma equipe de resgate. Ele tem um pessoal infiltrado. Ele acha que conseguimos tirar Peeta de lá com vida – diz Haymitch.

– Por que a gente não fez isso antes? – pergunto.

– Porque é custoso. Mas todos concordam que isso é a coisa certa a ser feita. É a mesma escolha que fizemos na arena. Fazer tudo o que for possível para que você siga em frente. Não podemos perder o Tordo agora. E você não consegue fazer sua parte a menos que saiba que Snow não vai poder descontar em Peeta. – Haymitch me oferece uma xícara. – Tome, beba um pouco.

Eu me sento lentamente e tomo um gole da água.

– O que você quer dizer com custoso?

Ele dá de ombros.

– Os disfarces vão pelos ares. Pessoas podem morrer. Mas não se esqueça que elas estão morrendo todos os dias. E não é só Peeta; nós também vamos tirar Annie de lá, por causa do Finnick.

– Onde é que ele está? – pergunto.

– Atrás daquela tela, dormindo por conta do sedativo. Ele ficou enlouquecido logo depois que a gente nocauteou você – diz Haymitch. Eu sorrio ligeiramente, e me sinto um pouquinho menos fraca. – Pode crer. O remédio é excelente mesmo. Com vocês dois imprestáveis, sobrou para o Boggs organizar a missão de resgate de Peeta. Estamos oficialmente passando só reprises.

– Bom, se Boggs está liderando a missão, já é um bom indício – digo.

– Ah, ele está comandando a operação. Era para ser apenas com voluntários, mas ele fingiu não reparar quando balancei a mão no ar – diz Haymitch. – Está vendo? Ele já demonstrou uma boa capacidade de julgamento.

Tem alguma coisa errada. Haymitch está tentando me entusiasmar de um modo um pouco exagerado. Esse não é bem o estilo dele.

– E aí, quem mais se apresentou como voluntário?

– Acho que foram sete ao todo – diz ele, evasivamente.

Estou com um pressentimento ruim na boca do estômago.

– Quem mais, Haymitch? – insisto.

Haymitch finalmente abandona a encenação bem-intencionada.

– Você sabe quem mais, Katniss. Você sabe quem foi o primeiro a se apresentar.

É claro que sei.

Gale.



Pode ser que hoje eu perca os dois.

Tento imaginar um mundo onde as vozes de Gale e Peeta tenham deixado de existir. Em que suas mãos estejam inertes. Seus olhos fechados. Me vejo parada, observando seus corpos, dando uma última olhada, saindo da sala onde estão deitados. Mas quando abro a porta para pisar no mundo, a única coisa que existe é um tremendo vazio. Um nada cinzento e pálido que é tudo o que me espera no futuro.

– Você quer que eu peça para eles te sedarem até que tudo esteja terminado? – pergunta Haymitch. Ele não está brincando. Esse é um homem que passou a vida adulta no fundo de uma garrafa, tentando se anestesiar contra os crimes perpetrados pela Capital. O garoto de dezesseis anos de idade que venceu o segundo Massacre Quaternário deve ter tido pessoas a quem amou, familiares, amigos, uma paixão, quem sabe, e que lutou para rever. Onde estão essas pessoas agora? Como é possível que, até o momento em que Peeta e eu fomos jogados em cima dele, não tenha havido absolutamente ninguém em sua vida? O que Snow fez com essas pessoas?

– Não – digo. – Quero ir para a Capital. Quero fazer parte da missão de resgate.

– Eles já foram – diz Haymitch.

– Há quanto tempo eles saíram? Posso alcançá-los. Eu posso... – O quê?! O que posso fazer?

Haymitch balança a cabeça.

– Não há a menor chance de isso acontecer. Você é valiosa demais e vulnerável demais. Havia uma ideia de mandá-la para outro distrito para desviar a atenção da Capital enquanto o resgate ocorria. Mas ninguém achou que você pudesse lidar com isso.

– Por favor, Haymitch! – Agora estou implorando. – Preciso fazer alguma coisa. Não posso ficar aqui sentada esperando ouvir se eles morreram ou não. Deve ter alguma coisa que eu possa fazer!

– Tudo bem. Deixe-me falar com Plutarch. Fique quietinha aí. – Mas eu não consigo. Os passos de Haymitch ainda estão ecoando no corredor externo quando me insiro na fenda da cortina divisória e encontro Finnick de bruços, esparramado na cama, mãos contorcidas no travesseiro. Embora seja uma atitude covarde (até mesmo cruel) despertá-lo de sua sombria e muda paisagem entorpecida para trazê-lo de volta à bruta realidade, sigo em frente e faço isso porque não consigo suportar encarar tudo sozinha.

Enquanto explico a situação, a agitação inicial dele reduz-se misteriosamente.

– Você não vê, Katniss? Isso vai decidir tudo. De um jeito ou de outro. No fim do dia, ou eles estarão mortos ou estarão aqui conosco. É mais do que... é mais do que a gente poderia sonhar!

Bom, essa é uma visão bastante otimista de nossa situação. E ainda assim, há algo tranquilizador na ideia de que esse tormento pode vir a terminar.

A cortina é afastada e lá está Haymitch. Ele tem um serviço para nós dois, se conseguirmos nos controlar. Eles ainda precisam de tomadas do 13 após o bombardeio.

– Se a gente conseguir esse material nas próximas horas, Beetee pode colocar isso no ar até o momento do resgate, e de repente até desvia a atenção da Capital para outros pontos.

– Sim, uma distração – diz Finnick. – Meio que um chamariz.

– O que a gente realmente precisa é de uma coisa que seja tão atraente que nem mesmo o presidente Snow seria capaz de ignorar. Vocês têm algo assim? – pergunta Haymitch.

Realizar um serviço que pode vir a ajudar a missão me deixa atenta e concentrada. Enquanto ponho o café da manhã para dentro e me preparo,

tento pensar no que poderia dizer. O presidente Snow deve estar imaginando como aquele piso salpicado de sangue e suas rosas está me afetando. Se ele quer me ver quebrada, então terei de estar inteira. Mas não acho que vou convencê-lo de coisa alguma gritando algumas frases de efeito desafiadoras diante das câmeras. Rompantes têm vida curta. São as histórias que duram.

Não sei se isso vai funcionar, mas quando a equipe de TV está toda reunida na superfície, pergunto a Cressida se ela não podia começar me perguntando alguma coisa sobre Peeta. Sento em cima do pilar de mármore caído, onde tive minha crise nervosa, e fico esperando a luz vermelha e a pergunta de Cressida.

– Como você conheceu Peeta?

E então faço aquilo que Haymitch queria desde a minha primeira entrevista. Me abro.

– Quando conheci Peeta, eu tinha onze anos e estava quase morta. – Falo sobre aquele dia horrível em que tentei vender as roupas de bebê na chuva, de como a mãe de Peeta me enxotou da porta da padaria e de como ele tomou uma surra por ter me levado os pães que salvaram as nossas vidas. – Nós nunca havíamos nem conversado um com o outro. A primeira vez na vida em que falei com Peeta foi no trem, indo para os Jogos.

– Mas ele já estava apaixonado por você – diz Cressida.

– Acho que sim. – Dou um leve sorriso.

– Como é que vocês estão lidando com a separação? – pergunta ela.

– Não muito bem. Sei que a qualquer momento Snow pode acabar com a vida dele. Principalmente depois de ele ter alertado o 13 do bombardeio. É terrível conviver com uma coisa assim – digo. – Mas justamente por causa de tudo pelo que ele tem sido obrigado a passar, não tenho mais nenhuma reserva em fazer o que quer que seja necessário para destruir a Capital. Finalmente estou livre. – Levanto os olhos para o céu e observo o voo de um gavião. – O presidente Snow uma vez admitiu que a Capital era frágil. Na época, não entendi o que aquilo significava. Era difícil ver com clareza porque eu tinha muito medo. Agora não tenho mais. A Capital é frágil porque depende dos distritos para tudo. Comida, energia, até mesmo para recrutar os Pacificadores que nos policiam. Se proclamarmos nossa liberdade, a Capital entra em

colapso. Presidente Snow, graças a você, estou oficialmente proclamando a minha hoje.

Minha atuação, se não foi esfuziante, foi suficiente. Todos amam a história dos pães. Mas é minha mensagem ao presidente Snow que faz com que as engrenagens no cérebro de Plutarch comecem a girar. Ele convoca Finnick e Haymitch às pressas e eles têm uma conversa breve, porém intensa, e posso ver que Haymitch não está nem um pouco contente. Plutarch parece vencer a discussão – Finnick está pálido, mas balança a cabeça e concorda ao final.

Quando Finnick se move para tomar meu lugar diante da câmera, Haymitch diz a ele:

– Você não é obrigado a fazer isso.

– Sou, sim. Se for para ajudá-la. – Finnick embola o barbante que está em sua mão. – Estou pronto.

Não sei o que esperar. Uma história de amor com Annie? Um relato dos abusos no Distrito 4? Mas Finnick Odair toma um rumo completamente diferente.

– O presidente Snow costumava... me vender... ou seja, vender meu corpo. – Finnick começa num tom neutro, distante. – Não fui o único. Se um vitorioso é considerado desejável, o presidente o dá como recompensa ou permite que as pessoas o comprem por uma quantidade exorbitante de dinheiro. Se você se recusa, ele mata alguém que você ama. Então você aceita.

Então isso explica tudo. O desfile de amantes de Finnick na Capital. Não se tratava exatamente de amantes no sentido real do termo. Apenas pessoas como Cray, nosso antigo Chefe dos Pacificadores, que comprava garotas desesperadas para devorá-las e descartá-las simplesmente porque podia fazer isso. Eu queria interromper a gravação e pedir perdão a Finnick por todos os pensamentos equivocados que tive em relação a ele desde que o conheci. Mas temos um serviço a fazer, e sinto que o papel de Finnick será bem mais eficaz que o meu.

– Não fui o único, mas fui o mais popular – diz ele. – E talvez o mais indefeso, porque as pessoas que eu amava também eram. Para se sentirem melhor a respeito do que faziam, meus clientes me davam presentes em dinheiro ou joias, mas descobri uma forma de pagamento muito mais valiosa.

Segredos, penso. Essa era a forma de pagamento que Finnick recebia de seus amantes, só que antes eu imaginava que o acordo fosse definido por ele.

– Segredos – diz ele, ecoando meus pensamentos. – E é aí que você vai querer ficar sintonizado, presidente Snow, porque muitos deles eram a seu respeito. Mas vamos começar com alguns dos outros.

Finnick começa a tecer uma tapeçaria tão rica em detalhes que não é possível duvidar de sua autenticidade. Narrativas que giram em torno de apetites sexuais excêntricos, traições amorosas, ganância sem fim e sangrentos jogos de poder. Segredos embriagados, sussurrados em travesseiros úmidos na calada da noite. Finnick era alguém comprado e vendido. Um escravo de distrito. Um belo escravo, certamente, mas de fato inofensivo. A quem ele contaria? E quem acreditaria nele se o fizesse? Mas alguns segredos são deliciosos demais para não serem compartilhados. Não conheço as pessoas que Finnick está nomeando – todas parecem ser proeminentes cidadãos da Capital –, mas compreendo, só de ouvir as fofocas da minha equipe de preparação, a atenção que o mais suave deslize de julgamento pode acarretar. Se um penteado feio pode levar a horas de fofoca, o que não produzirão acusações de incesto, punhaladas pelas costas, chantagens e incêndios criminosos? Mesmo com as ondas de choque e recriminação rolando pela Capital, seus residentes estarão esperando, como estou agora, ouvir o que o presidente tem a dizer.

– E agora, chegamos a nosso bom presidente Coriolanus Snow – diz Finnick. – Um homem tão jovem quando alçado ao poder. E tão sagaz em mantê-lo. Como, vocês devem estar se perguntando, ele conseguiu isso? Uma palavra. Isso é tudo o que vocês realmente precisam saber. Veneno. – Finnick rememora a ascensão política de Snow, sobre a qual eu não sei nada, e segue até sua chegada à presidência, apontando caso após caso das misteriosas mortes dos adversários dele ou, pior ainda, de aliados que tinham o potencial para se tornarem ameaças. Pessoas caindo mortas em algum banquete ou transformando-se lenta e inexplicavelmente em sombras ao longo de meses. A culpa atribuída a frutos do mar estragados, algum vírus elusivo ou alguma negligenciada fraqueza na aorta. Snow bebia ele próprio das taças envenenadas para evitar suspeitas. Mas antídotos nem sempre funcionam. Dizem que é por isso que ele usa as rosas com cheiro forte de perfume. Dizem que é para

encobrir o aroma de sangue das feridas que ele tem na boca e que jamais irão sarar. Dizem, dizem, dizem... que Snow possui uma lista e ninguém sabe quem será o próximo.

Veneno. A arma perfeita para uma cobra.

Como minha opinião acerca da Capital e de seu nobre presidente já estão tão em baixa, não posso dizer que as alegações de Finnick tenham me deixado chocada. Elas parecem fazer muito mais efeito nos rebeldes exilados da Capital, como o pessoal da minha equipe, e em Fulvia – até Plutarch reage em determinado momento com surpresa, talvez imaginando como tal fofoca pode ter lhe passado despercebida. Quando Finnick termina, eles deixam as câmeras ligadas até que, finalmente, ele próprio acaba dizendo:

– Corta.

A equipe corre para editar o material, e Plutarch puxa Finnick para uma conversinha, provavelmente para ver se ele tem mais alguma história. Sou deixada com Haymitch em meio aos destroços, imaginando se o destino de Finnick poderia ter sido também o meu. Por que não? Snow podia ter conseguido um preço realmente bom por uma garota em chamas.

– Foi isso que aconteceu com você? – pergunto a Haymitch.

– Não. Minha mãe e meu irmão mais novo. Minha namorada. Todos eles foram mortos duas semanas depois que fui coroado vitorioso. Por causa da minha proeza com o campo de força – responde ele. – Snow não tinha ninguém para usar contra mim.

– Fico surpresa por ele não ter simplesmente matado você – digo.

– Ah, não. Eu era um exemplo a ser seguido pelos jovens Finnicks e Johannas e Cashmeres. Eu sinalizava o que poderia acontecer com um vitorioso que causava problemas – diz Haymitch. – Mas ele sabia que não tinha o que usar contra mim.

– Até eu e Peeta aparecermos – digo suavemente. Não recebo nem um dar de ombros em retribuição.

Com nosso serviço realizado, a única coisa que resta a mim e a Finnick é esperar. Tentamos preencher os minutos arrastados na Defesa Especial. Fazemos nós. Remexemos nossas tigelas de almoço. Lançamos coisas em um alvo. Em função do perigo de detecção, nenhuma comunicação chega da

equipe de resgate. Às 15:00, a hora designada, estamos tensos e calados nos fundos de uma sala cheia de telas e computadores, e observamos enquanto Beetee e sua equipe tentam se apoderar das transmissões. Sua costumeira distração inquieta é substituída por uma determinação que jamais vi nele. Grande parte da minha entrevista sequer entra no vídeo, apenas o suficiente para mostrar que estou viva e ainda na luta. A estrela do dia é o relato obsceno e sangrento que Finnick faz da Capital. Será que a habilidade de Beetee está se aprimorando? Ou será que sua contraparte na Capital está fascinada demais para querer retirar Finnick do ar? Pelos sessenta minutos seguintes, a transmissão da Capital alterna-se entre o noticiário vespertino padrão, Finnick, e tentativas de interromper a transmissão toda. Mas a equipe de tecnologia dos rebeldes consegue impedir até mesmo essa última tentativa de censura e, num verdadeiro golpe, assume o controle durante quase todo o ataque a Snow.

– Deixa passar! – diz Beetee, levantando as mãos, liberando a transmissão da Capital. Ele enxuga o rosto com um pedaço de pano. – Se eles ainda não saíram de lá, estão todos mortos. – Ele gira em sua cadeira para ver Finnick e eu reagindo a suas palavras. – Mas o plano foi bom. Plutarch mostrou para vocês?

É claro que não. Beetee nos leva até uma outra sala e nos mostra como a equipe, com a ajuda de rebeldes infiltrados, tentará libertar os vitoriosos de uma prisão subterrânea. Parece que a operação envolveu a disseminação de gás paralisante pelo sistema de ventilação, o corte da energia elétrica, a detonação de uma bomba no prédio do governo situado a vários quilômetros da prisão e, agora, a transmissão via TV. Beetee fica contente por acharmos o plano difícil de entender, porque, sendo assim, nossos inimigos acharão a mesma coisa.

– Tipo aquela sua armadilha de eletricidade na arena? – pergunto.

– Exatamente. E você viu como aquilo funcionou bem? – diz Beetee.

Bom... para ser honesta, não vi, não, penso.

Finnick e eu tentamos ficar no Comando, para onde certamente convergirão as primeiras notícias do resgate, mas somos barrados porque sérios assuntos de guerra estão sendo discutidos no local. Nos recusamos a sair da Defesa Especial e acabamos esperando por notícias na sala dos beija-flores.

Fazendo nós. Fazendo nós. Mudos. Fazendo nós. Tique-taque. Isso é um relógio. Não pense em Gale. Não pense em Peeta. Fazendo nós. Não queremos jantar. Dedos em carne viva e sangrando. Finnick finalmente desiste e assume a posição curvada que usou na arena quando os gaios tagarelas atacaram. Aperfeiçoo minha forca em miniatura. As palavras de "A árvore-forca" se repetem na minha cabeça. Gale e Peeta. Peeta e Gale.

– Você se apaixonou de cara pela Annie, Finnick? – pergunto.

– Não. – Um longo tempo decorre antes de ele acrescentar: – Ela foi me cercando aos poucos.

Vasculho meu coração, mas, no momento, a única pessoa que eu tenho a sensação de estar me cercando é Snow.

Provavelmente já passou da meia-noite, já é o dia seguinte, quando Haymitch abre a porta e diz:

– Eles voltaram. Precisam da gente no hospital. – Minha boca se abre com uma torrente de perguntas que ele corta de imediato com um: – Isso é tudo o que sei.

Quero correr, mas Finnick está agindo de um modo muito estranho, como se tivesse perdido a habilidade de se mover, então pego a mão dele e o conduzo como a uma criança pequena. Através da Defesa Especial, para dentro do elevador que vai em todas as direções e até a ala do hospital. O local está um caos, com médicos gritando e feridos sendo empurrados em suas camas pelos corredores.

Somos atingidos de raspão por uma cama com rodinhas onde está deitada uma jovem bastante magra com a cabeça raspada. Seu corpo exibe hematomas e feridas purulentas. Johanna Mason. Que de fato conhecia alguns segredos dos rebeldes. Pelo menos no que dizia respeito a mim. E foi assim que ela pagou por isso.

Pelo vão de uma porta, vislumbro Gale, nu da cintura para cima, suor escorrendo pelo rosto enquanto um médico remove alguma coisa de seu ombro com um par de pinças. Ferido, mas vivo. Eu o chamo, começo a correr até ele, mas uma enfermeira me empurra para trás e me expulsa de lá aos berros.

– Finnick! – Soa algo entre um grito e uma exclamação alegre. Uma jovem linda, mas um pouquinho desgrenhada (cabelos pretos despenteados, olhos

verdes da cor do mar) corre na nossa direção, coberta apenas com um lençol. – Finnick! – E, de repente, é como se não houvesse mais ninguém no mundo além daqueles dois, cada qual avançando freneticamente para alcançar o outro. Eles se encontram, se agarram, perdem ambos o equilíbrio e se chocam contra a parede, onde permanecem. Como se formassem um único ser. Indivisível.

Uma pontinha de ciúme me atinge. Não de Finnick ou de Annie, mas da certeza deles. Ninguém que os visse duvidaria do amor de um pelo outro.

Boggs, parecendo um pouco exausto, mas sem ferimentos, encontra a mim e Haymitch.

– Tiramos todos de lá. Exceto Enobaria. Mas como ela é do 2, duvidamos que esteja detida, de um modo ou de outro. Peeta está no fim do corredor. Os efeitos do gás só agora estão começando a passar. É melhor você estar lá quando ele acordar.

Peeta.

Vivo e bem – talvez não tão bem, mas vivo e aqui. Longe de Snow. Em segurança. Aqui. Comigo. Daqui a um minuto vou poder tocá-lo. Vou poder vê-lo sorrir, ouvi-lo rir.

Haymitch está sorrindo para mim.

– Vamos lá, então – diz ele.

Minha cabeça está leve de tanta empolgação. O que vou dizer? Ah, quem se importa com o que vou dizer? Peeta vai ficar extasiado independentemente do que eu diga ou faça. Ele provavelmente vai me dar um beijo. Imagino se a sensação vai ser igual à daqueles últimos beijos na praia da arena, os beijos sobre os quais não ousei refletir até agora.

Peeta já está acordado, sentado na lateral da cama, a aparência perplexa enquanto um trio de médicos o avalia, coloca uma luz em seus olhos, verifica sua pulsação. Fico desapontada pelo fato de que o meu rosto não será o primeiro que ele terá visto depois de acordar, mas ele o está vendo agora. Suas feições exibem descrença e algo mais intenso que não consigo apreender exatamente. Desejo? Desespero? Certamente ambos, pois ele dispensa os médicos, levanta-se de imediato e vai até mim. Corro para recebê-lo, meus braços estendidos para abraçá-lo. Suas mãos também vêm ao meu encontro, para acariciar meu rosto, imagino.

Meus lábios estão começando a formar o nome dele quando suas mãos apertam o meu pescoço.



O imobilizador gelado aperta o meu pescoço e faz com que o tremor fique ainda mais difícil de ser controlado. Pelo menos não estou mais no tubo claustrofóbico – com aquelas máquinas clicando e chiando ao meu redor –, escutando uma voz desencarnada me mandando ficar imóvel enquanto tento convencer a mim mesma de que ainda consigo respirar. Mesmo agora, depois de me garantirem que não há danos permanentes, continuo sedenta por ar.

As principais preocupações da equipe médica – danos na minha medula espinhal, nas vias respiratórias e nas artérias – foram afastadas. Hematomas, rouquidão, laringe inflamada, essa estranha tosse – nada disso é motivo de preocupação. Tudo vai melhorar. O Tordo não vai perder sua voz. Onde está, quero perguntar, o médico que diz se estou ou não ficando louca? Só que não tenho permissão para falar agora. Não posso nem agradecer a Boggs quando ele aparece para ver como estou. Para me examinar e me dizer que já viu ferimentos muito piores em soldados quando eles ensinam técnicas de estrangulamento nos treinos.

Foi Boggs quem afastou Peeta de mim com um golpe antes que ele pudesse causar estragos permanentes. Sei que Haymitch teria vindo em minha defesa se não estivesse tão absolutamente despreparado. Pegar tanto eu quanto Haymitch desatentos no mesmo momento é uma coisa rara. Mas estávamos tão absorvidos em salvar Peeta, tão torturados por saber que ele estava nas mãos da Capital, que a felicidade de tê-lo de volta nos cegou. Se eu tivesse me encontrado com Peeta sozinha, ele teria me matado. Agora que ele está enlouquecido.

Não, enlouquecido, não, lembro a mim mesma. *Telessequestrado*. Essa é a palavra que ouvi, dita por Plutarch e Haymitch enquanto a minha cama estava sendo empurrada pelo corredor. *Telessequestrado*. Não sei o que isso significa.

Prim, que apareceu momentos depois do ataque e tem ficado o mais perto possível de mim desde então, me coloca outro cobertor.

– Acho que eles logo, logo vão tirar esse imobilizador, Katniss. Aí você vai parar de sentir tanto frio. – Minha mãe, que estava auxiliando uma complicada cirurgia, ainda não foi informada do ataque de Peeta. Prim pega uma das minhas mãos, que está fechada num punho, e a massageia até ela se abrir e sangue voltar a fluir através dos meus dedos. Ela está começando a repetir o processo na outra mão quando os médicos aparecem, retiram o colar e me injetam algo para a dor e o inchaço. Eu me deito, de acordo com as instruções que recebi, com a cabeça imóvel para não agravar os hematomas no pescoço.

Plutarch, Haymitch e Beetee estão no corredor esperando que os médicos os liberem para entrar e me ver. Não sei se contaram para Gale, mas como ele não está aqui suponho que não tenham contado. Plutarch acompanha os médicos até a porta e tenta mandar Prim embora também, mas ela diz:

– Não. Se você me forçar a sair daqui, eu vou agora mesmo na sala de cirurgia contar para minha mãe tudo o que aconteceu. E vou logo avisando, ela não gosta muito da ideia de um Idealizador dos Jogos exercendo controle sobre a vida de Katniss. Principalmente sabendo como você cuidou mal dela.

Plutarch parece ofendido, mas Haymitch cai na gargalhada.

– Eu deixaria isso para lá, Plutarch – diz ele. Prim fica.

– Então, Katniss, a condição de Peeta foi um choque para todos nós – diz Plutarch. – Só conseguimos reparar na deterioração do estado dele nas últimas duas entrevistas. Obviamente, ele estava sofrendo maus-tratos, e atribuímos suas atuais condições psicológicas a isso. Agora acreditamos que algo mais estava acontecendo. Que a Capital o tem sujeitado a uma técnica bastante incomum conhecida como telessequestro. Beetee?

– Sinto muito – diz Beetee –, mas não posso dizer para você todas as especificidades da coisa, Katniss. A Capital é muito sigilosa em relação a essa forma de tortura, e acho que os resultados são bastante inconsistentes. Disso nós temos certeza. É um tipo de condicionamento ao medo. O termo

telessequestro vem de uma junção de palavras do grego antigo cujo significado, adaptado aos nossos dias, é "capturar a mente", ou melhor ainda, "tomar posse da mente". Acreditamos que o termo tenha recebido esse nome porque a técnica envolve o uso de veneno de teleguiadas, de onde vem o prefixo. Você foi picada em sua primeira participação nos Jogos Vorazes, de modo que, ao contrário da maioria de nós, possui conhecimento em primeira mão dos efeitos do veneno.

Terror. Alucinações. Imagens devastadoras dignas de pesadelos em que eu perdia meus entes queridos. Porque o veneno tem como alvo a parte do cérebro que controla o medo.

– Tenho certeza que você lembra de como a experiência foi assustadora. Você também sofreu confusão mental em seguida? – pergunta Beetee. – Uma sensação de ser incapaz de julgar o que é verdade e o que é falso? A maioria das pessoas que foi picada e continuou viva para contar a história relata algo assim.

Sim. Aquele encontro com Peeta. Mesmo depois de eu já estar com a mente limpa, não tinha certeza se ele havia salvado a minha vida enfrentando Cato ou se isso não passava de imaginação minha.

– Rememorar torna-se mais difícil porque as lembranças podem ser alteradas. – Beetee dá um tapinha na testa. – Levadas para a parte mais importante da sua mente, reescritas e salvas novamente de outra maneira. Agora imagine que eu peça para você se lembrar de algo, ou com uma sugestão verbal ou fazendo você assistir a algum evento gravado, e enquanto essa experiência é refrescada em sua mente, eu lhe dou uma dose de veneno de teleguiada. Não o suficiente para induzir um blecaute de três dias. Apenas o suficiente para incutir em sua memória medo e dúvida. E é isso o que seu cérebro põe nos arquivos de longa duração.

Começo a ficar enjoada. Prim faz a pergunta que está na minha cabeça:

– Foi isso o que eles fizeram com Peeta? Pegaram as lembranças que ele tinha de Katniss e distorceram todas elas para que ficassem aterrorizantes?

Beetee faz que sim com a cabeça.

– Tão aterrorizantes que ele passaria a vê-la como uma ameaça à própria vida. Tão aterrorizantes que talvez ele tentasse matá-la. Sim, essa é a nossa teoria atualmente.

Cubro o rosto com os braços porque isso não está acontecendo. Não é possível. Alguém fazer Peeta esquecer que me ama? Ninguém poderia fazer uma coisa dessas.

– Mas tem como reverter isso, não tem? – pergunta Prim.

– Hum... temos pouquíssima informação sobre isso – diz Plutarch. – Na verdade, nenhuma. Se alguma vez houve tentativa de recuperação de uma vítima de telessequestro, nós não temos acesso a esses registros.

– Bom, vocês vão tentar, não vão? – persiste Prim. – Vocês não vão simplesmente deixá-lo trancado em alguma sala acolchoada e ficar assistindo ao seu sofrimento, vão?

– É claro que vamos tentar, Prim – diz Beetee. – Só que não temos como saber o grau de sucesso dessa empreitada. Se é que teremos sucesso. Minha aposta é que eventos assustadores são os mais difíceis de serem anulados. Afinal de contas, são deles que a gente se lembra com mais naturalidade.

– E fora as lembranças que ele tem de Katniss, ainda não sabemos o que mais foi mexido – diz Plutarch. – Estamos reunindo uma equipe de profissionais militares e de saúde mental para empreendermos um contra-ataque. Eu, pessoalmente, estou otimista quanto a recuperação completa dele.

– Está, é? – pergunta Prim, causticamente. – E o que você acha, Haymitch?

Mudo os braços ligeiramente de posição, de modo a poder ver a expressão de Haymitch através do espaço entre eles. Ele parece exausto e desencorajado ao admitir:

– Acho que Peeta pode vir a ter alguma melhora. Mas... acho que ele nunca mais vai ser o mesmo. – Junto novamente os braços, acabando com o espaço de visão, me desligando completamente de todos.

– Pelo menos ele está vivo – diz Plutarch, como se estivesse perdendo a paciência. – Snow executou a estilista de Peeta e sua equipe de preparação em uma transmissão ao vivo e a cores hoje à noite. Não fazemos a menor ideia do que aconteceu com Effie Trinket. Peeta sofreu danos, mas está aqui com a gente. E isso é com toda certeza uma melhora em relação à situação dele vinte e quatro horas atrás. Não vamos esquecer disso, certo?

A tentativa de Plutarch levantar o meu astral – enfeitada com a notícia de outros quatro, possivelmente cinco, assassinatos – de alguma forma sai pela

culatra. Portia. A equipe de preparação de Peeta. Effie. O esforço de conter as lágrimas faz minha garganta latejar até eu ficar novamente arfando. Por fim, eles não têm escolha a não ser me dar um sedativo.

Quando acordo, imagino se essa vai ser a única maneira de me fazer dormir a partir de agora, com drogas injetadas em meu braço. Estou contente por não ter a obrigação de falar pelos próximos dias, porque não há nada que eu queira dizer. Ou fazer. Na realidade, sou uma paciente-modelo, minha letargia é encarada como prudência, obediência às ordens médicas. Não sinto mais vontade de chorar. Na realidade, consigo apenas me ater a um simples pensamento: uma imagem do rosto de Snow acompanhado de um sussurro em minha cabeça. *Eu vou matar você*.

Minha mãe e Prim se revezam nos meus cuidados, tentam me convencer a engolir pedacinhos de comida macia. Pessoas aparecem periodicamente para me atualizar sobre as condições de Peeta. Os altos níveis de veneno de teleguiadas estão sendo drenados de seu corpo. Ele está sendo tratado apenas por estranhos, nativos do 13 – ninguém de casa ou da Capital recebeu permissão para vê-lo –, para impedir que quaisquer lembranças perigosas possam aflorar. Uma equipe de especialistas trabalha horas a fio bolando uma estratégia para sua recuperação.

Gale não tem permissão para me visitar, já que está confinado a uma cama com algum tipo de ferimento no ombro. Mas na terceira noite, depois de eu ter sido medicada e de as luzes se apagarem para a hora de dormir, ele desliza silenciosamente para dentro do meu quarto. Ele não fala, apenas passa os dedos nos hematomas em meu pescoço com um toque tão leve quanto as asas de uma mariposa, me beija entre os olhos e desaparece.

Na manhã seguinte, recebo alta do hospital com instruções para me movimentar lentamente e falar apenas o necessário. Recebo a tatuagem com a programação, de modo que vagueio sem destino até Prim ser dispensada de suas tarefas no hospital e me levar para o mais recente compartimento ocupado por nossa família. Número 2212. Idêntico ao último, mas sem janela.

Buttercup agora tem direito a uma porção diária de comida e a um espaço com areia que é mantido embaixo da pia do banheiro. Assim que Prim me põe

na cama, ele salta em cima do meu travesseiro, disputando a atenção dela. Ela o acomoda nos braços, mas continua concentrada em mim.

– Katniss, sei que essa coisa toda com Peeta é horrível para você. Mas não se esqueça de que Snow trabalhou nele por várias semanas, e nós só estamos com ele há alguns dias. Existe uma chance de que o velho Peeta, o que te ama, ainda esteja lá dentro. Tentando reatar o contato com você. Não desista dele.

Olho para minha irmãzinha e penso em como ela herdou as melhores qualidades que nossa família tem a oferecer: as mãos curadoras de minha mãe, a cabeça equilibrada de meu pai e minha combatividade. Mas também há algo mais, algo totalmente dela própria. Uma habilidade para olhar a bagunça caótica da vida e enxergar as coisas como elas são de fato. Será possível que ela esteja correta? Que Peeta poderia realmente retornar para mim?

– Preciso voltar ao hospital – diz Prim, colocando Buttercup em cima da cama ao meu lado. – Vocês dois fazem companhia um ao outro, certo?

Buttercup pula para fora da cama e a segue até a porta, reclamando em altos brados depois de ser deixado para trás. Nós somos tudo, menos companhia um para o outro. Depois de, quem sabe, trinta segundos, sei que não consigo ficar confinada naquela cela subterrânea e deixo Buttercup se virar por lá sozinho. Eu me perco diversas vezes, mas por fim consigo encontrar o caminho até a Defesa Especial. Todos que cruzam o meu caminho olham fixamente para os hematomas, e não consigo evitar o constrangimento, a ponto de me sentir compelida a levantar a gola até as orelhas.

Gale também deve ter recebido alta do hospital hoje de manhã, porque o encontro em uma das salas de pesquisa com Beetee. Eles estão imersos em alguma coisa, as cabeças curvadas sobre um desenho, fazendo uma medição. Versões do desenho enchem a mesa e o chão. Grudadas nos painéis de cortiça na parede e ocupando várias telas de computador estão outros desenhos do mesmo tipo. Nos esboços de um deles, reconheço a armadilha de Gale.

– O que é isso aí? – pergunto, a voz rouca, tirando a atenção deles da folha de papel.

– Ah, Katniss, você nos encontrou – diz Beetee, entusiasmado.

– Qual é? Isso aí é segredo? – Sei que Gale tem ficado aqui embaixo trabalhando bastante com Beetee, mas imaginava que eles estivessem mexendo

com arcos e armas.

– Nem um pouco. Mas eu senti uma pontinha de culpa em relação a isso. Por roubar Gale de você durante tanto tempo – admite Beetee.

Como passei grande parte do meu tempo no 13, desorientada, preocupada, com raiva, me recuperando, ou hospitalizada, eu não posso dizer que as ausências de Gale tenham me perturbado. Além disso, as coisas não têm sido exatamente harmoniosas entre nós dois. Mas eu deixo Beetee pensar que me deve essa.

– Espero que esteja ocupando o tempo dele com alguma coisa útil.

– Vem ver – diz ele, fazendo um gesto para que eu me aproxime da tela de um computador.

É isso o que eles andam fazendo. Pegando as ideias fundamentais das armadilhas de Gale e adaptando-as a armas contra seres humanos. Principalmente bombas. Tem menos a ver com a mecânica das armadilhas do que com a psicologia por trás delas. Espalhar minas por uma determinada área que fornece alguma coisa essencial à sobrevivência. Um suprimento de água ou de comida. Assustar as presas de modo que um grande número delas fuja para uma destruição ainda maior. Colocar os filhotes em perigo para minar o alvo realmente desejado, os pais. Atrair a vítima para o que parece um abrigo seguro – onde a morte a espera. Em determinado ponto, Gale e Beetee deixam a natureza para trás e se concentram mais em impulsos humanos. Tais como a compaixão. Uma bomba explode. Um tempo é fornecido para que as pessoas corram para ajudar os feridos. Então uma segunda bomba, mais poderosa ainda, também acaba com a vida deles.

– Isso parece ultrapassar alguns limites – digo. – Quer dizer então que agora vale tudo? – Os dois me encaram. Beetee com dúvidas, Gale com hostilidade. – Pelo visto, não existe um código de regras ditando o que é inaceitável de ser feito a outro ser humano.

– Claro que existe. Beetee e eu estamos seguindo o mesmo código de regras que o presidente Snow usou quando telessequestrou Peeta – diz Gale.

Cruel, mas direto ao ponto. Vou embora sem fazer mais nenhum comentário. Sinto que, se não for lá para fora imediatamente, vou entrar em

combustão, mas ainda estou na Defesa Especial quando sou parada por Haymitch.

– Venha cá – diz ele. – Precisamos de você no hospital.

– Para quê?

– Eles vão tentar alguma coisa em Peeta – responde ele. – Vão mandar a pessoa mais inócua do 12 que eles encontrarem. Vão tentar achar alguém com quem Peeta possa compartilhar lembranças da infância, mas nada muito próximo de você. Estão rastreando várias pessoas nesse exato momento.

Sei que isso vai ser uma tarefa difícil, já que qualquer pessoa com quem Peeta compartilhe lembranças de infância seria muito provavelmente da nossa cidade, e quase ninguém de lá escapou das chamas com vida. Mas quando chegamos ao quarto do hospital que foi transformado em espaço de trabalho da equipe de recuperação de Peeta, lá está ela sentada batendo papo com Plutarch. Delly Cartwright. Como sempre, ela sorri para mim como se eu fosse sua melhor amiga no mundo inteiro. Ela sorri dessa maneira para todos.

– Katniss! – grita ela.

– Oi, Delly – digo. Tinha ouvido que ela e seu irmão mais novo haviam sobrevivido. Os pais dela, que administravam a sapataria na cidade, não tiveram a mesma sorte. Ela parece mais velha, com as roupas comuns do 13 que não enaltecem ninguém, seus longos cabelos louros numa trança prática em vez de cachos. Delly está um pouco mais magra do que me lembro, mas ela era uma das poucas crianças no Distrito 12 com alguns quilinhos a mais. A dieta daqui, o estresse, o pesar de ter perdido seus pais, tudo contribuiu, sem dúvida nenhuma. – Como você está? – pergunto.

– Ah, foram muitas mudanças de uma vez só. – Os olhos dela enchem-se de lágrimas. – Mas todo mundo é muito legal aqui no 13, você não acha?

Delly está falando sério. Ela gosta sinceramente das pessoas. Todas as pessoas, não apenas de um grupo seleto que ela passou anos e anos tentando entender e aceitar.

– Eles fizeram um esforço danado para fazer com que a gente se sentisse em casa – digo. Acho que essa é uma opinião justa sem ser exagerada. – Foi você que escolheram para ver o Peeta?

– Acho que sim. Coitado do Peeta. Coitada de você. Jamais entenderei a Capital – diz ela.

– Talvez seja melhor nem entender mesmo – respondo.

– Delly conhece Peeta há muito tempo – diz Plutarch.

– Ah, sim! – O rosto de Delly se ilumina. – Brincávamos juntos desde bem pequenininhos. Eu costumava falar para todo mundo que ele era meu irmão.

– O que você acha? – pergunta Haymitch. – Será que pode aparecer alguma coisa que o faça lembrar de você?

– Nós todos éramos da mesma turma. Mas a gente não se cruzava muito – digo.

– Katniss sempre foi incrível, nunca nem sonhei que ela pudesse reparar em mim – diz Delly. – O jeito como ela caçava e frequentava o Prego, e tudo o mais. Todo mundo a admirava muito.

Não só Haymitch como também eu a encaramos para ver se ela não estava de gozação. Do jeito como Delly descreveu, pareceu até que eu tivesse poucos amigos porque intimidava as pessoas por ser tão excepcional. Não é verdade. Eu tinha poucos amigos porque não era simpática. É a cara da Delly tentar me transformar nessa coisa maravilhosa.

– Delly sempre tem as melhores opiniões de todo mundo – explico. – Acho que Peeta não teria lembranças ruins associadas a ela. – Então eu lembro. – Espera um pouco. Na Capital. Quando menti sobre ter reconhecido a garota Avox. Peeta salvou a minha pele dizendo que ela era parecida com a Delly.

– Eu lembro – diz Haymitch. – Mas eu não sei. Não era verdade. Delly não estava realmente lá. Não acho que isso possa competir com anos e anos de lembranças da infância.

– Principalmente com uma companhia tão agradável quanto a de Delly – diz Plutarch. – Vamos fazer uma tentativa.

Plutarch, Haymitch e eu vamos para a sala de observação, perto do local onde Peeta está confinado. Está cheia, com dez membros de sua equipe de recuperação armados de canetas e pranchetas. O vidro com visibilidade de um único lado e o dispositivo de áudio nos permitem ver Peeta sem que ele nos veja. Ele está deitado na cama, os braços amarrados com correias. Não está lutando para se libertar, mas suas mãos mexem-se continuamente. Sua

expressão está mais lúcida do que quando tentou me estrangular, mas ainda assim, não parece pertencer a ele.

Quando a porta se abre silenciosamente, os olhos dele ficam arregalados de espanto, e então parecem confusos. Delly atravessa a sala hesitantemente, mas assim que se aproxima dele irrompe naturalmente em seu rosto um sorriso.

– Peeta? É a Delly. Do Distrito 12.

– Delly? – Algumas das nuvens parecem se dissolver. – Delly. É você?

– Sou eu, sim! – diz ela, com alívio óbvio. – Como é que você está se sentindo?

– Horrível. Onde é que nós estamos? O que foi que aconteceu? – pergunta Peeta.

– Pronto, começou – diz Haymitch.

– Disse para ela evitar qualquer menção a Katniss ou à Capital – diz Plutarch. – O que importa é ver quantas lembranças do Distrito 12 ela consegue reviver.

– Bom... estamos no Distrito 13. Agora nós moramos aqui – diz Delly.

– Isso é o que aquelas pessoas têm falado. Mas isso não faz sentido. Por que a gente não está no nosso distrito? – pergunta Peeta.

Delly morde o lábio.

– Houve um... acidente. Eu também sinto muita falta de casa. Eu estava pensando agora mesmo naqueles desenhos a giz que a gente costumava fazer nas pedras do calçamento. Os seus eram maravilhosos. Lembra quando você fez um animal diferente para cada um?

– Lembro. Porcos e gatos e coisa e tal – diz Peeta. – Você falou que houve um... acidente?

Posso ver o brilho do suor na testa de Delly enquanto ela tenta contornar a pergunta.

– Foi ruim. Ninguém... pôde ficar lá – diz ela, com a voz entrecortada.

– Você consegue, garota – diz Haymitch.

– Mas sei que você vai gostar daqui, Peeta. As pessoas são mesmo muito legais com a gente. Tem sempre comida e roupa limpa, e a escola é muito mais interessante – diz Delly.

– Por que a minha família não veio me ver? – pergunta Peeta.

– Eles não podem. – Delly voltou a chorar. – Muitas pessoas não conseguiram sair do 12. Então teremos de construir uma nova vida aqui. Tenho certeza de que eles precisam de um bom padeiro. Você lembra quando seu pai deixava a gente fazer biscoitinhos de menina e de menino?

– Houve um incêndio – diz Peeta, subitamente.

– Isso – sussurra ela.

– Eles queimaram o 12, não foi? Por causa dela – diz Peeta com raiva. – Por causa de Katniss! – Ele começa a puxar as correias.

– Não, Peeta. Não foi culpa dela.

– Ela falou isso para você? – pergunta ele.

– Tire-a de lá – diz Plutarch. A porta se abre imediatamente e Delly começa a se dirigir a ela lentamente.

– Ela não precisou dizer nada. Eu... – começa Delly.

– Porque ela está mentindo! Ela é uma mentirosa! Você não pode acreditar em nada do que ela diz! Ela é uma espécie de bestante que a Capital criou para usar contra todos nós! – grita Peeta.

– Não, Peeta. Ela não é uma... – tenta Delly mais uma vez.

– Não confie nela, Delly – diz Peeta com uma voz frenética. – Eu confiei e ela tentou me matar. Ela matou meus amigos. Minha família. Nem se aproxime dela! Ela é uma bestante!

A mão de alguém passa pela porta, puxa Delly para fora, e a porta volta a se fechar. Mas Peeta continua berrando:

– Uma bestante! Ela é uma bestante nojenta!

Não apenas ele me odeia e quer me matar, como também deixou de acreditar que sou humana. Ser estrangulada foi menos doloroso.

Ao meu redor, os membros da equipe de recuperação tomam notas enlouquecidamente, registrando cada palavra. Haymitch e Plutarch agarram os meus braços e me impelem para fora da sala. Eles me encostam numa parede no silencioso corredor. Mas sei que Peeta continua gritando atrás da porta e do vidro.

Prim estava errada. Peeta está irrecuperável.

– Não consigo mais ficar aqui – digo, entorpecidamente. – Se vocês querem que eu seja o Tordo, precisam me levar para longe daqui.

– Para onde você quer ir? – pergunta Haymitch.

– Para a Capital. – É o único local que me vem à cabeça, onde eu tenho um serviço a fazer.

– Não vai dar – diz Plutarch. – Não até que os distritos estejam em nosso poder. A notícia boa é que os combates estão quase encerrados em todos, com exceção do 2. Mas aquele lá é uma noz difícil de se quebrar.

É isso aí. Primeiro os distritos. Em seguida a Capital. E depois vou poder caçar Snow.

– Ótimo – digo. – Então me manda para o 2.



O Distrito 2 é bem grande, como era de se esperar, composto de uma série de aldeias espalhadas nas montanhas. Cada uma era originalmente uma mina ou uma pedreira, embora agora muitas delas sirvam para abrigar e treinar os Pacificadores. Nada disso representaria um grande desafio, já que os rebeldes possuem a força aérea do 13 a seu lado, exceto por um detalhe: no centro do distrito encontra-se uma montanha virtualmente impenetrável que abriga o coração do exército da Capital.

Apelidamos a montanha de Noz desde que transmiti o comentário de Plutarch, "uma noz difícil de se quebrar", para os líderes rebeldes exaustos e desencorajados que aqui estão. A Noz foi construída imediatamente depois dos Dias Escuros, quando a Capital perdera o 13 e estava desesperada por uma nova fortificação subterrânea. Eles tinham alguns de seus recursos militares situados nos arredores da própria Capital – mísseis nucleares, aeronaves, soldados –, mas uma significativa fatia de seu poder estava agora sob controle de um inimigo. É claro, não havia nenhuma esperança de conseguirem fazer uma cópia do 13, que foi um trabalho de séculos. Todavia, nas velhas minas do vizinho Distrito 2, enxergaram uma oportunidade. Do céu, a Noz parecia apenas mais uma montanha com poucas entradas. Mas em seu interior havia vastos espaços cavernosos onde grandes pedaços de pedra haviam sido cortados, içados até a superfície e transportados através de estradas estreitas e escorregadias para a construção de edifícios nos mais distantes lugares. Havia inclusive um sistema de trem para facilitar o transporte de mineiros da Noz ao centro da principal cidade no Distrito 2. Ele seguia direto até a praça que Peeta

e eu visitamos durante a Turnê da Vitória, onde ficamos em pé na ampla escadaria de mármore do Edifício da Justiça, tentando não prestar muita atenção nas pesarosas famílias de Cato e Clove ali reunidas.

Não era o terreno dos sonhos de ninguém, assolado por deslizamentos de terra, inundações e avalanches. Mas as vantagens superavam as preocupações. À medida que penetravam cada vez mais fundo na montanha, os mineiros deixavam enormes pilares e paredões de pedra para sustentar a infraestrutura. A Capital reforçou esses apoios e transformou a montanha em sua nova base militar. Enchendo-a de computadores e salas de reuniões, acampamentos de tropas e arsenais. Ampliando as entradas para permitir a decolagem de aerodeslizadores do hangar, instalando lançadores de mísseis. Mas, no geral, deixando o exterior da montanha basicamente como sempre foi. Um emaranhado grosseiro de rochas, árvores e vida selvagem. Uma fortaleza natural para protegê-los de seus inimigos.

Em comparação com os outros distritos, a Capital mimava os habitantes daqui. Só de olhar os rebeldes do Distrito 2 já se percebe que eles foram decentemente alimentados e bem-cuidados na infância. Alguns acabavam por trabalhar na pedreira e nas minas. Outros eram educados para empregos na Noz ou entravam para as fileiras de Pacificadores. Treinados desde a juventude e duros no combate. Os Jogos Vorazes eram uma oportunidade para fazer fortuna e adquirir uma espécie de glória não vista em nenhuma outra parte. É claro, as pessoas do 2 engoliam a propaganda da Capital muito mais facilmente que o resto de nós. Abraçavam seu estilo de vida. Mas, apesar de tudo isso, ao fim do dia, continuavam sendo escravos. E se isso passava despercebido aos cidadãos que se tornavam Pacificadores ou trabalhavam na Noz, não era ignorado pelos cortadores de pedra que formavam a espinha dorsal da resistência aqui.

Quando cheguei, duas semanas atrás, as coisas estavam como ainda estão agora. As aldeias do lado de fora do distrito permanecem nas mãos dos rebeldes, a cidade dividida, e a Noz intocável como sempre. Suas poucas entradas imensamente fortificadas, seu coração envolto em segurança pela montanha. Apesar de todos os outros distritos estarem agora livres do controle da Capital, o 2 permanece sob seu domínio.

Todos os dias, faço o possível para ajudar. Visito os feridos. Gravo curtos pontoprops com a equipe de filmagem. Não tenho permissão para entrar em combate, mas sou convidada para as reuniões que discutem a situação de guerra, o que é muito mais do que se fazia no 13. Aqui é muito melhor. Mais livre, nenhuma programação tatuada no braço, menos exigências em relação aos meus horários. Vivo acima da superfície nas aldeias dos rebeldes ou em cavernas nas cercanias. Por motivo de segurança, sou frequentemente realocada. Durante o dia, tenho salvo-conduto para caçar, contanto que leve comigo um guarda e não me distancie demais. No ar gelado e rarefeito da montanha, sinto um pouco da minha força física retornando, minha mente expulsando os resquícios de nebulosidade. Mas essa clareza mental proporciona uma consciência ainda mais aguda do que foi feito com Peeta.

Snow o roubou de mim, deturpou-o até torná-lo irreconhecível e o ofereceu de volta como um de seus presentes. Boggs, que veio para o 2 comigo, disse que, mesmo com todo o planejamento, foi fácil demais resgatar Peeta. Ele acredita que se o 13 não tivesse feito o esforço, Peeta teria sido entregue a mim de um jeito ou de outro. Teria sido deixado em algum distrito em guerra ou talvez no próprio 13. Embrulhado em fitinhas e com o meu nome escrito numa etiqueta. Programado para me assassinar.

Só agora que ele foi corrompido, consigo apreciar totalmente o verdadeiro Peeta. Até mais do que teria apreciado se ele tivesse morrido. A delicadeza, o equilíbrio, a afetuosidade que deixavam um inesperado rastro de calor humano. Tirando Prim, minha mãe e Gale, quantas pessoas no mundo me amam incondicionalmente? Acho que no meu caso, a resposta agora é talvez ninguém. Às vezes, quando estou sozinha, tiro a pérola de seu domicílio, o meu bolso, e tento me lembrar do garoto com o pão, os braços fortes que espantavam meus pesadelos no trem, os beijos na arena. Para me obrigar a pôr um nome naquilo que perdi. Mas qual a utilidade disso? Acabou. Ele não existe mais. Seja lá o que tenha existido entre nós dois, acabou. Tudo que resta é a minha promessa de matar Snow. Lembro disso dez vezes por dia.

No 13, a reabilitação de Peeta prossegue. Embora eu não pergunte, Plutarch me fornece atualizações entusiasmadas pelo telefone, do tipo:

– Boas notícias, Katniss! Acho que ele está quase convencido de que você não é um bestante! – Ou: – Hoje permitiram que ele comesse sozinho um pouco de pudim!

Quando a palavra passa para Haymitch, ele admite que Peeta não está melhor. O único e incerto raio de esperança veio da minha irmã.

– Prim apareceu com a ideia de tentar telessequestrá-lo de volta – conta Haymitch. – Mencionar as lembranças distorcidas que ele tem de você e depois dar a ele uma dose cavalar de um calmante, tipo morfináceo. Nós só tentamos isso em uma lembrança específica. A gravação de vocês dois na caverna, quando você contou para ele aquela história da compra da cabra para Prim.

– E houve alguma melhora? – pergunto.

– Bom, se confusão extrema significa melhora em relação a terror extremo, então a resposta é sim – diz Haymitch. – Mas não tenho muita certeza disso. Ele perdeu a habilidade de falar por várias horas. Entrou num certo estado de estupor. Quando voltou a si, a única pergunta que fez foi sobre a cabra.

– Certo – digo.

– E como andam as coisas por aí?

– Nenhum avanço – respondo.

– Estamos enviando uma equipe para ajudar com a montanha. Beetee e alguns dos outros – diz ele. – Você sabe, os cérebros.

Quando os cérebros são selecionados, não fico surpresa de ver o nome de Gale na lista. Imaginei que Beetee fosse trazê-lo, não por sua *expertise* tecnológica, mas na esperança de que ele pudesse, de alguma maneira, pensar num jeito de prender a montanha numa armadilha. Originalmente, Gale ofereceu-se para vir comigo para o 2, mas percebi que o estaria afastando do trabalho com Beetee. Disse para ele ficar lá onde era mais necessário. Não disse para ele que sua presença aqui tornaria ainda mais difícil meu luto por Peeta.

Gale me encontra assim que eles chegam no fim da tarde. Estou sentada em cima de uma tora de madeira no limite da minha aldeia atual, depenando um ganso. Mais ou menos uma dúzia dessas aves estão empilhadas aos meus pés. Uma grande quantidade deles está migrando por aqui desde que cheguei, o que os tornam presas fáceis. Sem dizer uma palavra, Gale acomoda-se ao meu lado

e começa a retirar as penas de uma das aves. Estamos quase na metade da operação quando ele diz:

– Alguma chance de a gente comer isso aqui?

– Claro. A maioria vai para a cozinha do acampamento, mas eles sabem que vou dar alguns para quem quer que passe a noite comigo – digo. – Por me proteger.

– A honra já não é suficiente? – diz ele.

– Deveria ser – respondo. – Mas tem um boato por aí que diz que tordos são prejudiciais à saúde.

Depenamos em silêncio por mais algum tempo. Então ele diz:

– Eu vi Peeta ontem. Através do vidro.

– O que você achou? – pergunto.

– Pensei uma coisa egoísta – diz Gale.

– Que você não precisa mais sentir ciúmes dele? – Meus dedos dão um puxão, e uma nuvem de penas flutua ao nosso redor.

– Não, justamente o oposto. – Gale remove uma pena do meu cabelo. – Eu pensei... que nunca vou poder competir com aquilo. Por mais doloroso que seja para mim. – Ele gira a pena entre o polegar e o indicador. – Não tenho nenhuma chance se ele não melhorar. Você nunca vai ser capaz de abandoná-lo. Você sempre vai sentir que está cometendo um erro estando comigo.

– Da mesma forma que sempre senti que estava cometendo um erro beijando Peeta, justamente por causa de você – digo.

Gale olha fixamente para mim.

– Se eu acreditasse que isso é verdade, quase poderia viver com a outra parte do problema.

– É verdade – admito. – Mas também é verdade o que você disse sobre Peeta.

Gale emite um som de desespero. No entanto, depois de deixarmos as aves e nos apresentarmos como voluntários para voltar à floresta e colher gravetos para a fogueira noturna, acabo nos braços de Gale. Seus lábios roçam os hematomas que estão sumindo em meu pescoço e sobem até minha boca. Apesar do que sinto por Peeta, é nesse momento que aceito no fundo do meu coração que ele jamais voltará para mim. Ou que eu jamais voltarei para ele.

Vou ficar no 2 até que o conquistemos e depois vou para a Capital e matarei Snow. E morrerei no processo. Já Peeta morrerá insano e me odiando. Então, na tênue luminosidade, fecho os olhos e beijo Gale para compensar todos os beijos que deixei de dar, e porque não importa mais, e porque estou tão desesperadamente solitária que não consigo mais suportar.

O toque, o sabor e o calor de Gale me fazem lembrar que pelo menos o meu corpo ainda está vivo e, por enquanto, essa é uma sensação bem-vinda. Esvazio a mente e deixo as sensações percorrerem meu corpo, feliz por estar leve e solta. Quando Gale se afasta ligeiramente, avanço para não perder o contato, mas sinto a mão dele em meu queixo.

– Katniss – diz ele. No instante em que abro os olhos, o mundo parece desconjuntado. Essa não é a nossa floresta nem as nossas montanhas, nem o nosso caminho. Minha mão dirige-se automaticamente para a cicatriz em minha têmpora esquerda, que associo à confusão. – Agora me beije. – Perplexa, os olhos arregalados, fico lá parada enquanto ele se curva na minha direção e pressiona os lábios nos meus durante um breve instante. Ele examina o meu rosto detidamente. – Em que você está pensando?

– Sei lá – sussurro.

– Então é como se eu estivesse beijando uma pessoa bêbada. Não conta – diz ele, numa tentativa fraca de humor. Ele colhe um punhado de gravetos e os joga em meus braços vazios, fazendo com que eu volte à realidade.

– Como é que você sabe? – pergunto, principalmente para disfarçar o meu constrangimento. – Você já beijou uma pessoa bêbada? – Imagino que Gale pode muito bem ter beijado várias garotas no 12. Ele certamente tinha várias ofertas à disposição. Eu nunca pensei muito nisso antes.

Ele apenas balança a cabeça.

– Não, mas não é muito difícil imaginar como seria.

– Quer dizer então que você nunca beijou nenhuma outra garota? – pergunto.

– Eu não disse isso. Você sabe que você só tinha doze anos quando a gente se conheceu. E além do mais você era um saco. Eu tinha a minha vida pessoal além de caçar com você – diz ele, com os braços cheios de lenha.

De repente, fico genuinamente curiosa.

– Quem foi que você beijou? E onde?

– Foram tantas vezes que é até difícil lembrar. Atrás da escola, na pilha de escória, em vários lugares e ocasiões – diz ele.

Reviro os olhos.

– Então, quando foi que me transformei em alguém tão especial? Quando eles me carregaram à força para a Capital?

– Não. Mais ou menos seis meses antes disso. Logo depois do Ano-Novo. A gente estava no Prego, tomando aquela sopa na Greasy Sae. E o Darius estava implicando com você, falando qualquer coisa sobre trocar um coelho por um beijo. Aí percebi... que eu fiquei chateado – diz ele.

Lembro bem daquele dia. Um frio de amargar e já bem escuro às quatro da tarde. Nós tínhamos caçado, mas a neve pesada havia nos obrigado a voltar para a cidade. O Prego estava cheio de gente atrás de abrigo por causa do mau tempo. A sopa de Greasy Sae, feita a partir dos ossos de um cachorro selvagem que tínhamos matado uma semana antes, estava com um gosto bem abaixo do padrão dela. Mesmo assim, era comida quente, e eu estava morrendo de fome quando comecei a dar minhas colheradas, sentada com as pernas cruzadas no balcão. Foi quando notei Darius encostado num dos suportes da barraquinha, fazendo cócegas na minha bochecha com a ponta da minha trança. Empurrei a mão dele para longe. Ele explicou por que um de seus beijos valia um coelho, ou possivelmente dois, já que todos sabem que homens ruivos são os mais viris. Greasy Sae e eu rimos porque ele era tão ridículo e persistente, e não parava de apontar para as mulheres que estavam no Prego, dizendo que elas haviam pagado muito mais do que um coelho para desfrutar de seus lábios.

– Está vendo aquela ali com o cachecol verde? Vai lá e pergunta para ela. Se você precisa de alguma referência.

Um milhão de quilômetros daqui, um bilhão de dias atrás, isso aconteceu.

– Darius estava apenas fazendo uma brincadeira – digo.

– Provavelmente. Só que você seria a última a sacar isso se ele não estivesse – diz Gale. – Olha o Peeta, por exemplo. Ou eu mesmo. Ou até o Finnick. Eu estava começando a ficar preocupado com o interesse dele por você, mas agora parece que ele voltou ao normal.

– Você não conhece o Finnick se acha que ele poderia me amar – digo.

Gale dá de ombros.

– Sei que ele estava desesperado. Isso faz as pessoas cometerem todo tipo de loucura.

Não posso deixar de pensar que isso foi dirigido a mim.

Bem cedo na manhã seguinte, os cérebros se reúnem para discutir o problema da Noz. Sou convidada à reunião, embora não tenha muito com o que contribuir. Evito a mesa de conferência e me acomodo no amplo parapeito da janela que tem uma vista para a montanha em questão. A comandante do 2, uma mulher de meia-idade chamada Lyme, nos conduz por um tour virtual da Noz, seu interior e fortificações, e relembra as tentativas fracassadas de tomá-la. Cruzei com ela algumas vezes desde que cheguei, e fui tomada pela sensação de que já a vira antes. Ela é bastante fácil de se lembrar, com mais de um metro e oitenta de altura e extremamente musculosa. Mas somente quando vejo um clipe com ela no campo de batalha, liderando um ataque à entrada principal da Noz, é que algo estala dentro de mim e percebo que estou na presença de outra vitoriosa. Lyme, a tributo do Distrito 2, que venceu os Jogos Vorazes aproximadamente uma geração atrás. Effie nos enviou o vídeo dela, entre outros, para nos preparar para o Massacre Quaternário. Eu provavelmente a vi na TV algumas vezes, durante os Jogos, ao longo dos anos, mas ela não é muito de aparecer. Depois da minha recente descoberta do tratamento dado a Haymitch e Finnick, a única coisa em que consigo pensar é: o que a Capital fez com ela após ter se sagrado vitoriosa?

Quando Lyme termina a apresentação, as perguntas dos cérebros têm início. Horas se passam, e o almoço começa e termina enquanto eles tentam bolar um plano realista para tomar a Noz. Mas, apesar de Beetee achar que talvez seja capaz de invadir alguns sistemas de computador, e de haver alguma discussão a respeito de colocar em ação um punhado de espiões infiltrados, ninguém tem de fato qualquer ideia inovadora. À medida que a tarde se encaminha para o fim, as conversas retornam a uma estratégia que foi tentada repetidamente: o ataque às entradas. Posso ver a frustração de Lyme crescendo porque tantas variações desse plano já fracassaram, tantos soldados de seu exército foram mortos nessas tentativas. Finalmente, ela explode:

– A próxima pessoa que sugerir que a gente ataque as entradas vai ter de apresentar uma maneira brilhante de fazer isso porque vai ser ela mesma a líder dessa missão!

Gale, que é inquieto demais para ficar sentado à mesa por mais de algumas horas, fica alternando entre andar de um lado para o outro e dividir comigo o parapeito da janela. Ele parece ter aceitado logo de início as ponderações de Lyme acerca da impossibilidade de as entradas serem tomadas, e abandonou por completo a discussão. Durante a última hora, ficou sentado quieto, a testa vincada em concentração, observando a Noz através da janela de vidro. No silêncio que se segue ao ultimato de Lyme, ele fala:

– É realmente necessário a gente tomar a Noz? Será que não seria suficiente se a gente apenas a incapacitasse?

– Isso seria um passo na direção certa – diz Beetee. – O que você tem em mente?

– Pense na coisa como se fosse um covil de cães selvagens – continua Gale. – Você não vai entrar lá lutando contra eles. Então você tem duas chances. Prender os cães no local ou obrigá-los a sair de lá.

– Nós já tentamos bombardear as entradas – diz Lyme. – Elas são muito incrustadas na pedra para sofrer qualquer estrago.

– Eu não estava pensando nisso – diz Gale. – Estava pensando em usar a montanha. – Beetee se levanta e se junta a Gale na janela, espiando através de seus óculos mal encaixados. – Está vendo ali, ao longo das encostas?

– Trilhas de avalanche – diz Beetee entre os dentes. – Pode ser complicado. Teríamos de desenhar a sequência da detonação com muito cuidado e, uma vez começada, não teríamos como controlá-la.

– Não vamos precisar controlar nada se abandonarmos a ideia de tomar posse da Noz – diz Gale. – Só vamos precisar fechar o local.

– Você está sugerindo que a gente desencadeie avalanches e bloqueie as entradas? – pergunta Lyme.

– É isso aí – diz Gale. – A gente prende o inimigo lá dentro, impedimos a entrada de qualquer suprimento. Tornamos impossível a decolagem dos aerodeslizadores.

Enquanto todos avaliam o plano, Boggs folheia uma pilha de desenhos e esquemas da Noz e franze a testa.

– A gente vai correr o risco de matar todo mundo lá dentro. Olha só o sistema de ventilação. É rudimentar, na melhor das hipóteses. Não é nem um pouco parecido com o que a gente tem no 13. Ele depende totalmente do bombeamento de ar das encostas da montanha. Se você bloquear esses dutos, vai sufocar quem quer que esteja preso lá dentro.

– Eles poderiam escapar através do túnel do trem até a praça – diz Beetee.

– Não se a gente explodir o túnel – diz Gale, bruscamente. A intenção dele, o objetivo final dele, fica muito claro. Gale não tem interesse em preservar a vida de ninguém na Noz. Não tem interesse em enjaular as presas para uso posterior.

Esta é uma de suas armadilhas mortais.



As implicações do que Gale está sugerindo aterrissam silenciosamente no recinto. É possível ver a reação se formando nos rostos de todos. As expressões variam de prazer a inquietação, de pena a satisfação.

– Os trabalhadores são, em sua maioria, cidadãos do 2 – diz Beetee de modo neutro.

– E daí? – diz Gale. – Nós nunca mais vamos poder voltar a confiar neles mesmo.

– Eles deveriam ter, pelo menos, uma chance de rendição – diz Lyme.

– Bom, isso é um luxo que ninguém nos deu quando bombardearam o 12, mas vocês são muito mais simpáticos com a Capital aqui – diz Gale. Pelo olhar de Lyme eu diria que ela poderia muito bem dar um tiro nele, ou pelo menos mandá-lo para a forca. Ela provavelmente levaria vantagem sobre ele, com todo o treinamento ao qual foi submetida. Mas a raiva dela parece apenas deixá-lo enfurecido e ele berra: – Nós assistimos a nossas crianças queimando até a morte e não havia nada que a gente pudesse fazer!

Tenho que fechar os olhos por um minuto, à medida que a imagem explode ao meu redor. Ela tem o efeito desejado. Quero que todo mundo naquela montanha morra. Estou a ponto de dizer isso. Mas acontece que... eu também sou uma menina do Distrito 12. Não sou o presidente Snow. Não posso fazer nada a respeito. Não posso condenar alguém à morte que ele está sugerindo.

– Gale – digo, pegando o braço dele e tentando falar num tom racional. – A Noz é uma velha mina. Seria como causar um gigantesco acidente numa mina

de carvão. – Certamente as palavras são suficientes para fazer qualquer pessoa do 12 pensar duas vezes antes de ir em frente com esse plano.

– Mas não tão rápido como aquele que matou nossos pais – retruca ele. – Todo mundo acha isso um problema? Nossos inimigos poderem talvez contar com algumas horas para refletir sobre o fato de que estão morrendo, em vez de serem simplesmente despedaçados numa explosão?

Nos velhos tempos, quando não passávamos de duas crianças caçando fora do 12, Gale dizia coisas assim e outras ainda piores. Mas naquela época, aquilo não passava de palavras. Aqui, colocadas em prática, elas tornam-se atos que jamais poderão ser desfeitos.

– Você não sabe como as pessoas do Distrito 2 foram parar na Noz – digo. – Elas podem ter sido coagidas. Elas podem estar sendo mantidas lá contra a vontade delas. Algumas trabalham como espiões para nós. Você também vai matá-las?

– Sim, eu sacrificaria algumas pessoas para libertar as restantes – responde ele. – E se eu fosse um espião lá dentro eu diria: "Que venham as avalanches!"

Sei que ele está dizendo a verdade. Que Gale sacrificaria sua vida dessa maneira pela causa – ninguém duvida disso. Talvez se nós todos fizéssemos a mesma coisa, se fôssemos os espiões e essa escolha nos fosse dada. Acho que eu faria isso. Mas é uma decisão fria de se tomar para outras pessoas e para aquelas que as amam.

– Você disse que a gente tinha duas escolhas – diz Boggs. – Prender todo mundo numa armadilha ou obrigá-los a sair de lá. Acho que a gente deve tentar fazer a avalanche na montanha, mas sem destruir o túnel de trem. As pessoas vão poder escapar para a praça, onde a gente estará aguardando por elas.

– Bem armados, espero eu – diz Gale. – Pode ter certeza de que eles vão estar.

– Bem armados. Vamos levar todo mundo como prisioneiro – concorda Boggs.

– Vamos informar o 13 agora – sugere Beetee. – Vamos deixar a presidenta Coin opinar.

– Ela vai querer bloquear o túnel – diz Gale com convicção.

– Sim, provavelmente. Mas também tem o seguinte: Peeta estava certo no pontoprop dele. Em relação ao perigo de nos matarmos mutuamente. Tenho brincado com alguns números, feito algumas continhas de vítimas e feridos e... acho que pelo menos vale uma conversa – diz Beetee.

Somente poucas pessoas são convidadas a tomar parte nessa conversa. Gale e eu somos liberados com o restante. Eu o levo para caçar para que ele possa esfriar um pouco a cabeça, mas ele não toca no assunto. Deve estar irritado demais comigo por eu ter me oposto a ele.

O telefonema é dado, uma decisão é tomada e, ao anoitecer, estou paramentada com meu traje de Tordo, com meu arco preso no ombro e um dispositivo auricular que me conecta a Haymitch no 13 – para o caso de surgir uma boa oportunidade para um pontoprop. Esperamos no terraço do Edifício da Justiça com uma visão nítida de nosso alvo. Nossos aerodeslizadores são inicialmente ignorados pelos comandantes na Noz, porque no passado eles representavam tanto problema quanto moscas zumbindo em cima de um pote de mel. Mas depois de duas rodadas de bombas nas elevações mais altas da montanha, as aeronaves recebem a devida atenção. Quando as baterias antiaéreas da Capital começam a atirar, já é tarde demais.

O plano de Gale ultrapassa as expectativas de todos. Beetee estava certo em relação a ser impossível controlar as avalanches uma vez que são desencadeadas. As encostas da montanha são naturalmente instáveis mas, enfraquecidas pelas explosões, parecem quase fluidas. Seções inteiras da Noz desabam diante de nossos olhos, obliterando qualquer sinal de que seres humanos alguma vez puseram os pés no local. Ficamos mudos, diminutos e insignificantes. Enterrando as entradas sob toneladas de rocha. Levantando uma nuvem de sujeira e destroços que escurece o céu. Transformando a Noz num túmulo.

Imagino o inferno no interior da montanha. Sirenes soando. Luzes tremeluzindo na escuridão. Poeira de rocha estrangulando o ar. Os berros das pessoas, presas e em pânico, cambaleando desvairadamente em busca de uma saída, e descobrindo que as entradas, a plataforma de lançamento e os próprios dutos de ventilação estão soterrados, e que rocha e terra estão bloqueando a entrada. Fios elétricos à solta, incêndios aqui e ali, fragmentos e dejetos transformando trilhas conhecidas em verdadeiros labirintos. Pessoas

esmurrando portas, empurrando umas às outras, rastejando como formigas à medida que o morro as soterra cada vez mais, ameaçando esmagar suas frágeis cascas.

– Katniss? – A voz de Haymitch está em meu dispositivo auricular. Tento responder ao chamado e descubro que estou com ambas as minhas mãos apertadas contra a boca. – Katniss!

No dia em que meu pai morreu, as sirenes soaram durante o meu almoço na escola. Ninguém esperou até ser dispensado e ninguém imaginou que alguém esperaria. A reação a um acidente de mina era algo fora do controle até mesmo da Capital. Corri até a sala de Prim. Ainda me lembro dela, pequenininha aos sete anos de idade, muito pálida, mas sentada com o corpo ereto e as mãos dobradas em cima da mesa. Esperando que eu a pegasse como prometera que faria se as sirenes soassem. Ela se levantou rapidamente, agarrou a manga do meu casaco e seguimos em meio ao fluxo intenso de pessoas que invadiram as ruas para se aglomerar na entrada principal da mina. Encontramos nossa mãe segurando com firmeza a corda que fora rapidamente colocada para manter a multidão afastada do local. Em retrospecto, acho que àquela altura eu já deveria ter imaginado que havia algum problema. Não fosse assim, por que estaríamos procurando por ela quando o inverso é que deveria estar acontecendo?

Os elevadores estavam chiando, os cabos praticamente destruídos pelo fogo, enquanto vomitavam mineiros escurecidos pela fumaça em direção à luz do dia. Com cada grupo vinham gritos de alívio, parentes passando por baixo da corda para conduzir seus maridos, esposas, filhos, pais e irmãos. Ficamos paradas no ar gelado enquanto o tempo fechava naquela tarde, uma neve ligeira cobrindo a terra. Os elevadores agora se moviam mais lentamente e desovavam menos seres vivos. Eu me ajoelhei no chão e pressionei as mãos nas cinzas, desejando ardentemente puxar meu pai para sua liberdade. Se existe uma sensação de maior desamparo do que tentar alcançar alguém que você ama e que está preso debaixo da terra, devo admitir que a desconheço. Os feridos. Os corpos. A espera em meio à noite. Cobertores colocados em seus ombros por estranhos. Uma caneca com alguma coisa quente que você não bebe. E então,

finalmente, de madrugada, a pesarosa expressão no rosto do capitão da mina que só podia significar uma coisa.

O que foi que nós fizemos?

– Katniss! Você está aí? – Haymitch deve estar a essa altura planejando me enfiar um grilhão de cabeça.

Abaixo as mãos.

– Estou.

– Entre. Pode ser que a Capital tente retaliar com o que sobrou da força aérea deles – instrui ele.

– Certo. – Todos no terraço, exceto os soldados manuseando as metralhadoras, começam a entrar. À medida que desço a escada, não consigo evitar roçar os dedos nas imaculadas paredes brancas de mármore. Tão frias e belas. Nem mesmo na Capital existe algo que possa se comparar à magnificência desse antigo prédio. Mas não há flexibilidade na superfície: apenas meu corpo cede, resfriando quando a toco. A pedra sempre vence o ser humano.

Eu me sento na base de um dos gigantescos pilares no grande hall de entrada. Através das portas, consigo ver a extensão de mármore branco que leva até os degraus na praça. Eu me lembro de como estava enjoada no dia em que Peeta e eu estivemos lá para receber as congratulações pela vitória nos Jogos. Esgotada pela Turnê da Vitória, fracassando em minha tentativa de acalmar os distritos, encarando as lembranças de Clove e Cato, especialmente a morte lenta e horripilante de Cato nas mãos dos bestantes.

Boggs se agacha ao meu lado, sua pele pálida em meio às sombras.

– Nós não bombardeamos o túnel do trem, fique sabendo. Provavelmente algumas pessoas vão conseguir escapar de lá.

– E depois vamos atirar nelas assim que derem as caras por aqui? – pergunto.

– Só se for necessário.

– Nós mesmos podíamos enviar alguns trens para ajudar a evacuar os feridos – digo.

– Não. Foi decidido que a gente deixaria o túnel por conta deles. Assim, eles podem usar todas as trilhas para tirar as pessoas de lá – diz Boggs. – Além do

mais, isso vai dar tempo para levarmos o resto dos nossos soldados para a praça.

Algumas horas atrás, a praça era uma terra de ninguém, a linha de frente da batalha entre os rebeldes e os Pacificadores. Quando Coin aprovou o plano de Gale, os rebeldes empreenderam um intenso ataque e obrigaram as forças da Capital a recuar diversos quarteirões, o que nos garantiria o controle da estação ferroviária na eventualidade da queda da Noz. Bom, ela caiu. A realidade foi absorvida. Quaisquer sobreviventes fugirão para a praça. Posso ouvir o tiroteio recomeçando, já que os Pacificadores, sem dúvida nenhuma, estão tentando reagir com o intuito de resgatar seus camaradas. Nossos próprios soldados estão sendo trazidos para se opor a essa iniciativa.

– Você está gelada – diz Boggs. – Vou ver se encontro um cobertor. – Ele sai antes que eu consiga protestar. Não quero cobertor nenhum, mesmo que o mármore continue a sugar o calor do meu corpo.

– Katniss – diz Haymitch em meu ouvido.

– Ainda estou aqui – respondo.

– Uma mudança de rumo interessante ocorreu com o Peeta hoje de tarde. Pensei que você quisesse ficar sabendo – diz ele. "Interessante" não me soa bem. A coisa não está melhor. Mas realmente não tenho escolha a não ser ouvir. – Nós mostramos a ele aquele clipe com você cantando "A árvore-forca". Isso nunca foi ao ar, de modo que a Capital não pôde usar a gravação quando ele estava sendo telessequestrado. Ele diz que reconheceu a canção.

Por um instante, meu coração para de bater. Então me dou conta de que isso só pode ser mais alguma confusão proporcionada pelo soro das teleguiadas.

– Isso não é possível, Haymitch. Ele nunca me ouviu cantando essa canção.

– Você, não. Seu pai. Ele ouviu seu pai cantando a música num dia em que foi negociar alguma coisa na padaria. Peeta era pequeno, provavelmente seis ou sete anos, mas ele se lembrou da canção porque estava ouvindo com atenção para ver se os pássaros paravam de cantar – diz Haymitch. – Acho que eles pararam.

Seis ou sete anos. Isso teria sido antes de minha mãe banir a canção. Talvez até por volta da época em que eu mesma estava aprendendo a cantá-la.

– Eu também estava lá?

– Acho que não. De qualquer maneira, ele não falou nada sobre você. Mas essa é a primeira ligação com você que não desencadeou nenhum colapso nervoso – diz Haymitch. – Pelo menos, já é alguma coisa, Katniss.

Meu pai. Parece que ele está por todo lado hoje. Morrendo na mina. Cantando na consciência confusa de Peeta. Tremeluzindo no olhar que Boggs dirige a mim enquanto coloca o cobertor de maneira protetora em meus ombros. Sinto tanta falta dele que chega a doer.

O tiroteio realmente se intensifica lá fora. Gale aparece correndo com um grupo de rebeldes, ansioso para entrar na batalha. Não faço nenhum pedido para me juntar aos combatentes. Não que eles fossem permitir, evidentemente. De uma forma ou de outra, não tenho estômago para isso, meu sangue está frio. Gostaria muito que Peeta estivesse aqui – o antigo Peeta –, porque ele seria capaz de expressar por que é tão errado trocar tiros quando pessoas, quaisquer que sejam, estão tentando achar um meio viável de sair da montanha. Ou será que é a minha própria história que está me deixando tão sensível? Por acaso não estamos em guerra? Essa não é simplesmente mais uma maneira de matar nossos inimigos?

A noite cai rapidamente. Holofotes gigantescos e brilhantes são acesos, iluminando a praça. Todas as lâmpadas devem estar queimando com intensidade total também no interior da estação ferroviária. Mesmo da posição em que me encontro, do outro lado da praça, consigo ver claramente através do vidro do prédio alto e estreito. Seria impossível perder a chegada de algum trem, ou mesmo uma única pessoa. Mas as horas vão e ninguém aparece. A cada minuto que se passa, fica cada vez mais difícil imaginar que alguém tenha sobrevivido ao assalto à Noz.

Já é bem depois da meia-noite quando Cressida vem atar um microfone especial ao meu traje.

– Para que isso? – pergunto.

A voz de Haymitch surge para dar a explicação:

– Sei que você não vai gostar disso, mas a gente precisa que você faça um discurso.

– Um discurso? – digo, sentindo uma náusea quase que imediata.

– Vou ditá-lo, linha por linha – assegura ele. – Você só vai precisar repetir o que eu disser. Escuta, não há o menor sinal de vida na montanha. Nós vencemos, mas o combate continua. Então a gente pensou... não seria interessante você aparecer na entrada do Edifício da Justiça e discursar dizendo para todo mundo que a Noz foi derrotada, que a presença da Capital no Distrito 2 está encerrada? Assim talvez você consiga convencer o restante das tropas deles a se render.

Observo a escuridão além da praça.

– Não consigo nem ver as tropas deles daqui.

– É para isso que serve o microfone – diz ele. – Você vai aparecer numa transmissão. Não só a sua voz, através do sistema de áudio de emergência deles, como também a sua imagem vai surgir onde quer que as pessoas tenham acesso a alguma tela de TV.

Sei que há algumas telas de TV enormes aqui na praça. Eu as vi durante a Turnê da Vitória. Podia até funcionar, se eu fosse boa nesse tipo de coisa. O que não é o caso. Eles também tentaram fazer com que eu fizesse discursos naqueles primeiros experimentos com os pontoprops, e o resultado foi um fiasco.

– Você poderia salvar muitas vidas, Katniss – diz Haymitch por fim.

– Tudo bem. Vou tentar – digo a ele.

É estranho ficar em pé do lado de fora, ao pé da escada, totalmente paramentada, intensamente iluminada, mas sem nenhuma audiência visível a quem endereçar meu discurso. É como se eu estivesse dando um show para a lua.

– Vamos fazer isso rapidinho – diz Haymitch. – Você está exposta demais.

Minha equipe de TV, posicionada na praça com câmeras especiais, indica que está pronta. Digo a Haymitch que pode seguir em frente e então dou um clique no microfone e ouço cuidadosamente a primeira frase do discurso que ele dita para mim. Uma enorme imagem minha surge em cores vivas em uma das telas da praça assim que dou início:

– Povo do Distrito 2, quem se dirige a vocês é Katniss Everdeen. Estou falando da escada do Edifício da Justiça, onde...

Dois trens surgem chiando lado a lado na estação ferroviária. Assim que as portas se abrem, pessoas saem de dentro deles envoltas numa nuvem de fumaça que trouxeram da Noz. Elas devem ter notado pelo menos um indício do que estaria à espera delas na praça, porque dá para ver que tentam agir de maneira evasiva. A maioria delas se joga no chão e uma chuva de balas do interior da estação apaga as luzes. Elas vieram armadas, como previra Gale, mas também feridas. Os gemidos podem ser ouvidos no ar silencioso da noite.

Alguém apaga as luzes na escada, deixando-me na proteção da sombra. Uma chama brilha no interior da estação – um dos trens deve estar pegando fogo – e uma espessa fumaça preta toma conta das janelas. Sem escolha, as pessoas começam a invadir a praça aos montes, engasgadas, porém brandindo suas armas de modo desafiador. Meus olhos vasculham rapidamente os terraços que contornam a praça. Cada um deles foi fortificado com fileiras de metralhadoras operadas por rebeldes. O reflexo do luar ilumina as barricadas molhadas de óleo.

Um jovem cambaleia para fora da estação, uma das mãos pressionando um pedaço de pano ensanguentado no rosto, a outra carregando uma arma. Quando ele tropeça e cai de cara no chão, vejo as marcas de queimadura na parte de trás de sua camisa, a carne vermelha por baixo. E subitamente, ele se transforma em mais uma vítima de queimaduras de um acidente de mina.

Meus pés voam escada abaixo e começo a correr até ele.

– Parem! – grito para os rebeldes. – Parem de atirar! – As palavras ecoam ao redor e além da praça, à medida que o microfone amplia a minha voz. – Parem! – Estou me aproximando do jovem, me abaixando para ajudá-lo, quando ele consegue se arrastar até ficar de joelhos e aponta a arma para a minha cabeça.

Dou alguns passos para trás instintivamente, ergo o arco acima da cabeça e mostro que as minhas intenções são pacíficas. Agora que ele está com ambas as mãos na arma, reparo no buraco irregular em sua bochecha onde alguma coisa – uma pedra em queda talvez – a perfurou. Ele cheira a coisas queimadas, cabelo, carne e combustível. Seus olhos estão enlouquecidos de dor e medo.

– Não se mexa – sussurra a voz de Haymitch em meu ouvido. Sigo sua ordem, percebendo que isso é o que todo o Distrito 2, quem sabe toda Panem,

deve estar assistindo nesse momento. O Tordo à mercê de um homem que não tem nada a perder.

A fala enrolada do rapaz é praticamente incompreensível:

– Me dê um motivo para eu não atirar em você agora mesmo!

O resto do mundo recua. Existe apenas meu olhar para os olhos infelizes do homem da Noz que pede um motivo. Certamente eu deveria ser capaz de fornecer milhares deles. Mas as palavras que escapam de meus lábios são:

– Eu não consigo.

Logicamente, a próxima coisa a acontecer deveria ser o homem puxar o gatilho. Mas ele está perplexo, tentando compreender minhas palavras. Experimento minha própria confusão enquanto percebo que o que acabei de dizer é completamente verdadeiro e que o nobre impulso que me levou até aquela escada foi substituído pelo desespero.

– Eu não consigo. Esse é o problema, não é? – Abaixo o arco. – A gente explodiu a sua mina. Vocês transformaram o meu distrito num monte de cinzas. Temos todos os motivos para nos matarmos. Então vá em frente. Faça a felicidade da Capital. Cansei de matar os escravos deles. – Solto o arco e o chuto com a bota. Ele desliza na pedra e se acomoda nos joelhos do homem.

– Eu não sou escravo deles – murmura.

– Eu sou – digo. – Foi por isso que matei Cato... e ele matou Thresh... e ele matou Clove... e ela tentou me matar. E por aí vai, e por aí vai, e quem é que vence? Com certeza não somos nós. Não os distritos. Sempre a Capital. Mas estou cansada de ser uma pecinha nos Jogos deles.

Peeta. No terraço naquela noite antes de nossos primeiros Jogos Vorazes. Ele entendeu isso muito antes até de colocarmos os pés na arena. Espero que ele esteja assistindo agora, que se lembre daquela noite exatamente como ela aconteceu, e que talvez me perdoe quando eu morrer.

– Continue falando. Conte para eles como foi assistir à queda da montanha – insiste Haymitch.

– Quando vi a montanha caindo hoje à noite, pensei... eles fizeram isso mais uma vez. Mandaram-me matar vocês: o povo dos distritos. Mas por que será que fiz isso? O Distrito 12 e o Distrito 2 não têm por que lutar um contra o outro, isso é uma invenção da Capital. – O jovem pisca para mim sem

compreender coisa alguma. Caio de joelhos diante dele, minha voz baixa e urgente. – E por que vocês estão enfrentando os rebeldes nos terraços dos prédios? Por que vocês estão lutando contra a Lyme, que foi a vitoriosa de vocês? Com pessoas que foram seus vizinhos, talvez até familiares?

– Eu não sei – diz o homem. Mas ele não deixa de apontar a arma para mim.

Eu me levanto e giro lentamente o corpo para me dirigir às metralhadoras.

– E vocês aí em cima? Eu nasci numa cidade mineira. Desde quando mineiros condenam outros mineiros a esse tipo de morte e depois ficam em alerta para matar quem quer que consiga rastejar com vida do meio dos escombros?

– Quem é o inimigo? – sussurra Haymitch.

– Essas pessoas. – Indico os corpos feridos na praça. – Elas não são nossas inimigas! – Eu me volto novamente para a estação ferroviária. – Os rebeldes não são seus inimigos! Nós todos temos um único inimigo, e é a Capital! Esta é a nossa chance de pôr um fim ao poder deles, mas precisamos de todas as pessoas de todos os distritos para conseguir isso!

As câmeras estão focalizadas em mim enquanto estendo as mãos ao homem, aos feridos, aos rebeldes relutantes em toda Panem.

– Por favor! Juntem-se a nós!

Minhas palavras pairam no ar. Olho para a tela, na esperança de vê-los gravando alguma onda de reconciliação surgindo em meio à multidão.

Em vez disso, assisto a mim mesma levando um tiro na TV.



"Sempre."

Na fase final do morfináceo, Peeta sussurra a palavra e vou atrás dele. É um mundo diáfano, em tons violáceos, sem bordas salientes e com muitos lugares para se esconder. Avanço em meio a bancos de nuvens, sigo trilhas tênues, capturo o aroma de canela ou de aneto. Assim que sinto a mão dele em meu rosto, tento prendê-la, mas ela se dissolve em meus dedos como se fosse névoa.

Quando finalmente começo a voltar à superfície, no interior do esterilizado quarto de hospital no 13, eu lembro. Estava sob a influência do remédio para dormir. Eu machucara o calcanhar depois de saltar de um galho por cima da cerca eletrificada e cair de volta no 12. Peeta me colocara na cama e eu lhe pedira para ficar comigo enquanto adormecia. Ele tinha sussurrado alguma coisa que eu não consegui entender exatamente. Mas uma parte do meu cérebro captara sua única palavra de resposta e a deixara nadar em meus sonhos para agora me provocar. *"Sempre."*

Os morfináceos anestesiam os extremos de todas as sensações de modo que, em vez de sentir uma pontada de pesar, sinto apenas um vazio. Um vazio de arbustos mortos onde costumavam florescer flores. Infelizmente, não sobrou o suficiente da droga em minhas veias para que eu ignore a dor no lado esquerdo do meu corpo. Foi ali que a bala me atingiu. Minhas mãos remexem os grossos curativos que envolvem as costelas e imagino o que ainda estou fazendo aqui.

Não foi ele, o homem ajoelhado diante de mim na praça, o jovem queimado que viera da Noz. Ele não puxou o gatilho. Foi alguém mais

distante, na multidão. A sensação foi mais de ter sido golpeada por uma marreta do que de penetração. Tudo após aquele momento de impacto é confusão crivada por tiros. Tento me sentar na cama, mas a única coisa que consigo fazer é gemer.

A cortina branca que separa minha cama da cama do próximo paciente é puxada, e Johanna Mason olha para mim. A princípio, sinto-me ameaçada, porque ela me atacou na arena. Preciso lembrar a mim mesma que ela fez isso para salvar minha vida. Fazia parte do complô rebelde. Mas, ainda assim, isso não significa que ela não me despreze. Ou talvez a forma como ela me tratou não tenha passado de encenação para a Capital.

– Estou viva – digo, a voz rouca.

– Sem dúvida, sua desmiolada. – Johanna se aproxima e se joga em cima da minha cama, produzindo pontadas agudas de dor em meu peito. Quando ela dá uma risadinha do meu desconforto, compreendo que não estamos protagonizando nenhuma adorável cena de reencontro. – Ainda está um pouco dolorido? – Com mão de especialista, ela rapidamente retira o tubo de morfináceo do meu braço e o engata em um buraquinho preso com esparadrapo em seu próprio braço. – Eles começaram a cortar o meu suprimento alguns dias atrás. Com medo que eu me transformasse numa daquelas aberrações do 6. Tive de tomar emprestado um pouco do seu quando a barra estava limpa. Achei que você não fosse ligar.

Ligar? Como posso ligar depois de ela ter sido torturada quase até a morte por Snow, após o Massacre Quaternário? Não tenho esse direito, e ela sabe disso.

Johanna suspira à medida que o morfináceo entra em sua corrente sanguínea.

– Talvez o pessoal do 6 não estivesse tão errado assim. Você se enche de droga e pinta flores no corpo. Não é uma vida tão ruim. De qualquer maneira, eles pareciam mais felizes do que o resto de nós.

Nas semanas que se passaram desde que saí do 13, ela ganhou um pouco de peso. Uma suave camada de cabelo castanho brotou em sua cabeça raspada, ajudando a esconder algumas das cicatrizes. Mas se ela está pegando um pouco do meu morfináceo, é porque ainda sente dor.

– Eles mandam um médico de cabeça me visitar todo dia. A ideia é ajudar na minha recuperação. Como se algum cara que passou a vida nessa toca de coelho pudesse me colocar nos eixos. Um idiota completo. Pelo menos umas vinte vezes por sessão ele me lembra de que estou em total segurança. – Consigo dar um sorriso. É realmente uma imbecilidade dizer algo assim, principalmente para uma vitoriosa. Como se esse tipo de condição realmente existisse em qualquer lugar do planeta, para quem quer que seja. – E você, Tordo? Você se sente em total segurança?

– Ah, pode crer. Até levar aquele tiro – digo.

– Por favor. Aquela bala nem tocou em você. Cinna garantiu isso – diz ela.

Penso nas camadas de armadura protetora em meu traje de Tordo. Mas a dor veio de algum lugar.

– Costelas quebradas, talvez?

– Nem isso. Mas machucou legal. O impacto rompeu seu baço. Eles não conseguiram reparar o dano. – Ela balança a mão como quem despreza a importância do acontecimento. – Não se preocupe, você não precisa de baço. E se precisasse, eles arrumariam um para você, não é mesmo? Por acaso não é tarefa de todos mantê-la viva?

– É por isso que você me odeia? – pergunto.

– Em parte – admite ela. – Ciúme certamente tem a ver. Eu também acho você um pouquinho difícil de engolir. Esse seu romancezinho pegajoso e toda essa encenação da defensora-dos-fracos-e-oprimidos. Só que não é encenação, o que faz com que você fique ainda mais insuportável. Por favor, sinta-se à vontade para levar isso para o lado puramente pessoal.

– Você devia ser o Tordo. Ninguém ia precisar ditar as frases para você.

– Verdade. Mas ninguém gosta de mim – diz ela.

– Mas confiaram em você. Para me tirar de lá – lembro a ela. – E têm medo de você.

– Aqui, talvez. Na Capital, eles agora têm medo é de você. – Gale aparece na entrada, e Johanna retira habilidosamente o tubo de morfináceo de seu braço e o recoloca no meu. – Seu primo não tem medo de mim – diz ela, confidencialmente. Ela sai rapidamente da minha cama e se dirige à porta,

cutucando a perna de Gale com os quadris ao passar por ele. – Tem, lindinho? – Ouvimos sua gargalhada enquanto ela desaparece corredor afora.

Ergo as sobrancelhas para Gale enquanto ele pega a minha mão.

– Morro de medo – diz ele. Eu rio, mas o riso vira uma careta. – Calma. – Ele acaricia o meu rosto enquanto a dor diminui. – Você precisa parar de se meter em encrencas desse jeito.

– Eu sei. Mas alguém explodiu uma montanha – respondo.

Em vez de recuar, ele se aproxima, investigando meu rosto.

– Você acha que sou frio e insensível.

– Sei que você não é. Mas eu não vou dizer que está tudo bem – respondo.

Agora ele recua, de modo quase impaciente.

– Katniss, que diferença existe realmente entre esmagar nossos inimigos numa mina e explodi-los em pedacinhos com uma das flechas de Beetee? O resultado é o mesmo.

– Eu não sei. A gente estava sendo atacado no 8, para começo de conversa. O hospital estava sendo atacado – digo.

– Sim, e aqueles aerodeslizadores vinham do Distrito 2 – diz ele. – Então, ao acabar com todos eles, a gente impediu ataques posteriores.

– Mas essa linha de raciocínio... Você pode acabar transformando isso num argumento para matar qualquer pessoa, a qualquer momento. Você pode acabar justificando o envio de crianças para os Jogos Vorazes com o intuito de impedir que os distritos se rebelem – respondo.

– Eu não engulo essa – diz ele.

– Eu, sim – respondo. – Devem ter sido as minhas idas à arena.

– Ótimo. A gente sabe como discordar um do outro – diz ele. – A gente sempre soube. Talvez isso seja uma boa. Cá entre nós, conquistamos o Distrito 2.

– É mesmo? – Por um momento, uma sensação de triunfo se acende dentro de mim. Então penso nas pessoas na praça. – Houve luta depois que levei o tiro?

– Não muita. Os trabalhadores da Noz se voltaram contra os soldados da Capital. Os rebeldes ficaram apenas sentados assistindo – diz ele. – Para falar a verdade, o país inteiro ficou apenas sentado assistindo.

– Bom, isso é o que eles fazem melhor – digo.

Qualquer pessoa que perdesse um órgão importante pensaria que isso lhe daria o direito de ficar deitada por algumas semanas mas, por algum motivo, meus médicos querem que eu me levante e me mexa quase que imediatamente. Mesmo com o morfináceo, as dores internas são intensas durante os primeiros dias, mas em seguida diminuem consideravelmente. O dolorido das costelas machucadas, entretanto, promete perdurar por um bom tempo. Começo a me ressentir do fato de Johanna estar desfrutando de meu suprimento de morfináceo, mas ainda assim permito que ela pegue o que bem entender.

Boatos acerca da minha morte têm se espalhado, de modo que eles enviam a equipe para me filmar no leito do hospital. Exibo meus pontos e os impressionantes hematomas, e parabenizo os distritos pela exitosa batalha que empreenderam em prol da unidade. Em seguida, aviso à Capital que muito em breve estaremos lá.

Como parte de minha reabilitação, faço caminhadas curtas na superfície todos os dias. Numa determinada tarde, Plutarch se junta a mim e dá as últimas notícias sobre nossa atual situação. Agora que o Distrito 2 se aliou a nós, os rebeldes estão respirando um pouco para se reagruparem. Fortificando linhas de suprimentos, cuidando dos feridos, reorganizando as tropas. A Capital, como o 13 durante os Dias Escuros, encontra-se completamente desprovida de ajuda externa enquanto mantém a ameaça de um ataque nuclear sobre seus inimigos. Ao contrário do 13, a Capital não está em posição de reinventar-se e tornar-se autossuficiente.

– Ah, a cidade talvez seja capaz de se manter por um tempo – diz Plutarch. – Certamente, existe um estoque de recursos para fins emergenciais. Mas a diferença significativa entre o 13 e a Capital são as expectativas do populacho. O 13 estava acostumado à dureza, ao passo que na Capital, a única coisa que eles conhecem é *Panem et Circenses*.

– O que é isso? – Eu reconheço Panem, é claro, mas o resto não faz sentido para mim.

– É um ditado de milhares de anos atrás, escrito numa língua chamada latim sobre um lugar chamado Roma – explica ele. – *Panem et Circenses* se traduz por "pão e circo". O escritor queria dizer que em retribuição a barrigas

cheias e diversão, seu povo desistira de suas responsabilidades políticas e, portanto, abdicara de seu poder.

Penso na Capital. No excesso de comida. E na diversão mais importante de todas: os Jogos Vorazes.

– Quer dizer então que é para isso que servem os distritos. Para fornecer o pão e o circo.

– Sim. E enquanto isso perdurasse, a Capital poderia continuar controlando seu pequeno império. Neste exato momento, ela não pode fornecer nem uma coisa nem outra, pelo menos não no padrão a que as pessoas estão acostumadas – diz Plutarch. – Nós temos a comida e estou a ponto de orquestrar um pontoprop de entretenimento que certamente será bastante popular. Afinal de contas, todo mundo adora casamentos.

Fico imóvel, congelada, enjoada com a ideia que ele está sugerindo. Encenar, de alguma maneira, um casamento pervertido entre mim e Peeta. Não consigo encarar aquele vidro desde que voltei e, seguindo uma solicitação pessoal minha, só recebo notícias sobre as condições de Peeta da boca de Haymitch. Ele fala muito pouco sobre isso. Técnicas diferentes estão sendo tentadas. Jamais será possível encontrar uma maneira de deixá-lo totalmente curado. E agora eles querem que eu me case com Peeta para fazer um pontoprop?

Plutarch apressa-se em me acalmar.

– Ah, não, Katniss. Não é o seu casamento. É o casamento de Finnick e Annie. Você só vai precisar aparecer na frente da câmera e fingir que está feliz por eles.

– Essa é uma das poucas coisas que não precisam do meu fingimento, Plutarch – digo a ele.

Os dias seguintes trazem uma confusão de atividades à medida que o evento começa a ser planejado. As diferenças entre a Capital e o 13 são expostas em alto-relevo por conta disso. Quando Coin fala "casamento", ela quer dizer duas pessoas assinando uma folha de papel e recebendo um novo compartimento. Plutarch quer dizer centenas de pessoas vestidas com suas melhores roupas numa celebração de três dias. É divertido ver todos eles discutindo acaloradamente os detalhes da cerimônia. Plutarch precisa lutar por cada

convidado, por cada nota musical. Depois que Coin veta um jantar, qualquer espécie de entretenimento e o consumo de álcool, Plutarch berra:

– Qual é o sentido de se fazer um pontoprop se ninguém estiver se divertindo?

É difícil convencer um Idealizador dos Jogos a controlar seus gastos. Mas mesmo uma celebração tranquila provoca uma comoção no 13, onde parece não haver nem mesmo feriados. Quando é anunciado que as crianças estão sendo convocadas para cantar a canção de casamento do Distrito 4, praticamente todas elas aparecem. Não faltam voluntários para ajudar na decoração. Na sala de jantar, as pessoas conversam animadamente a respeito do evento.

Talvez seja mais do que a festividade. Talvez seja porque estamos tão famintos para que alguma coisa boa aconteça que queremos fazer parte de tudo. Isso explicaria por que – quando Plutarch tem um ataque de nervos sobre o que a noiva vestirá – me apresento como voluntária para levar Annie até minha casa no 12, onde Cinna deixou uma variedade de roupas de gala num grande closet no andar de baixo. Todos os vestidos de noiva que ele desenhou para mim voltaram para a Capital, mas existem alguns deles que vesti na Turnê da Vitória. Sou um pouco cautelosa em relação à convivência com Annie, já que tudo o que realmente sei dela é que Finnick a ama e que todo mundo pensa que ela é louca. Na viagem de aerodeslizador, percebo que ela é menos louca do que instável. Ela ri em momentos esquisitos durante a conversa ou para de falar sobre determinado assunto subitamente, distraindo-se com outra coisa. Aqueles olhos verdes fixam-se sobre um ponto com tamanha intensidade que você acaba tentando entender o que ela está vendo no meio do nada. Às vezes, sem nenhum motivo aparente, ela pressiona as duas mãos nos ouvidos como se estivesse tentando bloquear algum som doloroso. Tudo bem, ela é estranha, mas se Finnick a ama, isso já é mais do que suficiente para mim.

Tenho permissão para que minha equipe de preparação me acompanhe, o que me deixa aliviada por não ter de tomar nenhuma decisão concernente a moda. Quando abro o closet, todos ficam em silêncio porque a presença de Cinna é forte demais no fluir dos tecidos. Então Octavia cai de joelhos, esfrega a barra de uma saia no rosto e começa a chorar convulsivamente.

– Faz tanto tempo – diz ela, arquejando –, desde a última vez que vi alguma coisa bonita na minha vida.

Apesar das reservas do lado de Coin em relação ao excesso de extravagância, e do lado de Plutarch em relação à falta de brilho, o casamento é um sucesso estrondoso. Os trezentos convidados sortudos foram selecionados do 13 e os muitos refugiados vestem roupas do dia a dia, a decoração é feita de folhagens de outono, a música fica a cargo de um coro de crianças acompanhado de um solitário violinista que veio do 12 com seu instrumento. Então, trata-se de um evento simples, moderado, para os padrões da Capital. Pouco importa, porque nada pode competir com a beleza do casal. Não estou me referindo às finas vestimentas emprestadas – Annie está usando um vestido de seda verde que usei no 5, Finnick um dos ternos de Peeta posteriormente modificado –, embora elas sejam arrebatadoras. Quem consegue desviar o olhar dos rostos radiantes de duas pessoas para quem esse dia já foi considerado uma verdadeira impossibilidade? Dalton, o cara do gado do 10, conduz a cerimônia, já que ela é similar às que costumam ser feitas em seu distrito. Mas há toques característicos do Distrito 4. Uma rede tecida de capim comprido que cobre o casal durante os votos, o toque com água salgada nos lábios um do outro e a antiga canção de casamento, que compara a união a uma viagem do oceano.

Não, não preciso fingir estar feliz por eles.

Depois do beijo que sela a união, os aplausos e o brinde com sidra, o violinista entoa uma melodia que faz com que todas as cabeças do 12 se virem. Podemos ser o menor e mais pobre distrito de Panem, mas sabemos dançar. Nada foi oficialmente programado em relação a isso, mas Plutarch, que está convocando o pontoprop da sala de controle, deve estar com os dedos cruzados. Sem pestanejar, Greasy Sae agarra a mão de Gale e o puxa para o centro do salão, onde ficam frente a frente. Pessoas aparecem para se juntar a eles, formando duas longas fileiras. E a dança tem início.

Estou em pé ao lado da pista de dança, batendo palmas ao ritmo, quando uma mão ossuda me belisca acima do cotovelo. Johanna me dá uma bronca.

– Você vai perder a oportunidade de deixar o Snow ver você dançando? – Ela tem razão. O que poderia demonstrar a ideia de vitória com mais intensidade do que um Tordo feliz rodopiando ao som de música? Encontro

Prim na multidão. Como as noites de inverno nos deram muito tempo para praticar, nós somos parceiras muito boas. Espanto para longe as preocupações dela com relação às minhas costelas e tomamos nossos lugares na fila. Dói, não resta dúvida, mas a satisfação de saber que Snow está me assistindo dançar com minha irmãzinha reduz quaisquer outras sensações a pó.

A dança nos transforma. Ensinamos os passos aos convidados do Distrito 13. Insistimos num número especial para a noiva e o noivo. Damos as mãos uns aos outros e fazemos um círculo gigante onde as pessoas exibem suas habilidades com os pés. Faz muito tempo que não acontece nada tão bobo, alegre ou engraçado. Isso poderia continuar por toda a noite, não fosse o último evento planejado para o pontoprop de Plutarch. Que, aliás, eu desconheço, mas era para ser mesmo uma surpresa.

Quatro pessoas trazem um enorme bolo de uma das salas adjacentes. A maioria dos convidados recua, dando passagem a essa raridade, a essa estonteante criação com ondas de glacê azul e verde e cobertura branca, nadando com peixes e barcos a vela, focas e anêmonas. Mas avanço em meio à multidão para confirmar o que já sabia à primeira vista. Com a mesma certeza de que os pontos do bordado no vestido de Annie foram feitos pela mão de Cinna, sei que as flores em glacê naquele bolo foram feitas pela mão de Peeta.

Isso pode parecer algo menor, mas fala bem alto. Haymitch tem ocultado muitas coisas de mim. O garoto que vi da última vez, berrando e esperneando, tentando se livrar de suas amarras, jamais poderia ter feito uma coisa dessas. Jamais poderia ter tido a concentração necessária, mantido as mãos firmes, bolado algo tão perfeito para Finnick e Annie. Como se estivesse prevendo minha reação, Haymitch aparece ao meu lado.

– Vamos ter uma conversa, você e eu – diz ele.

No salão, distante das câmeras, eu pergunto:

– O que está acontecendo com ele?

Haymitch balança a cabeça.

– Eu não sei. Ninguém sabe. Às vezes ele tem atitudes quase racionais, aí de repente, sem nenhum motivo, sai dos trilhos novamente. Fazer o bolo foi uma espécie de terapia. Ele tem trabalhado nele há dias. Quando olhava para ele... ele quase parecia ser a pessoa que sempre foi.

– Quer dizer então que ele cuidou de tudo sozinho? – pergunto. A ideia me deixa nervosa em uns cinco níveis diferentes.

– Ah, não. Ele preparou o glacê cercado por vários guardas. Ele ainda está sendo mantido em confinamento. Mas conversei com ele – diz Haymitch.

– Cara a cara? – pergunto. – E ele não pirou?

– Não. Ficou muito zangado comigo, mas por todos os motivos certos. Porque não contei para ele sobre o complô dos rebeldes e sei lá mais o quê. – Haymitch faz uma pausa por um momento, como se estivesse decidindo alguma coisa. – Ele disse que gostaria de vê-la.

Estou num barco a vela de glacê, cercada por ondas azuis e verdes, o deque balançando sob os meus pés. Pressiono as palmas das minhas mãos contra a parede para me equilibrar. Isso não fazia parte do plano. Apaguei Peeta de minha vida enquanto estive no 2. Em seguida eu deveria partir para a Capital, matar Snow e morrer no processo. O tiro foi apenas um contratempo passageiro. Jamais deveria ouvir as palavras: "Ele disse que gostaria de vê-la." Mas agora que ouvi, não há como recusar.

Meia-noite e estou em pé do lado de fora da cela dele. Quarto de hospital. Tivemos de esperar que Plutarch terminasse suas tomadas do casamento que, apesar da falta do que ele chama de espalhafato, deixou-o satisfeito.

– A melhor coisa em relação à Capital basicamente ignorar o 12 todos esses anos é que vocês ainda possuem alguma espontaneidade. A audiência gosta de consumir esse tipo de coisa. Tipo quando Peeta anunciou que estava apaixonado por você ou quando você fez aquele truque com as amoras. Isso fica perfeito na TV.

Eu gostaria de poder me encontrar com Peeta em particular. Mas a plateia de médicos reuniu-se atrás do vidro com visibilidade de um lado só, pranchetas a postos, canetas posicionadas. Quando Haymitch me dá o sinal de ok no meu dispositivo auricular, abro lentamente a porta.

Aqueles olhos azuis fixam-se instantaneamente em mim. Ele está com três correias em cada braço, e um tubo que pode liberar em sua corrente sanguínea uma droga paralisante para a eventualidade de perder o controle. Todavia, ele não luta para se soltar, apenas me observa com o olhar cauteloso de alguém que ainda não descartou a possibilidade de que está na presença de um bestante. Eu

me aproximo até ficar a mais ou menos um metro de distância da cama. Não há nada que possa fazer com as minhas mãos, de modo que cruzo os braços na altura das costelas num gesto de proteção antes de falar:

– Oi.

– Oi – responde Peeta. Soa como a voz dele, é quase a voz dele, exceto pelo fato de que há algo de novo nela. Um certo tom de desconfiança e desaprovação.

– Haymitch disse que você queria falar comigo – digo.

– Antes de mais nada, olha só como você está. – É como se ele estivesse esperando que eu me transformasse num lobo híbrido, babando bem diante de seus olhos. Ele olha tão fixamente para mim, e por tanto tempo, que acabo olhando furtivamente para o vidro, esperando alguma instrução de Haymitch, mas meu dispositivo auricular permanece mudo. – Você não é lá muito formidável, é? Ou particularmente bonita?

Sei que ele passou pelo inferno e retornou, e no entanto, de algum jeito, a observação não é muito bem digerida por mim.

– Bom, você também já teve uma aparência melhor.

O conselho de Haymitch para que eu recue fica abafado por causa da gargalhada de Peeta.

– E não demonstra nem um pouquinho de compaixão. Dizer uma coisa dessas depois de tudo pelo que passei.

– É isso aí. Nós todos passamos por várias dificuldades. E você era o que mais demonstrava compaixão. Não eu. – Estou fazendo tudo errado. Não sei por que estou tão na defensiva. Ele foi torturado! Ele foi telessequestrado! O que há de errado comigo? De repente, acho que poderia muito bem gritar com ele, nem tenho muita certeza sobre o quê, de modo que decido sair de lá. – Escuta, não estou me sentindo muito bem. De repente dou uma passada por aqui amanhã.

Mal cheguei à porta quando a voz dele me faz parar:

– Katniss. Eu me lembro do pão.

O pão. Nosso único momento de contato verdadeiro antes dos Jogos Vorazes.

– Eles passaram para você o vídeo em que falo sobre isso – digo.

– Não. Existe um vídeo em que você fala sobre isso? Por que a Capital não usou esse vídeo contra mim?

– Eu fiz no dia em que você foi resgatado – respondo. A dor no meu peito aperta as minhas costelas como um torno. A dança foi um erro. – Então do que você lembra?

– De você. Na chuva – diz ele, suavemente. – Remexendo a nossa lixeira. Do pão queimando. Da minha mãe batendo em mim. Eu levando o pão para o porco, mas, em vez disso, dando-o para você.

– É isso aí. Foi exatamente isso o que aconteceu – digo. – No dia seguinte, depois da escola, eu quis agradecer. Mas não sabia como.

– Nós estávamos lá fora no fim do dia. Tentei olhar para você. Você desviou o olhar. E então... por algum motivo, acho que você colheu um dente-de-leão. – Balanço a cabeça concordando. Ele realmente se lembra. Jamais falei nada sobre aquele momento em voz alta. – Devo tê-la amado muito.

– Você me amou, sim. – Minha voz fica engasgada e finjo tossir.

– E você me amou? – pergunta ele.

Mantenho os olhos no chão de ladrilhos.

– Todo mundo diz que sim. Todo mundo diz que é por isso que Snow mandou torturarem você. Para me quebrar.

– Isso não é resposta – diz ele. – Não sei o que pensar quando me mostram alguns daqueles vídeos. Naquela primeira arena, parecia que você tinha tentado me matar com as teleguiadas.

– Estava tentando matar todos vocês – digo. – Você me forçou a subir na árvore.

– Depois, rolou um monte de beijos. Não pareceu muito espontâneo da sua parte. Você gostou de ter me beijado? – pergunta ele.

– Algumas vezes – admito. – Você sabe que as pessoas estão assistindo à gente agora?

– Eu sei. E o Gale? – continua ele.

Minha raiva está retornando. Não estou nem aí para a recuperação dele; isso não é da conta das pessoas que estão atrás daquele vidro.

– Ele também não beija mal – digo, curta e grossa.

– E era tranquilo para nós dois? Você beijando outro? – pergunta ele.

– Não. Não era tranquilo para nenhum dos dois. Mas eu não estava pedindo sua permissão – digo a ele.

Peeta ri novamente, de um modo frio, com desprezo.

– Cara, você não existe, hein?

Haymitch não protesta quando saio de lá. Entro no corredor. Passo pela colmeia dos compartimentos. Encontro uma chaminé ligeiramente quente na lavanderia atrás da qual me escondo. Demora um bom tempo até eu conseguir entender por que estou tão irritada. Assim que chego à conclusão, é algo quase aterrorizante demais para admitir. Todos esses meses achando que era certo que Peeta me considerava uma pessoa maravilhosa agora fazem parte do passado. Finalmente, ele está conseguindo me ver como eu realmente sou. Violenta. Não confiável. Manipuladora. Mortífera.

E eu o odeio por isso.



Apunhalada pelas costas. É como me sinto quando Haymitch me dá a informação no hospital. Desço correndo os degraus até o Comando, a mente a mil por hora, e dou de cara com uma reunião de guerra.

– Que história é essa de que não vou para a Capital? Eu tenho que ir! Eu sou o Tordo! – digo.

Coin mal tira os olhos da tela de seu computador.

– E, na condição de Tordo, sua meta principal de unificar os distritos contra a Capital foi alcançada. Não se preocupe, se tudo der certo, mandamos você para lá no momento da rendição.

Rendição?

– Aí já vai ser tarde demais! Vou perder todo o combate. Vocês precisam de mim, sou a melhor atiradora que vocês têm! – grito. Eu não costumo me gabar assim, mas pelo menos isso deve estar próximo de ser verdade. – Gale vai?

– Gale participou dos treinamentos todos os dias, exceto quando estava ocupado com outras tarefas que lhe confiamos. Temos confiança de que ele conseguirá se virar bem no campo de batalha – diz Coin. – De quantas sessões de treinamento você estima ter participado?

Zero. Esse é o número.

– Bom, às vezes eu estava caçando. E... treinei com Beetee lá no Arsenal Especial.

– Não é a mesma coisa, Katniss – diz Boggs. – Todos sabemos que você é inteligente e corajosa e que atira muito bem. Mas precisamos de soldados no

campo de batalha. Você não entende nada sobre cumprimento de ordens, e não se encontra exatamente em suas melhores condições físicas.

– Isso não foi nenhum problema para vocês quando eu estava no 8. Ou no 2, diga-se de passagem – retruco.

– Você não teve autorização prévia para entrar em combate em nenhuma das duas ocasiões – diz Plutarch, fuzilando-me com um olhar indicador de que estou a ponto de revelar muito mais do que deveria.

Não, a batalha durante os bombardeios no 8 e minha intervenção no 2 foram espontâneas, espinhosas e definitivamente não autorizadas.

– E ambas deixaram ferimentos em você – lembra-me Boggs. Subitamente, me vejo através de seus olhos. Uma pirralha de dezessete anos que mal consegue respirar, já que suas costelas ainda não estão totalmente curadas. Desgrenhada. Indisciplinada. Em recuperação. Não um soldado, mas alguém que necessita de cuidados.

– Mas preciso ir – digo.

– Por quê? – pergunta Coin.

Não posso dizer exatamente que é porque preciso acertar as minhas contas pessoais com Snow. Ou que a ideia de permanecer aqui no 13 com a última versão de Peeta enquanto Gale vai para a guerra é insuportável para mim. Mas não me faltam motivos para querer combater na Capital.

– Por causa do 12. Porque destruíram meu distrito.

A presidenta pondera minhas palavras por alguns instantes. Olha para mim como se estivesse me avaliando.

– Bom, você tem três semanas. Não é muita coisa, mas pode começar a treinar. Se o Comitê de Tarefas julgá-la capaz, é possível que seu caso seja reavaliado.

É isso. O máximo de esperança que posso ter. Imagino que seja culpa minha. Desrespeitei minha programação todos os dias, a não ser que ela se ajustasse a algum interesse particular. Não me parecia ser exatamente uma prioridade ficar correndo num campo com uma arma com tantas outras coisas acontecendo ao meu redor. E agora estou pagando pela minha negligência.

De volta ao hospital, encontro Johanna na mesma situação, e furiosa por isso. Conto a ela o que Coin me disse.

– Talvez você possa treinar também.

– Beleza. Eu vou treinar. Mas vou para essa droga de Capital nem que seja obrigada a matar todos os tripulantes de um aerodeslizador e tenha que pilotar eu mesma até lá – diz Johanna.

– Acho que é melhor não mencionar esse tipo de coisa no treinamento – digo. – Mas é bom saber que vou ter uma carona.

Johanna dá um sorrisinho, e sinto uma ligeira, porém significativa, guinada em nosso relacionamento. Não tenho como afirmar que somos efetivamente amigas, mas possivelmente a palavra "aliadas" se encaixaria muito bem. Isso é bom. Vou precisar de uma aliada.

Na manhã seguinte, quando nos apresentamos para o treinamento às 7:30, a realidade me dá um tapa na cara. Fomos inseridas numa turma mais ou menos de iniciantes, pessoas de catorze ou quinze anos, o que parece um pouco indigno até ficar óbvio que eles estão em condições muito melhores que as nossas. Gale e as outras pessoas já escolhidas para ir para a Capital estão numa fase diferente de treinamento, muito mais avançada. Depois de alguns alongamentos – bem dolorosos – temos algumas horas de exercício de musculação – bem dolorosos – e uma corrida de seis quilômetros – que me deixou morta. Mesmo com os insultos motivacionais de Johanna me impulsionando, desabo depois de pouco mais de um quilômetro.

– São minhas costelas – explico à treinadora, uma mulher de meia-idade simples e direta a quem devemos nos dirigir como soldado York. – Ainda estão machucadas.

– Bom, vou lhe dizer uma coisa, soldado Everdeen, isso aí vai levar pelo menos mais um mês até sarar por conta própria – diz ela.

Balanço a cabeça.

– Não disponho de um mês.

Ela me olha de alto a baixo.

– Os médicos não ofereceram nenhum tratamento?

– Tem tratamento para isso? – pergunto. – Eles disseram que iam curar naturalmente.

– Isso é o que eles dizem. Mas podem acelerar o processo se eu fizer uma recomendação. Mas vou logo avisando, a coisa não vai ser divertida – diz ela.

– Por favor. Preciso ir para a Capital – digo.

A soldado York não questiona isso. Ela rabisca alguma coisa num bloco e me manda diretamente para o hospital. Eu hesito. Não quero perder mais nenhum treinamento.

– Volto para o treino da tarde – digo em tom de promessa. Ela apenas franze os lábios.

Depois de vinte e quatro picadas de agulha em minhas costelas, fico deitada em meu leito hospitalar, os dentes cerrados a fim de impedir a mim mesma de gritar para que tragam minhas gotas de morfináceo. A droga fica ao lado de minha cama para que eu tome uma dose caso seja necessário. Não a tenho usado ultimamente, mas a mantive ali por causa de Johanna. Hoje eles fizeram um exame de sangue para se certificar de que eu não tinha mais nenhum sinal do analgésico na corrente sanguínea, já que a mistura das duas drogas – o morfináceo e seja lá o que eles colocaram em mim que deixou minhas costelas pegando fogo – pode causar efeitos colaterais adversos. Deixaram bem claro que eu teria alguns dias bem difíceis. Mas pedi que prosseguissem com a operação.

A noite não está das melhores em nosso quarto. Dormir, nem pensar. Acho que estou até sentindo o cheiro do anel de carne queimando ao redor do meu peito, e Johanna está lutando contra os sintomas da abstinência. Mais cedo, quando pedi desculpas por cortar seu suprimento de morfináceo, ela desprezou o problema, dizendo que isso teria de acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas, às três da manhã, sou alvo de todo e qualquer xingamento que o Distrito 7 tem a oferecer. De madrugada, ela me arrasta para fora da cama, determinada a me levar para o treino.

– Acho que não consigo – confesso.

– Consegue, sim. Nós duas conseguimos. Somos vitoriosas, lembra? Somos as que conseguem sobreviver a qualquer coisa que atirem na gente – rosna ela para mim. Johanna está doentiamente verde, e trêmula como uma folha. Eu me visto.

Precisamos mesmo ser vitoriosas para sobreviver à manhã. Começo a achar que vou perder Johanna quando percebemos que está chovendo forte lá fora. O

rosto dela adquire uma tonalidade acinzentada e parece que ela parou de respirar.

– É só água. Não vai nos matar – digo. Ela cerra os dentes e pisa firme na lama. A chuva nos deixa encharcadas assim que começamos a exercitar nossos corpos e a correr ao redor da pista. Paro mais uma vez depois de um quilômetro, e tenho de resistir à tentação de tirar a camisa para que a água gelada refresque minhas costelas. Me obrigo a botar para dentro a marmita composta de peixe aguado e cozido de beterraba. Johanna mal chega à metade de sua tigela e já está colocando tudo para fora. De tarde, aprendemos a montar nossas armas. Eu consigo, mas Johanna não é capaz de manter as mãos firmes o suficiente para juntar as partes. Quando York se vira de costas, eu a ajudo na tarefa. Embora a chuva prossiga, a tarde me parece um grande avanço porque começamos o treinamento de tiro ao alvo. Por fim, algo no qual sou boa. São necessários alguns ajustes antes de passar do arco e flecha para uma arma de fogo, mas no fim do dia já estou com o melhor aproveitamento da turma.

Acabamos de entrar no hospital quando Johanna declara:

– Isso precisa acabar. Essa história de morarmos no hospital. Todo mundo acha que somos pacientes.

Para mim isso não é problema. Posso me mudar para o compartimento da nossa família, mas Johanna jamais teve direito a um. Quando ela tenta ser dispensada do hospital, eles se negam a permitir que viva sozinha, mesmo que apareça para conversas diárias com o médico-chefe. Acho que devem ter somado dois com dois em relação ao consumo de morfináceos, e isso apenas piorou a maneira como veem a instabilidade dela.

– Ela não vai ficar sozinha. Vou dividir o quarto com ela – anuncio. Há algumas discordâncias, mas Haymitch fica do nosso lado. Finalmente, na hora de dormir, temos um compartimento em frente ao de Prim e de minha mãe, que concorda em ficar de olho em nós.

Depois que tomo uma chuveirada e Johanna meio que se esfrega com um pano úmido, ela faz uma inspeção esmiuçada no local. Quando abre a gaveta que contém meus poucos itens pessoais, ela a fecha com rapidez.

– Desculpe.

Penso que não há nada na gaveta de Johanna além de suas roupas cedidas pelo governo. Que ela não possui coisa alguma no mundo que possa dizer que pertence a ela.

– Não tem problema. Pode olhar minhas coisas à vontade.

Johanna destrava meu medalhão e estuda as fotos de Gale, Prim e minha mãe. Ela abre o paraquedas prateado, puxa a cavilha e a desliza no dedo mindinho.

– Só de olhar para isso já fico com sede. – Então ela encontra a pérola que Peeta me deu. – Isso aqui é a...

– É isso aí – digo. – Sobreviveu, de um jeito ou de outro. Não quero falar sobre Peeta. Uma das melhores coisas em relação ao treinamento é que me impede de pensar nele.

– Haymitch disse que ele está melhorando – comenta ela.

– Talvez. Mas ele mudou.

– Assim como você. Assim como eu. E Finnick e Haymitch e Beetee. Annie Cresta então, nem se fala. A arena nos deixou totalmente pirados, você não acha? Ou você ainda se sente como a menina que se apresentou como voluntária para a irmã? – pergunta ela.

– Não – respondo.

– Essa talvez seja a única coisa em que eu dê razão ao meu médico de cabeça. Não há volta. Então, é melhor a gente se acostumar com as mudanças. – Ela recoloca minhas lembrancinhas com todo o cuidado na gaveta e sobe na cama em frente à minha no instante em que as luzes se apagam. – Você não está com medo de eu te matar hoje à noite, está?

– Como se eu não soubesse me defender de você – respondo. Em seguida nós duas rimos, já que nossos corpos estão tão arrasados que será um milagre se conseguirmos acordar no dia seguinte. Mas acordamos. Acordamos todas as manhãs. No fim da semana, minhas costelas já estão praticamente boas e Johanna consegue montar seu rifle sem ajuda.

A soldado York balança a cabeça, indicando aprovação assim que damos o dia por encerrado.

– Ótimo trabalho, soldados.

Quando saímos do alcance dos ouvidos dela, Johanna murmura:

– Acho que vencer os Jogos foi mais fácil. – Mas a cara dela diz que está satisfeita.

Na realidade, estamos quase de bom humor quando nos dirigimos à sala de jantar, onde Gale está esperando para comer comigo. Receber uma porção gigantesca de cozido de carne também não estraga meu estado de espírito.

– Os primeiros lotes de comida chegaram hoje de manhã – diz Greasy Sae. – Isso aí é carne de boi de verdade, do Distrito 10. Não tem nada a ver com aqueles seus cachorros selvagens.

– Não me lembro de você torcendo nariz para eles – rebate Gale.

Nos juntamos a um grupo que inclui Delly, Annie e Finnick. É impressionante ver a transformação de Finnick desde que ele se casou. Suas encarnações anteriores – o decadente galã da Capital que conheci antes do Massacre, o enigmático aliado na arena, o jovem arrasado que tentava ajudar a me manter inteira –, tudo isso foi substituído por alguém que irradia vida. Os verdadeiros encantos de Finnick, o humor discreto e uma natureza tranquila, estão à mostra pela primeira vez. Ele nunca solta a mão de Annie. Nem quando estão andando, nem quando estão comendo. Duvido que sequer cogite a possibilidade. Ela está perdida em algum torpor de felicidade. Há ainda momentos em que você pode dizer que alguma coisa escorrega pelo cérebro dela e outro mundo a torna cega para nós. Mas umas poucas palavras de Finnick a fazem retornar.

Delly, que conheço desde pequena, mas para quem nunca dei muita bola, cresceu na minha estima. Ela ficou sabendo o que Peeta disse a mim naquela noite depois do casamento, mas não é fofoqueira. Haymitch diz que ela é a pessoa que melhor me defende quando Peeta começa a reclamar de mim. Sempre tomando meu partido, pondo a culpa das percepções negativas que ele tem na tortura empreendida pela Capital. Ela tem mais influência sobre ele do que qualquer uma das outras pessoas, porque ele realmente a conhece. De qualquer modo, mesmo que ela esteja adocicando demais meus pontos positivos, fico muito agradecida. Francamente, até que um pouco de açúcar não faz mal a ninguém.

Estou esfomeada e o cozido está tão delicioso – carne, batata, nabo e cebola num caldo grosso – que preciso me forçar a diminuir o ritmo. Por todos os

cantos da sala de jantar dá para sentir o efeito rejuvenescedor que uma boa refeição pode proporcionar. Como ela pode deixar as pessoas mais gentis, mais engraçadas, mais otimistas e fazer com que se lembrem que não é um erro continuar vivendo. É melhor que qualquer remédio. Então, tento fazer com que ela dure e me junto à conversa. Molho o pão no caldo e o mastigo enquanto escuto Finnick contar uma história ridícula sobre uma tartaruga marinha nadando com o chapéu dele. Rio antes de perceber que ele está lá em pé. Bem em frente à mesa em que me encontro, atrás da cadeira vazia próxima à Johanna. Me observando. Engasgo momentaneamente quando o pão embebido no caldo gruda em minha garganta.

– Peeta! – diz Delly. – Que legal ver você... andando por aí.

Dois guardas enormes estão parados atrás dele. Ele segura sua bandeja de modo esquisito, equilibrada nas pontas dos dedos, já que seus pulsos estão algemados com uma corrente curta entre eles.

– Qual é a dessas pulseirinhas bacanas? – pergunta Johanna.

– Ainda não sou totalmente confiável – diz Peeta. – Não posso nem me sentar aqui sem a permissão de vocês. – Ele indica os guardas com um movimento de cabeça.

– É claro que ele pode se sentar aqui. Somos amigos há muito tempo – diz Johanna, dando um tapinha no espaço ao lado dela. Os guardas fazem um gesto com a cabeça e Peeta se senta. – A cela de Peeta ficava ao lado da minha na Capital. Estamos bem familiarizados com os gritos um do outro.

Annie, que está sentada do outro lado de Johanna, faz aquele gesto de cobrir os ouvidos e abandonar a realidade. Finnick olha com raiva para Johanna enquanto abraça Annie.

– O que é? Meu médico de cabeça fala o tempo todo que não devo censurar meus pensamentos. Faz parte da minha terapia – responde Johanna.

A alegria escapou de nossa festinha. Finnick murmura alguma coisa para Annie até que ela lentamente retira as mãos. Em seguida, há um longo silêncio enquanto as pessoas fingem comer.

– Annie – diz Delly, esfuziante –, você sabia que foi o Peeta que decorou o seu bolo de casamento? No nosso distrito, a família dele administrava a padaria e ele fazia o glacê.

Annie olha para Johanna cautelosamente.

– Obrigada, Peeta. Estava lindo.

– Foi um prazer, Annie – diz Peeta, e ouço aquele velho tom de gentileza em sua voz que imaginava haver sumido para sempre. Não que ele esteja sendo direcionado a mim. Mas mesmo assim...

– Se a gente quer mesmo participar daquela caminhada, é melhor irmos logo – diz Finnick a ela. Ele ajeita as bandejas de ambos de modo a poder carregá-las com uma das mãos enquanto com a outra segura a dela com firmeza. – Bom te ver, Peeta.

– Seja legal com ela, Finnick. Ou pode ser que eu tente roubá-la de você. – Poderia muito bem ser uma piada se o tom não fosse tão frio. Tudo que a mensagem transmite é equivocado. A desconfiança aberta em relação a Finnick, a insinuação de que Peeta está de olho em Annie, de que Annie poderia abandonar Finnick, de que eu nem mesmo existo.

– Ah, Peeta – diz Finnick com leveza –, não me obrigue a ficar arrependido por ter feito o seu coração voltar a bater. – Ele acompanha Annie depois de olhar para mim com preocupação.

Depois que eles se vão, Delly diz com um tom de voz reprobatório:

– Ele salvou mesmo sua vida, Peeta. Mais de uma vez.

– Por ela. – Ele balança ligeiramente a cabeça para mim. – Pela rebelião. Não por mim. Não devo nada a ele.

Eu não devia morder a isca, mas é exatamente o que faço.

– Talvez não. Mas Mags está morta e você está vivo. Isso deveria significar algo.

– É isso aí, várias coisas deveriam significar algo que parecem não estar significando, Katniss. Tenho algumas lembranças que não fazem sentido para mim, e acho que nenhuma delas foi tocada pela Capital. Várias noites no trem, por exemplo – diz ele.

Novamente as insinuações. De que aconteceram mais coisas no trem do que o que foi dito. De que o que aconteceu efetivamente – aquelas noites em que eu só mantive a sanidade porque ele estava me abraçando – não tem mais importância. Tudo é uma mentira, tudo não passa de uma maneira de utilizá-lo indevidamente.

Peeta faz um leve gesto com a colher, apontando de Gale para mim.

– Quer dizer então que vocês dois agora são oficialmente um casal. Ou será que a chefia ainda está arrastando aquela coisa dos amantes desafortunados?

– Ainda estão arrastando essa história – diz Johanna.

Espasmos cerram os punhos de Peeta, e em seguida suas mãos se abrem de modo bizarro. Isso é o máximo que ele consegue fazer para mantê-las afastadas do meu pescoço? Sinto a tensão nos músculos de Gale ao meu lado e temo uma briga. Mas Gale diz simplesmente:

– Eu não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos.

– O quê? – pergunta Peeta.

– Você – responde Gale.

– Você vai ter que ser um pouco mais específico – diz Peeta. – O que em mim?

– O fato de terem substituído você pela versão bestante do mal de você mesmo – diz Johanna.

Gale termina seu leite.

– Pronta? – pergunta ele a mim. Eu me levanto e vamos depositar nossas bandejas. Na porta, um homem idoso me para porque ainda estou segurando o restante do pão ensopado de caldo. Algo em meu semblante, ou quem sabe o fato de não ter feito nenhuma tentativa de escondê-lo, faz com que ele me aborde com delicadeza. Ele permite que eu enfie o pão na boca e vá embora. Gale e eu estamos quase no compartimento quando ele volta a me dirigir a palavra:

– Eu não esperava por isso.

– Eu disse para você que ele me odiava – digo.

– O problema é o jeito como ele odeia. É tão... familiar. Eu já me senti assim também – admite ele. – Quando eu via você beijando ele na TV. Só que eu sabia que não estava sendo totalmente justo. Ele não tem como ver isso.

Alcançamos a porta.

– De repente, ele só está me vendo como realmente sou. Preciso dormir.

Gale segura o meu braço antes que eu consiga entrar.

– Quer dizer então que é isso que você está pensando agora? – Dou de ombros. – Katniss, estou falando na condição de seu amigo mais antigo.

Acredite em mim quando digo que ele não está vendo o que você realmente é. – Ele me dá um beijo no rosto e vai embora.

Eu me sento na cama, tentando enfiar as informações dos livros de Táticas Militares na cabeça enquanto lembranças de minhas noites com Peeta no trem me tiram a atenção. Depois de mais ou menos vinte minutos, Johanna entra e se joga na minha cama.

– Você saiu na melhor parte. Delly perdeu a paciência com Peeta pela maneira como ele tratou você. Ela ficou uma fera. Parecia até um ratinho sendo esfaqueado, do jeito como começou a gritar. A sala de jantar inteira ficou ligada na cena.

– O que Peeta fez? – pergunto.

– Ele começou a discutir consigo mesmo como se houvesse duas pessoas ali. Os guardas tiveram de levá-lo embora. A parte boa foi que ninguém reparou que eu terminei de comer o cozido dele. – Johanna esfregou a mão na barriga estufada. Olho para a camada de sujeira embaixo de suas unhas. Fico imaginando se as pessoas do 7 costumam tomar banho de vez em quando.

Passamos algumas horas fazendo perguntas uma para a outra sobre termos militares. Faço uma visita à minha mãe e Prim. Depois de voltar ao compartimento, tomar banho e encarar a escuridão durante um tempo, finalmente pergunto:

– Johanna, você conseguia mesmo ouvir ele gritando?

– Isso fazia parte da tortura – diz ela. – Tipo os gaios tagarelas na arena. Só que era real. E não parava depois de uma hora. Tique-taque.

– Tique-taque – sussurro de volta.

Rosas. Bestantes em forma de lobo. Tributos. Golfinhos de glacê. Amigos. Tordos. Estilistas. Eu.

Tudo aos berros em meus sonhos nessa noite.



Eu me jogo no treinamento com uma postura de vingança. Como, vivo e respiro os exercícios físicos, as instruções de emergência, o treinamento com as armas, as palestras sobre táticas. Uma parte do grupo é transferida para uma turma adicional que me dá esperança de que eu possa vir a ser uma combatente na guerra em curso. Os soldados a chamam simplesmente de Quarteirão, mas a tatuagem em meu braço refere-se a ela como C.R.S., abreviatura para Combate de Rua Simulado. Bem nas profundezas do 13, construíram um quarteirão urbano artificial, simulando a Capital. O instrutor nos divide em esquadrões de oito e tentamos cumprir missões – ganhar posições, destruir um alvo, dar uma busca numa residência – como se estivéssemos realmente lutando no meio da Capital. A coisa é montada de forma que tudo que pode acontecer de errado com você acontece de fato. Um passo em falso detona uma mina terrestre, um atirador de elite aparece no alto de um telhado, sua arma emperra, uma criança chorando leva você a uma emboscada, o líder de seu esquadrão – que é apenas uma voz no programa – é atingido por um morteiro e você é obrigada a descobrir o que fazer sem as ordens. Uma parcela de você sabe que a coisa é falsa e que ninguém vai te matar. Se você detona uma mina terrestre, ouve a explosão e tem que fingir que está caindo morta. Mas em outras circunstâncias, a sensação é de que tudo é bem real por lá – os soldados inimigos vestidos com uniformes de Pacificadores, a confusão de uma bomba incendiária. Há até ataques com gás. Johanna e eu somos as únicas que conseguimos vestir as máscaras a tempo. O restante de nosso esquadrão fica nocauteado por dez

minutos. E o gás supostamente inofensivo do qual ingeri golfadas me dá uma dor de cabeça chatinha pelo resto do dia.

Cressida e sua equipe filmam Johanna e eu no treinamento de tiro ao alvo. Sei que Gale e Finnick também estão sendo filmados. Faz parte de uma nova série de pontoprops para mostrar os rebeldes se preparando para a invasão da Capital. No geral, as coisas estão indo muito bem.

Então Peeta começa a aparecer em nossos exercícios matinais. As algemas foram retiradas, mas ele ainda está constantemente acompanhado por um par de guardas. Depois do almoço, eu o vejo do outro lado do campo, em instruções de segurança com um grupo de iniciantes. Não sei o que estão pensando. Se uma briguinha com Delly pode fazer com que ele comece a discutir consigo mesmo, ele não deveria estar aprendendo a montar uma arma.

Quando confronto Plutarch em relação a isso, ele me assegura de que tudo está sendo feito exclusivamente para as câmeras. Eles têm tomadas de Annie casando e de Johanna acertando alvos, mas toda Panem está querendo saber como estará Peeta. É necessário que vejam que ele está lutando com os rebeldes, não para Snow. E talvez se pudessem conseguir apenas algumas tomadas de nós dois, não necessariamente nos beijando, apenas com a aparência feliz por voltarmos a estar juntos...

Eu me afasto da conversa nesse instante. Isso não vai acontecer.

Em meus raros momentos de inatividade, assisto ansiosamente aos preparativos para as invasões. Vejo equipamentos e provisões sendo preparados, divisões sendo agrupadas. Dá para dizer quando alguém recebeu ordens porque a pessoa ganha um corte de cabelo bem curto, a marca de alguém que está indo para a batalha. Há muitas conversas acerca da ofensiva inicial, que terá o intuito de assegurar os túneis de trens que alimentam a Capital.

Poucos dias antes de as primeiras tropas iniciarem sua movimentação, Coin inesperadamente diz a Johanna e a mim que nos recomendou para a prova, e que devemos nos apresentar imediatamente. Há quatro partes: uma corrida de obstáculos que mede a aptidão física, uma prova escrita sobre táticas, um teste de proficiência em armas e uma situação de combate simulado no Quarteirão. Não tenho nem tempo de ficar nervosa para as três primeiras e me saio bem, mas há alguma coisa ainda não concluída no Quarteirão. Uma espécie de

problema técnico no qual estão trabalhando. Um grupo nosso troca informações. Isso parece bastante verdadeiro: você participa da prova sozinha. Não há como prever em que situação será jogado. Um garoto diz, entre os dentes, que ouviu falar que a prova é elaborada para apontar as fraquezas individuais de cada um.

Minhas fraquezas? Essa é uma porta que não quero nem abrir. Mas acho um local quieto e tento avaliar quais poderiam ser. A extensão da lista me deprime. Falta de força física bruta. Quantidade mínima de treinamento. E, de uma forma ou de outra, minha condição de Tordo não parece ser nenhuma vantagem numa situação em que tentam nos misturar num bando de pessoas. Poderiam me encostar na parede sob incontáveis aspectos.

Johanna e mais três pessoas são chamadas antes de mim; balanço a cabeça para ela, transmitindo-lhe coragem. Gostaria de estar no topo da lista porque agora estou de fato repensando a coisa toda. Quando o meu nome é chamado, já não sei mais qual deveria ser a minha estratégia. Felizmente, assim que chego ao Quarteirão, uma determinada quantidade de treinamento começa efetivamente a fazer efeito. É uma situação de emboscada. Pacificadores aparecem quase que instantaneamente e tenho de chegar a um ponto de encontro para me juntar a meu esquadrão, que se encontra espalhado pelo local. Navego lentamente pela rua, derrubando Pacificadores à medida que sigo em frente. Dois no telhado à minha esquerda, outro na porta logo à frente. É desafiador, mas não tão difícil quanto imaginava. Há uma sensação irritante de que se a coisa é simples demais, devo estar fazendo algo errado. Estou a alguns prédios de minha meta quando a situação começa a esquentar. Meia dúzia de Pacificadores atacam da esquina. Estão mais armados que eu, mas reparo em algo. Um contêiner de gasolina repousado descuidadamente em cima da sarjeta. É isso. Meu teste. Perceber que explodir o contêiner é a única maneira de realizar a missão. Assim que avanço para cumprir a tarefa, o líder de meu esquadrão, que até esse momento tinha sido bastante inútil, ordena com a voz tranquila que me deite no chão. Todos os meus instintos berram para que eu ignore a voz, para que puxe o gatilho, para que faça os Pacificadores voarem pelos ares. E, subitamente, percebo o que os militares pensam ser a minha maior fraqueza. Desde meu primeiro momento nos Jogos, quando corri atrás

daquela mochila laranja, passando pelo tiroteio no 8 e chegando na minha impulsiva corrida pela praça no 2. Não sei obedecer ordens.

Me jogo no chão com tanta força e com tanta rapidez que vou precisar tirar cascalho do meu queixo por uma semana. Uma outra pessoa explode o tanque de gasolina. Os Pacificadores morrem. Chego ao ponto de encontro. Quando saio do Quarteirão em sua extremidade, um soldado me parabeniza, carimba minha mão com o número de esquadrão 451 e fala para eu me apresentar ao Comando. Quase tonta devido ao sucesso, disparo pelos corredores, trombando com as quinas, descendo os degraus desabaladamente porque o elevador é lento demais. Dou de cara com a sala antes de me dar conta da esquisitice da situação. Eu não devia estar no Comando; devia estar passando a máquina nos cabelos. As pessoas ao redor da mesa não são soldados recém-formados, mas os que dão as cartas.

Boggs sorri e balança a cabeça quando me vê.

– Vamos dar uma olhada nisso. – Insegura agora, estendo a minha mão carimbada. – Você está comigo. É uma unidade especial de atiradores de elite. Junte-se a seu esquadrão. – Ele faz um aceno de cabeça para um grupo que está alinhado na parede. Gale. Finnick. Cinco outros que nem conheço. Meu esquadrão. Não só estou dentro como também vou trabalhar sob o comando de Boggs. Com meus amigos. Sinto-me forçada a dar passos calmos e dignos de um soldado em direção a eles, em vez de ficar aos pulos para cima e para baixo.

Nós também devemos ser importantes, porque estamos no Comando, o que não tem nada a ver com o tal do Tordo. Plutarch se debruça sobre um amplo painel disposto no centro da mesa. Explica alguma coisa sobre a natureza do que encontraremos na Capital. Começo a pensar que essa é uma apresentação horrível – porque mesmo na pontinha dos pés não consigo enxergar o que há no painel – até ele apertar um botão. Uma imagem holográfica de um quarteirão da Capital projeta-se no ar.

– Isso, por exemplo, é a área ao redor de uma das barracas de campanha dos Pacificadores. Não é desprovida de importância, mas tampouco é o mais crucial dos alvos e, no entanto, olhem bem. – Plutarch insere alguma espécie de código no teclado e luzes começam a piscar. Elas piscam numa coleção de cores e em diferentes velocidades. – Cada luz é chamada de casulo. Elas

representam obstáculos diferentes, a natureza deles poderia ser qualquer coisa, desde uma bomba até um bando de bestantes. Fiquem atentos, seja lá o que contenham, são projetados ou para prender ou para matar vocês. Alguns estão lá desde os Dias Escuros, outros foram desenvolvidos ao longo dos anos. Para ser sincero, eu mesmo criei um razoável número deles. Este programa, que um dos nossos carregou consigo escondido quando saímos da Capital, é nossa informação mais recente. Eles não sabem que está em nossas mãos. Mas mesmo assim, é provável que novos casulos tenham sido ativados nos últimos meses. Isso é o que vocês terão de encarar.

Não percebo meus pés se movendo em direção à mesa, até ficar a alguns centímetros do holograma. Estendo a mão e toco uma luz verde que pisca rapidamente.

Alguém faz a mesma coisa. Finnick, obviamente. Porque apenas um vitorioso veria o que estou vendo tão imediatamente. A arena. Cheia de casulos controlados por Idealizadores dos Jogos. Os dedos de Finnick acariciam um estável brilho vermelho em cima de uma porta.

– Senhoras e senhores...

A voz dele é baixinha, mas a minha ecoa pela sala:

– Está aberta a septuagésima sexta edição dos Jogos Vorazes!

Eu rio. De forma breve. Antes que alguém tenha tempo de registrar o que está por trás das palavras que acabei de proferir. Antes que sobrancelhas se ergam, que objeções sejam feitas, que a soma de dois mais dois seja efetuada e que a solução seja eu ser mantida o mais distante possível da Capital. Porque uma vitoriosa insubordinada e raivosa com uma cicatriz psicológica espessa demais para ser penetrada talvez seja a última pessoa que alguém vai querer ter em seu esquadrão.

– Nem sei por que vocês se deram ao trabalho de colocar Finnick e eu no treinamento, Plutarch – digo.

– Pois é, nós já somos os dois soldados mais bem-equipados que vocês têm – acrescenta Finnick com arrogância.

– Não pense que esse fato me escapa – diz ele, balançando a cabeça impacientemente. – Agora, de volta a seus postos, soldados Odair e Everdeen. Preciso terminar esta apresentação.

Voltamos a nossos lugares, ignorando os olhares questionadores lançados em nossa direção. Adoto uma atitude de extrema concentração enquanto Plutarch prossegue, balanço a cabeça em concordância aqui e ali, mudo de posição para obter uma visão melhor e o tempo todo me esforço para aguentar firme até chegar à floresta e poder berrar à vontade. Ou xingar à vontade. Ou chorar à vontade. Ou de repente as três coisas ao mesmo tempo.

Se isso foi um teste, Finnick e eu passamos. Quando Plutarch termina e a reunião é interrompida, tenho um momento desagradável ao descobrir que há uma ordem especial para mim. Mas é simplesmente uma solicitação para que eu não use o corte de cabelo militar porque gostariam que o Tordo parecesse o máximo possível com a menina na arena no tão esperado momento da rendição. Enfim, para as câmeras. Dou de ombros para comunicar que o comprimento dos meus cabelos é um assunto que me é completamente indiferente. Me dispensam sem maiores comentários.

Finnick e eu nos reunimos no corredor.

– O que vou dizer a Annie? – pergunta ele entre dentes.

– Nada – respondo. – É isso o que a minha mãe e minha irmã vão ouvir de mim. – Já é ruim demais sabermos que estamos retornando a uma arena totalmente equipada. Não vai adiantar nada deixar esse rojão cair em cima de nossos entes queridos.

– Se ela descobrir sobre esse holograma...

– Ela não vai descobrir. Aquilo é informação altamente sigilosa. Deve ser – digo. – De qualquer maneira, não se trata dos verdadeiros Jogos. Diversas pessoas vão conseguir sobreviver. Estamos reagindo de modo exagerado simplesmente porque... bom, você sabe por quê. Você ainda está a fim de ir, não está?

– Claro que estou. Quero destruir Snow tanto quanto você – diz ele.

– Não vai ser como das outras vezes – digo com firmeza, tentando também convencer a mim mesma. Então, a verdadeira beleza da situação se revela. – Dessa vez, Snow também vai ser um dos jogadores.

Antes de podermos continuar, Haymitch aparece. Ele não estava na reunião e não está pensando em arenas, mas em outra coisa.

– Johanna voltou para o hospital.

Na minha cabeça Johanna estava bem, havia passado na prova, mas simplesmente não fora designada para nenhuma unidade de atiradores de elite. Ela é uma fera lançando machados, mas não passa da média com uma arma de fogo.

– Ela se machucou? O que aconteceu?

– Foi enquanto ela estava no Quarteirão. Eles tentam desencavar as fraquezas potenciais dos soldados. Aí inundaram a rua – diz Haymitch.

Isso não ajuda muito. Johanna sabe nadar. Pelo menos, acho que lembro de tê-la visto nadar durante o Massacre Quaternário. Não como Finnick, evidentemente, mas nenhum de nós é como Finnick.

– E aí?

– Foi assim que ela foi torturada na Capital. Eles a ensopavam e depois davam choques elétricos – diz Haymitch. – No Quarteirão, ela acabou se lembrando de tudo. Entrou em pânico, ficou sem saber onde estava. Voltou a ser sedada. – Finnick e eu ficamos lá parados, como se tivéssemos perdido a habilidade de responder. Penso em por que Johanna nunca toma banho. Em como ela fez um tremendo esforço para sair na chuva naquele dia, como se a chuva fosse ácida. Eu atribuíra a miséria dela aos sintomas de abstinência dos morfináceos.

– Vocês dois deviam fazer uma visitinha a ela. Vocês são a coisa mais parecida com amigos que ela talvez tenha – diz Haymitch.

Isso piora tudo. Não sei exatamente o que existe entre Johanna e Finnick. Mas da minha parte, eu mal a conheço. Nenhum familiar. Nenhum amigo. Nem mesmo algum símbolo do 7 para colocar ao lado de seus uniformes em sua gaveta anônima. Nada.

– É melhor avisar o Plutarch. Ele não vai ficar contente – continua Haymitch. – Ele quer que as câmeras sigam o máximo possível de vitoriosos na Capital. Ele acha que o programa fica melhor assim.

– Você e Beetee vão? – pergunto.

– O máximo possível de vitoriosos jovens e atraentes – corrige Haymitch. – O que significa que não iremos. Vamos ficar por aqui.

Finnick decide visitar Johanna imediatamente, mas eu demoro mais alguns minutos do lado de fora até Boggs aparecer. Ele agora é meu comandante, de

modo que imagino que seja a pessoa a quem devo pedir quaisquer favores especiais. Quando digo a ele o que quero fazer, ele me dá um passe para que eu vá à floresta durante a Meditação, contanto que fique a uma distância visível dos guardas. Corro até o meu compartimento, pensando em usar o paraquedas, mas ele contém um excesso de lembranças desagradáveis. Em vez disso, cruzo o corredor e pego uma das bandagens brancas de algodão que trouxe do 12. Quadradas. Robustas. Exatamente do que preciso.

Na floresta, acho um pinheiro e arranco várias agulhas dos galhos. Depois de fazer uma pilha ordenada no meio da bandagem, junto os lados, dou uma sacudida, e amarro-os de modo bem apertado com uma trepadeira, fazendo um embrulho do tamanho de uma maçã.

Na porta do quarto de hospital, observo Johanna por um momento e percebo que grande parte de sua ferocidade encontra-se em suas atitudes abrasivas. Desprovida disso, como agora, existe apenas uma jovem magra, olhos arregalados lutando para permanecer despertos contra o poder das drogas. Aterrorizada com o que o sono acarretará. Cruzo o quarto até ela e estendo o embrulho.

– O que é isso? – diz ela, a voz rouca. As pontas molhadas de seus cabelos estão espetadas como pequenos pregos sobre sua testa.

– Fiz para você. É uma coisa para você botar na gaveta. – Ponho o objeto nas mãos dela. – Cheire.

Ela ergue o embrulho na altura do nariz e aspira de modo hesitante.

– Tem cheiro de casa. – Os olhos dela se enchem de lágrimas.

– Era exatamente o que eu esperava. Já que você vem do 7 e coisa e tal – digo. – Lembra quando a gente se conheceu? Você era uma árvore. Bom, por pouquíssimo tempo.

De repente, ela aperta meu pulso com extrema força.

– Você precisa matá-lo, Katniss.

– Pode ficar despreocupada. – Resisto à tentação de dar um puxão para soltar o braço.

– Jure. Jure por alguma coisa que você acha importante – sussurra ela.

– Juro. Pela minha vida. – Mas ela não solta o meu braço. – Pela vida dos meus familiares – repito. Acho que minha preocupação com minha própria

sobrevivência não é suficientemente convincente. Ela me solta e esfrego o pulso. – Afinal de contas, por que você acha que estou indo, sua desmiolada?

Isso faz com que ela ria um pouquinho.

– Eu só precisava ouvir da sua boca. – Ela pressiona o embrulho com agulhas de pinheiro no nariz e fecha os olhos.

Os dias restantes passam como um turbilhão. Depois de um breve exercício a cada manhã, meu esquadrão pratica tiro ao alvo em tempo integral nos treinamentos. Treino quase sempre com uma arma de fogo, mas eles reservam uma hora por dia para armas da especialidade de cada um, o que significa que passo a usar o arco do Tordo, Gale seu arco pesadamente militarizado. O tridente que Beetee desenhou para Finnick possui diversas características especiais, mas a mais notável é que ele pode arremessá-lo, apertar um botão numa pulseira de metal e fazer com que ele volte à sua mão sem precisar ir atrás dele.

Às vezes atiramos em bonecos de Pacificadores para ficarmos familiarizados com as fraquezas nos equipamentos de proteção que eles usam. As brechas nas armaduras, por assim dizer. Se você atinge alguma parte do corpo, é recompensado com um esguicho de sangue falso. Nossos bonecos ficam encharcados de tinta vermelha.

É tranquilizador ver como é alto o nível geral de acertos no alvo em nosso grupo. Junto com Finnick e Gale, o esquadrão inclui cinco soldados do 13. Jackson, uma mulher de meia-idade que é a vice-comandante, abaixo apenas de Boggs, parece meio lenta, mas acerta coisas que nem conseguimos enxergar sem uma mira telescópica. Bons olhos para coisas distantes, diz ela. Há uma dupla de irmãs gêmeas na casa dos vinte anos de sobrenome Leeg – nós as chamamos de Leeg 1 e Leeg 2 por motivos de clareza – que são tão similares de uniforme que só consigo distinguir uma da outra quando reparo que Leeg 1 possui estranhos pontinhos amarelados nos olhos. Os caras mais velhos, Mitchell e Homes, não são muito de falar, mas são capazes de arrancar a poeira das suas botas a cinquenta metros de distância. Vejo outros soldados que também são muito bons, mas só consigo compreender inteiramente a categoria na qual estamos incluídos na manhã em que Plutarch se junta a nós.

– Soldado Quatro-Cinco-Um, você foi selecionada para uma missão especial – começa ele. Mordo a parte interna do lábio, esperando com todas as minhas forças que a missão seja assassinar Snow. – Temos inúmeros atiradores de elite, mas uma grande escassez de cinegrafistas. Portanto, escolhemos a dedo vocês oito para serem o que chamamos "Esquadrão Estelar". Vocês serão as caras da invasão que as pessoas verão na TV.

Decepção, choque e em seguida raiva acometem todo o grupo.

– Você está dizendo que não vamos participar de verdade dos combates? – rebate Gale.

– Vocês estarão em combate, mas talvez nem sempre na linha de frente. Se é que alguém consegue isolar uma linha de frente nesse tipo de guerra – diz Plutarch.

– Nenhum de nós quer isso. – A observação de Finnick é seguida por um ruído geral de concordância, mas permaneço em silêncio. – Nós vamos lutar.

– Vocês serão tão úteis quanto possível ao esforço de guerra – diz Plutarch. – E foi decidido que vocês são da mais alta importância na TV. Olhem só o efeito que Katniss proporcionou aparecendo naquele traje de Tordo. Mudou por completo o rumo da rebelião. Vocês notaram que é a única que não está reclamando? É porque ela compreende o poder daquela tela de TV.

Na realidade, Katniss não está reclamando porque ela não tem a menor intenção de ficar com o "Esquadrão Estelar", mas reconhece a necessidade de chegar à Capital para que tenha condições de levar a cabo qualquer plano que seja. No entanto, demonstrar uma exagerada concordância também pode gerar suspeitas.

– Mas não é tudo fingimento, é? – pergunto. – Isso seria um desperdício de talento.

– Não se preocupe – diz Plutarch. – Vocês terão inúmeros alvos reais a atingir. Mas não fiquem muito chateados. Já tenho um trabalhão danado sem precisar substituir vocês. Agora sigam para a Capital e deem um grande show.

Eu me despeço de minha família na manhã em que partimos. Não contei para elas o quanto as defesas da Capital espelham as armas na arena, mas o simples fato de eu ir para a guerra já é suficientemente terrível. Minha mãe me

abraça com força por um longo tempo. Sinto lágrimas em seu rosto, algo que ela evitou quando fui escalada para os Jogos.

– Não se preocupe. Estarei absolutamente segura. Não sou nem um soldado de verdade. Só uma das marionetes que o Plutarch põe na TV – digo, tranquilizando-a.

Prim me acompanha até a porta do hospital.

– Como é que você está se sentindo?

– Melhor, sabendo que o lugar onde você está é inalcançável para Snow – digo.

– Da próxima vez que a gente se encontrar, estaremos livres dele – diz Prim com firmeza. Então ela me abraça com ardor. – Tome cuidado.

Penso na possibilidade de dar um último adeus a Peeta, mas acabo achando que tal atitude seria ruim para nós dois. No entanto, deslizo a pérola para o bolso de meu uniforme. Um símbolo do garoto com o pão.

Um aerodeslizador nos leva, para surpresa de todos, para o 12, onde uma área de transporte improvisada foi montada do lado de fora da zona de fogo. Nada de trens de luxo desta vez, mas um utilitário lotado até o limite de sua capacidade, com soldados vestidos em seus uniformes cinzentos, dormindo com as cabeças apoiadas em seus fardos. Depois de alguns dias de viagem, desembarcamos no interior de um dos túneis da montanha que leva à Capital e fazemos o restante do percurso de seis horas a pé, tomando cuidado para pisar apenas numa linha verde brilhante que marca o caminho seguro para conseguirmos voltar à superfície.

Chegamos ao acampamento rebelde, uma faixa de terra que compreende dez quarteirões do lado de fora da estação de trem onde Peeta e eu fizemos nossas chegadas anteriores. O local já está apinhado de soldados. O Esquadrão 451 recebe um espaço onde deverá montar suas barracas. Essa área está em nosso poder há mais de uma semana. Rebeldes expulsaram os Pacificadores, perdendo centenas de vidas no processo. As forças da Capital bateram em retirada e se reagruparam no interior da cidade. Entre nós, encontram-se ruas repletas de minas, vazias e convidativas. Cada casulo terá de ser removido antes de avançarmos.

Mitchell pergunta sobre bombardeios de aerodeslizadores – estamos nos sentindo bastante expostos a céu aberto –, mas Boggs diz que essa não é uma questão relevante. A maior parte da força aérea da Capital foi destruída no 2 durante nossa invasão. Se alguma aeronave permaneceu intacta, estarão agarrados a ela. Provavelmente para Snow e seu círculo de pessoas poderem escapar no último minuto para um bunker presidencial em algum ponto do país. Nossos próprios aerodeslizadores foram abatidos depois que os mísseis antiaéreos dizimaram as primeiras ondas de bombardeio. Essa guerra será levada a cabo nas ruas com – esperamos – danos apenas superficiais à infraestrutura e um mínimo de vítimas. Os rebeldes querem a Capital, assim como a Capital queria o 13.

Depois de três dias, grande parte do Esquadrão 451 corre riscos de uma deserção em massa devido ao tédio. Cressida e sua equipe fazem tomadas de nosso grupo atirando. Dizem que fazemos parte da equipe de desinformação. Se os rebeldes atirarem apenas nos casulos de Plutarch, a Capital levará mais ou menos dois minutos para perceber que estamos de posse do holograma. De modo que são horas e horas perdidas despedaçando coisas que não têm importância, para despistar o inimigo. Na maior parte das vezes apenas aumentamos a pilha de vidro colorido que se espatifou após as explosões dos prédios coloridos. Desconfio de que eles estejam entrecortando essas tomadas com a destruição de significativos alvos na Capital. De vez em quando, os serviços de um atirador de elite de verdade são requisitados. Oito mãos se levantam, mas Gale, Finnick e eu jamais somos escolhidos.

– A culpa é sua por ficar tão bem diante das câmeras – digo a Gale. Ele me olha furioso.

Acho que ninguém sabe muito bem o que fazer conosco, principalmente comigo. Trouxe meu traje de Tordo, mas só fui filmada com o uniforme. Às vezes uso uma arma, às vezes me pedem para atirar com o arco. É como se não quisessem desperdiçar inteiramente o Tordo, mas ao mesmo tempo estivessem dispostos a rebaixar meu papel à condição de reles soldado. Como não ligo, é muito mais divertido do que irritante imaginar as discussões em curso no 13.

Embora por fora eu expresse aborrecimento com a falta de uma efetiva participação da nossa parte, mantenho-me ocupada com meus próprios planos.

Cada um de nós possui um mapa de papel da Capital. A cidade forma quase um quadrado perfeito. Linhas dividem o mapa em quadrados menores, com letras ao longo do topo e números nas laterais para formar uma grade. Absorvo a imagem, gravando cada interseção e rua lateral, mas isso não passa de um paliativo. Os comandantes aqui estão trabalhando com o holograma de Plutarch. Cada um possui um dispositivo manual chamado Holo que produz imagens como a que vi no Comando. Eles podem dar um zoom em qualquer área da grade e ver quais casulos os esperam. O Holo é uma unidade independente, um mapa embelezado, na realidade, já que não pode nem enviar nem receber sinais. Mas é bem superior à minha versão em papel.

Um Holo é ativado pela voz de um comandante específico ao oferecer seu nome. Uma vez funcionando, responde às outras vozes no esquadrão, de modo que, digamos, se Boggs for morto ou estiver bastante ferido, alguém poderá assumir o comando. Se alguém no esquadrão repetir a palavra "cadeado" três vezes seguidas, o Holo explodirá, jogando tudo num raio de cinco metros pelos ares. Isso se dá por motivos de segurança na eventualidade de uma captura. Fica subentendido que espera-se que todos façamos isso sem hesitação.

Então o que preciso fazer é roubar o Holo ativado de Boggs e sumir antes que alguém note. Acho que seria mais fácil roubar os dentes dele.

Na quarta manhã, a soldado Leeg 2 atinge um casulo rotulado. Ele não solta um enxame de mosquitos bestantes, para os quais os rebeldes estão preparados, mas lança dardos de metal para todos os lados. Um deles atinge o cérebro dela. Ela morre antes que os médicos a alcancem. Plutarch promete uma substituição rápida.

Na noite seguinte, o mais novo membro de nosso esquadrão chega. Sem grilhões. Sem guardas. Vindo a pé da estação de trem com a arma balançando na correia pendurada no ombro. Há choque, confusão, resistência, mas o 451 está estampado na mão de Peeta com tinta fresca. Boggs o alivia do peso da arma e vai dar um telefonema.

– Não vai ter problema – diz Peeta, dirigindo-se a todos nós. – A própria presidenta me designou. Ela decidiu que os pontoprops precisavam de um pouco mais de animação.

Talvez precisem mesmo. Mas se Coin mandou Peeta para cá, ela também decidiu uma outra coisa. Que sou mais útil a ela morta do que viva.



PARTE III

"A ASSASSINA"



Na verdade, eu nunca havia visto Boggs com raiva antes. Não o vi com raiva quando desobedeci às suas ordens ou quando vomitei em cima dele. Nem mesmo quando Gale quebrou seu nariz. Mas ele fica com raiva ao voltar de sua conversa telefônica com a presidenta. A primeira coisa que faz é instruir a soldado Jackson, sua vice-comandante, a montar um sistema de vigilância sobre Peeta com dois guardas vinte e quatro horas por dia. Em seguida, me leva para dar uma volta ao redor do acampamento, driblando as várias barracas espalhadas pelo local até nosso esquadrão ficar a uma razoável distância.

– Ele vai tentar me matar de uma forma ou de outra – digo. – Principalmente aqui. Onde existem tantas lembranças ruins para estimular o ódio dele.

– Vou mantê-lo a distância, Katniss – diz Boggs.

– Por que Coin me quer morta agora? – pergunto.

– Ela nega ter essa intenção.

– Mas a gente sabe que é verdade – digo. – E você deve ter pelo menos alguma teoria a respeito.

Boggs lança sobre mim um olhar longo e duro antes de responder:

– Tudo que eu sei é o seguinte. A presidenta não gosta de você. Nunca gostou. Era Peeta que ela queria que tivesse sido resgatado da arena, mas ninguém mais concordou com isso. As coisas ficaram piores quando você a forçou a dar imunidade aos vitoriosos. Mas até mesmo isso podia ser deixado para lá em vista de seu excelente desempenho.

– Então qual é o problema? – insisto.

– Em algum momento do futuro próximo, esta guerra estará resolvida. Um novo líder será escolhido – diz Boggs.

Abro bem os olhos.

– Boggs, ninguém acha que eu vou ser a líder.

– Não. Não acham – concorda ele. – Mas você vai dar seu apoio a alguém. Seria para a presidenta Coin? Ou para alguma outra pessoa?

– Não sei. Nunca pensei nisso.

– Se sua resposta imediata não é Coin, então você representa uma ameaça. Você é a cara da rebelião. Você talvez tenha mais influência que qualquer outra pessoa – diz Boggs. – E fica claro que você, no máximo, tolera a presidenta.

– Então ela vai me matar para calar minha boca. – No instante em que digo essas palavras, tenho a plena convicção de que são verdadeiras.

– Ela não precisa de você agora como ponto de apoio. Como ela mesma disse, seu objetivo primário, unir os distritos, obteve sucesso – lembra Boggs. – Esses pontoprops atuais poderiam ser feitos sem você. Tem só uma última coisinha que você poderia fazer para adicionar fogo a essa rebelião.

– Morrer – digo baixinho.

– Sim. Nos fornecer um mártir por quem lutar – diz Boggs. – Mas isso não vai acontecer se eu estiver montando guarda, soldado Everdeen. Estou planejando uma vida bem longa para você.

– Por quê? Esse tipo de pensamento só vai lhe trazer problemas. Você não me deve nada.

– Porque você lutou por isso e se tornou merecedora – diz ele. – Agora volta lá para o seu esquadrão.

Sei que deveria me sentir agradecida por Boggs ficar de olho em mim, mas na verdade o que sinto mesmo é frustração. Enfim, como é que agora vou conseguir roubar o Holo dele e desertar? Traí-lo já seria bastante complicado sem toda essa nova camada de dívida. Já devo muito a ele por ter salvado a minha vida.

Ver a causa de meu dilema atual fincando calmamente sua barraca em nosso acampamento me deixa furiosa.

– Que horas eu monto guarda? – pergunto a Jackson.

Ela estreita os olhos para mim na dúvida, ou talvez esteja apenas tentando focalizar o meu rosto.

– Não coloquei você no rodízio.

– Por que não? – pergunto.

– Não sei ao certo se você conseguiria atirar no Peeta, se fosse necessário – diz ela.

Eu falo bem alto para que todo o esquadrão possa me ouvir com clareza:

– Eu não atiraria no Peeta. Ele já era. Johanna tem razão. Seria exatamente como atirar em um bestante da Capital. – É boa a sensação de dizer algo horrível sobre ele, em voz alta, em público, depois de toda a humilhação por que passei desde que ele voltou.

– Bom, esse tipo de comentário também não ajuda nem um pouco a colocar você na função – diz Jackson.

– Coloque-a no rodízio – ouço Boggs dizer atrás de mim.

Jackson balança a cabeça e faz uma observação:

– De meia-noite às quatro. Você fica comigo.

A campainha do jantar soa, e Gale e eu entramos na fila da cantina.

– Você quer que eu o mate? – pergunta ele de modo incisivo.

– Isso faria com que nós dois fôssemos mandados de volta com toda certeza – digo. Mas, apesar de estar furiosa, a brutalidade da oferta me abala. – Posso muito bem lidar com ele.

– Você está querendo dizer até o seu aerodeslizador decolar? Você e o seu mapa de papel e possivelmente um Holo, se você conseguir colocar as mãos nele? – Então Gale ficou atento aos meus preparativos. Espero que não tenham sido tão óbvios aos outros. Porém, nenhum deles conhece a minha mente como Gale. – Você não está planejando me deixar para trás, está?

Até aquele momento, eu estava. Mas ter meu companheiro de caçadas como guarda-costas não me parece uma má ideia.

– Na condição de sua companheira em armas, devo recomendar veementemente que você permaneça com seu esquadrão. Mas não posso impedir você de ir, posso?

Ele dá um sorrisinho.

– Não. A menos que você queira que eu alerte o resto do exército.

O esquadrão 451 e a equipe de TV pegam o jantar na cantina e se reúnem num círculo tenso para comer. A princípio, acho que Peeta é a causa da inquietude, mas no fim da refeição, percebo que não poucos olhares antipáticos foram dirigidos a mim. Essa é uma virada rápida, já que tenho certeza absoluta de que no momento em que Peeta apareceu, a equipe inteira estava preocupada com o quanto ele poderia ser perigoso, principalmente em relação a mim. Mas só consigo entender quando recebo um telefonema de Haymitch.

– O que você está tentando fazer? Provocar o garoto até ele ter um ataque? – pergunta ele.

– É claro que não. Só quero que ele me deixe em paz – digo.

– Bom, ele não tem como fazer isso. Não depois de tudo que a Capital o obrigou a suportar – diz Haymitch. – Escute, Coin pode tê-lo mandado na esperança de que ele te mate, mas Peeta não sabe disso. Ele não entende o que aconteceu com ele. O que significa que você não pode culpá-lo por...

– Não estou culpando ele!

– Está, sim! Você não para de puni-lo por coisas que estão fora do controle dele. Agora, não estou dizendo que você não devia ter em mãos uma arma carregada vinte e quatro horas por dia. Mas acho que já está mais do que na hora de botar na cabeça uma historinha: se você tivesse sido levada pela Capital e telessequestrada, e depois tivesse tentado matar Peeta, você acha que ele estaria tratando você assim? – pergunta Haymitch.

Fico em silêncio. Não estaria. Ele não estaria me tratando assim em hipótese alguma. Ele estaria tentando me trazer de volta a todo custo. Não me mandaria calar a boca, não me abandonaria, nem se dirigiria a mim com hostilidade em todas as ocasiões.

– Você e eu, nós fizemos um acordo para tentar salvar a vida dele. Você lembra disso? – diz Haymitch. Como não respondo, ele bate o telefone depois de um curto: – Tente se lembrar.

O dia de outono vai de fresco a frio. A maior parte do esquadrão está enfiada em seus sacos de dormir. Alguns dormem a céu aberto, perto do aquecedor no centro de nosso acampamento, ao passo que outros retiram-se para suas barracas. Leeg 1 finalmente perdeu o controle emocional em relação à morte de sua irmã, e seus soluços abafados furam as telas das barracas e nos

alcançam. Eu me comprimo em minha barraca, refletindo sobre as palavras de Haymitch. Percebendo, envergonhada, que minha fixação em assassinar Snow me fez ignorar um problema muito mais difícil. Tentar resgatar Peeta do mundo sombrio no qual o telessequestro o enredou. Não sei como encontrá-lo, muito menos como fazer para tirá-lo dessa situação. Não consigo nem mesmo bolar um plano. Isso faz a tarefa de cruzar uma arena cheia, localizar Snow e colocar uma bala em sua cabeça parecer uma brincadeira de criança.

À meia-noite, rastejo para fora da barraca e me posiciono num banquinho perto do aquecedor para montar guarda com Jackson. Boggs disse para Peeta dormir onde todos pudessem vê-lo. Mas ele não está dormindo. Ao contrário, fica sentado com a bolsa encostada no peito, tentando desajeitadamente fazer nós num pequeno pedaço de barbante. Conheço isso bem. É o barbante que Finnick me emprestou naquela noite no bunker. Ao vê-lo em suas mãos, é como se Finnick estivesse ecoando o que Haymitch acabara de dizer, que eu abandonara Peeta. Talvez agora fosse um bom momento para começar a consertar isso. Se pudesse imaginar algo para dizer. Mas não posso. Então não faço nada. Deixo apenas os sons das respirações dos soldados preencherem a noite.

Depois de mais ou menos uma hora, Peeta fala:

– Esses últimos dois anos devem ter sido exaustivos para você. Tentar decidir se me mata ou não. Uma eterna dúvida.

Isso me parece absolutamente injusto, e o meu primeiro impulso é dizer alguma coisa agressiva. Mas revisito minha conversa com Haymitch e tento dar o primeiro passo hesitante na direção de Peeta.

– Eu nunca quis matar você. Exceto quando pensei que você estava ajudando os Carreiristas a me matar. Depois daquilo, sempre pensei em você como... um aliado. – Essa é uma palavra boa e segura. Desprovida de qualquer obrigação emocional, porém não ameaçadora.

– Aliada. – Peeta pronuncia a palavra lentamente, saboreando-a. – Amiga. Amante. Vitoriosa. Inimiga. Noiva. Alvo. Bestante. Vizinha. Caçadora. Tributo. Aliada. Vou adicionar essa palavra à lista das que eu uso para tentar te entender. – Ele mexe o barbante entre os dedos. – O problema é que não consigo mais dizer o que é real e o que é inventado.

A parada do ritmo da respiração sugere que ou as pessoas acordaram ou jamais chegaram a adormecer. Desconfio que a segunda opção é a correta.

A voz de Finnick se ergue do meio das sombras.

– Então você devia perguntar, Peeta. É o que a Annie faz.

– Perguntar a quem? – diz Peeta. – Em quem posso confiar?

– Bom, em nós, para começo de conversa. Somos o seu esquadrão – diz Jackson.

– Vocês são meus guardas – observa ele.

– Isso também. Mas você salvou muitas vidas no 13. Não é o tipo de coisa que a gente esquece.

No silêncio que se segue, tento imaginar não ser capaz de distinguir a ilusão da realidade. Não saber se Prim ou minha mãe me amam. Se Snow é meu inimigo. Se a pessoa em frente ao aquecedor me salvou ou me sacrificou. Com pouquíssimo esforço, minha vida rapidamente se transforma num pesadelo morfináceo. Quero, de um momento para o outro, contar tudo para Peeta a respeito de quem ele é, e de quem eu sou, e de como nós acabamos aqui. Mas não sei como começar. Inútil. Sou uma inútil.

Alguns minutos antes das quatro, Peeta volta-se novamente para mim.

– Sua cor favorita... é verde?

– Isso aí. – Então penso em algo para acrescentar. – E a sua é laranja.

– Laranja? – Ele não parece muito convencido.

– Não laranja muito vívido. Laranja suave. Tipo o do pôr do sol – digo. – Pelo menos foi o que você me disse uma vez.

– Jura? – Ele fecha os olhos ligeiramente, talvez tentando visualizar aquele pôr do sol, e em seguida balança a cabeça afirmativamente. – Obrigado.

Porém, mais palavras se seguem:

– Você é pintor. Você é padeiro. Gosta de dormir com a janela aberta. Nunca põe açúcar no chá. E sempre dá dois nós nos cadarços.

Então mergulho na minha barraca antes de fazer algo estúpido como chorar.

De manhã, Gale, Finnick e eu vamos atirar em alguns vidros dos prédios para a equipe de cinegrafistas. Quando voltamos ao acampamento, Peeta está sentado num círculo com soldados do 13, que estão armados, mas falando abertamente com ele. Jackson inventou um jogo chamado “verdadeiro ou

falso" para ajudar Peeta. Ele menciona alguma coisa que imagina haver acontecido, e eles dizem a ele se é verdade ou se foi imaginado, normalmente adicionando à resposta uma breve explicação.

– A maioria das pessoas do 12 foi morta no incêndio.

– Verdadeiro. Menos de novecentas pessoas do seu distrito conseguiram chegar com vida ao 13.

– O incêndio foi culpa minha.

– Falso. O presidente Snow destruiu o 12 pelo mesmo motivo que destruiu o 13, para enviar uma mensagem aos rebeldes.

Isso parece uma boa ideia até eu perceber que sou a única pessoa que poderá confirmar ou negar a maioria das dúvidas que pesam sobre ele. Jackson nos divide em turnos. Ela combina Finnick, Gale e eu com um soldado do 13. Dessa maneira, Peeta sempre terá acesso a alguém que o conhece mais pessoalmente. Não é uma conversa equilibrada. Peeta passa um longo tempo avaliando até mesmo pequenos pedaços de informação, tipo onde as pessoas compravam sopa em nosso distrito. Gale o informa acerca de vários detalhes do 12; Finnick é o especialista em ambos os Jogos de Peeta, já que foi mentor no primeiro e tributo no segundo. Mas como a maior confusão de Peeta gira em torno de mim – e nem tudo pode ser simplesmente explicado –, nossas conversas são dolorosas e pesadas, embora toquemos apenas nos detalhes mais superficiais. A cor do meu vestido no 7. Minha preferência por pãozinho de queijo. O nome de nossa professora de matemática quando éramos pequenos. Reconstruir sua memória a respeito de mim é excruciante. Talvez não seja nem mesmo possível depois do que Snow fez com ele. Mas me parece correto ajudá-lo a tentar.

Na tarde seguinte, recebemos a notificação de que o esquadrão inteiro está sendo requisitado para encenar um pontoprop razoavelmente complicado. Peeta estava certo em relação a uma coisa: Coin e Plutarch estão descontentes com a qualidade das tomadas que vêm recebendo do Esquadrão Estrela. Chatas demais. Pouquíssimo estimulantes. A reação óbvia é lembrar que nunca nos deixam fazer coisa alguma além das representações teatrais com as nossas armas. Entretanto, isso não tem a ver com uma defesa de nossa atuação, tem a ver com a invenção de um produto que seja minimamente utilizável. Então,

hoje, um quarteirão especial foi separado para as filmagens. Há no local, inclusive, dois casulos ativos. Um deles libera uma torrente de tiros. O outro prende o invasor numa rede para interrogá-lo ou executá-lo, dependendo da preferência da pessoa que tiver efetuado a captura. Mas ainda assim é um quarteirão residencial sem importância, desprovido de qualquer consequência estratégica.

A equipe de TV tem a intenção de proporcionar uma sensação de perigo intenso liberando bombas de fumaça e acrescentando efeitos sonoros de tiros. Vestimos um pesado equipamento de proteção, inclusive a equipe de filmagem, como se estivéssemos nos encaminhando para o coração da batalha. Aqueles que têm armas de sua especialidade recebem permissão para levá-las consigo, junto com as armas tradicionais. Boggs também devolve a de Peeta, embora deixe bem claro, em alto e bom som, que está carregada apenas com balas de festim.

Peeta dá de ombros.

– De qualquer modo, não sou muito bom de mira. – Ele parece entretido em observar Pollux, mas o faz com tanta atenção que sua atitude acaba gerando certa preocupação. Então, finalmente, ele chega a uma conclusão e começa a falar agitadamente: – Você é um Avox, não é? Dá para ver pelo jeito como você engole. Havia dois Avox comigo na prisão. Darius e Lavinia, mas os guardas só os chamavam de ruivos. Eles tinham sido serviçais no Centro de Treinamento, então foram presos também. Assisti aos dois sendo torturados até a morte. Ela teve sorte. Eles usaram uma voltagem excessiva e o coração dela parou de bater. Mas ele levou dias para morrer. Surras, mutilações. Não paravam de fazer perguntas, mas ele não tinha como falar, só conseguia emitir uns horríveis sons animalescos. Eles não queriam informações, entende? Eles queriam que eu visse tudo.

Peeta olha ao redor para nossos rostos aturdidos, como se estivesse esperando uma resposta. Como nenhuma resposta surge, ele pergunta:

– Verdadeiro ou falso? – A falta de resposta o deixa ainda mais irritado. – Verdadeiro ou falso? – exige ele.

– Verdadeiro – diz Boggs. – Pelo menos, pelo que eu sei... é verdadeiro.

Peeta desaba.

– Foi o que pensei. Não havia nada... grandioso nisso. – Ele se afasta do grupo, murmurando alguma coisa sobre dedos dos pés e das mãos.

Eu me aproximo de Gale, pressiono a testa na armadura na altura de seu peito, sinto seu braço me puxando ainda mais contra seu corpo. Finalmente sabemos o nome da garota que testemunhamos a Capital abduzir na floresta do 12 e o destino do nosso amigo Pacificador que tentou manter Gale vivo. Esta não é a hora de relembrar momentos felizes. Eles perderam suas vidas por minha causa. Eu os acrescento à minha lista pessoal de mortes que começaram na arena e que agora inclui milhares de nomes. Quando levanto os olhos, vejo que o efeito sobre Gale foi diferente. Sua expressão diz que não existem montanhas suficientes a serem esmagadas, cidades suficientes a serem destruídas. Seu olhar promete morte.

Com o pavoroso relato de Peeta ainda fresco em nossas cabeças, avançamos pelas ruas cheias de cacos de vidro até alcançarmos nosso alvo, o quarteirão que devemos tomar. É uma meta real, apesar de pequena, que temos de conquistar. Nos reunimos ao redor de Boggs para examinar a projeção da rua fornecida pelo Holo. O casulo que atira está posicionado a mais ou menos um terço do caminho de descida, logo acima do toldo de um apartamento. Devemos ser capazes de acertá-lo com balas. O casulo com a rede encontra-se na extremidade, quase na outra esquina. Isso requer alguém para ativar o mecanismo do sensor corporal. Todos se apresentam como voluntários, com exceção de Peeta, que parece não estar entendendo muito bem o que está acontecendo. Eu não sou escolhida. Sou enviada a Messalla, que coloca um pouco de maquiagem em meu rosto para os close-ups previstos.

O esquadrão se posiciona sob a orientação de Boggs, e então somos obrigados a esperar que Cressida também coloque os cinegrafistas em posição. Ambos estão à nossa esquerda, com Castor na parte da frente e Pollux na traseira, de modo a garantir que não filmem um ao outro. Messalla libera algumas cargas de fumaça na atmosfera. Como isso é não apenas uma missão como também um tiroteio, estou a ponto de perguntar quem está no comando, meu comandante ou minha diretora, quando Cressida grita:

– Ação!

Descemos lentamente a rua enevoada, exatamente como em nossos exercícios no Quarteirão. Todos têm pelo menos uma seção de janelas para explodir, mas Gale foi designado para o verdadeiro alvo. Quando ele atinge o casulo, damos cobertura – agachados nas entradas dos prédios ou deitados nas lindas pedrinhas laranjas e rosas do pavimento – enquanto uma torrente de balas passa de um lado para o outro sobre nossas cabeças. Depois de um tempo, Boggs dá a ordem para avançar.

Antes de levantarmos, Cressida nos impede, já que necessita de algumas tomadas em close-up. Nos revezamos reencenando nossas reações. Caindo no chão, fazendo careta, mergulhando em buracos. Sabemos que se trata de um assunto sério, mas a coisa toda parece um pouco ridícula. Principalmente quando fica claro que não sou a pior atriz do esquadrão. Nem de longe. Estamos todos rindo tanto da tentativa de Mitchell de projetar sua ideia de desespero, que inclui dentes cerrados e narinas bem abertas, que Boggs é obrigado a nos repreender.

– Entre nos eixos, Quatro-Cinco-Um – diz ele com firmeza. Mas dá para ver que ele mesmo está contendo um sorriso enquanto verifica o casulo seguinte. Posicionando o Holo para encontrar a melhor luminosidade em meio ao ar esfumaçado. Ainda nos encarando quando seu pé esquerdo recua um passo em direção à calçada de pedras laranja. Detonando a bomba que arranca suas pernas.



É como se, num instante, uma janela pintada se despedaçasse revelando um mundo horrendo atrás dela. As gargalhadas dão lugar a berros, sangue mancha as pedras em tom pastel, fumaça de verdade escurece o material dos produtos de efeitos especiais feitos para a TV.

Uma segunda explosão parece dividir o ar e faz meus ouvidos retinirem. Mas não consigo identificar de onde veio.

Alcanço Boggs antes de qualquer outra pessoa, tento dar sentido à carne rasgada, aos membros arrancados, tento encontrar alguma coisa para estancar o fluxo vermelho que escapa de seu corpo. Homes me empurra para o lado, abrindo rapidamente um kit de primeiros socorros. Boggs agarra meu pulso. Seu rosto, cinzento por causa da fumaça e da proximidade da morte, parece estar murchando. Mas as palavras que ele pronuncia em seguida são uma ordem:

– O Holo.

O Holo. Cambaleio ao redor, cavando em meio a pedaços de ladrilho pegajosos de sangue, estremecendo quando encontro fragmentos de carne ainda quente. Encontro-o cravado numa escada junto com uma das botas de Boggs. Pego o objeto, limpo-o com minhas próprias mãos e o devolvo a meu comandante.

Homes está amparando o que restou da coxa esquerda de Boggs numa espécie de bandagem de compressão, mas ela já está empapada de sangue. Ele tenta fazer um torniquete para atar a outra acima do joelho ainda existente. O restante do esquadrão se reuniu numa formação protetora ao redor da equipe e

de nós. Finnick tenta ressuscitar Messalla, que foi lançado contra um muro pela explosão. Jackson berra no bocal de um comunicador de campo, tentando sem sucesso, pedir, ao acampamento para que nos envie médicos, mas sei que já é tarde demais. Quando eu era pequena, observando minha mãe trabalhar, aprendi que uma vez que uma poça de sangue alcança determinado tamanho, não há mais remédio.

Eu me ajoelho ao lado de Boggs, preparada para repetir o papel que desempenhei com Rue e com a morfinácea do 6, dando a ele a oportunidade de ser amparado por alguém enquanto sua vida lhe é tirada. Mas Boggs tem ambas as mãos trabalhando no Holo. Ele tecla um comando, pressionando o polegar na tela para o reconhecimento de sua impressão digital, falando uma série de letras e números em resposta a uma solicitação. Uma barra de luz verde sai do Holo e ilumina seu rosto. Ele diz:

– Inapto a comandar. Transferindo evacuação com prioridade de segurança para o soldado Quatro-Cinco-Um do esquadrão, Katniss Everdeen. – Tudo o que ele consegue fazer é virar o Holo na direção do meu rosto. – Diz o seu nome.

– Katniss Everdeen – digo na barra verde. Subitamente, ela me prende em sua luz. Não consigo me mexer, não consigo nem mesmo piscar enquanto imagens tremeluzem rapidamente diante de meus olhos. Estarei sendo escaneada? Gravada? Cegada? A luz desaparece, e sacudo a cabeça para me livrar dela. – O que foi que você fez?

– Preparar para retirada! – berra Jackson.

Finnick está berrando algo de volta, gesticulando para a extremidade do quarteirão por onde entramos. Um material preto e oleoso jorra da rua como se fosse um gêiser, serpenteando por entre os prédios, criando uma impenetrável parede de escuridão. Não parece ser nem líquido nem gasoso, nem mecânico nem natural. Certamente é letal. Não há possibilidade de voltar por onde entramos.

Um tiroteio ensurdecedor tem início quando Gale e Leeg 1 explodem uma trilha do outro lado das pedras na direção da extremidade do quarteirão. Não sei o que estão fazendo até que uma outra bomba, a dez metros de distância, é detonada, abrindo um buraco na rua. Então me dou conta de que essa é uma

tentativa rudimentar de desativar as minas. Homes e eu agarramos Boggs e começamos a arrastá-lo atrás de Gale. A agonia se instala e ele grita de dor, e eu quero parar, achar uma maneira melhor de carregá-lo, mas o negrume está se erguendo acima dos prédios, inchando, rolando na nossa direção como se fosse uma onda.

Sou puxada para trás, solto Boggs e dou de cara com as pedras. Peeta olha para mim, entorpecido, enlouquecido, de volta à terra dos telessequestrados, sua arma apontada para mim, descendo para esmagar o meu crânio. Rolo para o lado, ouço a coronha bater com força na rua, percebo os corpos desabando com o canto do olho enquanto Mitchell se joga sobre Peeta e o imobiliza no chão. Mas Peeta, sempre tão forte e agora aditivado pela insanidade das teleguiadas, dá um chute na barriga de Mitchell e o lança mais para baixo no quarteirão.

Ouve-se um estalo bem alto de uma armadilha quando o casulo é detonado. Quatro cabos, atados a faixas nos prédios, explodem as pedras, arrastando a rede que prende Mitchell. A situação não faz sentido algum – o fato de ele começar a sangrar instantaneamente – até que vemos as farpas protuberantes saindo dos fios de arame que o envolvem. Entendo imediatamente. Aquilo decorava o topo da cerca ao redor do 12. Enquanto grito para ele não se mover, tapo a boca com a mão por causa do mau cheiro do negrume, espesso, com textura de alcatrão. A onda atingiu o topo e começou a cair.

Gale e Leeg 1 atiram na fechadura da porta da frente do edifício da esquina e então começam a disparar nos cabos que prendem a rede de Mitchell. Outros ficam contendo Peeta. Volto correndo para Boggs; Homes e eu o arrastamos para dentro do apartamento de alguém através da sala de estar revestida de veludo rosa e branco, passando por um corredor com várias fotos de família penduradas na parede e chegando à cozinha com piso de mármore, onde desabamos no chão. Castor e Pollux carregam um Peeta que não para de se contorcer. De alguma maneira, Jackson consegue colocar algemas nele, mas isso só o deixa ainda mais selvagem e eles são forçados a prendê-lo num closet.

Na sala de estar, a porta da frente é batida com força, pessoas gritam. Em seguida, passos pesados são ouvidos no corredor à medida que a onda preta passa ribombando pelo prédio. Da cozinha, podemos ouvir as janelas

gemendo, sendo despedaçadas. O venenoso cheiro de alcatrão impregna o ar. Finnick carrega Messalla. Leeg 1 e Cressida entram na sala atrás deles aos tropeções e tossindo.

– Gale! – berro.

E lá está ele, fechando com força a porta da cozinha atrás de si, e consegue expelir uma única palavra:

– Gás!

Castor e Pollux pegam toalhas e aventais para tapar as rachaduras e aberturas na parede enquanto Gale vomita numa pia amarela.

– Mitchell? – pergunta Homes. Leeg 1 simplesmente balança a cabeça.

Boggs gruda o Holo em minha mão. Seus lábios estão se movendo, mas não consigo entender o que diz. Inclino o ouvido na direção de sua boca para captar seu sussurro áspero:

– Não confie neles. Não recue. Mate Peeta. Faça o que você veio fazer.

Eu me afasto para poder ver o seu rosto.

– O quê? Boggs? Boggs? – Seus olhos ainda estão abertos, porém mortos. Apertado em minha mão, colado nela com o sangue dele, está o Holo.

O som dos pés de Peeta batendo na porta do closet interrompe a respiração entrecortada dos outros. Apesar disso, conseguimos ouvir sua energia diminuir. Os chutes rareiam e se transformam numa batucada irregular. Em seguida, não ouvimos mais nada. Imagino se ele também não estará morto.

– Ele morreu? – pergunta Finnick, olhando para Boggs. Faço que sim com a cabeça. – Precisamos sair daqui. Agora. A gente acabou de ativar uma rua inteira de casulos. Podem apostar que nos pegaram nos vídeos de segurança.

– Sem dúvidas – diz Castor. – Todas as ruas estão recheadas de câmeras de segurança. Aposto que liberaram a onda preta manualmente quando nos viram gravando o pontoprop.

– Nossos radiocomunicadores ficaram mudos quase que imediatamente. Provavelmente algum dispositivo de pulsação eletromagnética. Mas vou levá-los de volta ao acampamento. Me dá o Holo. – Jackson estende a mão para pegar a unidade, mas eu a grudo contra o peito.

– Não. Boggs deu para mim – digo.

– Deixe de ser ridícula – rebate Jackson. É claro que pensa que o objeto pertence a ela. Ela é a vice-comandante.

– É verdade – diz Homes. – Ele transferiu a evacuação com prioridade de segurança para ela quando estava morrendo. Eu vi.

– E por que ele faria uma coisa dessas? – pergunta Jackson.

Por quê, realmente? Minha cabeça está girando em função dos terríveis eventos dos últimos cinco minutos – Boggs mutilado, morrendo, morto; a fúria homicida de Peeta; Mitchell ensanguentado e preso na rede, e sendo engolido por aquela maldita onda preta. Eu me viro para Boggs, querendo muito que ele estivesse vivo. Subitamente certa de que ele, e talvez somente ele, estivesse totalmente do meu lado, penso em suas últimas ordens...

"Não confie neles. Não recue. Mate Peeta. Faça o que você veio fazer."

O que ele quis dizer? Não confiar em quem? Nos rebeldes? Coin? Nas pessoas que estão olhando para mim agora? Não vou recuar, mas ele precisa saber que não posso simplesmente dar um tiro na cabeça de Peeta. Posso? Deveria? Será que Boggs adivinhou que o que eu realmente vim fazer aqui é desertar e matar Snow por conta própria?

Não consigo dar sentido a tudo isso agora, de modo que decido apenas levar a cabo as duas primeiras ordens: não confiar em ninguém e penetrar mais fundo na Capital. Mas como posso justificar isso? O que posso fazer para que me deixem ficar com o Holo?

– Porque estou numa missão especial para a presidenta Coin. Acho que Boggs era a única pessoa que sabia disso.

A história não convence Jackson em hipótese alguma.

– Para fazer o quê?

Por que não contar a verdade a eles? Seria tão plausível quanto qualquer outra ideia que me viesse à cabeça. Mas a coisa deve parecer uma missão real, não uma vingança.

– Para assassinar o presidente Snow antes que as perdas de vidas nesta guerra tornem nossa população insustentável.

– Não acredito em você – diz Jackson. – Na condição de sua comandante atual, ordeno que você transfira para mim a evacuação com prioridade de segurança.

– Não – digo. – Isso seria uma violação direta das ordens da presidenta Coin.

Armas são apontadas. Metade do esquadrão para Jackson, metade para mim. Alguém está prestes a morrer, quando Cressida fala:

– É verdade. É por isso que a gente está aqui. Plutarch quer que isso seja transmitido pela TV. Ele acha que se a gente conseguir filmar o Tordo assassinando Snow, isso acabará a guerra.

As palavras fazem com que Jackson pare por um instante. Então ela faz um gesto com a arma na direção do closet.

– E por que ele está aqui?

Aí eu sou obrigada a dar razão a ela. Não consigo imaginar nenhum motivo racional para Coin enviar um garoto instável, programado para me matar, a uma missão tão importante. Isso realmente enfraquece minha história. Cressida volta a me socorrer:

– Porque as duas entrevistas pós-Jogos com Caesar Flickerman foram filmadas nos aposentos pessoais do presidente Snow. Plutarch acha que Peeta pode ser de alguma utilidade como guia num local que mal conhecemos.

Quero perguntar a Cressida por que ela está mentindo por mim, por que está lutando para que continuemos com nossa missão autodesignada. Agora não é o momento.

– Temos de sair daqui! – diz Gale. – Estou com a Katniss. Se vocês não querem ir com a gente, voltem para o acampamento. Mas vamos sair daqui agora!

Homes abre o closet e coloca nos ombros um Peeta inconsciente.

– Pronto.

– Boggs? – diz Leeg 1.

– Não podemos levá-lo. Ele entenderia – diz Finnick. Ele solta a arma de Boggs do ombro dele e a prende no seu. – Vá na frente, soldado Everdeen.

Não sei como ir na frente. Olho para o Holo em busca de orientação. Ele ainda está ativado, mas poderia muito bem estar quebrado, considerando o tanto que me ajuda. Não há tempo para ficar mexendo nos botões, tentando entender como operá-lo.

– Não sei como usar isto aqui. Boggs disse que você me ajudaria – digo a Jackson. – Ele disse que eu podia contar com você.

Jackson olha feio para mim, tira o Holo de minha mão e tecla um comando. Uma interseção aparece.

– Se a gente sair pela porta da cozinha, tem um pequeno pátio e depois os fundos de uma outra unidade de prédios de esquina. Estamos olhando para uma panorâmica das quatro ruas que se encontram na interseção.

Tento me localizar enquanto observo o cruzamento no mapa piscando com casulos em todas as direções. Esses são apenas os casulos que Plutarch sabe que existem. O Holo não indicava que o quarteirão de onde acabamos de sair estava minado, que possuía o gêiser preto ou que a rede era feita de arame farpado. Além disso, pode ser que haja Pacificadores com os quais teremos de lidar, agora que sabem qual é a nossa posição. Mordo a parte interna do lábio, sentindo os olhos de todos sobre mim.

– Vistam suas máscaras. Vamos sair por onde entramos.

Objeções instantâneas. Ergo minha voz.

– Se a onda era assim tão poderosa, então pode ter ativado e absorvido outros casulos em nosso caminho.

Todos param para avaliar minhas palavras. Pollux faz alguns sinais rápidos para seu irmão.

– Pode ser que também tenha estragado as câmeras – traduz Castor. – Pode ter tapado as lentes.

Gale coloca uma de suas botas na bancada e examina a mancha preta em seu dedo. Raspa-a com uma faca de cozinha que achou em cima da bancada.

– Não é corrosiva. Acho que a intenção era sufocar ou envenenar a gente.

– Provavelmente essa é a nossa melhor hipótese – diz Leeg 1.

Máscaras são colocadas. Finnick ajusta a máscara de Peeta sobre seu rosto desmaiado. Cressida e Leeg 1 erguem um tonto Messalla entre elas.

Fico esperando que alguém assuma a posição dianteira quando me lembro de que agora esse é o meu trabalho. Empurro a porta da cozinha e não encontro nenhuma resistência. Uma camada de cinco centímetros de gosma preta espalhou-se a partir da sala de estar e tomou mais ou menos setenta e cinco por cento do corredor. Quando a testo cautelosamente com a ponta da

bota, descubro que possui consistência gelatinosa. Levanto o pé e, depois de esticar ligeiramente, a gosma volta para baixo. Dou três passos no gel e olho para trás. Nenhuma pegada. É a primeira coisa boa que aconteceu hoje. O gel torna-se ligeiramente mais espesso à medida que atravesso a sala de estar. Abro a porta da frente esperando que litros e litros da substância caiam e invadam o recinto, mas o produto mantém sua forma.

O quarteirão laranja e rosa parece ter sido mergulhado numa cintilante tinta preta que ainda não secou por inteiro. Pedras de calçamento, edifícios, até mesmo os telhados estão cobertos com o gel. Algo no formato de uma grande gota pende acima da rua. Duas formas projetam-se dela. Um cano de revólver e a mão de um ser humano. Mitchell. Espero na calçada, olhando para ele até que o grupo todo esteja ao meu lado.

– Se alguém precisa voltar, por quaisquer motivos, a hora é essa – digo. – Nenhuma pergunta vai ser feita, ninguém vai ficar chateado. – Ninguém parece inclinado a recuar. Então começo a me mover em direção ao interior da Capital, ciente de que não dispomos de muito tempo. O gel está mais profundo aqui, dez a doze centímetros, e emite um som de sucção cada vez que se levanta o pé, mas ainda está cobrindo as nossas pegadas.

A onda deve ter sido enorme, com um tremendo poder, já que afetou diversos quarteirões à frente. E embora pise com cuidado, acho que meus instintos estavam certos em relação a ela ter detonado os outros casulos. Um quarteirão está salpicado de corpos dourados de teleguiadas. Devem ter sido soltas recentemente, apenas para sucumbir ao gás. Um pouco mais além, um prédio inteiro desabou e jaz numa pilha sob o gel. Cruzo em disparada pelas interseções, com a mão levantada para que os outros esperem enquanto procuro por possíveis problemas, mas a onda parece haver desmantelado os casulos com muito mais competência do que qualquer esquadrão de rebeldes poderia ter feito.

No quinto quarteirão, posso dizer que alcançamos o ponto onde a onda começou a diminuir. O gel tem apenas dois centímetros de espessura, e consigo ver os terraços com sua coloração azul-bebê projetando-se do outro lado da interseção seguinte. A luz da tarde esmaeceu, e nós precisamos muito encontrar um abrigo e montar um plano. Escolho um apartamento a dois terços do

caminho, descendo o quarteirão. Homes arrebenta a tranca e ordeno que os outros entrem. Permaneço na rua por apenas um minuto, observando a última de nossas pegadas sumir de vista e em seguida fecho a porta atrás de mim.

Lanternas dispostas em nossas armas iluminam uma grande sala de estar com paredes espelhadas que refletem nossos rostos a todo momento. Gale verifica as janelas, que não apresentam nenhum sinal de estrago, e retira a máscara.

– Está tudo tranquilo. Dá para sentir o cheiro, mas não está muito forte.

O apartamento parece ter sido decorado exatamente da mesma maneira que o primeiro, no qual entramos para buscar refúgio. O gel escurece qualquer luz natural que venha da frente, mas um pouco de luz vaza das persianas na cozinha. Ao longo do corredor, existem dois quartos com banheiros. Uma escada em espiral na sala de estar leva a um espaço aberto que compreende grande parte do segundo andar. Não há janelas aqui, mas as luzes foram deixadas acesas, provavelmente por alguém fugindo precipitadamente. Uma gigantesca tela de TV, desligada, mas brilhando suavemente, ocupa uma das paredes. Cadeiras sofisticadas e sofás encontram-se espalhados pela sala. É aqui que nos reunimos, nos jogamos em cima de tapeçarias, tentamos recuperar o fôlego.

Jackson está com a arma apontada para Peeta, embora ele ainda esteja algemado e inconsciente, atravessado num sofá azul onde Homes o depositou. O que vou fazer com ele, afinal de contas? E com a equipe? Com todo mundo, para ser franca, tirando Gale e Finnick? Porque eu preferiria ir atrás de Snow com esses dois a ir sozinha. Mas não posso liderar dez pessoas através da Capital numa missão falsa, mesmo que conseguisse ler o Holo. Será que deveria, será que poderia tê-los mandado de volta quando tive chance? Ou será que era perigoso demais? Não só para eles pessoalmente como também para a minha missão. Talvez não devesse ter dado ouvidos a Boggs, porque é possível que estivesse em uma espécie de estado delirante que antecede a morte. Talvez eu devesse simplesmente confessar tudo, mas nesse caso, Jackson assumiria o comando e acabaríamos de volta ao acampamento. Onde eu teria de prestar contas a Coin.

No momento em que a complexidade da bagunça para a qual arrastei todo mundo começa a entupir meu cérebro, uma série de explosões ao longe faz com que a sala trema.

– Não foi perto daqui – assegura Jackson. – A uns quatro ou cinco quarteirões de distância.

– Onde a gente deixou o Boggs – diz Leeg 1.

Embora ninguém tenha feito nenhum movimento naquela direção, o aparelho de TV ganha vida, emitindo um som bem agudo e fazendo com que metade de nosso grupo se ponha de pé.

– Está tudo bem! – fala Cressida. – É apenas uma transmissão de emergência. Toda TV da Capital é ativada automaticamente quando isso acontece.

Lá estamos nós na tela, logo depois que a bomba acabou com Boggs. Uma voz ao fundo narra para a audiência o que está vendo enquanto aparecemos tentando nos reagrupar, reagir aos esguichos de gel preto da rua e não perder o controle da situação. Assistimos ao caos que se segue até a onda escurecer as câmeras. A última coisa que vemos é Gale, sozinho na rua, tentando atirar nos cabos que mantêm Mitchell pendurado.

A repórter identifica Gale, Finnick, Boggs, Peeta, Cressida e eu pelos nomes.

– Não tem nenhuma tomada aérea. Boggs devia estar certo em relação ao número de aerodeslizadores deles – diz Castor. Não notei isso, mas acho que é o tipo de coisa em que um cinegrafista repara de imediato.

A cobertura continua do pátio atrás do apartamento onde nos abrigamos. Pacificadores estão alinhados no telhado em frente ao nosso esconderijo anterior. Projéteis são lançados na direção da fileira de apartamentos, desencadeando a explosão em série que ouvimos, e o prédio desaba numa pilha de entulho e poeira.

Agora há um corte para um noticiário ao vivo. Uma repórter está de pé no telhado com os Pacificadores. Atrás dela, o quarteirão de prédios de apartamentos está em chamas. Bombeiros tentam controlar o fogo com mangueiras. Nossa morte é dada como certa.

– Finalmente um pouco de sorte – diz Homes.

Acho que ele tem razão. Certamente é melhor que sermos perseguidos pela Capital. Mas fico imaginando como isso estará repercutindo no 13. Onde minha mãe e Prim, Hazelle e as crianças, Annie, Haymitch e várias outras pessoas do 13 pensam que acabaram de nos ver morrendo.

– Meu pai. Ele acabou de perder minha irmã e agora... – diz Leeg 1.

Acompanhamos o filme que se segue. Exultantes em sua vitória, principalmente sobre mim. Separando material para fazer uma montagem do Tordo ascendendo ao poder dos rebeldes – acho que eles já tinham esse conteúdo preparado há algum tempo porque parece muito bem-acabado –, e então entrando ao vivo para que alguns repórteres possam debater meu muito merecido fim. Mais tarde, prometem, Snow fará um pronunciamento oficial. A tela escurece.

Os rebeldes não fizeram nenhuma tentativa de invasão durante a transmissão, o que me leva a acreditar que imaginam que as imagens retratam a verdade. Se é assim, realmente estamos por conta própria.

– Então, agora que a gente está morto, qual é o próximo passo? – pergunta Gale.

– Isso não é uma coisa óbvia? – Ninguém sabia que Peeta recuperara a consciência. Não sei há quanto tempo ele observava tudo, mas a julgar pelo olhar de tristeza em seu rosto, tempo suficiente para ver o que aconteceu na rua. A maneira como enlouqueceu, tentou quebrar a minha cabeça e jogou Mitchell no casulo. Ele se senta com um esforço doloroso e dirige suas palavras a Gale: – Nosso próximo passo... é me matar.



Isso significa que duas solicitações pela morte de Peeta foram feitas em menos de uma hora.

– Deixe de ser ridículo – diz Jackson.

– Acabei de matar um membro do nosso esquadrão! – grita Peeta.

– Você o empurrou para longe de você. Não tinha como saber que ele acionaria a rede naquele ponto exato – diz Finnick, tentando acalmá-lo.

– Que diferença faz? Ele morreu, não foi? – Lágrimas começam a escorrer pelo rosto de Peeta. – Eu não sabia. Eu nunca me vi desse jeito antes. Katniss tem razão. Sou um monstro. Sou um bestante. Snow me transformou numa arma!

– Isso não é culpa sua, Peeta – diz Finnick.

– Vocês não podem me levar. É só uma questão de tempo até eu matar alguém novamente. – Peeta olha para nossos rostos imersos em pensamentos conflitantes. – Talvez vocês achem que é mais gentil simplesmente me deixar em algum lugar. Permitir que eu assuma os riscos sozinho. Mas isso é a mesma coisa que me entregar à Capital. Vocês acham que estariam me fazendo um favor me devolvendo a Snow?

Peeta. De volta às mãos de Snow. Torturado e flagelado até que nenhum pedaço de seu ser anterior tivesse condições de algum dia voltar a emergir.

Por algum motivo, a última estrofe de "A árvore-forca" começa a percorrer a minha mente. A estrofe em que o homem prefere que sua amante morra a ser obrigada a encarar as maldades que a esperam no mundo.

Você vem, você vem
Para a árvore
Usar um colar de corda, e ficar ao meu lado
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

– Eu mato você antes que isso aconteça – diz Gale. – Prometo.

Peeta hesita, como se estivesse avaliando a confiabilidade dessa oferta, e então balança a cabeça.

– Não me parece uma boa ideia. E se você não estiver presente para fazer isso? Quero uma daquelas pílulas de veneno como as que vocês todos têm.

Pílulas-cadeado. Há uma no acampamento, no compartimento especial na manga de meu traje de Tordo. Mas há uma outra no bolso da frente de meu uniforme. Interessante eles não terem separado uma para Peeta. Talvez Coin tenha pensado que ele pudesse ingeri-la antes de ter a oportunidade de me matar. Não está claro se Peeta quer dizer que se mataria agora para nos poupar da tarefa de matá-lo, ou apenas se a Capital o levasse novamente preso. No estado em que ele se encontra, eu diria que a ação teria muito mais chances de ocorrer mais cedo do que mais tarde. Certamente, isso tornaria tudo mais fácil para todos nós. Não sermos obrigados a dar um tiro nele. Certamente, simplificaria o problema de lidar com seus rompantes homicidas.

Não sei se são os casulos, ou o medo, ou ter visto Boggs morrer, mas sinto a arena ao meu redor. É como se eu jamais houvesse saído dela, na realidade. Mais uma vez, estou lutando não apenas pela minha própria sobrevivência, como também pela de Peeta. Como Snow ficaria satisfeito, como ele se divertiria se conseguisse me fazer matar Peeta. Se conseguisse colocar na minha consciência a morte de Peeta pelo tempo que me resta de vida.

– Não tem a ver com você – digo. – Estamos numa missão. E você é necessário nela. – Olho para o restante do grupo. – Vocês acham que a gente consegue encontrar comida por aqui?

Além do kit médico e das câmeras, não temos nada além de uniformes e armas.

Metade do grupo fica para vigiar Peeta ou para acompanhar a transmissão de Snow, enquanto os outros vão à caça de alguma coisa para comer. Messalla prova-se de extrema utilidade porque morou numa réplica quase perfeita deste apartamento e sabe onde seria mais provável as pessoas guardarem comida. Alerta-nos, por exemplo, para a existência de um local de estocagem escondido por um painel espelhado no quarto, ou para a facilidade de se retirar a tela de ventilação no corredor. Assim, embora os armários da cozinha estejam vazios, encontramos mais de trinta itens comestíveis enlatados e diversas caixas de biscoito.

A estocagem desagrada os soldados criados no 13.

– Isso por acaso não é ilegal? – diz Leeg 1.

– Muito pelo contrário. Na Capital você seria considerada uma idiota se não fizesse isso – diz Messalla. – Mesmo antes do Massacre Quaternário, as pessoas já começavam a estocar suprimentos escassos.

– Enquanto outras pessoas não tinham nada – diz Leeg 1.

– Correto – diz Messalla. – É assim que funciona aqui.

– Ainda bem, ou então a gente não teria jantar – diz Gale. – Cada um pega uma lata.

Alguns de nosso grupo parecem relutantes em fazê-lo, mas esse é um método tão bom quanto qualquer outro. Eu realmente não estou no clima para dividir tudo em onze partes proporcionais a considerações de idade, peso e desempenho físico. Mexo na pilha, prestes a escolher um ensopado de bacalhau, quando Peeta estende uma lata para mim.

– Aqui.

Eu pego, sem saber o que esperar. No rótulo está escrito COZIDO DE CORDEIRO.

Comprimo os lábios ao rememorar a chuva pingando através das pedras, minhas ineptas tentativas de paquera e o aroma do meu prato favorito no ar gelado da Capital. Então, alguma parte disso tudo também deve ter permanecido na cabeça dele. O quanto estávamos felizes, o quanto estávamos esfomeados, o quanto estávamos próximos um do outro quando aquela cesta de piquenique chegou do lado de fora de nossa caverna.

– Obrigada. – Abro a lata. – Tem até ameixa seca. – Entorto a tampa e uso-a como uma colher improvisada para levar um pouco do conteúdo até a boca. Agora este lugar também tem o mesmo sabor da arena.

Estamos passando de mão em mão uma caixa de biscoitos finos com recheio de creme quando o sinal sonoro da TV retorna. A insígnia da Capital se ilumina na tela e lá permanece enquanto o hino é executado. E então começam a mostrar imagens dos mortos, exatamente como faziam com os tributos na arena. Começam com os quatro rostos de nossa equipe de TV, seguidos de Boggs, Gale, Finnick, Peeta e eu. Com exceção de Boggs, não se preocupam em mostrar os soldados do 13, ou porque não fazem a menor ideia de quem sejam ou porque sabem que não terão a menor importância para a audiência. Então o homem em pessoa aparece, sentado em sua escrivaninha, uma bandeira desfraldada atrás de si, a rosa branca recém-colhida brilhando na lapela. Há uma boa possibilidade de ele ter recebido alguns retoques recentemente, porque seus lábios estão mais inchados que o habitual. E sua equipe de preparação realmente precisa pegar mais leve no blush.

Snow parabeniza os Pacificadores pelo trabalho magistral, exalta-os por livrar o país da ameaça chamada Tordo. Com a minha morte, ele prevê uma guinada nos rumos da guerra, já que os desmoralizados rebeldes não têm mais a quem seguir. E o que era eu, de fato? Uma garota pobre e instável com um pequeno talento com arco e flecha. Não uma grande pensadora, não uma mente prodigiosa por trás da rebelião, meramente um rosto pinçado da gentalha porque havia chamado a atenção da nação com minhas travessuras nos Jogos. Mas necessária, extremamente necessária, porque os rebeldes não possuem nenhum líder real entre eles.

Em algum ponto do Distrito 13, Beetee aperta um botão, porque agora não é o presidente Snow, mas sim a presidenta Coin que está nos encarando. Ela se apresenta a Panem, identifica-se como a liderança dos rebeldes e então faz um discurso me enaltecendo. Glórias para a garota que sobreviveu à Costura e aos Jogos Vorazes, e em seguida transformou um país de escravos num exército de combatentes pela liberdade.

– Viva ou morta, Katniss Everdeen continuará sendo a cara da rebelião. Se algum dia vocês vacilarem em sua determinação, pensem no Tordo, e nele

vocês encontrarão a força de que necessitam para livrar Panem de seus opressores.

– Nossa, eu não fazia ideia do quanto ela gostava de mim – digo, o que suscita uma risada de Gale e olhares questionadores da parte dos outros.

Em seguida aparece uma fotografia minha tremendamente modificada, com a aparência bela e firme e com chamas tremeluzindo atrás de mim. Nenhuma palavra. Nenhum slogan. Meu rosto é tudo de que precisam agora.

Beetee devolve as rédeas a um Snow bastante controlado. Tenho a sensação de que o presidente imaginava que o canal de emergência fosse impenetrável, e de que alguém vai acabar morto hoje à noite por conta da brecha de segurança.

– Amanhã de manhã, quando retirarmos o corpo de Katniss Everdeen das cinzas, veremos exatamente quem é o Tordo. Uma garota morta que não tem como salvar ninguém, nem a si própria. – Insígnia, hino e fim.

– Só que você não vai encontrá-la – diz Finnick para a tela vazia, dando voz ao que todos provavelmente estamos pensando. O tempo extra que conquistamos será curto. Assim que começarem a escavar aquele monte de cinzas e se darem conta de que faltam onze corpos, chegarão à conclusão de que escapamos.

– Pelo menos, vamos ter umas horas de vantagem – digo. De repente, sinto-me extremamente cansada. Tudo que quero é me deitar num daqueles sofisticados sofás verdes e dormir. Acomodar o corpo naquelas almofadas acolchoadas e desmaiar. Em vez disso, pego o Holo e insisto para que Jackson me ensine os comandos mais básicos (que trata-se, na verdade, de inserir as coordenadas da interseção de grade do mapa mais próximo) de modo que eu possa pelo menos começar a operar a coisa sozinha. Como o Holo projeta tudo que nos cerca, sinto um aperto ainda maior no coração. Devemos estar chegando mais perto dos alvos cruciais porque o número de casulos aumentou consideravelmente. Como seremos capazes de avançar no interior desse buquê de luzes piscando sem sermos detectados? Não é possível. E se não é possível, estamos presos numa rede como pássaros. Decido que é melhor não adotar nenhuma espécie de atitude soberba enquanto estiver com estas pessoas. Principalmente com os meus olhos se dirigindo constantemente para aquele sofá verde. Então eu digo: – Alguma ideia?

– Por que a gente não começa excluindo possibilidades? – diz Finnick. – A rua não é uma possibilidade.

– Os terraços são tão ruins quanto a rua – diz Leeg 1.

– Ainda podemos ter uma chance de sair daqui, de voltar para o local por onde entramos – diz Homes. – Mas isso significaria o fracasso da missão.

Uma pontada de culpa me atinge, já que fui eu mesma quem idealizou a tal missão.

– A intenção nunca foi todos nós seguirmos em frente. Vocês só tiveram o azar de estar comigo.

– Bom, esse é um ponto polêmico. Estamos com você agora – diz Jackson. – Sendo assim, não podemos ficar aqui parados. Não podemos nos mover para cima. Não podemos nos mover para os lados. Tenho a impressão que só nos resta uma opção.

– O subsolo – diz Gale.

O subsolo. Que eu odeio. Como minas, túneis e o 13. O subsolo, onde tenho pavor de morrer, o que é uma idiotice porque mesmo que eu morra na superfície, a primeira coisa que vão fazer é me enterrar de um modo ou de outro.

O Holo consegue mostrar casulos no subsolo assim como no nível da rua. Percebo que, quando descemos para o subsolo, as linhas limpas e confiáveis do plano da rua ficam entrelaçadas por uma confusão de túneis que serpenteiam em todas as direções. Mas os casulos parecem menos numerosos lá embaixo.

Duas portas abaixo, um tubo vertical conecta nossa fileira de apartamentos aos túneis. Para alcançar o tubo, vamos precisar comprimir nossos corpos para fazê-los passar por um poço de manutenção que percorre o comprimento do prédio. Podemos entrar na passagem através dos fundos de um closet no andar de cima.

– Tudo bem, então. Vamos dar a impressão que a gente nunca esteve aqui – digo. Apagamos todos os sinais de nossa presença. Jogamos as latas vazias numa lixeira, coletamos as ainda cheias para usar mais tarde, viramos as almofadas dos sofás que foram manchados de sangue, apagamos quaisquer traços de gel dos ladrilhos. Não há como consertar a fechadura da porta da frente, mas a

cerramos com uma segunda tranca, o que, pelo menos, a impedirá de se abrir ao menor contato.

Finalmente, só nos resta enfrentar Peeta. Ele se planta no sofá azul, se recusando a mover-se.

– Eu não vou. Se eu for, ou revelo a posição de vocês ou acabo machucando mais alguém.

– O pessoal do Snow vai encontrá-lo – diz Finnick.

– Então deixe uma pílula comigo. Só vou engolir se for preciso – diz Peeta.

– Essa opção não existe. Você vem com a gente – diz Jackson.

– Ou o quê? Você me dá um tiro? – pergunta Peeta.

– A gente vai dar um jeito de você ficar desacordado e depois te arrastar pelo caminho – diz Homes. – O que vai não só nos obrigar a andar mais lentamente como também pode deixar a gente numa situação perigosa.

– Parem de agir com tanta nobreza! Eu não estou nem aí se vou morrer ou não. – Ele se volta para mim, agora implorando: – Katniss, por favor. Você não entende que quero abandonar tudo?

A questão é que eu entendo, de fato. Por que não posso simplesmente deixá-lo ir? Dou uma pílula para ele, puxo o gatilho? É porque me preocupo demais com Peeta ou porque me preocupo demais com a possibilidade de deixar Snow vencer? Será que eu o transformei numa peça de meus Jogos particulares? Isso é uma coisa desprezível, mas não sei ao certo se eu não seria capaz de algo assim. Se for verdade, seria mais gentil matar Peeta aqui e agora. Mas, para o bem ou para o mal, não sou motivada pela gentileza.

– Estamos perdendo tempo. Você virá voluntariamente ou vamos precisar te nocautear?

Peeta enterra a cabeça nas mãos por alguns instantes e então se levanta para nos acompanhar.

– Tiramos as algemas dele? – pergunta Leeg 1.

– Não! – rosna Peeta, trazendo as algemas para junto de si.

– Não – repito. – Mas quero ficar com a chave. – Jackson a passa para mim sem dizer uma palavra. Deslizo-a para o bolso da calça, onde ela faz um clique ao se chocar com a pérola.

Quando Homes força a abertura da pequena porta de metal para o poço de manutenção, encontramos outro problema. Não há possibilidade de as cascas de inseto passarem pela estreita passagem. Castor e Pollux retiram-nas e desatrelam câmeras de apoio de emergência. Cada uma tem o tamanho de uma caixa de sapato e provavelmente opera com o mesmo nível de qualidade. Messalla não consegue imaginar nenhuma maneira melhor de esconder as volumosas cascas, de modo que acabamos jogando-as no closet. Deixar para trás uma pista fácil como aquela me frustra, mas o que mais podemos fazer?

Mesmo seguindo de um em um, segurando nossas mochilas e equipamentos pelos lados, a passagem é bastante apertada. Andamos de lado cuidadosamente até o primeiro apartamento e entramos no segundo. Nesse, um dos quartos tem uma porta onde se vê escrito SERVIÇO em vez de um banheiro. Atrás da porta está a sala com a entrada para o tubo.

Messalla franze a testa para a tampa larga e circular, por um momento retornando a seu próprio mundo extravagante.

– É por isso que ninguém quer a unidade do meio. Trabalhadores entrando e saindo o tempo todo, sem um segundo banheiro. Mas o aluguel é muito mais barato. – Então ele nota a expressão descontraída no rosto de Finnick e acrescenta: – Pouco importa.

A tampa do tubo é fácil de abrir. Uma escada ampla com degraus emborrachados permite uma descida rápida e descomplicada em direção aos intestinos da cidade. Nos reunimos ao pé da escada, esperando nossos olhos se ajustarem às réstias de luz, respirando a mistura de produtos químicos, bolor e esgoto.

Pollux, pálido e suado, se aproxima e agarra o pulso de Castor. Como se pudesse cair se não houvesse alguém para ampará-lo.

– Meu irmão trabalhou aqui embaixo depois que virou Avox – diz Castor. É claro. Quem mais eles conseguiriam para cuidar da manutenção dessas passagens úmidas, malcheirosas e cheias de casulos? – Foram necessários cinco anos e muito dinheiro para conseguir levá-lo de volta à superfície. Ele não viu a luz do sol uma única vez nesse tempo todo.

Em condições melhores, num dia com menos horrores e mais descanso, alguém certamente saberia o que dizer. Em vez disso, ficamos todos ali parados

por um bom tempo, tentando formular uma resposta.

Finalmente, Peeta vira-se para Pollux e diz:

– Bom, então você acabou de virar o nosso ativo mais precioso. – Castor ri e Pollux consegue exibir um sorriso.

Chegamos à metade do caminho no primeiro túnel quando percebo o que foi tão notável em relação à conversa. Peeta soou como o antigo Peeta, o que sempre era capaz de pensar na coisa certa a dizer quando ninguém mais conseguia. Irônico, incentivador, um pouquinho engraçado, mas não às custas de ninguém. Olho de relance para ele, caminhando atrás de mim sob o olhar atento de seus guardas, Gale e Jackson, olhos fixos no chão, ombros curvados para a frente. Nenhum entusiasmo. Mas, naquele momento, ele estava realmente ali.

Peeta definiu muito bem. Pollux acaba se provando mais valioso do que dez Holos. Há uma rede simples de amplos túneis que corresponde diretamente ao mapa da rua principal acima, subjacente às principais avenidas e cruzamentos. É chamado Transferência, já que pequenos caminhões o utilizam para fazer entregas de mercadorias por toda a cidade. Durante o dia, seus muitos casulos são desativados, mas à noite o local é um campo minado. Entretanto, centenas de passagens adicionais, poços de serviço, linhas férreas e tubos de esgoto formam um labirinto de múltiplos níveis. Pollux conhece detalhes que acarretariam em desastres para um novato, como por exemplo, quais plantas poderiam exigir o uso de máscaras de gás ou conter fios eletrificados ou ratazanas do tamanho de castores. Ele nos alerta para o fluxo de água que jorra periodicamente pelos esgotos, antecipa o momento em que os Avox trocarão de turno, nos conduz ao interior de tubulações úmidas e obscuras para evitar a passagem quase silenciosa dos trens de carga. Mais importante de tudo, ele tem conhecimento das câmeras de TV. Não há muitas aqui neste lugar sombrio e enevoado, exceto na Transferência. Mas ficamos bem afastados delas.

Sob a orientação de Pollux, percorremos o percurso em um bom tempo – um ótimo tempo, se compararmos com a viagem na superfície. Depois de mais ou menos seis horas, a fadiga toma conta do grupo. São três da madrugada, de modo que imagino que ainda tenhamos algumas horas antes de darem pela falta de nossos corpos, de fazerem uma busca pelas pilhas de entulho em todo o

quarteirão de apartamento, caso tivéssemos tentado escapar através dos poços, e de a caçada ter início.

Quando sugiro uma pausa para descanso, Pollux acha uma pequena e aconchegante sala repleta de máquinas com várias manivelas e mostradores luminosos. Ele levanta os dedos para indicar que devemos sair de lá em quatro horas. Jackson estrutura uma programação para os turnos de vigilância e, como não estou no primeiro, encaixo o corpo no espaço exíguo entre Gale e Leeg 1, e durmo imediatamente.

Parece que se passaram apenas alguns minutos quando Jackson me acorda e diz que é minha vez de montar guarda. São seis horas, e daqui a uma hora devemos partir. Jackson diz para eu comer uma lata de comida e ficar de olho em Pollux, que insistiu em montar guarda a noite inteira.

– Ele não consegue dormir.

Eu me arrasto a um estado relativamente alerta, como uma lata de cozido de batata e feijão, e me sento encostada na parede de frente para a porta. Pollux parece completamente desperto. Deve ter revivido aqueles cinco anos de aprisionamento a noite toda. Tiro o Holo e consigo inserir nossas coordenadas na grade e escanear os túneis. Como o esperado, mais casulos surgem à medida que nos aproximamos do centro da Capital. Por um tempo, Pollux e eu mexemos no Holo, vendo que armadilhas se encontram em quais locais. Quando minha cabeça começa a girar, entrego o aparelho a ele e me recosto na parede. Olho para os soldados adormecidos, para a equipe, para os amigos, e imagino quantos voltarão a ver o sol.

Quando meus olhos fixam-se em Peeta, cuja cabeça repousa bem ao lado dos meus pés, vejo que ele está acordado. Gostaria muito de poder interpretar o que está acontecendo na cabeça dele, gostaria muito de poder entrar lá e desembaraçar a bagunça de mentiras. Mas me conformo em fazer algo ao meu alcance.

– Você comeu? – pergunto. Um ligeiro balançar de cabeça indica que não. Abro uma lata de sopa de galinha e arroz e entrego a ele, mantendo a tampa comigo caso ele tente cortar os pulsos com ela ou algo assim. Ele se senta e entorta a lata, engolindo a sopa sem se importar realmente em mastigá-la. O fundo da lata reflete as luzes das máquinas, e lembro-me de algo que está na

minha cabeça desde ontem. – Peeta, quando você perguntou o que aconteceu a Darius e Lavinia, e Boggs disse para você que aquilo era verdade, você disse que achava que era. Porque não havia nada de grandioso naquilo. O que você quis dizer?

– Ah, não sei exatamente como explicar – diz ele. – No início, tudo não passava de uma confusão total. Agora consigo entender determinadas coisas. Acho que existe um padrão emergindo. As lembranças que eles alteraram com o veneno das teleguiadas possuem características bem estranhas. Como se fossem intensas demais ou as imagens não fossem estáveis. Você lembra como foi quando a gente foi picado?

– As árvores se despedaçaram. Havia gigantescas borboletas coloridas. Caí num fosso cheio de bolhas laranjas. – Reflito sobre isso. – Bolhas laranjas brilhantes.

– Certo. Mas nada em relação a Darius ou Lavinia foi assim. Acho que ainda não tinham aplicado nenhum veneno em mim – diz ele.

– Bom, isso é uma coisa boa, não é? – pergunto. – Se você consegue separar as duas experiências, então consegue distinguir qual é a verdadeira.

– Sim. E se eu conseguisse criar asas, poderia voar. Só que as pessoas não conseguem criar asas – diz ele. – Verdadeiro ou falso?

– Verdadeiro – digo. – Mas as pessoas não precisam de asas para sobreviver.

– Tordos precisam. – Ele termina a sopa e devolve a lata para mim.

Na luz fluorescente, os círculos embaixo dos olhos dele parecem hematomas.

– Ainda dá tempo. Você devia dormir. – Sem esboçar resistência, ele se deita, mas apenas observa o ponteiro que se mexe de um lado para o outro em um dos mostradores. Lentamente, como eu faria com um animal ferido, estico a mão e acaricio alguns fios de cabelo em sua testa. Ele fica paralisado diante de meu toque, mas não o rechaça. Então continuo acariciando delicadamente os cabelos dele. É a primeira vez que o toco voluntariamente desde a última arena.

– Você ainda está tentando me proteger. Verdadeiro ou falso? – sussurra ele.

– Verdadeiro – respondo. A resposta parece requerer mais explicações. – Porque isso é o que você e eu fazemos. Protegemos um ao outro. – Depois de mais ou menos um minuto, ele cai no sono.

Pouco antes das sete, Pollux e eu nos juntamos aos outros para acordá-los. Há os costumeiros bocejos e suspiros que acompanham o despertar. Mas meus ouvidos também estão captando uma outra coisa. Quase um sibilo. Talvez seja apenas vapor escapando de uma bomba-d'água ou o barulho distante de um dos trens...

Peço ao grupo para ficar em silêncio para conseguir ouvir melhor. Há um sibilo, sim, mas não é um som contínuo. Parecem mais múltiplas exalações que formam palavras. Uma única palavra. Ecoando através dos túneis. Uma palavra. Um nome. Repetido inúmeras vezes.

– Katniss.



Nosso tempo extra terminou. Talvez Snow tenha mandado seus homens cavarem a noite inteira. Ou pelo menos, assim que o incêndio acabou. Encontraram os restos mortais de Boggs, sentiram-se brevemente tranquilizados e então, à medida que as horas começaram a passar sem a descoberta de novos troféus, a desconfiança se instalou. Em determinado ponto, perceberam que haviam sido enganados. E o presidente Snow não tolera ser feito de bobo. Não importa se nos perseguiram até o segundo apartamento ou se imaginaram que havíamos ido diretamente para o subsolo. Sabem que estamos aqui embaixo agora e liberaram alguma coisa, um bando de bestantes provavelmente, com o intuito de nos encontrar.

– Katniss. – Tenho um sobressalto com a proximidade do som. Procuro freneticamente sua fonte, o arco preparado, em busca de um alvo a atingir. – Katniss. – Os lábios de Peeta mal se mexem, mas não há a menor dúvida, o nome também veio de sua boca. Logo quando eu começava a pensar que ele estava ficando um pouquinho melhor, quando começava a pensar que talvez pudesse estar se reaproximando de mim, aqui está a prova da profundidade atingida pelo veneno de Snow. – Katniss. – Peeta está programado para responder ao coro sibilante, a se juntar à caçada. Está começando a se agitar. Não há escolha. Posiciono meu arco para penetrar o cérebro dele. Ele não sentirá dor alguma. Subitamente, ele se senta, os olhos arregalados, em estado de alerta, ofegante.

– Katniss! – Ele joga a cabeça na minha direção, mas parece não reparar o meu arco, a flecha à espera. – Katniss! Vá embora daqui!

Eu hesito. Sua voz é de alarme, mas não de insanidade.

– Por quê? De onde vem esse som?

– Não sei. Só sei que o propósito dele é matar você – diz Peeta. – Corra! Saia daqui agora! Vá embora!

Depois do meu momento de confusão pessoal, concluo que não preciso matá-lo. Relaxo o arco. Absorvo os rostos ansiosos ao meu redor.

– Seja lá o que for isso, está atrás de mim. Agora talvez seja a hora de a gente se separar.

– Mas somos a sua guarda – diz Jackson.

– E a sua equipe – acrescenta Cressida.

– Não vou sair de perto de você – diz Gale.

Olho para a equipe de filmagem, armada somente de câmeras e pranchetas. E lá está Finnick com duas armas e um tridente. Sugiro que ele dê uma de suas armas para Castor. Ejeto o cartucho vazio da arma de Peeta, coloco um com balas de verdade e dou uma arma a Pollux. Como Gale e eu temos nossos arcos, entregamos nossas armas a Messalla e Cressida. Não há tempo para mostrar a eles coisa alguma a não ser como se puxa o gatilho, mas, de uma curta distância, talvez isso já seja suficiente. É melhor que estar inteiramente indefeso. Agora a única pessoa sem arma é Peeta, mas qualquer um que esteja sussurrando meu nome junto com um bando de bestantes evidentemente não precisará de uma.

Saímos da sala sem deixar nada para trás a não ser nosso cheiro. Não há nenhuma maneira de apagarmos isso por enquanto. Imagino que os seres sibilantes estão nos rastreando através dele, porque não deixamos praticamente nenhum rastro físico. Os narizes dos bestantes são anormalmente aguçados, mas é possível que o tempo que passamos chafurdando em água de escoamento ajude a despistá-los.

Longe do zumbido da sala, o som sibilante torna-se mais nítido. Mas também é possível obter um sentido melhor da localização dos bestantes. Estão atrás de nós, ainda a uma distância razoável. Snow provavelmente mandou soltá-los no subsolo perto do local onde encontrou o corpo de Boggs. Teoricamente, deveríamos estar com uma boa margem de vantagem sobre eles, embora eles certamente sejam mais rápidos que nós. Minha mente vaga em

direção às criaturas com aspecto de lobo na primeira arena, aos macacos no Massacre Quaternário, às monstruosidades que testemunhei na TV ao longo dos anos, e imagino que formas terão esses bestantes. Seja lá o que Snow tenha imaginado, me deixará terrivelmente apavorada.

Pollux e eu bolamos um plano para a fase seguinte da jornada e, como ele envolve nos afastarmos do sibilo, não vejo nenhum motivo para alterá-lo. Se nos movermos com rapidez, pode ser que alcancemos a mansão de Snow antes de os bestantes nos alcançarem. Mas com a velocidade vem uma certa falta de cuidado: a pisada errada que resulta num esguicho de água, o barulho acidental de uma arma colidindo com um encanamento, até mesmo meus próprios comandos emitidos com uma voz alta demais para quem quer manter o sigilo.

Acabamos de cobrir cerca de três quarteirões através de uma rede de escoamento transbordante e um trecho de um trilho de trem inutilizado quando os berros começam. Profundos, guturais. Fazendo tremer as paredes do túnel.

– Avox – diz Peeta imediatamente. – Esse era o som que Darius fazia quando era torturado.

– Os bestantes devem tê-los encontrado – diz Cressida.

– Então não estão apenas atrás de Katniss – diz Leeg 1.

– Provavelmente vão matar todo mundo. Só que não vão parar até chegar nela – diz Gale. Depois das horas que passou estudando com Beetee, há uma grande chance de ele estar certo.

E cá estou eu de novo. Com gente morrendo por minha causa. Amigos, aliados, pessoas totalmente estranhas, perdendo suas vidas pelo Tordo.

– Deixem-me continuar sozinha. Assim eles vão atrás de mim. Eu transfiro o Holo para Jackson. Vocês podem terminar a missão.

– Ninguém vai concordar com isso! – diz Jackson, exasperada.

– Estamos perdendo tempo! – diz Finnick.

– Ouçam – sussurra Peeta.

Os gritos pararam, e na ausência deles o meu nome voltou a ecoar, deixando todos nós sobressaltados diante de sua proximidade. Está tanto abaixo quanto atrás de nós agora.

– Katniss.

Cutuco Pollux no ombro e começamos a correr. O problema é que havíamos planejado descer um nível, mas agora isso está fora de cogitação. Quando chegamos aos degraus que levam mais para baixo, Pollux e eu começamos a fazer uma varredura em busca de um caminho alternativo no Holo, quando começo a ficar enjoada.

– Botem as máscaras! – ordena Jackson.

Não há necessidade de máscaras. Todos estão respirando o mesmo ar. Sou a única a botar para fora o meu cozido porque sou a única que está acusando uma reação ao odor. Que sobe pela escada. Que atravessa o esgoto. Rosas. Começo a tremer.

Giro o corpo para me afastar do cheiro e dou de cara com a Transferência. Ruas de ladrilhos lisos em tom pastel, exatamente como os de cima, porém margeadas por paredes de tijolos brancos em vez de casas. Uma estrada onde veículos de transporte podem circular sem dificuldades, sem os congestionamentos da Capital. Agora desprovida de qualquer outra coisa além de nós. Levanto meu arco e mando pelos ares o primeiro casulo com uma flecha explosiva que mata o ninho de ratos comedores de carne em seu interior. Em seguida, corro até a interseção seguinte, onde sei que um passo em falso fará com que o chão abaixo de mim se desintegre, transformando-nos em alimento de uma coisa rotulada de MOEDOR DE CARNE. Dou um grito de aviso aos outros para que fiquem comigo. Faço um plano para que contornemos a esquina e depois detonemos o Moedor de Carne, mas um outro casulo não registrado está à nossa espera.

A coisa acontece silenciosamente. Eu não teria percebido absolutamente nada se Finnick não tivesse me forçado a parar com um puxão.

– Katniss! – grita ele.

Giro o corpo de volta, a flecha em posição de tiro, mas o que pode ser feito? Duas flechas de Gale já estão pousadas sem utilidade ao lado da larga faixa de luz dourada que irradia do teto em direção ao chão. Lá dentro, Messalla está imóvel como uma estátua, apoiado na ponta dos pés, a cabeça curvada para trás, preso pelo feixe. Não tenho como dizer se ele está berrando, embora sua boca esteja bastante aberta. Nós observamos, absolutamente impotentes, a carne escorrer de seu corpo como cera.

– Não dá para ajudá-lo! – Peeta começa a empurrar as pessoas para a frente. – Não dá! – Surpreendentemente, ele é o único ainda em condições de nos fazer sair dali. Não sei por que ele mantém o controle quando deveria estar se preparando para arrebentar os meus miolos, mas isso pode acontecer a qualquer minuto. Com a pressão de sua mão contra meu ombro, viro as costas para a coisa aterradora que é Messalla; forço os meus pés a seguirem em frente, com rapidez, com tanta rapidez que mal consigo frear o corpo antes de chegar na interseção seguinte.

Uma torrente de balas proporciona uma chuva de reboco para todos os lados. Torço a cabeça de um lado para o outro, procurando o casulo até que me viro e vejo o esquadrão de Pacificadores marchando pela Transferência em nossa direção. Como o casulo Moedor de Carne está bloqueando nosso caminho, não há nada a fazer a não ser atirar de volta. Eles têm um contingente duas vezes maior do que o nosso, mas ainda temos seis membros originais do Esquadrão Estrela que não estão tentando correr e atirar ao mesmo tempo.

Peixes num barril, penso, enquanto manchas vermelhas surgem em seus uniformes brancos. Três quartos deles já estão caídos e mortos quando outros começam a surgir da lateral do túnel, o mesmo pelo qual me joguei para me afastar do cheiro, dos...

Aqueles ali não são Pacificadores.

Eles são brancos, possuem quatro membros, têm mais ou menos o tamanho de um ser humano adulto, mas as comparações param por aí. Nus, com longos rabos reptilianos, costas arqueadas e cabeças protuberantes. Como um enxame, investem contra os Pacificadores, vivos e mortos, grudam as bocas em seus pescoços e arrancam as cabeças com capacete e tudo. Pelo visto, possuir um pedigree da Capital é tão inútil aqui quanto era no 13. Ao que parece, os Pacificadores levam apenas alguns segundos para serem decapitados. Os bestantes jogam-se de barriga e correm de quatro atrás de nós.

– Por aqui! – grito, abraçando a parede e dando uma guinada brusca para a direita para evitar um casulo. Quando todos se juntam a mim, atiro na interseção e o Moedor de Carne é ativado. Imensos dentes mecânicos invadem a rua e mastigam o ladrilho até transformar tudo em pó. Isso deveria

impossibilitar qualquer tentativa dos bestantes de nos seguir, mas não tenho tanta certeza. Os bestantes lobos e os bestantes macacos que conheci podiam saltar uma distância incrivelmente grande.

O coro sibilante queima meus ouvidos, e o fedor das rosas faz as paredes girarem diante de meus olhos.

Agarro o braço de Pollux.

– Esqueça a missão. Qual é o caminho mais rápido até a superfície?

Não há tempo para verificar o Holo. Seguimos Pollux por mais ou menos dez metros ao longo da Transferência e atravessamos uma passagem. Percebo que o ladrilho transforma-se em concreto e que estou rastejando por um sistema de escoamento apertado e malcheiroso em direção a uma saliência com mais ou menos trinta centímetros de largura. Estamos no esgoto principal. Um metro abaixo, um caldo venenoso de dejetos humanos, lixo e detritos químicos borbulha. Partes da superfície do líquido estão pegando fogo, outras emitem nuvens de vapor de aspecto aterrorizante. Uma rápida olhada e você já sabe que, se cair lá dentro, jamais voltará. Movendo-se na saliência escorregadia com o máximo de rapidez que nossa ousadia permite, atingimos uma ponte estreita e a atravessamos. Num buraco na extremidade, Pollux dá um tapa numa escada e aponta o poço. É isso. Nossa saída.

Um olhar de relance para nossa turma me diz que há algo estranho.

– Espere aí! Onde estão Jackson e Leeg 1?

– Ficaram no Moedor para conter os bestantes – diz Homes.

– O quê? – Eu estou avançando para a ponte, sem querer deixar ninguém nas mãos daqueles monstros, quando ele me puxa de volta.

– Não joga no lixo as vidas delas, Katniss. Não dá mais para elas. Olha só! – Homes indica o encanamento, por cuja saliência os bestantes agora se arrastam rapidamente.

– Fique atrás de mim! – grita Gale. Com suas flechas de pontas explosivas, ele despedaça as fundações da lateral mais extrema da ponte. O resto desaba numa pilha de destroços no exato momento em que os bestantes a alcançam.

Pela primeira vez, dou uma boa olhada neles. Uma mistura de seres humanos e lagartos e sabe-se lá mais o quê. Pele branca e firme de répteis salpicadas de sangue, mãos e pés com garras, seus rostos um misto de

características conflitantes. Sibilando, berrando meu nome agora, enquanto seus corpos se contorcem com fúria. Debatendo-se com rabos e garras, arrancando enormes pedaços uns dos outros ou de si mesmos com bocas grandes e espumosas, enlouquecidos pela necessidade de me destruir. Meu cheiro deve ser tão evocativo para eles quanto o deles é para mim. Mais ainda, porque apesar de sua toxicidade, os bestantes começam a se jogar no esgoto malcheiroso.

Do nosso lado da margem, todos abrem fogo. Escolho minhas flechas sem critério, mandando as normais, com fogo ou explosivas em direção aos corpos dos bestantes. Eles são mortais, mas não parecem. Nenhum ser natural poderia continuar avançando com duas dúzias de balas em seu corpo. Sim, podemos matá-los em determinado momento, só que eles são muitos, uma fonte inesgotável que vaza do sistema de escoamento, nem sequer hesitando em se jogar no esgoto.

Mas não é a quantidade deles que faz com que minhas mãos fiquem tão trêmulas.

Nenhum bestante é do bem. Todos têm a intenção de causar algum dano a você. Alguns tiram sua vida, como os macacos. Outros sua sanidade mental, como as teleguiadas. Entretanto, as verdadeiras atrocidades, as mais assustadoras, incorporam uma perversão psicológica elaborada para aterrorizar a vítima. A visão do bestante lobo com os olhos dos tributos mortos. O som dos gaios tagarelas replicando os torturados gritos de Prim. O cheiro das rosas de Snow misturado com o sangue das vítimas. Perceptíveis no esgoto. Suplantando inclusive esse mau cheiro. Fazendo meu coração disparar, minha pele virar gelo, tornando meus pulmões incapazes de sugar o ar. É como se Snow estivesse respirando bem na minha cara, me dizendo que é hora de morrer.

Os outros estão gritando para mim, mas não pareço ter capacidade de resposta. Braços fortes me levantam enquanto explodo a cabeça de um bestante cujas garras acabaram de ferir o meu tornozelo. Alguém bate o meu corpo com força na escada. Minhas mãos são jogadas contra os degraus. Com ordens para que eu suba. Meus membros, rígidos como os de uma marionete, obedecem. O movimento faz com que meus sentidos voltem lentamente. Detecto uma

pessoa acima de mim. Pollux. Peeta e Cressida abaixo. Alcançamos uma plataforma. Mudamos para uma segunda escada. Degraus pegajosos de suor e bolor. Na plataforma seguinte, minha mente clareou e a realidade do que está acontecendo me acerta em cheio. Começo a empurrar freneticamente as pessoas escada acima. Peeta. Cressida. Isso é tudo.

O que foi que eu fiz? Abandonei os outros para enfrentarem o quê? Desço às pressas a escada quando uma das minhas botas dá um chute em alguém.

– Suba! – rosna Gale para mim. Volto novamente para cima, içando-o, focando a penumbra em busca de mais. – Não. – Gale vira o meu rosto para o dele e balança a cabeça. Uniforme rasgado. Ferimento aberto no lado do pescoço.

Ouve-se um grito humano da parte inferior.

– Tem alguém ainda vivo – imploro.

– Não, Katniss, eles não estão vindo – diz Gale. – Só os bestantes.

Incapaz de aceitar, direciono o foco de luz da arma de Cressida para o poço. Bem abaixo, só consigo distinguir Finnick, lutando para se manter de pé enquanto três bestantes o atacam. Quando um deles puxa sua cabeça com força para trás com o intuito de dar a mordida da morte, ocorre uma coisa bizarra. É como se eu fosse Finnick, assistindo a imagens da minha vida passando em minha mente. O mastro de um barco, um paraquedas prateado, Mags rindo, um céu cor-de-rosa, o tridente de Beetee, Annie em seu vestido de casamento, ondas batendo nas rochas. Em seguida, tudo se acaba.

Puxo o Holo de meu cinto e consigo cuspir as palavras:

– Cadeado, cadeado, cadeado. – Eu o solto. Agacho-me contra a parede com os outros no exato momento em que a explosão destrói a plataforma, e pedaços de bestante e carne humana são lançados do sistema de escoamento e caem em cima de nós como se fossem chuva.

Ouve-se um clangor de metal quando Pollux joga uma tampa em cima da passagem e a lacra. Pollux, Gale, Cressida, Peeta e eu. Somos tudo o que resta. Mais tarde, os sentimentos humanos chegarão. Agora estou consciente apenas da necessidade animal de manter os remanescentes de nosso grupo com vida.

– A gente não pode parar aqui.

Alguém aparece com um curativo. Nós o amarramos em volta do pescoço de Gale. Colocamos ele de pé. Apenas uma figura permanece encolhida na parede.

– Peeta – digo. Não há resposta. Será que ele apagou? Eu me agacho na frente dele, puxando as mãos algemadas de seu rosto. – Peeta? – Seus olhos são como poças pretas, as pupilas dilatadas de tal modo que as íris azuis desapareceram por completo. Os músculos em seus pulsos estão duros como metal.

– Me deixa – sussurra ele. – Não aguento seguir em frente.

– Aguenta. Aguenta, sim! – digo a ele.

Peeta sacode a cabeça.

– Estou perdendo a noção. Vou ficar maluco. Como eles.

Como os bestantes. Como uma fera raivosa inclinada a cortar a minha garganta. E aqui, finalmente aqui, neste local, nestas circunstâncias, terei realmente que matá-lo. E Snow vencerá. Um ódio quente e amargo percorre meu corpo. Snow já venceu demais por hoje.

É uma possibilidade remota, talvez seja suicídio, mas faço a única coisa que me vem à cabeça. Eu me aproximo e dou um beijo na boca de Peeta. O corpo inteiro dele começa a tremer, mas mantenho meus lábios pressionados até ser obrigada a respirar. Minhas mãos deslizam por seus pulsos para pegá-los.

– Não deixe que ele o tire de mim.

Peeta está arquejando intensamente enquanto luta contra os pesadelos que atormentam sua cabeça.

– Não. Eu não quero...

Seguro as mãos deles com tanta força que chega a doer.

– Fique comigo.

As pupilas dele se contraem até virarem pontinhos pretos, dilatam-se novamente com rapidez e então retornam a algo que parece um estado de normalidade.

– Sempre – murmura ele.

Ajudo Peeta a se levantar e me dirijo a Pollux.

– Qual é a distância até a rua? – Ele indica que ela está exatamente acima de nós. Subo a última escada e abro a tampa que dá na área de serviço de alguém.

Estou me levantando quando uma mulher abre a porta. Ela veste um robe de seda azul-turquesa com peixes exóticos bordados. Seus cabelos cor de magenta estão eriçados como uma nuvem e decorados com borboletas douradas. Gordura da salsicha parcialmente comida que ela está segurando mancha seu batom. A expressão em seu rosto diz que ela me reconhece. Ela abre a boca para gritar por ajuda.

Sem hesitar, dou um tiro em seu coração.



Para quem a mulher pensou em gritar permanece um mistério, porque depois de dar uma busca no apartamento, descobrimos que ela estava sozinha. Talvez o grito tenha sido para algum vizinho, ou simplesmente uma expressão de medo. De um modo ou de outro, não havia mais ninguém para ouvi-la.

Esse apartamento seria um local perfeito para ficarmos entocados por algum tempo, mas isso é um luxo que está acima das nossas possibilidades reais.

– Quanto tempo você acha que a gente tem até que descubram que alguns de nós poderiam ter sobrevivido? – pergunto.

– Acho que podem chegar a qualquer momento – responde Gale. – Eles sabiam que a gente estava se encaminhando para as ruas. Provavelmente a explosão vai fazê-los perder alguns minutos. Depois vão começar a procurar o ponto por onde a gente saiu.

Vou até uma janela que dá para a rua e, quando espio pela persiana, não vejo nenhum Pacificador, mas sim um amontoado de pessoas entretidas em seus afazeres. Durante nossa jornada subterrânea, deixamos as zonas evacuadas bem para trás e voltamos à superfície num lugar bastante movimentado da Capital. Essa multidão representa a nossa única chance de fuga. Não tenho um Holo, mas tenho Cressida. Ela se junta a mim na janela, confirma que conhece nossa localização e me dá a boa notícia de que não estamos a muitos quarteirões da mansão do presidente.

Uma olhadinha em meus companheiros me diz que não é hora de um ataque sorrateiro a Snow. Gale está perdendo sangue do ferimento no pescoço, que ainda nem limpamos. Peeta está sentado num sofá de veludo com os

dentes enterrados em uma almofada, ou lutando contra um ataque de loucura ou contendo um grito. Pollux choraminga encostado na viga de uma lareira ornamentada. Cressida permanece em pé ao meu lado, resoluta, mas tão pálida que seus lábios parecem sem sangue. Eu ainda estou cheia de ódio. Quando a energia que o motiva diminuir, ficarei impraticável.

– Vamos dar uma verificada nos closets dela – digo.

Em um quarto, encontramos centenas de itens de vestuário da mulher: vestidos, casacos, pares de sapatos, um arco-íris de perucas, maquiagem suficiente para pintar uma casa inteira. Num quarto do outro lado do corredor, há uma seleção similar de itens masculinos. Talvez pertencentes ao marido dela. Talvez a algum amante que teve a sorte de não estar presente hoje de manhã.

Grito para os outros se vestirem. Diante da visão dos pulsos ensanguentados de Peeta, enfio a mão no bolso para pegar a chave das algemas, mas ele se solta de mim.

– Não – diz ele. – Não faça isso. Elas me ajudam a manter o controle.

– Pode ser que você precise de suas mãos – diz Gale.

– Quando sinto que estou começando a delirar, enfio os pulsos com toda a força nas algemas, e a dor me ajuda a retomar o foco – diz Peeta. Eu as deixo onde estão.

Por sorte, está frio, de modo que podemos esconder grande parte de nossos uniformes e armas debaixo de longos casacos e capuzes. Penduramos nossas botas pelos cadarços ao redor dos pescoços e as escondemos. Para substituí-las, calçamos sapatos ridículos. O verdadeiro desafio, evidentemente, são nossos rostos. Cressida e Pollux correm o risco de serem identificados por conhecidos, Gale poderia ser familiar por conta dos pontoprops e dos noticiários, e Peeta e eu somos famosos para todos os cidadãos de Panem. Rapidamente, começamos a ajudar uns aos outros a aplicar densas camadas de maquiagem, a vestir perucas e óculos escuros. Cressida enrola cachecóis ao redor do meu rosto e do de Peeta.

Sinto o relógio batendo e o tempo se esgotando, mas paro apenas por alguns instantes para encher os bolsos de comida e de suprimentos de primeiros socorros.

– Fiquem juntos – digo, na porta da frente. Então seguimos diretamente para a rua. Começou a nevar. Pessoas agitadas passam ao nosso lado, falando de rebeldes e de fome, e de mim em seus afetados sotaques da Capital. Atravessamos a rua, passamos por mais alguns prédios de apartamentos. Assim que viramos a esquina, três dúzias de Pacificadores passam correndo por nós. Abrimos caminho para eles, como cidadãos costumam fazer, esperamos até que a multidão retorne a seu fluxo normal e continuamos a andar. – Cressida – sussurro. – Está conseguindo pensar em algum lugar?

– Estou tentando – diz ela.

Cobrimos mais um quarteirão e as sirenes começam a soar. Através da janela de um apartamento, vejo uma reportagem de emergência e fotos de nossos rostos piscando na tela. Eles ainda não identificaram quem morreu em nosso grupo, porque vejo que as fotos de Castor e Finnick aparecem na tela. Logo, logo, qualquer transeunte será tão perigoso quanto um Pacificador.

– Cressida?

– Lembrei de um lugar. Não é o ideal, mas a gente pode tentar – diz ela. Nós a seguimos por mais alguns quarteirões e passamos por um portão para entrar no que parece uma residência particular. É uma espécie de atalho, porque depois de caminharmos por um jardim muito bem cuidado, passamos por outro portão e saímos numa pequena rua de fundos que se conecta a duas avenidas principais. Há algumas lojas apertadinhas, uma que compra bens usados, outra que vende joias falsas. Apenas algumas pessoas estão por perto, e não prestam nenhuma atenção em nós. Cressida começa a tagarelar numa voz aguda sobre roupas de baixo feitas com pelo de animais e sobre como esse tipo de coisa é essencial durante os meses frios: – Espera só até você ver os preços! Pode acreditar em mim, é metade do que você paga nas avenidas!

Paramos diante de uma loja cuja fachada está encardida e o interior repleto de manequins vestindo roupas de baixo feitas de pelo. O lugar nem parece estar aberto, mas Cressida passa pela porta, acionando um sininho dissonante. Dentro da loja estreita, parcamente iluminada e com prateleiras e mais prateleiras de mercadorias, o cheiro de pelo de animal penetra meu nariz. Os negócios devem estar devagar, já que somos os únicos clientes. Cressida segue diretamente para uma figura curvada sentada nos fundos da loja. Eu vou atrás

dela, passando os dedos pelos macios itens de vestuário que encontro pelo caminho.

Atrás do balcão está sentada a pessoa mais estranha que já vi na vida. É um exemplo extremo de cirurgia plástica que deu errado, porque certamente nem mesmo na Capital um rosto como esse poderia ser considerado atraente. A pele foi muito puxada para trás e recebeu uma tatuagem de listras pretas e douradas. O nariz foi achatado até praticamente deixar de existir. Eu já vira bigodes de gato em pessoas na Capital antes, mas nada assim tão comprido. O resultado é uma máscara grotesca e semifelina que agora nos encara com olhos estreitos e desconfiados.

Cressida tira a peruca, revelando suas madeixas.

– Tigris – diz ela. – Estamos precisando de ajuda.

Tigris. No fundo do meu cérebro, o nome toca um sininho. Ela era uma presença frequente – uma versão mais jovem e menos perturbadora de si mesma – na primeira versão dos Jogos Vorazes que lembro ter visto. Uma estilista, acho. Não me lembro para qual distrito. Não o 12. Então ela deve ter feito diversas operações e ultrapassado o limite que separa a normalidade da repulsa.

Quer dizer então que esse é o destino dos estilistas quando deixam de ser úteis? Lojas de roupas de baixo com temas tristes onde esperam a morte. Longe do olhar público.

Olho para o rosto dela, imaginando se seus pais realmente lhe deram o nome de Tigris, inspirando sua mutilação, ou se ela escolheu o estilo e mudou o nome para combinar com as listras.

– Plutarch disse que você era confiável – acrescenta Cressida.

Maravilha, ela faz parte do grupo de Plutarch. Então, se a primeira coisa que fizer não for nos entregar à Capital, será avisar Plutarch e, por extensão, Coin, de nosso paradeiro. Não, a loja de Tigris não é o ideal, mas é tudo que temos no momento. Isso se ela nos ajudar. Ela divide sua atenção entre um velho aparelho de TV no balcão e nós, como se estivesse tentando nos reconhecer. Para ajudá-la, puxo o cachecol, retiro a peruca e me aproximo para que a luz da tela ilumine o meu rosto.

Tigris rosna baixinho, um rosnado não muito diferente do que o que Buttercup talvez utilizasse para me cumprimentar. Ela escorrega de seu banquinho e desaparece atrás de uma prateleira de perneiras revestidas com pelo. Há o som de alguma coisa deslizando, e então a mão dela emerge e acena para nós. Cressida olha para mim, como se a perguntar: "Tem certeza?", mas que outra escolha nós temos? Voltar para as ruas sob essas condições será a garantia de nossa captura ou mesmo de nossa morte. Contorno as peles e descubro que Tigris empurrou para trás um painel na base da parede. Atrás dele, parece que existe a parte de cima de uma íngreme escadaria de pedra. Ela faz um gesto para que eu entre.

Tudo nesta situação cheira a armadilha. Tenho um momento de pânico e acabo me voltando para Tigris, estudando seus olhos alaranjados. Por que será que ela está fazendo isso? Ela não é nenhum Cinna, alguém disposto a se sacrificar por outras pessoas. Essa mulher era a personificação da superficialidade da Capital. Ela era uma das estrelas dos Jogos Vorazes até que... até que deixou de ser. Então é isso? Amargura? Ódio? Vingança? Na realidade, essa ideia me deixa reconfortada. Uma necessidade de vingança pode perdurar por muito tempo. Principalmente se for reforçada por cada olhada no espelho.

– Snow baniu você dos Jogos? – pergunto. Ela apenas olha para mim. Em alguma parte, seu rabo de tigre se mexe em total desprazer. – Porque eu vou matá-lo, sabia? – Sua boca se abre no que interpreto como um sorriso. Tranquila por não identificar a situação como uma loucura total, penetro no espaço.

Mais ou menos na metade dos degraus que levam ao subsolo, meu rosto encosta numa corrente pendurada e eu a puxo, iluminando o refúgio com uma tremeluzente lâmpada fluorescente. É um pequeno porão sem porta ou janelas. Amplo e pouco profundo. Provavelmente apenas um espaço entre dois porões de verdade. Um lugar cuja existência poderia passar despercebida a menos que você tivesse um olho bastante aguçado para dimensões. É frio e úmido, com pilhas de peles que acho que não veem a luz do sol há anos. A menos que fôssemos dedurados por Tigris, não acredito que alguém conseguiria nos encontrar num lugar como este. Quando alcanço o piso de concreto, meus companheiros já estão nos degraus. O painel desliza de volta para a posição de

origem. Ouço a prateleira com as roupas de baixo sendo deslocada sobre rodinhas que rangem. Tigris patinhando de volta ao banquinho. Fomos engolidos por sua loja.

O que acontece na hora certa, porque Gale parece estar prestes a ter um colapso. Fazemos uma cama de peles, tiramos suas camadas de armas e o ajudamos a se deitar de costas. Nos fundos do porão, existe uma pia a mais ou menos trinta centímetros do chão com um ralo embaixo. Eu giro a torneira e, depois de muita ferrugem, água limpa começa a fluir. Limpamos o ferimento no pescoço de Gale e percebo que os curativos não serão suficientes. Ele vai precisar de alguns pontos. Tem uma agulha e uma linha esterilizada no kit de primeiros socorros, mas o que nos falta é um médico. Passa pela minha cabeça a possibilidade de colocar Tigris na função. Como estilista, ela deve saber como usar uma agulha. Mas isso deixaria a loja abandonada, e ela já está fazendo o suficiente. Aceito que sou provavelmente a pessoa mais qualificada para desempenhar a tarefa, cerro os dentes e faço uma fileira de suturas toscas. Não fica bonitinho, mas funciona. Despejo remédio em cima e cubro com uma bandagem. Dou a ele alguns analgésicos.

– Pode descansar agora – digo. Ele apaga como uma lâmpada.

Enquanto Cressida e Pollux fazem ninhos de peles para cada um de nós, cuido dos pulsos de Peeta. Tiro delicadamente o sangue com água, ponho antisséptico e faço curativos abaixo dos punhos.

– Você precisa deixá-los limpos, senão a infecção pode se espalhar e...

– Sei o que é septicemia, Katniss – diz Peeta. – Mesmo minha mãe não sendo curandeira.

Sou catapultada de volta no tempo para outro ferimento, outro conjunto de curativos.

– Você disse essa mesma coisa para mim nos primeiros Jogos Vorazes. Verdadeiro ou falso?

– Verdadeiro – diz ele. – E você arriscou sua vida para pegar o remédio que me salvou?

– Verdadeiro – digo, dando de ombros. – Você era o motivo de eu estar viva para fazer isso.

– Era mesmo? – O comentário o lança num estado de confusão mental. Alguma lembrança brilhante deve estar lutando para obter a atenção dele, porque seu corpo fica tenso e seus pulsos recentemente envoltos em bandagens retesam-se contra as algemas de metal. Então toda a energia se esvai de seu corpo. – Katniss, estou tão cansado.

– Vá dormir – digo. Ele só acata a minha proposta depois que recoloco suas algemas e as prendo em um dos suportes da escada. Não pode ser confortável ficar ali deitado com os braços acima da cabeça. Mas, depois de alguns minutos, ele também desmaia.

Cressida e Pollux fizeram camas para nós, organizaram nossa comida e nossos suprimentos médicos, e agora perguntam o que quero fazer em relação ao estabelecimento de um esquema de vigilância. Olho para a palidez de Gale, para as algemas de Peeta. Pollux não dorme há dias, e Cressida e eu apenas tiramos uma soneca por poucas horas. Se uma tropa de Pacificadores passasse por aquela porta, estaríamos presos numa armadilha como ratos. Estamos completamente à mercê de uma tigresa decrépita de quem só posso esperar uma paixão abrasadora pela morte de Snow.

– Honestamente, acho que não faz nenhum sentido a gente montar guarda. Vamos simplesmente tentar dormir um pouco – digo. Eles balançam a cabeça entorpecidamente, e nos enfurnamos em nossas peles. O fogo dentro de mim se apagou, e com ele a minha força. Me rendo à pele suave e bolorenta e ao esquecimento.

Tenho apenas um único sonho de que me lembro. Uma coisa longa e exaustiva na qual estou tentando chegar ao Distrito 12. O lar que busco está intacto, as pessoas vivas. Effie Trinket, chamativa em uma vívida peruca cor-de-rosa e um vestido feito sob medida, viaja comigo. Fico tentando me livrar dela em vários lugares, mas ela reaparece inexplicavelmente ao meu lado, insistindo que, na condição de minha acompanhante, é responsável por fazer com que eu siga a programação. Só que a programação está constantemente mudando, obstruída pela falta do carimbo de algum funcionário, ou atrasada, quando Effie quebra um de seus saltos altos. Acampamos por dias num banquinho de uma estação acinzentada no Distrito 7, esperando um trem que nunca chega. Quando acordo, tenho a sensação de que, de alguma maneira, fiquei ainda

mais esgotada por esse pesadelo que pelas minhas costumeiras incursões por sangue e terror.

Cressida, a única pessoa acordada, diz que estamos no fim da tarde. Como uma lata de cozido de carne e empurro tudo para dentro com a ajuda de muita água. Em seguida, encosto na parede do porão e começo a relembrar os eventos do último dia. De morte a morte. Contando-as nos dedos. Uma, duas – Mitchell e Boggs, no quarteirão. Três – Messalla pulverizado pelo casulo. Quatro, cinco – Leeg 1 e Jackson sacrificando-se no Moedor de Carne. Seis, sete, oito – Castor, Homes e Finnick sendo decapitados pelos bestantes lagartos com cheiro de rosas. Oito mortos em vinte e quatro horas. Eu sei que isso aconteceu e, no entanto, não parece real. Certamente, Castor está adormecido debaixo daquela pilha de peles, Finnick vai descer correndo os degraus daqui a um minuto, Boggs vai me contar seu plano para nossa fuga.

Acreditar que estão mortos é aceitar que os matei. Tudo bem, talvez não Mitchell e Boggs – eles morreram numa missão verdadeira. Mas os outros perderam suas vidas me defendendo numa missão que eu idealizei. Meu plano para assassinar Snow parece bastante idiota agora. Bastante idiota comigo aqui sentada tremendo nesse porão, contando nossas perdas, passando os dedos pelos enfeites nas botas de prata de cano alto que roubei da casa daquela mulher. Ah, sim – esqueci daquilo. Eu também a matei. Agora também estou tirando vidas de cidadãos desarmados.

Acho que já está na hora de me entregar.

Quando todos finalmente acordam, eu confesso. Como menti sobre a missão, como coloquei todos em risco em busca de vingança. Há um longo silêncio depois que termino. Então Gale diz:

– Katniss, todos nós sabíamos que você estava mentindo quando disse que Coin tinha mandado você assassinar Snow.

– Vocês sabiam, pode ser. Os soldados do 13, não – respondo.

– Você realmente acha que Jackson acreditava que você tinha ordens de Coin? – pergunta Cressida. – É claro que não acreditava. Mas ela confiava em Boggs, e ele claramente queria que você seguisse adiante com isso.

– Nunca contei para Boggs o que eu planejava fazer – digo.

– Você contou para todo mundo no Comando! – diz Gale. – Isso foi uma das suas condições para ser o Tordo: "Eu mato Snow."

Essas coisas parecem desconectadas. Negociar com Coin pelo privilégio de executar Snow depois da guerra e essa fuga desautorizada pela Capital.

– Mas não assim – digo. – Foi um desastre completo.

– Acho que isso teria sido considerado uma missão altamente bem-sucedida – diz Gale. – Nós nos infiltramos no acampamento inimigo, mostrando que as defesas da Capital podem ser invadidas. Conseguimos tomadas de nós mesmos em todos os noticiários da Capital. Instauramos o caos em toda a cidade com eles tentando nos encontrar.

– Pode acreditar em mim, Plutarch está entusiasmadíssimo – acrescenta Cressida.

– Isso porque ele não está nem aí para as pessoas que morrem – digo. – Contanto que os Jogos dele sejam um sucesso.

Cressida e Gale seguem tentando me convencer. Pollux balança a cabeça em concordância para as palavras deles para transmitir seu apoio. Apenas Peeta não dá opinião.

– O que você acha, Peeta? – finalmente pergunto a ele.

– Eu acho... que você ainda não faz a menor ideia do efeito que causa. – Ele desliza as algemas para cima do suporte e se senta. – Nenhuma das pessoas que perdemos eram idiotas. Elas sabiam o que estavam fazendo. Elas seguiram você porque acreditavam que você realmente era capaz de matar Snow.

Não sei por que a voz dele me alcança quando nenhuma outra consegue. Mas se ele estiver certo, e acho que está, tenho com os outros uma dívida que só poderá ser paga de uma única maneira. Tiro do bolso do uniforme o meu mapa de papel e o espalho no chão com uma nova determinação.

– Onde estamos, Cressida?

A loja de Tigris situa-se a mais ou menos cinco quarteirões do Círculo da Cidade e da mansão de Snow. Estamos a uma distância tranquila, numa zona em que os casulos ficam desativados para a segurança dos residentes. Temos disfarces que, quem sabe com algumas melhorias adquiridas junto ao estoque peludo de Tigris, talvez possam nos levar até lá em segurança. Mas depois o quê? Certamente a mansão contará com guardas muito bem armados, câmeras

de segurança vinte e quatro horas por dia e estará recheada de casulos que podem ser ativados por um simples interruptor.

– O que a gente precisa é fazê-lo sair da casa – diz Gale para mim. – Aí um de nós pode dar um tiro nele.

– Será que ele ainda aparece em público? – pergunta Peeta.

– Acho que não – diz Cressida. – Pelo menos, em todos os discursos recentes que vi, ele estava dentro da mansão. Mesmo antes de os rebeldes chegarem aqui. Imagino que ele tenha ficado mais vigilante depois que Finnick colocou no ar os seus crimes.

É isso mesmo. Não são apenas as Tigris da Capital que odeiam Snow, mas uma rede de pessoas que sabem o que ele fez com seus amigos e com seus familiares. Só alguma coisa beirando um milagre poderia convencê-lo a sair. Alguma coisa como...

– Aposto que ele sairia por minha causa – digo. – Se eu fosse capturada. Ele ia querer que isso fosse o mais público possível. Ele ia querer minha execução nos degraus da frente da casa dele. – Deixo minhas palavras serem absorvidas. – Então Gale podia dar um tiro nele da plateia.

– Não. – Peeta balança a cabeça em discordância. – Há muitas alternativas a esse plano. Pode ser que Snow decida manter você presa para obter informações com uso de tortura. Ou mandar executá-la em praça pública sem que ele esteja presente. Ou matá-la dentro da mansão e depois exibir seu corpo na frente da casa.

– Gale? – digo.

– Essa parece uma solução extrema demais para assumirmos de imediato – diz ele. – Talvez, se tudo o mais falhar. Vamos continuar pensando.

No silêncio que se segue, ouvimos os suaves passos de Tigris em cima. Deve ser o fim do expediente. Ela está trancando a loja, fechando as persianas, quem sabe. Alguns minutos depois, o painel no topo da escada desliza e se abre.

– Subam – diz ela, com uma voz grave. – Tem comida aqui para vocês. – É a primeira vez que ela fala desde a nossa chegada. Se é uma coisa natural ou adquirida depois de anos de prática, eu não sei, mas há algo em seu jeito de falar que sugere o ronronar de um gato.

Enquanto subimos a escada, Cressida pergunta:

– Você entrou em contato com Plutarch?

– Não havia como – diz Tigris, dando de ombros. – Ele vai entender que você está numa casa segura. Não se preocupe.

Eu, me preocupar? Estou me sentindo imensamente aliviada por saber que não receberei – nem terei que ignorar – ordens diretas do 13. Nem terei que inventar alguma defesa viável para as decisões que tomei ao longo dos últimos dias.

Na loja, o balcão contém algumas fatias de pão embolorado, um pedaço de queijo mofado e metade de uma garrafa de mostarda. Isso me lembra que nem todo mundo na Capital possui os estômagos cheios ultimamente. Me sinto na obrigação de contar a Tigris sobre nosso suprimento de comida, mas ela dispensa minhas objeções balançando a mão.

– Eu não como praticamente nada – diz ela. – E mesmo assim, só carne crua. – Isso parece uma encenação um pouco exagerada, mas não questiono. Apenas raspo o mofo do queijo e divido a comida entre todos nós.

Enquanto comemos, assistimos ao noticiário mais recente da Capital. O governo diminuiu o número de rebeldes sobreviventes para cinco de nós. Polpudas recompensas são oferecidas por informações que levem à nossa captura. Eles enfatizam o quanto somos perigosos. Mostram nossas trocas de tiros com os Pacificadores, embora excluam os bestantes arrancando as cabeças deles. Fazem um trágico tributo à mulher deitada onde a deixamos, com minha flecha ainda em seu coração. Alguém refez sua maquiagem para as câmeras.

Os rebeldes deixam a transmissão da Capital seguir sem interrupções.

– Os rebeldes fizeram algum pronunciamento hoje? – pergunto a Tigris. Ela balança a cabeça. – Duvido que Coin saiba o que fazer comigo agora que continuo viva.

Tigris dá uma gargalhada gutural.

– Ninguém sabe o que fazer com você, guria. – Então ela me empurra um par de perneiras de pelo, apesar de eu não ter como pagar por elas. É o tipo de presente que você é obrigada a aceitar. E, de qualquer maneira, está frio no porão.

Lá embaixo, após a ceia, continuamos a vasculhar nossas mentes em busca de um plano. Nada de bom aparece, mas concordamos que não podemos mais

sair em um grupo de cinco e que deveríamos tentar nos infiltrar na mansão do presidente antes de eu me transformar em isca. Aceito esse segundo ponto para evitar mais discussões. Se decidir efetivamente me entregar, isso não requererá a permissão e a participação de mais ninguém.

Trocamos os curativos, algemamos Peeta de volta a seu suporte e nos deitamos para dormir. Algumas horas depois, desperto novamente e fico ciente de uma conversa silenciosa. Peeta e Gale. Não consigo deixar de ouvir às escondidas.

– Obrigado pela água – diz Peeta.

– Sem problema – responde Gale. – De qualquer forma, acordo dez vezes por noite.

– Para ter certeza de que Katniss ainda está aqui? – pergunta Peeta.

– Algo assim – admite Gale.

Há uma longa pausa antes de Peeta falar novamente:

– Aquilo que a Tigris disse foi engraçado. Sobre não saber o que fazer com ela.

– Bom, nós nunca soubemos – diz Gale.

Ambos riem. É tão estranho ouvi-los conversando dessa maneira. Quase como amigos. O que eles não são. Jamais foram. Embora não sejam exatamente inimigos.

– Sabia que ela ama você? – diz Peeta. – Ela me disse com todas as letras depois que você foi chicoteado.

– Não acredite nisso – responde Gale. – O jeito como ela beijou você no Massacre Quaternário... Bom, ela nunca me beijou daquela maneira.

– Aquilo era apenas uma encenação – diz Peeta, embora haja uma pontinha de dúvida em sua voz.

– Não, você a conquistou. Desistiu de tudo por ela. De repente, essa é a única maneira de ela ficar convencida do seu amor. – Há uma longa pausa. – Eu devia ter me apresentado como voluntário para tomar o seu lugar na primeira vez que ela foi aos Jogos. Para protegê-la.

– Você não poderia ter feito uma coisa dessas – diz Peeta. – Ela nunca ia te perdoar por isso. Você tinha que tomar conta da família dela. Para Katniss, elas são mais importantes do que a própria vida.

– Bom, isso logo, logo vai deixar de ser uma questão. Acho pouquíssimo provável nós três estarmos vivos no fim dessa guerra. E se estivermos, acho que vai ser um problema de Katniss. Quem ela vai escolher. – Gale boceja. – A gente devia dormir um pouco.

– É isso aí. – Ouço as algemas de Peeta deslizarem pelo suporte à medida que ele assenta o corpo. – Fico pensando como será que ela vai decidir.

– Ah, isso eu sei. – Consigo apenas captar as últimas palavras de Gale através da camada de pelo. – Katniss vai escolher aquele sem o qual ela acha impossível conseguir sobreviver.



Um arrepio percorre meu corpo de alto a baixo. Será que sou assim tão fria e calculista? Gale não disse, "Katniss vai escolher aquele cuja ausência a deixaria com o coração destroçado", ou mesmo "aquele sem o qual ela acha que não pode viver". Essas possibilidades teriam sugerido que eu estava motivada por uma espécie de paixão. Mas meu melhor amigo prevê que escolherei a pessoa sem a qual acho "impossível conseguir sobreviver". Não há a menor indicação de que amor, desejo, ou mesmo compatibilidade exercerá alguma influência sobre mim. Vou apenas conduzir uma fria avaliação do que os meus parceiros potenciais podem me oferecer. Como se, no fim, a questão fosse, entre um padeiro e um caçador, quem teria mais condições de estender ao máximo possível minha longevidade. É uma coisa horrível o que Gale acabou de dizer, e também o fato de Peeta não o refutar. Principalmente quando todas as minhas emoções foram tomadas e exploradas pela Capital e pelos rebeldes. No momento, a escolha seria simples. Posso sobreviver muito bem sem nenhum dos dois.

De manhã, não tenho tempo ou energia para lidar com mágoas. Durante um café da manhã na madrugada, composto de patê de fígado e biscoitos de figo, nos reunimos ao redor da TV de Tigris para uma das invasões de Beetee. Houve um novo desenrolar na guerra. Aparentemente inspirado pela onda preta, algum comandante rebelde munido de uma mente empreendedora apareceu com a ideia de confiscar os automóveis abandonados das pessoas e enviá-los sem ninguém para as ruas. Os carros não acionam todos os casulos, mas certamente atingem a maioria. Por volta das quatro da manhã, os rebeldes

começaram a abrir três trilhas separadas – identificadas simplesmente como linhas A, B e C – em direção ao coração da Capital. Como consequência, tomaram posse de vários quarteirões com pouquíssimas vítimas.

– Isso não vai durar muito – diz Gale. – Na realidade, estou surpreso por eles terem conseguido manter isso por tanto tempo. A Capital vai reagir desativando casulos específicos e depois acionando-os manualmente quando os alvos aparecerem. – Poucos minutos depois de sua previsão, vemos exatamente o que ele descreveu acontecer na tela da TV. Um esquadrão manda um carro para um quarteirão, ativando quatro casulos. Tudo parece estar bem. Três batedores aparecem em seguida e vão em segurança até o fim da rua. Mas quando um grupo de vinte soldados rebeldes os seguem, são despedaçados por uma fileira de roseiras em frente a uma floricultura.

– Aposto que Plutarch está se roendo de raiva por não estar na sala de controle num momento como esse – diz Peeta.

Beetee devolve a transmissão à Capital, onde uma repórter com a aparência sombria anuncia os quarteirões que os civis têm de evacuar. Entre a notícia que ela apresenta e a história anterior, consigo fazer uma marcação no meu mapa de papel para ter as posições relativas dos exércitos em guerra.

Escuto uma correria na rua, me dirijo à janela e espio pela fresta das persianas. À luz da manhã, vejo um espetáculo bizarro. Refugiados dos quarteirões agora ocupados estão correndo em disparada na direção do centro da Capital. Os mais desesperados vestem apenas pijama e chinelo, ao passo que os mais preparados estão envoltos em camadas de roupas. Eles carregam tudo: de cachorrinhos de colo a caixas de joias e vasos de plantas. Um homem num robe acolchoado segura uma banana madura. Confusas, crianças adormecidas seguem aos tropeços atrás de seus pais, espantadas demais ou perplexas demais para chorar. Partes delas aparecem rapidamente em minha linha de visão. Um par de olhos castanhos arregalados. Um braço agarrando uma boneca favorita. Um par de pés descalços, azulados devido ao frio, pisando nas pedras de calçamento desniveladas da ruela. Vê-las me faz lembrar das crianças do 12 que morreram fugindo dos bombardeios. Saio da janela.

Tigris se oferece para ser nossa espiã durante aquele dia, já que é a única que não está com a cabeça a prêmio. Depois de nos colocar em segurança no

subsolo, ela vai até a Capital recolher quaisquer informações que possam vir a ser úteis.

No porão, ando de um lado para o outro, levando os outros à loucura. Alguma coisa me diz que não tirar vantagem da torrente de refugiados é um erro. Que melhor camuflagem para uma fuga poderíamos conseguir? Por outro lado, cada pessoa dispersa vagando nas ruas significa mais um par de olhos à procura de cinco rebeldes à solta. Mas também tem o seguinte: o que ganhamos permanecendo aqui? Tudo o que estamos realmente fazendo é devastar nosso pequeno estoque de comida e esperar... o quê? Que os rebeldes tomem a Capital? Isso ainda pode levar semanas para acontecer, e não tenho tanta certeza do que faria se eles conseguissem. Não sairia às ruas para cumprimentá-los. Coin mandaria me arrastar de volta para o 13 antes que eu pudesse dizer "cadeado, cadeado, cadeado". Não percorri todo esse caminho, nem perdi tantas pessoas, para me entregar àquela mulher. Eu mato Snow. Além do mais, haveria uma infinita quantidade de coisas em relação aos últimos dias que eu não teria como explicar com facilidade. Várias das quais, se viessem à luz, provavelmente liquidariam o meu acordo para a imunidade dos vitoriosos. E, esquecendo de mim, tenho uma sensação de que alguns dos outros vão precisar muito disso. Como Peeta. Que, independentemente de como se interprete a coisa, pode ser visto no filme jogando Mitchell naquele casulo da rede. Posso imaginar muito bem o que o tribunal de guerra de Coin vai fazer com essa imagem.

No final da tarde, já estamos começando a ficar inquietos em relação à longa ausência de Tigris. As conversas passam a girar em torno das possibilidades de ela ter sido detida e presa, de nos ter entregado voluntariamente, ou simplesmente ter sido ferida durante a onda de refugiados. Mas por volta das seis horas, nós a ouvimos chegar. Há um som de passos no andar de cima e em seguida ela abre o painel. O maravilhoso aroma de carne frita impregna o ar. Tigris nos preparou um prato de presunto fatiado com batatas. É a primeira comida quente que ingerimos em dias e, enquanto espero que ela encha o meu prato, corro sérios riscos de começar a babar.

Mastigando, tento prestar atenção a Tigris nos contando como adquiriu os alimentos, mas a principal coisa que absorvo é que roupa de baixo de pelo é

um item de comércio altamente valioso no momento. Principalmente para pessoas que saíram de suas casas sem roupa. Muitas delas ainda estão na rua tentando encontrar abrigo para passar a noite. Aquelas que vivem nos melhores apartamentos da parte interna da cidade não abriram suas portas para receber os desalojados. Pelo contrário, a maioria passou a tranca na porta, baixou as persianas e fingiu estar ausente. Agora o Círculo da Cidade está repleto de refugiados, e os Pacificadores vão de porta em porta, invadindo locais, se preciso for, para distribuir pessoas pelas casas.

Na TV, assistimos a um ríspido Chefe dos Pacificadores detalhar regras específicas acerca de quantas pessoas por centímetro quadrado espera-se que cada residente acomode. Ele lembra aos cidadãos da Capital que a temperatura vai cair bem abaixo de zero essa noite e alerta-os de que o presidente espera que eles sejam anfitriões não somente dispostos como também entusiasmados nesses tempos de crise. Em seguida, são mostradas algumas tomadas bastante encenadas de cidadãos preocupados, dando as boas-vindas em suas casas a refugiados agradecidos. O Chefe dos Pacificadores diz que o presidente em pessoa ordenou que parte de sua mansão fosse preparada para receber cidadãos amanhã. Ele acrescenta que os lojistas também devem estar preparados para emprestar seus espaços se assim for solicitado.

– Tigris, podia ser você – diz Peeta. Percebo que ele tem razão. Que mesmo essa lojinha estreita que mais parece um corredor poderia ser apropriada à medida que o número de pessoas aumenta. Então ficaremos realmente presos no porão, em constante perigo de sermos descobertos. De quantos dias dispomos? Um? Talvez dois?

O Chefe dos Pacificadores prossegue com mais instruções para a população. Ao que parece, ocorreu essa noite um incidente lamentável no qual uma multidão agrediu até a morte um jovem parecido com Peeta. A partir desse momento, quem avistar um rebelde deverá avisar imediatamente as autoridades, que cuidarão da identificação e posterior prisão do suspeito. Eles mostram uma foto da vítima. Fora alguns cachos obviamente tingidos, ele parece tanto com Peeta quanto eu.

– As pessoas enlouqueceram de vez – murmura Cressida.

Assistimos a uma breve atualização sobre a posição dos rebeldes, na qual ficamos sabendo que diversos outros quarteirões foram tomados no dia de hoje. Anoto as interseções no mapa e as analiso.

– A Linha C fica a apenas quatro quarteirões daqui – anuncio. De alguma maneira, isso me deixa ainda mais ansiosa do que imaginar Pacificadores em busca de casas. Fico bastante prestativa. – Deixe-me lavar a louça.

– Eu ajudo. – Gale recolhe os pratos.

Sinto os olhos de Peeta nos seguindo para fora da sala. Na cozinha apertada nos fundos da loja de Tigris, encho a pia de água quente e sabão.

– Você acha que é verdade? – pergunto. – Que Snow vai deixar os refugiados entrarem na mansão?

– Acho que agora ele precisa fazer isso, pelo menos para as câmeras – diz Gale.

– Sairei daqui de manhã – digo.

– Vou com você – diz Gale. – O que a gente vai fazer com os outros?

– Pollux e Cressida podem ser úteis. Eles são bons guias – digo. Pollux e Cressida não são exatamente o problema. – Mas Peeta é muito...

– Imprevisível – finaliza Gale. – Você acha que ele ainda aceitaria ser deixado para trás?

– Podemos usar o argumento de que ele vai pôr a gente em perigo – digo. – De repente ele até fica aqui, se a gente for convincente.

Peeta encara nossa sugestão de modo bastante racional. Ele concorda prontamente quando sugerimos que sua presença poderia colocar os outros quatro em risco. Começo a achar que isso tudo pode funcionar, que ele pode simplesmente ficar sentado ali no porão de Tigris enquanto a guerra prossegue lá fora, quando ele anuncia que vai sair por conta própria.

– Para fazer o quê? – pergunta Cressida.

– Não sei exatamente o quê. A única coisa que talvez ainda tenha condições de fazer é causar uma distração. Vocês viram o que aconteceu com aquele homem que se parecia comigo – diz ele.

– E se você... perder o controle? – digo.

– Você está querendo dizer, se eu me transformar num bestante? Bom, se eu sentir que isso está para acontecer, tento voltar para cá – diz ele,

tranquilizando-me.

– E se Snow pegar você de novo? – pergunta Gale. – Você não tem nem arma.

– Serei obrigado a correr esse risco – diz Peeta. – Assim como todos vocês. – Os dois trocam um longo olhar, e então Gale enfia a mão no bolso da frente. Coloca sua pílula-cadeado na palma da mão de Peeta, que a mantém pousada ali, nem rejeitando nem aceitando. – E você?

– Não se preocupe. Beetee me mostrou como detonar minhas flechas explosivas com a mão. Se isso falhar, tenho minha faca. E vou ter também a Katniss – diz Gale com um sorriso. – Ela não vai dar a eles a satisfação de me levarem com vida.

Imaginar Gale sendo arrastado pelos Pacificadores reinicia a canção em minha cabeça...

Você vem, você vem
Para a árvore

– Pegue isso aí, Peeta – digo com a voz tensa. Eu me aproximo e fecho os dedos dele sobre a pílula. – Não vai ter ninguém lá para ajudar você.

Passamos uma noite intranquila, despertados pelos pesadelos uns dos outros, mentes zunindo com os planos do dia seguinte. Fico aliviada quando chega cinco horas e podemos dar início a seja lá o que esse dia tenha reservado para nós. Comemos uma mistura dos alimentos que sobraram – pêssegos em lata, biscoitos e escargot –, deixando uma lata de salmão para Tigris como um mísero agradecimento por tudo o que ela fez por nós. O gesto parece emocioná-la, de alguma maneira. Seu rosto se contorce numa expressão estranha e ela se põe a agir. Passa a hora seguinte transformando-nos, os cinco. Ela nos veste de modo que as roupas comuns escondam nossos uniformes antes de vestirmos nossos casacos e capas. Cobre nossa botas militares com uma espécie de mocassim de pelo. Prende nossas perucas com alfinetes, limpa os restos berrantes da maquiagem que aplicamos tão apressadamente em nossos rostos e nos pinta novamente. Ajusta nossa roupa de baixo de modo a ocultar nossas armas. Então nos dá bolsas de mão e trouxas cheias de badulaques para

carregarmos. No fim, estamos com a exata aparência de refugiados escapando dos rebeldes.

– Jamais subestimem o poder de uma estilista brilhante – diz Peeta. É difícil confirmar, mas acho que há uma boa chance de Tigris ter enrubescido debaixo daquelas listras.

Não há nenhuma notícia nova de alguma utilidade na TV, mas o beco parece estar tão cheio de refugiados quanto na manhã anterior. Nosso plano é entrar sorrateiramente no meio da multidão em três grupos. Primeiro Cressida e Pollux, que servirão de guias enquanto mantêm uma distância segura de nós. Depois Gale e eu, que temos a intenção de nos posicionar entre os refugiados designados para a mansão no dia de hoje. Depois Peeta, que seguirá atrás de nós, preparado para criar algum tumulto se necessário for.

Tigris observa através da persiana para definir o momento certo, destranca a porta e faz um gesto com a cabeça para Cressida e Pollux.

– Cuidem-se – diz Cressida, e os dois desaparecem.

Nós os seguiremos em um minuto. Tiro a chave, retiro as algemas de Peeta e as guardo no bolso. Ele esfrega os pulsos. Flexiona-os. Sinto uma espécie de desespero tomando conta de mim. É como se estivesse de volta ao Massacre Quaternário, com Beetee dando a Johanna e a mim aquele carretel.

– Escute – digo. – Veja se não faz nenhuma bobagem.

– Não vou. Só se for como um último recurso. Totalmente – diz ele.

Eu o abraço, sinto seus braços hesitarem antes de me envolverem. Não tão firmes quanto foram um dia, mas ainda aconchegantes e fortes. Mil momentos invadem minha mente. Todas as vezes que esses braços foram o meu único refúgio contra o mundo. Talvez não totalmente apreciados naquela época, mas muito ternos em minha memória, e agora perdidos para sempre.

– Tudo bem, então. – Eu o solto.

– Está na hora – diz Tigris. Beijo o rosto dela, aperto minha capa vermelha com capuz, puxo o cachecol para cima do nariz e sigo Gale em direção ao ar frígido da rua.

Flocos de neve pontudos e gelados agridem a parte da minha pele que ficou exposta. O sol nascente está tentando furar a penumbra sem muito sucesso. Há luz suficiente para ver as formas amontoadas próximas, e pouco mais do que

isso. Condições perfeitas, realmente, exceto pelo fato de não conseguir localizar Cressida e Pollux. Gale e eu baixamos nossas cabeças e andamos junto com os refugiados. Posso ouvir o que perdi espiando pelas persianas ontem. Choro, gemido, respiração pesada. E, não muito distante dali, tiroteio.

– Para onde a gente está indo, tio? – pergunta um garotinho trêmulo a um homem curvado, segurando um pequeno cofre.

– Para a mansão do presidente. Eles vão arranjar um lugar novo para a gente morar – diz o homem, arfando.

Saímos do beco e caímos em uma das avenidas principais.

– Fiquem à direita! – ordena uma voz, e vejo os Pacificadores dispersos no meio da multidão, conduzindo o fluxo humano. Rostos assustados espiam pelas janelas de vidro laminado das lojas, que já estão ficando repletas de refugiados. Nesse ritmo, Tigris poderá ter novos convidados já na hora do almoço. Foi bom para todo mundo termos saído de lá no momento em que saímos.

Agora está mais claro, mesmo com a neve ficando mais intensa. Avisto Cressida e Pollux mais ou menos trinta metros à nossa frente, andando lentamente junto com a multidão. Estico a cabeça e olho para trás para ver se consigo localizar Peeta. Não consigo, mas avistei uma menininha com um olhar bastante inquisitivo, usando um casaco amarelo-limão. Cutuco Gale e diminuo o passo ligeiramente para permitir que um paredão de pessoas se colocasse entre nós dois.

– Talvez seja melhor a gente se separar – digo, entre os dentes. – Tem uma garota ali que...

Um tiroteio é ouvido em meio à multidão e diversas pessoas próximas a mim desabam no chão. Gritos penetram o ar quando uma segunda saraivada de balas derruba um grupo atrás de nós. Gale e eu nos jogamos na rua, rastejamos dez metros até as lojas e nos abrigamos atrás de uma vitrine de botas de salto alto do lado de fora de uma sapataria.

Uma fileira de sapatos bloqueia a visão de Gale.

– Quem é? Você consegue ver? – pergunta ele. O que consigo ver, entre pares alternados de botas de couro em tonalidades lavanda e menta é uma rua cheia de corpos. A menininha que estava me observando está ajoelhada ao lado

de uma mulher inerte, berrando e tentado reanimá-la. Uma outra rajada de balas penetra em seu casaco amarelo na altura do peito, manchando-o de vermelho, fazendo a menina tombar de costas. Por um instante, olhando para aquela diminuta forma esmagada, perco a habilidade de formar palavras. Gale me dá uma cotovelada de leve. – Katniss?

– Estão atirando do telhado aqui de cima da gente – digo a Gale. Observo mais algumas rodadas de disparos, vejo os uniformes brancos caindo nas ruas cheias de neve. – Estão tentando acertar os Pacificadores, mas não são exatamente os melhores atiradores do mundo. Devem ser rebeldes. – Não sinto um jorro de alegria, embora, teoricamente, meus aliados tenham conseguido efetuar a invasão. Continuo olhando petrificada para aquele casaco amarelo-limão.

– Se a gente começar a atirar, já era – diz Gale. – O mundo inteiro vai saber que somos nós.

É verdade. Nossas únicas armas são nossos fabulosos arcos. Dar uma flechada seria como anunciar a ambos os lados que estamos aqui.

– Não – digo, com vigor. – Temos de chegar no Snow.

– Então é melhor a gente começar a se mexer antes que o quarteirão inteiro voe pelos ares – diz Gale. Abraçando o muro, continuamos ao longo da rua. Só que o muro é formado principalmente por vitrines. Uma fileira de mãos suadas e rostos boquiabertos está grudada no vidro. Puxo meu cachecol mais para cima do rosto enquanto disparamos por entre cartazes publicitários. Atrás de uma prateleira com fotos emolduradas de Snow, encontramos um Pacificador ferido encostado num muro de tijolos. Ele nos pede ajuda. Gale dá uma joelhada na lateral da cabeça do homem e pega sua arma. Na interseção, ele atira em um segundo Pacificador e nós dois ficamos de posse de armas de fogo.

– E aí, quem a gente deve ser agora? – pergunto.

– Cidadãos desesperados da Capital – diz Gale. – Os Pacificadores vão achar que estamos do lado deles e, se gente tiver sorte, os rebeldes vão achar alvos mais interessantes.

Fico remoendo a sabedoria embutida nesse nosso último papel enquanto passamos a jato pela interseção, mas quando alcançamos o quarteirão seguinte, já não importa mais quem somos. Ou o que qualquer outra pessoa é. Porque

ninguém está olhando para nós. Os rebeldes estão aqui, é fato. Transbordando a avenida, abrigando-se em umbrais, atrás de veículos, disparando tiros, vozes roucas berrando ordens enquanto se preparam para enfrentar um exército de Pacificadores que marcha na nossa direção. Pegos no fogo cruzado estão os refugiados, desarmados, desorientados, muitos deles feridos.

Um casulo foi ativado à nossa frente, liberando uma golfada de vapor que escalda todo mundo no caminho, deixando as vítimas rosadas e completamente sem vida. Depois disso, o pouco sentido de ordem que ainda havia se desfaz. À medida que os arabescos de vapor remanescentes se misturam com a neve, a visibilidade se estende apenas à parte traseira do cano da minha arma. Pacificador, rebelde, cidadão, quem vai saber? Tudo que se move é um alvo. As pessoas atiram por puro reflexo, e eu não sou nenhuma exceção. O coração retumbando, a adrenalina me queimando por inteiro, todos são meus inimigos. Exceto Gale. Meu parceiro de caçadas, a única pessoa para quem dou as costas. Não há nada a fazer além de avançar, matando quem quer que se coloque em nosso caminho. Pessoas gritando, pessoas sangrando, pessoas mortas por todos os lados. Quando alcançamos a próxima esquina, o quarteirão inteiro à nossa frente se ilumina num intenso brilho púrpura. Recuamos, nos agachamos embaixo de uma escada e estreitamos os olhos para a luz. Alguma coisa está acontecendo com aqueles que estão sendo iluminados por ela. Estão sendo assaltados por... pelo quê? Um som? Uma onda? Um laser? Armas caem de suas mãos, dedos grudam-se em seus rostos, enquanto sangue jorra de todos os orifícios visíveis – olhos, narizes, bocas, ouvidos. Em menos de um minuto, todos estão mortos e o brilho desaparece. Cerro os dentes e corro, saltando sobre corpos, os pés escorregando no sangue e nas vísceras. O vento faz com que a neve se transforme em rajadas cegantes, mas não bloqueia o som de uma outra onda de botas vindo na nossa direção.

– Abaixe-se! – grito para Gale, e o som da voz sai estridente. Caímos ali mesmo. Meu rosto aterrissa numa poça ainda quente do sangue de alguém, mas me finjo de morta, permaneço imóvel enquanto as botas marcham sobre nós. Algumas evitam os corpos. Outras esmagam minha mão, pisam nas minhas costas, chutam a minha cabeça ao passar. Quando as botas dão um refresco, abro os olhos e balanço a cabeça para Gale.

No quarteirão seguinte, encontramos mais refugiados aterrorizados, porém menos soldados. Justamente quando parece que seremos brindados com uma pausa, ouvimos o som de algo se quebrando, como um ovo atingindo a lateral de uma tigela, só que amplificado mil vezes. Paramos, olhamos ao redor em busca do casulo. Não há nada. Então sinto as pontas das minhas botas começando a se curvar ligeiramente.

– Corra! – grito para Gale. Não há tempo para explicações mas, em alguns segundos, a natureza do casulo torna-se clara para todos. Uma fenda se abriu no centro do quarteirão. Os dois lados da rua ladrilhada ficam dobrados como se fossem duas abas, tragando lentamente as pessoas para o interior do que quer que exista abaixo da terra.

Fico dividida entre sair correndo diretamente para a próxima interseção ou tentar chegar nas portas ao longo da rua para invadir um prédio. Em consequência, acabo me movendo ligeiramente na diagonal. À medida que a aba continua se abrindo, descubro que meus pés estão lutando cada vez com mais dificuldade para me manter equilibrada nos ladrilhos escorregadios. É como correr ao longo da encosta de uma montanha cheia de neve que fica mais íngreme a cada passo. Ambos os meus destinos – a interseção e os prédios – estão a alguns metros de distância quando sinto a aba cedendo. Não há nada a fazer além de usar meus últimos segundos de contato com os ladrilhos para disparar em direção à interseção. Enquanto minhas mãos agarram-se à lateral, percebo que as abas estão totalmente voltadas para baixo. Meus pés balançam no ar, não há onde pisar. De uns quinze metros abaixo, um repulsivo fedor atinge minhas narinas, como o de cadáveres apodrecidos no calor do verão. Formas pretas rastejam nas sombras, silenciando quem quer que tenha sobrevivido à queda.

Um grito estrangulado irrompe em minha garganta. Ninguém vem me ajudar. Estou perdendo a pegada na saliência gelada quando vejo que estou a apenas dois metros mais ou menos do canto do casulo. Movo minhas mãos lentamente ao longo da saliência, tentando bloquear os sons aterrorizantes de baixo. Quando minhas mãos se engancham no canto, giro minha bota direita por cima da lateral. Ela se gruda em alguma coisa e me arrasto cuidadosamente

até o nível da rua. Arquejando, tremendo, rastejo para fora e agarro um poste de luz para usar como âncora, embora o piso esteja perfeitamente plano.

– Gale? – grito para o abismo, sem me importar em ser reconhecida. – Gale?

– Aqui! – Olho para a esquerda, perplexa. A aba inclinou tudo, até a própria base dos prédios. Uma dúzia ou mais de pessoas conseguiram chegar lá e agora estão penduradas no que quer que foram capazes de se segurar. Maçanetas, aldravas, caixas de correio. A três portas de distância de mim, Gale está grudado ao ferro decorativo que envolve a porta de um apartamento. Ele podia facilmente entrar se a porta estivesse aberta. Mas, apesar de seus repetidos chutes nela, ninguém aparece para ajudá-lo.

– Proteja-se! – Levanto minha arma. Ele se vira para o outro lado e dou vários tiros na fechadura até que a porta voa para dentro do imóvel, aterrissando numa pilha no chão. Por um momento, experimento o entusiasmo de resgatá-lo. Então mãos com luvas brancas descem com força sobre ele.

Gale encontra os meus olhos, balbucia alguma coisa que não consigo entender. Não sei o que fazer. Não posso deixá-lo, mas também não posso alcançá-lo. Seus lábios se mexem novamente. Balanço a cabeça para indicar que estou confusa. A qualquer minuto, eles vão perceber quem capturaram. Os Pacificadores estão agora içando Gale.

– Saia daí! – ouço-o berrar.

Eu me viro e me afasto correndo do casulo. Totalmente só, agora. Gale prisioneiro. Cressida e Pollux poderiam estar dez vezes mortos. E Peeta? Não ponho os olhos nele desde que saímos da loja de Tigris. Me fio à ideia de que ele pode ter voltado. Sentido um ataque e retornado ao porão enquanto ainda estava sob controle. Talvez tenha percebido que não havia necessidade para uma distração quando a Capital já havia fornecido tantas. Não havia necessidade de ser isca e ser obrigado a ingerir a pílula-cadeado – a pílula! Gale está sem nenhuma! E apesar de toda aquela conversa sobre detonar suas flechas com a mão, ele jamais terá essa chance. A primeira coisa que os Pacificadores farão será tirar todas as suas armas.

Caio num umbral, lágrimas fazendo meus olhos arderem. *Atire em mim*. Era isso que ele estava balbuciando. Eu devia ter atirado nele! Esse era o meu trabalho. Essa era nossa promessa tácita, de todos nós, uns aos outros. E não fiz isso e agora a Capital vai matá-lo ou torturá-lo ou telessequestrá-lo ou – as rachaduras começam a se abrir dentro de mim, ameaçando me partir em pedaços. Tenho uma única esperança. Que a Capital caia, deposite suas armas e entregue os prisioneiros antes que possam fazer algum mal a Gale. Mas não consigo ver isso acontecendo com Snow ainda vivo.

Uma dupla de Pacificadores passa por mim correndo, mal olhando para a garota da Capital choramingando junto ao umbral. Contenho as lágrimas, enxugo as existentes antes que congelem e readquiro o controle. Tudo bem, ainda sou uma refugiada anônima. Ou será que os Pacificadores que pegaram Gale me vislumbraram enquanto eu fugia? Retiro a capa e a viro pelo avesso, deixando o revestimento preto à mostra em vez do exterior vermelho. Disponho o capuz de tal modo que esconda meu rosto. Mantendo a arma grudada em meu peito, dou uma geral no quarteirão. Há apenas um punhado de andarilhos com aspecto entorpecido. Sigo logo atrás de um par de homens velhos que não reparam na minha presença. Ninguém vai esperar me ver na companhia de velhos. Quando alcançamos o fim da interseção seguinte, eles param e quase dou uma topada neles. É o Círculo da Cidade. Em frente ao amplo espaço circundado por vistosos edifícios situa-se a mansão do presidente.

O Círculo está cheio de pessoas zanzando de um lado para o outro, gemendo, ou simplesmente se sentando e deixando a neve acumular em torno delas. Eu me encaixo de imediato. Começo a tecer meu caminho em direção à mansão, tropeçando em tesouros abandonados e em membros congelados pela neve. Mais ou menos na metade do caminho, me dou conta da barricada de concreto. Tem mais ou menos um metro de altura e se estende num grande retângulo em frente à mansão. Qualquer pessoa imaginaria que o local estaria vazio, mas está repleto de refugiados. Talvez seja esse o grupo que foi escolhido para ser abrigado na mansão. Mas, à medida que me aproximo, reparo em outra coisa. Todos do lado de dentro da barricada são crianças. De bebês engatinhando a adolescentes. Assustadas e enregeladas. Amontoadas em grupos

ou agitando-se entorpecidamente no chão. Elas não estão sendo conduzidas à mansão. Estão sendo colocadas em currais, vigiadas por todos os lados por Pacificadores. Vejo de imediato que isso não é para a proteção delas. Se a Capital estivesse disposta salvaguardá-las, elas estariam no interior de algum bunker. Isso aqui é para a proteção de Snow. As crianças formam seu escudo humano.

Há uma comoção e a multidão avança para a esquerda. Sou alcançada por corpos maiores, jogada para os lados, empurrada para fora do caminho. Escuto gritos de "Os rebeldes! Os rebeldes!", e sei que eles devem ter conseguido efetuar a invasão. O impulso faz com que eu bata com força contra o mastro de uma bandeira, e o agarro com firmeza. Usando a corda que está pendurada no alto, puxo a mim mesma e escapo do aperto dos corpos. Sim, consigo ver o exército dos rebeldes tomando conta do Círculo, empurrando os refugiados de volta às avenidas. Vasculho a área em busca de casulos que certamente serão detonados. Mas isso não acontece. O que acontece é o seguinte:

Um aerodeslizador com a insígnia da Capital materializa-se sobre a barricada das crianças. Dezenas de paraquedas prateados chovem sobre elas. Mesmo nesse caos, as crianças sabem o que existe dentro dos paraquedas prateados. Comida. Remédios. Dádivas. Eles os abrem ansiosamente, os dedos congelados lutando com as cordas. O aerodeslizador desaparece, cinco segundos se passam e então mais ou menos vinte paraquedas explodem simultaneamente.

Um ganido pode ser ouvido em meio à multidão. A neve está vermelha e repleta de diminutos corpos despedaçados. Muitas das crianças morrem imediatamente, mas outras ficam deitadas no chão na mais completa agonia. Algumas cambaleiam em silêncio, observando os paraquedas que sobraram em suas mãos, como se eles ainda contivessem algo precioso. Posso afirmar que os Pacificadores não sabiam que isso iria acontecer pela maneira como estão arrancando as barricadas, abrindo caminho até as crianças. Um outro grupo de uniformes brancos passa pela abertura. Mas esses não são Pacificadores. São médicos. Médicos rebeldes. Eu reconheceria aqueles uniformes em qualquer lugar. Eles se metem em meio às crianças como um enxame de abelhas, brandindo kits médicos.

Primeiro vislumbro a trança loira nas costas dela. Em seguida, assim que ela arranca o casaco para cobrir uma criança que não para de chorar, reparo na fralda da camisa para fora da calça. Tenho a mesma reação que tive no dia em que Effie Trinket chamou o nome dela na colheita. Por fim, acho que entro em choque, porque permaneço na base do mastro da bandeira, incapaz de compreender o que aconteceu nos últimos segundos. Então continuo avançando em meio à multidão, exatamente como fiz antes. Tentando gritar o nome dela com uma intensidade que consiga superar o barulho reinante. Estou quase lá, quase na barricada, quando acho que ela me escuta. Porque, por um segundo, ela me avista, seus lábios formando o meu nome.

E é então que os paraquedas restantes explodem.



Verdadeiro ou falso? Estou pegando fogo. As bolas de chama que irromperam dos paraquedas passaram zunindo sobre as barricadas, cortaram o ar gelado e aterrissaram na multidão. Eu estava começando a girar o corpo quando uma delas me atingiu, percorreu com sua língua a parte de trás do meu corpo e me transformou em algo novo. Uma criatura tão inextinguível quanto o sol.

Um bestante do fogo conhece apenas uma única sensação: agonia. Nenhuma visão, nenhum som, nenhuma sensação além da implacável queimadura na carne. Talvez haja períodos de inconsciência, mas qual é a importância disso se não consigo encontrar refúgio neles? Sou o pássaro de Cinna, inflamado, voando freneticamente para escapar de algo inescapável. As penas flamejantes que crescem de meu corpo. O bater das asas apenas faz com que as chamas se movam. Estou me consumindo, porém indefinidamente.

Por fim, minhas asas começam a falhar, perco altura, e a gravidade me impulsiona em direção a um mar da cor dos olhos de Finnick e cheio de espuma. Flutuo sobre minhas costas, que continuam queimando debaixo d'água, mas a agonia dá lugar à dor. Quando fico à deriva e incapaz de navegar é que eles aparecem. Os mortos.

Os que eu amava voam como pássaros no céu aberto acima de mim. Adejando, girando no ar, me chamando para que me junte a eles. Quero muito segui-los, mas a água salgada satura minhas asas, tornando impossível levantá-las. Os que eu odiava foram para a água, horrendos seres cheios de escamas que

estraçalham minha carne salgada com dentes pontudos. Mordendo sem dar descanso. Arrastando-me para o fundo.

O pequeno pássaro branco tingido de rosa mergulha, enterra suas garras em meu peito e tenta me manter na superfície.

– Não, Katniss! Não! Você não pode ir!

Mas os que eu odiava estão vencendo, e se ela ficar grudada em mim também não terá mais chance.

– Prim, me solta!

E por fim ela o faz.

Bem no fundo do mar, sou abandonada por todos. Existe apenas o som da minha respiração, o enorme esforço que é necessário para inalar água e depois tirá-la dos meus pulmões. Quero parar, tento prender a respiração, mas o mar força a entrada e se coloca contra minha vontade.

– Deixe-me morrer. Deixe que eu me junte aos outros – imploro ao que quer que esteja me prendendo lá. Não há resposta.

Presa há dias, anos, séculos quem sabe. Morta, mas sem permissão para morrer. Viva, mas totalmente morta. Tão só que qualquer pessoa, qualquer coisa, independentemente do quanto essa pessoa ou essa coisa fossem horríveis, seria bem-vinda. Mas quando finalmente recebo uma visita, é uma experiência agradável. Morfináceo. Viajando pelas minhas veias, aliviando a dor, iluminando meu corpo de modo que ele se recoloque na direção do ar e fique novamente na espuma.

Espuma. Estou realmente flutuando na espuma. Posso senti-la abaixo das pontas dos meus dedos, acomodando parte do meu corpo nu. Há muita dor, mas também há algo que se parece com a realidade. A lixa na minha garganta. O cheiro do remédio para queimaduras da primeira arena, e tento voltar ao fundo para tentar compreendê-los. Mas não há como voltar. Gradativamente, sou forçada a aceitar quem sou. Uma menina gravemente queimada e sem asas. Sem fogo. E sem irmã.

Na brancura cegante do hospital da Capital, os médicos fazem milagres em mim. Costurando novas camadas de pele em meu corpo em carne viva. Convencendo as células a pensar que pertencem a mim. Manipulando as partes do meu corpo, envergando e esticando os membros para assegurar um encaixe

perfeito. Não paro de ouvir que tenho muita sorte. Meus olhos foram poupados. A maior parte do meu rosto foi poupada. Meus pulmões estão reagindo bem ao tratamento. Vou ficar novinha em folha.

Quando minha pele suave fica rígida o suficiente para suportar a pressão dos lençóis, mais visitantes aparecem. O morfináceo abre a porta para os mortos e para os vivos sem discriminações. Haymitch, amarelado e sério. Cinna, costurando um novo vestido de noiva. Delly, com sua conversa fiada sobre como as pessoas são legais. Meu pai canta todas as quatro estrofes de "A árvore-forca" e me lembra que minha mãe – que dorme numa cadeira entre um turno e outro – não pode saber disso.

Um dia eu acordo, seguindo todas as expectativas, e sei que não terei permissão de viver em meu mundo de sonhos. Terei de me alimentar pela boca. Mover eu própria os meus músculos. Ir ao banheiro. Uma breve aparição da presidenta Coin confirma isso.

– Não se preocupe – diz ela. – Eu o guardei para você.

A perplexidade dos médicos só aumenta em relação aos motivos pelos quais eu não consigo falar. Muitos testes são feitos e, apesar de haver danos às minhas cordas vocais, o problema não parece decorrer disso. Finalmente, dr. Aurelius, o médico-chefe, aparece com a teoria de que me tornei uma Avox mental em vez de física. Que o meu silêncio ocorre em função de um trauma emocional. Embora tenha sido apresentado a uma centena de remédios possíveis, ele pede que me deixem em paz. Então, não pergunto sobre ninguém ou sobre coisa alguma, mas as pessoas trazem para mim um fluxo estável de informações. Sobre a guerra: a Capital foi tomada no dia em que os paraquedas caíram, a presidenta Coin agora está no comando de Panem e tropas foram enviadas para sufocar os pequenos bolsões de resistência da Capital. Sobre o presidente Snow: ele está detido, esperando o julgamento e a quase certa execução. Sobre a equipe que me auxiliaria no assassinato: Cressida e Pollux foram enviados aos distritos para fazer a cobertura dos destroços da guerra. Gale, que levou três tiros numa tentativa de fuga, está eliminando Pacificadores no 2. Peeta ainda está na unidade de queimaduras. Ele conseguiu, por fim, chegar ao Círculo da Cidade. Sobre a minha família: minha mãe sufoca o pesar com trabalho.

Desprovida de trabalho, o pesar me sufoca. A única coisa que faz com que eu continue seguindo em frente é a promessa de Coin. De que eu posso matar Snow. E quando isso for feito, nada mais restará.

Por fim, recebo alta do hospital e um quarto na mansão da presidenta para compartilhar com a minha mãe. Ela quase nunca fica lá, faz as refeições e dorme no trabalho. Haymitch acaba sendo incumbido de cuidar de mim, de garantir que eu coma e tome os medicamentos. Não é uma tarefa das mais simples. Retorno ao meu antigo hábito do Distrito 13. Vagar pela mansão sem autorização. Entrar em quartos e escritórios, salões de baile e banheiros. Procurar pequenos espaços para me esconder. Um closet cheio de peles. Um gabinete na biblioteca. Uma banheira há muito tempo esquecida numa sala ocupada por móveis descartados. Meus lugares são parcamente iluminados e quietos, e impossíveis de serem descobertos. Eu me enrosco, fico menor, tento desaparecer completamente. Envolta em silêncio, giro várias vezes em torno do pulso minha pulseira onde está escrito MENTALMENTE DESORIENTADA.

Meu nome é Katniss Everdeen. Tenho dezessete anos. Meu lar é o Distrito 12. Não existe mais Distrito 12. Eu sou o Tordo. Eu derrubei a Capital. O presidente Snow me odeia. Ele matou a minha irmã. Agora eu vou matá-lo. E então os Jogos Vorazes acabarão...

Periodicamente, descubro que estou de volta ao meu quarto, sem ter certeza se fui levada pela necessidade de morfináceo ou se Haymitch me encontrou. Como a comida, tomo o remédio e sou aconselhada a tomar banho. Não é a água o que me preocupa, mas o espelho que reflete meu corpo nu de bestante do fogo. Os enxertos de pele ainda retêm uma coloração rosada de bebê recém-nascido. A pele tida como destruída, porém salva, parece vermelha, quente e derretida em alguns pontos. Pedaços do meu antigo eu brilham numa palidez branca. Sou algo como uma bizarra colcha de retalhos de pele. Partes de meus cabelos foram totalmente queimados; o resto foi completamente cortado num comprimento esquisito. Katniss Everdeen, a garota em chamas. Eu não ligaria muito para isso, exceto pelo fato de que a visão de meu corpo me traz lembranças de dor. E os motivos pelos quais eu senti dor. E o que aconteceu pouco antes de a dor começar. E como assisti à minha irmãzinha tornar-se uma tocha humana.

Fechar os olhos não ajuda. O fogo queima mais intensamente na escuridão.

Dr. Aurelius aparece de vez em quando. Gosto dele porque não fica falando coisas idiotas do tipo: que estou totalmente a salvo, ou que ele sabe que não consigo ver isso agora, mas algum dia serei feliz novamente, ou mesmo que as coisas agora vão ficar melhores em Panem. Ele apenas pergunta se estou com vontade de conversar e, como não respondo, ele cai no sono, na cadeira. Na realidade, acho que as visitas dele são motivadas em larga medida pela necessidade que ele tem de tirar um cochilo. O arranjo funciona para nós dois.

O momento se aproxima, embora não soubesse dizer as horas e os minutos com exatidão. O presidente Snow foi julgado e condenado à morte. Haymitch me conta, ouço conversas a esse respeito quando passo pelos guardas nos corredores. Meu traje de Tordo chega em meu quarto. Também meu arco, não parecendo gasto, mas sem aljava ou flechas. Ou porque ficaram inutilizadas ou, mais provável, porque não tenho permissão para portar armas. Imagino vagamente se deveria estar, de uma forma ou de outra, me preparando para o evento, mas nada me ocorre.

Num determinado fim de tarde, depois de um longo período numa poltrona acolchoada perto da janela, situada atrás de uma tela pintada, eu me levanto e dobro à esquerda em vez de à direita. Me encontro em uma parte estranha da mansão, e imediatamente fico desorientada. Ao contrário da área onde estão meus aposentos, não parece haver ninguém por perto a quem pedir informação. Mas eu gosto disso. Gostaria muito de ter achado este lugar antes. É tão silencioso, com carpetes grossos e pesadas tapeçarias que abafam o som. Suavemente iluminado. Cores neutras. Tranquilo. Até eu sentir o cheiro de rosas. Mergulho atrás de uma cortina, trêmula demais para correr, enquanto espero os bestantes. Finalmente, percebo que não há nenhum bestante a caminho. Então que cheiro é esse que estou sentindo? Rosas de verdade? Será possível que poderia estar perto do jardim onde crescem as tais coisas nefastas?

Enquanto percorro sorrateiramente o corredor, o odor fica ainda mais acentuado. Talvez não tão forte quanto o dos bestantes de verdade, porém mais puro, porque não está competindo com esgoto nem com explosivos. Dobro uma esquina e flagro a mim mesma olhando para dois guardas surpresos. Não são Pacificadores, é claro. Não existem mais Pacificadores. Mas também não

são os soldados disciplinados de uniforme cinza do 13. Esses dois, um homem e uma mulher, usam as roupas rasgadas e puídas dos rebeldes de verdade. Ainda com curativos e com a aparência desolada, eles estão agora vigiando a porta que dá acesso às rosas. Quando tento entrar, as armas deles formam um X na minha frente.

– Você não pode entrar, mocinha – diz o homem.

– Soldado – corrige a mulher. – Você não pode entrar, soldado Everdeen. Ordens da presidenta.

Fico lá parada pacientemente, esperando que eles baixem suas armas, que compreendam, sem que precise lhes dizer nada, que atrás daquela porta encontra-se algo de que necessito. Apenas uma rosa. Uma única flor. Para ser colocada na lapela de Snow antes de eu atirar nele. Minha presença parece preocupar os guardas. Eles estão discutindo a possibilidade de ligar para Haymitch, quando uma mulher fala atrás de mim:

– Deixem-na entrar.

Eu conheço a voz, mas não consigo identificá-la de imediato. Não é da Costura, não é do 13, definitivamente não é da Capital. Giro a cabeça e me encontro cara a cara com Paylor, a comandante do 8. Ela parece ainda mais arrebentada do que estava no hospital, mas quem não aparenta estar assim?

– Eu assumo a responsabilidade – diz Paylor. – Ela tem direito a qualquer coisa que esteja atrás dessa porta. – Esses guardas são soldados dela, não de Coin. Eles abaixam as armas sem questionamentos e me deixam passar.

No fim de um corredor curto, abro as portas de vidro e piso no interior do cômodo. Agora o cheiro já está tão forte que começa a se estabilizar, como se meu nariz não conseguisse absorver mais do que aquilo. O ar úmido e suave proporciona uma sensação boa na minha pele quente. E as rosas são gloriosas. Fileiras e mais fileiras de suntuosas florações: um tom de rosa luxuriante, um laranja da cor do pôr do sol e até mesmo um azul pálido. Vago pelas fileiras de plantas cuidadosamente podadas, olhando, mas não tocando, porque aprendi da pior forma possível o quanto essas belezinhas podem ser mortíferas. Sei no exato instante em que a vejo, coroando o topo de um arbusto esguio. Um magnífico botão branco apenas começando a se abrir. Puxo a manga esquerda da camisa por cima da mão para que minha pele não seja obrigada a tocá-la,

pego uma tesoura de poda e estou acabando de posicioná-las no talo quando ele fala:

– Essa é bonita.

Minha mão se contorce, a tesoura se fecha, ferindo o talo.

– As cores são adoráveis, é claro, mas nada fala a língua da perfeição como o branco.

Ainda não consigo vê-lo, mas sua voz parece se elevar de um leito adjacente de rosas. Pegando delicadamente o talo do botão através do tecido da manga, giro o corpo lentamente e o encontro sentado num banquinho encostado à parede. Ele está arrumado e muito bem-vestido como sempre, mas suportando o peso dos grilhões nos pulsos e nos tornozelos, além dos dispositivos de rastreamento. Na luz clara, sua pele está pálida, com uma tonalidade doentiamente esverdeada. Ele segura um lenço branco com pontinhos de sangue recente. Mesmo nesse estado deteriorado, seus olhos de serpente brilham com intensidade e frieza.

– Tinha esperança de que você achasse o caminho até meus aposentos.

Os aposentos dele. Invadi a casa dele, da mesma maneira que ele invadiu a minha no ano passado, sibilando ameaças com seu hálito sangrento de rosas. Esta estufa é um dos quartos dele, talvez seu favorito; talvez em tempos melhores ele cuidasse das plantas pessoalmente. Mas agora o local faz parte de sua prisão. Foi por isso que os guardas barraram minha passagem. E foi por isso que Paylor me deixou entrar.

Eu tinha imaginado que ele estaria preso no mais profundo calabouço que a Capital tivesse a oferecer, não confortavelmente instalado no colo de tanto luxo. No entanto, Coin o deixou aqui. Para estabelecer um precedente, acredito eu. Para que, se no futuro ela viesse a cair em desgraça, estaria subentendido que presidentes – inclusive os mais desprezíveis – receberiam tratamento especial. Afinal de contas, quem é que pode saber quando o poder dela própria se esvairá?

– Há muitas coisas que devíamos discutir, mas tenho a sensação de que sua visita será breve. Então, vamos logo às coisas mais importantes. – Ele começa a tossir, e quando retira o lenço da boca, fica ainda mais vermelho. – Queria que você soubesse o quanto lamento a morte de sua irmã.

Mesmo em meu estado drogado e amortecido, essas palavras me proporcionam uma dor pungente que percorre todo o meu corpo. Me lembrando que não há limites para a crueldade dele. E que ele irá para sua sepultura tentando me destruir.

– Uma tamanha perda, absolutamente desnecessária. Qualquer um poderia ver que o jogo já estava acabado naquele estágio. Na verdade, eu estava prestes a emitir uma rendição oficial quando eles soltaram aqueles paraquedas. – Os olhos dele estão grudados nos meus, de modo a não perder um segundo sequer de minha reação. Mas o que ele disse não faz sentido. Quando *eles* soltaram os paraquedas? – Bom, não passou realmente pela sua cabeça que eu dei aquela ordem, passou? Esqueça o fato óbvio de que se eu tivesse um aerodeslizador funcionando à minha disposição, eu o estaria usando em uma tentativa de fuga. Mas, fora isso, a que propósito isso serviria? Ambos sabemos que não vejo problema em matar crianças, mas não tolero desperdícios fúteis. Tiro vidas por motivos bem específicos. E não havia nenhum motivo para que eu destruísse um cercado cheio de crianças da Capital. Nenhum.

Imagino se o ataque de tosse seguinte terá sido encenado para que eu possa ter tempo de absorver suas palavras. Ele está mentindo. É claro que está mentindo. Mas também tem algo lutando para se libertar da mentira.

– Entretanto, devo admitir que Coin executou um movimento de mestre. A ideia de que eu estava bombardeando nossas próprias crianças indefesas pôs por terra instantaneamente qualquer fidelidade que meu povo ainda pudesse ter em relação a mim. Não houve mais nenhuma resistência efetiva após isso. Você sabia que isso foi transmitido ao vivo? Dá para enxergar o dedo de Plutarch nisso. E nos paraquedas. Bom, é esse tipo de pensamento que você procura num Chefe dos Idealizadores dos Jogos, não é? – Snow limpa os cantos da boca. – Tenho certeza de que ele não estava focando a sua irmã, mas esse tipo de coisa acontece.

Não estou com Snow agora. Estou de volta ao 13, ao Arsenal Especial, com Gale e Beetee. Olhando para os desenhos baseados nas armadilhas de Gale. Que brincava com a solidariedade humana. A primeira bomba matou as vítimas. A segunda, a equipe de resgate. Lembrando as palavras de Gale:

"Beetee e eu estamos seguindo o mesmo código de regras que o presidente Snow usou quando telessequestrou Peeta."

– A minha falha – diz Snow – foi ter sido lento demais em entender o plano de Coin. Deixar que a Capital e os distritos destruíssem uns aos outros e depois avançar para tomar o poder com o 13 praticamente sem nenhum arranhão. Não se engane, desde o início ela tinha a intenção de tomar meu lugar. Isso não devia ter me surpreendido. Afinal de contas, foi o 13 que iniciou a rebelião que levou aos Dias Escuros e depois abandonou o resto dos distritos quando a maré virou. Mas eu não estava acompanhando os movimentos de Coin. Estava acompanhando os seus, Tordo. Temo que nós dois tenhamos sido feitos de bobos.

Me recuso a aceitar que isso seja verdade. Há coisas às quais é impossível sobreviver. Pronuncio minhas primeiras palavras desde a morte de minha irmã:

– Eu não acredito em você.

Snow balança a cabeça numa fingida decepção.

– Ah, minha querida srta. Everdeen. Pensei que nós tivéssemos concordado em não mentir um para o outro.



No corredor, encontro Paylor em pé exatamente no mesmo ponto.

– Achou o que estava procurando? – pergunta ela.

Ergo a rosa branca em resposta e em seguida passo por ela aos tropeções. Devo ter conseguido voltar para o meu quarto, porque a próxima coisa que sei é que estou enchendo um copo com água da torneira do banheiro e enfiando a rosa nele. Caio de joelhos no ladrilho frio, e estreito os olhos para a flor, já que é difícil de focalizar a brancura na forte luz fluorescente. Meu dedo pega a parte interna da pulseira, girando-a como se fosse um torniquete, machucando o meu pulso. Espero que a dor me ajude a permanecer no mundo real da mesma maneira que ajudou Peeta. Eu preciso aguentar. Preciso saber a verdade sobre o que aconteceu.

Há duas possibilidades, embora os detalhes associados a elas possam variar. A primeira, como eu acreditava, era que a Capital enviara aquele aerodeslizador, soltara os paraquedas e sacrificara as vidas de suas crianças, ciente de que os rebeldes recém-chegados iriam socorrê-las. Há evidências que sustentam isso. A insígnia da Capital no aerodeslizador, a falta de qualquer tentativa de explodir o inimigo em pleno ar e o longo histórico que a Capital possui na utilização de crianças como bucha de canhão em sua batalha contra os distritos. E há também o relato de Snow. Afirmando que um aerodeslizador da Capital pilotado por rebeldes bombardeou as crianças para que a guerra tivesse um fim rápido. Mas se foi esse o caso, por que a Capital não atirou no inimigo? Será que o elemento surpresa os deixou sem ação? Será que não tinham mais nenhuma defesa? Crianças são preciosas para o 13, pelo menos foi

o que sempre pareceu. Bom, talvez não eu. Uma vez que eu tivesse deixado de ser útil, seria considerada dispensável. Embora ache que faz muito tempo que não sou mais considerada criança nessa guerra. E por que fariam isso, sabendo que seus próprios médicos provavelmente responderiam ao chamado e seriam atingidos pelo segundo ataque? Eles não fariam isso. Não poderiam fazer isso. Snow está mentindo. Está me manipulando como sempre fez. Esperando me colocar contra os rebeldes e possivelmente destruí-los. Sim. É claro.

Então o que será que está me perturbando? Primeiro, as tais bombas que explodiram duas vezes. Não que a Capital não pudesse ter a mesma arma, é que eu tenho certeza de que os rebeldes tinham. O invento de Gale e Beetee. Também tem o fato de que Snow não fez nenhuma tentativa de fuga, e sei que ele é um sobrevivente consumado. Parece difícil acreditar que ele não tivesse um esconderijo em algum lugar, algum bunker com estoque de provisões onde pudesse viver o resto de sua vidinha de serpente. E, finalmente, tem a avaliação que ele faz de Coin. O que é irrefutável é o fato de ela ter feito exatamente o que ele disse. Deixou a Capital e os distritos enfrentarem-se uns aos outros no campo de batalha e depois apressou-se para tomar o poder. Mesmo que esse tenha sido o plano dela, isso não significa que ela tenha soltado aqueles paraquedas. A vitória já estava nas mãos dela. Tudo estava nas mãos dela.

Exceto eu.

Relembro a reação de Boggs quando admiti que não havia pensado muito a respeito de quem seria o sucessor de Snow. *"Se sua resposta imediata não é Coin, então você representa uma ameaça. Você é a cara da rebelião. Você talvez tenha mais influência que qualquer outra pessoa. E fica claro que você, no máximo, tolera a presidenta."*

De repente, estou pensando em Prim, que ainda não tinha nem catorze anos, não tinha nem idade suficiente para receber o título de soldado, mas que, de algum modo, acabou indo parar nas linhas de frente. Como uma coisa como essa foi acontecer? Que minha irmã de fato desejou estar naquele lugar, disso não tenho a menor dúvida. Que ela seria mais capaz que muitos outros mais velhos do que ela é fato. Mas apesar de tudo isso, alguém num posto muito elevado teria que aprovar o envio de uma menina de treze anos ao campo de batalha. Será que Coin fez isso na esperança de que a perda de Prim

pudesse me tirar completamente a razão? Ou, pelo menos, me colocar firmemente do lado dela? Eu nem teria precisado testemunhar a coisa em pessoa. Inúmeras câmeras fariam a cobertura direto do Círculo da Cidade, captando o momento para a eternidade.

Não, agora estou ficando louca, estou resvalando para um certo estado de paranoia. Muitas pessoas saberiam da missão. Notícias se espalhariam. Ou não? Quem teria de saber além de Coin, Plutarch e um grupo pequeno, leal ou facilmente descartável?

Preciso muito de ajuda para elucidar essa questão, só que todos em quem eu confio estão mortos. Cinna. Boggs. Finnick. Prim. Tem o Peeta, mas ele não poderia fazer muito mais do que especular, e quem pode saber em que estado se encontra a cabeça dele, além disso? Resta apenas Gale. Ele está muito longe, mas mesmo que estivesse ao meu lado, será que poderia me abrir para ele? O que poderia dizer, como poderia dizer isso sem dar a entender que foi a bomba dele que matou Prim? A impossibilidade dessa ideia, mais que qualquer outra, é o que me faz pensar que Snow deve estar mentindo.

Por fim, só há uma pessoa a quem recorrer que talvez possa saber a verdade sobre o que aconteceu e talvez ainda esteja do meu lado. A simples menção do assunto será arriscada. Mas apesar de pensar que Haymitch pode muito bem ter me feito de joguete na arena, não acho que ele me deduraria para Coin. Independentemente de todos os problemas que temos um com o outro, preferimos resolver nossas diferenças cara a cara.

Passo pela porta cambaleando, atravesso o corredor e entro em seu quarto. Ao perceber que ninguém atende às minhas batidas, empurro a porta e entro. Ugh. É impressionante a rapidez com a qual ele consegue arrasar um espaço. Pratos de comida pela metade, cacos de vidro de garrafas de bebida e pedaços de móveis quebrados, oriundos de algum rompante de embriaguez estão espalhados por seus aposentos. Ele está deitado na cama, desgrenhado e sujo, envolto num emaranhado de lençóis, desmaiado.

– Haymitch – digo, sacudindo a perna dele. É claro que isso é insuficiente. Mas faço mais algumas tentativas antes de despejar a água da jarra em seu rosto. Ele volta a si com um arquejo, debatendo-se cegamente com a faca em

punho. Aparentemente, o término do reinado de Snow não significou o término do terror dele.

– Ah. Você – diz ele. Percebo, por sua voz, que ainda está embriagado.

– Haymitch – começo.

– Escuta só isso. O Tordo reencontrou sua voz. – Ele ri. – Bom, Plutarch vai ficar feliz. – Ele toma um gole de uma garrafa. – Por que estou todo encharcado? – Solto a jarra d'água em cima de uma pilha de roupa suja atrás de mim de modo pouco convincente.

– Preciso da sua ajuda – digo.

Haymitch arrota, enchendo o ar com vapores de aguardente branca.

– O que é, queridinha? Mais algum problema com garotos? – Não sei por quê, mas isso me magoa de um jeito que Haymitch raramente consegue. E deve ter ficado estampado em meu rosto, porque mesmo em seu estado de embriaguez, ele tenta reconsiderar. – Tudo bem, não foi engraçado. – Já estou na porta pronta para ir embora. – Eu disse que não foi engraçado! Volte aqui! – Pelo barulho que o corpo dele emitiu ao atingir o chão, imagino que tenha tentado me seguir, mas não há sentido em voltar.

Perambulo pela mansão e desapareço dentro de um guarda-roupa cheio de coisas de seda. Arranco tudo dos cabides até obter uma pilha e então me enfurno dentro dela. Em meu bolso, encontro um tablete de morfináceo e o engulo a seco para segurar o acesso de histeria que se aproxima. Mas não é o suficiente para colocar as coisas nos eixos. Ouço Haymitch me chamando ao longe, mas ele não vai me achar no estado em que se encontra. Principalmente aqui nesse novo local que descobri. Envolta em seda, me sinto uma lagarta num casulo à espera da metamorfose. Sempre supus que essa fosse uma condição tranquila. No início, é. Mas à medida que a noite avança, sinto-me mais e mais presa numa armadilha, sufocada pelos tecidos escorregadios, incapaz de emergir e me transformar em algo belo. Eu me contorço, tentando me livrar de meu corpo arruinado e desvendar o segredo do surgimento de asas perfeitas. Apesar do enorme esforço, permaneço uma criatura hedionda, minha forma atual moldada pelo fogo através da explosão das bombas.

O encontro com Snow abre a porta para meu antigo repertório de pesadelos. É como ser novamente picada por teleguiadas. Uma onda de

imagens horrendas com uma breve pausa que confundo com o despertar – só para descobrir uma nova onda me atormentando. Quando os guardas finalmente me localizam, estou sentada no chão do guarda-roupa, num emaranhado de seda, berrando sem parar. No primeiro momento, luto com eles, até que me convencem de que estão tentando me ajudar, retiram camada por camada das roupas que estavam me sufocando e me acompanham de volta a meu quarto. No caminho, passamos por uma janela e vejo a manhã cinzenta e cheia de neve se espalhando pela Capital.

Um Haymitch morrendo de ressaca espera com um punhado de pílulas e uma bandeja de comida que nenhum de nós dois tem estômago para encarar. Ele faz uma tímida tentativa de fazer com que eu fale novamente, mas, vendo que é inútil, me manda para uma banheira que alguém encheu. A banheira é funda e tem três degraus. Eu me abaixo na água morna e me sento, com espuma até o pescoço, na esperança de que os remédios façam logo efeito. Meus olhos fixam-se na rosa que desabrochou durante a noite, preenchendo o ar esfumaçado com seu perfume forte. Eu me levanto e pego a toalha para abafar o cheiro quando ouço uma batida hesitante e a porta do banheiro se abre revelando três rostos familiares. Eles tentam sorrir para mim, mas nem mesmo Venia consegue esconder o choque diante da visão de meu destroçado corpo de bestante.

– Surpresa! – grita Octavia, e em seguida tem um ataque de choro. Começo a me esforçar para entender o motivo do reaparecimento deles quando percebo que só pode ser isso: hoje é o dia da execução. Vieram me preparar para as câmeras. Vieram me transformar novamente em Base Zero de Beleza. As lágrimas de Octavia não são à toa. É uma tarefa impossível.

Eles mal conseguem tocar a colcha de retalhos que é a minha pele por temerem me machucar, então eu mesma me lavo e me seco. Digo a eles que a dor agora é praticamente imperceptível, mas Flavius ainda estremece enquanto cobre meu corpo com um robe. No quarto, encontro mais uma surpresa. Sentada numa cadeira com o corpo ereto. Brilhante devido à peruca em tom dourado metálico e aos sapatos de salto alto em couro legítimo, segurando uma prancheta. Não mudou nada, a não ser pelo olhar vago.

– Effie – digo.

– Oi, Katniss. – Ela se levanta e beija o meu rosto como se nada houvesse acontecido desde o nosso último encontro, na noite anterior ao Massacre Quaternário. – Bom, parece que teremos mais um grande, grande, grande dia pela frente. Então por que você não começa a sua preparação enquanto eu verifico em que pé está a organização do evento?

– Tudo bem – digo, com ela já de costas para mim.

– Dizem que Plutarch e Haymitch passaram um sufoco danado para conseguir que ela não fosse morta – comenta Venia entre os dentes. – Ela foi presa depois que você fugiu, então isso acabou ajudando.

É meio forçação de barra, uma Effie Trinket rebelde. Mas não quero que Coin a mate, de modo que faço uma anotação mental para apresentá-la assim se alguém perguntar alguma coisa.

– Eu acho que, afinal de contas, foi bom vocês três terem sido sequestrados por Plutarch.

– Nós somos a única equipe de preparação ainda viva. E todos os estilistas do Massacre Quaternário estão mortos – diz Venia. Ela não diz quem os matou especificamente. Fico imaginando se isso tem alguma importância. Ela pega cautelosamente uma das minhas mãos cheias de cicatrizes e a segura para realizar uma inspeção. – Agora, o que você pensou para as unhas? Vermelho ou quem sabe bem preto?

Flavius efetua um milagre estético em meus cabelos, conseguindo distribuí-los igualmente na frente e fazendo com que os cachos mais longos escondam os pontos calvos na parte de trás. Meu rosto, poupado das chamas, não apresenta nenhum desafio novo, além dos já tradicionais. Assim que visto o traje do Tordo, de Cinna, as únicas cicatrizes visíveis estão no pescoço, nos antebraços e nas mãos. Octavia prende meu broche em cima do coração e damos um passo para trás para olhar no espelho. Não consigo acreditar o quanto eles conseguiram fazer com que eu parecesse normal pelo lado de fora, quando pelo lado de dentro estou tão devastada.

Ouço alguém batendo na porta e Gale entra.

– Posso falar com você um minutinho? – pergunta ele. No espelho, observo minha equipe de preparação. Sem saber ao certo para onde ir, eles dão alguns encontrões uns nos outros e então se fecham no banheiro. Gale se aproxima

atrás de mim e examinamos um o reflexo do outro. Estou atrás de algo em que me apoiar, algum sinal da garota e do garoto que se conheceram por acaso na floresta cinco anos atrás e se tornaram inseparáveis. Fico imaginando o que teria acontecido a eles se os Jogos Vorazes não tivessem colhido a garota. Se ela teria se apaixonado pelo garoto, ou mesmo se casado com ele. E em algum momento do futuro, quando os irmãos e irmãs estivessem crescidos, fugido com ele para a floresta e abandonado o 12 para sempre. Será que eles teriam sido felizes naquele ambiente selvagem, ou será que a tristeza sombria e distorcida entre os dois teria crescido, mesmo sem a ajuda da Capital?

– Trouxe isso aqui para você. – Gale estende uma aljava. Quando a pego, reparo que contém uma única flecha comum. – É para ser uma coisa simbólica. Você dando o último tiro da guerra.

– E se eu errar? – digo. – Será que Coin vai retirar a flecha e trazê-la de volta para mim? Ou vai simplesmente dar um tiro ela própria na cabeça de Snow?

– Você não vai errar. – Gale ajusta a aljava em meu ombro.

Ficamos lá parados, cara a cara, sem trocar olhares.

– Você não foi me visitar no hospital. – Ele não responde, então por fim eu digo apenas: – Aquela bomba era das suas?

– Não sei. E Beetee também não sabe – diz ele. – Faz alguma diferença? Você nunca vai deixar de pensar nisso.

Ele espera que eu negue; quero negar, mas é verdade. Até agora consigo ver o lampejo que a detonou; sentir o calor das chamas. E jamais serei capaz de separar aquele momento de Gale. Meu silêncio é minha resposta.

– A minha única responsabilidade era cuidar da sua família – diz ele. – Vê se atira direito, certo? – Ele toca minha bochecha e sai. Quero chamá-lo de volta e dizer que estava enganada. Que vou achar uma maneira de fazer as pazes com isso. Lembrar as circunstâncias sob as quais ele criou a bomba. Levar em consideração meus próprios crimes indesculpáveis. Desenterrar a verdade sobre quem soltou os paraquedas. Provar que não foram os rebeldes. Perdoá-lo. Mas como não consigo, serei obrigada a conviver com a dor.

Effie aparece para me conduzir às pressas a alguma espécie de reunião. Pego meu arco e no último minuto me lembro da rosa, brilhando em seu copo com água. Quando abro a porta do banheiro, encontro minha equipe de preparação

sentada em fila na borda da banheira, curvada e derrotada. Lembro que não sou a única pessoa cujo mundo lhe foi retirado abruptamente.

– Vamos nessa – digo a eles. – Temos uma audiência esperando por nós.

Espero uma reunião de produção na qual Plutarch me instruirá sobre onde terei que me posicionar e me dará a deixa para atirar em Snow. Em vez disso, sou enviada a uma sala na qual seis pessoas estão sentadas ao redor de uma mesa. Peeta, Johanna, Beetee, Haymitch, Annie e Enobaria. Todos estão usando os uniformes cinzentos dos rebeldes do 13. Ninguém está com uma aparência exatamente boa.

– O que é isto? – digo.

– Não temos certeza – responde Haymitch. – Parece ser uma reunião dos vitoriosos que sobraram.

– Nós somos tudo que sobrou? – pergunto

– O preço da celebridade – diz Beetee. – Fomos alvejados dos dois lados. A Capital matou os vitoriosos que eles desconfiavam serem rebeldes. Os rebeldes mataram os que eles pensavam serem aliados da Capital.

Johanna franze o cenho para Enobaria.

– E o que é que ela está fazendo aqui afinal de contas?

– *Ela* está sob a proteção do que nós chamamos de Acordo do Tordo – diz Coin ao entrar, atrás de mim. – No qual Katniss Everdeen concordou em apoiar os rebeldes em troca de imunidade para os vitoriosos capturados. Katniss sustentou sua parte no acordo. E devemos fazer o mesmo.

Enobaria sorri para Johanna.

– Não fica aí toda cheia de si, não – diz Johanna. – A gente vai acabar com você de um jeito ou de outro.

– Sente-se, por favor, Katniss – diz Coin, fechando a porta. Sento-me entre Annie e Beetee, colocando a rosa de Snow em cima da mesa com todo o cuidado. Como de costume, Coin vai direto ao ponto: – Chamei vocês aqui para estabelecer um debate. Hoje executaremos Snow. Nas semanas anteriores, centenas de seus cúmplices na opressão a Panem foram julgados e agora estão à espera de suas próprias execuções. Todavia, o sofrimento nos distritos foi tão extremo que essas medidas parecem insuficientes às vítimas. Na realidade, muitas delas estão clamando por uma completa aniquilação de todos os

portadores de cidadania da Capital. Entretanto, no interesse de manter uma população sustentável, não podemos nos dar a esse luxo.

Através da água no copo, vejo uma imagem distorcida de uma das mãos de Peeta. As marcas de queimadura. Nós dois somos agora bestantes do fogo. Meus olhos viajam até o local onde as chamas lamberam sua testa, crestando suas sobrancelhas, mas poupando seus olhos. Aqueles mesmos olhos azuis que costumavam encontrar os meus para em seguida desviarem-se para outra direção na época da escola. Exatamente como estão fazendo agora.

– Então, uma alternativa foi colocada na mesa. Como meus colegas e eu não estamos conseguindo chegar a um consenso, foi acordado que deixaremos os vitoriosos decidirem. Uma maioria de quatro aprovará o plano. Ninguém poderá se abster de votar – diz Coin. – O que foi proposto é que em vez de eliminar toda a população da Capital, nós tenhamos uma edição final e simbólica dos Jogos Vorazes, usando as crianças relacionadas diretamente àqueles que tinham mais poder.

Todas as sete pessoas se voltam para ela.

– O quê? – diz Johanna.

– Nós realizaremos uma outra edição dos Jogos Vorazes, usando crianças da Capital – diz Coin.

– Isso só pode ser uma piada – diz Peeta.

– Não. Eu também deveria dizer a vocês que, se realizarmos os Jogos, será de conhecimento público que ele terá sido feito com a aprovação de vocês, embora o conteúdo individual de seus votos seja mantido em segredo para a sua própria segurança – diz Coin.

– Isso por acaso foi ideia de Plutarch? – pergunta Haymitch.

– A ideia foi minha – diz Coin. – Ela me pareceu equilibrar a necessidade de vingança com o mínimo desperdício de vidas. Podem votar.

– Não! – explode Peeta. – Eu voto não, é claro! A gente não pode ter mais uma edição dos Jogos Vorazes!

– Por que não? – retruca Johanna. – Parece bastante justo para mim. O Snow tem até uma neta. Eu voto sim.

– Eu também – diz Enobaria, quase indiferente. – Deixe-os sentir o sabor do próprio remédio.

– Foi por causa disso que a gente se rebelou! Vocês se esqueceram? – Peeta olha para todos nós. – Annie?

– Estou com Peeta. Não – diz ela. – E Finnick também votaria assim se estivesse aqui.

– Mas não está, porque os bestantes do Snow acabaram com ele – lembra Johanna.

– Não – diz Beetee. – Isso estabeleceria um precedente ruim. Precisamos parar de enxergar uns aos outros como inimigos. No atual estágio, união é essencial para a nossa sobrevivência. Não.

– Restam Katniss e Haymitch – diz Coin.

Quer dizer então que foi assim? Mais ou menos setenta e cinco anos atrás? Será que um grupo de pessoas se sentou ao redor de uma mesa e votou por dar início aos Jogos Vorazes? Será que houve dissensão? Será que alguém defendeu o perdão e foi derrotado pelos que clamavam pela morte das crianças dos distritos? O cheiro da rosa de Snow se enrosca em meu nariz e desce pela minha garganta, comprimindo-a em desespero. Todas aquelas pessoas que eu amava, mortas. E nós aqui discutindo os próximos Jogos Vorazes numa tentativa de evitar novas perdas de vida. Nada mudou. Nada jamais mudará agora.

Eu sopeso minhas opções com muito cuidado, avalio todas as possibilidades. Sem tirar os olhos da rosa, digo:

– Eu voto sim... pela Prim.

– Haymitch, só falta você – diz Coin.

Um Peeta furioso martela Haymitch com a atrocidade à qual ele próprio poderia se tornar afiliado, mas sinto que Haymitch está olhando para mim. Então, esse é o momento. Em que descobrimos o quão parecidos somos, e o quanto ele verdadeiramente me compreende.

– Estou com o Tordo – diz ele.

– Excelente. Isso encerra a votação – diz Coin. – Agora podemos de fato tomar nossos lugares para a execução.

Quando ela passa por mim, levanto o copo com a rosa.

– Você pode cuidar para que Snow esteja usando isso aqui bem em cima do coração?

Coin sorri.

– É claro. E com certeza ele ficará sabendo dos Jogos.

– Obrigada – digo.

Algumas pessoas entram na sala, cercam-me. O último retoque de pó de arroz, as instruções de Plutarch enquanto sou conduzida às portas da frente da mansão. O Círculo da Cidade está apinhado, transbordando de gente até as ruas adjacentes. Os outros tomam seus lugares do lado de fora. Guardas. Funcionários. Líderes rebeldes. Vitoriosos. Ouço os gritos entusiasmados que indicam que Coin apareceu na sacada. Então Effie Trinket me dá um tapinha no ombro, e avanço em direção ao gelado sol de inverno. Caminho até minha posição, acompanhada do ensurdecedor rugido da multidão. Como fui orientada, me viro para que possam ver meu perfil, e espero. Quando Snow é levado para fora, a audiência enlouquece. Suas mãos são presas atrás de um pilar, o que é desnecessário. Ele não vai a lugar nenhum. Não há para onde ir. Aquilo ali não é o palco espaçoso diante do Centro de Treinamento, mas a varanda estreita em frente à mansão da presidenta. Não é surpresa nenhuma ninguém ter se preocupado em mandar me treinar. Ele está a dez metros de distância.

Sinto o arco vibrando em minha mão. Levo a outra mão às costas e agarro uma flecha. Posiciono-a, miro na rosa, mas observo o rosto dele. Ele tosse, e um fio de sangue escorre por seu queixo. Sua língua pende por entre os lábios inchados. Examino seus olhos em busca do menor sinal do que quer que seja: medo, remorso, raiva. Mas encontro apenas a mesma expressão divertida que encerrou nossa última conversa. É como se ele estivesse falando as palavras novamente: *"Ah, minha querida srta. Everdeen. Pensei que nós tivéssemos concordado em não mentir um para o outro."*

Ele está certo. Nós fizemos esse acordo.

A ponta da minha flecha move-se para cima. Solto a corda. E a presidenta Coin desaba na lateral da varanda, mergulhando até o chão. Morta.



Na reação estupefata que se segue, reconheço um som. A risada de Snow. Uma horrível gargalhada gutural acompanhada de sangue espumoso que irrompe quando a tosse começa. Vejo-o curvar-se para a frente, cuspindo a própria vida, até que os guardas o tiram de meu campo de visão.

À medida que os uniformes cinzentos começam a convergir sobre mim, imagino que tipo de coisas o meu breve futuro como assassina da nova presidenta de Panem terá me reservado. O interrogatório, a provável tortura, a certeira execução pública. Ter que, mais uma vez, dar minhas despedidas ao punhado de pessoas que ainda ocupam algum espaço em meu coração. A perspectiva de encarar minha mãe, que agora ficará totalmente só no mundo, decide o desfecho da história.

– Boa noite – sussurro para o arco em minha mão, sentindo-o ficar imóvel. Ergo meu braço esquerdo e giro o pescoço para baixo com o intuito de arrancar a pílula que está na manga do meu uniforme. Em vez disso, meus dentes mordem carne. Puxo a cabeça de volta em total confusão e descubro-me olhando fixamente para os olhos de Peeta, só que dessa vez eles não procuram outro lugar para mirar. Sangue escorre das marcas de dentes na mão que ele colocou em cima da minha pílula-cadeado. – Me solta! – rosno, tentando puxar o meu braço do aperto dele.

– Não posso – diz ele. Enquanto me afastam de Peeta, sinto o bolso ser arrancado da minha manga, vejo a pílula roxa cair no chão, observo o último presente de Cinna ser esmagado sob a bota de um guarda. Me transformo num animal selvagem, chutando, arranhando, mordendo, fazendo seja lá o que for

para me soltar da rede de mãos que me prendem, à medida que a multidão se aglomera ao meu redor. Os guardas me levantam acima do tumulto, onde continuo a me debater enquanto sou transportada por sobre a massa de gente. Começo a gritar por Gale. Não consigo encontrá-lo em meio à turba, mas ele saberá o que quero. Um tiro certeiro para acabar logo com tudo. Só que não há flecha, não há bala. Será possível que ele não consiga me ver? Não. Acima de nós, nas telas gigantescas dispostas ao redor do Círculo da Cidade, todos podem assistir nos mínimos detalhes ao que está se passando. Ele vê, ele sabe, mas não dá prosseguimento ao ato. Da mesma maneira que eu também não dei quando ele foi capturado. Belos caçadores e amigos que nós somos.

Estou por conta própria.

Na mansão, me algemam e colocam uma venda em meus olhos. Sou meio arrastada, meio carregada através de longas passagens, para cima e para baixo em elevadores, e depositada num piso acarpetado. As algemas são retiradas e uma porta bate atrás de mim. Quando removo a venda, descubro que estou em meu antigo cômodo no Centro de Treinamento. Onde morei durante aqueles últimos e preciosos dias antes dos meus primeiros Jogos Vorazes e do Massacre Quaternário. A cama contém apenas o colchão, o closet está escancarado, revelando o vazio em seu interior, mas eu reconheceria esse quarto em qualquer lugar.

É uma luta para conseguir me levantar e tirar o meu traje de Tordo. Estou bastante machucada e talvez esteja com um ou dois dedos quebrados, mas foi minha pele que mais sofreu no conflito com os guardas. O novo material rosado ficou arrebentado como se fosse papel-toalha e sangue escorre através das células produzidas em laboratório. Mas nenhum médico dá as caras, e como não poderia me importar menos, rastejo para o colchão na expectativa de sangrar até morrer.

Mas não tenho essa sorte. De noite, o sangue coagula, deixando-me rígida, dolorida e pegajosa, porém ainda viva. Eu me dirijo ao chuveiro, mancando, e programo o ciclo mais suave de que consigo me lembrar, sem sabonete ou produtos capilares, e me agacho sob o jato de água morna, cotovelos sobre os joelhos, mãos na cabeça.

Meu nome é Katniss Everdeen. Por que não estou morta? Eu devia estar morta. Seria melhor para todo mundo se eu estivesse morta...

Quando saio do boxe e piso no capacho, o ar quente assa minha pele arruinada. Não há nenhuma roupa limpa para vestir. Nem mesmo uma toalha para enrolar no corpo. De volta ao quarto, descubro que o traje do Tordo sumiu. Em seu lugar, encontra-se um roupão de papel. Uma refeição foi enviada da cozinha misteriosa junto com uma caixa com os remédios que devo tomar de sobremesa. Como a comida, tomo as pílulas, esfrego a pomada na pele. Preciso me concentrar agora em como farei para me suicidar.

Me enrosco no colchão manchado de sangue, não com frio, mas me sentindo nua demais apenas com o papel para cobrir meu corpo sensível. Pular pela janela não é uma opção – o vidro deve ter uns trinta centímetros de espessura. Sei fazer uma excelente forca, mas não há onde me pendurar. Existe a possibilidade de eu ingerir todas as pílulas de uma vez e morrer de overdose, só que não tenho certeza se estou ou não sendo vigiada vinte e quatro horas por dia. Até onde sei, posso estar sendo transmitida ao vivo nesse exato momento, enquanto comentaristas tentam analisar o que teria me motivado a matar Coin. A vigilância torna praticamente impossível quaisquer tentativas de suicídio. Tirar a minha vida é privilégio da Capital. Mais uma vez.

O que posso fazer é desistir. Decido ficar deitada na cama sem comer, beber ou tomar os remédios. Eu também poderia fazer isso. Simplesmente morrer. Se não fosse pela crise de abstinência dos morfináceos. Não aos pouquinhos como no hospital no 13, mas cheia de sintomas. Devo estar recebendo uma dose bem grande porque quando a ânsia pela droga se instala, acompanhada por tremores, dores lancinantes e um frio insuportável, minha firmeza é esmagada como uma casca de ovo. Fico de joelhos, passando os dedos no carpete para achar aquelas preciosas pílulas que joguei para o alto num momento de maior coragem. Faço uma revisão nos meus planos suicidas no sentido de obter uma morte lenta através da ingestão de morfináceos. Vou me tornar um esqueleto de pele amarelada e olhos enormes. Estou seguindo o plano há alguns dias, fazendo grandes progressos, quando uma coisa inesperada acontece.

Começo a cantar. Na janela, no chuveiro, enquanto durmo. Hora após hora de cantigas, canções de amor, árias de montanha. Todas as canções que meu pai

me ensinou antes de morrer, pois certamente houve pouquíssima música em minha vida desde então. O incrível é a clareza com que me lembro delas. As canções, as letras. Minha voz, a princípio áspera e se perdendo nas notas mais altas, depois de um aquecimento transforma-se em algo esplêndido. Uma voz que deixaria os tordos em silêncio e em seguida interessados em juntar-se a mim. Os dias passam, as semanas passam. Observo a neve caindo na saliência do lado de fora da janela. E durante todo esse tempo, minha própria voz é a única que ouço.

Afinal de contas, o que estão fazendo? Por que essa demora toda lá fora? Qual o motivo de tanta dificuldade para organizar a execução de uma garota assassina? Continuo com minha própria aniquilação. Meu corpo mais magro do que jamais esteve e minha batalha contra a fome tão ferrenha que às vezes minha parte animal cede à tentação do pão com manteiga ou do rosbife. Mas ainda assim, estou vencendo. Por alguns dias, sinto-me bastante mal e penso que posso estar finalmente caminhando em direção ao fim da vida, quando percebo que meus tabletes de morfináceos estão se esgotando. Estão tentando fazer com que eu me acostume aos poucos à falta da substância. Mas por quê? Certamente um Tordo drogado será colocado diante da multidão com muito mais facilidade. E então um terrível pensamento me acomete. E se não tiverem a intenção de me matar? E se tiverem outros planos para mim? Uma nova maneira de me transformar, de me treinar e de me usar?

Não participarei disso. Se não conseguir me matar neste quarto, aproveitarei a primeira oportunidade que tiver para terminar o trabalho. Eles podem me engordar. Eles podem refazer todo o meu corpo, me dar roupas elegantes e me deixar novamente bonita. Eles podem produzir armas fantásticas que ganharão vida em minhas mãos, mas jamais farão novamente a lavagem cerebral para me convencer da necessidade de utilizá-las. Não tenho mais nenhum compromisso com aqueles monstros chamados seres humanos. Eu mesma me desprezo por fazer parte deles. Acho que Peeta tinha certa razão quando disse que poderíamos destruir uns aos outros e deixar que outras espécies decentes assumissem o planeta. Porque há algo significativamente errado com uma criatura que sacrifica as vidas de seus filhos para resolver suas diferenças. Para onde quer que você se vire, você enxergará esse tipo de visão de mundo. Snow

pensava que os Jogos Vorazes eram uma forma de controle eficiente. Coin pensava que os paraquedas apressariam o fim da guerra. Mas no fim, a quem tudo isso beneficia? A ninguém. A verdade é que viver num mundo onde esse tipo de coisa acontece não traz benefícios a ninguém.

Após dois dias deitada em cima do colchão sem esboçar nenhuma tentativa de comer, beber ou mesmo ingerir um tablete de morfináceo, a porta do meu quarto se abre. Alguém contorna a cama e entra no meu campo de visão. Haymitch.

– Seu julgamento acabou – diz ele. – Vamos embora. Vamos para casa.

Casa? Do que ele está falando? Minha casa já era. E mesmo que fosse possível ir para esse lugar imaginário, estou fraca demais para me mover. Estranhos aparecem. Reidratam-me e me dão comida. Banham-me e me vestem. Um me levanta como se eu fosse uma boneca esfarrapada e me carrega até o terraço, me põe dentro de um aerodeslizador e aperta meu cinto de segurança. Haymitch e Plutarch sentam-se à minha frente. Em alguns instantes, estamos voando.

Jamais vi Plutarch em tão bom humor. Ele está resplandecente.

– Você deve estar querendo fazer milhões de perguntas! – Como eu não reajo, ele as responde assim mesmo.

Depois que eu atirei a flecha em Coin, houve um pandemônio. Quando o distúrbio arrefeceu, descobriram o corpo de Snow, ainda atado ao pilar. Há opiniões divergentes em relação à causa de sua morte: se ele morreu sufocado de tanto rir ou se foi linchado pela multidão. Na verdade, ninguém se importa muito. Uma eleição de emergência foi organizada e Paylor foi eleita presidenta. Plutarch foi apontado secretário de comunicações, o que significa que ele é o responsável por decidir a programação que vai ao ar. O primeiro grande evento televisionado foi o meu julgamento, no qual ele também foi uma testemunha com status de estrela. Testemunhando a meu favor, evidentemente. Embora grande parte do crédito pela minha absolvição deva ser dado ao dr. Aurelius, que aparentemente fez valer seus cochilos, apresentando-me como uma irremediável lunática abalada por traumas de guerra. Uma condição para minha soltura é que eu continue sob seus cuidados, embora seja necessário que as consultas se deem pelo telefone porque ele jamais moraria num lugar

abandonado como o 12, onde ficarei confinada até que outras decisões sejam tomadas. A verdade é que ninguém sabe exatamente o que fazer comigo agora que a guerra acabou, apesar de que, se porventura uma outra se tornar iminente, Plutarch tenha certeza de que encontrariam um lugar para mim. Em seguida Plutarch dá uma boa gargalhada. Ao que parece, ele nunca se irrita ao perceber que ninguém ri de suas piadas.

– Você está se preparando para mais uma guerra, Plutarch? – pergunto.

– Ah, não agora. Agora estamos naquele período tranquilo onde todo mundo concorda que os nossos horrores recentes jamais deveriam se repetir – diz ele. – Mas o pensamento em prol do coletivo normalmente possui vida curta. Somos seres volúveis e idiotas com uma péssima capacidade para lembrar das coisas e com uma enorme volúpia pela autodestruição. Mas quem sabe? De repente vai ser isso mesmo, Katniss.

– O quê? – pergunto.

– O nosso tempo atual. Pode ser que a gente esteja testemunhando a evolução da raça humana. Pense nisso. – E então pergunta se eu gostaria de cantar num novo programa que ele está lançando daqui a algumas semanas. Alguma coisa que levantasse o astral seria ótimo. Ele vai mandar a equipe me fazer uma visita.

Pousamos brevemente no Distrito 3 para deixar Plutarch. Ele vai se encontrar com Beetee para fazer as atualizações tecnológicas do sistema de transmissão. Suas palavras de despedida a mim são:

– Não suma.

Quando voltamos para a companhia das nuvens, olho para Haymitch e digo:

– E aí, por que é que você está voltando ao 12?

– Parece que nem na Capital existe um lugar para mim – diz ele.

A princípio, não questiono suas palavras. Mas dúvidas começam a surgir em minha cabeça. Haymitch não assassinou ninguém. Ele poderia ir para qualquer lugar. Se está voltando para o 12 é porque recebeu ordens para isso.

– Você precisa tomar conta de mim, não é? Como meu mentor. – Ele dá de ombros. Então eu percebo o que isso significa. – Minha mãe não vai voltar.

– Não, não vai – diz ele. Ele puxa um envelope do bolso do paletó e o entrega a mim. Examino a escrita delicada e delineada com perfeição. – Ela está ajudando a montar um hospital no Distrito 4. Ela quer que você ligue para ela assim que a gente chegar. – Meu dedo percorre o gracioso rodopio das letras. – Você sabe por que ela não pode voltar. – Sim, eu sei por quê. Porque com meu pai e Prim e as cinzas, o lugar é insuportavelmente doloroso. Mas, aparentemente, não para mim. – Você quer saber que outras pessoas também não estarão lá?

– Não – digo. – Quero ter uma surpresa.

Como um bom mentor, Haymitch me faz comer um sanduíche e em seguida finge acreditar que durmo durante o resto da viagem. Ele se ocupa entrando e saindo de todos os compartimentos do aerodeslizador, encontrando garrafas de bebida e estocando-as em sua bolsa. Já é noite quando aterrissamos no verde da Aldeia dos Vitoriosos. Metade das casas estão com luzes nas janelas, incluindo a de Haymitch e a minha. A de Peeta não. Alguém acendeu um fogo na minha cozinha. Eu me sento na cadeira de balanço em frente às chamas, com a carta de minha mãe firmemente presa em minha mão.

– Bom, amanhã a gente se vê – diz Haymitch.

Assim que o ruído das garrafas na bolsa dele desaparece, sussurro:

– Duvido muito.

Não consigo sair da cadeira. As outras dependências da casa se agigantam à minha frente, frias, vazias e escuras. Enrolo-me em um velho xale e observo as chamas. Acho que adormeço, porque a próxima coisa de que me lembro é que já está de manhã e Greasy Sae está fazendo barulho no fogão. Ela prepara ovos e torradas para mim, e fica lá sentada até eu terminar de comer. Não conversamos muito. Sua netinha, a que vive em seu próprio mundo, pega um novelo azul da cesta de tricô de minha mãe. Greasy Sae fala para ela colocá-lo de volta no lugar, mas deixo-a ficar com o novelo. Ninguém que sobrou nesta casa sabe tricotar. Depois do café da manhã, Greasy Sae lava os pratos e vai embora, mas retorna na hora do jantar para me fazer comer novamente. Não sei se está apenas sendo uma boa vizinha ou se está sendo paga pelo governo para fazer isso, só sei que aparece duas vezes por dia. Ela cozinha e eu como. Tento decidir qual será meu próximo passo. Agora não há mais nenhum

empecilho para que eu tire a minha vida. Mas parece que ainda estou esperando alguma coisa.

Às vezes, o telefone toca e toca e toca, mas não atendo. Haymitch nunca me visita. Talvez ele tenha mudado de ideia e ido embora, apesar de eu desconfiar de que está mesmo é bêbado. Ninguém aparece além de Greasy Sae e sua neta. Após meses de confinamento solitário, elas parecem uma multidão.

– Hoje está um clima de primavera. Você precisa dar uma volta por aí – diz ela. – Vá caçar.

Eu não saí de casa. Não saí nem da cozinha a não ser para ir ao pequeno banheiro a alguns passos dela. Estou com as mesmas roupas que estava usando quando saí da Capital. O que faço é ficar sentada perto do fogo. Olhar as cartas não abertas que se empilham em cima do consolo da lareira.

– Não tenho arco.

– Dá uma olhada no corredor – diz ela.

Depois que ela vai embora, penso em fazer uma incursão ao corredor. Descarto a ideia. Mas depois de várias horas, acabo indo, andando em silêncio, com meias nos pés, de modo a não acordar os fantasmas. No estúdio, onde tomei meu chá com o presidente Snow, encontro uma caixa com a jaqueta de caçadas de meu pai, nosso livro de plantas, a foto de casamento de meus pais, a cavilha que Haymitch me enviou na arena e o medalhão que Peeta me deu na arena-relógio. Os dois arcos e uma aljava de flechas que Gale resgatou na noite do bombardeio repousam em cima da escrivaninha. Visto a jaqueta de caça e deixo o restante das coisas onde estão. Adormeço no sofá da sala de estar. Um terrível pesadelo se segue e me vejo deitada numa cova bem funda e todas as pessoas mortas que conheço de nome aparecem e jogam uma pá de cinzas em cima de mim. É um sonho bem longo, por causa da extensão da lista de pessoas, e quanto mais fundo me enterram, mais difícil se torna respirar. Tento gritar, implorando para que parem, mas as cinzas enchem minha boca e meu nariz, e não consigo emitir nenhum som. E a pá continua cavando, cavando, cavando...

Acordo sobressaltada. Uma tênue luz matinal surge nas bordas das persianas. A escavação da pá continua. Ainda meio dentro do pesadelo, disparo corredor afora, saio pela porta da frente e contorno a lateral da casa, porque

agora tenho certeza absoluta de que conseguirei gritar com os mortos. Quando o vejo, paro de imediato. Seu rosto está vermelho pelo esforço de escavar a terra sob as janelas. Num carrinho de mão, há cinco arbustos descuidados.

– Você voltou – digo.

– Dr. Aurelius só me deixou sair da Capital ontem – diz Peeta. – A propósito, ele disse para eu falar para você que ele não vai poder ficar fingindo para sempre que está te tratando. Você vai ter que atender o telefone alguma hora.

Ele parece bem. Magro e coberto de cicatrizes de queimadura, como eu, mas seus olhos perderam aquela aparência nublada, torturada. Está franzindo ligeiramente as sobrancelhas enquanto me observa. Faço um esforço mais ou menos contido para tirar o cabelo da frente dos olhos e percebo que ele está emaranhado. Sinto-me na defensiva.

– O que você está fazendo?

– Fui até a floresta agora de manhã e colhi isso aqui. Para ela – diz ele. – Pensei que a gente podia talvez plantá-las ao longo da lateral da casa.

Olho para as plantas, os bolos de terra pendurados das raízes, e respiro fundo à medida que a palavra rosa é registrada em minha mente. Estou prestes a berrar as coisas mais horríveis para Peeta quando o nome verdadeiro me vem à mente. Não se trata de rosa comum, mas da Prímula Noturna. A flor em homenagem a qual minha irmã foi batizada. Balanço a cabeça para Peeta e corro de volta para casa, trancando a porta atrás de mim. Mas a coisa nefasta está no interior, não no exterior. Tremendo de fraqueza e ansiedade, subo a escada correndo. Meu pé se prende no último degrau e dou de cara com o chão. Forço-me a me levantar e entro no quarto. O cheiro está bastante tênue, mas ainda impregna o ar. Ela está lá. A rosa branca em meio às flores secas no vaso. Murcha e frágil, mas mantendo ainda aquela perfeição artificial cultivada na estufa de Snow. Agarro o vaso, desço até a cozinha e despejo o conteúdo em cima das brasas. À medida que as flores vão sendo consumidas pelo fogo, uma chama azul irrompe ao redor da rosa e a devora. O fogo vence novamente as rosas. Arrebento o vaso no chão para completar o serviço.

De volta ao segundo andar, abro as janelas do quarto para que o resto do fedor de Snow abandone definitivamente o ambiente. Mas ele perdura, em

minhas roupas e em meus poros. Eu me dispo, e lascas de pele do tamanho de cartas de baralho grudam-se ao traje. Evitando o espelho, vou para debaixo do chuveiro e me esfrego para tirar o odor das rosas dos cabelos, do corpo e da boca. Com a pele rosada e pinicando, encontro alguma coisa limpa para vestir. Levo meia hora para pentear os cabelos. Greasy Sae abre a porta da frente. Enquanto ela prepara o café da manhã, alimento o fogo com as roupas que arranquei do corpo. Seguindo a sugestão dela, corto as unhas com uma faca.

Enquanto como os ovos, pergunto a ela:

– Para onde foi o Gale?

– Distrito 2. Arrumou um emprego bacaninha por lá. Eu o vejo de vez em quando na TV – diz ela.

Vasculho meu interior, tentando identificar raiva, ódio, anseio, mas encontro apenas alívio.

– Hoje vou sair para caçar – digo.

– Bom, até que uma caça recém-abatida cairia bem – responde ela.

Apanho o arco e vou em frente, na intenção de sair do 12 através da Campina. Perto da praça, encontram-se grupos de pessoas mascaradas e enluvadas com carroças puxadas por cavalos. Remexendo o que há abaixo da camada de neve neste inverno. Recolhendo restos. Uma carroça está estacionada em frente à casa do prefeito. Reconheço Thom, o antigo colega de trabalho de Gale, fazendo uma pausa para enxugar o suor do rosto com um trapo. Lembro de tê-lo visto no 13, mas ele deve ter voltado. Sua saudação me dá a coragem de perguntar:

– Acharam alguém lá dentro?

– Uma família inteira. E as duas pessoas que trabalhavam para eles – diz Thom.

Madge. Quieta, gentil e corajosa. A garota que me deu o broche, que me deu um nome. Engulo em seco. Imagino se ela se juntará ao meu elenco de pesadelos hoje à noite. Jogando cinzas na minha boca com uma pá.

– Pensei que, de repente, já que ele era o prefeito...

– Não acho que ser o prefeito do 12 melhorou muito as coisas para ele – diz Thom.

Balanço a cabeça concordando e sigo em frente, tomando cuidado para não olhar para a caçamba da carroça. Por toda a cidade, a Costura é a mesma coisa. A colheita dos mortos. À medida que me aproximo das ruínas de minha antiga casa, a estrada fica repleta de carroças. A campina não existe mais, ou pelo menos foi dramaticamente alterada. Um fosso profundo foi cavado, e estão enchendo o buraco de ossos, uma imensa sepultura coletiva para o meu povo. Contorno o buraco e entro na floresta em meu ponto costumeiro. Mas pouco importa. A cerca não está mais eletrificada e agora tem longos galhos escorados para espantar os predadores. Mas vícios antigos são difíceis de abandonar. Penso em ir até o lago, mas estou tão fraca que mal consigo chegar ao meu ponto de encontro com Gale. Sento-me na rocha onde Cressida nos filmou, mas ela é larga demais sem o corpo dele ao meu lado. Diversas vezes fecho os olhos e conto até dez, pensando que assim que os reabrir, ele terá se materializado sem fazer barulho, como ocorria com frequência. Preciso lembrar que Gale está no 2 com um emprego legal, provavelmente beijando outra boca.

É o tipo de dia favorito da antiga Katniss. Começo de primavera. A floresta despertando após o longo inverno. Mas o jorro de energia que começou com as prímulas evanesceu. Quando volto à cerca, já estou enjoada e tonta, e Thom precisa me dar uma carona até minha casa, na carroça de pessoas mortas. E me ajudar a chegar ao sofá na sala, onde observo o pó rodopiar nos finos raios de luz vespertina.

Viro a cabeça para o lado ao ouvir o silvo, mas levo um tempo para acreditar que seja real. Como ele poderia ter chegado ali? Examino atentamente as marcas das garras deixadas por algum animal selvagem, a pata traseira que ele mantém ligeiramente acima do chão, os ossos protuberantes em seu rosto. Ele veio a pé, então, do 13 até aqui. Talvez eles o tenham expulsado ou talvez ele simplesmente não tenha suportado ficar lá sem Prim e então voltou para procurá-la.

– Você só perdeu tempo. Ela não está aqui – digo a ele. Buttercup mia. – Ela não está aqui. Pode miar o quanto quiser. Você não vai achar a Prim. – Ao ouvir o nome dela, ele levanta a cabeça. Ergue as orelhas achatadas. Começa a miar cheio de esperança. – Vá embora! – Ele se desvia da almofada que jogo nele. – Vá embora! Não tem nada aqui para você! – Começo a tremer, furiosa

com ele. – Ela não vai voltar! Ela nunca mais vai voltar para cá! – Pego outra almofada e me levanto para aprimorar a mira. Do nada, as lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. – Ela está morta. – Envolvo os braços em meu próprio corpo para aliviar a dor. Caio sobre os tornozelos, balançando a almofada, gritando: – Ela está morta, seu gato idiota. Morta! – Um novo som, parte choro, parte canto, escapa de meu corpo, dando voz ao meu desespero. Buttercup começa a choramingar também. Não importa o que eu faça, ele não arreda o pé de lá. Ele anda ao meu redor, fora de alcance, enquanto onda após onda de soluços sacodem o meu corpo, até que por fim caio inconsciente. Mas ele deve ter entendido. Ele deve saber que o impensável aconteceu e que para sobreviver precisará fazer coisas previamente impensáveis. Porque horas depois, quando volto a mim na cama, ele está lá ao luar. Agachado ao meu lado, olhos amarelos alertas, me protegendo da noite.

De manhã, permanece sentado estoicamente enquanto limpo seus cortes, mas desenterrar o espinho de sua pata proporciona uma rodada daqueles miados de gatinho. Nós dois acabamos chorando novamente, só que dessa vez consolamos um ao outro. Fortificada por isso, abro a carta de minha mãe que Haymitch me entregou, telefono para ela e também acabo chorando com ela. Peeta, segurando um pedaço de pão recém-saído do forno, aparece com Greasy Sae. Ela nos prepara o café da manhã e eu dou todo o meu bacon para Buttercup.

Lentamente, depois de muitos dias perdidos, volto à vida. Tento seguir o conselho do dr. Aurelius, simplesmente viver um dia depois do outro, e me surpreendo quando algo finalmente volta a fazer algum sentido. Converso com ele sobre a minha ideia do livro, e uma enorme caixa com folhas de papel-manteiga chega no trem seguinte, vindo da Capital.

Tive a ideia a partir do livro de plantas de nossa família. O lugar onde registramos aquelas coisas que não se pode confiar à memória. A página começa com o rosto da pessoa. Uma foto, se for possível encontrar uma. Se não for, um desenho ou uma pintura de Peeta. Então, com a minha caligrafia mais cuidadosa, surgem todos os detalhes que seria um crime esquecer. Lady lambendo a bochecha de Prim. O riso de meu pai. O pai de Peeta com os biscoitos. A cor dos olhos de Finnick. O que Cinna era capaz de fazer com um

pedaço de seda. Boggs reprogramando o Holo. Rue na pontinha dos pés, os braços ligeiramente abertos, como se fosse um pássaro prestes a alçar voo. E assim por diante. Lacramos as páginas com sal marinho e promessas de viver bem para que as mortes tenham valido a pena. Haymitch finalmente se junta a nós, contribuindo com vinte anos de tributos que ele foi forçado a orientar. Adições tornam-se menores. Uma antiga lembrança que volta à tona. Uma antiga prímula preservada entre as páginas. Estranhos fragmentos de felicidade, como a foto do filho recém-nascido de Finnick e Annie.

Aprendemos a nos manter novamente ocupados. Peeta faz pão. Haymitch bebe até a bebida acabar, e então cria gansos até que o próximo trem chegue. Felizmente, os gansos podem cuidar muito bem de si mesmos. Não estamos sozinhos. Algumas centenas de outros retornam porque, independentemente do que tenha acontecido, este é o nosso lar. Com o fechamento das minas, eles aram as cinzas da terra e plantam comida. Máquinas vindas da Capital preparam o terreno para uma nova fábrica onde produziremos medicamentos. Embora ninguém cultive, a Campina fica verde novamente.

Peeta e eu voltamos a conviver. Ainda há momentos em que ele agarra as costas de uma cadeira e se segura até que os flashbacks tenham passado. Acordo de pesadelos com bestantes e crianças perdidas. Mas seus braços estão lá para me consolar. E por fim, sua boca. Na noite em que tenho aquela sensação novamente, o desejo que tomou conta de mim na praia, sei que era apenas uma questão de tempo. Que aquilo de que necessito para sobreviver não é o fogo de Gale, aceso com raiva e ódio. Eu mesma tenho fogo suficiente. Necessito é do dente-de-leão na primavera. Do amarelo vívido que significa renascimento em vez de destruição. Da promessa de que a vida pode prosseguir, independentemente do quão insuportáveis foram as nossas perdas. Que ela pode voltar a ser boa. E somente Peeta pode me oferecer isso.

Então, depois, quando ele sussurra:

– Você me ama. Verdadeiro ou falso?

Eu digo a ele:

– Verdadeiro.

EPÍLOGO

Eles estão brincando na Campina. A menina com cabelo escuro e olhos azuis dança. O menino com cachos louros e olhos cinzentos se esforça para manter o ritmo dela com suas perninhas gorduchas de bebê. Foram necessários cinco, dez, quinze anos para que eu concordasse. Mas Peeta queria muito tê-los. Quando a senti pela primeira vez se agitando dentro de mim, fui consumida por um terror que parecia tão velho quanto a própria vida. Apenas a alegria de segurá-la nos braços pôde fazer com que o superasse. Carregá-lo foi um pouquinho mais fácil, mas não muito.

As perguntas estão apenas começando. As arenas foram completamente destruídas, os memoriais erguidos, não há mais Jogos Vorazes. Mas os professores dão aulas sobre eles nas escolas, e a menina sabe que desempenhamos um papel nesses eventos. O menino saberá daqui a alguns anos. Como posso falar para eles sobre aquele mundo sem aterrorizá-los? Meus filhos, que encaram com indiferença a letra da canção:

Bem no fundo da campina, embaixo do salgueiro
Um leito de grama, um macio e verde travesseiro
Deite a cabeça e feche esses olhos cansados
E quando eles se abrirem, o sol já estará alto nos prados.

Aqui é seguro, aqui é um abrigo
Aqui as margaridas lhe protegem de todo perigo
Aqui seus sonhos são doces e amanhã serão lei
Aqui é o local onde eu sempre lhe amarei.

Meus filhos, que não sabem que brincam sobre um cemitério.

Peeta diz que vai ficar tudo bem. Temos um ao outro. E o livro. Podemos fazê-los compreender de uma maneira que os torne ainda mais corajosos. Mas um dia eu terei que dar uma explicação sobre os meus pesadelos. Por que eles acontecem. Por que eles realmente jamais acabarão.

Direi a eles como sobrevivo aos pesadelos. Direi a eles que nas manhãs desagradáveis é impossível sentir prazer em qualquer coisa que seja, porque temo que essa coisa me possa ser tirada. É quando faço uma lista em minha cabeça com todos os atos de bondade que vi alguém realizando. É como um jogo. Repetitivo. Até um pouco entediante após mais de vinte anos.

Mas há jogos muito piores do que esse.

FIM

AGRADECIMENTOS

Gostaria de prestar meu tributo às seguintes pessoas que deram seu tempo, seu talento e seu apoio para a série Jogos Vorazes.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu extraordinário triunvirato de editores. Kate Egan, cujos insights, humor e inteligência me guiaram por oito livros; Jen Rees, cuja clareza de visão capta coisas que nos são imperceptíveis; e David Leviathan, que se move com tanta desenvoltura por seus múltiplos papéis de Anotador, Mestre em Títulos e Diretor Editorial.

Em meio a rascunhos toscos, comida estragada, todos os altos e baixos, você está lá comigo, Rosemary Stimola, conselheira criativa de mão cheia e guardiã profissional na mesma medida, minha agente literária e minha amiga. E Jason Davis, meu agente de entretenimento há muitos anos, eu tenho muita sorte de ter você tomando conta de mim agora que rumamos para as telas.

Muito obrigada à designer Elizabeth B. Parisi e ao artista Tim O'Brien pelas capas dos livros que captaram com tanto sucesso não só os tordos como também a atenção do público.

Minhas saudações à incrível equipe da Scholastic por levar ao mundo os Jogos Vorazes: Sheila Marie Everett, Tracy van Straaten, Rachel Coun, Leslie Garych, Adrienne Vrettos, Nick Martin, Jacky Harper, Lizette Serrano, Kathleen Donohoe, John Mason, Stephanie Nooney, Karyn Browne, Joy Simpkins, Jess White, Dick Robinson, Ellie Berger, Suzanne Murphy, Andrea Davis Pinkney, toda a equipe de vendas da Scholastic e muitas outras pessoas que dedicaram tanta energia, inteligência e experiência a essa série.

Aos cinco amigos-escritores em quem confio mais intensamente, Richard Register, Mary Beth Bass, Christopher Santos, Peter Bakalian e James Proimos, muita gratidão por seus conselhos, perspectivas e risos.

Um carinho especial a meu falecido pai, Michael Collins, que plantou a semente para essa série com seu profundo compromisso em instruir seus filhos a respeito da guerra e da paz, e a minha mãe, Jane Collins, que me apresentou aos gregos, à ficção científica e à moda (embora essa última não tenha criado raízes); minhas irmãs, Kathy e Joanie; meu irmão, Drew, meus cunhados, Dixie e Charles Pryor; e os muitos membros de minha extensa família, cujo entusiasmo me fez seguir em frente.

E finalmente meu marido, Cap Pryor, que leu *Jogos Vorazes* em seu primeiro rascunho, insistiu em receber respostas a perguntas que nem mesmo eu havia imaginado, e permaneceu sendo meu ouvinte paciente ao longo de toda a série. Meu muito obrigado a ele e aos meus filhos maravilhosos, Charlie e Isabel, por me amarem dia após dia, por sua paciência e pela alegria que me proporcionam.



Título original
THE HUNGER GAMES
MOCKINGJAY

Copyright © 2010 *by* Suzanne Collins

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
MARIA ALICE PAES

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: setembro, 2020.
Primeira edição digital: março, 2012

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C674e
Collins Suzanne
A esperança [recurso eletrônico] / Suzanne Collins; tradução Alexandre D'Elia. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital (Jogos vorazes)

Tradução de: Mockingjay
ISBN 978-85-8122-032-1 (recurso eletrônico)

1. Relações humanas - Literatura infantojuvenil. 2. Ficção científica americana. 3. Ficção infantojuvenil americana. 4. Livros eletrônicos. I. D'Elia, Alexandre. II. Título. III. Série.

12-0510

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

SUZANNE COLLINS é autora da série bestseller do *The New York Times* Jogos Vorazes. Os três volumes da história de Katniss Everdeen alcançaram o topo das listas de bestsellers em todo o mundo, foram traduzidos para mais de vinte idiomas, publicados em mais de quarenta países e adaptados para o cinema com a atriz indicada ao Oscar Jennifer Lawrence no papel principal. Suzanne Collins começou a carreira escrevendo programas infantis para o canal Nickelodeon. Ela nasceu nos Estados Unidos e vive com a família em Connecticut.

Visite o site da autora:
www.suzannecollinsbooks.com

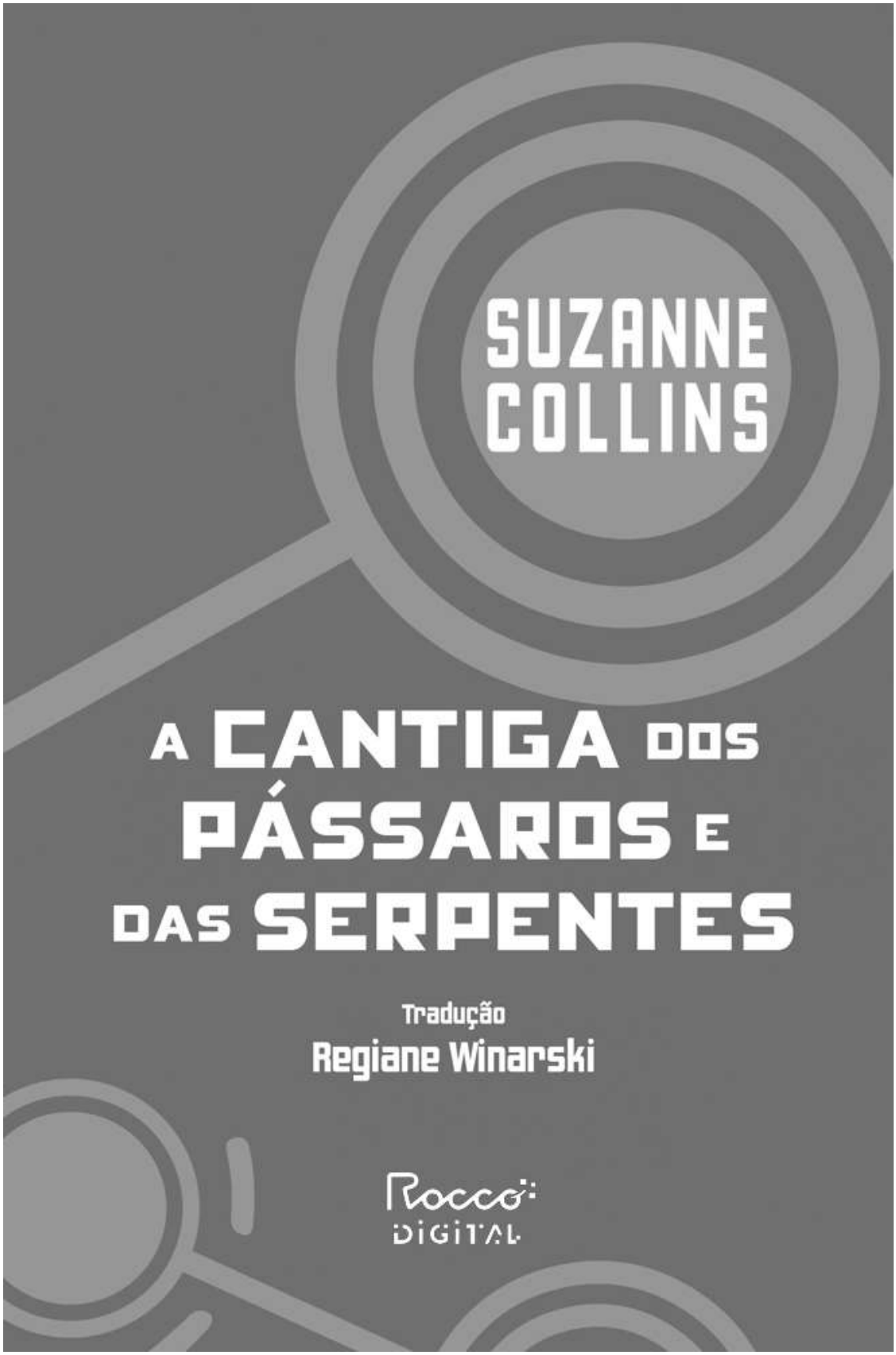
A CANTIGA DOS PÁSSAROS E DAS SERPENTES

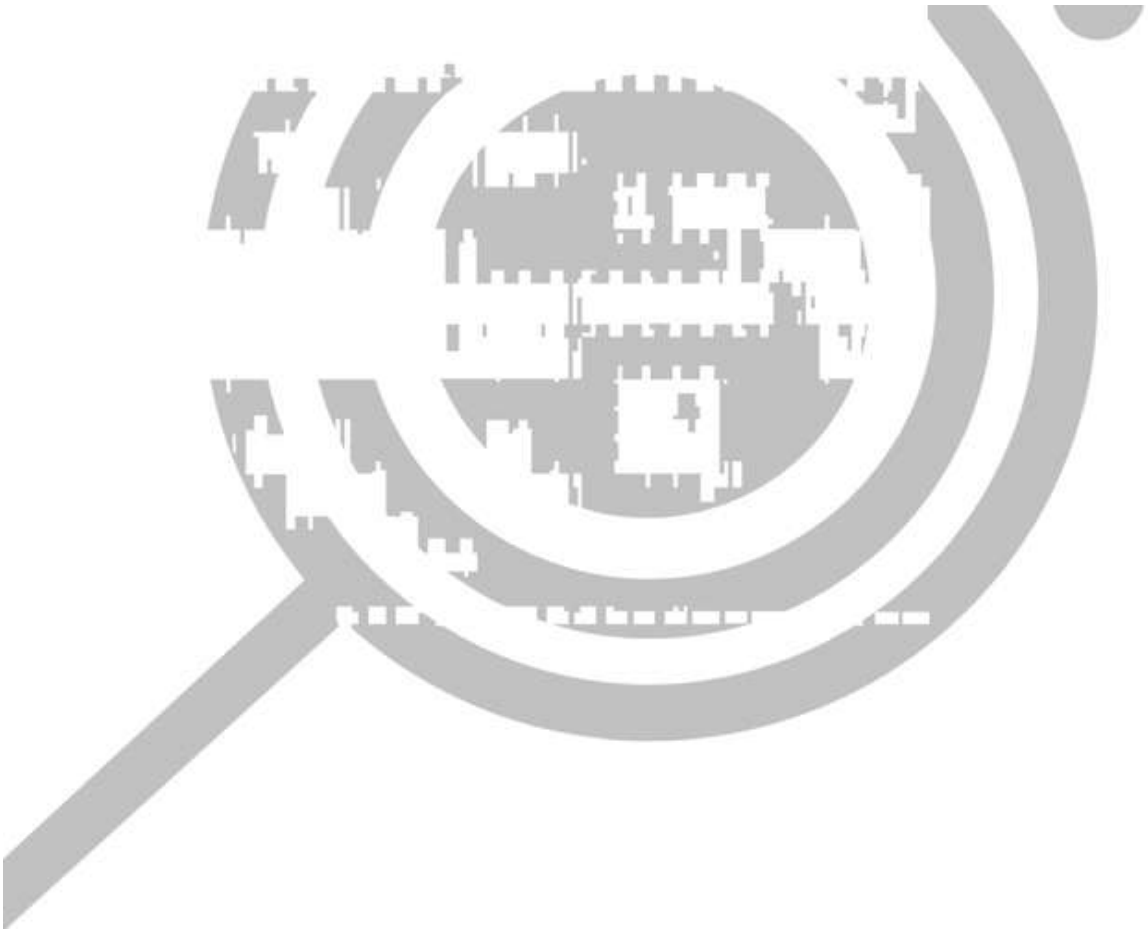


SUZANNE COLLINS

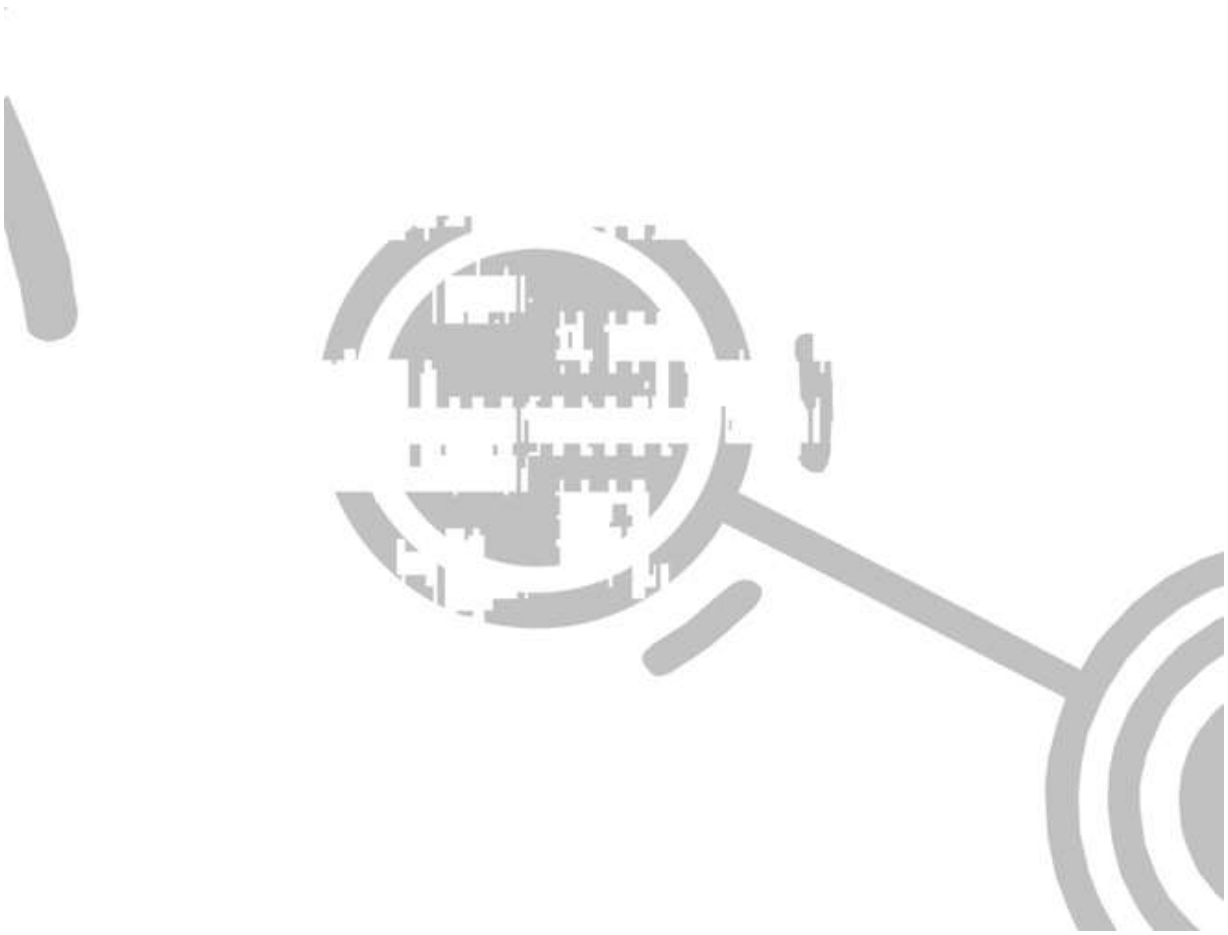
Rocco DIGITAL




SUZANNE
COLLINS
A CANTIGA DOS
PÁSSAROS E
DAS SERPENTES
Tradução
Regiane Winarski
Rocco
DIGITAL



Para Norton e Jeanne Juster



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE I

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10

PARTE II

Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20

PARTE III

Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

"Assim fica evidente que durante o tempo em que os homens vivem sem um Poder comum que os subjugue, eles ficam em uma condição chamada guerra; e é uma guerra de todos os homens contra todos os outros homens."

– Thomas Hobbes, *Leviatã*, 1651

"O estado da natureza tem uma lei da natureza para governá-lo, que a todos obriga: e a razão, que é essa lei, ensina toda a humanidade, que apenas a consulta, que, sendo todos iguais e independentes, ninguém deve prejudicar o outro na vida, saúde, liberdade ou bens…"

– John Locke, *Segundo tratado sobre o governo*, 1689

"O homem nasce livre; e por toda parte está acorrentado."

– Jean-Jacques Rousseau, *O contrato social*, 1762

"Doce é o saber que a natureza oferece;
Nosso intelecto intrometido
Deforma a forma bela das coisas;
– Para dissecar, assassinamos."

– William Wordsworth, "The Tables Turned", *Lyrical Ballads*, 1798

"Pensei na promessa de virtudes que ele exibiu no começo de sua existência e no desaparecimento subsequente de todos os sentimentos gentis pelo asco e pelo escárnio que seus protetores manifestaram por ele."

– Mary Shelley, *Frankenstein*, 1818



PARTE I

"O MENTOR"



Coriolanus jogou o punhado de repolho na panela de água fervente e jurou que um dia não poria mais aquilo na boca. Mas o dia ainda não era aquele. Ele precisava comer uma tigela grande do alimento pálido e tomar cada gota do caldo para evitar que seu estômago roncasse durante a cerimônia da colheita. Era um item de uma longa lista de precauções que ele tomava para esconder o fato de que sua família, apesar de residir na cobertura do prédio mais opulento da Capital, era tão pobre quanto a escória dos distritos. Que aos dezoito anos, o herdeiro da outrora grandiosa casa Snow não tinha nada além da própria perspicácia para ajudá-lo a viver.

Sua camisa para a colheita o estava preocupando. Ele tinha uma calça social escura aceitável, comprada no mercado clandestino no ano anterior, mas era para a camisa que as pessoas olhavam. Felizmente, a Academia oferecia os uniformes exigidos para uso diário. Mas, para a cerimônia daquele dia, os alunos foram instruídos a se vestirem bem, com a solenidade que a ocasião exigia. Tigris pedira que ele confiasse nela, e ele confiava. Só o talento da prima com a agulha o salvara até ali. Mesmo assim, ele não podia esperar milagres.

A camisa que eles tiraram do fundo do armário, do seu pai, de dias melhores, estava manchada e amarelada pelo tempo, sem metade dos botões e marcada de cigarro em um punho. Danificada demais para ser vendida até nas piores circunstâncias da família, e aquela seria sua camisa da colheita? Naquela manhã, ele fora ao quarto dela ao amanhecer, mas descobriu que a prima e a camisa tinham sumido. Não era um bom sinal. Tigris teria desistido daquela coisa velha e encarado o mercado clandestino em um esforço final e

desesperado para encontrar uma roupa adequada? E o que ela teria para a troca? Só uma coisa, ela mesma, e a casa Snow ainda não tinha se rebaixado tanto. Ou estaria se rebaixando agora, enquanto ele salgava o repolho?

Ele pensou nas pessoas botando um preço nela. Com o nariz longo e pontudo e o corpo magrelo, Tigris não era nenhuma grande beleza, mas tinha uma doçura, uma vulnerabilidade que pareciam convidar abuso. Ela encontraria alguém que a quisesse se decidisse assim. A ideia o deixou enjoado, impotente e, consequentemente, repugnado com ele mesmo.

No meio do apartamento, ele ouviu a gravação do hino da Capital, "Pérola de Panem", começar. A voz trêmula em soprano da avó cantou junto e ecoou pelas paredes:

Pérola de Panem
Cidade majestosa,
Com o passar dos anos, você brilha mais.

Como sempre, ela cantou de modo dolorosamente desafinado e com um pouco de atraso. No primeiro ano da guerra, ela tocara a gravação nos feriados nacionais para um Coriolanus de cinco anos e uma Tigris de oito, com o objetivo de desenvolver o senso de patriotismo deles. O recital diário só começou naquele dia sombrio em que os rebeldes de distrito cercaram a Capital, interrompendo o fornecimento de suprimentos pelos dois anos seguintes de guerra. "Lembrem-se, crianças", dissera ela, "estamos apenas sob cerco… não nos rendemos!" Em seguida, ela cantava o hino pela janela da cobertura enquanto as bombas caíam. Seu pequeno ato de desafio.

Ajoelhamo-nos com humildade
Perante seu ideal,

E as notas que ela nunca conseguia cantar…

E declaramos nosso amor a você!

Coriolanus fez uma leve careta. Já fazia uma década que os rebeldes estavam quietos, mas sua avó não ficava. Ainda faltavam duas estrofes.

Pérola de Panem,
Coração da justiça,
A sabedoria coroa sua testa de mármore.

Ele se perguntou se mais móveis absorveriam parte do som, mas a questão era hipotética. No momento, o apartamento de cobertura era um microcosmo da Capital em si, exibindo as cicatrizes dos implacáveis ataques rebeldes. As paredes do pé direito de seis metros estavam cheias de rachaduras, o teto moldado, cravejado de buracos por causa de pedaços de gesso que caíram, e faixas pretas feitas de fita isolante seguravam o vidro quebrado das janelas em arco que davam vista para a cidade. Durante a guerra e a década que se seguiu, a família fora obrigada a vender ou trocar muitos dos bens que tinha, alguns aposentos estavam completamente vazios e trancados, e os outros com mobília esparsa. Pior ainda, durante o frio rigoroso do inverno, no final do cerco, várias peças elegantes e entalhadas de madeira e inúmeros volumes de livros foram sacrificados na lareira para impedir que a família morresse congelada. Ver as páginas coloridas dos livros infantis, os mesmos que ele lia com a mãe, serem reduzidos a cinzas sempre o deixava em lágrimas. Mas era melhor ficar triste do que estar morto.

Como já tinha ido a apartamentos de amigos, Coriolanus sabia que a maioria das famílias já começara a fazer reparos nos aposentos, mas os Snow não tinham dinheiro nem para alguns metros de linho para uma camisa nova. Ele pensou nos colegas de escola remexendo os armários ou vestindo ternos novos sob medida e se perguntou por quanto tempo conseguiria manter as aparências.

Você nos dá luz.
Você reúne.
A você fazemos nossa jura.

Se a camisa reformada por Tigris fosse impossível de usar, o que ele faria? Fingiria estar gripado e avisaria que não podia comparecer? *Covardia.* Comparecer com a camisa do uniforme? *Desrespeito.* Espremer-se na camisa vermelha de botão que tinha ficado pequena dois anos antes? *Péssimo*. A opção aceitável? *Nenhuma das anteriores.*

Talvez Tigris tivesse ido pedir ajuda de sua empregadora, Fabricia Whatnot, uma mulher tão ridícula quanto seu nome, mas com certo talento para moda reciclada. Fosse a tendência penas ou couro, plástico ou plush, ela encontrava uma forma de incorporá-la por um custo razoável. Como não era muito boa aluna, Tigris desistiu da Universidade depois que se formou na Academia e foi atrás do seu sonho de se tornar estilista. Supostamente, ela era aprendiz, mas Fabricia a usava mais como escrava e exigia que ela fizesse massagens em seus pés e limpasse os bolos de cabelo magenta dos ralos. Mas Tigris nunca reclamava e não aceitava críticas da chefe de tão satisfeita e grata que tinha ficado por ter um lugar no mundo da moda.

Pérola de Panem,
Base do poder,
Força na paz, escudo na luta.

Coriolanus abriu a geladeira torcendo para encontrar algo que pudesse dar uma melhorada na sopa de repolho. A única ocupante era uma panela de metal. Quando ele tirou a tampa, deu de cara com uma papa gelada de batatas raladas. Teria sua avó finalmente cumprido a ameaça de aprender a cozinhar? Aquilo era comestível? Ele colocou a tampa no lugar até ter mais informações. Que luxo seria poder jogar aquilo no lixo sem pensar duas vezes. Que luxo seria produzir lixo. Ele se lembrava, ou achava que lembrava, de ser bem pequeno e ver os caminhões de lixo operados por Avoxes – trabalhadores sem língua eram os melhores funcionários, sua avó dizia – roncando pela rua, esvaziando sacos grandes de comida jogada fora, recipientes e itens de casa usados. Depois veio a época em que nada era descartável, nenhuma caloria era indesejada, e nada era impossível de ser trocado ou queimado para se obter calor ou ser preso na parede para fornecer isolamento térmico. Todos

aprenderam a desprezar o lixo. Mas estava voltando à moda. Um sinal de prosperidade, como uma camisa decente.

Proteja nossa terra
Com sua mão armada,

A camisa. A camisa. Sua mente conseguia se fixar em um problema como aquele, ou qualquer outro, sem esquecer. Como se controlar um dos elementos de seu mundo fosse impedi-lo de desmoronar. Era um mau hábito que o cegava para outras coisas que podiam lhe fazer mal. Havia uma tendência à obsessão como parte essencial do seu cérebro que acabaria sendo sua ruína se ele não aprendesse a superá-la.

A voz de sua avó saiu esganiçada no crescendo final:

Nossa Capital, nossa vida!

Velha maluca, ainda se agarrando aos dias pré-guerra. Ele a amava, mas ela perdeu o contato com a realidade anos antes. Em todas as refeições, ela ficava tagarelando sobre a lendária grandeza dos Snow, mesmo quando a refeição era composta de sopa aguada de feijão e biscoitos velhos. E quem a ouvia falar achava que era certo que o futuro dele seria glorioso. "Quando Coriolanus for presidente…", ela costumava dizer. "Quando Coriolanus for presidente…", tudo, desde a força aérea precária até o preço exorbitante das costelas de porco, seria magicamente corrigido. Ainda bem que o elevador quebrado e os joelhos com artrite a impediam de sair muito, e seus visitantes infrequentes eram tão fossilizados quanto ela.

O repolho começou a ferver e encheu a cozinha com o cheiro de pobreza. Coriolanus mexeu no vegetal com uma colher de pau. Nada de Tigris ainda. Em pouco tempo seria tarde para ligar e inventar uma desculpa. Todos estariam reunidos no Heavensbee Hall, da Academia. Haveria raiva e decepção da professora de comunicação, Satyria Click, que tinha feito campanha para ele receber uma das vinte e quatro desejadas mentorias dos Jogos Vorazes. Além de ser o favorito de Satyria, ele era monitor dela e sem dúvida ela precisaria dele

para alguma coisa hoje. Ela podia ser imprevisível, principalmente quando bebia, e isso era coisa certa no dia da colheita. Era melhor ele ligar e avisar, dizer que não conseguia parar de vomitar ou algo assim, mas que se esforçaria para se recuperar. Ele se preparou e pegou o telefone para alegar que estava mal quando outro pensamento passou pela cabeça dele: se ele não aparecesse, ela permitira que fosse substituído como mentor? E, se ela permitisse, isso enfraqueceria sua chance de ganhar um dos prêmios da Academia oferecidos na formatura? Sem esse prêmio, ele não tinha como pagar a Universidade, o que significaria que não teria carreira, o que significaria que não teria futuro, não ele, e quem sabe o que aconteceria com a família, e…

A porta da frente, torta e barulhenta, se abriu.

– Coryo! – gritou Tigris, e ele botou o telefone no lugar. O apelido que ela deu para ele quando era recém-nascido tinha pegado. Ele saiu voando da cozinha, quase a derrubou, mas ela estava animada demais para reprová-lo. – Eu consegui! Consegui! Bom, consegui uma coisa. – Seus pés deram uma corridinha rápida no mesmo lugar quando ela ergueu um cabide coberto por uma velha capa de proteção de roupas. – Olha, olha, olha!

Coriolanus abriu o zíper e tirou a capa de cima de uma camisa.

Era linda. Não, melhor ainda, era classuda. O linho grosso não era nem o branco original e nem estava amarelado com o tempo, mas de um tom creme delicioso. Os punhos e a gola tinham sido substituídos por veludo preto e os botões eram cubos dourados e preto-ébano. Tésseras. Cada uma tinha dois buraquinhos para a linha passar.

– Você é incrível – disse ele com sinceridade. – E a melhor prima do mundo. – Tomando o cuidado de segurar a camisa com segurança, ele a abraçou com o braço livre. – Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo!

– Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo! – repetiu Tigris. Foi a frase que os fez aguentar a guerra, quando era uma luta constante não ir parar debaixo da terra.

– Me conta tudo – disse ele, sabendo que ela ia querer contar. Ela amava falar sobre roupas.

Tigris levantou as mãos e deu uma risada baixa.

– Por onde começar?

Ela começou com a água sanitária. Tigris tinha sugerido que as cortinas brancas do quarto de Fabricia estavam meio sujas e, ao botá-las de molho com água sanitária, colocou a camisa junto. O resultado foi lindo, mas nem uma eternidade na água sanitária conseguiria tirar completamente as manchas. Assim, ela ferveu a camisa com calêndulas secas que encontrou na lixeira do lado de fora da casa do vizinho de Fabricia, e as flores tingiram o linho o suficiente para esconder as manchas. O veludo dos punhos era de uma bolsa grande que guardava uma placa agora insignificante do avô deles. As tésseras ela tirou do interior de um armário no banheiro da empregada. Ela pediu ao zelador do prédio para fazer os buracos em troca de consertar o macacão dele.

– Foi hoje de manhã? – perguntou ele.

– Ah, não, ontem. Domingo. Hoje de manhã eu… Você encontrou minhas batatas? – Ele a seguiu até a cozinha, onde ela abriu a geladeira e tirou a panela. – Fiquei acordada até de madrugada pra tirar o amido para engomar a camisa. Aí, corri até a casa dos Dolittle para usar um ferro decente. Guardei isto pra sopa! – Tigris virou a maçaroca no repolho que estava fervendo e mexeu.

Ele reparou nas manchas lilás embaixo dos olhos castanho-dourados e não pôde deixar de sentir um pouco de culpa.

– Quando você dormiu pela última vez? – perguntou ele.

– Ah, eu estou bem. Comi a casca das batatas. Dizem que é lá que estão as vitaminas. E hoje é a colheita, então é praticamente feriado! – disse ela com alegria.

– Não na casa da Fabricia – disse ele. E em nenhum lugar, na verdade. O dia da colheita era terrível nos distritos, mas também não era bem uma comemoração na Capital. Como ele, a maioria das pessoas não tinha prazer em relembrar a guerra. Tigris passaria o dia fazendo tudo para a empregadora e seu grupo variado de convidados enquanto eles trocavam histórias morosas da provação que viveram durante o cerco e bebiam até cair. No dia seguinte, cuidar deles de ressaca seria pior.

– Pare de se preocupar. Aqui, é melhor você se apressar e comer! – Tigris serviu sopa numa tigela e a colocou na mesa.

Coriolanus olhou para o relógio, tomou a sopa sem ligar se queimava a boca e correu até o quarto com a camisa. Ele já tinha tomado banho e se barbeado, e

a pele clara estava, felizmente, impecável naquele dia. A roupa que usava por baixo das vestes da escola e as meias pretas eram boas. Ele vestiu a calça, que era mais do que aceitável, e enfiou os pés em um par de botas de couro com cadarço. As botas estavam pequenas, mas ele conseguia aguentar. Em seguida, vestiu a camisa com cuidado, enfiou-a dentro da calça e se virou para o espelho. Ele não era tão alto quanto deveria ser. Assim como muitas pessoas da geração dele, a dieta pobre provavelmente comprometeu o seu crescimento. Mas ele era atleticamente magro, com excelente postura, e a camisa enfatizava os melhores aspectos do seu físico. Ele não ficava tão majestoso desde que era pequeno e sua avó desfilava pelas ruas com ele de terno de veludo roxo. Ele ajeitou os cachos louros enquanto sussurrava debochadamente para sua imagem:

– Coriolanus Snow, futuro presidente de Panem, eu o saúdo.

Por causa de Tigris, ele fez uma entrada grandiosa na sala, esticando os braços e girando em círculo para exibir a camisa.

Ela deu um gritinho de animação e aplaudiu.

– Você está maravilhoso! Tão lindo e elegante! Vem ver, Lady-Vó! – Esse era outro apelido criado pela pequena Tigris, que achava "vovó" e "vó" insuficientes para alguém tão imperial.

A avó deles apareceu, uma rosa recém-cortada aninhada com amor nas mãos trêmulas. Ela usava uma túnica comprida, preta e esvoaçante, do tipo que era popular antes da guerra, mas bem ultrapassada e risível agora, e um par de chinelinhos bordados com a ponta curva que já tinha sido parte de uma fantasia. Fios do cabelo fino e branco saíam por baixo de um turbante de veludo cor de ferrugem. Era o que restava de um guarda-roupa antes luxuoso; seus poucos itens decentes estavam reservados para quando havia visita ou para as raras idas à cidade.

– Aqui, aqui, garoto. Coloque isto. Tirada do meu jardim no telhado – ordenou ela.

Ele esticou a mão para pegar a rosa, mas um espinho furou a palma da mão dele. Sangue brotou da ferida e ele afastou a mão para que não manchasse a preciosa camisa. Sua avó pareceu perplexa.

– Eu só queria que você ficasse elegante – disse ela.

– Claro que queria, Lady-Vó – disse Tigris. – E ele vai ficar mesmo.

Enquanto ela levava Coriolanus para a cozinha, ele lembrou que o autocontrole era uma habilidade essencial e que devia ficar agradecido porque a avó lhe oferecia oportunidades diárias de praticá-lo.

– Ferimentos de perfuração não sangram por muito tempo – prometeu Tigris enquanto limpava e fazia um curativo na mão dele. Ela cortou a rosa, preservou um pouco do caule verde e a prendeu à camisa. – Fica mesmo elegante. Você sabe o que as rosas significam pra ela. Agradeça.

Ele agradeceu. Agradeceu às duas e foi até a porta, desceu os doze lances decorados de escadas, passou pelo saguão e saiu para a Capital.

A porta da frente dava para a Corso, uma avenida tão larga que oito carruagens passavam lado a lado com conforto no passado, quando a Capital exibia sua pompa militar para o povo. Coriolanus se lembrava de ficar nas janelas do apartamento quando era criança, com convidados se gabando que tinham assentos privilegiados para os desfiles. Mas aí os bombardeiros chegaram, e por muito tempo aquele quarteirão ficou intransponível. Agora, apesar de as ruas estarem finalmente livres, ainda havia pilhas de escombros nas calçadas, e prédios inteiros estavam tão danificados quanto no dia em que foram atingidos. Dez anos depois da vitória e ele estava desviando de pedaços de mármore e granito para seguir para a Academia. Às vezes, Coriolanus se perguntava se os detritos foram deixados para lembrar aos cidadãos o que eles haviam aguentado. As pessoas tinham memória curta. Elas precisavam andar em volta dos destroços, pegar cupons de racionamento de alimentação e assistir aos Jogos Vorazes para que a guerra permanecesse viva na mente. Esquecer podia levar à complacência, e aí todos estariam de volta à estaca zero.

Quando entrou na via Scholars, ele tentou controlar o passo. Queria chegar na hora, mas tranquilo e composto, não todo suado. Aquele dia da colheita, como a maioria, parecia que seria quente. Mas o que mais podia se esperar para um 4 de julho? Ele ficou grato pelo perfume da rosa da avó, pois a camisa quente estava exalando um leve aroma de batatas e calêndulas mortas.

Como a melhor escola secundária da Capital, a Academia educava os filhos dos conhecidos, dos ricos e dos influentes. Com mais de quatrocentos alunos em cada turma, foi possível para Tigris e Coriolanus, considerando a longa

história da família na escola, serem aceitos sem grande dificuldade. Diferentemente da Universidade, era gratuita e oferecia almoço e material escolar, além dos uniformes. Qualquer um que tivesse nome estudava na Academia, e Coriolanus precisaria daquelas conexões como base para seu futuro.

A grande escadaria que levava à Academia podia receber todo o corpo estudantil e acomodava facilmente o fluxo de oficiais, professores e alunos indo para as festividades do dia da colheita. Coriolanus subiu devagar, tentando agir com dignidade casual caso alguém olhasse para ele. As pessoas o conheciam, ou pelo menos conheceram seus pais e avós, e havia um certo padrão esperado de um Snow. Naquele ano, a começar por aquele dia, ele esperava alcançar reconhecimento pessoal também. Ser mentor nos Jogos Vorazes era seu projeto final antes de se formar na Academia no verão. Se sua performance como mentor impressionasse, com seu registro acadêmico excelente, Coriolanus poderia ganhar um prêmio monetário substancial que daria para pagar a Universidade.

Haveria vinte e quatro tributos, um garoto e uma garota de cada um dos doze distritos derrotados, sorteados para serem jogados em uma arena e lutarem até a morte nos Jogos Vorazes. Estava descrito no Tratado da Traição que encerrou os Dias Escuros da rebelião dos distritos, uma das muitas punições dadas aos rebeldes. Como no passado, os tributos seriam colocados na Arena da Capital, um anfiteatro agora em ruínas que tinha sido usado para eventos de esporte e entretenimento antes da guerra, junto com algumas armas para que matassem uns aos outros. A Capital encorajava que as pessoas assistissem, mas muita gente evitava. O desafio era tornar o evento mais atraente.

Por causa disso, pela primeira vez os tributos teriam mentores. Vinte e quatro dos formandos mais inteligentes e de melhor desempenho da Academia tinham sido selecionados para a tarefa. Os detalhes envolvidos ainda estavam sendo discutidos. Falava-se de treinar cada tributo para uma entrevista pessoal, talvez alguma preparação para as câmeras. Todos concordavam que se os Jogos Vorazes fossem continuar, precisariam envolver uma experiência mais

significativa, e a união dos jovens da Capital com os tributos dos distritos deixou as pessoas intrigadas.

Coriolanus passou por uma entrada decorada com faixas pretas, desceu por uma passagem abobadada e entrou no gigantesco Heavensbee Hall, onde eles assistiriam à transmissão da cerimônia da colheita. Ele não estava atrasado, mas o salão já estava vibrando com a presença de professores e alunos e outros vários envolvidos nos Jogos que não eram necessários na transmissão do dia inicial.

Havia Avoxes percorrendo a multidão carregando bandejas de posca, uma mistura de vinho aguado com mel e ervas. Era uma versão embriagante da bebida azeda que sustentou a Capital na guerra, supostamente protegendo contra doenças. Coriolanus pegou um cálice e passou um pouco de posca pela boca, na esperança de enxaguar qualquer resquício de bafo de repolho. Mas ele só se permitiu um gole. Era mais forte do que a maioria das pessoas achava, e em anos anteriores ele viu gente de classe alta passar vergonha por se embebedar.

O mundo ainda achava que Coriolanus era rico, mas sua única moeda real era o charme, que ele distribuía generosamente enquanto andava pela multidão. Rostos se iluminavam quando ele cumprimentava com simpatia os alunos e professores, perguntava por familiares e fazia elogios aqui e ali.

– Sua aula sobre as retaliações dos distritos ainda me assombra.

– Amei a franja!

– Como foi a cirurgia de coluna da sua mãe? Diga a ela que ela é minha heroína.

Ele passou pelas centenas de cadeiras acolchoadas colocadas para a ocasião na plataforma, onde Satyria estava brindando uma mistura de professores da Academia e representantes dos Jogos com alguma história louca. Apesar de só ter ouvido a última frase ("Bem, eu falei 'Sinto muito pela sua peruca, mas foi você que insistiu em trazer um macaco!'"), ele se juntou obedientemente às gargalhadas que vieram em seguida.

– Ah, Coriolanus – disse Satyria enquanto acenava para ele se aproximar. – Este é meu melhor pupilo. – Ele deu o esperado beijo na bochecha dela e registrou que a mulher já estava vários copos de posca à frente dele. Ela

precisava controlar a bebida, embora a mesma coisa pudesse ser dita de metade dos adultos que ele conhecia. A automedicação era uma epidemia na cidade. Ainda assim, ela era divertida e não severa demais, uma dentre poucos professores que permitiam que os alunos chamassem pelo primeiro nome. Ela se afastou ligeiramente e o observou. – Linda camisa. Onde você conseguiu uma peça assim?

Ele olhou para a camisa como se estivesse surpreso por sua existência e deu de ombros, como um jovem que tem opções infinitas.

– Os Snow têm armários grandes – disse ele distraidamente. – Eu queria um visual respeitoso, mas também comemorativo.

– E conseguiu. O que são esses botões exóticos? – perguntou Satyria, mexendo em um dos cubos no punho. – Tésseras?

– São? Bom, isso explica por que me lembram do banheiro da empregada – respondeu Coriolanus, arrancando uma risada dos amigos dela. Era essa impressão que ele lutava para manter. Um lembrete de que ele era uma das raras pessoas que tinham um banheiro de empregada, ainda mais com piso com a padronagem de tésseras, temperado por uma piada autodepreciativa sobre a camisa.

Ele assentiu para Satyria.

– Lindo vestido. É novo, não é? – Ele percebeu só por um olhar que era o mesmo vestido que ela sempre usava na cerimônia da colheita, reformado com tufos de penas pretas. Mas ela validou a camisa dele, e ele precisava retribuir o favor.

– Mandei fazer especialmente para hoje – respondeu ela, aceitando a pergunta. – É o décimo aniversário, afinal.

– Elegante – disse ele. De um modo geral, eles não eram uma equipe ruim.

O prazer dele sumiu quando viu Agrippina Sickle, professora de Educação Física, usando os ombros musculosos para abrir caminho na multidão. Atrás dela estava seu monitor, Sejanus Plinth, que carregava o escudo ornamental que a professora Sickle insistia em segurar na foto de turma de cada ano. Fora dado a ela no final da guerra por supervisionar com sucesso os exercícios de segurança durante os bombardeios.

Não foi o escudo que chamou a atenção de Coriolanus, mas o traje de Sejanus, um terno macio cor de carvão com uma camisa branca ofuscante contrabalançada por uma gravata estampada, feita para acrescentar fluidez ao corpo alto e anguloso. O conjunto tinha estilo, ar de novo e cheiro de dinheiro. Lucro de guerra, para ser mais preciso. O pai de Sejanus era um fabricante do Distrito 2 que ficara do lado do presidente. Ele fez uma fortuna tão grande com munições que conseguiu comprar a entrada da sua família para a vida na Capital. Os Plinth agora tinham privilégios que as famílias mais antigas e poderosas só conquistaram ao longo de gerações. Era inédito que Sejanus, um garoto nascido em um distrito, fosse aluno da Academia, mas a doação generosa do pai dele permitiu a reconstrução de boa parte da escola no pós-guerra. Um cidadão nascido na Capital esperaria que um prédio fosse batizado em sua homenagem. O pai de Sejanus só pediu estudo para o filho.

Para Coriolanus, os Plinth e gente como eles eram uma ameaça a tudo que ele amava. Os novos ricos da Capital estavam destruindo a antiga ordem com sua mera presença. Era particularmente irritante porque boa parte da fortuna da família Snow também foi investida em munições… mas no Distrito 13. Seu complexo enorme, quarteirões e mais quarteirões de fábricas e unidades de pesquisa, bombardeado até virar pó. O Distrito 13 sofreu um ataque nuclear e toda a área ainda emitia níveis de radiação que impediam que se vivesse lá. O centro da manufatura militar da Capital mudou para o Distrito 2 e caiu no colo dos Plinth. Quando a notícia da destruição do Distrito 13 chegou à Capital, a avó de Coriolanus tratou a situação publicamente com indiferença, dizendo que era sorte eles terem tantos outros bens. Mas eles não tinham.

Sejanus chegara no parquinho da escola dez anos antes, um garoto tímido e sensível observando com cautela as outras crianças com um par de olhos castanhos sofridos e grandes demais para o rosto tenso. Quando a notícia de que ele tinha vindo de um distrito se espalhou, o primeiro impulso de Coriolanus foi se juntar à campanha dos colegas para tornar a vida do garoto novo um inferno. Mas, pensando melhor, ele o ignorou. Se as outras crianças da Capital entenderam isso como significado de que o pestinha do distrito estava abaixo dele, Sejanus interpretou como decência. Nenhuma interpretação

era a correta, mas ambas reforçavam a imagem de Coriolanus como um sujeito de classe.

Uma mulher de grande estatura, a professora Sickle foi até o círculo de Satyria, espalhando seus inferiores por todo lado.

– Bom dia, professora Click.

– Ah, Agrippina, que bom. Você se lembrou do escudo – disse Satyria, aceitando um aperto de mão firme. – Temo que os jovens de hoje se esqueçam do verdadeiro significado do dia. E, Sejanus. Como você está elegante.

Sejanus ensaiou uma reverência e uma mecha de cabelo caiu em seus olhos. O escudo pesado bateu no peito dele.

– Elegante demais – disse a professora Sickle. – Falei pra ele que, se eu quisesse um pavão, ligava para a loja de animais. Todos deviam estar de uniforme. – Ela olhou para Coriolanus. – Até que isso aí não está horrível. É a camisa velha do uniforme formal do seu pai?

Era? Coriolanus não tinha ideia. Uma lembrança vaga do seu pai com um terno lindo carregado de medalhas passou pela cabeça dele. Ele decidiu aproveitar a deixa.

– Obrigado por reparar, professora. Mandei reformar para que não parecesse que eu tinha estado em combate. Mas eu o queria aqui comigo hoje.

– Muito adequado – disse a professora Sickle. Em seguida, ela voltou a atenção para Satyria e despejou suas opiniões sobre o último envio de Pacificadores, os soldados da nação, para o Distrito 12, onde os mineiros não estavam conseguindo produzir suas cotas.

Com as professoras conversando, Coriolanus indicou o escudo.

– Está malhando esta manhã?

Sejanus abriu um sorriso irônico.

– É sempre uma honra ser útil.

– O trabalho de polimento está excelente – respondeu Coriolanus. Sejanus ficou tenso com a sugestão de que ele era o quê, um puxa-saco? Bajulador? Coriolanus deixou que a tensão se desenvolvesse mais um pouco para dissolvê-la. – Sei bem como é. Eu cuido de todos os cálices de vinho de Satyria.

Sejanus relaxou ao ouvir isso.

– É mesmo?

– Na verdade, não. Mas só porque ela ainda não pensou nisso – disse Coriolanus, variando entre o desdém e a camaradagem.

– A professora Sickle pensa em tudo. Ela nem hesita em me chamar, dia ou noite. – Sejanus pareceu que talvez fosse continuar falando, mas só suspirou. – E, claro, agora que vou me formar, vamos nos mudar pra perto da escola. Momento perfeito, como sempre.

Coriolanus ficou cauteloso de repente.

– Pra onde?

– Algum lugar na Corso. Muitas daquelas casas enormes vão ficar à venda em breve. Os donos não estão podendo pagar os impostos ou algo assim, meu pai disse. – O escudo roçou no chão e Sejanus o levantou.

– Não há impostos para propriedades na Capital. Só nos distritos – disse Coriolanus.

– É uma lei nova – contou Sejanus. – Pra conseguir dinheiro pra reconstruir a cidade.

Coriolanus tentou esconder o pânico que cresceu dentro dele. Uma nova lei. Cobrança de imposto pelo apartamento. De quanto? No momento, eles mal conseguiam sobreviver com a ninharia de Tigris, a pequena pensão militar que sua avó recebia pelo serviço do marido a Panem e os benefícios dele de dependente sendo filho de um herói de guerra morto, que acabariam com a formatura. Se não pudessem pagar os impostos, acabariam perdendo o apartamento? Era tudo o que tinham. Vender o local não ajudaria; ele sabia que sua avó tinha feito empréstimos com cada centavo da propriedade. Se eles vendessem, não sobraria nada. Eles teriam que se mudar para algum bairro obscuro e entrar para a lista imunda de cidadãos comuns, sem status, sem influência, sem dignidade. A desgraça mataria sua avó. Seria mais gentil jogá-la pela janela da cobertura. Pelo menos seria rápido.

– Você está bem? – Sejanus o observou, intrigado. – Você ficou branco como papel.

Coriolanus recuperou a compostura.

– Acho que foi a posca. Deixou meu estômago meio embrulhado.

– É – concordou Sejanus. – Mãezinha sempre me fazia tomar durante a guerra.

Mãezinha? A moradia de Coriolanus seria usurpada por uma pessoa que chamava a mãe de "Mãezinha"? O repolho e a posca ameaçaram reaparecer. Ele respirou fundo e forçou o estômago a segurar, mais ressentido de Sejanus do que quando o bem-alimentado garoto do distrito com o sotaque grosseiro se aproximou dele pela primeira vez, segurando um saco de jujubas.

Coriolanus ouviu um sino tocar e viu seus colegas estudantes convergindo para a frente da plataforma.

– Acho que está na hora de designar tributos a nós – disse Sejanus com voz sombria.

Coriolanus o seguiu até uma seção especial de cadeiras, de seis fileiras por quatro, que tinha sido montada para os mentores. Ele tentou afastar a crise do apartamento da cabeça, concentrar-se na tarefa crucial à frente. Mais do que nunca, era essencial se destacar, e, para se destacar, ele tinha que ser designado para um tributo competitivo.

O reitor Casca Highbottom, o homem creditado pela criação dos Jogos Vorazes, estava supervisionando o programa de mentoria pessoalmente. Ele se apresentou aos alunos com a energia de um sonâmbulo, com olhar vidrado e, como sempre, dopado com morfináceo. Seu físico, antes ótimo, encolhera e agora exibia a pele flácida. A precisão de um corte de cabelo recente e o terno engomado só serviu para arrefecer um pouco o estado deplorável. Por causa de sua fama como inventor dos Jogos, ele ainda mantinha a posição por um triz, mas havia boatos de que o Conselho da Academia estava perdendo a paciência.

– E aí – disse ele, balançando um pedaço de papel amassado acima da cabeça. – Vou ler as coisas agora. – Os alunos fizeram silêncio, se esforçando para ouvi-lo na agitação do salão. – Vou ler um nome e quem vai ficar com ele. Está bom? Está ótimo. Distrito 1, garoto, vai para… – O reitor Highbottom apertou os olhos para o papel num esforço de se concentrar. – Meus óculos – murmurou ele. – Esqueci. – Todo mundo olhou para os óculos, já na ponta do nariz, e esperou que os dedos os encontrassem. – Ah, pronto. Livia Cardew.

O rostinho pontudo de Livia se abriu num sorriso e ela deu um soco de vitória no ar, gritando "Viva!" com a voz aguda. Ela sempre gostara de se gabar. Como se a atribuição fosse resultado de puro merecimento e não tivesse nada a ver com o fato de que sua mãe fosse gerente do maior banco da Capital.

Coriolanus sentiu um desespero crescente conforme o reitor Highbottom foi percorrendo a lista, designando um mentor para cada garoto e garota de distrito. Depois de dez anos, um padrão tinha surgido. Os distritos mais bem alimentados e mais amigos da Capital, o 1 e o 2, produziam mais vitoriosos, os tributos da pesca e da agricultura do 4 e do 11 também sendo bons concorrentes. Coriolanus esperava pegar alguém do 1 ou do 2, mas nenhum deles foi designado para ele, o que se tornou ainda mais insultante quando Sejanus levou o garoto do Distrito 2. O Distrito 4 passou sem seu nome ser mencionado, e sua última chance real de alguém vitorioso, o garoto do Distrito 11, foi designado para Clemensia Dovecote, filha do secretário de energias. Diferentemente de Livia, Clemensia recebeu a notícia de sua sorte com tato, jogando o cabelo preto para trás do ombro enquanto anotava com concentração o tributo no fichário.

Havia algo errado quando um Snow, que por acaso também era um dos melhores alunos da Academia, passava sem reconhecimento. Coriolanus estava começando a pensar que tinha sido esquecido (será que lhe dariam uma posição especial?) quando, para seu horror, ele ouviu o reitor Highbottom murmurar:

– E finalmente, mas não menos importante, a garota do Distrito 12… ela pertence a Coriolanus Snow.



A garota do Distrito 12? Poderia haver maior tapa na cara? O Distrito 12, o menor distrito, o distrito piada, com adolescentes atrofiados de juntas inchadas que sempre morriam nos primeiros cinco minutos, e não só isso… mas a garota? Não que uma garota não pudesse vencer, mas na cabeça dele os Jogos Vorazes eram mais sobre força bruta, e as garotas eram naturalmente menores do que os garotos, portanto, estavam em desvantagem. Coriolanus nunca tinha sido um dos favoritos do reitor Casca Highbottom, que ele chamava de brincadeira de Chapa Highbottom entre os amigos, mas não esperava uma humilhação pública daquela. Teria o apelido chegado a ele? Ou era só reconhecimento de que, na nova ordem mundial, os Snow estavam caindo na insignificância?

Ele sentiu o sangue quente nas bochechas enquanto tentava permanecer composto. A maioria dos outros alunos tinha se levantado e estava conversando. Ele devia se juntar a eles, fingir que não havia nada de mais, mas parecia incapaz de se mover. O máximo que ele conseguiu foi virar a cabeça para a direita, onde Sejanus ainda estava sentado ao lado dele. Coriolanus abriu a boca para parabenizá-lo, mas parou ao ver a infelicidade mal disfarçada no rosto do outro garoto.

– O que foi? – perguntou ele. – Você não está feliz? O Distrito 2, o garoto… é o que há de mais robusto na ninhada.

– Você esqueceu. Sou parte da ninhada – disse Sejanus com voz rouca.

Coriolanus parou para refletir. Então dez anos de Capital e a vida privilegiada que a cidade oferecia foram desperdiçados em Sejanus. Ele ainda se

via como cidadão de distrito. Besteira sentimental.

Sejanus franziu a testa com consternação.

– Tenho certeza de que meu pai pediu. Ele está sempre tentando fazer a minha cabeça.

Sem dúvida, pensou Coriolanus. Os bolsos fundos e a influência do velho Strabo Plinth eram respeitados mesmo que a sua linhagem não fosse. E embora as mentorias devessem ser baseadas em mérito, alguns pauzinhos tinham sido mexidos.

A plateia havia se acomodado em cadeiras agora. No fundo da plataforma, as cortinas se abriram e revelaram uma tela do chão ao teto. A colheita era exibida ao vivo de cada distrito, indo da costa leste para a oeste, e transmitida por todo o país. Isso queria dizer que o Distrito 12 daria início ao dia. Todos se ergueram quando a insígnia de Panem ocupou a tela, acompanhada do hino da Capital.

Pérola de Panem
Cidade majestosa,
Com o passar dos anos, você brilha mais.

Alguns dos alunos tiveram dificuldade com a letra, mas Coriolanus, que ouvia a avó cantá-la diariamente havia anos, cantou os três versos em voz alta, ganhando alguns acenos de aprovação. Era patético, mas ele precisava de toda aprovação que pudesse obter.

A insígnia se dissolveu e o presidente Ravinstill apareceu, o cabelo com mechas grisalhas, vestindo o uniforme militar pré-guerra para lembrar que ele já controlava os distritos bem antes dos Dias Escuros da rebelião. Ele recitou uma breve passagem do Tratado da Traição, que declarava os Jogos Vorazes como reparação de guerra, vidas jovens dos distritos tiradas pelas vidas jovens da Capital que foram perdidas. O preço da traição dos rebeldes.

Os Idealizadores dos Jogos cortaram a imagem para a praça sombria do Distrito 12, onde um palco temporário, agora ocupado por Pacificadores, tinha sido montado na frente do Edifício da Justiça. O prefeito Lipp, um homem sardento com um terno terrivelmente ultrapassado, estava entre dois sacos de

aniagem. Ele enfiou a mão fundo no saco à esquerda, tirou um pedaço de papel e nem olhou direito.

– A garota que vai ser tributo do Distrito 12 é Lucy Gray Baird – disse ele no microfone. A câmera virou para a multidão de rostos cinzentos e famintos com roupas cinzentas e amorfas, procurando o tributo. A câmera fechou numa agitação, garotas se afastando da infeliz escolhida.

A plateia soltou um murmúrio surpreso ao vê-la.

Lucy Gray Baird estava ereta com um vestido feito de babados da cor do arco-íris, agora puído, mas que já tinha sido elegante. O cabelo escuro e cacheado estava preso no alto e entremeado por flores selvagens. A imagem colorida atraía atenção, assim como uma borboleta maltratada em um campo de mariposas. Ela não foi direto para o palco, mas começou a andar entre as meninas para a direita.

Aconteceu rápido. Ela enfiou a mão nos babados do quadril, uma coisa verde foi transportada do bolso para dentro da gola da blusa de uma ruiva com expressão debochada, a saia balançando conforme ela andava. O foco ficou na vítima, o sorrisinho mudando para uma expressão de horror, os gritos quando ela caiu no chão, batendo nas roupas, os berros do prefeito. E, ao fundo, a agressora ainda andando, ainda deslizando a caminho do palco, sem olhar para trás uma vez sequer.

Heavensbee Hall ganhou vida com as pessoas cutucando seus vizinhos.

– *Viu aquilo?*

– *O que ela jogou dentro do vestido da outra?*

– *Um lagarto?*

– *Eu vi uma serpente!*

– *Ela a matou?*

Coriolanus observou as pessoas ao redor e teve uma fagulha de esperança. Seu tributo improvável, o desperdício do seu talento, seu insulto, tinha capturado a atenção da Capital. Isso era bom, não era? Com sua ajuda, talvez ela pudesse sustentar essa atenção, e ele talvez pudesse transformar a desgraça em uma exibição respeitável. De qualquer modo, os destinos deles estavam irrevogavelmente ligados.

Na tela, o prefeito Lipp desceu a escada do palco correndo, abrindo caminho entre as garotas reunidas para chegar à caída no chão.

– Mayfair? Mayfair? – gritou ele. – Minha filha precisa de ajuda!

Um círculo tinha se formado em volta dela, mas as poucas tentativas desanimadas de ajudá-la foram bloqueadas pelos membros em convulsão da garota. O prefeito entrou na clareira na hora que uma serpente pequena e verde iridescente saiu das dobras do vestido e foi na direção da multidão, gerando gritos e uma agitação para fugir dela. O afastamento da serpente acalmou Mayfair, mas a consternação foi substituída na mesma hora por constrangimento. Ela olhou direto para a câmera ao se dar conta de que todos os cidadãos de Panem estavam olhando. Uma das mãos tentou ajeitar um laço que entortara no cabelo dela, a outra foi direto para a roupa, imunda com o onipresente pó de carvão e rasgada após sua reação. Quando o pai a ajudou a se levantar, ficou evidente que ela tinha se urinado. Ele tirou o paletó para enrolar nela e a entregou à escolta de um Pacificador. O prefeito voltou para o palco e grudou um olhar assassino para o mais novo tributo do Distrito 12.

Enquanto Coriolanus via Lucy Gray Baird subir ao palco, ele sentiu uma pontada de inquietação. Seria ela mentalmente instável? Havia algo vagamente familiar e perturbador nela. As fileiras de rosa-framboesa, azul-royal e amarelo-narciso nos babados…

– Ela parece uma artista de circo – comentou uma das garotas. Os outros mentores fizeram sons de concordância.

Era isso. Coriolanus procurou na memória os circos de sua infância. Malabaristas e acrobatas, palhaços e garotas dançando com vestidos armados, girando enquanto seu cérebro vibrava com a euforia do açúcar do algodão-doce. O fato de seu tributo ter escolhido um traje tão festivo para o evento mais sombrio do ano demonstrava uma estranheza que ia além de um simples julgamento.

O tempo designado para a colheita do Distrito 12 já tinha passado, sem dúvida, mas ainda faltava o tributo masculino. Mesmo assim, quando o prefeito Lipp voltou ao palco, ele ignorou os sacos com os nomes, foi direto até a garota tributo e bateu na cara dela com tanta força que ela caiu de joelhos. Ele tinha levantado a mão para bater de novo quando dois Pacificadores

intervieram, segurando os braços dele e tentando redirecioná-lo ao que precisava ser feito. Como ele resistiu, eles o arrastaram até o Edifício da Justiça, fazendo com que o processo todo fosse interrompido.

A atenção se voltou para a garota no palco. Quando a câmera focou nela, Coriolanus não se tranquilizou em relação à sanidade de Lucy Gray Baird. Ele não fazia ideia de onde ela tinha conseguido maquiagem, pois mal começava a ficar acessível novamente na Capital, mas os olhos dela estavam com sombra azul e delineados de preto, as bochechas rosadas e os lábios pintados de um vermelho meio oleoso. Na Capital, teria sido ousadia. No Distrito 12, parecia excessivo. Era impossível afastar o olhar dela, passando a mão pela saia, ajeitando compulsivamente os babados. Só depois de garantir que estavam arrumados foi que ela levantou a mão para tocar na marca que tinha na bochecha. O lábio inferior tremia de leve e os olhos brilhavam com lágrimas que ameaçavam cair.

– Não chore – sussurrou Coriolanus. Ele percebeu e olhou ao redor com nervosismo, mas encontrou os outros alunos paralisados. Seus rostos exibiam preocupação. Ela tinha ganhado a solidariedade deles, apesar da estranheza. Eles não tinham ideia de quem ela era e nem por que tinha atacado Mayfair, mas quem não conseguia ver que a coisinha debochada era maldosa e que o pai dela era um bruto que batera numa garota que tinha acabado de sentenciar à morte?

– Aposto que o sorteio foi alterado – disse Sejanus baixinho. – Não era o nome dela naquele papel.

Na hora que a garota ia perder a batalha contra as lágrimas, uma coisa estranha aconteceu. De algum lugar na multidão, uma voz começou a cantar. Uma voz jovem, que podia pertencer a um menino ou a uma menina, mas com um tom tal que se espalhou pela praça silenciosa.

Você não tira meu passado.
Não tira minha história.

Um sopro de vento chegou ao palco, e a garota levantou a cabeça lentamente. Em algum lugar na plateia, uma voz mais grave, distintamente

masculina, cantou:

Pode ter tirado meu pai,
Mas o nome dele está na memória.

A sombra de um sorriso surgiu nos lábios de Lucy Gray Baird. Ela se levantou de repente, foi até o centro do palco, pegou o microfone e cantou:

Nada que você possa tirar de mim merecia
ser guardado.

Ela enfiou a mão livre nos babados da saia, empurrou tudo para o lado, e tudo começou a fazer sentido: a fantasia, a maquiagem, o cabelo. Fosse ela quem fosse, tinha se vestido para uma apresentação. Tinha uma bela voz, forte e clara nas notas altas, rouca e intensa nas baixas, e se movia com segurança.

Você não tira meu charme.
Não tira meu humor.
Não tira minha riqueza,
Porque isso é só rumor.
Nada que você possa tirar de mim merecia
ser guardado.

Cantar a transformou, e Coriolanus não a achou mais desconcertante. Havia algo de empolgante e até de atraente nela. A câmera a envolveu quando ela foi até a frente do palco e se inclinou na direção da plateia, doce e insolente.

Se acha muito melhor.
Acha que é superior.
Acha que pode ser opressivo.
Acha que pode me mudar, talvez transformar.
Repense o objetivo,
Porque…

E ela começou a andar, a desfilar pelo palco, passando pelos Pacificadores, alguns com dificuldade de segurar o sorriso. Ninguém se mexeu para fazê-la parar.

Você não tira minha audácia.
Não me impede de falar.
Pode usar suas falácias
E tomar naquele lugar.
Nada que você possa tirar de mim merecia
ser guardado.

As portas do Edifício da Justiça se abriram e os Pacificadores que tinham levado o prefeito voltaram para o palco. A garota estava virada para a frente, mas deu para perceber quando ela registrou a chegada deles. Ela foi para o outro lado do palco para o grande final.

Não, senhor,
Nada que você possa tirar de mim vale lamentar.
Pode pegar, eu dou de graça. Não vai machucar.
Nada que você possa tirar de mim merecia ser
guardado!

Ela conseguiu jogar um beijo antes que a alcançassem.

– Meus amigos me chamam de Lucy Gray. Espero que vocês façam o mesmo! – gritou ela. Um dos Pacificadores tirou o microfone da mão dela enquanto o outro a pegava no colo e carregava para o meio do palco. Ela acenou como se estivesse sendo aplaudida e não sendo recebida por um silêncio mortal.

Por alguns momentos, todos em Heavensbee Hall também ficaram em silêncio. Coriolanus se questionou se, como ele, os outros estavam torcendo para que ela continuasse cantando. De repente, todos começaram a falar, primeiro sobre a garota, depois sobre quem teve a sorte de ficar com ela. Os outros alunos estavam virando a cabeça em sua direção, alguns fazendo sinal de

positivo, outros lançando olhares ressentidos. Ele balançou a cabeça com incompreensão, mas por dentro estava vibrando. Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo.

Os Pacificadores levaram o prefeito de volta e se colocaram de ambos os lados dele para evitar mais conflitos. Lucy Gray ignorou o seu retorno depois de, ao que parecia, ter recuperado a pose cantando. O prefeito olhou com raiva para a câmera enquanto enfiava a mão no segundo saco e tirava vários pedaços de papel. Alguns caíram no palco e ele leu o que restou.

– O garoto do Distrito 12 é Jessup Diggs.

Os adolescentes na praça se moveram e abriram caminho para Jessup, um garoto com uma franja preta grudada na testa proeminente. No que dizia respeito aos tributos do Distrito 12, ele era um ótimo exemplar, maior do que a maioria e de aparência forte. A sujeira dava a entender que ele já trabalhava nas minas. Uma tentativa pífia de se lavar tinha revelado uma forma oval relativamente limpa no meio da cara dele, mas imundice escura circundava o restante de seu rosto, e havia pó de carvão em suas unhas. Desajeitado, ele subiu a escada e assumiu seu lugar. Quando se aproximou do prefeito, Lucy Gray se adiantou e esticou a mão. O garoto hesitou, mas retribuiu o gesto e aceitou a dela. Lucy Gray passou pela frente dele, trocou a mão direita pela esquerda, e eles ficaram lado a lado, de mãos dadas, quando ela fez uma reverência profunda, levando o garoto a se curvar. Uma onda de aplauso e um único grito soaram na multidão do Distrito 12 antes dos Pacificadores se aproximarem e a transmissão da colheita cortar para o Distrito 8.

Coriolanus agiu como se estivesse atento à transmissão conforme foram sorteando os tributos do 8, do 6 e do 11, mas seu cérebro estava girando com as repercussões de ele ter ficado com Lucy Gray Baird. Ela era um presente, ele sabia, e devia tratá-la como tal. Mas como explorar melhor aquela entrada impressionante? Como arrancar sucesso de um vestido, uma serpente, uma música? Os tributos ganhariam um tempo curto e precioso com os espectadores antes dos Jogos começarem. Como ele poderia fazer que as pessoas investissem nela e, por extensão, nele, só com uma entrevista? Ele registrou sem muita atenção os demais tributos, a maioria criaturas dignas de pena, e registrou os mais fortes. Sejanus ficou com um sujeito enorme do

Distrito 2, e o garoto de Livia do Distrito 1 tinha jeito de ser um competidor difícil. A garota de Coriolanus parecia saudável, mas o corpo magro era mais adequado à dança do que ao combate direto. Mas ele tinha certeza de que ela era capaz de correr rápido e isso era importante.

Quando a colheita foi se encaminhando para o fim, o cheiro de comida do bufê se espalhou pela plateia. Pão quentinho. Cebola. Carne. Coriolanus não conseguiu impedir o estômago de roncar e arriscou alguns goles de posca para sossegá-lo. Sentia-se energizado, de cabeça leve e faminto. Depois que a tela ficou preta, ele precisou de toda disciplina do mundo para não sair correndo para o bufê.

A dança infinita com a fome definia sua vida. Não nos primeiros anos, antes da guerra, mas todos os dias depois foram uma batalha, uma negociação, um jogo. Qual era a melhor forma de afastar a fome? Comer toda a comida em uma refeição? Dividir ao longo do dia em pequenas porções? Engolir tudo rapidamente ou mastigar cada pedacinho até virar líquido? Era tudo um jogo mental para se distrair do fato de que nunca era suficiente. Ninguém nunca o deixava comer o suficiente.

Durante a guerra, os rebeldes controlaram os distritos que produziam alimentos. Ao tirar isso do controle da Capital, eles tentaram fazer com que a Capital se submetesse passando fome, usando a comida (ou a falta dela) como arma. Agora, a mesa tinha virado de novo, com a Capital controlando o fornecimento e indo além, girando a faca no coração dos distritos com os Jogos Vorazes. Em meio à violência dos Jogos, havia uma agonia silenciosa que todos em Panem tinham sentido, o desespero por sustento suficiente para aguentar até o próximo nascer do sol.

Esse desespero transformou cidadãos proeminentes da Capital em monstros. Pessoas que caíram mortas de fome nas ruas se tornaram parte de uma cadeia alimentar hedionda. Em uma noite de inverno, Coriolanus e Tigris saíram do apartamento para pegar umas caixas de madeira que eles tinham visto mais cedo no beco. No caminho, passaram por três corpos e reconheceram um como de uma jovem empregada que servia chá muito bem nas reuniões vespertinas dos Crane. Uma neve pesada e úmida começou a cair e eles acharam que as ruas estavam desertas, mas, no caminho de casa, uma figura

encolhida os fez se esconderem correndo atrás de uma cerca-viva. Eles viram seu vizinho, Nero Price, um titã da indústria ferroviária, cortar uma perna da empregada, serrando-a com uma faca assustadora até o membro se soltar. Ele a embrulhou na saia que arrancou da cintura dela e saiu correndo pela rua lateral que levava à sua casa. Os primos nunca falaram daquilo, nem um com o outro, mas estava marcado na memória de Coriolanus. A selvageria que distorcia o rosto de Price, o tornozelo branco, o sapato preto velho na ponta do membro cortado e o horror absoluto de se dar conta de que ele também agora era visto como comestível.

Coriolanus creditou sua sobrevivência literal e moral à visão de vanguarda da avó no começo da guerra. Seus pais estavam mortos, Tigris também era órfã, e as duas crianças viviam com a avó. Os rebeldes vinham fazendo um progresso lento e firme até a Capital, embora a arrogância impedisse que essa realidade fosse amplamente reconhecida na cidade. A falta de comida exigia que até os ricos procurassem certos alimentos no mercado clandestino. Foi assim que Coriolanus se viu na porta dos fundos de uma casa noturna, outrora da moda, em um fim de tarde do final de outubro, segurando de um lado a alça de um carrinho de mão vermelho e, do outro, a mão enluvada da avó. Havia um toque gelado no ar que trazia um aviso ameaçador do inverno e um cobertor de nuvens cinzentas e sombrias no céu. Eles tinham ido ver Pluribus Bell, um homem idoso com óculos cor de limão e uma peruca branca empoada que ia até a cintura. Ele e seu companheiro, Cyrus, um músico, eram donos da casa noturna fechada e agora se sustentavam traficando bens pelo beco dos fundos. Os Snow tinham ido pegar uma caixa de leite enlatado, pois o fresco já havia desaparecido semanas antes, mas Pluribus disse que vendera tudo. O que tinha acabado de chegar eram caixas de feijão-manteiga desidratado, que estavam em uma pilha alta no palco espelhado atrás dele.

– Vão durar anos – prometeu Pluribus à avó dele. – Planejo separar uns vinte para uso pessoal.

A avó de Coriolanus riu.

– Que horror.

– Não, querida. Horror é o que acontece sem isso – disse Pluribus.

Ele não elaborou, mas a avó parou de rir. Ela lançou um olhar a Coriolanus e apertou a mão dele por um segundo. Pareceu involuntário, quase um espasmo. Ela olhou para as caixas e deu a impressão de estar decidindo algo.

– Quantas você pode ceder? – perguntou ela ao dono da casa noturna.

Coriolanus levou uma caixa para casa no carrinho, e as outras vinte e nove chegaram no meio da noite, pois estocar era tecnicamente ilegal. Cyrus e um amigo levaram as caixas escada acima e as empilharam no meio da sala luxuosamente mobiliada. No alto da pilha, colocaram uma única lata de leite, com os cumprimentos de Pluribus, e deram boa-noite a todos. Coriolanus e Tigris ajudaram a avó a escondê-las em armários, em guarda-roupas chiques, até no velho relógio.

– Quem vai comer isso tudo? – perguntou ele. Naquela época, ainda havia bacon na vida dele, frango e um assado ocasional. O leite era raro, mas o queijo era abundante, e algum tipo de sobremesa era certo no jantar, mesmo que fosse só pão com geleia.

– Nós vamos comer um pouco. Talvez possamos trocar um pouco – disse sua avó. – Vão ser nosso segredo.

– Não gosto de feijão-manteiga. – Coriolanus fez beicinho. – Pelo menos, acho que não gosto.

– Bom, vamos pedir ao cozinheiro para encontrar uma boa receita – disse sua avó.

Mas o cozinheiro foi chamado para servir na guerra e morreu de gripe. E sua avó nem sabia ligar o fogão, menos ainda seguir uma receita. Ficou para Tigris, com oito anos, a tarefa de ferver o feijão até virar um caldo grosso, depois uma sopa, depois um caldo aguado, o que os sustentaria durante a guerra. Feijão-manteiga. Repolho. A provisão de pão. Eles viveram disso, um dia após o outro, por anos. Claro que atrapalhou o crescimento dele. Sem dúvida ele teria sido mais alto e com ombros mais largos se tivesse mais comida. Mas seu cérebro se desenvolveu direito; pelo menos, ele esperava que sim. Feijão, repolho, pão preto. Coriolanus passou a odiar isso tudo, mas foi o que o manteve vivo, sem humilhação e sem ter que canibalizar os corpos nas ruas.

Coriolanus engoliu a saliva que inundava sua boca ao esticar a mão para o prato com bordas douradas e o emblema da Academia. Nem nos piores dias a Capital abriu mão da louça chique, e ele comera muitas folhas de repolho em pratos caros em casa. Ele pegou um guardanapo de linho, um garfo, uma faca. Ao levantar a tampa da primeira travessa aquecida de prata, o vapor banhou seus lábios. Cebolas cremosas. Ele pegou uma colherada modesta e tentou não babar. Batatas cozidas. Abobrinha. Presunto assado. Pães quentes e um pouco de manteiga. Pensando bem, um pouco mais. O prato cheio, mas não desesperado. Não para um garoto adolescente.

Ele colocou o prato na mesa ao lado de Clemensia e foi pegar a sobremesa num carrinho, porque no ano anterior acabou rápido e ele ficou sem comer tapioca. Seu coração deu um pulinho quando ele viu fileiras de tortas, cada uma decorada com uma bandeira de papel com a insígnia de Panem. Torta! Qual tinha sido a última vez que ele comera uma? Estava pegando um pedaço médio quando alguém enfiou um prato com uma fatia enorme embaixo do nariz dele.

– Ah, pega um pedaço grande. Um garoto em fase de crescimento como você aguenta.

Os olhos do reitor Highbottom estavam úmidos, mas tinham perdido o olhar vidrado da manhã. Na verdade, estavam examinando Coriolanus com uma profundidade inesperada.

Ele pegou o prato de torta com um sorriso que esperava ser simpático e jovial.

– Obrigado, senhor. Sempre há espaço para torta.

– Sim, prazeres nunca são difíceis de acrescentar – disse o reitor. – Ninguém saberia melhor do que eu.

– Imagino que não, senhor. – Isso saiu meio errado. Ele pretendia concordar com a parte sobre prazeres, mas pareceu um comentário irônico sobre a personalidade do reitor.

– Você imagina que não. – Os olhos do reitor Highbottom se apertaram enquanto ele continuava encarando Coriolanus. – E quais são seus planos, Coriolanus, depois dos Jogos?

– Eu pretendo ir para a Universidade – respondeu ele. Que pergunta estranha. Seu boletim acadêmico devia deixar aquilo claro.

– Sim, eu vi seu nome entre os concorrentes aos prêmios – disse o reitor Highbottom. – Mas e se você não ganhar um?

Coriolanus gaguejou:

– Bom, nós… nós pagaríamos pelos estudos, claro.

– Pagariam? – O reitor Highbottom riu. – Olha só pra você, com sua camisa improvisada e sapatos apertados, tentando manter as aparências. Andando todo altivo pela Capital, embora eu duvide que os Snow tenham sequer um penico. Mesmo com o prêmio, seria difícil, e você ainda não ganhou, não é? O que aconteceria com você, eu me pergunto? O quê?

Coriolanus não pôde evitar um olhar ao redor para ver quem mais tinha ouvido as palavras terríveis, mas a maioria das pessoas estava envolvida em conversas durante a refeição.

– Não se preocupe… ninguém sabe. Bom, quase ninguém. Aprecie a torta, garoto. – O reitor Highbottom saiu andando sem pegar um pedaço.

Coriolanus só queria largar a torta e fugir para a saída, mas botou a fatia enorme de volta no carrinho com cuidado. O apelido. Só podia ser porque o apelido tinha chegado ao reitor Highbottom, com Coriolanus levando o crédito. Foi burrice da parte dele. O reitor era uma pessoa poderosa demais, mesmo agora, para ser ridicularizado em público. Mas era mesmo uma coisa tão horrível? Todos os professores tinham pelo menos um apelido, muitos bem menos lisonjeiros. E o Chapa Highbottom não tinha se esforçado muito para esconder os vícios. Ele parecia convidar o desprezo. Poderia haver algum outro motivo para ele odiar tanto Coriolanus?

Seja lá o que fosse, Coriolanus precisava consertar. Ele não podia correr o risco de perder o prêmio por uma coisa assim. Depois da Universidade, planejava enveredar por alguma profissão lucrativa. Sem estudos, que portas se abririam para ele? Tentou imaginar seu futuro em uma posição humilde na cidade… fazendo o quê? Gerenciando a distribuição de carvão nos distritos? Limpando jaulas de aberrações genéticas no laboratório de bestantes? Recolhendo os impostos de Sejanus Plinth em seu apartamento palaciano na Corso enquanto ele mesmo morava em um buraco de rato a uns cinquenta

quarteirões de lá? Isso se ele tivesse sorte! Era difícil conseguir emprego na Capital, e ele seria um formado pela Academia sem dinheiro, nada mais do que isso. Como viveria? Pegando empréstimos? Ter dívidas com a Capital era historicamente uma passagem para se tornar Pacificador, e isso vinha com um compromisso de vinte anos em sabe-se lá onde. Ele seria enviado para algum distrito distante horrível, onde as pessoas não passavam de animais.

O dia, que era tão promissor, desmoronou em volta dele. Primeiro, a ameaça de perder o apartamento, depois a atribuição ao tributo mais fraco (que, refletindo melhor, era definitivamente maluca) e agora a revelação de que o reitor Highbottom o detestava a ponto de acabar com as chances dele ao prêmio e o condenar a uma vida nos distritos!

Todo mundo sabia o que acontecia quando se ia para os distritos. Você era apagado. Esquecido. Aos olhos da Capital, estava basicamente morto.



Coriolanus estava na plataforma de trem vazia esperando a chegada do seu tributo, com uma rosa branca de caule longo equilibrada com cuidado entre o polegar e o indicador. Tinha sido ideia de Tigris levar um presente. Ela havia chegado em casa tarde na noite da colheita, mas ele esperou acordado para se consultar com ela, para contar sobre suas humilhações e medos. Tigris se recusou a deixar a conversa se encaminhar para o desespero. Coriolanus receberia um prêmio; tinha que receber! E teria uma carreira universitária brilhante. Quanto ao apartamento, eles precisavam descobrir os detalhes específicos primeiro. Talvez o imposto não os afetasse, ou, mesmo que afetasse, talvez não fosse tão rápido. Talvez pudessem angariar o suficiente para os impostos. Mas ele não devia pensar em nada daquilo. Só nos Jogos Vorazes e em como torná-los um sucesso.

Na festa da colheita de Fabricia, Tigris disse que todo mundo ficou louco por Lucy Gray Baird. O tributo dele tinha "ar de estrela", os amigos dela declararam enquanto tomavam posca, embriagados. Os primos concordaram que ele precisava causar uma boa primeira impressão na garota para ela ficar disposta a trabalhar com ele. Ele devia tratá-la não como prisioneira condenada, mas como hóspede. Coriolanus decidiu recebê-la cedo na estação de trem. Daria vantagem a ele na tarefa, além de uma oportunidade de conquistar a confiança dela.

– Imagine como ela deve estar apavorada, Coryo – dissera Tigris. – Como deve se sentir sozinha. Se fosse eu, qualquer coisa que você fizesse que desse a entender que você gosta de mim seria ótimo. Não, mais do que isso. Que eu

tenho valor. Leve alguma coisa pra ela, uma lembrancinha, que mostre que você a valoriza.

Coriolanus pensou nas rosas da avó, que ainda eram apreciadas na Capital. A velha senhora cuidava arduamente delas no jardim de telhado que acompanhava a cobertura, tanto na parte externa quanto em uma pequena estufa. Mas ela distribuía as rosas como se fossem diamantes, e ele precisou de muita persuasão para obter aquela belezinha. "Eu preciso me conectar com ela. Como você sempre diz, suas rosas abrem qualquer porta." O fato de sua avó permitir foi testemunho do quanto ela estava preocupada com a situação deles.

Dois dias tinham se passado desde a colheita. A cidade continuava sofrendo com o calor opressivo, e apesar de ter acabado de amanhecer, a estação de trem começava a ferver. Coriolanus se sentiu exposto demais na plataforma ampla e deserta, mas não podia correr o risco de perder o trem. A única informação que conseguiu tirar do vizinho do andar de baixo, Remus Dolittle, um Idealizador dos Jogos em treinamento, era que chegaria na quarta-feira. Remus tinha se formado na Universidade havia pouco tempo, e sua família pedira todos os favores que podia para conseguir aquele cargo para ele, que pagava o suficiente e oferecia uma boa oportunidade de futuro. Coriolanus poderia ter tentado conseguir a informação pela Academia, mas não sabia se esperar o trem seria algo visto como ruim. Não havia regras propriamente, mas ele achava que a maioria dos colegas esperaria para conhecer os tributos em uma sessão supervisionada pela Academia no dia seguinte.

Uma hora se passou, duas, e nenhum tipo de trem apareceu. O sol entrava pelas vidraças do teto da estação. O suor escorria pelas suas costas, e a rosa, tão majestosa de manhã, começou a se curvar de resignação. Ele se perguntou se a ideia tinha sido ruim e se ele não receberia nenhum tipo de agradecimento por recebê-la assim. Uma outra garota, uma típica, ficaria impressionada, mas não havia nada de típico em Lucy Gray Baird. Na verdade, havia algo de intimidador numa garota capaz de fazer uma apresentação tão ousada logo depois de uma agressão do prefeito. E isso logo após jogar uma cobra venenosa dentro do vestido de outra garota. Claro que ele não sabia se era venenosa, mas era isso o que se pensava automaticamente, não? A garota era apavorante, na verdade. E ali estava ele, de uniforme, segurando uma rosa como um estudante

apaixonado, esperando que ela… o quê? Gostasse dele? Confiasse nele? Não o matasse à primeira vista?

A cooperação dela era imperativa. No dia anterior, Satyria fizera uma reunião de mentoria em que a primeira tarefa deles foi detalhada. Antigamente, os tributos iam diretamente para a arena, na manhã seguinte ao dia em que chegavam à Capital, mas o tempo tinha sido estendido agora que os alunos da Academia estavam envolvidos. Fora decidido que cada mentor entrevistaria seu tributo e teria cinco minutos para apresentá-los a Panem em um programa de televisão ao vivo. Se as pessoas tivessem alguém por quem torcer, talvez acabassem se interessando por assistir aos Jogos Vorazes. Se tudo corresse bem, seria uma programação de horário nobre; os mentores talvez fossem até convidados para comentar sobre seus tributos durante os Jogos. Coriolanus prometeu a si mesmo que seus cinco minutos seriam o destaque da noite.

Mais uma hora se passou e ele estava pronto para desistir quando um apito de trem soou no túnel. Nos primeiros meses da guerra, o apito sinalizava a chegada do seu pai do campo de batalha. Seu pai achava que, como magnata das munições, o serviço militar incrementava sua legitimidade no negócio da família. Com uma cabeça excelente para estratégia, nervos de aço e uma presença dominante, ele subiu rápido de patente. Para exibir publicamente seu compromisso com a causa da Capital, a família Snow inteira ia para a estação, Coriolanus de terno de veludo, para esperar a volta do homem grandioso. Até o dia em que o trem só trouxe a notícia de que uma bala rebelde tinha encontrado o alvo. Era difícil encontrar na Capital um local que não fosse ligado a uma lembrança terrível, mas aquela era particularmente ruim. Ele não podia dizer que sentia um grande amor pelo homem distante e severo, mas certamente se sentia protegido por ele. Sua morte era associada a um medo e uma vulnerabilidade que Coriolanus nunca conseguiu afastar.

O apito soou quando o trem entrou na estação e parou. Era um trem curto, só locomotiva e dois vagões. Coriolanus procurou um vislumbre de seu tributo nas janelas, mas percebeu que os vagões não tinham nenhuma. Tinham sido feitos para levar carga, e não passageiros. Correntes pesadas de metal seladas por cadeados antiquados mantinham a mercadoria contida.

Trem errado, pensou ele. *Melhor ir para casa*. Mas um grito distintamente humano soou em um dos vagões de carga e ele ficou no lugar.

Ele esperava uma correria de Pacificadores, mas o trem ficou parado e foi ignorado por vinte minutos até que alguns seguiram até os trilhos. Um trocou palavras com um condutor escondido, e um chaveiro foi jogado pela janela. O Pacificador não se apressou para andar até o primeiro vagão e foi virando as chaves até selecionar uma, enfiá-la no cadeado e girar. O cadeado e as correntes caíram e ele empurrou a porta pesada para trás. O vagão parecia vazio. O Pacificador tirou o cassetete e bateu na moldura da porta.

– Muito bem, pessoal, vamos!

Um garoto alto de pele escura e roupas de aniagem costurada apareceu na porta. Coriolanus o reconheceu como o tributo de Clemensia, do Distrito 11, esguio e musculoso. Uma garota com o mesmo tom de pele, mas de corpo esquelético e com uma tosse seca, se juntou a ele. Os dois estavam descalços e com as mãos algemadas na frente do corpo. Era uma queda de um metro e meio até o chão, por isso ambos se sentaram na beirada do vagão antes de pular desajeitados na plataforma. Uma garota pequena de rosto pálido de vestido listrado e lenço vermelho engatinhou até a porta, mas pareceu não conseguir decidir como cobrir a distância até o chão. O Pacificador a puxou e ela caiu com força, quase sem conseguir amortecer a queda por causa das mãos presas. Ele enfiou a mão no vagão e puxou um garoto que parecia ter dez anos, mas tinha que ter pelo menos doze, e o jogou na plataforma também.

Àquela altura, o cheiro azedo e forte de bosta do vagão tinha chegado a Coriolanus. Estavam transportando os tributos em vagões de gado que nem estavam muito limpos. Ele se perguntou se eles tinham sido alimentados e se puderam sair para tomar ar fresco ou se simplesmente os trancaram lá dentro depois da colheita. Do jeito como se acostumara a ver os tributos na tela, ele não tinha se preparado adequadamente para aquele encontro em carne e osso, e uma onda de pena e repulsa tomou conta dele. Eram mesmo criaturas de outro mundo. Um mundo desesperado e brutal.

O Pacificador foi para o segundo vagão e soltou as correntes. A porta deslizou e revelou Jessup, o tributo masculino do Distrito 12, com os olhos apertados por causa da estação iluminada. Coriolanus sentiu um tremor

percorrer o corpo e se empertigou de expectativa. Certamente ela estaria com ele. Jessup pulou com rigidez no chão e se virou para o trem.

Lucy Gray Baird apareceu na luz, as mãos algemadas cobrindo parcialmente os olhos enquanto se ajustavam. Jessup levantou os braços, os pulsos tão distantes um do outro quanto a corrente permitia, e ela caiu para a frente e o deixou segurá-la pela cintura e a colocar no chão com um gesto surpreendentemente gracioso. Ela deu um tapinha na manga do garoto em agradecimento e inclinou a cabeça para trás para absorver a luz do sol que entrava na estação. Seus dedos começaram a ajeitar os cachos, desemaranhando os nós e tirando pedaços de palha.

Coriolanus voltou a atenção para os Pacificadores por um momento, que estavam gritando ameaças para o vagão. Quando voltou o olhar, Lucy Gray estava olhando diretamente para ele. Ele teve um pequeno sobressalto, mas lembrou que era o único na plataforma além dos Pacificadores. Os soldados xingavam palavrões enquanto um era levantado para dentro do vagão para buscar os tributos relutantes.

Era agora ou nunca.

Ele foi até Lucy Gray, ofereceu a rosa e deu um pequeno aceno.

– Bem-vinda à Capital – disse ele. Sua voz soou um pouco rouca, como se ele não falasse havia horas, mas ele achou que lhe rendeu uma boa impressão de maturidade.

A garota o avaliou, e por um minuto ele teve medo de ela sair andando ou, pior, de rir dele. Mas ela esticou a mão e tirou delicadamente uma pétala da flor na mão de Coriolanus.

– Quando eu era pequena, me banhavam com soro de leite e pétalas de rosas – disse ela de uma forma que, apesar da improbabilidade da alegação, parecia totalmente crível. Ela passou o polegar pela superfície brilhante e branca e enfiou a pétala na boca, fechando os olhos para saboreá-la. – Tem gosto de hora de dormir.

Coriolanus aproveitou o momento para examiná-la. Ela estava diferente da colheita. Exceto por pontinhos aqui e ali, a maquiagem tinha sido retirada, e sem maquiagem ela parecia mais jovem. Os lábios estavam ressecados, o cabelo solto, o vestido de arco-íris sujo e amassado. A marca do tapa do prefeito tinha

virado um hematoma roxo. Mas havia outra coisa. Novamente, ele teve a impressão de que estava testemunhando uma performance, mas uma particular agora.

Quando abriu os olhos, ela voltou toda atenção para ele.

– Não parece que você devia estar aqui.

– Eu provavelmente não devia – admitiu ele. – Mas sou seu mentor. E queria conhecê-la nos meus termos. Não no dos Idealizadores dos Jogos.

– Ah, um rebelde.

Aquela palavra era veneno na boca dos cidadãos da Capital, mas ela falou de forma aprovadora, como elogio. Ou estaria debochando? Ele lembrou que ela carregava cobras no bolso e que regras comuns não se aplicavam a ela.

– E o que meu mentor faz por mim além de me trazer rosas? – perguntou ela.

– Faço o melhor possível pra cuidar de você.

Ela olhou para trás, para onde os Pacificadores estavam jogando duas crianças malnutridas na plataforma. A garota quebrou um dente da frente na plataforma, e o garoto recebeu vários chutes ao cair.

Lucy Gray sorriu para Coriolanus.

– Ah, boa sorte, gato – disse ela, e andou até Jessup, deixando-o com a rosa para trás.

Enquanto os Pacificadores levavam os tributos pela estação até a entrada, Coriolanus foi sentindo sua chance escapar. Não tinha conquistado a confiança dela, não tinha feito nada além de talvez a divertir por um momento. Claramente, ela achava que ele era inútil, e talvez estivesse certa, mas com tudo que estava em jogo, ele tinha que tentar. Ele correu pela estação e alcançou o grupo de tributos perto da porta.

– Com licença – disse para o Pacificador no comando. – Sou Coriolanus Snow, da Academia. – Ele inclinou a cabeça na direção de Lucy Gray. – Esse tributo foi designado a mim nos Jogos Vorazes. Eu gostaria de saber se posso acompanhá-la até seus aposentos.

– Foi por isso que você passou a manhã toda aqui? Pra pegar uma carona até o programa? – perguntou o Pacificador. Ele fedia a álcool e seus olhos estavam vermelhos. – Ora, por favor, sr. Snow. Junte-se ao grupo.

Foi nesse momento que Coriolanus viu o caminhão que aguardava os tributos. Era menos um caminhão e mais uma jaula sobre rodas. A caçamba era fechada com barras de metal e um teto de aço. Ele se lembrou novamente do circo da infância, onde tinha visto animais selvagens, como felinos enormes e ursos, confinados em transportes assim. Seguindo ordens, os tributos ofereceram as algemas para serem removidas e subiram na jaula.

Coriolanus ficou para trás, mas viu Lucy Gray o observando e soube que era o momento do julgamento. Se ele recuasse agora, seria o fim de tudo. Ela o acharia um covarde e o deixaria de lado. Ele respirou fundo e subiu na jaula.

A porta se fechou atrás dele, o caminhão seguiu em frente e ele perdeu o equilíbrio. Tentou se segurar por reflexo nas barras à direita e acabou com a testa entre duas, pois dois dos tributos caíram em cima dele. Ele empurrou para trás com força e girou o corpo para observar os outros passageiros. Todos estavam se segurando em uma barra agora, exceto a garota do dente quebrado, que se agarrava à perna do garoto do distrito dela. Conforme o caminhão foi seguindo por uma avenida larga, eles começaram a se acomodar.

Coriolanus sabia que tinha cometido um erro. Mesmo em local aberto, o fedor era sufocante. Os tributos tinham absorvido o odor do vagão de gado, misturado com um cheiro de imundice humana que o deixava meio nauseado. De perto, ele viu como todos estavam sujos, como seus olhos estavam vermelhos, como seus membros estavam machucados. Lucy Gray mantinha-se em um canto na frente, limpando um corte novo na testa com a saia de babados. Ela parecia indiferente à presença de Coriolanus, mas o resto olhava para ele como um bando de animais selvagens a observar um poodle bem-cuidado.

Pelo menos eu estou em condições melhores do que eles, pensou ele, e apertou a mão em volta do caule da rosa. *Se eles me atacarem, eu tenho chance.* Mas teria? Contra tantos?

O caminhão diminuiu a velocidade para deixar que um dos bondes coloridos de rua, lotado de pessoas, atravessasse na frente. Apesar de estar atrás, Coriolanus se encolheu para evitar que fosse visto.

O bonde passou, o caminhão seguiu em frente e ele ousou empertigar o corpo. Estavam rindo dele, os tributos, ou pelo menos alguns estavam sorrindo

pelo seu desconforto óbvio.

– Qual é o problema, bonitão? Pegou a jaula errada? – disse o garoto do Distrito 11, que não estava rindo.

O ódio não disfarçado abalou Coriolanus, mas ele tentou não parecer impressionado.

– Não, essa é exatamente a jaula que eu estava esperando.

As mãos do garoto subiram rápido, envolveram o pescoço de Coriolanus com os dedos longos e cheios de cicatrizes e o empurraram para trás. Seus antebraços prenderam Coriolanus contra as grades. Sobrepujado, Coriolanus recorreu ao único golpe que nunca tinha falhado nas brigas de pátio de escola e levantou o joelho com força na virilha do oponente. O garoto do distrito ofegou e se curvou, soltando-o.

– Ele pode te matar, sabe. – A garota do Distrito 11 tossiu na cara de Coriolanus. – Ele matou um Pacificador no 11. Nunca descobriram quem foi.

– Cala a boca, Dill – rosnou o garoto.

– Quem liga a essa altura? – disse Dill.

– Vamos matar ele juntos – disse o garotinho pequeno com maldade. – Ninguém pode fazer nada pior com a gente.

Vários outros tributos murmuraram concordando e deram um passo à frente.

Coriolanus ficou rígido de medo. Matá-lo? Eles realmente pretendiam espancá-lo até a morte, bem ali em plena luz do dia, no meio da Capital? De repente, ele soube que sim. Afinal, o que eles tinham a perder? Seu coração disparou e ele se agachou de leve, esticou os punhos e se preparou para o ataque iminente.

Do canto, a voz melódica de Lucy Gray quebrou a tensão:

– Não com a gente, talvez. Mas vocês têm família? Alguém que possa ser punido no seu distrito?

Isso pareceu fazer o ânimo dos demais tributos murchar. Ela se meteu no meio deles e parou entre o grupo e Coriolanus.

– Além do mais, ele é meu mentor. Tem que me ajudar. Eu posso precisar dele.

– Por que você tem um tutor? – perguntou Dill.

– Mentor. Cada um de vocês tem um – explicou Coriolanus, tentando parecer estar acima da situação.

– Então cadê eles? – desafiou Dill. – Por que não vieram?

– Acho que não tiveram inspiração – disse Lucy Gray. Virando-se de costas para Dill, ela deu uma piscadela para Coriolanus.

O caminhão entrou em uma rua estreita e parou no que parecia ser um beco sem saída. Coriolanus não sabia onde estava. Tentou lembrar onde os tributos ficavam nos anos anteriores. Não era no estábulo dos cavalos dos Pacificadores? Sim, ele achava que tinha ouvido alguém falar disso. Assim que chegassem, ele encontraria um Pacificador e explicaria as coisas, talvez pedisse proteção, considerando a hostilidade. Depois da piscadela de Lucy Gray, talvez valesse a pena ficar.

Eles se aproximavam de ré de um prédio mal iluminado, talvez um armazém. Coriolanus inspirou um odor que era uma mistura de peixe podre e feno velho. Confuso, tentou entender melhor seus arredores, e seus olhos se esforçaram para identificar duas portas de metal escancaradas. Um Pacificador abriu a porta traseira do caminhão, e antes que alguém pudesse sair, a caçamba foi inclinada e os jogou em uma placa de cimento frio e úmido. Não uma placa, estava mais para um vão, pois era inclinada num ângulo tão extremo que Coriolanus começou a escorregar na mesma hora, junto com o resto do grupo. Ele largou a rosa quando suas mãos e pés tentaram se apoiar em algum lugar e não encontraram nada. Eles deslizaram por uns seis metros até caírem em uma pilha de alguma coisa em um piso áspero. O sol brilhou em Coriolanus quando ele se moveu para se desenganchar dos demais. Ele cambaleou alguns metros, se ajeitou e ficou paralisado de horror. Não era o estábulo. Embora não visitasse havia anos, agora ele lembrava claramente. A areia, as formações rochosas artificiais que subiam até o alto. A fileira de barras de metal entalhado de modo a lembrar plantas, curvada em um arco grande com o objetivo de proteger as pessoas. Nos vãos entre as grades, os rostos de crianças da Capital o encaravam.

Ele estava no zoológico, em uma jaula de macacos.



Ele não poderia ter se sentido mais exposto nem se estivesse nu no meio da Corso. Pelo menos ele teria tido a opção de fugir. Agora, ele estava preso e exposto, pela primeira vez percebendo a impossibilidade dos animais de se esconderem. As crianças tinham começado a falar com animação e a apontar para o uniforme dele, chamando a atenção dos adultos. Havia rostos ocupando os espaços disponíveis entre as grades. Mas o verdadeiro horror foram as duas câmeras que ladeavam os visitantes.

O *Notícias da Capital*. Com sua cobertura onipresente e o slogan insolente: *"Se você não viu aqui, não aconteceu."*

Ah, estava acontecendo. Com ele. Naquele momento.

Ele sentiu sua imagem aparecendo ao vivo por toda Capital. Felizmente, o choque o deixou imóvel, porque a única coisa pior do que estar no meio da ralé dos distritos no zoológico seria ele correr como um tolo tentando fugir. Não havia saída fácil. O local tinha sido construído para animais selvagens. Tentar se esconder seria ainda mais patético. Como seria deliciosa a filmagem para o *Notícias da Capital*. Ficariam repetindo o corte sem parar. Acrescentariam uma música boba e uma legenda: *O surto de Snow!* Colocariam na parte de meteorologia: *Quente demais para o Snow!* Reprisariam as imagens enquanto ele vivesse. Sua desgraça seria total.

Que opção restava? Só ficar parado no lugar, olhando diretamente para a câmera, até ele ser resgatado.

Ele se empertigou todo, moveu sutilmente as costas e os ombros e tentou parecer entediado. A plateia começou a gritar para ele; primeiro, as vozes agudas das crianças, depois os adultos junto, perguntando o que ele estava fazendo, por que estava na jaula, ele precisava de ajuda? Alguém o reconheceu e seu nome se espalhou como fogo pela multidão, que só aumentava a cada minuto.

– É o garoto Snow!

– Quem é esse mesmo?

– Você sabe, os que têm as rosas no telhado!

Quem eram todas aquelas pessoas no zoológico em um dia de semana? Elas não tinham emprego? As crianças não deviam estar na escola? Não era surpresa o país estar tão mal.

Os tributos dos distritos começaram a andar em volta dele, provocando-o. Havia o par do Distrito 11 e o garotinho cruel que tinha pedido sua morte, além de vários novos. Ele se lembrou do ódio no caminhão e se perguntou o que aconteceria se eles os atacassem em grupo. Talvez a plateia aplaudisse.

Coriolanus tentou não entrar em pânico, mas sentiu o suor escorrendo pelo corpo. Todos os rostos, tanto dos tributos próximos quanto da multidão olhando pelas grades, começaram a virar um borrão. As feições ficaram indistintas, deixando só manchas escuras e claras de pele com um vermelho-rosado das bocas abertas no meio. Seus membros pareceram dormentes, faltou ar nos pulmões. Ele começava a pensar em correr para a abertura e tentar subir quando uma voz disse baixinho atrás dele:

– Assuma o comando.

Sem se virar, ele soube que foi a garota, a sua garota, e sentiu um alívio imenso por não estar sozinho. Ele pensou na forma inteligente como ela manipulou a audiência depois da agressão do prefeito, em como ela os ganhou com a música. Ela estava certa, claro. Ele tinha que fazer aquele momento parecer intencional, senão era o fim.

Ele respirou fundo e se virou para onde ela estava, prendendo casualmente a rosa branca atrás da própria orelha. Ela sempre parecia estar se esforçando para melhorar a aparência. Arrumando os babados no Distrito 12, ajeitando o

cabelo na estação de trem e agora se adornando com a rosa. Ele esticou a mão para ela como se ela fosse a maior dama da Capital.

Os cantos da boca de Lucy Gray se curvaram para cima. Quando ela segurou a mão de Coriolanus, o toque gerou uma fagulha elétrica que subiu pelo braço, e ele se sentiu como se uma parte do carisma de palco dela tivesse sido transferida para ele. Fez uma pequena reverência quando ela se levantou com elegância exagerada.

Ela está em um palco. Você está em um palco. Agora é o show, pensou ele. Coriolanus levantou a cabeça e perguntou:

– Gostaria de conhecer alguns dos meus vizinhos?

– Eu adoraria – disse ela, como se eles estivessem em um chá da tarde. – Meu lado esquerdo é mais fotogênico – murmurou ela, tocando de leve na bochecha. Ele não sabia bem o que fazer com a informação e começou a guiá-la para a esquerda dela. Lucy Gray abriu um grande sorriso para os espectadores, parecendo satisfeita de estar lá, mas quando a levou até as grades, ele sentiu os dedos dela se apertando como um torno.

Um fosso raso entre as estruturas rochosas e as grades da jaula dos macacos antes formava uma barreira de água entre os animais e os visitantes, mas estava seco agora. Eles desceram os degraus, atravessaram o fosso e subiram para um parapeito ao redor do local, deixando-os frente a frente com as pessoas. Coriolanus escolheu um ponto a vários metros de uma das câmeras (ela que fosse até ele), onde um grupo de crianças pequenas estava amontoado. As grades tinham espaçamentos de uns dez centímetros, não o suficiente para um corpo passar, mas ampla se alguém quisesse enfiar as mãos. Conforme os dois se aproximavam, as crianças silenciaram e se encostaram nas pernas dos pais.

Coriolanus achou que a imagem de chá da tarde serviria tão bem quanto qualquer outra e continuou a tratar a situação com a mesma leveza.

– Como estão? – disse ele, se inclinando para as crianças. – Eu trouxe uma amiga hoje. Querem conhecê-la?

As crianças se agitaram e houve algumas risadinhas. Um garotinho gritou: "Sim!" Ele bateu nas grades com as mãos algumas vezes e as enfiou nos bolsos com incerteza.

– Nós vimos ela na televisão.

Coriolanus levou Lucy Gray até as grades.

– Eu gostaria de apresentar Lucy Gray Baird.

A plateia estava em silêncio agora, nervosa com a proximidade dela das crianças, mas ansiosa para ouvir o que o estranho tributo diria. Lucy Gray se apoiou em um dos joelhos a uns trinta centímetros das grades.

– Oi. Sou Lucy Gray. Qual é seu nome?

– Pontius – disse o menino, olhando para a mãe em busca de aprovação. Ela olhou com cautela para Lucy Gray, que a ignorou.

– Como vai, Pontius? – disse ela.

Como qualquer garoto bem criado da Capital, o garoto esticou a mão para um aperto. Lucy Gray levantou a dela, mas não a enfiou pela grade, o que poderia parecer ameaçador. Como resultado, foi o menino que enfiou o braço dentro da jaula para fazer o contato. Ela apertou a mãozinha dele calorosamente.

– É tão bom conhecer você. Essa é sua irmã? – Lucy Gray indicou a garotinha ao lado dele. Ela estava com os olhos arregalados chupando um dedo.

– Essa é Venus – disse ele. – Ela só tem quatro anos.

– Bom, acho que quatro anos é uma idade muito boa – disse Lucy Gray. – É um prazer conhecer você, Venus.

– Eu gostei da sua música – sussurrou Venus.

– Gostou? – disse Lucy Gray. – Que amor. Continue assistindo, minha linda, e vou tentar cantar outra. Está bem?

Venus assentiu e escondeu o rosto na saia da mãe, gerando risadas e alguns suspiros das pessoas ao redor.

Lucy Gray começou a caminhar ao longo da grade, falando com as crianças no percurso. Coriolanus ficou para trás para dar espaço para ela.

– Você trouxe sua cobra? – perguntou esperançosa uma garota segurando um picolé de morango que estava derretendo.

– Eu bem que queria. Aquela serpente era minha amiga – contou Lucy Gray. – Você tem algum bichinho de estimação?

– Eu tenho um peixe – disse a menina. Ela se aproximou da grade. – O nome dele é Bub. – Ela trocou o picolé de mãos e enfiou a vazia pelas grades na

direção de Lucy Gray. – Posso tocar no seu vestido? – Filetes de xarope vermelho escorriam da mão até o cotovelo, mas Lucy Gray só riu e ofereceu a saia. A garota passou um dedo hesitante pelos babados. – É lindo.

– Também gostei do seu. – O vestido da menina era uma coisinha estampada desbotada, nada notável. Mas Lucy Gray comentou: – Bolinhas sempre me deixam feliz. – A garota abriu um sorriso.

Coriolanus sentiu a plateia começando a gostar do seu tributo, não mais fazendo questão de ficar longe. As pessoas eram tão fáceis de manipular quando envolvia seus filhos. Ficavam tão satisfeitas de vê-los satisfeitos.

Instintivamente, Lucy Gray parecia saber disso e foi ignorando os adultos conforme seguia. Ela tinha quase chegado a uma das câmeras e ao repórter. Provavelmente estava ciente disso, mas quando se levantou e deu de cara com a câmera, ela teve um pequeno sobressalto e riu.

– Ah, oi. Estamos na televisão?

O repórter da Capital, um jovem ansioso por uma história, se inclinou para a frente com avidez.

– Com certeza.

– E quem seria você?

– Sou Lepidus Malmsey, do *Notícias da Capital* – disse ele, abrindo um sorriso. – Lucy, você é o tributo do Distrito 12?

– É Lucy Gray e eu não sou realmente do 12 – disse ela. – Minha gente é o Bando. Músicos por ofício. Nós só entramos no lugar errado um dia e fomos obrigados a ficar.

– Ah. Então… de que distrito vocês são? – perguntou Lepidus.

– De nenhum distrito específico. Nós vamos de lugar para lugar conforme dá vontade. – Lucy Gray se corrigiu: – Bom, era o que fazíamos. Antes dos Pacificadores nos recolherem alguns anos atrás.

– Mas agora vocês são cidadãos do Distrito 12 – insistiu ele.

– Se você diz. – O olhar de Lucy Gray se desviou para a multidão como se ela estivesse correndo o risco de morrer de tédio.

O repórter sentiu que estava perdendo o interesse da garota.

– Seu vestido foi um grande sucesso na Capital.

– Foi? Bem, o Bando adora cor e eu mais do que a maioria. Mas este foi da minha mãe e é mais especial ainda pra mim.

– Ela está no Distrito 12? – perguntou Lepidus.

– Só os ossos, querido. Só os ossos brancos e perolados. – Lucy Gray olhou diretamente para o repórter, que pareceu ter dificuldade para formular a pergunta seguinte. Ela o viu lutar por um momento e gesticulou para Coriolanus. – Você conhece meu mentor? Disse que o nome dele é Coriolanus Snow. Ele é um garoto da Capital e está claro que ganhei um bolo com cobertura, porque nenhum outro mentor se deu ao trabalho de aparecer para receber seus tributos.

– Bom, ele surpreendeu todo mundo. Seus professores mandaram que você viesse, Coriolanus? – perguntou Lepidus.

Coriolanus foi na direção da câmera e tentou ser amável com um leve toque de malandragem.

– Eles não me mandaram não vir. – Risadas soaram na multidão. – Mas lembro que eles disseram que eu teria que apresentar Lucy Gray para a Capital e levo esse trabalho muito a sério.

– Então você não pensou duas vezes antes de entrar em uma gaiola de tributos? – perguntou o repórter.

– Duas, três, e acho que vou pensar quatro e cinco vezes a qualquer momento – admitiu Coriolanus. – Mas, se ela é corajosa a ponto de estar aqui, por que eu não deveria ser?

– Ah, só pra deixar registrado, eu não tive escolha – disse Lucy Gray.

– Só pra deixar registrado, eu também não – disse Coriolanus. – Depois que ouvi você cantar, não consegui ficar longe. Confesso, sou seu fã. – Lucy Gray balançou a saia quando um aplauso trovejante veio da plateia.

– Bom, espero para o seu próprio bem que a Academia concorde com você, Coriolanus – disse Lepidus. – Acho que você está prestes a descobrir.

Coriolanus se virou e viu portas de metal com janelas reforçadas com grades se abrindo nos fundos da jaula dos macacos. Um quarteto de Pacificadores entrou e foi diretamente até ele. Ele se virou para a câmera, decidido a fazer uma boa saída.

– Obrigado por se juntarem a nós – disse ele. – Lembrem-se, é Lucy Gray Baird, representando o Distrito 12. Passem pelo zoológico se tiverem um tempinho pra dar um oi. Prometo que vai valer a pena.

Lucy Gray esticou a mão para ele com a dobrinha delicada de pulso que convidava um beijo. Ele obedeceu, e quando seus lábios roçaram na pele dela, ele sentiu um formigamento agradável. Depois de dar um último aceno para a plateia, ele foi se encontrar calmamente com os Pacificadores. Um deu um aceno curto, e sem dizer nada ele os seguiu para fora do confinamento, ao som de aplausos respeitáveis.

Quando as portas se fecharam atrás dele, sua respiração ficou acelerada e ele percebeu o quanto estava com medo. Parabenizou-se silenciosamente por manter a graça sob pressão, mas as caras feias dos Pacificadores sugeriam que não compartilhavam dessa opinião.

– Que ideia foi essa? – perguntou uma Pacificadora. – Você não pode entrar lá.

– Era o que eu achava até os seus colegas me jogarem por um buraco sem cerimônia nenhuma – respondeu Coriolanus. Ele achava que a combinação de *colegas* e *sem cerimônia nenhuma* tinha a nota certa de superioridade. – Eu só tinha topado uma carona até o zoológico. Ficarei feliz de explicar tudo ao seu oficial superior e identificar os Pacificadores que fizeram isso. Mas a vocês ofereço meu agradecimento.

– Aham – disse ela secamente. – Nós temos ordens de levá-lo à Academia.

– Melhor ainda – disse Coriolanus, parecendo mais confiante do que se sentia. A reação rápida da escola o perturbava.

Apesar de a televisão no banco de trás da van dos Pacificadores estar quebrada, ele pôde ver vislumbres da reportagem pelo caminho nas telas públicas enormes espalhadas pela Capital. Uma energia nervosa começou a surgir quando ele viu imagens primeiro de Lucy Gray e depois dele próprio sorrindo para a cidade. Ele jamais poderia planejar algo tão audacioso, mas já que tinha acontecido, era melhor aproveitar. E ele realmente achava que seu desempenho fora bom. Que mantivera a cabeça no lugar. Que segurara as pontas. Que apresentara a garota, e ela era um talento natural. Que lidara com tudo com dignidade e um pouco de ironia.

Quando chegou à Academia, ele tinha recuperado a compostura e subiu a escada com segurança. O fato de todas as cabeças estarem se virando para ele ajudou, e se não houvesse Pacificadores presentes para mantê-los longe, ele tinha certeza de que seus colegas já estariam em cima dele. Ele achava que seria levado para a diretoria, mas o guarda o colocou no banco junto à porta do laboratório superior de biologia, que só era permitido aos formandos com mais talento para ciências. Apesar de não ser seu assunto favorito (o cheiro de formaldeído lhe dava ânsia de vômito e ele abominava trabalhar em dupla), ele se saíra suficientemente bem em manipulação genética para conseguir uma vaga na turma. Nada como aquela sabichona da Io Jasper, que parecia ter nascido com um microscópio grudado no olho. Mas ele sempre fora gentil com Io, e, como resultado, ela o adorava. Com pessoas não populares, um esforço pequeno assim podia te levar longe.

Mas quem era ele para se sentir superior? Em frente ao banco, no quadro de avisos para os alunos, havia um memorando. Dizia:

10ª EDIÇÃO DOS JOGOS VORAZES
ATRIBUIÇÃO DE MENTORIA

DISTRITO 1	
Garoto	*Livia Cardew*
Garota	*Palmyra Monty*
DISTRITO 2	
Garoto	*Sejanus Plinth*
Garota	*Florus Friend*
DISTRITO 3	
Garoto	*Io Jasper*
Garota	*Urban Canville*
DISTRITO 4	
Garoto	*Persephone Price*
Garota	*Festus Creed*

DISTRITO 5	
Garoto	*Dennis Fling*
Garota	*Iphigenia Moss*
DISTRITO 6	
Garoto	*Apollo Ring*
Garota	*Diana Ring*
DISTRITO 7	
Garoto	*Vipsania Sickle*
Garota	*Pliny Harrington*
DISTRITO 8	
Garoto	*Juno Phipps*
Garota	*Hilarius Heavensbee*
DISTRITO 9	
Garoto	*Gaius Breen*
Garota	*Androcles Anderson*
DISTRITO 10	
Garoto	*Domitia Whimsiwick*
Garota	*Arachne Crane*
DISTRITO 11	
Garoto	*Clemensia Dovecote*
Garota	*Felix Ravinstill*
DISTRITO 12	
Garoto	*Lysistrata Vickers*
Garota	*Coriolanus Snow*

Poderia haver um lembrete público mais humilhante da situação precária dele do que estar pendurado ali no final, como um pensamento quase esquecido?

Depois que Coriolanus passou alguns minutos tentando entender por que tinha sido levado ao laboratório, o guarda disse que ele podia entrar. Ao ouvir a batida hesitante, uma voz que ele reconheceu como sendo do reitor Highbottom o mandou entrar. Ele esperava que Satyria estivesse presente, mas só encontrou outra pessoa no laboratório: uma mulher idosa pequena e recurvada com cabelo grisalho cacheado que estava provocando um coelho na gaiola com uma vara de metal. Ela o cutucou pela grade até que a criatura, que tinha sido modificada para ter a força no maxilar de um pitbull, arrancou o objeto da mão dela e o partiu ao meio. Ela se empertigou o máximo que conseguiu, voltou a atenção para Coriolanus e exclamou:

– Um pulo, um pulinho!

A dra. Volumnia Gaul, a Chefe dos Idealizadores dos Jogos e mente por trás da divisão experimental de armas da Capital, deixava Coriolanus nervoso desde a infância. Em um passeio da escola, sua turma de crianças de nove anos a viu derreter a pele de um rato de laboratório com uma espécie de laser e perguntar se alguém tinha bichinhos dos quais estava cansado. Coriolanus não tinha bichos… como poderiam alimentar um? Mas Pluribus Bell tinha uma gatinha branca peluda chamada Boa Bell que ficava deitada no colo do dono e brincava com as pontas da peruca empoada. Ela gostava de Coriolanus e começava a ronronar de forma rouca e mecânica assim que ele fazia carinho na cabeça dela. Nos dias horríveis em que ele andou pela neve derretida para trocar um saco de feijão-manteiga por mais repolho, foi o calor simples e sedoso dela que o consolou. Ele ficava incomodado quando pensava em Boa Bell indo parar naquele laboratório.

Coriolanus sabia que a dra. Gaul dava uma aula na Universidade, mas raramente a via na Academia. Mas, como Chefe dos Idealizadores dos Jogos, qualquer coisa relacionada aos Jogos Vorazes era do escopo dela. Teria sido sua ida ao zoológico o que a convocara até ali? Ele perderia a mentoria?

– Um pulo, um pulinho! – A dra. Gaul sorriu. – O zoológico foi legal? – Ela começou a rir. – Parece uma rima infantil. Um pulo, um pulinho, o zoológico foi legal? Você caiu numa jaula com seu tributo animal!

Coriolanus repuxou os lábios em um sorriso fraco enquanto seu olhar se desviava para o reitor Highbottom em busca de alguma dica de como reagir. O

homem estava com os ombros murchos, sentado a uma mesa de laboratório, massageando a têmpora de uma forma que sugeria que ele tinha uma dor de cabeça lancinante. Não encontraria ajuda ali.

– Caí – disse Coriolanus. – Nós caímos. Caímos em uma jaula.

A dra. Gaul ergueu as sobrancelhas para ele, como se esperando mais.

– E?

– E… nós… caímos em um palco? – acrescentou ele.

– Rá! Exatamente! Foi exatamente isso que vocês fizeram! – A dra. Gaul lançou um olhar de aprovação para ele. – Você é bom em jogos. Quem sabe um dia seja Idealizador.

A ideia nunca tinha passado pela cabeça dele. Sem desrespeito a Remus, mas não parecia um bom emprego. Tampouco era exigida alguma habilidade específica para jogar adolescentes e armas em uma arena e deixar que eles se matassem. Ele imaginava que fosse função dos Idealizadores organizar as colheitas e filmar os Jogos, mas esperava ter uma carreira mais desafiadora.

– Tenho muito a aprender antes de poder pensar numa coisa assim – disse ele com modéstia.

– O instinto está aí. É o que importa – disse a dra. Gaul. – Me conte, o que fez você entrar na jaula?

Foi acidente. Ele estava prestes a dizer isso quando pensou em Lucy Gray sussurrando as palavras *Assuma o comando*.

– Bom… o meu tributo, ela é meio pequena. Do tipo que vai morrer nos primeiros cinco minutos dos Jogos Vorazes. Mas ela é atraente de um jeito meio mal-ajambrado, com a música dela e tudo mais. – Coriolanus fez uma pausa, como se repassando seu plano. – Acho que ela não tem chance de vencer, mas essa não é a questão, é? Me disseram que estavam tentando envolver os espectadores. Essa é minha tarefa. Fazer as pessoas assistirem. Então eu me perguntei: como alcanço os espectadores? Vou para onde as câmeras estão.

A dra. Gaul assentiu.

– Sim. Sim, não existem Jogos Vorazes sem os espectadores. – Ela se virou para o reitor. – Viu, Casca, esse aqui tomou uma iniciativa. Ele entende a importância de manter os Jogos vivos.

O reitor Highbottom apertou os olhos para ele com ceticismo.

– Entende? Ou só está se exibindo para ter uma nota melhor? Qual você acha que é o propósito do Jogos Vorazes, Coriolanus?

– Punir os distritos pela rebelião – disse Coriolanus sem hesitar.

– Sim, mas uma punição pode assumir várias formas – disse o reitor. – Por que os Jogos Vorazes?

Coriolanus abriu a boca, mas hesitou. Por que os Jogos Vorazes? Por que não simplesmente jogar bombas ou cancelar o envio de alimentos ou fazer execuções nos degraus dos Edifícios da Justiça?

Sua mente se voltou para Lucy Gray ajoelhada nas grades da jaula, envolvida com as crianças, derretendo a plateia. Eles estavam conectados de uma forma que ele não era capaz de articular.

– Porque… É por causa das crianças. O quanto elas importam para as pessoas.

– E como elas importam? – insistiu o reitor Highbottom.

– As pessoas amam crianças – disse Coriolanus. Mas assim que as palavras saíram de sua boca, ele as questionou. Durante a guerra, ele tinha sido bombardeado, passado fome e sofrido abusos de várias formas, e não só por causa dos rebeldes. Um repolho arrancado de suas mãos. Um Pacificador que machucou seu queixo quando ele chegou sem querer perto demais da mansão do presidente. Ele pensou na ocasião em que desabou e ficou deitado na rua com gripe do cisne e ninguém parou para ajudar. Tomado por tremedeiras, ardendo em febre, os membros envolvidos pela dor. Apesar de também estar doente, Tigris o encontrou naquela noite e conseguiu levá-lo para casa.

Ele hesitou.

– Às vezes, gostam – acrescentou ele, mas foi sem convicção. Quando pensou melhor, o amor das pessoas por crianças pareceu uma coisa muito instável. – Não sei por quê – admitiu ele.

O reitor Highbottom lançou um olhar para a dra. Gaul.

– Está vendo? É um experimento falho.

– Será se ninguém assistir! – respondeu ela. E abriu para Coriolanus um sorriso indulgente. – Ele mesmo é uma criança. Dê tempo a ele. Eu tenho uma boa impressão desse aí. Bom, vou visitar minhas bestas. – Ela deu um tapinha

no braço de Coriolanus quando passou na direção da porta. – Não conte nada para ninguém, mas tem uma coisa maravilhosa acontecendo com os répteis.

Coriolanus fez que ia atrás, mas a voz do reitor Highbottom o impediu:

– Então todo o seu show foi planejado. Que estranho. Porque, quando você se levantou na jaula, achei que estava pensando em correr.

– Foi uma entrada mais física do que eu tinha previsto. Demorei um tempo para me situar. Mais uma vez, tenho muitas coisas a aprender – disse Coriolanus.

– Limites, para começo de conversa. Você vai receber um demérito por comportamento inconsequente que poderia ter ferido um aluno. Você, no caso. Vai para o seu registro permanente – disse o reitor.

Demérito? O que significava? Coriolanus teria que reler o guia dos alunos da Academia para ser capaz de protestar contra aquela punição. Ele foi distraído pelo reitor, que tirou uma garrafinha do bolso, abriu e pingou três gotas de líquido transparente na língua.

O que quer que houvesse na garrafa, provavelmente morfináceo, funcionou rápido, porque o corpo todo do reitor Highbottom relaxou e um olhar sonhador surgiu nos olhos dele. Ele deu um sorriso desagradável.

– Com três deméritos assim, você será expulso.



Coriolanus nunca tinha recebido uma reprimenda oficial de nenhum tipo, nada que pudesse manchar seu boletim impecável.

– Mas… – ele começou a protestar.

– Vá, antes que você receba um segundo por insubordinação – disse o reitor Highbottom. Não havia flexibilidade na declaração, nenhum convite para negociar. Coriolanus obedeceu.

O reitor Highbottom tinha mesmo usado a palavra *expulso*?

Coriolanus saiu da Academia agitado, mas novamente a onda de atenção tranquilizou sua consternação. Dos colegas e alunos no corredor, de Tigris e da sua avó enquanto eles comiam um jantar rápido de ovos fritos e sopa de repolho, de estranhos quando ele estava voltando ao zoológico naquela noite, ansioso para continuar envolvido com os Jogos.

O brilho laranja suave do pôr do sol banhava a cidade e uma brisa fresca afastou o calor sufocante do dia. O horário do zoológico tinha sido estendido para até as nove da noite para permitir que os cidadãos vissem os tributos, mas não houve mais cobertura ao vivo desde sua visita mais cedo. Coriolanus tinha decidido fazer outra aparição para dar uma olhada em Lucy Gray e sugerir que ela cantasse mais uma música. A plateia adoraria, e talvez atraísse as câmeras de volta.

Enquanto seguia pelos caminhos do zoológico, ele foi tomado de nostalgia pelos dias agradáveis que passara lá quando criança, mas sentiu tristeza pelas jaulas vazias. Antes, eram cheias de criaturas fascinantes da arca genética da Capital. Agora, em uma havia uma tartaruga solitária, ofegante. Um tucano

esfarrapado gritava alto nos galhos, voando livremente de uma jaula até a outra. Eles eram raros sobreviventes da guerra, pois a maioria dos animais morreu de fome ou virou comida. Um par de guaxinins magrelos que provavelmente tinham vindo do parque da cidade adjacente revirava uma lata de lixo caída. Os únicos animais selvagens que viviam bem eram os ratos que perseguiam uns aos outros nas beiradas de chafarizes e cruzavam o caminho a poucos metros de distância.

Conforme Coriolanus foi se aproximando da jaula dos macacos, os caminhos foram ficando mais cheios, e um grupo de umas cem pessoas acompanhava as grades de um lado a outro. Alguém esbarrou em seu braço ao passar correndo, e ele reconheceu Lepidus Malmsey se adiantando entre os visitantes com o câmera. Uma espécie de comoção estava acontecendo à frente, e ele subiu em uma rocha para ver melhor.

Para seu desapontamento, viu Sejanus parado junto à jaula com uma mochila grande ao lado. Ele estava com a mão esticada entre as grades com o que parecia ser um sanduíche, oferecendo para os tributos lá dentro. Por enquanto, estavam todos recuados. Coriolanus não conseguia ouvir as palavras dele, mas ele parecia estar tentando convencer Dill, a garota do Distrito 11, a pegar. O que Sejanus estava tramando? Será que tentava superá-lo e roubar os holofotes do dia? Pegar sua ideia de ir ao zoológico e a enfeitar de um jeito com o qual Coriolanus nunca poderia competir porque não tinha dinheiro para aquilo? A mochila estaria cheia de sanduíches? A garota não era nem o tributo dele.

Quando Sejanus viu Coriolanus, seu rosto se iluminou e ele deu um aceno. Casualmente, Coriolanus abriu caminho pela multidão e ganhou a atenção dos presentes.

– Problemas? – perguntou ele ao olhar a mochila. Estava lotada não só de sanduíches, mas também de ameixas frescas.

– Nenhum deles confia em mim. Por que deveriam? – perguntou Sejanus.

Uma garotinha cheia de si se aproximou dele e apontou para uma placa no pilar junto à jaula.

– Aqui diz “Não alimentar os animais”.

– Mas eles não são animais – disse Sejanus. – São jovens, como você e eu.

– Eles não são como eu! – protestou a garotinha. – Eles são de distrito. É por isso que o lugar deles é numa jaula!

– Novamente, eles são como eu – disse Sejanus secamente. – Coriolanus, será que você consegue fazer seu tributo se aproximar? Se ela vier, talvez os outros venham também. Eles devem estar morrendo de fome.

A mente de Coriolanus trabalhou rápido. Ele já tinha recebido um demérito naquele dia e não queria forçar a sorte com o reitor Highbottom. Por outro lado, o demérito fora por botar um aluno em perigo, e ele estava perfeitamente seguro daquele lado das grades. A dra. Gaul, que era possivelmente mais influente do que o reitor Highbottom, elogiara sua iniciativa. E, sendo sincero, ele não tinha interesse em ceder o palco para Sejanus. O zoológico era o show dele, e ele e Lucy Gray eram as estrelas. Mesmo agora, ele ouvia Lepidus sussurrando o seu nome para o câmera, sentia os espectadores da Capital o observando.

Ele notou Lucy Gray no fundo da jaula, lavando as mãos e o rosto em uma torneira que saía da parede na altura do joelho. Ela se secou na saia de babados, arrumou os cachos e a rosa atrás da orelha.

– Não posso tratá-la como se fosse a hora da alimentação no zoológico – disse Coriolanus para Sejanus. Oferecer comida através das grades não seria consistente com o tratamento de dama que ele vinha lhe dedicando. – Não para a minha. Mas posso oferecer um jantar.

Sejanus assentiu na mesma hora.

– Pegue o que quiser. Mãezinha fez de sobra. Por favor.

Coriolanus escolheu dois sanduíches e duas ameixas na mochila e foi até a beira da jaula dos macacos, onde uma pedra achatada oferecia uma possibilidade de assento. Nunca na vida, nem nos piores anos, ele saíra de casa sem um lenço limpo no bolso. Sua avó insistia em certas civilidades que afastavam o caos. Havia gavetas enormes de lenços que pertenceram a várias gerações da família, dos simples aos de renda aos bordados com flores. Ele abriu o quadrado de linho branco puído e meio amassado e colocou a comida em cima. Ao se sentar, Lucy Gray se aproximou das grades sem precisar ser chamada.

– Esses sanduíches são pra alguém? – perguntou ela.

– Só pra você – respondeu ele.

Ela se sentou com as pernas cruzadas embaixo do corpo e aceitou o sanduíche. Depois de examinar o conteúdo, deu uma mordidinha no canto.

– Você não vai comer?

Ele não tinha certeza. A imagem até o momento estava ótima, ela separada do grupo de novo, apresentada como alguém de valor. Mas comer com ela? Isso talvez fosse ultrapassar um limite.

– Prefiro que você coma – disse ele. – Pra que você fique forte.

– Por quê? Pra eu quebrar o pescoço do Jessup na arena? Nós dois sabemos que esse não é meu ponto forte – disse ela.

O estômago dele roncou com o cheiro do sanduíche. Havia uma fatia grossa de bolo de carne dentro de pão branco. Ele tinha perdido o almoço na Academia naquele dia e o café e o jantar foram parcos em casa. Um pouco de ketchup escorrendo do sanduíche de Lucy Gray fez toda a diferença. Ele pegou o segundo sanduíche e deu uma dentada. Um pequeno choque de prazer percorreu seu corpo, e ele resistiu ao impulso de devorar o sanduíche em duas mordidas.

– Agora, parece um piquenique. – Lucy Gray olhou para os demais tributos, que tinham se aproximado, mas ainda pareciam inseguros. – Vocês deviam pegar um. Está uma delícia! Vamos, Jessup!

Encorajado, seu enorme colega de distrito se aproximou lentamente de Sejanus e pegou o sanduíche da mão dele. Esperou até receber uma ameixa, depois saiu andando sem dizer nada. De repente, os outros tributos correram até a grade, enfiando as mãos pelas frestas. Sejanus as encheu o mais rápido que pôde, e em um minuto a mochila estava quase vazia. Os tributos se espalharam pela jaula, agachados de forma protetora na frente da comida, e devoraram tudo.

O único tributo que não tinha se aproximado de Sejanus foi o dele, o garoto do Distrito 2. Ele estava no fundo da jaula, os braços cruzados na frente do corpo colossal, encarando seu mentor.

Sejanus tirou um último sanduíche da mochila e ofereceu a ele.

– Marcus, este é pra você. Pegue. Por favor. – Mas Marcus permaneceu com expressão pétrea e imóvel. – Por favor, Marcus – suplicou Sejanus. – Você deve

estar morrendo de fome. – Marcus olhou Sejanus de cima a baixo e virou de costas para ele.

Lucy Gray observou o embate com interesse.

– O que está acontecendo ali?

– Como assim? – perguntou Coriolanus.

– Não sei bem. Mas parece pessoal.

O garotinho que quisera matar Coriolanus no caminhão disparou adiante e pegou o sanduíche sem dono. Sejanus não fez nada para impedi-lo. A equipe de televisão tentou falar com Sejanus, mas ele os dispensou e desapareceu na multidão, a mochila murcha no ombro. Eles filmaram os tributos mais um pouco e foram na direção de Lucy Gray e Coriolanus, que se sentou mais ereto e passou a língua pelos dentes para tirar qualquer pedaço de bolo de carne.

– Estamos no zoológico com Coriolanus Snow e seu tributo, Lucy Gray Baird. Outro aluno acabou de distribuir sanduíches. Ele é mentor? – Lepidus colocou o microfone entre eles em busca de resposta.

Coriolanus não gostava de dividir os holofotes, mas a presença de Sejanus podia protegê-lo. O reitor Highbottom daria um demérito para o filho do homem que tinha reconstruído a Academia? Alguns dias antes, ele acharia que o nome Snow carregava mais peso do que Plinth, mas as atribuições na colheita provaram que ele estava enganado. Se o reitor Highbottom quisesse repreendê-lo, ele preferia ter Sejanus ao seu lado.

– É o meu colega, Sejanus Plinth – informou ele.

– O que será que ele estava pensando ao trazer sanduíches chiques para os tributos? A Capital sem dúvida os alimenta – disse o repórter.

– Ah, só pra deixar registrado, a última vez que comi foi na noite antes da colheita – anunciou Lucy Gray. – Pelas contas, tem três dias.

– Ah. Certo. Bem, aprecie esse sanduíche! – disse Lepidus. Ele fez sinal para a câmera se virar para os outros tributos.

Lucy Gray se levantou de repente, se inclinou na direção das grades e chamou o foco de volta.

– Sabe, sr. Repórter, o que seria ótimo? Se alguém tiver comida sobrando, poderia trazer para o zoológico. Não é divertido assistir aos Jogos se estivermos fracos demais pra lutar, você não acha?

– Há uma certa verdade nisso – disse o repórter, inseguro.

– Eu gosto de coisas doces, mas não sou fresca. – Ela sorriu e mordeu a ameixa.

– Certo. Tudo bem – disse ele, se afastando.

Coriolanus percebeu que o repórter estava em terreno instável. Ele devia mesmo estar ajudando Lucy a pedir comida aos cidadãos? Pareceria uma condenação à Capital?

Quando a equipe de televisão se deslocou na direção dos demais tributos, Lucy Gray se sentou na frente dele.

– Exagerei?

– Não pra mim. Me desculpe por não ter pensado em trazer comida – disse ele.

– Bom, eu tenho comido essas pétalas de rosa quando ninguém está olhando. – Ela deu de ombros. – Você não sabia.

Eles terminaram de comer em silêncio, vendo as tentativas fracassadas do repórter de fazer os outros tributos falarem. O sol já tinha se posto e a lua assumira a iluminação. O zoológico fecharia em breve.

– Eu estava pensando que talvez fosse uma boa ideia você cantar de novo – disse Coriolanus.

Lucy Gray sugou um restinho de polpa do caroço da ameixa.

– É, pode ser mesmo. – Ela limpou os cantos da boca com um babado e ajeitou a saia. O tom brincalhão habitual foi trocado por um mais sóbrio. – Então, como meu mentor, o que você ganha com isso? Você é estudante, não é? E ganha o quê? Notas melhores quanto mais eu brilhar?

– Talvez.

Ele se sentiu constrangido. Ali, na privacidade relativa daquele recanto, ele percebeu pela primeira vez que ela estaria morta em poucos dias. Bom, claro que ele sempre soube disso. Mas pensava nela mais como sua competidora. Seu cavalo numa corrida, seu cachorro em uma briga. Quanto mais ele a tratava como algo especial, mais humana ela se tornava. Como Sejanus dissera para a garotinha, Lucy Gray não era um animal, mesmo não sendo da Capital. E ele estava fazendo o que ali? Exibindo-se, como o reitor Highbottom dissera?

– Eu nem sei o que ganho, na verdade – disse ele. – Nunca houve mentores antes. Você não precisa. Assim, cantar.

– Eu sei – disse ela.

Ele queria que ela cantasse, porém.

– Mas, se as pessoas gostarem de você, talvez elas tragam mais comida. Nós não temos muita coisa sobrando em casa.

As bochechas dele ficaram quentes no escuro. Por que ele tinha admitido isso para ela?

– Não? Eu sempre achei que vocês tinham comida de sobra na Capital.

Idiota, disse para si mesmo. Mas ele a encarou e percebeu que, pela primeira vez, ela parecia genuinamente interessada nele.

– Ah, não. Principalmente durante a guerra. Uma vez, eu comi meio pote de cola só pra fazer a dor no meu estômago parar.

– É? E como estava?

Isso o abalou e ele surpreendeu a si mesmo com uma gargalhada.

– Bem grudento.

Lucy Gray sorriu.

– Imagino que sim. Mesmo assim, parece melhor do que algumas das coisas que já comi. Sem querer competir.

– Claro que não. – Ele sorriu. – Olha, me desculpe. Vou arrumar comida. Você não devia ter que cantar em troca.

– Bom, não seria a primeira vez que eu cantaria pra conseguir o jantar. Não mesmo. E eu adoro cantar.

Uma voz soou no alto-falante para anunciar que o zoológico fecharia em quinze minutos.

– Eu tenho que ir. Mas nos vemos amanhã? – perguntou Coriolanus.

– Você sabe onde me encontrar – respondeu ela.

Coriolanus se levantou e limpou a calça. Balançou o lenço, dobrou-o e o entregou a ela pelas grades.

– Está limpo – garantiu ele. Pelo menos ela teria algo com que secar o rosto.

– Obrigada. Deixei o meu em casa.

A menção de Lucy Gray à casa pairou no ar entre os dois. Um lembrete de uma porta que ela nunca reabriria, de pessoas amadas que ela jamais voltaria a

ver. Ele não conseguia suportar a ideia de ser arrancado da sua própria casa. O apartamento era o único lugar ao qual ele pertencia inquestionavelmente, era seu porto seguro, o forte da sua família. Como não sabia de que outra forma responder, ele apenas assentiu com um voto de boa-noite.

Coriolanus não tinha andado nem vinte passos quando foi parado pelo som da voz do seu tributo, cantando doce e claramente no ar da noite:

No fundo do vale, o vale ao luar,
Tarde da noite, o trem a apitar.
O trem, ouço o trem apitar.
Tarde da noite, ouço o trem apitar.

A plateia, que estava começando a ir embora, parou para ouvi-la.

Construa uma mansão, elevada como um altar,
Para que eu veja meu amor passar.
Vê-lo passar, amor, vê-lo passar.
Para que eu veja meu amor passar.

Todos estavam quietos agora: as pessoas, os tributos. Só havia Lucy Gray e o zumbido da câmera virada para ela. Ela continuava sentada no canto, a cabeça encostada nas grades.

Escreva uma carta num papel especial.
Com selo e endereço da prisão da Capital.
Prisão da Capital, amor, da prisão da Capital.
Com selo e endereço da prisão da Capital.

Ela parecia tão triste, tão perdida…

Rosas são vermelhas, violetas, como o mar.
Os pássaros sabem que sempre vou te amar.
Sabem que vou te amar, ah, sempre vou te amar.

Os pássaros sabem que sempre vou te amar.

Coriolanus estava hipnotizado pela música e pela enxurrada de lembranças que a acompanhavam. Sua mãe cantava uma canção para ele na hora de dormir. Não aquela, exatamente, mas usava palavras parecidas, *rosas são vermelhas* e *violetas, como o mar*. Falava algo sobre ela o amar. Ele pensou na foto no porta-retrato de prata que ele deixava na mesa de cabeceira, ao lado da cama. Sua linda mãe, com ele no colo quando ele tinha uns dois anos. Eles estavam se olhando e rindo. Por mais que tentasse, ele não conseguia se lembrar do momento em que a foto foi tirada, mas a música acariciou seu cérebro e a chamou das profundezas. Ele sentiu a presença dela, quase sentiu o aroma delicado do pó de rosas que ela usava, quase sentiu o cobertor quente de segurança que o envolvia cada noite. Antes de ela morrer. Antes daqueles dias horríveis alguns meses depois do começo da guerra, quando a primeira invasão aérea rebelde imobilizou a cidade. Quando ela entrou em trabalho de parto e não conseguiram levá-la para o hospital e algo deu muito errado. Hemorragia, talvez? Muito sangue encharcando os lençóis, e a cozinheira e a avó tentando fazer parar e Tigris o tirando do quarto. Ela se foi, e o bebê (que seria sua irmã) também se foi. A morte do pai aconteceu logo depois da morte da mãe, mas foi uma perda que não deixou o mundo vazio da mesma forma. Coriolanus ainda guardava o pó compacto da mãe em uma gaveta da mesa de cabeceira. Em tempos difíceis, quando tinha dificuldade de adormecer, ele o abria e inspirava o aroma de rosas do pó sedoso lá dentro. Nunca deixava de acalmá-lo com a lembrança de como era ser amado daquele jeito.

Bombas e sangue. Foi assim que os rebeldes mataram sua mãe. Ele se perguntou se mataram a de Lucy Gray também. *"Só os ossos brancos e perolados."* Ela pareceu não ter amor pelo Distrito 12: sempre se distanciava dele, dizia que pertencia ao, como era mesmo? Ao Bando?

– Obrigado por se aproximar. – A voz de Sejanus o sobressaltou. Ele estava parado a alguns metros de distância, escondido pelas rochas, ouvindo a música.

Coriolanus limpou a garganta.

– Não foi nada.

– Duvido que qualquer outro dos nossos colegas tivesse me ajudado – observou Sejanus.

– Nenhum dos nossos outros colegas apareceu – respondeu Coriolanus. – Isso já nos separa deles. O que fez você pensar em alimentar os tributos?

Sejanus olhou para a mochila vazia aos seus pés.

– Desde a colheita, fico imaginando que sou um deles.

Coriolanus quase riu, mas percebeu que Sejanus estava falando sério.

– Que passatempo estranho.

– Não consigo evitar. – A voz de Sejanus ficou tão baixa que Coriolanus teve dificuldade de ouvir. – Eles leem meu nome. Eu ando até o palco. Agora, me algemaram. Agora, estão batendo em mim sem motivo. Agora, estou no trem, no escuro, passando fome, sozinho exceto pelos outros adolescentes que vou ter que matar. Agora, estou sendo exposto, com um monte de estranhos levando os filhos pra me olhar por entre as grades…

O som de rodas enferrujadas girando chamou a atenção deles para a jaula dos macacos. Cerca de uma dúzia de fardos de feno caíram do buraco no teto e rolaram no chão da jaula.

– Olha, deve ser a minha cama – disse Sejanus.

– Não vai acontecer com você, Sejanus – disse Coriolanus.

– Mas poderia. Facilmente. Se não estivéssemos tão ricos agora. Eu estaria no Distrito 2, talvez ainda na escola, ou talvez nas minas, mas definitivamente na colheita. Você viu meu tributo?

– É difícil não ver – admitiu Coriolanus. – Acho que ele tem uma boa chance de ganhar.

– Ele foi meu colega de turma. Antes de eu vir pra cá. Lá. O nome dele é Marcus – continuou Sejanus. – Não era exatamente meu amigo. Mas também não era inimigo. Um dia, prendi o dedo na porta, foi feio, e ele pegou neve no parapeito da janela pra tentar diminuir o inchaço. Nem perguntou à professora, só foi lá e fez.

– Você acha que ele se lembra de você? – perguntou Coriolanus. – Vocês eram pequenos. E muita coisa aconteceu desde aquela época.

– Ah, ele se lembra de mim. Os Plinth são famosos por lá. – Sejanus pareceu estar sofrendo. – Famosos e profundamente desprezados.

– E agora você é mentor dele.

– E agora eu sou o mentor dele – ecoou Sejanus.

As luzes dentro da jaula dos macacos diminuíram. Alguns dos tributos se moveram para fazer ninhos de feno e passar a noite. Coriolanus viu Marcus bebendo direto da torneira e jogando água na cabeça. Quando se levantou e andou até os fardos de feno, fez os outros parecerem anões.

Sejanus deu um chutinho na mochila.

– Ele não quis aceitar um sanduíche meu. Ele prefere entrar nos Jogos passando fome a aceitar comida da minha mão.

– Não é sua culpa – disse Coriolanus.

– Eu sei. Eu sei. Sou tão inocente que chega a sufocar – disse Sejanus.

Coriolanus estava tentando entender esse pensamento quando uma briga teve início dentro da jaula. Dois garotos queriam o mesmo fardo de feno e saíram no tapa por causa disso. Marcus interveio, pegou cada um pela gola e os afastou como se fossem bonecas de pano. Eles voaram no ar por alguns metros antes de caírem, desajeitados. Enquanto se escondiam nas sombras, Marcus pegou o fardo de feno para si, sem se impressionar com a briga.

– Mas ele vai ganhar – disse Coriolanus. Se antes tinha dúvidas, a exibição de poder de Marcus as silenciou. Mais uma vez, ele sentiu a amargura por um Plinth receber o tributo mais poderoso. E ele estava cansado dos choramingos de Sejanus a respeito do pai dele ter comprado o vitorioso. – Qualquer um de nós teria ficado feliz com ele.

Sejanus se animou um pouco.

– É mesmo? Então fica com ele. É seu.

– Você não está falando sério – disse Coriolanus.

– Cem por cento. – Sejanus ficou de pé. – Quero que você fique com ele! E eu fico com Lucy Gray. Ainda vai ser horrível, mas pelo menos eu não a conhecia. Sei que as pessoas gostam dela, mas de que isso vai adiantar na arena? Não tem como ela o vencer. Troque de tributo comigo. Ganhe os Jogos. Fique com a glória. Por favor, Coriolanus, eu jamais esqueceria o favor.

Por um momento, Coriolanus sentiu o gosto, a doçura da vitória, os gritos da multidão. Se pôde tornar Lucy Gray uma favorita, imagine o que faria com uma potência como Marcus! E, realmente, que chance ela tinha? Seu olhar se

desviou para Lucy Gray, encostada na grade como um animal encurralado. Na penumbra, as cores dela, o que ela possuía de especial, tinham sumido, tornando-a apenas mais uma criatura sem graça e ferida. Não era concorrência nem para as outras garotas, que dirá para os garotos. A ideia de derrotar Marcus era risível. Era como jogar um pássaro canoro contra um urso pardo.

Sua boca estava formando a palavra *combinado*, mas ele parou.

Vencer com Marcus não era vencer. Não era necessário cérebro, habilidade, nem mesmo sorte. Vencer com Lucy Gray seria muito difícil, mas também seria histórico se ele conseguisse. Além do mais, vencer era tão importante assim? Ou o importante era envolver a plateia? Graças a ele, Lucy Gray era a estrela atual dos Jogos, o tributo mais memorável, independente de quem vencesse. Ele pensou em suas mãos entrelaçadas no zoológico quando eles enfrentaram o mundo. Eles eram uma equipe. Ela confiava nele. Ele não conseguia imaginar contar para ela que a tinha largado por Marcus. Ou, pior ainda, contar aos espectadores.

Além disso, que garantia ele tinha de que Marcus reagiria a ele melhor do que reagira a Sejanus? Ele parecia do tipo que ignoraria todo mundo. E Coriolanus pareceria um idiota, implorando por uma migalha de atenção de Marcus enquanto Lucy Gray fazia piruetas em volta de Sejanus.

Havia mais uma consideração. Ele possuía algo que Sejanus Plinth queria, e queria muito. Sejanus já tinha usurpado sua posição, sua herança, suas roupas, seus doces, seus sanduíches e o privilégio devido a um Snow. Agora, estava querendo seu apartamento, seu lugar na Universidade, seu próprio futuro, e tinha a audácia de se ressentir da boa sorte. De rejeitá-la. De considerá-la punição, até. Se ter Marcus como tributo incomodava Sejanus, que bom. Ele que se incomodasse. Lucy Gray era a única coisa que pertencia a Coriolanus que ele nunca teria.

– Desculpe, meu amigo – disse com suavidade. – Mas acho que vou ficar com ela.



Coriolanus apreciou a decepção no rosto de Sejanus, mas não por muito tempo, pois isso seria mesquinho.

– Olhe, Sejanus, você pode não perceber, mas sou *eu* que estou fazendo um favor a você. Pense bem. O que seu pai diria se descobrisse que você trocou o tributo pelo qual ele lutou?

– Não ligo – disse Sejanus, mas não soou convincente.

– Tudo bem, esqueça seu pai. E a Academia? – perguntou ele. – Duvido que trocar tributos seja permitido. Já ganhei um demérito só por conhecer Lucy Gray antes da hora. E se eu tentasse trocá-la? Além do mais, a pobrezinha já se apegou a mim. Largá-la seria como chutar um gatinho. Acho que não tenho coragem.

– Eu não devia ter pedido. Nem considerei que podia estar tornando as coisas difíceis pra você. Me desculpe. É que… – As palavras de Sejanus saíram em uma torrente. – É que essa coisa toda de Jogos Vorazes está me deixando louco! O que estamos fazendo? Botando crianças numa arena pra se matarem? É errado de tantas maneiras. Os animais protegem os mais jovens da espécie, não é? Nós também. Nós tentamos proteger as crianças! Faz parte de nós como seres humanos. Quem quer fazer isso de verdade? Não é natural!

– Não é bonito – concordou Coriolanus, olhando ao redor.

– É maldade. Vai contra tudo que acho certo no mundo. Não posso ser parte disso. Principalmente com Marcus. Tenho que pular fora de algum jeito – disse Sejanus, os olhos se enchendo de lágrimas.

A consternação dele deixou Coriolanus incomodado, principalmente porque ele valorizava muito sua chance de participar.

– Você sempre pode pedir para outro mentor para trocar de tributo. Acho que não teria dificuldade de encontrar quem topasse.

– Não. Não vou entregar Marcus pra ninguém. Você é o único em quem eu confiaria pra cuidar dele. – Sejanus se virou para a jaula, onde os tributos tinham se acomodado para passar a noite. – Ah, que importância tem, afinal? Se não for Marcus, vai ser outra pessoa. Pode ser mais fácil, mas vai continuar não sendo certo. – Ele pegou a mochila. – É melhor eu ir pra casa. Isso com certeza vai ser mais agradável.

– Acho que você não violou nenhuma regra – disse Coriolanus.

– Eu me alinhei publicamente aos distritos. Aos olhos do meu pai, violei a única regra que importa. – Sejanus abriu um sorrisinho para ele. – Mas obrigado de novo por me ajudar.

– Obrigado pelo sanduíche – disse Coriolanus. – Estava delicioso.

– Vou passar o recado para minha Mãezinha – disse Sejanus. – Vai fazer a noite dela.

O retorno de Coriolanus para casa foi manchado pela reprovação da avó por causa do piquenique com Lucy Gray.

– Alimentá-la é uma coisa – disse ela. – Comer com ela sugere que você a considera uma igual. Mas ela não é. Sempre houve algo de bárbaro nos distritos. Seu pai mesmo dizia que aquelas pessoas só bebiam água porque não chovia sangue. Você ignora isso por sua própria conta e risco, Coriolanus.

– Ela é só uma garota, Lady-Vó – disse Tigris.

– Ela é de distrito. E, acredite em mim, aquela lá não é garota há muito tempo – respondeu a avó.

Coriolanus pensou com consternação nos tributos no caminhão debatendo se o matariam. Eles haviam demonstrado ter gosto por sangue. Só Lucy Gray protestara.

– Lucy Gray é diferente – argumentou ele. – Ela ficou do meu lado no caminhão, quando os outros queriam me atacar. E cuidou de mim na jaula dos macacos.

Sua avó se manteve firme.

– Ela teria se dado a esse trabalho se você não fosse mentor dela? Claro que não. Ela é uma coisinha astuta que começou a te manipular assim que vocês se conheceram. Siga com cuidado, meu garoto. É só isso que estou dizendo.

Coriolanus não se deu o trabalho de discutir, pois sua avó sempre tinha a pior imagem de tudo que considerava de distrito. Ele foi direto para a cama, exausto, mas incapaz de acalmar a mente. Pegou o pó compacto da mãe na gaveta da mesa de cabeceira e passou os dedos pela rosa entalhada no estojo pesado de prata.

Rosas são vermelhas, violetas, como o mar.
Os pássaros sabem que sempre vou te amar…

Quando ele clicou na trava, a tampa se abriu e o aroma floral se espalhou. Na luz fraca da Corso, seus olhos azul-claros se refletiram no espelho redondo e meio distorcido. "Iguais aos do seu pai", sua avó lhe lembrava com frequência. Ele desejava ter os olhos da mãe, mas nunca dizia. Talvez fosse melhor puxar o pai. Sua mãe não tinha sido forte o suficiente para aquele mundo. Pensando nela, ele finalmente pegou no sono, mas foi Lucy Gray, girando com o vestido de arco-íris, que cantou nos seus sonhos.

De manhã, Coriolanus acordou com um aroma delicioso. Foi à cozinha e descobriu que Tigris estava cozinhando desde antes do amanhecer.

Ele apertou o ombro dela.

– Tigris, você precisa dormir mais.

– Não consegui dormir pensando no que está acontecendo no zoológico – disse ela. – Alguns deles parecem tão jovens este ano. Ou talvez seja eu que esteja ficando mais velha.

– É perturbador vê-los trancados naquela jaula – admitiu Coriolanus.

– Também foi perturbador te ver lá dentro! – Ela calçou uma luva acolchoada e retirou do forno uma forma de pudim de pão. – Fabricia me mandou jogar fora o pão velho da festa, mas pensei: pra que desperdiçar?

Quente ao sair do forno, molhado de xarope de milho, pudim de pão era um dos seus pratos favoritos.

– Está com uma cara incrível – disse ele para Tigris.

– E tem bastante, você pode levar um pedaço pra Lucy Gray. Ela disse que gostava de coisas doces… e duvido que haja muitas no futuro dela! – Tigris colocou a forma sobre o fogão com um estalo. – Desculpe. Não foi de propósito. Não sei o que deu em mim. Estou tensa demais.

Coriolanus tocou no braço dela.

– São os Jogos. Você sabe que tenho que fazer a mentoria, não é? Se quero ter chance de ganhar um prêmio. Preciso ganhar, por todos nós.

– Claro, Coryo. Claro. E estamos muito orgulhosas de você e de como está se saindo. – Ela cortou uma fatia grande de pudim de pão e colocou num prato. – Agora, coma. Você não vai querer se atrasar.

Na Academia, Coriolanus sentiu a apreensão se dissolver quando viu a reação de seu descuido do dia anterior. Com exceção de Livia Cardew, que deixou claro que achava que ele tinha trapaceado e devia ser dispensado da mentoria imediatamente, seus colegas o parabenizaram. Ainda que os professores não lhe dessem apoio tão abertamente, ele recebeu vários sorrisos e tapinhas sutis nas costas.

Satyria o chamou de lado depois da primeira aula.

– Muito bem. Você agradou a dra. Gaul e isso fez com que ganhasse uns pontos com o corpo docente. Ela vai dar um retorno positivo ao presidente Ravinstill, e isso vai refletir em todos nós. Mas precisa tomar cuidado. Você teve sorte até aqui. E se aqueles pestinhas tivessem te atacado na jaula? Os Pacificadores precisariam te salvar e haveria mortes de ambos os lados. As coisas poderiam ter sido bem diferentes se você não tivesse ficado com sua garota arco-íris.

– E foi por isso que recusei a proposta do Sejanus de trocar tributos – disse ele.

Satyria ficou de boca aberta.

– Não! Imagine o que Strabo Plinth diria se isso se tornasse público.

– Imagine o quanto ele me deve por não se tornar! – A ideia de chantagear o velho Strabo Plinth tinha seu apelo.

Ela riu.

– Falou como um Snow. Agora, vá pra aula. Precisamos que o resto do seu registro seja impecável se você vai começar a acumular deméritos.

Os vinte e quatro mentores passaram a manhã em um seminário liderado pelo professor Crispus Demigloss, o animado e velho professor de história. A turma trocou ideias sobre o que, fora o acréscimo de mentores, poderia fazer com que as pessoas assistissem aos Jogos Vorazes.

– Me mostrem que não estou desperdiçando meu tempo com vocês há quatro anos – disse ele com uma risadinha. – Se a história ensina alguma coisa, essa é coisa é como fazer os relutantes obedecerem. – Sejanus levantou a mão na mesma hora. – Ah, Sejanus?

– Antes de falarmos sobre fazer as pessoas assistirem, não devíamos discutir se assistir ou não é a coisa certa a fazer?

– Não vamos nos afastar do tópico, por favor. – O professor Demigloss observou a sala em busca de uma resposta mais produtiva. – Como fazemos as pessoas assistirem?

Festus Creed levantou a mão. Maior e mais corpulento do que a maioria dos garotos da idade dele, ele era do círculo mais próximo de Coriolanus desde o nascimento. Pertencia a uma das famílias da Capital com dinheiro antigo. A fortuna dele, amplamente advinda da madeira do Distrito 7, sofrera durante a guerra, mas havia se recuperado muito bem durante a reconstrução. O fato de ele ter ficado com a garota do Distrito 4 refletia seu status. Alto, mas não estelar.

– Nos ilumine, Festus – disse o professor Demigloss.

– É simples. Vamos direto pra punição – respondeu Festus. – Em vez de sugerir que as pessoas assistam, tornemos lei.

– O que vai acontecer pra quem não assistir? – perguntou Clemensia, sem se dar ao trabalho de levantar a mão e nem de erguer o rosto de suas anotações. Ela era popular com os alunos e os professores, e sua gentileza dava margem para muitas liberdades.

– Nos distritos, execução. Na Capital, a pessoa tem que ir morar nos distritos, e se repetir no ano seguinte, execução – disse Festus com alegria.

A turma riu, mas logo começou a pensar seriamente. Como vigiar? Não dava para mandar os Pacificadores baterem de porta em porta. Talvez uma amostra aleatória, em que você tivesse que estar preparado para responder perguntas que provassem que você viu os Jogos. E, se não tivesse visto, qual

seria a punição adequada? Não execução e nem banimento, eram soluções extremas demais. Talvez alguma perda de privilégio na Capital e chicotadas em público nos distritos? Isso tornaria a punição pessoal para todos.

– O verdadeiro problema é que é repugnante assistir – disse Clemensia. – Por isso, as pessoas evitam.

Sejanus se manifestou.

– Claro que evitam! Quem quer ver um grupo de crianças matar umas às outras? Só uma pessoa horrível e perversa. Os seres humanos podem não ser perfeitos, mas nós somos melhores do que isso.

– Como você sabe? – disse Livia com irreverência. – E como uma pessoa dos distritos tem ideia do que queremos ver na Capital? Você nem estava aqui na guerra.

Sejanus ficou em silêncio, incapaz de negar.

– Porque a maioria de nós é gente mais ou menos decente – disse Lysistrata Vickers, cruzando as mãos sobre o caderno. Tudo nela era arrumado. Desde o cabelo bem trançado às unhas lixadas e os punhos brancos e engomados da blusa do uniforme sobre a pele escura e lisa. – A maioria de nós não quer ver outras pessoas sofrerem.

– Nós vimos coisas piores durante a guerra. E depois – lembrou Coriolanus. Coisas sangrentas foram transmitidas durante os Dias Escuros e também muitas execuções brutais depois que o Tratado da Traição foi assinado.

– Mas nós tínhamos coisas de verdade em jogo, Coryo! – disse Arachne Crane, dando-lhe um soco no braço do assento à direita dele. Sempre tão barulhenta. Sempre socando as pessoas. O apartamento dos Crane ficava em frente ao dos Snow, e às vezes, mesmo do outro lado da Corso, dava para ouvir os gritos à noite. – Nós estávamos vendo nossos inimigos morrerem! A escória rebelde e tudo mais. Quem liga praqueles garotos e garotas, de qualquer forma?

– Possivelmente as famílias deles – disse Sejanus.

– Você quer dizer um bando de zés-ninguém nos distritos. E daí? – gritou Arachne. – Por que o resto de nós devia se importar com quem vence?

Livia olhou diretamente para Sejanus.

– Sei que eu não ligo.

– Eu me animo mais com uma briga de cachorros – admitiu Festus. – Principalmente se eu puder apostar.

– Então você gostaria que apostássemos nos tributos? – brincou Coriolanus. – Isso te faria assistir?

– Bom, animaria as coisas, claro! – exclamou Festus.

Algumas pessoas riram, mas a turma ficou logo em silêncio, refletindo sobre a ideia.

– É macabro – disse Clemensia, enrolando o cabelo no dedo, pensativa. – Você falou sério? Acha que devíamos estar apostando em quem vai vencer?

– Não – disse Coriolanus, e inclinou a cabeça. – Por outro lado, se for sucesso, com certeza, Clemmie. Eu quero entrar pra história como a pessoa que incluiu as apostas nos Jogos!

Clemensia balançou a cabeça com exasperação. Mas, quando estava indo almoçar, Coriolanus não conseguiu parar de pensar que a ideia tinha certo mérito.

Os cozinheiros do refeitório ainda estavam trabalhando com as sobras do bufê da colheita, e o presunto cremoso na torrada devia ser o ponto alto do almoço na escola daquele ano. Coriolanus saboreou cada pedaço, diferentemente do dia do bufê, quando ele estava tão perturbado com o jeito ameaçador do reitor Highbottom que nem sentira o gosto de nada.

Os mentores foram instruídos para se reunirem na varanda do Heavensbee Hall depois do almoço, antes dos primeiros encontros oficiais com os tributos. Cada mentor ganhou um breve questionário para completar com seu atribuído, em parte para quebrar o gelo, em parte para registro. Pouquíssimas informações haviam sido obtidas dos tributos anteriores e a ideia era tentar corrigir isso. Muitos dos seus colegas estavam com dificuldades de esconder o nervosismo no caminho, e não paravam de tagarelar e contar piadas em voz alta, mas Coriolanus já tinha se adiantado ao ir se encontrar com Lucy Gray duas vezes. Sentia-se completamente à vontade, até ansioso para vê-la de novo. Para agradecer pela música. Para dar a ela o pudim de pão de Tigris. Para criar estratégias para a entrevista.

O falatório morreu quando os mentores passaram pelas portas da varanda e viram o que os aguardava abaixo. Todos os sinais das festividades da colheita

tinham sido removidos, deixando o salão frio e imponente. Vinte e quatro mesinhas, cada uma com duas cadeiras dobráveis, estavam arrumadas em fileiras. Cada mesa tinha uma placa com um número de distrito seguido de Garota ou Garoto, e ao lado havia um bloco de concreto com um anel de metal no alto.

Antes que os alunos pudessem discutir a arrumação, dois Pacificadores entraram e montaram guarda ao lado da entrada principal, e os tributos foram levados em fila. Os Pacificadores estavam em número dobrado em relação aos tributos, mas era improvável que qualquer um dos jovens tentasse fugir, considerando os grilhões pesados presos em seus pulsos e tornozelos. Os tributos foram levados às mesas correspondentes aos seus distritos e sexo, receberam a ordem de se sentarem e foram acorrentados ao peso de concreto.

Alguns tributos quase caíram sentados, os queixos no peito, mas os mais desafiadores inclinaram as cabeças para trás e observaram o salão. Era um dos locais mais impressionantes da Capital, e várias bocas se abriram, deslumbradas com a grandiosidade das colunas de mármore, das janelas em arco, do teto abobadado. Coriolanus achava que devia ser uma maravilha para eles em comparação às estruturas baixas e feias que eram o estilo típico de muitos distritos. Conforme os olhos dos tributos percorriam o salão, eles acabaram chegando à varanda dos mentores, e os dois grupos se encararam por um momento longo e tenso.

Quando a professora Sickle bateu na porta atrás deles, os mentores deram um pulo coletivo.

– Parem de encarar seus tributos e desçam lá – ordenou ela. – Vocês só têm quinze minutos, usem-nos sabiamente. E lembrem-se de preencher a papelada para os nossos registros da melhor forma que puderem.

Coriolanus tomou a dianteira pela escada em espiral que levava até o salão. Quando seu olhar se encontrou com o de Lucy Gray, ele percebeu que ela o estava procurando. Vê-la acorrentada o perturbou, mas ele abriu um sorriso tranquilizador, e parte da preocupação sumiu do rosto dela.

Ele se sentou na cadeira à frente de Lucy Gray, franziu a testa para a mão algemada e fez sinal para o Pacificador mais próximo.

– Com licença, seria possível remover isso?

O Pacificador lhe fez o favor de verificar com o oficial à porta, mas balançou a cabeça negativamente.

– Obrigada por tentar – disse Lucy Gray. Ela tinha trançado o cabelo de um jeito bonito, mas o rosto estava triste e cansado, e o hematoma permanecia visível na bochecha. Ela reparou que ele estava olhando e tocou no local. – Está horrendo?

– Está melhorando – disse ele.

– Nós não temos espelho, eu só posso imaginar. – Ela não se dava ao trabalho de conjurar a personalidade vibrante da câmera para ele, e de certa forma ele ficou feliz. Talvez ela estivesse começando a confiar nele.

– Como você está? – perguntou Coriolanus.

– Com sono. Com medo. Com fome – disse Lucy Gray. – Algumas pessoas foram ao zoológico hoje cedo e nos deram comida. Ganhei uma maçã, que foi mais do que a maioria recebeu, mas não me deixou exatamente satisfeita.

– Bom, posso ajudar um pouco com isso. – Ele tirou o pacote de Tigris da bolsa.

Lucy Gray se animou um pouco e abriu com cuidado o papel até encontrar o quadrado grande de pudim de pão. De repente, seus olhos se encheram de lágrimas.

– Ah, não. Você não gosta? – perguntou ele. – Posso tentar trazer outra coisa. Posso…

Lucy Gray balançou a cabeça.

– É meu favorito. – Ela engoliu em seco, pegou um pedaço e botou na boca.

– O meu também. Minha prima Tigris fez hoje de manhã e deve estar bem fresco.

– Está perfeito. Igual ao que a minha mãe fazia. Por favor, diga a Tigris que eu agradeço. – Ela comeu outro pedaço, mas ainda estava segurando as lágrimas.

Coriolanus sentiu algo se contrair dentro dele. Queria esticar a mão e tocar no rosto dela, dizer que tudo ia ficar bem. Mas claro que não ia. Não para ela. Ele remexeu no bolso de trás em busca de um lenço e ofereceu a ela.

– Ainda tenho o lenço de ontem. – Ela enfiou a mão no bolso.

– Nós temos gavetas cheias – disse ele. – Pegue.

Lucy Gray pegou o lenço, secou os olhos e o nariz. Respirou fundo e se empertigou.

– E aí, qual é nosso plano pra hoje?

– Eu tenho que preencher esse questionário sobre sua vida. Você se importa? – Ele pegou a folha de papel.

– Nem um pouco. Adoro falar sobre mim.

A folha começava com coisas básicas. Nome, endereço no distrito, data de nascimento, cor de cabelo e olhos, altura e peso e se tinha alguma deficiência. As coisas ficaram mais complicadas na parte da família. Os pais e os dois irmãos mais velhos de Lucy Gray estavam mortos.

– Sua família toda se foi? – perguntou Coriolanus.

– Eu tenho uns primos. E o resto do Bando. – Ela se inclinou para olhar o papel. – Tem espaço pra eles?

Não havia. Mas deveria haver, pensou Coriolanus, considerando o quanto as famílias tinham sido destruídas pela guerra. Deveria haver lugar para qualquer pessoa que se importasse. Na verdade, talvez esta devesse ser a pergunta inicial: *Quem se importa com você?* Ou, melhor ainda: *Com quem você pode contar?*

– Casada? – Ele riu, mas lembrou que as pessoas se casavam jovens em alguns distritos. Como ele poderia saber? Talvez ela tivesse um marido no 12.

– Por quê? Está interessado? – disse Lucy Gray, com seriedade. Ele olhou surpreso para ela. – Eu acho que isso podia dar certo.

Coriolanus ficou um pouco vermelho pela provocação.

– Tenho certeza de que você poderia arrumar alguém melhor.

– Ainda não arrumei. – Uma expressão de dor surgiu no rosto dela, mas ela a escondeu com um sorriso. – Aposto que você tem garotas fazendo filas que dobram a esquina.

O flerte dela deixou Coriolanus mudo. Onde eles estavam? Ele olhou o papel. Ah, sim. Família.

– Quem te criou? Depois que você perdeu seus pais?

– Um velho ficou com a gente cobrando um valor, as seis crianças do Bando que sobraram. Ele não nos criou, mas também não se meteu com a gente,

então poderia ter sido pior. De verdade, sou grata. As pessoas não queriam ficar com nós seis. Ele morreu ano passado de pulmão negro, mas alguns de nós já têm idade pra se virar.

Eles passaram a falar de ocupação. Aos dezesseis anos, Lucy Gray não tinha idade para as minas, mas também não frequentava a escola.

– Eu ganho meu pão entretendo as pessoas.

– As pessoas pagam pra você… cantar e dançar? – perguntou Coriolanus. – Eu acharia que as pessoas dos distritos não tinham dinheiro pra isso.

– A maioria não tem. Às vezes, juntam dinheiro, e dois ou três casais se casam no mesmo dia e nos contratam. Eu e o resto do Bando. O que sobrou de nós. Os Pacificadores nos deixaram ficar com nossos instrumentos quando nos recolheram. Eles são alguns dos nossos melhores clientes.

Coriolanus lembrou que eles tentaram não sorrir na colheita, mas ninguém interferiu com o canto e a dança dela. Ele escreveu sobre o trabalho dela e terminou o formulário, mas ainda tinha muitas perguntas.

– Me conte sobre o Bando. De que lado vocês ficaram na guerra?

– Nenhum dos dois. Meu povo não escolheu lado. Nós somos só nós. – Algo atrás de Coriolanus chamou a atenção dela. – Qual é mesmo o nome do seu amigo? O dos sanduíches? Acho que ele está tendo problemas.

– Sejanus? – Ele olhou para trás pelas fileiras até onde Sejanus estava com Marcus. Havia uma refeição intocada de sanduíches de rosbife e bolo entre eles. Sejanus falava em tom de súplica, mas Marcus só ficava olhando fixamente para a frente, os braços cruzados, o corpo todo inerte.

Por todo o salão, os tributos estavam em vários estágios de envolvimento. Vários cobriam o rosto e se recusavam a se comunicar. Alguns choravam. Alguns estavam respondendo com cautela, mas pareciam hostis.

– Cinco minutos – anunciou a professora Sickle.

Isso lembrou a Coriolanus de outros cinco minutos sobre os quais eles tinham que conversar.

– Na noite anterior ao começo dos Jogos, vamos ter uma entrevista de cinco minutos na televisão, na qual vamos poder fazer o que quisermos. Pensei que você poderia cantar de novo.

Lucy Gray refletiu.

– Não sei se adianta. Quando cantei aquela música na colheita, não tinha nada a ver com vocês aqui. Eu não planejei. É só parte de uma história comprida e triste pra qual ninguém liga além de mim.

– Sensibilizou as pessoas – observou Coriolanus.

– E a música do vale foi, como você falou, uma forma de talvez conseguir comida.

– Foi linda – disse ele. – Me fez lembrar quando minha mãe… Ela morreu quando eu tinha cinco anos. Me fez lembrar uma música que ela cantava pra mim.

– E seu pai? – perguntou ela.

– Ele também morreu. No mesmo ano.

Ela assentiu com solidariedade.

– Então você é órfão, como eu.

Coriolanus não gostava de ser chamado assim. Livia o provocava pelo fato de ele não ter pais quando ele era pequeno e o fazia se sentir solitário e indesejado, mas ele não era nem uma coisa nem outra. Ainda assim, havia aquele vazio que a maioria das outras crianças não entendia. Mas Lucy entendia porque também era órfã.

– Podia ser pior. Eu tenho a Lady-Vó. É a minha avó. E tenho Tigris.

– Você sente falta dos seus pais? – perguntou Lucy Gray.

– Ah, eu não era tão próximo do meu pai. Da minha mãe… sim. – Ainda era difícil falar sobre ela. – E você?

– Muito. Dos dois. Usar o vestido da minha mãe é a única coisa que me sustenta agora. – Ela passou os dedos pelos babados. – Parece que ela está passando os braços em volta do meu corpo.

Coriolanus pensou no pó compacto da mãe. No pó aromatizado.

– A minha mãe sempre tinha cheiro de rosas – disse ele, e se sentiu constrangido. Ele raramente falava da mãe, mesmo em casa. Como a conversa tinha chegado ali? – Mas eu acho que sua música comoveu muita gente.

– É gentileza sua dizer isso. Obrigada. Mas não é motivo pra cantar na entrevista. Se for na noite anterior aos Jogos, com certeza não vou receber comida. Não tenho motivo nenhum pra conquistar as pessoas nesse momento.

Coriolanus tentou pensar em um motivo, mas uma música cantada por ela só traria benefícios para ele.

– Uma pena. Com a sua voz...

– Posso cantar uns versos nos bastidores – prometeu ela.

Ele teria que trabalhar para persuadi-la, mas, no momento, deixou o assunto de lado. Ele permitiu que ela o entrevistasse por alguns minutos e respondeu mais perguntas sobre sua família e como eles sobreviveram à guerra. Ele não sabia bem o motivo, mas era fácil contar as coisas para ela. Seria porque ele sabia que tudo que estava contando desapareceria na arena em poucos dias?

Lucy Gray pareceu mais animada; não houve mais lágrimas. Conforme eles foram compartilhando histórias, a sensação de familiaridade começou a crescer entre eles. Quando o apito soou para indicar o fim da sessão, ela guardou o lenço de Coriolanus no bolso da mochila dele e apertou seu braço em agradecimento.

Os mentores seguiram obedientemente para a saída principal, onde a professora Sickle os instruiu:

– Vocês têm que ir para o laboratório superior de biologia para um interrogatório.

Ninguém a questionou, mas nos corredores eles debateram em voz alta o motivo. Coriolanus esperava que significasse que a dra. Gaul estaria lá. Seu questionário preenchido contrastava com os esforços dos colegas, e esse poderia ser outro momento para ele se destacar.

– O meu não quis falar. Nem uma palavra! – disse Clemensia. – Só consegui o que já tinha depois da colheita. O nome dele. Reaper Ash.

– É um nome de agricultor – observou Lysistrata.

– Verdade – disse Clemensia.

– A minha falou. Eu quase queria que não tivesse falado! – Arachne praticamente gritou.

– Por quê? O que ela disse? – perguntou Clemensia.

– Ah, parece que ela passa a maior parte do tempo no Distrito 10 matando porcos. – Arachne simulou vomitar. – Eca. O que posso fazer com essa

informação? Queria poder inventar coisa melhor. – De repente, ela parou, fazendo Coriolanus e Festus se chocarem com ela. – Esperem! É isso!

– Cuidado! – disse Festus, empurrando-a para a frente.

Ela o ignorou e continuou falando, exigindo a atenção de todo mundo:

– Eu posso inventar alguma coisa brilhante! Já visitei o Distrito 10. É praticamente meu segundo lar! – Antes da guerra, a família dela construía hotéis de luxo em destinos de férias, e Arachne viajou muito por Panem. Ela ainda se gabava disso, apesar de ter ficado tão presa à Capital quanto todo mundo desde a guerra. – Eu posso pensar em algo melhor do que os altos e baixos de um abatedouro!

– Você tem sorte – disse Pliny Harrington. Todo mundo o chamava de Pup para diferenciá-lo do pai, que era comandante naval e cuidava das águas do Distrito 4. O comandante tentou moldá-lo à sua imagem e insistia para que Pup usasse corte militar e sapatos engraxados, mas o filho era descuidado por natureza. Ele tirou um pedaço de presunto do aparelho ortodôntico usando a unha do polegar e jogou no chão. – Pelo menos ela não tem medo de sangue.

– Por quê? A sua tem? – perguntou Arachne.

– Não faço ideia. Ela chorou durante os quinze minutos sem parar. – Pup fez uma careta. – Acho que o Distrito 7 não a preparou nem pra ter uma unha quebrada, que dirá para os Jogos.

– É melhor você abotoar o paletó antes de entrar – observou Lysistrata.

– Ah, é. – Pup suspirou. Ele foi fechar o botão de cima, mas o botão se soltou na mão dele. – Que uniforme idiota.

Quando eles entraram no laboratório, o prazer de Coriolanus de ver a dra. Gaul de novo foi diminuído pela presença do reitor Highbottom posicionado atrás da mesa do professor, recolhendo os questionários. Ele ignorou Coriolanus, mas também não foi simpático com mais ninguém. E deixou a fala para a Chefe dos Idealizadores dos Jogos.

A dra. Gaul cutucou o coelho bestante até a turma ter se acomodado e os cumprimentou:

– Um pulo, um pulinho, foi tudo bem no caminho? Eles se sentaram e foram logo falando ou ficaram só encarando? – Os alunos trocaram olhares confusos enquanto ela pegava os questionários. – Pra quem não sabe, sou a dra.

Gaul, a Chefe dos Idealizadores dos Jogos, e vou ser mentora das suas mentorias. Vamos ver o que temos aqui. – Ela folheou os papéis, franziu a testa, puxou um e ergueu na frente da turma. – Foi isso que pedimos a vocês pra fazer. Obrigada, sr. Snow. O que os outros têm a dizer?

Por dentro, ele vibrou, mas manteve a expressão neutra. O melhor passo agora era apoiar os colegas. Depois de uma longa pausa, ele falou:

– Eu tive sorte com o meu tributo. Ela é falastrona. Mas a maioria não quis se comunicar. E nem a minha garota viu sentido em se esforçar pra entrevista.

Sejanus se virou para Coriolanus.

– E por que deveriam? O que eles vão ganhar com isso? O que quer que eles façam, vão ser jogados na arena tendo que se defender sozinhos.

Um murmúrio de concordância se espalhou pela sala.

A dra. Gaul olhou para Sejanus.

– Você é o garoto dos sanduíches. Por que você fez aquilo?

Sejanus enrijeceu e evitou o olhar dela.

– Eles estavam passando fome. Nós já vamos matá-los. Precisamos torturá-los antes?

– Hum. Um simpatizante de rebeldes – disse a dra. Gaul.

Mantendo o olhar no caderno, Sejanus insistiu:

– Não são rebeldes. Alguns tinham dois anos quando a guerra terminou. Os mais velhos tinham oito. E agora que a guerra acabou, eles são só cidadãos de Panem, não são? Como nós? Não é isso que o hino diz que a Capital faz? "Você nos dá luz. Você reúne"? Deveria ser o governo de todos, não é?

– Essa é a ideia geral. Continue – encorajou a dra. Gaul.

– Então deveria proteger todo mundo – disse Sejanus. – É a função número um do governo! E não entendo como fazê-los lutar até a morte ajude nisso.

– Obviamente, você não aprova os Jogos Vorazes – disse a dra. Gaul. – Deve ser difícil para um mentor. Deve atrapalhar na sua tarefa.

Sejanus fez uma pausa. Depois se sentou ereto, parecendo se preparar para o que viria, e a encarou.

– Talvez a senhora devesse me substituir e designar alguém mais merecedor.

Houve um ruído alto de surpresa na sala.

– Por nada nesse mundo, garoto. – A dra. Gaul riu. – A compaixão é a chave para os Jogos. Empatia, o que nos falta. Certo, Casca? – Ela olhou para o reitor Highbottom, mas ele só ficou mexendo na caneta.

A expressão de Sejanus se transformou, mas ele não discutiu. Coriolanus sentia que ele tinha abandonado a batalha, mas não acreditava que tivesse desistido da guerra. Ele era mais forte do que parecia, Sejanus Plinth. Quem jogaria uma mentoria na cara da dra. Gaul?

Mas a conversa só pareceu revigorá-la.

– Não seria maravilhoso se todo mundo na plateia tivesse sentimentos tão intensos pelos tributos quanto este jovem aqui? Esse seria nosso objetivo.

– Não – disse o reitor Highbottom.

– Sim! Que as pessoas realmente se envolvessem! – continuou a dra. Gaul. Ela coçou a testa. – Vocês me deram uma ideia maravilhosa. Uma forma de deixar que as pessoas afetem pessoalmente o resultado dos Jogos. E se deixássemos a plateia enviar comida para os tributos na arena? Que os alimentassem, como seu amigo aqui fez no zoológico. Elas se sentiriam mais envolvidas?

Festus se animou.

– Eu me sentiria se pudesse apostar no tributo que estivesse alimentando! Hoje de manhã, Coriolanus disse que talvez a gente devesse apostar nos tributos.

A dra. Gaul sorriu para Coriolanus.

– Claro que disse. Muito bem, juntem-se pra tentar ter uma ideia. Escrevam uma proposta de como isso poderia funcionar e minha equipe vai levar em consideração.

– Consideração? – perguntou Livia. – A senhora quer dizer que talvez use mesmo nossas ideias?

– Por que não? Se tiverem mérito. – A dra. Gaul jogou a pilha de questionários na mesa. – O que falta de experiência aos cérebros jovens às vezes é compensado em idealismo. Nada parece impossível para eles. O velho Casca ali criou o conceito dos Jogos Vorazes quando era meu aluno na Universidade, só um pouco mais velho do que vocês são agora.

Todos os olhares se voltaram para o reitor Highbottom, que se dirigiu à dra. Gaul.

– Foi só uma teoria.

– Isso também é, a não ser que se mostre útil – disse a dra. Gaul. – Espero a proposta na minha mesa amanhã de manhã.

Coriolanus deu um suspiro em pensamento. Mais um projeto em grupo. Mais uma oportunidade de comprometer suas ideias em nome da colaboração. Ou cortá-las completamente ou, pior, desfigurá-las até terem perdido suas características. A turma votou em um comitê de três mentores para elaborar a ideia. Claro que ele foi eleito, e nem podia recusar. A dra. Gaul tinha que sair para uma reunião e instruiu que a turma discutisse a proposta. Ele, Clemensia e Arachne tinham que se encontrar naquela noite, mas como todos queriam visitar seus tributos primeiro, eles combinaram de se encontrar às oito no zoológico. Mais tarde, iriam para a biblioteca escrever a proposta.

Como o almoço tinha sido substancial, ele não se incomodou com a sopa de repolho do dia anterior e um prato de feijão para o jantar. Pelo menos não era feijão-manteiga. E quando Tigris colocou a última porção em uma tigela elegante de porcelana e decorou com algumas ervas frescas do telhado, a refeição não pareceu humilde demais para oferecer a Lucy Gray. A apresentação importava para ela. Quanto ao fato de ser feijão, bem, ela estava passando fome.

Ele foi tomado de otimismo conforme caminhava para o zoológico. As visitas na parte da manhã podiam ter sido fracas, mas agora as pessoas chegavam tão rápido que ele não sabia se conseguiria um lugar na frente da jaula dos macacos. Seu status recente ajudou. Quando as pessoas o reconheceram, permitiram que ele passasse e até mandaram que os outros abrissem caminho. Ele não era um cidadão comum; era um mentor!

Coriolanus foi direto para o canto, mas deu de cara com os gêmeos, Pollo e Didi Ring, acampados em sua pedra. A dupla incorporava totalmente o fato de serem gêmeos e usavam trajes idênticos, prendiam os cabelos em coques iguais e tinham a mesma personalidade animada. Eles saíram sem Coriolanus precisar pedir.

– Pode ficar, Coryo – disse Didi enquanto puxava o irmão da pedra.

– Claro, já alimentamos nossos tributos – acrescentou Pollo. – Ei, lamento você ter que trabalhar na proposta.

– É, a gente votou no Pup, mas ninguém nos apoiou! – Eles riram e correram para o meio da multidão.

Lucy Gray se juntou a ele imediatamente. Apesar de ele não a acompanhar no jantar, ela devorou o feijão depois de admirar como estava decorado de forma elegante.

– Você ganhou mais comida dos visitantes? – perguntou ele.

– Ganhei a casca de um queijo velho de uma moça e uns garotos brigaram por um pão que um cara jogou aqui dentro. Vejo todo tipo de gente segurando comida, mas acho que elas têm medo de chegar perto demais, apesar de ter Pacificadores aqui dentro com a gente agora. – Ela apontou para a parede dos fundos da jaula, onde quatro Pacificadores montavam guarda. – Pode ser que se sintam mais seguras agora que você está aqui.

Coriolanus reparou em um garoto de uns dez anos no meio das pessoas, segurando uma batata cozida. Ele piscou para o garoto e acenou com a mão. O garoto olhou para o pai, que assentiu em aprovação. Ele foi até Coriolanus, mas ainda se manteve um pouco longe.

– Você trouxe essa batata pra Lucy Gray? – perguntou Coriolanus.

– Trouxe. Guardei do jantar. Eu queria comer, mas queria mais dar pra ela – disse ele.

– Pode dar – encorajou Coriolanus. – Ela não morde. Mas seja educado.

O garoto deu um passo tímido na direção dela.

– Oi – disse Lucy Gray. – Qual é seu nome?

– Horace – disse o garoto. – Eu guardei minha batata pra você.

– Mas que fofo! É pra comer agora ou guardar? – perguntou ela.

– Agora. – O garoto entregou a batata com cuidado.

Lucy Gray segurou a batata como se fosse um diamante.

– Nossa. É a batata mais bonita que já vi. – O garoto corou de orgulho. – Bom, lá vou eu. – Ela deu uma mordida, fechou os olhos e pareceu quase desmaiar. – Uma delícia. Obrigada, Horace.

As câmeras deram zoom neles quando Lucy Gray recebeu uma cenoura murcha de uma garotinha e um osso cozido de sopa da avó da garotinha.

Alguém bateu no ombro de Coriolanus, e ele se virou e viu Pluribus Bell parado ali com uma lata pequena de leite.

– Pelos velhos tempos – disse ele com um sorriso ao fazer alguns buracos na tampa e entregar a lata para Lucy Gray. – Gostei do seu ato na colheita. Você mesma compôs a música?

Alguns dos tributos mais flexíveis (ou mais famintos) começaram a se posicionar perto da grade. Eles se sentaram no chão, esticaram as mãos, baixaram a cabeça e esperaram. Aqui e ali, alguém, normalmente uma criança, corria e colocava alguma coisa nas mãos deles, depois pulava para longe. Os tributos começaram a competir por atenção, atraindo as câmeras para o centro da jaula. Uma garotinha ágil do Distrito 9 deu um salto acrobático para trás depois de ganhar um pãozinho. O garoto do Distrito 7 fez um show de malabarismo com três nozes. A plateia recompensava os que faziam alguma coisa com aplausos e mais comida.

Lucy Gray e Coriolanus retomaram seus lugares no piquenique e assistiram ao show.

– Nós somos uma bela de uma trupe de circo, hein – disse ela enquanto arrancava pedacinhos de carne do osso.

– Nenhum deles chega perto de você – disse Coriolanus.

Mentores que tinham sido evitados antes foram abordados pelos tributos se oferecessem comida. Quando Sejanus chegou com sacos de ovos cozidos e pedaços de pão, todos os tributos correram até ele, exceto Marcus, que fez questão de ignorá-lo completamente.

Coriolanus indicou os dois com a cabeça.

– Você estava certa sobre Sejanus e Marcus. Eles estudavam na mesma turma no Distrito 2.

– Ah, isso é complicado. Pelo menos nós não temos que lidar com isso.

– Sim, já é bem complicado assim. – Ele quis falar como piada, mas pareceu seco. *Era* complicado e ia ficando mais a cada minuto.

Ela abriu um sorriso melancólico.

– Teria sido bom conhecer você em circunstâncias diferentes.

– Tipo quais? – Era um caminho perigoso de perguntas, mas ele não conseguiu evitar.

– Ah, tipo você ir a um dos meus shows e me ouvir cantar – disse ela. – E depois você vir conversar e talvez a gente tomar alguma coisa e dançar.

Ele conseguia imaginar a situação: ela cantando em um lugar como a casa noturna de Pluribus, ele olhando para ela, uma conexão antes mesmo de se conhecerem.

– E eu voltaria na noite seguinte.

– Como se tivéssemos todo o tempo do mundo – disse ela.

O devaneio deles foi interrompido por um "U-hu!" alto. Os tributos do Distrito 6 começaram uma dança engraçada, e os gêmeos Ring fizeram uma parte da plateia aplaudir no ritmo. Depois disso, a situação ficou quase festiva. A plateia chegou mais perto e algumas pessoas começaram a conversar com os prisioneiros.

De um modo geral, Coriolanus achou que as coisas estavam seguindo por um bom caminho; seria preciso mais do que Lucy Gray para justificar o horário nobre das entrevistas. Ele decidiu deixar os outros tributos terem seus momentos e pedir que ela cantasse no encerramento. Por ora, se contentou em contar a ela sobre as discussões dos mentores naquele dia e enfatizou o que a popularidade poderia significar na arena agora que havia a possibilidade de as pessoas mandarem dádivas.

Secretamente, ele se preocupou novamente com seus recursos. Ele precisaria de mais espectadores influentes, que tivessem dinheiro para comprar coisas para ela. Pegaria mal se o tributo de um Snow não recebesse nada na arena. Talvez ele devesse incluir uma cláusula na proposta de que não era possível enviar presentes para os próprios tributos. Senão, como ele poderia competir? Certamente não com Sejanus. E ali, junto à grade, Arachne tinha montado um pequeno piquenique para seu tributo. Um pãozinho fresco, um pedaço de queijo… aquilo era uva? Como ela tinha dinheiro para uva? Talvez a indústria de viagens estivesse prosperando.

Ele viu Arachne cortar o queijo com uma faca de cabo de madrepérola. Seu tributo, a tal garota falante do Distrito 10, se agachou na frente dela e se encostou com ansiedade na grade. Arachne fez um sanduíche grosso, mas não entregou imediatamente. Ela parecia estar dando sermão na garota sobre alguma coisa. Foi um discurso e tanto. Em um momento, a garota esticou a

mão pela grade e Arachne puxou o sanduíche de volta, arrancando uma risada das pessoas. Ela se virou e abriu um sorriso, balançou o dedo para o tributo, ofereceu o sanduíche de novo e o puxou de volta uma segunda vez, para a diversão da plateia.

– Ela está brincando com fogo ali – observou Lucy Gray.

Arachne acenou para a plateia e deu uma mordida no sanduíche.

Coriolanus viu o rosto da tributo garota se fechando, os músculos do pescoço se contraindo. Viu também outra coisa. Seus dedos deslizaram pela grade e envolveram o cabo da faca. Ele começou a se levantar, abriu a boca para gritar um aviso, mas era tarde demais.

Em um movimento, o tributo puxou Arachne para a frente e cortou a garganta dela.



Gritos soaram entre as pessoas mais próximas do ataque. O rosto de Arachne perdeu a cor quando ela largou o sanduíche e levou as mãos ao pescoço. Sangue escorreu pelos dedos dela quando a garota do Distrito 10 a soltou e deu um empurrãozinho. Arachne cambaleou para trás, se virou e esticou a mão encharcada, suplicando por ajuda. Mas as pessoas estavam atordoadas demais ou com medo demais para reagir. Muitos se afastaram quando ela caiu de joelhos e começou a se esvair em sangue.

A reação inicial de Coriolanus foi de se afastar, como os outros, de se segurar na grade da jaula dos macacos em busca de apoio, mas Lucy Gray sussurrou:

– Ajuda ela!

Ele se lembrou das câmeras transmitindo ao vivo para a plateia da Capital. Não tinha ideia do que fazer por Arachne, mas não queria ser visto encolhido, recuado. Seu pavor era uma coisa particular, e não algo feito para exibição pública.

Ele obrigou as pernas a se moverem e foi o primeiro a chegar a Arachne. Ela segurou a camisa dele enquanto a vida escapava dela.

– Médico! – gritou ele enquanto a deitava no chão. – Tem um médico aqui? Alguém ajude! – Ele pressionou o ferimento para estancar o sangue, mas parou quando ela fez som de sufocamento. – Vamos lá! – gritou ele para a plateia. Dois Pacificadores estavam abrindo caminho na direção dele, mas devagar demais.

Coriolanus teve tempo de ver a garota do Distrito 10 pegar o sanduíche e dar mordidas furiosas antes de balas perfurarem o seu corpo, jogando-a contra a grade. Ela escorregou até o chão e seu sangue se misturou com o de Arachne. Pedaços de comida meio mastigada caíram de sua boca na poça vermelha.

A multidão chegou para trás enquanto pessoas em pânico tentavam fugir do local. A luz morrente acrescentou um toque de desespero. Coriolanus viu um garotinho cair e sua perna ser pisoteada antes de uma mulher o puxar do chão. Outros não tiveram tanta sorte.

Os lábios de Arachne emitiram palavras sem som que ele não conseguiu decifrar. Quando a respiração dela parou abruptamente, ele achou que não adiantava tentar ressuscitá-la. Se ele forçasse ar em sua boca, não sairia simplesmente pelo ferimento aberto no pescoço? Festus estava ao seu lado agora, e os dois amigos trocaram olhares impotentes.

Coriolanus se afastou de Arachne e fez uma careta para a cobertura brilhante e vermelha nas mãos. Virou-se e viu Lucy Gray encolhida junto às grades da jaula, o rosto escondido na saia de babados, o corpo trêmulo, e percebeu que estava tremendo também. Com ele era assim: o jorro de sangue, o zumbido das balas, os gritos das pessoas só traziam de volta os piores momentos de sua infância. Botas rebeldes batendo nas ruas, ele e a avó no chão por causa dos tiros, corpos morrendo em convulsão ao redor… sua mãe na cama ensanguentada… os pisoteamentos nos tumultos por causa de comida, os rostos esmagados, as pessoas gemendo…

Imediatamente, tomou as atitudes necessárias para mascarar seu terror. Apertou as mãos em punho nas laterais do corpo. Tentou respirar fundo, devagar. Lucy Gray começou a vomitar, e ele deu-lhe as costas para controlar o próprio estômago.

Médicos apareceram e colocaram Arachne em uma maca. Outros avaliaram os feridos por balas perdidas ou que foram pisoteados. Uma mulher estava diante dele perguntando se ele tinha se machucado, aquele sangue era dele? Quando confirmaram que não era, deram a ele uma toalha para se limpar e seguiram em frente.

Quando estava limpando o sangue, ele viu Sejanus ajoelhado perto da garota tributo morta. Ele tinha enfiado as mãos pela grade e parecia estar

polvilhando alguma coisa branca sobre o corpo enquanto murmurava algumas palavras. Coriolanus só teve um vislumbre antes de um Pacificador aparecer e puxar Sejanus. Os soldados estavam ocupando o local agora, retirando as pessoas que restavam e enfileirando os tributos no fundo da jaula com as mãos acima da cabeça. Mais calmo, Coriolanus tentou chamar a atenção de Lucy Gray, mas os olhos dela estavam grudados no chão.

Um Pacificador o segurou pelos ombros e deu um empurrão respeitoso e firme na direção da saída. Ele se viu atrás de Festus pelo caminho principal. Eles pararam junto a um chafariz e removeram mais um pouco do sangue. Nenhum dos dois sabia o que dizer. Arachne não era sua pessoa favorita, mas sempre fez parte da vida dele. Eles brincavam juntos quando eram bebês, foram a festas de aniversário um do outro, ficaram em filas de comida, frequentaram as mesmas aulas. Ela fora vestida de renda preta da cabeça aos pés no enterro da mãe dele, e ele comemorara a formatura do irmão dela no ano anterior. Como parte da velha guarda rica da Capital, ela era quase da família. E não era preciso gostar da família. O laço existia de qualquer jeito.

– Não consegui salvá-la – disse ele. – Não consegui estancar o sangue.

– Acho que ninguém teria conseguido. Pelo menos, você tentou. É isso que importa – disse Festus em tom de consolo.

Clemensia os encontrou, o corpo todo tremendo de consternação, e eles saíram do zoológico juntos.

– Venham pra minha casa – disse Festus, mas quando eles chegaram ao prédio, ele caiu no choro de repente. Eles o colocaram no elevador e deram boa-noite.

Só quando Coriolanus estava levando Clemensia para casa foi que ele se lembrou da tarefa que a dra. Gaul tinha atribuído a ele. A proposta de enviar alimento aos tributos na arena e a opção de apostar neles.

– Ela não deve mais esperar nada – disse Clemensia. – Eu não conseguiria fazer nada hoje. E não poderia nem pensar no assunto. Sabe como é, sem a Arachne.

Coriolanus concordou, mas no caminho de casa pensou na dra. Gaul. Seria bem a cara dela penalizá-lo por perder um prazo daqueles, mesmo levando em conta as circunstâncias. Talvez ele devesse escrever alguma coisa por segurança.

Quando terminou de subir os doze andares até o apartamento, ele encontrou a avó transtornada, falando mal dos distritos e arejando seu melhor vestido preto para o funeral de Arachne. Ela voou para cima dele, passou a mão pelo seu peito e pelos braços para ter certeza de que não estava ferido. Tigris simplesmente chorou.

– Não acredito que Arachne esteja morta. Eu a vi no mercado de tarde, comprando uvas.

Ele as consolou e fez o melhor que pôde para tranquilizá-las sobre sua segurança.

– Não vai acontecer mais. Foi um acidente horrível. Agora, a segurança vai aumentar.

Quando as coisas se acalmaram, Coriolanus foi para o quarto, tirou o uniforme sujo de sangue e foi para o banheiro. Na água quase escaldante do chuveiro, ele removeu o restante do sangue de Arachne do corpo. Por cerca de um minuto, um choro doloroso de soluçar fez seu peito doer, mas passou, e ele não soube dizer se tinha a ver com a dor pela morte dela ou com a frustração por suas dificuldades. Provavelmente um pouco de cada. Ele vestiu um robe de seda puído que pertencera a seu pai e decidiu tentar escrever a proposta. Ele não conseguiria mesmo dormir, não com o som gorgolejante da garganta de Arachne ainda fresco nos ouvidos. Não havia pó com aroma de rosas que pudesse contrabalançar isso. Perder-se na tarefa o ajudaria a se acalmar, e ele preferia trabalhar na solidão, sem ter que refutar as ideias dos colegas de forma diplomática. Sem interferência, ele criou uma proposta simples e sólida.

Refletindo sobre a discussão em sala de aula com a dra. Gaul e sobre a empolgação da plateia quando alimentava os tributos famintos no zoológico, ele se concentrou na comida. Pela primeira vez, patrocinadores poderiam comprar itens como um pedaço de pão, um bloco de queijo, para serem entregues por drone a um tributo específico. Um painel seria estabelecido para revisar a natureza e o valor de cada item. O patrocinador teria que ser um cidadão da Capital de boa posição que não fosse diretamente relacionado aos Jogos. Isso descartava os Idealizadores dos Jogos, os mentores, os Pacificadores designados a protegerem os tributos e qualquer pessoa da família dos grupos supracitados. Sobre sua ideia de apostas, ele sugeriu um segundo painel para

criar um local que permitisse que os cidadãos da Capital apostassem oficialmente no vitorioso, estabelecessem as chances e supervisionassem o pagamento dos vencedores. O rendimento de ambos os programas seria utilizado para cobrir os custos dos Jogos, tornando-os essencialmente desprovidos de custo para o governo de Panem.

Coriolanus trabalhou sem parar até o amanhecer de sexta. Quando os primeiros raios de sol entraram pela janela, ele vestiu um uniforme limpo, botou a proposta debaixo do braço e saiu do apartamento o mais rapidamente possível.

A dra. Gaul tinha várias atribuições, dentre seu trabalho de pesquisa e suas funções militares e acadêmicas, e ele precisou adivinhar onde ficava seu escritório. Como era coisa relacionada aos Jogos Vorazes, ele foi até a imponente estrutura conhecida como Cidadela, que abrigava o Departamento de Guerra. Os Pacificadores de serviço não tinham intenção nenhuma de deixar que ele entrasse na zona de segurança altíssima, mas garantiram que os papéis da proposta seriam colocados sobre a mesa dela. Era o melhor que ele podia fazer.

Quando voltou andando pela Corso, a tela que só mostrava a insígnia de Panem nas primeiras horas ganhou vida com os eventos da noite anterior. Repetidamente, exibiram o tributo cortando a garganta de Arachne, ele chegando para ajudá-la e a assassina levando tiros. Ele se sentiu estranhamente distante da ação, como se toda sua reserva emocional tivesse se esgotado com seu breve desabafo no chuveiro. Como sua reação inicial à morte de Arachne foi um tanto deficiente, Coriolanus ficou aliviado de ver que as câmeras só gravaram sua tentativa de salvá-la, os momentos em que ele pareceu ser corajoso e responsável. Só daria para notar o tremor se alguém olhasse com muita atenção.

Ele estava particularmente satisfeito de ver uma imagem rápida de Livia Cardew se debatendo no meio da multidão e fugindo ao ouvir os tiros. Em uma ocasião na aula de retórica, ela tinha atribuído a incapacidade de Coriolanus de decifrar o significado mais profundo de um poema ao fato de ele ser egoísta demais. Que ironia isso vindo logo de Livia! Mas as ações falavam

mais alto do que as palavras. Coriolanus ao resgate, Livia correndo para a saída mais próxima.

Quando ele chegou em casa, Tigris e sua avó tinham se recuperado um pouco do choque da morte de Arachne e estavam declarando que ele era um herói nacional, comentário que ele desdenhou, mas também o fez vibrar. Ele deveria estar exausto, mas sentia uma energia nervosa percorrendo o corpo, e o anúncio de que a Academia manteria as aulas lhe deu ainda mais. Ser um herói em casa tinha suas limitações; ele precisava de uma plateia maior.

Depois de um café da manhã de batatas fritas e coalhada fria, ele foi para a Academia com a sobriedade que a ocasião exigia. Como todos o viam como amigo de Arachne, coisa que se provou certa ao tentar salvá-la, ele pareceu ser designado ao papel de líder do luto. Nos corredores, as condolências vinham de todos os lados, junto com elogios por suas ações. Alguém sugeriu que ele gostava dela como uma irmã, e apesar de nunca ter sido assim, ele não contestou. Não havia necessidade de desrespeitar os mortos.

Como reitor da Academia, Highbottom deveria chefiar a assembleia escolar, mas ele não apareceu. Foi Satyria quem falou de Arachne em termos elogiosos: sua audácia, sua expansividade, seu senso de humor. Só coisas que eram muito irritantes nela e que acabaram levando à sua morte, pensou Coriolanus enquanto secava os olhos. A professora Sickle pegou o microfone e o elogiou, e um pouco menos a Festus, pela reação deles a uma camarada caída. Hippocrata Lunt, orientadora da escola, convidou qualquer um com dificuldades em lidar com o luto para ir à sala dela, principalmente se a pessoa estivesse tendo impulsos violentos consigo mesma ou com os outros. Satyria voltou e anunciou que o funeral oficial de Arachne seria no dia seguinte e que todo o corpo estudantil compareceria para honrar a memória dela. Seria transmitido ao vivo para toda Panem, e eles eram encorajados a se portarem e se comportarem de forma adequada à juventude da Capital. Depois, eles tiveram permissão de interagir entre si, para se lembrarem da amiga e consolarem uns aos outros pela perda. As aulas seriam retomadas depois do almoço.

Depois de uma salada de peixe com torrada, os mentores tinham que se encontrar com o professor Demigloss de novo, embora ninguém estivesse com vontade de ir. Não ajudou o fato de que a primeira coisa que ele fez foi

distribuir uma lista de mentores, atualizada com os nomes dos tributos, dizendo:

– Isso deve facilitar no registro do seu progresso nos Jogos.

10ª EDIÇÃO DOS JOGOS VORAZES
ATRIBUIÇÃO DE MENTORIA

DISTRITO 1	
Garoto (Facet)	*Livia Cardew*
Garota (Velvereen)	*Palmyra Monty*
DISTRITO 2	
Garoto (Marcus)	*Sejanus Plinth*
Garota (Sabyn)	*Florus Friend*
DISTRITO 3	
Garoto (Circ)	*Io Jasper*
Garota (Teslee)	*Urban Canville*
DISTRITO 4	
Garoto (Mizzen)	*Persephone Price*
Garota (Coral)	*Festus Creed*
DISTRITO 5	
Garoto (Hy)	*Dennis Fling*
Garota (Sol)	*Iphigenia Moss*
DISTRITO 6	
Garoto (Otto)	*Apollo Ring*
Garota (Ginnee)	*Diana Ring*
DISTRITO 7	
Garoto (Treech)	*Vipsania Sickle*
Garota (Lamina)	*Pliny Harrington*
DISTRITO 8	

Garoto (Bobbin)	*Juno Phipps*
Garota (Wovey)	*Hilarius Heavensbee*
DISTRITO 9	
Garoto (Panlo)	*Gaius Breen*
Garota (Sheaf)	*Androcles Anderson*
DISTRITO 10	
Garoto (Tanner)	*Domitia Whimsiwick*
Garota (Brandy)	*Arachne Crane*
DISTRITO 11	
Garoto (Reaper)	*Clemensia Dovecote*
Garota (Dill)	*Felix Ravinstill*
DISTRITO 12	
Garoto (Jessup)	*Lysistrata Vickers*
Garota (Lucy Gray)	*Coriolanus Snow*

Coriolanus, além de várias outras pessoas ao redor, cortou automaticamente o nome da garota do Distrito 10. Mas e aí? Faria sentido cortar o nome de Arachne também, mas a sensação era diferente. Sua caneta pairou acima do nome dela e o deixou lá por enquanto. Parecia frieza cortá-la da lista daquele jeito.

Uns dez minutos depois da aula começar, chegou um bilhete da diretoria instruindo que ele e Clemensia saíssem da aula e se apresentassem imediatamente na Cidadela. Só podia ser em resposta à proposta dele, e Coriolanus sentiu uma mistura de empolgação e nervosismo. A dra. Gaul tinha gostado? Odiado? O que significava?

Como ele nem tinha contado sobre a proposta, Clemensia ficou irritada.

– Não acredito que você escreveu uma proposta com o corpo de Arachne ainda quente! Eu chorei a noite inteira. – Os olhos inchados confirmavam o comentário.

– Bom, eu também não consegui dormir – protestou Coriolanus. – Depois de segurá-la morrendo. Trabalhar me impediu de surtar.

– Eu sei, eu sei. Cada pessoa lida com a dor de um jeito. Eu não quis te desmerecer. – Ela suspirou. – E o que foi que eu supostamente escrevi com você?

Coriolanus ofereceu um resumo rápido, mas ela pareceu irritada.

– Me desculpe, eu pretendia te contar. É coisa bem básica, e uma parte do que está lá nós já discutimos em grupo. Olha, eu já ganhei um demérito esta semana. Não posso deixar que minhas notas sejam afetadas.

– Você pelo menos colocou meu nome? Não quero que pareça que eu estava frágil demais pra participar – disse ela.

– Eu não botei o nome de ninguém. É mais um projeto de turma. – Coriolanus levantou as mãos com exasperação. – Sinceramente, Clemmie, eu achei que estava fazendo um favor a você!

– Tudo bem, tudo bem – disse ela, cedendo. – Acho que te devo essa. Mas queria pelo menos ter tido a chance de ler. Só me dá cobertura se ela começar a nos fazer perguntas.

– Você sabe que vou dar. Ela provavelmente vai odiar mesmo. Eu achei boa, mas ela segue regras completamente diferentes.

– Isso é verdade – concordou Clemensia. – Você acha que ainda vai haver Jogos Vorazes agora?

Ele não tinha pensado nisso.

– Não sei. Com Arachne, o funeral… Se acontecerem, serão adiados, acho. Sei que você não gosta dos Jogos.

– Você gosta? Alguém gosta? – perguntou Clemensia.

– Pode ser que enviem os tributos pra casa. – A ideia não era totalmente desagradável quando ele pensava em Lucy Gray. Ele se perguntou como o desenrolar da morte de Arachne a estava afetando. Todos os tributos estariam sendo punidos? Ele teria permissão de vê-la?

– É, ou transformá-los em Avoxes, sei lá – disse Clemensia. – É horrível, mas não tão ruim quanto a arena. Eu preferiria viver sem língua a morrer, e você?

– Eu preferiria, mas não sei se meu tributo concordaria – disse Coriolanus. – Dá pra cantar sem língua?

– Não sei. Cantarolar, talvez. – Eles tinham chegado aos portões da Cidadela. – Este lugar me dava medo quando eu era pequena.

– Ainda me dá – disse Coriolanus, o que a fez rir.

Na estação dos Pacificadores, as retinas deles foram escaneadas e comparadas com os arquivos da Capital. Suas mochilas foram recolhidas e uma guarda os escoltou por um corredor comprido e cinzento até um elevador que desceu pelo menos 25 andares. Coriolanus nunca tinha estado num local tão profundo e, para sua surpresa, percebeu que gostava. Por mais que amasse a cobertura dos Snow, ele se sentira muito vulnerável quando as bombas caíram na guerra. Ali, parecia que nada poderia atingi-lo.

As portas do elevador se abriram e eles saíram em um laboratório aberto gigantesco. Fileiras de mesas de pesquisa, máquinas desconhecidas e caixas de vidro se espalhavam por uma longa distância. Coriolanus se virou para a guarda, mas ela fechou as portas e os deixou sem instruções.

– Vamos? – perguntou ele a Clemensia.

Eles começaram a andar com cuidado pelo laboratório.

– Tenho a sensação horrível de que vou quebrar alguma coisa – sussurrou ela.

Eles acompanharam uma parede de caixas de vidro com quase cinco metros de altura. Dentro, uma variedade de criaturas, algumas familiares, outras alteradas ao ponto de ser impossível rotular, caminhavam, ofegavam e se deslocavam com infelicidade aparente. Presas enormes, garras e barbatanas batiam no vidro conforme eles passavam.

Um jovem de jaleco os interceptou e os levou à seção das jaulas dos répteis. Lá, eles encontraram a dra. Gaul olhando para um terrário grande com centenas de serpentes. Eram de cores artificialmente intensas, a pele quase reluzindo em tons de rosa, amarelo e azul néon. Nem maiores do que uma régua e nem mais grossas do que um lápis, elas se retorciam em um tapete psicodélico que cobria o fundo da jaula.

– Ah, aí estão vocês – disse a dra. Gaul com um sorriso. – Digam oi para os meus novos bebês.

– Oi – disse Coriolanus, aproximando o rosto do vidro para ver o amontoado se retorcendo. Elas o lembravam alguma coisa, mas ele não conseguia pensar o quê.

– Existe motivo para as cores? – perguntou Clemensia.

– Existe motivo para tudo ou para nada, dependendo da sua visão de mundo – disse a dra. Gaul. – O que me leva à sua proposta. Gostei. Quem escreveu? Só vocês dois? Ou sua amiga atrevida participou antes de cortarem a garganta dela?

Clemensia apertou os lábios, chateada, mas Coriolanus viu seu rosto se contrair. Ela não se deixaria intimidar.

– A turma toda discutiu em conjunto.

– E Arachne estava planejando ajudar no texto ontem à noite, mas aí… foi como a senhora falou – acrescentou ele.

– Mas vocês dois seguiram em frente, foi isso? – perguntou a dra. Gaul.

– Isso mesmo – disse Clemensia. – Nós escrevemos na biblioteca e eu imprimi no meu apartamento ontem à noite. E dei para Coriolanus entregar hoje de manhã. Como designado.

A dra. Gaul falou com Coriolanus:

– Foi assim que aconteceu?

Coriolanus se sentiu sob holofotes.

– Eu entreguei hoje de manhã, sim. Bom, entreguei para os Pacificadores em serviço; não tive permissão de entrar – disse ele de forma evasiva. Havia algo de estranho no interrogatório. – Algum problema?

– Eu só queria ter certeza de que os dois tinham participado – disse a dra. Gaul.

– Posso mostrar as partes que o grupo discutiu e como foram desenvolvidas na proposta – ofereceu ele.

– Sim. Faça isso. Vocês trouxeram uma cópia? – perguntou ela.

Clemensia olhou para Coriolanus com expectativa.

– Eu não trouxe – disse ele. Não gostou de Clemensia estar jogando a responsabilidade nas costas dele, considerando que estava tão abalada que nem ajudou. Principalmente porque ela era uma de suas concorrentes mais impressionantes aos prêmios da Academia. – Você trouxe?

– Pegaram nossas mochilas. – Clemensia se virou para a dra. Gaul. – Não podemos usar a cópia que entregamos?

– Bom, poderíamos. Mas meu assistente usou o papel para forrar essa jaula quando fui almoçar – disse ela com uma risada.

Coriolanus olhou para o amontoado de serpentes com línguas em movimento. E realmente conseguiu ver trechos da proposta embaixo dos corpos.

– E se vocês dois pegarem? – sugeriu a dra. Gaul.

Pareceu um teste. Um teste esquisito da dra. Gaul. E meio planejado, mas ele não conseguia imaginar com que objetivo. Ele olhou para Clemensia e tentou lembrar se ela tinha medo de cobras, mas nem sabia se ele mesmo tinha. Não havia serpentes no laboratório da escola.

Ela abriu um sorriso tenso para a dra. Gaul.

– Claro. É só enfiar a mão pela portinhola no alto?

A dra. Gaul tirou a tampa toda.

– Ah, não. Vamos abrir espaço. Sr. Snow? Por que você não vai primeiro?

Coriolanus enfiou a mão devagar e sentiu o calor do ar aquecido.

– Isso mesmo. Se mova devagar. Não as incomode – instruiu a dra. Gaul.

Ele enfiou os dedos sob uma folha de papel da proposta e a puxou lentamente de debaixo das serpentes. Elas caíram em um amontoado, mas não pareceram se importar muito.

– Acho que elas nem repararam em mim – disse ele para Clemensia, que estava meio verde.

– Agora sou eu. – Ela enfiou a mão no tanque.

– Elas não enxergam muito bem e escutam pior ainda – disse a dra. Gaul. – Mas elas sabem que vocês estão aqui. As serpentes conseguem sentir o cheiro de vocês com a língua, essas bestantes aqui mais do que as outras.

Clemensia pegou uma folha com a unha e a ergueu. As serpentes se mexeram.

– Se você for familiar, se elas fizerem associações agradáveis com seu cheiro, como o de um tanque quente, por exemplo, elas vão ignorar sua presença. Um cheiro novo, uma coisa estranha, seria visto como ameaça – disse a dra. Gaul. – Você estaria por conta própria, garotinha.

Coriolanus tinha começado a encaixar as peças quando viu a expressão de alarme no rosto de Clemensia. Ela puxou a mão do tanque, mas, antes disso, cerca de seis cobras néon enfiaram as presas na pele dela.



Clemensia soltou um grito de arrepiar e agitou a mão como louca para se livrar das víboras. Os ferimentos pequenos deixados pelas presas secretavam as cores néon da pele das serpentes. Pus tingido de rosa, amarelo e azul escorria de seus dedos.

Assistentes de laboratório de jaleco branco se materializaram. Dois prenderam Clemensia no chão enquanto um terceiro injetava nela um fluido preto com uma seringa hipodérmica de aparência assustadora. Seus lábios ficaram roxos e sem sangue antes de ela desmaiar. Os assistentes a colocaram em uma maca e a levaram para longe.

Coriolanus foi atrás, mas a dra. Gaul o fez parar com a voz:

– Não você, sr. Snow. Você fica aqui.

– Mas eu… Ela… – gaguejou ele. – Ela vai morrer?

– Quem sabe? – disse a dra. Gaul. Ela tinha colocado a mão no tanque e estava passando de leve os dedos retorcidos nos bichinhos. – Obviamente, o cheiro dela não estava no papel. Então você escreveu a proposta sozinho?

– Escrevi. – Não fazia sentido mentir. A mentira provavelmente tinha matado Clemensia. Obviamente, ele estava lidando com uma lunática que devia ser tratada com cuidado extremo.

– Que bom. A verdade, enfim. Mentirosos não me servem de nada. O que são mentiras além de tentativas de esconder algum tipo de fraqueza? Se eu vir esse seu lado de novo, vou cortá-lo dos Jogos. Se o reitor Highbottom te punir por isso, não vou me intrometer. Está claro? – Ela enrolou uma das cobras cor-de-rosa no pulso como uma pulseira e pareceu admirá-la.

– Muito claro – disse Coriolanus.

– A sua proposta é boa – disse ela. – Bem pensada e simples de executar. Vou recomendar que minha equipe a revise e implemente uma versão do primeiro estágio.

– Está bem – disse Coriolanus, com medo de dar uma resposta além da mais básica, considerando estar cercado de criaturas letais que faziam o que ela queria.

A dra. Gaul riu.

– Ah, vá pra casa. Ou vá ver sua amiga se ela ainda estiver lá. Está na hora do meu biscoitinho com leite.

Coriolanus saiu rapidamente, esbarrou em um tanque de lagartos e deixou seus habitantes frenéticos. Entrou em um lugar errado, depois outro, e se viu em uma seção fantasmagórica do laboratório, onde as jaulas de vidro abrigavam humanos com partes de animais enxertadas no corpo. Golas de penas em volta do pescoço; garras ou até tentáculos no lugar de dedos. E uma coisa (talvez guelras?) embutida no peito. A aparição dele os sobressaltou, e quando alguns abriram a boca para fazer súplicas, ele percebeu que eram Avoxes. Seus gritos reverberaram e ele teve um vislumbre de pássaros pequenos e pretos empoleirados acima. O nome *gaio tagarela* surgiu na mente dele. Um breve capítulo da aula de genética. O experimento fracassado, o pássaro capaz de repetir a fala humana que foi ferramenta de espionagem até os rebeldes entenderem o que faziam e os enviarem de volta com informações falsas. Agora, as criaturas inúteis estavam criando uma câmara de eco cheia dos gritos lamentáveis dos Avoxes.

Finalmente, uma mulher de jaleco e óculos bifocais enormes com armação rosa o interceptou, o repreendeu por incomodar os pássaros e o acompanhou até o elevador. Enquanto ele esperava, uma câmera de segurança o observava, e ele tentou compulsivamente esticar a única página amassada da proposta que estava segurando. Pacificadores o receberam, devolveram a mochila dele e a de Clemensia e o escoltaram para fora da Cidadela.

Coriolanus seguiu pela rua e contornou a esquina, e só então suas pernas cederam e ele se abaixou no meio-fio. O sol machucava seus olhos, e ele parecia não conseguir recuperar o fôlego. Estava exausto, pois não tinha dormido na

noite anterior, mas cheio de adrenalina. O que tinha acontecido? Clemensia estava morta? Ele nem tinha processado direito o fim violento de Arachne, e agora isso. Era como os Jogos Vorazes. Só que eles não eram garotos de distrito. A Capital devia protegê-los. Ele pensou em Sejanus dizendo para a dra. Gaul que era função do governo proteger todo mundo, até as pessoas nos distritos, mas ele ainda não sabia como encaixar isso com o fato de que tinham sido inimigos tão recentemente. Mas certamente o filho de um Snow deveria ser prioridade máxima. Ele poderia estar morto se Clemensia tivesse escrito a proposta em seu lugar. Ele escondeu a cabeça nas mãos, confuso, com raiva e, mais do que tudo, com medo. Com medo da dra. Gaul. Com medo da Capital. Com medo de tudo. Se as pessoas que deveriam protegê-lo brincavam com tanta facilidade com sua vida… como é que se sobrevivia? Não confiando nelas, isso era certo. E se não dava para confiar nelas, em quem dava para confiar? Impossível saber.

Coriolanus ficou tenso ao se lembrar das presas de serpente penetrando na carne da colega. Pobre Clemmie, ela podia mesmo estar morta? E daquele jeito horrível, ainda por cima...Se estivesse, era culpa dele? Por não ter chamado a atenção dela por mentir? Parecia uma infração pequena, mas a dra. Gaul colocaria a culpa nele por acobertá-la? Se Clemensia morresse, ele podia ficar muito encrencado.

Ele imaginou que, em uma emergência, uma pessoa seria levada para o Hospital da Capital mais próximo, e por isso saiu correndo nessa direção. Quando entrou no saguão frio, ele seguiu as placas até a emergência. Assim que as portas automáticas se abriram, ele ouviu Clemensia gritando da mesma forma como gritara quando as cobras a picaram. Pelo menos ela ainda estava viva. Ele balbuciou alguma coisa para a enfermeira no balcão, e ela conseguiu entender o suficiente para mandar que ele se sentasse bem na hora que uma onda de tontura o atingiu. Ele devia estar com uma cara péssima, porque ela levou para ele dois pacotinhos de biscoitos nutritivos e um copo de bebida de limão doce e gaseificada, que ele tentou beber aos golinhos, mas acabou virando, o que o fez ter vontade de pedir mais. O açúcar o fez se sentir um pouco melhor, mas não o suficiente para comer os biscoitos, que guardou no bolso. Quando o médico surgiu dos fundos, ele estava quase no controle de si

mesmo. O médico o tranquilizou. Eles já tinham tratado vítimas de infortúnios no laboratório. Como o antídoto foi injetado rapidamente, havia todos os motivos do mundo para acreditar que Clemensia sobreviveria, embora pudesse haver algum dano neurológico. Ela ficaria hospitalizada até terem certeza de que estava estável. Se voltasse em alguns dias, talvez pudesse receber visitas.

Coriolanus agradeceu, entregou a mochila dela e concordou quando o médico sugeriu que a melhor coisa a fazer seria voltar para casa. Ao refazer o caminho até a entrada, ele viu os pais de Clemensia correndo na direção dele e conseguiu se esconder em uma porta. Ele não sabia o que haviam dito para os Dovecote, mas não tinha interesse em falar com eles, principalmente antes de pensar em uma história.

A falta de uma história plausível, de preferência que o absolvesse de ser cúmplice da condição de Clemensia, tornava impossível voltar para a escola e para casa.

Tigris só chegaria no jantar, no mínimo, e sua avó ficaria horrorizada com a situação. Estranhamente, ele percebeu que a única pessoa com quem queria conversar era Lucy Gray, que era inteligente e provavelmente não repetiria suas palavras.

Seus pés o levaram ao zoológico antes mesmo de ele pensar nas dificuldades que encontraria lá. Dois Pacificadores armados de forma impressionante estavam montando guarda na entrada principal, com vários outros atrás. No começo, mandaram que ele fosse embora; as instruções eram de que ninguém tinha permissão de visitar o zoológico. Mas Coriolanus deu a cartada do mentor, e naquele momento alguns o reconheceram como o garoto que tentou salvar Arachne. Sua fama foi suficiente para convencê-los a solicitar uma exceção. O Pacificador falou diretamente com a dra. Gaul, e Coriolanus ouviu a risada distinta vinda do telefone, apesar de estar a alguns metros de distância. Ele pôde entrar com um Pacificador, mas só por pouco tempo.

O lixo largado durante a fuga das pessoas ainda estava espalhado no caminho até a jaula dos macacos. Dezenas de ratos corriam por lá roendo sobras, desde pedaços de comida apodrecendo a sapatos perdidos na confusão. Apesar de o sol estar alto, vários gambás circulavam pegando porções de

alimentos com as mãozinhas ágeis. Um mastigava um rato morto e avisava aos outros para passarem longe.

– Não é o zoológico de que me lembro – disse o Pacificador. – Só tem crianças em jaulas e esses bichos correndo por aí.

No caminho, Coriolanus observou pequenos recipientes com pó branco embaixo de rochas ou encostados em paredes em determinados pontos. Ele se lembrava do veneno usado pela Capital durante o cerco, uma época com pouca comida e muitos ratos. Seres humanos, principalmente os mortos, tinham se tornado o alimento de cada dia. Durante a pior fase, claro, humanos também comeram humanos. Não havia sentido em se sentir superior aos ratos.

– Aquilo é veneno de rato? – perguntou ele ao Pacificador.

– É, é uma coisa nova que estão experimentando hoje. Mas os ratos são tão inteligentes que nem chegam perto. – Ele deu de ombros. – Foi o que nos deram pra trabalhar.

Dentro da jaula, os tributos, algemados de novo, estavam encostados na parede dos fundos ou posicionados atrás das formações rochosas, como se tentando passar o mais despercebidos possível.

– Você tem que ficar longe – disse o Pacificador. – Sua garota não é uma ameaça provável, mas quem sabe? Outro pode te atacar. Você tem que ficar em um ponto em que não te alcancem.

Coriolanus assentiu e foi para a pedra de sempre, mas permaneceu atrás dela. Não se sentia ameaçado pelos tributos, eles eram o menor dos seus problemas, mas ele não queria dar ao reitor Highbottom outra desculpa para puni-lo.

De início, ele não conseguiu localizar Lucy Gray. Mas fez contato visual com Jessup, que estava encostado na parede dos fundos, usando o que parecia ser o lenço dos Snow no pescoço. Jessup deu uma sacudida em algo ao seu lado e Lucy Gray se sentou ereta com um sobressalto.

Por um momento, ela pareceu desorientada. Quando viu Coriolanus, ela esfregou os olhos para afastar o sono e ajeitou o cabelo solto com os dedos. Perdeu o equilíbrio ao se levantar e se segurou no braço de Jessup. Ainda desequilibrada, ela começou a atravessar a jaula na direção dele, arrastando as correntes junto. Era o calor? Trauma por causa das mortes? Fome? Como a

Capital não alimentava os tributos, ela não tinha comido nada desde o assassinato de Arachne, quando vomitou toda a comida preciosa da plateia, e provavelmente o pudim de pão e a maçã que comera de manhã. Ela tinha ficado quase cinco dias à base de um sanduíche de bolo de carne e uma ameixa. Ele teria que arrumar um jeito de lhe oferecer mais comida, mesmo que fosse sopa de repolho.

Quando ela atravessou o fosso sem água, ele levantou a mão.

– Desculpe, não podemos chegar perto.

Lucy Gray parou a uma pequena distância da grade.

– Estou surpresa de você ter conseguido entrar.

A garganta dela, a pele, o cabelo, tudo parecia seco no sol quente da tarde. Um hematoma feio em seu braço não estava lá na noite anterior. Quem teria batido nela? Outro tributo ou um guarda?

– Eu não queria te acordar – disse ele.

Ela deu de ombros.

– Não é nada. Jessup e eu nos revezamos dormindo. Os ratos da Capital gostam de gente.

– Os ratos estão tentando comer vocês? – perguntou Coriolanus, enjoado com a ideia.

– Bom, alguma coisa mordeu o pescoço do Jessup na primeira noite que passamos aqui. Estava escuro e não deu pra ver o que era, mas ele percebeu o pelo. E ontem à noite, alguma coisa subiu na minha perna. – Ela indicou o recipiente de pó branco perto das grades. – Aquilo lá não ajuda em nada.

Coriolanus teve uma imagem horrível dela deitada morta debaixo de um bando de ratos. Acabou com o resto da resistência que ele tinha, e ele se sentiu tomado pelo desespero. Por ela. Por si mesmo. Pelos dois.

– Ah, Lucy Gray. Sinto muito. Sinto tanto por tudo isso.

– Não é sua culpa.

– Você deve me odiar. Deveria. Eu me odiaria.

– Eu não te odeio. Os Jogos Vorazes não foram ideia sua – respondeu ela.

– Mas estou participando deles. Estou colaborando para que aconteçam! – Sua cabeça pendeu de vergonha. – Eu deveria ser como Sejanus e pelo menos tentar abandonar a mentoria.

– Não! Por favor, não. Não me deixe passar isso tudo sozinha! – Ela deu um passo na direção dele e quase desmaiou. Suas mãos agarraram as grades e ela escorregou até o chão.

Ignorando o aviso dos guardas, ele passou por cima da pedra impulsivamente e se agachou na frente dela.

– Você está bem?

Ela assentiu, mas não parecia bem. Ele queria contar a ela sobre o susto com as cobras e o flerte de Clemensia com a morte. Queria pedir conselhos, mas tudo parecia pequeno perto da situação dela. Ele se lembrou dos biscoitos que a enfermeira lhe dera e procurou os dois pacotes no bolso.

– Eu trouxe isto. Não são grandes, mas são bem nutritivos.

Soou como uma idiotice. Como o valor nutricional poderia importar para ela? Ele percebeu que estava só repetindo o que seus professores diziam durante a guerra, quando um dos incentivos para ir à escola era o lanche oferecido pelo governo. Os biscoitos secos e sem gosto acompanhados de água eram a única coisa que algumas crianças tinham para comer o dia todo. Ele se lembrou de suas mãozinhas magras como garras arrancando o embrulho e o ruído de mastigação desesperada em seguida.

Lucy Gray abriu um pacote na mesma hora e enfiou um dos dois biscoitos na boca, mastigou e engoliu a coisa seca com dificuldade. Ela apertou a mão na barriga, suspirou e comeu o segundo mais devagar. A comida pareceu lhe dar foco e sua voz soou mais calma:

– Obrigada. Estou melhor.

– Coma os outros – pediu ele, indicando o segundo pacote.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Vou guardar para o Jessup. Ele é meu aliado agora.

– Seu aliado? – Coriolanus estava perplexo. Como alguém podia ter um aliado nos Jogos?

– Aham. Os tributos do Distrito 12 vão cair juntos – disse Lucy Gray. – Ele não é muito inteligente, mas é forte como um touro.

Dois biscoitos pareciam um preço baixo a pagar pela proteção de Jessup.

– Vou arrumar mais coisa pra você comer assim que puder. E parece que as pessoas vão poder enviar comida pra arena. É oficial agora.

– Seria bom. Mais comida seria bom. – Ela inclinou a cabeça para a frente e a apoiou na grande. – Aí, como você falou, pode fazer sentido eu cantar. Pra fazer as pessoas quererem me ajudar.

– Na entrevista – sugeriu ele. – Você pode cantar a música do vale de novo.

– Talvez. – Ela franziu a testa de modo reflexivo. – Vão transmitir por toda Panem ou só na Capital?

– Acho que toda Panem. Mas você não vai ganhar nada dos distritos.

– Nem espero. Não é por isso – disse ela. – Mas talvez eu cante. Seria melhor com um violão.

– Posso tentar conseguir um. – Não que os Snow tivessem instrumentos. Exceto pelo hino diário da avó e das cantigas de ninar da sua mãe antigamente, houve pouca música em sua vida até Lucy Gray aparecer. Ele raramente ouvia as transmissões de rádio da Capital, que só tocavam marchas e músicas de propaganda. E pareciam todas iguais.

– Ei! – O Pacificador fez sinal para ele se afastar. – Você está perto demais! Mas está na hora de ir.

Coriolanus se levantou.

– É melhor eu partir se quiser que me deixem entrar outra vez.

– Claro. Claro. E obrigada. Pelos biscoitos e tudo mais – disse Lucy Gray, segurando nas grades para se levantar com dificuldade.

Ele enfiou a mão pelas grades para ajudá-la a se levantar.

– Não foi nada.

– Pra você, talvez. Mas pra mim é o mundo ter uma pessoa vindo aqui, como se eu importasse.

– Você importa – disse ele.

– Bom, há muitas provas do contrário. – Ela balançou as correntes e de um puxão nelas. E então, como se lembrando de alguma coisa, olhou para o céu.

– Você importa pra mim – insistiu ele. A Capital podia não a valorizar, mas ele sim. Não tinha acabado de abrir o coração para ela?

– Hora de ir, sr. Snow! – gritou o Pacificador.

– Você importa pra mim, Lucy Gray – repetiu ele. Suas palavras atraíram o olhar dela de volta, mas ela ainda parecia distante.

– Olha, garoto, não me faz ter que te denunciar – disse o Pacificador.

– Eu tenho que ir. – Coriolanus se preparou para partir.

– Ei! – disse ela com certa urgência. Ele se virou. – Ei, quero que você saiba que não acredito que você esteja aqui pelas notas ou por glória. Você é uma ave rara, Coriolanus.

– Você também – disse ele.

Ela moveu a cabeça concordando e voltou para onde Jessup estava, as correntes deixando uma trilha na palha suja e nos cocôs de rato. Quando chegou ao companheiro, ela se deitou e se encolheu, como se estivesse exausta pelo breve encontro.

Ele tropeçou duas vezes saindo do zoológico e admitiu que estava cansado demais para elaborar uma boa solução para qualquer coisa. Já estava tarde e sua chegada em casa não geraria desconfianças, por isso ele voltou para o apartamento. Teve o azar de encontrar a colega de turma Persephone Price, filha do famoso Nero Price, o homem que canibalizara a empregada. Eles acabaram caminhando juntos, pois eram vizinhos. Ela tinha sido designada como mentora de Mizzen, um garoto corpulento de treze anos do Distrito 4, e estava presente quando ele e Clemensia foram retirados da aula. Ele temia que ela puxasse assunto sobre a proposta, mas Persephone ainda estava abalada demais pela morte de Arachne para falar sobre qualquer outra coisa. Normalmente, ele evitava a companhia de Persephone porque nunca conseguia deixar de imaginar se ela sabia quais tinham sido os ingredientes dos ensopados que comera na época da guerra. Por um tempo, ele sentiu medo dela, mas agora a garota só inspirava repulsa, por mais que ele ficasse lembrando que ela era inocente. Com covinhas nas bochechas e seus olhos verdes, ela era mais bonita do que qualquer outra garota do ano dele, com a possível exceção de Clemensia… bem, a Clemensia de antes das picadas de cobra. Mas a ideia de beijá-la o repugnava. Mesmo agora, quando ela lhe deu um abraço lacrimoso de despedida, ele só conseguia pensar naquela perna cortada.

Coriolanus se arrastou escada acima, os pensamentos mais sombrios do que nunca com a lembrança da pobre empregada caída de fome nas ruas. Quanto tempo ele podia esperar que Lucy Gray durasse? Ela estava murchando rápido. Estava fraca e distraída. Ferida e destruída. Mas, mais do que tudo, morrendo de fome. No dia seguinte, ela talvez já não conseguisse ficar de pé. Se ele não

encontrasse alguma forma de alimentá-la, ela estaria morta antes dos Jogos Vorazes começarem.



Quando Coriolanus chegou ao apartamento, sua avó deu uma olhada nele e sugeriu que tirasse um cochilo antes do jantar. Ele caiu na cama, sentindo-se estressado demais para conseguir dormir. Mas, quando se deu conta, Tigris já estava sacudindo seu ombro delicadamente. Uma bandeja em sua mesa de cabeceira espalhava o aroma reconfortante de sopa com macarrão. Às vezes o açougueiro dava carcaças de frango de graça para ela, que fervia e preparava alguma coisa maravilhosa.

– Coryo – disse ela. – Satyria ligou três vezes e não consigo pensar em mais desculpas. Acorde, coma um pouco e ligue pra ela.

– Ela perguntou sobre Clemensia? Todo mundo sabe? – perguntou ele de repente.

– Clemensia Dovecote? Não. Por que ela perguntaria? – perguntou Tigris.

– Foi tão horrível. – Ele contou a história com todos os detalhes asquerosos.

Enquanto ele falava, toda a cor sumiu do rosto da prima.

– A dra. Gaul fez as serpentes picarem ela? Por causa de uma mentirinha boba daquelas?

– Fez. E não se importou nem um pouco se Clemensia sobreviveria ou não. Só me mandou sair pra poder fazer o lanche da tarde.

– Que sádica. Ou completamente maluca – disse Tigris. – Você acha que deveria denunciá-la?

– Pra quem? Ela é Chefe dos Idealizadores dos Jogos. Trabalha diretamente com o presidente. Ela vai dizer que foi culpa nossa por mentir.

Tigris pensou no assunto.

– Tudo bem. Não denuncie. Nem confronte. Só a evite o máximo que puder.

– Sendo mentor, isso é difícil. Ela fica aparecendo na Academia pra brincar com um coelho bestante e fazer um monte de perguntas malucas. Uma palavra dela pode me dar ou me tirar o prêmio. – Ele esfregou o rosto com as mãos. – Arachne está morta, Clemensia está completamente envenenada e Lucy Gray… bom, essa é outra história horrível. Duvido que ela chegue aos Jogos e talvez até seja melhor.

Tigris colocou uma colher na mão dele.

– Tome sua sopa. Já passamos por coisas piores. Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo, certo?

– Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo – disse ele com tão pouca convicção que os dois riram. Ele se sentiu um pouco mais normal. Tomou um pouco da sopa para agradá-la, percebeu que estava morrendo de fome e devorou a tigela toda rapidamente.

Quando Satyria ligou de novo, ele quase fez a confissão, mas ela só queria pedir que ele cantasse o hino no funeral de Arachne de manhã.

– Seu heroísmo no zoológico, somado ao fato de você ser o único que sabe a letra toda, fez de você a primeira escolha do corpo docente.

– Seria uma honra, claro – respondeu ele.

– Que bom. – Satyria bebeu alguma coisa e o gelo no copo tilintou, em seguida parou para respirar. – Como estão as coisas com o seu tributo?

Coriolanus hesitou. Reclamar parecia infantilidade, como se ele não fosse capaz de lidar com os próprios problemas. Ele quase nunca pedia a ajuda de Satyria. Mas pensou em Lucy Gray cedendo sob o peso das correntes e deixou a cautela de lado.

– Nada bem. Eu vi Lucy Gray hoje. Só por um minuto. Ela está muito fraca. A Capital não deu nada para ela comer.

– Desde que ela saiu do Distrito 12? Ora, isso foi há quanto tempo? Quatro dias? – perguntou Satyria, surpresa.

– Cinco. Acho que ela não vai sobreviver até os Jogos Vorazes. Não vou nem ter um tributo pra mentorar – disse ele. – Muitos de nós não terão.

– Bom, isso não é justo. É como mandar que você faça um experimento com equipamentos quebrados – respondeu ela. – E agora os Jogos serão adiados por pelo menos um ou dois dias. – Ela fez uma pausa e acrescentou: – Vou ver o que posso fazer.

Ele desligou e se virou para Tigris.

– Querem que eu cante no funeral. Ela não mencionou Clemensia. Devem estar guardando segredo.

– Então faça o mesmo – disse Tigris. – Talvez finjam que a coisa toda não aconteceu.

– Talvez nem contem ao reitor Highbottom – disse ele, se animando. Mas outro pensamento lhe ocorreu. – Tigris? Acabei de lembrar que não sei cantar. – De alguma forma, isso foi a coisa mais engraçada que os dois já tinham ouvido.

Já a avó deles não achou que fosse motivo para rir, e na manhã seguinte o acordou bem cedo para treiná-lo. No fim de cada verso, ela cutucava as costelas dele com uma régua e gritava "Respire!" até ele não ser capaz de se imaginar tomando outra decisão. Pela terceira vez naquela semana, ela sacrificou uma de suas queridas flores pelo futuro dele e prendeu um botão de rosa azul-claro no paletó bem passado do uniforme de Coriolanus.

– Pronto. Combina com seus olhos – disse ela.

Bem arrumado, com a barriga cheia de aveia e a costela cheia de hematomas que o lembravam de inspirar, ele partiu para a Academia.

Apesar de ser sábado, todo o corpo estudantil passou na sala onde registravam a presença antes de se reunir nos degraus da frente da Academia, dividida por turma e em ordem alfabética. Por causa da tarefa, Coriolanus ficou na frente com os professores e os convidados especiais, o mais importante deles sendo o presidente Ravinstill. Satyria repassou rapidamente o programa com ele, mas a única coisa que ficou na cabeça foi que sua interpretação do hino abriria a cerimônia. Ele não se importava de falar em público, mas nunca tinha cantado para uma plateia; havia poucas ocasiões para isso em Panem. Foi um dos motivos para a canção de Lucy Gray ter chamado tanta atenção. Ele acalmou os nervos lembrando a si mesmo que, mesmo que uivasse como um cão, não havia muito com que o comparar.

Do outro lado da avenida, as arquibancadas temporárias montadas para a procissão funerária se encheram rapidamente de pessoas vestidas de preto, a única cor que todo mundo com certeza tinha, considerando a perda de pessoas amadas durante a guerra. Ele procurou os Crane, mas não os viu na multidão. A Academia e os prédios ao redor estavam decorados com faixas funerárias e bandeiras da Capital em todas as janelas. Numerosas câmeras estavam posicionadas para gravar o evento, e múltiplos repórteres da Capital TV transmitiam comentários ao vivo. Coriolanus achou uma exibição e tanto para Arachne, desproporcional à vida e morte dela, morte essa que poderia ter sido evitada se ela não tivesse sido tão exibicionista. Tantas pessoas morreram heroicamente na guerra, e com tão pouco reconhecimento, que aquilo o irritou. Ele ficou aliviado de ter que cantar em vez de elogiar os talentos dela, que, se sua memória estivesse boa, eram limitados a falar alto a ponto de o auditório todo ouvi-la sem microfone e à capacidade de equilibrar uma colher no nariz. E o reitor Highbottom *o* acusou de se exibir? Ainda assim, lembrou-se ele, ela era praticamente da família.

O relógio da Academia bateu nove horas e a multidão fez silêncio. Na deixa, Coriolanus se levantou e andou até o pódio. Satyria tinha prometido acompanhamento musical, mas o silêncio se prolongou por tanto tempo que ele inspirou fundo para iniciar o hino antes que uma versão metálica começasse a tocar no sistema de som, dando a ele uma curta introdução.

Pérola de Panem
Cidade majestosa,
Com o passar dos anos, você brilha mais.

Seu canto foi mais como uma fala prolongada do que uma melodia em si, mas a música não era nenhum grande desafio. A nota alta que sua avó sempre errava era opcional; a maioria das pessoas cantava uma oitava mais baixa. Com a lembrança da régua dela o cutucando, ele seguiu em frente, sem perder uma nota e sem perder o fôlego. Ele se sentou com aplausos generosos e um aceno aprovador do presidente, que agora estava no pódio.

– Dois dias atrás, a vida jovem e preciosa de Arachne Crane foi encerrada, e aqui lamentamos por outra vítima da rebelião criminosa que ainda nos cerca – declarou o presidente. – A morte dela foi tão valorosa quanto a de qualquer pessoa no campo de batalha, a perda dela mais profunda ainda por alegarmos estarmos em paz. Mas não existirá paz enquanto essa doença corroer tudo de bom e nobre no nosso país. Hoje, nós honramos o sacrifício dela com um lembrete de que, embora o mal exista, ele não prevalece. E, mais uma vez, somos testemunhas da nossa grande Capital trazendo justiça para Panem.

Os tambores começaram uma melodia lenta e grave, e a multidão se virou quando a procissão funerária dobrou a esquina e entrou na rua. Embora não tão larga quanto a Corso, a via Scholars acomodava facilmente a guarda de honra dos Pacificadores, com vinte homens lado a lado e quarenta em fila, que entrou em uniformidade impecável no ritmo dos tambores.

Coriolanus tinha questionado a estratégia de contar aos distritos sobre um tributo ter matado uma garota da Capital, mas agora entendeu o motivo. Atrás dos Pacificadores havia um caminhão com caçamba comprida e um guindaste em cima. Bem no alto, o corpo cravejado de balas da garota do Distrito 10, Brandy, estava pendurado no gancho. Algemados na caçamba do caminhão, imundos e subjugados, estavam os vinte e três tributos restantes. O comprimento das correntes impedia que eles se levantassem, então eles ficaram agachados ou sentados no chão de metal. Era mais uma oportunidade de lembrar aos distritos que eles eram inferiores e que haveria consequências negativas pela resistência deles.

Ele viu Lucy Gray tentando manter um pouco de dignidade, sentada o mais ereta que as correntes permitiam e olhando firme para a frente, ignorando o cadáver balançando delicadamente acima. Mas não adiantava. A sujeira, as algemas, a exibição pública… era coisa demais para deixar de lado. Ele tentou imaginar como agiria naquelas circunstâncias, mas acabou se dando conta de que devia ser o que Sejanus estava fazendo e parou.

Outro batalhão de Pacificadores seguia os tributos, abrindo caminho para um quarteto de cavalos. Estavam decorados com guirlandas e puxavam uma carroça decorada com um caixão branco coberto de flores. Atrás do caixão estavam os Crane, em uma carruagem puxada por cavalos. Pelo menos a

família teve a decência de parecer incomodada. A procissão parou quando o caixão chegou à frente do pódio.

A dra. Gaul, que estava sentada ao lado do presidente, se aproximou do microfone. Coriolanus achava um erro permitir que ela falasse em um momento daqueles, mas ela devia ter deixado seu lado maluco e suas pulseiras de cobra cor-de-rosa em casa, porque falou com clareza severa e inteligente:

– Arachne Crane, nós, seus concidadãos de Panem, prometemos que sua morte não será em vão. Quando um de nós é atingido, nós reagimos com o dobro de intensidade. Os Jogos Vorazes continuarão, com mais energia e compromisso do que antes, e acrescentaremos seu nome à longa lista de inocentes que morreram defendendo uma terra honrada e justa. Seus amigos, familiares e concidadãos a saúdam e dedicam a décima edição dos Jogos Vorazes à sua memória.

Agora aquela barulhenta da Arachne era defensora de uma terra honrada e justa. *Sim, ela entregou a vida enquanto provocava um tributo com um sanduíche*, pensou Coriolanus. *A lápide dela bem que poderia dizer "Acidente por risadas mesquinhas".*

Uma fileira de Pacificadores com faixas vermelhas levantou as armas e deu vários tiros por cima da procissão, que depois seguiu alguns quarteirões e dobrou uma esquina.

Conforme a multidão foi dispersando, várias pessoas interpretaram a expressão de sofrimento no rosto de Coriolanus como dor pela morte de Arachne quando, ironicamente, ele só sentia vontade de matá-la de novo. Ainda assim, ele achava que tinha se portado bem, isso até se virar e encontrar o reitor Highbottom olhando para ele com superioridade.

– Minhas condolências pela perda da sua amiga – disse o reitor.

– E pela perda da sua aluna. É um dia difícil pra todos nós. Mas a procissão foi emocionante – respondeu Coriolanus.

– Você achou? Eu achei excessiva e de péssimo gosto – disse o reitor Highbottom. Tomado de surpresa, Coriolanus soltou uma gargalhada curta, mas se recuperou e tentou parecer chocado. O reitor desceu o olhar para o botão de rosa azul na lapela de Coriolanus. – É impressionante como pequenas coisas mudam. Depois de tantas mortes. Depois de tantas promessas

agonizantes de lembrar o que custam. Depois de tudo aquilo, ainda não sei distinguir o botão da flor. – Ele deu uma batidinha com o indicador na flor para ajustar o ângulo e sorriu. – Não se atrase para o almoço. Eu soube que tem torta.

A única coisa boa do encontro foi que realmente havia torta, desta vez de pêssego, no bufê especial no refeitório da escola. Diferentemente do dia da colheita, Coriolanus encheu o prato de frango frito e pegou o maior pedaço de torta que encontrou. Cobriu os pãezinhos com manteiga e tomou três copos de ponche de uva, sendo que o último copo ficou tão cheio que ele manchou o guardanapo de linho ao beber. As pessoas que falassem. O aluno principal da cerimônia precisava de alimento. Mas, enquanto comia, ele percebeu aquela reação como um sinal de que seu talento para o autocontrole estava sumindo. Ele botou a culpa no reitor Highbottom e no assédio contínuo que sofria dele. O que era aquilo de que ele ficou falando hoje? Botões? Flores? Ele devia estar trancado em um hospício ou, melhor ainda, devia ser deportado para um posto distante e deixar as pessoas decentes da Capital em paz. Só de pensar nele, Coriolanus decidiu pegar mais torta.

Sejanus, por outro lado, só ficou empurrando o frango e o pão sem dar nenhuma mordida. Se Coriolanus não tinha gostado do desfile funerário, devia ter sido um tormento para Sejanus.

– Você vai ser denunciado se jogar fora tanta comida – lembrou Coriolanus. Ele não gostava muito do sujeito, mas também não queria vê-lo ser punido.

– Certo – disse Sejanus. Mas continuou parecendo incapaz de mais do que um gole de ponche.

Quando o almoço estava acabando, Satyria reuniu os vinte e dois mentores ativos para informar-lhes que não só os Jogos Vorazes ainda aconteceriam como deveriam ser os de maior visibilidade até então. Com isso em mente, eles tinham que escoltar os tributos em uma visita à arena naquela mesma tarde. Tudo seria transmitido ao vivo para todo o país, fazendo com que a resolução da dra. Gaul no funeral ficasse clara. A Chefe dos Idealizadores dos Jogos achava que separar os jovens da Capital dos jovens dos distritos sugeria fraqueza, como se eles tivessem medo demais do inimigo para estar na presença deles. Os tributos ficariam algemados, mas não completamente acorrentados.

Os atiradores de elite dos Pacificadores estariam entre os guardas, mas os mentores tinham que ser vistos lado a lado com seus tributos.

Coriolanus sentiu certa relutância entre os colegas; vários pais tinham feito reclamações sobre a segurança deficiente depois da morte de Arachne. Mas ninguém falou nada, pois nenhum deles queria ser visto como covarde. A coisa toda parecia perigosa e uma péssima ideia; o que impediria os outros tributos de se virarem contra os mentores? Mas ele nunca recusaria. Uma parte dele se perguntava se a dra. Gaul não estava esperando outro ato de violência para poder punir outro tributo, talvez ao vivo, na frente das câmeras.

Essa mais nova exibição da insensibilidade da dra. Gaul provocou nele uma sensação de revolta. Ele olhou para o prato de Sejanus.

– Terminou?

– Não consigo comer hoje – disse Sejanus. – Não sei o que fazer com isso.

A seção deles estava vazia. Debaixo da mesa, Coriolanus abriu o guardanapo de linho manchado no colo. Sentiu-se ainda mais delinquente quando percebeu que tinha o brasão da Capital.

– Coloca aqui – disse ele com um olhar furtivo.

Sejanus deu uma olhada em volta e colocou rapidamente o frango e os pãezinhos no guardanapo. Coriolanus fechou o pano e colocou a trouxinha na mochila. Eles não podiam levar comida do refeitório, muito menos para um tributo, mas em que outro lugar ele conseguiria algum alimento antes da visita? Lucy Gray não poderia comer na frente das câmeras, mas o vestido dela tinha bolsos fundos. Ele se ressentia do fato de que metade do que ele levasse iria para Jessup agora, mas talvez o investimento compensasse quando os Jogos começassem.

– Obrigado. Você é um rebelde e tanto – disse Sejanus enquanto eles levavam as bandejas para a esteira que ia até a cozinha.

– Eu sou terrível mesmo – disse Coriolanus.

Os mentores entraram em algumas vans da Academia e foram para a Arena da Capital, que tinha sido construída do outro lado do rio para impedir que o centro fosse tomado pela multidão. Na época, o anfiteatro enorme e moderno fora local de muitos esportes, entretenimento ou eventos militares. As execuções públicas dos inimigos aconteciam ali durante a guerra, tornando a

arena um alvo dos bombardeios rebeldes. Apesar de a estrutura original ainda estar de pé, mostrava-se maltratada e instável agora, útil apenas como local para os Jogos Vorazes. O campo verdejante de grama bem-cuidada morrera por descuido. Estava cheio de crateras de bombas, com ervas daninhas sendo o único verde a despontar da terra. Havia destroços das explosões, como pedaços de metal e pedra, caídos por toda parte, e o muro de cinco metros que envolvia o campo estava rachado e perfurado de tiros. A cada ano, os tributos eram trancados lá dentro sem nada além de um arsenal de facas, espadas, maças e instrumentos similares que facilitariam o derramamento de sangue enquanto a plateia assistia de casa. No final dos Jogos, quem conseguisse sobreviver era enviado de volta ao seu distrito, os corpos eram removidos, as armas coletadas e as portas eram trancadas até o ano seguinte. Sem manutenção. Sem limpeza. O vento e a chuva podiam até tirar as manchas de sangue, mas as mãos da Capital não fariam isso.

A professora Sickle, acompanhante deles na visita, mandou que os mentores deixassem seus pertences nas vans quando chegaram. Coriolanus enfiou o guardanapo cheio de comida em um dos bolsos da frente da calça e o manteve coberto com o paletó. Quando eles saíram do ar-condicionado para o sol ardente, ele viu os tributos parados em fila com algemas, vigiados por Pacificadores. Os mentores foram orientados a assumirem uma posição ao lado dos respectivos tributos, que tinham sido enfileirados numericamente, de forma que ele ficou perto do final com Lucy Gray. Só Jessup e sua mentora, Lysistrata, que na balança não devia chegar nem a quarenta e cinco quilos, estavam atrás dele. Na frente dele, o tributo de Clemensia, Reaper, o que o estrangulara no caminhão, estava parado sozinho olhando para o chão. Se houvesse um confronto entre mentores e tributos, a sorte não estava a favor de Coriolanus.

Apesar da aparência delicada, Lysistrata tinha alguma força. Como filha dos médicos que tratavam o presidente Ravinstill, ela teve sorte de conseguir uma mentoria, e, ao que parecia, estava se esforçando para criar uma conexão com Jessup.

– Eu trouxe pomada para o seu pescoço – Coriolanus a ouviu sussurrar. – Mas você precisa deixar escondido. – Jessup grunhiu, concordando. – Vou

botar no seu bolso quando puder.

Os Pacificadores retiraram as barras pesadas da entrada. As portas enormes se abriram e revelaram um saguão gigantesco cheio de estandes fechados com tábuas e pôsteres manchados anunciando eventos de antes da guerra. Mantendo a formação, os jovens seguiram os soldados para o outro lado do saguão. Havia uma série de roletas altas, cada uma com três braços curvos de metal, cobertas de uma camada densa de poeira. Era preciso uma ficha da Capital para permitirem a entrada, a mesma ainda usada para a passagem de bonde.

Essa entrada era para os pobres, pensou Coriolanus. Ou talvez não os pobres. A palavra *plebeus* surgiu em sua mente. A família Snow entrava na arena por outra porta, separada por uma corda de veludo. Certamente seu camarote não era acessado com uma ficha de bonde. Diferentemente da maior parte da arena, tinha teto, uma janela de vidro retrátil e ar-condicionado, coisas que deixavam confortáveis até os dias mais quentes. Um Avox lhes era designado e levava comida, bebida e brinquedos para ele e Tigris. Se ficasse entediado, podia cochilar nos assentos macios e forrados.

Os Pacificadores posicionados junto a duas roletas colocavam fichas no local designado, para que cada tributo e mentor pudesse passar simultaneamente. A cada rotação, uma voz alegre dizia:

– Divirta-se!

– Não dá pra tirar essa barreira de roletas? – perguntou a professora Sickle.

– Nós poderíamos se tivéssemos a chave, mas parece que ninguém sabe onde está – disse um Pacificador.

– Divirta-se! – disse a roleta para Coriolanus quando ele passou. Ele forçou para trás a barra que havia à sua cintura e percebeu que a roleta não permitia saída, apenas entrada. Seus olhos percorreram a parte de cima, onde barras de ferro preenchiam o espaço até a passagem em arco. Ele concluiu que os clientes dos lugares baratos deviam sair por outro lugar. Embora isso provavelmente fosse visto como algo positivo para dispersar uma multidão, não acalmou em nada um mentor nervoso com um passeio questionável.

Do outro lado das roletas, um esquadrão de Pacificadores entrou em uma passagem, guiado somente pelo brilho vermelho de luzes de emergência no

chão. Dos dois lados, havia passagens menores em arco que levavam a níveis diferentes de assento, conforme indicado. A fila de tributos e mentores acompanhou o deslocamento, ladeada por colunas apertadas de Pacificadores. Quando eles entraram na penumbra, Coriolanus aproveitou a ideia de Lysistrata e usou a oportunidade para colocar o guardanapo com comida nas mãos algemadas de Lucy Gray. Sumiu rapidamente no bolso nos babados. Pronto. Ela não morreria de fome se dependesse dele. A mão dela encontrou a de Coriolanus, entrelaçou os dedos e gerou uma vibração pelo corpo dele por causa da proximidade. Por causa dessa pequena intimidade no escuro. Ele deu um aperto final na mão de Lucy Gray e a soltou quando eles saíram para o sol no fim da passagem, onde um gesto assim seria impossível de explicar.

Ele tinha ido à arena várias vezes quando pequeno, na maioria das vezes para ver o circo, mas também para celebrar as exibições militares sob o comando do seu pai. Nos nove anos anteriores, ele viu ao menos parte dos Jogos na televisão. Mas nada o preparou para a sensação de passar pelo portão principal, embaixo do placar enorme, e entrar no campo. Alguns dos mentores e tributos ofegaram de surpresa pelo tamanho do local e pela grandeza que desafiava até a decadência. Ao olhar para as fileiras altas de assentos, ele se sentiu diminuído ao ponto da insignificância. Uma gota de chuva numa inundação, uma pedrinha numa avalanche.

A visão das equipes de televisão o levou de volta a si e ele ajustou o rosto para transmitir a ideia de que nada impressionava muito um Snow. Lucy Gray, que parecia mais alerta e se movendo melhor sem o peso das correntes, acenou para Lepidus Malmsey, mas, como todos os repórteres, ele permaneceu com expressão pétrea e não se envolveu. A orientação tinha sido clara; seriedade e retaliação eram a marca do dia.

O uso que Satyria tinha feito da palavra *visita* sugerira uma excursão, e embora ele não achasse que seria prazerosa, também não esperava a tristeza palpável do lugar. Os Pacificadores que os acompanhavam se espalharam enquanto os jovens seguiam o esquadrão frontal pela área oval, formando um desfile poeirento e apático. Coriolanus se lembrou dos artistas de circo fazendo a mesma rota, montados em elefantes e cavalo, cheios de brilho nas roupas e transbordando alegria. Com a exceção de Sejanus, é provável que todos os seus

colegas também já tivessem estado na plateia. Ironicamente, Arachne já estivera no camarote ao lado do dele, usando uma fantasia com lantejoulas e gritando o mais alto que conseguia.

Coriolanus observou a arena, procurando qualquer coisa que pudesse ser vantagem para Lucy Gray. O muro alto que envolvia o campo, mantendo a plateia longe da ação, tinha certo potencial. A superfície danificada oferecia apoios para as mãos e para os pés, dando acesso aos assentos para um escalador ágil. Vários dos portões espalhados de forma simétrica pelo muro também pareciam danificados, mas, como não sabia o que havia nos túneis, ele achava que deviam ser abordados com cautela. Era fácil demais ficar encurralada. A arquibancada seria a melhor aposta dela caso ela conseguisse subir. Ele fez notas mentais disso para mais tarde.

Conforme a fila começou a se espaçar, ele iniciou uma conversa sussurrada com Lucy Gray:

– Foi horrível de manhã. Ver você daquele jeito.

– Bom, pelo menos nos alimentaram primeiro.

– É mesmo? – Seria possível que sua conversa com Satyria tivesse levado àquilo?

– Dois de nós desmaiaram quando tentaram nos reunir ontem à noite. Acho que concluíram que, se querem que sobre alguém para o show, eles vão ter que nos alimentar. Foi praticamente só pão e queijo. Ganhamos jantar e café da manhã. Mas não se preocupe, há bastante espaço pra isso que tem no meu bolso. – Ela soava mais como ela mesma agora. – Foi você que ouvi cantar?

– Ah. Foi – admitiu ele. – Me pediram pra cantar porque achavam que Arachne e eu éramos muito amigos. Não éramos. E estou constrangido de você ter me ouvido.

– Gostei da sua voz. Meu pai teria dito que tinha autoridade. Só não gostei muito da música – respondeu Lucy Gray.

– Vindo de você, é um elogio e tanto.

Ela o cutucou com o cotovelo.

– Eu não espalharia isso. A maioria das pessoas aqui me acha mais rasteira do que barriga de cobra.

Coriolanus balançou a cabeça e sorriu.

– O quê?

– Você usa umas expressões engraçadas. Não intrinsicamente engraçadas, mas fascinantes – disse ele.

– Bom, eu não falo "intrinsicamente" com frequência, se é isso que você quer dizer.

– Não, eu gosto. Faz meu jeito de falar parecer muito rígido. Como foi que você me chamou naquele dia no zoológico? Qualquer coisa a ver com bolo? – relembrou ele.

– Ah, o bolo com cobertura? Vocês não dizem isso? – perguntou ela. – Bom, é um elogio. De onde eu venho, um bolo pode ser muito seco. E cobertura é uma coisa tão rara quanto dente de galinha.

Por um momento, ele riu, esquecendo onde estavam e como o ambiente era deprimente. Por um momento, só houve o sorriso dela, a cadência musical da sua voz e o toque de flerte.

Foi aí que o mundo explodiu.



Coriolanus conhecia bombas e morria de medo delas. Quando o impacto o derrubou e o jogou longe na arena, ele ergueu os braços para cobrir a cabeça. Quando bateu no chão, virou de bruços automaticamente, a bochecha encostada na terra, um braço dobrado para proteger o olho e a orelha expostos.

A primeira explosão, que pareceu vir do portão principal, desencadeou uma corrente de erupções por toda arena. Fugir estava fora de questão. Ele só pôde ficar encolhido no chão que tremia, torcendo para acabar e tentando manter o pânico sob controle. Ele entrou no que ele e Tigris tinham apelidado de "hora da bomba", o período surreal em que os momentos se prolongavam e se contraíam de uma forma que parecia desafiar a ciência.

Durante a guerra, a Capital tinha designado a cada cidadão um abrigo perto de casa. O prédio magnífico dos Snow tinha um porão tão forte e espaçoso que acomodava seus residentes e também metade do quarteirão. Infelizmente, o sistema de vigilância da capital dependia muito de eletricidade. Com a energia irregular e a rede piscando como um vagalume por causa das interferências rebeldes no Distrito 5, as sirenes não eram confiáveis, e muitas vezes eles eram pegos de surpresa sem ter tempo de ir para o porão. Nessas ocasiões, ele, Tigris e sua avó (a não ser que ela estivesse cantando o hino) se escondiam embaixo da mesa de jantar, uma peça impressionante entalhada de um único bloco de mármore, que ficava em um aposento interno. Mesmo com a ausência de janelas e a pedra sólida acima da cabeça, os músculos de Coriolanus sempre se contraíam de pavor quando ele ouvia o assobio das bombas, e levava horas para que ele conseguisse andar direito. As ruas também não eram seguras, nem a

Academia. Era possível ser bombardeado em qualquer lugar, mas normalmente ele tinha um lugar melhor para se abrigar do que ali. Agora, exposto ao ataque, deitado a céu aberto, ele esperou que a interminável "hora da bomba" acabasse e se perguntou o quanto seus órgãos internos tinham sofrido.

Nada de aerodeslizador. A percepção surgiu de repente. Não houve aerodeslizador. Aquelas bombas tinham sido plantadas, então? Ele sentia cheiro de fumaça, então algumas deviam ser incendiárias. Ele apertou o lenço do dia sobre a boca e o nariz. Ao semicerrar os olhos na neblina preta carregada de terra da arena, ele viu Lucy Gray a uns cinco metros de distância, encolhida com a testa no chão e os dedos enfiados nas orelhas, o melhor que ela podia fazer de algemas. Ela estava tossindo sem parar.

– Cubra o rosto! Usa o guardanapo! – gritou ele. Ela não olhou, mas devia ter ouvido, porque rolou para o lado e puxou o guardanapo do bolso. Os pãezinhos e o frango caíram no chão quando ela levou o pano ao rosto. Ele teve um pensamento vago de que aquilo não seria bom para a voz dela.

Um momento de calmaria o enganou para que pensasse que tinha terminado, mas na hora que ele levantou a cabeça, uma explosão final na arquibancada acima dele derrubou o que antes era um estande de guloseimas, o algodão-doce cor-de-rosa, as maçãs cobertas de caramelo, e os detritos quentes choveram em cima dele. Algo bateu com força em sua cabeça, e o peso de uma viga caiu na diagonal sobre suas costas, prendendo-o no chão.

Atordoado, Coriolanus quase perdeu os sentidos. O cheiro acre de queimado fez seu nariz arder, e ele percebeu que a viga estava pegando fogo. Ele tentou se controlar e se soltar, mas o mundo girava e a torta de pêssego ficou azeda no estômago.

– Socorro! – gritou ele. Súplicas parecidas soaram ao redor, mas ele não conseguia ver os feridos no meio da nuvem. – Socorro!

O fogo chamuscou seu cabelo, e com esforço renovado ele tentou sair de debaixo da viga, sem resultados. Uma dor lancinante começou a se espalhar pelo pescoço e pelo ombro, e ele se deu conta de que estava queimando e ia morrer. Ele gritou repetidamente, mas parecia sozinho em uma bolha de fumaça escura e detritos em chamas. De repente, ele viu uma figura surgindo no inferno. Lucy Gray disse seu nome então virou a cabeça, pois algo fora do

campo de visão dele tinha chamado sua atenção. Os pés a levaram para longe dele e ela hesitou, parecendo dividida.

– Lucy Gray! – suplicou ele com voz rouca. – Por favor!

Ela deu uma última olhada no que a havia atraído e correu até Coriolanus. A viga foi deslocada nas costas dele, mas caiu novamente. Subiu uma segunda vez e deixou espaço para ele sair de debaixo dela. Ela o ajudou a se levantar, e com um braço nos ombros dela, eles mancaram para longe das chamas até caírem em algum lugar no meio da arena.

No começo, a tosse e a ânsia de vômito exigiram toda sua atenção, mas ele registrou aos poucos a dor na cabeça, as queimaduras no pescoço, nas costas e nos ombros. Seus dedos agarravam-se à saia queimada de Lucy Gray como se fosse uma boia salva-vidas. As mãos algemadas dela, visivelmente queimadas, estavam fechadas em um punho.

A fumaça se dissipou o suficiente e ele viu o padrão das bombas que tinham sido plantadas em intervalos pela arena, com o volume maior de explosivos na entrada. O dano foi tão grande que ele teve um vislumbre da rua atrás e de duas formas fugindo da arena. Foi isso que fez Lucy Gray hesitar antes de ela ir ajudá-lo? A possibilidade de fuga? Outros tributos tinham se aproveitado da oportunidade. Sim, ele ouvia as sirenes agora, os gritos da rua.

Os médicos abriram caminho pelos destroços e correram para ajudar os feridos.

– Está tudo bem – disse ele para Lucy Gray. – O socorro chegou.

Mãos o pegaram, o colocaram numa maca. Ele soltou os babados dela, achando que haveria outra maca para ela, mas, enquanto o carregavam, ele viu um Pacificador a obrigar a deitar de bruços e encostar o cano da arma no pescoço dela, gritando uma série de profanidades.

– Lucy Gray! – gritou Coriolanus. Ninguém prestou atenção.

A concussão que levara na cabeça tornava o ato de se concentrar difícil, mas ele percebeu o trajeto da ambulância, viu que passou pelas portas da mesma área de espera onde tinha tomado o refrigerante de limão no dia anterior e que estava sendo levado para uma mesa sob uma luz forte enquanto um grupo de médicos tentava avaliar os ferimentos. Ele queria dormir, mas ficavam botando a cara perto da dele e exigindo respostas, o bafo de almoço de cada um deles o

enjoando novamente. Dentro de máquinas, fora de máquinas, agulhas perfurando-o e, finalmente, para sua felicidade, a permissão para dormir. Periodicamente ao longo da noite, alguém o acordava e apontava luzes para seus olhos. Desde que ele conseguisse responder algumas perguntas básicas, deixavam que ele voltasse a dormir.

Quando finalmente acordou, quando despertou de verdade, no domingo, a luz que entrava pela janela dizia que era de tarde e sua avó e Tigris estavam inclinadas sobre ele com expressões preocupadas. Ele sentiu uma tranquilidade calorosa. *Não estou sozinho*, pensou ele. *Não estou na arena. Estou seguro.*

– Oi, Coryo – disse Tigris. – Somos nós.

– Oi. – Ele tentou sorrir. – Vocês perderam a hora da bomba.

– Acontece que pior do que estar aqui é saber que você passou por aquilo tudo sozinho – disse Tigris.

– Eu não estava sozinho – disse ele. O morfináceo e a concussão dificultavam as lembranças claras. – Lucy Gray estava lá. Acho que ela salvou a minha vida. – Ele não conseguia aceitar a ideia. Era bom, mas também era perturbador.

Tigris apertou a mão dele.

– Não estou surpresa. Está óbvio que ela é uma pessoa boa. Desde o começo, ela tentou te proteger dos outros tributos.

Sua avó foi mais difícil de convencer. Depois de elaborar uma linha do tempo do bombardeio para ela, a avó chegou à seguinte conclusão:

– Bom, é provável que ela tenha concluído que os Pacificadores iam atirar nela se corresse, mas, mesmo assim, mostra certa personalidade. Talvez ela, como alega, não seja mesmo de distrito.

Era um grande elogio mesmo, ou o máximo que sua avó podia oferecer.

Enquanto Tigris contava os detalhes do que ele tinha perdido, Coriolanus percebeu como aquele evento tinha deixado a Capital tensa. O que tinha acontecido, ou ao menos o que o *Notícias da Capital* alegava que tinha acontecido, assustou os cidadãos com o resultado imediato e também com os desdobramentos futuros. Não sabiam quem tinha colocado as bombas… rebeldes, sim, mas de onde? Podiam ser de qualquer um dos doze distritos, ou um grupo derivado que tinha fugido do Distrito 13, ou até, que o destino não

permitisse, uma célula adormecida na própria Capital. A linha do tempo do crime era impressionante. Como a arena ficava vazia, trancada e era ignorada entre os Jogos Vorazes, as bombas podiam ter sido colocadas seis dias ou seis meses antes. As câmeras de segurança cobriam as entradas em volta da área oval, mas o exterior em ruínas tornava possível que escalassem a estrutura. Nem sabiam se as bombas tinham sido acionadas remotamente ou por um passo em falso, mas as perdas inesperadas abalaram a Capital até o âmago. O fato de os dois tributos do Distrito 6 terem sido mortos por estilhaços não provocou muita preocupação, mas a mesma explosão tinha tirado a vida dos gêmeos Ring. Três mentores foram hospitalizados: Coriolanus e Androcles Anderson e Gaius Breen, que estavam designados para os tributos do Distrito 9. Seus dois colegas estavam em condição crítica, Gaius tendo perdido ambas as pernas. Quase todas as outras pessoas, mentores, tributos e Pacificadores, precisaram de algum tipo de cuidado médico.

Coriolanus ficou atordoado. Ele gostava de verdade de Pollo e de Didi, do quanto eles eram unidos, do quanto eram animados. Em algum lugar ali perto, Androcles, que desejava ser repórter do *Notícias da Capital*, como a mãe, e Gaius, um pestinha da Cidadela com um estoque infinito de piadas horríveis, mal se agarravam à vida.

– E Lysistrata? Ela está bem? – A garota estivera atrás dele na hora da explosão.

Sua avó pareceu desconfortável.

– Ah, ela. Ela está bem. Anda dizendo por aí que o garoto grande e feio do Distrito 12 a protegeu jogando o corpo sobre o dela, mas quem sabe? A família Vickers ama um holofote.

– É mesmo? – perguntou Coriolanus com ceticismo. Ele não conseguia se lembrar de ter visto um Vickers nos holofotes nenhuma vez, exceto por uma breve conferência jornalística anual em que davam declarações sobre a saúde do presidente Ravinstill. Lysistrata era uma pessoa reservada e eficiente que nunca chamava atenção para si mesma. Sugerir que ela pudesse estar na mesma categoria que Arachne o irritou.

– Ela só deu uma declaração rápida a um repórter logo após o bombardeio. Acredito que seja verdade, Lady-Vó – disse Tigris. – Talvez as pessoas do

Distrito 12 não sejam tão ruins quanto a senhora as pinta. Jessup e Lucy Gray se comportaram com bravura.

– Você viu Lucy Gray? Na televisão? Ela parece estar bem? – perguntou ele.

– Não sei, Coryo. Não mostraram imagens do zoológico. Mas ela não está na lista de tributos mortos – disse Tigris.

– Tem mais? Além dos tributos do Distrito 6? – Coriolanus não queria parecer mórbido, mas todos eram concorrentes de Lucy Gray.

– Sim, alguns outros morreram depois do bombardeio – relatou Tigris.

As duas duplas dos Distritos 1 e 2 correram para o buraco aberto pela explosão perto da entrada. Os dois do Distrito 1 foram mortos a tiros, a garota do 2 chegou ao rio, pulou o muro e morreu na queda, e Marcus desapareceu completamente, o que significava que havia um garoto desesperado, perigoso e forte solto em algum lugar da cidade. Uma tampa de bueiro deslocada sugeria que ele talvez tivesse descido para o subterrâneo, para a Transferência, a rede de trilhos e estradas construída embaixo da Capital, mas ninguém tinha certeza.

– Acho que eles veem a arena como um símbolo – disse sua avó. – Como foi na época da guerra. A pior parte é que demorou quase vinte segundos pra cortarem a transmissão para os distritos, e sem dúvida foi motivo de comemoração. Aqueles animais.

– Mas dizem que quase ninguém nos distritos viu, Lady-Vó – argumentou Tigris. – As pessoas de lá não gostam de ver a cobertura dos Jogos Vorazes.

– Basta uns poucos pra espalhar a notícia – disse sua avó. – É o tipo de história que pega fogo.

O médico que falou com Coriolanus depois do ataque das serpentes entrou e se apresentou como dr. Wane. Ele mandou Tigris e a avó deles para casa e fez uma verificação rápida em Coriolanus, explicando a natureza da concussão (leve) e das queimaduras, que estavam reagindo bem ao tratamento. Demoraria um tempo para que cicatrizassem completamente, mas se ele se comportasse e o quadro continuasse evoluindo, seria liberado em poucos dias.

– Você sabe como está meu tributo? As mãos dela ficaram bem queimadas – disse Coriolanus. Cada vez que pensava nela, ele sentia uma inquietação, mas o morfináceo a sufocava como um cobertor de lã.

– Eu não teria como saber – disse o médico. – Mas mandaram uma boa veterinária para lá. Imagino que ela estará bem quando os Jogos começarem. Mas isso não é preocupação sua, meu jovem. Sua preocupação é melhorar, e para isso você precisa dormir.

Coriolanus ficou feliz em obedecer. Ele voltou a dormir e só despertou completamente na segunda de manhã. Com a cabeça doendo e o corpo maltratado, ele não sentia pressa de sair do hospital. O ar-condicionado aliviava as queimaduras na pele, e as porções generosas de comida sem gosto eram regulares. Ele se atualizou sobre as notícias na televisão de tela grande enquanto tomava o máximo de bebida gaseificada de limão que conseguia. Haveria um funeral duplo para os gêmeos Ring no dia seguinte. A caçada a Marcus continuava. Tanto a Capital quanto os distritos estavam sob segurança reforçada.

Três mentores mortos, três hospitalizados… quatro, na verdade, contando Clemensia. Seis tributos mortos, um foragido, vários feridos. Se a dra. Gaul queria uma reforma nos Jogos Vorazes, ela tinha conseguido.

De tarde, a série de visitas começou com Festus, com uma tipoia no braço e alguns pontos onde um estilhaço de metal provocara um corte na bochecha. Ele disse que a Academia tinha cancelado as aulas, mas os alunos precisavam comparecer na manhã seguinte para o funeral dos Ring. Sua voz falhou quando ele mencionou os gêmeos, e Coriolanus se perguntou se sua própria reação seria mais emocionada depois que retirassem o morfináceo, que sufocava tanto a dor quanto a alegria. Satyria apareceu com alguns biscoitos de padaria, transmitiu os votos de melhoras do corpo docente e disse que, embora o acidente tivesse sido lamentável, só aumentaria as chances dele de ganhar um prêmio. Depois de um tempo, Sejanus, ileso, apareceu com a mochila de Coriolanus que tinha ficado na van e uma pilha dos sanduíches deliciosos de bolo de carne que a mãe dele fazia. Ele não tinha muito a dizer sobre a questão de seu tributo foragido. Finalmente, Tigris voltou sem a avó deles, que tinha ficado em casa para descansar, mas enviara um uniforme limpo para ele usar quando tivesse alta. Se houvesse câmeras, ela queria que ele estivesse com a melhor aparência possível. Eles dividiram os sanduíches e Tigris fez cafuné na

cabeça dolorida de Coriolanus até ele cochilar, assim como fazia quando ele era perturbado por dores de cabeça quando criança.

Quando o acordaram na madrugada de terça-feira, ele achou que era uma enfermeira que tinha ido verificar seus sinais vitais, mas levou um susto ao ver o rosto alterado de Clemensia acima do dele. O veneno das cobras, ou talvez o antídoto, tinha feito sua pele escura e dourada descascar e tingira o branco dos olhos com a cor de gema de ovo. Mas bem piores eram os tremores que lhe afetavam o corpo todo, fazendo o rosto se contorcer, a língua sair periodicamente da boca e as mãos se encolherem quando se esticavam para segurar as dele.

– Shhh! – sibilou ela. – Eu não devia estar aqui. Não conte que eu vim. Mas o que estão dizendo? Por que ninguém foi me ver? Meus pais sabem o que aconteceu? Eles acham que morri?

Grogue por causa do sono e dos remédios, Coriolanus não conseguiu entender direito o que ela estava dizendo.

– Seus pais? Mas eles vieram aqui. Eu vi.

– Não. Ninguém foi me ver! – exclamou ela. – Eu tenho que sair daqui, Coryo. Tenho medo de ela me matar. Não é seguro. Nós não estamos em segurança!

– O quê? Quem vai te matar? Você não está fazendo sentido – disse ele.

– A dra. Gaul, claro! – Ela segurou o braço dele e fez as queimaduras arderem. – Você sabe, você estava lá!

Coriolanus tentou soltar os dedos dela.

– Você precisa voltar para o seu quarto. Você está doente, Clemmie. Foram as picadas. Estão fazendo você imaginar coisas.

– Eu imaginei isto? – Ela puxou a abertura da camisola de hospital e revelou um trecho de pele sobre o peito e um ombro. Pontilhada de escamas azuis, rosa e amarelas, tinha a mesma característica reptiliana das serpentes no tanque. Ao ouvir a reação de surpresa dele, ela gritou: – E está se espalhando! Está se espalhando!

Duas pessoas do hospital apareceram para buscá-la. Elas a levantaram e a carregaram para fora do quarto. Ele ficou acordado o resto da noite, pensando nas serpentes e na pele dela e nas jaulas de vidro com Avoxes e suas hediondas

modificações animalescas no laboratório da dra. Gaul. Era isso que aconteceria com Clemensia? Se não era, por que os pais não a tinham visto? Por que ninguém além dele parecia saber o que havia acontecido? Se Clemensia morresse, ele também desapareceria, a única testemunha? Teria ele botado Tigris em risco ao contar a história?

O casulo agradável do hospital agora parecia uma armadilha traiçoeira encolhendo a ponto de sufocá-lo. Ninguém foi verificá-lo com o passar das horas, o que aumentou sua consternação. Finalmente, quando estava amanhecendo, o dr. Wane apareceu ao lado do leito.

– Eu soube que Clemensia fez uma visita a você durante a noite – disse ele com alegria. – Ela te assustou?

– Um pouco. – Coriolanus tentou parecer indiferente.

– Ela vai ficar bem. O veneno provoca uma série de efeitos colaterais enquanto está saindo do organismo. Foi por isso que não deixamos os pais dela a verem. Eles acham que ela está de quarentena por causa de uma gripe altamente contagiosa. Ela vai estar apresentável em um ou dois dias – disse o médico. – Você pode ir visitá-la se quiser. Talvez ela se alegre.

– Tudo bem – disse Coriolanus, um pouco tranquilizado. Mas ele não tinha como esquecer o que tinha visto, nem no hospital e nem no laboratório. A retirada do morfináceo intravenoso deixou tudo mais claro. Sua desconfiança estragava cada consolo, desde o café da manhã farto de panqueca e bacon à cesta de frutas e doces da Academia e à notícia de que sua performance do hino seria reprisada no funeral dos Ring, tanto como indicação da qualidade quanto de reconhecimento aos sacrifícios dele.

A cobertura pré-funeral começou às sete, e às nove o corpo estudantil ocupou novamente a escada na frente da Academia. Apenas uma semana antes, ele achara que estava caindo na insignificância com a atribuição à garota do Distrito 12, mas agora estava sendo homenageado por sua coragem na frente da nação inteira. Ele esperava que mostrassem uma gravação dele cantando, mas apareceu uma holografia dele atrás do pódio, e embora estivesse um pouco aquosa no começo, acabou se mostrando uma imagem limpa e clara. As pessoas sempre diziam que a cada dia que passava ele se parecia mais com seu belo pai, mas pela primeira vez ele percebeu. Não só os olhos, mas o maxilar, o

cabelo, a postura orgulhosa. E Lucy Gray estava certa; a voz dele tinha mesmo autoridade. De modo geral, foi uma performance impressionante.

A Capital dobrou os esforços que tinha feito no funeral de Arachne, o que Coriolanus achou apropriado para os gêmeos. Mais discursos, mais Pacificadores, mais faixas. Ele não se importou de ver os gêmeos sendo elogiados, mesmo quando havia exageros, e desejou que eles tivessem como saber que seu holograma abrira o evento. A contagem de tributos mortos tinha aumentado, com os dois do Distrito 9 tendo morrido em consequência dos ferimentos. Pelo que disseram, a veterinária fez o melhor que pôde, mas seus pedidos repetidos de interná-los no hospital foram recusados. Os corpos maltratados, junto com o que tinha restado dos tributos do Distrito 6, foram colocados nas costas de cavalos e exibidos pela via Scholars. Os dois tributos do Distrito 1 e a garota do Distrito 2, como consequência da tentativa covarde de fuga, estavam sendo arrastados atrás. Depois vieram dois daqueles caminhões com jaula do tipo que Coriolanus entrara para ir até o zoológico, um para os garotos e um para as garotas. Ele se esforçou para ver Lucy Gray, mas não conseguiu localizá-la, o que aumentou suas preocupações. Ela estaria caída inerte no chão, destruída pelos ferimentos e pela fome?

Quando os caixões prateados idênticos dos gêmeos apareceram, ele só conseguiu pensar no jogo bobo que eles inventaram no parquinho durante a guerra chamado "anel em volta dos Ring". O resto das crianças corria atrás de Didi e Pollo e dava as mãos, formando um círculo e os isolando dentro. Sempre acabava com todos, inclusive os Ring, morrendo de rir caídos no chão. Ah, ter sete anos de novo, caído no chão com os amigos, com biscoitos nutritivos esperando na mesinha.

Depois do almoço, o dr. Wane disse que ele poderia ser liberado se prometesse pegar leve e descansar na cama, e como os encantos do hospital tinham diminuído, ele vestiu o uniforme limpo na mesma hora. Tigris foi buscá-lo e o acompanhou até em casa de bonde, mas depois teve que voltar ao trabalho. Ele e a avó passaram a tarde cochilando, e ele acordou com uma bela caçarola que a mãe de Sejanus tinha enviado.

A pedido de Tigris, ele foi para a cama cedo, mas o sono não o acompanhou. Cada vez que fechava os olhos, ele via chamas ao redor, sentia a

terra tremendo, o cheiro da fumaça preta sufocante. Lucy Gray já rondava seus pensamentos antes, mas agora ele não conseguia pensar em mais ninguém. Como ela estava? Melhorando e alimentada ou sofrendo e passando fome naquela jaula horrível para macacos? Enquanto ele estava deitado no hospital com ar-condicionado e o morfináceo intravenoso, a veterinária cuidou das mãos dela? A fumaça teria danificado aquela voz linda? Ao ajudá-lo, teria ela arruinado suas oportunidades de ter patrocinadores na arena? Ele ficou constrangido quando pensou no pavor que sentiu embaixo da viga, mas mais ainda quando lembrou o que veio depois. Na Capital TV, a cobertura que exibiram do bombardeio foi obscurecida pela fumaça. Mas será que aquelas imagens existiam? Lucy Gray o salvando e, bem pior, ele se agarrando à sua saia de babados enquanto aguardavam por socorro?

Ele enfiou a mão na gaveta da mesa de cabeceira e encontrou o pó compacto da mãe. Ao inalar a maquiagem com odor de rosas, seus pensamentos se acalmaram um pouco, mas a inquietação o tirou da cama. Nas horas seguintes, ele vagou pelo apartamento, olhou para o céu noturno, para a Corso, para as janelas dos vizinhos em frente. Em determinado momento, viu-se no telhado em meio às rosas da avó, sem se lembrar de ter subido a escada até lá. O ar fresco da noite perfumado pelas flores ajudou, mas em pouco tempo trouxe uma tremedeira que fez tudo doer de novo.

Tigris o encontrou sentado na cozinha algumas horas antes do amanhecer. Ela fez chá e eles comeram o que restava da caçarola direto da panela. As camadas saborosas de carne, batata e queijo o consolaram, assim como o lembrete gentil de Tigris de que a situação de Lucy Gray não era culpa dele. Afinal, os dois ainda eram crianças cujas vidas eram ditadas por forças superiores.

Um tanto consolado, ele conseguiu cochilar por algumas horas antes de um telefonema de Satyria o acordar. Ela o encorajou a ir à escola naquela manhã se pudesse. Outra reunião de mentores e tributos tinha sido marcada, com a ideia de trabalhar para as entrevistas, que agora seriam somente para quem se voluntariasse.

Mais tarde, na Academia, enquanto olhava da varanda para o Heavensbee Hall, as cadeiras vazias o abalaram. Ele sabia que oito tributos tinham morrido,

que um tinha fugido, mas não imaginou como isso abalaria o padrão de vinte e quatro mesinhas, deixando uma confusão irregular e desconcertante. Não havia tributos dos Distritos 1, 2, 6 e 9, e só um do 10. A maioria dos que restavam estava ferida e não parecia bem. Quando os mentores se juntaram aos seus atribuídos, as perdas ficaram ainda mais evidentes. Seis mentores estavam mortos ou hospitalizados, e os que haviam sido designados para os fugitivos dos Distritos 1 e 2 não tinham tributos à mesa e, portanto, nenhum motivo para comparecer. Livia Cardew tinha se manifestado sobre essa virada nos eventos, exigindo que novos tributos fossem trazidos dos distritos ou que pelo menos ela ficasse com Reaper, o garoto designado para Clemensia, que todo mundo achava que estava hospitalizada por causa de gripe. Seus pedidos não foram aceitos, e Reaper ficou sozinho à mesa, um curativo manchado de sangue cor de ferrugem em volta da cabeça.

Quando Coriolanus se sentou em frente a Lucy Gray, ela nem tentou sorrir. Uma tosse seca sacudiu seu peito, e ainda havia fuligem do fogo grudada na roupa. Mas a veterinária tinha excedido as expectativas de Coriolanus, pois a pele das mãos dela estava cicatrizando bem.

– Oi – disse ele, oferecendo um sanduíche de manteiga de nozes e dois dos biscoitos de Satyria por cima da mesa.

– Oi – disse ela com voz rouca. Qualquer tentativa de flerte ou mesmo de camaradagem tinha sido abandonada. Ela deu um tapinha no sanduíche, mas parecia cansada demais para comer. – Obrigada.

– Não, *eu* é que agradeço por você ter salvado minha vida. – Ele falou com leveza, mas, ao sustentar o olhar dela, a leveza se dissipou.

– É isso que você está dizendo pras pessoas? – perguntou ela. – Que eu salvei sua vida?

Ele tinha dito isso para Tigris e para sua avó, mas depois, talvez por insegurança do que fazer com a informação, deixou que sumisse de seus pensamentos como um sonho. Agora, com os assentos vazios dos mortos ao redor, a lembrança de como ela o salvara na arena exigiu sua atenção, e ele não conseguiu ignorar o que aquilo significava. Se Lucy Gray não o tivesse ajudado, ele estaria irrevogavelmente morto. Outro caixão reluzente coberto de flores.

Outra cadeira vazia. Quando ele falou de novo, as palavras ficaram presas na garganta e ele precisou forçá-las:

– Eu contei pra minha família. De verdade. Obrigado, Lucy Gray.

– Bom, eu tive tempo para pensar – disse ela, passando o indicador trêmulo no glacê em forma de flor do biscoito. – Que biscoitos bonitos.

Nesse momento veio a confusão. Se ela tinha salvado a vida dele, ele devia o que a ela? Um sanduíche e dois biscoitos? Era assim que ele a estava recompensando. Pela própria vida. Que, pelo visto, ele considerava barata. A verdade era que Coriolanus devia tudo a ela. Ele sentiu as bochechas ficarem quentes.

– Você podia ter fugido. E, se tivesse, eu teria pegado fogo antes de chegarem em mim.

– Fugir, é? Me pareceu muito esforço pra levar um tiro.

Coriolanus balançou a cabeça.

– Você pode brincar, mas não vai mudar o que você fez por mim. Espero que eu possa pagar de alguma forma.

– Eu também espero.

Naquelas poucas palavras, ele sentiu uma mudança na dinâmica deles. Como mentor dela, Coriolanus tinha sido o gracioso presenteador, sempre recebido com gratidão. Agora, ela tinha virado a mesa e lhe dado um presente sem comparação. Nas aparências, tudo estava igual. Garota acorrentada, garoto oferecendo comida, Pacificadores protegendo o status quo. Mas, lá no fundo, as coisas jamais poderiam ser iguais entre eles. Ele sempre teria uma dívida com Lucy Gray. Ela tinha o direito de exigir coisas.

– Não sei como – admitiu ele.

Lucy Gray olhou ao redor e avaliou os concorrentes feridos. Em seguida, o encarou, e sua voz estava tomada de paciência:

– Você poderia começar acreditando que eu realmente posso vencer.





PARTE II

"O PRÊMIO"





As palavras de Lucy Gray magoaram, mas, em retrospecto, foram merecidas. Coriolanus nunca a tinha considerado como possível vitoriosa nos Jogos. Nunca fora parte da estratégia dele torná-la uma. Ele só desejara que o charme e o encanto dela refletissem nele e o tornassem um sucesso. Até o encorajamento para que cantasse para conseguir patrocinadores era uma tentativa de prolongar a atenção que ela gerava para ele. Apenas um momento antes, as mãos curadas dela eram uma boa notícia simplesmente porque isso significava que poderia usá-las para tocar violão na noite da entrevista, e não para se defender de um ataque na arena. O fato de ela ser importante para ele, como Coriolanus alegara no zoológico, só tornava as coisas piores. Ele deveria estar tentando preservar a vida dela, ajudá-la a se tornar a vitoriosa, por mais difícil que parecesse.

– Eu falei sério sobre você ser um bolo com cobertura – disse Lucy Gray. – Você foi o único que se deu ao trabalho de aparecer. Você e seu amigo Sejanus. Vocês dois agiram como se fôssemos seres humanos. Mas a única forma de você ser capaz de me pagar agora é se me ajudar a sobreviver isso.

– Concordo. – Assumir a questão o fez se sentir um pouco melhor. – De agora em diante, entramos nessa pra vencer.

Lucy Gray esticou a mão.

– Um aperto de mão pra selar o acordo?

Coriolanus apertou a mão dela com cuidado.

– Você tem minha palavra. – O desafio o energizou. – Primeiro passo: eu penso numa estratégia.

– *Nós* pensamos numa estratégia – corrigiu Lucy Gray. Mas ela sorriu e mordeu o sanduíche.

– *Nós* pensamos numa estratégia. – Ele fez as contas de novo. – Você só tem catorze competidores agora, a menos que encontrem Marcus.

– Se você puder me manter viva por mais uns dias, eu posso acabar ganhando por WO – disse ela.

Coriolanus olhou pelo salão para os competidores feridos, doentes e acorrentados, o que o encorajou até ele admitir que a condição de Lucy Gray não era muito melhor. Ainda assim, com os Distritos 1 e 2 fora da jogada, Jessup como aliado e o novo programa de patrocínio, as chances dela estavam bem melhores do que quando chegara à Capital. Talvez, se ele conseguisse mantê-la alimentada, ela pudesse fugir e se esconder em algum lugar da arena enquanto os outros lutassem entre si ou morressem de fome.

– Tenho que perguntar uma coisa – disse ele. – Se for preciso, você mataria alguém?

Lucy Gray mastigou enquanto considerava a pergunta.

– Talvez em legítima defesa.

– São os Jogos Vorazes. Tudo é legítima defesa. Mas talvez seja melhor você fugir dos outros tributos e conseguirmos patrocinadores que enviem comida. Pra você esperar um pouco.

– É, essa é a melhor estratégia pra mim – concordou ela. – Aguentar coisas horríveis é um dos meus talentos. – Um pedaço seco de pão a fez tossir.

Coriolanus entregou a ela a garrafa de água que tinha na mochila.

– Ainda vão fazer as entrevistas, mas só com quem se voluntariar. Você quer?

– Está brincando? Tenho uma música que foi feita pra essa voz rouca aqui. Já conseguiu um violão?

– Não. Mas vou conseguir hoje – prometeu ele. – Devo conhecer alguém que possa emprestar. Arranjar uns patrocinadores, vai te ajudar muito a obter a vitória.

Ela começou a falar com um pouco de animação sobre o que poderia cantar. Mas eles só tinham dez minutos, e o breve encontro terminou com a professora Sickle mandando os mentores voltarem para o laboratório superior de biologia.

Depois do que só podiam ser medidas de segurança incrementadas, alguns Pacificadores os escoltaram e o reitor Highbottom marcou os nomes deles conforme foram ocupando seus lugares. Os mentores com integridade física que tinham sido atribuídos a tributos mortos ou desaparecidos, inclusive Livia e Sejanus, já estavam sentados às mesas dos laboratórios, vendo a dra. Gaul jogar cenouras na jaula do coelho. A pele de Coriolanus ficou coberta de suor ao vê-la, tão próxima e tão louca.

– Um pulo, um pulinho, uma cenoura ou um pedaço de pau? Todo mundo está morrendo e você está… – Ela se virou para eles com expectativa, e todo mundo, menos Sejanus, desviou o olhar.

– Passando mal – disse Sejanus.

A dra. Gaul riu.

– Esse aí é o compassivo. Cadê seu tributo, garoto? Alguma pista?

O *Notícias da Capital* tinha continuado a cobertura da caçada a Marcus, mas estava menos frequente agora. A informação oficial era que ele estava preso em um nível remoto da Transferência, onde seria apreendido em breve. A cidade tinha relaxado e o consenso geral era de que ele havia morrido ou seria capturado a qualquer momento. De qualquer modo, ele parecia mais propenso a fugir do que a sair da Transferência para assassinar inocentes na Capital.

– Possivelmente a caminho da liberdade – disse Sejanus com voz tensa. – Possivelmente capturado e sob controle. Possivelmente ferido e escondido. Possivelmente morto. Não faço ideia. E a senhora?

Coriolanus não pôde deixar de admirar a audácia dele. Claro, Sejanus não sabia como a dra. Gaul podia ser perigosa. Ele poderia acabar numa jaula com um par de asas de papagaio e uma tromba de elefante se não tomasse cuidado.

– Não, não responda – disse Sejanus. – Ele está morto ou estará em breve, quando vocês o pegarem e o arrastarem acorrentado pelas ruas.

– Isso é direito nosso – retrucou a dra. Gaul.

– Não é, não! Não ligo para o que dizem. Vocês não têm o direito de fazer pessoas passarem fome, de puni-las sem motivo. Não têm o direito de tirar a vida e a liberdade delas. Essas são coisas com as quais todo mundo nasce e não são suas para serem tiradas assim. Vencer uma guerra não lhes dá esse direito. Ter mais armas não lhes dá esse direito. Ser da Capital não lhes dá esse direito.

Nada dá. Ah, nem sei por que eu vim aqui hoje. – Com isso, Sejanus se levantou e seguiu para a porta. Quando tentou abrir a maçaneta, nada aconteceu. Ele a balançou, então virou-se para enfrentar a dra. Gaul. – Estão nos trancando agora? Parece que temos nossa própria jaulinha de macacos.

– Você não foi dispensado – disse a dra. Gaul. – Sente-se, garoto.

– Não. – Sejanus falou baixo, mas mesmo assim fez várias pessoas se sobressaltarem.

Depois de um momento, o reitor Highbottom interveio:

– Está trancada por fora. Os Pacificadores têm ordens de não sermos incomodados até que sejam notificados. Sente-se, por favor.

– Ou devemos mandar que eles o acompanhem a algum outro lugar? – sugeriu a dra. Gaul. – Acho que o escritório do seu pai é aqui perto. – Claramente, apesar da insistência em chamá-lo de garoto, ela nunca se esqueceu de quem Sejanus era.

Sejanus fervia de raiva e humilhação, sem querer ou sem conseguir se mexer. Ele só ficou parado, encarando a dra. Gaul, até a tensão se tornar insuportável.

– Tem um lugar vazio ao meu lado. – As palavras saíram espontaneamente da boca de Coriolanus.

A proposta distraiu Sejanus, e ele pareceu murchar. Ele respirou fundo, andou pelo corredor e se sentou no banco. Uma das mãos apertava a alça da mochila enquanto a outra formava um punho sobre a mesa.

Coriolanus desejou ter ficado em silêncio. Reparou que o reitor Highbottom o olhou sem entender, e se ocupou abrindo o caderno e tirando a tampa da caneta.

– Suas emoções estão à flor da pele – disse a dra. Gaul para a turma. – Eu entendo. De verdade. Mas vocês precisam aprender a controlá-las e contê-las. Guerras são vencidas com cabeças, não com corações.

– Eu pensei que a guerra tivesse acabado – disse Livia. Ela parecia irritada também, mas não da mesma forma que Sejanus. Coriolanus achava que ela só estava contrariada por ter perdido seu tributo forte.

– Verdade? Mesmo depois do que vivenciou na arena? – perguntou a dra. Gaul.

– Era o que eu pensava também – interrompeu Lysistrata. – E se a guerra acabou, tecnicamente a matança devia ter acabado junto, não?

– Estou começando a achar que não vai acabar nunca – admitiu Festus. – Os distritos vão sempre nos odiar e nós sempre vamos odiá-los.

– Acho que você pode estar no caminho certo aí – disse a dra. Gaul. – Vamos pensar por um momento que a guerra seja uma constante. O conflito pode ter altos e baixos, mas nunca vai acabar de verdade. Qual deveria ser nosso objetivo, nesse caso?

– A senhora está dizendo que não pode ser vencido? – perguntou Lysistrata.

– Vamos supor que não possa – disse a dra. Gaul. – Qual é nossa estratégia, então?

Coriolanus apertou os lábios para não falar a resposta. Era tão óbvia. Óbvia demais. Mas ele sabia que Tigris estava certa sobre evitar a dra. Gaul, mesmo sua versão elogiosa. Enquanto a turma refletia sobre a pergunta, ela andou pelo corredor e finalmente parou ao lado da mesa dele.

– Sr. Snow? Alguma ideia sobre o que devemos fazer com nossa guerra infinita?

Ele se consolou com o pensamento de que ela era velha e ninguém vivia para sempre.

– Sr. Snow? – insistiu a dra. Gaul. Ele se sentiu o coelho sendo cutucado pela vara de metal dela. – Quer dar um palpite?

– Nós a controlamos – disse ele baixinho. – Se não é possível encerrar a guerra, nós temos que controlá-la indefinidamente. Como fazemos agora. Com os Pacificadores ocupando os distritos, com leis rigorosas e com lembretes de quem está no comando, como os Jogos Vorazes. Em qualquer cenário, é preferível estar em vantagem, ser o vitorioso e não o derrotado.

– Se bem que, em nosso caso, é decididamente menos moral – murmurou Sejanus.

– Não é imoral nos defendermos – respondeu Livia. – E quem não preferiria ser o vitorioso no lugar do derrotado?

– Não sei se tenho interesse em ser qualquer um dos dois – disse Lysistrata.

– Mas isso não era opção – lembrou Coriolanus a ela –, considerando a pergunta. Não se você pensar bem.

– Não se você pensar bem, né, Casca? – disse a dra. Gaul enquanto voltava pelo corredor. – Pensar um pouquinho pode salvar muitas vidas.

O reitor Highbottom rabiscou na lista. *Talvez Highbottom seja tão coelho quanto eu*, pensou Coriolanus, e se perguntou se estava perdendo seu tempo se preocupando com ele.

– Mas se animem – continuou a dra. Gaul com alegria. – Como a maioria das circunstâncias da vida, a guerra tem seus altos e baixos. E essa é sua próxima tarefa. Escrevam uma redação sobre tudo de atraente que há na guerra. Tudo o que vocês amaram nela.

Muitos de seus colegas ergueram o rosto com surpresa, mas não Coriolanus. A mulher tinha feito serpentes picarem Clemensia por diversão. Claramente, ela gostava de testemunhar dor e devia achar que todos gostavam.

Lysistrata franziu a testa.

– O que amamos na guerra?

– Isso vai ser bem rápido – disse Festus.

– É projeto de grupo? – perguntou Livia.

– Não, individual. O problema de trabalhos de grupo é que uma pessoa sempre acaba fazendo tudo sozinha – disse a dra. Gaul, com uma piscadela para Coriolanus que deixou sua pele arrepiada. – Mas fiquem à vontade pra conversar com seus familiares. Vocês talvez tenham uma surpresa. Sejam tão honestos quanto ousarem. Tragam as redações para a reunião de mentores de domingo. – Ela tirou mais uma cenoura do bolso, se virou para o coelho e pareceu se esquecer deles.

Quando foram liberados, Sejanus seguiu Coriolanus pelo corredor.

– Você tem que parar de ficar me salvando.

Coriolanus balançou a cabeça.

– Eu não consigo controlar. É tipo um tique.

– Não sei o que eu faria se você não estivesse aqui. – Sejanus baixou o tom de voz. – Aquela mulher é má. Ela tinha que ser detida.

Coriolanus achava qualquer tentativa de destronar a dra. Gaul inútil, mas adotou uma postura solidária.

– Você tentou.

– Eu fracassei. Queria que minha família pudesse voltar pra casa. Voltar para o Distrito 2, onde é nosso lugar. Não que fossem querer a gente. Ser da Capital vai me matar.

– É um momento ruim, Sejanus. Com os Jogos e o bombardeio. Ninguém está no melhor momento. Não faça nada precipitado como fugir. – Quando Coriolanus deu um tapinha no ombro dele, pensou: *E eu talvez precise de um favor.*

– Fugir pra onde? Como? Com o quê? – perguntou Sejanus. – Mas agradeço de verdade seu apoio. Queria poder pensar em alguma forma de agradecer.

Havia uma coisa de que Coriolanus precisava.

– Você por acaso não tem um violão pra me emprestar, tem?

Os Plinth não tinham, e ele dedicou o resto da tarde de quarta-feira a cumprir a promessa que fizera a Lucy Gray. Ele perguntou na escola, mas o mais perto que conseguiu foi um talvez de Vipsania Sickle, mentora do garoto do Distrito 7, Treech, que tinha feito malabarismo com as nozes no zoológico.

– Ah, acho que tínhamos um durante a guerra – disse ela. – Vou dar uma olhada e te falo. Vou adorar ouvir sua garota cantar de novo!

Ele não sabia se devia acreditar nela; os Sickle não pareciam ser muito musicais. Vipsania tinha herdado o amor por competição de sua tia Agrippina e, até onde ele sabia, ela estava tentando estragar a apresentação de Lucy Gray. Mas ele podia entrar no mesmo jogo, então disse que ela ia salvar a vida dele e continuou a busca.

Depois de sair da Academia de mãos vazias, ele pensou em Pluribus Bell. Possivelmente, ele ainda teria instrumentos da época da casa noturna.

Assim que a porta do beco dos fundos se abriu, Boa Bell passou entre as pernas de Coriolanus, ronronando como um motor. Com dezessete anos, ela já era uma gata velha, e ele teve cuidado ao pegá-la nos braços.

– Ah, ela sempre fica feliz de ver amigos antigos – disse Pluribus, e convidou Coriolanus a entrar.

A derrota dos distritos fizera pouca diferença para o ofício de Pluribus, pois ele ainda garantia a vida com comércio de produtos no mercado clandestino, mesmo agora tendo uma tendência a mais luxo. Bebida de qualidade,

maquiagem e tabaco ainda eram difíceis de obter. O Distrito 1 tinha aos poucos voltado sua atenção a oferecer prazeres à Capital, mas nem todo mundo tinha acesso e os preços eram altos. Os Snow não eram mais clientes regulares, mas Tigris fazia visitas ocasionais para vender a ele os cupons de alimentação que permitiriam que comprassem carne ou café, que eles não costumavam poder pagar. As pessoas ficavam felizes de pagar pelo privilégio de comprar um pernil de cordeiro a mais.

Conhecido pela discrição, Pluribus continuou sendo uma das poucas pessoas para quem Coriolanus não precisava fingir ser rico quando estava por perto. Ele conhecia a situação dos Snow, mas nunca falava nada e nem fazia a família se sentir inferior. Naquele dia, ele serviu um copo de chá gelado para Coriolanus, encheu um prato de bolinhos e ofereceu uma cadeira. Eles conversaram sobre os bombardeios e sobre as lembranças ruins de guerra que o evento trouxe, mas logo passaram a falar de Lucy Gray, que tinha causado uma impressão muito favorável em Pluribus.

– Se eu tivesse alguns como ela, talvez pensasse em abrir a casa noturna de novo – refletiu Pluribus. – Ah, eu ainda venderia minhas belezinhas, mas poderia organizar shows aos fins de semana. A verdade é que estávamos todos tão ocupados nos matando que nos esquecemos de como nos divertir. Mas ela sabe. A sua garota.

Coriolanus contou a ele o plano para a entrevista e perguntou se por acaso havia um violão que ele pudesse pegar emprestado.

– Nós seríamos cuidadosos com ele, prometo. Eu guardaria em casa e só levaria quando ela fosse tocar e devolveria logo depois da apresentação.

Pluribus nem precisou ser convencido.

– Sabe, eu empacotei tudo depois que as bombas levaram Cyrus. Foi besteira. Como se eu pudesse esquecer o amor da minha vida com tanta facilidade.

Ele se levantou e moveu uma pilha de caixas de perfume, revelando uma porta de armário antigo. Lá dentro, arrumados com carinho em prateleiras, havia uma variedade de instrumentos musicais. Pluribus tirou um estojo de couro surpreendentemente limpo e abriu a tampa. Um cheiro agradável de madeira velha e cera chegou ao nariz de Coriolanus quando ele olhou para o

objeto dourado brilhando dentro. O corpo no mesmo formato do de uma mulher, as seis cordas seguindo pelo braço longo até as cravelhas. Ele passou o dedo de leve pelas cordas. Apesar de estar desafinado, a intensidade do som o atingiu em cheio.

Coriolanus balançou a cabeça.

– Esse é bonito demais. Não quero correr o risco de estragar.

– Eu confio em você. E confio na sua garota. Gostaria de ouvir o que ela vai fazer com ele. – Pluribus fechou o estojo e o ofereceu. – Leve e diga à sua garota que estou de dedos cruzados por ela. É bom ter um amigo na plateia.

Coriolanus pegou o violão com gratidão.

– Obrigado, Pluribus. Espero que você reabra a casa noturna. Serei um cliente fiel.

– Como o seu pai – disse Pluribus com uma risada. – Quando tinha a sua idade, ele ficava até a casa fechar todas as noites com aquele patife do Casca Highbottom.

Cada parte daquela frase pareceu sem sentido. Seu pai rígido, sem senso de humor e tão severo, passando o tempo numa casa noturna? E logo com o reitor Highbottom? Ele nunca tinha ouvido falar dos dois juntos, apesar de eles terem mais ou menos a mesma idade.

– Você está brincando, né?

– Ah, não. Eles eram uma dupla e tanto – disse Pluribus. Mas, antes que pudesse elaborar, ele foi interrompido por um cliente.

Com muito cuidado, Coriolanus carregou o objeto valioso para casa e o colocou sobre a cômoda. Tigris e sua avó ficaram admiradas, mas ele mal podia esperar para ver a reação de Lucy Gray. O instrumento que ela devia ter no Distrito 12 não podia se comparar ao de Pluribus.

Sua cabeça estava doendo e ele decidiu ir para a cama quando o sol se pôs, mas demorou um pouco para que adormecesse, de tão pensativo que estava a respeito do relacionamento do pai com "aquele patife do Casca Highbottom". Se eles foram amigos, como Pluribus sugeriu, não tinha restado nenhuma boa vontade. Ele não conseguia deixar de pensar que, por mais próximos que os dois tivessem sido em seus tempos de casa noturna, as coisas não tinham

terminado bem. Assim que pudesse, ele pressionaria Pluribus para saber mais detalhes.

Mas os dias seguintes não ofereceram essa oportunidade, pois eles foram dedicados a preparar Lucy Gray para a entrevista, que fora marcada para sábado à noite. Cada par de mentor e tributo possuía uma sala de aula para trabalhar. Dois Pacificadores ficavam de guarda, mas Lucy Gray tinha sido liberada das correntes e das algemas. Tigris oferecera um vestido antigo e disse que, se Lucy Gray estivesse disposta a confiar nela, ela poderia lavar e passar os babados de arco-íris para a apresentação. Lucy Gray hesitou, mas quando ele ofereceu a ela o outro presente de Tigris, um sabonete no formato de uma flor com aroma de lavanda, ela mandou que ele virasse de costas e trocou de roupa.

O jeito carinhoso com que ela pegou o violão, como se fosse um ser racional, ofereceu a Coriolanus o vislumbre de um passado tão diferente do dele que ele teve dificuldade de imaginar. Ela não se apressou para afinar o instrumento e tocou uma canção atrás da outra, parecendo tão faminta de música quanto pelas refeições que ele levava. Coriolanus deu a ela toda a comida que eles podiam poupar, junto com garrafas de chá adoçado com xarope de milho para aliviar a garganta. As cordas vocais dela estavam bem melhores quando a grande noite chegou.

Jogos Vorazes: uma noite de entrevistas começou na frente de uma plateia no auditório da Academia e foi transmitido por toda Panem. Apresentado pelo meteorologista meio palhaço da Capital TV, Lucretius "Lucky" Flickerman, parecia ao mesmo tempo inapropriado e surpreendentemente bem-vindo depois de tantas mortes. Lucky vestia um terno azul de gola alta com detalhes em pedraria, o cabelo estava penteado com gel e polvilhado com um pó cor de cobre, e seu humor só podia ser descrito como alegre. A cortina de trás do palco, ressuscitada de alguma produção pré-guerra, exibia um céu estrelado e piscava como um.

Depois de uma versão vibrante do hino da capital, Lucky deu boas-vindas à plateia para a nova edição dos Jogos Vorazes de uma nova década, na qual cada cidadão da Capital podia participar patrocinando o tributo de sua escolha. No caos dos dias anteriores, o melhor que a equipe da dra. Gaul conseguiu fazer

foi oferecer meia dúzia de itens básicos de alimentação que os patrocinadores podiam enviar para os tributos.

– Vocês estão se perguntando: o que vocês ganham com isso? – observou Lucky. E explicou as apostas, um sistema simples com *win*, *place* e *show*, que eram opções familiares para quem já tinha apostado em corridas de cavalos antes da guerra; significando, respectivamente, apostar em quem será o primeiro lugar, apostar em quem será o primeiro ou segundo, e apostar em quem será qualquer um dos três primeiros lugares. Quem quisesse enviar dádivas em dinheiro para alimentar um tributo ou fazer uma aposta só precisava ir ao correio, onde um funcionário daria as orientações adequadas. A partir do dia seguinte, as agências ficariam abertas das oito da manhã até as oito da noite, o que daria às pessoas tempo de fazer suas apostas antes dos Jogos Vorazes começarem na segunda-feira. Depois de apresentar o novo detalhe dos Jogos, Lucky não teve muito a fazer além de ler os cartões com o material que tratava das entrevistas, mas conseguiu inserir alguns truques de mágica, como servir vinho de cores diferentes da mesma garrafa para brindar à Capital e fazer um pombo sair voando do paletó com manga ampla.

Dos pares de mentor e tributo capazes de participar, só metade tinha alguma coisa para apresentar. Coriolanus pediu para ser o último, sabendo que nada podia competir com Lucy Gray, mas querendo ser aquele que fecharia com chave de ouro. Os demais mentores ofereceram informações sobre seus tributos enquanto tentavam inserir algo memorável e pediam ao público que os patrocinasse. Para demonstrar força, Lysistrata ficou sentada na cadeira enquanto Jessup a levantava com facilidade acima da cabeça. Circ, o garoto do Distrito 3 de Io Jasper, disse que conseguia acender uma fogueira com os óculos, e ela, com conhecimento científico, sugeriu vários ângulos e horas do dia em que isso facilitaria a tarefa. A esnobe Juno Phipps admitiu que tinha ficado desapontada de ficar com o pequeno Bobbin. Uma Phipps, membro de uma das famílias fundadoras da Capital, não merecia coisa melhor do que o Distrito 8? Mas ele a conquistou quando enumerou cinco maneiras diferentes de matar alguém com uma agulha de costura. Coral, a garota do Distrito 4 de Festus, deixou clara sua capacidade de manusear um tridente, arma que costumava estar disponível na arena. Ela demonstrou com uma vassoura velha,

portando-a de forma sinuosa que deixava pouca dúvida de sua capacidade. A familiaridade da herdeira dos derivados do leite Domitia Whimsiwick com vacas acabou sendo uma vantagem. Vibrante por natureza, ela fez seu musculoso tributo do Distrito 10, Tanner, se animar tanto ao falar de técnicas de abatedouro que Lucky teve que cortá-los quando ultrapassaram o tempo. Arachne estava enganada sobre o apelo desse assunto, pois Tanner foi quem ganhou mais aplausos até aquele momento da noite.

Coriolanus se esforçou para escutar enquanto se preparava para subir ao palco com Lucy Gray. Felix Ravinstill, o sobrinho-neto do presidente, estava tentando causar uma boa impressão com a garota do Distrito 11, Dill, mas Coriolanus não entendeu a abordagem, porque ela estava tão doente que nem a tosse dava para ouvir direito.

Tigris tinha feito outro milagre com o vestido de Lucy Gray. A imundície e a fuligem tinham desaparecido, deixando fileiras limpas e engomadas de babados de arco-íris. Ela também enviara um pote de blush que Fabricia tinha jogado fora com um restinho no fundo. Limpa, com as bochechas e os lábios rosados do blush, o cabelo preso no alto da cabeça como estava na colheita, Lucy Gray parecia, como Pluribus dissera, uma pessoa que ainda sabia se divertir.

– Acho que sua sorte está melhorando a cada minuto – disse Coriolanus, ajeitando um botão de rosa cor-de-rosa no cabelo dela. Combinava com o que ele tinha na lapela para o caso de alguém precisar de um lembrete de a quem Lucy Gray pertencia.

– Bom, você sabe o que dizem. O show só acaba quando o tordo canta – disse ela.

– Tordo? – Ele riu. – Eu realmente acho que você inventa essas coisas.

– Isso, não. O tordo é um pássaro que existe mesmo – garantiu ela.

– E canta no seu show? – perguntou ele.

– Não no meu show, querido. No seu. Ou da Capital, pelo menos – disse Lucy Gray. – Acho que é a nossa vez.

Com o vestido limpo dela e o uniforme engomado dele, a aparição dos dois gerou aplausos espontâneos da plateia. Ele não perdeu tempo fazendo várias

perguntas que não eram do interesse de ninguém. Só a apresentou e deu um passo para trás, deixando-a sozinha no holofote.

– Boa noite – disse ela. – Sou Lucy Gray Baird, do Bando dos Bairds. Comecei a escrever esta canção no Distrito 12, antes de eu saber como seria o final. É uma letra minha numa melodia antiga. De onde somos, chamamos de cantiga. É uma música que conta uma história. E acho que essa é a minha. "A Cantiga de Lucy Gray Baird." Espero que vocês gostem.

Coriolanus a tinha ouvido cantar dezenas de músicas nos dias anteriores, cheias de tudo, desde a beleza da primavera ao desespero sufocante de perder a mãe. Canções de ninar e músicas animadas, lamentos e cantilenas. Ela tinha solicitado a opinião dele e pesou as respostas a cada música. Ele achava que eles tinham escolhido uma encantadora sobre a maravilha de se apaixonar, mas depois de alguns acordes, ele percebeu que não era uma música das que ela tinha ensaiado. A melodia sombria deu o tom, e a letra fez o resto quando ela começou a cantar com uma voz rouca de fumaça e tristeza:

Quando era bebê, eu caía no choro.
Quando era garota, caí de paixão.
Mas contratempos afetaram o namoro.
Você se ferrou, meus encantos foram a salvação.
Eu dançava em troca do jantar, mandava beijos
pro mundo inteiro.
Você roubava, apostava e eu só te apoiava.
Nós cantávamos por comida, bebíamos nosso dinheiro.
Um dia você foi embora e disse que eu não prestava.

É verdade, eu não presto, mas formamos
um belo par.
Bom, eu não presto, mas isso é coisa sabida.
Você diz que não me ama, eu que não quero te amar.
Só quero lembrar quem sou na sua vida.

Quando você pula, sou eu que fico assistindo.
Eu que conheço toda sua bravura.
E fui eu que ouvi tudo que você disse dormindo.
Vou levar isso e muito mais pra sepultura.

Em pouco tempo, a sete palmos vou estar.
Em pouco tempo você vai ficar sozinho.
Quando tiver um problema, quem você
vai procurar?
Não vai ter ninguém com você, amor,
no seu caminho.

E fui eu que você deixou ver quando chorou.
Conheço a alma que você luta pra salvar.
Pena que sou a aposta que a colheita lhe tirou.
O que você vai fazer quando a morte me levar?

Dava para ouvir um alfinete caindo no auditório quando ela terminou. Houve algumas fungadas, um pouco de tosse e finalmente a voz de Pluribus gritando "Bravo" do fundo do auditório, seguida de um trovão de aplausos.

Coriolanus sabia que tinha acertado na mosca com aquele relato sombrio, comovente e profundamente pessoal da vida dela. Ele sabia que ela receberia uma chuva de dádivas na arena. Que o sucesso dela, mesmo agora, já se refletia nele, fazendo com que fosse seu também. Snow cai como a neve, essa coisa toda. Ele sabia que devia estar eufórico com aquela virada, pulando por dentro enquanto oferecia uma fachada modesta e satisfeita.

Mas o que ele estava sentindo mesmo era ciúme.



"E finalmente, mas não menos importante, a garota do Distrito 12… ela pertence a Coriolanus Snow."

"As coisas poderiam ter sido bem diferentes se você não tivesse ficado com sua garota arco-íris."

"A verdade é que estávamos todos tão ocupados nos matando que nos esquecemos de como nos divertir. Mas ela sabe. A sua garota."

Sua garota. Sua. Ali na Capital, era óbvio que Lucy Gray pertencia a ele, como se a vida dela tivesse começado quando o seu nome foi chamado na colheita. Mesmo o hipócrita do Sejanus viera até ele com sua sugestão de fazerem uma troca. Se isso não era possuir uma propriedade, o que era? Com a música, Lucy Gray repudiou isso tudo ao exibir uma vida que não tinha nada a ver com ele e muito a ver com outra pessoa. Alguém que ela chamava de "amor", não menos do que isso. E embora ele não tivesse direitos sobre o coração dela, pois mal conhecia a garota, ele não gostava a ideia de outra pessoa tendo. Apesar de a música ter sido um sucesso evidente, ele se sentia traído. Humilhado, até.

Lucy Gray se levantou e fez uma reverência, depois esticou a mão para ele. Após hesitar por um momento, ele se juntou a ela na frente do palco enquanto os aplausos aumentavam até ela ser ovacionada de pé. Pluribus liderou os gritos de bis, mas o tempo deles tinha acabado, como Lucky Flickerman observou, e eles fizeram uma reverência final e saíram do palco de mãos dadas.

Quando chegaram às coxias, ela começou a se desvencilhar, mas ele apertou a mão dela.

– Bem, você é um sucesso. Parabéns. Música nova?

– Estou trabalhando nela já um tempo, mas só cheguei à última estrofe algumas horas atrás – disse ela. – Por quê? Você não gostou?

– Me surpreendeu. Você tinha tantas outras.

– Tinha. – Lucy Gray soltou a mão e passou os dedos pelas cordas do violão, dedilhando o último trecho de melodia antes de botar o instrumento com delicadeza na caixa. – A questão é a seguinte, Coriolanus. Eu vou lutar com tudo o que tenho pra vencer esses Jogos, mas vou estar lá com gente como Reaper e Tanner e alguns outros que não desconhecem o ato de matar. Não há garantia de nada.

– E a música?

– A música? – repetiu ela e levou um momento para pensar na resposta. – Deixei alguns assuntos inacabados no Distrito 12. Eu ser o tributo… Bom, existe azar e existe trapaça. Aquilo foi trapaça. E uma pessoa com uma grande dívida comigo estava envolvida. A música foi uma espécie de vingança. A maioria das pessoas não vai saber, mas o Bando vai entender a mensagem, em alto e bom som. E eu só me importo com eles mesmo.

– Só de ouvir uma vez? – perguntou Coriolanus. – Foi bem rápido.

– Uma vez é tudo de que minha prima Maude Ivory precisa. Aquela criança nunca esquece nada de uma melodia. Parece que estou sendo chamada de novo.

Os Pacificadores que apareceram ao lado dela, ambos homens, trataram-na com certa simpatia agora, perguntando se estava pronta para ir, tentando controlar os sorrisos. Como os Pacificadores do Distrito 12. Coriolanus não pôde deixar de pensar no quanto ela podia ser simpática. Ele os olhou com uma expressão de reprovação que não exerceu efeito nenhum e os ouviu elogiando a apresentação enquanto a levavam.

Ele engoliu sua implicância e aceitou os parabéns vindos de todos os lados. Ajudaram-no a lembrar que ele era a verdadeira estrela da noite. Mesmo que Lucy Gray estivesse confusa com a questão, aos olhos da Capital ela pertencia a

ele. De que adiantaria creditar um tributo de distrito? Isso se sustentou até ele encontrar Pluribus, que se derretia.

– Que talento, que habilidade natural ela tem! Se ela conseguir sobreviver, estou determinado a torná-la artista principal em minha casa noturna.

– Isso é meio complicado. Não vão mandá-la pra casa? – perguntou Coriolanus.

– Tenho um ou dois favores que posso cobrar – disse ele. – Ah, Coriolanus, ela não foi uma estrela? Estou tão feliz de você ter ficado com ela, meu garoto. Os Snow mereciam um pouco de sorte.

Velho idiota com essa peruca empoada ridícula e o gato decrépito. O que ele sabia das coisas? Coriolanus estava prestes a esclarecer isso quando Satyria apareceu e sussurrou no ouvido dele, fazendo-o deixar tudo de lado:

– Acho que aquele prêmio está no papo.

Sejanus apareceu vestindo outro terno novinho, de braços dados com uma mulher pequena e enrugada, que usava um vestido florido de aparência cara. Não importava. Você poderia vestir um nabo com roupa de gala e ele ainda seria um nabo. Coriolanus não tinha dúvida de que só podia ser a mãe dele.

Quando Sejanus os apresentou, ele esticou a mão e abriu um sorriso caloroso para a mulher.

– Sra. Plinth, que honra. Por favor, perdoe minha negligência. Eu pretendia escrever um bilhete há dias, mas cada vez que me sento pra fazer isso, minha cabeça lateja tanto da concussão que nem consigo pensar direito. Obrigado pela deliciosa caçarola.

A sra. Plinth se franziu de prazer e deu uma risada constrangida.

– Nós é que temos que agradecer, Coriolanus. Estamos tão felizes por Sejanus ter um amigo tão bom. Se houver algo de que precisar, espero que saiba que pode contar conosco.

– Ora, o mesmo vale para a senhora. Estou a seu dispor – disse ele, falando com tanto entusiasmo que não tinha como ela não ficar desconfiada. Mas não a mãe de Sejanus. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela emitiu um som meio aquoso, sem palavras com a magnanimidade dele. Ela enfiou a mão na bolsa, uma coisa horrenda do tamanho de uma mala pequena, tirou um lenço com borda da renda e começou a assoar o nariz. Felizmente, Tigris, que era um

amor de verdade com todo mundo, foi aos bastidores atrás dele e assumiu a conversa com os Plinth.

As coisas finalmente se acalmaram, e enquanto os primos caminhavam juntos para casa, foram analisando a noite, desde o uso comedido de blush por Lucy ao modelo infeliz do vestido da mãe de Sejanus.

– Mas, sério, Coryo, não consigo imaginar as coisas melhores pra você – disse Tigris.

– Eu estou satisfeito – disse ele. – Acho que vamos conseguir uns patrocinadores pra ela. Só espero que algumas pessoas não desistam por causa da música.

– Eu fiquei muito comovida. Acho que a maioria das pessoas ficou. Você não gostou? – perguntou ela.

– Claro que gostei, mas tenho a cabeça mais aberta do que a maioria. Afinal, o que você acha que ela estava sugerindo que aconteceu?

– Me pareceu que ela se deu mal. Alguém que ela amava partiu o coração dela – respondeu Tigris.

– Isso foi só metade da história – continuou ele, porque não podia deixar nem Tigris achar que ele sentiu ciúmes de um zé-ninguém de distrito. – Teve a parte de ela viver dos encantos.

– Bom, isso pode ser qualquer coisa. Ela é artista, afinal.

Ele refletiu.

– Acho que sim.

– Você disse que ela perdeu os pais. Deve estar tendo que se virar há anos. Acho que ninguém que tenha sobrevivido à guerra e aos anos seguintes pode culpá-la por isso. – Tigris baixou o olhar. – Todos fizemos coisas de que não nos orgulhamos.

– Não você – disse ele.

– Não? – Tigris falou com uma amargura incomum. – Nós todos fizemos. Talvez você fosse pequeno demais pra lembrar. Talvez você não soubesse como era ruim.

– Como pode dizer isso? É tudo de que eu lembro – respondeu ele.

– Então seja gentil, Coryo – disse ela rispidamente. – E tente não olhar com desprezo para pessoas que precisaram escolher entre a morte e a desgraça.

A repreensão de Tigris o chocou, mas menos do que ela fazer alusão a um comportamento que poderia ser considerado uma desgraça. O que ela tinha feito? Porque, se ela fez alguma coisa, foi para protegê-lo. Ele pensou na manhã da colheita, quando se perguntou casualmente o que ela tinha para trocar no mercado clandestino, mas nunca levou o pensamento a sério. Ou levou? Teria preferido não saber que sacrifícios ela estaria disposta a fazer por ele? O comentário dela foi vago, e havia uma lista tão grande de coisas abaixo de um Snow, que só restava a ele repetir o que ela dissera sobre a música de Lucy Gray: "Bom, isso pode ser qualquer coisa." Ele queria saber os detalhes? Não. A verdade era que não queria.

Ao abrir a porta de vidro do prédio, ela deu um grito de descrença.

– Ah, não, não é possível! O elevador está funcionando!

Ele teve dúvida, pois aquela coisa não funcionava desde o começo da guerra. Mas a porta estava aberta e as luzes se refletiam nas paredes espelhadas do compartimento. Feliz com a distração, ele fez uma pequena reverência, convidando-a a entrar.

– Depois de você.

Tigris riu e entrou no elevador como a dama grandiosa que tinha nascido para ser.

– Você é gentil demais.

Coriolanus entrou atrás dela, e por um momento os dois ficaram olhando para os botões dos andares.

– A última vez que me lembro dessa coisa funcionando foi logo depois do enterro do meu pai. Nós chegamos em casa e passamos a subir de escada depois disso.

– A Lady-Vó vai ficar animada – disse Tigris. – Os joelhos dela não aguentam mais aquela escada.

– *Eu* estou animado. Talvez ela saia do apartamento de vez em quando – disse Coriolanus. Tigris bateu no braço dele, mas estava rindo. – É sério. Seria bom ficar com o apartamento só pra nós por cinco minutos. Quem sabe pular o hino uma manhã ou não precisar de gravata pra jantar. Por outro lado, tem perigo de ela conversar com as pessoas. "Quando Coriolanus for presidente, vai chover champanhe toda terça-feira!"

– Talvez as pessoas atribuam à idade – disse Tigris.

– Só posso esperar que sim. Você faz as honras? – perguntou ele.

Tigris esticou a mão e apertou longamente o botão da cobertura. Depois de um momento, as portas se fecharam com um gemido horrível, e eles começaram a subir.

– Estou surpreso de o comitê do prédio ter decidido consertar agora. Deve ter sido caro.

Coriolanus franziu a testa.

– Será que estão melhorando o prédio na esperança de venderem os apartamentos? Você sabe, com essa história de impostos.

O jeito brincalhão sumiu da voz de Tigris.

– É bem possível. Sei que os Dolittle considerariam vender pelo preço certo. Eles dizem que o apartamento é grande demais pra eles, mas a gente sabe que não é isso.

– É isso que vamos dizer? Que nosso lar ancestral ficou grande demais? – disse Coriolanus quando as portas se abriram e revelaram a entrada da casa deles. – Vamos, eu ainda tenho dever de casa.

A avó tinha esperado acordada para enchê-lo de elogios e disse que estavam reprisando os pontos altos das entrevistas sem parar.

– Ela é uma coisinha triste e sem classe, a sua garota, mas estranhamente atraente, do jeito dela. Talvez seja a voz. Parece que penetra nas pessoas.

Se Lucy Gray tinha conquistado a avó deles, Coriolanus achava que o resto da nação só podia estar igual. Se mais ninguém parecia incomodado pelo passado questionável dela, por que ele deveria ficar?

Ele pegou um copo de soro de leite, vestiu o roupão de seda do pai e se acomodou para escrever sobre tudo que ele amava na guerra. Ele começou com *Como dizem, a guerra é uma infelicidade, mas não é desprovida de charme*. Pareceu uma introdução inteligente, mas não levou a nada, e meia hora depois ele ainda não tinha escrito coisa alguma. Como Festus sugerira, era um trabalho destinado a ser bem curto. Mas ele sabia que a dra. Gaul não ficaria satisfeita com isso, e um esforço parcial só lhe daria uma atenção indesejada.

Quando Tigris entrou no quarto para dar boa-noite, ele jogou o tópico para ela.

– Você consegue se lembrar de alguma coisa de que a gente gostava?

Ela se sentou na beirada da cama dele e pensou.

– Eu gostava de alguns dos uniformes. Não os que usam agora. Lembra das jaquetas vermelhas com debrum dourado?

– Nos desfiles? – Ele sentiu uma empolgação ao se lembrar de ficar pendurado na janela observando os soldados e as bandas marchando. – Eu gostava dos desfiles?

– Você amava. Ficava tão animado que não conseguíamos te fazer comer o café da manhã – disse Tigris. – Nós sempre fazíamos uma reunião em casa nos dias de desfile.

– Lugares privilegiados. – Coriolanus anotou as palavras *uniformes* e *desfiles* em um pedaço de papel e acrescentou *fogos de artifício*. – Qualquer tipo de espetáculo me atraía quando eu era pequeno, acho.

– Se lembra do peru? – perguntou Tigris de repente.

Foi no último ano da guerra, quando o cerco tinha reduzido a Capital ao canibalismo e ao desespero. Até o feijão-manteiga estava acabando e havia meses que qualquer coisa parecida com carne não chegava à mesa deles. Em uma tentativa de melhorar os ânimos, a Capital declarou o dia 15 de dezembro como sendo Dia Nacional dos Heróis. Montaram um especial de televisão e homenagearam uns dez ou doze cidadãos que tinham perdido a vida defendendo a Capital, com o pai de Coriolanus, o general Crassus Snow, dentre eles. A eletricidade voltou a tempo da transmissão, mas tinha faltado (o aquecimento junto) por um dia inteiro antes. Eles estavam aninhados juntos na cama da avó, que mais parecia um barco, e lá ficaram para ver os heróis homenageados. Mesmo naquela época, a lembrança que Coriolanus tinha do pai já se apagara, e embora reconhecesse o rosto de fotos, ele levou um susto ao ouvir a voz grave dele e as palavras intransigentes sobre os distritos. Depois que o hino tocou, uma batida na porta da frente os tirou da cama, e eles encontraram um trio de jovens soldados de uniforme de gala entregando uma placa comemorativa e uma cesta com um peru congelado de dez quilos com os cumprimentos do governo. Em uma tentativa de alcançar o luxo antigo da Capital, a cesta também incluía um pote poeirento de geleia de menta, uma lata de salmão, três palitos rachados de bala de abacaxi, uma bucha e uma vela

com aroma de flores. Os soldados colocaram a cesta na mesa do saguão, leram uma declaração de agradecimento e deram boa-noite a todos. Tigris caiu no choro e a avó deles teve que se sentar, mas a primeira coisa que Coriolanus fez foi correr e trancar a porta para proteger as novas riquezas.

Eles comeram salmão com torrada e ficou decidido que Tigris permaneceria em casa no dia seguinte em vez de ir para a escola, para descobrir como preparar a ave. Coriolanus entregou para Pluribus um convite para jantar no papel de carta dos Snow, e ele apareceu levando posca e uma lata amassada de damascos. Com a ajuda dos livros antigos de receita da cozinheira, Tigris se superou, e eles tiveram um banquete de peru glaceado com geleia e recheio de pão e repolho. Nem antes e nem depois, nunca houve refeição tão gostosa.

– Ainda é um dos melhores dias da minha vida. – Ele não sabia como explicar, mas acabou acrescentando *alívio da privação* à lista. – Você foi maravilhosa pelo jeito como preparou aquele peru. Na época, você parecia tão velha pra mim, mas era só uma garotinha – disse Coriolanus.

Tigris sorriu.

– E você. Com sua hortinha particular no telhado.

– Se você gostasse de salsinha, eu era o cara! – Ele riu. Mas tinha orgulho da salsinha. Dava um toque especial à sopa e às vezes dava para trocar por outras coisas. *Jogo de cintura*, ele escreveu na lista.

E foi assim que ele escreveu a redação, contando os prazeres da infância, mas, no fim, não ficou satisfeito. Ele pensou nas duas semanas anteriores, com o bombardeio na arena, a perda dos colegas, a fuga de Marcus e como tudo isso revivera o terror que tinha sentido quando a Capital estava sob cerco. O que importara na época, o que ainda importava, era viver sem aquele medo. Por isso, ele acrescentou um parágrafo com o grande alívio por ter vencido a guerra e a satisfação amarga de ver os inimigos da Capital, que o trataram de forma tão cruel, que cobraram um preço tão alto da família dele, serem colocados de joelhos. Limitados. Impotentes. Incapazes de fazer mais mal a ele. Ele amou a sensação desconhecida de segurança que a derrota deles gerou. A segurança que só podia vir com o poder. A capacidade de controlar as coisas. Sim, isso era o que ele mais amava.

Na manhã seguinte, quando o restante dos mentores foi à reunião de domingo, Coriolanus tentou imaginar quem eles teriam sido se não tivesse havido guerra. Pouco mais do que bebês quando começou, todos deviam ter uns oito anos quando terminou. Apesar de as dificuldades terem diminuído, ele e seus colegas de escola ainda estavam longe da vida opulenta na qual nasceram, e a reconstrução do mundo deles foi lenta e desanimadora. Se pudesse apagar o racionamento e as bombas, a fome e o medo e substituir pelas vidas prósperas prometidas no nascimento, ele reconheceria seus amigos?

Coriolanus sentiu uma pontada de culpa quando seus pensamentos se voltaram para Clemensia. Ele ainda não tinha ido visitá-la, ocupado com sua própria recuperação, o trabalho de casa e a preparação de Lucy Gray para os Jogos. Mas não era só questão de tempo. Ele não tinha a menor vontade de voltar ao hospital e ver o estado em que ela se encontrava. E se o médico tivesse mentido e as escamas estivessem se espalhando e cobrindo todo o corpo? E se ela tivesse se transformado de vez em cobra? Era besteira, mas o laboratório da dra. Gaul era tão sinistro que sua mente chegava a extremos. Um pensamento paranoico o incomodava. E se o pessoal da dra. Gaul só estivesse esperando que ele fizesse uma visita para poder aprisioná-lo também? Não fazia sentido. Se quisessem prendê-lo, a hospitalização dele teria sido o momento. A coisa toda era ridícula, concluiu Coriolanus. Ele a visitaria na primeira oportunidade.

A dra. Gaul, que era claramente uma pessoa matinal, e o reitor Highbottom, que claramente não era, repassaram as apresentações da noite anterior. A de Coriolanus e Lucy Gray tinha sido um sucesso estrondoso, mas pontos foram concedidos a todos que pelo menos conseguiram levar os tributos ao palco das entrevistas. Na Capital TV, Lucky Flickerman estava dando atualizações das apostas direto da central dos correios, e enquanto as pessoas apostavam mais em Tanner e Jessup como vencedores, Lucy Gray acumulava o triplo de dádivas em comparação ao competidor mais próximo.

– Olha essa gente – disse a dra. Gaul. – Mandando pão pra um fiapo de garota de coração partido, apesar de não acreditar que ela possa ganhar. Qual é a lição aqui?

– Nas rinhas de cachorro, já vi gente apostando em vira-latas que mal conseguiam ficar de pé – disse Festus. – As pessoas adoram um azarão.

– As pessoas adoram uma canção de amor, isso sim – disse Persephone, exibindo as covinhas.

– As pessoas são idiotas – observou Livia com desprezo. – Ela não tem a menor chance.

– Mas há muitos românticos. – Pup piscou para ela e fez sons úmidos de beijo.

– É, ideias românticas, idealistas, podem ser muito atraentes. O que nos leva às suas redações. – A dra. Gaul se acomodou em um banco. – Vamos ver o que vocês trouxeram.

Em vez de recolher as redações, a dra. Gaul mandou que eles lessem trechos em voz alta. Os colegas de Coriolanus mencionaram muitos pontos que não tinham passado pela cabeça dele. Alguns se sentiam atraídos pela coragem dos soldados, pela chance de um dia serem heroicos também. Outros mencionaram o laço formado entre soldados que lutaram juntos ou a nobreza de defender a Capital.

– Parecia que fazíamos parte de uma coisa maior – disse Domitia. Ela assentiu solenemente, fazendo o rabo de cavalo no alto da cabeça balançar. – De uma coisa importante. Nós todos fizemos sacrifícios, mas foi pra salvar nosso país.

Coriolanus se sentia desconectado das "ideias românticas" deles, pois não tinha uma visão romantizada da guerra. A coragem em batalha era necessária por causa do mau planejamento de outra pessoa. Ele não tinha ideia se levaria uma bala por Festus e não tinha interesse em descobrir. Quanto às nobres ideias da Capital, eles realmente acreditavam nisso? O que ele desejava tinha pouco a ver com nobreza e tudo a ver com estar no controle. Não que ele não tivesse um código moral forte; era certo que tinha. Mas quase tudo na guerra, entre sua declaração e os desfiles de vitória, parecia desperdício de recursos. Ele manteve um olho no relógio enquanto fingia estar envolvido pela conversa, desejando que o tempo passasse para que não tivesse que ler nada. Os desfiles pareceram superficiais, o apelo do poder ainda real, mas sem emoção em comparação à falação dos colegas. E ele desejava nem ter escrito a parte sobre ter plantado salsinha; parecia pueril agora.

O melhor que ele pôde fazer quando sua vez chegou foi ler a história do peru. Domitia disse que foi comovente, Livia revirou os olhos e a dra. Gaul ergueu as sobrancelhas e perguntou se ele tinha algo mais para compartilhar. Ele não tinha.

– Sr. Plinth? – disse a dra. Gaul.

Sejanus passou a aula quieto e desanimado. Ele virou uma folha de papel e leu:

– "A única coisa que eu amava na guerra era o fato de ainda morar no meu lar." Se vocês quiserem saber se tinha algum valor além disso, eu diria que era uma oportunidade de consertar alguns erros.

– E consertou? – perguntou a dra. Gaul.

– Nem um pouco. As coisas nos distritos estão piores do que nunca – disse Sejanus.

A sala toda emitiu objeções.

– *Opa!*

– *Ele não falou isso.*

– *Volta para o 2, então! Quem sentiria sua falta?*

Ele está forçando a barra agora, pensou Coriolanus. Mas também estava com raiva. Pelo menos dois lados eram necessários para se fazer uma guerra. Uma guerra que, a propósito, os rebeldes começaram. Uma guerra que o deixou órfão.

Mas Sejanus ignorou os colegas e manteve a atenção na Chefe dos Idealizadores dos Jogos.

– Posso perguntar o que a senhora amava na guerra, dra. Gaul?

Ela olhou para ele por um longo momento e sorriu.

– Eu amei que provou que eu estava certa.

O reitor Highbottom anunciou o almoço antes que alguém perguntasse como, e todos saíram, deixando as redações nas mesas.

Eles tiveram meia hora para comer, mas Coriolanus se esquecera de levar comida, e não ofereceram nada porque era domingo. Ele passou o tempo deitado em uma área de sombra na escadaria frontal, descansando a cabeça enquanto Festus e Hilarius Heavensbee, que era mentor da garota do Distrito 8, discutiam estratégias para tributos femininos. Ele se lembrava vagamente do

tributo de Hilarius na estação de trem, usando um vestido listrado e um lenço vermelho, mas mais porque ela estava com Bobbin.

– O problema com as garotas é que elas não estão acostumadas a brigar como os garotos estão – disse Hilarius. Os Heavensbee eram ultrarricos, como os Snow eram antes da guerra. Mas, por mais privilégios que tivesse, Hilarius sempre parecia se sentir oprimido.

– Ah, não sei – disse Festus. – Acho que minha Coral daria trabalho pra qualquer um daqueles caras.

– A minha é raquítica. – Hilarius mexeu no sanduíche de filé com a mão de unhas feitas. – Wovey é como ela se chama. Bom, tentei treinar Wovey pra entrevista, mas ela tem zero personalidade. Ninguém a apoiou e não posso alimentá-la, mesmo se ela conseguir evitar os outros.

– Se ela ficar viva, vai ter apoio – disse Festus.

– Você está me ouvindo? Ela não sabe lutar e eu não posso contar com dinheiro porque minha família não pode apostar – choramingou Hilarius. – Só espero que ela dure até os últimos doze, pra que eu possa encarar meus pais. Eles estão constrangidos de um Heavensbee estar fazendo uma apresentação tão ruim.

Depois do almoço, Satyria levou os mentores até a estação do *Notícias da Capital* para que eles conhecessem o maquinário nos bastidores dos Jogos Vorazes. Os Idealizadores dos Jogos trabalhavam em uns escritórios velhos, e embora a sala de controle designada para eles fosse suficiente, parecia meio pequena para o evento anual. Coriolanus achou a coisa toda meio decepcionante, pois tinha imaginado algo mais vistoso, mas os Idealizadores dos Jogos estavam animados com os novos elementos dos Jogos daquele ano e falaram sobre os comentários dos mentores e a participação de patrocinadores. O local estava animado quando eles foram olhar as câmeras operadas remotamente que eram parte da época de arena esportiva. Uns seis Idealizadores dos Jogos estavam ocupados testando drones de brinquedo designados para entregar as dádivas dos patrocinadores. Os drones encontravam os destinatários por reconhecimento facial e podiam levar só um item de cada vez.

Com o sucesso da entrevista, Lucky Flickerman tinha sido convocado para apresentar, apoiado por um grupo de repórteres do *Notícias da Capital*. Coriolanus sentiu uma emoção grande quando se viu marcado para as 8h15 da manhã seguinte, até que Lucky disse:

– Nós queríamos garantir que você aparecesse cedo. Sabe como é, antes da sua garota bater as botas.

Ele sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco na barriga. Livia era amarga e a dra. Gaul era insana, e por isso ele pôde ignorar a certeza delas de que Lucy Gray não era uma competidora. Mas as palavras do pateta do Lucky Flickerman o abalaram de uma forma que as delas não conseguiram. Quando estava voltando para casa para se preparar para o último encontro com Lucy Gray, ele ficou refletindo sobre a probabilidade de ela estar morta naquele mesmo horário, no dia seguinte. O ciúme da noite anterior pelo namorado otário dela e o fato de o brilho de estrela dela superar o dele evaporaram. Ele se sentia incrivelmente próximo dela, daquela garota que entrara na vida dele de forma tão inesperada e com tanto estilo. E não era só por causa dos elogios que ela o fez receber. Ele gostava mesmo dela, bem mais do que da maioria das garotas que ele conhecia na Capital. Se ela conseguisse sobreviver (ah, quem sabe), como seria possível os dois não terem uma conexão para o resto da vida? Mas, mesmo com o discurso positivo, ele sabia que a sorte não estava a favor de Lucy Gray, e uma melancolia pesada tomou conta dele.

Em casa, ele se deitou na cama, temendo a hora de se despedir. Ele queria poder oferecer a Lucy Gray alguma coisa bonita que realmente denotasse agradecimento pelo que ela tinha lhe dado. Uma sensação renovada de seu valor. Uma oportunidade de brilhar. Um prêmio escondido na bolsa. E, claro, sua vida. Teria que ser algo muito especial. Precioso. Algo dele, não como as rosas, que eram na verdade da sua avó. Algo que, se as coisas fossem mal na arena, ela pudesse segurar como um lembrete de que ele estava com ela e encontrar consolo no fato de que não ia morrer sozinha. Havia um lenço de seda tingido de laranja que ela provavelmente poderia usar no cabelo. Um broche dourado que ele ganhara por excelência acadêmica, com seu nome entalhado. Talvez uma mecha de cabelo dele presa com uma fita? O que podia ser mais pessoal do que isso?

De repente, ele sentiu uma onda de raiva. De que adiantavam essas coisas se ela não pudesse usá-las para se defender? O que ele estava fazendo além de vestindo-a para ser um cadáver bonito? Talvez ela pudesse estrangular alguém com o lenço ou perfurar uma pessoa com o broche? Mas não havia falta de armas na arena, se essa era a questão.

Ele ainda estava tentando escolher um presente quanto Tigris o chamou para a mesa. Ela tinha comprado meio quilo de carne moída e feito quatro hambúrgueres fritos. O dela era consideravelmente menor, o que o faria protestar se ele não soubesse que ela sempre beliscava um pouco de carne crua enquanto preparava a refeição. Tigris gostava e teria comido o dela todo cru se a avó não tivesse proibido. Um dos hambúrgueres estava reservado para Lucy Gray, acrescentado de coberturas e acondicionado em um pão grande. Tigris também fez batatas fritas e salada de repolho cremoso, e Coriolanus selecionou as melhores frutas e doces da cesta de presente do hospital. Tigris colocou um guardanapo de linho dentro de uma caixinha de papelão decorada com aves de plumas coloridas e arrumou o banquete, cobrindo o tecido branco como neve com um botão de rosa da avó. Coriolanus tinha escolhido um tom intenso de pêssego com carmim porque o Bando adorava cores, e Lucy Gray mais do que todos.

– Diz pra ela que estou na torcida – falou Tigris.

– Diz pra ela que todos lamentamos que ela tenha que morrer – falou sua avó.

Depois do ar suave e aquecido pelo sol do fim da tarde, o frio do Heavensbee Hall lembrou a Coriolanus o mausoléu da família Snow, onde seus pais foram colocados em seu descanso final. Sem alunos e a agitação deles, tudo, desde passos a suspiros, ecoava alto, dando uma sensação sobrenatural a uma reunião já sombria. Nenhuma luz tinha sido acesa porque os últimos raios de sol que entravam pelas janelas eram considerados suficientes, mas havia um contraste intenso com a luminosidade das reuniões anteriores. Quando o restante dos mentores se reuniu na varanda e observou os jovens abaixo, um silêncio prevaleceu.

– A questão é que acabei me apegando a Jessup – sussurrou Lysistrata para Coriolanus. Ela fez uma pausa e arrumou o embrulho de macarrão com queijo.

– Ele salvou minha vida.

Coriolanus se perguntou o que Lysistrata, que estava mais perto dele do que qualquer outra pessoa na arena, viu quando as bombas dispararam. Teria ela visto Lucy Gray o salvando? Era isso que ela estava indicando?

Quando eles foram para suas respectivas mesas, Coriolanus se obrigou a pensar positivamente. Não havia lucro em passar os últimos dez minutos deles juntos chorando quando podiam dedicá-los a uma estratégia para vencer. O fato de Lucy Gray estar com aparência melhor do que em reuniões anteriores ajudou muito. Ela estava limpa e arrumada, o vestido ainda bem-cuidado na luz turva; parecia que ela tinha se aprontado para uma festa e não para uma matança. Seus olhos pousaram na caixa.

Coriolanus a entregou com uma pequena reverência.

– Trago presentes.

Lucy Gray pegou a rosa delicadamente e inalou a fragrância. Puxou uma pétala e a colocou entre os lábios.

– Tem gosto de hora de dormir – disse ela com um sorriso triste. – Que caixa bonita.

– Tigris estava guardando pra uma coisa especial – disse ele. – Pode comer se você ainda estiver com fome. Ainda está quente.

– Acho que vou. Farei uma última refeição como uma pessoa civilizada. – Ela abriu o guardanapo e admirou o conteúdo da caixa. – Ah, parece ótimo.

– É bastante coisa e você pode dividir com Jessup – disse Coriolanus. – Mas acho que Lysistrata trouxe alguma coisa pra ele.

– Eu dividiria, mas ele parou de comer. – Lucy Gray olhou com preocupação para Jessup. – Talvez sejam os nervos. Ele está agindo meio engraçado. Claro que tem todo tipo de loucura saindo da nossa boca agora.

– Como o quê? – perguntou Coriolanus.

– Tipo, ontem à noite Reaper pediu desculpas a cada um de nós pessoalmente por ter que nos matar – explicou ela. – Ele diz que vai nos dar uma compensação quando vencer. Diz que vai se vingar da Capital, se bem que essa parte não ficou tão clara quanto a de nos matar.

Coriolanus desviou o olhar para Reaper, que não só era muito forte, mas parecia também ser bom em jogos mentais.

– Qual foi a reação a isso?

– A maioria das pessoas só ficou encarando. Jessup cuspiu na cara dele. Eu falei que só acabava quando o tordo cantava, mas isso apenas o confundiu. É o jeito dele de inventar algum sentido pra isso tudo, acho. Nós estamos no limite. Não é fácil… se despedir da vida. – O lábio inferior dela começou a tremer e ela empurrou o sanduíche para o lado sem nem dar uma mordida.

Sentindo que a conversa estava dando uma virada fatalista, Coriolanus a virou em outra direção.

– Sorte que você não precisa. Sorte que você tem o triplo de dádivas em comparação a todo mundo.

Lucy Gray ergueu as sobrancelhas.

– O triplo?

– O triplo. Você vai vencer, Lucy Gray – disse ele. – Já pensei bastante. Assim que o gongo soar, você foge. Foge o mais rápido que conseguir. Vai pra arquibancada e se afasta o máximo que puder dos outros. Encontre um bom esconderijo. Eu consigo comida. Aí você vai pra outro lugar. Vai mudando de posição e fica viva até os outros todos se matarem ou morrerem de fome. Você consegue.

– Consigo? Sei que fui eu quem insistiu para que você acreditasse em mim, mas ontem à noite fiquei pensando em estar naquela arena. Presa. Tantas armas. Reaper indo atrás de mim. Sinto mais esperança durante o dia, mas quando escurece sinto tanto medo que… – De repente, lágrimas começaram a rolar pelo rosto dela. Foi a primeira vez que ela não conseguiu controlar. No palco, depois que o prefeito bateu nela, e na ocasião em que Coriolanus lhe ofereceu o pudim de pão, ela quase chorou, mas conseguiu controlar as lágrimas. Agora, como se uma barragem tivesse se rompido, as lágrimas jorraram.

Coriolanus sentiu algo dentro de si se desfazer quando a viu tão vulnerável, e sentiu o mesmo. Ele esticou a mão para ela.

– Ah, Lucy Gray…

– Eu não quero morrer – sussurrou ela.

Ele limpou as lágrimas das bochechas dela com os dedos.

– Claro que não. E não vou deixar. – Ela continuou chorando. – Não vou deixar, Lucy Gray!

– Você devia deixar. Nunca fui nada além de problema pra você – disse ela com voz engasgada. – Botei você em perigo e comi sua comida. Também percebi que você odiou minha cantiga. Vai ser bom você se livrar de mim amanhã.

– Eu vou ficar péssimo amanhã! Quando falei que você importava pra mim, eu não estava falando como tributo. Estava falando de você. Você, Lucy Gray Baird, como pessoa. Como minha amiga. Como… – Qual era a palavra? Amor? Namorada? Ele não podia alegar mais do que uma atração, que podia muito bem ser unilateral. Mas o que teria a perder se admitisse que ela mexia com ele? – Fiquei com ciúme depois da sua cantiga porque eu queria que você estivesse pensando em mim e não em alguém do seu passado. É idiotice, eu sei. Mas você é a garota mais incrível que já conheci. De verdade. Extraordinária de todas as formas. E eu… – Os olhos dele se encheram de lágrimas, mas ele piscou para afastá-las. Tinha que ser forte pelos dois. – E não quero te perder. Me recuso a te perder. Por favor, não chore.

– Me desculpe. Me desculpe. Vou parar. É que… me sinto tão sozinha.

– Você não está sozinha. – Ele segurou a mão dela. – E não vai estar sozinha na arena. Nós estaremos juntos. Eu estarei lá a cada momento. Não vou tirar os olhos de você. Nós vamos vencer isso juntos, Lucy Gray. Eu prometo.

Ela se agarrou a ele.

– Parece quase possível pelo jeito como você fala.

– É mais do que possível – garantiu Coriolanus. – É provável. É inevitável se você seguir o plano.

– Você acredita mesmo nisso? – perguntou ela, observando o rosto dele. – Porque se eu achasse que acredita, podia me ajudar muito a acreditar também.

O momento exigia um gesto grandioso. Felizmente, ele tinha um. Ele estava em cima do muro, avaliando o risco, mas não podia deixá-la assim, sem nada em que se agarrar. Era questão de honra. Ela era sua garota, tinha salvado a vida dele, e ele tinha que fazer tudo que pudesse para salvar a dela.

– Escuta. Você está escutando? – Ela ainda chorava, mas os soluços tinham se acalmado em ofegos pequenos e intermitentes. – Minha mãe deixou uma

coisa pra mim quando morreu. É meu bem mais precioso. Quero que você leve pra arena, pra dar sorte. É um empréstimo, veja bem. Espero que você me devolva. Senão, jamais poderia abrir mão disso. – Coriolanus enfiou a mão no bolso, esticou o braço e abriu os dedos. Na palma, brilhando sob os últimos raios de sol, estava o estojo prateado de pó compacto da mãe dele.

Lucy Gray ficou boquiaberta quando viu, e ela não era fácil de impressionar. Ela esticou a mão e acariciou a rosa entalhada, a prata antiga, mas puxou a mão de volta com pesar.

– Ah, eu não poderia aceitar. É bonito demais. Já basta você ter oferecido, Coriolanus.

– Tem certeza? – perguntou ele, com um pouco de provocação. Ele abriu o fecho e esticou o objeto para que ela pudesse ver seu reflexo no espelho.

Lucy Gray inspirou fundo e riu.

– Bom, agora você está tocando no meu ponto fraco. – E era verdade. Ela sempre era tão cuidadosa com a aparência. Não vaidosa, só consciente. Ela reparou no compartimento vazio onde havia pó uma hora antes. – Tinha pó aqui?

– Tinha, mas… – começou Coriolanus. Ele fez uma pausa. Se falasse, não daria para voltar atrás. Por outro lado, se não falasse, ele talvez a perdesse de vez. Ele baixou a voz a um sussurro: – Achei que você podia querer usar o seu.



Lucy Gray entendeu na mesma hora. Seu olhar desviou para os Pacificadores, nenhum deles prestando atenção, e ela se inclinou para a frente e cheirou o interior do recipiente.

– Humm, ainda dá pra sentir o aroma. Uma delícia.

– De rosas – disse ele.

– De rosas – disse ela. – Seria como ter você comigo, não é?

– Aceite – pediu ele. – Me leva com você. Pega.

Lucy Gray limpou as lágrimas com as costas da mão.

– Tudo bem, mas é um empréstimo. – Ela pegou o estojo, enfiou no bolso e deu uma batidinha por cima. – Ajuda a deixar meus pensamentos mais claros. De alguma forma, vencer os Jogos era uma coisa grande demais para conceber. Mas se eu disser "Preciso devolver isso para o Coriolanus", consigo aceitar melhor.

Eles conversaram mais um pouco, mais sobre a disposição da arena e onde talvez ficassem os melhores esconderijos, e ele conseguiu que ela comesse metade do sanduíche e o pêssego todo antes da professora Sickle soprar o apito. Coriolanus não sabia bem como aconteceu, mas os dois deviam ter se levantado, os dois se movido para a frente, porque ele a viu em seus braços, as mãos segurando sua camisa, ele a prendendo em um abraço.

– Só vou pensar em você naquela arena – sussurrou ela.

– Não no cara do 12? – perguntou ele, brincando só um pouco.

– Não. Ele tratou de destruir tudo que eu sentia por ele. O único garoto por quem meu coração bate agora é você.

Ela deu um beijo nele. Não um selinho. Um beijo de verdade na boca, com notas de pêssego e pó compacto. O toque dos lábios dela, macios e quentes nos dele, despertou sensações no corpo dele inteiro. Ao invés de se afastar, ele a segurou mais perto enquanto o gosto e o toque dela fizeram sua cabeça girar. Então era disso que as pessoas falavam! Era o que as deixava tão loucas! Quando finalmente se separaram, ele inspirou fundo, como se saindo das profundezas do mar. Os cílios de Lucy Gray se abriram, e a expressão nos olhos dela era como a nos dele. Os dois se inclinaram simultaneamente para outro beijo quando os Pacificadores botaram as mãos nela e a levaram.

Festus o cutucou quando eles estavam saindo do salão.

– Que despedida, hein.

Coriolanus só deu de ombros.

– O que posso dizer? Sou irresistível.

– Deve ser – respondeu Festus. – Tentei dar um tapinha tranquilizador no ombro de Coral e ela quase quebrou meu pulso.

O beijo o deixou tonto. Não havia dúvida de que ele havia ultrapassado um limite, mas não se arrependia… Fora incrível. Ele andou sozinho para casa, saboreando a despedida agridoce, eletrizado por sua ousadia. Talvez tivesse violado uma ou duas regras ao dar o estojo de pó compacto para ela e sugerir que ela o enchesse de veneno de rato, quem sabia? Não havia livro de regras para os Jogos Vorazes. Mas era provável que ele tivesse exagerado. Mesmo assim, valia a pena. Por ela. Só que ele não contaria a ninguém, nem a Tigris.

Não era necessariamente algo que viraria o jogo. Seria preciso inteligência e sorte para envenenar outro tributo. Mas Lucy Gray era inteligente e não mais azarada que seus oponentes. Eles teriam que ingerir o veneno, então o trabalho dele seria mandar comida para ela usar de isca. Coriolanus se sentia mais no controle por ter algo a fazer além de olhar.

Depois que a avó deles foi para a cama, ele revelou para Tigris:

– Acho que ela se apaixonou por mim.

– Claro que se apaixonou. O que você sente por ela?

– Não sei – respondeu ele. – Eu dei um beijo de despedida nela.

Tigris ergueu as sobrancelhas.

– Na bochecha?

– Não. Nos lábios. – Ele pensou em como explicar, mas só conseguiu dizer: – Ela é diferente.

Isso era inegável em vários níveis. A verdade era que ele não tinha muita experiência com garotas e menos ainda com amor. Manter a situação dos Snow em segredo sempre foi a maior prioridade. Os primos raramente recebiam alguém em casa, mesmo quando Tigris se apaixonou perdidamente no último ano da Academia. A relutância dela de levar em casa a pessoa com quem estava envolvida foi considerada falta de compromisso e acabou sendo fator decisivo no rompimento. Coriolanus encarou o incidente como aviso para não se envolver profundamente com ninguém. Muitas colegas se interessaram por ele, mas ele as manteve longe com habilidade. A desculpa do elevador quebrado foi útil, e sua avó passara por várias doenças fictícias que exigiam silêncio absoluto. Houve aquela outra coisa, no ano anterior, no beco atrás da estação de trem, mas aquilo não foi um romance e sim um desafio feito por Festus. Entre a posca e a escuridão, sua lembrança do evento estava toda fragmentada. Ele nem soube o nome dela, mas o acontecimento deu a ele a reputação de ser um conquistador.

Mas Lucy Gray era seu tributo, a caminho da arena. E mesmo que as circunstâncias fossem diferentes, ela ainda seria uma garota dos distritos, ou pelo menos não da Capital. Uma cidadã de segunda classe. Humana, mas bestial. Inteligente, talvez, mas não evoluída. Parte de uma massa disforme de criaturas infelizes e bárbaras que ficavam sempre na periferia da consciência dele. Claro, se houvesse uma exceção para a regra, essa exceção era Lucy Gray Baird. Uma pessoa que fugia a qualquer definição fácil. Uma ave rara, como ele. Por qual outro motivo a pressão dos lábios dela nos dele deixou seus joelhos bambos?

Coriolanus adormeceu naquela noite repassando o beijo na cabeça…

A manhã dos Jogos Vorazes chegou ensolarada e clara. Ele se arrumou, comeu os ovos que Tigris preparou para ele e fez a caminhada longa no calor até o *Notícias da Capital*. Recusou a camada grossa de maquiagem que Lucky tinha passado na própria cara, mas permitiu uma camada leve de pó, sem querer ficar suado demais para as câmeras. Calmo e inabalável; essas eram as qualidades que um Snow devia projetar. O pó tinha cheiro doce, mas lhe

faltava o refinamento do da sua mãe, que estava guardado na sua gaveta de meias em casa.

– Bom dia, sr. Snow. – A voz da dra. Gaul o deixou atento. Claro que ela estaria ali, no estúdio de televisão. Onde mais ela estaria na manhã de abertura dos Jogos?

Ele não sabia por que o reitor Highbottom achou necessário fazer uma aparição, mas seus olhos embotados observaram Coriolanus.

– Nós soubemos que houve uma cena emocionante quando você se separou do seu tributo ontem à noite.

Ugh. Seria possível encontrar duas pessoas menos capazes de amar? Como eles sabiam sobre o beijo? A professora Sickle não parecia fofoqueira, então quem estava espalhando isso por aí? Provavelmente a maioria dos mentores viu…

Não importava. Aqueles dois não conseguiriam tirar uma reação dele.

– Como a dra. Gaul observou, as emoções estão a toda.

– Sim, pena que ela não tem muita chance de durar nem um dia – disse a dra. Gaul.

Como ele odiava os dois. Gabando-se. Tentando perturbá-lo. Ainda assim, só podia se permitir um movimento indiferente de ombros.

– Bom, como dizem, só acaba quando o tordo canta. – Ele sentiu satisfação pela incompreensão no rosto dos dois. Não tiveram oportunidade de questioná-lo porque Remus Dolittle apareceu para informar que o garoto tributo do Distrito 5 tinha falecido durante a noite por complicações de asma ou algo parecido, ou seja, a veterinária não conseguiu salvá-lo, e que eles tinham que mencionar aquela perda.

Por mais que tentasse, Coriolanus não conseguiu se lembrar do garoto, nem qual dos colegas tinha sido designado como mentor dele. Em preparação para a abertura dos Jogos, ele tinha atualizado a lista de mentores que recebera do professor Demigloss. Decidiu, por questão de simplicidade, cortar as equipes em pares, independente do que tinha acontecido a elas. Não pretendia ser insensível, mas não havia outra forma de deixar tudo claro. Ele tirou a lista da mochila e marcou essa nova baixa.

10ª EDIÇÃO DOS JOGOS VORAZES
ATRIBUIÇÃO DE MENTORIA

DISTRITO 1	
~~*Garoto (Facet)*~~	~~*Livia Cardew*~~
~~*Garota (Velvereen)*~~	~~*Palmyra Monty*~~
DISTRITO 2	
~~*Garoto (Marcus)*~~	~~*Sejanus Plinth*~~
~~*Garota (Sabyn)*~~	~~*Florus Friend*~~
DISTRITO 3	
Garoto (Circ)	*Io Jasper*
Garota (Teslee)	*Urban Canville*
DISTRITO 4	
Garoto (Mizzen)	*Persephone Price*
Garota (Coral)	*Festus Creed*
DISTRITO 5	
~~*Garoto (Hy)*~~	~~*Dennis Fling*~~
Garota (Sol)	*Iphigenia Moss*
DISTRITO 6	
~~*Garoto (Otto)*~~	~~*Apollo Ring*~~
~~*Garota (Ginnee)*~~	~~*Diana Ring*~~
DISTRITO 7	
Garoto (Treech)	*Vipsania Sickle*
Garota (Lamina)	*Pliny Harrington*
DISTRITO 8	
Garoto (Bobbin)	*Juno Phipps*
Garota (Wovey)	*Hilarius Heavensbee*
DISTRITO 9	

~~*Garoto (Panlo)*~~	~~*Gaius Breen*~~
~~*Garota (Sheaf)*~~	~~*Androcles Anderson*~~
DISTRITO 10	
Garoto (Tanner)	*Domitia Whimsiwick*
~~*Garota (Brandy)*~~	~~*Arachne Crane*~~
DISTRITO 11	
Garoto (Reaper)	*Clemensia Dovecote*
Garota (Dill)	*Felix Ravinstill*
DISTRITO 12	
Garoto (Jessup)	*Lysistrata Vickers*
Garota (Lucy Gray)	*Coriolanus Snow*

O número de concorrentes de Lucy Gray tinha caído agora para treze. Menos um, e logo um garoto. Só podia ser boa notícia para ela.

Sua lista de mentores tinha começado a ficar meio amassada, então ele a dobrou em quatro e decidiu guardá-la no bolso externo da mochila para ter acesso fácil. Quando o abriu, encontrou um lenço. Ele ficou intrigado por um momento, pois o lenço dele estava sempre em um bolso da roupa, mas lembrou que aquele era o que Lucy Gray tinha devolvido depois de secar os olhos no dia que ele levou o pudim de pão. Era bom ter algo tão pessoal, uma espécie de talismã, e ele guardou a lista com cuidado junto.

Os únicos mentores convidados para aparecerem no pré-show foram os sete que participaram da noite de entrevistas. Eles tinham acabado virando os rostos da Capital nos Jogos, apesar de vários de seus tributos parecerem fracos. Um canto do estúdio havia sido preparado com algumas poltronas de sala de estar, uma mesa de centro e um candelabro meio torto. A maioria dos mentores elaborou melhor o passado de seus tributos, acrescentando qualquer elemento perigoso que podiam.

Como Coriolanus tinha dedicado a entrevista toda à música de Lucy Gray, ele era o único com material novo. Satisfeito por ter alguma novidade, Lucky Flickerman deixou que guiasse o tempo dedicado a ele. Depois de contar os

detalhes tradicionais, Coriolanus passou a maior parte do tempo falando do Bando e enfatizando que Lucy Gray não era de distrito, não mesmo. O Bando tinha uma história longa como músicos, eram artistas de um tipo que raramente se via e não eram residentes de distrito tanto quanto as pessoas da Capital. Na verdade, se você pensasse bem, eles quase *eram* da Capital, e só por uma série de infortúnios foram parar, ou talvez tivessem sido detidos por engano, no Distrito 12. As pessoas deviam poder ver em casa como Lucy Gray parecia à vontade na Capital, não? E Lucky teve que concordar que sim, sim, havia algo de especial na garota.

Lysistrata lançou um olhar de irritação para ele quando assumiu seu lugar, que ele entendeu quando percebeu que ela estava tentando associar Jessup com Lucy Gray na entrevista, para conquistar solidariedade para os dois como uma dupla. Embora fosse verdade que Jessup era minerador de carvão do Distrito 12 até os ossos, os dois não tinham exibido uma parceria natural desde o começo? E quem não tinha reparado na proximidade incomum entre os dois, geralmente ausente em tributos do mesmo distrito? Lysistrata estava convencida de que eles tinham afeição um pelo outro. Com a força de Jessup e a capacidade de Lucy Gray de encantar a plateia, ela tinha certeza de que o vitorioso daquele ano viria do Distrito 12.

O motivo para a presença do reitor Highbottom ficou clara quando ele foi falar depois de Lysistrata. Ele conseguiu discutir o programa de mentor e tributo como se não estivesse chapado o tempo todo. Na verdade, Coriolanus achou meio perturbador como as observações dele pareceram lúcidas. Ele comentou que os alunos da Capital tinham começado com certos preconceitos com os jovens dos distritos, mas nas duas semanas desde a colheita, muitos tinham passado a ter uma nova admiração e respeito por eles.

– Como dizem, é essencial conhecer o inimigo. E que melhor forma de conhecer se não unindo forças nos Jogos Vorazes? A Capital só ganhou a guerra depois de uma luta longa e difícil, e recentemente nossa arena foi bombardeada. Imaginar que falta inteligência, força ou coragem a qualquer um dos lados seria um erro.

– Mas você não pode estar comparando nossas crianças às deles – observou Lucky. – Basta dar uma olhada para vermos que as nossas são de uma raça

superior.

– Uma olhada mostra que as nossas tiveram mais comida, roupas melhores e cuidado dental melhor – disse o reitor Highbottom. – Supor qualquer coisa mais, uma superioridade física, mental ou principalmente moral, seria um erro. Esse tipo de arrogância quase representou nosso fim na guerra.

– Fascinante – disse Lucky, aparentemente por falta de resposta melhor. – Sua visão é simplesmente fascinante.

– Obrigado, sr. Flickerman. Não consigo pensar em outra pessoa cuja opinião eu valorize mais – declarou o reitor.

Coriolanus achou que o sarcasmo do reitor estava implícito, mas Lucky corou.

– Que gentileza, sr. Highbottom. Como todos sabemos, sou um mero homem do tempo.

– E um mágico em treinamento – lembrou o reitor Highbottom.

– Bom, talvez eu me declare culpado por isso! – disse Lucky com uma risada. – Espere, o que é isso? – Ele esticou a mão para trás da orelha do reitor Highbottom e puxou um doce pequeno com listras coloridas. – Acho que é seu. – Ele o ofereceu para o reitor, as cores manchando a palma úmida da mão dele.

O reitor não se mexeu para pegar.

– Minha nossa. De onde veio isso, Lucky?

– Segredos do ofício – disse Lucky com um sorriso esperto. – Segredos do ofício.

Havia carros esperando para levá-los de volta à Academia, e Coriolanus foi parar em um com Felix e o reitor Highbottom. Os dois pareciam se conhecer socialmente e ignoraram Coriolanus enquanto botavam as fofocas em dia. Ele teve tempo de refletir sobre o que o reitor Highbottom tinha dito sobre as pessoas dos distritos. Que eram essencialmente iguais às da Capital, só que em condições materiais piores. Era uma ideia meio radical para o reitor sair falando por aí. Sem dúvida sua avó e muitas outras pessoas a rejeitariam, e isso diminuía a mensagem de Coriolanus, focada em apresentar Lucy Gray como alguém completamente diferente das pessoas dos distritos. Ele se perguntou o

quanto daquilo teve a ver com uma estratégia de vitória e o quanto refletia sua confusão em relação a seus sentimentos por ela.

Quando eles entraram no salão e Felix foi distraído por uma equipe de câmeras, Coriolanus sentiu um toque em seu braço.

– Sabe aquele seu amigo do 2? O emotivo? – perguntou o reitor Highbottom.

– Sejanus Plinth – disse Coriolanus. Não que eles fossem realmente amigos, mas aquilo não era da conta do reitor Highbottom.

– É melhor você arrumar uma cadeira pra ele perto da porta. – O reitor tirou a garrafa do bolso, foi para trás de um pilar próximo e tomou algumas gotas de morfináceo.

Antes que ele pudesse pensar nisso, Lysistrata apareceu, irritada.

– Sinceramente, Coriolanus, você podia trabalhar um pouco comigo! Jessup fica chamando Lucy Gray de aliada!

– Eu não tinha ideia de que essa seria sua abordagem. Eu realmente não pretendia atrapalhar. Se tivermos outra chance, vou abordar o ângulo da equipe – prometeu ele.

– É uma possibilidade pequena – disse Lysistrata com uma bufada de exasperação.

Satyria andou pela multidão e não ajudou em nada quando falou:

– Que entrevista inteligente, meu querido. Eu quase acredito que sua garota nasceu na Capital! Agora, venha. Você também, Lysistrata! Vocês precisam dos crachás e pulseiras de comunicação!

Ela os levou pelo salão, que, diferentemente dos anos anteriores, estava agitado de tanta empolgação. As pessoas não paravam de desejar boa-sorte a ele, parabenizando-o pela entrevista. Coriolanus gostou da atenção, mas também havia algo de inegavelmente perturbador. No passado, os Jogos foram ocasiões moderadas, em que as pessoas evitavam contato visual e só falavam quando necessário. Agora, uma ansiedade tomava o salão, como se um entretenimento amado os aguardasse.

À mesa, um Idealizador dos Jogos supervisionava a distribuição de equipamentos dos mentores. Embora todos recebessem um crachá amarelo com a palavra *Mentor* para usar no pescoço, só os que tinham tributos ainda

nos Jogos receberam as pulseiras de comunicação, tornando-os alvo de inveja. Tanta tecnologia pessoal tinha desaparecido durante a guerra e nos tempos que vieram logo em seguida, pois a produção tinha se concentrado em outras prioridades. Atualmente, mesmo os dispositivos mais simples eram uma coisa e tanto. As pulseiras tinham um fecho e uma telinha, com a marcação de dádivas de patrocinadores piscando em vermelho. Os mentores só precisavam percorrer a lista de alimentos, selecionar um do menu e clicar duas vezes para um Idealizador dos Jogos acionar o drone de entrega. Alguns dos tributos não tinham dádiva nenhuma. Apesar de não ter aparecido nas entrevistas, Reaper conseguira alguns patrocinadores por causa dos dias no zoológico, mas Clemensia não estava presente, e a pulseira dela continuava na mesa, atraindo olhares de cobiça de Livia.

Coriolanus puxou Lysistrata de lado e mostrou sua tela.

– Olha, eu tenho uma pequena fortuna para trabalhar. Se eles estão juntos, vou mandar comida para os dois.

– Obrigada. Vou fazer o mesmo. Eu não pretendia falar com você daquele jeito. Não é culpa sua. Eu devia ter tocado no assunto antes. – A voz dela desceu a um sussurro. – É que… não consegui dormir essa noite pensando sobre fazer parte disso. Sei que é pra punir os distritos, mas já não punimos o suficiente? Por quanto tempo vamos precisar ficar arrastando a guerra?

– Acho que a dra. Gaul acredita que pra sempre – disse ele. – Como ela falou na aula.

– Não é só ela. Olha todo mundo. – Ela indicou a atmosfera festeira do salão. – É revoltante.

Coriolanus tentou acalmá-la.

– Minha prima disse que é pra gente lembrar que não foi a gente que fez isso. Que nós ainda somos crianças também.

– Isso não ajuda. Sermos usados assim – disse Lysistrata com tristeza. – Principalmente com três de nós mortos.

Usados? Coriolanus não tinha pensado que ser um mentor poderia ser algo além de uma honra. Uma forma de servir à Capital e talvez ganhar um pouco de glória. Mas ela tinha certa razão. Se a causa não era honrosa, como podia ser

uma honra participar dela? Ele se sentiu confuso, manipulado e indefeso. Como se fosse mais um tributo do que um mentor.

– Me diz que vai acabar rápido – disse Lysistrata.

– Vai acabar rápido – garantiu Coriolanus. – Quer sentar comigo? Nós podemos coordenar nossas dádivas.

– Por favor.

A escola toda já tinha se reunido. Eles foram até a seção de vinte e quatro cadeiras para os mentores, que estavam no mesmo lugar do dia da colheita. Todos os capazes tinham que comparecer, quer tivessem um tributo ainda presente ou não.

– Não vamos nos sentar na frente – disse Lysistrata. – Não quero aquela câmera na minha cara quando ele for morto – Ela estava certa, claro. A câmera se viraria para o mentor, e se Lucy Gray morresse, *principalmente* se Lucy Gray morresse, ele ganharia um longo close.

Coriolanus fez o que ela pediu e foi para a fileira de trás. Quando eles se acomodaram, ele virou a atenção para a tela gigante na qual Lucky Flickerman agia como guia de turismo dos distritos, dando informações sobre suas indústrias, temperadas com fatos sobre o clima e um truque de mágica aqui e ali. Os Jogos Vorazes estavam sendo um evento de grande importância para a carreira de Lucky, e foi a cara dele acompanhar uma fala sobre energia do Distrito 5 com um dispositivo que deixou seu cabelo em pé.

– É eletrizante! – ofegou ele.

– Que idiota – murmurou Lysistrata, mas outra coisa chamou a atenção dela. – Deve ter sido uma gripe horrível.

Coriolanus seguiu o olhar dela até a mesa, onde Clemensia tinha acabado de pegar sua pulseira. Ela estava procurando alguém no salão… Ah, era ele! Assim que seus olhares se encontraram, ela foi direto na direção dele na fileira de trás, e não parecia feliz. Ela estava com aparência péssima, na verdade. O amarelo forte dos olhos tinha desbotado para um tom pálido de pólen, e uma blusa de mangas compridas e gola alta escondia a área escamosa, mas mesmo com essas melhorias, ela irradiava doença. Ela puxou distraidamente as partes ressecadas no rosto, e a língua, embora não saindo da boca, parecia determinada a explorar o interior da bochecha. Ela foi direto para a cadeira na

frente dele e parou lá, jogando fragmentos de pele no ar enquanto o examinava.

– Obrigada pela visita, Coryo.

– Eu pretendia ir, Clemmie, mas fiquei muito machucado… – ele começou a explicar.

Ela o interrompeu.

– Obrigada por fazer contato com meus pais. Obrigada por dizer onde eu estava.

Lysistrata pareceu intrigada.

– Nós sabíamos onde você estava, Clem. Disseram que você não podia receber visita porque era contagioso. Tentei ligar uma vez, mas disseram que você estava dormindo.

Coriolanus se aproveitou disso.

– Eu também tentei, Clemmie. Várias vezes. Sempre me enrolaram. E quanto aos seus pais, os médicos juraram que eles estavam a caminho. – Nada daquilo era verdade, mas o que ele podia dizer? Obviamente, o veneno a deixara desequilibrada, senão ela nem estaria falando sobre o incidente em um ambiente tão público. – Se errei, me desculpe. Como falei, eu estava me recuperando.

– É mesmo? Você pareceu ótimo na entrevista. Você e seu tributo.

– Calma, Clem. Não é culpa dele você ter ficado doente – disse Festus, que chegou a tempo de ouvir a conversa.

– Ah, cala a boca, Festus. Você não tem ideia do que está falando! – respondeu Clemensia e foi pegar um lugar mais à frente.

Festus se sentou ao lado de Lysistrata.

– Qual é o problema dela? Além de parecer que está trocando de pele.

– Ah, quem vai saber? Nós todos estamos péssimos – disse Lysistrata.

– Ainda assim, isso não é do feitio dela. O que será… – começou Festus.

– Sejanus! – chamou Coriolanus, feliz por ter uma interrupção. – Aqui! – O lugar ao lado dele estava vazio e ele precisava desviar a conversa.

– Obrigado – disse Sejanus, se sentando na cadeira da ponta. Ele não parecia bem, exausto e com um tom febril na pele.

Lysistrata esticou a mão por cima de Coriolanus e apertou uma das dele.

– Quanto mais rápido começar, mais rápido pode acabar.

– Até o ano que vem – lembrou ele. Mas deu um tapinha agradecido na mão dela.

Os alunos mal tinham sido instruídos a tomar seus assentos quando a insígnia da Capital surgiu nas telas e o hino fez todo mundo ficar de pé. A voz de Coriolanus soou alta acima das dos demais mentores, que balbuciaram a letra. Sinceramente, àquela altura eles não podiam fazer algum esforço?

Quando Lucky Flickerman voltou e esticou os braços em um gesto de boas-vindas, Coriolanus viu a mancha colorida do doce do truque de mágica na palma da mão.

– Senhoras e senhores – disse ele –, está aberta a décima edição dos Jogos Vorazes!

Uma imagem ampla do interior da arena apareceu no lugar de Lucky. Os catorze tributos que permaneciam na lista estavam posicionados em um círculo amplo, esperando soar o gongo de abertura. Ninguém prestou atenção neles e nem na destruição causada pelos bombardeios, nem nas armas espalhadas no chão sujo, nem na bandeira de Panem exposta nas arquibancadas, acrescentando um toque decorativo inédito na arena.

Todos os olhos se moveram com a câmera, atentos enquanto a imagem foi se aproximando de um par de postes de aço não muito longe da entrada principal da arena. Tinham seis metros de altura e estavam unidos por uma viga de tamanho similar. Marcus estava pendurado pelos pulsos por grilhões no centro da estrutura, tão surrado e ensanguentado que, em um primeiro momento, Coriolanus achou que exibiam seu cadáver. Mas os lábios inchados de Marcus começaram a se mover, revelando os dentes quebrados e não deixando dúvidas de que ele ainda estava vivo.



Coriolanus se sentia mal, mas incapaz de afastar o olhar. Teria sido horrível ver qualquer criatura exposta assim, um cachorro, um macaco, até mesmo um rato. Mas um garoto? E um garoto cujo único crime real tinha sido fugir para salvar a vida? Se Marcus tivesse saído matando pela Capital, seria uma coisa, mas não houve relato nenhum disso depois da fuga. Coriolanus se lembrou dos desfiles funerários. As exibições mais macabras, como Brandy pendurada e os tributos arrastados pelas ruas, eram reservadas para os mortos. Os Jogos Vorazes em si tinham o talento medonho de jogar criança de distrito contra criança de distrito, de forma que a Capital ficava com as mãos limpas da violência real. Não havia precedente para a tortura de Marcus. Com orientação da dra. Gaul, a Capital tinha chegado agora a um novo nível de retaliação.

A imagem destruiu o clima festivo em Heavensbee Hall. O interior da arena não tinha microfones, exceto alguns em torno do muro oval, então nenhum estava próximo o suficiente para captar se Marcus tentava falar. Coriolanus desejou desesperadamente que o gongo soasse, que libertasse os tributos para a ação e distração, mas a inércia da abertura só se prolongou.

Ele sentiu Sejanus tremendo de raiva, e tinha acabado de se virar para tentar tocá-lo de modo tranquilizador quando o garoto pulou da cadeira e saiu correndo. A parte dos mentores tinha cinco cadeiras vazias na frente reservadas para os colegas ausentes. Sejanus pegou a do canto e jogou na tela, quebrando-a bem na imagem do rosto destruído de Marcus.

– Monstros! – gritou ele. – Vocês são todos monstros aqui! – Ele correu pelo salão até a entrada principal. Ninguém moveu um músculo para impedi-lo.

O gongo soou naquele momento, e os tributos se espalharam. A maioria correu para os portões que levavam aos túneis, vários deles escancarados pelo bombardeio. Coriolanus viu o vestido colorido de Lucy Gray seguir para o lado mais distante da arena e seus dedos seguraram a beirada do assento, desejando que ela fosse logo. *Corra*, pensou ele. *Corra! Saia daí!* Alguns dos mais fortes correram para as armas, mas depois de pegar algumas, Tanner, Coral e Jessup se dispersaram. Só Reaper, armado com um tridente e uma faca comprida, parecia pronto para começar a lutar. Mas quando ele estava preparado para a ofensiva, já não restava ninguém para enfrentar. Ele se virou para ver as costas dos oponentes se afastando, inclinou a cabeça para trás de frustração e subiu na arquibancada mais próxima para começar a caçada.

Os Idealizadores dos Jogos aproveitaram essa oportunidade para retornar a Lucky.

– Queriam ter feito uma aposta, mas não conseguiram ir até uma agência dos correios? Finalmente decidiu que tributo apoiar? – Um número de telefone surgiu na parte de baixo da tela. – Agora dá pra fazer por telefone! É só ligar para o número abaixo, dar seu número de cidadão, o nome do tributo e a quantia em dólar que você gostaria de apostar ou usar para enviar dádivas, e você fará parte do evento! Para quem preferir fazer a transação em pessoa, as agências dos correios estarão abertas de oito às oito. Vamos lá, não percam esse momento histórico. É sua chance de apoiar a Capital e ter um bom lucro. Seja parte dos Jogos Vorazes e seja um vencedor! Agora, de volta à arena!

Em poucos minutos, não havia mais nenhum tributo na arena além de Reaper, e depois de andar um pouco pelas arquibancadas, ele também sumiu. Marcus e seu sofrimento se tornaram o foco dos Jogos de novo.

– Não seria bom você ir atrás do Sejanus? – sussurrou Lysistrata para Coriolanus.

– Acho que ele deve preferir ficar sozinho – sussurrou ele em resposta. E talvez fosse verdade, mas ficava atrás do fato de que ele não queria perder nada, nem gerar uma reação da dra. Gaul e nem se conectar publicamente a Sejanus. Essa percepção crescente de que eles eram grandes amigos, de que ele era o confidente do canhão desgovernado dos distritos, estava começando a preocupá-lo. Distribuir sanduíches era uma coisa, ter atirado uma cadeira era

bem diferente. Haveria repercussões e ele já tinha muitos problemas sem acrescentar Sejanus à lista.

Uma longa meia hora se passou antes que uma distração chamasse a atenção da plateia. As bombas perto da entrada tinham explodido o portão principal, mas haviam construído uma barricada embaixo do placar. Com suas múltiplas camadas de placas de concreto, tábuas de madeira e arame farpado, era ao mesmo tempo uma agressão visual e um lembrete do ataque rebelde, o que devia ser o motivo para os Idealizadores dos Jogos não terem deixado que ocupasse muito tempo de tela. Entretanto, com pouca coisa acontecendo, acabaram mostrando à plateia uma garota magrela de membros compridos saindo da fortificação.

– É Lamina! – disse Pup para Livia, que estava sentada ao lado dele duas fileiras à frente de Coriolanus.

Coriolanus não tinha lembrança nenhuma do tributo de Pup, fora o fato de que ela não parara de chorar na primeira reunião de mentores e tributos. Pup não conseguira prepará-la para a entrevista e tinha assim perdido a chance de promovê-la. Ele não se lembrava do distrito dela… 5, talvez?

Uma narração um tanto incômoda consertou a informação.

– Agora estamos vendo Lamina, de quinze anos, do Distrito 7 – disse Lucky. – Mentorada pelo nosso Pliny Harrington. O Distrito 7 tem a honra de oferecer à Capital a madeira usada para consertar nossa amada arena.

Lamina observou Marcus e avaliou a situação. A brisa de verão balançou a auréola de cabelo louro dela, que apertou os olhos contra o brilho do sol. A garota estava usando um vestido que parecia ter sido feito de um saco de farinha, com um pedaço de corda como cinto, e os pés descalços e as pernas estavam todos marcados de picadas de insetos. Os olhos, inchados e exaustos, estavam vermelhos, mas secos. Na verdade, ela parecia estranhamente calma considerando as circunstâncias. Sem pressa, sem nervosismo, ela foi até as armas e não se apressou para escolher primeiro uma faca e depois um machado pequeno, testando o fio de cada lâmina com a ponta do polegar. Ela prendeu a faca no cinto e balançou o machado para trás e para a frente, sentindo o peso. Em seguida, foi até um dos postes. Passou a mão pelo aço, que estava enferrujado e manchado de tinta de alguma situação anterior. Coriolanus

achou que ela tentaria derrubá-lo por ser do distrito da madeira e tudo o mais, mas ela prendeu o cabo do machado entre os dentes e começou a subir, usando os joelhos e os pés calejados para se apoiar no metal. Ela fez parecer natural, lembrando uma lagarta subindo por um caule. Porém, como alguém que já tinha passado horas escalando cordas nas aulas de educação física, Coriolanus sabia que isso requeria força.

Quando chegou ao alto do poste, Lamina ficou de pé e enfiou o machado no cinto. Embora a viga transversal não pudesse ter mais de quinze centímetros de largura, ela andou facilmente por ela até parar acima de Marcus. Ela se sentou na viga, travou os tornozelos para ter apoio e se inclinou por cima da cabeça machucada do oponente. Disse alguma coisa que os microfones não captaram, mas ele devia ter ouvido, porque seus lábios se moveram em resposta. Lamina se sentou ereta e avaliou a situação. Em seguida, se apoiou de novo, se abaixou e enfiou a lâmina do machado na parte curva do pescoço de Marcus. Uma vez. Duas. E, na terceira vez, em um jorro de sangue, ela conseguiu matá-lo. Depois de se sentar novamente, ela limpou as mãos na saia e olhou para a arena.

– Essa é a minha garota! – gritou Pup. De repente, ele apareceu na tela, quando a câmera de Heavensbee Hall transmitiu a reação dele. Coriolanus teve um vislumbre seu algumas filas atrás de Pup e se sentou mais ereto. Pup sorriu, revelando pedaços de ovo do café da manhã no aparelho ortodôntico, e deu um soco para o alto. – A primeira morte do dia! Esse é meu tributo, Lamina, do Distrito 7 – disse ele para a câmera. Ele levantou o pulso. – E minha pulseira de comunicação está aberta e em funcionamento. Nunca é tarde para dar seu apoio e mandar uma dádiva!

O número de telefone piscou na tela de novo, e Coriolanus ouviu alguns apitos soando na pulseira de Pup, conforme Lamina recebia algumas dádivas. Os Jogos Vorazes pareciam mais fluidos, mais inconstantes do que ele achava que seriam. *Acorda!*, disse ele para si mesmo. *Você não é espectador, você é mentor!*

– Obrigado! – Pup acenou para a câmera. – Bom, acho que ela merece alguma coisa, vocês não acham? – Ele mexeu na pulseira e olhou para a tela com expectativa enquanto a imagem voltava a mostrar Lamina. A plateia

assistiu com expectativa, pois seria a primeira tentativa de entrega de dádivas a um tributo. Um minuto se passou, depois cinco. Coriolanus tinha começado a questionar se a tecnologia dos Idealizadores dos Jogos tinha falhado quando um pequeno drone com uma garrafinha de água presa nas garras apareceu no alto da arena perto da entrada e desceu trêmulo até Lamina. Girou, caiu e até refez o caminho até bater na viga a uns três metros dela, despencando no chão como um inseto morto. A garrafa rachou e a água escorreu para a terra e sumiu.

Lamina ficou olhando para a dádiva de modo inexpressivo, como se não esperasse nada de diferente, mas Pup explodiu, com raiva.

– Espera um minuto! Isso não é justo. Alguém pagou um bom dinheiro por isso! – As pessoas murmuraram concordando. Não houve conserto imediato, mas uma nova garrafa chegou dez minutos depois e, desta vez, Lamina conseguiu pegá-la do drone, que seguiu seu predecessor e morreu na terra.

Lamina tomou alguns goles de água, mas, fora isso, houve pouco movimento além de uma reunião de moscas em volta do corpo de Marcus. Coriolanus ouviu apitos ocasionais na pulseira de Pup, que significavam mais dádivas para Lamina, que por sua vez parecia satisfeita de ficar na viga. Não era uma estratégia ruim. Era mais seguro do que no chão, com certeza. Ela tinha um plano. Era capaz de matar. Em menos de uma hora, Lamina se redefiniu como concorrente nos Jogos. Ela parecia bem mais forte do que Lucy Gray, pelo menos. Onde quer que ela estivesse.

O tempo passou. Com a exceção de Reaper, que podia ser visto ocasionalmente andando pela arquibancada, nenhum dos tributos se apresentou como caçador, nem mesmo os armados. Se não fosse a exibição de Marcus e Lamina indo dar cabo dele, teria sido uma abertura excepcionalmente lenta. Normalmente, dava para contar que haveria um banho de sangue no começo, mas, com tantos tributos fortes mortos, o campo estava mais ocupado por presas.

A arena encolheu até ocupar uma janelinha no canto da tela e Lucky apareceu, contando mais histórias dos distritos e incluindo a previsão do tempo. Ter um apresentador dos Jogos em tempo integral era novidade, e ele estava se esforçando para criar o papel. Quando Tanner subiu até o alto e

andou pela fileira superior da arena, a transmissão voltou rapidamente aos tributos, mas o garoto só ficou um pouco sentado no sol antes de sumir nas passagens embaixo das arquibancadas.

Uma agitação no fundo de Heavensbee Hall fez cabeças virarem, e Coriolanus viu Lepidus Malmsey se aproximando pelo corredor com a equipe de filmagem. Ele convidou Pup a se juntar a ele e a entrevista foi ao vivo. Pup, uma fonte previamente inexplorada, expôs todos os detalhes que conseguiu pensar sobre Lamina e acrescentou vários outros que Coriolanus achou que eram inventados, mas tudo só durou alguns minutos. Isso estabeleceu o padrão da manhã. Breves entrevistas informativas com os mentores. Longos momentos de inatividade na arena. Todo mundo ficou grato quando chegou a hora do almoço.

– Você mentiu sobre acabar rápido – murmurou Lysistrata quando eles fizeram fila para pegar os sanduíches de bacon empilhados em uma mesa no salão.

– As coisas vão acelerar – disse Coriolanus. – Não dá pra ficar assim.

Mas não foi o que aconteceu. A tarde longa e quente só ofereceu mais algumas poucas visualizações de tributos e quatro aves de rapina circulando preguiçosamente acima de Marcus. Lamina conseguiu cortar as cordas para fazê-lo cair no chão. Pelo esforço, Pup enviou um pedaço de pão, que ela partiu em pedaços pequenos, fez bolinhas e comeu uma de cada vez. Em seguida, ela se deitou de bruços, prendeu o corpo magro na viga com seu cinto de corda e cochilou.

O *Notícias da Capital* teve um alívio curto transmitindo imagens da praça na frente da arena, onde havia barracas vendendo bebidas e doces para os cidadãos que fossem ver os Jogos nos dois telões ladeando a entrada. Com tão pouca coisa acontecendo na arena, a maior parte da atenção foi voltada para dois cachorros cujo dono os tinha vestido como Lucy Gray e Jessup. Coriolanus teve sentimentos conflitantes, pois ele não gostou de ver aquele poodle bobo com os babados de arco-íris dela, mas dois toques na pulseira bastaram para ele concluir que não era uma publicidade ruim. Porém, logo os cachorros se cansaram e foram levados para casa, e continuou não acontecendo nada.

Já eram quase cinco horas quando Lucky apresentou a dra. Gaul para os espectadores. Ele estava visivelmente desgastado pelo esforço de manter a cobertura em andamento. Ergueu as mãos de perplexidade e disse:

– E agora, Chefe dos Idealizadores dos Jogos?

A dra. Gaul basicamente o ignorou e falou diretamente com a câmera:

– Alguns de vocês devem estar questionando o começo lento dos Jogos, mas eu gostaria de lembrar como foi emocionante até agora. Mais de um terço dos tributos não chegou à arena e os que chegaram, em sua maior parte, não são exatamente competidores fortes. Em termos de fatalidades, estamos em pé de igualdade com o ano passado.

– Sim, é verdade – disse Lucky. – Mas acho que falo por muitas das pessoas quando digo: onde estão os tributos este ano? Normalmente, eles são fáceis de ver.

– Talvez você tenha se esquecido do bombardeio recente – disse a dra. Gaul. – Nos anos anteriores, as áreas abertas aos tributos ficavam restritas ao campo e às arquibancadas, mas o ataque da semana passada abriu uma série de rachaduras e fendas, que oferecem acesso fácil ao labirinto de túneis dentro da arena. É uma edição nova dos Jogos, primeiro por terem que encontrar outro tributo e depois tirá-lo de uns cantos bem escuros.

– Ah. – Lucky pareceu decepcionado. – Então talvez tenhamos visto alguns tributos pela última vez?

– Não se preocupe. Quando ficarem com fome, eles vão começar a aparecer – respondeu a dra. Gaul. – Esse é outro fator diferenciador. Com a plateia oferecendo comida, os Jogos podem durar indefinidamente.

– Indefinidamente? – perguntou Lucky.

– Espero que você tenha muitos truques de mágica na manga! – disse a dra. Gaul, rindo. – Sabe, eu tenho um coelho bestante que adoraria ver você tirar de uma cartola. É em parte pitbull.

Lucky empalideceu um pouco e tentou rir.

– Não, obrigado. Eu tenho meus próprios bichinhos, dra. Gaul.

– Eu quase sinto pena dele – sussurrou Coriolanus para Lysistrata.

– Eu não – respondeu ela. – Eles se merecem.

Às cinco horas, o reitor Highbottom dispensou o corpo estudantil, mas os catorze mentores com tributos ficaram, mais porque as pulseiras de comunicação só funcionavam por transmissores na Academia ou na estação do *Notícias da Capital*.

Por volta das sete horas, um jantar de verdade surgiu para os "talentos", o que fez Coriolanus se sentir importante e no centro das coisas. As costelas de porco e as batatas eram melhores do que o que havia em casa; mais um motivo para querer que Lucy Gray se mantivesse viva. Ao pegar o molho no prato, ele se perguntou se ela estava com fome. Quando foram se servir de tortas de mirtilo com chantilly, ele chamou Lysistrata de lado para discutir a situação. Seus tributos deviam ter uma boa quantidade de comida guardada da reunião de despedida, principalmente se Jessup tinha perdido o apetite, mas e quanto a água? Havia alguma fonte dentro da arena? E mesmo se quisessem, como eles poderiam enviar alguma coisa sem revelar o esconderijo dos tributos? A dra. Gaul devia estar certa sobre o fato de que apareceriam quando quisessem alguma coisa. Até lá, eles decidiram que a melhor estratégia seria ficar esperando.

Quando terminaram a sobremesa, uma atividade na arena chamou os mentores de volta aos seus lugares. O garoto do Distrito 3 de Io Jasper, Circ, saiu da barricada perto da entrada e olhou ao redor antes de chamar alguém. Uma garotinha pequena e maltrapilha com cabelo escuro crespo o seguiu. Lamina, ainda cochilando na viga, abriu um olho para determinar o nível de ameaça.

– Não se preocupe, minha doce Lamina – disse Pup para a tela. – Esses dois não conseguiriam subir sem uma escada. – Aparentemente, Lamina chegou à mesma conclusão, porque ela só ajustou o corpo em uma posição mais confortável.

Lucky Flickerman apareceu no canto da tela, com um guardanapo preso na gola e uma mancha de mirtilo no queixo, e lembrou à plateia que os dois eram os tributos do Distrito 3, o distrito da tecnologia. Circ era o garoto que alegou ser capaz de botar fogo nas coisas com os óculos.

– E o nome da garota é… – Lucky olhou para longe da câmera para ler em um cartão. – Teslee! Teslee do 3! E ela tem como mentor o nosso… – Lucky

desviou o olhar de novo, mas desta vez pareceu perdido. – O nosso…

– Ah, faz um esforço – resmungou Urban Canville na primeira fila. Como Io, os pais dele eram cientistas. Físicos, talvez? Urban era tão mal-humorado que ninguém tinha problema de se ressentir das notas perfeitas que ele tirava nas provas de cálculo. Coriolanus achava que ele não podia acusar Lucky de preguiça depois de abandonar a entrevista. Teslee era pequena, mas não parecia um caso perdido.

– Nosso Turban Canville! – disse Lucky.

– Urban, não Turban! – disse Urban. – Sinceramente, não havia nenhum profissional disponível?

– Infelizmente, não vimos Turban e Teslee na entrevista – disse Lucky.

– Porque ela se recusou a falar comigo! – reclamou Urban.

– Surpreendentemente imune ao charme dele – disse Festus, fazendo a fileira de trás rir.

– Vou mandar alguma coisa para o Circ agora. Não tenho como saber quando vou vê-lo de novo – anunciou Io, mexendo na pulseira. Coriolanus viu que Urban fez a mesma coisa.

Circ e Teslee contornaram o corpo de Marcus e se agacharam para examinar os drones quebrados. Eles examinaram delicadamente o equipamento, avaliando o dano, mexendo em compartimentos que poderiam passar despercebidos. Circ removeu um objeto retangular que Coriolanus achou ser uma bateria e fez um sinal de positivo para Teslee. Ela reconectou alguns fios no dela e as luzes do drone piscaram. Eles sorriram um para o outro.

– Minha nossa! – exclamou Lucky. – Tem alguma coisa interessante acontecendo ali!

– Seria mais interessante se eles tivessem os controles – disse Urban, mas pareceu menos irritado.

A dupla ainda estava examinando os drones quando outras duas máquinas chegaram e deixaram pão e água ali perto. Quando pegaram as dádivas, uma figura apareceu no fundo da arena. Os dois trocaram algumas palavras, cada um pegou um drone e seguiram rapidamente de volta à barricada. A figura era Reaper, que entrou em um dos túneis e saiu carregando alguém nos braços. Quando as câmeras deram zoom, Coriolanus viu que era Dill, que parecia ter

murchado, o corpo encolhido em posição fetal. Ela estava olhando cegamente para o sol da tarde que iluminava sua pele pálida. Uma tosse gerou um jorro de cuspe ensanguentado pela lateral da boca.

– Estou surpreso de ela ter durado um dia – comentou Felix para ninguém especificamente.

Reaper contornou destroços do bombardeio até chegar em um local ensolarado e colocar Dill em um pedaço queimado de madeira. Ela estava tremendo, apesar do calor. Ele apontou para o sol e disse alguma coisa, mas ela não reagiu.

– Não foi ele que prometeu matar todo mundo? – perguntou Pup.

– Não está parecendo tão durão assim – comentou Urban.

– Ela é do distrito dele – disse Lysistrata. – E está quase morta agora. Tuberculose, provavelmente.

Isso fez todo mundo se calar, pois a doença ainda assombrava a Capital, onde mal era controlada como uma condição crônica, que dirá curada. Nos distritos, claro, era sentença de morte.

Reaper andou com inquietação de um lado para o outro por um minuto, ansioso para voltar à caçada ou incapaz de lidar com o sofrimento de Dill. Ele deu um último tapinha no ombro dela e correu para a barricada.

– Você não devia enviar alguma coisa pra ele? – perguntou Domitia para Clemensia.

– Por quê? Ele não a matou, só a carregou. Não vou recompensá-lo por isso – retorquiu Clemensia.

Coriolanus, que a evitara o dia todo, concluiu que tinha tomado a decisão certa. Clemensia não estava agindo como ela mesma. Talvez o veneno de serpente tivesse alterado o cérebro dela.

– Bom, eu acho que devo usar o pouco que tenho. É dela mesmo – disse Felix, e digitou alguma coisa na pulseira.

Duas garrafas de água chegaram carregadas por drones. Dill pareceu não as ver. Depois de alguns minutos, o garoto que Coriolanus se lembrava de ter feito malabarismo saiu correndo de um túnel, o cabelo preto voando com a velocidade. Sem hesitar um passo, ele esticou a mão e pegou a água, depois desapareceu em uma rachadura grande na parede. Um comentário de Lucky

lembrou aos espectadores que o garoto era Treech, do Distrito 7, que tinha Vipsania Sickle como mentora.

– Que crueldade – disse Felix. – Podia ter dado um último gole a ela.

– Foi um bom raciocínio – disse Vipsania. – Me poupa dinheiro, e eu já não tenho muita coisa.

O sol baixou na direção do horizonte e as aves desceram lentamente sobre a arena. Finalmente, o corpo de Dill sofreu uma convulsão final por um acesso violento de tosse, e um jorro de sangue encharcou o vestido imundo. Coriolanus se sentiu mal. O sangue saindo pela boca da menina o horrorizava e enojava.

Lucky Flickerman apareceu e anunciou que Dill, a garota tributo do Distrito 11, tinha morrido de causas naturais. Infelizmente, isso significava que eles não veriam mais Felix Ravinstill.

– Lepidus, podemos ouvir as palavras finais dele em Heavensbee Hall?

Lepidus chamou Felix e perguntou o que ele estava sentindo por ter que deixar os Jogos.

– Bem, não é nenhum choque. A menina já estava nas últimas quando chegou – disse Felix.

– Acho que é um grande mérito seu ela ter passado pela entrevista – disse Lepidus com solidariedade. – Muitos mentores não conseguiram nem isso.

Coriolanus se perguntou se os elogios de Lepidus tinham mais a ver com o fato de Felix ser sobrinho-neto do presidente do que qualquer outra coisa, mas não se ressentia disso. Criava precedente para um nível de sucesso que ele já tinha ultrapassado, então mesmo que Lucy Gray não durasse a noite toda, ele ainda seria visto com destaque. Mas ela *tinha* que durar a noite toda, e mais outra e outra, até vencer. Ele havia prometido ajudá-la, mas até o momento não fizera absolutamente nada além de promovê-la para os espectadores.

No estúdio, Lucky teceu mais alguns elogios a Felix e se despediu.

– Com a noite caindo na arena, a maioria dos nossos tributos foi dormir, e vocês devem fazer o mesmo. Vamos ficar de olho nas coisas aqui, mas não esperamos muita ação até a manhã chegar. Bons sonhos.

Os Idealizadores dos Jogos cortaram para uma imagem ampla da arena, onde a silhueta de Lamina na viga foi a única coisa que Coriolanus conseguiu

identificar. Depois de escurecer, a arena não tinha iluminação além da que a lua oferecia, e isso não costumava ser bom para a visibilidade. O reitor Highbottom disse que era melhor que fossem para casa, embora levar uma escova de dente e uma muda de roupa da próxima vez fosse boa ideia. Todos apertaram a mão de Felix e o parabenizaram pelo trabalho bem-feito, e a maioria foi sincera, com o dia cimentando o laço entre mentores de um jeito novo. Eles eram membros de um clube especial que encolheria até restar apenas um, mas sempre iria definir todos eles.

Enquanto andava para casa, Coriolanus fez as contas. Mais dois tributos estavam mortos, mas ele tinha parado de contar Marcus como competidor já havia um tempo. Ainda assim, restavam apenas treze, só doze competidores a quem Lucy Gray precisava sobreviver. E, como Dill e o garoto asmático do Distrito 5 tinham mostrado, uma boa parte do trabalho podia se resumir a ela ficar viva mais tempo que os outros. Ele pensou no dia anterior, quando limpou as lágrimas dela, prometeu mantê-la viva, a beijou. Ela estaria pensando nele agora? Estava sentindo a falta dele como ele sentia dela? Coriolanus esperava que ela fizesse uma aparição no dia seguinte e ele pudesse enviar comida e água. Que pudesse lembrar aos espectadores da existência dela. Ele recebera poucas novas dádivas à tarde, provavelmente apenas por causa da aliança dela com Jessup. O encantador pássaro canoro que Lucy Gray representava estava ficando menos impressionante a cada momento sombrio dos Jogos Vorazes. Ninguém sabia sobre o veneno de rato além dele, e isso não a ajudava em nada.

Com calor e cansado do dia estressante, ele só queria tomar um banho e cair na cama, mas assim que entrou em casa, a fragrância do chá de jasmim reservado para visitas chegou a ele. Quem os estaria visitando àquela hora? E em dia de abertura dos Jogos? Estava muito tarde para os amigos de sua avó, mais tarde ainda para vizinhos aparecerem, e eles não costumavam aparecer, de qualquer forma. Alguma coisa devia estar errada.

Os Snow raramente usavam a televisão da sala de estar formal, mas, claro, tinham uma. A tela mostrava a arena escura, exatamente como estava quando ele saiu de Heavensbee Hall. Sua avó, que tinha vestido um robe de boa qualidade por cima da camisola, sentava-se ereta em uma cadeira de costas retas

à mesa de chá enquanto Tigris servia uma xícara fumegante de líquido pálido para a visita.

Pois ali estava a sra. Plinth, mais emperiquitada do que nunca, o cabelo desgrenhado e o vestido torto, chorando em um lenço.

– Vocês são pessoas tão boas – disse ela. – Peço desculpas por ter aparecido assim.

– Qualquer amigo de Coriolanus é nosso amigo – disse a avó. – Plinch, você disse?

Coriolanus sabia que ela sabia exatamente quem a mulher era, mas ser obrigada a receber qualquer pessoa, ainda mais uma Plinth, àquela hora desafiava tudo o que a avó considerava digno.

– Plinth – disse a mulher. – Plinth.

– A senhora sabe, Lady-Vó. Foi ela que mandou aquela caçarola deliciosa quando Coriolanus se machucou – lembrou Tigris.

– Me desculpem. Está muito tarde – disse a sra. Plinth.

– Não peça desculpas. A senhora fez a coisa certa – disse Tigris, dando um tapinha no ombro dela. Ela viu Coriolanus e sua expressão foi tomada de alívio. – Ah, meu primo chegou! Talvez ele saiba de alguma coisa.

– Sra. Plinth, que prazer inesperado. Está tudo bem? – perguntou Coriolanus, como se ela não estivesse exalando más notícias.

– Ah, Coriolanus. Não está. Nem um pouco. Sejanus não voltou pra casa. Soubemos que ele deixou a Academia pela manhã e desde então não temos mais notícias. Estou tão preocupada. Onde ele pode estar? Sei que o estado do Marcus foi um golpe duro pra ele. Você sabe? Sabe onde ele pode estar? Ele estava chateado quando saiu?

Coriolanus se lembrou da explosão de Sejanus, do arremesso da cadeira, dos insultos aos berros, e que tudo isso ficou limitado à plateia de Heavensbee Hall.

– Ele estava chateado, senhora. Mas não sei se é motivo de preocupação. Ele provavelmente só precisava se acalmar. Deve ter ido dar uma caminhada mais longa. Eu teria feito o mesmo.

– Mas está tão tarde. Não é a cara dele sumir assim, não sem avisar a própria mãe – disse ela, nervosa.

– Tem algum lugar para onde ele poderia ter ido? Alguém que possa ter pensado em visitar? – perguntou Tigris.

A sra. Plinth balançou a cabeça.

– Não. Não. O único amigo que ele tem é o seu primo – disse ela para Tigris.

Que triste, pensou Coriolanus. *Não ter amigos*. Mas ele só falou:

– Se ele quisesse companhia, acho que teria me procurado primeiro. Mas dá pra entender que ele pode ter desejado um tempo sozinho para… assimilar isso tudo. Tenho certeza de que ele está bem. Senão, as notícias já teriam chegado.

– A senhora verificou com os Pacificadores? – perguntou Tigris.

A sra. Plinth assentiu.

– Nenhum sinal dele.

– Está vendo? – disse Coriolanus. – Não houve nenhum problema. Talvez ele até já esteja em casa.

– Talvez fosse bom ir verificar – sugeriu a avó, de um jeito um pouco óbvio demais.

Tigris lançou um olhar para ela.

– Ou telefonar.

Mas a sra. Plinth tinha se acalmado o suficiente para perceber.

– Não. Sua avó está certa. Minha casa é onde eu deveria estar. E tenho que deixar vocês irem dormir.

– Coriolanus pode acompanhá-la – disse Tigris com firmeza.

Como não deixou escolha, ele assentiu.

– Claro.

– Meu carro está esperando lá embaixo. – A sra. Plinth se levantou e ajeitou o cabelo. – Obrigada. Vocês foram tão gentis. Obrigada. – Ela pegou a bolsa enorme e estava começando a se virar quando alguma coisa na tela chamou a sua atenção. Ela ficou paralisada.

Coriolanus acompanhou o olhar da mulher e viu uma forma escura sair da barricada e ir na direção de Lamina. A figura era alta, masculina e carregava alguma coisa nas mãos. *Reaper ou Tanner*, pensou ele. O garoto parou quando chegou ao cadáver de Marcus e olhou para a garota adormecida. *Acho que um*

dos tributos finalmente decidiu partir pra cima dela. Ele sabia que devia assistir por ser mentor, mas queria se livrar da sra. Plinth primeiro.

– Devo acompanhá-la até o carro? – perguntou ele. – Tenho certeza de que a senhora vai encontrar Sejanus na cama.

– Não, Coriolanus – disse a sra. Plinth com voz baixa. – Não. – Ela indicou a tela. – O meu garoto está bem ali.



Assim que ela falou, Coriolanus soube que ela estava certa. Talvez só uma mãe fizesse a conexão naquela penumbra, mas com as palavras dela, ele reconheceu Sejanus na mesma hora. Foi algo na postura, a ligeira curvatura da coluna, a linha da testa. A camisa branca do uniforme da Academia parecia brilhar de leve no escuro, e ele quase visualizou o crachá amarelo de mentor, ainda pendurado no peito. Ele não tinha ideia de como Sejanus entrara na arena. Um garoto da Capital, ainda mais mentor, talvez não atraísse tanta atenção na entrada, onde dava para comprar bolinhos fritos e limonada rosa, onde dava para ficar com a multidão vendo os Jogos no telão. Teria ele simplesmente se misturado ou usado seu status de subcelebridade para afastar desconfianças? *Meu tributo morreu e agora é melhor eu me divertir!* Teria posado para fotos? Teria batido um papo com os Pacificadores e entrado quando viraram de costas? Quem poderia achar que ele ia querer entrar na arena? E por que ele tinha feito aquilo?

Na tela, um Sejanus escondido pelas sombras se ajoelhou, botou um embrulho no chão e rolou Marcus para que deitasse sobre as costas. Ele fez o que pôde para esticar as pernas, dobrar os braços sobre o peito, mas os membros tinham enrijecido e desafiaram os movimentos que ele tentou fazer. Coriolanus não sabia o que ia acontecer depois, provavelmente algo relacionado ao embrulho, mas Sejanus ficou de pé e esticou a mão sobre o corpo.

Foi o que ele fez no zoológico, pensou Coriolanus. Ele lembrou que, depois da morte de Arachne, tinha visto Sejanus salpicando alguma coisa sobre o corpo do tributo morto.

– É seu filho ali? O que ele está fazendo? – perguntou a avó Snow, horrorizada.

– Está botando migalhas de pão sobre o corpo – disse a mãe de Sejanus. – Para que Marcus tenha comida na jornada.

– Jornada pra onde? – perguntou a avó. – Ele está morto!

– De volta ao lugar de onde ele veio. É o que se faz no nosso distrito. Quando alguém morre.

Coriolanus não pôde deixar de sentir constrangimento por ela. Se alguém precisasse de provas do atraso dos distritos, ali estava. Pessoas primitivas com costumes primitivos. Quanto pão tinha sido desperdiçado com aquela besteira? *Ah, não, ele morreu de fome! Tragam pão!* Ele tinha a sensação ruim de que essa suposta amizade ainda lhe renderia problemas. Parecendo mais do que coincidência, o telefone tocou.

– A cidade toda está acordada? – perguntou-se a avó.

– Com licença. – Coriolanus foi até o telefone no saguão. – Alô – disse ele no aparelho, torcendo para ser engano.

– Sr. Snow, é a dra. Gaul. – Coriolanus sentiu as entranhas se contraírem. – Você está perto de uma tela?

– Acabei de chegar em casa – respondeu ele, tentando ganhar tempo. – Ah, sim. Minha família está assistindo.

– O que está acontecendo com seu amigo? – perguntou ela.

Coriolanus virou a cabeça para longe das pessoas e baixou a voz:

– Ele não é bem… isso.

– Besteira. Vocês dois vivem grudados. "Me ajude a distribuir sanduíches, Coriolanus!" "Tem um lugar do meu lado, Sejanus!" Quando perguntei a Casca de que alunos ele era próximo, seu nome foi o único em que ele conseguiu pensar.

Sua civilidade com Sejanus tinha sido mal interpretada. Eles não passavam de conhecidos.

– Dra. Gaul, se a senhora me deixar explicar…

– Não tenho tempo para explicações. Agora, o moleque Plinth está solto na arena com uma matilha de lobos. Se o virem, vão matá-lo na hora. – Ela se virou para falar com outra pessoa: – Não, não corte abruptamente, isso só vai chamar atenção. Deixe o mais escuro que puder. Faça com que pareça natural. Um blecaute lento, como se uma nuvem tivesse passado na frente da lua. – Ela voltou a falar com ele logo em seguida: – Você é um rapaz inteligente. Que mensagem isso vai passar para os espectadores? O dano será considerável. Temos que consertar a situação agora mesmo.

– Vocês poderiam enviar Pacificadores – disse Coriolanus.

– E fazer com que ele fuja como um coelho? – respondeu ela com deboche. – Imagine isso por um momento, os Pacificadores tentando caçá-lo no escuro. Não, vamos ter que atraí-lo para fora, da forma mais discreta possível, e vamos precisar de pessoas de quem ele goste. Ele não suporta o pai, não tem irmãos, não tem outros amigos. Só sobram você e a mãe dele. Estamos tentando localizá-la agora.

Coriolanus sentiu o coração despencar.

– Ela está aqui – admitiu ele. E era assim que seu discurso de "conhecidos" caía por terra.

– Então pronto. Quero os dois aqui na arena em vinte minutos. Se demorar mais, eu mesma vou providenciar seu demérito, não Highbottom, e você poderá se despedir de qualquer chance de ganhar o prêmio. – Com isso, ela desligou.

Na televisão, Coriolanus percebeu que a imagem tinha escurecido. Ele não conseguia identificar a figura de Sejanus.

– Sra. Plinth, era a Chefe dos Idealizadores dos Jogos. Ela gostaria que a senhora a encontrasse na arena para buscar Sejanus e eu devo acompanhá-la. – Ele não podia admitir mais nada além disso sem fazer com que sua avó tivesse um ataque cardíaco.

– Ele está encrencado? – perguntou ela, os olhos arregalados. – Com a Capital?

Coriolanus achou estranho ela estar mais preocupada com a Capital do que com uma arena cheia de tributos armados, mas talvez ela tivesse motivo depois do que aconteceu com Marcus.

– Ah, não. Só estão preocupados com o bem-estar dele. Não deve demorar, mas é melhor vocês não me esperarem – disse ele para Tigris e sua avó.

O mais rápido que conseguiu sem chegar a carregá-la no colo, ele guiou a sra. Plinth pela porta, os dois desceram o elevador e saíram pelo saguão. O carro dela se aproximou sem emitir som nenhum, e o motorista, provavelmente um Avox, só assentiu quando ele pediu para eles serem levados até a arena.

– Estamos com pressa – disse Coriolanus ao motorista, e o carro acelerou na mesma hora, deslizando pelas ruas vazias. Se fosse possível cobrir a distância em vinte minutos, eles assim fariam.

A sra. Plinth ficou apertando a bolsa e olhando pela janela para a cidade deserta.

– Na primeira vez que vi a Capital, era noite, como agora.

– Ah, é? – disse Coriolanus só para ser educado. Sinceramente, quem se importava? Seu futuro estava em jogo por causa do filho instável dela. E era impossível não questionar a criação de um garoto que achava que invadir a arena resolveria alguma coisa.

– Sejanus estava aí onde você está e ficou dizendo "Vai ficar tudo bem, Mãezinha. Vai ficar tudo bem". Tentando me acalmar. Mas nós dois sabíamos que era um desastre – disse a sra. Plinth. – Mas ele foi tão corajoso. Tão bom. Só pensava na mãe dele.

– Hum. Deve ter sido uma grande mudança. – Qual era o problema dos Plinth? De ficarem o tempo todo transformando vantagens em tragédias? Bastava uma olhada rápida para o interior do carro, para o couro trabalhado, os assentos acolchoados, o bar com garrafas de cristal com líquidos da cor de pedras preciosas, para saber que eles estavam entre as pessoas mais afortunadas de Panem.

– A família e os amigos cortaram relações – prosseguiu a sra. Plinth. – Não fizemos novas amizades aqui. Strabo, o pai dele, ainda acha que foi a coisa certa a fazer. Não havia futuro no 2. Foi o jeito dele de nos proteger. O jeito dele de impedir que Sejanus fosse para os Jogos.

– É irônico, até. Considerando as circunstâncias. – Coriolanus tentou mudar a direção da conversa. – Não sei o que a dra. Gaul tem em mente, mas

imagino que ela queira sua ajuda para tirá-lo de lá.

– Não sei se consigo – disse ela. – Com ele tão chateado assim. Posso tentar, mas ele vai ter que acreditar que é a coisa certa a fazer.

A coisa certa a fazer. Coriolanus se deu conta que era isso que sempre tinha definido as ações de Sejanus, sua determinação de fazer a coisa certa. Que a teimosia, como o jeito como ele desafiava a dra. Gaul quando o resto dos alunos estava tentando seguir em frente, era outro motivo para ele afastar as pessoas. Sinceramente, ele podia ser insuportável com aqueles comentariozinhos superiores. Mas Coriolanus poderia encontrar maneiras de usar aquilo como forma de manipulá-lo.

Quando o carro parou na entrada da arena, Coriolanus viu que tentavam disfarçar a crise. Só havia uns doze Pacificadores presentes e um grupinho de Idealizadores dos Jogos. As barracas de comidas e bebidas estavam fechadas, a plateia do dia tinha se dispersado cedo e havia pouca coisa que atraísse espectadores curiosos. Ao sair do carro, ele reparou como a temperatura tinha caído rápido desde que ele tinha caminhado para casa.

Na parte de trás de uma van, um monitor do *Notícias da Capital* exibia uma tela dividida com a imagem real da arena ao lado da versão escurecida transmitida para o público. A dra. Gaul, o reitor Highbottom e alguns Pacificadores estavam reunidos em volta. Quando Coriolanus se aproximou com a sra. Plinth, viu Sejanus ajoelhado ao lado do corpo de Marcus, imóvel como uma estátua.

– Pelo menos você é pontual – disse a dra. Gaul. – Sra. Plinth, suponho?

– Sim, sim – disse a sra. Plinth com um tremor na voz. – Sinto muito se Sejanus provocou alguma inconveniência. Ele é um bom menino. Mas leva as coisas muito a sério.

– Ninguém poderia acusá-lo de ser indiferente – concordou a dra. Gaul. Ela se virou para Coriolanus. – Alguma ideia de como podemos resgatar seu melhor amigo, sr. Snow?

Coriolanus ignorou a cutucada e examinou a tela.

– O que ele está fazendo?

– Só está ajoelhado ali, ao que parece – disse o reitor Highbottom. – Possivelmente em estado de choque.

– Ele parece calmo. Não seria possível enviar Pacificadores sem sobressaltá-lo? – sugeriu Coriolanus.

– Arriscado demais – disse a dra. Gaul.

– Que tal botar a mãe dele pra falar por um alto-falante ou um megafone? – propôs Coriolanus. – Se dá pra escurecer a tela, também deve dar pra manipular o áudio.

– Na transmissão. Mas, na arena, nós alertaríamos todos os tributos para o fato de que tem um garoto da Capital desarmado no meio deles – disse o reitor Highbottom.

Coriolanus começou a ter uma sensação ruim.

– O que vocês propõem?

– Nós achamos que alguém que ele conhece precisa entrar da forma mais discreta possível e convencê-lo a sair – disse a dra. Gaul. – Mais especificamente, você.

– Ah, não! – declarou a sra. Plinth com intensidade surpreendente. – Coriolanus não. A última coisa de que precisamos é botar outro jovem em perigo. Eu vou.

Coriolanus apreciou a proposta, mas sabia que as chances daquilo acontecer eram mínimas. Com os olhos vermelhos e inchados e os saltos altos instáveis, ela não inspirava confiança para uma operação secreta.

– Precisamos de alguém que possa correr se necessário. O sr. Snow é a pessoa certa para a tarefa. – A dra. Gaul fez sinal para alguns Pacificadores, e Coriolanus se viu sendo vestido com uma armadura para entrar na arena. – Esse colete deve proteger seus órgãos vitais. Aqui está um spray de pimenta e uma lanterna que pode cegar temporariamente seus inimigos, se você fizer algum.

Ele olhou para o pequeno frasco de spray de pimenta e para a lanterna.

– E uma arma? Ou pelo menos uma faca?

– Como você não é treinado, isso parece mais seguro. Lembre que você não vai entrar para causar danos; você vai entrar pra tirar seu amigo da forma mais rápida e silenciosa possível – instruiu a dra. Gaul.

Outro aluno, ou até mesmo o Coriolanus de duas semanas antes, teria protestado pela situação. Insistido em ligar para um responsável. Suplicado.

Mas depois do ataque das serpentes a Clemensia, dos efeitos do bombardeio e da tortura de Marcus, ele sabia que não adiantaria de nada. Se a dra. Gaul tinha decidido que ele entraria na Arena da Capital, era para lá que ele ia, mesmo se o prêmio que ele desejava não estivesse em jogo. Ele era como as vítimas dos demais experimentos dela, alunos ou tributos, tão sem importância quanto os Avoxes nas jaulas. Impotente para protestar.

– Vocês não podem fazer isso. Ele é só um garoto. Me permitam ligar para o meu marido – suplicou a sra. Plinth.

O reitor Highbottom deu um sorrisinho para Coriolanus.

– Ele vai ficar bem. É muito difícil matar um Snow.

Aquela ideia toda tinha sido do reitor? Teria Highbottom encontrado um atalho para seu objetivo final de destruir o futuro de Coriolanus? Fosse como fosse, ele parecia surdo para as súplicas da mãe de Sejanus.

Com um Pacificador de cada lado (para sua segurança ou para impedir que fugisse?), ele foi até a arena. Tinha pouquíssimas lembranças de ter sido carregado para fora depois do bombardeio (teriam eles saído por outra passagem?), mas agora ele via o dano significativo feito à entrada principal. Uma de duas portas enormes tinha ido arrancada, deixando um buraco largo emoldurado de metal retorcido. Além da guarda, não havia muito a ser feito para proteger a área além de colocar algumas fileiras de barreiras de concreto à altura da cintura na frente da passagem. Sejanus provavelmente não teve dificuldade para atravessar o local, desde que se houvesse uma distração razoável, e havia certa agitação quase o dia todo. Se os Pacificadores estivessem preocupados com atividade rebelde, eles concentrariam sua atenção em alguém espreitando o público do lado de fora. Ainda assim, tudo parecia um pouco relaxado demais. E se os tributos tentassem fugir de novo?

Coriolanus e sua escolta contornaram as barreiras e chegaram no saguão, que tinha sofrido muito com as bombas. As poucas lâmpadas elétricas inteiras em volta da bilheteria e da lanchonete mostravam uma camada de pó de gesso cobrindo pedaços do teto e do piso, pilares e vigas caídas. Para chegar às roletas era preciso contornar os detritos, e novamente ele entendeu como Sejanus pôde passar sem ser detectado, com um pouco de paciência e um pouco de sorte. As roletas do lado direito foram alvejadas e só sobraram estilhaços retorcidos e

derretidos de metal e acesso aberto. Ali, os Pacificadores construíram a primeira fortificação real, com a instalação de um conjunto temporário de barras envoltas em arame farpado e a presença de guardas armados. As roletas não danificadas ainda eram um bloqueio eficiente, pois não permitiam saída.

– Então ele tinha uma ficha? – perguntou Coriolanus.

– Ele tinha uma ficha – confirmou um Pacificador mais velho que parecia estar no comando. – Nos pegou desprevenidos. Não ficamos de olho em gente entrando na arena durante os Jogos, só saindo. – Ele tirou uma ficha do bolso. – Esta é pra você.

Coriolanus girou o disco nos dedos, mas não se moveu na direção das roletas.

– Como ele pensou que sairia?

– Acho que não pensou – respondeu o Pacificador.

– E como eu vou sair? – perguntou Coriolanus. O plano parecia no mínimo arriscado.

– Ali. – O Pacificador apontou para as barras. – A gente pode puxar o arame farpado e inclinar as barras para a frente, o que vai criar uma abertura pra você se arrastar por baixo.

– Dá pra fazer isso de maneira rápida? – perguntou ele, com dúvida.

– Vamos acompanhá-los pelas câmeras. Vamos começar a mover as barras assim que você estiver saindo com ele – garantiu o Pacificador.

– E se eu não conseguir convencê-lo a vir? – perguntou Coriolanus.

– Não temos instruções para isso. – O Pacificador deu de ombros. – Acho que você tem que ficar até conseguir realizar a missão.

Um suor frio cobriu o corpo de Coriolanus quando ele assimilou as palavras. Não teria permissão de sair sem Sejanus. Ele olhou pelo corredor até o fim da passagem, onde a barricada tinha sido erigida embaixo do placar. A mesma de onde ele tinha visto Lamina, Circ e Teslee saindo e entrando mais cedo nos Jogos.

– E aquilo?

– É só decorativo. Bloqueia a visão do saguão e da rua. Para que não sejam pegos na filmagem – explicou o Pacificador. – Mas você não vai ter dificuldade de passar.

Então nem os tributos, pensou Coriolanus. Ele passou o polegar pela superfície escorregadia da ficha.

– Vamos te dar cobertura até a barricada – disse o Pacificador.

– Então vocês vão matar qualquer tributo que me ataque – esclareceu Coriolanus.

– Vamos espantá-los, pelo menos – disse o Pacificador. – Não se preocupe, vamos ficar de olho.

– Excelente – disse Coriolanus, nem um pouco convencido. Ele se preparou, enfiou a ficha no orifício e empurrou os braços de metal. "Divirta-se!", observou a roleta, o som parecendo dez vezes mais alto no silêncio da noite. Um dos Pacificadores riu.

Coriolanus foi na direção da parede da direita e andou o mais rápida e silenciosamente que conseguiu. As luzes vermelhas de emergência, sua única iluminação, enchiam a passagem com um brilho suave e sanguinolento. Ele apertou os lábios e controlou a respiração pelo nariz. Direita, esquerda, direita, esquerda. Nada, nenhum movimento. Talvez, como Lucky sugerira, os tributos tivessem ido dormir.

Ele parou por um momento junto à barricada. Como o Pacificador dissera, era de mentira. Camadas frágeis de arame farpado montadas em molduras, estruturas bambas de madeira e placas de concreto arrumadas de forma a bloquear a vista, não para aprisionar os tributos. Provavelmente, não houvera tempo para uma de verdade, ou talvez não tivessem considerado necessário com as barras e os Pacificadores atrás. Ele só precisou contornar a barreira para chegar na beirada do campo. Hesitou atrás de um último pedaço de arame farpado e observou a cena.

A lua tinha subido alto no céu, e na luz pálida e prateada ele identificou a figura de Sejanus, as costas para ele, ainda ajoelhado ao lado do corpo de Marcus. Lamina não tinha nem se mexido. Fora isso, a área ao redor parecia deserta. Mas estava mesmo? Os destroços das bombas ofereciam vários esconderijos. Os demais tributos podiam estar escondidos a poucos metros e ele sequer saberia. No ar frio, sua camisa encharcada de suor grudava na pele e ele desejou estar com a jaqueta. Ele pensou em Lucy Gray com o vestido sem mangas. Teria ela se encolhido junto a Jessup para se aquecer? A imagem não

fez bem a ele, e Coriolanus a afastou. Não podia pensar nela naquele momento, só no perigo que corria, em Sejanus e em como levá-lo até o outro lado das roletas.

Coriolanus respirou fundo e saiu para o campo. Andou pela terra, mentalizando os felinos selvagens de circo que tinha visto ali quando garoto. Destemido, poderoso e silencioso. Ele sabia que não podia assustar Sejanus, mas precisava chegar perto para poder conversar.

Quando estava três metros atrás de Sejanus, ele parou e falou com voz baixa:

– Sejanus? Sou eu.

Sejanus enrijeceu e seus ombros começaram a tremer. Primeiro, Coriolanus achou que era choro, mas era o contrário.

– Você não consegue parar de vir me salvar, não é?

Coriolanus se juntou às risadas, baixinho.

– Não consigo.

– Mandaram você pra me tirar? Que loucura. – A risada de Sejanus foi morrendo e ele se levantou. – Você já viu um cadáver?

– Muitos. Durante a guerra. – Ele interpretou a pergunta como convite para se juntar a Sejanus e se aproximou. Pronto. Podia segurar o braço dele agora, mas e aí? Era improvável que conseguisse arrastá-lo para fora da arena. Então enfiou as mãos nos bolsos.

– Eu, não. Não tão de perto. Em enterros, acho. E no zoológico naquela noite, só que aquelas garotas não estavam mortas a tempo suficiente de ficarem rígidas – disse Sejanus. – Não sei se prefiro ser cremado ou enterrado. Não que importe.

– Bom, você não precisa decidir agora. – O olhar de Coriolanus percorreu o campo. Havia uma pessoa nas sombras atrás do muro quebrado?

– Ah, não vai depender de mim – disse Sejanus. – Não sei por que os tributos estão demorando tanto pra me encontrar. Acho que já faz um tempo que estou aqui. – Ele olhou para Coriolanus pela primeira vez e franziu a testa de preocupação. – Melhor você ir, sabe.

– Eu bem que gostaria – disse Coriolanus com cuidado. – De verdade. Só que tem a questão da sua mãe. Ela está esperando lá fora. Está muito chateada.

Eu prometi que te levaria pra ela.

A expressão de Sejanus ficou indescritivelmente triste.

– Pobre Mãezinha. Minha pobre Mãezinha. Ela nunca quis nada disso, sabe. Nem o dinheiro, nem a mudança, nem as roupas chiques ou o motorista. Ela só queria ficar no 2. Mas meu pai… Ele não está aqui, né? Não, ele vai ficar longe até tudo estar resolvido. Depois, vai começar a comprar!

– Comprar o quê? – A brisa movimentou o cabelo de Coriolanus e fez sons ocos de eco na arena. Aquilo estava demorando muito e Sejanus não estava fazendo nenhum esforço para falar baixo.

– Comprar tudo! Ele comprou nossa vinda pra cá, comprou meus estudos, comprou minha mentoria e fica louco porque não pode me comprar. Ele vai comprar você se você deixar. Ou pelo menos compensá-lo por tentar me ajudar.

Comprar tudo, pensou Coriolanus, com a mente nos estudos do ano seguinte. Mas só falou:

– Você é meu amigo. Ele não precisa me pagar pra eu te ajudar.

Sejanus botou a mão no ombro dele.

– Você foi o único motivo pra eu ter durado tanto, Coriolanus. Preciso parar de te meter em confusão.

– Eu não percebi como isso tudo era ruim pra você. Eu devia ter trocado de tributos quando você pediu.

Sejanus suspirou.

– Não importa mais. Nada importa.

– Claro que importa – insistiu Coriolanus. Eles estavam se aproximando agora, ele sentia. Tinha a nítida sensação de um bando se aproximando. – Vem comigo.

– Não. Não adianta – disse Sejanus. – Eu não tenho alternativa além de morrer.

Coriolanus insistiu.

– Então é isso? É sua única opção?

– É a única forma de eu conseguir deixar minha mensagem. Que o mundo me veja morrer em protesto – concluiu Sejanus. – Mesmo que eu não seja

verdadeiramente da Capital, também não sou de distrito. Como a Lucy Gray, mas sem o talento.

– Você acha mesmo que vão exibir isso? Vão tirar seu corpo em silêncio e dizer que você morreu de gripe. – Coriolanus parou e se perguntou se tinha falado demais, se tinha dado uma indicação clara demais do destino de Clemensia. Mas a dra. Gaul e o reitor Highbottom não tinham como ouvir. – A tela está praticamente preta agora.

O rosto de Sejanus se transformou.

– Não vão mostrar?

– De jeito nenhum. Você vai morrer por nada e vai ter perdido sua chance de tornar as coisas melhores. – Uma tosse, baixa e abafada, mas uma tosse mesmo assim. Vinda da arquibancada à direita. Coriolanus não estava imaginando coisas.

– Que chance? – perguntou Sejanus.

– Você tem dinheiro. Talvez não agora, mas um dia vai ter uma fortuna. O dinheiro tem muitas utilidades. Veja como mudou seu mundo. Talvez você também possa mudar alguma coisa. Pro bem. E se não estiver aqui pra fazer isso, é possível que muitas outras pessoas sofram. – A mão direita de Coriolanus envolveu o spray de pimenta e depois deslizou para a lanterna. O que ajudaria de verdade se ele fosse atacado?

– O que te faz pensar que eu poderia fazer isso? – perguntou Sejanus.

– Você foi o único que teve coragem de enfrentar a dra. Gaul – disse Coriolanus. Ele odiava admitir isso, mas era verdade. Ele era o único integrante da turma que a desafiara.

– Obrigado. – Sejanus estava com a voz cansada, mas parecia mais são. – Obrigado por isso.

Coriolanus botou a mão livre no braço de Sejanus, como se o reconfortando, mas na verdade era para segurar a camisa dele caso resolvesse fugir.

– Estamos sendo cercados. Estou indo. Venha comigo. – Ele viu Sejanus começar a ceder. – Por favor. O que você quer fazer, lutar com os tributos ou lutar *por* eles? Não dê à dra. Gaul a satisfação de te vencer. Não desista.

Sejanus olhou para Marcus por um tempo, pesando as opções.

– Você está certo – disse ele. – Se eu acredito no que digo, é responsabilidade minha derrubá-la. Acabar com essa atrocidade toda, de alguma forma. – Ele levantou a cabeça, como se percebendo de repente a situação deles. Seu olhar se voltou para a arquibancada, onde Coriolanus tinha ouvido a tosse. – Mas não vou deixar Marcus.

Coriolanus tomou uma decisão rápida.

– Eu pego os pés dele. – As pernas estavam rígidas e pesadas, fedendo a sangue e sujeira, mas ele dobrou os joelhos nos braços da melhor forma que conseguiu e ergueu a parte inferior do corpo de Marcus. Sejanus envolveu o peito dele com os braços e os dois começaram a se mover, meio carregando e meio arrastando o corpo na direção da barricada. Dez metros, cinco metros, quase chegando agora. Quando passassem por ela, os Pacificadores ofereceriam cobertura.

Ele tropeçou numa pedra e caiu, batendo o joelho em algo afiado e pontudo, mas se levantou, levando o corpo de Marcus junto. Quase lá. Quase…

Os passos vieram por trás. Rápidos e leves. Correndo da barricada, onde o tributo tinha ficado esperando. Coriolanus largou Marcus e se virou a tempo de ver Bobbin golpear com a faca.



A lâmina escorregou ao bater na armadura e fez um corte em seu braço esquerdo. Coriolanus pulou para trás, golpeando na direção de Bobbin, mas só encontrou ar. Ele caiu em uma pilha de destroços, tábuas velhas e gesso, e suas mãos procuraram ao mesmo tempo por algum tipo de defesa. Bobbin pulou nele de novo e apontou a faca para seu rosto. Coriolanus fechou os dedos em volta de uma tábua de cinco por dez centímetros e golpeou, acertando Bobbin com força na têmpora, fazendo-o cair de joelhos. Ele se levantou, usando a tábua como porrete, batendo e batendo sem ter certeza se os golpes estavam conectando.

– Nós temos que ir! – gritou Sejanus.

Então Coriolanus ouviu assobios e pés batendo nas arquibancadas. Confuso, ele foi na direção do corpo de Marcus, mas Sejanus o puxou para longe.

– Não! Deixa ele! Corre!

Sem precisar ser convencido, Coriolanus correu para a barricada. Estava sentindo dor do cotovelo até o ombro, mas ignorou-a, movimentando os braços com o máximo de vigor que conseguia, como a professora Sickle tinha ensinado. Quando chegou à barricada, o arame farpado espetou sua camisa, e quando se virou para se soltar, ele os viu. Os dois tributos do Distrito 4, Coral e Mizzen, mais Tanner, o garoto do abatedouro, indo direto para cima dele, todos armados até os dentes. Mizzen puxou o braço para trás para arremessar um tridente. O tecido da manga de Coriolanus rasgou quando ele puxou o braço do arame farpado e saiu da linha de fogo, com Sejanus logo atrás.

Só uns poucos raios fracos de luar penetravam pelas camadas da barricada, e Coriolanus se viu se chocando contra a madeira e se debatendo como um pássaro selvagem em uma gaiola, sem dúvida alertando qualquer tributo que por acaso não tivesse notado sua presença. Ele correu de cara para uma tábua de concreto, e Sejanus o empurrou por trás, fazendo a testa dele bater na superfície dura uma segunda vez. Quando se afastou, era como se a concussão não tivesse melhorado. Sua cabeça estava latejando e uma nuvem de confusão se espalhou.

Os tributos começaram a fazer uma barulheira, batendo com as armas na barricada enquanto procuravam os mentores no labirinto. Qual direção seguir? Os tributos pareciam estar para todo lado. Sejanus segurou o braço dele e começou a puxá-lo, e ele cambaleava cegamente atrás, ferido e apavorado. Seria assim, então? Seria assim que ele morreria? A fúria pela injustiça daquilo tudo, o deboche da situação, gerou uma onda de energia pelo corpo dele, que saiu correndo à frente de Sejanus e caiu de quatro em uma nuvem de luz suave e vermelha. A passagem! À frente, ele via as roletas, onde os Pacificadores estavam reunidos nas grades temporárias. Ele correu para salvar sua vida.

A passagem não era longa, mas pareceu interminável. Suas pernas subiam e desciam como se ele chapinhasse em cola até a cintura, e pontos pretos manchavam sua visão. Sejanus ficou grudado atrás dele, mas ele ouvia os tributos se aproximando. Uma coisa pesada e dura (um tijolo?) raspou na lateral do seu pescoço. Outro objeto perfurou o colete e ficou balançando nas costas dele até cair com um estalo metálico. Onde estava a cobertura? Os tiros protetores dos Pacificadores? Não havia nada, nadinha, e as grades ainda estavam grudadas no chão. Coriolanus queria gritar para que eles matassem os tributos, para que atirassem neles, mas o fôlego estava escasso.

Alguém de pés pesados diminuiu a distância até ele, mas novamente se lembrando do treinamento da professora Sickle, ele não ousou perder um segundo olhando para trás para ver quem era. Adiante, os Pacificadores finalmente conseguiram inclinar a unidade de grades para dentro, tornando possível oferecer uma abertura de uns trinta centímetros no chão. Coriolanus mergulhou, raspando o queixo no piso áspero e enfiando as mãos por baixo das grades. Os Pacificadores seguraram as mãos dele e deram um puxão. Sem

tempo para virar a cabeça, o resto do rosto raspou na superfície imunda até ele chegar à segurança.

Os guardas o largaram na mesma hora para pegar Sejanus, que deu um grito alto quando a faca de Tanner cortou sua panturrilha antes de ele ser puxado. As grades foram colocadas no lugar e a unidade foi travada, mas os tributos estavam determinados. Tanner, Mizzen e Coral enfiaram as armas pelas grades na direção de Coriolanus e Sejanus, fazendo ameaças cheias de ódio enquanto os Pacificadores batiam com os cassetetes nas roletas. Nenhum tiro foi dado. Nem mesmo uma borrifada de spray de pimenta. Coriolanus percebeu que eles deviam ter recebido ordens de não tocarem nos tributos.

Quando os Pacificadores o ajudaram a se levantar, ele gritou com fúria:

– Obrigado por cuidar de nós!

– Só estávamos seguindo ordens. Não é nossa culpa se Gaul te acha descartável, garoto – disse o Pacificador idoso que prometera lhe dar cobertura.

Alguém tentou ajudá-lo, mas ele empurrou a pessoa.

– Eu consigo andar! Eu consigo andar, não que você tenha alguma coisa a ver com isso!

Ele oscilou para o lado e quase caiu no chão, mas foi erguido novamente e eles seguiram pelo saguão. Coriolanus balbuciou uma longa série de obscenidades, que não surtiram efeito algum, e ficou nas mãos dos Pacificadores como um peso morto até o largarem sem cerimônia nenhuma do lado de fora da arena. Depois de um minuto, eles jogaram Sejanus ao lado dele. Os dois ficaram ofegando no piso que decorava a parte externa da arena.

– Me desculpe, Coryo – disse Sejanus. – Me desculpe.

Coryo era um apelido usado por velhos amigos. Pela família. Por pessoas que Coriolanus amava. E aquele era o momento em que Sejanus decidia experimentar usá-lo? Se tivesse energia, Coriolanus teria esticado as mãos e o estrangulado.

Ninguém deu atenção aos dois. A mãe de Sejanus tinha sumido. A dra. Gaul e o reitor Highbottom estavam debatendo níveis de áudio enquanto observavam as imagens na van. Os Pacificadores estavam em pequenos grupos espalhados, esperando instruções. Cinco minutos se passaram até que uma

ambulância apareceu e abriu as portas de trás. Os garotos foram colocados para dentro sem receberem uma olhada sequer das autoridades.

A médica deu a Coriolanus um pedaço de gaze para ele segurar sobre o ferimento do braço enquanto cuidava da questão mais urgente na panturrilha de Sejanus, que sangrava muito. Coriolanus estava com medo de voltar para o hospital e para o tal de dr. Wane, em quem não confiava, até ver pela vidraça pequena que eles tinham chegado à Cidadela, o que era bem mais apavorante. Foram colocados em macas e levados para o laboratório onde Clemensia tinha sido atacada, e isso fez Coriolanus imaginar que modificações haviam sido reservadas para ele.

Acidentes deviam ser comuns no laboratório, porque uma pequena clínica médica os aguardava. Pelo visto, não tinha a sofisticação necessária para devolver a vida a Clemensia, mas era mais do que adequada para cuidar dos garotos. Uma cortina branca separava os dois leitos de hospital, mas Coriolanus conseguia ouvir Sejanus respondendo de maneira monossilábica às perguntas dos médicos. Ele mesmo não falou muito enquanto costuravam seu braço e limpavam seu rosto ralado. A cabeça estava doendo, mas ele não ousou contar sobre o rebote da concussão por medo de acabar sendo internado no hospital para uma estada indefinida. Ele só queria ir para longe daquelas pessoas. Apesar dos seus protestos, enfiaram soro em seu braço para hidratá-lo e administrar um coquetel de substâncias, e ele ficou deitado rígido na cama, se controlando para não fugir. Embora tivesse feito o que a dra. Gaul mandara, embora tivesse sido bem-sucedido, ele se sentia mais vulnerável do que nunca. E ali estava ele, ferido e preso, escondido na toca dela.

A dor no braço diminuiu, mas ele não sentiu a cortina de veludo do morfináceo se fechar em torno dele. A droga administrada devia ser diferente, porque, na verdade, sua mente pareceu mais apurada, e ele reparou em tudo, da trama do lençol à cola do esparadrapo na pele e também o sabor amargo que o copo de água de metal deixava na língua. Botas de Pacificadores se aproximaram e se afastaram, levando Sejanus mancando junto. Dentro do laboratório, uma série de gritos anunciou a hora da alimentação de alguma criatura, e o odor leve de peixe chegou a ele. Depois, um silêncio relativo reinou no ambiente por muito tempo. Ele pensou em tentar fugir, mas sabia

que tinha que esperar. Esperar os passos suaves de mocassins que seguiram inevitavelmente até o cubículo dele.

Quando a dra. Gaul puxou a cortina, a penumbra do laboratório à noite deu a Coriolanus a estranha impressão de que ela estava à beira de um precipício, de que, se ele lhe desse o menor dos empurrões, ela cairia para trás em um grande abismo e nunca mais se teria notícias dela. *Quem me dera*, pensou ele. *Quem me dera.* Mas ela só se aproximou e botou dois dedos no pulso de Coriolanus para verificar os batimentos. Ele se encolheu ao sentir os dedos frios e secos.

– Eu comecei como médica, sabe – disse ela. – Obstetra.

Que coisa horrível, pensou Coriolanus. *A ideia de você ser a primeira pessoa no mundo que um bebê veria.*

– Não era pra mim – disse a dra. Gaul. – Pais sempre querem garantias que você não pode dar. Sobre os futuros que os filhos vão enfrentar. Como eu poderia saber o que eles encontrarão pela frente? Como você hoje. Quem teria imaginado o garotinho querido de Crassus Snow lutando pela sobrevivência na Arena da Capital? Não ele, com certeza.

Coriolanus não sabia como responder. Mal conseguia se lembrar do pai, muito menos adivinhar o que ele imaginava.

– Como foi? Na arena? – perguntou a dra. Gaul.

– Apavorante – disse Coriolanus secamente.

– É pra ser mesmo. – Ela verificou as pupilas dele, apontando uma lanterna para um olho de cada vez. – E os tributos?

A luz fez sua cabeça doer.

– O que tem eles?

A dra. Gaul foi olhar os pontos.

– O que você achou deles agora que as correntes foram retiradas? Agora que tentaram te matar? Sua morte não traria benefício para eles. Você não é concorrência.

Era verdade. Eles estavam perto o suficiente para reconhecê-lo. Mas foram atrás dele e de Sejanus, logo Sejanus, que tratara os tributos tão bem, que os alimentara, defendera, e que até tinha oferecido os ritos finais a dois deles!

Mesmo considerando que eles poderiam ter usado a oportunidade para matarem uns aos outros.

– Acho que subestimei o quanto eles nos odeiam – disse Coriolanus.

– E quando você percebeu isso, qual foi sua reação? – perguntou ela.

Ele pensou em Bobbin, na fuga, na sede de sangue dos tributos mesmo depois que eles tinham passado pelas grades.

– Eu os queria mortos. Queria todos mortos.

A dra. Gaul assentiu.

– Bem, missão cumprida com aquele pequeno do 8. Você bateu tanto nele que ele virou polpa. Vou ter que inventar uma história para aquele idiota do Flickerman contar de manhã. Mas que oportunidade maravilhosa pra você. Transformadora.

– Foi mesmo? – Coriolanus se lembrou dos sons horríveis que sua tábua fizera ao encontrar Bobbin. Então ele tinha feito o quê? Assassinado o garoto? Não, não isso. Foi um caso óbvio de legítima defesa. Mas e aí? Ele o tinha matado, certamente. Nunca daria para apagar isso. Não dava para recuperar essa inocência. Ele tinha tirado uma vida humana.

– Não foi? Mais do que eu podia ter esperado. Eu precisava que você tirasse Sejanus da arena, claro, mas queria que você também sentisse o gostinho – disse ela.

– Mesmo que me matasse? – perguntou Coriolanus.

– Sem a ameaça de morte, não teria sido uma lição válida – disse a dra. Gaul. – O que aconteceu na arena? Aquilo é a humanidade despida. Os tributos. E você também. Como a civilização desaparece rapidamente. Todas as suas boas maneiras, a educação, a formação da família, tudo de que você se orgulha, arrancado num piscar de olhos, revelando o que você realmente é. Um menino com um porrete que bate em outro até matá-lo. Isso é a humanidade em seu estado natural.

A ideia, exposta assim, o chocou, mas ele deu uma risada hesitante.

– Somos mesmo tão ruins assim?

– Eu diria que sim, claro. Mas é uma questão de opinião pessoal. – A dra. Gaul puxou um rolo de gaze do bolso do jaleco. – O que você acha?

– Eu acho que não teria batido em ninguém até matar se a senhora não tivesse me jogado naquela arena! – retorquiu ele.

– Você pode botar a culpa nas circunstâncias, no ambiente, mas foi você quem fez as escolhas que fez, mais ninguém. É muita coisa pra assimilar de uma vez só, mas é essencial que você faça um esforço pra responder essa pergunta. Quem são os seres humanos? Pois quem somos determina o tipo de governo de que precisamos. Mais tarde, espero que você possa refletir e ser honesto consigo mesmo sobre o que aprendeu hoje. – A dra. Gaul começou a enrolar o ferimento dele com gaze. – E alguns pontos no braço são um preço baixo a pagar por isso.

As palavras dela provocaram náusea em Coriolanus, mas estava ainda mais enfurecido de ela o ter obrigado a matar só por causa da tal lição. Uma coisa importante assim deveria ter sido decisão dele, não dela. Só dele.

– Então, se eu sou um animal cruel, quem a senhora é? É a professora que enviou um aluno para espancar outro garoto até a morte!

– Ah, sim. Esse papel sobrou pra mim. – Ela terminou de fazer o curativo. – Sabe, o reitor Highbottom e eu lemos sua redação toda. Sobre o que você gostava na guerra. Muita enrolação. Besteira, até. Até chegar ao final. A parte sobre controle. Como sua próxima tarefa, eu gostaria que você elaborasse mais sobre aquilo. O valor do controle. O que acontece sem ele. Leve o tempo que precisar. Mas pode ser um bom acréscimo à sua candidatura ao prêmio.

Coriolanus sabia o que acontecia sem controle. Tinha visto recentemente, no zoológico, quando Arachne morreu; na arena, quando as bombas dispararam; e novamente naquela noite.

– É o caos que acontece. O que mais há para ser dito?

– Ah, muita coisa, eu acho. Comece com isso. Caos. Quando não há controle, nem lei, nem governo nenhum. Como quando se está na arena. Para onde vamos de lá? Que tipo de acordo é necessário se queremos viver em paz? Que tipo de contrato social é exigido para sobrevivência? – Ela tirou o soro do braço dele. – Vamos precisar de você aqui novamente em dois dias para dar uma olhada nesses pontos. Até lá, eu guardaria o evento dessa noite só pra mim. É melhor você ir pra casa e dormir umas horinhas. Por incrível que pareça, seu tributo ainda precisa de você.

Depois que ela saiu, Coriolanus vestiu lentamente a camisa cortada, rasgada e suja de sangue e fechou os botões. Andou sem rumo até encontrar o elevador que o levasse até o térreo, e guardas desinteressados fizeram sinal para ele sair. Os bondes paravam à meia-noite, e os relógios da Capital mostravam que eram duas horas, então ele virou os sapatos imundos na direção de casa.

O carro luxuoso dos Plinth apareceu ao lado dele e a janela que se abriu revelou o Avox, que saiu e abriu a porta de trás para ele. Coriolanus supôs que ele já tinha levado Sejanus para casa e a sra. Plinth o tinha mandado voltar. Como o carro estava vazio, ele entrou. Aceitaria uma última carona, e depois disso ele não queria mais saber daquela família. Quando o motorista o deixou na porta do prédio, ofereceu a Coriolanus um saco de papel grande. Antes que ele pudesse protestar, o carro se afastou.

No apartamento, ele espiou lá dentro e viu Tigris esperando perto da mesa de chá, enrolada em um casaco de pele velho que tinha sido da mãe dela. Era seu cobertor de segurança, assim como o pó compacto de rosas era dele antes de o transformar em arma. Ele pegou um paletó da escola no armário de casacos e vestiu por cima da camisa destruída antes de entrar para vê-la.

Coriolanus tentou falar com indiferença sobre a noite horrível.

– Não é possível que a noite esteja tão ruim a ponto de você precisar do casaco.

Ela afundou os dedos no material que a envolvia.

– Me conta você.

– Vou contar. Tudinho. Mas de manhã, está bem? – disse ele.

– Está bem. – Quando esticou os braços para dar um abraço de boa-noite, ela sentiu o volume do curativo no braço. Antes que pudesse impedi-la, ela puxou o paletó e viu o sangue. Tigris mordeu o lábio. – Ah, Coryo. Fizeram você entrar na arena, não foi?

Ele a abraçou.

– Não foi tão ruim assim. Eu estou aqui. E tirei Sejanus de lá.

– Não foi tão ruim? É horrível pensar em você lá dentro. Pensar em qualquer pessoa lá dentro! – exclamou ela. – Pobre Lucy Gray.

Lucy Gray. Agora que ele tinha estado na arena, as circunstâncias dela pareciam ainda piores do que antes. A ideia dela encolhida em algum lugar na

escuridão fria da arena, petrificada demais para fechar os olhos, o fez sofrer. Pela primeira vez, ele ficou feliz de ter matado Bobbin. Pelo menos, a tinha salvado daquele animal.

– Vai ficar tudo bem, Tigris. Mas você tem que me deixar descansar um pouco. Você também precisa dormir.

Ela assentiu, mas ele sabia que ela teria sorte se conseguisse dormir uma hora ou duas. Ele entregou o saco para ela.

– Cortesia da sra. Plinth. É o café da manhã, pelo cheiro. Nos vemos de manhã?

Sem se dar ao trabalho de tomar banho, ele desabou em um sono profundo até o som da avó cantando o hino o acordar. Era hora de se levantar mesmo. Dolorido da cabeça aos pés, ele foi até o chuveiro, retirou a gaze do braço e deixou que a água quente maltratasse a pele ralada. Ainda tinha um tubo de pomada da época que passou no hospital, e apesar de não ter certeza sobre o uso, passou no rosto e no queixo. Os pontos do braço ficaram roçando na camisa limpa, mas não sangraram. Ele usaria o paletó só por garantia. Depois de colocar uma escova de dentes e um uniforme limpo na mochila, ele deu uma última olhada no espelho e suspirou. *Acidente de bicicleta*, pensou ele. *Vai ser essa a história. Mesmo eu não tendo uma bicicleta que funcione há anos.* Bom, agora ele tinha uma desculpa para as péssimas condições em que se encontrava.

Quando estava apresentável, a primeira coisa que ele fez foi dar uma olhada na televisão para ver se não tinha acontecido nada a Lucy Gray. Mas a câmera não havia se movido e o único tributo visível na luz da manhã era Lamina na viga. Ele evitou a avó e entrou na cozinha, onde Tigris estava esquentando o que tinha restado do chá de jasmim.

– Estou atrasado – disse ele. – É melhor eu ir.

– Leve isso para o café da manhã. – Ela botou um pacotinho nas mãos dele e duas fichas no bolso. – E vá de bonde hoje.

Como precisava economizar energia, ele fez o que ela mandou: foi de bonde e comeu dois sanduíches de ovo com salsicha que a sra. Plinth tinha enviado. Seu único arrependimento em abandonar os Plinth seria perder a comida dela.

O corpo estudantil principal tinha sido instruído a se apresentar às quinze para as oito, e os madrugadores consistiam nos mentores ativos e alguns Avoxes

arrumando o salão. Coriolanus não pôde deixar de olhar com culpa para Juno Phipps, que estava discutindo sua estratégia com Domitia quando podia ter dormido até mais tarde. Ele não gostava muito dela, pois sempre jogava sua linhagem familiar na cara dele, como se a dele não fosse boa. Mas a noite anterior também não tinha sido justa com ela. Ele se perguntou como revelariam a morte de Bobbin e o que ele sentiria quando fizessem isso. Além de enjoado.

A única coisa sendo servida em Heavensbee Hall era chá, o que gerou reclamações de Festus.

– Se temos que chegar cedo, era de se pensar que podiam ao menos nos alimentar. O que aconteceu com a sua cara?

– Caí de bicicleta – disse Coriolanus, bem alto para que todo mundo ouvisse. Ele jogou o saco com o último sanduíche para Festus, feliz em poder oferecer comida daquela vez. Ele devia mais refeições aos Creed do que gostava de lembrar.

– Obrigado. Parece uma delícia – disse Festus, dando uma mordida na mesma hora.

Lysistrata recomendou um creme para que as feridas não infeccionassem, e eles foram se sentar conforme os colegas começavam a chegar.

Apesar de o sol ter nascido havia algumas horas, nada tinha mudado na tela, exceto pelo desaparecimento do corpo de Marcus.

– Acho que tiraram – disse Pup.

Mas Coriolanus achava que talvez ainda estivesse perto da barricada, onde ele e Sejanus o abandonaram na noite anterior, fora do alcance da câmera.

Quando deu oito horas, todos se levantaram para o hino, que seus colegas pareciam estar finalmente aprendendo, e Lucky Flickerman apareceu, dando boas-vindas a todos no segundo dia de Jogos Vorazes.

– Enquanto vocês estavam dormindo, uma coisa importante aconteceu. Que tal darmos uma olhada?

Cortaram para uma imagem ampla da arena e viraram a câmera lentamente até a barricada, dando zoom. Como Coriolanus desconfiava, o corpo de Marcus estava onde ele e Sejanus o largaram. A uma distância curta, a forma surrada de Bobbin estava caída sobre um pedaço de concreto. A aparência

estava muito pior do que ele imaginava. Os membros ensanguentados, o olho desalojado, o rosto tão inchado a ponto de ficar irreconhecível. Ele tinha mesmo feito aquilo com outro garoto? E um garoto tão novo, pois morto Bobbin parecia menor do que nunca. Perdido naquela teia escura de pavor, Coriolanus tinha sim feito aquilo. Sua testa ficou coberta de suor, e ele teve vontade de sair do salão, do prédio, do evento como um todo. Mas claro que aquilo não era opção. Quem era ele? Sejanus?

Depois de uma boa olhada nos corpos, a imagem voltou para Lucky e ele ponderou sobre quem podia ter feito aquilo. Mas seu humor mudou abruptamente.

– Uma coisa que sabemos é que temos algo a comemorar! – Caiu confete do teto, e Lucky soprou como louco uma corneta de plástico. – Porque acabamos de chegar na metade! Isso mesmo, doze tributos estão mortos e só restam doze! – Um fio de lenços coloridos saiu da mão dele. Ele girou em volta da cabeça, dançando e comemorando. – Vivaaaa! – Quando finalmente sossegou, ele adotou uma expressão triste. – Mas isso também quer dizer que temos que nos despedir da srta. Juno Phipps. Lepidus?

Lepidus já tinha se posicionado na ponta do corredor de Juno, e ela não teve escolha além de se juntar a ele e lidar com a decepção sob a mira da câmera. Se tivesse sido avisada um pouco antes, Coriolanus achava que ela teria se comportado de forma mais graciosa, mas ela acabou falando com amargura e desconfiança, questionando os desenvolvimentos recentes enquanto exibia um fichário de couro com o brasão da família Phipps.

– Tem algo estranho aí – disse ela para Lepidus. – O que ele está fazendo ali, com o corpo de Marcus? Quem o moveu? E como Bobbin morreu? Não consigo nem imaginar um cenário provável. Acho que podem ter trapaceado!

O repórter pareceu genuinamente intrigado.

– O que se qualificaria como trapaça, exatamente? Na arena?

– Ah, não sei *exatamente* – reclamou Juno –, mas eu gostaria de ver uma reprise dos eventos de ontem à noite!

Boa sorte com isso, Juno, pensou Coriolanus. Mas percebeu que tais imagens existiam. Na parte de trás da van, a dra. Gaul e o reitor Highbottom assistiram às duas versões, as imagens reais e as escurecidas para esconder a missão dele.

Mesmo as reais seriam difíceis de identificar. Ainda assim, ele não gostava de pensar que existia um registro em algum lugar, ainda que obscurecido, de quando ele matou Bobbin. Se aquilo se espalhasse… bem, ele não sabia o que aconteceria. Mas o deixava inquieto.

Lepidus não se demorou com Juno, uma má perdedora que não tinha a graça de Felix, e ela foi orientada a voltar para o lugar com um tapinha de consolo nas costas.

Ainda cintilando com confete no corpo, Lucky pareceu alheio aos sentimentos de Juno. Ele se inclinou na direção da câmera mal contendo a alegria.

– E agora, o que vocês acham? Temos uma grande surpresa, principalmente se você for um dos doze mentores que restam!

Coriolanus só teve um momento para trocar olhares de questionamento com os amigos antes que Lucky percorresse o estúdio e revelasse Sejanus sentado ao lado do pai, Strabo Plinth, cuja expressão severa parecia entalhada do granito do distrito dele. Lucky se sentou na cadeira de apresentador e deu um tapinha na perna de Sejanus.

– Sejanus, sinto muito por não termos tido um momento com você ontem para comentar sobre o falecimento do seu tributo, Marcus.

Sejanus apenas encarou Lucky sem compreender. Lucky pareceu reparar pela primeira vez no rosto ralado dele.

– O que está acontecendo aqui? Você parece que andou se misturando.

– Eu caí da bicicleta – respondeu Sejanus, e Coriolanus fez uma careta leve. Dois acidentes de bicicleta no mesmo período de doze horas parecia mais do que coincidência.

– Ai. Bom, acho que você tem uma notícia importante pra compartilhar com a gente! – disse Lucky com um movimento encorajador de cabeça.

Sejanus baixou o olhar por um momento, e, embora o pai não olhasse para o filho e vice-versa, parecia estar acontecendo uma batalha ali.

– Sim – disse Sejanus. – Nós, a família Plinth, gostaríamos de anunciar que financiaremos uma bolsa de estudos completa na Universidade para o mentor cujo tributo vencer os Jogos Vorazes.

Pup soltou um gritinho, e os outros mentores sorriram uns para os outros. Coriolanus sabia que a maioria não precisava do dinheiro tanto quanto ele, se é que precisavam, mas seria uma conquista para qualquer um.

– Sensacional! – disse Lucky. – Que emoção os doze mentores restantes devem estar sentindo agora. Foi ideia sua, Strabo? Criar o Prêmio Plinth?

– Foi do meu filho, na verdade – disse Strabo, repuxando as beiras dos lábios no que Coriolanus achou que podia ser uma tentativa de sorriso.

– Bem, que gesto generoso e apropriado, principalmente considerando a derrota de Sejanus. Você pode não ter ganhado os Jogos, mas certamente leva pra casa o prêmio de boa esportiva. Acho que falo pela Capital quando ofereço meus agradecimentos! – Lucky sorriu largamente para os dois, mas como não houve nada em resposta, ele fez um gesto com o braço. – Muito bem, de volta à arena!

A mente de Coriolanus girava com o novo desdobramento. Sejanus estava certo sobre a tentativa apressada do pai de enterrar o comportamento absurdo do filho em dinheiro. Não que toda a situação não exigisse um controle de danos. Ele não tinha ouvido muitos comentários sobre a reação de Sejanus envolvendo a cadeira em Heavensbee Hall, mas imaginava que a história estivesse se espalhando. Um prêmio para o mentor do vitorioso para impedir que a história da entrada de Sejanus na arena se tornasse pública? Estaria ele planejando comprar o silêncio de Coriolanus?

Não importa, isso não importa, disse Coriolanus para si mesmo. A notícia relevante era a possibilidade de ganhar o Prêmio Plinth. Não dependia da Academia, então o reitor Highbottom não teria como se meter. Nem a dra. Gaul. Todos os anos de estudo, que o libertariam do poder dos dois e tirariam a horrível ansiedade relacionada ao futuro dos ombros dele! As apostas para o resultado dos Jogos, que já eram altas, dispararam para a estratosfera. *Foco*, ele disse para si mesmo, respirando fundo devagar. *Foco em ajudar Lucy Gray.*

Mas o que havia a fazer enquanto ela não desse as caras? Com o desenrolar da manhã, parecia que poucos tributos estavam tentados a fazer isso. Coral e Mizzen andaram juntos por um tempo, recolhendo comida e água enviados por Festus e Persephone, seus mentores. Eles passavam tempo juntos, tentando elaborar uma estratégia para seus tributos, e Coriolanus reparou que Festus

estava se apaixonando por ela. Era esperado que ele contasse ao melhor amigo que a garota de quem ele gostava era uma canibal? Nunca havia livros de regras quando era realmente necessário.

Quando voltaram à plataforma depois do almoço, eles viram que as cadeiras dos mentores tinham sido reduzidas a doze, deixando espaço apenas para os que ainda tinham tributos nos Jogos.

– Os Idealizadores dos Jogos pediram – disse Satyria aos doze restantes. – Fica mais fácil para os espectadores acompanharem quem ainda está na competição. Vamos continuar removendo cadeiras conforme os tributos forem morrendo.

– Como uma dança das cadeiras – disse Domitia com expressão satisfeita.

– Só que com gente morrendo – observou Lysistrata.

A decisão de tirar os perdedores da plataforma deixou Livia ainda mais amarga, se é que isso era possível, e Coriolanus ficou feliz de vê-la relegada à seção da plateia comum, onde ele não teria que ouvir os comentários mordazes dela. Por outro lado, ficava mais difícil se distanciar de Clemensia, que parecia passar todo o tempo livre olhando para ele de cara feia. Ele se posicionou na última fileira, entre Festus e Lysistrata, e tentou parecer estar prestando atenção.

Com o passar da tarde, sua cabeça foi ficando pesada, até que Lysistrata teve que o cutucar duas vezes para que ele ficasse acordado. Talvez fosse bom o dia exigir tão pouco dele, considerando que a noite anterior quase o tinha matado. Houve poucas aparições de tributos, e Lucy Gray permaneceu completamente escondida.

Foi só no fim da tarde que os Jogos Vorazes finalmente apresentaram o tipo de ação que as pessoas esperavam. A garota tributo do Distrito 5, uma coisinha frágil que para Coriolanus fazia parte do grupo dos mal lavados, foi para a arquibancada do lado extremo da arena. Ele não conseguiu se lembrar do nome dela, mas Lucky conseguiu conectá-la à mentora igualmente esquecível, Iphigenia Moss, cujo pai supervisionava o Departamento de Agricultura e, consequentemente, o fluxo de alimentos de Panem. Ao contrário das expectativas, Iphigenia sempre parecia à beira da subnutrição, oferecia o almoço da escola aos colegas e até desmaiara algumas vezes. Uma vez,

Clemensia disse a Coriolanus que era a única vingança que ela podia usar contra o pai, mas se recusou a dar mais detalhes.

Fiel a esse comportamento, Iphigenia começou a enviar toda comida que podia para a garota tributo, mas enquanto os drones faziam o longo percurso sobre a arena, Mizzen, Coral e Tanner, que pareceram ter formado uma espécie de grupo depois da aventura da noite anterior, se materializaram dos túneis e começaram a caçada. Depois de uma breve perseguição pela arquibancada, o trio cercou a garota e Coral a matou com um golpe de tridente no pescoço.

– Bom, foi isso – disse Lucky, ainda sem conseguir lembrar o nome do tributo. – O que a mentora dela pode nos dizer?

Iphigenia já tinha ido até Lepidus.

– O nome dela era Sol, ou talvez fosse Sal. Ela tinha um sotaque engraçado. Não há muito mais pra contar.

Lepidus pareceu inclinado a concordar.

– Bom trabalho por fazê-la chegar à segunda metade, Albina!

– Iphigenia – disse Iphigenia por cima do ombro enquanto andava para fora da plataforma.

– Isso mesmo! – disse Lepidus. – E isso quer dizer que só restam onze tributos!

O que quer dizer dez entre mim e aquele prêmio, pensou Coriolanus enquanto via um Avox retirar a cadeira de Iphigenia. Ele desejou poder mandar comida e água para Lucy Gray. O que aconteceria se ele enviasse sem saber a localização dela? Na tela, o grupo recolheu a comida de Sol ou Sal e voltou para os túneis, provavelmente para descansar um pouco antes da noite chegar. Ele deveria arriscar agora?

Ele discutiu em sussurros com Lysistrata, que achava que valeria tentar se eles enviassem drones juntos.

– Nós não queremos que eles fiquem fracos e desidratados demais. Acho que Jessup não come nem bebe nada há dias. Vamos esperar pra ver se eles vão tentar fazer contato com a gente. Vamos dar a eles até a hora do jantar.

Mas Lucy Gray fez uma aparição na hora que o corpo estudantil estava sendo liberado para ir para casa. Ela saiu correndo de um túnel a toda velocidade, o cabelo esvoaçante se soltando das tranças.

– Cadê o Jessup? – perguntou Lysistrata com a testa franzida. – Por que eles não estão juntos?

Antes que Coriolanus pudesse arriscar um palpite, Jessup saiu cambaleando do mesmo túnel de onde Lucy Gray tinha corrido. Primeiro, Coriolanus achou que ele tivesse sido ferido, talvez enquanto defendia Lucy Gray. Mas o que motivara a fuga dela? Havia outros tributos os perseguindo? A câmera fechou em Jessup e ficou claro que ele estava doente, não ferido. Com membros rígidos e agitado de empolgação, ele moveu a mão na frente do sol algumas vezes antes de se agachar e se levantar quase imediatamente quando a câmera deu um close em seu rosto pela primeira vez.

Coriolanus se perguntou se Lucy Gray tinha encontrado um jeito de envenená-lo, mas não fazia sentido. Jessup era valioso demais como protetor, principalmente com o grupo que tinha se formado na noite anterior correndo por aí. O que o atormentava, então?

Vários males poderiam tê-lo afligido, uma série de doenças poderiam ser consideradas, se não fosse a espuma reveladora que começava a deixar os lábios dele.



– Ele pegou raiva – disse Lysistrata baixinho.

A raiva tinha voltado à Capital durante a guerra. Com os médicos sendo necessários em campo e instituições e linhas de fornecimento comprometidas pelos bombardeios, o tratamento médico ficou escasso para humanos, como a mãe de Coriolanus, e quase inexistente para os mimados bichinhos de estimação da Capital. Vacinar o gato não estava na lista de prioridades quando mal se conseguia dinheiro para comprar pão. Como o surto havia começado ainda era objeto de debate: um coiote infectado das montanhas? Um encontro noturno com um morcego? Mas foram os cachorros que espalharam. A maioria estava passando fome, vítimas abandonadas da guerra. De cachorro para cachorro e depois para as pessoas. A epidemia se desenvolveu com velocidade inédita e matou mais de dez cidadãos da Capital, até que um programa de vacinação controlou a doença.

Coriolanus se lembrava dos pôsteres alertando as pessoas sobre os sintomas em animais e humanos, apenas acrescentando mais uma potencial ameaça ao mundo. Ele pensou em Jessup, com o lenço pressionado contra o pescoço.

– Mordida de rato?

– Não foi rato – disse Lysistrata, com choque e tristeza no rosto. – Ratos quase nunca transmitem raiva. Deve ter sido um daqueles guaxinins sarnentos.

– Lucy Gray disse que ele mencionou algo sobre pelos, e eu supus… – Ele parou de falar. Não que importasse o que tinha mordido Jessup; era uma sentença de morte como quer que fosse interpretada. Ele devia ter sido infectado duas semanas antes. – Foi rápido, não foi?

– Muito rápido. Porque ele foi mordido no pescoço. Quando mais rápido chega ao cérebro, mais rápido a pessoa morre – explicou Lysistrata. – E, claro, ele está faminto e fraco.

Se ela falou, devia ser verdade. Era o tipo de coisa que ele imaginava que a família Vickers discutisse no jantar, daquele jeito calmo e clínico deles.

– Pobre Jessup – disse Lysistrata. – Até a morte dele tem que ser horrível.

A identificação da doença de Jessup deixou a plateia tensa e gerou uma onda de comentários cheios de medo e repulsa.

– *Raiva! Como ele pegou isso?*

– *Trouxe do distrito, tenho certeza.*

– *Que ótimo, agora ele vai contaminar a cidade inteira!*

Todos os alunos se sentaram de novo, sem querer perder nada, voltando às lembranças infantis da doença.

Coriolanus ficou em silêncio em solidariedade a Lysistrata, mas sua preocupação aumentou quando Jessup ziguezagueou pela arena em direção à Lucy Gray. Não dava para saber o que ele tinha em mente. Em circunstâncias normais, Coriolanus tinha certeza de que ele a protegeria, mas estava claro que tinha perdido a sanidade se ela havia fugido para se salvar.

As câmeras acompanharam Lucy Gray correndo pela arena e começando a subir no muro quebrado da arquibancada na região da cabine de imprensa. Posicionada no meio da arena, ocupava várias filas e tinha sobrevivido ao bombardeio. Ela parou um momento, ofegante, enquanto considerava a perseguição errática de Jessup, e seguiu na direção dos detritos de uma lanchonete próxima. O esqueleto da lanchonete ainda estava lá, mas a parte do meio explodira e o teto tinha sido lançado a quase dez metros de distância. Coberta de tijolos e tábuas, a área era uma espécie de percurso de obstáculos que ela atravessou até parar no alto dos destroços.

Os Idealizadores dos Jogos aproveitaram a posição imóvel da garota e fecharam um close nela. Coriolanus deu uma olhada nos lábios rachados e levou a mão à pulseira. Ela parecia não ter tido acesso a água desde que fora largada na arena, um dia e meio antes. Ele digitou o pedido de uma garrafa de água. A prontidão da entrega por drones estava melhorando a cada pedido. Mesmo que ela tivesse que continuar fugindo, eles conseguiriam levar água até

ela desde que ficasse em área aberta. Se ela conseguisse escapar de Jessup, Coriolanus a encheria de comida e bebida, para uso próprio e para batizar com veneno de rato. Mas esse parecia um plano distante no momento.

Jessup atravessou a arena e pareceu confuso pela rejeição de Lucy Gray. Ele começou a subir atrás dela para a arquibancada, mas teve dificuldade para manter o equilíbrio. Ao entrar na área coberta de destroços, sua coordenação diminuiu ainda mais, e duas vezes ele caiu com força, o que abriu cortes no joelho e na têmpora. Depois do segundo ferimento, que sangrou bastante, ele se sentou em um degrau, meio atordoado, e esticou as mãos na direção dela. Sua boca se moveu enquanto a espuma começava a pingar do queixo.

Lucy Gray permaneceu imóvel, observando Jessup com expressão sofrida. Eles criavam uma imagem estranha: garoto espumando, garota encurralada, construção bombardeada. Amantes desafortunados encontrando o destino. Uma história de vingança voltando-se contra si mesma. Uma saga de guerra que não aceitava prisioneiros.

Por favor, morra, pensou Coriolanus. O que concretamente matava quando se tinha raiva? Não dava para respirar ou era o coração que parava? Fosse o que fosse, quanto antes acontecesse a Jessup, melhor seria para todos os envolvidos.

Um drone carregando uma garrafa de água voou pela arena, e Lucy Gray ergueu o rosto para acompanhar seu progresso trêmulo. Ela passou a língua pelos lábios com expectativa. No entanto, ao passar por cima da cabeça de Jessup, algo foi registrado e um tremor sacudiu seu corpo. Ele bateu no drone com uma tábua e o objeto caiu na arquibancada. A água escorrendo da garrafa rachada o deixou em um estado de agitação apurada. Ele recuou, tropeçou nos assentos e foi direto para Lucy Gray. Ela, por sua vez, começou a subir ainda mais.

Coriolanus entrou em pânico. Apesar de a estratégia de botar os destroços entre si e Jessup ter certo mérito, ela estava correndo perigo de ser isolada do campo. O vírus podia ter comprometido os movimentos de Jessup, mas também deu uma velocidade anormal ao corpo poderoso dele, e nada tirava sua atenção de Lucy Gray. *Exceto aquele momento com a água*, pensou Coriolanus. A água. Uma palavra surgiu no cérebro dele. Uma palavra do pôster que ficara espalhado pela Capital por um tempo. *Hidrofobia*. Medo de

água. A incapacidade de engolir fazia as vítimas de raiva ficarem loucas ao ver água.

Seus dedos começaram a trabalhar na pulseira de comunicação, pedindo mais garrafas de água. Talvez, se pedisse muitas, isso afastasse Jessup. Coriolanus acabaria com as reservas se precisasse.

Lysistrata tocou a mão dele para impedi-lo.

– Não, deixa que eu faço isso. Ele é meu tributo, afinal. – Ela começou a pedir uma garrafa de água atrás da outra, com o objetivo de enlouquecer Jessup de vez. O rosto dela não registrava muitas emoções, mas uma única lágrima escorreu pela bochecha e tocou o canto de sua boca antes de ela a limpar.

– Lyssie… – Ele não a chamava assim desde que eles eram pequenos. – Você não precisa.

– Se Jessup não pode ganhar, quero que Lucy Gray ganhe. É o que ele ia querer. E ela não pode ganhar se ele a matar. O que pode acabar acontecendo.

Na tela, Coriolanus viu que Lucy Gray tinha mesmo se metido em uma situação ruim. À esquerda dela havia a parede alta dos fundos da arena, à direita, o vidro grosso da cabine de imprensa. Enquanto Jessup continuava a perseguição, ela fez várias tentativas de fugir dele, mas ele ficava corrigindo o percurso para bloqueá-la. Quando a distância entre eles encurtou para cerca de seis metros, ela começou a falar com ele, a esticar a mão de forma tranquilizadora. Isso fez com que ele parasse, mas só por um momento, então ele foi para cima dela de novo.

Do outro lado da arena, a primeira garrafa de água de Lysistrata, ou talvez a substituta da que tinha quebrado, começou a voar na direção dos tributos. Aquela máquina parecia mais firme em seu percurso, tal qual a pequena frota que veio atrás. Assim que Lucy Gray viu os drones, ela parou de recuar. Coriolanus a viu bater no babado da saia acima do bolso com o estojo prateado de pó compacto e interpretou como sinal de que ela tinha entendido o significado da água. Ela apontou para os drones, começou a gritar e conseguiu fazer Jessup virar a cabeça.

Jessup ficou paralisado e seus olhos saltaram de medo. Quando os drones se aproximaram dele, ele tentou acertá-los, mas não conseguiu. Quando começaram a soltar as garrafas de água, ele perdeu o controle. Dispositivos

explosivos não poderiam gerar reação maior, e o impacto das garrafas contra os assentos o deixou em frenesi. O conteúdo de uma respingou na mão dele, que se encolheu como se fosse ácido. Ele foi para o corredor e seguiu na direção do campo, mas outros dez ou doze drones chegaram e o bombardearam. Como estavam programados para entregar o conteúdo ao tributo, ele não tinha como escapar. Enquanto corria na direção dos assentos da frente, ele prendeu o pé e tropeçou, voando pelo muro da arena até o campo.

O som de ossos quebrando que acompanhou a queda surpreendeu a plateia, pois Jessup caiu em uma rara região da arena com áudio funcional. Ele ficou deitado de costas, imóvel exceto pela movimentação do peito. As garrafas que restavam caíram nele enquanto ele repuxava os lábios e os olhos mantiveram-se fixos no sol forte que cintilava na água.

Lucy Gray correu pelos degraus e se dependurou na amurada.

– Jessup! – O máximo que ele conseguiu fazer foi desviar o olhar para o rosto dela.

Coriolanus mal conseguiu ouvir o sussurro de Lysistrata:

– Ah, não deixe que ele morra sozinho.

Pesando o risco, Lucy Gray parou um momento para avaliar a arena vazia antes de descer pelo muro quebrado até chegar nele. Coriolanus queria gritar, ela precisava sair dali. Mas não podia fazer isso com Lysistrata ao seu lado.

– Ela não vai deixar – garantiu ele, pensando em quando Lucy Gray tirou a viga em chamas de cima do corpo dele. – Não é o estilo dela.

– Eu ainda tenho algum dinheiro – disse Lysistrata, secando os olhos. – Vou mandar comida.

Jessup seguiu Lucy Gray com os olhos quando ela pulou o último metro até o campo, mas pareceu não conseguir se mexer. Ele teria ficado paralisado pela queda? Lucy Gray se aproximou com cautela e se ajoelhou fora do alcance dos longos braços dele. Tentando sorrir, ela falou:

– Você vai dormir agora, está ouvindo, Jessup? Pode dormir, é minha vez de ficar montando guarda. – Ele pareceu registrar alguma coisa, a voz dela ou talvez a repetição de palavras que ela tinha dito para ele ao longo das duas semanas anteriores. A rigidez sumiu do rosto dele e as pálpebras tremeram. – Isso mesmo. Pode descansar. Como você vai sonhar se não dormir? – Lucy

Gray chegou para a frente e botou a mão na testa dele. – Está tudo bem. Vou cuidar de você. Estou aqui. Vou ficar aqui. – Jessup olhou fixamente para ela enquanto a vida se esvaía lentamente do corpo dele, até o peito ficar imóvel.

Lucy Gray ajeitou a franja dele e se sentou sobre os calcanhares. Deu um suspiro profundo, e Coriolanus percebeu a exaustão dela. Ela balançou a cabeça como que para se despertar, pegou a garrafa de água mais próxima, abriu a tampa e tomou toda em poucos goles. Tomou uma segunda e uma terceira, depois limpou a boca com as costas da mão. Ela se levantou e examinou Jessup, abriu outra garrafa e jogou no rosto dele, para lavar a espuma e a baba. Do bolso, ela tirou o guardanapo branco de linho que tinha forrado a caixa que Coriolanus levou para ela na última noite. Ela se inclinou e usou a beirada para fechar delicadamente os olhos de Jessup, sacudiu o pano e cobriu o rosto dele para esconder dos espectadores.

Os pacotes de comida de Lysistrata caindo ao redor pareceram levar Lucy Gray de volta ao momento presente, e ela pegou rapidamente os pedaços de pão e queijo e enfiou nos bolsos. Reuniu as garrafas de água na saia, mas parou quando Reaper apareceu do outro lado da arena. Lucy Gray não perdeu tempo em sumir no túnel mais próximo carregando as dádivas. Reaper a deixou ir, mas foi recolher as últimas garrafas de água na luz fraca, reparando em Jessup, mas deixando o corpo em paz.

Coriolanus achou que podia ser um bom sinal para considerar mais tarde. Se os tributos se habituassem a recolher as dádivas dos mortos, eles cairiam direitinho no plano do envenenamento. Mas não teve muito tempo para pensar nisso, pois Lepidus chegou para falar com Lysistrata.

– Opa! – disse Lepidus. – Isso foi inesperado. Você sabia da raiva?

– Claro que não. Eu teria alertado as autoridades para que examinassem os guaxinins do zoológico se soubesse – disse ela.

– O quê? Você quer dizer que ele não trouxe a doença do distrito? – perguntou Lepidus.

Lysistrata foi firme.

– Não, ele foi mordido aqui na Capital.

– No zoológico? – Lepidus pareceu preocupado. – Muitos de nós têm passado um bom tempo no zoológico. Um guaxinim foi até meu equipamento

e ficou arranhando com aquelas mãozinhas e…

– Você não pegou raiva – disse Lysistrata secamente.

Lepidus fez um movimento de garras com os dedos.

– Estava tocando nas minhas coisas.

– Você tem alguma pergunta sobre Jessup? – perguntou ela.

– Jessup? Não, eu não cheguei perto dele. Ah, hã, você quis dizer… *Você* tem algo a comentar?

– Tenho. – Ela respirou fundo. – O que eu gostaria que as pessoas soubessem sobre Jessup é que ele era uma boa pessoa. Ele jogou o corpo sobre o meu pra me proteger quando as bombas começaram a explodir na arena. Não foi nem um gesto consciente. Ele agiu por reflexo. Ele era assim de coração. Um protetor. Acho que ele nunca venceria os Jogos porque teria morrido tentando proteger Lucy Gray.

– Ah, tipo um cachorro. – Lepidus assentiu. – Um cachorro muito bom.

– Não, não como um cachorro. Como um ser humano – disse Lysistrata.

Lepidus olhou para ela, tentando decifrar se ela estava brincando.

– Ah. Lucky, algo a dizer do quartel-general?

A câmera pegou Lucky roendo uma cutícula teimosa.

– Ah, o quê? Ei! Não tem nada acontecendo lá em cima agora. Vamos dar uma olhada na arena, que tal?

Fora do foco das câmeras, Lysistrata começou a recolher as coisas dela.

– Não vá ainda. Fica pra jantar com a gente – disse Coriolanus.

– Ah, não. Eu só quero ir pra casa. Mas obrigada por estar aqui, Coryo. Você é um bom aliado.

Ele a abraçou.

– *Você* é. Sei que não foi fácil.

Ela suspirou.

– Bom, pelo menos estou fora.

Os outros mentores se reuniram em volta de Lysistrata, elogiaram o trabalho dela e tudo mais, e ela foi embora do salão sem esperar o resto do corpo estudantil sair. Isso aconteceu logo em seguida, e em poucos minutos os dez mentores restantes eram os únicos presentes. Eles se examinaram com

novos olhos agora que o Prêmio Plinth estava em jogo, cada um torcendo não só também para *ter* um vitorioso, mas também para *ser* um vitorioso nos Jogos.

O mesmo pensamento deve ter ocorrido aos Idealizadores dos Jogos, porque Lucky voltou à tela para fazer uma recapitulação dos tributos restantes e seus mentores. A tela dividida mostrava fotos dos pares lado a lado, acompanhadas da voz do apresentador ao fundo. Alguns dos mentores gemeram quando perceberam que tinham usado suas fotos ruins da identidade estudantil, mas Coriolanus ficou aliviado por não estarem exibindo sua cara ralada atual. Os tributos, que não tinham fotografia oficial, apareceram em imagens aleatórias tiradas desde a colheita.

A ordem foi numérica por distrito, começando com os pares Urban-Teslee e Io-Circ, do Distrito 3.

– Nossos tributos do distrito tecnológico deixaram uma dúvida em nossas cabeças: o que eles fizeram com aqueles drones? – perguntou Lucky. Festus e Coral apareceram em seguida, com Persephone e Mizzen logo depois. – Os tributos do Distrito 4 estão voando alto agora que entramos nos dez finais! – A imagem de Lamina na viga e a foto de Pup geraram uma comemoração da parte dele, até serem substituídas por Treech fazendo malabarismo no zoológico e Vipsania. – E os favoritos da galera, Lamina e Pliny Harrington, estão acompanhados do garoto do Distrito 7, Treech, e sua mentora, Vipsania Sickle! Portanto, os Distritos 3, 4 e 7 estão com equipes intactas! Agora, os tributos sozinhos. – Uma imagem borrada de Wovey agachada no zoológico apareceu, acompanhada de Hilarius com uma explosão horrível de acne no rosto. – Wovey do 8 com Hilarius Heavensbee como guia! – Como eles usaram a imagem das entrevistas, Tanner estava com aparência melhor ao surgir ao lado de Domitia. – O garoto do 10 mal pode esperar pra fazer uso de suas técnicas de abatedouro! – Em seguida, Reaper, exibindo sua força no meio da arena, ao lado de Clemensia, impecável. – Eis um tributo que deveríamos reavaliar! Reaper, do 11! – Finalmente, Coriolanus viu sua própria foto, nem ótima e nem ruim, com uma foto lindíssima de Lucy Gray cantando na entrevista. – E o prêmio de popularidade vai para Coriolanus Snow e Lucy Gray, do 12!

Popularidade? Era lisonjeiro, Coriolanus achava, não particularmente intimidante. Mas não importava. A popularidade tinha gerado uma pilha de dinheiro para Lucy Gray. Ela estava viva, hidratada, alimentada e abastecida. Com sorte, poderia se esconder enquanto os outros reduziam o número de participantes. Perder Jessup como protetor fora um golpe, mas seria mais fácil ela se esconder sozinha. Coriolanus tinha prometido que ela nunca ficaria verdadeiramente sozinha na arena, que ele ficaria com ela até o fim. Ela estaria segurando o estojo de pó compacto agora? Pensando nele como ele pensava nela?

Coriolanus atualizou sua lista de mentores, sem sentir prazer nenhum ao riscar Jessup e Lysistrata.

10ª EDIÇÃO DOS JOGOS VORAZES
ATRIBUIÇÃO DE MENTORIA

DISTRITO 1	
~~*Garoto (Facet)*~~	~~*Livia Cardew*~~
~~*Garota (Velvereen)*~~	~~*Palmyra Monty*~~
DISTRITO 2	
~~*Garoto (Marcus)*~~	~~*Sejanus Plinth*~~
~~*Garota (Sabyn)*~~	~~*Florus Friend*~~
DISTRITO 3	
Garoto (Circ)	*Io Jasper*
Garota (Teslee)	*Urban Canville*
DISTRITO 4	
Garoto (Mizzen)	*Persephone Price*
Garota (Coral)	*Festus Creed*
DISTRITO 5	
~~*Garoto (Hy)*~~	~~*Dennis Fling*~~
~~*Garota (Sol)*~~	~~*Iphigenia Moss*~~

DISTRITO 6	
~~*Garoto (Otto)*~~	~~*Apollo Ring*~~
~~*Garota (Ginnee)*~~	~~*Diana Ring*~~
DISTRITO 7	
Garoto (Treech)	*Vipsania Sickle*
Garota (Lamina)	*Pliny Harrington*
DISTRITO 8	
~~*Garoto (Bobbin)*~~	~~*Juno Phipps*~~
Garota (Wovey)	*Hilarius Heavensbee*
DISTRITO 9	
~~*Garoto (Panlo)*~~	~~*Gaius Breen*~~
~~*Garota (Sheaf)*~~	~~*Androcles Anderson*~~
DISTRITO 10	
Garoto (Tanner)	*Domitia Whimsiwick*
~~*Garota (Brandy)*~~	~~*Arachne Crane*~~
DISTRITO 11	
Garoto (Reaper)	*Clemensia Dovecote*
~~*Garota (Dill)*~~	~~*Felix Ravinstill*~~
DISTRITO 12	
~~*Garoto (Jessup)*~~	~~*Lysistrata Vickers*~~
Garota (Lucy Gray)	*Coriolanus Snow*

O número tinha diminuído consideravelmente, mas vários dos tributos sobreviventes seriam difíceis de superar. Reaper, Tanner, os dois do Distrito 4… e quem sabia o que aquela dupla metida a inteligente do Distrito 3 estava tramando?

Quando os dez mentores se reuniram para comer um delicioso cozido de cordeiro com ameixas secas, Coriolanus sentiu falta de Lysistrata. Ela era sua única aliada real, assim como Jessup foi de Lucy Gray.

Depois do jantar, ele se sentou entre Festus e Hilarius e se esforçou para não pegar no sono. Por volta das nove, sem nada ter acontecido desde a morte de Jessup, eles foram mandados para casa com ordens de chegarem cedo na Academia na manhã seguinte. A caminhada de retorno era longa, mas ele se lembrou da segunda ficha de Tigris e subiu com gratidão no bonde, que o deixou a um quarteirão do apartamento.

Sua avó já tinha ido para a cama, mas Tigris estava esperando no quarto dele, novamente envolta no casaco de pele que fora da mãe dela. Ele desabou no divã aos pés da prima, sabendo que devia uma explicação do tempo que tinha passado na arena. Não foi só o cansaço que o fez hesitar.

– Eu sei que você quer saber de ontem à noite – disse ele –, mas estou com medo de contar. Estou com medo de você ter problemas por saber.

– Tudo bem, Coryo. Sua camisa me contou quase tudo. – Ela pegou no chão a camisa que ele tinha usado na arena. – As roupas falam comigo, sabe. – Ela esticou a camisa no colo e começou a reconstruir os terrores da noite dele, primeiro erguendo o corte sujo de sangue no tecido da manga. – Aqui. Aqui foi onde a faca te cortou. – Os dedos dela percorreram o dano no tecido. – Todos esses cortezinhos e a forma como a terra entrou me dizem que você deslizou ou talvez tenha sido arrastado, o que bate com o arranhão no seu queixo e o sangue na gola. – Tigris tocou na região da gola e seguiu em frente. – Aqui na outra manga, pela forma como está rasgada, eu diria que ficou presa em arame farpado. Provavelmente na barricada. Mas esse sangue aqui, o que está espirrado no punho… acho que não é seu. Acho que você teve que fazer alguma coisa horrível lá dentro.

Coriolanus olhou para o sangue e sentiu o impacto da pancada que dera na cabeça de Bobbin.

– Tigris…

Ela massageou a têmpora.

– E eu fico me perguntando como as coisas chegaram a esse ponto. Que meu priminho, que não fazia mal a uma mosca, tenha que lutar pela vida na arena.

Essa era a última conversa no mundo que ele queria ter naquele momento.

– Não sei. Eu não tive escolha.

– Sei disso. Claro que sei disso. – Tigris passou os braços em volta dele. – Só odeio o que estão fazendo com você.

– Eu estou bem – disse ele. – Não vai durar muito mais. E mesmo que eu não vença, estou no páreo pra algum tipo de prêmio. Acho mesmo que as coisas vão dar uma virada pra melhor.

– Certo. Sim. Sei que vão. Snow cai como a neve – concordou ela. Mas a expressão no rosto dizia algo diferente.

– O que foi? – perguntou ele. Ela balançou a cabeça. – Para com isso. O que é?

– Eu só ia contar depois dos Jogos Vorazes… – Ela ficou em silêncio.

– Mas agora, você vai ter que contar – disse ele. – Senão vou imaginar as piores coisas possíveis. Por favor, conta.

– A gente vai dar um jeito. – Ela começou a se levantar.

– Tigris. – Ele a puxou de volta. – O que é?

Tigris enfiou a mão com relutância no bolso do casaco, tirou uma carta com o selo da Capital e entregou para ele.

– A cobrança do imposto chegou hoje.

Ela nem precisava dizer mais nada. Sua expressão dizia tudo. Sem dinheiro para os impostos e sem ter como pegar mais emprestado, os Snow acabariam perdendo a casa.



Coriolanus estivera em estado de negação em relação aos impostos, mas agora a realidade do despejo da família o acertou como um caminhão. Como ele poderia se despedir do único lar que conheceu? Da mãe, da infância, das doces lembranças da vida antes da guerra? Aquelas quatro paredes não só protegiam sua família do mundo, também protegiam a lenda da riqueza dos Snow. Ele estaria perdendo sua residência, sua história e sua identidade, tudo de uma vez só.

Eles tinham seis semanas para arrumar o dinheiro. Para juntar o equivalente à renda de Tigris do ano inteiro. Os primos tentaram avaliar o que ainda possuíam para vender, mas mesmo se vendessem todos os móveis e todas as recordações, só conseguiriam cobrir alguns meses, no máximo. E a cobrança do imposto continuaria chegando todos os meses, regularmente. Eles precisariam do dinheiro da venda de seus bens, por mais desprezível que fosse, para pagar o aluguel de uma moradia nova. Tinham que evitar o despejo a todo custo; a humilhação pública seria grande demais, duradoura demais. Eles precisavam se mudar.

– O que nós vamos fazer? – perguntou Coriolanus.

– Nada até os Jogos Vorazes terminarem. Você tem que se concentrar nisso pra conseguir aquele Prêmio Plinth, ou pelo menos algum outro. Eu cuido dessa parte – disse Tigris com firmeza. Ela preparou para ele uma xícara de leite quente adoçada com xarope de milho e fez carinho em sua cabeça latejante até ele adormecer. Ele sonhou com coisas violentas e perturbadoras, reprisou os eventos da arena, e acordou com o de sempre.

Pérola de Panem
Cidade majestosa,
Com o passar dos anos, você brilha mais.

Sua avó continuaria cantando no apartamento alugado em um ou dois meses? Ou estaria humilhada demais para erguer a voz de novo? Por mais que debochasse do recital matinal, a ideia o entristeceu.

Enquanto se vestia, os pontos no braço repuxaram, e ele lembrou que tinha que passar na Cidadela para que fossem verificados. Seu rosto ralado estava com cascas de ferida escuras, mas o inchaço tinha diminuído. Ele passou um pouco do pó da mãe, e embora não cobrisse as cascas de ferida, o aroma o acalmou um pouco.

A situação financeira desesperadora o fez aceitar as fichas que Tigris ofereceu sem hesitar. Para que economizar centavos se os dólares já não estavam presentes havia tanto tempo? No bonde, ele comeu o creme de nozes com biscoitos e tentou não comparar com os sanduíches de café da manhã da sra. Plinth. Passou pela cabeça dele que, por causa do resgate de Sejanus, os Plinth talvez lhe dessem um empréstimo, talvez até um pagamento pelo seu silêncio, mas sua avó nunca permitiria isso, e a ideia de um Snow rastejando perante um Plinth era impensável. Mas o Prêmio Plinth era uma jogada justa, e Tigris estava certa. Os dias seguintes determinariam seu futuro.

Na Academia, os dez mentores tomaram chá e se prepararam para as câmeras. A cada dia eles ficavam mais expostos. Os Idealizadores dos Jogos enviaram uma maquiadora, que conseguiu disfarçar as cascas de ferida de Coriolanus e dar forma às sobrancelhas dele. Ninguém parecia estar no clima de falar diretamente sobre os Jogos, exceto Hilarius Heavensbee, que não conseguia falar de mais nada.

– É diferente pra mim – disse Hilarius. – Olhei minha lista ontem à noite. Todos os tributos restantes receberam comida ou pelo menos água desde que entraram na arena. Menos Wovey, que sumiu. Onde ela está? Como eu poderia saber se ela não se encolheu e morreu dentro de um túnel? Pode ser que ela já esteja morta e eu aqui fazendo papel de idiota, brincando com minha pulseira de comunicação!

Coriolanus queria mandar que ele calasse a boca porque outras pessoas tinham problemas reais, mas acabou indo para uma cadeira na extremidade, ao lado de Festus, que estava mergulhado numa discussão com Persephone.

Lucky Flickerman começou o dia relembrando quais eram os tributos restantes e convidando Lepidus a colher comentários do grupo de mentores. Coriolanus foi o primeiro convocado, para falar sobre a situação tensa com Jessup. Ele fez questão de elogiar a forma brilhante como Lysistrata lidou com a situação da raiva e de agradecer pela generosidade nos últimos minutos de vida de Jessup. Virou-se para a seção onde os mentores dos tributos mortos ficavam, pediu que ela se levantasse e convidou a plateia a aplaudi-la. Além de fazer o que ele pediu, metade se levantou, e embora Lysistrata parecesse constrangida, Coriolanus achava que ela gostara da homenagem. Ele então acrescentou que tinha esperanças de agradecer de forma adequada cumprindo a previsão dela de que o vitorioso seria um tributo do Distrito 12, no caso Lucy Gray. Os espectadores podiam muito bem ver como seu tributo tinha sido inteligente. E não deviam esquecer que ela ficara ao lado de Jessup até o amargo fim. Mais uma vez, era um comportamento que se podia esperar de uma garota da Capital, mas dos distritos? Era algo a se pensar, o quanto as pessoas valorizavam personalidade no vitorioso dos Jogos Vorazes, o quanto ela refletia esses valores. Algo deve ter tocado os espectadores, porque pelo menos uns dez apitos soaram na pulseira de comunicação dele na mesma hora. Ele mostrou a pulseira para a câmera e agradeceu aos patrocinadores generosos.

Como se incapaz de aguentar toda aquela atenção dada a Coriolanus, Pup se inclinou para a frente e anunciou alto que tinha que enviar o café da manhã de Lamina! E mandou entregar um monte de comida e bebida. Ninguém podia competir com ela, pois era o único tributo visível na arena, e foi só mais uma oportunidade para Pup ser irritante. Coriolanus ficou grato por nenhum apito soar na pulseira do rival.

Sabendo que não seria chamado novamente até que todos os outros fossem entrevistados, Coriolanus adotou uma postura interessada, mas não prestou muita atenção ao que foi dito. A ideia de abordar o velho Strabo Plinth para pedir dinheiro (não por chantagem, claro, mas dando a ele a oportunidade de oferecer uma compensação financeira de agradecimento) ficou na cabeça dele.

E se Coriolanus aparecesse na casa dos Plinth para ver como estava a saúde de Sejanus? Ele tinha sofrido um corte feio na perna. Sim, e se ele passasse lá para ver o que aconteceria?

Lucky interrompeu a reflexão de Io sobre o que Circ poderia querer fazer com o drone ("Bem, se os diodos emissores de luz do drone não estiverem quebrados, ele pode conseguir elaborar uma espécie de lanterna, o que lhe daria grande vantagem à noite") para chamar a atenção dos espectadores para o surgimento de Reaper na barricada.

Lamina, que estava recolhendo água, pão e queijo de seis drones, arrumou as provisões na viga. Ela sequer deu atenção à chegada de Reaper, mas ele foi até ela com determinação, apontou para o sol e para a cara dela. Pela primeira vez, Coriolanus reparou no efeito que os longos dias ao ar livre estavam produzindo na pele de Lamina. Ela estava horrivelmente queimada de sol e seu nariz descascava. Olhando com mais atenção, a parte de cima dos pés descalços também parecia vermelha. Reaper apontou para a comida. Lamina coçou o pé e pareceu pensar na proposta dele, fosse qual fosse. Eles conversaram por um tempo e os dois assentiram, concordando. Reaper correu até o outro lado da arena e subiu pelo mastro até a bandeira de Panem. Puxou a faca comprida e enfiou no tecido pesado.

A audiência no salão emitiu protestos altos. O desrespeito pela bandeira nacional abalou as pessoas. Quando Reaper começou a cortar a bandeira no tamanho de um cobertor pequeno, a inquietação aumentou. Isso não podia passar em branco. Ele tinha que ser punido de alguma forma. Mas considerando que estar nos Jogos Vorazes era a maior punição que existia, ninguém sabia o que fazer efetivamente.

Lepidus correu até Clemensia para perguntar o que ela achava da ação do tributo.

– Bom, é uma ação idiota, não é? Quem vai patrociná-lo agora?

– Não que importe, já que você nunca manda comida pra ele – observou Pup.

– Eu vou mandar comida quando ele fizer alguma coisa que mereça – disse Clemensia. – Mas acho que você já cuidou disso hoje.

Pup franziu a testa.

– Eu?

Clemensia indicou a tela enquanto Reaper corria de volta até a viga. As negociações entre ele e Lamina continuaram. Depois do que pareceu ser uma contagem até três, Reaper jogou o pedaço da bandeira embolado enquanto Lamina jogava um pedaço de pão para ele. A bandeira não voou alto o bastante para ela pegar. Mais negociações foram feitas. Quando Reaper finalmente entregou a bandeira, depois de várias tentativas, ela o recompensou com um pedaço de queijo.

Não era uma aliança oficial, mas a troca pareceu uni-los um pouco. Enquanto Lamina abria a bandeira e a botava em cima da cabeça, Reaper se sentou encostado em um poste e comeu o pão e o queijo. Eles não voltaram a se falar, mas uma calma relativa tomou conta dos dois, e quando o grupo apareceu do outro lado da arena, Lamina apontou para eles. Reaper assentiu em agradecimento e voltou para trás da barricada.

Coral, Mizzen e Tanner se sentaram nas arquibancadas e fizeram gestos de comer. Festus, Persephone e Domitia acataram com os pedidos e os três tributos compartilharam pão, queijo e maçãs levados pelos drones.

De volta ao estúdio, Lucky tinha levado seu papagaio de estimação, Jubilee, para o set e passou vários minutos tentando convencê-lo a dizer "Oi, bonitão!" para o reitor Highbottom. A ave, uma criatura lamentável lutando contra um problema de sarna, ficou empoleirada e muda no pulso de Lucky enquanto o reitor esperava de braços cruzados.

– Ah, fala! Anda! "Oi, bonitão! Oi, bonitão!"

– Acho que ele não quer falar, Lucky – disse o reitor Highbottom depois de um tempo. – Talvez não me ache bonitão.

– O quê? Rá! Nãããão. Ele só fica tímido na frente de estranhos. – Ele ofereceu a ave. – Quer segurar?

O reitor se encostou na cadeira.

– Não.

Lucky puxou Jubilee para o peito e fez carinho nas penas com a ponta do dedo.

– E então, reitor Highbottom, o que você acha de tudo isso?

– Tudo… o quê? – perguntou o reitor Highbottom.

– Todas essas coisas. Tudo que está acontecendo nos Jogos Vorazes. – Lucky balançou a mão no ar. – Tudo!

– Bom, estou notando uma nova interatividade nos Jogos – disse o reitor Highbottom.

Lucky assentiu.

– Interatividade. Continue.

– Desde o começo. Até antes, na verdade. Quando houve o bombardeio na arena, não foram só participantes que se foram. A paisagem mudou – prosseguiu o reitor.

– A paisagem mudou – repetiu Lucky.

– Sim. Agora, nós temos a barricada. A viga. Acesso aos túneis. É uma arena novinha, e isso fez os tributos se comportarem de um jeito novo – explicou o reitor.

– E nós temos drones! – disse Lucky.

– Isso mesmo. Agora, a plateia é um participante ativo dos Jogos. – O reitor Highbottom inclinou a cabeça na direção de Lucky. – E você sabe o que isso significa.

– O quê? – disse Lucky.

O reitor falou as palavras seguintes lentamente, como se estivesse conversando com uma criança pequena:

– Significa que estamos todos na arena juntos, Lucky.

Lucky franziu a testa.

– Hã. Não entendi direito.

O reitor Highbottom bateu com o dedo na têmpora.

– Pensa bem.

– Oi, bonitão – grasniu Jubilee com desânimo.

– Ah, pronto! Eu falei, não falei? – gabou-se Lucky.

– Falou – admitiu o reitor. – Ainda assim, foi inesperado.

Não aconteceu mais nada antes do almoço. Lucky fez a previsão do tempo de cada distrito, com o incentivo da companhia de Jubilee, mas a ave se recusou a abrir o bico de novo, e Lucky começou a falar com a voz aguda.

– Como está o tempo no Distrito 12, Jubilee? *Vai ter neve, Lucky.* Neve em julho, Jubilee? *A neve do Coriolanus. Snow, de neve, entendeu?*

Coriolanus fez sinal de positivo quando mostraram a reação dele. Ele não conseguia acreditar que aquela era sua vida.

O almoço decepcionou, pois no cardápio só havia sanduíches de creme de nozes, e ele tinha lanchado creme de nozes no café da manhã. Ele comeu porque comia qualquer coisa que fosse de graça e era importante manter a força. Uma agitação se espalhou pelo salão, indicando que tinha algo acontecendo na tela, e ele correu de volta para seu lugar. Teria Lucy Gray reaparecido?

Não tinha, mas a preguiça matinal do grupo cedera lugar à determinação. Os três atravessaram a arena até estarem embaixo da viga de Lamina. Ela não deu bola no começo, mas quando Tanner começou a bater com uma espada em um dos postes, ela ficou atenta. Lamina se sentou e observou o grupo, e devia ter sentido uma mudança no ar, porque puxou o machado e a faca e os poliu na bandeira.

Depois de uma breve agitação, na qual os tributos do Distrito 4 entregaram os tridentes para Tanner, o bando se separou. Coral e Mizzen foram cada um para um dos postes de metal que sustentavam a viga, e Tanner ficou parado diretamente embaixo de Lamina, segurando o par de tridentes. Com as facas nos dentes, Coral e Mizzen assentiram um para o outro e começaram a escalar seus postes.

Festus se mexeu na cadeira.

– Lá vamos nós.

– Eles não vão conseguir – disse Pup com agitação.

– Eles são treinados pra trabalhar em navios. Sobem cordas o tempo todo – observou Persephone.

– Cordames – disse Festus.

– Sim, entendi. Meu pai é comandante, afinal – disse Pup. – Subir em cordas é diferente. Os postes são mais como árvores.

Mas Pup estava irritando todo mundo, e os mentores sem tributo no confronto pareceram ansiosos para comentar.

– E os mastros? – perguntou Vipsania.

– E hastes? – contribuiu Urban.

– Eles não vão conseguir – disse Pup.

Mesmo que o par do Distrito 4 não tivesse o estilo tranquilo de Lamina, eles estavam conseguindo, subiam lentamente, cada vez mais alto. Tanner os orientou, pedindo a Coral para esperar um momento quando Mizzen ficou para trás.

– Olha, eles estão sincronizando pra chegar no alto juntos – disse Io. – Eles estão fazendo com que ela escolha com quem lutar, e aí o outro vai chegar na viga.

– Aí ela mata um e desce – disse Pup.

– Onde Tanner vai estar esperando – lembrou Coriolanus.

– Bom, eu sei disso! – disse Pup. – O que vocês querem que eu faça? Eles não estão espumando com raiva, algo que se resolve fácil mandando água!

– Essa ideia nunca teria passado pela sua cabeça por conta própria – disse Festus.

– Claro que teria – disse Pup com rispidez. – Calem a boca! Vocês todos!

O silêncio se espalhou, mas mais porque Coral e Mizzen estavam chegando no alto. A cabeça de Lamina ficou se virando de um lado para o outro, enquanto decidia quem confrontar. Então foi na direção de Coral.

– Não, não a garota, o garoto! – exclamou Pup, ficando de pé. – Agora ela vai ter que lutar com o garoto na viga.

– Eu faria o mesmo. Não ia querer lutar contra aquela garota lá em cima – disse Domitia, e múrmuros de concordância soaram entre alguns mentores.

– Não? – Pup reconsiderou. – Talvez você esteja certa.

Lamina chegou na ponta da viga e golpeou com o machado na direção de Coral sem hesitar, quase acertando a cabeça da garota, mas só arrancando um tufo de cabelo. Coral recuou, desceu um metro, mas Lamina golpeou mais algumas vezes, como se para deixar a situação bem clara. Como esperado, isso deu a Mizzen tempo de subir na viga, mas quando Tanner jogou o tridente para ele, a arma só percorreu dois terços do caminho e caiu no chão. Lamina deu um último golpe em Coral e foi rapidamente na direção de Mizzen. Ele não era páreo para os pés firmes dela na viga e só conseguiu dar alguns passos hesitantes antes que ela o alcançasse. Tanner foi melhor no segundo arremesso, mas o tridente quicou na parte de baixo da viga e caiu na terra. Como tinha se agachado para tentar pegar, Mizzen se empertigou na hora que Lamina chegou

já batendo com a parte achatada do machado na parte externa do joelho dele. A força do golpe desequilibrou os dois. Mas enquanto ela se recuperava montando na viga, Mizzen caiu, perdendo a faca e se segurando por pouco com um braço.

Até o sistema de som da arena captou o grito de guerra de Coral quando ela alcançou o topo. Tanner correu até a ponta dela e conseguiu jogar o tridente para a garota. A facilidade com que Coral pegou a arma no ar extraiu algumas exclamações de admiração da plateia da Capital. Lamina fitou Mizzen, mas a condição indefesa dele não era ameaça imediata, e ela se virou e se preparou para o ataque de Coral. Lamina tinha melhor equilíbrio, mas a arma de Coral tinha maior alcance. Depois que Lamina conseguiu bloquear os primeiros golpes com o machado, Coral manuseou o tridente em um movimento giratório que distraiu o olhar antes de entrar no abdome da oponente. Coral soltou a arma e deu um passo para trás, usando a faca como apoio, mas não foi necessário. Lamina caiu da viga e morreu com o impacto.

– Não! – gritou Pup, e a palavra ecoou por Heavensbee Hall. Ele ficou imóvel por um momento, pegou a cadeira e saiu da área dos mentores, ignorando o microfone esticado de Lepidus. Ele botou a cadeira ao lado da de Livia e saiu do salão. Coriolanus achou que ele estava tentando não chorar.

Coral foi até Mizzen e ficou parada acima dele por um momento desconcertante, no qual Coriolanus se perguntou se ela estava planejando chutar o braço dele, fazendo-o despencar para o mesmo destino de Lamina. Mas ela se sentou na viga, travou as pernas para ter apoio e o ajudou a subir. O machado tinha ferido o joelho dele, mas era difícil avaliar a gravidade. Ele meio deslizou e meio ativamente desceu pelo poste, seguido por Coral, que pegou o tridente sem uso no chão, onde Tanner o tinha abandonado. Mizzen se apoiou no poste e testou o joelho.

Depois de executar um tipo de dança ao lado do corpo de Lamina, Tanner foi até ele. Mizzen sorriu e levantou as mãos para uma comemoração de vitória. Tanner tinha acabado de fazer contato quando Coral enfiou o segundo tridente nas costas dele. Ele caiu para a frente, em cima de Mizzen, que, apoiado no poste, o empurrou para longe. Tanner deu meia-volta, uma da mãos apalpando inutilmente as costas, como se tentando desalojar o tridente, mas as pontas

farpadas tinham entrado fundo. Ele caiu de joelhos, a expressão mais magoada do que chocada, e tombou de cara na terra. Mizzen terminou o serviço com uma faca no pescoço de Tanner. Mizzen voltou e se sentou encostado no poste enquanto Coral cortava uma tira do pano de bandeira de Lamina e começava a enrolar o joelho dele.

No estúdio, o rosto de Lucky se repuxou em uma máscara cômica de choque.

– Vocês viram o que eu vi?

Domitia tinha recolhido suas coisas em silêncio, os lábios apertados de decepção. Mas quando Lepidus ofereceu o microfone a ela, a garota falou com voz calma e distante:

– Foi uma surpresa. Eu achava que Tanner podia ganhar. E provavelmente teria ganhado se os aliados não o tivessem traído. Acho que esta é a mensagem. Cuidado com as pessoas em quem você confia.

– Dentro e fora da arena – disse Lepidus, assentindo com expressão sábia.

– Em todo lugar – concordou Domitia. – Sabe, Tanner era uma pessoa de natureza boa. E o Distrito 4 tirou vantagem disso. – Ela olhou com tristeza para Festus e Persephone, sugerindo que isso refletia mal neles, e Lepidus estalou a língua com reprovação. – Foi uma das muitas coisas que aprendi sendo mentora nos Jogos Vorazes. Sempre vou valorizar minha experiência aqui e desejo aos mentores que restaram toda a sorte do mundo.

– Belas palavras, Domitia. Acho que você acabou de mostrar aos seus colegas mentores como ser uma boa perdedora – disse Lepidus. – Lucky?

A imagem revelou Lucky tentando atrair Jubilee para que descesse de um candelabro com um biscoito.

– O quê? Você não vai falar com o outro? Qual é o nome dele? O filho do comandante?

– Ele se recusou a comentar – disse Lepidus.

– Bom, vamos voltar ao show! – disse Lucky.

Mas o show tinha acabado por enquanto. Coral terminou o curativo no joelho de Mizzen e recolheu os tridentes, retirando-os dos corpos das vítimas. Sem qualquer pressa, Mizzen foi mancando junto com Coral até o túnel de preferência deles.

Satyria se aproximou e mandou os mentores rearrumarem as cadeiras em duas filas de quatro. Io, Urban, Clemensia e Vipsania na frente. Coriolanus, Festus, Persephone e Hilarius atrás. A dança das cadeiras continuava.

Talvez as indignidades de ser marionete de Lucky tivessem passado dos limites, pois Jubilee se recusou a descer do candelabro. Lucky contou com o apoio dos correspondentes em Heavensbee Hall e na frente da arena, onde o público havia montado áreas de torcida para os vários tributos. O time Lucy Gray estava bem representado por jovens e velhos, homens e mulheres e até alguns Avoxes… mas eles não contavam, pois tinham sido levados para segurar cartazes.

Coriolanus queria que Lucy Gray pudesse ver quantas pessoas a amavam. Queria que ela soubesse como ele a defendia. Ele tinha ficado mais ativo, chamando Lepidus durante momentos de calmaria e fazendo elogios enormes a Lucy Gray. Como resultado, as dádivas de patrocinadores dela tinham chegado a um novo ápice, e ele estava confiante de que poderia alimentá-la por uma semana. Não havia mais nada a fazer além de assistir e esperar.

Treech apareceu só para pegar o machado de Lamina e para Vipsania enviar comida. Teslee pegou outro drone caído e recebeu comida de Urban. Quase mais nada aconteceu até o fim da tarde, quando Reaper saiu da barricada, esfregando os olhos para despertar. Ele pareceu não conseguir entender a cena que encontrou, os corpos de Tanner e particularmente o de Lamina. Depois de andar em volta dos dois por um tempo, ele pegou Lamina, carregou-a até onde estavam os corpos de Bobbin e Marcus e os posicionou em uma fila de três no chão. Após um tempo, andou em volta da viga e arrastou Tanner até o lado de Lamina. Durante a hora seguinte, ele recolheu primeiro Dill e depois Sol para acrescentá-las ao seu necrotério improvisado.

Jessup foi o único que ficou de fora. Reaper devia estar com medo de pegar raiva. Ele enfileirou os cadáveres e espantou as moscas que tinham aparecido. Depois de parar por um momento para pensar, ele voltou e cortou um segundo pedaço da bandeira, botou por cima dos corpos e provocou uma nova onda de ultraje no salão. Reaper abriu o pedaço de bandeira que era de Lamina e amarrou sobre os ombros como uma capa. A capa pareceu inspirá-lo, e ele começou a girar lentamente, olhando para trás para vê-la esvoaçar. Reaper saiu

correndo e abriu a bandeira com os braços, como se fossem asas esticadas ao sol. Exausto pelas atividades do dia, ele subiu na arquibancada e esperou.

– Ah, pelo amor de Deus, manda comida pra ele, Clemmie! – disse Festus.

– Cuida da sua vida – disse Clemensia.

– Você não tem coração – disse Festus.

– Eu sou uma boa gerente. Esses Jogos Vorazes podem acabar sendo longos. – Ela abriu um sorriso desagradável para Coriolanus. – E eu não o abandonei nem nada.

Coriolanus pensou em convidá-la para ir à Cidadela para sua consulta de revisão. Seria bom ter companhia, e ela poderia visitar as cobras.

Às cinco horas, o corpo estudantil foi dispensado, e só os oito mentores restantes se reuniram para comer bolo e ensopado de carne. Ele estaria mentindo se dissesse que tinha saudade de Domitia e menos ainda de Pup, mas sentia falta da barreira que eles criavam entre Coriolanus e gente como Clemensia, Vipsania e Urban. Até Hilarius, com suas histórias tristes sobre ser um Heavensbee, tinha se tornado um fardo. Quando Satyria os liberou por volta das oito, ele foi direto para a porta, torcendo para não ser tarde para o braço ser examinado.

Os guardas da Cidadela o reconheceram, e depois que revistaram sua mochila, ele pôde ficar com ela e ir até o laboratório sem escolta. Ele vagou um pouco até encontrar o destino e ficou esperando meia hora na clínica até uma médica aparecer. Ela verificou seus sinais vitais, examinou os pontos, que estavam funcionando, e mandou que ele esperasse.

Uma energia incomum se espalhou pelo laboratório. Passos rápidos, vozes erguidas, ordens impacientes. Coriolanus prestou atenção, mas não conseguiu identificar a causa da agitação. Ele ouviu as palavras *arena* e *Jogos* mais de uma vez e se perguntou que ligação haveria. Quando a dra. Gaul finalmente apareceu, ela só deu uma olhada rápida nos pontos.

– Mais alguns dias – confirmou ela. – Me diga, sr. Snow, você conhecia Gaius Breen?

– Conhecia? – perguntou Coriolanus, percebendo o uso do pretérito na mesma hora. – Conheço. Nós somos colegas de turma. Sei que ele perdeu as pernas na arena. Ele…

– Ele está morto. Complicações do bombardeio – disse a dra. Gaul.

– Ah, não. – Coriolanus não conseguiu assimilar. Gaius, morto? Gaius Breen? Ele se lembrou de uma piada que o colega tinha contado recentemente, sobre quantos rebeldes eram necessários para amarrar um sapato. – Eu nem o visitei no hospital. Quando é o funeral?

– Isso está sendo resolvido. Você precisa guardar segredo até fazermos um anúncio oficial – avisou ela. – Só estou contando agora para que pelo menos algum de vocês tenha algo inteligente a dizer para Lepidus. Acredito que você consiga providenciar isso.

– Sim, claro. Vai ser estranho anunciar durante os Jogos. Como se fosse uma vitória dos rebeldes – disse Coriolanus.

– Exatamente. Mas fique tranquilo, haverá repercussões. Na verdade, foi sua garota que me deu a ideia. Se ela vencer, temos que trocar umas ideias. E não esqueci que você me deve uma redação. – Ela saiu e fechou a cortina ao passar.

Liberado, Coriolanus abotoou a camisa e pegou a mochila. Sobre o que mesmo ele tinha que escrever? Alguma coisa relacionada a caos? Controle? Contratos? Ele tinha quase certeza de que começava com *C*. Quando se aproximou do elevador, ele encontrou dois assistentes de laboratório à frente, tentando colocar um carrinho lá dentro. No carrinho havia um tanque enorme e cheio das cobras que atacaram Clemensia.

– Ela mandou levar o cooler? – perguntou um dos assistentes.

– Não que eu lembre – disse a outra assistente. – Achei que elas tivessem sido alimentadas. Melhor verificarmos. Se estivermos errados, ela vai ficar louca. – Ela reparou em Coriolanus. – Desculpe, precisamos sair.

– Tudo bem – disse ele, e chegou para o lado para os dois poderem tirar o tanque. As portas do elevador se fecharam e ele ouviu o zumbido dele subindo.

– Ah, desculpe. Volta em um minuto – disse a segunda assistente.

– Tudo bem – repetiu Coriolanus. Mas ele estava começando a desconfiar de um grande problema. Ele pensou na agitação no laboratório, nos Jogos terem sido citados e na dra. Gaul prometendo repercussão. – Aonde vocês estão levando as cobras? – perguntou da forma mais inocente possível.

– Ah, só pra outro laboratório – disse um, mas os assistentes trocaram um olhar. – Vamos lá, o cooler precisa de duas pessoas. – Ambos entraram no

laboratório e o deixaram sozinho com o tanque. *"Na verdade, foi sua garota que me deu a ideia."* Sua garota. Lucy Gray. Que fez uma entrada grandiosa nos Jogos Vorazes jogando uma cobra dentro do vestido da filha do prefeito. *"Se ela vencer, temos que trocar umas ideias."* Ideias sobre o quê? Como usar cobras como armas? Ele ficou olhando para os répteis sinuosos, imaginando-os sendo soltos na arena. O que fariam? Será que se esconderiam? Caçariam? Atacariam? Mesmo que ele soubesse como cobras se comportavam, e ele não sabia, ele duvidava que aquelas se adequassem a qualquer norma, pois tinham sido geneticamente projetadas pela dra. Gaul.

Com uma pontada aguda, Coriolanus teve uma visão de Lucy Gray no encontro final dos dois, segurando a mão dele enquanto ele prometia que podiam vencer. Mas não havia como ele protegê-la das criaturas no tanque, tanto quanto não podia protegê-la de tridentes e espadas. Pelo menos, ela podia se esconder desses últimos. Ele não tinha certeza, mas achava que as serpentes iriam direto para os túneis. A escuridão não afetaria o olfato delas. Elas não reconheceriam o cheiro de Lucy Gray, assim como não reconheceram o de Clemensia. Lucy Gray gritaria e cairia no chão, os lábios ficando roxos e sem sangue, enquanto pus rosa, azul e amarelo escorreria para o vestido de babados… Era isso! O que as serpentes o tinham lembrado na primeira vez que as viu. Elas combinavam com o vestido. Como se sempre tivessem sido o destino dela…

Sem saber bem como, Coriolanus percebeu que estava com o lenço na mão, enrolado em uma bola como se fosse um acessório de um dos truques de mágica de Lucky. Ele foi até o tanque de serpentes, as costas viradas para a câmera de segurança, e se inclinou e apoiou as mãos na tampa, como se fascinado por elas. Daquele ponto de vista, ele assistiu enquanto o lenço caía pela portinhola e desaparecia entre o arco-íris de corpos.



O que tinha feito? O que foi que ele tinha feito? Seu coração estava disparado quando ele entrou cegamente em uma rua e depois em outra, tentando entender suas ações. Não conseguia pensar claramente, mas tinha a sensação horrível de que tinha ultrapassado um limite e que não dava para voltar atrás.

A avenida parecia preenchida de olhares. Havia poucos pedestres e motoristas, mas seus olhos davam a impressão de fixar-se em Coriolanus. Ele entrou em um parque e se escondeu nas sombras, em um banco cercado de arbustos. Obrigou-se a controlar a respiração, contando quatro segundos de inspiração e quatro de expiração, até o sangue parar de latejar nos ouvidos. Só então ele tentou pensar racionalmente.

Então ele jogara o lenço com o cheiro de Lucy Gray, o que estava no bolso externo da mochila, no tanque de serpentes. Fez isso para que não a picassem como fizeram com Clemensia. Para que não a matassem. Porque gostava dela. Mas realmente fizera isso porque gostava dela? Ou porque queria que ela vencesse os Jogos Vorazes para ele garantir o Prêmio Plinth? Se o motivo fosse o último, ele tinha trapaceado para vencer, essa era a verdade.

Espere. Você não sabia se as serpentes iam para a arena, pensou ele. Os assistentes disseram outra coisa. Não havia histórico de algo assim acontecendo. Talvez tivesse sido só um ataque temporário de loucura. E mesmo que as serpentes acabassem na arena, seria possível que Lucy Gray nunca as encontrasse. Era um lugar enorme e ele não achava que serpentes rastejavam por aí atacando as pessoas aleatoriamente. Era preciso pisar nelas,

algo assim. E mesmo que ela encontrasse uma serpente e que a serpente não a picasse, como alguém poderia conectar isso a ele? Exigia conhecimento demais e um nível de acesso que ninguém acharia que ele tinha. E um lenço com o cheiro dela. Por que ele teria isso? Estava tudo bem. Ele ficaria bem.

Menos o limite. Quer alguém descobrisse os atos dele ou não, ele sabia que tinha passado do limite. Na verdade, sabia que estava dançando em cima dele havia um tempo. Como quando ele pegou a comida de Sejanus no refeitório para dar para Lucy Gray. Fora uma pequena infração, motivada pelo seu desejo de mantê-la viva e pela sua raiva pela negligência dos Idealizadores dos Jogos. Havia espaço ali para uma discussão sobre o mínimo de decência. Mas não foi um incidente isolado. Ele enxergava tudo agora, a ladeira escorregadia das semanas anteriores que tinha começado com o resto da comida de Sejanus e terminava com ele ali, tremendo na escuridão em um banco de parque deserto. O que o aguardava mais abaixo se ele não conseguisse parar de descer a ladeira? De que mais ele seria capaz? Bom, era o suficiente. Era hora de parar. Se ele não tinha honra, não tinha nada. Não haveria mais enganação. Não haveria mais estratégias desonestas. Não haveria mais racionalização. Dali em diante, ele viveria com honestidade, e se acabasse virando um mendigo, pelo menos ele seria um mendigo decente.

Seus pés o tinham levado para longe de casa, mas ele percebeu que o apartamento dos Plinth ficava a poucos minutos dali. Por que não aparecer por lá?

Uma Avox de roupa de empregada abriu a porta e fez sinal para perguntar se devia pegar a mochila dele. Ele recusou e perguntou se Sejanus estava livre. Ela o levou até uma sala e fez sinal para ele se sentar. Enquanto esperava, ele observou os móveis com ar de quem sabia avaliar. Móveis bons, tapete grosso, tapeçarias bordadas, um busto de bronze de alguém. Apesar de o prédio não ter impressionado, não houve economia no interior. Os Plinth só precisavam de um endereço na Corso para solidificar seu status.

A sra. Plinth entrou, cheia de pedidos de desculpas e floreios. Parecia que Sejanus tinha ido dormir cedo e ela estava na cozinha. Ele gostaria de descer por um momento para tomar um chá? Ou talvez ela devesse servir o chá ali, como os Snow fizeram. Não, não, garantiu ele, na cozinha seria ótimo. Como

se alguém além dos Plinth servissem um convidado na cozinha. Mas ele não tinha ido lá para criticar. Tinha ido para ouvir agradecimentos, e se isso envolvesse comida, melhor ainda.

– Quer torta? Tem de amora. Ou de pêssego se você quiser esperar. – Ela indicou duas tortas recém-montadas na bancada, aguardando para irem ao forno. – Ou bolo? Fiz ambrosia esta tarde. Os Avoxes gostam mais de ambrosia porque, sabe como é, são mais fáceis de engolir. Café ou chá ou leite? – As linhas entre as sobrancelhas dela aumentaram de ansiedade, como se nada que ela pudesse oferecer fosse bom o bastante.

Apesar de ter jantado, os eventos na Cidadela e a caminhada o tinham esgotado.

– Ah, leite, por favor. E a torta de amora seria perfeita. Ninguém chega aos pés das coisas que a senhora faz.

A mãe de Sejanus encheu um copo grande até a borda. Cortou um quarto da torta e botou em um prato.

– Você gosta de sorvete? – perguntou ela. Várias bolas de sorvete de creme foram acrescentadas. Ela puxou uma cadeira da mesa de madeira surpreendentemente simples. Ficava debaixo de um bordado de uma montanha com uma única palavra: LAR. – Minha irmã me mandou isso. Ela é a única com quem ainda tenho contato. Ou que mantém contato comigo, acho. Não combina com o resto da casa, mas tenho meu cantinho aqui. Por favor, sente-se. Coma.

O cantinho dela exibia uma mesa com três cadeiras que não combinavam, o bordado e uma prateleira cheia de coisinhas estranhas. Um saleiro e um pimenteiro em formato de galo, um ovo de mármore e uma boneca com roupa de retalhos. Devia ser o total de bens que ela levara para a Capital, desconfiava Coriolanus. O templo dela em homenagem ao Distrito 2. Era lamentável o apego que ela tinha àquela região montanhosa atrasada. Uma pobre pessoa deslocada sem esperanças de se encaixar, que passava os dias fazendo ambrosia para Avoxes, que não sentiam gosto de nada, e desejando o passado. Ele a viu colocar as tortas no forno e comeu um pedaço da sua fatia. Suas papilas gustativas pularam de prazer.

– Como está? – perguntou ela com ansiedade.

– Maravilhosa – disse ele. – Como tudo que a senhora cozinha, sra. Plinth. – Não era exagero. Ela podia ser uma pessoa patética, mas era uma artista na cozinha.

Ela se permitiu um pequeno sorriso e se juntou a ele à mesa.

– Bom, se quiser repetir, nossa porta está sempre aberta. Nem sei como começar a agradecer a você, Coriolanus, pelo que fez por nós. Sejanus é minha vida. Sinto muito que ele não possa recebê-lo. Ele tomou muito daquele sedativo. Não consegue dormir se não for assim. Está com tanta raiva, tão perdido. Bom, não preciso dizer como ele está infeliz.

– A Capital não é o melhor lugar pra ele – disse Coriolanus.

– Pra Plinth nenhum, na verdade. Strabo diz que embora seja difícil pra nós agora, vai ser melhor para o Sejanus e os filhos dele, mas não sei. – Ela olhou para a prateleira. – A família e os amigos, isso é a vida real, Coriolanus, e deixamos os nossos no 2. Mas você já sabe disso. Eu vejo que sabe. Fico feliz que tenha sua avó e aquele doce de prima.

Coriolanus se viu tentando animá-la, dizendo que as coisas ficariam melhores depois que Sejanus se formasse na Academia. A Universidade tinha mais gente, pessoas diferentes vindas de toda a Capital, e com certeza ele faria novos amigos.

A sra. Plinth assentiu, mas não pareceu convencida. A empregada Avox chamou a atenção dela e se comunicou por uma espécie de linguagem de sinais.

– Certo, ele vai subir depois que terminar a torta – disse a sra. Plinth. – Meu marido gostaria de vê-lo se você não se importar. Acho que ele quer agradecer.

Quando Coriolanus engoliu o último pedaço de torta, ele deu boa-noite à sra. Plinth e seguiu a empregada pela escada até o andar principal. O tapete grosso silenciava os passos e eles chegaram à porta aberta da biblioteca sem chamar atenção, então ele pôde dar uma boa olhada em Strabo Plinth de guarda baixa. O homem estava parado na frente de uma imponente lareira de pedra, olhando para onde haveria uma chama na próxima estação do ano. Agora o vão estava frio e vazio, e Coriolanus teve que se perguntar o que ele via lá que provocava a expressão de profunda tristeza no rosto dele. Uma das mãos

segurava a lapela de veludo do paletó caro, que parecia deslocado, como o vestido de marca da sra. Plinth e o terno de Sejanus. O guarda-roupa dos Plinth sempre sugeria que eles estavam se esforçando demais para serem da Capital. A qualidade inquestionável das roupas se chocava com a personalidade de distrito em vez de disfarçar, assim como sua avó vestindo um saco de batatas ainda teria a cara de alguém que mora na Corso.

O sr. Plinth o encarou, e Coriolanus teve uma sensação da qual se lembrava de encontros com o próprio pai, uma mistura de ansiedade e constrangimento, como se, naquele momento, ele tivesse sido pego fazendo alguma besteira. Mas aquele homem era um Plinth, não um Snow.

Coriolanus abriu seu melhor sorriso da alta sociedade.

– Boa noite, sr. Plinth. Não estou incomodando?

– De jeito nenhum. Entre. Sente-se. – O sr. Plinth indicou as poltronas de couro à frente da lareira e não as que ficavam junto à imponente escrivaninha de carvalho. Era pessoal, então, não negócios. – Você comeu? Claro, seria impossível sair da cozinha sem minha esposa entupir você como se estivesse recheando um peru. Quer uma bebida? Um uísque, talvez?

Os adultos nunca lhe ofereciam uma bebida mais forte do que posca, que subia rapidamente à cabeça. Ele não podia correr esse risco naquela conversa.

– Não sei se iria caber – disse ele rindo e batendo na barriga enquanto se sentava numa poltrona. – Mas fique à vontade.

– Ah, eu não bebo. – O sr. Plinth se sentou na poltrona em frente e examinou Coriolanus. – Você se parece com seu pai.

– Eu ouço muito isso. O senhor o conheceu?

– Nossos negócios se sobrepuseram algumas vezes. – Ele bateu com os longos dedos no braço da poltrona. – É impressionante a semelhança. Mas você não é nada como ele, na verdade.

Não, pensou Coriolanus. *Sou pobre e não tenho poder nenhum.* Se bem que talvez essas diferenças fossem boas para o objetivo daquela noite. Seu pai, que odiava os distritos, teria abominado ver Strabo Plinth sendo aceito na Capital e se tornando um titã da indústria de munição. Não foi para isso que ele dera a vida na guerra.

– Nem um pouco como ele. Senão, você não teria entrado naquela arena pra buscar o meu filho – continuou o sr. Plinth. – É impossível imaginar Crassus Snow arriscando a vida por mim. Fico me perguntando por que você fez aquilo.

Não tive muita escolha, pensou Coriolanus.

– Ele é meu amigo – disse ele.

– Por mais que eu ouça isso, é difícil de acreditar. Mas mesmo desde o começo, Sejanus separou você do resto. Será que você puxou sua mãe, hein? Ela sempre foi gentil comigo quando eu vinha aqui a negócios antes da guerra. Apesar do meu passado. A própria definição de dama. Nunca esqueci. – Ele olhou duramente para Coriolanus. – Você é como sua mãe?

A conversa não se desenrolava como Coriolanus tinha imaginado. Onde estava a conversa sobre a recompensa em dinheiro? Ele não poderia ser persuadido a aceitar se isso não fosse oferecido.

– Eu gostaria de pensar que sim, em alguns aspectos.

– Em que aspectos? – perguntou o sr. Plinth.

Aquela sequência de perguntas estava estranha. De que forma ele era como aquela criatura cheia de amor e carinho que cantava para ele dormir todas as noites?

– Bem, nós dois tínhamos um gosto pela música. – Era verdade? Ela gostava de música e ele não odiava, achava.

– Música, é? – disse o sr. Plinth, como se Coriolanus tivesse dito algo frívolo como nuvens fofinhas.

– E acho que nós dois acreditamos que a boa sorte era… algo a ser retribuído… diariamente. Não para ser visto como natural – acrescentou. Ele não fazia ideia do que aquilo queria dizer, mas pareceu fazer sentido para o sr. Plinth.

Ele pensou na questão.

– Eu concordaria com isso.

– Ah, que bom. Sim, bem, então… Sejanus – lembrou Coriolanus.

O rosto do sr. Plinth exibiu cansaço.

– Sejanus. Obrigado, a propósito, por ter salvado a vida dele.

– Não precisa agradecer. Como falei, ele é meu amigo. – Agora era a hora. A hora do dinheiro, da recusa, da persuasão, da aceitação.

– Que bom. Bem, acho melhor você voltar pra casa. Seu tributo ainda está nos Jogos, certo? – perguntou o sr. Plinth.

Abalado pela dispensa, Coriolanus se levantou da poltrona.

– Ah. Sim. Isso mesmo. Eu só queria ver como Sejanus estava. Ele vai voltar logo pra escola?

– Não dá para saber. Mas obrigado por vir aqui.

– Claro. Diga que sentimos falta dele. Boa noite.

– Boa noite. – O sr. Plinth assentiu. Nada de dinheiro. Nem mesmo um aperto de mão.

Coriolanus foi embora abalado e decepcionado. A bolsa pesada de comida e o chofer designado para levá-lo para casa foram um prêmio de consolação decente, mas no final a visita tinha sido uma perda de tempo, principalmente quando a redação da dra. Gaul ainda aguardava por ele. O "*bom acréscimo à sua candidatura ao prêmio*". Por que tudo tinha que ser uma batalha para ele?

Coriolanus contou para Tigris que tinha ido visitar Sejanus, e ela não pediu mais explicações para a demora dele. Ela preparou uma xícara do chá especial de jasmim, que era uma extravagância, assim como o uso das fichas, mas quem se importava agora? Ele se sentou para trabalhar e escreveu as três palavras com *C* em um pedaço de papel. Caos, controle e qual era a terceira? Ah, sim. Contrato. O que aconteceria se ninguém estivesse no controle da humanidade? Era esse o tópico que ele tinha que abordar. E ele dissera que havia caos. E a dra. Gaul mandou que ele partisse daí.

Caos. Extrema desordem e confusão. "*Como quando se está na arena*", dissera a dra. Gaul. Aquela "*oportunidade maravilhosa*", como ela chamou. "*Transformadora*." Coriolanus pensou na sensação de estar na arena, onde não havia regras, não havia leis, não havia consequências para as ações das pessoas. O ponteiro da sua bússola moral girou loucamente, sem direção. Alimentado pelo terror de ser a presa, com a rapidez que ele havia se tornado predador, sem reserva nenhuma em bater em Bobbin até ele morrer. Ele tinha se transformado sim, mas não em algo que lhe desse orgulho; e, sendo um Snow, ele tinha mais autocontrole do que a maioria. Coriolanus tentou imaginar

como seria se o mundo todo jogasse pelas mesmas regras. Sem consequências. As pessoas pegando o que quisessem, quando quisessem, matando pelo que queriam se necessário. A sobrevivência motivando tudo. Houve dias durante a guerra em que eles tiveram medo até de sair do apartamento. Dias em que a ausência de leis tornou a própria Capital uma arena.

Sim, a falta de lei, era esse o cerne da questão. Então as pessoas precisavam concordar sobre que leis seguirem. Foi isso que a dra. Gaul quis dizer com "*contrato social*"? A concordância de não roubar, não abusar e não matar uns aos outros? Só podia ser. E a lei precisava ser executada, e era aí que entrava o controle. Sem o controle para executar o contrato, o caos reinava. O poder que controlava precisava ser maior do que as pessoas; senão, elas o desafiariam. A única entidade capaz disso era a Capital.

Ele levou até as duas da manhã para organizar essas ideias, que mal ocuparam uma página inteira. A dra. Gaul iria querer mais, mas aquilo era tudo que ele conseguiria naquela noite. Ele se deitou na cama, onde sonhou com Lucy Gray sendo caçada pelas serpentes arco-íris. Acordou com um sobressalto, tremendo, com os versos do hino. *Você tem que se controlar*, disse para si mesmo. *Os Jogos não devem durar muito mais.*

As delícias de café da manhã oferecidas pela sra. Plinth lhe deram ânimo para o quarto dia de Jogos Vorazes. No bonde, ele comeu uma fatia de torta de amora, um pãozinho com salsicha e uma tortinha de queijo. Com a comida que vinha lhe sendo servida durante os Jogos e também pelos Plinth, suas calças estavam ficando justas. Ele faria um esforço para ir caminhando para casa.

Cordas de veludo isolavam a seção da plataforma com os oito mentores restantes, e agora havia uma placa com o nome do ocupante da cadeira atrás de cada uma. Designar assentos era novidade, mas devia ser uma tentativa de mitigar a mordacidade que tinha surgido nos dias anteriores. Coriolanus ficou na fileira de trás, entre Io e Urban. O pobre Festus ficou no meio de Vipsania e Clemensia.

Lucky deu boas-vindas aos espectadores com um maltratado Jubilee, que tinha ficado confinado em uma gaiola mais adequada a um coelho do que a uma ave. Nada se movia na arena e os tributos pareciam estar dormindo até

mais tarde. A única mudança era que alguém, provavelmente Reaper, tinha arrastado o corpo de Jessup até a fila de mortos perto da barricada.

Coriolanus esperou com nervosismo o anúncio da morte de Gaius Breen, mas nada foi dito. Os Idealizadores dos Jogos passaram um tempo com a multidão na frente da arena, que continuava a aumentar. Os diferentes fã-clubes agora exibiam camisas com os rostos dos tributos e dos mentores, e Coriolanus ficou ao mesmo tempo feliz e constrangido ao ver sua imagem parecendo olhar para ele da tela gigantesca.

Foi só no meio da manhã que o primeiro tributo fez uma aparição, e a plateia demorou um momento para identificá-la.

– É Wovey! – gritou Hilarius com alívio. – Ela está viva!

Coriolanus se lembrava de que a menina era magra, mas agora ela estava esquelética, os braços e pernas parecendo gravetos, as bochechas afundadas. Ela se agachou na boca de um túnel com o vestido listrado imundo, apertando os olhos para o sol e segurando uma garrafa de água vazia.

– Espere aí, Wovey! Tem comida a caminho! – disse Hilarius, apertando a tela da pulseira. Ela podia não ter muitos patrocinadores, mas sempre havia quem estivesse disposto a apostar em alguém com pouca chance.

Lepidus apareceu, e Hilarius falou longamente sobre os méritos de Wovey. Ele interpretou a ausência dela como furtividade e declarou que tinha sido a estratégia deles o tempo todo que ela se escondesse e deixasse o campo vazio.

– E olhem só! Ela está entre os oito últimos! – Quando seis drones seguiram pela arena na direção dela, Hilarius ficou ainda mais animado. – Tem comida e água agora! Ela só precisa pegar e correr para o esconderijo!

Quando os suprimentos chegaram, Wovey ergueu as mãos, mas pareceu atordoada. Ela tateou pelo chão, localizou uma garrafa de água e abriu a tampa com dificuldade. Depois de alguns goles, ela se encostou na parede e soltou um arroto baixo. Um fio fino de líquido prateado escorreu pelo canto de sua boca e ela ficou imóvel.

A plateia assistiu sem entender por um minuto.

– Ela morreu – anunciou Urban.

– Não! Não, ela não morreu. Ela só está descansando! – disse Hilarius.

Mas quanto mais Wovey olhava sem piscar para o sol forte, mais difícil era de acreditar nisso. Coriolanus examinou a saliva dela, nem transparente e nem ensanguentada, mas meio estranha, e se perguntou se Lucy Gray tinha finalmente conseguido usar o veneno de rato. Teria sido fácil envenenar o último gole de água em uma garrafa e a descartar em um dos túneis. A desesperada Wovey nem pensaria duas vezes antes de beber. Mas mais ninguém, nem mesmo Hilarius, pareceu achar que havia algo estranho.

– Não sei – disse Lepidus para Hilarius. – Acho que seu amigo talvez esteja certo.

Eles esperaram mais dez longos minutos sem um sinal de vida de Wovey, então Hilarius cedeu e levantou a cadeira. Lepidus fez elogios, e Hilarius, embora decepcionado, admitiu que as coisas poderiam ter sido bem piores.

– Ela conseguiu aguentar muito tempo, considerando a condição dela. Eu queria que ela tivesse aparecido antes pra que eu pudesse ter enviado comida, mas sei que posso sair com a cabeça erguida. Estar entre os últimos oito não é pouca coisa!

Coriolanus verificou mentalmente a lista. Os dois tributos do 3, os dois do 4, Treech e Reaper. Era só isso que havia entre Lucy Gray e a vitória. Seis tributos e uma boa quantidade de sorte.

A morte de Wovey passou despercebida por um tempo na arena. Era quase hora do almoço quando Reaper saiu da barricada, ainda usando a capa. Ele se aproximou de Wovey com cautela, mas ela já não era ameaça quando viva, que dirá morta. Reaper se agachou ao lado da garota e pegou uma maçã, mas franziu a testa ao examinar o rosto dela com mais atenção.

Ele sabe, pensou Coriolanus. *Ele ao menos desconfia que não tenha sido morte natural.*

Reaper largou a maçã, levantou Wovey nos braços e foi até os tributos mortos, abandonando a comida e a água no chão.

– Estão vendo? – perguntou Clemensia para ninguém especificamente. – Estão vendo o que tenho que aguentar? Meu tributo tem desequilíbrio mental.

– Acho que você está certa – disse Festus. – Desculpe por mais cedo.

E foi só isso. A morte de Wovey não causou nenhuma desconfiança fora da arena, e dentro só Reaper questionou a causa. Lucy Gray não tinha tendência

ao descuido. Talvez até tivesse escolhido a frágil Wovey como alvo porque a condição já decrépita da menina disfarçaria o envenenamento. Ele se sentiu frustrado por não poder se comunicar com ela e atualizar a estratégia juntos. Com tão poucos restando, se esconder era mesmo a abordagem certa, ou seria melhor ela agir de forma mais agressiva? Claro que ele não sabia. Ela poderia estar espalhando comida e água envenenada naquele momento mesmo. Nesse caso, precisaria de mais, o que ele não podia oferecer se ela não fizesse uma aparição. Apesar de não acreditar nessas coisas, Coriolanus tentou entrar em contato com ela telepaticamente. *Me deixe ajudar, Lucy Gray. Ou pelo menos me deixe ver que você está bem*, pensou ele. E acrescentou: *Sinto sua falta.*

Reaper tinha voltado aos túneis quando o Distrito 4 apareceu para pegar a comida de Wovey. A total falta de preocupação deles com a origem dos alimentos tranquilizou Coriolanus frente à possibilidade de desconfiarem do envenenamento. Eles se sentaram onde Wovey morreu e comeram tudo, depois voltaram para o túnel. Mizzen mancava, mas ainda superaria a maioria dos tributos restantes se houvesse combate físico. Coriolanus se perguntou se, no final, tudo se resumiria a Coral e Mizzen decidindo qual tributo do Distrito 4 levaria a coroa para casa.

Em todos os seus anos, Coriolanus nunca deixou restos no prato em um almoço na escola, mas as tigelas de papelão com feijão-manteiga e macarrão embrulharam seu estômago. Ainda cheio do café da manhã dos Plinth, ele não conseguiu engolir nem uma colherada, e bastou uma rápida troca do seu prato intocado com o vazio de Festus para evitar uma reprimenda.

– Aqui. Feijão-manteiga ainda tem gosto de guerra pra mim.

– Eu sou assim com aveia. Basta eu sentir o cheiro que dá vontade de me esconder no bunker – disse Festus, que traçou a comida rapidamente. – Obrigado. Eu dormi demais e perdi o café da manhã.

Coriolanus esperava que o feijão-manteiga não fosse um mau presságio. E se repreendeu em seguida. Aquela não era hora de começar a acreditar em superstições. Ele precisava manter a mente afiada, ficar apresentável para as câmeras e aguentar o dia. Lucy Gray devia estar ficando com fome. Ele planejou sua próxima entrega de comida enquanto bebia água.

Sem Hilarius agora, as três cadeiras de mentores que restaram na fila de trás foram centralizadas, e Coriolanus se sentou novamente no meio. Como Domitia dizia, era uma dança das cadeiras, e aquelas eram as mesmas pessoas com quem ele brincara na infância. Se tivesse filhos, e ele planejava ter um dia, eles ainda estariam no clube social da elite da Capital? Ou seriam relegados a círculos menores? Ajudaria se tivessem uma rede familiar maior com que contar, mas ele e Tigris eram os únicos Snow da geração deles. Sem ela, Coriolanus seguiria para o futuro completamente sozinho.

Pouca coisa aconteceu na arena naquela tarde. Coriolanus procurou Lucy Gray, torcendo por uma oportunidade de mandar comida para ela, mas ela continuou elusiva. A plateia fora da arena era a fonte de animação, quando os fãs de Coral começaram a discutir com os fãs de Treech sobre quem era mais merecedor da coroa de vitorioso. Alguns socos foram trocados antes dos Pacificadores separarem os dois grupos, mandando-os para lados opostos. Coriolanus ficou feliz pelos seus fãs terem um pouco mais de classe.

No fim da tarde, quando Lucky retomou sua cobertura, a dra. Gaul estava sentada à frente dele, segurando Jubilee na gaiola. A ave se balançava para a frente e para trás, como uma criança tentando reconfortar a si mesma. Lucky olhou para o seu bichinho com preocupação, talvez prevendo perdê-lo para o laboratório.

– Nós temos uma convidada especial conosco hoje: a Chefe dos Idealizadores dos Jogos, a dra. Gaul, que está fazendo amizade com Jubilee. Eu soube que você tem uma notícia triste para nós, dra. Gaul.

A dra. Gaul colocou a gaiola de Jubilee na mesa.

– Sim. Devido aos ferimentos causados pelas bombas rebeldes na arena, mais um dos nossos alunos da Academia, Gaius Breen, faleceu.

Enquanto os colegas se manifestavam, Coriolanus tentou se centrar. A qualquer minuto, ele poderia ser chamado para falar da morte de Gaius, mas essa não era a fonte da sua ansiedade. Seria fácil falar de Gaius; ele não tinha um único inimigo no mundo.

– Acho que falo por todos quando digo que oferecemos nossas condolências à família – disse Lucky.

O rosto da dra. Gaul ficou rígido.

– É verdade. Mas as ações falam mais alto do que as palavras, e nossos inimigos rebeldes parecem ter problemas de audição. Em resposta, planejamos uma coisa especial para as crianças deles na arena.

– Vamos dar uma olhada? – perguntou Lucky.

No centro da arena, Teslee e Circ estavam agachados junto a uma pilha de destroços, procurando não se sabia o quê. Aparentemente, eles não tinham interesse em Reaper, que estava sentado no alto da arquibancada, as costas no muro da arena, enrolado na capa. De repente, Treech saiu de um túnel e foi para cima dos tributos do Distrito 3, que fugiram para a barricada.

A plateia emitiu murmúrios de confusão. Onde estava a "*coisa especial*" prometida pela dra. Gaul? A resposta veio de um drone enorme que entrou voando na arena, transportando o tanque de serpentes arco-íris.

Coriolanus tinha praticamente se convencido de que o ataque das serpentes fora produto de uma imaginação febril, mas a chegada do tanque acabou com isso. O cérebro dele havia montado as peças do quebra-cabeça na ordem certa. O que ele não sabia era como as serpentes reagiriam ao serem soltas, mas ele tinha estado no laboratório. A dra. Gaul não criava cachorrinhos; ela projetava armas.

O pacote incomum chamou a atenção de Treech. Talvez ele achasse que uma dádiva especial tinha sido enviada para ele, porque parou quando o drone chegou no meio da arena. Teslee e Circ também pararam, e até Reaper se levantou para observar a entrega. O drone soltou o tanque aberto a cerca de dez metros do chão. Em vez de se estilhaçar, o tanque quicou com o impacto. Como uma flor desabrochando, as paredes se abriram no solo.

As serpentes dispararam em todas as direções, criando uma explosão multicolorida na terra.

Na fila da frente, Clemensia deu um pulo e soltou um grito histérico que quase fez Festus cair da cadeira. Como a maioria das pessoas só estava registrando agora o novo acontecimento na tela, a reação dela pareceu extrema. Com medo de Clemensia soltar a história toda em meio ao pânico, Coriolanus deu um pulo e passou os braços em volta dela por trás, sem saber se seu gesto era para ser reconfortante ou limitante. Clemensia ficou rígida, mas em silêncio.

– Elas não estão aqui. Estão na arena – disse Coriolanus no ouvido dela. – Você está protegida. – Mas continuou a abraçando enquanto as coisas aconteciam.

Talvez a experiência de Treech no distrito madeireiro tivesse lhe dado uma certa familiaridade com cobras. Assim que elas deixaram o tanque, ele deu meia-volta e saiu correndo para a arquibancada. Pulou sobre a pilha de detritos como um bode e não parou de correr, saltando por cima dos assentos no caminho.

Os poucos momentos de confusão que Teslee e Circ vivenciaram custaram um preço alto. Teslee foi para um dos postes e conseguiu subir alguns metros até um lugar seguro, mas Circ tropeçou em uma lança velha e enferrujada, e as serpentes o cercaram. Doze pares de presas perfuraram o corpo dele, e depois, como se satisfeitas, as cobras foram adiante. Rosa, amarelo e azul mancharam o corpo do garoto quando os ferimentos começaram a expelir pus colorido. Menor do que Clemensia e com o dobro de veneno no organismo, Circ teve dificuldades para respirar por cerca de dez segundos e então morreu.

Teslee ficou olhando para o cadáver e chorando de pavor enquanto se agarrava ao poste. Abaixo dela, as cobras delicadas se reuniram, se erguendo e dançando em volta da base.

A voz de Lucky soou na cena:

– O que está acontecendo?

– Essas são bestantes que desenvolvemos nos nossos laboratórios da Capital – informou a dra. Gaul à plateia. – São só filhotes, mas quando ficarem adultas, serão facilmente capazes de se deslocar mais rápido do que um humano, e aquele poste não vai ser problema para elas subirem. Elas foram feitas para caçar humanos e se reproduzir rapidamente, de modo a serem rapidamente substituídas caso aconteça algo.

Àquela altura, Treech tinha subido no parapeito estreito acima do placar, e Reaper tinha encontrado refúgio no teto da cabine de imprensa. As poucas serpentes que conseguiram subir nos detritos e foram até as arquibancadas se reuniam abaixo deles.

O microfone captou os sons baixos do grito de uma garota.

Elas pegaram Lucy Gray, pensou Coriolanus com desespero. *O lenço não funcionou.*

Mas nessa hora Mizzen saiu dos túneis perto da barricada, seguido de Coral, aos berros. Havia uma única serpente pendurada no braço dela. Ela a arrancou e jogou longe, mas dezenas pularam nela quando a outra caiu no chão, mirando nas pernas. Mizzen jogou o tridente longe e deu um pulo para chegar ao poste do outro lado de Teslee. Apesar do joelho ruim, ele subiu em metade do tempo anterior até o topo. De lá, testemunhou o fim frenético, mas felizmente curto, de Coral.

Com os alvos no chão mortos, a maioria das serpentes se reagrupou embaixo de Teslee. Sua firmeza no poste começou a falhar, e ela gritou pedindo ajuda a Mizzen, mas ele só balançou a cabeça, mais por atordoamento do que maldade.

As pessoas na plateia começaram a mandar as outras fazerem silêncio, mas Coriolanus não sabia por quê. Quando o salão ficou em silêncio, ele captou o que ouvidos mais apurados já tinham detectado. Em algum lugar, bem baixo, alguém estava cantando na arena.

Sua garota.

Lucy Gray saiu do túnel andando em câmera lenta e de costas. Ela levantava cada pé com cuidado ao dar um passo para trás, oscilando delicadamente com o ritmo da música.

Lá, lá, lá, lá,
Lá, lá, lá, lá, lá, lá.
Lá, lá, lá, lá, lá, lá…

A letra era só isso até o momento, mas era uma música envolvente mesmo assim. Seguindo-a, como se hipnotizadas pela melodia, vinham cinco ou seis cobras.

Coriolanus soltou Clemensia, que tinha se acalmado, e a empurrou de leve na direção de Festus. Deu um passo na direção da tela e prendeu a respiração enquanto Lucy Gray continuava a recuar, fazendo uma curva na direção de onde estava o corpo de Jessup. A voz foi ficando mais alta conforme ela,

sabendo ou não, ia seguindo na direção do microfone. Talvez para uma última música, uma última apresentação.

Mas nenhuma das cobras parecia inclinada a atacá-la. Na verdade, ela parecia as estar atraindo de toda a arena. O grupo sob o poste de Teslee diminuiu, algumas desceram das arquibancadas, e dezenas saíram dos túneis para se juntar a uma migração generalizada até Lucy Gray. Elas a cercaram, chegando de todos os lados, tornando impossível que ela continuasse recuando. Os corpos coloridos ondularam sobre os pés descalços, envolveram os tornozelos dela quando se sentou devagar em um pedaço de mármore.

Com as pontas dos dedos, ela abriu os babados na poeira, como um convite. Quando as serpentes subiram, o tecido desbotado sumiu e ela ficou com uma saia colorida de répteis ondulantes.



Coriolanus apertou as mãos em punhos, sem saber as intenções das víboras. As serpentes no tanque, por terem sido expostas ao cheiro dele na proposta, simplesmente o ignoraram. Mas aquelas pareciam atraídas magneticamente ao seu tributo. Seria possível que o ambiente fizesse diferença? Depois de violentamente libertadas do calor e aconchego do tanque na arena ampla e desprotegida, estariam elas a procurando como o único cheiro familiar que conseguiam encontrar? Teriam as serpentes gravitado até ela em busca da segurança da saia?

Lucy Gray não sabia nada disso, porque naquele dia no zoológico em que ele pretendera contar a ela sobre Clemensia e as serpentes, as circunstâncias dela estavam tão piores do que as dele que ele não falou nada sobre o assunto. Mesmo que ele tivesse contado, seria um salto de fé enorme em sua capacidade de imaginar que ele tinha encontrado um jeito de alterar as serpentes dos Jogos. O que ela achava que as estava mantendo controladas? Devia ser o canto. Será que Lucy Gray cantava para as serpentes onde morava? "*Aquela serpente era minha amiga*", contara ela para a garotinha no zoológico. Talvez ela tivesse feito amizade com várias cobras no Distrito 12. Talvez achasse que, se parasse de cantar, elas realmente a matariam agora. Talvez aquela fosse sua canção de despedida. Ela jamais ia querer morrer sem um show final. Ia querer morrer com classe, no melhor holofote que pudesse encontrar.

Quando Lucy Gray começou a letra, sua voz soou suave, mas clara como água:

Você, a caminho dos céus,
O doce doravante,
E estou com um pé na porta.
Mas antes que eu possa voar,
Tenho pontas soltas a amarrar,
Bem aqui
No nosso hodierno.

Uma canção antiga, pensou Coriolanus. Falando de doravante, o que o lembrou de Sejanus e as migalhas de pão, mas também com aquele verso engraçado sobre hodierno. Devia significar presente. Aqui. Agora. Enquanto ela ainda estava viva.

Vou me encaminhar
Quando a música acabar,
Quando tiver fechado a banda,
E acabado a ciranda,
Quando estiver sem dívida,
Sem arrependimento na vida,
Bem aqui,
No nosso hodierno,
Quando mais nada
For eterno.

Os Idealizadores abriram a imagem, o que fez Coriolanus querer gritar protestando até entender o motivo. Todas as serpentes da arena pareciam ter se tornado vítimas do canto de sereia dela e se deslocado até lá. Mesmo as que estavam no ninho debaixo de Teslee, que era uma presa fácil, abandonaram o alvo e foram até Lucy Gray. Ainda tremendo do trauma, Teslee desceu até o chão e mancou até uma cerca de alabastro em uma parte da barricada. Ela subiu a uma altura segura enquanto a música continuava.

Vou te encontrar
Quando a xícara esvaziar,
Quando esgotar meus amigos,
E não sobrarem nem os antigos,
Quando tiver chorado
E meus medos dominado,
Bem aqui,
No nosso hodierno,
Quando mais nada
For eterno.

A câmera voltou a uma imagem fechada de Lucy Gray. Coriolanus tinha a sensação de que ela costumava se apresentar para uma plateia bem calibrada de álcool. Nos dias anteriores à entrevista, ele tinha ouvido muitas canções que conjuravam um grupo bêbado balançando canecas de estanho cheias de gim de um lado para outro de algum bar qualquer. Se bem que a bebida não parecia essencial, porque quando deu uma olhada rápida para trás, ele viu que várias pessoas em Heavensbee Hall tinham começado a se balançar com o ritmo. A voz dela subiu de volume e ecoou pela arena…

Vou ter notícias para dar
Quando tiver acabado de dançar,
Quando meu corpo chegar ao fim
E a alma largar de mim,
Quando tiver acertado contas
E estiver de malas prontas,
Bem aqui,
No nosso hodierno,
Quando mais nada
For eterno.

… e chegou a um crescendo quando ela alcançou o fim.

Quando a pureza de um pássaro alcançar,
Quando tiver aprendido a amar,
Bem aqui,
No nosso hodierno,
Quando mais nada
For eterno.

A última nota pairou no ar enquanto a plateia prendia o fôlego, todo mundo junto. As serpentes esperaram que acabasse e então (ou seria a imaginação dele?) começaram a se mexer. Lucy Gray reagiu cantarolando baixo, como para um bebê inquieto. Os espectadores relaxaram em silêncio quando as serpentes relaxaram em volta dela.

Lucky parecia tão hipnotizado quanto as serpentes quando as câmeras voltaram a mostrá-lo, os olhos meio vidrados, a boca parcialmente aberta. Ele voltou a si quando viu sua imagem enorme na tela e dirigiu a atenção para a dra. Gaul, que mantinha uma expressão pétrea.

– Bem, Chefe dos Idealizadores dos Jogos, aceite… nossos… aplausos!

Heavensbee Hall explodiu em uma ovação em pé, mas Coriolanus não conseguiu afastar o olhar da dra. Gaul. O que estava se passando por trás daquela expressão inescrutável? Ela atribuía o comportamento das serpentes ao canto de Lucy Gray ou desconfiava de trapaça? Mesmo que a dra. Gaul soubesse sobre o lenço, ela talvez o perdoasse, considerando que o resultado foi tão dramático.

A dra. Gaul se permitiu um pequeno aceno de reconhecimento.

– Obrigada. Mas o foco hoje não devia ser em mim, mas em Gaius Breen. Talvez os colegas deles queiram compartilhar lembranças conosco.

Lepidus entrou em ação em Heavensbee Hall e começou a coletar histórias dos colegas de Gaius. Era bom que a dra. Gaul tivesse lhe avisado antes, porque enquanto todo mundo tinha uma piada ou uma história engraçadinha para contar, só Coriolanus conseguiu conectar a perda heroica, as cobras e a retaliação que testemunharam na arena.

– Nós jamais poderíamos deixar a morte de um jovem tão estelar da Capital passar sem repercussão. Quando nos batem, nós revidamos com o dobro de

força, como a dra. Gaul já mencionou.

Lepidus tentou desviar a conversa para a apresentação extraordinária de Lucy Gray com as serpentes, mas Coriolanus só declarou:

– Ela é incrível. Mas a dra. Gaul está certa. Este momento pertence a Gaius. Vamos deixar Lucy Gray para amanhã.

Depois de meia hora de lembranças, Lepidus se despediu de Festus e Io, pois Coral e Circ tinham sucumbido ao veneno. Coriolanus deu um abraço de urso em Festus, sentindo-se surpreendentemente emotivo de ver seu amigo de confiança saindo da plataforma. Ele sentiu também a perda de Io, pois ela tendia a ser mais clínica do que combativa, o que era mais do que ele podia dizer dos rivais que restavam. Exceto talvez Persephone, com quem ele decidiu compartilhar a hora do jantar. Antes uma canibal do que uma facada nas costas.

O corpo estudantil foi para casa, deixando o pequeno grupo de mentores ativos para jantar o prato de bife. Coriolanus olhou para os concorrentes. Por estar entre os cinco finais, ele devia estar nas alturas. Mas se um dos demais vencesse, o reitor Highbottom ainda podia lhe dar um prêmio insuficiente para pagar a Universidade, talvez citando o demérito como motivo. Só o Prêmio Plinth o protegeria de verdade.

Ele desviou o foco para a tela, onde Lucy Gray continuava cantarolando para seus bichinhos de estimação, Teslee tinha desaparecido atrás da barricada e Mizzen, Treech e Reaper se mantinham nas posições altas. Nuvens surgiram, anunciando uma tempestade e criando um pôr do sol deslumbrante. O tempo ruim levou a um escurecer rápido, e ele ainda não tinha terminado o pudim quando Lucy Gray sumiu da tela e um trovão intenso sacudiu a arena. Ele torceu para que relâmpagos oferecessem um pouco de iluminação, mas a chuva pesada que veio em seguida tornou a noite impenetrável.

Coriolanus decidiu dormir em Heavensbee Hall, assim como os quatro mentores restantes. Ninguém além de Vipsania pensou em levar algo onde dormir, então os outros se arrumaram nas cadeiras acolchoadas, apoiando os pés e usando mochilas como travesseiros improvisados. Quando a noite chuvosa foi refrescando o salão, Coriolanus começou a cochilar na cadeira, um olho meio aberto prestando atenção na atividade da tela. A tempestade

obscureceu tudo e ele acabou dormindo. Perto do amanhecer, ele acordou sobressaltado e olhou em volta. Vipsania, Urban e Persephone dormiam profundamente. A alguns metros dele, os olhos grandes e escuros de Clemensia brilhavam sob a luz fraca.

Ele não queria ser inimigo dela. Se a fortaleza Snow estava prestes a desmoronar, ele precisaria de amigos. Até o incidente das serpentes, ele contava Clemensia entre seus melhores. E ela sempre se deu bem com Tigris. Mas como consertar as coisas?

Clemensia mantinha uma das mãos enfiada na camisa, tocando a clavícula que ela tinha lhe mostrado no hospital. A que estava coberta de escamas.

– Sumiram? – sussurrou ele.

Clemensia ficou tensa.

– Estão sumindo. Finalmente. Disseram que pode levar até um ano.

– E dói? – Foi a primeira vez que a ideia passou pela cabeça dele.

– Não dói. Mas repuxa. A minha pele. – Ela mexeu nas escamas. – É difícil de explicar.

Animado pela confiança, ele foi com tudo.

– Sinto muito, Clemmie. De verdade. Por tudo.

– Você não sabia o que ela tinha planejado – disse Clemensia.

– Não sabia mesmo. Mas depois, no hospital, eu devia ter ficado ao seu lado. Devia ter quebrado portas pra ter certeza de que você estava bem – insistiu ele.

– Sim! – disse ela com ênfase, mas pareceu ceder um pouco. – Mas sei que você também se machucou. Na arena.

– Ah, não dê desculpas por mim. – Ele levantou as mãos. – Sou um inútil e nós dois sabemos!

Um leve sorriso.

– Quase. Acho que preciso agradecer por você me impedir de fazer papel de idiota hoje.

– Eu fiz isso? – Coriolanus apertou os olhos, como se tentando lembrar. – Só me lembro de me agarrar a você por medo. Acho que consegui evitar me esconder atrás de você. Mas definitivamente me encolhi todo.

Ela riu um pouco, mas ficou séria.

– Eu não devia ter botado tanta culpa em você. Me desculpe. Eu fiquei apavorada.

– Por um bom motivo. Eu queria que você não tivesse que ver aquilo hoje.

– Talvez tenha sido catártico. Me sinto melhor, não sei bem como – confessou ela. – Sou horrível?

– Não. A única coisa que você é de verdade é corajosa.

E assim, a amizade deles foi tremulamente renovada. Eles deixaram os demais dormirem enquanto dividiam a última tortinha de queijo de Coriolanus, conversando sobre várias coisas e até desenvolvendo a ideia de tentar montar uma aliança entre Lucy Gray e Reaper na arena. Como parecia fora do controle de ambos, eles acabaram deixando a ideia de lado. Os dois se juntariam se quisessem.

– Pelo menos, somos aliados de novo – disse ele.

– Bom, ao menos não somos inimigos – concedeu Clemensia. Mas quando foram lavar o rosto para a câmera, ela emprestou o sabonete para ele, para que ele não precisasse usar a gosma líquida abrasiva que havia no banheiro, e o gesto pequeno e íntimo acabou passando a mensagem de que estava perdoado.

Não houve café da manhã, mas Festus chegou cedo e distribuiu sanduíches de ovo e maçãs por espírito de camaradagem. Agora que Clemensia estava mais relaxada, Coriolanus não se sentia mais tão ameaçado pelo grupo de mentores. Todo queriam vencer, mas isso estava nas mãos dos tributos. Ele avaliou os concorrentes de Lucy Gray. Teslee, pequena e inteligente. Mizzen, mortal, mas ferido. Treech, atlético, mas ainda meio enigmático. Reaper, estranho demais para ser definido por palavras.

As últimas nuvens foram embora com o nascer do sol. Havia serpentes mortas espalhadas por toda a arena, caídas sobre os destroços, flutuando em poças. Afogadas, talvez, ou incapazes de sobreviver na noite fria e molhada. Algumas criaturas geneticamente projetadas não se saíam bem fora do laboratório. Lucy Gray e Teslee não estavam visíveis, mas os três garotos de roupas encharcadas não tinham se aventurado a descer das alturas. Mizzen dormia, o corpo amarrado na viga. Quando os demais alunos entraram em Heavensbee Hall, Vipsania e Clemensia, que parecia quase normal, enviaram comida para seus tributos.

Quando os drones chegaram, Treech comeu com avidez, mas Reaper descartou novamente a comida e desceu para a arena para pegar água em uma poça. Indiferente a Treech e Mizzen, que tinha finalmente acordado, ele foi pegar Coral e Circ e os acrescentou à fila de corpos. Os outros garotos o observaram com cautela, mas nenhum se meteu com ele, repelidos pelo comportamento excêntrico ou pela possibilidade de cobras sobreviventes. Eles deviam estar torcendo para que outra pessoa acabasse com ele, mas o trabalho não foi interrompido, e ele voltou à cabine de imprensa depois de arrumar o necrotério. Treech se sentou na beirada do placar e ficou balançando os pés enquanto Mizzen fazia mímica de comida. Persephone reagiu na mesma hora e enviou um lauto café da manhã.

Depois de um minuto, Teslee apareceu. O rosto repuxado de concentração, ela carregava um drone que, embora bem parecido com o veículo original de entrega, dava a impressão de ter sido um pouco alterado. Ela se posicionou diretamente embaixo de Mizzen.

– Ela acha que aquilo vai voar? – perguntou Vipsania com dúvida. – Mesmo que voe, como ela vai controlar?

Urban, que estava fazendo cara feia para a tela, se inclinou para a frente de repente.

– Ela não precisaria. Não seria necessário se… Mas como ela… – Ele parou de falar, tentando entender alguma coisa.

Teslee virou um interruptor, ergueu os braços e jogou o drone no ar. O objeto subiu, revelando um cabo que conectava a base do drone a um aro no pulso dela. Preso assim, o drone começou a voar em círculo entre ela e Mizzen. Ele olhou para trás, claramente perplexo, mas se distraiu com a chegada do seu primeiro drone enviado por Persephone. O robô levou um pedaço de pão até ele e fez menção de voltar, como sempre. Mas, alguns metros depois, deu meia-volta e retornou para cima dele. Mizzen se inclinou para trás, surpreso. Bateu no drone por reflexo, mas o objeto só passou por cima dele e abriu as garras para entregar uma dádiva inexistente, depois voltou de novo.

– Qual é o problema desse drone? – perguntou Persephone.

Ninguém sabia, mas, naquele momento, um segundo drone chegou com água e um terceiro com queijo. Eles também deixaram os pacotes e ficaram por

perto, tentando repetir as entregas. Mas os drones, que tinham sido programados para uma descida suave, começaram a se chocar uns contra os outros e às vezes em Mizzen. A parte de trás de um o acertou no olho, e ele gritou e bateu no drone.

– Há alguma forma de eu fazer contato com os Idealizadores dos Jogos? Eu mandei mais três! – disse Persephone.

– Não tem nada que possam fazer – disse Urban, impressionado. – Ela encontrou um jeito de hackeá-los. Ela bloqueou a orientação de voltar e o rosto dele é o único destino agora.

Realmente, quando os outros três drones chegaram, um de cada vez, eles repetiram o erro de funcionamento. Mizzen era o único alvo, e o que pareceu engraçado no começo logo passou a ser mortal. Ele ficou de pé e tentou fugir pela viga, mas os drones foram para cima dele como abelhas seguindo um pote de mel. Como tinha deixado o tridente no chão, ele puxou a faca e tentou lutar, mas o máximo que conseguiu fazer foi desviar o rumo dos drones por um momento. Não estavam programados para fazer contato com ele, mas quanto mais ricocheteavam uns nos outros e na faca, mais eles colidiam nele, até parecerem estar atacando. Mizzen começou a seguir na direção da viga, a mesma na qual tinha deixado Teslee abandonada ao destino, mas seu joelho não cooperou. Frenético agora, ele deu um golpe amplo nos drones e apoiou o peso na perna ferida, que balançou e cedeu. Mizzen perdeu o equilíbrio e caiu no chão, quebrando o pescoço com o impacto.

– Ah! – exclamou Persephone quando ele despencou. – Ah, ela o matou!

Vipsania franziu a testa para a tela.

– Ela é mais esperta do que parece.

Teslee abriu um sorriso satisfeito e puxou seu drone de volta, desligou o interruptor e deu um abraço carinhoso na máquina.

– Não julgue um livro pela capa. – Urban riu enquanto enviava algumas dádivas pela pulseira. – Principalmente se pertence a mim.

Sua alegria foi curta. Enquanto exibiam o incidente dos drones, os Idealizadores dos Jogos deixaram de mostrar a imagem mais ampla, na qual Treech tinha descido do placar e das arquibancadas para a arena. Ele pareceu surgir na cena do nada com um pulo gigantesco e acertou Teslee com o

machado em um golpe vindo de cima. Ela mal tinha dado um passo quando a lâmina acertou seu crânio, abrindo-o e matando-a na hora. Treech apoiou as mãos nos joelhos, bufando com o esforço, e se sentou no chão ao lado dela, vendo o sangue escorrer pela areia. Os drones chegando com uma chuva de comida para Teslee fizeram com que ele se mexesse de novo. Treech recolheu uns dez pacotes e foi para trás da barricada.

Urban disfarçou o momento de descrença com repulsa e se levantou para sair. Mas não foi capaz de fugir do onipresente microfone de Lepidus e mal conseguiu não rosnar quando falou:

– Já chega pra mim. Um minuto de risada, né? – Ele saiu andando, deixando Persephone expandir seus lamentos e sua gratidão pela oportunidade de ser mentora.

– Você chegou aos últimos cinco! – Lepidus sorriu para ela. – Ninguém vai poder tirar isso de você.

– Não – disse ela de forma um tanto dúbia. – Não, esse é o tipo de coisa que fica.

Coriolanus olhou de Clemensia para Vipsania.

– Parece que agora somos só nós.

Os três arrumaram as cadeiras em fila, com Coriolanus no meio, enquanto os outros tiravam as cadeiras dos derrotados.

Lucy Gray. Treech. Reaper. Os últimos três. A última garota. O último dia? Talvez isso também.

Lucky apareceu com um chapéu com cinco estrelinhas acesas faiscando.

– Oi, Panem! Mandei fazer esse chapéu especialmente para os cinco finalistas, mas eles estão pegando fogo! – Ele tirou duas estrelinhas do chapéu e jogou para trás sem olhar. – Os três finalistas, que tal?

Uma das estrelinhas se apagou no chão, mas a segunda fez uma cortina começar a soltar fumaça, gerando um gritinho agudo e uma correria em pânico da parte de Lucky. Uma pessoa da equipe apareceu na tela com um extintor de incêndio para resolver a crise, permitindo que Lucky recuperasse a compostura. Quando as três estrelinhas que restaram no chapéu se apagaram, o número de patrocinadores e apostadores começou a piscar na parte inferior da tela.

– Uau! As apostas estão explodindo! Não percam a diversão!

A pulseira de Coriolanus apitou alto, mas as de Vipsania e Clemensia também.

– Não vai me adiantar de nada – murmurou Clemensia para Coriolanus. – Ele não confia em mim pra comer as coisas que mando.

Lucy Gray provavelmente estava com fome, mas ele supôs que ela devia estar descansando nos túneis. Ele queria enviar comida e água, tanto para alimentá-la como para servir de isca para o veneno. Como os dois últimos oponentes poderiam facilmente superá-la na força física, ele tinha que fazer alguma coisa para botar a sorte a favor dela. Agora, só conseguia pensar em manter os espectadores ao lado dela. Quando Lepidus o abordou para perguntar sobre o que ele estava achando do desempenho de Lucy Gray, ele pegou pesado. Coriolanus não sabia o que seria necessário para provar para as pessoas que ela não era de distrito se já não os tinha convencido até ali.

– Sinto que uma grande injustiça pode ter acontecido por ela estar não só na colheita, mas no Distrito 12. As pessoas vão precisar decidir por elas mesmas. Se você concorda comigo ou desconfia que eu possa estar certo, já sabe o que fazer. – Embora a nova onda de doações chegando à pulseira de comunicação fosse reconfortante, ele não sabia como ajudaria. Era provável que desse para alimentá-la por semanas com o que ele já tinha.

Mas o único tributo se deslocando pela arena era Reaper, que tinha descido da cabine de imprensa, rasgando outro pedaço grande da bandeira no caminho. Esquálido e trêmulo, ele foi acrescentar Teslee e Mizzen à coleção, usando o novo pedaço de bandeira para cobri-los. Com esforço, ele subiu até a última fileira da arena, onde cochilou no sol, se balançando delicadamente, a capa aberta para secar. Coriolanus se perguntou se ele morreria de causas naturais. Se morrer de fome era uma causa natural. Ele não tinha certeza absoluta. Dava para chamar de "natural" se a fome tivesse sido usada como arma?

Para seu alívio, Lucy Gray se materializou pouco antes do meio-dia nas sombras de um túnel. Ela observou a arena e, ao julgá-la segura, saiu no sol. A lama na barra da saia de babados tinha começado a secar, mas o vestido úmido ainda estava grudado no corpo. Enquanto Coriolanus pedia um banquete pela pulseira, Lucy Gray foi até a mesma poça que Reaper usara e se ajoelhou. Ela

pegou água, saciou a sede e lavou o rosto. Depois de pentear o cabelo com os dedos, ela o prendeu em um nó frouxo e estava terminando quando uns dez drones entraram na arena.

Ela pareceu não reparar neles enquanto tirava uma garrafa do bolso e a levava à poça para coletar uns dois ou três centímetros de água. Depois de balançá-la pela garrafa, Lucy Gray derramou a água de volta na poça e estava prestes a enchê-la novamente quando os drones chamaram sua atenção. Quando a comida e a água começaram a cair em volta dela, ela jogou a garrafa velha fora e recolheu as dádivas na saia.

Lucy Gray foi para o túnel mais próximo, mas olhou para Reaper, descansando na arquibancada. Ela mudou de rumo, correu até o necrotério e levantou o pedaço de bandeira. Seus lábios se moveram conforme ela foi contando os mortos.

– Ela está tentando descobrir quem sobrou nos Jogos – disse Coriolanus no microfone que Lepidus tinha botado na cara dele.

– Talvez a gente devesse colocar no placar – brincou Lepidus.

– Sei que os tributos achariam isso útil – disse Coriolanus. – Falando sério, é uma boa ideia.

De repente, Lucy Gray levantou a cabeça, e as provisões na saia dela caíram na terra quando ela deu meia-volta e saiu correndo. Ela tinha ouvido algo que os espectadores não podiam ouvir. Treech saiu de detrás da barricada, portando o machado, e agarrou o pulso dela quando ela passava debaixo da viga. Lucy Gray se virou e caiu de joelhos, lutando loucamente quando ele levantou a arma.

– Não! – Coriolanus ficou de pé e empurrou Lepidus para o lado. – Lucy Gray!

Duas coisas aconteceram simultaneamente. Quando o machado começou a descer, ela se jogou nos braços de Treech e se agarrou a ele, evitando a lâmina. Bizarramente, eles pareceram se abraçar por um longo momento, até que os olhos de Treech se arregalaram de horror. Ele a empurrou para longe, largou o machado e arrancou alguma coisa da nuca. Sua mão subiu no ar, os dedos fechados com força em uma cobra rosa. Ele caiu de joelhos e a bateu no chão repetidamente, até cair morto na terra, a cobra sem vida ainda agarrada à mão.

Com o peito subindo e descendo, Lucy Gray se virou e localizou Reaper, mas ele ainda estava se balançando na arquibancada. Momentaneamente segura, ela apertou a mão sobre o coração e acenou para o público.

Quando a plateia no salão aplaudiu, Coriolanus soltou o ar de uma vez e se virou para aceitar os aplausos. Ele tinha conseguido. Ela tinha conseguido. Com os bolsos cheios de veneno, ela tinha chegado aos dois finalistas. Ela devia ter guardado a cobra rosa no bolso, como fizera com a verde na colheita. Haveria mais? Ou Treech espancara até a morte a última sobrevivente? Não dava para saber. Mas a mera possibilidade de outra arma reptiliana fazia Lucy Gray parecer mortal.

Enquanto Lepidus acompanhava a saída de Vipsania, que agradeceu aos Idealizadores dos Jogos por entre dentes, Coriolanus afundou na cadeira e viu Lucy Gray recuperar seu banquete. Ele se inclinou na direção de Clemensia e sussurrou:

– Estou feliz que somos nós.

Ela respondeu com um sorriso conspiratório.

Enquanto Lucy Gray abria as embalagens e espalhava a comida de forma agradável, Coriolanus pensou no piquenique deles no zoológico. Estaria reencenando aquilo para ele? Algo fez seu coração se contrair, e a lembrança do beijo voltou. Haveria mais no futuro dele? Por um minuto, ele se permitiu uma fantasia de Lucy Gray vencendo, deixando a arena e indo morar com ele na cobertura dos Snow, que estaria de alguma forma salva dos impostos. Ele estudaria na Universidade com o Prêmio Plinth enquanto ela seria a atração principal da casa noturna recém-reaberta de Pluribus, porque a Capital deixaria que ela ficasse e, bem, ele ainda não tinha pensado em todos os detalhes, mas a questão era que ele poderia ficar com ela. E Coriolanus queria ficar com ela. Protegida e próxima. Admirada e admiradora. Dedicada. E total e inequivocamente dele. Se o que ela disse antes de beijá-lo, "*O único garoto por quem meu coração bate agora é você*", fosse verdade, ela também não ia querer isso?

Pare!, pensou ele. *Ninguém ganhou nada ainda!* Ela já tinha consumido quase toda a comida e ele pediu mais, uma quantidade grande para que ela pudesse se esconder e sobreviver disso nos dias seguintes, para o caso de decidir

ficar escondida e esperar que Reaper morresse. Era um bom plano, de baixo risco para ela e inevitável se ele continuasse rejeitando alimentos. Mas e se ele parasse? E se recuperasse a razão e decidisse ingerir a quantidade quase ilimitada de dádivas de patrocinadores que Clemensia podia enviar? Nesse caso, tudo se resumiria a um embate físico novamente, e Lucy Gray estaria em grande desvantagem se não estivesse escondendo mais serpentes.

Quando os drones terminaram de entregar os alimentos, Lucy Gray os separou e guardou nos bolsos. Não pareciam tão espaçosos para guardar tanta comida e bebida junto com outra serpente, mas ela era muito inteligente. Ele nem a viu pegar a cobra que matara Treech.

Festus levou sanduíches para Coriolanus e Clemensia no almoço, mas os dois estavam nervosos demais para comer. Os demais alunos comeram em seus lugares, sem querer perder um momento. Coriolanus ouvia debates sussurrados e apaixonados sobre quem venceria o dia. Ele não se lembrava das pessoas se importarem no passado.

O sol começou a secar a arena, fazendo as poças rasas evaporarem e só deixando algumas fundas das quais beber. Lucy Gray foi descansar em um monte de destroços, a saia aberta para captar os raios. O momento de tranquilidade foi propício para outra aparição de Lucky, que deu uma previsão do tempo detalhada, inclusive um aviso de calor e dicas para evitar câimbras, exaustão e derrame. A fila da barraca de limonada do lado de fora da arena estava enorme, e as pessoas se protegiam debaixo de guarda-chuvas ou se espremiam nos preciosos pontos de sombra. Até o confiável frescor de Heavensbee Hall falhou e os alunos tiraram os paletós e se abanaram com cadernos. No meio da tarde, a escola tinha disponibilizado ponche de frutas, o que deu uma sensação festiva ao evento.

Lucy Gray manteve Reaper no seu campo de visão, mas ele não se moveu na direção dela. De repente, ela se levantou, como se estivesse impaciente para dar continuidade às coisas, e refez os passos até o corpo de Treech. Ela segurou um tornozelo e começou a arrastá-lo para o necrotério de Reaper. Ele pareceu acordar na hora que ela tocou no corpo. Ele se inclinou e gritou alguma coisa ininteligível e desceu correndo a arquibancada. Lucy Gray soltou Treech e correu para um túnel próximo. Reaper assumiu a tarefa de transportar Treech e

o colocou na fila de tributos mortos, cobrindo-o com o resto de bandeira. Satisfeito, ele voltou para a arquibancada, mas tinha apenas chegado no muro quando Lucy Gray saiu correndo de um segundo túnel, puxou um dos pedaços de bandeira dos corpos e gritou. Reaper se virou e correu até ela. Lucy Gray não perdeu tempo em sumir atrás da barricada. Reaper colocou a bandeira no lugar e prendeu o tecido embaixo dos corpos para prendê-lo com mais firmeza e foi descansar perto de um poste. Depois de alguns minutos, ele pareceu cochilar, os olhos fechados no sol. Lucy Gray saiu correndo de novo, soltou uma das pontas da bandeira e desta vez saiu correndo com o pano voando. Quando Reaper percebeu a alteração, ela já estava a cinquenta metros dele. A indecisão dele permitiu que ela aumentasse a distância, e Lucy Gray levou a bandeira para o meio da arena, onde a deixou na terra e foi para a arquibancada. Com raiva agora, Reaper correu e tomou posse da bandeira de volta. Ele deu alguns passos atrás dela, mas o esforço cobrou um preço dele. Ele apertou as mãos nas têmporas e ofegou com rapidez, mas não pareceu estar suando. Como a atualização de Lucky tinha deixado claro, aquilo podia ser sinal de insolação.

Ela está tentando fazer com que ele corra até morrer, pensou Coriolanus. *E pode ser que dê certo.*

Reaper cambaleou um pouco, como se estivesse bêbado. Com a bandeira na mão, ele foi até sua poça, uma da poucas que não tinham secado naquela tarde. Ele caiu de joelhos e bebeu até só sobrar lama no fundo. Ao se sentar nos calcanhares, uma expressão estranha surgiu no rosto dele, e seus dedos começaram a massagear as costelas e o peito. Ele vomitou um pouco da água e permaneceu de quatro enquanto era tomado por ânsias. Levantou-se com pernas bambas. Ainda segurando a bandeira na mão, ele começou a andar com passos lentos e irregulares na direção do necrotério. Reaper tinha acabado de chegar lá quando caiu no chão, deitando-se ao lado de Treech. Uma das mãos tentou puxar a bandeira sobre o grupo, mas ele só conseguiu se cobrir parcialmente antes de encolher os membros e ficar imóvel.

Coriolanus ficou paralisado de expectativa. Era o fim? Ele tinha mesmo ganhado? Os Jogos Vorazes? O Prêmio Plinth? A garota? Ele observou o rosto

de Lucy Gray fitando Reaper da arquibancada, mas sua expressão estava distante, como se ela estivesse longe da ação na arena.

A plateia no salão começou a murmurar. Reaper estaria morto? Não deviam estar declarando a vencedora? Coriolanus e Clemensia afastaram Lepidus e seu microfone enquanto esperavam o resultado. Meia hora se passou até Lucy Gray descer da arquibancada e se aproximar de Reaper. Ela colocou os dedos no pescoço dele e verificou a pulsação. Satisfeita, ela fechou as pálpebras dele e arrumou a bandeira sobre os tributos, como se estivesse botando crianças na cama. Em seguida, foi até o poste e se sentou para esperar.

Isso pareceu convencer os Idealizadores dos Jogos, porque Lucky apareceu dando saltos e anunciando que Lucy Gray Baird, tributo do Distrito 12, e seu mentor, Coriolanus Snow, tinham vencido a décima edição dos Jogos Vorazes.

Heavensbee Hall explodiu ao redor de Coriolanus, e Festus organizou alguns colegas para erguerem a cadeira dele e o carregarem pela plataforma. Quando finalmente o colocaram no chão, Lepidus o cobriu de perguntas, que ele só pode responder dizendo que a experiência o deixava muito emocionado e grato. O corpo estudantil todo foi enviado para o refeitório, onde havia bolo e posca para a comemoração. Coriolanus se sentou num local de honra, recebeu parabéns e tomou mais posca do que deveria. E daí? Naquele momento, ele se sentia invencível.

Satyria o resgatou quando sua cabeça começou a ficar confusa e o levou do refeitório até o laboratório superior de biologia.

– Acho que vão trazer sua garota. Não se surpreenda se botarem vocês dois juntos na frente das câmeras. Muito bem.

Coriolanus deu um abraço espontâneo nela e correu para o laboratório, agradecido pelo momento de tranquilidade. Sentiu seus lábios se abrindo em um sorriso insano. Ele tinha vencido. Tinha conquistado glória, um futuro e talvez também o amor. A qualquer momento ele teria Lucy Gray nos braços. *Ah, Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo; sem dúvida nenhuma.* Ele obrigou as bochechas a relaxarem quando chegou à porta e ajeitou o paletó para tentar esconder seu estado desarrumado. Não seria bom deixar a dra. Gaul o ver assim.

Quando abriu a porta do laboratório superior de biologia, ele só encontrou o reitor Highbottom no lugar de sempre à mesa.

– Feche a porta ao passar.

Coriolanus obedeceu. Talvez o reitor quisesse parabenizá-lo em particular. Ou pedir desculpas pelos abusos. Uma estrela em declínio podia um dia precisar de uma em ascensão. Mas, quando se aproximou do reitor, um medo gelado tomou conta de Coriolanus. Ali, em cima da mesa, arrumados como espécimes de laboratório, havia três objetos: um guardanapo da Academia manchado de ponche de uva, o estojo prateado de pó compacto da mãe dele e um lenço branco velho.

A reunião não podia ter durado mais do que cinco minutos. Em seguida, como combinado, Coriolanus seguiu diretamente para o Centro de Recrutamento, onde se tornou o mais novo, e talvez o mais vistoso, Pacificador de Panem.



PARTE III

"O PACIFICADOR"



Coriolanus encostou a têmpora na janela de vidro, tentando absorver um pouco da frieza que talvez ainda houvesse nela. O vagão abafado do trem tinha se esvaziado quando seis dos seus colegas recrutas saíram no Distrito 9. Sozinho, enfim. Ele tinha ficado no trem por 24 horas sem um momento de privacidade. O movimento para a frente era muitas vezes interrompido por esperas longas e sem explicação. Com a viagem agitada e a falação dos outros recrutas, ele não dormiu nada. Só fingiu dormir para dissuadir qualquer um de conversar com ele. Talvez ele pudesse tirar um cochilo agora para acordar daquele pesadelo que parecia, por sua insistência, ser sua vida real. Ele coçou a bochecha ralada com o punho duro e áspero da nova camisa de Pacificador, o que só reforçou seu desespero.

Que lugar feio, pensou quando o trem seguiu pelo Distrito 9. Os prédios de concreto, a tinta descascando e a miséria, assando no implacável sol da tarde. E como era provável que o Distrito 12 fosse ainda mais feio, com a camada adicional de pó de carvão. Ele nunca tinha visto como era, só a cobertura granulada da praça no dia da colheita. Não parecia adequado para ser habitado por humanos.

Quando ele pediu para ser designado para lá, as sobrancelhas do oficial se ergueram de surpresa.

– Não ouço isso com frequência – disse ele, mas carimbou o pedido sem mais discussões. Aparentemente, nem todo mundo estava acompanhando os Jogos Vorazes, pois ele não parecia saber quem Coriolanus era e nem mencionou Lucy Gray. Melhor ainda. No momento, o anonimato era uma

condição muito desejada. Boa parte da vergonha da situação dele vinha do sobrenome que ele carregava. Ele ferveu ao lembrar seu encontro com o reitor Highbottom…

"Está ouvindo, Coriolanus? É o som da neve caindo."

Como ele odiava o reitor Highbottom. A cara inchada acima das provas. A ponta da caneta cutucando os itens na mesa do laboratório.

– Esse guardanapo. Com seu DNA confirmado. Usado para levar ilegalmente comida do refeitório para a arena. Nós o pegamos como evidência na cena do crime depois das bombas. Fizemos uma verificação de rotina e encontramos você.

– Vocês estavam matando ela de fome – disse Coriolanus na época, a voz falhando.

– Procedimento padrão nos Jogos Vorazes. Mas não foi a comida, que deixamos passar da parte de todos os mentores, mas o roubo da Academia. Estritamente proibido – disse o reitor Highbottom. – Eu fui a favor de expô-lo naquela época, lhe conceder outro demérito e desqualificá-lo dos Jogos, mas a dra. Gaul achou que você era mais útil como mártir pela causa da Capital ferida. Então usamos sua gravação cantando o hino enquanto você se recuperava no hospital.

– E por que trazer à tona agora? – perguntou Coriolanus.

– Só para estabelecer um padrão de comportamento. – A caneta bateu na rosa prateada em seguida. – Esse estojo de pó compacto. Quantas vezes vi sua mãe o tirar da bolsa para olhar o rosto? Sua mãe bonita e insípida, que tinha conseguido se convencer que seu pai lhe daria liberdade e amor. Da frigideira direto para o fogo, como dizem.

– Ela não era. – Isso foi tudo que Coriolanus conseguiu falar. Ele quis dizer insípida.

– Só a juventude a desculpava, e ela realmente parecia destinada a ser criança para sempre. O oposto da sua garota, Lucy Gray. Dezesseis anos que parecem quase 35, e 35 vividos com dureza – observou o reitor Highbottom.

– Ela te deu o estojo? – O coração de Coriolanus despencou com o pensamento.

– Ah, não a culpe. Os Pacificadores tiveram que prendê-la no chão pra pegar essa coisa. Naturalmente, fazemos uma revista detalhada dos vitoriosos quando eles saem da arena. – O reitor inclinou a cabeça e sorriu. – Foi tão inteligente o jeito como ela envenenou Wovey e Reaper. Não foi jogo limpo, mas o que fazer? Mandá-la de volta ao Distrito 12 já me parece uma grande punição. Ela disse que o veneno de rato foi ideia dela, que o estojo de pó foi só uma lembrança.

– É verdade – disse Coriolanus. – Foi mesmo. Uma lembrança do meu afeto. Não sei nada sobre veneno.

– Digamos que eu acreditasse em você, e não acredito. Mas digamos que acreditasse. Como devo interpretar isso, então? – O reitor Highbottom ergueu o lenço com a ponta da caneta. – Um dos assistentes do laboratório encontrou isso no tanque das serpentes ontem de manhã. Todos ficaram perplexos e verificaram os bolsos para ver se tinham perdido os lenços, porque quem mais tinha chegado perto dos bestantes? Um jovem até assumiu a culpa, disse que sua alergia andava atacada e que ele tinha perdido o lenço alguns dias antes. Mas quando ele estava pedindo demissão, repararam nas iniciais. Não suas. Do seu pai. Delicadamente bordadas no canto.

CXS. Bordado com o mesmo fio branco da borda. Parte do padrão da borda, tão despretensioso que era preciso procurar com cuidado, mas irrefutavelmente estava lá. Coriolanus nunca tinha se dado ao trabalho de examinar o lenço do dia; só enfiava um no bolso ao sair. Haveria uma pequena chance de negar a acusação se o nome do meio não fosse tão distinto. Xanthos. O único nome que Coriolanus conhecia que começava com *X*, e a única pessoa que o tinha era seu pai. Crassus Xanthos Snow.

Não havia necessidade de perguntar sobre o exame de DNA, que o reitor Highbottom devia ter feito e encontrado a assinatura genética dele e de Lucy Gray.

– E por que você não tornou isso público?

– Ah, acredite, eu fiquei tentado. Mas a Academia, quando expulsa um aluno, tem a tradição de oferecer uma alternativa de sobrevivência – explicou o reitor. – Como alternativa à desgraça pública, você pode entrar para os Pacificadores até o fim do dia.

– Mas… por que eu faria isso? Por que eu diria que faria isso? Quando acabei… de vencer o Prêmio Plinth pra estudar na Universidade? – gaguejou ele.

– Quem sabe? Porque você é muito patriota? Porque acredita que aprender a defender seu país é uma educação melhor do que o conhecimento de livros? – O reitor Highbottom começou a rir. – Porque os Jogos Vorazes te mudaram e você vai aonde puder servir melhor a Panem? Você é um jovem inteligente, Coriolanus. Sei que vai pensar em alguma coisa.

– Mas… mas eu…? – Sua cabeça estava girando com posca e adrenalina. – Por quê? Por que você me odeia tanto? – disse ele de repente. – Achei que você fosse amigo do meu pai!

Isso deixou o reitor sério.

– Eu também achava. Uma época. Mas acontece que eu era só uma pessoa de quem ele gostava porque podia usar. Mesmo agora.

– Mas ele está morto! Está morto há anos! – exclamou Coriolanus.

– Ele merece estar, mas parece muito vivo em você. – O reitor fez um gesto para ele sair. – Melhor ir logo. O atendimento fecha em vinte minutos. Se você correr, vai conseguir chegar.

E assim, ele saiu correndo, sem saber o que fazer. Depois que se alistou, ele foi direto para a Cidadela, torcendo para implorar pela misericórdia da dra. Gaul. Sua entrada foi negada, mesmo quando ele alegou que os pontos tinham infeccionado. Os Pacificadores ligaram para o laboratório e receberam a informação de que deviam redirecioná-lo para o hospital. Um dos guardas teve pena dele e concordou em tentar entregar a redação final para a dra. Gaul. Mas sem promessas. Na margem, ele começou a rabiscar uma mensagem implorando para que ela intercedesse, mas sentiu que não adiantaria de nada. Ele só escreveu *Obrigado*. Ele não sabia por que estava agradecendo, mas se recusou a deixar que ela se alimentasse do seu desespero.

No caminho para casa, os parabéns dos vizinhos foram como adagas enfiadas em seu coração, mas o verdadeiro sofrimento começou quando ele entrou no apartamento e ouviu sons de cornetas e gritos. Tigris e sua avó tinham pegado os itens de festa que elas usavam para comemorar o ano novo e compraram um bolo de padaria para a ocasião. Ele tentou abrir um sorriso

fraco, mas caiu no choro. E contou tudo a elas. Quando terminou, as duas ficaram muito calmas e imóveis, como duas estátuas de mármore.

– Quando você vai embora? – perguntou Tigris.

– Amanhã de manhã – respondeu ele.

– Quando você volta? – perguntou sua avó.

Ele não aguentou dizer vinte anos. Ela não duraria tanto tempo. Se ele a visse de novo, seria no mausoléu.

– Não sei.

Ela assentiu para indicar que entendia e se empertigou na cadeira.

– Lembre-se, Coriolanus, que onde quer que você vá, você sempre será um Snow. Ninguém pode tirar isso de você.

Ele se perguntou se esse não era o problema. A impossibilidade de ser um Snow naquele mundo pós-guerra. O que isso o levou a fazer. Mas só respondeu:

– Um dia, vou tentar ser digno do sobrenome.

Tigris se levantou.

– Venha, Coryo. Vou te ajudar a arrumar as coisas. – Ele a seguiu até o quarto. Ela não tinha chorado. Coriolanus sabia que ela tentaria segurar as lágrimas até ele sair.

– Não tenho muito pra levar. Eles mandaram usar roupas velhas que vão ser jogadas fora. Eles fornecem uniformes, itens de higiene, tudo. Só posso levar itens pessoais que caibam aqui. – Coriolanus pegou uma caixa de vinte por trinta centímetros e uns oito de profundidade dentro da mochila. Os primos olharam para a caixa por um longo momento.

– O que você vai levar? – perguntou Tigris. – Tem que ser coisa importante.

Fotografias da mãe dele o segurando quando bebê, do pai de uniforme, de Tigris e a avó, de alguns dos amigos. Uma bússola velha com corpo de metal, que tinha sido do seu pai. O disco de pó com aroma de rosas que antes ficava no estojo de prata da mãe, embrulhado com cuidado no lenço de cabelo laranja. Três lenços. Papel de carta com a insígnia da família Snow. Sua identidade da Academia. Um canhoto de ingresso de um circo de sua infância, com uma imagem da arena. Um pedaço de mármore dos destroços de uma

bomba. Ele se sentiu como a sra. Plinth, com o punhado de lembranças do Distrito 2 na cozinha.

Nenhum dos dois dormiu. Eles foram para o telhado e olharam a Capital até o sol começar a nascer.

– Você foi vítima de uma armação pra fracassar – disse Tigris. – Os Jogos Vorazes são uma punição perversa e cruel. Como poderiam esperar que uma pessoa boa como você concordasse?

– Você não pode dizer isso pra ninguém além de mim. Não é seguro – avisou Coriolanus.

– Eu sei. E isso também é errado.

Coriolanus tomou banho e vestiu uma calça esfiapada do uniforme, uma camiseta puída e um chinelo remendado e tomou uma xícara de chá na cozinha. Deu um beijo de despedida na avó e deu uma última olhada na casa antes de sair.

No corredor, Tigris lhe ofereceu um velho chapéu de sol e um par de óculos escuros que tinha sido do pai.

– Para a viagem.

Coriolanus percebeu que era um disfarce e colocou os acessórios com gratidão, prendendo os cachos embaixo do chapéu. Eles ficaram em silêncio enquanto andavam pelas ruas quase desertas até o Centro de Recrutamento. Ele se virou para ela, a voz rouca de emoção.

– Deixei tudo nas suas costas. O apartamento, os impostos, nossa Lady-Vó. Me desculpe. Se você nunca me perdoar, vou entender.

– Não há nada a perdoar – disse ela. – Você vai escrever assim que puder?

Eles se abraçaram tão apertado que ele sentiu vários pontos no braço repuxarem. Então ele entrou no Centro, onde uns trezentos cidadãos da Capital esperavam para embarcar para a vida nova. Ele sentiu uma pontada de esperança de não passar no exame físico, mas depois veio uma onda de pânico com o pensamento. Que destino o aguardava se ele não passasse? Uma reprimenda pública? A prisão? O reitor Highbottom não falou, mas ele imaginava o pior. Ele passou com facilidade e até tiraram os pontos sem comentários. O corte militar que o separou dos cachos que ele sempre usara o deixou se sentindo nu, mas com aparência tão diferente que os poucos olhares

curiosos que ele vinha recebendo pararam. Ele vestiu um uniforme novo em folha e recebeu uma bolsa cheia de roupas adicionais, um kit de higiene, uma garrafa de água e um pacote de sanduíches com pasta de carne para a viagem de trem. Ele assinou então uma pilha de formulários, sendo que um os orientava a enviar metade do seu pequeno pagamento para Tigris e sua avó. Isso lhe deu um pouco de consolo.

Tosado, vestido e vacinado, Coriolanus entrou em um ônibus de recrutas indo para a estação de trem. Era uma mistura de garotos e garotas da Capital, a maioria recém-formada do ensino médio com formatura em data anterior à da Academia. Ele foi para um canto da estação e viu o *Notícias da Capital*, temendo uma reportagem sobre sua situação, mas só viu as notícias comuns de um sábado. O tempo. Desvios no tráfego para obras. Uma receita de salada de verão. Era como se os Jogos Vorazes nem tivessem acontecido.

Estou sendo apagado, pensou ele. *E, para me apagar, eles precisam apagar os Jogos.*

Quem sabia da sua desgraça? O corpo docente? Os amigos? Ninguém tinha feito contato com ele. Talvez a notícia não tivesse se espalhado. Mas aconteceria. As pessoas iriam especular. Os boatos voariam. Uma versão da verdade, retorcida e cruel, prevaleceria. Ah, como Livia Cardew se gabaria. Clemensia ganharia o Prêmio Plinth na formatura. No mês das férias de verão, as pessoas se perguntariam sobre ele. Algumas talvez até sentissem sua falta. Festus. Lysistrata, talvez. Em setembro, seus colegas começariam a frequentar a Universidade. E ele seria lentamente esquecido.

Apagar os Jogos seria apagar Lucy Gray também. Onde ela estava? Tinha mesmo sido enviada para casa? Estava naquele momento voltando para o Distrito 12, trancada no vagão fedorento de gado que a tinha levado até a Capital? Foi o que o reitor Highbottom indicou que aconteceria, mas a decisão final seria da dra. Gaul, e ela talvez não perdoasse a trapaça deles. Por instrução dela, Lucy Gray poderia ser presa, morta ou até transformada em Avox. Pior ainda, poderia ser sentenciada a uma vida de experimentações no laboratório dos horrores da dra. Gaul.

Lembrando que estava no trem, Coriolanus fechou os olhos, com medo de as lágrimas surgirem. Não seria bom ser visto chorando como um bebê chorão,

e ele controlou as emoções com dificuldade. Ele se acalmou com a ideia de que devolver Lucy Gray ao Distrito 12 pudesse ser a melhor estratégia para a Capital. Talvez, com o passar do tempo, a dra. Gaul mandasse buscá-la, principalmente com ele fora da jogada. Talvez ela mandasse que Lucy Gray voltasse e cantasse na abertura dos Jogos. Os crimes dela, se é que houve algum, eram menores em comparação aos dele. E a plateia a amara, não foi? Talvez os encantos a salvassem novamente.

De vez em quando, o trem parava e vomitava mais recrutas, ou para seu distrito designado ou para serem transferidos para transportes indo para o norte ou para o sul ou seja lá para onde tinham sido designados. Às vezes, ele olhava pelas janelas para as cidades mortas pelas quais eles passavam, agora abandonadas às intempéries, e se perguntava como o mundo era quando todas estavam em período de glória. Quando aquilo era a América do Norte, não Panem. Devia ser ótimo. Uma terra cheia de Capitais. Que desperdício…

Por volta da meia-noite, a porta do compartimento se abriu e duas garotas a caminho do Distrito 8 entraram com meio galão de posca que tinham conseguido contrabandear para o trem. Resignado com a situação, ele passou a noite as ajudando a consumir a bebida e acordou um dia depois com o trem parando no Distrito 12, com o amanhecer de uma terça-feira abafada.

Coriolanus cambaleou para a plataforma com a cabeça latejando e a boca parecendo lixa. Seguindo ordens, ele e três outros recrutas formaram uma fila e esperaram por uma hora um Pacificador que não parecia muito mais velho do que eles os levar para fora da estação e pelas ruas cheias de pedrinhas. O calor e a umidade deixavam o ar em um estado intermediário entre líquido e gás, e ele não poderia confirmar se estava inspirando ou expirando. A umidade banhava seu corpo com uma camada desconhecida que desafiava a limpeza. O suor não secava, só aumentava. Seu nariz escorria livremente, o catarro já tingido de preto pelo pó de carvão. Suas meias estavam molhadas nas botas duras. Depois de uma caminhada de uma hora por ruas de asfalto rachado e concreto ladeadas de prédios horríveis, eles chegaram à base que seria seu novo lar.

A cerca de segurança que envolvia a base, assim como os Pacificadores armados no portão, o fizeram se sentir menos exposto. Os recrutas seguiram o guia por uma variedade de prédios cinzentos comuns. No alojamento, as duas

garotas se afastaram enquanto ele e o único outro recruta homem, um garoto alto e magro chamado Junius, foram enviados para um quarto com quatro conjuntos de beliches e oito armários. Dois dos beliches estavam bem arrumados, e dois dos restantes, colocados perto de uma janela suja situada acima de uma caçamba de lixo, tinham pilhas de lençóis em cima. Os garotos, desajeitados, seguiram instruções para fazerem a cama, Coriolanus ficando com a de cima em respeito ao medo de altura de Junius. Eles tiveram o resto da manhã para tomar banho, desfazer a mala e revisar o manual de treinamento dos Pacificadores antes de se apresentarem no refeitório para almoçar às onze.

Coriolanus ficou parado no chuveiro, a cabeça para trás, engolindo a água morna que saía do encanamento. Secou-se três vezes até aceitar a umidade da pele como um estado perpétuo e vestiu um uniforme limpo. Depois de desfazer a bolsa e guardar a preciosa caixa na prateleira de cima do armário, ele se deitou na cama e leu o manual dos Pacificadores, ou ao menos fingiu, para evitar conversar com Junius, um sujeito nervoso que precisava da validação que Coriolanus não estava disposto a dar. O que ele queria dizer era *Sua vida acabou, jovem Junius; aceite.* Mas isso parecia capaz de dar mais abertura do que ele estava disposto. A ausência repentina de responsabilidade na vida dele, dos estudos, da família, do próprio futuro, tinha drenado sua força. A menor das tarefas parecia intimidante.

Alguns minutos antes das onze, os colegas de quarto, um garoto falante de rosto redondo chamado Sorriso e seu amigo diminuto, Mosquitinho, foram buscá-los. O quarteto foi para o refeitório, que tinha mesas compridas com cadeiras de plástico rachado.

– Terça é dia de picadinho! – anunciou Sorriso. Apesar de ser Pacificador havia só uma semana, ele parecia não só conhecer, mas amar a rotina. Coriolanus pegou uma bandeja com compartimentos com uma coisa que parecia ração de cachorro com batata. A fome e o entusiasmo dos colegas o animaram, ele experimentou um pedaço e descobriu que a comida era bem razoável, ainda que muito salgada. Ele também recebeu duas metades de pera em conserva e uma caneca grande de leite. Não era elegante, mas alimentava bem. Ele se deu conta de que, como Pacificador, era improvável que ele

passasse fome. Na verdade, ele teria mais comida regularmente do que tinha em casa.

Sorriso declarou que todos já eram amigos, e no final do almoço, Coriolanus e Junius tinham ganhado os apelidos de Cavalheiro e de Poste, respectivamente, um pelos modos à mesa, o outro por causa do tipo de corpo. Coriolanus gostou do apelido porque a última coisa que queria ouvir era o nome Snow. Mas nenhum dos seus companheiros de quarto comentou e nem mencionou os Jogos Vorazes. No fim das contas, os alistados só tinham acesso a uma televisão na sala de recreação, e a qualidade da recepção era tão ruim que raramente ligavam o aparelho. Se Poste tinha visto Coriolanus na Capital, ele não fez a conexão entre o mentor dos Jogos Vorazes e o recruta ao lado dele. Talvez ninguém o reconhecesse porque ninguém esperava que ele estivesse lá. Ou talvez sua fama só alcançasse a Academia e o pequeno grupo de desempregados da Capital que tinha tempo de acompanhar o drama. Coriolanus relaxou a ponto de revelar que teve um pai militar que foi morto na guerra, uma avó e uma prima em casa e que tinha terminado a escola na semana anterior.

Para sua surpresa, ele descobriu que Sorriso e Mosquitinho, assim como muitos dos demais Pacificadores, não eram da Capital, mas nascidos em distritos.

– Ah, claro. – disse Sorriso. – Ser Pacificador é um bom trabalho pra quem consegue. Melhor do que trabalhar nas fábricas. Tem muita comida e sobra dinheiro pra enviar para os meus pais. Algumas pessoas desprezam, mas eu digo que a guerra é passado e um emprego é um emprego.

– Então você não se importa de policiar sua própria gente? – Coriolanus não pôde deixar de perguntar.

– Ah, essa gente não é minha. A minha está no 8. Não botam a gente no mesmo distrito que a gente nasceu – disse Sorriso com um movimento de ombros. – Além do mais, você é da família agora, Cavalheiro.

Coriolanus foi apresentado a outros membros da nova família naquela tarde, quando foi designado para trabalhar na cozinha. Sob orientação de Biscoito, um soldado velho que tinha perdido a orelha esquerda na guerra, ele se despiu até a cintura e ficou na frente de uma pia cheia de água fumegante

durante quatro horas, esfregando panelas e enxaguando bandejas de metal. Em seguida, teve quinze minutos para comer mais picadinho e passou algumas horas passando pano no refeitório e nos corredores. Ele teve meia hora no quarto antes das luzes se apagarem às nove e ele desmaiar na cama de cueca.

Às cinco da manhã seguinte, ele estava vestido e no caminho para começar o verdadeiro treinamento. A primeira fase tinha a intenção de deixar as novas tropas em um nível aceitável de condicionamento físico. Ele fez agachamentos, correu e treinou até suas roupas estarem encharcadas e os calcanhares cheios de bolhas. A instrução da professora Sickle foi útil; ela sempre insistira em exercícios rigorosos, e ele marchava em formação desde os doze anos. Poste, por outro lado, com os dois pés esquerdos e o peito côncavo, sofreu provocação e abuso do sargento. Naquela noite, enquanto Coriolanus adormecia, ele ouviu o garoto tentando sufocar o choro com o travesseiro.

Períodos divididos em treinar, comer, limpar e dormir compunham sua nova vida. Ele ia de um a outro mecanicamente, mas com competência suficiente para fugir da reprovação. Quando ele tinha sorte, conseguia uma preciosa meia hora só para si antes do apagar das luzes à noite. Não que ele fizesse alguma coisa. Ele só conseguia tomar um banho e se deitar na cama.

Os pensamentos voltados para Lucy Gray o atormentavam, mas era complicado conseguir informações sobre ela. Se ele saísse pela base fazendo perguntas, alguém poderia acabar percebendo seu papel nos Jogos, e ele queria evitar isso a todo custo. O dia de folga do esquadrão dele era domingo, e seus deveres terminavam às cinco horas de sábado. Como recrutas, eles ficavam confinados à base até o fim de semana seguinte. Quando chegasse, Coriolanus pretendia ir até a cidade e perguntar discretamente aos moradores sobre Lucy Gray. Sorriso disse que os Pacificadores iam a um antigo armazém de carvão, chamado Prego, onde dava para comprar bebida feita em casa e talvez pagar por companhia. O Distrito 12 tinha uma praça, a mesma usada para a colheita, com algumas poucas lojas e mercadores locais, mas ficava mais movimentada durante o dia.

Exceto por Poste, que ficou encarregado das latrinas pelo mau desempenho, seus colegas de quarto foram para a sala de recreação jogar pôquer depois do jantar de sábado. Coriolanus ficou no refeitório, enrolando com o macarrão e a

carne enlatada. Como Sorriso sempre os distraía com tanta falação, era a primeira oportunidade que ele tinha de avaliar os outros Pacificadores. Eles variavam em idade do final da adolescência a um velho que parecia ser da época da sua avó. Alguns conversavam entre si, mas a maioria estava silenciosa e deprimida, comendo macarrão. Ele se perguntou: estaria olhando para o seu futuro?

Coriolanus decidiu passar a noite no quarto. Como tinha deixado as últimas moedas para a família, ele não teria dinheiro para jogar, nem uns trocados, até receber o pagamento no primeiro dia do mês. Mas o mais importante era que ele tinha recebido uma carta de Tigris e queria ler com privacidade. Ele apreciou a solidão, livre da imagem, som e cheiro dos colegas. Aquela proximidade constante o sufocava, pois estava acostumado a terminar os dias sozinho. Ele se deitou na cama e abriu a carta com cuidado.

Meu querido Coryo,

É noite de segunda e o apartamento ecoa com sua ausência. Lady-Vó parece não entender direito o que está acontecendo, pois perguntou duas vezes hoje quando você chegaria em casa e se devíamos esperar para jantar. A notícia da sua situação começou a se espalhar. Fui falar com Pluribus, e ele disse que tinha ouvido vários boatos: que você tinha seguido Lucy Gray para o 12 por amor, que tinha se embebedado na comemoração e se alistado por causa de uma aposta, que tinha violado as regras e enviado dádivas suas para Lucy Gray na arena, que você teve algum desentendimento com o reitor Highbottom. Eu digo para as pessoas que você está cumprindo seu dever com o país, como seu pai fez.

Festus, Persephone e Lysistrata passaram aqui esta noite, todos muito preocupados com você, e a sra. Plinth ligou para pedir seu endereço. Acho que ela vai escrever uma carta.

Nosso apartamento vai ser posto à venda agora, graças a uma ajuda dos Dolittle. Pluribus diz que, se não conseguirmos encontrar uma nova casa logo, ele tem dois quartos acima da casa noturna que podemos usar, e que

talvez eu possa ajudar com o figurino se ele reabrir. Ele também arrumou compradores para vários móveis nossos. Ele tem sido muito gentil e me pediu para enviar lembranças para você e Lucy Gray. Você conseguiu vê-la? Esse é o lado bom dessa loucura toda.

Desculpe pela carta curta, mas está bem tarde e eu tenho muita coisa para fazer. Eu só queria escrever para lembrar o quanto você é amado e o quanto sentimos saudades. Sei como as coisas devem estar difíceis, mas não perca a esperança. Foi o que nos sustentou pelos períodos mais sombrios e vai continuar fazendo isso agora. Escreva e nos conte sobre sua vida no 12. Pode não parecer ideal, mas quem pode saber em que vai dar?

Snow cai como a neve,
Tigris

Coriolanus escondeu o rosto nas mãos. A Capital, debochando do nome Snow? Sua avó ficando senil? A casa deles sendo dois quartos velhos acima de uma casa noturna, com Tigris costurando maiôs de lantejoula? Era esse o destino da magnífica família Snow?

E ele, Coriolanus Snow, o futuro presidente de Panem? Sua vida, trágica e sem sentido, se desenrolando à frente dele. Ele se imaginou dali a vinte anos, corpulento e burro, a criação que ele teve arrancada à força, a mente atrofiada ao ponto de só processar pensamento básicos e animalescos de fome e sono. Lucy Gray, mantida no laboratório da dra. Gaul, estaria morta, e o coração de Coriolanus morreria com ela. Vinte anos desperdiçados, e depois? Quando ele tivesse cumprido seu tempo? Ora, ele se realistaria, porque até a humilhação seria grande demais. E o que o esperaria na Capital se ele voltasse? Sua avó teria morrido. Tigris, de meia-idade, mas parecendo mais velha, costurando na servidão, sua gentileza transformada em insipidez, sua existência uma piada para quem ela teve que agradar para ganhar a vida. Não, ele nunca voltaria. Ficaria no 12 como aquele velho no refeitório, porque aquela era a vida dele. Sem companheira, sem filhos, sem endereço além do alojamento. Os outros

Pacificadores, sua família. Sorriso, Mosquitinho, Poste, seus irmãos. E ele nunca mais veria ninguém da Capital. Nunca mais.

Uma dor terrível apertou seu peito quando uma onda tóxica de saudades de casa e desespero tomou conta dele. Ele teve certeza de que estava tendo um ataque cardíaco, mas não tentou pedir ajuda, só se encolheu e encostou o rosto na parede. Talvez fosse melhor. Porque não havia saída. Não tinha para onde correr. Não havia esperança de resgate. Não havia futuro que não fosse uma morte ainda em vida. O que ele tinha para ansiar? Picadinho? Um copo semanal de gim? Uma promoção de lavar pratos para raspar pratos? Não era melhor morrer agora, rapidamente, a arrastar aquela vida dolorosamente por anos?

Em algum lugar, parecendo muito distante, ele ouviu uma porta bater. Passos soaram no corredor, parando por um minuto e continuando na direção dele. Ele trincou os dentes, desejando que seu coração parasse de uma vez, porque o mundo e ele tinham terminado e era hora de se separarem. Mas os passos ficaram mais altos e pararam na porta do quarto dele. Havia alguém o procurando? Era a patrulha? Olhando-o naquela posição humilhante? Adorando o estado péssimo dele? Ele esperou as risadas, o desprezo e a tarefa de limpar a latrina que teve certeza que viria em seguida.

Mas ele só ouviu uma voz baixa dizer:

– Tem alguém nessa cama aqui?

Uma voz baixa e familiar…

Coriolanus se virou na cama e seus olhos se abriram para confirmar o que seus ouvidos já sabiam. Parado na porta, parecendo estranhamente à vontade com um macacão ainda amassado, recém-saído da embalagem, estava Sejanus Plinth.



Coriolanus nunca tinha ficado tão feliz em ver alguém na vida.

– Sejanus! – exclamou. Ele pulou da cama, caiu com pernas trêmulas no chão de concreto pintado e passou os braços ao redor do recém-chegado.

Sejanus o abraçou de volta.

– São boas-vindas supreendentemente calorosas para a pessoa que quase te destruiu!

Uma risada meio histérica saiu dos lábios de Coriolanus, e por um momento ele considerou a precisão da alegação. Era verdade, Sejanus tinha botado sua vida em perigo ao entrar na arena, mas era um exagero culpá-lo por todo o resto. Por mais irritante que Sejanus soubesse ser, ele não teve culpa nenhuma pela raiva que o reitor Highbottom tinha do seu pai e nem na questão do lenço.

– Não, não, é o contrário. – Ele soltou Sejanus e o examinou. Havia olheiras fundas debaixo dos olhos e ele devia ter perdido uns oito quilos. Mas, de um modo geral, ele estava com um ar mais leve, como se o grande peso que carregava na Capital tivesse sido removido dos ombros dele. – O que você está fazendo aqui?

– Hum. Vamos ver. Depois de desafiar a Capital ao entrar na arena, também fiquei à beira da expulsão. Meu pai procurou o comitê e disse que pagaria um novo ginásio para a Academia se deixassem eu me formar e me alistar pra ser Pacificador. Concordaram, mas eu falei que só aceitaria se deixassem você se formar também. Bom, a professora Sickle queria muito um ginásio novo e questionou que importância teria se nós dois ficaríamos presos

aqui nos vinte anos seguintes de qualquer forma. – Sejanus botou a bolsa no chão e pegou seus itens pessoais.

– Eu me formei? – perguntou Coriolanus.

Sejanus abriu a caixa, pegou uma pequena pasta de couro com o emblema da escola e entregou a ele com postura cerimoniosa.

– Parabéns. Você não é mais um aluno que abandonou a escola.

Coriolanus abriu a capa e encontrou um diploma com seu nome escrito com caligrafia floreada. A coisa devia ter sido preparada com antecedência, porque até o creditava com *Grande Honra*.

– Obrigado. É besteira, mas ainda importa pra mim.

– Sabe, se você quiser fazer o teste dos candidatos a oficiais, talvez possa importar. É preciso ter formação escolar no ensino médio. O reitor Highbottom achava que isso devia ser negado a você. Disse que você violou regras dos Jogos pra ajudar Lucy Gray. Mas perdeu na votação. – Sejanus riu. – As pessoas estão se cansando dele.

– Então eu não sou universalmente malvisto? – perguntou Coriolanus.

– Por quê? Por ter se apaixonado? Acho que muita gente sente pena de você. Há muitos românticos entre nossos professores, acabei descobrindo – disse Sejanus. – E Lucy Gray provocou uma impressão muito boa.

Coriolanus segurou o braço dele.

– Onde ela está? Você sabe o que aconteceu com ela?

Sejanus balançou a cabeça.

– Costumam enviar os vitoriosos de volta para os distritos, não é?

– Tenho medo de terem feito coisa pior a ela. Porque nós trapaceamos nos Jogos – confessou Coriolanus. – Eu dei um jeito para que as serpentes não a picassem. Mas tudo o que ela fez por conta própria foi usar veneno de rato.

– Então foi isso. Bom, eu não ouvi nada sobre isso. Nem sobre ela ter sido punida – garantiu Sejanus. – A verdade é que ela é tão talentosa que devem querer levá-la de volta ano que vem.

– Também pensei nisso. Talvez Highbottom estivesse certo sobre ela ter sido enviada de volta para casa. – Coriolanus se sentou na cama do Poste e olhou para o diploma. – Sabe, quando você entrou, eu estava avaliando os méritos do suicídio.

– O quê? Agora? Com você finalmente livre das garras do reitor Highbottom e da maligna dra. Gaul? Quando a garota dos seus sonhos está ao seu alcance? Quando minha mãe está, neste exato momento, preparando uma caixa do tamanho de um caminhão com comidas pra você? Meu amigo, sua vida acabou de começar!

Coriolanus começou a rir; os dois riram.

– Isso não é nossa ruína?

– Eu chamaria de salvação. A minha, pelo menos. Ah, Coryo, se você soubesse como fiquei feliz de escapar – disse Sejanus, ficando sério. – Eu nunca gostei da Capital, mas depois dos Jogos Vorazes, depois do que aconteceu com o Marcus… Não sei se você estava falando sério sobre suicídio, mas não foi brincadeira pra mim. Eu estava com tudo planejado…

– Não. Não, Sejanus – disse Coriolanus. – Não vamos dar a eles essa satisfação.

Sejanus assentiu, pensativo, e secou o rosto na manga.

– Meu pai diz que não vai ser melhor aqui. Eu ainda vou ser um garoto da Capital aos olhos dos distritos. Mas não ligo. Qualquer coisa é uma melhoria. Como é aqui?

– A gente marcha ou limpa chão – disse Coriolanus. – É de entorpecer a mente.

– Que bom. A minha mente aguenta um pouco de entorpecimento. Andei preso em debates infinitos com meu pai. No momento, não quero ter discussões sérias sobre nada.

– Então você vai amar nossos colegas de quarto.

A dor no peito de Coriolanus tinha diminuído, e ele sentiu uma pontada de esperança. Lucy Gray tinha sido poupada de punição, ao menos publicamente. Só de saber que ele ainda tinha aliados na Capital melhorou seu ânimo, e a menção de Sejanus a se tornar oficial chamou sua atenção. Será que havia uma saída daquela situação complicada, afinal? Um outro caminho até a influência e o poder? Era um consolo no momento saber que era algo que o reitor Highbottom temia.

– É o que planejo – disse Sejanus. – Eu planejo construir uma vida linda e nova aqui. Em que, do meu jeitinho, eu possa tornar o mundo um lugar

melhor.

– Isso vai dar trabalho – disse Coriolanus. – Não sei o que deu em mim pra pedir o 12.

– Foi totalmente aleatório, obviamente – provocou Sejanus.

Como um bobo, Coriolanus sentiu que ficava vermelho.

– Eu nem sei como a encontrar. Nem se ela vai estar interessada em mim agora que tanta coisa mudou.

– Você está brincando, né? Ela está completamente apaixonada por você! E não se preocupe, nós vamos encontrá-la.

Enquanto ajudava Sejanus a desfazer a mala e arrumar a cama, Coriolanus se atualizou sobre as notícias da Capital. Sua desconfiança sobre os Jogos Vorazes estava certa.

– Na manhã seguinte, quase não houve menção alguma – disse Sejanus. – Quando fui à Academia para a revisão, ouvi alguns professores falando que tinha sido um erro envolver alunos, então acho que não vai mais acontecer. Mas eu não ficaria surpreso de ver Lucky Flickerman de volta ano que vem, nem as agências dos correios abrindo para receber dádivas e apostas.

– Nosso legado – disse Coriolanus.

– Ao que parece. Satyria disse à professora Sickle que a dra. Gaul está determinada a manter os Jogos. É a parte da guerra eterna dela, acho. Em vez de batalhas, temos os Jogos Vorazes.

– Sim, para punir os distritos e nos lembrar dos animais que somos – disse Coriolanus, concentrado em enfileirar as meias dobradas de Sejanus no armário.

– O quê? – perguntou Sejanus, olhando para ele de um jeito estranho.

– Não sei – disse Coriolanus. – Parece… Sabe aquilo de ela estar sempre torturando um coelho ou derretendo a pele de alguma coisa?

– Como se ela gostasse? – perguntou Sejanus.

– Exatamente. Acho que ela pensa que somos todos assim. Assassinos por natureza. Inerentemente violentos. Os Jogos Vorazes são um lembrete dos monstros que somos e que precisamos da Capital pra nos proteger do caos.

– Então, além de o mundo ser um lugar brutal, as pessoas gostam da brutalidade? Tipo a redação sobre tudo que amamos na guerra – disse Sejanus.

– Como se tivesse sido um grande show. – Ele balançou a cabeça. – Isso tudo para não ter que pensar.

– Esquece – disse Coriolanus. – Vamos ficar felizes de ela estar fora das nossas vidas.

Poste chegou, desanimado, fedendo a mictório e água sanitária. Coriolanus o apresentou a Sejanus, que, ao saber da situação complicada dele, o animou prometendo ajudar nos exercícios.

– Eu demorei pra pegar o jeito lá na escola. Mas, se eu consegui fazer direito, você também consegue.

Sorriso e Mosquitinho entraram logo depois e cumprimentaram Sejanus calorosamente. Eles sofreram uma limpa na mesa de pôquer, mas estavam animados com o entretenimento do sábado seguinte.

– Vai ter uma banda no Prego.

Coriolanus praticamente pulou em cima dele.

– Banda? Que banda?

Sorriso deu de ombros.

– Não lembro. Mas vai ter uma garota cantando. Dizem que é boa. Lucy alguma coisa.

Lucy alguma coisa. O coração de Coriolanus deu um pulo e um sorriso quase partiu o rosto dele em dois.

Sejanus sorriu para ele.

– É mesmo? Taí uma coisa pra esperarmos com ansiedade.

Depois do apagar das luzes, Coriolanus ficou sorrindo para o teto. Lucy Gray não só estava viva, ela estava no 12, e ele se reencontraria com ela na semana seguinte. Sua garota. Seu amor. Sua Lucy Gray. Eles sobreviveram ao reitor, à doutora e aos Jogos. Depois de tantas semanas de medo, saudade e insegurança, ele passaria os braços em volta dela e não soltaria nunca mais. Não foi para isso que ele fora para o 12?

Mas não foi só a notícia dela. Por mais irônico que fosse, a aparição do irritante Sejanus ajudou a trazê-lo de volta à vida também. Não só com o diploma e as tortas prometidas, nem as garantias de que a Capital não debochava dele, nem mesmo a esperança de carreira como oficial. Coriolanus ficou muito aliviado de ter alguém que conhecia seu mundo para conversar e,

mais importante ainda, que conhecia seu verdadeiro valor. Ele ficou emocionado com o fato de que Strabo Plinth deixou Sejanus insistir que sua formatura fosse parte do acordo do ginásio e interpretou como pelo menos um pagamento parcial por ele ter salvado a vida de Sejanus. O velho Plinth não tinha se esquecido dele, Coriolanus tinha certeza, e talvez estivesse disposto a usar a riqueza e o poder para ajudá-lo no futuro. E, claro, a sra. Plinth o adorava. Talvez as coisas não estivessem tão horríveis, afinal.

Com Sejanus e alguns retardatários dos distritos, eles tinham recrutas suficientes para formar um esquadrão de vinte, e começaram a ser treinados assim. Não havia dúvida, o regime da Academia tinha preparado bem Coriolanus e Sejanus, que estavam em forma e executavam bem os exercícios, embora não tivessem tido aulas sobre armas de fogo como estavam tendo agora. O fuzil padrão de um Pacificador era uma coisa formidável, capaz de disparar cem balas até precisar ser recarregado. Para começar, os recrutas se concentraram em aprender as partes da arma enquanto as limpavam e montavam e desmontavam, até serem capazes de fazer isso dormindo. Coriolanus ficou meio ressabiado no primeiro dia de treino de tiro ao alvo de tão ruins que eram suas lembranças da guerra, mas descobriu que ter sua própria arma o fazia se sentir mais seguro. Mais poderoso. Sejanus acabou sendo um talento natural para mira e logo ganhou o apelido de Na Mosca. Coriolanus percebeu que o nome o deixava incomodado, mas ele o aceitou.

A segunda-feira após a chegada de Sejanus, dia 1º de agosto, foi um dia de decepção. Os recrutas descobriram que tinham que estar de serviço por um mês inteiro para receber o primeiro pagamento. Sorriso ficou particularmente desanimado, pois estava contando com o pagamento para cobrir a farra de fim de semana. Coriolanus também ficou desanimado. Como ele poderia ver Lucy Gray sem ter o valor para um ingresso?

Depois de três dias só treinando, a quinta-feira ofereceu um momento de alegria. Os pacotes da sra. Plinth chegaram, explodindo com prazeres doces. A expressão de Poste, Sorriso e Mosquitinho merecia ter sido emoldurada quando eles viram tortas de cereja, bolas de pipoca de caramelo e biscoitos cobertos de chocolate sendo desembrulhados. Sejanus e Coriolanus transformaram os

doces em propriedade comum do quarto, cimentando ainda mais o laço de irmandade entre eles.

– Sabe – disse Sorriso com a boca cheia de torta –, se quiséssemos, aposto que a gente podia trocar uma parte disso no sábado. Por gim e outras coisas. – Todos concordaram, e uma parte do presente foi deixada de lado para o grande evento de sábado à noite.

Animado pelo açúcar no organismo, Coriolanus escreveu um bilhete de agradecimento para a sra. Plinth e uma carta para Tigris assegurando-a que estava bem. Ele tentou tratar a rotina pesada com leveza e abordar a possibilidade de se tornar oficial. Tinha conseguido um manual muito gasto para o teste de candidatura a oficial, que tinha uma amostra das perguntas. Era feito para avaliar a aptidão escolástica e consistia basicamente em problemas verbais, matemáticos e espaciais, mas ele também precisaria aprender algumas regras básicas e regulamentos para a parte de perguntas militares. Se passasse, não seria oficial, mas começaria a ser treinado para tal. Ele estava com uma sensação boa em relação às suas chances, no mínimo porque a maioria dos outros recrutas mal tinha sido alfabetizada. Suas poucas aulas sobre valores e tradições dos Pacificadores tinha deixado isso claro. Ele contou a Tigris a lamentável notícia sobre o pagamento, mas garantiu que o dinheiro chegaria regularmente a partir do dia 1º de setembro. Enquanto tirava pipoca dos dentes com a língua, ele se lembrou de mencionar a chegada de Sejanus e aconselhou que, se ela tivesse alguma emergência, a sra. Plinth provavelmente poderia ajudar.

Na manhã de sexta, um clima tenso se espalhou pelo refeitório e Sorriso contou a história de uma enfermeira que tinha conhecido na clínica. Um mês antes, na época da colheita, um Pacificador e dois chefes do Distrito 12 tinham morrido em uma explosão nas minas. Uma investigação criminal levou à prisão de um homem cuja família era de líderes rebeldes conhecidos na época da guerra. Ele seria enforcado à uma da tarde. As minas seriam fechadas para o evento e os mineiros tinham que comparecer para assistir.

Ainda inexperiente, Coriolanus não viu como isso poderia envolvê-lo e continuou seguindo a rotina de sempre. Mas durante o treino militar, o comandante da base em pessoa, um bode velho chamado Hoff, apareceu e

observou por um tempo. Antes de sair, ele trocou algumas palavras com o sargento que os treinava, que na mesma hora chamou Coriolanus e Sejanus.

– Vocês dois, vocês vão ao enforcamento hoje à tarde. O comandante quer mais gente lá para fazer número e está procurando recrutas que sejam capazes de lidar com o treinamento militar. Apresentem-se no transporte ao meio-dia de uniforme. É só seguirem as ordens, vai ficar tudo bem.

Coriolanus e Sejanus comeram apressados e voltaram para o alojamento para trocar de roupa.

– O assassino estava querendo matar o Pacificador especificamente? – perguntou Coriolanus ao vestir o uniforme branco engomado pela primeira vez.

– Eu soube que ele estava tentando sabotar a produção de carvão e matou três pessoas acidentalmente – respondeu Sejanus.

– Sabotar a produção? Com que objetivo? – perguntou Coriolanus.

– Não sei. Torcendo pra iniciar a revolução novamente?

Coriolanus só balançou a cabeça. Por que aquelas pessoas achavam que a única coisa de que elas precisavam para começar uma rebelião era a raiva? Elas não tinham exército, nem armas e nem autoridade. Na Academia, ele aprendeu que a guerra recente tinha sido incitada por rebeldes do Distrito 13 que puderam acessar e disseminar armas e comunicação para os companheiros por toda Panem. Mas o 13 sumira com uma explosão nuclear, junto com a fortuna dos Snow. Não tinha restado nada, e qualquer ideia de reorganizar a rebelião era pura estupidez.

Quando eles se apresentaram, Coriolanus ficou surpreso de receber uma arma, considerando que seu treino tinha sido mínimo.

– Não se preocupe, o major disse que só precisamos ficar em posição de sentido – disse outro recruta.

Eles foram colocados na caçamba de um caminhão, que saiu da base e desceu por uma estrada que contornava o Distrito 12. Coriolanus estava nervoso, pois era seu primeiro trabalho como Pacificador, mas também um pouco animado. Algumas semanas antes, ele era um estudante, mas agora tinha o uniforme, a arma e o status de um homem. E até o Pacificador de ranking

mais baixo tinha poder por sua associação com a Capital. Ele empertigou a coluna ao pensar nisso.

Enquanto o caminhão contornava o distrito, os prédios passaram de sujos a esquálidos. As portas e janelas das casas decrépitas estavam abertas no calor. Havia mulheres de rostos afundados sentadas nas portas, vendo crianças seminuas com costelas projetadas brincando sem ânimo na terra. Em alguns pátios, bombas atestavam a falta de água corrente, e as linhas de transmissão energia frouxas indicavam que não havia garantia de eletricidade.

Aquele nível de necessidade assustou Coriolanus. Ele tinha sido pobre a maior parte da vida, mas os Snow sempre trabalharam muito para manter a decência. Aquelas pessoas tinham desistido, e uma parte dele as culpava pela condição. Ele balançou a cabeça.

– Nós mandamos tanto dinheiro para os distritos – disse ele. Devia ser verdade. Sempre reclamavam disso na Capital.

– Nós mandamos dinheiro para as indústrias, não para os distritos em si – disse Sejanus. – As pessoas estão por conta própria.

O caminhão saiu da estrada de cinzas e entrou em uma estrada de terra que contornava um campo grande de terra batida e ervas daninhas, terminando em um bosque. A Capital tinha bosques pequenos em alguns dos parques, mas até isso era bem-cuidado. Coriolanus achava que aquilo era o que as pessoas queriam dizer por floresta ou natureza. Árvores grossas, trepadeiras e vegetação crescendo para todo lado. A desordem era perturbadora. E quem sabia que tipo de criatura habitava o local? A mistura de zumbidos, cantos e movimentação o deixou tenso. Que barulheira os pássaros dali faziam!

Havia uma árvore grande no limite da floresta, os galhos se abrindo como braços longos e cheios de nós. Tinham pendurado uma forca em um galho particularmente horizontal. Diretamente abaixo, uma plataforma rudimentar com dois alçapões tinha sido montada.

– Ficam nos prometendo uma forca decente – disse o major de meia-idade no comando. – Até lá, nós preparamos isso. Antes, a gente os enforcava no chão, mas eles demoravam uma eternidade pra morrer, e quem tem tempo pra isso?

Uma das recrutas que Coriolanus reconheceu da caminhada até a base levantou a mão com hesitação.

– Quem vamos enforcar?

– Ah, um insatisfeito que tentou fechar as minas – disse o major. – São todos uns insatisfeitos, mas esse é o líder. O nome é Arlo alguma coisa. Ainda estamos procurando os outros, mas não sei para onde planejam fugir. Não há *para onde* fugir. Pronto, todos pra fora!

Os papéis de Sejanus e Coriolanus eram decorativos. Eles ficaram parados na fileira de trás de um dos dois esquadrões de vinte que ladeavam a plataforma. Mais sessenta Pacificadores se espalharam pelo contorno do campo. Coriolanus não gostava de ficar de costas para toda aquela flora e fauna descuidadas, mas ordens eram ordens. Ele permaneceu olhando para a frente, para outro lado do campo, onde ficava o distrito, do qual um fluxo regular de gente começou a chegar. Pela cara das pessoas, muitas tinham ido para lá direto das minas, com os rostos pretos de pó de carvão. Mulheres e crianças só um pouco mais limpas se juntaram a eles, e famílias se formaram no campo. Coriolanus começou a ficar ansioso quando dezenas viraram centenas e mais gente continuava chegando, empurrando a multidão para a frente de forma ameaçadora.

Um trio de veículos se aproximou lentamente pela estrada de terra na direção da forca. Do primeiro, um carro velho que poderia ter sido classificado como de luxo antes da guerra, saiu o prefeito Lipp, do Distrito 12, seguido de uma mulher de meia-idade com o cabelo pintado de louro, e Mayfair, a garota que fora alvo da cobra de Lucy Gray no dia da colheita. Eles pararam juntos na lateral da plataforma. O comandante Hoff e seus oficiais saíram de um segundo carro, que levava uma bandeira de Panem no capô. Uma onda de inquietação se espalhou pela multidão quando a traseira do último veículo, uma van branca de Pacificadores, foi aberta. Dois guardas pularam no chão e se viraram para ajudar o prisioneiro a sair. Com algemas pesadas, o homem alto e magro conseguiu permanecer ereto enquanto era levado até a plataforma. Com dificuldade, ele arrastou as correntes pelos degraus bambos e os guardas o posicionaram sobre um dos alçapões.

O major ordenou que eles fizessem posição de sentido, e o corpo de Coriolanus assumiu a posição. Tecnicamente, seu olhar devia estar para a frente, mas ele só conseguia ver os acontecimentos com o canto do olho e estava se sentindo escondido na fila de trás. Ele nunca tinha visto uma execução na vida real, só na televisão, e agora não conseguia afastar o olhar.

A multidão fez silêncio, e um Pacificador leu a lista de crimes que tinham condenado Arlo Chance, inclusive o assassinato de três homens. Apesar de tentar projetar a voz, ela soou fraca no ar quente e úmido. Quando ele terminou, o comandante assentiu para os Pacificadores na plataforma. Ofereceram uma venda ao condenado, que a recusou, e colocaram o laço da forca em volta do pescoço dele. O homem ficou parado, estoico, olhando ao longe enquanto esperava seu fim.

Um tambor começou a soar na lateral da plataforma, gerando um grito na frente da multidão. Coriolanus desviou o olhar para localizar a fonte. Uma jovem de pele oliva e cabelo preto comprido surgiu acima da multidão enquanto um homem tentava carregá-la, mas ela estava lutando desesperadamente para ir para a frente, gritando "Arlo! Arlo!". Já havia Pacificadores se aproximando dela.

A voz teve um efeito eletrizante em Arlo, cujo rosto registrou primeiro surpresa e depois horror.

– Corre! – gritou ele. – Corre, Lil! Corre! Cor…!

O estalo da abertura do alçapão e o ruído da porta sendo esticada interromperam a fala dele, gerando um ruído de surpresa na multidão. Arlo caiu cinco metros e pareceu morrer instantaneamente.

No silêncio ameaçador que se espalhou em seguida, Coriolanus sentiu o suor escorrendo pelas costelas enquanto esperava o que viria em seguida. As pessoas atacariam? Esperariam que ele atirasse nelas? Ele lembrava como a arma funcionava? Ele apurou os ouvidos para captar a ordem. Mas só ouviu a voz do morto ecoando sinistramente do cadáver que balançava.

– *Corre! Corre, Lil! Cor…!*



Um tremor percorreu a espinha de Coriolanus, e ele sentiu o resto dos recrutas se agitando.

– *Corre! Corre, Lil! Cor…!*

O grito cresceu e pareceu envolvê-lo, quicar nas árvores e o atacar por trás. Por um momento, ele pensou que tivesse ficado louco. Ele desobedeceu às ordens e virou a cabeça, quase esperando ver um exército de Arlos saindo da floresta que havia atrás. Nada. Ninguém. A voz soou de novo, em um galho alguns metros acima.

– *Corre! Corre, Lil! Cor…!*

Ao ver o pássaro preto pequeno, ele se lembrou do laboratório da dra. Gaul, onde tinha visto a mesma criatura no alto de uma jaula. Gaios tagarelas. Ora, a floresta devia estar cheia daqueles animais, imitando o grito de morte de Arlo assim como fizeram com os lamentos do Avoxes no laboratório.

– *Corre! Corre, Lil! Cor…!*

– *Corre! Corre, Lil! Cor…!*

– *Corre! Corre, Lil! Cor…!*

Enquanto Coriolanus voltava à posição de sentido, viu a agitação que os pássaros causaram nas fileiras de trás de recrutas, embora o resto dos Pacificadores permanecesse inabalado. *Já estão acostumados*, pensou Coriolanus. Ele não sabia se algum dia se acostumaria com a repetição do grito de morte de alguém. Mesmo agora estava se transformando, passando da fala de Arlo para

algo mais melódico. Uma série de notas que imitava a inflexão da voz dele, mais assombrosa do que as palavras em si.

Na multidão, os Pacificadores pegaram a mulher, Lil, e a estavam levando. Ela deu um último grito de desespero que os pássaros também imitaram, primeiro como voz e depois como parte do arranjo. O discurso humano tinha sumido, e o que restou foi um coral musical das falas de Arlo e Lil.

– Tordos – resmungou um soldado na frente dele. – Malditos bestantes.

Coriolanus se lembrava de ter conversado com Lucy Gray antes da entrevista.

– Bom, você sabe o que dizem. O show só acaba quando o tordo canta.

– Tordo? Eu realmente acho que você inventa essas coisas.

– Isso, não. O tordo é um pássaro que existe mesmo.

– E canta no seu show?

– Não no meu show, querido. No seu. Ou da Capital, pelo menos.

Devia ser isso que ela queria dizer. O show da Capital era o enforcamento. O tordo era um pássaro de verdade. Não era um gaio tagarela. Era diferente. Uma coisa regional, ele achava. Mas era estranho, porque o soldado os tinha chamado de bestantes. Seu olhar tentou encontrar e isolar um na folhagem. Agora que sabia o que estava procurando, ele encontrou vários gaios tagarelas. Talvez os tordos fossem idênticos… mas, não, calma, ali! Um pouco mais alto. Um pássaro preto, um pouco maior do que os gaios tagarelas, abriu as asas de repente e revelou duas áreas branquíssimas ao erguer o bico e cantar. Coriolanus teve certeza de que tinha visto seu primeiro tordo e detestou a criatura à primeira vista.

O canto dos pássaros agitou a plateia, e os sussurros começaram a falar de bestantes e depois se transformaram em objeções quando os Pacificadores enfiaram Lil na van que tinha trazido Arlo. Coriolanus teve medo do potencial da multidão. Seria possível que se voltassem contra os soldados? Espontaneamente, seu polegar soltou a trava de segurança da arma.

Uma saraivada de balas o fez pular, e ele procurou os corpos ensanguentados, mas só viu um dos oficiais baixando a arma. O oficial riu e assentiu para o comandante depois de atirar nas árvores e fazer o bando de pássaros sair voando. Dentre eles, Coriolanus identificou dezenas de pares de

asas pretas e brancas. Os tiros fizeram a multidão sossegar, e ele viu os Pacificadores sinalizando para as pessoas e gritando coisas como "Voltem ao trabalho!" e "Acabou o show!". Quando o campo foi ficando vazio, ele continuou em posição de sentido, torcendo para ninguém ter reparado na tensão dele.

Depois que todos entraram no caminhão para voltar para a base, o major disse:

– Eu devia ter avisado sobre os pássaros.

– O que são exatamente?

O major fez um ruído de deboche.

– Um erro, se você quer saber minha opinião.

– Bestantes? – insistiu Coriolanus.

– De certa forma. Bom, são eles e os filhotes – disse o major. – Depois da guerra, a Capital deixou todos os bestantes gaios tagarelas soltos para acabarem morrendo sem se reproduzir, e era o que devia ter acontecido, porque todos eram machos. Mas eles ficaram de olho nos tordos da região, e as aves pareceram aceitar. Agora, temos que aguentar essas aberrações de tordos mistos. Em alguns anos, todos os gaios tagarelas vão ter morrido, e vamos ver se os seus filhotes vão conseguir acasalar.

Coriolanus não queria passar os vinte anos seguintes ouvindo-os fazendo serenata nas execuções. Talvez, se ele se tornasse oficial, ele organizasse um grupo de caça para acabar com eles. Mas por que esperar? Por que não sugerir agora, para os recrutas, como forma de treino de tiro ao alvo? Com certeza ninguém gostava das aves. A ideia o fez se sentir melhor. Ele se virou para Sejanus para contar o plano, mas o rosto de Sejanus estava sombrio, como na época da Capital.

– O que foi?

Sejanus manteve o olhar na floresta quando o caminhão se afastou.

– Eu realmente não pensei nisso direito.

– O que você quer dizer? – perguntou Coriolanus. Mas Sejanus só balançou a cabeça.

Na base, eles devolveram as armas e foram inesperadamente liberados até o jantar, às cinco. Assim que vestiram os uniformes do dia a dia, Sejanus

murmurou alguma coisa sobre escrever para sua Mãezinha e desapareceu. Coriolanus encontrou a carta que um dos colegas de quarto devia ter recolhido para ele. Ele reconheceu a caligrafia fina e cheia de curvas de Pluribus Bell e subiu na cama para ler. Boa parte confirmava o que Tigris já tinha contado: que Pluribus estava do lado dos Snow, tanto vendendo os bens quanto oferecendo alojamento temporário, enquanto elas resolviam a situação. Mas um parágrafo saltou aos olhos de Coriolanus.

> *Sinto muito pela maneira como as coisas terminaram para você. A punição de Casca Highbottom parece excessiva e me fez pensar. Acho que mencionei que ele e seu pai eram inseparáveis quando estavam na Universidade. Mas me lembro, perto do fim, de uma espécie de briga. Não era o estilo deles. Casca ficou furioso, disse que estava bêbado e que a coisa toda era brincadeira. E seu pai disse que ele devia estar agradecido. Que tinha feito um favor a ele. Seu pai saiu, mas Casca ficou bebendo até eu fechar. Perguntei qual era o problema, mas ele só disse: "Como mariposas pelo fogo." Ele estava muito bêbado. Acho que eles acabaram fazendo as pazes, mas talvez não. Os dois começaram a trabalhar logo depois e não os vi mais com frequência. As pessoas seguem em frente.*

Esse trecho de história era o melhor que Coriolanus tinha recebido como explicação pelo ódio do reitor Highbottom. Uma briga. Um desentendimento. Ele sabia que eles não tinham feito as pazes, a não ser que outra briga tivesse acontecido depois, por causa da forma amarga como o reitor mencionou seu pai. Que homenzinho mesquinho o reitor Highbottom era, ainda lambendo as feridas de um desentendimento na época da escola. Mesmo agora, com seu suposto perseguidor morto havia tanto tempo. *Não dá pra deixar pra lá?*, pensou ele. *Como ainda pode ter importância?*

No jantar, Sorriso, Poste e Mosquitinho só queriam ouvir do enforcamento, e Coriolanus se esforçou para satisfazê-los. Sua ideia de usar os tordos para treino de tiro ao alvo foi recebida com entusiasmo, e os colegas de quarto o encorajaram a falar com os superiores. O único estraga-prazeres foi Sejanus,

que permaneceu em silêncio, recolhido, e empurrou a bandeja de macarrão para quem quisesse comer. Coriolanus ficou um pouco preocupado. Na última vez que Sejanus perdera o apetite, sua sanidade tinha ido junto.

Mais tarde, enquanto eles passavam pano no refeitório, Coriolanus o abordou:

– O que está te incomodando? E não diz que não é nada.

Sejanus mexeu o esfregão no balde de água cinzenta.

– Não sei. Fico imaginando o que teria acontecido hoje se a multidão tivesse reagido. Nós teríamos que atirar nas pessoas?

– Ah, provavelmente não – disse Coriolanus, apesar de ter pensado a mesma coisa. – Provavelmente só alguns disparos para o alto.

– Como ajudar a matar gente nos distritos pode ser melhor do que ajudar a se matarem nos Jogos Vorazes? – perguntou Sejanus.

Os instintos de Coriolanus estavam certos. Sejanus estava caindo em outra espiral de conflitos éticos.

– Como você achou que seria? Em que você achou que tinha se inscrito?

– Eu achei que poderia ser paramédico – confessou Sejanus.

– Paramédico – repetiu Coriolanus. – Tipo um doutor?

– Não, isso exigiria estudo universitário – explicou Sejanus. – Algo mais básico. Uma atividade em que eu pudesse ajudar pessoas feridas, da Capital ou de distrito, quando houvesse violência. Pelo menos, eu não faria mal algum. Só não sei se conseguiria matar uma pessoa, Coryo.

Coriolanus sentiu uma certa irritação. Sejanus se esquecera de que tinha sido o comportamento imprudente dele que fizera Coriolanus matar Bobbin? Que o egoísmo dele tinha roubado do amigo o luxo de fazer uma declaração daquelas? Ele sufocou uma gargalhada ao pensar em Strabo Plinth. Um gigante da indústria armamentista com um herdeiro pacifista. Ele podia imaginar as conversas que tinham acontecido entre pai e filho. *Que desperdício*, pensou ele. *Que desperdício de uma dinastia.*

– E em uma guerra? – perguntou ele a Sejanus. – Você é soldado, sabe.

– Eu sei. Uma guerra seria diferente, acho. Mas eu teria que estar lutando por algo em que acredito. Teria que acreditar que tornaria o mundo um lugar melhor. Eu ainda preferiria ser paramédico, mas não há muita demanda no

momento, no fim das contas. Sem guerra. Existe uma lista de espera grande de gente que gostaria de ser treinada pra trabalhar na clínica. Mas, mesmo pra isso, é preciso ter indicação, e o sargento não quer me dar uma.

– Por que não? Parece perfeito – disse Coriolanus.

– Porque eu sou muito bom com armas – disse Sejanus. – É verdade. Eu atiro bem demais. Meu pai me ensinou desde que eu era pequenininho, e toda semana eu tinha treino obrigatório de tiro ao alvo. Ele considera parte do negócio da família.

Coriolanus tentou absorver a informação.

– Por que você não fingiu?

– Achei que estava fingindo. Na verdade, eu atiro muito melhor do que faço nos treinos. Tentei não me destacar, mas o resto do esquadrão é horrível. – Sejanus se deu conta do que tinha dito. – Não você.

– Sim, eu. – Coriolanus riu. – Olha, acho que você está exagerando. A gente não vai ter enforcamento todos os dias. E, se um dia precisar, é só você atirar pra errar.

Mas as palavras só alimentaram Sejanus.

– E se isso acabar com você, Poste ou Sorriso mortos? Porque eu não protegi vocês?

– Ah, Sejanus! – explodiu Coriolanus, exasperado. – Você tem que parar de pensar demais em tudo! De imaginar todas as piores situações. Isso não vai acontecer. Nós todos vamos morrer aqui, de velhice ou de ficar limpando o chão, o que vier primeiro. Enquanto isso, para de acertar o alvo! Ou inventa um problema nos olhos! Ou quebra a mão numa porta!

– Em outras palavras, eu tenho que parar de ser tão autoindulgente.

– Bom, dramático, pelo menos. Foi assim que você foi parar na arena, lembra?

Sejanus reagiu como se Coriolanus tivesse dado um tapa nele. Mas, depois de um momento, assentiu em reconhecimento.

– Foi assim que eu quase fiz nós dois sermos mortos. Você está certo, Coryo. Vou pensar no que você falou.

Uma tempestade chegou com o sábado, deixando uma camada grossa de lama e o ar tão pesado que Coriolanus ficou com a sensação de que poderia

torcê-lo como uma esponja. Ele tinha começado a gostar da comida salgada de Biscoito e raspava o prato em todas as refeições. Os efeitos do treino físico diário o deixaram mais forte, mais flexível e confiante. Ele estaria à altura dos moradores, mesmo com eles passando o dia nas minas. Não que um embate corporal parecesse provável, não com o arsenal dos Pacificadores, mas ele estaria pronto se acontecesse.

Durante o treino de tiro ao alvo, ficou de olho em Sejanus, cuja mira parecia meio ruim. Que bom. Uma redução repentina nas habilidades dele atrairia atenção. A avaliação de qualquer outro garoto sobre o próprio talento seria suspeita, mas Sejanus nunca foi de se gabar. Se ele dizia que atirava muito bem, sem dúvida era verdade. O que queria dizer que ele seria uma boa aquisição para a matança de tordos se pudesse ser persuadido a tentar. No fim do treino, Coriolanus lançou a ideia para o sargento e ficou grato pela resposta.

– Talvez não seja má ideia. Mataríamos dois pássaros com uma cajadada só.

– Ah, espero que mais do que dois – brincou Coriolanus, e o sargento o recompensou com um grunhido.

Depois de uma tarde abafada na lavanderia, colocando e tirando uniformes do dia a dia em lavadoras e secadoras industriais, separando e dobrando, Coriolanus engoliu o jantar e correu para o chuveiro. Era imaginação sua ou a barba estava mais cheia? Ele a admirou enquanto passava uma navalha pelo rosto. Outro sinal de que ele estava deixando a adolescência para trás. Ele secou o cabelo com a toalha, aliviado de o corte militar não estar mais tão curto. Aqui e ali dava para visualizar uma ondinha.

A promessa da aparição de uma banda no Prego naquela noite encheu o banheiro de animação. Aparentemente, nenhum dos recrutas tinha acompanhado os Jogos Vorazes daquele ano.

– Vai ter uma garota cantando lá.

– É, da Capital.

– Não, ela não é da Capital. Ela foi pra lá por causa dos Jogos Vorazes.

– Ah. Ela deve ter vencido.

Com os rostos brilhando de calor e esforço, Coriolanus e os companheiros de quarto saíram para a noitada. O guarda a serviço mandou que eles ficassem de cabeça erguida ao saírem da base.

– Acho que nós cinco podíamos encarar uns mineiros – disse Poste, olhando em volta.

– No mano a mano, claro – disse Sorriso. – Mas e se eles tivessem armas?

– Eles não podem ter armas aqui, podem? – perguntou Poste.

– Não legalmente. Mas deve haver algumas escondidas por aí depois da guerra. Escondidas embaixo de tábuas de piso e em árvores. Quem tem dinheiro consegue qualquer coisa – disse Sorriso com um movimento sábio de cabeça.

– Coisa que nenhum deles tem – disse Sejanus.

Sair da base a pé deixava Coriolanus tenso também, mas ele atribuiu isso à confusão de emoções que estava sentindo. Ele estava alternadamente animado, apavorado, arrogante e loucamente inseguro sobre ver Lucy Gray. Havia tantas coisas que ele queria dizer, tantas perguntas que queria fazer, que nem sabia por onde começar. Talvez com um daqueles beijos longos e lentos…

Depois de uns vinte minutos, eles chegaram no Prego. Já tinha sido um armazém de carvão em tempos melhores, mas a produção reduzida o tinha deixado abandonado. Devia pertencer a alguém da Capital, ou mesmo à Capital em si, mas não parecia haver nenhum tipo de supervisão e nem de manutenção. Junto às paredes, algumas barracas improvisadas exibiam artigos variados, a maioria de segunda mão. Dentre eles, Coriolanus viu de tudo, desde cotocos de velas a coelhos mortos, de sandálias trançadas caseiras a óculos rachados. Ele teve medo de, por causa do enforcamento, serem tratados com hostilidade, mas ninguém pareceu olhar para eles mais de uma vez, e boa parte da clientela tinha vindo da base.

Sorriso, que tinha negociado e atuado no mercado clandestino onde ele morava, sacrificou estrategicamente um biscoito para virar amostra e o quebrou em vários pedaços para as pessoas que ele considerasse potenciais compradores experimentarem. A magia da sra. Plinth funcionou, e entre troca direta com os fabricantes de bebida caseira e dinheiro de outras partes interessadas, eles acabaram com uma garrafa de líquido transparente tão potente que o cheiro fez seus olhos lacrimejarem.

– Essa é das boas! – garantiu Sorriso. – Chamam de aguardente branca aqui, mas é um destilado básico caseiro. – Cada um tomou um gole, gerando uma

rodada de tosses e tapinhas nas costas, e guardaram o resto para o show.

Ainda de posse de seis bolas de pipoca, Coriolanus perguntou sobre ingressos, mas as pessoas fizeram sinal para eles entrarem.

– O pagamento é só depois – disse um homem. – Melhor pegar logo um lugar se você quiser um bom. Acho que vai lotar. A garota voltou.

Pegar um assento significava pegar uma caixa, bobina ou balde de plástico em uma pilha no canto e levar até um local onde desse para ver o palco, que não passava de um amontoado de estrados de madeira em uma ponta do Prego. Coriolanus preferiu um lugar junto à parede, na metade do ambiente. Na luz fraca, Lucy Gray teria dificuldade em reparar nele, e era o que ele queria. Ele precisava de tempo para decidir como abordá-la. Ela teria ouvido falar que ele estava lá? Provavelmente não, pois quem teria contado? Na base, Coriolanus era só o Cavalheiro, e suas aventuras nos Jogos Vorazes nunca foram mencionadas.

A noite chegou e alguém virou um interruptor, acendendo diversas luzes penduradas por um cabo velho e várias extensões suspeitas. Coriolanus procurou a saída mais próxima na expectativa do incêndio inevitável. Com a estrutura antiga de madeira e o pó de carvão, uma fagulha poderia transformar o lugar no inferno num piscar de olhos. O Prego começou a lotar com uma mistura de Pacificadores e moradores locais, a maioria homens, mas também com uma boa quantidade de mulheres. Devia haver quase duzentas pessoas reunidas quando um garoto magrelo de uns doze anos, com um chapéu decorado com penas coloridas, apareceu, montou um único microfone no palco e levou o fio até uma caixa preta na lateral. Ele arrastou uma caixa de madeira para trás do microfone e recuou para uma área bloqueada com um cobertor velho. Sua aparição gerou uma agitação na multidão, e as pessoas começaram a aplaudir ao mesmo tempo, de uma forma contagiante. Até Coriolanus se pegou batendo palmas. Vozes gritaram para o show começar, e quando parecia que jamais começaria, a lateral do cobertor foi puxada e apareceu uma garotinha de vestido rosa rodado. Ela fez uma reverência.

A plateia vibrou quando a garota começou a bater em um tambor pendurado numa tira no pescoço dela e a dançar até o microfone.

– U-hu, Maude Ivory! – gritou um Pacificador perto de Coriolanus, e ele soube que essa era a prima que Lucy Gray tinha mencionado, a que conseguia lembrar todas as músicas que ouvia. Era uma alegação séria para uma coisinha tão jovem; ela não podia ter mais de oito ou nove anos.

Ela pulou na caixa atrás do microfone e acenou para a plateia.

– Oi, pessoal! Obrigada por virem hoje! A temperatura está boa pra vocês? – disse ela com voz doce e aguda, e a plateia riu. – Bom, estamos planejando esquentar as coisas um pouco mais. Meu nome é Maude Ivory e tenho o prazer de apresentar o Bando! – A multidão aplaudiu, e ela se curvou até fazerem silêncio suficiente para que ela começasse as apresentações. – No bandolim, Tam Amber! – Um jovem alto e muito magro de chapéu com uma pena saiu de detrás da cortina, dedilhando um instrumento parecido com um violão, mas com um corpo em formato de lágrima. Ele foi direto até Maude Ivory, sem olhar para a plateia hora nenhuma, os dedos percorrendo as cordas com facilidade. Em seguida, o garoto que montou o microfone apareceu com um violino. – Esse é Clerk Carmine na rabeca! – anunciou Maude Ivory enquanto ele tocava pelo palco. – E Barb Azure no baixo! – Carregando um instrumento que parecia uma versão gigantesca da rabeca, uma mulher magra de vestido xadrez azul até os tornozelos acenou timidamente para a plateia quando se juntou aos outros. – E agora, recém-chegada do compromisso na Capital, a primeira e única Lucy Gray Baird!

Coriolanus prendeu o ar quando ela entrou no palco, o violão em uma das mãos, os babados do vestido verde-limão ondulando em volta do corpo, as feições acentuadas pela maquiagem. A plateia ficou de pé. Ela deu uma corridinha quando Tam Amber pegou a caixa de Maude Ivory e foi para o centro do palco, na frente do microfone.

– Oi, Distrito 12. Sentiram minha falta? – Ela sorriu com o rugido que foi a resposta. – Aposto que vocês esperavam nunca mais botar os olhos em mim, e a recíproca é verdadeira. Mas voltei. Voltei mesmo.

Encorajados pelos colegas, um Pacificador se aproximou timidamente do palco e entregou a ela uma garrafa de aguardente branca pela metade.

– O que é isso? É pra mim? – perguntou ela, pegando a garrafa. O Pacificador fez um gesto indicando que era para o grupo todo. – Ora, vocês

sabem muito bem que parei de beber aos doze anos! – A plateia soltou uma grande gargalhada. – O quê? Parei sim! Claro que não faz mal nenhum ter um pouco à mão pra propósitos medicinais. Obrigada, é muita gentileza sua. – Ela encarou a garrafa como se considerando e lançou um olhar de sabedoria para a plateia, depois deu um gole. – Pra limpar o gogó! – disse ela com inocência em reação aos gritos. – Sabem, do jeito que vocês me tratam mal, não sei por que sempre volto. Mas eu volto. Me lembra aquela música antiga.

Lucy Gray dedilhou o violão uma vez e olhou para o resto do Bando, que estava reunido em um meio círculo fechado em volta do microfone.

– Muito bem, meus lindos passarinhos. Um, dois, um, dois, três e…

A música começou, forte e animada. Coriolanus sentiu o calcanhar batendo no ritmo antes mesmo de Lucy Gray se inclinar para o microfone.

Meu coração é burro, não sei por quê.
O Cupido não tem culpa, ele é um bebê.
Você atira, pisa nele, executa
Mas ele sempre volta rastejando.

Meu coração pirou, perdeu a razão.
Você é o mel que atrai abelha e zangão.
Você ferroa, espreme, joga longe,
Mas ele sempre volta rastejando.

Não devia ser irrelevante
Que você decidiu parti-lo.
Como você pode ter partido
O que guarda o meu amor?

Fez bem para o seu ego
Poder acabar com ele?
Foi por isso que você destruiu
O que guarda o meu amor.

Lucy Gray se afastou do microfone e permitiu que Clerk Carmine se aproximasse para fazer um trabalho complicado com os dedos tocando a rabeca, enfeitando a melodia, enquanto os outros faziam o fundo. Coriolanus não conseguiu tirar os olhos do rosto de Lucy Gray, iluminada de uma forma como ele nunca tinha visto. *Ela é assim quando está feliz*, pensou Coriolanus. *Ela é linda!* Linda de uma forma que todo mundo podia ver e não só ele. Isso podia ser um problema. O ciúme atormentou seu coração. Mas, não. Ela era sua garota, não era? Ele se lembrou da música que ela cantou na entrevista, sobre o cara que partiu o coração dela, e examinou o Bando em busca de um suspeito provável. Só havia Tam Amber do bandolim, mas não havia fagulhas no ar entre eles. Um dos moradores do distrito, então?

A multidão aplaudiu Clerk Carmine e Lucy Gray voltou.

Prendeu meu coração e não soltou.
As pessoas riem de como você o tratou.
Você amarra, rasga, despe,
Mas ele sempre volta rastejando.

O coração pula como uma lebre.
O sangue ainda corre e parece alegre.
Você o esgota, tortura, estou louca,
Mas ele sempre volta rastejando.

Você o queima, despreza, não devolve,
Quebra, assa, não resolve,
Esmaga, soca, mas que droga,
Ele sempre volta rastejando.

Depois dos aplausos e de muitos gritos, a plateia sossegou para ouvir mais um pouco.

Como Coriolanus sabia por ter ajudado Lucy Gray a ensaiar na Capital, o Bando tinha um repertório amplo e variado, e também tocava canções instrumentais. Às vezes, alguns dos membros saíam, desapareciam atrás do

cobertor e deixavam só um ou dois tocando no palco. Tam Amber se mostrou um às do bandolim, animando a plateia com o dedilhado veloz enquanto o rosto permanecia sem expressão e distante. Maude Ivory, a favorita do público, cantou uma música sombria e engraçada sobre a filha de um mineiro que se afogou e convidou a plateia a cantar o refrão, o que muitos fizeram, surpreendentemente. Ou talvez não fosse tão surpreendente, considerando que a maioria estava bêbada agora.

Oh, querida, oh, querida,
Oh querida Clementina,
Você se foi pra sempre.
Só lamento, Clementina.

Algumas das músicas eram quase ininteligíveis, com palavras desconhecidas que Coriolanus tinha dificuldade de entender, e ele se lembrou de Lucy Gray dizendo que eram de outra época. Durante essas, os cinco integrantes do Bando pareciam se voltar para si mesmos, balançando os corpos e construindo harmonias complicadas com as vozes. Coriolanus não gostava; o som o incomodava. Ele ouviu pelo menos três músicas dessas até se dar conta de que lembravam os tordos.

Felizmente, a maioria das músicas era mais atual e do gosto dele, e eles terminaram com uma que Coriolanus reconheceu da colheita…

Não, senhor,
Nada que você possa tirar de mim vale lamentar.
Pode pegar, eu dou de graça. Não vai machucar.
Nada que você possa tirar de mim merecia
ser guardado!

… e a ironia não passou despercebida pela plateia. A Capital tinha tentado tirar tudo de Lucy Gray e fracassara totalmente.

Quando os aplausos cessaram, ela assentiu para Maude Ivory. A garota correu para trás do cobertor e voltou carregando uma cesta cheia de laços

coloridos.

– Muito obrigada – disse Lucy Gray. – Vocês sabem como isso funciona. Nós não cobramos ingresso porque às vezes as pessoas famintas são as que mais precisam de música. Mas nós também temos fome. Portanto, se você gostaria de contribuir, Maude Ivory vai passar a cesta. Agradecemos desde já.

Os quatro mais velhos do Bando tocaram uma música suave enquanto Maude Ivory andava pela multidão, recolhendo moedas na cesta. Coriolanus e seus colegas de quarto só tinham algumas moedas, o que não pareceu suficiente, apesar de Maude Ivory agradecer com uma reverência educada.

– Espere – disse Coriolanus. – Você gosta de doces? – Ele levantou uma aba do pacote de papel pardo com o que restava das bolas de pipoca para Maude dar uma olhada, e seus olhos se arregalaram de prazer. Coriolanus colocou todas na cesta, pois estavam mesmo separadas para os ingressos. Se ele conhecia bem a sra. Plinth, haveria mais caixas a caminho.

Maude Ivory deu uma pequena pirueta em agradecimento, passou rapidamente pelo resto da plateia e correu para o palco para puxar a saia de Lucy Gray e mostrar os doces na cesta. Coriolanus viu os lábios de Lucy Gray formarem um *oh* e perguntarem de onde tinham vindo. Ele sabia que aquele era o momento e se viu dando um passo para sair das sombras. Seu corpo estava formigando de expectativa quando Maude Ivory levantou a mão para apontar para ele. O que Lucy Gray faria? Ela admitiria que o conhecia? Ou o ignoraria? Será que o reconheceria, agora que estava vestido como um Pacificador?

O olhar dela seguiu o dedo de Maude Ivory até chegar nele. Uma expressão de confusão surgiu no rosto dela, depois de reconhecimento e finalmente de alegria. Ela balançou a cabeça sem acreditar e riu.

– Tudo bem, pessoal. Esta… esta talvez seja a melhor noite da minha vida. Obrigada a todos por terem vindo. Que tal mais uma música pra finalizar? Pode ser que vocês tenham me ouvido cantar essa antes, mas o significado dela mudou pra mim na Capital. Acho que vocês vão entender por quê.

Coriolanus voltou para seu lugar, pois ela sabia onde o encontrar agora, para ouvir e saborear o reencontro dos dois, que estava a uma canção de distância.

Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela começou a cantar a música do zoológico.

No fundo do vale, o vale ao luar,
Tarde da noite, o trem a apitar.
O trem, ouço o trem apitar.
Tarde da noite, ouço o trem apitar.

Coriolanus sentiu um cotovelo cutucar suas costelas e viu Sejanus sorrindo para ele. Era legal ter alguém que também entendia a importância da música. Alguém que sabia o que eles tinham passado.

Construa uma mansão, elevada como um altar,
Para que eu veja meu amor passar.
Vê-lo passar, amor, vê-lo passar.
Para que eu veja meu amor passar.

Sou eu, Coriolanus teve vontade de dizer às pessoas ao redor. *Eu sou o amor dela. E salvei a vida dela.*

Escreva uma carta num papel especial.
Com selo e endereço da prisão da Capital.
Prisão da Capital, amor, da prisão da Capital.
Com selo e endereço da prisão da Capital.

Ele deveria dizer oi primeiro? Ou dar logo um beijo?

Rosas são vermelhas, violetas, como o mar.
Os pássaros sabem que sempre vou te amar.

Um beijo. Definitivamente, dar logo um beijo.

Sabem que vou te amar, ah, sempre vou te amar.

Os pássaros sabem que sempre vou te amar.

– Boa noite, pessoal. Espero vê-los na semana que vem. Até lá, continuem cantando suas músicas – disse Lucy Gray, e o Bando todo se curvou pela última vez. Enquanto a plateia aplaudia, ela sorriu para Coriolanus. Ele começou a andar na direção dela, contornando pessoas que estavam pegando as cadeiras improvisadas para colocá-las de volta no canto. Alguns Pacificadores tinham se reunido em volta dela, e ela estava conversando com eles, mas Coriolanus via os olhos de Lucy Gray se desviando na direção dele. Ele parou para dar tempo para ela se livrar das pessoas e para apreciar a visão dela, brilhando e apaixonada por ele.

Os Pacificadores davam boa-noite e começavam a se retirar. Coriolanus ajeitou o cabelo e se aproximou. Eles estavam a uns cinco metros de distância quando uma agitação no Prego, o som de vidro quebrando e de vozes protestando, fez com que ele virasse a cabeça. Um jovem de cabelo escuro mais ou menos da idade dele, usando uma camiseta sem mangas e uma calça rasgada nos joelhos, estava abrindo caminho pela multidão cada vez mais minguada. Seu rosto brilhava de suor e os movimentos sugeriam que ele tinha ultrapassado o limite da bebida um tempo antes. Em um ombro havia um instrumento grande com uma parte de teclado de piano de um lado. Atrás dele estava a filha do prefeito, Mayfair, tomando o cuidado de não encostar em ninguém, a boca apertada de desdém. Coriolanus voltou o olhar para o palco, onde uma expressão fria e rígida tinha substituído a expressão ávida de Lucy Gray. Os outros membros da banda se reuniram em volta dela de forma protetora, a frivolidade da hora do show se transformando em uma mistura de raiva e tristeza.

É ele, pensou Coriolanus com certeza absoluta, o estômago se contraindo de forma desagradável. *É o garoto que ela chamou de amor naquela música.*



Maude Ivory colocou o corpinho magro na frente de Lucy Gray. Contraiu o rosto e apertou as mãos em punhos.

– Dê meia-volta, Billy Taupe. Ninguém quer você aqui.

Billy Taupe oscilou de leve enquanto observava o grupo.

– É menos querer e mais precisar, Maude Ivory.

– Também não precisamos de você. Sai fora. E leva sua garota fuinha junto – ordenou Maude Ivory. Lucy Gray passou o braço em volta da garotinha e apertou de leve, para acalmá-la ou para segurá-la.

– O som de vocês está tão fraco. Vocês estão fracos – disse Billy Taupe com voz arrastada e bateu com uma das mãos no instrumento.

– A gente se vira sem você, Billy Taupe. Você fez sua escolha. Agora, nos deixe em paz – disse Barb Azure, a voz baixa dura como aço. Tam Amber não disse nada, mas deu um pequeno aceno de concordância.

O rosto de Billy Taupe foi tomado de dor.

– É isso que você acha, CC?

Clerk Carmine puxou a rabeca para perto do corpo.

Apesar de o Bando variar em tom de pele, de cabelo e nas feições, Coriolanus reparou numa semelhança clara entre os dois. Irmãos, talvez?

– Você pode vir comigo. Ficaríamos bem, nós dois – suplicou Billy Taupe. Mas Clerk Carmine se manteve firme. – Tudo bem. Não preciso de vocês. Nunca precisei de nenhum de vocês. Nunca vou precisar. Sempre fiquei melhor sozinho.

Dois Pacificadores começaram a se aproximar dele. O que tinha dado a garrafa de bebida para Lucy Gray botou a mão no braço dele.

– Vamos embora, o show acabou.

Billy Taupe se soltou da mão do Pacificador e lhe deu um empurrão embriagado. Em um instante, o humor sociável do Prego mudou. Coriolanus sentiu a tensão, afiada como uma faca. Mineiros que o tinham ignorado ou assentido para ele por cima das garrafas ficaram beligerantes. Os Pacificadores se empertigaram, alertas de repente, e ele viu seu próprio corpo quase em posição de sentido. Quando seis Pacificadores se aproximaram de Billy Taupe, ele sentiu os mineiros se adiantarem. Ele estava se preparando para a briga que tinha certeza que começaria quando alguém apagou as luzes, deixando o Prego na escuridão.

Tudo parou por um instante e o caos explodiu. Um soco acertou a boca de Coriolanus, fazendo-o usar os próprios punhos. Ele golpeou arbitrariamente, concentrado apenas em garantir seu círculo de segurança. A mesma selvageria animal que ele sentira quando os tributos o caçaram na arena tomou conta dele de novo. A voz da dra. Gaul ecoou em seus ouvidos. "*Isso é a humanidade em seu estado natural. É a humanidade despida*." E ali estava a humanidade despida de novo, e de novo ele era parte dela. Socando, chutando, os dentes à mostra na escuridão.

Uma buzina tocou repetidamente fora do Prego e faróis de caminhão iluminaram a área perto da porta. Apitos soaram e vozes gritaram para que a multidão se dispersasse. As pessoas correram para a saída. Coriolanus lutou contra a onda, tentando localizar Lucy Gray, mas decidiu que a melhor chance de encontrá-la seria lá fora. Ele abriu caminho entre os corpos, ainda dando socos ocasionais, e saiu no ar noturno, onde os moradores do distrito foram embora e os Pacificadores se reuniram, fingindo perseguir alguns arruaceiros. A maioria nem estava de serviço e não havia unidade organizada para resolver a erupção espontânea. Na escuridão, ninguém tinha certeza de com quem tinha brigado. Melhor deixar de lado. Mas Coriolanus achou tenso; diferentemente do enforcamento, os mineiros tinham reagido agora.

Sugando o lábio cortado, ele se posicionou de forma a poder observar a porta, mas as últimas pessoas saíram e não houve sinal de Lucy Gray, do Bando

e nem mesmo de Billy Taupe. Ele se sentiu frustrado por ter chegado tão perto, mas não ter conseguido falar com ela. Havia outra saída no Prego? Sim, Coriolanus se lembrava de uma porta perto do palco, por onde eles devem ter conseguido sair. Mayfair Lipp não tinha tido tanta sorte. Ela estava ladeada por Pacificadores, não presa, mas também sem a liberdade de ir embora.

– Não fiz nada errado. Vocês não têm o direito de me segurar – disse ela para os soldados com desprezo na voz.

– Desculpa, moça – disse um Pacificador. – Pra sua própria segurança, não podemos deixar que vá embora sozinha. Ou você nos deixa levá-la ou nós chamamos seu pai pra sabermos o que fazer.

A menção ao pai fez Mayfair calar a boca, mas não melhorou a atitude. Ela estava furiosa, os lábios apertados em uma linha tensa e cruel que dizia que alguém pagaria por isso, ela só precisava de tempo.

Não parecia haver muito entusiasmo para a tarefa de levá-la em casa, e Coriolanus e Sejanus foram recrutados para o serviço, ou por terem se portado bem no enforcamento ou por estarem ambos relativamente sóbrios. Dois oficiais e três outros Pacificadores formaram o resto do grupo.

– A essa hora, com esse clima, é melhor a gente se precaver – disse um oficial. – Não é longe.

Quando eles foram percorrendo as ruas, as botas esmagando o cascalho, Coriolanus precisou apertar os olhos na escuridão. Havia postes de rua iluminando a Capital, mas ali era preciso contar com brilhos esporádicos de janelas e com os raios pálidos da lua. Desarmado, sem nem a proteção do uniforme branco, ele se sentia vulnerável e se aproximou mais do grupo. Os oficiais tinham armas; com sorte, isso afastaria qualquer agressor. Ele se lembrou das palavras da avó: "*Seu pai mesmo dizia que aquelas pessoas só bebiam água porque não chovia sangue. Você ignora isso por sua própria conta e risco, Coriolanus*." Haveria pessoas de olho, esperando uma chance de saciar a sede? Ele sentiu falta da segurança da base.

Felizmente, depois de alguns poucos quarteirões, as ruas se abriram em uma praça deserta, que ele percebeu que era o local da colheita anual. Algumas luzes espaçadas o ajudaram a caminhar através dos paralelepípedos sob os pés.

– Posso chegar em casa sozinha a partir daqui – disse Mayfair.

– Não estamos com pressa – disse um dos oficiais.

– Por que não me deixam em paz? – reclamou ela.

– Por que você não para de andar por aí com aquele imprestável? – sugeriu o oficial. – Acredite em mim, isso não vai acabar bem.

– Ah, cuida da sua vida.

Eles atravessaram a praça na diagonal, saíram dela e seguiram uma via recém-pavimentada até a rua seguinte. O grupo parou na frente de uma casa grande que poderia ser considerada mansão no Distrito 12, mas não chamaria a menor atenção na Capital. Pelas janelas, escancaradas no calor de agosto, Coriolanus teve vislumbres de aposentos iluminados e mobiliados nos quais ventiladores elétricos zumbiam e balançavam as cortinas. Seu olfato captou o aroma do jantar – presunto, ele achava –, o que fez sua boca aguar de leve e diminuiu o gosto de sangue nos lábios. Talvez fosse melhor ele não ter encontrado Lucy Gray; seus lábios não estavam adequados para um beijo.

Quando um dos oficiais botou a mão no portão, Mayfair passou por ele, correu pelo caminho e entrou em casa.

– A gente não devia falar com os pais dela? – perguntou o outro.

– Pra quê? – perguntou o primeiro. – Você sabe como o prefeito é. Vai dar um jeito de fazer com que as saídas dela à noite virem nossa culpa. Não estou precisando de sermão nenhum.

O outro murmurou alguma coisa concordando e o grupo voltou pela praça. Quando Coriolanus estava indo atrás, um chiado baixo e mecânico chamou sua atenção, e ele se virou para os arbustos escuros na lateral da casa. Conseguiu identificar uma figura imóvel na escuridão, as costas na parede. Uma luz no segundo andar foi acesa e o brilho amarelo revelou Billy Taupe, o nariz ensanguentado, olhando para Coriolanus de cara feia. Ele estava segurando o instrumento, a fonte do chiado, contra o peito.

Coriolanus abriu os lábios para alertar os demais, mas alguma coisa segurou sua língua. O que foi? Medo? Indiferença? Insegurança sobre como Lucy Gray reagiria? A banda deixou clara a posição em relação ao rival dele, mas ele não sabia como interpretariam se Coriolanus o dedurasse, o que poderia fazer com que o garoto fosse parar na cadeia. E se transformasse Billy Taupe em um personagem digno de solidariedade, alguém por quem eles lutariam e que

perdoariam? Ele percebera que lealdade era coisa séria no Bando. Por outro lado, será que gostariam? Especialmente Lucy Gray, que talvez estivesse muito interessada em saber que seu antigo amor tinha corrido para a casa da filha do prefeito em busca de consolo. O que ele tinha feito para ser expulso de tudo relacionado ao Bando, da banda e de casa? Ele se lembrou das últimas palavras da música dela, da cantiga que ela cantou na entrevista.

Pena que sou a aposta que a colheita lhe tirou.
O que você vai fazer quando a morte me levar?

A resposta tinha que estar ali.

Mayfair apareceu e fechou a janela. Puxou a cortina, bloqueou a luz e escondeu Billy Taupe. Os arbustos se agitaram e o momento passou.

– Coryo? – Sejanus tinha voltado para buscá-lo. – Você vem?

– Desculpe, me perdi nos pensamentos – disse Coriolanus.

Sejanus indicou a casa.

– Me lembra a Capital.

– Você nunca diz "minha casa" – observou Coriolanus.

– Não. Pra mim, minha casa sempre vai ser o Distrito 2 – confirmou Sejanus. – Mas não importa. É provável que eu nunca mais retorne para lá.

Quando eles estavam voltando, Coriolanus se perguntou sobre sua chance de ver a Capital de novo. Antes de Sejanus chegar, ele achava que era zero. Mas se ele pudesse voltar como oficial, talvez até herói de guerra, talvez as coisas ficassem diferentes. Claro que, nesse caso, ele precisaria de uma guerra na qual se destacar, assim como Sejanus precisava de uma para ser paramédico.

Os ombros de Coriolanus relaxaram quando o portão da base se fechou após eles passarem. Ele lavou o rosto e subiu na cama acima dos roncos inebriados do Poste. Seus batimentos cardíacos ecoavam nos lábios inchados enquanto ele repassava a noite. Tudo aconteceu como um sonho: ver Lucy Gray, ouvi-la cantar, a alegria dela ao vê-lo. Isso até Billy Taupe aparecer e estragar o reencontro. Era mais um motivo para odiar Billy Taupe, embora ver a rejeição do Bando a ele tivesse sido profundamente satisfatório. Confirmava que Lucy Gray era sua.

No café da manhã de domingo chegou a má notícia de que, por causa da altercação da noite anterior, nenhum soldado podia sair da base sozinho. Os superiores estavam até considerando tornar o Prego proibido. Sorriso, Mosquitinho e Poste, apesar de estarem de ressaca e machucados da noite anterior, lamentaram o jeito como as coisas estavam, por não terem nada para ansiar se as saídas de sábado fossem canceladas. Sejanus só se importou porque Coriolanus se importou, pois reconheceu que era mais uma barreira para ele visse Lucy Gray.

– Será que ela vem te visitar aqui? – sugeriu ele quando estavam limpando as bandejas.

– Ela pode fazer isso? – perguntou Coriolanus, mas torceu para que ela não fosse, mesmo que pudesse. Ele tinha pouco tempo sem atividades, e onde eles poderiam conversar? Pela cerca? Como isso seria visto? Do jeito que ele ficara envolvido no romance na noite anterior, estava planejando cumprimentá-la com um beijo, mas, pensando melhor, isso geraria uma avalanche de perguntas dos seus companheiros de quarto e sem dúvida provocaria espanto nos oficiais. A história deles, inclusive seu alistamento forçado, acabaria surgindo, e com isso a trapaça nos Jogos. Além do mais, considerando o estresse entre os moradores locais e os Pacificadores, seria melhor manter o relacionamento em particular. Sussurrar pela cerca talvez encorajasse boatos de que ele era simpatizante dos rebeldes ou, pior ainda, espião. Não, se eles iam se encontrar, ele teria que ir até ela. Em segredo. Naquele dia haveria uma rara oportunidade de procurá-la, mas ele precisaria de um companheiro para sair com ele da base.

– Acho melhor manter as coisas entre nós em segredo. Ela poderia se encrencar se viesse aqui. Sejanus, você tinha planos pra hoje ou… – começou ele.

– Ela mora em um lugar chamado Costura – disse Sejanus. – Perto da floresta.

– O quê?

– Eu perguntei a um dos mineiros ontem. Muito casualmente. – Sejanus sorriu. – Não se preocupe, ele estava bêbado demais, não vai lembrar. E, sim, eu ficaria feliz de ir com você.

Sejanus disse aos colegas de quarto que eles iriam à cidade ver se conseguiam trocar um pacote de chiclete da Capital por papel de carta, mas a desculpa se mostrou desnecessária, pois todos os companheiros foram descansar os corpos maltratados depois do café da manhã. Coriolanus desejava ter dinheiro para algum tipo de presente, mas não possuía um centavo sequer. Quando passaram pelo refeitório na saída, seu olhar pousou na máquina de gelo e ele teve uma ideia. Naquele calor, os soldados podiam pegar gelo livremente para botar nas bebidas ou para se refrescar. Esfregar cubos no corpo oferecia um pouco de alívio na sauna que era a cozinha.

Biscoito, que ele tinha conquistado por ter feito um bom trabalho lavando a louça, deu a Coriolanus um saco plástico velho. Como o dia estava quente demais, ele concordou que seria boa ideia levar um pouco de gelo para evitar insolação. Coriolanus não sabia se o Bando tinha freezer, mas pela cara das casas pelas quais ele passara a caminho do enforcamento, ele achava que era um luxo que poucos podiam ter. De qualquer forma, o gelo era de graça, e ele não queria chegar de mãos vazias.

Eles assinaram a saída no portão, onde o guarda os avisou para tomarem cuidado, e saíram andando na direção que eles lembravam como sendo a da praça da cidade. Coriolanus estava apreensivo. Mas, com as minas fechadas, um silêncio pairava sobre o distrito, e as poucas pessoas por quem eles passaram os ignoraram. Só havia uma pequena padaria aberta na praça, as portas escancaradas para que a brisa aliviasse o calor dos fornos. A dona, uma mulher de cara vermelha, não tinha interesse em dar direções para clientes não pagantes, e Sejanus trocou o chiclete chique por um pão. Ela cedeu, os levou para a praça e apontou para a rua que eles tinham que seguir para chegar até a Costura.

Depois do centro da cidade, a Costura se espalhava por quilômetros, as ruas comuns se dissolvendo rapidamente em uma teia de ruelas menores e sem identificação que subiam e sumiam sem motivo evidente. Algumas tinham fileiras de casas idênticas e velhas; outras tinham estruturas improvisadas que seria generosidade chamar de barraco. Muitas casas estavam tão escoradas, remendadas ou quebradas que a estrutura original não passava de uma lembrança. Muitas outras foram abandonadas e saqueadas.

Sem entender a lógica de organização e nem ter pontos de referência, Coriolanus ficou desorientado quase imediatamente, e sua inquietação voltou. De vez em quando, eles passavam por alguém sentado na porta ou na sombra de casa. Ninguém parecia minimamente simpático. As únicas criaturas sociáveis eram os pernilongos, cuja fascinação por seu lábio cortado fazia com que precisassem ser sempre espantados. Com o sol que ardia, a condensação do saco de gelo derretendo deixou uma mancha molhada na perna da calça dele. O entusiasmo de Coriolanus também começou a se dissolver. A sensação que ele sentira na noite anterior no Prego, a mistura de embriaguez e desejo, parecia um sonho febril agora.

– Talvez isso tenha sido má ideia.

– É mesmo? – perguntou Sejanus. – Tenho quase certeza de que estamos indo na direção certa. Está vendo as árvores ali?

Coriolanus viu uma área verde ao longe. Ele seguiu andando e pensando com carinho no beliche e que domingo era dia de mortadela frita com batata. Talvez ele não tivesse sido feito para ser apaixonado por alguém. Talvez fosse do tipo solitário. Coriolanus Snow, mais solitário do que apaixonado. Uma coisa podia ser dita sobre Billy Taupe: ele exalava sentimentos intensos. Era isso que Lucy Gray queria? Paixão, música, bebida, luar e um garoto selvagem que englobasse isso tudo? Não um Pacificador suado que apareceria na porta dela numa manhã de domingo com o lábio cortado e um saco de gelo derretido.

Ele deixou que Sejanus fosse na frente e o seguiu pelo caminho de concreto sem comentar. Em algum momento, seu companheiro se cansaria e eles poderiam voltar e botar as cartas em dia. Sejanus, Tigris, seus amigos, o corpo docente, todos estavam totalmente enganados sobre ele. Ele nunca fora motivado por amor e nem por ambição, só queria receber seu prêmio e ter um emprego burocrático bom e tranquilo que só cuidasse de papelada e deixasse tempo de sobra para ir a chás. Covarde e… como o reitor Highbottom a chamou? Ah, sim, insípida. Insípido como sua mãe. Que decepção ele teria sido para Crassus Xanthos Snow.

– Escuta – disse Sejanus, segurando o braço dele.

Coriolanus parou e levantou a cabeça. Uma voz aguda corava o ar matinal com uma melodia melancólica. Maude Ivory? Eles foram na direção da música.

No fim de um caminho na extremidade da Costura, uma casinha de madeira se inclinava em um ângulo precário, como uma árvore no vento forte. O caminho de terra de um jardim estava abandonado, então eles seguiram pelos amontoados de flores selvagens em vários estágios de florescimento e decomposição que pareciam ter sido transplantados sem muita lógica ou motivo. Quando chegaram aos fundos da casa, encontraram Maude Ivory em um vestido velho grande demais para ela e cantando em um degrau improvisado. Estava quebrando nozes com uma pedra em um bloco de concreto, batendo no ritmo da música.

– Oh, querida – *crack* –, oh, querida – *crack* –, oh, querida Clementina! – *crack.* Ela olhou para eles e sorriu quando os viu. – Eu conheço você! – Ela limpou as cascas do vestido e correu para dentro de casa.

Coriolanus secou o rosto na manga e torceu para os lábios não estarem tão feios quando Lucy Gray aparecesse. Mas Maude Ivory saiu com uma sonolenta Barb Azure, que tinha prendido o cabelo em um coque apressado. Assim como Maude Ivory, ela tinha trocado o figurino do show por um vestido que poderia ser visto em qualquer pessoa do Distrito 12.

– Bom dia. Está procurado Lucy Gray?

– Ele é amigo dela da Capital – lembrou Maude Ivory. – O que a apresentou na televisão, só que ele está quase careca agora. Ele me deu as bolas de pipoca.

– Bom, nós gostamos do doce e agradecemos por tudo que você fez por Lucy Gray – disse Barb Azure. – Você vai encontrá-la na Campina. É pra lá que ela vai bem cedo, pra trabalhar, pra não incomodar os vizinhos.

– Vou te mostrar. Faço questão! – Maude Ivory pulou do degrau e segurou a mão de Coriolanus, como se eles fossem velhos amigos. – É por aqui.

Sem nunca ter tido irmãos nem outros parentes mais novos, Coriolanus tinha pouca experiência com crianças, mas ele se sentiu especial pelo jeito como ela se conectou a ele, a mãozinha fria apertando a dele com confiança.

– Você me viu na televisão?

– Só naquela noite. A imagem estava nítida e Tam Amber usou um monte de papel alumínio. Normalmente a gente só pega estática, mas é um privilégio

termos televisão – explicou Maude Ivory. – A maioria das pessoas não tem. Não que a gente tenha muita coisa pra assistir além daquele noticiário chato.

A dra. Gaul poderia falar o quanto quisesse sobre envolver as pessoas nos Jogos Vorazes, mas se praticamente ninguém nos distritos tinha uma televisão que funcionava, o impacto ficaria confinado à colheita, quando todo mundo se reunia em público.

Enquanto eles andavam na direção da floresta, Maude Ivory não parou de falar sobre o show da noite anterior e sobre a briga em seguida.

– Que pena que você levou um soco – disse ela, apontando para o lábio dele. – Mas o Billy Taupe é assim. Aonde quer que ele vá, leva problemas junto.

– Ele é seu irmão? – perguntou Sejanus.

– Ah, não, ele é um Clade. Ele e Clerk Carmine são irmãos. Nós somos todas primas Baird. As garotas. E Tam Amber é uma alma perdida – disse Maude Ivory com segurança.

Então Lucy Gray não tinha monopólio sobre o jeito estranho de falar. Devia ser coisa do Bando.

– Alma perdida? – perguntou Coriolanus.

– Isso mesmo. O Bando encontrou Tam Amber quando ele era bebê. Deixaram ele numa caixa de papelão na beira da estrada e agora ele é nosso. E quem fez isso se deu mal, porque ele é a melhor pessoa que tem – declarou Maude Ivory. – Só não é de falar muito. Isso é gelo?

Coriolanus balançou o amontoado de cubos cada vez menor.

– É o que sobrou.

– Ah, Lucy Gray vai gostar. Nós temos geladeira, mas o freezer quebrou faz tempo. Parece coisa chique ter gelo no verão. É como flores no inverno. Coisa rara.

Coriolanus concordou.

– Minha avó planta rosas no inverno. As pessoas ficam loucas.

– Lucy Gray disse que você tinha cheiro de rosas – falou Maude Ivory. – Sua casa é cheia de rosas?

– Ela planta no telhado – contou Coriolanus.

– No telhado? – disse Maude Ivory, rindo. – Que lugar bobo pra flores. Elas não escorregam?

– É um telhado reto, bem alto. Com muito sol. Dá pra ver a Capital toda de lá.

– Lucy Gray não gostou da Capital. Tentaram matar ela – disse Maude Ivory.

– É verdade – admitiu ele. – Não poderia ter sido muito bom pra ela.

– Ela disse que você foi a única coisa boa de lá e agora você está aqui. – Maude Ivory deu um puxão na mão dele. – Você vai ficar aqui, né?

– O plano é esse – disse Coriolanus.

– Fico feliz. Gostei de você e isso vai deixar ela feliz.

Àquelas alturas, os três tinham chegado no limite de um campo grande que descia até o bosque. Diferentemente da área feia na frente da árvore-forca, aquela tinha grama alta, fresca e limpa e áreas de flores selvagens coloridas.

– Lá está ela, com Shamus. – Maude Ivory apontou para uma figura solitária em uma pedra. Usando um vestido cinza, Lucy Gray estava de costas para eles, a cabeça inclinada sobre um violão.

Shamus? Quem era Shamus? Outro integrante do Bando? Ou ele tinha interpretado errado o papel de Billy Taupe na vida dela e Shamus era o namorado dela? Coriolanus botou a mão acima dos olhos para protegê-los do sol, mas só conseguiu ver Lucy Gray.

– Shamus?

– É a nossa cabra. Não se engane pelo nome masculino; ela dá quase quatro litros nos dias bons – disse Maude Ivory. – Estamos tentando pegar nata pra fazer manteiga, mas leva uma eternidade.

– Ah, eu adoro manteiga – disse Sejanus. – Isso me lembra que me esqueci de te dar este pão. Você já tomou café da manhã?

– É fato que não – disse Maude Ivory, olhando o pão com interesse.

Sejanus o entregou.

– Que tal voltarmos pra casa pra comer isso agora?

Maude Ivory prendeu o pão debaixo do braço.

– E Lucy Gray e esse aí? – perguntou ela, indicando Coriolanus.

– Eles podem se juntar a nós depois de terem conversado – disse Sejanus.

– Tudo bem – concordou ela, dando a mão para Sejanus. – Talvez Barb Azure faça a gente esperar. Você pode me ajudar a quebrar nozes primeiro se quiser. São do ano passado, mas ninguém passou mal ainda.

– Bom, essa é a melhor proposta que me fazem em muito tempo. – Sejanus se virou para Coriolanus. – Nos vemos depois?

Coriolanus pareceu constrangido.

– Estou bem? – perguntou ele.

– Está lindo. Acredite, esse lábio inchado combinou muito com você, soldado – disse Sejanus, e voltou na direção da casa com Maude Ivory.

Coriolanus ajeitou o cabelo e entrou na Campina. Ele nunca tinha andado em grama tão alta e a sensação das plantas fazendo cócegas nas pontas dos dedos aumentou seu nervosismo. Ia muito além das suas expectativas poder se encontrar com ela em particular, em um campo cheio de flores, com o dia inteiro pela frente. Era o oposto do que teria sido o encontro apressado no Prego imundo. Por falta de palavra melhor, aquilo era romântico. Ele se aproximou o mais silenciosamente que conseguiu. Ela o intrigava, e ele aproveitou a oportunidade para observá-la desarmada das defesas habituais.

Ao chegar mais perto, Coriolanus ouviu a música que ela estava cantando enquanto dedilhava suavemente o violão.

Você vem, você vem
Para a árvore
Onde eles enforcaram um homem que dizem
que matou três.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Ele não reconheceu a canção, mas se lembrou do enforcamento do rebelde dois dias antes. Ela estava lá? Teria sido a inspiração para a música?

Você vem, você vem
Para a árvore

Onde o homem morto clamou para que
seu amor fugisse.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Ah, sim. *Era* o enforcamento do Arlo, porque em que outro lugar um morto clamaria para que seu amor fugisse? "*Corre! Corre, Lil! Cor…!*" Alguém precisaria desses tordos anormais para isso. Mas quem ela estava convidando para se encontrar com ela na árvore? Poderia ser ele? Será que ela planejava cantar aquilo no sábado seguinte como mensagem secreta, para que ele a encontrasse à meia-noite na árvore-forca? Não que ele pudesse, jamais teria permissão de sair da base naquele horário. Mas ela não devia saber disso.

Lucy Gray estava cantarolando, testando acordes diferentes por trás da melodia enquanto ele admirava a curva do pescoço dela, a delicadeza da pele. Quando chegou mais perto, ele acabou pisando em um galho velho, que quebrou com um estalo alto. Ela pulou da pedra e girou o corpo ao se levantar, os olhos arregalados de medo e o violão esticado como se para bloquear um golpe. Por um momento, ele achou que ela fugiria, mas a surpresa mudou para alívio quando ela o viu. Lucy Gray balançou a cabeça, o mais próximo que já tinha ficado do constrangimento, enquanto apoiava o violão na pedra.

– Desculpe. Ainda estou com um pé na arena.

Se sua breve incursão nos Jogos o deixara nervoso e cheio de pesadelos, ele só podia imaginar o mal que tinha feito a ela. O mês anterior virara a vida deles de cabeça para baixo e as havia mudado irrevogavelmente. Era triste, pois ambos eram pessoas excepcionais, a quem o mundo tinha reservado o tratamento mais cruel.

– Sim, deixa uma impressão e tanto – disse ele. Eles ficaram parados por um momento, um absorvendo a presença do outro, antes de se aproximarem. O saco de gelo escorregou da mão de Coriolanus quando ela passou os braços em volta dele, aninhando o corpo no dele. Coriolanus a prendeu num abraço, lembrando o medo que tinha sentido por ela, por si mesmo, e que não havia ousado fantasiar sobre aquele momento, pois parecia inalcançável. Mas lá

estavam eles, seguros em uma linda campina. A três mil quilômetros da arena. Banhados pela luz do dia, mas nem um raio de sol entre os dois.

– Você me encontrou – disse ela.

No Distrito 12? Em Panem? No mundo? Não importava.

– Você sabia que eu encontraria.

– Esperava que encontrasse. Não sabia. A sorte não parecia estar ao meu favor. – Ela se afastou o suficiente para soltar a mão e passou os dedos nos lábios dele. Ele sentiu os calos das cordas do violão, a pele macia ao redor, enquanto ela examinava o ferimento da noite anterior. E então, quase timidamente, ela o beijou, provocando ondas de choque pelo corpo dele. Ignorando a dor nos lábios, ele retribuiu, faminto e curioso, todos os nervos do corpo despertos. Ele a beijou até os lábios começarem a sangrar um pouco e teria continuado se ela não tivesse se afastado.

– Aqui – disse ela. – Vem pra sombra.

O restante do gelo estalou sob o seu pé, e ele pegou a sacola.

– Pra você.

– Ora, obrigada. – Lucy Gray o puxou para se sentar na base da pedra. Pegou o saco, mordeu um canto do saco plástico para fazer um buraquinho e o ergueu para permitir que a água do gelo derretido pingar na boca. – Ah. Isso deve ser a única coisa fria que vai ter aqui até novembro. – Ela apertou o saco, borrifando de leve no rosto. – É maravilhoso. Inclina a cabeça. – Ele inclinou a cabeça para trás, sentiu a água respingar nos lábios e lambeu a tempo de outro beijo longo. Ela puxou os joelhos. – E então, Coriolanus Snow, o que você está fazendo na minha campina?

O que, de fato?

– Só passando um tempo com a minha garota – respondeu ele.

– Nem consigo acreditar. – Lucy Gray observou a campina. – Nada depois da colheita pareceu muito real. E os Jogos foram um pesadelo.

– Pra mim também. Mas quero saber o que aconteceu com você. Longe das câmeras.

Eles ficaram sentados lado a lado, os ombros, as costelas, os quadris encostados, as mãos entrelaçadas, trocando histórias como trocaram água

gelada. Lucy Gray começou com um relato sobre os primeiros dias dos Jogos, quando ela se escondeu com Jessup, que estava cada vez mais doente de raiva.

– A gente ficava indo de um lugar para o outro naqueles túneis. Parece um labirinto lá. E o pobre Jessup, ficando mais doente e mais maluco a cada minuto. Naquela primeira noite, nós dormimos perto da entrada. Foi você, não foi? Que foi buscar Marcus?

– Fomos eu e o Sejanus. Ele entrou escondido pra… bem, eu nem sei direto pra quê, pra fazer algum tipo de protesto. Me mandaram buscá-lo – explicou Coriolanus.

– Foi você quem matou Bobbin? – perguntou ela baixinho.

Ele assentiu.

– Não tive escolha. E depois, outros três tentaram me matar.

O rosto dela ficou sombrio.

– Eu sei. Eu os ouvi se gabando quando voltaram das roletas. Achei que você estivesse morto. Me assustou a ideia de perder você. Só fui respirar quando você enviou a água.

– Então você sabe como foi pra mim o tempo todo. Eu só conseguia pensar em você.

– E eu em você. – Ela dobrou os dedos. – Fiquei segurando aquele estojo de pó com tanta força que dava pra ver a marca da rosa na palma da minha mão.

Coriolanus segurou a mão dela e beijou a palma.

– Eu queria tanto ajudar, me senti tão inútil.

Lucy Gray acariciou a bochecha dele.

– Ah, não. Eu sentia você cuidando de mim. Com a água, a comida, e, acredite, matar o Bobbin foi importante, apesar de eu saber que deve ter sido horrível pra você. Com certeza foi pra mim. – Lucy Gray admitiu ter matado três pessoas. Primeiro, Wovey, apesar de não ter sido proposital. Ela simplesmente deixou uma garrafa de água com alguns goles e um pouco de pó, como se tivesse sido derrubada sem querer nos túneis, e Wovey foi quem encontrou. – Eu estava mirando em Coral. – Ela alegou que Reaper, cuja poça ela tinha envenenado, tinha contraído raiva quando Jessup cuspiu no olho dele no zoológico. – No fim das contas, foi misericórdia. Eu o poupei do que Jessup passou. E matar Treech com a serpente foi legítima defesa. Ainda não sei bem

por que aquelas cobras me amaram tanto. Não estou convencida de que tenha sido meu canto. Serpentes não escutam bem.

Ele contou para ela. Sobre o laboratório, Clemensia e o plano da dra. Gaul de soltar as serpentes na arena, e como ele largou secretamente o lenço que tinha sido do seu pai no tanque, para que ficassem acostumadas com o cheiro dela.

– Mas encontraram o lenço cheio de DNA de nós dois.

– E é por isso que você está aqui? Não pelo veneno de rato no estojo de pó?

– É – disse ele. – Você me salvou brilhantemente disso.

– Eu me esforcei. – Ela pensou por um minuto. – Bom, então é isso. Eu te salvei do fogo e você me salvou das serpentes. Somos responsáveis um pela vida do outro agora.

– Somos? – perguntou ele.

– Claro. Você é meu e eu sou sua. Está escrito nas estrelas.

– Não dá pra fugir disso.

Ele se inclinou e a beijou, sufocado de felicidade, porque apesar de não acreditar em escritos celestiais, Lucy Gray acreditava, e isso bastaria para garantir a lealdade dela. Não que a lealdade dele estivesse em questão. Se ele não tinha se apaixonado por nenhuma das garotas da Capital, era improvável que uma do Distrito 12 pudesse ser uma tentação.

Uma sensação estranha no pescoço chamou a atenção dele, e ele encontrou Shamus saboreando sua gola.

– Ah, oi. Posso ajudar, moça?

Lucy Gray riu.

– Até que pode, se quiser. Ela precisa ser ordenhada.

– Ordenhar. Hum. Não sei nem onde começar – disse ele.

– Com um balde. Em casa. – Ela borrifou um pouco de água gelada na direção de Shamus e a cabra soltou a gola. Lucy Gray rasgou o saco, pegou os dois últimos cubos, botou um na boca de Coriolanus e o outro na dela. – Como é bom ter gelo nessa época do ano. Um luxo no verão e uma maldição no inverno.

– Não dá pra simplesmente ignorar? – perguntou Coriolanus.

– Não aqui. Em janeiro, nossos canos congelaram, e tivemos que derreter pedaços de gelo no fogão pra ter água. Pra seis pessoas e uma cabra? Você ficaria surpreso com o trabalho que isso dá. Era melhor quando a neve vinha; derrete bem rápido. – Lucy Gray segurou a guia de Shamus e pegou o violão.

– Deixa comigo. – Coriolanus apanhou o instrumento. E se perguntou se ela confiaria o violão a ele.

Lucy Gray o entregou com facilidade.

– Não é tão bonito quanto o que Pluribus nos emprestou, mas serve pra pagar nossa sobrevivência. O problema é que estamos ficando sem cordas e as caseiras não prestam. Você acha que, se eu escrevesse pra Pluribus, ele me mandaria algumas? Aposto que deve ter algumas sobrando da época da casa noturna. Posso pagar. Ainda tenho boa parte do dinheiro que o reitor Highbottom me deu.

Coriolanus parou na mesma hora.

– O reitor Highbottom? O reitor Highbottom te deu dinheiro?

– Deu, mas foi meio na surdina. Primeiro, ele pediu desculpas pelo que eu tinha passado e depois enfiou um bolo de dinheiro no meu bolso. Fiquei feliz em aceitar. O Bando não tocou quando eu estava fora. Estavam abalados demais com a ideia de me perder. É por isso que eu posso pagar pelas cordas se ele quiser ajudar.

Coriolanus prometeu pedir na carta seguinte, mas a notícia da generosidade discreta do reitor Highbottom o abalou. Por que o mal encarnado ajudaria sua namorada? Respeito? Pena? Culpa? Um capricho induzido pelo morfináceo? Ele refletiu enquanto os dois andavam até a varanda da frente da casa dela, onde ela prendeu Shamus num poste.

– Entre. Venha conhecer minha família. – Lucy Gray segurou a mão dele e o guiou até a porta. – Como está Tigris? Eu queria poder ter agradecido a ela em pessoa pelo sabonete e pelo meu vestido. Agora que estou em casa, pretendo enviar uma carta pra ela e talvez uma música, se eu tiver uma ideia boa.

– Ela ia gostar – disse Coriolanus. – As coisas não estão muito bem lá em casa.

– Sei que devem sentir sua falta. É mais do que isso? – perguntou ela.

Antes que ele pudesse responder, eles entraram na casa. Consistia em um aposento grande e aberto e no que parecia uma área de dormir num mezanino. Na parte de trás, um fogão a carvão, uma pia, uma prateleira de louças e uma geladeira antiga formavam a cozinha. Uma arara com figurinos ocupava a parede direita, a coleção de instrumentos, a esquerda. Havia uma televisão velha com uma antena enorme que se abria como um chifre, cheia de pedaços retorcidos de papel alumínio, em cima de uma caixa. Fora algumas cadeiras e uma mesa, o local era desprovido de móveis.

Tam Amber estava recostado em uma das cadeiras, segurando o bandolim no colo, mas sem tocar. Clerk Carmine botou a cabeça para fora do mezanino, olhando descontente para Barb Azure e Maude Ivory, que parecia ter chegado a um estado de indignação. Ao vê-los, ela se aproximou correndo e começou a puxar Lucy Gray para a janela que dava vista para o quintal.

– Lucy Gray, ele está causando confusão de novo!

– Vocês deixaram ele entrar? – perguntou Lucy Gray, parecendo saber de quem ela estava falando.

– Não. Ele disse que queria o resto das coisas dele. Nós jogamos lá atrás – disse Barb Azure, os braços cruzados em reprovação.

– E qual é o problema, então? – Lucy Gray falou calmamente, mas Coriolanus sentiu a mão dela apertar.

– Aquilo – disse Barb Azure, indicando a janela dos fundos.

Ainda sendo puxado, Coriolanus foi atrás de Lucy Gray e olhou para o quintal. Maude Ivory se espremeu entre os dois.

– Sejanus deveria estar me ajudando com as nozes.

Billy Taupe estava ajoelhado no chão, uma pilha de roupas e alguns livros ao lado. Ele estava falando rapidamente enquanto fazia algum tipo de desenho na terra. Periodicamente, ele fazia gestos, apontava para lá e para cá. Na frente dele, apoiado em um joelho, Sejanus estava ouvindo com atenção, assentindo para demonstrar compreensão e fazendo perguntas ocasionais. Apesar de a visão de Billy Taupe no que ele agora considerava seu território o irritar, Coriolanus não viu muito motivo de preocupação. Ele não podia imaginar o que ele e Sejanus tinham a discutir. Teriam eles encontrado um ressentimento

em comum, tipo as famílias não os compreenderem, para choramingarem juntos?

– Você está preocupada com o Sejanus? Ele está bem. Ele conversa com todo mundo. – Coriolanus tentou identificar o desenho de Billy Taupe na terra, mas não conseguiu. – O que ele está desenhando?

– Parece que está dando algum tipo de orientação – disse Barb Azure, pegando o violão da mão dele. – E, se eu estiver certa, seu amigo precisa ir pra casa.

– Eu cuido disso. – Lucy Gray começou a soltar a mão de Coriolanus, mas ele a segurou. – Obrigada, mas você não precisa resolver todas as minhas questões.

– Está nas estrelas, eu acho – disse Coriolanus com um sorriso. Estava mesmo na hora de confrontar Billy Taupe e estabelecer algumas regras. Billy Taupe tinha que aceitar que Lucy Gray não era mais dele, mas pertencia de forma firme e eterna a Coriolanus.

Lucy Gray não respondeu, mas parou de tentar soltar a mão. Enquanto eles passavam silenciosamente pela porta aberta dos fundos, o brilho do sol de agosto, agora alto no céu, o fez apertar os olhos. Os dois lá fora estavam tão absorvidos na conversa que Billy Taupe só reagiu quando ele e Lucy Gray pararam diretamente ao lado, limpando a imagem da terra com a mão.

Sem a dica de Barb Azure, Coriolanus não teria tido a menor noção do que se tratava, mas, no fim das contas, ele reconheceu a imagem quase imediatamente. Era um mapa da base.



Sejanus se sobressaltou de uma forma que Coriolanus não pôde deixar de achar que envolvia culpa, e levantou-se rapidamente enquanto limpava a terra do uniforme. Billy Taupe, por outro lado, se ergueu devagar, quase preguiçosamente, para confrontá-los.

– Ora, veja quem decidiu falar comigo – disse ele, sorrindo com inquietação para Lucy Gray. Era a primeira vez que eles se falavam desde os Jogos Vorazes?

– Sejanus, Maude Ivory está muito chateada de você ter pulado fora de ajudar com as nozes – disse ela.

– Sim, eu andei fugindo das minhas obrigações. – Sejanus esticou a mão para Billy Taupe, que nem hesitou para apertá-la. – Foi um prazer conhecer você.

– Claro, você também. Pode me encontrar perto do Prego alguns dias, se quiser conversar mais – respondeu Billy Taupe.

– Não vou esquecer – disse Sejanus, indo para a casa.

Lucy Gray soltou a mão de Coriolanus e emparelhou os ombros aos de Billy Taupe.

– Vá embora, Billy Taupe. E não volte.

– Senão o quê, Lucy Gray? Você vai jogar seus Pacificadores em cima de mim? – Ele riu.

– Se for necessário – disse ela.

Billy Taupe olhou para Coriolanus.

– Esses dois parecem bem mansinhos.

– Você não entende. Não dá pra voltar atrás – disse Lucy Gray.

Billy Taupe ficou irritado.

– Você sabe que não tentei te matar.

– Eu sei que você ainda está andando com a garota que tentou – respondeu Lucy Gray. – Soube que você se sente muito confortável na casa do prefeito.

– E quem foi que me mandou lá, eu me pergunto? Fico doente de ver como você está manipulando as crianças. Pobre Lucy Gray. Pobre ovelhinha – debochou ele.

– Elas não são burras. Querem que você vá embora também – disse ela com desprezo na voz.

Billy Taupe esticou a mão, segurou o pulso dela e a puxou para perto.

– E pra onde exatamente eu devo ir?

Antes que Coriolanus pudesse interferir, Lucy Gray enfiou os dentes na mão de Billy Taupe, fazendo-o dar um gritinho e a soltar. Ele olhou de cara feia para Coriolanus, que tinha se aproximado dela de forma protetora.

– Você não me parece muito solitária. Esse é seu homem maravilhoso da Capital? O que veio atrás de você até aqui? Ele tem algumas surpresas o esperando.

– Eu já sei tudo sobre você. – Coriolanus não sabia, na verdade. Mas falar aquilo o fez se sentir em menos desvantagem.

Billy Taupe soltou uma gargalhada incrédula.

– Eu? Eu sou o botão de rosa naquela pilha de bosta.

– Por que você não vai embora, como ela pediu? – disse Coriolanus friamente.

– Tudo bem. Você vai aprender. – Billy Taupe pegou seus bens nos braços. – Vai aprender logo. – E saiu andando na manhã quente.

Lucy Gray ficou olhando enquanto ele se afastava e massageando o pulso que ele tinha segurado.

– Se você quiser fugir, a hora é agora.

– Eu não quero ir embora – disse Coriolanus, apesar de a conversa ter sido perturbadora.

– Ele é mentiroso e desprezível. É verdade que eu flerto com todo mundo. Faz parte do meu trabalho. Mas o que ele está dando a entender não é verdade. – Lucy Gray olhou pela janela. – E se fosse? E se fosse isso ou deixar Maude

Ivory passar fome? Nenhum de nós teria deixado isso acontecer, custasse o que custasse. Só que ele tem regras diferentes pra si mesmo e pra mim. Como sempre. A mesma coisa que torna ele vítima faz de mim um lixo.

Isso trouxe de volta lembranças perturbadoras da conversa com Tigris, e Coriolanus mudou de assunto rapidamente:

– Ele está com a filha do prefeito agora?

– É assim que as coisas estão. Eu o mandei lá para ganhar um dinheiro dando aulas de piano e, logo em seguida, o pai dela chamou meu nome na colheita – disse Lucy Gray. – Não sei o que ela disse pra ele. O prefeito ficaria furioso se soubesse que a filha anda com Billy Taupe. Bom, eu sobrevivi à Capital, mas não pra voltar pra mais do mesmo.

Algo no jeito dela, na consternação intensa, convenceu Coriolanus. Ele tocou o braço dela.

– Faça uma vida nova, então.

Lucy Gray entrelaçou os dedos nos dele.

– Uma vida nova. Com você. – Mas havia uma nuvem pairando sobre ela.

Coriolanus a cutucou de leve.

– A gente não tem que ordenhar uma cabra?

O rosto dela relaxou.

– Temos.

Ela o levou para dentro de casa, mas descobriu que Maude Ivory tinha levado Sejanus lá para fora para ensiná-lo a tirar leite de Shamus.

– Ele não tinha como negar. Estava em maus lençóis por ter conversado com o inimigo – disse Barb Azure. Ela tirou uma panela de leite frio da geladeira velha, botou na mesa e deu uma examinada. Clerk Carmine pegou um pote de vidro de uma prateleira, com uma espécie de dispositivo em cima. Uma manivela presa na tampa parecia mover pequenas pás dentro do pote.

– O que você está fazendo aí? – perguntou Coriolanus.

– Trabalho de corno. – Barb Azure riu. – Tentando juntar nata suficiente pra gente poder fazer manteiga. Só que leite de cabra não separa como o de vaca.

– E se a gente esperasse mais um dia? – perguntou Clerk Carmine.

– É, pode ser. – Barb Azure botou a panela na geladeira.

– Nós prometemos a Maude Ivory que íamos tentar. Ela é doida por manteiga. Tam Amber fez o batedor pra ela de aniversário. Acho que vamos ter que dar um jeito – disse Lucy Gray.

Coriolanus mexeu na manivela.

– Então você…?

– Teoricamente, quando temos nata suficiente, nós giramos a manivela e as pás batem até virar manteiga – explicou Lucy Gray. – Bom, foi o que nos disseram, pelo menos.

– Parece trabalhoso. – Coriolanus lembrou das belas e uniformes fatias de manteiga que ele comera no bufê no dia da colheita, sem parar para pensar um minuto de onde tinham vindo.

– É mesmo. Mas vai valer a pena se funcionar. Maude Ivory não dorme direito desde que me levaram. Ela parece bem durante o dia, mas acorda gritando à noite – confidenciou Lucy Gray. – Estou tentando dar uma alegrada nela.

Barb Azure coou o leite fresco que Sejanus e Maude Ivory levaram para dentro de casa e serviu em canecas enquanto Lucy Gray dividia o pão. Coriolanus nunca tinha tomado leite de cabra, mas Sejanus estalou os lábios e disse que lembrava sua infância no Distrito 2.

– Eu já fui ao Distrito 2? – perguntou Maude Ivory.

– Não, querida, fica no oeste. O Bando ficava mais pelo leste – disse Barb Azure.

– Às vezes, a gente ia para o norte – disse Tam Amber, e Coriolanus se deu conta de que era a primeira vez que o ouvia falar.

– Pra qual distrito? – perguntou Coriolanus.

– Pra nenhum distrito, na verdade – disse Barb Azure. – Pra qualquer lugar que a Capital não desse importância.

Coriolanus se sentiu constrangido por eles. Não existia lugar assim. Pelo menos, não mais. A Capital controlava o mundo conhecido. Por um momento, ele imaginou um grupo de pessoas com peles de animais selvagens sobrevivendo como dava em uma caverna por aí. Ele achava que uma coisa assim podia acontecer, mas essa vida seria um degrau abaixo até dos distritos. Quase não seria humana.

– Todo mundo deve ter sido expulso, como nós – disse Clerk Carmine.

Barb Azure abriu um sorriso triste.

– Duvido que a gente saiba algum dia.

– Tem mais? Ainda estou com fome – reclamou Maude Ivory, mas o pão tinha acabado.

– Coma um pouco das nozes – disse Barb Azure. – A gente vai ter comida no casamento.

Para a consternação de Coriolanus, o Bando tinha um trabalho à tarde. Eles iam tocar num casamento na cidade. Ele tinha esperanças de ficar a sós com Lucy Gray outra vez para uma conversa mais profunda sobre Billy Taupe, a história dela com ele e por que ele estaria desenhando um mapa da base na terra. Mas tudo teria que esperar, porque o Bando começou a se preparar para o show assim que a louça foi lavada.

– Desculpe ter que mandar você embora tão rápido, mas é assim que ganhamos nosso pão. – Lucy Gray levou Coriolanus e Sejanus até a porta. – A filha do açougueiro vai casar e nós temos que causar uma boa impressão. Vai ter gente com dinheiro pra nos contratar lá. Vocês podem esperar e ir com a gente até lá, mas isso pode…

– Fazer as pessoas começarem a fofocar – concluiu ele por ela, feliz de Lucy Gray ter sugerido primeiro. – É melhor deixarmos entre nós mesmo. Quando posso te ver de novo?

– Quando você quiser – disse ela. – Tenho a sensação de que seus horários são um pouco mais rígidos do que os meus.

– Vocês vão tocar no Prego semana que vem? – perguntou ele.

– Se deixarem. Depois da confusão de ontem. – Eles combinaram que ele chegaria o mais cedo que pudesse para ter alguns minutos preciosos com ela antes do show. – Tem um barracão que a gente usa, fica atrás do Prego. Você pode nos encontrar lá. Se não houver show, pode vir direto pra cá.

Coriolanus esperou até ele e Sejanus estarem nas ruas desertas perto da base para abordar o assunto Billy Taupe.

– O que vocês dois tinham pra conversar?

– Nada – disse Sejanus com desconforto. – Só fofoca local.

– Que exigia um mapa da base?

Sejanus parou na mesma hora.

– Você não deixa nada passar, né? Me lembro disso, da escola. De ver você observando outras pessoas. Fingindo que não estava fazendo nada. E escolhendo com cuidado os momentos em que você falava alguma coisa.

– Estou falando agora, Sejanus. Por que você estava tendo uma conversa com ele com um mapa da base na terra? O que ele é? Simpatizante dos rebeldes? – Sejanus desviou o olhar e Coriolanus continuou. – Que interesse ele pode ter na base da Capital?

Sejanus olhou para o chão por um minuto e falou:

– É a garota. Do enforcamento. A que prenderam outro dia. Lil. Ela está presa lá.

– E os rebeldes querem resgatá-la? – insistiu Coriolanus.

– Não. Só querem se comunicar com ela. Saber se está bem.

Coriolanus tentou controlar a raiva.

– E você disse que ajudaria.

– Não. Não fiz nenhuma promessa. Mas, se puder, se chegar perto da guarita, pode ser que consiga descobrir alguma coisa. A família dela está desesperada.

– Ah, que maravilha. Fantástico. Agora você é informante dos rebeldes. – Coriolanus saiu andando. – Achei que você ia deixar toda essa coisa de rebeldes pra trás!

Sejanus foi atrás dele.

– Não posso, tá? Faz parte de quem eu sou. E foi você que disse que eu poderia ajudar as pessoas dos distritos se aceitasse sair da arena.

– Acredito que falei que você podia lutar pelos tributos, querendo dizer que você talvez pudesse tentar obter condições mais humanas pra eles – corrigiu Coriolanus.

– Condições humanas! – explodiu Sejanus. – Eles são obrigados a matarem uns aos outros! E os tributos também são dos distritos, por isso não vejo distinção. É uma coisinha de nada, Coryo, dar uma olhada numa garota.

– Obviamente, não é – disse Coriolanus. – Não para Billy Taupe, pelo menos. Por que ele apagou o mapa tão rápido? Porque ele sabe o que está

pedindo. Sabe que está fazendo de você um cúmplice. E você sabe o que acontece com cúmplices?

– Eu só achei…

– Não, Sejanus, você não está raciocinando! E, pior ainda, você está se juntando com gente que nem parece capaz de raciocinar direito. Billy Taupe? Qual é o papel dele nisso? Dinheiro? Porque, só de ouvir Lucy Gray falar, posso dizer que o Bando não é rebelde. Nem da Capital. Eles estão determinados a se manterem fiéis à própria identidade, seja ela qual for.

– Não sei. Ele disse que… estava pedindo por um amigo – gaguejou Sejanus.

– Amigo? – Coriolanus percebeu que estava gritando e baixou a voz a um sussurro: – Amigo do velho Arlo, que organizou as explosões nas minas? Que planejamento brilhante. Que resultado ele podia estar esperando? Eles não têm recursos, nada que os permitiria retomar a guerra. E, enquanto isso, eles se voltam contra o próprio povo deles, porque como as pessoas do 12 vão comer sem as minas? Não é como se eles estivessem cheios de opções. Que tipo de estratégia foi aquela?

– Uma estratégia desesperada. Mas olha em volta! – Sejanus segurou o braço dele e o obrigou a parar. – Quanto tempo você acha que eles conseguem continuar assim?

Coriolanus sentiu uma onda de ódio ao se lembrar da guerra, da destruição que os rebeldes causaram na vida dele. Ele soltou o braço.

– Eles perderam a guerra. Uma guerra que eles iniciaram. Eles correram esse risco. Esse é o preço.

Sejanus olhou ao redor, como sem saber que direção tomar, e se sentou em um muro quebrado no caminho. Coriolanus teve a sensação desagradável de que estava assumindo o papel do velho Strabo Plinth na infinita discussão a respeito da lealdade de Sejanus. Ele não tinha escolhido aquilo. Por outro lado, se Sejanus se rebelasse ali, não dava para saber como terminaria.

Coriolanus se sentou ao lado dele.

– Olha, eu acho que as coisas vão melhorar, de verdade, mas não assim. Quando melhorar de modo geral, vai melhorar aqui, mas não se continuarem explodindo as minas. Isso só aumenta a contagem de corpos.

Sejanus assentiu e eles ficaram sentados no mesmo lugar enquanto algumas crianças maltrapilhas passavam, chutando uma lata velha pela rua.

– Você acha que cometi traição?

– Ainda não – disse Coriolanus com um meio sorriso.

Sejanus arrancou umas ervas daninhas crescendo pelo muro.

– A dra. Gaul acha. Meu pai foi falar com ela antes de procurar o reitor Highbottom e o comitê. Todo mundo sabe que quem manda é ela. Ele foi perguntar se eu poderia receber a chance que você teve, de se alistar nos Pacificadores.

– Achei que era automático – disse Coriolanus. – Quando se era expulso, como eu.

– Era a esperança do meu pai. Mas ela disse: "Não confunda as ações dos garotos. Uma estratégia equivocada não se compara a um ato de traição de apoio aos rebeldes." – A voz dele foi tomada de amargura. – E depois disso apareceu um cheque no laboratório, para os bestantes dela. Deve ter sido o bilhete para o Distrito 12 mais caro da história.

Coriolanus soltou um assobio baixo.

– Um ginásio *e* um laboratório?

– Pode dizer o que quiser, mas eu fiz mais pela reconstrução da Capital do que o próprio presidente – brincou Sejanus sem muito ânimo. – Você está certo, Coriolanus. Eu fui burro. De novo. E vou tomar mais cuidado no futuro. Seja lá o que estiver esperando por nós.

– Acho que vai ser mortadela frita.

– Bom, pode ir na frente – disse Sejanus, e eles continuaram a caminhada até a base.

Os companheiros de quarto estavam saindo da cama quando eles voltaram. Sejanus levou Poste para se exercitar, e Sorriso e Mosquitinho foram ver o que estava acontecendo na sala de recreação. Coriolanus planejava usar as horas até o jantar para estudar para a prova de candidatura a oficial, mas sua conversa com Sejanus tinha plantado uma ideia na cabeça dele. Cresceu rapidamente até apagar todo o resto. A dra. Gaul o defendera. Bom, "defender" era uma palavra forte. Mas tinha feito questão de deixar claro para Strabo Plinth que Coriolanus era de uma classe totalmente diferente do seu filho delinquente. O

crime de Coriolanus fora só "uma estratégia equivocada", o que não parecia ser crime nenhum. Talvez ela não o tivesse banido completamente. Ela pareceu se dedicar à educação dele durante os Jogos. Tratá-lo diferente. Valeria a pena escrever para ela agora, só para… para… bom, ele não sabia o que esperava obter. Mas quem sabia, mais para o futuro, quando ele talvez fosse um oficial de certa importância, se os caminhos deles não se cruzariam de novo? Não faria mal nenhum escrever para ela. Já tinham tirado tudo o que ele valorizava. O pior que ela poderia fazer seria ignorá-lo.

Coriolanus mordeu a caneta enquanto tentava organizar os pensamentos. Deveria começar com um pedido de desculpas? Por quê? Ela saberia que ele não lamentava ter tentado ganhar, só ter sido pego. Era melhor pular o pedido de desculpas. Ele podia contar sobre a vida na base, mas parecia mundano demais. As conversas deles tinham sido no mínimo engrandecedoras. Uma lição contínua, exclusivamente para o bem dele. De repente, ele se deu conta. O que devia fazer era continuar a lição. Onde eles tinham parado? Na redação sobre caos, controle e… qual era a terceira coisa? Ele sempre tinha dificuldade de lembrar. Sim, contrato. A que precisava do poder da Capital. E assim, ele começou…

> *Prezada dra. Gaul,*
> *Aconteceu muita coisa desde a nossa última conversa, mas todos os dias ela me ajuda. O Distrito 12 oferece um palco excelente para observar a batalha entre o caos e o controle acontecer, e, como Pacificador, tenho um lugar na primeira fila.*

Ele decidiu discutir as coisas que testemunhara desde que havia chegado. A tensão palpável entre os cidadãos e as forças da Capital, como ameaçou virar violência no enforcamento, como virou briga no Prego.

> *Lembrou-me da minha participação na arena. Uma coisa é falar sobre a natureza essencial dos humanos em teoria, outra bem diferente é pensar nela quando um punho acerta sua boca. Só que, desta vez, me senti mais preparado. Não estou convencido de que somos todos tão inerentemente*

violentos como você diz, mas é preciso bem pouco para essas feras se manifestarem, ao menos com a proteção da escuridão. Eu me pergunto quantos daqueles mineiros teriam dado um soco se a Capital pudesse ver a cara deles. No sol de meio-dia do enforcamento, eles resmungaram, mas não ousaram lutar.

Bem, é algo em que pensar enquanto meu lábio cicatriza.

Ele acrescentou que não esperava que ela respondesse, mas desejava o melhor a ela. Duas páginas. Curto e doce. Sem exigir atenção abertamente. Sem pedir nada. Sem se desculpar. Ele dobrou a carta, colou o envelope e endereçou a ela, na Cidadela. Para evitar perguntas, principalmente de Sejanus, ele foi botar diretamente na caixa de correio. *É tudo ou nada*, pensou ele.

No jantar, a mortadela frita foi acompanhada de purê de maçã e pedaços gordurosos de batata, e ele comeu tudo na bandeja lotada com prazer. Depois da refeição, Sejanus o ajudou a estudar para a prova, mas foi reservado quanto ao seu próprio interesse nela.

– Só tem prova três vezes por ano e uma delas vai ser na tarde de quarta – disse Coriolanus. – A gente devia fazer. Pelo menos pra treinar.

– Não, eu ainda não levo jeito pra essa coisa militar. Mas acho que você vai passar – respondeu Sejanus. – Mesmo que erre algumas coisas, vai acertar outras, e sua nota geral pode ser suficiente pra se qualificar. Faz logo antes que você esqueça matemática. – Ele tinha razão. Uma parte do que ele sabia de geometria já parecia meio enferrujada.

– Se você fosse oficial, talvez deixassem que treinasse pra ser médico. Você era muito bom em ciências – disse Coriolanus, tentando entender o que podia estar passando pela cabeça de Sejanus depois da conversa deles. Ele precisava de uma coisa nova em que se concentrar. – Depois você poderia, como você falou, ajudar gente.

– Isso é verdade. – Sejanus pensou no assunto. – Acho que vou conversar com os médicos na clínica pra saber como eles chegaram lá.

Na manhã seguinte, depois de uma noite de sonhos estranhos que oscilavam entre beijar Lucy Gray e alimentar os filhotes de serpente da dra. Gaul, Coriolanus acrescentou seu nome na lista dos que fariam a prova. O oficial

encarregado disse que ele seria dispensado oficialmente do treinamento e isso por si só já pareceu incentivo para se inscrever, pois a semana prometia ser quente. Mas era mais do que isso. O calor, sim, mas também o tédio do dia a dia tinha começado a cansar. Se ele pudesse se tornar oficial, Coriolanus teria tarefas mais desafiadoras.

O dia trouxe duas alterações na agenda regular. A primeira, que eles começariam a cumprir serviço de guarda, não provocou muita animação, pois era uma função amplamente conhecida por ser entediante. Ainda assim, argumentou Coriolanus, ele preferia ficar na escrivaninha na entrada da base a esfregar panelas. Talvez até conseguisse ler um pouco.

A segunda alteração o deixou nervoso. Quando eles se apresentaram para o treino de pontaria, foram informados que a sugestão de Coriolanus de disparar nas aves em volta da forca tinha sido aprovada. Mas, antes, a Cidadela queria que eles pegassem uns cem gaios tagarelas e tordos e os enviassem para o laboratório, ilesos, para serem estudados. Seu pelotão foi designado para ajudar a posicionar as gaiolas nas árvores naquela tarde, o que queria dizer que ele trabalharia com cientistas do laboratório da dra. Gaul. Um grupo tinha chegado de aerodeslizador naquela manhã. Ele tinha visto muito pouca gente na Cidadela, mas a ideia de encontrar alguém do laboratório, onde sem dúvida todos sabiam os detalhes da trapaça dele com as serpentes e sua desgraça subsequente, o deixou tenso. E um pensamento horrível lhe ocorreu: seria possível que a dra. Gaul em pessoa fosse supervisionar a coleta de pássaros? Mandar uma carta para ela na outra ponta de Panem pareceu quase brincadeira, mas ele estremeceu ao pensar em encontrá-la cara a cara pela primeira vez depois de ter sido banido.

Enquanto Coriolanus seguia sacolejando na caçamba do caminhão, desarmado e talvez prestes a ser desmascarado, seu otimismo da semana sumiu. Os outros recrutas, felizes de estarem saindo para o que lhes parecia ser um passeio, conversavam em volta dele enquanto ele ficava em silêncio.

Mas Sejanus entendeu seu nervosismo.

– A dra. Gaul não vai estar aqui, sabe – sussurrou ele. – Isso é trabalho estritamente braçal se estamos envolvidos. – Coriolanus assentiu, mas não ficou convencido.

Quando o caminhão parou embaixo da árvore-forca, ele ficou escondido atrás do grupo enquanto observava os quatro cientistas da Capital, todos ridiculamente vestidos com os jalecos brancos, como se estivessem prestes a descobrir o segredo da imortalidade em vez de estarem capturando um bando de pássaros insípidos num calor de quase quarenta graus. Ele examinou cada rosto, mas nenhum era familiar, e relaxou um pouco. O laboratório enorme continha centenas de cientistas, e aqueles de agora eram especialistas em pássaros, não em répteis. Eles cumprimentaram os soldados com bom humor, orientaram todos a pegar uma das armadilhas de arame, que pareciam gaiolas, enquanto explicavam a montagem. Os recrutas obedeceram, pegaram as armadilhas e se sentaram no limite da floresta, perto da forca.

Sejanus fez um sinal de positivo para ele pela ausência da dra. Gaul, e ele estava prestes a retribuir quando reparou numa figura em uma clareira mais para dentro da floresta. Era uma mulher de jaleco, imóvel, de costas para eles, a cabeça inclinada para o lado para ouvir a cacofonia do canto das aves. Os outros cientistas esperaram respeitosamente até ela terminar e voltar pelas árvores. Quando ela empurrou um galho para o lado, Coriolanus teve uma visão clara do rosto, que poderia ser fácil de esquecer se não fossem os óculos cor-de-rosa grandes no nariz. Ele a reconheceu na mesma hora. Foi ela quem o repreendeu por perturbar os pássaros quando ele saiu correndo para tentar fugir do laboratório depois de ver Clemensia desabar em um arco-íris de pus. A pergunta era: a mulher se lembraria dele? Ele se encolheu atrás de Sorriso e ficou fascinado de repente com armadilha que estava segurando.

A mulher de óculos cor-de-rosa, que um dos cientistas apresentou afetuosamente como “nossa dra. Kay”, os cumprimentou de forma simpática e explicou a missão: coletar cinquenta gaios tagarelas e cinquenta tordos, além do plano para que tudo funcionasse. Eles tinham que ajudar a encher a floresta com armadilhas, que receberiam iscas de comida, água e pássaros de mentira para atrair a presa. As armadilhas ficariam abertas por dois dias, para que os pássaros tivessem a liberdade de entrar e sair. Na quarta-feira, eles voltariam, trocariam as iscas e montariam as armadilhas de forma a capturar os pássaros.

Ansiosos para agradar, os recrutas se dividiram em cinco grupos de quatro e cada um seguiu um dos cientistas para uma parte diferente da floresta.

Coriolanus foi para o grupo com o homem que tinha apresentado a dra. Kay e se escondeu na folhagem assim que foi possível. Além das armadilhas, eles carregavam mochilas contendo vários tipos de isca. Andaram cem metros até chegarem a uma marca vermelha em um dos troncos, indicando o marco zero deles. Sob orientação do cientista, eles se espalharam de forma concêntrica a partir daquele ponto, trabalhando em duplas para botar iscas nas armadilhas e posicioná-las no alto das árvores.

Coriolanus formou par com Mosquitinho, que acabou se revelando um mestre de subir em árvores, por ter sido criado no Distrito 11, onde as crianças ajudavam a cuidar dos pomares. Eles passaram duas horas suadas e produtivas trabalhando, com Coriolanus preparando as iscas e Mosquitinho pendurando as armadilhas nos galhos. Quando todos se reuniram de novo, Coriolanus se abaixou, se sentou na caçamba do caminhão, e ficou examinando as múltiplas picadas de insetos até eles estarem a uma certa distância da dra. Kay. Ela não prestou nenhuma atenção nele. *Não seja paranoico*, pensou. *Ela não se lembra de você.*

Na terça eles voltaram à rotina, mas Coriolanus estudou para a prova durante as refeições e no breve intervalo antes do apagar das luzes. Ele estava doido para reencontrar Lucy Gray, e ela continuava invadindo seus pensamentos, mas ele se esforçou para afastá-la, prometendo a si mesmo que poderia se entregar às fantasias quando a prova passasse. Na quarta, ele aguentou os exercícios da manhã, ficou sentado sozinho no almoço com o manual para uma revisão final e foi para a sala de aula onde eles tinham aulas táticas. Dois outros Pacificadores tinham se inscrito, um com vinte e tantos anos que alegava já ter feito a prova cinco vezes e outro que devia ter quase cinquenta anos, o que pareceu velhíssimo para uma mudança de vida.

Fazer provas estava entre os maiores talentos de Coriolanus e ele sentiu aquela onda familiar de empolgação quando abriu a capa do teste. Ele adorava o desafio e sua natureza obsessiva se traduzia em imersão quase instantânea na pista mental de obstáculos. Três horas depois, encharcado de suor, exausto e feliz, ele entregou o caderno de provas e foi ao refeitório pegar gelo. Ele se sentou na faixa de sombra que o quartel oferecia enquanto deslizava cubos de gelo pelo corpo e repassava as questões em pensamento. A dor de perder a

carreira universitária voltou brevemente, mas ele a afastou com pensamentos de se tornar um líder militar lendário como o pai. Talvez esse fosse seu destino o tempo todo.

O resto do pelotão ainda estava fora com os cientistas da Cidadela, subindo em árvores e ativando a armadilhas, então ele foi buscar a correspondência para seu quarto. Duas caixas gigantescas da sra. Plinth o receberam, prometendo outra noite animada no Prego. Ele carregou tudo para o quarto, mas decidiu esperar para abri-las quando os outros voltassem. Ela também tinha lhe enviado uma carta em separado, agradecendo por tudo que ele havia feito por Sejanus e pedindo que continuasse de olho no menino dela.

Coriolanus botou a carta de lado e suspirou ao pensar em ser guardião de Sejanus. Fugir da Capital podia ter aliviado o tormento de Sejanus temporariamente, mas ele já tinha ficado agitado por causa dos rebeldes. Conspirado com Billy Taupe. Sofrido por causa da garota presa. Quando tempo levaria para que ele fizesse alguma outra coisa tipo entrar na arena? Aí, mais uma vez, as pessoas procurariam Coriolanus para tirá-lo da confusão.

A questão era que ele não acreditava que Sejanus mudaria. Talvez fosse incapaz, mas, mais importante, Sejanus não queria mudar. Ele já tinha rejeitado o que a vida de Pacificador oferecia: fingindo que não conseguia atirar, se recusando a fazer a prova para oficial, deixando claro que não desejava se destacar em nome da Capital. O Distrito 2 sempre seria seu lar. As pessoas do Distrito sempre seriam sua família. Os rebeldes do Distrito sempre teriam uma causa justa pela qual lutar… e seria o dever moral de Sejanus ajudá-los.

Uma sensação de ameaça cresceu em Coriolanus. Tinha tentado ignorar o comportamento errôneo de Sejanus na Capital, mas ali era diferente. Ali ele era visto como adulto, e as consequências das ações dele podiam significar vida ou morte. Se ele ajudasse os rebeldes, poderia se ver na frente de um pelotão de fuzilamento. O que estava passando na cabeça de Sejanus?

Em um impulso, Coriolanus abriu o armário de Sejanus, tirou a caixa dele e colocou o conteúdo no chão com cuidado. Ali havia uma pilha de recordações, um pacote de chicletes e três frascos de remédio receitados por um médico da Capital. Dois pareciam ser comprimidos para dormir e o terceiro era um frasco de morfináceo com um conta-gotas embutido na tampa, bem parecido com o

que ele viu o reitor Highbottom usar em várias ocasiões. Ele sabia que Sejanus tinha sido medicado no colapso nervoso, a mãe dele tinha lhe contado isso, mas por que ele levou os remédios? A sra. Plinth os teria incluído por precaução? Ele mexeu no resto do conteúdo. Um pedaço de pano, papel de carta, canetas, um pequeno fragmento de mármore entalhado grosseiramente no que poderia ser um coração e uma pilha de fotos. Os Plinth tiravam retratos anuais, e ele identificou o crescimento de Sejanus de bebê até o ano anterior. Todas as fotos eram da família, exceto uma foto antiga de um grupo de crianças na escola. Coriolanus achou que era da turma deles, mas ninguém era familiar, e muitas crianças estavam vestidas com roupas velhas que não cabiam direito. Ele viu Sejanus com um terno bonito, sorrindo pensativamente na segunda fila. Atrás dele estava um garoto que ele achou que parecia bem mais velho. Mas, ao examinar melhor, as peças se encaixaram. Era Marcus. Em uma foto escolar do último ano de Sejanus no Distrito 2. Não havia registro dos colegas de escola da Capital, nem mesmo de Coriolanus. Por algum motivo, aquilo pareceu a maior confirmação de onde estava a lealdade de Sejanus.

No fundo da pilha, ele encontrou uma moldura grossa de prata com o diploma de Sejanus, quem diria. Tinha sido tirado da pasta de couro e transferido para uma moldura, como se para ser exibido. Mas por quê? Sejanus não o penduraria na parede nem em um milhão de anos, mesmo que tivesse uma parede em que pendurar. Coriolanus passou o dedo na moldura, acompanhando o metal decorado, e o virou. A placa de apoio pareceu meio torta, e a pontinha de um papel verde bem clarinho aparecia na lateral. *Isso não é só papel*, pensou ele, e empurrou os prendedores para soltar o painel. Quando se soltou, uma pilha de cédulas novas caiu no chão.

Dinheiro. E muito. Por que Sejanus levaria tanto dinheiro para sua nova vida como Pacificador? Teria a mãe dele insistido? Não, não a sra. Plinth. Ela parecia achar que o dinheiro era a raiz de toda infelicidade deles. Strabo, então? Pensando que, o que quer que o filho encontrasse pela frente, o dinheiro o protegeria do mal? Possivelmente, mas Strabo costumava lidar com os pagamentos ele mesmo. Era algo que Sejanus tinha feito por sua própria conta, sem os pais saberem? Isso era preocupante. Seria uma vida de mesadas cuidadosamente guardadas para um momento de necessidade? Tirada do banco

um dia antes da partida e escondida na moldura do diploma? Sejanus sempre reclamou do hábito do pai de usar dinheiro para se livrar dos problemas, mas isso estaria entranhado nele desde o nascimento? O método Plinth de resolver problemas. Passado de pai para filho. De mau gosto, mas eficiente.

Coriolanus pegou o dinheiro, fez uma pilha organizada e mexeu nas notas. Havia centenas, milhares de dólares ali. Mas de que serviriam no Distrito 12, onde não havia nada a comprar? Nada, pelo menos, que o salário de um Pacificador não cobrisse. A maioria dos recrutas enviava metade do pagamento para casa, pois a Capital providenciava quase tudo o que eles precisavam, exceto papel de carta e as noites no Prego. O Prego tinha o mercado clandestino, mas ele não tinha visto muita coisa que tentasse um Pacificador, além das bebidas. Eles não precisavam de coelhos mortos, nem de cadarços ou de sopa caseira. E, mesmo que precisassem, eram coisas fáceis de comprar. Claro, havia outras coisas que podiam ser compradas. Como informações, acesso e silêncio. Havia subornos. Havia poder.

Coriolanus ouviu as vozes do pelotão voltando. Escondeu rapidamente o dinheiro na moldura, tomando o cuidado de deixar uma pontinha verde visível. Rearrumou a caixa e a colocou no armário de Sejanus. Quando os companheiros entraram, ele estava atrás das caixas da sra. Plinth com os braços abertos, com um sorriso enorme.

– Quem está livre no sábado?

Enquanto Sorriso, Poste e Mosquitinho abriam as caixas e viam os tesouros dentro, Sejanus ficou sentado na cama olhando com expressão divertida.

Coriolanus se apoiou na cama acima da dele.

– Temos que agradecer pela sua mãe. Senão, estaríamos todos duros.

– É, sem um centavo sequer – concordou Sejanus.

A única coisa que Coriolanus nunca questionara tinha sido a honestidade de Sejanus. Ele até preferiria que ele fosse um pouco menos honesto. Mas aquilo era uma mentira deslavada, dita com a mesma naturalidade da verdade. O que queria dizer que tudo que ele dissesse a partir de agora seria suspeito.



Sejanus deu um tapa na própria testa.

– Ah! Como foi a prova?

– Vamos ver – disse Coriolanus. – Vão mandar pra Capital pra ser corrigida. Dizem que pode demorar para chegar o resultado.

– Você vai passar – garantiu Sejanus. – Você merece.

Tão solidário. Tão duas caras. Tão autodestrutivo. Como uma mariposa atraída pelo fogo. Coriolanus se sobressaltou um pouco por se lembrar da carta de Pluribus. Não foi isso que o reitor Highbottom ficou murmurando depois da briga com o pai de Coriolanus tanto tempo antes? Quase. Ele tinha usado o plural. *"Como mariposas pelo fogo."* Como se um bando inteiro de mariposas estivesse voando para um incêndio. Um grupo inteiro determinado a se autodestruir. A quem ele estava se referindo? Ah, quem ligava? O velho Chapa Highbottom drogado e movido pelo ódio. Melhor nem questionar.

Depois do jantar, Coriolanus teve sua primeira hora de vigia em um hangar do outro lado da base. Formando dupla com um veterano que cochilou imediatamente após o instruir a ficar de olhos abertos, seus pensamentos se fixaram em Lucy Gray, desejando poder vê-la ou ao menos falar com ela. Parecia um desperdício estar de vigia, onde nada acontecia, quando podia estar com ela nos braços. Ele se sentia preso na base, enquanto ela podia andar livremente pela noite. De certa forma, era melhor quando ela estava trancada na Capital, onde Coriolanus sempre tinha uma ideia do que ela estava fazendo. Até onde ele sabia, Billy Taupe podia estar tentando reconquistá-la naquele

exato momento. Por que fingir que ele não estava pelo menos com um pouco de ciúmes? Talvez ele devesse tê-lo prendido, afinal…

No alojamento, ele escreveu um bilhete rápido para a sra. Plinth para elogiar os doces e outro para Pluribus agradecendo a ajuda e perguntando sobre as cordas para Lucy Gray. Com o cérebro cansado da prova, Coriolanus dormiu profundamente e acordou já suado na manhã quente de agosto. Quando o tempo melhoraria? Em setembro? Outubro? Na hora do almoço, a fila da máquina de gelo contornava metade do refeitório. Coriolanus foi designado para trabalhar na cozinha e se preparou para o pior, mas viu que tinha sido promovido da tarefa de lavar louça para a de picar ingredientes. Seria uma boa mudança se seu ingrediente não fosse a cebola. Ele conseguia viver com as lágrimas, mas foi ficando cada vez mais preocupado com o cheiro que emanava das mãos. Mesmo depois de uma noite esfregando, ainda gerou comentários no alojamento, e, por mais que ele as lavasse, de nada adiantou. Ele estaria fedendo assim quando visse Lucy Gray de novo?

Na manhã de sexta, apesar do calor e da sua inquietação perto dos cientistas da Cidadela, ele ficou um pouco aliviado de saber que cuidaria dos pássaros naquela tarde. Apesar de desagradáveis, eles não deixavam odor nenhum. Quando Poste desmaiou no meio dos exercícios, o sargento mandou que os colegas o levassem para a clínica, onde Coriolanus aproveitou a oportunidade para pegar uma lata de talco para uma brotoeja que tinha se espalhado pelo peito e debaixo do seu braço direito.

– Mantenha seco – aconselhou o médico.

Ele teve que segurar o impulso de revirar os olhos. Não conseguia ficar seco nem por um momento desde que pisara na sauna que era o Distrito 12.

Depois de almoçar sanduíches frios de patê, eles foram sacolejando no caminhão até a floresta, onde os cientistas, ainda de jalecos brancos, os esperavam. Enquanto formavam duplas, Coriolanus soube que Mosquitinho, por não ter tido parceiro na quarta, havia trabalhado com a dra. Kay. Ela ficou tão impressionada com a agilidade dele nos galhos que pediu para ficar com ele de novo. Era tarde demais para trocar as duplas, então Coriolanus seguiu o grupo dela até as árvores e ficou o mais distante que pôde.

Não adiantou. Enquanto ele via Mosquitinho carregar uma gaiola nova com isca para a primeira árvore e trocar por outra com um gaio tagarela capturado, a dra. Kay se aproximou por trás.

– O que está achando dos distritos, soldado Snow?

Ele ficou encurralado como um pássaro. Preso como os tributos no zoológico. Fugir para as árvores não era opção. Ele se lembrou do conselho de Lucy Gray que o salvou na jaula dos macacos. *Assuma o comando.*

Ele se virou para ela com um sorriso tímido que reconhecia que ela o havia pegado no pulo, mas divertido a ponto de mostrar que ele não se importava.

– Sabe, acho que aprendi mais sobre Panem em um dia como Pacificador do que nos treze anos de escola.

A dra. Kay riu.

– Sim. Tem um mundo de aprendizado esperando por aí. Fui designada para o 12 durante a guerra. Morei na sua base. Trabalhei nessa floresta.

– Então você foi parte do projeto dos gaios tagarelas? – perguntou Coriolanus. Pelo menos os dois tiveram fracassos públicos.

– Fui a chefe – disse a dra. Kay com eloquência.

Um *grande* fracasso público. Coriolanus ficou mais à vontade. Ele só tinha passado vergonha nos Jogos Vorazes, não numa guerra nacional. Talvez ela fosse solidária e fizesse um relatório favorável para a dra. Gaul na volta se ele causasse uma boa impressão. Fazer um esforço para agradá-la poderia compensar. Ele lembrou que os gaios tagarelas eram todos machos e não podiam se reproduzir entre si.

– Esses gaios tagarelas foram as aves que vocês usaram para vigilância durante a guerra?

– Aham. Eram meus bebês. Nunca pensei que os veria de novo. O consenso geral era que eles não sobreviveriam ao inverno. Animais geneticamente projetados costumam ter dificuldade na natureza. Mas eles eram fortes, os meus pássaros, e a natureza tem vontade própria – disse ela.

Mosquitinho chegou ao galho mais baixo e entregou a gaiola com o gaio tagarela.

– Nós devíamos deixá-los nas armadilhas por enquanto. – Não era uma pergunta, só um comentário.

– Sim. Pode ajudar a reduzir o estresse da transição – concordou a dra. Kay.

Mosquitinho assentiu, desceu até o chão e pegou uma armadilha nova com Coriolanus. Sem perguntar, foi para uma segunda árvore. A dra. Kay observou com aprovação.

– Algumas pessoas simplesmente entendem os pássaros.

Coriolanus sentia sem a menor dúvida que jamais seria uma dessas pessoas, mas podia fingir ser por algumas horas. Ele se agachou ao lado da armadilha e examinou o gaio tagarela, que piava sem parar.

– Sabe, eu nunca entendi direito como isso funcionava. – Não que ele tivesse feito qualquer esforço para descobrir. – Sei que eles gravavam as conversas, mas como vocês os controlavam?

– Eles são treinados para responder a comandos de áudio. Se tivermos sorte, posso mostrar – A dra. Kay tirou um pequeno dispositivo retangular do bolso. Havia vários botões coloridos nele, nenhum identificado, mas talvez o tempo e o uso tivessem apagado as identificações. Ela se ajoelhou na frente dele com a gaiola no meio e observou o pássaro com mais afeto do que Coriolanus achava que cabia a uma cientista. – Não é lindo?

Coriolanus tentou soar convincente:

– Muito.

– O que você ouve agora, esses piados, são dele. Ele consegue imitar outros pássaros, nós ou dizer o que quiser. Ele está no neutro – disse ela.

– No neutro? – perguntou Coriolanus.

– *No neutro?* – Ele ouviu sua voz sair pelo bico do pássaro. – *No neutro?*

É mais sinistro quando é nossa própria voz, pensou ele, mas deu uma gargalhada de prazer.

– Era eu!

– *Era eu!* – disse o gaio tagarela com sua própria voz e começou a imitar um pássaro próximo.

– Era mesmo – disse a dra. Kay. – Mas, no neutro, ele vai mudar pra outra coisa rapidamente. Outra voz. Normalmente, só uma frase curta. Um trecho de canção de pássaro. O que chamar a atenção dele. Pra vigilância, nós precisamos colocá-lo no modo gravação. Cruze os dedos. – Ela apertou um dos botões no controle remoto.

Coriolanus não ouviu nada.

– Ah, não. Acho que está velho demais.

Mas o rosto da dra. Kay exibia um sorriso.

– Não necessariamente. Os tons de comando são inaudíveis para seres humanos, mas facilmente registrados pelos pássaros. Está vendo como ele ficou quieto?

O gaio estava em silêncio. Ficou pulando pela gaiola, inclinando a cabeça, bicando coisas, da mesma forma de sempre, exceto pela verbalização.

– Está funcionando? – perguntou Coriolanus.

– Vamos ver. – A dra. Kay apertou outro botão do controle e o pássaro voltou aos chilreios de sempre. – Neutro de novo. Agora, vamos ver o que ele captou.

Depois de uma breve pausa, o pássaro começou a falar:

– Ah, não. Acho que está velho demais.

– Não necessariamente. Os tons de comando são inaudíveis para seres humanos, mas facilmente registrados pelos pássaros. Está vendo como ele ficou quieto?

– Está funcionando?

– Vamos ver.

Uma réplica exata. Mas, não. O movimento das árvores, o zumbido dos insetos, os outros pássaros, nada disso tinha sido gravado. Só o som puro das vozes humanas.

– Hã – disse Coriolanus, um tanto impressionado. – Por quanto tempo eles conseguem gravar?

– Uma hora, mais ou menos, num dia bom – disse a dra. Kay. – Eles foram programados para procurar áreas florestais e são atraídos por vozes humanas. Nós os soltávamos na floresta no modo gravação e os chamávamos de volta com um sinal que os atraía para a base, onde analisávamos as gravações. Não só aqui, mas no Distrito 11, no 9, e onde mais achássemos que seriam úteis.

– Não dava pra simplesmente colocar microfones nas árvores? – perguntou Coriolanus.

– Dá pra botar escutas em prédios, mas a floresta é grande demais. Os rebeldes conheciam bem o terreno; nós, não. Eles iam de um lugar para outro. O gaio tagarela é um dispositivo de gravação orgânico e móvel e,

diferentemente de um microfone, é indetectável. Os rebeldes podiam pegar um, matar, até comer, mas só veriam um pássaro comum – explicou a dra. Kay. – Eles são perfeitos, em teoria.

– Mas, na prática, os rebeldes descobriram o que eles eram – disse Coriolanus. – Como eles conseguiram?

– Não temos certeza. Alguns achavam que eles viram os pássaros voltando para a base, mas nós só os chamávamos de volta no meio da noite, quando é impossível detectá-los, e só uns poucos de cada vez. É mais provável que não tenhamos disfarçado direito. Não cuidamos para que as informações que nos faziam agir pudessem ter outra fonte além de uma gravação na floresta. Isso teria gerado desconfianças, e apesar de as penas pretas serem ótima camuflagem à noite, a atividade de madrugada pode ter sido uma pista. Acho que eles começaram a fazer testes, a nos dar informações falsas e ver como reagíamos. – Ela deu de ombros. – Ou talvez eles tivessem algum espião na base. Acho que nunca vamos saber.

– Por que você não usa o dispositivo pra chamar todos de volta à base agora? Em vez de… – Coriolanus parou de falar, sem querer parecer reclamão.

– Em vez de arrastar vocês nesse calor pra serem comidos por mosquitos? – Ela riu. – O sistema de transmissão todo foi desmontado e nosso antigo aviário parece que guarda suprimentos agora. Além do mais, eu prefiro botar minhas mãos neles. Nós não queremos que saiam voando e não voltem mais, queremos?

– Claro que não – mentiu Coriolanus. – Eles fariam isso?

– Não sei bem o que eles fariam agora que se tornaram nativos. No fim da guerra, eu os soltei no neutro. Teria sido cruel não fazer isso. Um pássaro mudo encararia desafios demais. Eles não só sobreviveram, mas acasalaram com os tordos puros. E agora, temos mais uma espécie. – A dra. Kay apontou para um tordo na folhagem. – Os moradores daqui chamam de "nosso tordo".

– E o que eles fazem? – perguntou Coriolanus.

– Não tenho certeza. Estou observando nesses últimos dias. Eles não têm habilidade de imitar fala. Mas têm uma capacidade melhor e mais confiável de repetir música do que as fêmeas de tordo puro – disse ela. – Cante alguma coisa.

Coriolanus só tinha uma canção velha no repertório.

Pérola de Panem
Cidade majestosa,
Com o passar dos anos, você brilha mais.

O tordo inclinou a cabeça e cantarolou. Não com letra, mas uma réplica exata da melodia, com uma voz que parecia meio humana e meio de pássaro. Alguns outros pássaros na área captaram a melodia e a transformaram em um tecido harmônico, o que novamente o lembrou do Bando com suas músicas antigas.

– A gente devia matar todos. – As palavras saíram antes que ele conseguisse segurá-las.

– Matar todos? Por quê? – perguntou a dra. Kay com surpresa.

– Eles não são naturais. – Ele tentou distorcer o comentário para parecer que tinha vindo de alguém que amava pássaros. – Pode ser que façam mal a outras espécies.

– Eles parecem bem compatíveis. E estão por toda Panem, em todos os lugares que gaios tagarelas e tordos puros coabitaram. Vamos levar alguns de volta para ver se são capazes de se reproduzir, tordo com tordo. Se não puderem, todos vão sumir em alguns anos. Se puderem, que mal tem mais um pássaro canoro?

Coriolanus concordou que deviam ser inofensivos. Ele passou o resto da tarde fazendo perguntas e tratando as aves com gentileza para compensar a sugestão insensível. Não gostava muito dos gaios tagarelas, mas pareciam até interessantes de um ponto de vista militar. Mas havia algo nos tordos que o repugnava. Ele desconfiava daquela criação espontânea. A natureza se descontrolando. Eles deviam morrer, e quanto antes melhor.

No fim do dia, apesar de estarem com mais de trinta gaios tagarelas, nem um tordo tinha sido capturado pelas armadilhas.

– Talvez os gaios tagarelas sejam menos desconfiados, considerando que as armadilhas são mais familiares para eles. Afinal, eles foram criados em gaiolas –

refletiu a dra. Kay. – Não importa. Vamos dar mais alguns dias a eles e, se necessário, traremos as redes.

Ou as armas, pensou Coriolanus.

Na base, ele e Mosquitinho foram escolhidos para descarregar as gaiolas e ajudar os cientistas a arrumá-las no antigo hangar que seria o lar temporário dos pássaros.

– Querem nos ajudar a cuidar deles até que sejam levados de volta à Capital? – perguntou a dra. Kay a eles. Mosquitinho abriu um dos seus raros sorrisos em concordância, e Coriolanus aceitou com entusiasmo. Além de querer causar uma boa impressão, o hangar era mais fresco com os ventiladores industriais. Isso parecia melhor para tratar a brotoeja, que tinha aumentado de forma impressionante após as incursões na floresta. Pelo menos, era uma mudança.

Antes do apagar das luzes, seus companheiros de quarto espalharam os doces da sra. Plinth e fizeram um plano para os dois fins de semana seguintes no Prego, para o caso de ela não enviar caixas regularmente. Por causa da habilidade de negociação, Sorriso virou o tesoureiro e separou a quantidade para duas rodadas de bebida e doações para o Bando depois do show. O que restou, eles dividiram em cinco. A parte de Coriolanus consistia em mais seis bolas de pipoca, mas ele se permitiu comer só uma. O resto ficaria guardado para o Bando.

Na manhã de sábado, Coriolanus acordou com uma chuva de granizo batendo no teto do alojamento. Quando estavam indo tomar café da manhã, seus companheiros de quarto jogaram bolas de gelo do tamanho de laranjas uns nos outros, mas no meio da manhã o sol saiu, mais forte do que nunca. Ele e Mosquitinho foram designados para cuidar dos gaios tagarelas de tarde. Os dois limparam as gaiolas, alimentaram e deram água aos pássaros sob instruções de dois cientistas da Cidadela. Apesar de alguns terem sido capturados em duplas ou trios, cada ave tinha uma gaiola própria agora. Durante o fim do turno, eles carregaram cuidadosamente as aves, uma a uma, até uma área do hangar onde um laboratório improvisado tinha sido montado. Os gaios tagarelas foram numerados, marcados e passaram por testes básicos para ver se

ainda reagiam aos comandos de áudio dos controles remotos. Todos pareceram ter mantido a capacidade de gravar e repetir voz humana.

Longe dos cientistas, Mosquitinho balançou a cabeça.

– Isso é bom pra eles?

– Não sei. Mas foram feitos pra isso – disse Coriolanus.

– Eles ficariam mais felizes se tivessem sido deixados na floresta.

Coriolanus não sabia se Mosquitinho estava certo. Até onde ele tinha conhecimento, eles acordariam no laboratório da Cidadela em alguns dias, se perguntando que pesadelo horrível que durara dez anos tinha sido aquele no Distrito 12. Talvez ficassem mais felizes em um ambiente controlado, onde tantas ameaças tinham sido removidas.

– Sei que os cientistas vão cuidar bem deles.

Depois do jantar, ele tentou não demonstrar impaciência enquanto esperava os companheiros de quarto se aprontarem. Como tinha decidido manter o romance em segredo, ele planejava se separar deles quando chegassem ao Prego. Sobrava o problema de Sejanus. Ele tinha mentido sobre o dinheiro, mas talvez só estivesse tentando se adequar aos companheiros pobres. Depois do incidente com o mapa, ele pareceu genuinamente arrependido, então era possível que tivesse percebido o perigo de agir como garoto de recados de Lil. Mas Billy Taupe ou os rebeldes tentariam abordá-lo novamente, por ele ter expressado inicialmente certa abertura para ajudá-los? Sejanus era um alvo fácil. Seria moleza levá-lo para ver o Bando depois que eles conseguissem escapar dos companheiros.

– Quer ir para os bastidores comigo? – perguntou ele baixinho a Sejanus quando eles chegaram ao Prego.

– Fui convidado? – perguntou Sejanus.

– Claro – disse Coriolanus, apesar de só ele próprio ter sido. Mas talvez fosse bom. Se Sejanus pudesse distrair Maude Ivory, Coriolanus talvez tivesse alguns momentos a sós com Lucy Gray. – Mas vamos precisar escapar do resto dos soldados.

Isso acabou se mostrando fácil, pois a plateia estava maior do que na semana anterior, e o estoque novo de bebida estava particularmente forte. Eles

deixaram Sorriso, Mosquitinho e Poste pechinchando, encontraram a porta perto do palco e saíram numa rua estreita e vazia.

O que Lucy Gray chamou de barracão era uma espécie de garagem velha onde cabiam uns oito carros. As portas amplas usadas para a entrada dos veículos estavam fechadas com correntes, mas uma porta menor no canto da construção, bem na direção da porta da entrada dos artistas, estava sendo mantida aberta por um bloco de concreto. Quando Coriolanus ouviu conversas e instrumentos sendo afinados, ele soube que era o lugar certo.

Eles entraram e descobriram que o Bando tinha ocupado o espaço, cada um dos integrantes acomodados em pneus velhos e peças estranhas de mobília, os estojos dos instrumentos e os equipamentos espalhados para todo lado. Mesmo com uma segunda porta no canto dos fundos aberta, o lugar parecia um forno. A luz da noite entrava por algumas janelas abertas, captando a poeira que flutuava densa no ar.

Quando os viu, Maude Ivory correu até eles, usando o vestido rosa.

– Oi!

– Boa noite. – Coriolanus se curvou e ofereceu a ela o pacote de bolas de pipoca. – Um doce para outro.

Maude Ivory puxou o papel e deu um pulinho em um pé só antes de fazer uma reverência.

– Obrigada pela gentileza. Vou cantar uma música especial pra você hoje!

– Vim sem esperar menos do que isso – disse Coriolanus. Era engraçado como a fala da alta sociedade da Capital parecia natural com o Bando.

– Tudo bem, mas não posso dizer seu nome, porque você é segredo. – Ela riu.

Maude Ivory correu até Lucy Gray, que estava sentada de pernas cruzadas em uma escrivaninha velha, afinando o violão. Ela sorriu para o rosto animado da criança, mas disse com severidade:

– Guarde pra depois.

Maude Ivory saltitou para mostrar o tesouro para o resto da banda. Sejanus se juntou a eles enquanto Coriolanus acenava ao passar e avançava até Lucy Gray.

– Você não precisava fazer isso. Ela vai ficar mimada.

– Só estou tentando dar um pouco de felicidade pra ela – disse ele.

– E pra mim? – provocou Lucy Gray. Coriolanus se inclinou e a beijou. – Já é um bom começo. – Ela chegou para o lado e bateu na escrivaninha para ele se acomodar.

Coriolanus se sentou e olhou o barracão.

– Que lugar é esse?

– Agora, é nossa sala de descanso. A gente vem pra cá antes e depois do show e também quando saímos do palco entre os números – disse ela.

– Mas quem é o dono? – Ele esperava que eles não estivessem cometendo invasão de propriedade.

Lucy Gray não pareceu preocupada.

– Não faço ideia. A gente vai continuar empoleirado aqui até nos enxotarem.

Pássaros. Tudo envolvia pássaros pra ela quando o assunto era o Bando. Cantar, se empoleirar, enxotar. Pássaros bonitos, todos eles. Coriolanus contou sobre o trabalho com os gaios tagarelas, pensando que ela poderia se impressionar de ele ter sido escolhido para isso, mas só pareceu deixá-la triste.

– Odeio pensar neles presos em gaiolas depois que puderam sentir o gosto da liberdade – disse Lucy Gray. – O que esperam descobrir nos laboratórios?

– Não sei. Se as armas ainda funcionam? – supôs ele.

– Parece tortura alguém controlar sua voz assim. – Ela levantou a mão e tocou no pescoço.

Coriolanus achou aquilo meio dramático, mas tentou parecer reconfortante.

– Acho que não existe equivalente humano.

– É mesmo? Você sempre se sente livre pra dizer o que pensa, Coriolanus Snow? – perguntou ela, olhando para ele com expressão zombeteira.

Livre para dizer o que pensava? Claro que sim. Bom, dentro do possível. Ele não saía por aí falando sobre tudo. O que ela queria dizer? Ela queria dizer o que ele achava da Capital. E dos Jogos Vorazes. E dos distritos. A verdade era que ele apoiava a maior parte do que a Capital fazia e o resto raramente dizia a seu respeito. Mas, se precisasse, ele falaria. Não falaria? Contra a Capital? Como Sejanus fizera? Mesmo que tivesse repercussões? Ele não sabia, mas se sentiu na defensiva.

– Sim. Acho que as pessoas devem dizer o que pensam.

– Era o que meu pai acreditava também. E ele acabou com mais buracos de bala do que pude contar nos dedos – disse ela.

O que Lucy Gray estava insinuando? Mesmo ela não tendo dito, ele apostaria que as balas saíram da arma de um Pacificador. Talvez de alguém vestido exatamente como Coriolanus estava naquele momento.

– E meu pai foi morto por um atirador de elite rebelde.

Lucy Gray suspirou.

– Agora você está com raiva.

– Não. – Mas ele estava. Tentou engolir a fúria. – Só estou cansado. Fiquei a semana toda ansioso pra te ver. E sinto muito sobre seu pai… sinto muito sobre o *meu* pai… mas eu não governo Panem.

– Lucy Gray! – chamou Maude Ivory do outro lado do barracão. – Está na hora!

O Bando tinha começado a se reunir junto à porta, os instrumentos nas mãos.

– É melhor eu ir. – Coriolanus desceu da escrivaninha. – Bom show.

– Vou te ver depois? – perguntou ela.

Ele ajeitou o uniforme.

– Eu tenho que voltar por causa do toque de recolher.

Lucy Gray se levantou e passou a faixa do violão pela cabeça.

– Entendi. Bom, amanhã estamos planejando uma ida até o lago, se você estiver livre.

– Até o lago? – Havia mesmo destinos agradáveis naquele lugar infeliz?

– Fica na floresta. É uma caminhada meio longa, mas a água é boa pra nadar – disse ela. – Claro que você quer ir. E leve Sejanus. Nós teríamos o dia todo.

Ele queria ir. Queria ficar com ela o dia todo. Ainda estava chateado, mas era besteira. Ela não tinha o acusado de nada. A conversa só se perdeu. Era tudo por causa daqueles pássaros idiotas. Ela o estava convidando; ele queria mesmo afastá-la? Ele a via tão pouco que não podia se dar ao luxo de ficar de mau humor.

– Tudo bem. Nós vamos depois do café.

– Combinado. – Ela deu um beijo na bochecha dele, se juntou ao Bando e saíram do barracão.

No Prego, ele e Sejanus abriram caminho pelo interior escuro, o ar pesado de suor e bebida. Eles encontraram os companheiros de quarto no mesmo lugar que na semana anterior. Mosquitinho tinha pegado caixotes para eles, e Coriolanus e Sejanus se acomodaram dos dois lados dele e cada um tomou um gole da garrafa comunitária.

Maude Ivory entrou no palco para apresentar a banda. A música começou assim que o Bando ocupou o palco.

Coriolanus se encostou na parede e compensou o tempo perdido com a bebida. Ele não veria Lucy Gray depois, então por que não ficar um pouco bêbado? O nó de raiva no peito começou a se desfazer enquanto ele olhava para ela. Tão atraente, tão envolvente, tão viva. Começou a se sentir mal por ter perdido o controle e teve dificuldade até de lembrar o que ela disse para irritá-lo. Talvez nada. A semana tinha sido longa e estressante, com a prova, os pássaros e a tolice de Sejanus. Ele merecia se divertir.

Ele tomou vários outros goles e se sentiu mais aberto para o mundo. Músicas familiares e antigas o envolveram. Uma hora, ele se viu cantando com a plateia e parou com vergonha antes de perceber que ninguém se importava e nem estava sóbrio o suficiente para lembrar muito, de qualquer jeito.

Em determinado ponto, Barb Azure, Tam Amber e Clerk Carmine saíram do palco, aparentemente para fazer uma pausa no barracão, deixando Maude Ivory no caixote na frente do microfone e Lucy Gray dedilhando o violão ao lado dela.

– Prometi a um amigo que cantaria uma coisa especial hoje – disse Maude Ivory. – Cada um de nós do Bando deve o nome a uma cantiga, e esta pertence à moça bonita bem aqui! – Ela esticou a mão na direção de Lucy Gray, que fez uma reverência ao som de alguns aplausos. – É bem antiga, escrita por um homem chamado Wordsworth. Nós alteramos umas coisinhas pra fazer mais sentido, mas é importante ouvir com atenção. – Ela levou o dedo aos lábios e a plateia sossegou.

Coriolanus balançou a cabeça e tentou se concentrar. Se aquela era a canção de Lucy Gray, ele queria prestar muita atenção para poder dizer alguma coisa

bonita no dia seguinte.

Maude Ivory assentiu para Lucy Gray tocar a introdução e começou a cantar com voz solene:

De Lucy Gray muito ouvi dizer
E numa longa andança,
Tive a sorte, ao amanhecer,
De ver a solitária criança.

Nem amigo nem colega Lucy tinha;
Ela vivia numa área estranha,
– nunca houve mais doce menininha
Na encosta da montanha!

Bom, havia uma garotinha que morava numa montanha. E, ao que parecia, tinha dificuldade para fazer amigos.

Você pode ver um gamo brincando
E a lebre na grama a correr;
Mas a doce Lucy Gray passeando
Nunca mais você vai ver.

E ela morreu. Como? Ele teve a sensação de que logo descobriria.

"A noite vai ser chuvosa e fria –
Até a cidade vá rapidinho;
Leva um lampião, Criança, e guia
Sua mãe pela neve do caminho."

"Sim, Pai! Vou sem demora:
A tarde mal começou –
O relógio da praça deu duas horas,
E a lua nem despontou!"

Depois disso, o pai recomeçou
A juntar madeira para a lareira;
Voltou para a labuta; – e Lucy pegou
O lampião e desceu a ribanceira.

Tão livre quanto uma corça;
Por um caminho novo ela seguiu
Os pés espalhando a neve com força,
Que, parecendo fumaça, subiu.

A tempestade chegou antes da hora:
Ela vagou e não esmoreceu;
Lucy subiu colinas e morros afora:
Mas na cidade não apareceu.

Ah. Um monte de baboseiras, mas ela se perdeu na neve. Bom, não surpreende ninguém, considerando que a mandaram sair no meio de uma nevasca. Ela provavelmente vai morrer congelada.

Os pais passaram a noite em desespero
A andar, gritar e procurar;
Mas não encontraram sinal certeiro
Que ajudasse a encontrar.

No nascer do dia, parados na ladeira
Com vista da colina,
Eles viram a ponte de madeira,
Passando por uma ravina.

Ao se virarem para casa, um declarou:
"No céu te encontraremos, em breve";
– Quando a mãe observou

As pegadas de Lucy na neve.

Ah, que bom. Eles encontraram as pegadas dela. Final feliz. Era uma daquelas coisinhas bobas, como uma música que Lucy Gray cantou sobre um homem que achavam que tinha morrido congelado. Tentaram cremá-lo num forno, mas ele só derreteu e ficou bem. Um tal de Sam.

Da colina íngreme e altiva
Eles seguiram cada pegada;
E através da cerca-viva,
E pelo muro de pedra empilhada;

E um campo aberto atravessaram:
Cada pegada continuava igual;
Eles as seguiram e não erraram,
Até a ponte colossal.

Eles seguiram na neve em questão
As pegadas, uma a uma,
Até que, no meio da extensão
Não havia mais nenhuma!

Como é que é? Ela sumiu do nada?

– Até hoje há quem insista
Que ela vive como menina;
Que Lucy Gray pode ser vista
No deserto e na ravina.

Ela anda por toda a região
E nunca olha para trás;
E canta uma solitária canção

Que o vento leva e traz.

Ah, uma história de fantasmas. Ugh. Bu. Que ridícula. Bom, ele se esforçaria para gostar quando visse o Bando no dia seguinte. Mas quem botava o nome de um filho em homenagem a uma garota fantasma? Se bem que, se a garota era fantasma, onde estava o corpo? Talvez ela tivesse ficado cansada dos pais negligentes por a terem obrigado a caminhar no meio de uma nevasca e fugira de casa. Mas por que ela não tinha crescido? Ele não conseguia entender e o álcool não estava ajudando. Lembrou-se da época em que ele não compreendera um poema na aula de retórica e Livia Cardew o havia humilhado na frente de todo mundo. Que música horrível. Talvez ninguém fosse tocar no assunto… Não, eles tocariam, sim. Maude Ivory esperaria uma reação. Ele diria que a achara linda e deixaria por isso mesmo. E se ela quisesse conversar sobre a música?

Coriolanus decidiu perguntar a Sejanus, que sempre foi bom em retórica, para ver se ele tinha alguma ideia.

Mas quando se inclinou na direção de Mosquitinho, ele viu que o caixote de Sejanus estava vazio.



Coriolanus perscrutou o lugar, tentando disfarçar a ansiedade crescente. Onde Sejanus estava? A adrenalina lutou contra o álcool para controlar seu cérebro. Ele havia ficado tão absorvido pela música e pelo álcool que não sabia quando Sejanus tinha desaparecido. E se ele não tivesse mudado de ideia sobre Lil? Estaria ele na multidão, conspirando com os rebeldes naquele exato momento?

Ele esperou que a plateia terminasse de aplaudir Maude Ivory e Lucy Gray para se levantar. Quando estava indo na direção da porta, viu Sejanus voltando na luz difusa.

– Onde você estava? – perguntou Coriolanus.

– Lá fora. Aquela bebida desce pra bexiga muito rápido. – Sejanus se sentou na caixa e voltou a atenção para o palco.

Coriolanus também voltou para seu lugar, os olhos no entretenimento, os pensamentos em qualquer outro lugar. A bebida não descia para a bexiga rápido. Era forte demais e a quantidade consumida era muito pequena. Outra mentira. O que significava? Que ele não podia perder Sejanus de vista por um segundo agora? Durante o resto do show, ficou lançando olhares de soslaio para ele, para ter certeza de que não sairia escondido de novo. Ele ficou por perto depois que Maude Ivory coletou o dinheiro na cesta com laços de fita, mas Sejanus pareceu concentrado em ajudar Mosquitinho a levar Poste, bêbado, de volta à base. Não houve oportunidade para mais discussão. Se Sejanus realmente tinha se afastado para confabular com os rebeldes, o confronto

direto de Coriolanus depois do incidente com Billy Taupe tinha fracassado, obviamente. Uma nova estratégia era necessária.

O domingo amanheceu claro demais para a cabeça latejante de Coriolanus. Ele vomitou a bebida e ficou no chuveiro até seus olhos ajustarem o foco novamente. Os ovos gordurosos do refeitório eram impensáveis, então ele mordiscou uma torrada enquanto Sejanus comia a porção dos dois, só confirmando a desconfiança de Coriolanus de que ele não tinha consumido quase nada de álcool na noite anterior, não o suficiente para afetá-lo tanto. Os três companheiros de quarto não conseguiram nem se levantar para tomar café. Até pensar em uma abordagem melhor, ele teria que observar Sejanus como um falcão, principalmente quando saíssem da base. Naquele dia, pelo menos, ele precisaria de companhia para ir ao lago.

Apesar de o entusiasmo de Coriolanus ter diminuído, Sejanus aceitou o convite com alegria.

– Claro, parece feriado. Vamos levar gelo!

Enquanto Sejanus convencia Biscoito a lhe dar um novo saco plástico, Coriolanus foi à clínica buscar aspirina. Eles se encontraram na guarita e saíram.

Sem conhecer nenhum atalho para chegar à Costura, eles voltaram para a praça da cidade e refizeram os passos da semana anterior. Coriolanus pensou em tentar outra conversa sincera com Sejanus, mas se a ameaça de ser descoberto como culpado de traição não o afetara, o que afetaria? E ele não tinha certeza se ele havia conspirado com os rebeldes. Talvez só tivesse mesmo precisado mijar na noite anterior, e nesse caso acusá-lo só o deixaria na defensiva. A única prova real era o dinheiro escondido, e talvez Strabo tivesse insistido para que ele levasse, mas Sejanus estivesse determinado a não usar. Ele não valorizava dinheiro, e a riqueza proveniente da indústria armamentista devia ser como um fardo para ele. Talvez fosse questão de honra para Sejanus sobreviver por conta própria.

Se Lucy Gray ainda estava chateada pela discussão, não demonstrou. Ela o cumprimentou na porta dos fundos com um beijo e um copo de água gelada para refrescá-lo até eles chegarem ao lago.

– São duas ou três horas dependendo dos espinheiros, mas vai valer a pena.

Daquela vez, o Bando deixou os instrumentos para trás. Barb Azure ficou em casa para ficar de olho nas coisas. Ela se despediu deles com um balde contendo uma jarra de água, um pão e um cobertor velho.

– Ela acabou de engatar um romance com uma garota da nossa rua – confidenciou Lucy Gray quando eles estavam longe da casa. – Deve estar feliz de elas terem a casa só pra elas hoje.

Tam Amber guiou o grupo pela Campina até a floresta. Clerk Carmine, Maude Ivory e Sejanus formaram uma fila atrás dele, deixando Lucy Gray e Coriolanus atrás. Não havia trilha. Eles seguiram em fila única, passando por cima de árvores caídas, empurrando galhos, tentando desviar dos arbustos espinhosos que surgiam na vegetação. Em dez minutos, não havia mais nada do Distrito 12 além do cheiro acre das minas. Em vinte, até isso tinha sido disfarçado pela vegetação. A copa das árvores oferecia sombra que os protegia do sol, mas não aliviava em nada o calor. O zumbido dos insetos, a barulhada dos esquilos e o canto das aves ocupavam o ambiente, nem um pouco incomodados pela presença deles.

Mesmo com a experiência de dois dias de trabalho com os pássaros, quanto mais longe eles iam, mais Coriolanus foi ficando alerta enquanto se afastavam do que poderiam chamar de civilização por ali. Ele se perguntou que outras criaturas, maiores, mais poderosas e cheias de dentes, podiam estar se esgueirando entre as árvores. Ele não tinha nenhum tipo de arma. Depois dessa percepção, ele fingiu precisar de uma bengala e parou por um momento para arrancar os ramos menores de um galho caído.

– Como ele sabe o caminho? – perguntou a Lucy Gray, indicando Tam Amber.

– Nós todos sabemos o caminho. É nossa segunda casa.

Como mais ninguém pareceu preocupado, ele acompanhou o grupo pelo que pareceu uma eternidade, feliz quando Tam Amber reuniu todo mundo. Mas ele só disse: "Metade do caminho." Eles compartilharam o saco de gelo, bebendo o que tinha derretido e sugando os cubos restantes.

Maude Ivory reclamou de dor no pé e tirou o sapato marrom rachado para mostrar uma bolha grande.

– Esses sapatos não são bons pra andar.

– São um par velho do Clerk Carmine. Estamos tentando fazer com que dure o verão todo – disse Lucy Gray, examinando o pezinho com a testa franzida.

– Estão apertados – disse Maude Ivory. – Quero latas de sardinha, como na música.

Sejanus se agachou e ofereceu as costas.

– Que tal uma carona?

Maude Ivory subiu nas costas dele.

– Cuidado com a minha cabeça!

Depois que o precedente foi estabelecido, eles se revezaram para carregar a garotinha. Como não precisava mais fazer esforço, ela usou os pulmões para cantar.

Numa caverna na ravina,
Escavando uma mina,
Havia um garimpeiro
E sua filha, Clementina.
Com pezinhos de uma fada,
Toda leve e pequenina.
Duas latas de sardinha
Sapatinhos da Clementina.

Para a consternação de Coriolanus, um coral de tordos assimilou a melodia no alto dos galhos. Ele não esperava que eles pudessem chegar tão longe; aquelas porcarias estavam mesmo infestando a floresta. Mas Maude Ivory ficou feliz da vida e manteve a cantoria. Coriolanus a carregou no trecho final e a distraiu agradecendo pela música de Lucy Gray na noite anterior.

– O que você achou? – perguntou ela.

Ele desviou da pergunta:

– Gostei muito. Você foi incrível.

– Obrigada, mas eu queria saber da música. Você acha que as pessoas veem mesmo Lucy Gray ou só imaginam? – perguntou ela. – Porque eu acho que veem. Só que agora ela voa como um pássaro.

– É mesmo? – Coriolanus se sentiu melhor pela canção enigmática ser pelo menos assunto de debate, o que significava que ele não era burro demais para entender a interpretação erudita.

– Bom, de que outra forma ela não deixaria pegadas? Acho que ela voa e tenta não encontrar pessoas, porque elas a matariam por ser diferente.

– Ela é mesmo diferente. Ela é um fantasma, cabeça oca – disse Clerk Carmine. – Fantasmas não deixam pegadas porque são como o ar.

– Então onde está o corpo dela? – perguntou Coriolanus, achando que pelo menos a versão de Maude Ivory fazia algum sentido.

– Ela caiu da ponte e morreu, só que é tão alto que ninguém viu. Ou pode ser que houvesse um rio que a levou – disse Clerk Carmine. – Mas ela está morta e assombra a região. Como ela pode voar sem asas?

– Ela não caiu da ponte! A neve estaria diferente no lugar onde ela ficou parada! – insistiu Maude Ivory. – Lucy Gray, qual é a verdade?

– É um mistério, querida. Como eu. É por isso que é a minha música – respondeu Lucy Gray.

Quando eles chegaram ao lago, Coriolanus estava ofegante e suado, e a brotoeja ardia por causa do suor. Quando o Bando tirou as roupas até ficarem só com as de baixo e entraram na água, ele não perdeu tempo para fazer o mesmo. Ele entrou no lago e a água fria o envolveu, removendo suas preocupações e acalmando a brotoeja. Ele nadava bem, pois aprendera desde cedo na escola, mas nunca tinha nadado em um lugar que não fosse uma piscina. O chão lamacento era íngreme e ele teve a sensação de que era fundo. Ele nadou até o meio do lago e boiou de costas enquanto observava o ambiente. A floresta cercava o lago, e apesar de parecer não haver estrada de acesso, casas pequenas e arruinadas pontilhavam as margens. A maioria estava em estado irrecuperável, mas uma estrutura sólida de concreto ainda tinha teto e a porta fechada contra a natureza. Uma família de patos passou nadando a alguns metros e ele viu peixes abaixo dos pés. A preocupação com o que mais poderia estar nadando em volta o fez voltar à margem, onde o Bando já tinha envolvido Sejanus numa espécie de jogo de bobinho, usando uma pinha grande como bola. Coriolanus entrou na brincadeira, feliz por estar fazendo

algo por pura diversão. O esforço de ser adulto todos os dias tinha ficado exaustivo.

Depois de um breve descanso, Tam Amber fez duas varas de pescar limpando galhos de árvore e prendendo linha em anzóis caseiros. Enquanto Clerk Carmine procurava minhocas na terra, Maude Ivory convocou Sejanus para procurarem frutas silvestres.

– Fiquem longe daquela região perto das pedras – avisou Lucy Gray. – As serpentes gostam de lá.

– Ela sempre sabe onde tem cobras – disse Maude Ivory para Sejanus enquanto o levava para longe. – Ela as pega nas mãos, mas eu tenho medo.

Sobrou para Coriolanus e Lucy Gray recolher madeira seca para uma fogueira. Tudo o animou um pouco: nadar seminu entre criaturas selvagens, fazer uma fogueira a céu aberto, aquele tempo não planejado com Lucy Gray. Ela tinha uma caixa de fósforos, mas eram preciosos e ela disse que teria que se virar com um só. Quando o fogo pegou em uma pilha de folhas secas, ele se sentou perto dela no chão e eles começaram a acrescentar primeiro gravetos e depois pedaços maiores de madeira, sentindo-se mais feliz de estar vivo do que nas semanas anteriores.

Lucy Gray recostou no ombro dele.

– Olha, desculpa se te chateei ontem. Eu não estava botando a culpa da morte do meu pai em você. Nós éramos só crianças quando aconteceu.

– Eu sei. Peço desculpas se minha reação foi exagerada. É que não posso fingir que sou uma pessoa que não sou. Não concordo com tudo que a Capital faz, mas sou da Capital e de um modo geral acho que estamos certos sobre precisarmos de ordem – disse Coriolanus.

– O Bando acredita que somos colocados na Terra pra diminuir a infelicidade, não pra aumentar. Você acha os Jogos Vorazes uma coisa certa?

– Eu nem sei por que eles acontecem, pra ser sincero. Mas acho, sim, que as pessoas estão se esquecendo da guerra rápido demais. O que fizemos uns aos outros. Do que somos capazes. Tanto os distritos quanto a Capital. Sei que a Capital parece ser linha dura aqui, mas a gente só está tentando manter as coisas sob controle. Senão, haveria caos e gente correndo por aí e matando uns aos outros, como na arena. – Era a primeira vez que ele tentava botar esses

pensamentos em palavras com alguém além da dra. Gaul. Ele se sentiu meio inseguro, como um bebê aprendendo a andar, mas também sentiu a independência de ficar de pé sozinho.

Lucy Gray recuou um pouco.

– É isso que você acha que as pessoas fariam?

– É. Se não houver lei e alguém pra aplicá-la, acho que seriamos como animais – disse ele com mais segurança. – Quer você goste ou não, a Capital é a única coisa que mantém as pessoas em segurança.

– Hum. Então estão me mantendo em segurança. E de que eu abro mão em troca? – perguntou ela.

Coriolanus cutucou o fogo com um galho.

– Abrir mão? Ora, de nada.

– O Bando abriu – disse ela. – Não pode viajar. Não pode se apresentar sem autorização. Só pode cantar certos tipos de música. Quem resiste leva tiro, como meu pai. Quem tenta manter a família unida fica com a cabeça ruim, como a minha mãe. E se eu achar que esse preço é alto demais? Talvez minha liberdade não valha o risco.

– Então sua família era de rebeldes, afinal. – Coriolanus não estava surpreso.

– Minha família era do Bando, acima de qualquer coisa – garantiu Lucy Gray. – Não de distrito, não da Capital, não rebelde, não Pacificadora, só nós. E você é como nós. Você quer ter pensamentos próprios. Você resiste. Sei por causa do que você fez por mim nos Jogos.

Bom, ela tinha razão nisso. Se os Jogos Vorazes eram vistos como necessários pela Capital e ele tinha tentado impedi-los, ele não havia refutado a autoridade da Capital? Resistido, como ela disse? Não como Sejanus, em desafio aberto. Mas de um jeito mais silencioso e sutil só dele?

– Eu acredito no seguinte: se a Capital não estivesse no comando, nós nem estaríamos tendo essa conversa porque já teríamos nos destruído.

– As pessoas já existiam muito tempo antes da Capital. E acredito que vão continuar existindo por muito tempo depois – concluiu ela.

Coriolanus pensou nas cidades mortas pelas quais passou na viagem até o Distrito 12. Se ela alegava que o Bando tinha viajado, então também devia tê-las visto.

– Não muitas. Panem era magnífica. Olha como está agora.

Clerk Carmine levou para Lucy Gray uma planta que tinha tirado do lago, com folhas pontudas e flores brancas pequenas.

– Ei, você encontrou katniss. Bom trabalho, CC. – Coriolanus se perguntou se era para ser decorativa, como as rosas da avó dele, mas ela examinou as raízes na mesma hora, onde havia pequenos tubérculos. – Ainda está um pouco cedo.

– É – concordou Clerk Carmine.

– Pra quê? – perguntou Coriolanus.

– Pra comer. Em algumas semanas, essas plantas aqui vão virar umas batatas de bom tamanho e a gente vai poder assar – disse Lucy Gray. – Algumas pessoas chamam de batatas do pântano, mas gosto mais de katniss. Tem um som gostoso.

Tam Amber apareceu com vários peixes que ele havia limpado e cortado em pedaços. Ele embrulhou os peixes em folhas e ramos de alguma erva que ele colheu, e Lucy Gray os arrumou sobre as brasas do fogo. Quando Maude Ivory e Sejanus voltaram com o balde cheio de amoras, os peixes estavam cozidos. Com a caminhada e o tempo nadando, o apetite de Coriolanus tinha voltado. Ele comeu todas as porções de peixe, do pão e das frutas reservadas para ele. Sejanus então mostrou uma surpresa: seis biscoitos da sra. Plinth que ele tinha guardado da parte dele da caixa.

Depois do almoço, eles abriram o cobertor embaixo das árvores e meio se deitaram, meio se encostaram nos troncos, e ficaram olhando as nuvens felpudas no céu brilhante.

– Eu nunca vi o céu dessa cor – disse Sejanus.

– É azure – disse Maude Ivory. – Tipo em Barb Azure. É a cor dela.

– A cor dela? – perguntou Coriolanus.

– Isso mesmo. Cada um de nós tem o primeiro nome tirado de uma cantiga e o segundo de uma cor. – Ela se levantou para explicar. – Barb é de "Barbara Allen" e Azure do azul do céu. Meu nome vem de "Maude Clare" e o Ivory é do marfim das teclas do piano. E Lucy Gray é especial porque o nome dela todo veio da cantiga. Lucy e Gray.

– Isso mesmo. Gray de cinza, como um dia de inverno – disse Lucy Gray com um sorriso.

Coriolanus não tinha feito a conexão: até então, apenas havia achado seus nomes estranhos. Marfim – Ivory – e âmbar – Amber – traziam à mente enfeites antigos da caixa de joias da sua avó. E azure, taupe e carmim não eram cores que ele reconhecesse. Quanto às cantigas, quem sabia de onde tinham vindo? Parecia um jeito estranho de escolher o nome de um filho.

Maude Ivory o cutucou na barriga.

– Seu nome parece coisa do Bando.

– Por quê? – disse ele com uma risada.

– Por causa da parte do Snow, neve. Branco como a neve. Branca de Neve – disse Maude Ivory, rindo. – Existe uma cantiga com o nome Coriolanus?

– Não que eu saiba. Por que você não compõe uma sobre mim? – disse ele, cutucando-a de volta. – A cantiga de Coriolanus Snow.

Maude Ivory se sentou na barriga dele.

– Lucy Gray é a compositora. Por que não pede pra ela?

– Para de perturbar ele. – Lucy Gray puxou Maude Ivory para o seu lado. – Você devia dormir um pouco antes de a gente voltar pra casa.

– Vocês vão me carregar – disse Maude Ivory, se contorcendo para se soltar. – E eu vou cantar!

Oh, querida, oh, querida…

– Ah, fica quietinha – disse Clerk Carmine.

– Vem, tenta deitar – disse Lucy Gray.

– Bom, vou deitar se você cantar pra mim. Canta aquela de quando eu tive crupe. – Ela se deitou com a cabeça no colo de Lucy Gray.

– Tudo bem, mas só se você ficar quieta. – Lucy Gray colocou o cabelo de Maude Ivory para trás da orelha e esperou que ela se acomodasse para começar a cantar num tom tranquilo.

Bem no fundo da campina, embaixo do salgueiro
Um leito de grama, um macio e verde travesseiro

Deite a cabeça e feche esses olhos cansados
E quando se abrirem, o sol já estará alto nos prados.

Aqui é seguro, aqui é um abrigo
Aqui as margaridas te protegem de todo perigo
Aqui seus sonhos são doces e amanhã eles serão lei
Aqui é o local onde sempre te amarei.

A música acalmou Maude Ivory, e Coriolanus sentiu suas ansiedades desaparecerem. Cheio de comida fresca, protegido pelas árvores, com Lucy Gray cantando suavemente ao seu lado, ele começou a apreciar a natureza. Era mesmo lindo ali. O ar limpo como cristal. As cores vibrantes. Ele se sentiu tão relaxado e livre. E se sua vida fosse assim: acordar quando quisesse, pegar a comida do dia e ficar com Lucy Gray à beira do lago? Quem precisava de riquezas, sucesso e poder quando se tinha amor? O amor não conquistava tudo?

Bem no fundo das campinas, bem distante
Num maço de folhas, brilha o luar aconchegante
Esqueça suas tristezas e aquele problema estafante
Porque quando amanhecer de novo ele não será mais
tão pujante.

Aqui é seguro, aqui é um abrigo
Aqui as margaridas te protegem de todo perigo
Aqui seus sonhos são doces e amanhã serão lei
Aqui é o local onde sempre te amarei.

Coriolanus estava quase pegando no sono quando os tordos, que ouviram respeitosamente a interpretação de Lucy Gray, começaram a deles. Ele sentiu seu corpo se contrair e a sonolência agradável desaparecer. Mas o Bando era só sorrisos quando os pássaros seguiram com a música.

– Nós não passamos de arenito em comparação ao diamante que eles são – disse Tam Amber.

– Bom… eles praticam mais – disse Clerk Carmine, e os outros riram.

Ao ouvir os pássaros, Coriolanus reparou na ausência dos gaios tagarelas. A única explicação em que ele pôde pensar era que os tordos começaram a se reproduzir sem eles, ou entre si ou com os tordos locais originais. Essa eliminação das aves da Capital da equação o perturbava profundamente. Ali estavam eles, se multiplicando como coelhos, totalmente descontrolados. Sem autorização. Usando tecnologia da Capital. Ele não gostou nem um pouco.

Maude Ivory finalmente cochilou, encolhida junto a Lucy Gray, os pés descalços enrolados no cobertor. Coriolanus ficou com ela enquanto os demais foram dar outro mergulho no lago. Depois de um tempo, Clerk Carmine levou uma pena azul que tinha encontrado na margem e colocou no cobertor para Maude Ivory, dizendo com voz áspera:

– Não diga de onde veio.

– Tudo bem. Que amor, CC – disse Lucy Gray. – Ela vai adorar. – Quando ele voltou correndo para a água, ela balançou a cabeça. – Eu me preocupo com ele. Sente falta do Billy Taupe.

– E você? – Coriolanus se apoiou no cotovelo para observar o rosto dela.

Ela nem hesitou.

– Não. Não desde a colheita.

A colheita. Ele se lembrou da cantiga que ela cantou na entrevista.

– O que você quis dizer quando cantou que era a aposta que a colheita tirou dele?

– Ele apostou que podia ter nós duas, a mim e a Mayfair – disse Lucy Gray. – Foi um jogo. Mayfair descobriu sobre mim, eu descobri sobre ela. Ela mandou o pai dela chamar meu nome na colheita. Não sei o que disse pra ele. Não que estava gamada no Billy Taupe. Outra coisa. Nós somos forasteiros aqui, é fácil mentir sobre nós.

– Estou surpreso de eles estarem juntos – disse Coriolanus.

– Bom, Billy Taupe adora falar que fica mais feliz sozinho, mas o que ele realmente quer é uma garota pra cuidar dele. Acho que Mayfair era uma boa candidata pra função e ele foi atrás. Ninguém sabe usar o charme como Billy

Taupe. A garota não tinha a menor chance. Além do mais, ela deve ser solitária. Não tem irmãos ou irmãs. Não tem amigos. Os mineiros odeiam a família dela. Eles vão até os enforcamentos naquele carro chique. – Maude Ivory se mexeu e Lucy Gray fez carinho no cabelo dela. – As pessoas desconfiam de nós, mas os desprezam.

Ele não gostou da forma como a raiva dela por Billy Taupe tinha passado.

– Ele está tentando voltar com você?

Ela pegou a pena e a girou entre o polegar e o indicador antes de responder:

– Ah, claro. Veio à minha campina ontem. Cheio de planos. Quer que eu me encontre com ele na árvore-forca pra fugir.

– Na árvore-forca? – Coriolanus pensou em Arlo balançando enquanto os pássaros debochavam das palavras finais dele. – Por que lá?

– É aonde a gente ia. O único lugar no Distrito 12 onde se tem uma certa privacidade. Ele quer ir para o norte. Acha que tem gente lá. Gente livre. Diz que devíamos ir encontrá-las e então voltar pra buscar os outros. Ele está juntando suprimentos, não sei bem o quê. Mas que importância tem? Não consigo mais confiar nele.

Coriolanus sentiu o ciúme lhe apertar a garganta. Ele achava que ela tinha banido Billy Taupe de sua vida, mas agora estava contando tranquilamente a ele sobre um encontro casual na Campina. Só que não foi casual. Ele sabia onde a encontrar. Quanto tempo eles ficaram lá, com ele jogando todo o charme em cima dela, tentando convencê-la a fugir? Por que ela ficou ouvindo?

– Confiança é importante.

– Acho que é mais importante do que amor. Digo, eu amo várias coisas em que não confio. Tempestades… bebida… serpentes. Às vezes, acho que amo essas coisas porque não posso confiar nelas. Não é confuso? – Lucy Gray respirou fundo. – Mas confio em você.

Ele percebeu que era algo difícil para ela admitir, talvez mais do que uma declaração de amor, mas isso não apagou a imagem de Billy Taupe cortejando-a na Campina.

– Por quê?

– Por quê? Ora, vou ter que pensar um pouco pra responder.

Quando ela o beijou, ele retribuiu o beijo, mas sem muita convicção. Aqueles novos desdobramentos o incomodavam. Talvez fosse um erro se apegar tanto a ela. E outra coisa o incomodava. A música que ela estava tocando na Campina naquele primeiro dia. Sobre o enforcamento, ele pensou na ocasião, mas falava também sobre um encontro na árvore-forca. Se era o lugar de encontro deles, por que ela ainda cantava sobre isso? Talvez ela só o estivesse usando para ter Billy Taupe de volta. Talvez estivesse manipulando um contra o outro.

Maude Ivory acordou e admirou a pena, que pediu para Lucy Gray prender no seu cabelo. Eles se prepararam para voltar e recolheram o cobertor, a jarra e o balde. Coriolanus se ofereceu para carregar a garotinha pelo primeiro trecho do trajeto. Quando eles saíram do lago, ele ficou para trás dos outros para perguntar a ela:

– E então, você tem visto Billy Taupe ultimamente?

– Ah, não – disse ela. – Ele não é mais um de nós. – Isso o agradou, mas também sugeria que Lucy Gray tinha mantido o encontro com ele em segredo do Bando, o que o deixou desconfiado de novo. Maude Ivory se aproximou do ouvido dele e sussurrou: – Não deixa ele chegar perto do Sejanus. O Sejanus é um doce, e Billy Taupe se alimenta de coisas doces.

Coriolanus tinha certeza de que se alimentava de dinheiro também. Como ele estava pagando pelos suprimentos para a fuga?

Tam Amber seguiu uma rota um pouco diferente, passando por regiões com frutas silvestres para eles poderem encher o balde no caminho. Quando estavam quase chegando na cidade, Clerk Carmine viu uma árvore carregada de maçãs começando a amadurecer. Tam Amber e Sejanus seguiram em frente, carregando Maude Ivory e as coisas. Clerk Carmine subiu na árvore e jogou as maçãs, e Coriolanus as guardou na saia de Lucy Gray. Já era começo de noite quando eles chegaram em casa. Coriolanus estava exausto e pronto para voltar para a base, mas Barb Azure estava sozinha à mesa da cozinha, examinando as frutinhas.

– Tam Amber levou Maude Ivory ao Prego pra ver se conseguiam trocar algumas frutas silvestres por sapatos. Eu mandei eles irem arrumar uns quentinhos porque vai esfriar antes que a gente perceba.

– E Sejanus? – Coriolanus olhou para o quintal.

– Ele saiu alguns minutos depois. Disse que encontraria você lá – disse ela.

No Prego. Coriolanus se despediu imediatamente.

– Tenho que ir. Se virem Sejanus lá sem outro Pacificador, ele vai ser advertido. Eu também, na verdade. Nós temos que ficar em duplas. Ele sabe disso. Não sei o que está pensando. – Mas, na verdade, ele achava que sabia exatamente o que Sejanus estava pensando. Que grande oportunidade de ir ao Prego sem Coriolanus o policiando. Ele puxou Lucy Gray para um beijo. – Hoje foi maravilhoso. Obrigado. Nos vemos sábado que vem, no barracão? – Ele saiu pela porta antes que ela pudesse responder.

Ele andou rápido, direto para o Prego, e olhou pela porta aberta. Havia mais de dez pessoas passeando e dando uma olhada nas mercadorias nas barracas. Maude Ivory estava sentada em um barril enquanto Tam Amber amarrava uma bota para ela. Na extremidade do armazém, Sejanus estava parado na frente de um balcão, conversando com uma mulher. Quando Coriolanus se aproximou, reparou nas mercadorias. Lampiões de mineiros. Picaretas. Machados. Facas. De repente, ele se deu conta do que Sejanus podia comprar com todo aquele dinheiro da Capital. Armas. E não só as que estavam na frente dele. Ele podia comprar armas de fogo. Como se para confirmar os negócios escusos, a mulher parou de falar quando ele chegou perto. Sejanus se juntou a ele diretamente.

– Fazendo compras? – perguntou Coriolanus.

– Eu estava pensando em comprar um canivete – disse Sejanus. – Mas ela está sem no momento.

Perfeito. Muitos soldados tinham canivetes. Havia até um jogo que eles faziam quando estavam de folga, de apostar dinheiro em quem conseguia acertar um alvo.

– Eu mesmo estava pensando em comprar um. Quando a gente receber.

– Claro, quando a gente receber – concordou Sejanus, como se isso fosse óbvio.

Segurando a vontade de bater nele, Coriolanus saiu do Prego sem falar com Maude Ivory e Tam Amber. Ele quase não abriu a boca no caminho de volta, enquanto revisava sua estratégia. Precisava descobrir em que Sejanus estava

metido. A lógica não tinha induzido confiança. Intimidade funcionaria? Não faria mal tentar. A alguns quarteirões da base, ele botou a mão no ombro de Sejanus e fez os dois pararem.

– Sabe, Sejanus, sou seu amigo. Mais do que amigo. Sou a coisa mais próxima que você vai ter de um irmão. E há regras especiais pra família. Se você precisar de ajuda… quer dizer, se você se meter em alguma coisa que não conseguir resolver… estou aqui.

Os olhos de Sejanus se encheram de lágrimas.

– Obrigado, Coryo. Isso é muito importante pra mim. Você talvez seja a única pessoa no mundo em quem eu confio.

Ah, confiança de novo. Parecia estar no ar.

– Vem cá. – Ele puxou Sejanus para um abraço. – Só prometa não fazer nenhuma estupidez, tá? – Ele sentiu Sejanus assentir em concordância, mas sabia que a probabilidade de ele cumprir a promessa era quase nula.

Pelo menos a agenda ocupada manteve Sejanus sob supervisão constante, mesmo quando eles saíam da base. Na tarde de segunda, eles tiraram as armadilhas das árvores de novo. Apesar de não terem sido tocadas o fim de semana todo, nenhuma continha tordos. Ao contrário da expectativa, a dra. Kay pareceu satisfeita com os pássaros.

– Parece que eles herdaram mais do que imitação avançada. Também evoluíram sua capacidade de sobrevivência. Não precisamos substituir as gaiolas, já temos muitos gaios tagarelas. Amanhã, vamos tentar as redes.

Quando os soldados saíram dos caminhões na tarde de terça, os cientistas já tinham escolhido locais com muita movimentação de tordos. Eles se separaram em grupos, com Coriolanus e Mosquitinho novamente com a dra. Kay, e ajudaram a erigir pares de postes. Entre cada poste havia uma rede fina com trançado delicado, elaborada para capturar tordos. Como eram praticamente invisíveis, as redes começaram a dar resultado quase que imediatamente, pois prendiam os pássaros e os faziam cair em fileiras horizontais de bolsos na superfície trançada. A dra. Kay tinha dado instruções para as redes nunca ficarem sem supervisão e para que os pássaros fossem removidos imediatamente, para impedir que eles ficassem enrolados demais e para tornar a experiência menos traumática possível. Ela tirou pessoalmente os três

primeiros tordos das redes, tomando o cuidado de desemaranhar os pássaros enquanto os segurava com firmeza. Depois que foi autorizado, Mosquitinho revelou seu talento natural e soltou delicadamente seu tordo e o colocou em uma gaiola. O pássaro de Coriolanus começou uma gritaria torturada assim que foi tocado e, quando levou um apertão para que parasse, enfiou o bico na palma da mão dele. Coriolanus largou a ave por reflexo e, momentos depois, o tordo sumia na folhagem. Criatura maldita. A dra. Kay higienizou e fez um curativo na mão dele, o que o lembrou de como Tigris fizera a mesma coisa no dia da colheita, quando o espinho da rosa da avó o furou. Menos de dois meses antes. Quantas esperanças ele tinha naquele dia, e olha só para ele agora. Recolhendo filhotes de bestantes nos distritos. Ele passou o resto da tarde carregando pássaros engaiolados para o caminhão. Mas o ferimento na mão não o dispensou de trabalhar com os pássaros, e ele voltou a limpar gaiolas no hangar.

Coriolanus começou a apreciar os gaios tagarelas. Eram peças de engenharia impressionantes. Havia alguns controles remotos no laboratório e os cientistas deixaram que ele brincasse com os pássaros depois que foram catalogados.

– Não vai fazer mal nenhum – disse um. – Na verdade, eles parecem gostar da interação.

Mosquitinho não quis participar, mas quando ficava entediado, Coriolanus os fazia gravar expressões bobas e cantar trechos do hino, para ver quantos conseguia operar com um clique do controle. Até quatro algumas vezes, se as gaiolas estivessem próximas. Sempre tomava o cuidado de apagar com uma gravação final rápida em que ficava em silêncio, para garantir que sua voz não fosse parar no laboratório da Cidadela. Ele parou completamente de cantar quando os tordos começaram a imitar, mesmo havendo certa satisfação em ouvi-los cantar elogios à Capital. Ele não tinha como silenciá-los, e eles eram capazes de repetir uma melodia infinitamente.

De um modo geral, ele estava começando a se cansar da infusão de música na sua vida. *Invasão* talvez fosse uma palavra melhor. Parecia estar em toda parte agora: canto de pássaros, músicas do Bando, músicas dos pássaros e do Bando. Talvez ele não compartilhasse do amor da mãe por música, afinal. Pelo

menos não por essa quantidade toda. Consumia sua atenção avidamente, exigindo ser ouvida e dificultando o pensamento.

No meio da tarde de quarta, eles tinham capturado cinquenta tordos no total, o suficiente para satisfazer a dra. Kay. Coriolanus e Mosquitinho passaram o resto do dia cuidando dos pássaros e enviando os tordos novos para a mesa do laboratório, para serem numerados e marcados. Eles terminaram antes do jantar e voltaram depois para preparar os pássaros para a viagem até a Capital. Os cientistas mostraram a Coriolanus e a Mosquitinho como prender as coberturas de pano sobre as gaiolas e foram para o aerodeslizador, confiando nos dois para cuidar de tudo. Coriolanus se ofereceu para botar a cobertura enquanto Mosquitinho carregava as aves para o aerodeslizador e ajudava a acomodá-los para a viagem.

Coriolanus começou com os tordos, feliz de vê-los indo embora. Colocou uma gaiola de cada vez na mesa de trabalho, botou as coberturas, escreveu a letra T e o número do pássaro com giz no tecido e entregou a gaiola. Mosquitinho estava saindo com a quinquagésima gaiola, que continha um tordo que cantava loucamente, quando Sejanus entrou pulando pela porta, parecendo meio animado demais.

– Boa notícia! Outra caixa da minha mãe!

Mosquitinho, que estava chateado porque os pássaros iam embora, se animou um pouco.

– Ela é demais.

– Vou dizer que você falou isso. – Sejanus viu Mosquitinho se afastar e se virou para Coriolanus, que tinha acabado de pegar o gaio tagarela com o número 1. O pássaro cantou na gaiola, ainda imitando o último tordo. O sorriso de Sejanus tinha sumido e uma expressão de angústia surgiu no lugar. Seu olhar percorreu o hangar para ter certeza de que eles estavam sozinhos e ele falou com voz baixa: – Escuta, a gente só tem alguns minutos. Sei que você não vai aprovar o que vou fazer, mas preciso que você pelo menos entenda. Depois do que você disse outro dia sobre sermos como irmãos, bom, eu sinto que te devo uma explicação. Por favor, me escuta.

Era agora, então. A confissão. Os pedidos de Coriolanus por sanidade e cautela tinham sido pesados e considerados insuficientes. A paixão inadequada

tinha vencido. Agora era a hora de cada peça ser explicada. O dinheiro. As armas. O mapa da base. O momento em que o plano de traição rebelde seria revelado. Quando Coriolanus ouvisse, ele passaria a ser como um rebelde. Um traidor da Capital. Ele devia entrar em pânico ou correr ou pelo menos tentar fazer Sejanus calar a boca. Mas não fez nenhuma dessas coisas.

O que aconteceu foi que suas mãos agiram por vontade própria. Como a vez em que jogou o lenço no tanque de serpentes antes de perceber que tinha decidido fazer aquilo. Agora, sua mão esquerda ajustou a capa da gaiola do gaio tagarela enquanto a direita, escondida da visão de Sejanus por seu corpo, desceu até a bancada, onde havia um controle remoto. Coriolanus apertou GRAVAR e o gaio tagarela ficou em silêncio.



Coriolanus virou as costas para a gaiola e se encostou com as mãos na mesa, esperando.

– É assim – disse Sejanus, a voz subindo com a emoção. – Alguns rebeldes estão saindo de vez do Distrito 12. Vão para o norte, pra começar uma vida longe de Panem. Eles dizem que, se eu ajudar eles com Lil, também posso ir.

Como se questionando a alegação, Coriolanus ergueu as sobrancelhas.

As palavras de Sejanus saíram descontroladas:

– Eu sei, eu sei, mas eles precisam de mim. A questão é que eles estão determinados a libertar Lil e levar ela junto. Se não fizerem isso, a Capital vai enforcá-la com o próximo grupo de rebeldes que capturarem. O plano é bem simples. Os guardas da prisão trabalham em turnos de quatro horas. Vou drogar alguns doces da minha mãe e dar para os guardas do lado de fora. Tem um remédio que me deram na Capital que derruba a gente assim. – Sejanus estalou os dedos. – Vou pegar uma das armas deles. Os guardas de dentro não estão armados, então posso forçá-los a entrarem na sala de interrogatório com a arma apontada pra eles. É à prova de som, ninguém vai ouvir os gritos. Aí, vou buscar Lil. O irmão dela pode nos ajudar a passar pela cerca. A gente vai para o norte imediatamente. Devemos ter algumas horas até que encontrem os guardas. Como não vamos passar pelo portão, eles vão supor que estamos escondidos na base, então vão trancar tudo e procurar aqui primeiro. Quando se derem conta, vamos estar bem longe. Sem ninguém ferido. E sem ninguém saber.

Coriolanus baixou a cabeça e esfregou a testa com as pontas dos dedos, como se tentando juntar os pensamentos, sem saber quanto tempo conseguiria ficar sem falar sem que parecesse suspeito.

Mas Sejanus seguiu em frente:

– Eu não podia fazer isso sem te contar. Você é tão bom pra mim quanto um irmão seria. Eu nunca vou esquecer o que você fez por mim na arena. Vou tentar pensar em um jeito de avisar minha Mãezinha do que aconteceu comigo. E meu pai, acho. Avisar que o nome dos Plinth continua vivo, ainda que na obscuridade.

Lá estava. O nome dos Plinth. Era suficiente. A mão esquerda encontrou o controle remoto e ele apertou o botão NEUTRO com o polegar. O gaio voltou a cantar o que estava cantando antes.

Uma coisa chamou a atenção de Coriolanus.

– Lá vem o Mosquitinho.

– *Lá vem o Mosquitinho* – repetiu o pássaro com a voz dele.

– Shh, bicho bobo – disse ele para o pássaro, satisfeito internamente por ele ter voltado ao padrão normal, neutro. Não havia nada que pudesse chamar a atenção de Sejanus ali. Ele botou o pano no lugar rapidamente e marcou com *G1.*

– Vamos precisar de outra garrafa de água. Uma quebrou – disse Mosquitinho quando entrou no hangar.

– *Uma quebrou* – disse o pássaro com a voz de Mosquitinho, e logo começou a imitar um corvo que estava passando.

– Vou arrumar uma.

Coriolanus entregou a gaiola para ele. Quando Mosquitinho saiu, Coriolanus foi até um cesto onde ficavam suprimentos e começou a remexer dentro. Era melhor ficar longe dos outros gaios tagarelas enquanto a conversa continuava. Se eles começassem a imitar demais, Sejanus poderia se perguntar por que o primeiro pássaro ficou tão silencioso. Não que ele soubesse como os pássaros funcionavam. A dra. Kay não tinha explicado para o grupo todo.

– Parece loucura, Sejanus. Tantas coisas podem dar errado. – Coriolanus começou a listar. – E se os guardas não quiserem os doces da sua mãe? Ou se só um quiser e apagar com o outro olhando? E se os guardas internos pedirem

ajuda antes de você conseguir colocar eles na salinha? E se você não encontrar a chave da cela de Lil? E como assim o irmão dela vai fazer vocês passarem pela cerca? Ninguém vai reparar nele cortando o alambrado?

– Não, tem um ponto fraco na cerca atrás do gerador. Já está frouxo, parece. Olha, sei que muitas coisas têm que dar certo ao mesmo tempo, mas acho que vão dar. – Sejanus parecia estar tentando convencer a si mesmo. – Têm que dar certo. E, se não derem, vão me prender agora e não depois, né? Quando eu estiver envolvido em coisa pior?

Coriolanus balançou a cabeça com infelicidade.

– Não vou conseguir te fazer mudar de ideia?

Sejanus estava determinado.

– Não, já decidi. Não posso ficar aqui. Nós dois sabemos. Mais cedo ou mais tarde, vou surtar. Não posso fazer trabalho de Pacificador com a consciência tranquila e não posso ficar botando você em perigo com meus planos malucos.

– Mas como você vai viver por aí? – Coriolanus encontrou uma caixa com uma garrafa nova de água.

– Nós temos suprimentos. Eu atiro bem – disse Sejanus.

Ele não tinha mencionado que os rebeldes tinham armas de fogo, mas aparentemente tinham.

– E quando as balas acabarem?

– A gente vai pensar em alguma coisa. Peixes, pássaros com redes. Eles dizem que tem gente no norte – falou Sejanus.

Coriolanus pensou em Billy Taupe seduzindo Lucy Gray para ir para o posto imaginário na natureza. Ele tinha ouvido dos rebeldes ou os rebeldes tinham ouvido dele?

– Mas, mesmo que não tenha gente, também não há Capital – continuou Sejanus. – E isso é o mais importante pra mim, não é? Nem esse e nem aquele distrito. Nem estudante e nem Pacificador. Vai ser viver em um lugar em que não vão poder controlar a minha vida. Sei que parece covardia fugir, mas espero que, assim que eu sair daqui, eu consiga pensar direito e elaborar algum jeito de ajudar os distritos.

Sem chance, pensou Coriolanus. *Vai ser impressionante se você sobreviver ao inverno.* Ele tirou a garrafa da embalagem.

– Bem, acho que a única coisa a dizer é que vou sentir a sua falta. E boa sorte. – Ele sentiu Sejanus se aproximando para um abraço quando Mosquitinho passou pela porta. Ele mostrou a garrafa. – Encontrei uma.

– Vou deixar você voltar ao seu trabalho. – Sejanus acenou e saiu.

Coriolanus voltou ao serviço maquínico de cobrir e marcar gaiolas enquanto sua mente disparava. O que ele devia fazer? Parte dele queria correr até o aerodeslizador e apagar o gaio tagarela número 1. Botar no REPRODUZIR, depois no NEUTRO, depois GRAVAR e NEUTRO de novo numa sucessão rápida, para que não houvesse nada registrado além dos gritos dos soldados na pista. Mas quais seriam suas opções se ele fizesse isso? Tentar dissuadir Sejanus do plano? Ele não tinha confiança de que seria capaz, mas, mesmo que tivesse, era só uma questão de tempo até que Sejanus elaborasse outra coisa. Dedurá-lo para o comandante da base? Era provável que ele fosse negar, e como a única prova estava na memória do gaio tagarela, Coriolanus não teria nada que sustentasse sua acusação. Ele nem sabia a hora da ação, então não dava para montar uma armadilha. E como isso o deixaria com Sejanus? Ou, se a notícia se espalhasse, com a base toda? Como dedo-duro, indigno de confiança, causador de problemas?

Ele tinha tomado o cuidado de não falar quando o gaio tagarela estava gravando, para não se incriminar de forma nenhuma. Mas a dra. Gaul entenderia a referência à arena e entenderia que a gravação foi intencional. Se ele enviasse a ave para a Cidadela, ela poderia decidir como lidar com a situação. Era provável que fosse ligar para Strabo Plinth, dispensar Sejanus e enviá-lo para casa antes que ele causasse algum dano. Sim, seria melhor para todo mundo. Ele largou o controle remoto no cesto de suprimentos. Se tudo desse certo, Sejanus Plinth não seria mais um peso para ele em questão de dias.

A calma durou pouco. Coriolanus acordou depois de algumas horas por causa de um sonho horrível. Ele estava na arquibancada da arena, olhando para Sejanus lá embaixo, ajoelhado ao lado do corpo maltratado de Marcus. Estava polvilhando migalhas de pão em cima, sem perceber que um exército multicolorido de serpentes se aproximava por todos os lados. Coriolanus gritou

para ele sem parar, que era para ele se levantar, correr, mas Sejanus não parecia ouvir. Quando as serpentes o alcançaram, foi ele quem gritou, e muito.

Tomado de culpa e molhado de suor, Coriolanus percebeu que não tinha pensado nas consequências de enviar o gaio tagarela. Sejanus poderia ficar realmente encrencado. Ele se inclinou pela lateral da cama e ficou mais tranquilo assim que viu Sejanus dormindo pacificamente do outro lado do quarto. Ele estava exagerando. Era provável que os cientistas nem ouvissem a gravação e menos ainda que a passassem para a dra. Gaul. Por que se dariam ao trabalho de botar o pássaro no modo REPRODUZIR? Não havia motivo. Os gaios tagarelas já tinham sido testados no hangar. Foi um ato questionável, mas não resultaria na morte de Sejanus, nem por serpentes nem por nada.

Aquele pensamento o acalmou até ele se dar conta de que, nesse caso, ele tinha voltado à estaca zero e corria grande perigo por saber o plano rebelde. O resgate de Lil, a fuga, até o ponto fraco na cerca atrás do gerador eram um peso para ele. Uma brecha na armadura da Capital. A ideia dos rebeldes tendo acesso secreto à base. Isso o assustava e o enfurecia. A quebra do contrato. O convite ao caos e tudo que podia vir depois. Aquelas pessoas não entendiam que o sistema todo desabaria sem o controle da Capital? Que seria como fugir para o norte e viver como animais, porque eles seriam reduzidos a isso mesmo?

Fez com que ele desejasse que o gaio tagarela entregasse a mensagem, afinal. Mas se as autoridades da Capital por acaso ouvissem a confissão de Sejanus, o que fariam com ele? Comprar armas rebeldes para uso contra Pacificadores seria motivo para execução? Não, ele não tinha gravado nada sobre as armas ilegais. Só a parte sobre Sejanus pegar a arma de um Pacificador… mas isso já era bem ruim.

Talvez ele estivesse fazendo um favor a Sejanus. Se o impedissem antes de ele ter oportunidade de agir, talvez ele pudesse pegar um tempo de prisão em vez de uma sentença mais severa. Ou, mais provavelmente, o velho Plinth pagaria para livrá-lo do problema que tivesse que enfrentar. Financiaria uma base nova para o Distrito 12. Sejanus seria expulso dos Pacificadores, o que o faria feliz, e provavelmente acabaria com um emprego burocrático no império de munições do pai, o que não o faria feliz. Infeliz, mas vivo. E o mais importante: sendo o problema de outra pessoa.

Coriolanus não conseguiu dormir pelo resto da noite e seus pensamentos se voltaram para Lucy Gray. O que ela acharia dele se soubesse o que fez a Sejanus? Ela o odiaria, claro. Ela e seu amor por liberdade para os tordos, para os gaios tagarelas, para o Bando, para todo mundo. Ela provavelmente apoiaria o plano de fuga de Sejanus, principalmente porque já tinha ficado trancada na arena. Ele seria um monstro da Capital e ela voltaria correndo para Billy Taupe, levando junto o pouco de felicidade que ele ainda tinha.

De manhã, Coriolanus desceu da cama cansado e irritável. Os cientistas tinham ido embora para a Capital na noite anterior, deixando o pelotão de volta à rotina chata. Ele se arrastou pelo dia, tentando não pensar que, em algumas semanas, ele deveria estar começando a estudar na Universidade com tudo pago. Escolhendo as matérias. Passeando pelo campus. Comprando seus livros. Quanto ao dilema de Sejanus, ele tinha aceitado que ninguém jamais ouviria a gravação do gaio tagarela e que ele devia puxá-lo para um canto e enfiar um pouco de bom senso na cabeça dele na marra. Ameaçar denunciá-lo para o comandante e para o pai, e levar a ameaça a cabo se ele insistisse. Já estava cansado dessa idiotice toda. Infelizmente, o dia não ofereceu oportunidade para ele dar seu ultimato.

Para piorar as coisas, na sexta chegou uma carta de Tigris, cheia de más notícias. Potenciais compradores e muita gente xereta tinha ido ao apartamento dos Snow. Elas receberam duas propostas, ambas bem abaixo do valor que elas precisariam para ir para um dos apartamentos mais modestos que Tigris tinha visto. Os visitantes perturbavam a avó deles, que ia para o meio das rosas em uma grande exibição de negação quando eles apareciam. Entretanto, ela tinha ouvido um casal, que estava visitando o terraço, discutindo como poderiam substituir o amado jardim por um lago de peixinhos dourados. A ideia de que as rosas, o símbolo da dinastia Snow, fossem ser removidas antecipou a queda radical para um estado ainda maior de agitação e confusão. Era preocupante deixá-la sozinha agora. Tigris estava sem ideias e pedia conselhos, mas que conselhos ele podia dar? Ele falhara com elas de todas as formas possíveis e não conseguia pensar em nenhum caminho para escapar do desespero. Raiva, impotência, humilhação… isso era tudo que ele tinha a oferecer.

No sábado, ele estava quase ansioso para confrontar Sejanus. Esperava que chegasse às vias de fato. Alguém tinha que pagar pelas indignidades da família Snow, e quem melhor do que um Plinth?

Sorriso, Mosquitinho e Poste estavam ansiosos para ir ao Prego, como sempre, apesar de estarem cansados de passar os domingos se recuperando. Enquanto se vestiam para a saída noturna, os companheiros de quarto decidiram trocar a aguardente branca por uma sidra fermentada de maçã, que não tinha um efeito tão forte, mas ainda dava uma sensação boa. A questão foi meramente acadêmica para Coriolanus, que não pretendia beber. Ele queria estar de cabeça limpa quando lidasse com Sejanus.

Quando estavam saindo do alojamento, foram convocados por Biscoito para uma tarefa especial e passaram meia hora descarregando um aerodeslizador cheio de caixotes.

– Vocês vão ficar felizes por isso no fim de semana que vem. Vai ser a festa de aniversário do Comandante – disse ele, e entregou para eles uma garrafa do que acabou se revelando um uísque barato. Era uma melhoria enorme em comparação com a produção local.

Quando chegaram no Prego, quase não tiveram tempo de pegar uns caixotes e se espremerem em um ponto perto da parede antes que Maude Ivory dançasse pelo palco e apresentasse o Bando. Não era um bom lugar, mas considerando o uísque de Biscoito e o fato de que eles poderiam consumir alguns doces da sra. Plinth em vez de trocá-los por bebida, ninguém sentiu necessidade de reclamar, embora Coriolanus lamentasse particularmente não ter tido tempo com Lucy Gray no barracão. Ele botou seu caixote praticamente em cima do de Sejanus, para perceber se ele tentasse desaparecer de novo. E realmente, depois de uma hora de show, ele sentiu Sejanus se levantar e o viu seguir na direção da porta principal. Coriolanus contou até dez antes de ir atrás, tentando atrair o mínimo de atenção possível, mas eles estavam perto da saída e ninguém pareceu reparar.

Lucy Gray começou uma música lenta e o Bando tocou sombriamente atrás dela.

Você chega em casa

E se deita na cama.
Seu cheiro é de coisa comprada com grana.
Não temos dinheiro, é o que você tem dito.
Então de onde veio e como foi obtido?

O sol não nasce e se põe pra você.
Você acha que sim, mas devia saber que não.
Você mente pra mim, eu pra você –
Eu te venderia por uma canção.

A música o irritou. Parecia outro número inspirado em Billy Taupe. Por que ela não escrevia sobre Coriolanus em vez de ficar falando sobre aquele zé-ninguém? Fora ele quem tinha salvado a vida de Lucy Gray depois que Billy Taupe comprara o bilhete dela para a arena.

Coriolanus saiu a tempo de ver Sejanus contornando o Prego. A voz de Lucy Gray se espalhou pelo ar da noite enquanto ele percorria a lateral da construção.

Você acorda tarde,
Não diz uma palavra.
Você andou com ela, é esse o alarde.
Não sou sua dona, você me falou.
Mas o que posso fazer se a noite esfriou?

A lua não cresce e mingua pra você.
Você acha que sim, mas devia saber que não.
Você me deixa triste, me faz sofrer –
Eu te venderia por uma canção.

Coriolanus parou nas sombras atrás do Prego enquanto via Sejanus entrar correndo pela porta aberta do barracão. Os cinco integrantes do Bando estavam no palco, então o que ele estaria procurando? Era um encontro com os

rebeldes, para fechar os detalhes do plano de fuga? Ele não desejava entrar num ninho cheio deles e decidiu esperar quando a mulher do Prego, com quem Sejanus tinha ido falar sobre o canivete, saiu pela porta enfiando um maço de notas no bolso. Ela desapareceu por uma viela, deixando o Prego para trás.

Era isso. Sejanus tinha ido entregar o dinheiro das armas para ela, provavelmente as armas com as quais ele planejava caçar no norte. Aquele pareceu um momento tão bom quanto qualquer outro para confrontá-lo, com o contrabando ainda quente nas mãos dele. Ele foi até o barracão sorrateiramente, sem a intenção de sobressaltar Sejanus caso estivesse com uma arma na mão, seus passos disfarçados pela música.

Você está aqui, mas não está.
É mais do que eu,
É mais do que você, o nós aconteceu.
Eles são pequenos e ficam preocupados
Se você vem ou vai, eles perguntam, agitados.

As estrelas não brilham e caem pra você.
Você acha que sim, mas devia saber que não.
Não se mete com os meus, senão você vai ver –
Eu te venderia por uma canção.

Durante os aplausos em seguida, Coriolanus espiou pela porta do barracão. A única luz vinha de um pequeno lampião, do tipo que ele tinha visto alguns mineiros segurando no enforcamento de Arlo, posicionado sobre uma caixa no fundo do barracão. Na luminosidade, ele viu Sejanus e Billy Taupe agachados por cima de um saco de aniagem, no qual se viam várias armas. Quando deu um passo para dentro, ele ficou paralisado, ciente de repente do cano de uma arma posicionado a centímetros da lateral da sua caixa torácica.

Ele inspirou fundo e estava começando a levantar as mãos quando ouviu um barulhinho rápido de sapatos atrás dele e a gargalhada de Lucy Gray. Ela pousou as mãos nos ombros dele dizendo:

– Ei! Te vi sair. Barb Azure disse que se você… – De repente, ela ficou tensa, ao perceber o homem com a arma.

– Pra dentro. – Isso foi tudo que ele disse. Coriolanus foi na direção do lampião com Lucy Gray segurando seu braço com força. Ele ouviu o bloco de concreto raspar no piso de cimento e a porta se fechar atrás deles.

Sejanus deu um pulo.

– Não. Está tudo bem, Spruce. Ele está comigo. Os dois estão comigo.

Spruce se moveu até a luz do lampião. Coriolanus o reconheceu como o homem que tinha segurado Lil no dia do enforcamento. O irmão que Sejanus mencionara, sem dúvida.

O rebelde olhou os dois.

– Pensei que tivéssemos combinado que ficaria entre nós.

– Ele é como um irmão pra mim – disse Sejanus. – Vai me dar cobertura quando fugirmos. Pra gente ganhar tempo.

Coriolanus não tinha prometido fazer nada disso, mas assentiu.

Spruce apontou a arma para Lucy Gray.

– E essa aqui?

– Eu falei sobre ela – disse Billy Taupe. – Ela vai para o norte conosco. É minha garota.

Coriolanus sentiu Lucy Gray apertar seu braço e então soltá-lo.

– Se vocês quiserem me levar – disse ela.

– Vocês dois não estão juntos? – perguntou Spruce, os olhos cinzentos indo de Coriolanus para Lucy Gray. Coriolanus também estava questionando isso. Ela ia mesmo com Billy Taupe? Estava apenas usando-o, como ele desconfiava?

– Ele está com a minha prima, Barb Azure. Ela me mandou aqui pra dizer pra ele onde vão se encontrar esta noite, só isso – disse Lucy Gray.

Então ela só tinha mentido para aliviar a situação. Era isso? Ainda inseguro, Coriolanus seguiu a deixa:

– Isso mesmo.

Spruce refletiu, deu de ombros e baixou a arma, não mais apontando-a para Lucy Gray.

– Acho que você vai poder ser companhia pra Lil.

O olhar de Coriolanus se desviou para as armas. Mais duas escopetas, um fuzil padrão de Pacificador como os que eles usavam para treinar tiro. Uma arma pesada que parecia lançar granadas. Várias facas.

– É um estoque e tanto.

– Não pra cinco pessoas – respondeu Spruce. – Estou preocupado é com a munição. Seria bom se você conseguisse mais um pouco na base.

Sejanus assentiu.

– Talvez. Nós não temos acesso ao arsenal. Mas posso dar uma olhada.

– Claro. É bom ficarem abastecidos.

Todos viraram a cabeça na direção do som. Uma voz feminina, partindo do outro canto do barracão. Coriolanus tinha se esquecido da segunda porta, pois ninguém parecia usá-la. Na escuridão fora do círculo de luz da lâmpada, ele não conseguia ver se estava aberta ou fechada, nem quem era a intrusa. Quanto tempo ela havia ficado escondida na escuridão?

– Quem está aí? – perguntou Spruce.

– Armas, munição – debochou a voz. – Não dá pra arrumar mais, né? No norte?

O tom de desprezo ajudou Coriolanus a identificá-la, da noite da briga no Prego.

– É Mayfair Lipp, a filha do prefeito.

– Andando atrás de Billy Taupe como uma cadela no cio – disse Lucy Gray baixinho.

– Sempre guarde aquela última bala num lugar seguro. Pra poder explodir a cabeça antes de te pegarem – disse Mayfair.

– Vai pra casa – ordenou Billy Taupe. – Depois eu explico isso. Não é o que parece.

– Não, não. Venha se juntar a nós, Mayfair – convidou Spruce. – Não temos nenhum problema com você. Ninguém escolhe o pai que tem.

– Nós não vamos te fazer mal – disse Sejanus.

Mayfair soltou uma gargalhada feia.

– Claro que não vão.

– O que está acontecendo? – Spruce perguntou a Billy Taupe.

– Nada. Ela é só papo – disse ele. – Não vai fazer nada.

– Sim, essa sou eu. Alguém que é só papo furado e que não ameaça ninguém de verdade. Não é, Lucy Gray? Como foi na Capital, aliás? – A porta gemeu de leve, e Coriolanus teve a sensação de que Mayfair estava andando para trás, prestes a fugir. Com ela, todo o futuro dele iria junto. Não, mais do que isso, sua própria vida. Se ela contasse o que ouviu, todos eles estariam mortos.

Em um piscar de olhos, Spruce levantou a arma para atirar nela, mas Billy Taupe virou o cano para o chão. Coriolanus esticou a mão por reflexo para pegar o fuzil de Pacificador e atirou na direção da voz de Mayfair. Ela deu um grito e houve o som dela caindo no chão.

– Mayfair! – Billy Taupe correu pelo barracão até onde ela estava, na porta. Ele cambaleou de volta para a luz, a mão suja de sangue, cuspindo em Coriolanus como um animal raivoso. – O que você fez?

Lucy Gray começou a tremer, do mesmo jeito que tinha tremido no zoológico quando a garganta de Arachne Crane foi cortada.

Coriolanus a empurrou para longe, e os pés dela começaram a se mover na direção da porta.

– Volta. Vai pro palco. É o seu álibi. Vai!

– Ah, não. Se eu dançar, ela dança comigo. – Billy Taupe partiu atrás dela.

Sem hesitar, Spruce atirou no peito de Billy Taupe. O tiro o jogou para trás, e ele caiu no chão.

No silêncio que veio em seguida, Coriolanus registrou a música vinda do Prego pela primeira vez desde que Lucy Gray tinha terminado a outra música. Maude Ivory tinha envolvido o armazém inteiro, e o público cantava junto.

Fique no lado bom da vida, sempre no lado bom,

– Melhor fazer o que ele falou – disse Spruce para Lucy Gray. – Antes que deem falta de você e alguém venha procurar.

Sempre fique no lado bom da vida.

Lucy Gray não conseguia tirar os olhos do corpo de Billy Taupe. Coriolanus a segurou pelos ombros, forçando-a a olhar para ele.

– Vai. Eu cuido disso. – Ele a empurrou para a porta.

Vai nos ajudar todos os dias, vai iluminar
o caminho.

Ela abriu a porta e os dois olharam para fora. O caminho estava livre.

Se sempre ficarmos no lado bom da vida.
Isso aí, se ficarmos no lado bom da vida.

Todo o Prego explodiu em gritos bêbados, representando o fim da canção de Maude Ivory. Eles chegaram bem a tempo.

– Você nunca esteve aqui – sussurrou Coriolanus no ouvido de Lucy Gray quando a soltou. Ela cambaleou pelo caminho e entrou no Prego. Ele fechou a porta com o pé.

Sejanus verificou a pulsação de Billy Taupe.

Spruce enfiou as armas no saco de aniagem.

– Nem se dê ao trabalho. Eles estão mortos. Estou planejando guardar essa história comigo. E vocês dois?

– A mesma coisa. Obviamente – disse Coriolanus. Sejanus olhou para eles, ainda chocado. – Ele também. Eu cuido disso.

– É melhor você pensar em vir com a gente. Alguém vai pagar por isso – disse Spruce. Ele pegou o lampião e sumiu pela porta dos fundos, deixando o barracão na escuridão.

Coriolanus seguiu em frente até encontrar Sejanus e o puxou atrás de Spruce. Empurrou o corpo de Mayfair para dentro do barracão com o pé e fechou a porta da cena do crime com o ombro. Pronto. Ele tinha entrado e saído do barracão sem tocar em nada com a pele. Exceto a arma que ele tinha usado para matar Mayfair, claro, sem dúvida coberta com suas digitais e seu DNA… mas Spruce a levaria quando fosse embora do Distrito 12 para nunca

mais voltar. A última coisa de que ele precisava era da situação do lenço mais uma vez. Ele ainda ouvia o reitor Highbottom o provocando…

"Está ouvindo, Coriolanus? É o som da neve caindo."

Por um momento, ele inspirou o ar da noite. Música, alguma peça instrumental, chegou até eles. Ele achava que Lucy Gray tinha voltado para o palco, mas ainda não havia recuperado a voz. Ele segurou Sejanus pelo cotovelo e guiou-o em volta do barracão, verificando a passagem entre os prédios. Vazia. Eles seguiram pela lateral do Prego e fizeram uma pausa antes de dobrar a esquina.

– Nem uma palavra – sussurrou ele.

Sejanus, as pupilas dilatadas, a gola molhada de suor, repetiu:

– Nem uma palavra.

Dentro do Prego, eles voltaram para seus lugares. Ao lado deles, Poste estava encostado na parede, aparentemente apagado. Do outro lado, Sorriso dava em cima de uma garota enquanto Mosquitinho acabava com o uísque. Ninguém parecia ter sentido falta dos dois.

O instrumental terminou e Lucy Gray tinha se recomposto o suficiente para cantar de novo e escolheu um número que exigia a participação de todo o Bando. Garota esperta. Era provável que eles encontrassem os corpos, porque o barracão era o local de descanso deles. Quanto mais tempo ela os mantivesse juntos ali, melhor o álibi, mais tempo Spruce teria para tirar as armas do crime da área e mais difícil seria para a plateia reconstruir a ordem dos fatos.

O coração de Coriolanus disparou enquanto ele tentava avaliar o dano. Ele achava que ninguém se importaria com Billy Taupe, exceto talvez Clerk Carmine. Mas Mayfair? A filha única do prefeito? Spruce estava certo: alguém ia pagar por ela.

Lucy Gray aceitou pedidos do público e conseguiu segurar os cinco do Bando no palco pelo resto do show. Maude Ivory recolheu dinheiro da plateia, como sempre. Lucy Gray agradeceu a todo mundo, o Bando fez uma reverência final e as pessoas começaram a se encaminhar para a porta.

– Nós temos que voltar imediatamente – disse Coriolanus baixinho para Sejanus.

Cada um passou um braço de Poste nos ombros e seguiram para fora, com Mosquitinho e Sorriso logo atrás. Eles tinham seguido vinte metros na estrada quando os gritos histéricos de Maude Ivory cortaram o ar da noite, fazendo todo mundo olhar para trás. Como seria suspeito seguir em frente, Coriolanus e Sejanus também se viraram com Poste. Rapidamente, apitos de Pacificadores soaram, e dois oficiais os mandaram voltarem para a base. Eles se perderam na multidão e não se falaram mais até chegarem no alojamento e ouvirem os companheiros roncando, quando foram sorrateiramente para o banheiro.

– Nós não sabemos de nada. Essa é a história – sussurrou Coriolanus. – Nós saímos por pouco tempo do Prego pra mijar. No resto da noite, ficamos no show.

– Tudo bem – disse Sejanus. – E os outros?

– Spruce já foi embora e Lucy Gray não vai contar pra ninguém, nem mesmo para o Bando. Ela não vai colocá-los em perigo – disse ele. – Amanhã, nós dois vamos estar de ressaca e vamos passar o dia na base.

– Sim. Sim. O dia na base. – Sejanus pareceu distraído ao ponto da incoerência.

Coriolanus segurou o rosto dele entre as mãos.

– Sejanus, isso é vida ou morte. Você tem que segurar as pontas. – Sejanus concordou, mas Coriolanus sabia que ele não pregou o olho após aquilo. Ele o ouviu se mexendo a noite toda. Em pensamento, reprisou os tiros várias vezes. Tinha matado pela segunda vez. Se a morte de Bobbin havia sido legítima defesa, o que foi a de Mayfair? Não assassinato premeditado. Não assassinato, na verdade. Só outra forma de legítima defesa. A lei talvez não visse assim, mas ele via. Mayfair podia não estar com uma faca, mas ela tinha o poder de levá-lo à forca. Sem mencionar o que ela faria a Lucy Gray e aos outros. Talvez porque ele não a viu morrer nem deu uma boa olhada no corpo, ele se sentia menos emotivo do que quando matara Bobbin. Ou talvez fosse normal o segundo assassinato ser mais fácil do que o primeiro. De qualquer modo, ele sabia que atiraria nela de novo se precisasse repetir tudo e de alguma forma aquilo apoiava a justeza de suas ações.

Na manhã seguinte, até os companheiros de quarto de ressaca foram para o refeitório tomar café da manhã. Sorriso pegou informações com a amiga

enfermeira, que estava de plantão na clínica à noite, quando levaram os corpos.

– Os dois são daqui, mas um é a filha do prefeito. O outro é um músico ou artista, mas não um que a gente já tenha visto. Eles foram mortos a tiros naquela garagem atrás do Prego. No meio do show! Só que nenhum de nós ouviu por causa da música.

– Descobriram quem foi? – perguntou Poste.

– Ainda não. Essa gente supostamente nem devia ter armas, mas, como eu falei, tem umas espalhadas por aí – disse Sorriso. – Mas eles foram mortos por alguém do meio deles.

– Como sabem disso? – perguntou Sejanus.

Cala a boca!, pensou Coriolanus. Conhecendo Sejanus, ele podia estar a um passo de confessar um crime que ele nem cometeu.

– Bem, ela disse que acham que a garota levou um tiro de fuzil de Pacificador, provavelmente um velho que foi roubado durante a guerra. E o músico foi morto por um tipo de arma que os moradores daqui usam pra caçar. Provavelmente, foram dois atiradores – relatou Sorriso. – Procuraram na área ao redor e não conseguiram encontrar as armas. Já devem ter sumido com os assassinos, se quiserem saber minha opinião.

Coriolanus se acalmou um pouco e comeu uma garfada de panquecas.

– Quem encontrou os corpos?

– Aquela garotinha cantora… você sabe, a do vestidinho rosa – disse Sorriso.

– Maude Ivory – disse Sejanus.

– Acho que foi isso mesmo. Ela surtou. Interrogaram a banda, mas quando eles teriam tido tempo pra fazer aquilo? Eles mal saem do palco. Além do mais, nenhuma arma foi encontrada – disse Sorriso. – Mas eles ficaram muito abalados. Acho que conheciam o garoto músico.

Coriolanus pegou um pedaço de salsicha com o garfo, sentindo-se bem melhor. A investigação tinha começado bem. Mesmo assim, ainda podia ser ruim para Lucy Gray, por ter o motivo duplo de Billy Taupe ser seu antigo amor e Mayfair a ter enviado para a arena. E quando a arena fosse mencionada, ele poderia ser implicado? Ninguém do 12 sabia que Coriolanus era o novo amor dela, só o Bando, e Lucy Gray faria com que ficassem quietos. Mas, se ela

tinha um novo amor, por que eles se importariam com Billy Taupe? Talvez quisessem matar Mayfair como forma de vingança, e Billy Taupe talvez tentasse defendê-la. Na verdade, isso não passava longe do que tinha acontecido. Mas centenas de testemunhas poderiam jurar que Lucy Gray estava no palco por quase o tempo todo do show, exceto um breve período. Nenhuma arma foi encontrada. Seria difícil provar que ela era culpada. Coriolanus teria que ter paciência, dar um tempo para as coisas se acalmarem, mas depois eles poderiam ficar juntos de novo. De muitas formas, ele se sentia mais próximo dela do que nunca agora que tinham esse novo e inquebrável laço.

Por causa dos eventos da noite anterior, o comandante trancou a base pelo dia inteiro. Não que Coriolanus tivesse planos; ele teria que ficar longe do Bando por um tempo. Ele e Sejanus permaneceram na base, tentando parecer normais. Jogaram baralho, escreveram cartas, limparam as botas. Quando eles estavam tirando a lama da sola, Coriolanus sussurrou:

– E o plano de fuga? Ainda está de pé?

– Não faço ideia – disse Sejanus. – O aniversário do comandante só vai ser no próximo fim de semana. Era nessa noite que a gente ia. Coryo, e se prenderem gente inocente pelos assassinatos?

Aí nossos problemas acabam, pensou Coriolanus, mas ele só disse:

– Acho altamente improvável sem as armas. Não vamos sofrer por antecipação.

Coriolanus dormiu melhor naquela noite. Na segunda, a base foi destrancada e os boatos diziam que os assassinatos tinham a ver com lutas internas dos rebeldes. Se eles queriam matar uns aos outros, que matassem. O prefeito foi até a base e deu um chilique com o comandante por causa da filha, mas como ele tinha mimado Mayfair ao extremo e a deixava solta como um gato selvagem, o sentimento era que ele não podia culpar ninguém além dele mesmo se ela passava tempo com um rebelde.

Na tarde de terça, o interesse nos assassinatos tinha diminuído tanto que Coriolanus começou a fazer planos para o futuro enquanto descascava batatas para o café da manhã do dia seguinte. A primeira coisa era garantir que Sejanus desistisse do plano de fuga. Com sorte, os eventos que aconteceram o tinham convencido de que ele estava brincando com fogo. Na noite do dia seguinte

eles teriam a tarefa de limpar o chão juntos e essa seria a melhor hora para confrontá-lo. Se ele não concordasse em abandonar a fuga, Coriolanus não teria escolha além de entregá-lo para o comandante. Sentindo-se determinado, ele descascou com tanta dedicação que logo terminou, e Biscoito o deixou sair meia hora mais cedo. Ele olhou a correspondência e encontrou uma caixa de Pluribus, cheia de pacotes de cordas de vários instrumentos musicais e um bilhete gentil dizendo que era cortesia. Ele guardou as cordas no armário, feliz ao pensar em como o Bando ficaria contente quando fosse seguro vê-los novamente. Talvez em uma ou duas semanas, se as coisas continuassem se acalmando.

Coriolanus começou a se sentir mais normal enquanto ia para o refeitório. Terça era dia de picadinho. Ele tinha alguns minutos sobrando e foi buscar outra lata de talco para a brotoeja, que finalmente começava a melhorar. Mas, quando saiu da clínica, uma ambulância da base parou, as portas de trás se abriram e dois médicos tiraram um homem numa maca. A camisa encharcada de sangue sugeria que ele podia estar morto, mas, enquanto o levavam para dentro, ele virou a cabeça. Um par de olhos cinzentos pousaram em Coriolanus, que não conseguiu segurar um ruído de surpresa. Spruce. As portas se fecharam e o bloquearam de vista.

Coriolanus contou para Sejanus algumas horas depois, mas nenhum dos dois sabia o que aquilo significava. Spruce tinha se metido em confusão com os Pacificadores, mas por quê? Teria sido ligado aos assassinatos? Sabiam sobre o plano de fuga dele? Tinham descoberto sobre a compra de armas? O que ele contaria agora que tinha sido capturado?

No café da manhã de quarta, a confiável enfermeira de Sorriso contou para ele que Spruce tinha morrido em decorrência dos ferimentos durante a noite. Ela não sabia direito, mas a maioria das pessoas achava que ele estava envolvido com os assassinatos. Coriolanus trabalhou aquela manhã no piloto automático, esperando que acontecesse mais alguma coisa. No almoço, aconteceu. Dois policiais militares foram até a mesa deles no refeitório e prenderam Sejanus, que se deixou guiar sem dizer nada. Coriolanus tentou imitar a expressão chocada dos companheiros de quarto. Obviamente, repetia ele, havia algum engano.

Liderados por Sorriso, questionaram o sargento no treino de tiro.

– Nós só gostaríamos de dizer que não tem como Sejanus ter cometido aqueles assassinatos. Ele estava conosco a noite toda.

– Nós não nos separamos – declarou Poste. Como se ele pudesse saber, considerando que havia passado a noite desmaiado contra uma parede, mas todos concordaram.

– Aprecio a lealdade de vocês – disse o sargento –, mas acho que é outra coisa.

Um arrepio percorreu o corpo de Coriolanus. Outra coisa, tipo o plano de fuga? Spruce não parecia ser do tipo dedo-duro, principalmente porque isso afetaria sua irmã. Não, Coriolanus tinha certeza de que seu gaio tagarela havia chegado na dra. Gaul e aquele era o resultado. Primeiro, a prisão de Spruce, depois a de Sejanus.

Nos dois dias seguintes, tudo pareceu ir seguindo o rumo, enquanto ele tentava se tranquilizar que o que estava acontecendo era para o bem de Sejanus, enquanto os pedidos dos companheiros de verem o amigo eram negados, enquanto a detenção seguia em frente. Ele ficava esperando que Strabo Plinth aparecesse num aerodeslizador particular, que negociasse uma dispensa, oferecesse melhorar toda a frota aérea de graça e levasse o filho problemático para casa. Mas o pai saberia sobre a situação de Sejanus? Ali não era a Academia, onde chamavam os pais se você fizesse besteira.

O mais casualmente possível, Coriolanus perguntou a um soldado mais velho se eles podiam ligar para casa. Sim, todos tinham permissão de fazer uma ligação bianual, mas só depois de passarem seis meses na base. Fora isso, todo o contato tinha que ser por carta. Sem saber quanto tempo Sejanus poderia ficar preso, Coriolanus escreveu um bilhete curto para a sra. Plinth, contando para ela que Sejanus estava encrencado e sugerindo que talvez fosse bom Strabo fazer algumas ligações. Ele correu para enviar a correspondência na sexta de manhã, mas foi interrompido por um anúncio em toda a base que chamava todos, exceto quem estava fazendo serviço essencial, para o auditório. Lá, o comandante deu a informação de que um deles seria enforcado por traição naquela tarde. Sejanus Plinth.

Era tão surreal, como um pesadelo acordado. No treino físico, seu corpo movia-se como uma marionete sendo sacudida para lá e para cá por cordas invisíveis. Quando terminou, o sargento o chamou, e todos os seus amigos recrutas, Sorriso, Mosquitinho e Poste, viram Coriolanus receber a ordem de ir ao enforcamento para fazer número.

No alojamento, seus dedos estavam tão duros que ele mal conseguiu abotoar o uniforme, cada um com a insígnia da Capital na face prateada. Suas pernas estavam com a mesma falta de coordenação que ele associava à hora da bomba, mas acabou conseguindo ir até o arsenal pegar o fuzil. Os outros Pacificadores, nenhum que ele conhecia de nome, desviaram dele na caçamba do caminhão. Ele tinha certeza de que estava manchado por associação com o condenado.

Assim como com o enforcamento de Arlo, Coriolanus foi instruído a ficar em um pelotão ladeando a árvore-forca. O tamanho e volatilidade da multidão o confundiu; não era possível que Sejanus tivesse conquistado tanto apoio em tão poucas semanas. Mas a confusão só durou até a van dos Pacificadores chegar e Sejanus e Lil saírem acorrentados. Ao ver a garota, muitos na multidão começaram a gritar o nome dela.

Arlo, um ex-soldado endurecido pelos anos nas minas, conseguiu ter um final bem controlado, ao menos até ouvir Lil na multidão. Mas Sejanus e Lil, fracos de pavor, pareciam bem mais jovens do que a idade que tinham, o que só reforçava a impressão de que duas crianças inocentes estavam sendo arrastadas para a forca. Lil, as pernas trêmulas incapazes de sustentarem o peso, foi puxada por dois Pacificadores de expressão sombria, que provavelmente passariam a noite seguinte tentando obliterar a memória com bebida.

Quando eles passaram, Coriolanus encarou Sejanus e só conseguiu ver o garoto de oito anos no parquinho, com o saco de balas na mão. Só que o garoto de agora estava muito, muito mais assustado. Os lábios de Sejanus formaram seu nome, *Coryo*, e seu rosto se contorceu de dor. Mas se foi um pedido de ajuda ou uma acusação de traição, ele não conseguiu distinguir.

Os Pacificadores posicionaram os condenados lado a lado sobre os alçapões. Um outro tentou ler a lista de acusações em meio aos berros da multidão, mas Coriolanus só conseguiu identificar a palavra *traição*. Ele desviou o olhar

quando os pacificadores se aproximaram com as cordas e ele se viu olhando para o rosto abalado de Lucy Gray. Ela estava perto da frente com um vestido cinza velho, o cabelo escondido por um lenço preto, as lágrimas escorrendo pelas bochechas enquanto olhava para Sejanus.

Quando os tambores começaram a tocar, Coriolanus apertou bem os olhos, desejando poder bloquear os sons também. Mas não podia, e ouviu tudo. O grito de Sejanus, o barulho dos alçapões e os gaios tagarelas repetindo a última palavra de Sejanus, gritando-a sem parar sob o sol forte:

– *Mãezinha! Mãezinha! Mãezinha! Mãezinha! Mãezinha!*



Coriolanus seguiu mecanicamente pelo resto dos procedimentos, permanecendo com expressão impassível e mudo enquanto voltava para a base, devolvia arma e andava até o alojamento. Ele sabia que as pessoas estavam olhando para ele; era de conhecimento geral que Sejanus era seu amigo ou pelo menos membro do seu pelotão. Queriam vê-lo desmoronar, mas ele se recusou a dar essa satisfação às pessoas. Sozinho no quarto, tirou lentamente o uniforme, pendurou cada peça com cuidado e ajeitou as dobras com os dedos. Longe de olhares fofoqueiros, permitiu que o corpo murchasse, os ombros relaxassem de cansaço. Só tinha conseguido ingerir alguns goles de suco de maçã naquele dia. Sentia-se debilitado demais para se juntar ao pelotão no treino de tiro, para enfrentar Mosquitinho e Poste e Sorriso. Suas mãos estavam tremendo demais para segurar um fuzil. Então ele se sentou de cueca na cama de Poste no quarto sufocante, esperando pelo que viria a seguir.

Era só questão de tempo. Talvez ele devesse se entregar. Antes que fossem prendê-lo porque Spruce confessou ou, o mais provável, porque Sejanus revelou os detalhes dos assassinatos. Mesmo que eles não tivessem dito nada, o fuzil dos Pacificadores ainda estava por aí, coberto com seu DNA. Spruce não fugiu para a liberdade, deve ter ficado escondido até poder resgatar Lil, e se tinha ficado no Distrito 12, as armas também estavam lá. Podiam estar examinando a arma naquele minuto mesmo, procurando a confirmação de que Spruce a tinha usado para matar Mayfair, e acabarem descobrindo que o atirador era o soldado Snow. O que havia dedurado o melhor amigo e o mandado para a forca.

Coriolanus escondeu o rosto nas mãos. Ele matara Sejanus, como se tivesse batido nele como fez com Bobbin ou como se tivesse atirado nele como fez com Mayfair. Ele matara a pessoa que o considerava um irmão. Mas enquanto a crueldade do ato ameaçava afogá-lo, uma vozinha ficava perguntando: *Que escolha você teve?* Que escolha? Nenhuma. Sejanus estava determinado a se autodestruir e Coriolanus foi carregado pela situação e acabou no pé da árvore-forca ele mesmo.

Ele tinha que pensar racionalmente. Sem ele, Sejanus teria morrido na arena, vítima do grupo de tributos que havia tentado matá-los enquanto fugiam. Tecnicamente, Coriolanus dera a ele mais algumas semanas de vida e uma segunda chance, uma oportunidade de consertar as coisas. Mas não foi isso que ele fez. Não conseguiu. Não quis. Ele era o que era. Talvez fugir para o norte tivesse sido melhor. Pobre Sejanus. Pobre sensível, tolo e morto Sejanus.

Coriolanus foi até o armário de Sejanus, pegou a caixa de itens pessoais, se sentou no chão e espalhou o conteúdo na sua frente. Os únicos acréscimos desde a outra vez eram dois biscoitos caseiros cobertos por lenços de papel. Coriolanus desembrulhou um e deu uma mordida. Por que não? A doçura se espalhou pela língua e imagens surgiram no cérebro dele: Sejanus entregando um sanduíche no zoológico, Sejanus enfrentando a dra. Gaul, Sejanus o abraçando na estrada de volta para a base, Sejanus pendurado na corda…

– *Mãezinha! Mãezinha! Mãezinha! Mãezinha! Mãezinha!*

Ele vomitou o biscoito e produziu um jorro de suco de maçã, azedo e ácido, junto com migalhas. Seu corpo estava coberto de suor e ele começou a chorar. Encostado nos armários, encolheu as pernas junto ao peito e deixou que os soluços feios e violentos o sacudissem. Ele chorou por Sejanus, por sua pobre Mãezinha e pela doce e dedicada Tigris e sua Lady-Vó frágil e delirante, que logo o perderia do mesmo jeito sórdido. E também chorou por si mesmo, porque a qualquer momento ele estaria morto. Tamanho era seu pavor que logo começou a ofegar, como se a corda já estivesse lhe roubando a vida. Ele não queria morrer! Principalmente não naquele campo, com aqueles pássaros mutantes ecoando a última coisa que ele dissesse. Quem sabia que coisa maluca acabaria dizendo em um momento daqueles? E ele morto e as aves gritando, até os tordos transformarem o que foi dito em uma música macabra!

Depois de uns cinco minutos, o choro acabou e ele se acalmou, passando o polegar sobre o coração frio de mármore da caixa de Sejanus. Não havia nada a fazer além de tentar encarar a morte como um homem. Como um soldado. Como um Snow. Assim que aceitou seu destino, ele sentiu que precisava botar suas coisas em ordem. Ele tinha que consertar o que desse com as pessoas que amava. Ao abrir a parte de trás da moldura do diploma, descobriu que ainda restava bastante dinheiro depois da compra de armas de Sejanus. Ele pegou um dos envelopes elegantes cor de creme que Sejanus tinha levado da Capital, enfiou o dinheiro dentro, lacrou o envelope e o endereçou a Tigris. Depois de arrumar as coisas de Sejanus, guardou a caixa no armário. O que mais? Ele se viu pensando em Lucy Gray, o primeiro, e agora único, amor da sua vida. Coriolanus gostaria de deixar uma lembrança dele. Remexeu na caixa e escolheu o lenço laranja, pois o Bando adorava cores, e ela mais do que todos. Não sabia bem como entregaria a ela, mas se ele durasse até domingo, talvez conseguisse sair escondido da base para vê-la uma última vez. Ele colocou o lenço dobrado com as cordas que Pluribus tinha enviado. Depois de lavar o catarro e as lágrimas do rosto, ele se vestiu e foi até o correio para enviar o dinheiro para casa.

No jantar, ele sussurrou um relato do enforcamento para os companheiros de quarto infelizes, tentando aliviar a história.

– Acho que ele morreu imediatamente. Não dava para ter sentido dor.

– Ainda não acredito que ele fez aquilo – disse Sorriso.

A voz de Poste oscilou.

– Espero que não achem que estávamos todos envolvidos.

– Mosquitinho e eu somos os únicos que seriam suspeitos de sermos simpatizantes dos rebeldes, por sermos dos distritos – disse Sorriso. – Por que vocês estão preocupados? Vocês são da Capital.

– Sejanus também era – lembrou Poste.

– Mas não de verdade, não é? Ele sempre falava sobre o Distrito 2 – disse Mosquitinho.

– Não era mesmo – concordou Coriolanus.

Coriolanus passou a noite montando guarda na prisão vazia. Ele dormiu como os mortos, o que fazia sentido considerando que era questão de horas

para que se juntasse a eles.

Ele fez o esperado durante os exercícios matinais e quase sentiu alívio quando, no fim do almoço, o ajudante do comandante Hoff apareceu e pediu que ele o seguisse. Não foi dramático como a polícia militar, mas, como estavam tentando restabelecer uma sensação de normalidade entre as tropas, era o jeito certo de proceder. Por ter certeza de que seria levado direto da sala do comandante para a prisão, Coriolanus se arrependia de não ter colocado alguma coisa de casa no bolso, para segurar em suas últimas horas. O estojo de pó compacto da mãe seria o objeto escolhido, o que o acalmaria enquanto ele esperava a corda.

Embora não fosse grande, a sala do comandante era melhor do que qualquer outro espaço que ele tivesse visto na base, e ele afundou na cadeira de couro do outro lado da mesa de Hoff, grato por poder receber a sentença de morte com um pouco de classe. *Lembre-se de que é um Snow*, disse para si mesmo. *Vamos partir com certa dignidade.*

O comandante dispensou o ajudante, que saiu do escritório e fechou a porta. Hoff se encostou na cadeira e observou Coriolanus por um longo momento.

– Foi uma semana e tanto pra você.

– Sim, senhor. – Ele queria que o homem fizesse logo o interrogatório. Estava cansado demais para brincar de gato e rato.

– Que semana – repetiu Hoff. – Eu soube que você era um aluno excelente na Capital.

Coriolanus não tinha ideia de quem tinha dito isso para ele e se perguntou se podia ter sido Sejanus. Não que importasse.

– É uma avaliação generosa.

O comandante sorriu.

– E modesto também.

Ah, me prende logo, pensou Coriolanus. Ele não precisava de um longo discurso sobre a decepção em que se transformou.

– Eu soube que você era amigo íntimo de Sejanus Plinth – disse Hoff.

Ah, lá vamos nós, pensou Coriolanus. Por que não acelerar a coisa logo em vez de arrastá-la com negações?

– Nós éramos mais do que amigos. Éramos como irmãos.

Hoff olhou para ele com solidariedade.

– Então só posso expressar a mais sincera gratidão da Capital pelo seu sacrifício.

Como? Coriolanus olhou para ele sem entender.

– Senhor?

– A dra. Gaul recebeu sua mensagem pelo gaio tagarela – relatou Hoff. – Ela disse que enviá-la não devia ter sido uma escolha fácil para você. Sua lealdade à Capital teve um custo pessoal alto.

Um adiamento, então. Aparentemente, a arma com seu DNA ainda não tinha aparecido. Eles o viam como um herói da Capital em conflito. Ele adotou uma expressão de sofrimento, como adequado a um homem lamentando a perda do amigo.

– Sejanus não era ruim, só estava… confuso.

– Concordo. Mas conspirar com o inimigo ultrapassa um limite que não podemos nos dar ao luxo de ignorar, infelizmente. – Hoff fez uma pausa para pensar. – Você acha que ele pode estar envolvido nos assassinatos?

Coriolanus arregalou os olhos, como se a ideia nunca tivesse passado pela cabeça dele.

– Assassinatos? Você quer dizer do Prego?

– A filha do prefeito e… – O comandante remexeu em uns papéis, mas decidiu que não precisava. – O outro sujeito.

– Ah… acho que não. Você acha que tem ligação? – perguntou Coriolanus, como se intrigado.

– Não sei. Não me importo – disse Hoff. – O jovem andava com os rebeldes e ela andava com ele. Quem os matou me poupou de muitos problemas no futuro, provavelmente.

– Não parece a cara de Sejanus – disse Coriolanus. – Ele nunca quis fazer mal a ninguém. Ele queria ser paramédico.

– Sim, foi o que seu sargento disse – concordou Hoff. – Então ele não mencionou as armas?

– Armas? Não que eu saiba. Como ele conseguiria armas? – Coriolanus estava começando a se divertir um pouco.

– Comprando no mercado clandestino? Ele é de família rica, pelo que eu soube. Bom, não importa. É provável que continue sendo um mistério, a não ser que as armas apareçam. Mandei Pacificadores revistarem a Costura nos próximos dias. Enquanto isso, a dra. Gaul e eu decidimos manter segredo da sua ajuda em relação a Sejanus para a sua segurança. Não queremos os rebeldes de olho em você, não é?

– É o que prefiro mesmo – disse Coriolanus. – Já é bem difícil lidar com minha decisão de forma particular.

– Eu entendo. Mas quando a poeira baixar, lembre que você fez um serviço real pelo seu país. Tente deixar isso para trás. – E, como se lembrando de repente, ele acrescentou: – É meu aniversário hoje.

– Sim. Eu ajudei a descarregar uísque pra festa – disse Coriolanus.

– Costuma ser agradável. Tente se divertir. – Hoff se levantou e esticou a mão.

Coriolanus se levantou e a apertou.

– Vou me esforçar. E feliz aniversário, senhor.

Os companheiros de quarto o receberam com alegria quando ele voltou, cobrindo-o de perguntas sobre o fato de o comandante tê-lo chamado.

– Ele sabia que Sejanus e eu tínhamos história juntos e queria ver se eu estava bem – disse Coriolanus.

A notícia melhorou o humor de todo mundo e a atualização das atividades da tarde deu uma certa satisfação a Coriolanus. Em vez de tiro ao alvo, eles poderiam atirar nos gaios tagarelas e nos tordos da árvore-forca. O coral deles depois do grito final de Sejanus foi a gota d'água.

Coriolanus ficou eufórico enquanto atirava em tordos nos galhos, e conseguiu matar três. *Não estão tão espertos agora, não é?!*, pensou ele. Infelizmente, a maioria dos pássaros voou para longe depois de um tempo. Mas eles voltariam. Coriolanus também voltaria se não fosse enforcado primeiro.

Em homenagem ao aniversário do comandante, todos tomaram banho e vestiram uniformes limpos antes de irem para o refeitório. Biscoito tinha organizado uma refeição surpreendentemente elegante, com bife, purê de batata e molho, junto com ervilhas frescas e não enlatadas. Cada soldado recebeu uma caneca de cerveja, e Hoff estava presente para cortar um bolo

enorme com cobertura. Depois do jantar, todos se reuniram no ginásio, que tinha sido decorado com faixas e bandeiras para a ocasião. O uísque correu livremente, e muitos brindes improvisados foram feitos no microfone providenciado para a ocasião. Mas Coriolanus só percebeu que haveria entretenimento quando alguns soldados começaram a arrumar cadeiras.

– Claro – disse um oficial. – Nós contratamos a banda do Prego. O comandante se diverte com eles.

Lucy Gray. Essa seria a chance dele, provavelmente a única, de vê-la de novo. Ele correu até o alojamento, tirou a caixa de Pluribus com as cordas de instrumentos e o lenço, e voltou correndo para a festa. Viu que seus companheiros tinham separado uma cadeira para ele na metade do salão, mas ele ficou no fundo da plateia. Se surgisse oportunidade, ele não queria chamar atenção ao sair. As luzes foram apagadas na parte principal do ginásio, deixando só a área do microfone iluminada, e a multidão ficou em silêncio. Todos os olhos estavam no vestiário, que tinha sido fechado com o cobertor que o Bando usava no Prego.

Maude Ivory apareceu saltitante com um vestido amarelo-ranúnculo com saia rodada e subiu num caixote que alguém tinha colocado na frente do microfone.

– Oi, pessoal! Hoje a noite é especial, e vocês sabem por quê! É um aniversário!

Os Pacificadores bateram palmas com força. Maude Ivory começou a cantar a música antiga de aniversário e todo mundo cantou junto.

Feliz aniversário
Para alguém especial!
E desejamos muitos mais!
Uma vez por ano
Comemoramos
O comandante Hoff!
Feliz aniversário!

Era só isso, mas eles cantaram três vezes enquanto o Bando, um a um, foi assumindo o lugar no palco.

Coriolanus inspirou fundo quando Lucy Gray apareceu com o vestido de arco-íris da arena. A maioria das pessoas acharia que era pelo aniversário do comandante, mas Coriolanus tinha certeza de que era para ele. Uma forma de se comunicar, de cobrir o abismo que a circunstância tinha cavado entre os dois. Uma onda sufocante de amor o percorreu com o lembrete de que ele não estava sozinho naquela tragédia. Eles estavam de volta à arena, lutando pela sobrevivência, só os dois contra o mundo. Sentiu uma pontada agridoce ao pensar nela o assistindo morrer, mas também gratidão porque ela sobreviveria. Ele era o único que tinha sobrado que poderia ligá-la ao local dos assassinatos. Ela não tinha tocado nas armas. O que quer que acontecesse a ele, havia consolo em saber que ela viveria pelos dois.

Durante a primeira meia hora, ele não tirou os olhos de Lucy Gray enquanto o Bando cantava algumas das canções de sempre. Então, chegou um momento em que a banda toda saiu e a deixou sozinha na luz. Ela se acomodou em um banco alto e (seria imaginação dele?) bateu no bolso do vestido, como tinha feito na arena. Era o sinal dela de que estava pensando nele. De que, mesmo separados pelo espaço, estavam juntos no tempo. Com cada nervo formigando, ele ouviu com atenção quando ela começou uma música desconhecida.

Todo mundo nasce uma folha em branco –
Fresco como uma margarida
Sem loucura na vida.
Ficar assim não é nada fácil –
Difícil como um jogo,
É como pisar em fogo.

Este mundo é sombrio
E este mundo é assustador.
Já sofri duras penas,
Por isso meu dissabor.

Por isso mesmo
Preciso de você –
Você é puro como a neve fresca.

Ah, não. Não foi imaginação dele. A menção à neve confirmava. Ela havia composto aquela canção para ele.

Todo mundo quer ser herói –
O bolo com decoração,
Quem faz, não quem sonha.
Com muita dedicação,
A transformação é demorada –
Como bater leite até virar manteiga,
Derreter de gelo até ser água.

Este mundo fica cego
Para as crianças morrendo.
Eu viro poeira, mas
Você está sempre tentando.
Por isso mesmo
Preciso de você –
Você é puro como a neve fresca.

Os olhos dele se encheram de lágrimas. Ele seria enforcado, mas ela estaria lá, sabendo que ele ainda era uma pessoa genuinamente boa. Não um monstro que havia trapaceado e traído o amigo, mas alguém que realmente tentara ser nobre em circunstâncias impossíveis. Alguém que arriscara tudo para salvá-la nos Jogos. Alguém que tinha arriscado tudo de novo para salvá-la de Mayfair. O herói da vida dela.

Frio e limpo,
Caindo na minha pele,

Você me cobre.
Você se transfere
Até meu coração.

Até o coração dela.

Todos acham que sabem tudo sobre mim.
Querem me rotular.
Querem me classificar.
Você apareceu e viu que era mentira.
Você viu quem eu sou,
Sim, é mesmo quem eu sou.

Este mundo é cruel,
Cheio de problemas demais.
Você pediu um motivo –
Tenho vinte e três, não mais,
Por isso mesmo
Confio em você –
Você é puro como a neve fresca.

Se havia alguma dúvida, aquilo confirmou. Vinte e três. O número de tributos aos quais ela sobrevivera nos Jogos. Só por causa dele.

Por isso mesmo
Confio em você –
Você é puro como a neve fresca.

Ela falou em confiança. Antes de necessidade, antes de amor, vinha a confiança. A coisa que ela mais valorizava. E ele, Coriolanus Snow, era em quem ela confiava.

Enquanto a plateia aplaudia, ele ficou parado, segurando a caixa, emocionado demais para aplaudir junto. O resto do Bando correu para o palco enquanto Lucy Gray desaparecia atrás do cobertor. Maude Ivory botou o caixote de volta no lugar e começou uma melodia vibrante.

Há um lado sombrio e perturbado da vida.
Mas há um lado alegre e luminoso também.

Coriolanus reconheceu a melodia. Era a música sobre o lado bom. A que ela havia cantado durante os assassinatos. Era sua chance. Ele foi até a porta mais próxima da forma mais discreta possível. Com todo mundo lá dentro, ele correu em torno do ginásio até o vestiário e bateu na porta externa. Abriu-se na mesma hora, como se ela o estivesse esperando, e Lucy Gray se jogou nos braços dele.

Por um tempo, eles ficaram parados, agarrados um no outro, mas o tempo era precioso.

– Sinto muito por Sejanus. Você está bem? – perguntou ela, sem fôlego.

Claro que ela não sabia de nada sobre o papel dele naquilo.

– Não muito. Mas por enquanto ainda estou aqui.

Ela recuou para olhar o rosto dele.

– O que houve? Como descobriram que ele ia ajudar Lil a fugir?

– Não sei. Alguém deve tê-lo traído, eu acho.

Lucy Gray nem hesitou.

– Spruce.

– Provavelmente. – Coriolanus tocou na bochecha dela. – E você? Está bem?

– Estou péssima. Tudo está horrível. Vê-lo morrer daquele jeito. E também tudo depois daquela noite. Sei que você matou Mayfair pra me proteger. A mim e ao resto do Bando. – Ela apoiou a testa no peito dele. – Eu nunca vou poder agradecer por isso.

Ele acariciou o cabelo dela.

– Bom, ela se foi de vez agora. Você está protegida.

– Não de verdade. Não de verdade. – Perturbada, Lucy Gray se afastou e começou a andar. – O prefeito, ele… Ele não me deixa em paz. Ele tem certeza de que a matei. De que matei os dois. Ele dirige aquele carro horrível até a nossa casa e fica estacionado na frente por horas. Os Pacificadores já nos interrogaram três vezes. Eles dizem que ele fica em cima deles dia e noite pra que me prendam. E se eles não me fizerem pagar, ele vai fazer.

Aquilo era assustador.

– O que eles mandaram você fazer?

– Evitá-lo. Mas como posso fazer isso se ele está esperando a três metros da minha casa? – perguntou ela. – Mayfair era a coisa mais importante no mundo pra ele. Acho que ele só vai descansar quando eu estiver morta. Agora, ele está começando a ameaçar o resto do Bando. Eu… eu vou fugir.

– O quê? – perguntou Coriolanus. – Pra onde?

– Para o norte, eu acho. Como Billy Taupe e os outros falavam. Se eu ficar aqui, sei que ele vai dar um jeito de me matar. Já estou reunindo suprimentos. Por aí, pode ser que eu sobreviva. – Lucy Gray correu para os braços dele. – Estou feliz que pude vir dizer adeus.

Fugir. Ela ia mesmo fazer isso. Ia mesmo para o norte, se arriscar na natureza. Ele sabia que só a perspectiva da morte certa poderia levá-la a fazer isso. Pela primeira vez em dias, ele viu um jeito de escapar da forca.

– Não é um adeus. Eu vou com você.

– Você não pode. Não vou deixar. Você estaria arriscando sua vida – avisou ela.

Coriolanus riu.

– Minha vida? Minha vida consiste em me perguntar quanto tempo vai demorar até encontrarem as armas e me ligarem ao assassinato de Mayfair. Estão fazendo buscas na Costura agora. Pode ser a qualquer momento. Nós vamos juntos.

Ela franziu a testa, sem acreditar.

– Você está falando sério?

– Nós vamos amanhã. Um passo à frente do carrasco.

– E do prefeito – acrescentou ela. – Vamos finalmente ficar livres dele, do Distrito 12, da Capital, de tudo. Amanhã. Ao amanhecer.

– Amanhã, ao amanhecer – confirmou Coriolanus. Ele colocou a caixa nas mãos dela. – Do Pluribus. Menos o lenço, que é meu. É melhor eu voltar antes que alguém perceba que saí e desconfie. – Ele a puxou para um beijo apaixonado. – Somos só nós de novo.

– Só nós – disse ela, o rosto reluzindo de alegria.

Coriolanus saiu correndo do vestiário, com asas nos calcanhares.

Vamos cantar uma canção de esperança diária,
Esteja o dia nublado ou lindo.

Ele não ia só viver; ia viver com ela, como naquele dia que eles passaram no lago. Ele pensou no gosto do peixe fresco, do ar doce e da liberdade de agir como gostaria, como a natureza queria. De não dar satisfações a ninguém. De se livrar realmente das expectativas opressivas do mundo para sempre.

Vamos sempre confiar no amanhã,
Que cuide de nós e nos mantenha sorrindo.

Ele voltou para o ginásio e retornou ao seu lugar a tempo de cantar a parte final.

Fique no lado bom, sempre no lado bom.
Fique no lado bom da vida.
Vai nos ajudar todos os dias, vai iluminar
o caminho
Se sempre ficarmos no lado bom da vida.
Isso aí, se ficarmos no lado bom da vida.

A mente de Coriolanus estava girando. Lucy Gray se juntou ao Bando novamente para uma daquelas canções harmoniosas com palavras ininteligíveis, e ele se desligou do show enquanto tentava entender a virada que a vida tinha jogado no colo dele. Ele e Lucy Gray, fugindo para o norte. Loucura. Mas, por outro lado, por que não? Era o único bote salva-vidas ao seu alcance, e ele

pretendia segurá-lo com força. O dia seguinte era domingo, ele teria folga. Sairia o mais cedo possível. Tomaria café da manhã, possivelmente sua última refeição na civilização, quando o refeitório abrisse, às seis, e cairia na estrada. Seus companheiros de quarto estariam dormindo de tanto uísque na mente. Ele teria que sair escondido da base… A cerca! Ele esperava que Spruce tivesse informações quentes sobre um ponto fraco atrás do gerador. Ele iria até Lucy Gray e fugiria o mais rápido que pudesse.

Mas, calma. Ele deveria ir até a casa dela? Com o Bando todo lá? E, possivelmente, o prefeito? Ou ela pretendia se encontrar com ele na Campina? Ele estava refletindo sobre isso quando o número terminou e ela subiu de novo no banco com o violão.

– Eu quase esqueci. Prometi cantar isto pra um de vocês – disse ela. E lá estava de novo, tão casualmente, a mão no bolso. Ela começou a canção em que estava trabalhando quando ele apareceu atrás dela na Campina.

Você vem, você vem
Para a árvore
Onde eles enforcaram um homem que
dizem que matou três.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

A árvore-forca. Seu antigo ponto de encontro com Billy Taupe. Era lá que ela queria que ele se encontrasse com ela.

Você vem, você vem
Para a árvore
Onde o homem morto clamou para que
seu amor fugisse.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria

Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Ele teria preferido não se encontrar com ela no mesmo ponto de encontro dela com o antigo amor, mas certamente era mais seguro do que ir para a casa dela. Quem estaria lá numa manhã de domingo? Além do mais, Billy Taupe não era mais um problema. Ela respirou fundo. Devia ter escrito mais…

Você vem, você vem
Para a árvore
Onde eu mandei você fugir para nós dois
ficarmos livres.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

De quem ela estava falando? Billy Taupe dizendo para ela ir para lá para ambos serem livres? Ela dizendo para ele que ficariam livres?

Você vem, você vem
Para a árvore
Usar um colar de corda e ficar ao meu lado.
Coisas estranhas aconteceram aqui
Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Agora ele entendia. A música, o narrador na música, era Billy Taupe, e ele estava cantando para Lucy Gray. Ele tinha testemunhado a morte de Arlo, ouvido os pássaros repetirem as últimas palavras dele, implorado a Lucy para fugir para a liberdade com ele e, quando ela o rejeitou, Billy Taupe quis que ela fosse enforcada junto para não viver sem ele. Coriolanus esperava que fosse a última música de Billy Taupe. O que mais ele poderia dizer? Não que importasse. Aquela música podia ser dele, mas ela estava cantando para Coriolanus. Snow cai como a neve.

O Bando tocou mais algumas músicas e Lucy Gray falou:

– Bem, como meu pai dizia, é preciso ir dormir com os pássaros se queremos cumprimentá-los ao amanhecer. Obrigada por nos receberem hoje. Que tal mais uma rodada de bons desejos para o comandante Hoff? – O ginásio bêbado todo cantou mais um coral de "Parabéns pra você" para o comandante.

O Bando fez uma reverência final e saiu do palco. Coriolanus esperou nos fundos para ajudar Mosquitinho a levar Poste para o alojamento. Em pouco tempo, as luzes foram apagadas, e eles tiveram que subir na cama no escuro. Seus companheiros desmaiaram quase imediatamente, mas ele ficou acordado, repassando o plano de fuga. Não exigia muito. Só ele, as roupas do corpo, algumas lembranças nos bolsos e muita sorte.

Coriolanus acordou ao amanhecer, vestiu um uniforme limpo e guardou duas mudas de cueca e meia nos bolsos. Escolheu três fotos da família, o disco de pó da mãe e a bússola do pai e escondeu no meio das roupas. Por fim, fez a silhueta mais convincente possível dele mesmo com o travesseiro e o cobertor e esticou o lençol por cima. Enquanto os companheiros roncavam, ele deu uma última olhada no quarto e se perguntou se sentiria falta deles.

Ele se juntou a um pequeno grupo de madrugadores no café da manhã com pudim de pão, o que pareceu um bom presságio para a viagem por ser o favorito de Lucy Gray. Ele queria poder levar um pouco para ela, mas os bolsos já estavam lotados e não havia guardanapos naquele refeitório. Depois de tomar todo o copo de suco de maçã, secou a boca com as costas da mão, devolveu a bandeja para ser lavada e deixou o refeitório, planejando ir direto para o gerador.

Ao sair no sol, dois guardas se aproximaram dele. Armados, não ajudantes de ordem.

– Soldado Snow – disse um. – Você está sendo chamado na sala do comandante.

Uma injeção de adrenalina disparou pelo corpo dele. Seu sangue latejou nas têmporas. Isso não podia estar acontecendo. Não podiam estar indo prendê-lo quando ele estava à beira da liberdade. De uma vida nova com Lucy Gray. Seu olhar se desviou para o gerador, a uns cem metros do refeitório. Mesmo com

seu treino recente, ele nunca conseguiria. Nunca. *Só preciso de mais cinco minutos*, ele suplicou para o universo. *Dois já servem.* O universo o ignorou.

Ladeado pelos guardas, ele empertigou os ombros e foi direto para a sala do comandante, se preparando para o destino. Ao entrar, o comandante Hoff se levantou da cadeira, fez posição de sentido e prestou continência.

– Soldado Snow – disse ele. – Quero ser o primeiro a dar os parabéns. Você parte amanhã para a escola de oficiais.



Coriolanus ficou perplexo e os guardas deram tapinhas nas costas dele, rindo.

– Eu… Eu…

– Você é a pessoa mais jovem a passar na prova. – O comandante abriu um sorriso. – Normalmente, nós o treinaríamos aqui, mas suas notas o recomendam para um programa de elite no Distrito 2. Vamos lamentar sua partida.

Ah, como ele queria poder ir! Para o Distrito 2, que não era tão longe assim da sua casa, a Capital. Para a escola dos oficiais, a escola de *elite*, onde ele poderia se destacar e encontrar um caminho para uma vida que valesse a pena viver. Podia ser até um caminho melhor para o poder do que aquele que a Universidade oferecia. Mas ainda havia uma arma usada num assassinato com o nome dele por aí. Seu DNA o condenaria, assim como fizera com o lenço. Infelizmente, tragicamente, era perigoso demais ficar. Doía seguir com a conversa.

– Que horas tenho que ir? – perguntou ele.

– Tem um aerodeslizador indo para lá amanhã de manhã e você vai estar nele. Está de folga hoje, acho. Use esse tempo pra fazer as malas e se despedir. – O comandante apertou a mão dele pela segunda vez em dois dias. – Esperamos coisas grandiosas de você.

Coriolanus agradeceu ao comandante e saiu. Ficou parado por um momento, pesando as opções. Não adiantava. Não havia opção. Odiando-se e odiando Sejanus Plinth ainda mais, ele foi na direção do prédio que abrigava o

gerador, quase não ligando se fosse detido. Que decepção amarga ter uma segunda chance de um futuro brilhante tão irrevogavelmente arrancada. Ele teve que lembrar a si mesmo da corda, da forca e dos gaios tagarelas imitando suas últimas palavras para renovar o foco. Ele estava prestes a desertar dos Pacificadores; precisava parar de pensar naquilo.

Quando chegou à construção, deu uma olhada rápida para trás, mas a base ainda estava dormindo, e foi até os fundos sem testemunhas. Examinou o alambrado e a princípio não encontrou nenhuma abertura. Ele enfiou os dedos nos elos e deu um sacolejo de frustração. O arame se soltou de um poste de sustentação, deixando uma abertura na cerca pela qual ele podia se espremer. Do lado de fora, sua cautela natural voltou. Ele contornou os fundos da base por um bosque e acabou indo até a estrada que levava à árvore-forca. Quando chegou nela, só seguiu a trilha que o caminhão tinha feito nas idas anteriores, andando rapidamente, mas não rápido demais a ponto de chamar atenção. Mas isso não era problema em um domingo quente logo depois do amanhecer. A maioria dos mineiros e Pacificadores só se levantaria horas depois.

Após alguns quilômetros, ele chegou no campo e saiu correndo para a árvore, ansioso para se esconder no bosque. Não havia sinal de Lucy Gray, e quando passou embaixo dos galhos, ele se perguntou se tinha interpretado a mensagem errado e se deveria ter ido para a Costura. Mas ele viu uma coisa laranja e seguiu a cor até uma clareira. Lá estava ela, tirando pacotes de um carrinho, o lenço dele enrolado de um jeito elegante na cabeça. Ela correu até ele e o abraçou, e ele retribuiu, apesar de achar que estava calor demais para um abraço. O beijo em seguida o deixou de humor melhor.

As mãos dele foram até o lenço laranja no cabelo dela.

– Isso me parece colorido demais pra fugitivos.

Lucy Gray sorriu.

– Bom, não quero que você se perca de mim. Você ainda está disposto a fazer isso?

– Não tenho escolha. – Percebendo que sua declaração não tinha entusiasmo, ele acrescentou: – Você é tudo que importa pra mim agora.

– Você também. Você é minha vida agora. Enquanto estava aqui esperando você aparecer, me dei conta de que nunca teria coragem de fazer isso sem você

– admitiu ela. – Não é só porque vai ser difícil. Vai ser solitário demais. Eu talvez aguentasse alguns dias, mas teria que voltar para o Bando.

– Eu sei. Eu nunca considerei fugir até você tocar no assunto. É tão… assustador. – Ele passou as mãos pelos pacotes dela. – Desculpe, não pude arriscar trazer muita coisa.

– Achei mesmo que você não poderia. Fiquei reunindo tudo isso e também peguei coisas da despensa. Não tem problema. Deixei o resto do dinheiro para o Bando. – Como se para convencer a si mesma, ela disse: – Eles vão ficar bem. – Ela pegou uma mochila e a pendurou no ombro.

Ele pegou algumas coisas.

– O que eles vão fazer? Estou falando da banda. Sem você.

– Ah, eles vão se virar. Todos conseguem cantar uma melodia, e Maude Ivory está a poucos anos de me substituir como cantora principal, de qualquer modo – disse Lucy Gray. – Além do mais, da forma como os problemas tendem a me encontrar, posso estar destruindo minha boa recepção no Distrito 12. Ontem à noite, o comandante me mandou não cantar mais "A árvore-forca". Sombria demais, ele disse. Está mais para rebelde demais. Eu prometi que ele jamais a ouviria dos meus lábios novamente.

– É uma música estranha – opinou Coriolanus.

Lucy Gray riu.

– Bom, Maude Ivory gosta. Ela diz que tem autoridade.

– Como a minha voz. Quando cantei o hino na Capital – lembrou Coriolanus.

– Isso mesmo. Está pronto?

Eles dividiram tudo entre os dois. Ele demorou um momento para perceber o que estava faltando.

– Seu violão. Você não vai levar?

– Estou deixando para Maude Ivory. Isso e o vestido da minha mãe. – Ela se esforçou para falar com tom casual. – Pra que vou precisar dessas duas coisas? Tam Amber acha que ainda tem gente no norte, mas não estou convencida. Acho que vamos ser só nós.

Por um momento, ele percebeu que não era o único deixando os sonhos para trás.

– Vamos ter sonhos novos lá – prometeu Coriolanus, com mais convicção do que sentia. Ele pegou a bússola do pai, consultou-a e apontou. – O norte fica pra cá.

– Pensei em ir para o lago primeiro. É meio para o norte. Eu gostaria de vê-lo mais uma vez – disse ela.

Parecia um plano tão bom quanto qualquer outro e ele não protestou. Em pouco tempo, eles estariam no meio do mato e nunca mais voltariam. Por que não fazer o que ela queria? Ele prendeu uma ponta do lenço que tinha se soltado.

– Para o lago, então.

Lucy Gray olhou para a cidade, embora a única coisa que Coriolanus conseguisse ver fosse a forca.

– Adeus, Distrito 12. Adeus, árvore-forca e Jogos Vorazes e prefeito Lipp. Um dia, alguma coisa vai me matar, mas não vai ser você. – Ela se virou e seguiu para a floresta.

– Não tem muita coisa pra sentir falta mesmo – concordou Coriolanus.

– Vou sentir falta da música e dos meus pássaros lindos – disse Lucy Gray com emoção na voz. – Mas espero que um dia eles possam ir atrás de mim.

– Sabe de que não vou sentir falta? Das pessoas – respondeu Coriolanus. – Exceto umas poucas. A maioria é horrível se você pensar bem.

– As pessoas não são ruins, na verdade – disse ela. – É o que o mundo faz com elas. Como nós, na arena. Nós fizemos coisas lá dentro que nunca consideraríamos fazer se tivessem nos deixado em paz.

– Não sei. Eu matei Mayfair, e não havia arena por perto – disse ele.

– Mas só pra me salvar. – Ela pensou na questão. – Acho que existe uma bondade natural nos seres humanos. A gente sabe quando ultrapassou o limite do mal e é nosso desafio de vida tentar ficar do lado certo dessa linha.

– Às vezes, temos que tomar decisões difíceis. – Ele tomara várias dessas ao longo do verão.

– Eu sei disso. Claro que sei. Sou uma vitoriosa – disse ela com tristeza. – Seria bom, na minha nova vida, não ter que matar mais ninguém.

– Estou com você nisso. Três parece bom por uma vida. E mais do que suficiente para um verão. – Um grito selvagem soou ali perto, fazendo-o

lembrar-se de que não tinha arma. – Vou fazer uma bengala para caminhar. Quer uma?

Ela parou.

– Claro. Pode ser útil pra várias coisas.

Eles encontraram dois galhos firmes e ela os segurou enquanto ele quebrava os galhos menores.

– Quem é a terceira?

– O quê? – Ela estava olhando para ele de um jeito estranho. A mão dele escorregou e um pedaço de casca entrou embaixo da unha. – Ai.

Ela ignorou o ferimento dele.

– A pessoa que você matou. Você disse que matou três pessoas este verão.

Coriolanus mordeu a ponta da farpa para puxá-la com os dentes, ganhando um momento. Quem mesmo? A resposta era Sejanus, claro, mas ele não podia admitir isso.

– Você consegue tirar isso? – Ele esticou a mão, balançando a unha machucada na esperança de distraí-la.

– Vamos ver. – Ela examinou a farpa. – Então, o Bobbin, a Mayfair… quem é a terceira?

Sua mente disparou atrás de uma explicação plausível. Ele poderia ter se envolvido em algum acidente bizarro? Uma morte no treinamento? Ele estava limpando uma arma que disparou sem querer? Ele decidiu que o melhor era fazer piada.

– Eu mesmo. Matei meu antigo eu pra poder te acompanhar.

Ela soltou a farpa.

– Pronto. Bom, espero que o seu antigo eu não assombre seu novo eu. Já temos fantasmas demais entre nós.

O momento passou, mas matou a conversa. Nenhum dos dois falou até metade do caminho, quando pararam para descansar.

Lucy Gray abriu a jarra de plástico e ofereceu a ele.

– Será que já sentiram a sua falta? – perguntou ela.

– Provavelmente só na hora do jantar. E você? – Ele tomou um gole de água.

– O único acordado quando saí era Tam Amber. Falei que ia procurar uma cabra. Andamos falando em criar um rebanho. Vender o leite pra ajudar – disse ela. – Devo ter mais algumas horas antes que comecem a procurar. Pode ser que anoiteça antes de eles pensarem na árvore-forca e encontrarem o carrinho. Eles vão ligar os pontos.

Ele devolveu a jarra para ela.

– Vão tentar te seguir?

– Talvez. Mas estaremos bem longe. – Ela tomou um gole e secou a boca com as costas da mão. – Vão caçar você?

Ele duvidava que os Pacificadores fossem se preocupar tão cedo. Por que ele desertaria com a escola de oficiais de elite esperando? Se alguém reparasse que ele tinha sumido, provavelmente acharia que ele tinha ido para a cidade com outro Pacificador. A não ser que encontrassem a arma, claro. Ele não queria falar sobre a escola agora, com a ferida ainda recente.

– Não sei. Mesmo quando perceberem que fugi, eles não vão saber onde procurar.

Eles andaram até o lago, cada um perdido nos seus pensamentos. Tudo parecia irreal para eles, como se aquilo fosse só um passeio de diversão, como o de dois domingos antes. Como se eles estivessem indo fazer um piquenique e ele precisasse voltar para comer mortadela frita e para o toque de recolher. Mas, não. Quando chegassem ao lago, seguiriam pelo mato, para uma vida consumida pelo tipo mais básico de sobrevivência. Como eles comeriam? Como viveriam? E o que eles fariam quando os desafios de obter comida e abrigo tivessem sido resolvidos? Ela sem música. Ele sem escola, sem o serviço militar, sem nada. Eles formariam uma família? Parecia uma existência vazia demais para condenar uma criança a ela. Qualquer criança, ainda mais a dele. O que havia para aspirar depois que a riqueza, a fama e o poder tivessem sido eliminados? O objetivo da sobrevivência era a sobrevivência e mais nada?

Ele estava tão preocupado com essas questões que a segunda parte da viagem até o lago passou rápido. Eles botaram as bolsas na margem e Lucy Gray foi procurar galhos para usar como varas de pescar.

– Nós não sabemos o que vem por aí, então melhor encher a barriga aqui – disse ela.

Ela mostrou como prender o fio grosso e os anzóis às varas. Remexer na lama macia em busca de minhocas o repugnava, e ele se perguntou se aquela seria uma atividade diária. Seria se eles estivessem com fome. Eles botaram as iscas nos anzóis e se sentaram em silêncio na margem, esperando que algum peixe fisgasse enquanto os pássaros tagarelavam ao redor. Ela pegou dois. Ele não pegou nada.

Nuvens pesadas e escuras surgiram, oferecendo alívio ao sol, mas aumentando o sentimento dele de opressão. Essa era sua vida agora. Cavar atrás de minhocas e ficar à mercê do tempo. Primitivo. Como um animal. Ele sabia que seria mais fácil se ele não fosse uma pessoa tão excepcional. O melhor e mais brilhante que a humanidade tinha a oferecer. O mais jovem a passar no exame de candidato a oficial. Se ele fosse inútil e idiota, a perda da civilização não teria esvaziado suas entranhas daquela maneira. Ele teria encarado com naturalidade. Gotas grossas e frias de chuva começaram a cair nele, deixando marcas molhadas no uniforme.

– Nunca vamos conseguir cozinhar assim – disse Lucy Gray. – Melhor entrarmos. Tem uma lareira que podemos usar.

Ela só podia estar falando da única casa do lago que ainda tinha telhado. Provavelmente o último telhado que Coriolanus veria até que aprendesse a construir um. Como se construía um telhado? Isso não tinha caído na prova dos oficiais.

Depois que ela limpou rapidamente os peixes e os embrulhou em folhas, eles pegaram os pacotes e correram até a casa enquanto a chuva caía. Talvez fosse divertido se não fosse sua vida real. Só uma aventura de algumas horas com uma garota encantadora e um futuro satisfatório em outro lugar. A porta estava emperrada, mas Lucy Gray empurrou com o quadril e a abriu. Eles saíram do molhado e largaram os pertences no chão. Só tinha um aposento, com paredes, teto e chão de concreto. Não havia sinal de eletricidade, mas a luz entrava pelas janelas dos quatro lados e pela única porta. Seus olhos encontraram a lareira, cheia de cinzas velhas, com uma boa pilha de madeira seca empilhada ao lado. Pelo menos eles não teriam que ir atrás isso.

Lucy Gray foi até a lareira, colocou os peixes na base de concreto e começou a arrumar camadas de madeira e gravetos em uma grelha de metal velha.

– Nós deixamos um pouco de madeira aqui pra que sempre tenha alguma quantidade seca.

Coriolanus considerou a possibilidade de simplesmente ficar na casinha, com comida suficiente para ser pescada no lago. Mas, não, seria perigoso demais se firmar tão perto do Distrito 12. Se o Bando conhecia aquele lugar, outras pessoas também deviam conhecer. Ele precisou negar a si mesmo até aquele último fiapo de proteção. Acabaria em uma caverna, afinal? Ele pensou na linda cobertura dos Snow, com o piso de mármore e os candelabros de cristal. Seu lar. Seu lar de direito. O vento soprou um jato de chuva para dentro, salpicando sua calça com gotas geladas. Ele fechou a porta e parou. A porta estava escondendo uma coisa. Um saco de aniagem. Pela abertura saía o cano de uma arma.

Não podia ser. Sem conseguir respirar, ele abriu o saco com a bota e encontrou a escopeta e o fuzil de Pacificador. Um pouco mais e ele conseguiu reconhecer o lançador de granada. Sem dúvida nenhuma eram as armas do mercado clandestino que Sejanus tinha comprado. E, entre elas, as armas do assassinato.

Lucy Gray acendeu o fogo.

– Eu trouxe uma lata velha de metal pensando em carregar carvão aceso de um lugar para o outro. Não tenho muitos fósforos, e é difícil acender fogo com pedras.

– Aham – disse Coriolanus. – Boa ideia.

Como as armas tinham ido parar lá? Mas fazia sentido. Billy Taupe poderia ter levado Spruce até o lago, ou talvez Spruce simplesmente conhecesse o local. Teria sido útil para os rebeldes na guerra, para usarem como esconderijo. E Spruce fora inteligente de saber que não podia correr o risco de esconder as provas no Distrito 12.

– Ei, o que você encontrou aí? – Lucy Gray se juntou a ele e se inclinou para puxar o saco das armas. – Ah. São as que estavam no barracão?

– Acho que devem ser – disse ele. – Devemos levar as armas com a gente?

Lucy recuou, se levantou e pensou por um momento.

– Prefiro não levar. Não confio nelas. Mas isto vai ser útil. – Ela puxou uma faca longa e virou a lâmina na mão. – Acho que vou cavar um pouco de

katniss, já que acendemos o fogo. Tem uma área boa perto do lago.

– Achei que não estavam maduras.

– Duas semanas podem fazer muita diferença.

– Ainda está chovendo – protestou ele. – Você vai ficar encharcada.

Ela riu.

– Bom, eu não sou feita de açúcar.

Na verdade, ele ficou feliz de ter um minuto sozinho para pensar. Depois que ela saiu, ele levantou o fundo do saco de aniagem e as armas escorregaram para o chão. Ele se ajoelhou ao lado da pilha, pegou o fuzil de Pacificador com o qual tinha matado Mayfair e o aninhou nos braços. Ali estava. A arma do crime. Não em um laboratório forense da Capital, mas ali, nas mãos dele, no meio do nada, onde não oferecia qualquer ameaça. Ele só precisava destruí-la e estaria livre da forca. Livre para voltar para a base. Livre para ir para o Distrito 2. Livre para se juntar à raça humana sem medo. Lágrimas de alívio encheram seus olhos, e ele começou a rir de pura alegria. Como faria? Queimaria numa fogueira? Desmontaria e espalharia as partes aos quatro ventos? Jogaria no lago? Quando a arma sumisse, não haveria nada que o conectasse aos assassinatos. Absolutamente nada.

Não, calma. Haveria uma coisa. Lucy Gray.

Bom, não importava. Ela nunca contaria. Ela não ficaria feliz, obviamente, quando ele contasse que tinha havido uma mudança de planos. Que ele voltaria aos Pacificadores e seguiria para o Distrito 2 na manhã seguinte, essencialmente deixando-a nas mãos do destino. Ainda assim, ela nunca o delataria. Não era o estilo dela e também a implicaria nos assassinatos. Significaria que ela poderia acabar morta, e, como os Jogos Vorazes demonstraram, Lucy Gray tinha um talento extraordinário para autopreservação. Além do mais, ela o amava. Tinha dito isso na noite anterior, na música. Mais ainda, confiava nele. Se bem que, se ele a largasse na floresta para ir atrás de uma existência sozinho, sem dúvida ela consideraria uma falha em sua fé por ele. Tinha que pensar no jeito certo de dar a notícia. Mas qual seria? “Eu te amo profundamente, mas amo mais a escola de oficiais”? Não seria um caminho muito bom.

E ele a amava! Amava! Era só que, com poucas horas de vida nova na natureza, ele já sabia que odiava tudo aquilo. O calor e as minhocas e aqueles pássaros fazendo barulho sem parar…

Ela estava demorando muito para buscar aquelas batatas.

Coriolanus olhou pela janela. A chuva tinha diminuído até virar um chuvisco.

Ela não queria ir sozinha. Era solitário demais. A música dizia que ela precisava, amava e confiava nele, mas o perdoaria? Mesmo que ele a abandonasse? Billy Taupe a irritou e acabou morto. Ele podia ouvi-lo agora…

"Fico doente de ver como você está manipulando as crianças. Pobre Lucy Gray. Pobre ovelhinha."

… e a via enfiando os dentes na mão dele. Coriolanus pensou na frieza com que ela havia matado na arena. Primeiro, a frágil e pequena Wovey; era o gesto de mais sangue-frio que ele já tinha presenciado. Depois, o jeito calculado com que ela matara Treech, fazendo com que ele a atacasse para ela poder tirar a serpente do bolso. E ela havia alegado que Reaper tinha raiva, que matá-lo fora um ato de misericórdia, mas quem sabia?

Não, Lucy Gray não era nenhuma ovelhinha. Não era feita de açúcar. Era uma vitoriosa.

Ele verificou se o fuzil de Pacificador estava carregado e abriu bem a porta. Ela não estava em lugar nenhum. Ele andou até o lago, tentando lembrar onde Clerk Carmine estava cavando antes de levar a tal planta katniss. Não importava. A área pantanosa em volta do lago estava vazia e a margem não tinha sido remexida.

– Lucy Gray? – A única resposta veio de um tordo solitário em um galho próximo, que fez um esforço de imitar a voz dele, mas fracassou, pois suas palavras não tinham sido particularmente musicais. – Desista – disse ele para a coisa. – Você não é um gaio tagarela.

Sem dúvida ela estava se escondendo dele. Mas por quê? Só podia haver uma resposta. Porque ela tinha descoberto tudo. Tudo. Que destruir a armas acabaria com toda evidência física de sua ligação com os assassinatos. Que ele não queria mais fugir. Que ela era a última testemunha que o ligava ao crime. Mas eles sempre cuidaram um do outro, então por que ela acharia de repente

que ele poderia fazer mal a ela? Por que se, no dia anterior mesmo, Coriolanus era puro como a neve fresca?

Sejanus. Ela devia ter percebido que Sejanus era a terceira pessoa que Coriolanus matou. Ela não precisaria saber nada da história dos gaios tagarelas, só que ele era confidente de Sejanus e que Sejanus era rebelde, mas Coriolanus era defensor da Capital. Ainda assim, achar que ele a mataria? Ele olhou para a arma carregada nas mãos. Talvez devesse tê-la deixado na casa. Causava uma impressão ruim ir atrás dela armado. Como se ele a estivesse caçando. Mas Coriolanus não ia matá-la. Só conversar com ela e fazer com que ela entendesse.

Abaixa a arma, ele disse para si mesmo, mas suas mãos se recusaram a cooperar. *Ela só tem uma faca.* Uma faca grande. O melhor que ele conseguiu foi pendurar a arma nas costas.

– Lucy Gray! Está tudo bem? Você está me assustando! Onde você está?

Ela só precisaria dizer: "Eu entendo, eu vou sozinha, como estava planejando o tempo todo." Mas, naquela manhã, ela tinha admitido que não achava que fosse conseguir sozinha, que voltaria para o Bando em alguns dias. Ela sabia que ele não acreditaria nela.

– Lucy Gray, por favor, eu só quero falar com você! – gritou ele. Qual era o plano dela? Esconder-se até ele se cansar e voltar para a base? E depois voltar para casa à noite? Isso não funcionava para ele. Mesmo com o sumiço da arma do crime, ela ainda seria perigosa. E se ela voltasse para o Distrito 12 agora e o prefeito conseguisse prendê-la? E se ela fosse interrogada ou até torturada? A história se espalharia. Ela não tinha matado ninguém. Ele tinha. Era a palavra dele contra a dela. Mesmo que não acreditassem nela, a reputação dele estaria destruída. O romance deles seria revelado, junto com os detalhes de como ele havia trapaceado nos Jogos Vorazes. O reitor Highbottom poderia ser levado como testemunha de caráter de Coriolanus. Ele não poderia correr o risco.

Ainda nenhum sinal dela. Ela não estava lhe dando escolha além de caçá-la na floresta. A chuva tinha parado agora, deixando o ar úmido e a terra lamacenta. Ele voltou para a casa e procurou no chão até encontrar a marca leve dos sapatos dela, seguiu as pegadas até chegar à vegetação onde a floresta recomeçava de verdade e passou silenciosamente através das árvores molhadas.

O trinado dos pássaros encheu seus ouvidos e o céu nublado piorava a visibilidade. A vegetação rasteira escondia as pegadas dela, mas ele sentia que estava no caminho certo. A adrenalina apurou os sentidos dele, e ele reparou em um galho quebrado aqui, uma marca funda no musgo ali. Sentiu-se um pouco culpado de estar assustando-a assim. O que ela estava fazendo, tremendo nos arbustos enquanto tentava sufocar o choro? A ideia da vida sem ele devia estar partindo o coração de Lucy Gray.

Uma mancha laranja chamou a atenção dele e ele sorriu. "Não quero que você me perca", ela dissera. E ele não a tinha perdido. Ele empurrou os galhos para chegar a uma pequena clareira coberta pela copa das árvores. O lenço laranja estava caído entre espinheiros, para onde devia ter voado e ficado preso quando ela fugiu. Ah, bem. Confirmava que ele estava na pista certa. Ele foi buscar o lenço (talvez ficasse com ele, no fim das contas) quando uma movimentação leve nas folhas o fez parar. Ele tinha acabado de perceber a serpente quando ela atacou, se desenrolando como uma mola e enfiando os dentes no antebraço esticado para pegar o lenço.

– Aa! – gritou ele de dor. A cobra o soltou imediatamente e deslizou para a vegetação antes mesmo que ele tivesse a oportunidade de dar uma boa olhada nela. O pânico cresceu quando ele olhou para a marca de mordida vermelha em forma de arco no antebraço. Pânico e descrença. Lucy Gray tentou matá-lo! Não era coincidência. O lenço caído. A cobra na posição. Maude Ivory havia dito que ela sempre sabia onde encontrá-las. Era uma armadilha e ele tinha caído como um patinho! Pobre ovelhinha, realmente! Ele estava começando a gostar de Billy Taupe.

Coriolanus não sabia nada sobre serpentes além das coloridas da arena. Com os pés grudados no chão, o coração disparado, ele esperou morrer ali mesmo, mas apesar de o ferimento doer, ele ainda estava de pé. Ele não sabia quanto tempo teria, mas por tudo que existia de Snow no mundo, ela ia pagar. Ele deveria amarrar o braço com um torniquete? Sugar o veneno? Eles ainda não tinham feito treinamento de sobrevivência. Com medo de seus tratamentos de primeiros socorros só espalharem o veneno com mais rapidez pelo organismo, ele puxou a manga sobre o antebraço, tirou o fuzil do ombro e saiu atrás dela. Se estivesse se sentindo melhor, ele teria rido da rapidez com

que o relacionamento deles deteriorou e virou uma edição particular dos Jogos Vorazes.

Ela não era tão fácil de encontrar, e ele percebeu que as pistas anteriores tinham sido só para levá-lo diretamente até a cobra. Mas ela não podia estar tão longe. Ela ia querer saber se a coisa o tinha matado ou se precisaria pensar em outro plano de ataque. Talvez Lucy Gray tivesse esperança de que ele desmaiaria e assim ela poderia cortar a garganta dele com a faca comprida. Tentando parar de ofegar, ele adentrou mais a floresta e empurrou os galhos com delicadeza usando o fuzil, mas era impossível encontrar o paradeiro dela.

Pense, disse para si mesmo. *Para onde ela iria?* A resposta o atingiu como uma pilha de tijolos. Ela não iria querer lutar com ele, armado com um fuzil, considerando que ela só tinha uma faca. Ela voltaria para a casa do lago para pegar outra arma. Talvez tivesse dado uma volta nele e estivesse indo para lá agora. Ele apurou os ouvidos e, sim. Sim! Ele achava que conseguia ouvir alguém andando à direita, recuando para o lago. Ele começou a correr na direção do som e parou abruptamente. E de fato, depois de ouvi-lo, ela agora corria pela vegetação baixa, percebendo o que ele percebia e não se importando mais se ele a ouvisse. Coriolanus estimou que ela estivesse uns dez metros à frente, levantou o fuzil até o ombro e soltou uma saraivada de balas na direção dela. Um bando de pássaros gritou ao revoar, e ele ouviu um grito baixo. *Te peguei*, pensou. Ele correu pela floresta atrás dela, galhos e espinhos prendendo nas roupas e arranhando o rosto. Ignorando tudo até ele chegar ao ponto onde achava que ela estava. Ainda não havia sinal dela. Não importava. Ela teria que se mover de novo, e quando se movesse, ele a encontraria.

– Lucy Gray – disse ele com voz normal. – Lucy Gray. Não é tarde demais pra gente resolver a situação. – Claro que era, mas ele não devia nada a ela. Certamente, não a verdade. – Lucy Gray, você não quer falar comigo?

A voz dela o surpreendeu, surgindo repentina e docemente no ar.

Você vem, você vem
Para a árvore
Usar um colar de corda e ficar ao meu lado.
Coisas estranhas aconteceram aqui

Não mais estranho seria
Se nos encontrássemos à meia-noite na árvore-forca.

Sim, entendi, pensou ele. *Você sabe sobre o Sejanus. "Colar de corda" e tudo mais.*

Coriolanus deu um passo na direção dela, mas na mesma hora um tordo repetiu a música. E um segundo. E um terceiro. A floresta ganhou vida com a melodia deles, com dezenas participando. Ele entrou no meio das árvores e abriu fogo na direção do local de onde a voz tinha vindo. Ele a teria acertado? Não dava para saber, porque a música dos pássaros tomava seus ouvidos e o desorientava. Pontinhos pretos dançaram em seu campo de visão e seu braço começou a latejar.

– Lucy Gray! – gritou ele com frustração.

Que garota inteligente, traiçoeira e mortal. Ela sabia que os pássaros a esconderiam. Ele ergueu a arma e disparou mirando as árvores, tentando exterminar os pássaros. Muitos voaram para o céu, mas a música tinha se espalhado, e a floresta estava viva com a melodia.

– Lucy Gray! Lucy Gray!

Furioso, ele se virou para um lado e para o outro e acabou disparando rajadas pela floresta em um círculo completo, dando voltas e voltas até as balas acabarem. Ele caiu no chão, tonto e enjoado, e a floresta explodiu, pássaros de todos os tipos gritando desesperadamente enquanto os tordos continuavam sua interpretação de "A árvore-forca". A natureza enlouquecida. Genes estragados. Caos.

Ele tinha que sair dali. Seu braço havia começado a inchar. Ele precisava voltar à base. Forçando-se a ficar de pé, ele andou até o lago. Tudo na casa continuava como ele tinha deixado. Pelo menos ele a impedira de voltar. Usando um par de meias como luvas, ele limpou a arma do crime, enfiou todas as armas no saco de aniagem, pendurou-o no ombro e correu para o lago. Julgando que estava pesado o suficiente para afundar sem precisar do peso de pedras, ele entrou na água e foi até a parte funda. Mergulhou com o saco e o viu espiralar lentamente para a escuridão.

Um formigamento alarmante envolveu seu braço. Ele nadou cachorrinho até a margem e cambaleou até a casa. E os suprimentos? Ele devia jogá-los na água também? Não fazia sentido. Ou ela estava morta e o Bando a encontraria ou ela estava viva e com sorte usaria os suprimentos para fugir. Ele jogou os peixes no fogo para que queimassem e foi embora, fechando bem a porta ao sair.

A chuva começou de novo, um temporal de verdade. Ele esperava que levasse embora todos os sinais da visita dele. As armas não existiam mais. Os suprimentos eram de Lucy Gray. A única coisa que permanecia lá eram suas pegadas, que estavam derretendo perante seus olhos. As nuvens pareciam estar se infiltrando no seu cérebro. Ele lutou para pensar. *Volte. Você precisa voltar para a base.* Mas onde ficava? Ele pegou a bússola do pai no bolso, impressionado de ainda funcionar depois de ser mergulhada no lago. Crassus Snow ainda estava por aí, o protegendo.

Coriolanus se agarrou à bússola, um bote salva-vidas na tempestade, e seguiu para o sul. Tropeçou pela floresta, apavorado e solitário, mas sentindo a presença do pai ao seu lado. Crassus podia não ter uma opinião tão boa dele, mas ia querer que seu legado sobrevivesse, e talvez Coriolanus tivesse se redimido um pouco naquele dia. Nada importaria se o veneno o matasse. Ele parou para vomitar, desejando ter levado consigo a jarra de água. Percebeu vagamente que seu DNA estaria na jarra também, mas e daí? A jarra não era arma de nenhum crime. Não importava. Ele estava protegido. Se o Bando encontrasse o corpo de Lucy Gray, eles não denunciariam nada. Não iam querer atenção. Poderia ligá-los aos rebeldes ou revelar o esconderijo. Se houvesse corpo. Ele nem podia confirmar que tinha acertado um tiro nela.

Coriolanus voltou. Não para a árvore-forca exatamente, mas para o Distrito 12, saindo de um bosque para um amontoado de casebres de mineiros e encontrando a estrada. O chão tremia com os trovões e os relâmpagos estavam cortando o céu quando ele chegou na praça da cidade. Não viu ninguém quando chegou na base e entrou de volta pela cerca. Ele foi direto para a clínica e alegou que tinha parado para amarrar o sapato a caminho do ginásio quando uma serpente apareceu do nada e o picou.

A médica assentiu.

– A chuva faz com que elas saiam.

– É mesmo? – Coriolanus achou que sua história seria contestada, ou pelo menos recebida com dúvida.

A médica não pareceu desconfiada.

– Você deu uma olhada nela?

– Não consegui. Estava chovendo e ela se moveu rápido – respondeu ele. – Eu vou morrer?

– Dificilmente. – A médica riu. – Não era nem venenosa. Está vendo as marcas de dentes? Não tem presas. Mas vai doer por alguns dias.

– Tem certeza? Eu vomitei e não consegui pensar direito.

– Bom, o pânico pode fazer isso. – Ela limpou a ferida. – Talvez fique uma cicatriz.

Que bom, pensou Coriolanus. *Vai me lembrar de ser mais cuidadoso.*

Ela deu várias injeções nele e um frasco de comprimidos.

– Passe aqui amanhã para darmos uma olhada.

– Amanhã serei realocado para o Distrito 2 – respondeu Coriolanus.

– Vá à clínica de lá, então – disse ela. – Boa sorte, soldado.

Coriolanus voltou para o quarto e ficou chocado ao perceber que ainda estava no meio da tarde. Com a bebida e a chuva, seus companheiros de quarto nem tinham se levantado. Ele foi ao banheiro e esvaziou os bolsos. A água do lago tinha reduzido o pó com aroma de rosas da mãe dele a uma pasta nojenta e ele jogou tudo no lixo. As fotos grudaram e rasgaram quando ele tentou separá-las, então seguiram o mesmo caminho do pó. Só a bússola sobreviveu à aventura. Ele removeu as roupas e se lavou para tirar a água do lago. Quando estava vestido, pegou a bolsa e começou a arrumar as coisas, colocando a bússola na caixa de itens pessoais e a guardando no fundo da bolsa. Pensando melhor, ele abriu o armário de Sejanus e pegou a caixa dele também. Quando chegasse ao Distrito 2, enviaria a caixa para os Plinth com um bilhete de condolências. Seria apropriado como melhor amigo de Sejanus. E quem sabia? Talvez continuasse a receber biscoitos.

Na manhã seguinte, depois de uma despedida emocionada dos companheiros de quarto, ele subiu no aerodeslizador para o Distrito 2. As coisas melhoraram imediatamente. O assento acolchoado. O comissário. A

seleção de bebidas. Nada luxuoso, de jeito nenhum, mas muito diferente do trem dos recrutas. Consolado pelo conforto, ele encostou a têmpora na janela, na esperança de cochilar. Na noite anterior, enquanto a chuva caía no telhado do alojamento, ele havia se perguntado onde Lucy Gray estava. Morta na chuva? Encolhida junto ao fogo na casa do lago? Se ela tivesse sobrevivido, certamente abandonaria a ideia de voltar ao Distrito 12. Ele cochilou com a melodia de "A árvore-forca" no cérebro e acordou horas depois quando o aerodeslizador tocou no chão.

– Bem-vindo à Capital – disse o comissário.

Coriolanus abriu os olhos.

– O quê? Não. Eu perdi minha parada? Tenho que me apresentar no Distrito 2.

– Essa aeronave vai para o 2, mas temos ordens de deixar você aqui – disse o comissário, verificando uma lista. – Você vai ter que desembarcar. Temos um horário a cumprir.

Ele se viu na pista de um aeroporto pequeno e desconhecido. Um caminhão de Pacificadores parou e ele recebeu ordens de entrar na caçamba. Enquanto seguia no veículo, sem conseguir informações do motorista, foi tomado pelo medo. Tinha havido algum erro. Tinha? E se tivessem conectado ele aos assassinatos? Será que Lucy Gray tinha voltado e o acusado e agora precisavam interrogá-lo? Fariam a dragagem do lago em busca das armas? Seu coração deu um pulinho quando eles entraram na via Scholars e passaram pela Academia, silenciosa e vazia numa tarde de verão. Havia o parque onde eles às vezes ficavam depois da aula. E a padaria com cupcakes que ele amava. Pelo menos, ele teve mais um vislumbre de sua cidade. A nostalgia sumiu quando o caminhão fez uma curva e ele percebeu que estava a caminho da Cidadela.

Lá dentro, os guardas fizeram sinal para ele ir até o elevador.

– Ela está esperando no laboratório.

Ele se agarrou à esperança de que "ela" era a dra. Kay, e não a dra. Gaul, mas sua antiga nêmesis acenou para Coriolanus do outro lado do laboratório quando ele saiu do elevador. Por que ele estava lá? Acabaria indo parar numa jaula? Quando foi até ela, ele a viu jogar um camundongo vivo em um tanque de serpentes douradas.

– O vitorioso retorna. Aqui, segura isso. – A dra. Gaul colocou nas mãos dele uma tigela de metal cheia de roedores rosados se remexendo dentro.

Coriolanus segurou a ânsia de vômito.

– Oi, dra. Gaul.

– Recebi sua carta – disse ela. – E seu gaio tagarela. Uma pena o que aconteceu com o jovem Plinth. Mas será que é uma pena mesmo? De qualquer modo, fiquei feliz de ver que você deu continuidade aos estudos no 12. Que desenvolveu sua visão de mundo.

Ele se sentiu puxado de volta às antigas lições dela, como se nada tivesse acontecido.

– Sim, foi revelador. Pensei em todas as coisas que discutimos. Caos, controle e contrato. Os três *C*s.

– Você pensou nos Jogos Vorazes? – perguntou ela. – No dia que nos conhecemos, Casca perguntou a você qual era o propósito deles, e você deu a resposta padrão. Punir os distritos. Você mudaria isso agora?

Coriolanus se lembrou da conversa que tivera com Sejanus quando eles estavam desfazendo a bolsa dele.

– Eu elaboraria mais a resposta. Não são só para punir os distritos, são parte da guerra eterna. Cada edição uma batalha própria. Uma que podemos segurar na palma da mão em vez de travar uma guerra real que poderia sair do nosso controle.

– Hum. – Ela afastou um ratinho de uma boca aberta. – Você aí, não seja gulosa.

– E são um lembrete do que fizemos uns aos outros, do que temos potencial de fazer de novo, por causa de quem somos – continuou ele.

– E quem nós somos? Você chegou a essa conclusão? – perguntou ela.

– Criaturas que precisam da Capital para sobreviver. – Ele não pôde evitar uma ironia. – Mas não adianta nada, sabe. Os Jogos Vorazes. Ninguém no 12 assiste. Só a colheita. Nós nem tínhamos televisão que funcionasse na base.

– Embora isso possa ser um problema no futuro, foi uma bênção este ano, considerando que tive que apagar a confusão toda – disse a dra. Gaul. – Foi um erro envolver os alunos. Principalmente quando eles começaram a morrer como moscas. Apresentou a Capital como vulnerável demais.

– A senhora apagou? – perguntou ele.

– Todas as cópias foram apagadas e nunca mais serão exibidas. – Ela sorriu. – Tenho uma no cofre, é claro, mas é só pra minha diversão pessoal.

Ele ficou feliz de saber que tudo tinha sido apagado. Era mais uma forma de eliminar Lucy Gray do mundo. A Capital a esqueceria, os distritos mal a conheciam e o Distrito 12 nunca a tinha aceitado como parte deles. Em poucos anos, haveria uma vaga memória de que uma garota cantou na arena um dia. E isso também seria esquecido. Adeus, Lucy Gray, nós mal te conhecemos.

– Não foi perda total. Acho que vamos usar Flickerman de novo ano que vem. E sua ideia sobre as apostas é ótima – disse ela.

– Vocês precisam tornar obrigatório assistirem. Ninguém no 12 vai ligar a televisão em uma coisa deprimente daquelas por escolha – disse ele. – Eles passam o pouco tempo livre que têm bebendo pra esquecer o resto da vida.

A dra. Gaul riu.

– Parece que você aprendeu muita coisa nas suas férias de verão, sr. Snow.

– Férias? – disse ele, perplexo.

– Bom, o que você ia fazer aqui? Ficar à toa pela Capital, penteando seus cachos? Achei que um verão com os Pacificadores seria bem mais educativo. – Ela observou a confusão no rosto dele. – Você não acha que investi todo esse tempo em você pra te entregar para aqueles imbecis dos distritos, acha?

– Não entendi, me disseram… – ele começou a dizer.

Ela o interrompeu:

– Eu pedi uma dispensa honorável, a valer imediatamente. Você vai estudar comigo na Universidade.

– Na Universidade? Aqui, na Capital? – disse ele com surpresa.

Ela jogou o último rato no tanque.

– As aulas começam na quinta.

EPÍLOGO

Em uma tarde brilhante de outubro no meio do semestre de outono, Snow desceu a escada de mármore do Centro de Ciências da Universidade, ignorando modestamente as cabeças se virando. Ele estava lindo com o terno novo, principalmente após o retorno dos cachos, e sua experiência como Pacificador tinha lhe dado certo prestígio que deixava seus rivais enlouquecidos.

Ele tinha acabado uma aula para alunos especiais sobre estratégia militar com a dra. Gaul depois de uma manhã na Cidadela, onde tinha se apresentado para o estágio de Idealizador dos Jogos. Podia ser chamado assim, mas os outros o tratavam como integrante da equipe. Eles já estavam trabalhando em ideias para envolver os distritos, assim como a Capital, nos Jogos Vorazes do ano seguinte. Foi Snow quem observou que, exceto por dois tributos que talvez nem conhecessem, as pessoas dos distritos não tinham qualquer envolvimento com os Jogos. A vitória de um tributo precisava ser uma vitória para o distrito todo. Eles tiveram a ideia de que todo mundo no distrito receberia um pacote de alimentos se seu tributo levasse a coroa. E para atrair uma classe melhor de tributos para talvez se voluntariar, Snow sugeriu que o vitorioso devia ganhar uma casa numa área especial da cidade, temporariamente chamada de Aldeia dos Vitoriosos, que seria a inveja de todas as pessoas que moravam em casebres. Isso e um prêmio em dinheiro deviam ajudar a reunir um grupo decente de tributos.

Seus dedos acariciaram a bolsa de couro macia, um presente de volta às aulas dos Plinth. Ele ainda não sabia bem como chamá-los. “Mãezinha” era bem fácil, mas não era adequado chamar Strabo Plinth de pai, então ele usava muito a palavra “senhor”. Eles não o tinham adotado; ele era velho demais, com dezoito anos. Ser designado herdeiro era melhor para ele, de qualquer

modo. Ele jamais abriria mão do nome Snow, nem por um império de munições.

Tudo aconteceu muito naturalmente. Sua volta para casa. A dor deles. A união das famílias. A morte de Sejanus destruiu os Plinth. Strabo falou com simplicidade:

– Minha esposa precisa de alguma coisa como motivação para viver. Eu também. Você perdeu seus pais. Nós perdemos nosso filho. Eu estava pensando em resolvermos isso de alguma forma.

Ele comprou o apartamento dos Snow para eles não precisarem se mudar e o dos Dolittle, embaixo, para ele e Mãezinha. Houve uma conversa sobre reforma, sobre construir uma escada em espiral e talvez um elevador particular para conectar os dois apartamentos, mas não havia pressa. A sra. Plinth já ia lá todos os dias ajudar a avó de Coriolanus, que tinha se resignado a ter uma nova "empregada", e ela e Tigris se deram muito bem. Os Plinth pagavam tudo agora: os impostos do apartamento, a mensalidade dele, a cozinheira. Também davam a ele uma mesada generosa. Isso era bom porque, apesar de ele ter interceptado e ficado com o dinheiro do envelope que tinha enviado para Tigris do Distrito 12, a vida universitária era cara quando vivida da forma certa. Strabo nunca questionava seus gastos e nem criticava as poucas aquisições no guarda-roupa, e parecia satisfeito quando Snow pedia conselhos. Eles eram surpreendentemente compatíveis. Às vezes, ele quase esquecia que o velho Plinth era de distrito. Quase.

Naquela noite seria o décimo nono aniversário de Sejanus e eles se reuniram para um jantar em lembrança a ele. Snow tinha convidado Festus e Lysistrata para se juntarem ao grupo, pois eles gostavam mais de Sejanus do que a maioria dos colegas e certamente diriam coisas gentis. Ele planejava entregar aos Plinth a caixa do armário de Sejanus, mas primeiro tinha mais uma coisa a fazer.

O ar fresco na caminhada até a Academia deixou sua mente apurada. Ele não tinha nem marcado horário, preferiu aparecer de surpresa. Os alunos tinham saído uma hora antes, e seus passos ecoaram nos corredores. A mesa da secretária do reitor Highbottom estava vazia, e ele foi até a sala e bateu na porta. O reitor Highbottom o mandou entrar. Com a perda de peso e os

tremores, ele estava com uma aparência pior do que nunca, curvado sobre a mesa.

– Ora, a que devo essa honra? – perguntou ele.

– Eu gostaria de recuperar o estojo de pó compacto da minha mãe, já que você não precisa mais dele – respondeu Snow.

O reitor Highbottom enfiou a mão numa gaveta e botou o estojo na mesa.

– Isso é tudo?

– Não. – Ele tirou a caixa de Sejanus da bolsa. – Vou devolver os itens pessoais de Sejanus para os pais dele hoje. Não sei bem o que fazer com isso. – Ele esvaziou o conteúdo da caixa na mesa e pegou o diploma emoldurado. – Achei que você não ia querer isto aqui na casa deles. Um diploma da Academia. Concedido a um traidor.

– Você é muito prestativo – disse o reitor Highbottom.

– Foi meu treinamento como Pacificador. – Snow soltou a parte de trás da moldura e tirou o diploma. Em seguida, como se de impulso, botou uma foto da família Plinth no lugar. – Acho que os pais dele vão preferir assim. – Os dois olharam o que tinha restado da família de Sejanus. E ele jogou os três frascos de remédio na lata de lixo do reitor Highbottom. – Quanto menos lembranças ruins, melhor.

O reitor Highbottom olhou para Coriolanus.

– Não me diga que você arranjou um coração nos distritos.

– Não nos distritos. Nos Jogos Vorazes – corrigiu Snow. – Preciso agradecer a você por isso. Afinal, foi você quem inventou os Jogos.

– Ah, acho que metade do crédito vai para o seu pai – disse o reitor.

Snow franziu a testa.

– Como assim? Achei que os Jogos Vorazes tinham sido ideia sua. Uma coisa que você pensou na Universidade.

– Na aula da dra. Gaul. E eu ia ser reprovado, porque minha repulsa por ela tornava impossível a minha participação. Nós fizemos duplas para o projeto final e fiquei com meu melhor amigo… Crassus, claro. A tarefa era criar uma punição tão extrema para seus inimigos que eles jamais conseguiriam esquecer o quanto tinham feito mal a você. Era como uma charada, em que eu sou ótimo, e como todas as boas criações, absurdamente simples em essência. Os

Jogos Vorazes. O impulso mais cruel, inteligentemente formatado como um evento esportivo. Um entretenimento. Eu estava bêbado e seu pai me deixou mais bêbado ainda, ficou alimentando minha vaidade enquanto eu elaborava a ideia toda, me garantindo que era só uma brincadeira entre nós. Na manhã seguinte, acordei horrorizado com o que tinha feito, querendo rasgar o papel em pedacinhos, mas era tarde demais. Sem a minha permissão, seu pai entregou o trabalho pra dra. Gaul. Ele queria a nota, sabe. Eu nunca o perdoei.

– Ele está morto – disse Snow.

– Mas ela não está – respondeu o reitor Highbottom. – Não era pra ser algo mais do que teórico. E quem além do monstro mais cruel tornaria aquilo realidade? Depois da guerra, ela pegou minha proposta e me levou junto, e me apresentou para Panem como arquiteto dos Jogos Vorazes. Naquela noite, experimentei morfináceo pela primeira vez. Achei que a coisa ia passar, de tão horrível que era. Não passou. A dra. Gaul tirou os Jogos do papel e me arrasta junto há dez anos.

– Sem dúvida, sustenta a visão dela da humanidade – disse Snow. – Principalmente por usar crianças.

– E por quê? – perguntou o reitor Highbottom.

– Porque atribuímos inocência a elas. E se mesmo os mais inocentes viram assassinos nos Jogos Vorazes, o que isso representa? Que nossa natureza essencial é violenta – explicou Snow.

– Autodestrutiva – murmurou o reitor Highbottom.

Snow se lembrou do relato de Pluribus sobre a briga do pai dele com o reitor Highbottom e citou a carta.

– Como mariposas pelo fogo. – O reitor apertou os olhos, mas Snow só sorriu. – Mas, claro, você está me testando. Você a conhece bem melhor do que eu.

– Não tenho tanta certeza. – O reitor Highbottom passou o dedo na rosa de prata no estojo de pó compacto. – O que ela disse quando você contou que ia embora?

– A dra. Gaul? – perguntou Snow.

– A sua passarinha canora – disse o reitor. – Quando você foi embora do 12. Ela ficou triste de te ver partir?

– Acho que ambos ficamos um pouco tristes. – Snow guardou o estojo de pó compacto e pegou as coisas de Sejanus. – É melhor eu ir. Vamos receber móveis novos pra sala e prometi à minha prima que estaria lá pra supervisionar os entregadores.

– É melhor você ir mesmo – disse o reitor Highbottom. – De volta à cobertura.

Snow não queria falar sobre Lucy Gray com ninguém, principalmente o reitor Highbottom. Sorriso tinha lhe enviado uma carta, para o antigo endereço dos Plinth, citando o desaparecimento dela. Todo mundo achou que o prefeito a tinha matado, mas não tinham como provar. Quanto ao Bando, um novo comandante tinha substituído Hoff, e sua primeira decisão foi proibir shows no Prego, porque música sempre criava problemas.

Sim, pensou Snow. *Sem dúvida.*

O destino de Lucy Gray era um mistério, então, assim como o da garotinha que tinha o mesmo nome que ela, a daquela música irritante. Ela estava viva, morta, era um fantasma que assombrava a floresta? Talvez ninguém nunca realmente fosse saber. Não importava: a neve representou o fim de ambas. Pobre Lucy Gray. Pobre garota fantasma cantando com seus pássaros.

Você vem, você vem
Para a árvore
Onde eu mandei você fugir para nós dois
ficarmos livres.

Ela podia voar o quanto quisesse em volta do Distrito 12, mas ela e seus tordos jamais poderiam voltar a fazer mal a ele.

Às vezes, ele se lembrava de um momento de doçura e quase desejava que as coisas tivessem terminado diferentes. Mas jamais teria dado certo entre os dois, mesmo que ele tivesse ficado. Eles eram diferentes demais. E ele não gostava do amor, do jeito como o fazia se sentir burro e vulnerável. Se um dia se casasse, ele escolheria alguém incapaz de balançar seu coração. Alguém que odiasse, até, para que nunca pudesse manipulá-lo da forma como Lucy Gray tinha feito. Para que nunca pudesse deixá-lo com ciúmes. Nem torná-lo fraco. Livia

Cardew seria perfeita. Ele imaginou os dois, o presidente e sua primeira-dama, celebrando os Jogos Vorazes em alguns anos. Ele continuaria os Jogos, claro, quando governasse Panem. As pessoas o chamariam de tirano, punho de ferro e cruel. Mas pelo menos ele garantiria a sobrevivência pela sobrevivência, dando a eles a chance de evoluírem. O que mais a humanidade poderia desejar? De verdade, deviam agradecer a ele.

Ele passou pela casa noturna de Pluribus e se permitiu abrir um sorrisinho. Dava para conseguir veneno de rato em vários lugares, mas ele tinha pegado um pouco discretamente na viela dos fundos na semana anterior e levado para casa. Foi complicado botar no frasco de morfináceo, principalmente usando luvas, mas ele acabou colocando o que considerava uma dose suficiente pela abertura. Ele tomou a precaução de deixar o frasco bem limpo. Não havia nada que pudesse fazer o reitor Highbottom desconfiar quando o tirasse do lixo e enfiasse no bolso. Nada a desconfiar quando desenroscasse o conta-gotas e pingasse o morfináceo na língua. Apesar de torcer para que, quando desse o último suspiro, o reitor percebesse o que tantos outros perceberam quando o desafiaram. O que toda Panem saberia um dia. O que era inevitável.

Snow cai como a neve, sempre por cima de tudo.

FIM

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer aos meus pais pelo amor e por sempre apoiarem minha escrita: a meu pai, por me ensinar sobre os pensadores Iluministas e sobre o debate do estado de natureza desde cedo; e à minha mãe, a formada em inglês, por alimentar a leitura em mim e por tantas horas felizes em volta do piano.

Meu marido, Cap Pryor, e minha agente literária, Rosemary Stimola, são meus primeiros leitores há muito tempo. As opiniões deles nos primeiros rascunhos deste livro foram valiosas para o desenvolvimento do jovem Coriolanus Snow e seu mundo pós-guerra, e sem dúvida poupou todo tipo de dor de cabeça aos meus editores. E, falando em editores, nunca uma autora teve um grupo tão profundo e talentoso. Desta vez, eles chegaram em ondas, começando com a incrível Kate Egan, que me guiou com habilidade por dez livros, junto com David Levithan, meu excelente diretor editorial, que estava em todos os lugares ao mesmo tempo – elaborando o título, cortando as passagens pesadas e providenciando distribuições clandestinas de manuscritos (onde mais?) na produção de *Coriolanus* da Shakespeare in the Park. A segunda onda trouxe o talentoso e inspirado par formado por Jen Rees e Emily Seife, seguido das minhas preparadoras com olhos de águia, Rachel Stark e Joy Simpkins, que não deixaram pedra sobre pedra. Sou profundamente agradecida a todos vocês por me ajudarem a dar forma a essa história com seus lindos cérebros e corações.

Foi um prazer tão grande estar de novo nas mãos da equipe maravilhosa da Scholastic Press. Rachel Coun, Lizette Serrano, Tracy van Straaten, Ellie Berger, Dick Robinson, Mark Seidenfeld, Leslie Garych, Josh Berlowitz, Erin O'Connor, Maeve Norton, Stephanie Jones, JoAnne Mojica, Andrea Davis

Pinkney, Billy DiMichele e todo o esquadrão de vendas da Scholastic: obrigada a todos vocês.

Um agradecimento especial para Elizabeth B. Parisi e Tim O'Brien, que me impressionaram novamente com uma capa fabulosa, consistente com a visão deles da trilogia Jogos Vorazes, mas específica para este livro.

Sinto muita admiração e gratidão por todos os artistas que criaram as músicas que aparecem no mundo de Panem. Três músicas são clássicos em domínio público: "Down in the Valley", "Oh, My Darling, Clementine" e "Keep on the Sunny Side", que foi escrita por Ada Blenkhorn e J. Howard Entwisle. O poema "Lucy Gray" foi escrito em 1799 por William Wordsworth e fazia parte da coletânea *Lyrical Ballads.* As letras de todas essas músicas foram modificadas para se adequarem ao Bando. O resto das letras é original. "A cantiga de Lucy Gray" é para ser cantada com uma variação da melodia de uma cantiga tradicional que há muito acompanha histórias de finais infelizes de libertinos, bardos, soldados, caubóis e similares. Duas outras músicas apareceram pela primeira vez na trilogia Jogos Vorazes. Na versão em filme, a música de "No fundo da campina" foi composta por T-Bone Burnett e Simone Burnett, e música de "A árvore-forca" foi composta por Jeremiah Caleb Fraites e Wesley Keith Schultz, dos The Lumineers, com arranjo de James Newton Howard.

Meu agradecimento é sem fim para meus maravilhosos agentes, a supracitada Rosemary Stimola, e meu representante de entretenimento, Jason Draviz, com quem conto integralmente para me ajudarem a navegar pelos mundos das publicações e dos filmes com a ajuda de nossas águias da lei, Janis C. Nelson, Eleanor Lackman e Diane Golden.

Eu gostaria de oferecer todo o meu amor aos meus amigos e familiares, especificamente Richard Register, que está sempre a uma mensagem de distância, e a Cap, Charlie e Izzy, que me acompanharam nesse trajeto com perspectiva, paciência e humor.

E, finalmente, a todos os leitores que investiram primeiro na história de Katniss e agora na de Coriolanus: agradeço sinceramente por vocês viajarem por essa estrada comigo.

Título original
Hunger Games
THE BALLAD OF SONGBIRDS AND SNAKES

Copyright © 2020 *by* Suzanne Collins

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

A editora não tem nenhum controle, e não assume qualquer responsabilidade, pela autora ou por website de terceiros ou seu conteúdo.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
PAULA DRUMMOND

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais vivas ou não, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou localidades é mera coincidência.

Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: junho, 2020.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C674c
Collins, Suzanne
A cantiga dos pássaros e das serpentes [recurso eletrônico] / Suzanne Collins ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2020.
recurso digital

Tradução de: Hunger games : the ballad of songbirds and snakes
ISBN 978-65-5667-001-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

20-63746

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Suzanne Collins é autora bestseller de *Jogos Vorazes, Em chamas* e *A esperança,* que compõem a série Jogos Vorazes e foram a base para a popular franquia cinematográfica. Além disso, alcançou a lista americana de mais vendidos com a série *The Underland Chronicles. Um ano na selva,* seu livro infantil ilustrado, foi publicado em 2013 nos EUA e recebeu excelentes críticas. Até o momento, seus livros foram publicados em 53 idiomas pelo mundo.

songbirdsandsnakes.com
IreadYA.com

Índice

- Capa
- Folha de rosto
- Sumário
- Jogos Vorazes
  - Folha de rosto
  - Dedicatória
  - Sumário
  - PARTE I
    - Capítulo 1
    - Capítulo 2
    - Capítulo 3
    - Capítulo 4
    - Capítulo 5
    - Capítulo 6
    - Capítulo 7
    - Capítulo 8
    - Capítulo 9
  - PARTE II
    - Capítulo 10
    - Capítulo 11
    - Capítulo 12
    - Capítulo 13
    - Capítulo 14
    - Capítulo 15
    - Capítulo 16
    - Capítulo 17
    - Capítulo 18
  - PARTE III
    - Capítulo 19
    - Capítulo 20
    - Capítulo 21
    - Capítulo 22
    - Capítulo 23

Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Créditos
A Autora
Em chamas
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
PARTE I
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
PARTE II
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
PARTE III
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24

Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Creditos
A Autora
A esperança
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
PARTE I
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
PARTE II
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
PARTE III
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A Autora
A cantiga dos pássaros e das serpentes
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Epígrafe
PARTE I
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
PARTE II
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
PARTE III
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23

Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A Autora